

Aires Gomes Fernandes

**OS CÓNEGOS REGRANTES DE SANTO  
AGOSTINHO NO NORTE DE PORTUGAL EM  
FINAIS DA IDADE MÉDIA:**

**DOS ALVORES DE TREZENTOS  
À CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ**

Dissertação de Doutoramento em Letras, área de História, especialidade de História da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Professor Doutor Saul António Gomes e da Professora Doutora Maria Cristina Almeida e Cunha, apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do programa POCI 2010.

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2011



## Índice

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRÓITO</b>  | <b>10</b> |
| <b>AGRADECIMENTOS:</b>   | <b>13</b> |
| <b>1- OS CÓNEGOS REGRANTES EM PORTUGAL – BREVE HISTORIAL (DO SÉCULO XIV À CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ)</b>                             | <b>15</b> |
| <b>1.1. Dos domínios de Deus ao dos homens</b>   | <b>15</b> |
| 1.1.1. <i>O modelo canonical regrante</i>  | 15        |
| 1.1.2. <i>Um domínio terreno: os coutos</i>  | 17        |
| <b>1.2. A centúria de trezentos: um século de estabilidade</b>   | <b>22</b> |
| <b>1.3. A fase de declínio (Sécs. XV-XVI)</b>  | <b>30</b> |
| 1.3.1. - <i>Abusos e violências de padroeiros e poderosos:</i>   | 31        |
| 1.3.2. - <i>Inexistência de uma estrutura aglutinante e priorados vitalícios:</i>  | 35        |
| 1.3.3. - <i>O absentismo, os comendatários e a acumulação de benefícios</i>  | 36        |
| 1.3.4. - <i>As ingerências da Coroa</i>  | 39        |
| 1.3.5. - <i>Carência de religiosos</i>   | 42        |
| 1.3.6. - <i>O recrutamento de religiosos e a má preparação intelectual do clero</i>  | 42        |
| 1.3.7. - <i>Relaxação e desregramento da vida monástica</i>  | 45        |
| 1.3.7.1. - <i>Desconhecimento e incuprimento da Regra monástica</i>  | 45        |
| 1.3.7.2. - <i>O concubinato e a imoralidade</i>  | 47        |
| 1.3.7.3. - <i>A ausência dos mosteiros:</i>  | 50        |
| <b>1.4. - Do caos à criação da Congregação</b>   | <b>51</b> |
| <b>2- AS CANÓNICAS REGRANTES DO NORTE DE PORTUGAL</b>  | <b>56</b> |
| <b>2.1. Desfazendo alguns equívocos...</b>   | <b>56</b> |
| 2.1.1. - <i>Santa Eulália de Rio Covo</i>  | 56        |
| 2.1.2. - <i>São Cristóvão de Rio Mau</i>   | 60        |
| 2.1.3. - <i>S. Pedro de Ferreira</i>   | 68        |
| <b>Carreando certezas...</b>   | <b>72</b> |
| <b>2.2. Diocese de Braga</b>   | <b>73</b> |
| 2.2.1. - <i>Santa Maria de Landim (c. Vila Nova de Famalicão)</i>  | 73        |
| 2.2.1.1. - <i>Igreja de Val-Cruoso</i>   | 76        |
| 2.2.1.2. - <i>Santa Maria de Guardizela</i>  | 76        |
| 2.2.1.3. - <i>Santa Marinha de Ceide / Santa Marinha de Landim / Santa Marinha do Couto de Landim / Santa Marinha de Riba de Pel</i> | 77        |
| 2.2.1.4. - <i>Santo André de Sobradelo / Santo André do Sobrado</i>  | 77        |
| 2.2.1.5. - <i>Santo Estêvão de S. Fins / Sanfins de Riba de Ave</i>  | 77        |
| 2.2.1.6. - <i>São Bartolomeu de Vale Ervosa</i>  | 78        |
| 2.2.1.7. - <i>S. Martinho de Sequeiró</i>  | 78        |
| 2.2.1.8. - <i>São Miguel de Ceide</i>  | 78        |

|   |     |
|---|-----|
| 2.2.1.9. - São Miguel de Lama / São Miguel de Landim  | 78  |
| 2.2.1.10. - São Salvador de Bente   | 79  |
| 2.2.2. - <i>Santa Maria de Oliveira (c. Vila Nova de Famalicão)</i>                           | 79  |
| 2.2.2.1. - Santa Lucrécia de Astrufe/Santa Lucrécia da Veiga/Santa Lucrécia de Ponte de Louro | 84  |
| 2.2.2.2. - Santa Maria de Vermoim   | 87  |
| 2.2.2.3. - São Mateus de Soalhães/São Mateus de Vermoim/São Mateus de Oliveira                | 87  |
| 2.2.2.4. - São Martinho de Leitões  | 88  |
| 2.2.2.5. - São Martinho de Pousada  | 89  |
| 2.2.2.6. - São Miguel de Vila Cova  | 89  |
| 2.2.2.7. - São Paio de Figueiredo   | 89  |
| 2.2.2.8. - São Tiago de Castelões   | 90  |
| 2.2.3. - <i>Santa Maria de Vila Nova de Muia (c. Ponte da Barca)</i>                          | 91  |
| 2.2.3.1. - S. João de Vila Chã  | 93  |
| 2.2.3.2. - Santa Maria de Oliveira  | 93  |
| 2.2.3.3. - S. Jorge de Vale da Tora   | 94  |
| 2.2.3.4. - São Vicente de Germil  | 94  |
| 2.2.4. - <i>Santa Marinha da Costa (c. Guimarães)</i>   | 95  |
| 2.2.4.1. - Santa Cristina de Caide  | 100 |
| 2.2.4.2. - Santa Eulália a Antiga   | 100 |
| 2.2.4.3. - Santa Eulália de Barrosas  | 101 |
| 2.2.4.4. - Santa Maria de Atães   | 101 |
| 2.2.4.5. - Capela de Santa Marinha da Costa   | 101 |
| 2.2.4.6. - S. Lourenço de Calvos  | 102 |
| 2.2.5. - <i>São Martinho de Caramos (c. Felgueiras)</i>                                       | 103 |
| 2.2.5.1. - Constantim   | 105 |
| 2.2.5.2. - Santa Eulália de Arnozela  | 106 |
| 2.2.5.3. - Santa Leocádia de Macieira da Lixa   | 106 |
| 2.2.5.4. - Santa Maria de Borbela   | 107 |
| 2.2.5.5. - São Cristóvão de Candemil  | 107 |
| 2.2.5.6. - São Cristóvão de Lordelo   | 107 |
| 2.2.5.7. - S. João Baptista de Várzea   | 107 |
| 2.2.5.8. - S. Mamede de Arentei   | 108 |
| 2.2.5.9. - S. Tiago de Pinheiro   | 108 |
| 2.2.6. - <i>S. Martinho de Crasto (c. Ponte da Barca)</i>                                     | 109 |
| 2.2.6.1. - Santa Eulália de Ruivos  | 111 |
| 2.2.6.2. - Santo Adrião de Oleiros  | 111 |
| 2.2.6.3. - São Mamede de Cuide  | 111 |
| 2.2.6.4. - S. Miguel de Boivães   | 111 |
| 2.2.6.5. - S. Pedro de Vade   | 111 |
| 2.2.6.6. - S. Romão de Nogueira/S. Romão da Nóbrega   | 111 |
| 2.2.6.7. - S. Tiago de Sampriz  | 112 |
| 2.2.7. - <i>São Martinho de Mancelos (c. Amarante)</i>  | 113 |
| 2.2.7.1. - Santa Cristina de Figueiró   | 116 |
| 2.2.7.2. - Santa Maria de Almacave  | 116 |
| 2.2.7.3. - São João Baptista de Louredo   | 116 |
| 2.2.7.4. - S. Nicolau de Cabeceiras de Basto / S. Nicolau da Cabreira                         | 116 |
| 2.2.7.5. - São Pedro da Ermida/São Pedro de Pinho da Ermida                                   | 116 |
| 2.2.8. - <i>São Miguel de Vilarinho (c. Santo Tirso)</i>                                      | 117 |
| 2.2.8.1 - Santiago da Carvalhosa  | 121 |
| 2.2.8.2 - São João de Eiriz   | 123 |
| 2.2.8.3 - Ermida de S. Roque  | 123 |
| 2.2.9. - <i>S. Pedro de Roriz (c. Santo Tirso)</i>  | 123 |
| 2.2.9.1 - São Lourenço de Romão   | 125 |
| 2.2.9.2 - S. Mamede de Vila Chã   | 126 |
| 2.2.9.3 - S. Martinho do Campo  | 126 |

|  |            |
|--|------------|
| 2.2.9.4 - S. Paio de Casais  | 127        |
| 2.2.9.5 - S. Paio de Virões  | 127        |
| 2.2.9.6 - S. Pedro de Avioso   | 128        |
| 2.2.10. - <i>São Salvador de Banho (c. Barcelos)</i>   | 128        |
| 2.2.10.1. - Santa Eulália de Banho   | 129        |
| 2.2.10.2. - S. Julião de Paços   | 130        |
| 2.2.10.3. - S. Miguel de Gemeses   | 130        |
| 2.2.11. - <i>São Salvador de Bravões (c. Ponte da Barca)</i>   | 131        |
| 2.2.12. - <i>São Salvador de Freixo (c. Amarante)</i>  | 133        |
| 2.2.12.1. - Santa Cristina de Toutosa  | 135        |
| 2.2.12.2. - Santo André de Padornelo   | 135        |
| 2.2.12.3. - Santo Isidoro  | 135        |
| 2.2.12.4. - São Miguel de Freixo   | 136        |
| 2.2.13. - <i>São Salvador de Souto (c. Guimarães)</i>  | 136        |
| 2.2.13.1. - Santa Maria [de Souto]   | 139        |
| 2.2.13.2. - Santo Tirso de Prazins   | 140        |
| 2.2.13.3. - São Cláudio do Barco / São Cláudio de Riba de Ave / São Cláudio de Arguções                        | 140        |
| 2.2.13.4. - São Félix de Gominhães   | 141        |
| 2.2.13.5. - São Martinho da Gândara  | 141        |
| 2.2.14. - <i>São Salvador de Valdreu (c. Vila Verde)</i>   | 141        |
| 2.2.14.1. - S. Mamede de Gondoriz  | 143        |
| 2.2.14.2. - S. Martinho de Valbom  | 144        |
| 2.2.15. - <i>São Silvestre de Requião (c. Vila Nova de Famalicão)</i>  | 144        |
| 2.2.15.1. - Santa Marinha de Ferreiró  | 146        |
| 2.2.16. - <i>São Simão da Junqueira (c. Vila do Conde)</i>   | 147        |
| 2.2.16.1. - São Cristóvão de Rates/ São Cristóvão de Rio Mau/ São Cristóvão de Faria/ São Cristóvão da Marinha | 153        |
| 2.2.16.2. - São Martinho de Outeiro Maior  | 153        |
| 2.2.16.3. - Santo André de Parada  | 154        |
| 2.2.16.4. - Santa Marinha de Ferreiró  | 156        |
| 2.2.17. - <i>São Torcato de Guimarães (c. Guimarães)</i>   | 156        |
| 2.2.17.1. - Santa Comba de Monte Longo / Santa Comba de Fornelos   | 160        |
| 2.2.17.2. - Santa Lucrecia de Sixto / S. Romão de Sixto  | 160        |
| 2.2.17.3. - Santo Emilião  | 161        |
| 2.2.17.4. - São Cosme da Lobeira   | 161        |
| 2.2.17.5. - São Romão de Rendufe   | 163        |
| <b>2.3. Diocese de Lamego</b>  | <b>165</b> |
| 2.3.1. - <i>Santa Maria de Cárquere (c. Resende)</i>   | 165        |
| 2.3.1.1. - Santa Cruz de Alvarenga   | 169        |
| 2.3.1.2. - Santa Cruz de Lumiares  | 169        |
| 2.3.1.3. - Santa Maria de Caria (c. Moimenta da Beira)   | 170        |
| 2.3.1.4. - Santa Maria de Moledo   | 170        |
| 2.3.1.5. - S. Martinho das Chãs  | 171        |
| <b>2.4. Diocese do Porto</b>   | <b>172</b> |
| 2.4.1. - <i>Santa Maria de Vila Boa do Bispo (c. Marco de Canaveses)</i>                                       | 172        |
| 2.4.1.1. - Santa Marinha de Tropeço  | 174        |
| 2.4.1.2. - Santa Maria de Nidraes  | 174        |
| 2.4.1.3. - São Gens de Boelhe  | 175        |
| 2.4.1.4. - São Lourenço de Riba Douro  | 175        |
| 2.4.1.5. - S. Martinho da Várzea   | 175        |
| 2.4.1.6. - São Miguel de Bairros   | 176        |
| 2.4.1.7. - São Tiago de Paçô   | 176        |
| 2.4.1.8. - São Romão de Paredes  | 176        |

|   |            |
|---|------------|
| 2.4.2. - <i>Santo André de Ancede (c. Baião)</i>                  | 176        |
| 2.4.2.1.- Santa Maria de Gove                                     | 183        |
| 2.4.2.2. - Santa Leocádia   | 184        |
| 2.4.2.3 - Santo André de Medim                                    | 184        |
| 2.4.2.4. - São Bartolomeu de Baião / São Bartolomeu de Campelo    | 185        |
| 2.4.2.5. - S. Cipriano  | 187        |
| 2.4.2.6. - S. João Baptista de Miomães                            | 188        |
| 2.4.2.7. - S. João da Ermida de Riba Douro                        | 189        |
| 2.4.2.8. - S. João de Grilo                                       | 190        |
| 2.4.2.9. - S. Miguel de Oliveira                                  | 190        |
| 2.4.3. - <i>Santo Estêvão de Vilela (c. Paredes)</i>              | 190        |
| 2.4.3.1. - Santa Maria de duas Igrejas                            | 193        |
| 2.4.3.2. - Santo André de Cristelos                               | 193        |
| 2.4.3.3. - S. João de Nespereira                                  | 193        |
| 2.4.3.4. - S. Martinho do Campo                                   | 195        |
| 2.4.3.5. - S. Paio de Casais                                      | 195        |
| 2.4.3.6. - S. Pedro da Arreigada                                  | 195        |
| 2.4.3.7. - S. Pedro de Gondalães                                  | 195        |
| 2.4.4. - <i>S. Salvador de Grijó (c. Vila Nova de Gaia)</i>       | 196        |
| 2.4.4.1 – Santa Maria de Gulpilhares                              | 202        |
| 2.4.4.2 – Santa Maria de Maladas                                  | 203        |
| 2.4.4.3. - Santa Maria de Vagos                                   | 203        |
| 2.4.4.4. - Santa Marinha de Cortegaça                             | 204        |
| 2.4.4.5. - S. Cipriano de Paços de Brandão                        | 205        |
| 2.4.4.6. - S. Jorge de Caldelas                                   | 205        |
| 2.4.4.7. - S. Mamede da Gândara                                   | 206        |
| 2.4.4.8 - S. Mamede de Serzedo                                    | 207        |
| 2.4.4.9 - S. Martinho de Anta                                     | 207        |
| 2.4.4.10 - S. Martinho de Argoncilhe                              | 209        |
| 2.4.4.11. - S. Martinho de Mozelos                                | 210        |
| 2.4.4.12. - S. Martinho de Travanca                               | 211        |
| 2.4.4.13. - S. Miguel de Duas Igrejas                             | 212        |
| 2.4.4.14. - S. Miguel de Arcozelo                                 | 212        |
| 2.4.4.15. - S. Miguel de Milheirós                                | 213        |
| 2.4.4.16 - S. Miguel de Travassô                                  | 213        |
| 2.4.4.17. - S. Paio de Oleiros                                    | 214        |
| 2.4.4.18 - S. Paulo de Maças de Dona Maria                        | 215        |
| 2.4.4.19 - S. Salvador de Perosinho                               | 216        |
| 2.4.4.20 - S. Tiago de Silvalde                                   | 218        |
| 2.4.5. - <i>São Salvador de Lordelo (c. Paredes)</i>              | 218        |
| 2.4.5.1. - Parada de Lordelo                                      | 220        |
| 2.4.5.2. – S. Martinho de Frazão                                  | 220        |
| 2.4.6. - <i>S. Salvador de Moreira da Maia (c. Maia)</i>          | 220        |
| 2.4.6.1. - Santa Maria de Vila Nova                               | 224        |
| 2.4.6.2. - Santa Marinha de Vilar de Porcos                       | 226        |
| 2.4.6.3. - São Cosme de Gemunde                                   | 229        |
| 2.4.6.4. - São Mamede de Perafita                                 | 229        |
| 2.4.6.5. - São João Evangelista de Mindelo                        | 231        |
| 2.4.6.6. – São Tiago de Labruge/São Tiago da Labruja              | 232        |
| <b>2.5. Diocese de Tui (Parte portuguesa)</b>                     | <b>235</b> |
| 2.5.1. - <i>Santa Maria de Refóios de Lima (c. Ponte de Lima)</i> | 235        |
| 2.5.1.1. - Santa Eulália de Refóios de Lima                       | 238        |
| 2.5.1.2. - S. João de Penas                                       | 239        |
| 2.5.2. - <i>São João de Longos Vales (c. Monção)</i>              | 239        |
| 2.5.2.1. - Santa Maria das Cales/Santa Maria de Longos Vales      | 244        |
| 2.5.2.2. - Santa Eugénia/Eulália de Barbeita                      | 244        |

|   |            |
|---|------------|
| 2.5.2.3. S. Facundo de Melgaço  | 245        |
| 2.5.2.4. - S. Salvador de Cambeses  | 246        |
| 2.5.2.5. - Santo André da Torre   | 246        |
| 2.5.2.6. - Capela de Santa Catarina   | 246        |
| 2.5.3. - <i>S. Salvador de Paderne (c. Melgaço)</i>   | 247        |
| 2.5.3.1. - Santa Maria de Paços   | 251        |
| 2.5.3.2. - São Tiago de Penso   | 251        |
| <b>3 - AS COMUNIDADES REGRANTES: COMPOSIÇÃO E RECRUTAMENTO</b>                                      | <b>252</b> |
| <b>3.1. - A constituição das comunidades</b>  | <b>252</b> |
| <b>3.2. - Proveniência/Área de recrutamento dos religiosos</b>                                      | <b>267</b> |
| <b>4- RELAÇÕES E MOBILIDADE ENTRE CASAS REGRANTES</b>   | <b>270</b> |
| <b>4.1. - As relações entre as diversas casas monásticas</b>  | <b>270</b> |
| 4.1.1. - <i>Organizacionais</i>   | 271        |
| 4.1.2. - <i>Intervenção de carácter jurídico e disciplinar</i>                                      | 272        |
| 4.1.3. - <i>Culturais, materiais e cultuais</i>   | 274        |
| 4.1.4. - <i>Espirituais</i>   | 276        |
| <b>4.2. - Mobilidade dos agostinhos (priors e cónegos)</b>  | <b>277</b> |
| 4.2.1. - <i>Transferência e permuta de religiosos</i>   | 279        |
| 4.2.2. - <i>Presença de regrantes em mosteiros da Ordem</i>   | 283        |
| 4.2.3. - <i>A presença noutros mosteiros e Ordens</i>   | 285        |
| 4.2.4. - <i>Presença de regrantes nas cúrias diocesanas</i>   | 286        |
| 4.2.4.1. - <i>Questões relacionadas com os mosteiros</i>  | 287        |
| 4.2.4.2. - <i>A obtenção de ordens sacras</i>   | 288        |
| 4.2.4.3. - <i>Participação nos sínodos diocesanos</i>   | 289        |
| 4.2.5. - <i>Deslocações em representação da instituição</i>   | 290        |
| 4.2.6. - <i>Intervenções em representação e defesa dos interesses de outros institutos da Ordem</i> | 292        |
| 4.2.7. - <i>O serviço pastoral</i>  | 294        |
| 4.2.8. - <i>Saídas de carácter lúdico</i>   | 296        |
| 4.2.9. - <i>Ausência forçada</i>  | 297        |
| <b>CONCLUSÃO</b>  | <b>299</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA E FONTES MANUSCRITAS</b>  | <b>301</b> |
| <b>Fontes manuscritas</b>   | <b>301</b> |
| <b>Fontes impressas e bibliografia</b>  | <b>305</b> |
| <b>ANEXOS: PROSOPOGRAFIA</b>  | <b>345</b> |
| <b>1- Priors</b>  | <b>346</b> |
| <b><u>1.1. Diocese de Braga</u></b>   | <b>348</b> |

|   |            |
|---|------------|
| 1.1.1. - <i>Santa Maria de Landim (c. Vila Nova de Famalicão)</i>       | 348        |
| 1.1.2. - <i>Santa Maria de Oliveira (c. Vila Nova de Famalicão)</i>     | 359        |
| 1.1.3. - <i>Santa Maria de Vila Nova de Muia (c. Ponte da Barca)</i>    | 369        |
| 1.1.4. - <i>Santa Marinha da Costa (c. Guimarães)</i>                   | 376        |
| 1.1.5. - <i>São Martinho de Caramos (c. Felgueiras)</i>                 | 380        |
| 1.1.6. - <i>São Martinho de Crasto (c. Ponte da Barca)</i>              | 385        |
| 1.1.7. - <i>São Martinho de Mancelos (c. Amarante)</i>                  | 390        |
| 1.1.8. - <i>São Miguel de Vilarinho (c. Santo Tirso)</i>                | 394        |
| 1.1.9. - <i>São Pedro de Roriz (c. Santo Tirso)</i>                     | 405        |
| 1.1.10. - <i>São Salvador de Banho (c. Barcelos)</i>                    | 412        |
| 1.1.11. - <i>São Salvador de Bravães (c. Ponte da Barca)</i>            | 413        |
| 1.1.12. - <i>São Salvador de Freixo (c. Amarante)</i>                   | 414        |
| 1.1.13. - <i>São Salvador de Souto (c. Guimarães)</i>                   | 418        |
| 1.1.14. - <i>São Salvador de Valdreu (c. Vila Verde)</i>                | 426        |
| 1.1.15. - <i>São Silvestre de Requião (c. Vila Nova de Famalicão)</i>   | 427        |
| 1.1.16. - <i>São Simão da Junqueira (c. Vila do Conde)</i>              | 429        |
| 1.1.17. - <i>São Torcato (c. Guimarães)</i>                             | 448        |
| <b><u>1.2. Diocese de Lamego</u></b>                                    | <b>455</b> |
| 1.2.1. - <i>Santa Maria de Cárquere (c. Resende)</i>                    | 455        |
| <b><u>1.3. Diocese do Porto</u></b>                                     | <b>468</b> |
| 1.3.1 - <i>Santa Maria de Vila Boa do Bispo (c. Marco de Canaveses)</i> | 468        |
| 1.3.2. - <i>Santo André de Ancede (c. Baião)</i>                        | 472        |
| 1.3.3. - <i>Santo Estêvão de Vilela (c. Paredes)</i>                    | 478        |
| 1.3.4. - <i>S. Salvador de Grijó (c. Vila Nova de Gaia)</i>             | 483        |
| 1.3.5. - <i>São Salvador de Lordelo (c. Paredes)</i>                    | 495        |
| 1.3.6. - <i>S. Salvador de Moreira da Maia (c. Maia)</i>                | 495        |
| <b><u>1.4. Diocese de Tui (parte portuguesa)</u></b>                    | <b>508</b> |
| 1.4.1. - <i>Santa Maria de Refóios de Lima (c. Ponte de Lima)</i>       | 508        |
| 1.4.2. - <i>São João de Longos Vales (c. Monção)</i>                    | 517        |
| 1.4.3. - <i>S. Salvador de Paderne (c. Melgaço)</i>                     | 523        |
| <b>2-Cónegos Regrantes</b>  | <b>527</b> |
| <b><u>2.1. Diocese de Braga</u></b>                                     | <b>528</b> |
| 2. 1.1. - <i>Santa Maria de Landim (c. Vila Nova de Famalicão)</i>      | 528        |
| 2.1.2. - <i>Santa Maria de Oliveira (c. Vila Nova de Famalicão)</i>     | 539        |
| 2.1.3. - <i>Santa Maria de Vila Nova de Muia (c. Ponte da Barca)</i>    | 546        |
| 2.1.4. - <i>Santa Marinha da Costa (c. Guimarães)</i>                   | 550        |
| 2.1.5. - <i>São Martinho de Caramos (c. Felgueiras)</i>                 | 556        |



|  |            |
|--|------------|
| 2.1.6. - <i>S. Martinho de Crasto (c. Ponte da Barca)</i>                | 558        |
| 2.1.7. - <i>São Martinho de Mancelos (c. Amarante)</i>                   | 562        |
| 2.1.8. - <i>São Miguel de Vilarinho (c. Santo Tirso)</i>                 | 568        |
| 2.1.9. - <i>S. Pedro de Roriz (c. Santo Tirso)</i>                       | 578        |
| 2.1.10. - <i>São Salvador de Banho (c. Barcelos)</i>                     | 597        |
| 2.1.11. - <i>São Salvador de Bravães (c. Ponte da Barca)</i>             | 598        |
| 2.1.12. - <i>São Salvador de Freixo (c. Amarante)</i>                    | 598        |
| 2.1.13. - <i>São Salvador de Souto (c. Guimarães)</i>                    | 599        |
| 2.1.14. - <i>São Salvador de Valdreu (c. Vila Verde)</i>                 | 608        |
| 2.1.15. - <i>São Silvestre de Requião (c. Vila Nova de Famalicão)</i>    | 608        |
| 2.1.16. - <i>São Simão da Junqueira (c. Vila do Conde)</i>               | 610        |
| 2.1.17. - <i>São Torcato de Guimarães (c. Guimarães)</i>                 | 625        |
| <b><u>2.2. Diocese de Lamego</u></b>                                     | <b>631</b> |
| 2.2.1. - <i>Santa Maria de Cárquere (c. Resende)</i>                     | 631        |
| <b><u>2.3. Diocese do Porto</u></b>                                      | <b>647</b> |
| 2.3.1. - <i>Santa Maria de Vila Boa do Bispo (c. Marco de Canaveses)</i> | 647        |
| 2.3.2. - <i>Santo André de Ancede (c. Baião)</i>                         | 649        |
| 2.3.3. - <i>Santo Estêvão de Vilela (c. Paredes)</i>                     | 659        |
| 2.3.4. - <i>S. Salvador de Grijó (c. Vila Nova de Gaia)</i>              | 662        |
| 2.3.5. - <i>São Salvador de Lordelo (c. Paredes)</i>                     | 691        |
| 2.3.6. - <i>S. Salvador de Moreira da Maia (c. Maia)</i>                 | 691        |
| <b><u>2.4. Diocese de Tui (parte portuguesa)</u></b>                     | <b>704</b> |
| 2.4.1. - <i>Santa Maria de Refóios de Lima (c. Ponte de Lima)</i>        | 704        |
| 2.4.2. - <i>São João de Longos Vales (c. Monção)</i>                     | 707        |
| 2.4.3. - <i>S. Salvador de Paderne (c. Melgaço)</i>                      | 711        |

“A sabedoria e a ignorância são como os alimentos úteis ou nocivos. Podem-nos ser apresentadas com palavras polidas ou com rudeza de forma, como os bons e maus alimentos nos podem ser servidos em pratos finos ou grosseiros.”

Santo Agostinho, *Confissões*, Livro V

## **INTRÓITO**

O presente trabalho centra-se no estudo das instituições de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, no Norte de Portugal, na Baixa Idade Média, abarcando os mosteiros localizados nas actuais dioceses de Lamego, Porto, Braga e Viana do Castelo, situando-se, no entanto, a generalidade desses institutos, no território do Entre Douro e Minho. O período cronológico abrangido é, essencialmente, o que medeia entre 1300 e 1500, embora se tenha também tentado tecer o historial dos cenóbios agostinhos que subsistiram ao conturbado século XV, acompanhando-os ao longo da sua caminhada para a reformação em plena atmosfera tridentina, com múltiplos destinos, conquanto a generalidade desses mosteiros tenha seguido um mesmo percurso: o da integração na Congregação de Santa Cruz de Coimbra, ao longo da segunda metade do séc. XVI.

A opção pelo tema em si e a abrangência cronológica e territorial do estudo tem inerentes dois grandes objectivos: em primeiro lugar a tentativa de colmatar, ou pelo menos atenuar, uma lacuna na historiografia portuguesa que se prende com o desconhecimento histórico quase total destas casas monásticas em Portugal, sobretudo nos séculos finais da Idade Média, e, por outro, tentar perceber as ligações entre esses mosteiros regrantes, desde logo o modelo organizacional, se era comum, ou se estamos perante gestões e modelos autonómicos, averiguando-se para isso a existência de relações entre essas instituições e a sua tipologia.

Quanto à opção geográfica pelo Norte de Portugal, ela assenta também em dois grandes vectores: por um lado o factor representatividade, uma vez que esta é a zona do país onde se implantaram a quase totalidade das canónicas regrantes, posto que não as de maior visibilidade histórica, como é o caso de Santa Cruz de Coimbra ou S. Vicente de Fora de Lisboa, o que à partida nos oferece um conjunto de estudo mais homogéneo e, por outro, a questão dimensional. Essa questão dimensional está relacionada não só com a dimensão física do mosteiro, a sua capacidade de albergar e sustentar mais ou menos religiosos, mas também com a própria projecção que tinham na Idade Média, e que de certa forma hoje em dia se continua a reflectir, mormente no tratamento

historiográfico dado a essas instituições, encontrando-se nestes casos específicos os já referenciados mosteiros de Santa Cruz de Coimbra e S. Vicente de Fora.

Aliás, se exceptuarmos estas duas grandes instituições, e ao contrário do que sucede com os cistercienses ou os beneditinos, os cónegos regrantes não têm merecido a mesma atenção por parte da nossa comunidade historiográfica. É verdade que existem alguns valiosos e rigorosos estudos de caso versando sobre outras canónicas regrantes, mas esses, comparativamente com os dedicados às instituições seguidoras da Regra de S. Bento, são ínfimos.

Além do imprescindível enquadramento histórico das diversas instituições, traçando para cada uma delas um quadro geral da sua evolução, abarcando naturalmente, embora de forma sintética, aspectos de carácter organizacional, económico, espiritual, cultural, não olvidaremos também a componente social, mormente a questão relacional quer intra-muros, quer com o exterior, sobretudo as ligações com os diversos grupos de poder, laicos ou eclesiásticos. Tentaremos também abordar as relações entre as diversas canónicas regrantes no sentido de perceber a tipologia, os moldes e a profundidade desses vínculos, bem como a existência ou não de mobilidade dos religiosos entre as várias casas da Ordem.

Ao longo da nossa investigação dar-se-á primazia ao estudo da estrutura sociológica dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, ou seja ao conhecimento da composição dessas comunidades e das suas dinâmicas, não se descurando, desta forma, aspectos como as obrigações sacerdotais, tentando-se ainda, neste particular, inventariar e compilar elementos respeitantes e necessários ao conhecimento da rede paroquial regrante, onde os religiosos de cada uma das instituições assumiam papel primordial.

Entre os aspectos vivenciais dos mosteiros nortenhos tentaremos dar especial ênfase à composição específica das comunidades procedendo-se à inventariação e constituição de um “corpus” prosopográfico, o que permitirá demonstrar e perceber a preponderância do papel individual dos religiosos no funcionamento de todo o corpo orgânico monástico, quer seja na sua vertente administrativa, sacerdotal, ou jurídica, assumindo-se, neste particular, como procuradores ou representantes das instituições e dos seus interesses.

Nesse sentido tentaremos, e dentro das indeclináveis limitações que a documentação vai colocando, fazer a inventariação de todos os religiosos que pertenciam a essas comunidades regrantes. Com base nos dados fornecidos pelas fontes redigiremos uma pequena síntese biográfica de cada um desses indivíduos, o que nos

permitirá também ter uma ideia mais concreta do quantitativo humano de cada instituição.

De resto, o tratamento dado ao aspecto humano das instituições em causa é, talvez, o elemento que se pode considerar mais inovador neste trabalho. Interessa-nos não só saber o número de religiosos que num qualquer momento integravam uma determinada comunidade mas também quem eram.

Reconhecemos por isso que este trabalho assume uma forte dimensão prosopográfica, e apesar dessa componente e tentativa de recolha e sistematização de índole biográfica, este é, naturalmente, um estudo sempre inacabado, porque se, por um lado, do processo de crivagem das fontes nem sempre resultam os elementos necessários e desejados, por outro é inexequível o escrutínio de todas as possíveis fontes que poderão de alguma forma acrescentar novos dados ou complementar os existentes. Apesar de todos esses limites tentaremos reconstituir o efectivo humano das diversas comunidades regantes dos mosteiros do Norte de Portugal ao longo dos séculos XIV e XV e nalguns casos, em parte do XVI.

## **AGRADECIMENTOS:**

Antes de mais um agradecimento pessoal à Fundação para a Ciência e a Tecnologia que me permitiu, na qualidade de bolseiro, e ao longo dos quatro anos do período de financiamento, ter o mínimo de condições para a prossecução do trabalho de investigação. O meu reconhecido bem-haja ao Doutor Saul Gomes que aceitou a orientação desta dissertação e sempre me aconselhou e apoiou de forma excepcional, partilhando e colocando à minha disposição o seu inesgotável manancial de conhecimento bem como os indispensáveis suportes bibliográficos. Por isso um duplo agradecimento ao professor e ao amigo. A minha grata lembrança também à Doutora Cristina Cunha da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, minha co-orientadora e que está indelevelmente ligada a esta minha opção “regrante” quando me orientou na dissertação de Mestrado.

Quero deixar também aqui uma palavra de agradecimento a todos os meus amigos e familiares que quase não me avistaram nestes últimos seis anos e ainda se lembram de mim! Nesta ocasião não posso deixar de recordar aqueles que de mais perto me têm acompanhado, sobretudo a Mila e o Martin.

As minhas desculpas e a grata compreensão a todos aqueles com quem tinha compromissos e que tive de abandonar ou adiar para me dedicar em exclusividade a esta investigação, mormente ao Jaime, à Isabel e ao Jorge Fragoso. Um agradecimento aos muitos técnicos e funcionários dos Arquivos e Bibliotecas por onde passei pela forma profissional e atenciosa com que me acolheram e simultaneamente um pedido de desculpa pelo inúmero trabalho que lhes dei, e neste particular um agradecimento à Dr.<sup>a</sup> Zulmira.

Um obrigado à Sandrita pela ajuda informática na elaboração dos mapas. Uma palavra de carinho aos meus amigos da Oficina de Poesia a quem também tive de abandonar, fisicamente, em prol do bem científico, mas as “palavras outras” acompanham-nos sempre, por isso a minha lembrança aos companheiros do verso, sobretudo aos mais antigos, à Graça Capinha, ao Jorge, ao João Rasteiro, à Rita Grácio, à Conceição Riachos e à Ana B.

Neste momento quero também relembrar todos os professores que contribuíram para a minha formação e permitam-me aqui destacar aqueles que talvez mais influência tiveram, embora em diferentes momentos, nesta minha opção pela história eclesiástica: o Doutor José Antunes, a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho e o Doutor José

Marques. Todos eles com o seu humanismo e a sua incomensurável sabedoria ajudaram-me a seguir este caminho.

# **1- OS CÓNEGOS REGRANTES EM PORTUGAL – BREVE HISTORIAL (DO SÉCULO XIV À CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ)**

## **1.1. Dos domínios de Deus ao dos homens**

### **1.1.1. O modelo canonical regrante**

Aquele que todos nós conhecemos por Santo Agostinho nasceu a 13 de Novembro de 354, em Tagasta, no actual território da Argélia<sup>1</sup>. Aurélio Agostinho converteu-se ao cristianismo aos 32 anos e foi baptizado por Santo Ambrósio em 387<sup>2</sup>. Apesar de ter fundado um mosteiro, por volta de 388, aquando do seu regresso a África, e de aí ter vivido em comunidade durante cerca de três anos, os princípios ou normas que futuramente viriam a gerar a “Regra de Santo Agostinho” foram dados para reger um mosteiro de religiosas gerido pela sua irmã<sup>3</sup>. Agostinho, bispo de Hipona faleceu em 430, aos 76 anos de idade<sup>4</sup> deixando uma grandiosa herança espiritual ao monaquismo ocidental baseada na caridade, na humildade, no amor ao próximo, no rigor, na moderação e na imitação da vivência espiritual dos próprios Apóstolos de Cristo<sup>5</sup>, princípios que serão reabilitados e corporizados por uma nova Ordem que ganha expressão no centro da Europa no séc. XI e em Portugal a partir do XII: os cónegos regrantes de Santo Agostinho<sup>6</sup>.

Os cónegos regrantes assumem uma nítida ruptura com o modelo, ou modelos tradicionais monásticos, apresentados até ao séc. XII, assentes no primado da contemplação espiritual e da clausura. Os regrantes, apesar da vivência e valorização do recolhimento, da intensa componente votiva a que se dedicavam, da glorificação do

---

<sup>1</sup> Rivaux, Padre, *Tratado de historia ecclesiastica*, traduzido da sexta edição consideravelmente aumentada e continuada até 1876 por Francisco Luiz de Seabra, Tomo 1, Porto-Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1876, p.328; Rops, Daniel, *História da Igreja de Cristo*, Vol II - *A Igreja dos tempos bárbaros*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1960, p.13; Franzen, August, *Breve storia della chiesa*, 5ª ed., Brescia, Editrice Queriniana, 1982, p.91; *Santo Agostinho: Vida, obra e pensamento*, (Colecção Grandes Pensadores-Vol.4), textos de Lourdes Bassols, Planeta De Agostini/Público, 2008, p.16.

<sup>2</sup> Rivaux, Padre, *Tratado de historia ecclesiastica*, Tomo 1, 1876, p.329; Rops, Daniel, *História da Igreja de Cristo*, Vol II, 1960, p.22.

<sup>3</sup> Rivaux, Padre, *Tratado de historia ecclesiastica*, Tomo 1, 1876, p.397; Rops, Daniel, *História da Igreja de Cristo*, Vol II, 1960, pp.34-35; *Santo Agostinho: Vida, obra e pensamento*, 2008, pp.48-49.

<sup>4</sup> Rivaux, Padre, *Tratado de historia ecclesiastica*, Tomo 1, 1876, p.328; Rops, Daniel, *História da Igreja de Cristo*, Vol II, 1960, p.12.

<sup>5</sup> Rops, Daniel, Rops, Daniel, *História da Igreja de Cristo*, Vol II, 1960, pp.30-31; Francisco da Gama Caeiro, *Santo António de Lisboa*, Vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Colecção Estudos Gerais-Série Universitária, 1995, pp.22-23; Gomes, Saul António, *In Limine Conscriptioes: documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra – Séculos XII a XV*, Viseu, Palimage Editores, 2007, p.75.

<sup>6</sup> Gomes, Saul António, *In Limine Conscriptioes...*, 2007, pp.76-82.

canto, da dedicação ao ofício divino, e de seguirem os princípios da humildade, da pobreza e da castidade, tinham uma acção virada para a sociedade, e é aí que reside a sua grande força inovadora. A sua componente pastoral aliada a uma forte vertente assistencial diferenciam-nos das restantes propostas cenobíticas mais viradas para o mundo ascético<sup>7</sup>. Como relembra Léopold Genicot “o cónego não renuncia ao exercício dos ministérios”<sup>8</sup>, o cónego será o monge mas será também o sacerdote, é introspectivo no claustro mas espalha a palavra divina entre os fiéis. Sobre a acção pastoral dos cónegos regrantes debruçar-nos-emos de forma mais aprofundada num outro capítulo.

Quanto à questão assistencial, os cónegos regrantes revelam, a este nível, um papel preponderante, com a fundação de albergarias e hospitais e a assistência a peregrinos, pobres, doentes e viajantes<sup>9</sup>. Sabe-se que os hospitais medievais eram, usualmente, “instituições pequenas e com espaço para poucas camas”<sup>10</sup>, quando as aí havia, além de que o termo não tinha a significação restrita que se lhe dá actualmente, estando-lhe adstritas múltiplas valências. Competia, normalmente, a um cónego, auxiliado por um converso, cuidar, no hospital, dos pobres, pedintes e mesquinhos, considerando-se mesmo maior obra de caridade deixar bens ao hospital ou aí viver e servir os pobres do que renunciar à vida mundana para ir viver no mosteiro<sup>11</sup>. Institutos como Santa Cruz de Coimbra,<sup>12</sup> S. Vicente de Fora<sup>13</sup>, S. Jorge de Coimbra<sup>14</sup>, ou mesmo

---

<sup>7</sup> Gomes, Saul António, “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.430; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp.600-601.

<sup>8</sup> Genicot, Léopold, *Linhas de rumo da Idade Média*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1963, p.171.

<sup>9</sup> Caeiro, Francisco da Gama, “A assistência em Portugal no séc. XIII e os cónegos regrantes de Santo Agostinho”, in *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média*, Actas das 1ª Jornadas Luso-espanholas de História Medieval, Lisboa, 25-30 de Setembro de 1972, Tomo I, Lisboa, 1973, p.219; Mattoso, José, “Crúzios e cistercienses na formação de Portugal” in *Portugal Medieval - Novas interpretações*, 2ª ed., INIC, p.113; Neto, M. Lurdes Akola Meira do Carmo, “Assistência Pública” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. I, dir. de Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, Porto, p.234; Gomes, Saul António, “A religião dos clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural” in *História Religiosa de Portugal*, vol. I, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, dir. de Carlos Moreira de Azevedo, Círculo de Leitores, 2000, p.365; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.86.

<sup>10</sup> Carvalho, Sérgio Luís de, *Assistência e medicina no Portugal medieval*, Edição do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995, p.18).

<sup>11</sup> Martins, Mário, “O Livro da Ordem dos Cónegos Regrantes e Crasteiros” in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956, pp. 230-231; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, pp.264-265.

<sup>12</sup> Coelho, Maria Helena da Cruz, “Os mosteiros medievais num tempo de hospedar e de caridade”, in *Codex Aquilarensis*, Cuadernos de Investigación de Santa Maria la Real, nº 6, Julho de 1992, Aguilar de Campoo, p.31; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, pp.261-264.

<sup>13</sup> Caeiro, Francisco da Gama, “A assistência em Portugal...”, 1973, pp. 227-228.

<sup>14</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Lisboa, Na Officina de Joam da Costa, 1668, Livro VIII, Cap. XV, p.154, diz-nos que “...pelos annos de 1150, [...] hia crescendo o fervor de espirito, & de



S. Martinho de Mancelos detinham hospitais<sup>15</sup>. Neste último caso era pertença do mosteiro mas não funcionava nas suas instalações nem nas suas imediações, uma vez que se localiza em Vila Ruiva Malcabrão, com Mancelos a permutá-lo, em 1305, juntamente com outras propriedades situadas nessa localidade, com D. Dinis, pela igreja de S. Nicolau de Cabeceiras de Basto e casais que o monarca tinha no couto de Vilela<sup>16</sup>. Quanto às enfermarias, elas existiam em praticamente todas as canónicas regrentes, como são os casos de S. Salvador de Moreira da Maia<sup>17</sup>, Santa Maria de Oliveira<sup>18</sup>, Santa Maria de Cárquere<sup>19</sup> ou S. Salvador de Souto<sup>20</sup>. No campo da assistência aos peregrinos destaque para a acção desenvolvida pelo mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, localizado num dos mais importantes itinerários medievais de Santiago, temendo o seu prior, em 1476, face às dificuldades económicas sentidas pela instituição, que não pudessem continuar a suportar a hospitalidade que davam aos peregrinos<sup>21</sup>.

### **1.1.2. Um domínio terreno: os coutos**

É raro encontrar-se um mosteiro, agostinho ou beneditino, ao qual não esteja associado pelo menos um couto<sup>22</sup>, sendo que a maioria dessas instituições avoca a ancestralidade desse benefício, reportando-o, usualmente, aos governos de D. Henrique, D. Teresa e D. Afonso Henriques<sup>23</sup>.

---

charidade nos Conegos daquelle Mosteiro, de maneira que fundação junto delle hum hospital pera curar pobres, & agazalhar peregrinos.” Esta afirmação é corroborada pela documentação onde aparecem várias referências ao hospital de S. Jorge, sendo a primeira, referente ao testamento de Salvador Viegas, datado de 1159: “Ad hospital Sancti Georgii, mando omnem meam hereditatem de Ladeia...” (cf. IAN/TT- S. Jorge, M. 2, doc. 19).

<sup>15</sup> *O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 83-87.

<sup>16</sup> *Idem*, pp. 83-87.

<sup>17</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.12, Doc.19; M.13, Doc.25.

<sup>18</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico do Entre Douro e Minho em finais da Idade Média*, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1996, p.94.

<sup>19</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°68.

<sup>20</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos dos séculos XII-XV relativos ao mosteiro do Salvador de Souto*, Porto, 1896, pp. 38-39.

<sup>21</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.12.

<sup>22</sup> Marreiros, Maria Rosa Ferreira, “Senhorios” in *Nova História de Portugal*, Vol. III (Portugal em Definição de Fronteiras – Do condado Portucalense à crise do século XIV), coord. de Maria Helena da Cruz Coelho e Armando Luis de Carvalho Homem, direcção de Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1996, p. 588, contabiliza 149 senhorios detidos por mosteiros aquando das inquirições de D. Afonso IV, embora 60 deles estivessem em posse de 6 mosteiros. Note-se também, e como observa a Autora, apesar de os coutos serem os senhorios normalmente associados aos mosteiros e as honras à nobreza, tal não é exclusivo de cada um desses grupos sociais, uma vez que há mosteiros que detêm honras e nobres a senhorearem coutos (cf. Marreiros, Maria Rosa Ferreira, *Ibidem*, p.584).

<sup>23</sup> Tome-se como exemplo o caso de S. Salvador de Moreira da Maia, em que, aquando da inquirição de D. Afonso IV aí se indicava que o mosteiro “avya huum couto a redor de sy o qual dizia que lhy fora coutado per El Rey Dom Affonso filho do Conde Don Anrique” (cf. *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV, Vol. III (1340-1344)*, edição preparada por A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto

Os coutos eram terras imunes, com a sua área devidamente delimitada por marcos e divisões, situação que, muitas vezes, não era suficiente para impedir o aparecimento de conflitos por causa das demarcações e confrontações, como sucedeu recorrentemente entre os mosteiros de Landim e Santo Tirso<sup>24</sup>.

Em termos gerais, nessas terras imunes, o rei renunciava à cobrança de tributos e era vedada a entrada aos oficiais régios, exercendo aí o prior a sua autoridade sobre os homens que viviam no seu senhorio, cobrando-lhes prestações sobre serviços e bens<sup>25</sup>. Apesar disso muitos preferiam submeter-se a estes senhorios de forma a fugirem aos impostos régios<sup>26</sup>, como aconteceu com os lavradores de seis casais do lugar da Póvoa que se colocaram sob a protecção do mosteiro de Moreira<sup>27</sup>. Um exemplo do exercício dessa autoridade jurisdicional é-nos dado por um instrumento de 2 de Fevereiro de 1375, respeitante a uma sentença a favor do mosteiro de S. Simão da Junqueira contra o mordomo Domingos Bom que tinha entrado em terras do couto do mosteiro e penhorado um caseiro, sendo obrigado a fazer a devolução da cobrança indevida, incluindo uma galinha, provando-se que nenhum mordomo régio, ou de outro senhor, poderia aí entrar<sup>28</sup>.

Os moradores dos coutos conseguiam também alguns privilégios e isenções em relação às obrigações concelhias, como acontecia com os do couto do mosteiro de Roriz que estavam isentos do pagamento de talhas e peitas ao concelho de Refoios, situação que, em 1331, provocaria um conflito entre as partes, com o concelho a reclamar o pagamento dessas obrigações<sup>29</sup>. De resto, e também por causa do pagamento de fintas e

---

Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1992, p.97).

<sup>24</sup> Barroca, Mário Jorge, “A cruz do lugar das Marcas (Lousado), Vila Nova de Famalicão e o couto do mosteiro de Santo Tirso”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.4, Organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, FLUP, 2006, p.149.

<sup>25</sup> Maurício, Maria Fernanda, *Entre Douro e Tâmega e as Inquirições Afonsinas e Dionisinas*, Edições Colibri, Lisboa, 1997, p.225; Dias, Geraldo J. A. Coelho, “Na variedade dos foros, a singularidade dos coutos beneditinos. Generosidade régia e poder monástico”, in *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*, Edição da Câmara Municipal de Guimarães e da Universidade do Minho, 1996, vol.4, p.337.

<sup>26</sup> Mattoso, José, “Senhorios monásticos do Norte de Portugal nos sécs. XI a XIII”, in *A nobreza medieval portuguesa - A família e o poder*, Circulo de Leitores, Vol.7, 2001, p.208.

<sup>27</sup> *Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium* ... vol. I, Câmara Municipal do Porto, 1891, p.155. A passagem que contempla esta informação é a seguinte: “Item no logar que chamam apoboa soya aaver seis casaaes do Moesteyro de moreyra em que he provado que entrava omoordomo dellrey e pectavam voz e coymha e hermaronnos e poseram as cabeças dos casaaes no Couto de gemundy e lavram as herdades fora que sohiam alavrar. E esto fezerom por se deffenderem do moordomo.”

<sup>28</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.108vº-109vº.

<sup>29</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº11. Um outro exemplo é o de Santa Maria de Vila Nova de Muia, embora para um período cronológico anterior, mas bem elucidativo desta situação, com D. Afonso III a ordenar às suas justiças que protegessem o mosteiro, bem como os seus coutos e herdades e se os

talhas gerou-se uma nova contenda entre o concelho e os moradores do couto, apoiados pelo mosteiro, acabando, neste caso, o rei D. Pedro por dar sentença favorável, a 7 de Dezembro de 1359, ao concelho de Refoios<sup>30</sup>.

No couto havia um juiz, eleito pelos moradores do couto e depois confirmado pelo mosteiro<sup>31</sup>, ou directamente nomeado pelo prior da instituição<sup>32</sup>. Dependendo da jurisdição que os mosteiros detinham nos seus coutos, mas tendo em consideração que, a partir da lei dionisina de 1317, e com as inquirições de D. Afonso IV, a jurisdição criminal fica, praticamente, na exclusividade da alçada régia<sup>33</sup>, esses juizes tinham a seu cargo a resolução de questões cíveis, como é exemplo o que sucedeu no couto do mosteiro de Roriz, onde, a 3 de Janeiro de 1362, Vasco Gonçalves, juiz do couto, deu sentença favorável a Aires Domingues do Outeiro e a seus irmãos, numa disputa referente a um terço de uma casa sita em Samoça<sup>34</sup>.

Na década de trinta do séc. XIV grande parte das instituições monásticas nacionais ver-se-iam coarctadas nas jurisdições que exerciam nos seus coutos, na sequência das inquirições de D. Afonso IV que, perante a proliferação dos coutos, privilégios e imunidades senhorias, e numa nítida tentativa de centralização régia, mandou fazer *chamamento geeral per razom de todos aqueles que avyam villas ou castellos coutos ou*

---

seus privilégios confirmassem que de facto os homens dos seus coutos estavam isentos de prestar anúduva aos concelhos, incluindo às muralhas de Monção, que lhes fizessem respeitar tais privilégios, com D. João I a revalidar estes privilégios a 5 de Outubro de 1398 (cf. *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, Organização de João José Alves Dias, Transcrição de José Jorge Gonçalves, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2005, pp.73-74).

<sup>30</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°18.

<sup>31</sup> Este parece ser o “modus operandi”, pelo menos em Moreira da Maia (cf. Carvalho, José Vieira de, *O Mosteiro de S. Salvador de Moreira – Instituição Valorizadora da Terra da Maia*, Maia, 1969, p.39. Uma inquirição de D. Dinis, de 1307, no que respeita a este mosteiro, é bastante clara dizendo-se aí: “Preguntado como he feito esse juiz disse que quando o priol queria fazer juiz no dito Couto que chamava os moradores do Couto. E que aquelle em que esses moradores se louvavam que lhe lo dava o priol por juiz” (cf. Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia -Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957, p.41). Segundo Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico ...*, 1996, p.43, também era prática corrente no mosteiro agostinho de Santa Maria de Oliveira os moradores do couto elegerem o juiz e o prior confirmá-lo. Não sabemos com que periodicidade eram eleitos os novos juizes, no entanto essa eleição não era anual como se deduz da resposta de Artim André na Inquirição de 1307, respeitante a Moreira da Maia, em que “perguntado se som feitos estes juizes em cada hum ano, disse que nom” (cf. Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia -Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957, p.37).

<sup>32</sup> Esta situação também se verifica em S. Salvador de Moreira da Maia (cf. Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, vol.I, pp.188-189). Na inquirição de 1307, a que já aludimos, Artim André de Lágielas, questionado sobre a forma como se metia o juiz no couto, respondeu que “...vyo em tempo do priol Domingos de Deus fazer juiz no Couto chamando o dito prioll os moradores do Couto. E disse que lhes dava hi por juiz um homem que chamavam Miguel Domingues...” (cf. Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia -Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957, p.37).

<sup>33</sup> Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, Vol. IV da Nova História de Portugal dirigida por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1987, pp.238-239.

<sup>34</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°19.

*onrras ou jurisdições*<sup>35</sup>. Os mosteiros regantes conheceram diferentes destinos e se alguns foram amplamente afectados como S. Salvador de Freixo<sup>36</sup>, São Salvador de Moreira da Maia e São Simão da Junqueira que perderam toda a jurisdição que detinham nos seus coutos<sup>37</sup>, já outros viram confirmados os seus privilégios, normalmente com a sua jurisdição a ser restringida ao cível, transitando a do crime para o rei, o que na prática nada, ou pouco alterava, uma vez que, e se na teoria os mosteiros detinham essa prerrogativa jurisdicional, pelo que transmitem as fontes, a maioria não a deveria exercer, ficando antes a cargo dos oficiais régios.

Nestas circunstâncias encontra-se o mosteiro de S. Martinho de Crasto, cuja confirmação das jurisdições foi dada por carta de 24 de Julho de 1335, com D. Afonso IV a autorizar a instituição a deter a jurisdição cível enquanto a do crime ficava sob a alçada régia<sup>38</sup>, o mesmo sucedendo com o mosteiro de Santa Maria de Landim, que viu ser-lhe confirmada a jurisdição cível nos coutos de Landim e Palmeira, através de cartas de 4 e 8 de Fevereiro de 1336, provando-se que a jurisdição do crime era do rei, no caso específico da alçada directa do juiz de Vermoim<sup>39</sup>. Idêntica decisão obteve o vizinho mosteiro de Santa Maria de Oliveira, com o monarca a reconhecer, a 27 de Fevereiro de 1336, que assistia toda a legitimidade à instituição para continuar a exercer a jurisdição

---

<sup>35</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, Vol.III (1336-1340), 1992, p.97. Essas inquirições iniciaram-se em 1325 (cf. Caetano, Marcello, *História do direito português (sécs. XII-XIV)*, seguida de *Subsídios para a História das fontes do direito em Portugal no séc. XVI*, 4ª ed., Lisboa, Editorial Verbo, 2000, p.328).

<sup>36</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.149-151 (Doc.78)

<sup>37</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, Vol.III (1336-1340), 1992, pp.97-99; Barros, Henrique da Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*, 2ª edição dirigida por Torquato de Sousa Soares, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1945, Tomo II, pp. 464-465; Marques, José, *D. Afonso IV e as Jurisdições Senhoriais*, in *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Vol. 4, Porto, Centro de História da Universidade do Porto-INIC, 1990, p.28. S. Simão da Junqueira acabaria por recuperar a jurisdição cível. Já em relação a um outro cenóbio da diocese do Porto, o mosteiro agostinho de Santo Estêvão de Vilela, desconhecemos o resultado da inquirição, cuja data parece também não merecer consenso, existindo informações que apontam para 1339 (cf. Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, *Separata da Lúmen*, Fasc. 5, Ano III, Maio 1939, p.6) e para 20 de Julho de 1340 (Ribeiro, João Pedro, *Reflexões Históricas*, Parte I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1835, p.170; *Idem, Índice Chronologico...*, prefaciado e acrescentado com as actuais cotas por J. A. Pinto Ribeiro, Publicações da Câmara Municipal do Porto, 1951, p.32).

<sup>38</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), edição preparada por A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1992, pp.55-57 (Doc.27); Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto: Subsídios para a sua história na Idade Média”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, Vol.II, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998, pp.74-75 (Doc. 20 do Apêndice). Na transcrição da Chancelaria foi reconstituída a parte referente ao mês, surgindo aí a data de 24 de Outubro de 1335, pelo que nos parece mais indicado adoptar a data da transcrição de Maria Alegria Fernandes Marques.

<sup>39</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.12-15 (Doc.6); 164-166 (Doc.72); Marques, José, “D. Afonso IV e as jurisdições senhoriais”, 1990, pp. 1538-1539.

cível no seu couto<sup>40</sup>. Nesta mesma linha de acção surge a sentença régia proferida, a 7 de Maio de 1336, referente ao processo de inquirição sobre as jurisdições do mosteiro de Roriz, mantendo este a jurisdição cível, passando a do crime para a administração régia<sup>41</sup>. Ficou assim provado e reconhecido que o mosteiro tinha o direito de colocar juiz no couto, apelando o juiz para o prior e este para o rei, bem como a prerrogativa de colocar mordomo que fazia as chegadas, penhoras e entregas, assistindo-lhe também o direito de aí ter jurados e almotacés<sup>42</sup>.

Os mosteiros, na defesa dos privilégios e jurisdições nos seus coutos, além de se debaterem com as ofensivas da Coroa e dos concelhos, ainda tinham de enfrentar os poderosos, servindo aí, muitas vezes, o monarca como aliado e protector dos seus interesses. Assim, a 15 de Janeiro de 1390, D. João I, na sequência das queixas apresentadas pelo prior do mosteiro de Vilela contra alguns fidalgos e poderosos que pousavam no mosteiro e no seu couto e lhe roubavam alimentos e palha, ordenava às justiças que protegessem a instituição<sup>43</sup>. De idêntico teor é a ordem expedida por este mesmo monarca, a 5 de Outubro de 1398, em que, perante as queixas do prior de Vila Nova de Muia, que acusava os fidalgos e outros de lhe devassarem o couto e de roubarem aos lavradores pão, vinho e palha e de pousarem nas suas casas, confirmou ao mosteiro as demarcações do couto e os seus privilégios<sup>44</sup>. De 18 de Fevereiro 1466 data uma sentença contra Rui Pereira, fidalgo da Casa de el-rei, acusado por João Álvares, prior dos mosteiros de Grijó e Roriz, de cometer diversos abusos no couto do mosteiro de Roriz, tendo o fidalgo ordenado aos seus escudeiros que entrassem aí com armas e cavalos, tendo-se, inclusivamente, aposentando aí e ameaçando de violência os lavradores que tentavam impedi-los de tomarem os seus bens e os seus pastos<sup>45</sup>.

---

<sup>40</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, vol. II (1336-1340), 1992, pp. 22-25. Esta carta de D. Afonso IV encontra-se também publicada por Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais...”, 1997, pp. 136-137.

<sup>41</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.69-72 (Doc. 32); Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVII, Ns. 1-2 (Janeiro-Junho de 1937), Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1937, pp. 95-99.

<sup>42</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°199; *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.69-72 (Doc. 32); Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes ...”, 1937, pp. 95-99.

<sup>43</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. João I*, Vol. II – Tomo I, 2005, p.32; Marques, José, *O estado dos mosteiros beneditinos da Arquidiocese de Braga, no século XV*, Braga, Separata da Revista *Bracara Augusta*, Vol. XXXV – Fasc. 79 (82) Janeiro-Dezembro de 1981, p.14; *Idem*, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, in *Actas do Ciclo de Conferências das Comemorações do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*, Arquivo Distrital do Porto, 1997, p.196.

<sup>44</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, pp.73-74.

<sup>45</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°199.

Por vezes são os próprios lavradores a transgredir, como é exemplo João Vaz, lavrador, morador em Pedrados, freguesia de S. Tomé de Negrelas, acusado de ter feito bouças nos coutos do mosteiro de Roriz, e de as ter cultivado, rompido e tapado à revelia do prior e convento, correndo demanda entre as partes a 29 de Novembro de 1497<sup>46</sup>.

É nítida a preocupação dos priores dos mosteiros em preservarem as cartas de privilégio referentes aos seus coutos, aparecendo inúmeras situações em que são feitos traslados ou solicitadas cópias desses instrumentos, como é exemplo o caso de D. Miguel da Silva, comendatário de Santo Tirso e Landim, que em Abril de 1536, pede cópia dos documentos que se guardavam na Torre do Tombo, referentes aos coutos dos dois mosteiros<sup>47</sup>.

## **1.2. A centúria de trezentos: um século de estabilidade**

Numa visão muito simplista pode considerar-se que os séculos XII e XIII são de afirmação e crescimento da Ordem dos cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal, enquanto que o séc. XIV e parte do XV pode ser encarado como um período de alguma estabilidade, ao invés da segunda metade do século XV e XVI em que se entra num período de declínio.

No panorama monástico nacional os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho surgem logo atrás dos beneditinos com mais de três dezenas de casas na primeira metade do século XIV<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°222.

<sup>47</sup> Correia, Fernando Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso: o perfil jurisdicional dos seus abades – Estudo e documentação*, s.d., pp.576-578.

<sup>48</sup> Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, 1987, p.222, contabilizou 35 casas de Cónegos Regrantes em Portugal. Já no Guia das Ordens religiosas são identificadas 34 canónicas regrantes masculinas para os séculos XIV e XV (cf. *Ordens Religiosas em Portugal: Das Origens a Trento – Guia Histórico*, Dir. de Bernardo Vasconcelos e Sousa, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, p.179). Além destas listagens existem pequenos artigos e sínteses referentes aos cónegos regrantes embora com cronologias anteriores ou até mais abrangentes e que dão para se ter uma ideia da presença regrante no nosso país e do seu acompanhamento até à extinção. Neste particular consulte-se Mattoso, José, “*Canonici Regolari di Santa Croce de Coimbra (Portogallo)*”, in *Dizionario Degli Istituti di Perfezioni*, vol. II, Roma, Edizioni Paoline, 1975, cols. 141-145; Gomes, Saul António, “*Cónegos Regrantes de Santo Agostinho*”, 2000, p.430; Chorão, Maria José Mexia Bigotte, “*Mosteiros*” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. III, dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2001, p.276. Também Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.990, aborda esta questão identificando 32 casas de observância regrante em Portugal em finais do século XII, período também estudado por Gomes, Saul António, *In Limine Conscriptioes: documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra – Séculos XII a XV*, Viseu, Palimage Editores, 2007, pp.80-83, procedendo à inventariação dos mosteiros então existentes nessa época. Já Melo, António Maria; Sousa, José J. Rigaud de; Vasconcelos, Flório de, “*O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes e os*

### Mosteiros de Cónegos Regrantes em Portugal

| Mosteiro                                     | Diocese           | Séc. XIV     | Séc. XV | Séc. XVI |
|--|-------------------|--------------|---------|----------|
| Santa Maria de Refoios de Lima               | Tui <sup>49</sup> |              |         |          |
| São João de Longos Vales                     |                   |              |         |          |
| São Salvador de Paderne                      |                   |              |         |          |
| Santa Maria de Landim                        | Braga             |              |         |          |
| Santa Maria de Oliveira                      |                   |              |         |          |
| Santa Maria de Vila Nova de Muia             |                   |              |         |          |
| Santa Marinha da Costa                       |                   |              |         |          |
| S. Cristóvão/S. Silvestre de Requião         |                   |              |         |          |
| S. Martinho de Caramos                       |                   |              |         |          |
| S. Martinho de Crasto                        |                   |              |         |          |
| S. Martinho de Mancelos                      |                   |              |         |          |
| S. Miguel de Vilarinho                       |                   |              |         |          |
| S. Pedro de Roriz                            |                   |              |         |          |
| S. Salvador de Banho                         |                   |              |         |          |
| S. Salvador de Bravães                       |                   |              |         |          |
| S. Salvador de Freixo                        |                   |              |         |          |
| S. Salvador de Souto                         |                   |              |         |          |
| S. Salvador de Valdreu                       |                   |              |         |          |
| S. Simão da Junqueira                        |                   |              |         |          |
| S. Torcato                                   |                   |              |         |          |
| Santa Maria de Vila Boa do Bispo             | Porto             |              |         |          |
| Santo André de Ancede                        |                   |              |         |          |
| Santo Estêvão de Vilela                      |                   |              |         |          |
| São Salvador da Serra do Pilar <sup>50</sup> |                   |              |         |          |
| São Salvador de Grijó                        |                   |              |         |          |
| São Salvador de Lordelo                      |                   |              |         |          |
| São Salvador de Moreira da Maia              |                   |              |         |          |
| Santa Maria de Cárquere                      | Lamego            |              |         |          |
| Santa Cruz de Coimbra                        | Coimbra           |              |         |          |
| S. Jorge de Coimbra                          |                   |              |         |          |
| S. Pedro de Folques                          |                   |              |         |          |
| S. Vicente de Fora                           | Lisboa            |              |         |          |
| Legenda:                                     |                   | Existência   |         |          |
|  |                   | Inexistência |         |          |

Para o século XIV podemos contabilizar, em Portugal, seguramente, 31 mosteiros masculinos de Cónegos Regrantes da Ordem de Santo Agostinho, com uma distribuição geográfica pouco homogénea. Esses institutos localizam-se sobretudo no Norte do país, com 3 no Entre Lima e Minho<sup>51</sup>, ou seja em território sob a jurisdição da

Cónegos Regrantes de St.º Agostinho”, in *Maia, História Regional e Local (Actas do Congresso)*, Câmara Municipal da Maia, 1999, vol.II, pp.153,155, referenciam e cartografam 45 casas de Regrantes de Santo Agostinho, embora aí se incluam alguns mosteiros femininos e fundações da época moderna.

<sup>49</sup> Aqui vai referenciada a diocese de Tui porque era a que administrava o território português do Entre Minho e Lima, no séc. XIV, de qualquer modo note-se que ao longo dos dois séculos seguintes este território conheceu diversas alterações ao nível da sua administração eclesiástica, modificações essas que serão explanadas numa das próximas notas de pé de página.

<sup>50</sup> A presença deste mosteiro nesta listagem deve-se ao facto de ter sido concebido, no séc. XVI, para substituir o mosteiro de S. Salvador de Grijó, acabando, no entanto, por subsistir os dois.

<sup>51</sup> Trata-se de Santa Maria de Refoios de Lima, São João de Longos Vales e São Salvador de Paderne.

diocese de Tui<sup>52</sup>, e com a grande maioria a surgirem na diocese de Braga<sup>53</sup>, num total de 17 mosteiros<sup>54</sup>, 6 na diocese do Porto<sup>55</sup>, 1 na diocese de Lamego<sup>56</sup>, 3 na diocese de Coimbra<sup>57</sup> e 1 na diocese de Lisboa, o mosteiro de S. Vicente de Fora. Não inserimos nesta contagem as comunidades paroquiais regidas por cónegos regrantes como sucede com os priorados crúzios de Arronches, Leiria ou S. Romão.

---

<sup>52</sup> A diocese de Tui era a que administrava o território português do Entre Minho e Lima nos séculos XIV e em parte do XV. Mas tracemos aqui uma breve síntese da evolução e das alterações registadas na administração eclesiástica deste território ao longo dos séculos XIV, XV e XVI. Assim, no final do séc. XIV a parte portuguesa da diocese de Tui, mais concretamente em 1381, autonomizou-se da parte galega sendo gerida pela administração eclesiástica de Valença. Em 1444 seria unida à diocese de Ceuta, entretanto criada em 1420, mas como o processo sofreu diversos reveses, a sua integração efectiva só ocorreria no último quartel do séc. XV, durante o bispado de D. Justo Baldino, acabando depois por ser incorporada na diocese de Braga no início da segunda década do séc. XVI (cf. Jordão, Maria Levy, *Memoria Historica sobre os Bispados de Ceuta e Tanger*, Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858, pp.3-8; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Vol.I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, sobretudo pp.72-73, 132-133, 137-146; Reis, António Matos, “Viana do Castelo, diocese de” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. IV, dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2001, p.336.

<sup>53</sup> Essas canónicas são: S. Cristóvão/S. Silvestre de Requião, Santa Maria de Landim, Santa Maria de Oliveira, Santa Maria de Vila Nova de Muia, Santa Marinha da Costa, S. Martinho de Caramos, S. Martinho de Crasto, S. Martinho de Mancelos, S. Miguel de Vilarinho, S. Pedro de Roriz, S. Salvador de Banho, S. Salvador de Bravães, S. Salvador de Freixo, S. Salvador de Souto, S. Salvador de Valdreu, S. Simão da Junqueira e S. Torcato.

<sup>54</sup> Já Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Braga, Arquidiocese de”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.3, Fasc. 27, dir. de Fernando Jasmins Pereira (planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, pp.151-152, identifica 18 mosteiros como tendo adoptado a Regra de Santo Agostinho em meados do séc. XII, de resto as mesmas instituições que Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, pp.719-721, identifica no início do séc. XV, no entanto, e neste particular, somos da opinião que S. Cristóvão de Rio Mau já não tinha comunidade nessa altura, o que nos leva a reduzir para 17 casas a presença regrante na diocese bracarense.

<sup>55</sup> Esse grupo era constituído por Santa Maria de Vila Boa do Bispo, Santo André de Ancede, Santo Estêvão de Vilela, São Salvador de Grijó, São Salvador de Lordelo e São Salvador de Moreira da Maia.

<sup>56</sup> Trata-se do mosteiro de Santa Maria de Cárquere.

<sup>57</sup> Santa Cruz de Coimbra, S. Jorge de Coimbra e S. Pedro de Folques.



## Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal – Séc. XIV



Desta contabilização, e no que respeita ao âmbito deste trabalho, serão abordados os institutos das quatro primeiras dioceses, num total de 27 mosteiros a que acrescem outras três instituições que tentaremos provar, no entanto, que não eram de cónegos regrantes de Santo Agostinho. A totalidade destes mosteiros corresponde, grosso modo aos institutos que surgem identificados por José Marques para este período<sup>58</sup> e que recentemente foram inventariados no “Guia das Ordens Religiosas”, embora em relação a esta publicação tenhamos excluído três das instituições que são aí

<sup>58</sup> Marques, José, “A Igreja no Mundo do Infante D. Henrique”, in *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. XII, Porto, 1995, pp. 195-196; Marques, José, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, 1997, pp. 185-186. Nestes trabalhos José Marques identifica para as dioceses de Tui (administração eclesiástica de Valença), Braga e Porto um total de 26 mosteiros, número com que concordamos embora a nossa distribuição divirja, uma vez que excluímos S. Cristóvão de Rio Mau e incluímos o de S. Salvador de Lordelo, da diocese do Porto, que não figura nessas listagens.

apresentadas. Trata-se de Santa Eulália de Rio Covo e São Cristóvão de Rio Mau, da diocese de Braga e São Pedro de Ferreira, do bispado do Porto, instituições que apesar de surgirem normalmente identificadas como canónicas regrantas, em nosso entendimento, e como demonstraremos adiante, não o eram, pelo menos para os séculos aqui considerados<sup>59</sup>.

Quanto à invocação das canónicas regrantas, traduzindo horizontes de devoção religiosa ancestrais, nota-se uma predominância dos mosteiros de título de S. Salvador, quer na diocese de Braga, quer na do Porto, surgindo como padroeiro principal de 33,3% das instituições aqui retratadas. S. Salvador, celebrado a 6 de Agosto<sup>60</sup>, aparece assim à frente da Virgem Maria (22,2%), contrastando com o panorama geral da diocese de Braga onde o culto à Mãe de Cristo Deus supera largamente todos os outros, incluindo, naturalmente o da Transfiguração do Senhor, tanto em número de freguesias como no de mosteiros em que é venerado<sup>61</sup>. De resto, o culto à virgem Maria era o preponderante no território português medieval, tendo o cónego Avelino Jesus da Costa identificado mais de mil templos e lugares dedicados a Nossa Senhora até finais do séc. XV<sup>62</sup>.

Entre os mosteiros agostinhos, a invocação a S. Martinho de Tours encontra alguma representatividade, surgindo em terceiro lugar, o correspondente a 11,1% do universo das canónicas aqui abordadas, embora circunscrevendo-se os institutos que acolheram este orago à diocese bracarense. Torna-se, aliás, curioso verificar que o culto a S. Martinho era, em termos devocionais absolutos, o terceiro mais representativo na diocese de Braga<sup>63</sup>. De relevar ainda o facto de Santo Estêvão ser invocado como titular secundário de várias igrejas e mosteiros<sup>64</sup>, surgindo, no entanto, entre os regrantas como orago principal do mosteiro de Vilela.

---

<sup>59</sup> Como veremos, os elementos disponíveis não são totalmente dissipadores de dúvidas quanto ao tipo de comunidades aí existentes, mas não indiciam a presença de cónegos regrantas nos séculos XIV, XV e XVI. As três instituições em causa são identificadas no guia das *Ordens Religiosas em Portugal ...*, 2005, pp.179, 189, 202, 206, como canónicas regrantas.

<sup>60</sup> Valero, Luís T. Melgar, *Os santos de cada dia*, Editorial Estampa, Lisboa, 2002, p.155.

<sup>61</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.1, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1959, pp.326-329, 337.

<sup>62</sup> *Idem*, “A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média”, in *Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de Historia Ecclesiastica*, Tomo II, Lisboa, 1957, p.34.

<sup>63</sup> *Idem*, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.1, 1959, pp.332-333.

<sup>64</sup> *Idem*, *Ibidem*, Vol.1, 1959, p.317.

### Santos Padroeiros dos mosteiros

| Orago/Invocação | Nº total de institutos | Diocese |        |       |     | Festa/Comemoração            |
|-----------------|------------------------|---------|--------|-------|-----|------------------------------|
|                 |                        | Braga   | Lamego | Porto | Tui |                              |
| S. Salvador     | 9                      | 5       |        | 3     | 1   | 6 de Agosto                  |
| Santa Maria     | 6                      | 3       | 1      | 1     | 1   | Diversas datas <sup>65</sup> |
| S. Martinho     | 3                      | 3       |        |       |     | 11 de Novembro               |
| S. Cristóvão    | 1                      | 1       |        |       |     | 25 de Julho                  |
| Santo André     | 1                      |         |        | 1     |     | 26 de Novembro               |
| Santo Estêvão   | 1                      |         |        | 1     |     | 26 de Dezembro               |
| Santa Marinha   | 1                      | 1       |        |       |     | 18 de Julho                  |
| S. João         | 1                      |         |        |       | 1   | 24 de Junho                  |
| S. Miguel       | 1                      | 1       |        |       |     | 29 de Setembro               |
| S. Pedro        | 1                      | 1       |        |       |     | 29 de Junho                  |
| S. Simão        | 1                      | 1       |        |       |     | 28 de Outubro                |
| S. Torcato      | 1                      | 1       |        |       |     | 27 de Fevereiro              |

O conhecido catálogo das igrejas de 1320-1321 é um excelente barómetro para se avaliar a condição económica das diversas instituições eclesiásticas. Pelas taxas que foram aplicadas aos mosteiros regrantes conclui-se que a situação geral não era de grande desafogo económico, havendo mesmo mosteiros com rendimentos extremamente baixos, nomeadamente os de Lordelo e Vilela, ambos da Terra de Aguiar, taxados respectivamente em 60 e 150 libras<sup>66</sup>, bem como o de Longos Vales, ao qual foi aplicada uma comparticipação de 100 libras e o de S. Salvador de Moreira da Maia, taxado em 170 libras<sup>67</sup>.

Em posição inversa encontravam-se as canónicas de Grijó, Landim, Santa Marinha da Costa e Vila Boa do Bispo, todas elas com uma taxaço igual ou superior a

<sup>65</sup> Santa Maria de Vila Boa do Bispo é celebrada a 15 de Agosto, de resto num emprazamento efectuado pelo mosteiro em 1296, uma das obrigações dos foreiros era a entrega de “XV libras de cera por ano pela festa de Santa Maria de Agosto” (cf. IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.13). Num outro emprazamento deste mesmo mosteiro, datado de 1312, a renda a entregar pela festa de Santa Maria de Agosto incluía também, além de meio alqueire de mel e uma fogaça de quatro alqueires, cinco libras de cera (cf. IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15). Em Refoios de Lima a padroeira é Santa Maria dos Anjos, festejada a 2 de Agosto, em Cárquere a festa de Nossa Senhora recai em Maio, por sua vez, em Landim é celebrada a Senhora das Candeias a 2 de Fevereiro enquanto que em Santa Maria de Oliveira a padroeira é a Senhora do Rosário, festejada a 7 de Maio. Sobre o culto mariano em Portugal na Idade Média consulte-se os trabalhos do Padre Avelino de Jesus da Costa: “A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média”, in *Lusitania Sacra* – Revista do Centro de Estudos de Historia Eclesiastica, Tomo II, Lisboa, 1957, pp.7-49; “O culto mariano em Portugal e, sobretudo, em Braga, Coimbra e Lisboa, nos sécs. XII a XV”, in *Actas do XIV Congresso Mariano Internacional*, (De cultu Mariano saeculis XII-XV, Acta Congressis Mariologici-Mariani Internationalis, Romae Anno 1975 Celebrati), Vol. III (De cultu Mariano in Nationibus et in Ordinibus Religiosis), Roma, Pontificia Academia Mariana Internacional, 1979, pp. 301-344. Neste último o Autor apresenta vários calendários litúrgicos medievais referentes à celebração da Virgem Maria (pp. 321-328).

<sup>66</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Porto-Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1971, p.95.

<sup>67</sup> *Idem, Ibidem*, vol. IV, 1971, pp.94,114.

mil libras, com S. Salvador de Grijó a encabeçar, de forma inequívoca, a listagem dos mosteiros regrantes nortenhos com mais rendimentos aplicando-se-lhe o valor de 3000 libras<sup>68</sup>. Perante tal panorama, e à luz desses indicadores, seria admissível que a situação económica tivesse reflexos directos ao nível da constituição das comunidades, o que, como adiante veremos, parece não se verificar.

---

<sup>68</sup> *Idem, Ibidem*, vol. IV, pp. 93, 96, 103 e 108.

**Taxas aplicadas aos mosteiros Agostinhos segundo o catálogo de 1320-1321<sup>69</sup>**

| <b>Mosteiro</b>                  | <b>Actual concelho</b> | <b>Circunscrição em 1320</b>     | <b>Taxação (libras)</b> |
|----------------------------------|------------------------|----------------------------------|-------------------------|
| Santa Maria de Cárquere          | Resende                | Bispado de Lamego                | 900                     |
| Santa Maria de Landim            | Vila Nova de Famalicão | Terra de Vermoim e de Susão      | 1435                    |
| Santa Maria de Oliveira          | Vila Nova de Famalicão | Terra de Vermoim e de Susão      | 500                     |
| Santa Maria de Refóios de Lima   | Ponte de Lima          | Arcediagado de Labruja           | 700                     |
| Santa Maria de Vila Boa do Bispo | Marco de Canaveses     | Terra de Gouveia e de “Benviver” | 1500                    |
| Santa Maria de Vila Nova de Muia | Ponte da Barca         | Terra de “Anóbrega”              | 700                     |
| Santa Marinha da Costa           | Guimarães              | Terra de Guimarães               | 1000                    |
| Santo André de Ancede            | Baião                  | Terra de Baião                   | 550                     |
| Santo Estêvão de Vilela          | Paredes                | Terra de Aguiar                  | 150                     |
| São Silvestre de Requião         | Vila Nova de Famalicão | Terra de Vermoim e de Susão      | 300                     |
| São João de Longos Vales         | Monção                 | Arcediagado de Cerveira          | 100                     |
| São Martinho de Caramos          | Felgueiras             | Terra de Sousa                   | 500                     |
| São Martinho de Crasto           | Ponte da Barca         | Terra de “Anóbrega”              | 500                     |
| São Martinho de Mancelos         | Amarante               | Terra de Sousa                   | 600                     |
| São Miguel de Vilarinho          | Santo Tirso            | Terra de Negrelos                | 250                     |
| São Pedro de Roriz               | Santo Tirso            | Terra de Negrelos                | 600                     |
| São Salvador de Banho            | Barcelos               | Terra de Aguiar de Neiva         | 350                     |
| São Salvador de Bravães          | Ponte da Barca         | Terra de “Anóbrega”              | 300                     |
| São Salvador de Freixo           | Amarante               | Terra de Sousa                   | 400                     |
| São Salvador de Grijó            | Vila Nova de Gaia      | Terra da Ordem de Cristo         | 3000                    |
| São Salvador de Lordelo          | Paredes                | Terra de Aguiar                  | 60                      |
| São Salvador de Moreira da Maia  | Maia                   | Terra da Maia                    | 170                     |
| São Salvador de Paderne          | Melgaço                | Terra de Valadares               | 500                     |
| São Salvador de Valdreu          | Vila Verde             | Terra do Deado                   | 430                     |
| São Salvador do Souto            | Guimarães              | Terra de Guimarães               | 300                     |
| São Simão da Junqueira           | Vila do Conde          | Terra de Vermoim e de Susão      | 400                     |
| São Torcato                      | Guimarães              | Terra de Guimarães               | 300                     |

<sup>69</sup> Os elementos constantes nesta listagem foram recolhidos do catálogo publicado por Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, pp.90-143. Tendo em conta que a fonte utilizada é a mesma não se justifica aqui a indicação concreta da fonte, o que levaria a uma repetição constante e inusitada, por isso a referência bibliográfica concreta a cada um dos elementos específicos do quadro far-se-á quando se tratar individualmente cada instituição. O critério de ordenação aqui utilizado é o alfabético.

### **1.3. A fase de declínio (Sécs. XV-XVI)**

E se as questões económicas eram um forte entrave à boa gestão e funcionamento das instituições monásticas, muitos outros problemas as afectavam, sobretudo as questões de cariz espiritual e disciplinar, o que motivava a intervenção dos superiores das comunidades, dos bispos e até do próprio pontífice.

Uma dessas intervenções foi protagonizada, ainda na primeira metade do séc. XIV, pelo papa Bento XII (1335-1342) que, entre 1335 e 1339, levou a cabo uma ampla reforma das comunidades monásticas, com os cónegos regrantes de Santo Agostinho a serem também abrangidos<sup>70</sup>. Em 1339, o papa incumbiu D. Francisco, prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de iniciar a reforma dos agostinhos em Portugal, celebrando-se no ano seguinte, em Bragança o capítulo geral da Ordem<sup>71</sup>.

Esta reforma, ou melhor esta tentativa de reforma, todavia, parece não ter tido impacto visível nas canónicas portuguesas.

E, de resto, a situação repetir-se-ia pouco mais de um século depois. Uma bula do papa Nicolau V, datada de 28 de Junho de 1452, autorizava o prior de Santa Cruz de Coimbra, D. Gomes, a iniciar a reforma dos mosteiros agostinhos em Portugal<sup>72</sup>. Mas mais uma vez a reforma parece não ter reflexos visíveis, ao contrário do que sucedeu com institutos de outras ordens, caso do mosteiro beneditino de Paço de Sousa onde o abade Fr. João Álvares, incumbido pelo bispo do Porto, D. Luís Pires (1453-1464) efectuou uma profunda reformação<sup>73</sup>, numa altura em que esse cenóbio enfrentava diversos problemas de relaxação, e que são enunciados na sua carta pastoral de 24 de Dezembro de 1467<sup>74</sup>.

Por esta mesma época, também, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra (1416-1467) ia tentando alterar o panorama vivido pelos mosteiros bracarenses,

---

<sup>70</sup> Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, 1987, p.386.

<sup>71</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XXI, pp. 239-240; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Barcelos, Portucalense Editora, 1967, p.329. Esta tentativa reformista dos cónegos regrantes pelo papa Bento XII e o Capítulo Provincial de Bragança encontram-se devidamente explanados na obra de Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, sobretudo pp. 499-510.

<sup>72</sup> Costa, António Domingues de Sousa, “D. Gomes, reformador da abadia de Florença, e as tentativas de reforma dos mosteiros portugueses no século XV”, in *Studia Monástica*, Vol.V-Fasc.1, Abadia de Montserrat, 1963, p.155. Esta bula encontra-se publicada no *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 152-155, neste caso inserida ou trasladada numa outra bula de Leão X.

<sup>73</sup> Ribeiro, João Pedro, *Reflexões Históricas*, Parte I, 1835, p.69; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)* Tomo I – Vol. II, Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos - Universidade de Coimbra, 1960, p.96.

<sup>74</sup> Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo I, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Lisboa, 1810, pp.358-359. Esta questão é sobretudo abordada na Carta II, às páginas referidas, mas o Autor publica as três cartas pastorais de Frei João Álvares (pp.352-357).

enveredando, no entanto, mais por uma reestruturação da orgânica diocesana do que propriamente pela reforma das instituições<sup>75</sup>, transformando em igrejas paroquiais os mosteiros que não tinham condições de sobrevivência, ou anexando algumas igrejas a outros no sentido de lhes proporcionar mais réditos. Assim, no século XV, durante o seu governo, e no que respeita aos mosteiros regantes da diocese de Braga, foram extintos e convertidos em igrejas paroquiais os mosteiros de S. Salvador de Banho, Bravães, Requião, Souto e S. Torcato<sup>76</sup>. Idêntico destino teve o mosteiro de Lordelo na diocese do Porto<sup>77</sup>.

E se é inquestionável que as dificuldades económicas foram a causa directa, ou pelo menos, o germe para o descalabro destas instituições monásticas, outros factores houve, que contribuíram decisivamente, quer interligados quer isoladamente, para tal desfecho. É óbvio que não nos podemos esquecer que o contexto económico, político e social, com todas as suas evoluções e clivagens sentidas ao longo dos tempos, influenciou sobremaneira a vida destas instituições mas há outros factores decisivos que emergem da conjuntura.

Essas causas, na sua generalidade, foram já exemplarmente estudadas por José Marques pelo que procuraremos não nos determos excessivamente nelas, ainda que nalguns casos teremos que fazer crescer ao texto prole maior que a sua enunciação:

### **1.3.1. - Abusos e violências de padroeiros e poderosos:**

Este é um problema constante e de grande transversalidade que atinge a generalidade das instituições monásticas ao longo dos sécs. XIV e XV, embora com menor incidência na segunda metade deste último. Além das pilhagens, roubos e usurpação de propriedades ainda tinham uma série de obrigações inerentes aos direitos

---

<sup>75</sup> Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso ...*, Tomo I – Vol. II, 1960, p.96. Apesar de esta ser uma realidade, como nota Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.737, houve várias situações em que D. Fernando da Guerra persistiu em manter as comunidades, extinguindo-as apenas quando não havia possibilidades de sobrevivência, como é o caso de S. Torcato.

<sup>76</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Braga, Arquidiocese de”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.3, Fasc. 27, dir. de Fernando Jasmins Pereira (planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, p.152. Estes mesmos mosteiros são também identificados por José Marques que os retrata individualmente (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.722-737). Os Autores indicam também a extinção do mosteiro de Rio Mau, mas como já foi referido anteriormente, e quanto a nós, já não era mosteiro neste período. Nessa listagem aparece também integrado o mosteiro de Freixo mas este haveria de conseguir sobreviver ao século XV.

<sup>77</sup> Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da cidade do Porto (Fastos Episcopales e Politicos) Séc. VI-Sec. XX*, Tomo II, Braga, Cruz & Companhia-Editores, 1924, p.53 (nota 1).

patronais para com os naturais e padroeiros e que se iam multiplicando à medida que as gerações de padroeiros iam avançando<sup>78</sup>.

Algumas dessas listagens de padroeiros, herdeiros e naturais de mosteiros regrantes são conhecidas, casos de Grijó, Mancelos, Moreira, Caramos e S. Simão da Junqueira<sup>79</sup>. Houve mosteiros que chegaram a ter centenas de pessoas a reclamarem direitos de comedoria, cavalaria e casamento<sup>80</sup>, situação que se tornou insustentável e que levou à necessidade de impor limites e regras face ao esbulhamento a que as instituições eram sujeitas.

O apelo ao monarca foi por isso a solução encontrada pela generalidade, conhecendo-se, no seguimento dessas solicitações a intervenção régia em relação aos mosteiros de Moreira e Grijó.

Assim, a 27 de Maio de 1363, D. Pedro ordenou aos juizes da Maia que não consentissem que os padroeiros e naturais penhorassem e tomassem para si os direitos, comedorias e coisas do mosteiro de Moreira<sup>81</sup>. Situação idêntica sucedeu em Grijó, com o rei a ordenar ao corregedor da Estremadura que se deslocasse ao mosteiro e aí apurasse os direitos devidos a esses padroeiros e naturais<sup>82</sup>, acabando D. Pedro, a 6 de Maio de 1365, e na sequência da solicitação do prior D. Afonso Esteves, por isentar o mosteiro de aposentar e dar comida aos naturais, substituindo tais obrigações por pensões monetárias<sup>83</sup>.

---

<sup>78</sup> Sobre o regime de padroado veja-se São Payo, Luiz de Mello Vaz de, “Les établissements religieux portugais et la généalogie médiévale”, in Actas do 17º Congresso Internacional das Ciências Genealógica e Heráldica (Genealogica & Heraldica – Lisboa, 7 a 13 de Novembro de 1986), Lisboa, Instituto Português de Heráldica, 1989, sobretudo pp. 247-252.

<sup>79</sup> Pizarro, José Augusto P. de Sotto Mayor, *Os patronos do Mosteiro de Grijó (evolução e estruturação da família nobre séculos XI a XIV)*, Ponte de Lima, Edições Carvalho de Basto, 1995; Alarcão, Jorge de; Amaral, Luís Carlos, *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV) – Mosteiro de São Salvador de Grijó*, Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, Câmara de Vila Nova de Gaia, 1986; São Payo, Luiz de Mello Vaz de, “Os Naturais (Séc. XIII e XIV)”, in Raízes e Memórias, Nº 1, Julho de 1987, Associação Portuguesa de Genealogia, pp. 45-71; Fernandes, Maurício Antonino, *Felgueiras de ontem e de hoje*, Felgueiras, Câmara Municipal de Felgueiras, 1989; Freitas, Eugénio de André da Cunha e, “O mosteiro de S. Simão da Junqueira: Padroeiros, herdeiros e naturais. Uma nota à margem do Livro de Linhagens do Conde D. Pedro: da verdadeira origem dos de Cunha”, in *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Braga, Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia de Braga/ Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, Vol. I, pp. 679-688.

<sup>80</sup> Castro, Armando de, “Padroados” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, dir. de Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, Porto, s/d, p.511; Torres, Ruy d’Abreu, “Padroeiros” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, dir. de Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, Porto, s/d, pp.511-512.

<sup>81</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 12, n.6.

<sup>82</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993, p.60; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. III, p.285.

<sup>83</sup> Alarcão, Jorge, “Tombo do Prior D. Afonso Esteves”, in *Revista Portuguesa de História*, Tomo IX, vol.I, 1964, F.L.U.C., pp. 118-119; Pizarro, José Augusto P. de Sotto Mayor, *Os patronos do Mosteiro de*



As questões dos abusos por parte dos padroeiros serão levadas às Cortes do Porto, de 1372, ordenando o rei que se cumprisse o já definido pelos seus antecessores, ou seja a obrigatoriedade de cada fidalgo apresentar os direitos que possuía no respectivo mosteiro ou igreja, o número de pessoas que podia levar e o mantimento que lhe deveria ser entregue. Destes capítulos, o monarca ordenou que se entregassem cartas aos mosteiros de Vila Boa, Landim, Cárquere e Sátão, portanto todos eles, à excepção deste último, de cónegos regrantes<sup>84</sup>.

Esta mesma questão voltaria, pouco tempo depois, a ser levada às Cortes de Évora de 1391<sup>85</sup>. De resto, já no início do ano anterior, mais concretamente a 15 de Janeiro de 1390, D. João I, na sequência das queixas apresentadas pelo prior do mosteiro de Vilela contra alguns fidalgos e poderosos que pousavam no cenóbio e no seu couto e lhe roubavam alimentos e palha, ordenava às justiças que protegessem este instituto<sup>86</sup>.

Quanto aos abusos sem encapotamento legal perpetrados por poderosos nos mosteiros ou nos seus bens, o caso mais emblemático é talvez o de Grijó, situação a que também não é alheia a sua extensão patrimonial, por isso, pelo menos teoricamente, mais exposto ao suscitar de conflitos. As intromissões dos poderosos nas suas terras e igrejas eram frequentes, abundando entre a sua documentação instrumentos que testemunham conflitos e acordos com nobres locais, sobretudo do amplo território da Feira, como são exemplos os registados em 1332 e 1343 com o cavaleiro Gonçalo Anes de Guim<sup>87</sup>, em 1363 com o escudeiro Lourenço Martins do Avelal<sup>88</sup> ou em 1467 com o cavaleiro Luís Coelho<sup>89</sup>.

Essas constantes violações dos direitos, privilégios e bens monásticos vão levar à intervenção do arcebispo de Braga que, no sínodo diocesano de 2 de Abril de 1402,

---

*Grijó ...*”, 1995, pp.23,101; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. III, pp.285-286.

<sup>84</sup> *Cortes portuguesas: reinado de D. Fernando I (1367-1383)*, Vol. I, organização de A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, p.119. Também Branco, Manuel Bernardes, *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, Vol. III, Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888, p.525, faz referência às queixas que os prelados do Entre Douro e Minho apresentaram ao rei D. Fernando.

<sup>85</sup> Ferreira, José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (séc. III- séc. XX)*, Tomo II, Famalicão, Edição da Mitra Bracarense, 1930, p.242; Sousa, Armindo de, *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, vol. II, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de História da Universidade do Porto, 1990, p.240.

<sup>86</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo I, 2005, p.32; Marques, José, *O estado dos mosteiros beneditinos da Arquidiocese de Braga, no século XV*, 1981, p.14; *Idem*, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, 1997, p.196.

<sup>87</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.55vº-62vº.

<sup>88</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.48-48vº.

<sup>89</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.49-52vº.

promulga uma constituição, surgida no seguimento de letras apostólicas sobre a matéria, que punia os fidalgos e todos os poderosos que abusivamente, e por vezes de forma violenta, entravam e pousavam nos mosteiros e igrejas, proibindo também os abades e priores de os albergarem a eles e aos seus animais<sup>90</sup>. O certo é que a execução prática destas medidas, quer da legislação régia quer da eclesiástica, revelava-se inócua, pelo que as denúncias, os abusos e as querelas persistiam.

Também os mosteiros da bacia do Lima apresentam queixas ao rei contra abusos de fidalgos como revelam instrumentos respeitantes a Vila Nova de Muia, de 5 de Outubro de 1398 e 11 de Janeiro de 1404, com D. João I a intervir e a ordenar às justiças para agirem em conformidade e zelarem pelo mosteiro, fazendo-lhe restituir os bens usurpados<sup>91</sup>. Na dobragem da primeira para a segunda metade do séc. XV há um novo agravar da violência nesta instituição, envolvendo inclusivamente oficiais régios, e as conseqüentes queixas do prior para Afonso V, registando-se a pronta intervenção do monarca em 1450 e 1452<sup>92</sup>. Cenário ainda mais negro foi o vivido pelo cenóbio de S. Martinho de Crasto que por finais de 1435 ou inícios de 1436 foi atacado por diversos indivíduos, que derrubaram e queimaram portas, saquearam o mosteiro e tentaram assassinar o prior<sup>93</sup>.

Este género de conflitos parece abrandar na última metade da centúria de quatrocentos, situação a que certamente não será alheio o processo expansionista com muitos nobres a focalizarem-se em território extra-nacional. Apesar de diminuírem, o seu grau de violência não é aligeirado, como revela a contenda entre o prior de Ancede e os senhores de Baião, mormente João Fernandes de Sousa ao qual nem a intervenção régia, de 9 de Fevereiro de 1480, conseguiu pôr cobro<sup>94</sup>.

---

<sup>90</sup> *Synodicon Hispanum, II-Portugal*, dirigido por Francisco Cantelar Rodriguez, Avelino de Jesus da Costa, Antonio Garcia y Garcia, António Gutierrez Rodriguez, Isaías da Rosa Pereira, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, pp.62-64; Marques, José, *O estado dos mosteiros beneditinos da Arquidiocese de Braga, no século XV*, 1981, pp.90-92. Nas pp. 12-17 deste mesmo estudo o professor José Marques aborda a questão dos abusos e violências nos mosteiros da diocese de Braga.

<sup>91</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, pp.73-74, 295-296.

<sup>92</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.743; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, pp.314-315.

<sup>93</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 2, fl.116vº; Livro 23, fls.77-77vº; *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479 (Arquivos de Lisboa)*, coordenação de Amélia Aguiar Andrade e Luís Krus; transcrições de Filipa Silva e João Luís Fontes, Edição da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2001, pp.171-172, 173-174 (Docs. 116, 118).

<sup>94</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 32, fl.11vº; IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

### **1.3.2. - Inexistência de uma estrutura aglutinante e priorados vitalícios:**

O facto de os mosteiros de cónegos regrantes terem sido geridos, até à instituição da Congregação de Santa Cruz, de forma autónoma e sem uma estrutura aglomeradora tornou-os mais vulneráveis e fragilizou-os muitas vezes<sup>95</sup>, deixando-os desamparados em situações de privação. Convém dizer que muitos dos casos de penúria e carestia extrema a que chegavam alguns institutos derivavam, maioritariamente, da incapacidade dos seus priores em gerirem correctamente os mosteiros, com a agravante, nestas situações, de estarmos perante cargos vitalícios<sup>96</sup>. E se perante a ocorrência de gestões ruins é indiscutível que a perpetuidade do cargo se revelava um problema, não nos parece também que se possa estabelecer qualquer tipo de correlação entre o grau de eficiência administrativa e o tipo ou durabilidade dos priorados, pelo que esta questão dos priores vitalícios tem de ser devidamente enquadrada e analisada caso a caso, até porque, argumentativamente, também se pode contrapor com as vantagens e benefícios que uma boa gestão de um prior perpétuo trazia à instituição. De qualquer modo a questão da perenidade do cargo prioral parece-nos secundária até porque eles eram, geralmente, eleitos pelo convento e normalmente pessoas de grande experiência, com um trajecto interno que lhes permitia chegar ao priorado sem sobressaltos e com um amplo conhecimento no que concerne à vida administrativa e orgânica da instituição.

Não nos podemos esquecer que muitos deles, antes de atingirem a cúpula hierárquica, além de serem religiosos da instituição, passam pelo cargo de prior claustral, de que podemos tomar como exemplo Martim Peres, João Martins e Domingos Anes, três priores de Moreira da Maia no século XIV, ou D. João Anes e D. João Pires em Grijó, ou ainda Rodrigo Durães em Refoios de Lima<sup>97</sup>.

Um outro aspecto relevante em muitos dos indivíduos em que se verifica a ascensão hierárquica nas comunidades é o facto desses religiosos adquirirem alguma preparação prática de gestão uma vez que aparecem frequentemente como procuradores dos mosteiros. É certo que nalguns casos a recorrente má gestão de um prior e a sua persistência em permanecer no cargo poderiam arruinar uma instituição. De qualquer modo, esses casos extremos só ocorriam se os cónegos revelassem passividade, porque quando as comunidades se mostravam fortes e tinham um prior claustral determinado e interventivo, essas situações dificilmente se verificavam, além de que os priores poderiam resignar voluntariamente ou serem forçados a resignar.

---

<sup>95</sup> Marques, José, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, 1997, p.199.

<sup>96</sup> *Idem, Ibidem*, p.199.

<sup>97</sup> Sobre estes priores consulte-se as respectivas biografias.

A este nível a questão mais sensível prende-se com a imposição de priores externos à comunidade mas mesmo nessas situações, e se o indigitado não fosse do agrado dos conventos, esses tomavam posição de força como é exemplo o mosteiro de S. Vicente de Fora<sup>98</sup>. O regime dos priorados vitalícios vai perdurar até ao séc. XVI, alterando-se com a instituição da Congregação de Santa Cruz, estabelecendo-se então um organograma diferente com a obediência a um prior geral, que é o prior de Santa Cruz de Coimbra, e com os priores de cada mosteiro, até aí perpétuos, a passarem a trienais<sup>99</sup>.

### **1.3.3. - O absentismo, os comendatários e a acumulação de benefícios**

Sabe-se que era natural os priores ausentarem-se, por diversos motivos, das suas casas religiosas, quer por necessidade, quer por iniciativa pessoal ou no cumprimento dos interesses institucionais<sup>100</sup>. Mas havia priores que viviam fora do mosteiro como é exemplo D. Afonso Lourenço, detentor do priorado de S. Salvador de Souto a partir do final da segunda década do séc. XV e pelo menos até grande parte da década de trinta, que residia em Guimarães<sup>101</sup>. Estas situações, apesar de pouco frequentes, já ocorrem entre os priores vitalícios, mas com a chegada dos comendatários vão tomar outras proporções, sendo vários os casos de comendatários que viviam ausentes dos mosteiros, ou passavam largas temporadas afastados dos cenóbios que titulavam. Um exemplo é o do prior de Cárquere, D. Diogo Coelho, que a 7 de Maio de 1498 efectuou emprazamentos na cidade de Lamego “nas pousadas do dito Senhor prior”<sup>102</sup> e a 8 de Setembro de 1498 são feitos novos instrumentos de cariz enfitêutico, em Lamego, “nas cassas homde ho dicto Senhor prior poussa”<sup>103</sup>. A 3 de Junho de 1513 João Fernandes Farto, prior do mosteiro de Roriz e administrador perpétuo do de Vilarinho encontrava-

---

<sup>98</sup> O mosteiro de S. Vicente de Fora rejeitou dois priores no final do séc. XIV e início do XV, o primeiro D. João Esteves, antigo prior do mosteiro de S. Martinho de Caramos e depois um prior proveniente de S. Jorge de Coimbra (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, Tomo III, 1960, pp.132-133; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.906).

<sup>99</sup> *Histoire du clergé seculier et regulier, Des Congregations de Chanoines & de Clercs, & des Ordres Religieux de l'un & de l'autre sexe, qui ont été établis jusques à present...*, Nouvelle edition, Tome Premier, A Amsterdam chez Pierre Brunel, 1716, p.251; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, Tomo I, 1955, p.103; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso ...*, Tomo I, – Vol. II, 1960, p.110.

<sup>100</sup> Este assunto será retomado e devidamente tratado no capítulo dedicado à mobilidade dos religiosos, pelo que não teceremos aqui quaisquer desenvolvimentos sobre esta matéria.

<sup>101</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.77; Cruz, António, “O mosteiro de Souto. Um cenóbio medieval de Guimarães ao serviço da terra e do homem”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Vol. III, 1981, p.102.

<sup>102</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°92.

<sup>103</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°98.

se nas suas casas da rua do Souto, na cidade do Porto onde efectua um contrato referente ao mosteiro<sup>104</sup>. Nesta mesma cidade também se encontrava, a 24 de Janeiro de 1433, o comendatário de Ancede, D. Manuel de Sousa, nas suas casas, na Rua Nova de Santa Catarina das Flores, onde também efectuou um emprazamento respeitante ao mosteiro<sup>105</sup>. Esse afastamento dos titulares em relação aos mosteiros que administravam acabavam por gerar situações extremas como a verificada em 1429 com João de Figueiredo, que tinha feito um contrato de emprazamento com o mosteiro de Roriz, deslocando-se a Lisboa, às casas de morada de Álvaro Ferreira que “stava ministrador do dicto moesteiro” para que este lhe validasse o emprazamento<sup>106</sup>.

Assim, tratando-se, maioritariamente, de indivíduos externos às comunidades é natural que a sua presença nos mosteiros não fosse assídua, além de haver uma outra questão que poderá interferir decisivamente no relacionamento entre o convento e o comendatário que se prende com a sua aceitação por parte das próprias comunidades. Existem mesmo comendatários que se encontravam ausentes do reino como são os casos de D. Pedro da Costa<sup>107</sup>, comendatário de Moreira da Maia e Santa Maria de Oliveira, e D. Miguel da Silva, detentor, entre outras da comenda de Landim, o primeiro em Castela, o segundo em Roma.

Um outro motivo que justifica e potencia essa ausência é a questão da acumulação de comendas, situação que por si só já impulsionava e implicava esse afastamento físico. Neste particular destacam-se como expoentes máximos do acumulado de comendas D. Jorge da Costa<sup>108</sup> e o cardeal D. Henrique, detentores de diversos priorados e abadias em sistema de comenda. Até ao último quartel do séc. XV esta situação, não sendo inédita, é relativamente esporádica. Podemos, aliás, ilustrá-la com o caso de D. João Álvares I, prior dos mosteiros de Grijó e Roriz. Já a partir do último quartel de Quatrocentos e início do séc. XVI, a referida acumulação de comendas torna-se extremamente comum, sendo demonstrativo o caso das canónicas do

---

<sup>104</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.3; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa – Da Produção Primitiva ao Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, p.301.

<sup>105</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo: questões entre o Porto e o mosteiro de Ancede relativas à venda de vinhos na Idade Média”, in *Douro: Estudos & Documentos*, Vol. 3, Nº5, Porto, Edição do GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), 1998, pp.84-87 (Doc.9).

<sup>106</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº24.

<sup>107</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, p.75.

<sup>108</sup> Pereira, Isaiás da Rosa, “A vida do clero e o ensino da doutrina cristã através dos Sinodos medievais portugueses (séculos XIII-XV)”, in *Lusitania Sacra*, Tomo X, Lisboa, 1978, p.115.

Vale do Lima, com S. Martinho de Crasto, Vila Nova de Muía e Refóios de Lima a serem geridas pelo mesmo comendatário<sup>109</sup>.

Esta questão da sobreposição e acumulação de benefícios eclesiásticos seria, de resto, uma das que mais contribuiriam para a crise espiritual dos finais do séc. XV e inícios do XVI<sup>110</sup>. À semelhança do que sucedia com os beneditinos “que quando veio o anno de Christo de 1500, já todos os mosteyros de São Bento de Portugal que não erao extinctos estavam em poder dos commendatarios, que ordinariamente tratavão mais de si que do espirital, & temporal dos mosteyros”<sup>111</sup>, também as canónicas regrantes estavam entregues aos comendatários, cuja acção, em grande parte dos casos, se revelaria danosa para as instituições tanto económica como espiritualmente<sup>112</sup>.

A proliferação dos priores comendatários acentua-se na segunda metade do séc. XV e desde logo surgem abusos perpetrados por alguns deles, o que leva D. Afonso V a solicitar a intervenção papal, tendo Nicolau V, por bula datada de 12 de Junho de 1452, proibido a entrega dos mosteiros beneditinos e agostinhos a comendatários destruidores, devendo ser antes entregues a pessoas sábias e que tenham professado nessas ordens<sup>113</sup>.

O certo é que na generalidade dos casos tal não se verificou, apesar de ser conhecido o episódio do mosteiro regrante de S. Vicente de Fora onde os seus cónegos escudados nesta bula recusaram, em 1465, obediência ao comendatário D. Nuno de Aguiar, vendo-se este forçado a professar para assumir o cargo<sup>114</sup>. A partir, sobretudo, do primeiro quartel do século XVI assiste-se a um processo de esbulhamento ainda mais

---

<sup>109</sup> Sobre estes priores e as suas gestões consulte-se as respectivas entradas biográficas que lhes são dedicadas.

<sup>110</sup> Pereira, Isaiás da Rosa, “A vida do clero ...”, 1978, p.115.

<sup>111</sup> S. Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, Tomo II, notas críticas de José Mattoso, IN-CM, Lisboa, 1974, p.411.

<sup>112</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, edição revista e actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, p.156; Macedo, José Adílio Barbosa, *O clero e a sua formação – De Jesus ao concílio de Trento*, Edição do Autor, Braga, 1997, p.76.

<sup>113</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, pp. 304-305. Mais de um século depois esta mesma questão continuava premente, é que em Setembro de 1561, com o falecimento do comendatário D. António da Silva, que trazia do cardeal Farnese, em sistema de arrendamento, os mosteiros de Landim e Santo Tirso, o rei pretendia que o papa lhe concedesse os dois mosteiros para aí colocar pessoas da sua confiança, entregando a resolução desse negócio a António Martins, representante do cardeal D. Henrique em Roma, para que este pudesse tratar do assunto em virtude de o embaixador Lourenço Pires de Távora se ir ausentar de Roma. A resposta de D. António Martins é extremamente curiosa e muito realista aconselhando-o rei a não dar o mosteiro em comenda, sobretudo a cardeais, que antes deixasse que fossem os religiosos de cada uma das instituições a eleger o seu superior para governar o mosteiro, pedindo a respectiva confirmação ao papa, aconselhando-o também e deixar essa questão para quando o Concílio estivesse terminado, e entretanto com a própria autorização régia esses mosteiros iam-se reformando e passavam a ter abades e priores trienais, solucionando-se assim toda a questão (cf. *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.339, 378).

<sup>114</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.523.

intenso preconizado por alguns dos mais altos dignitários da Igreja com o aval e a conivência da própria Santa Sé, com uma grande parte dos cardeais a deterem em comenda vários mosteiros, como é exemplo o cardeal Alexandre Farnese, detentor de Landim, Santo Tirso e S. Pedro das Águias. O problema é que os próprios pontífices acabavam por ficar reféns dessas situações e é curiosa a argumentação do papa Paulo III (1534-1549) na justificação dada, em 1546, para recusar a união do mosteiro de S. João de Longos Vales ao Colégio Jesuíta de Coimbra, afirmando que não podia prescindir dessas rendas porque a Santa Sé estava tão depauperada de rendimentos que já “nam tinha que dar aos cardeaes que morriam de fome”<sup>115</sup>.

Convém também salientar que apesar da imagem negativa que ao longo dos tempos foi perpassando, e de haver múltiplos exemplos de administrações ruinosas por parte dos comendatários, não se pode generalizar de forma simplista a sua acção, até porque há governos e gestões que foram modelares<sup>116</sup>. E se é indiscutível que a generalidade dos mosteiros regantes definharam ou desapareceram por falta de recursos económicos, ou gestões danosas, essas más gestões tanto são imputáveis aos priores vitalícios como aos comendatários e não nos podemos esquecer dos inúmeros mosteiros que foram extintos em meados do séc. XV, numa altura em que grande parte destes institutos ainda não tinha experimentado esse modelo administrativo.

#### **1.3.4. - As ingerências da Coroa**

A interferência da Coroa na vida das diversas instituições monásticas faz-se sentir de diferentes formas, desde logo através da escolha dos titulares para os mosteiros do padroado régio, seja através da nomeação ou indicação de indivíduos para esses cargos, seja pela simples confirmação da eleição dos nomes apresentados pelas comunidades conventuais, podendo o monarca, inclusivamente, exonerar um prior<sup>117</sup>. E se estas competências se integram no regime de padroado e podem ser consideradas perfeitamente naturais, o mesmo já não sucede com a nomeação ou a imposição de

---

<sup>115</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VI, 1884, pp.24-25.

<sup>116</sup> Já Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp.68-69, chama a atenção para esta questão, apresentando aí inclusivamente o exemplo das boas gestões de André Dias de Escobar, em Rendufe, e João Álvares, em Paço de Sousa, de resto o cronista beneditino Frei Leão de São Tomás reconhece a acção meritória deste comendatário ao dizer: “No anno pois de 1461 entrou por Abbade Commendatario hum por nome Dom João Alvares, o qual teve tanto zelo do bom governo do seu Mosteyro, & de seus subditos, que fez huas Constituições muyto bem ordenadas pera o espiritual, & temporal...” (cf. São Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, notas críticas de José Mattoso, Tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, p.265).

<sup>117</sup> Ventura, Margarida Garcez, *Igreja e poder no séc. XV: Dinastia de Avis e liberdades eclesiásticas (1383-1450)*, Lisboa, Edições Colibri, 1997, pp.187-199.

comendatários e apaniguados para as comendas dos mosteiros quando estes passaram a ser geridos por priores comendatários, sem qualquer distinção entre aqueles que eram do padroado régio e os restantes.

Uma outra forma de interferência e que acaba por ter um forte impacto na vida das comunidades são os impostos de guerra ou para alimentar a guerra como aconteceu em 1320 e como sucederia novamente na segunda década do séc. XVI, só que desta feita muito mais restritivos em termos de tributados, mas detalhemos:

A 12 de Março de 1514 chegava a Roma a faustosa e exótica embaixada enviada por D. Manuel ao papa, encabeçada pelos embaixadores Tristão da Cunha, Diogo Pacheco e João de Faria, cujo grande objectivo seria coroado de sucesso, ao conseguir que Leão X (1513-1521) concedesse “as têrças e dizimas das rendas assinadas ao sustento dos clérigos e culto divino para as despesas da guerra que mantinha na mourama; converter em comendas boa quantia de igrejas e ainda as rendas de alguns mosteiros em utilidade dos cavaleiros das ordens militares; enviar bulas de perdões para os que quisessem ajudar com dinheiro a guerra de África”<sup>118</sup>.

Estas benesses para alimentar o espírito cruzadístico de D. Manuel, rei e mestre da Ordem de Cristo, foram oficializadas com a Bula “Redemptor Noster”<sup>119</sup>, de 29 de Abril de 1514, com Leão X a dar assim autorização para que o monarca português pudesse tirar de alguns mosteiros e igrejas vinte mil cruzados de renda, para com eles criar novas comendas da Ordem de Cristo<sup>120</sup>. Foi nomeado executor da bula o núncio António Puccio com o processo a desencadear-se com grande celeridade<sup>121</sup>. Dos cerca de 60 mosteiros contemplados praticamente metade eram dos cónegos regrantes de

---

<sup>118</sup> Osório, D. Jerónimo, *Da vida e feitos de el-rei D. Manuel*, Vol. II, edição prefaciada e actualizada por Joaquim Ferreira, Porto, Livraria Civilização - Editora, 1944, pp.127-130 (citação textual extraída da p.130).

<sup>119</sup> Esta bula encontra-se publicada por Sousa, D. António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo II, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1742, pp.264-270; *As gavetas da Torre do Tombo*, Vol. II, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, pp. 472-478.

<sup>120</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal se usaram e que hoje regularmente se ignoram...*, edição crítica por Mário Fiúza, Vol.2, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966, p.174; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, nova edição preparada e dirigida por Damiano Peres, Porto-Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1968, p.114; Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol.II, Porto/Arouca, 2002, p.48.

<sup>121</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “A Igreja e a Ordem de Cristo no primeiro quartel do séc. XVI: a criação das comendas novas”, in *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, vol.2, Porto, 2006, p.255. O executorial encontra-se publicado em *As gavetas da Torre do Tombo*, Vol. II, 1962, pp. 449-459



Santo Agostinho, e à excepção de Santa Cruz de Coimbra, todos os outros que mantinham comunidades foram abarcados, situação extensível a alguns que entretanto tinham sido convertidos em igrejas paroquiais e que também surgem integrados na listagem dos contribuintes<sup>122</sup>.

Em 1515, e dando sequência natural ao processo, D. Manuel constituiu emissários para visitar e aplicar as taxas aos mosteiros que integravam esse rol de fontes de receita, iniciando-se a recolha em S. Martinho de Crasto a 7 de Maio de 1515<sup>123</sup>, função a cargo de Rui Fernandes, corregedor de Entre Douro e Minho, e Marçal Vasques, clérigo de Braga e notário público por autoridade apostólica, os dois delegados régios responsáveis pela aplicação da taxa aos mosteiros do Entre Douro e Minho<sup>124</sup>. Alguns mosteiros não aceitaram de ânimo leve tal tributo, protestando, como são os casos dos regrantes de Landim, Refóios de Lima, Vilela, Santa Maria de Oliveira e Santa Marinha da Costa<sup>125</sup>.

No compulsar de todo este processo concluiu-se facilmente que os mosteiros de cônegos regrantes foram os mais afectados, de qualquer modo, uma bula de Leão X, de 15 de Junho de 1517, e por solicitação de D. Manuel, viria a revogar e anular a taxa aplicada aos rendimentos dos mosteiros, passando tais réditos a recair sobre igrejas paroquiais<sup>126</sup>, com a indicação de ressarcimento das quantias cobradas aos mosteiros<sup>127</sup>, devolução que não sabemos se chegou a acontecer.

---

<sup>122</sup> A listagem dos mosteiros encontra-se publicada por Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, vol. 2, 1966, pp.174-175 (nota 1); Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, pp.114-115 (nota 4). Também Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, pp.62-65, publica a listagem dos mosteiros de Entre Douro e Minho, incluindo aí, entre outros dados, o montante das taxas a que foram sujeitos. Também Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, in *Actas do III Congresso Histórico de Guimarães (D. Manuel e a sua época)*, Vol.II, Câmara Municipal de Guimarães, 2004, p.275, apresenta uma listagem das taxações referentes aos mosteiros regrantes colectados.

<sup>123</sup> *As gavetas da Torre do Tombo*, Vol. II, 1962, p.505; Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, pp. 59,61-62.

<sup>124</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol.II, 2002, pp. 59-61. Esta mesma Autora, num outro estudo, sintetiza a forma como era executado o processo (cf. Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “A Igreja e a Ordem de Cristo no primeiro quartel do séc. XVI: a criação das comendas novas”, in *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, vol.2, Porto, 2006, pp.256-257).

<sup>125</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.67; Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “A Igreja e a Ordem de Cristo no primeiro quartel do séc. XVI: a criação das comendas novas”, in *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, vol.2, Porto, 2006, p.258 (nota42).

<sup>126</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.115. A bula encontra-se publicada no *Corpo Diplomático Português*, Tomo I, Lisboa, 1862, pp. 451-455.

<sup>127</sup> Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.275.

Curiosamente nesse mesmo dia é também emitida uma outra bula que permitia a ingerência régia na vida monástica, com o papa a conceder a D. Manuel a nomeação dos priores e abades de todos os mosteiros e conventos do reino<sup>128</sup>.

### **1.3.5. - Carência de religiosos**

No dobrar do século XV muitas instituições apresentavam um número reduzido de religiosos não permitindo sequer a constituição de convento, para a qual era necessário um mínimo de três elementos, com todas as consequências daí inerentes, inviabilizando, por exemplo a eleição de prior<sup>129</sup>.

Os cinco mosteiros da diocese de Braga que foram suprimidos, encontravam-se nestas circunstâncias, não tendo mais que um cônego e nalguns casos não tendo sequer prior<sup>130</sup>. No sínodo diocesano do Porto, de 1496, o bispo D. Diogo de Sousa mostra preocupação com a constituição das comunidades monásticas, ordenando às abadias e mosteiros do bispado que “tenham tantos monjes e conegos que possam bem rezar e cantar as Horas e missa da Terça” elencando esses institutos, sendo os de cônegos regantes os mosteiros de Ancede, Vilela, Moreira e Vila Boa do Bispo<sup>131</sup>.

Uma visitação feita, em 1528, a alguns mosteiros da diocese de Braga, continua a revelar o problema da falta de religiosos mesmo em situações em que as instituições tinham rendimentos para manter três ou quatro cônegos, como eram os casos dos mosteiros de Vilarinho e Freixo<sup>132</sup>. Ainda mais flagrante era a situação de Santa Marinha da Costa que em 1527 tinha “tres Conigos tendo rendimento que pode bem sustentar vinte”<sup>133</sup>.

### **1.3.6. - O recrutamento de religiosos e a má preparação intelectual do clero**

A falta de rigor na admissão à vida eclesiástica e a falta de vocação de muitos dos religiosos que integravam os conventos pela simples fuga à vida civil ou por

---

<sup>128</sup> Paiva, José Pedro, “A igreja e o poder” in *História Religiosa de Portugal*, vol. II, dir. de Carlos Moreira Azevedo, coordenação de João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000, p.149. A bula encontra-se publicada no *Corpo Diplomático Português*, Tomo I, Lisboa, 1862, pp. 449-451.

<sup>129</sup> Marques, José, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, 1997, pp. 193-194.

<sup>130</sup> *Idem*, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.725-727,729-730,736; *Idem*, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, 1997, p.194; Gomes, Saul António, “Demografia eclesiástica”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. II, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.46.

<sup>131</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.358.

<sup>132</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, in *Bracara Augusta*, Vol. XLI, Ns. 91/92 (104/105), Anos de 1988-89, pp.110,128-129, 132.

<sup>133</sup> Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa: Extinção da Ordem de Santo Agostinho e sua substituição pela de S. Jeronymo”, in *Revista de Guimarães*, Vol. III - Nº 2 (Abril-Junho de 1886), p.107.

imposição e tradição da família acabavam por comprometer a disciplina e a orgânica interna das comunidades<sup>134</sup>.

Também a débil preparação intelectual de grande parte dos elementos do clero acabava por resultar quer em causa quer em consequência da relaxação da vida religiosa, verificando-se a existência de um grande número de clérigos que mal sabiam ler e escrever, limitações que se acentuavam ainda mais no que respeitava ao conhecimento do latim<sup>135</sup>.

A legislação sinodal tentava remediar este problema como se percebe do sínodo bracarense de D. Frei Telo, de 1281, em que é estabelecido que ninguém poderia ser ordenado subdiacono se não soubesse latim, ou pelo menos ler e cantar correctamente, excepção feita, no caso da aprendizagem do latim, àqueles que já tivessem mais de 30 anos<sup>136</sup>, no entanto e apesar da existência de casos em que de facto a legislação é aplicada, surgem muitos clérigos que obtiveram benefícios eclesiásticos e que não tinham quaisquer conhecimentos de latim, e nem sequer sabiam ler ou escrever<sup>137</sup>.

Entre os regrantes de Santo Agostinho o caso mais conhecido parece ser o de João Vasques, cónego do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia que, a 28 de Abril de 1450, foi confirmado no priorado do mosteiro de São Miguel de Vilarinho tendo obtido a necessária dispensa para assumir o cargo uma vez que era analfabeto<sup>138</sup>. Também Gil Martins, cónego do mosteiro de Roriz, foi confirmado, a 11 de Dezembro de 1425, como pároco da igreja de S. Paio de Virões, tendo para isso sido dispensado da “constituição da dicta Igreja de Bragaa na qual se contem que nenhuum nom possa seer recebido a regimento de capellas salvo se souber leer e cantar e entender ao menos quanto a letra”<sup>139</sup>.

---

<sup>134</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.156; Macedo, José Adílio Barbosa, *O clero e a sua formação...*, 1997, p.77.

<sup>135</sup> Pereira, Isaiás da Rosa, “A vida do clero ...”, 1978, pp.103-107; Macedo, José Adílio Barbosa, *O clero e a sua formação ...*, 1997, pp.77-78.

<sup>136</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp.11-12.

<sup>137</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.999,1001, 1050-1052.

<sup>138</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, N°36; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal ...*”, Tomo I – Vol. II, 1960, pp. 483-484; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.772, 1052; Janotti, Aldo, *Origens da Universidade: A singularidade do caso português*, 2ª ed., São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p.209.

<sup>139</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°167; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.193vº-194.

Um outro exemplo de analfabetismo, veiculado por João Pedro Ribeiro, é referente aos cónegos de Vila Boa do Bispo, em que o prior diz que só ele assina um contrato de emprazamento porque os cónegos não sabem escrever<sup>140</sup>.

Apesar da frequência com que se encontram alguns destes casos parece-nos também que não são verdadeiramente representativos da realidade regante, uma vez que, e no que respeita ao nível cultural dos cónegos de Santo Agostinho, aquilo que a documentação deixa perpassar é que a generalidade dos religiosos tinha um domínio, no mínimo, satisfatório da escrita, surgindo constantemente a assinar cartas de emprazamento e alguns deles a redigir os próprios contratos.

Mas ilustremos com alguns exemplos: A 2 de Abril de 1433 Gonçalo Vasques, prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira redige um documento pelo qual são constituídos procuradores do mosteiro o clérigo João de Sá, o cónego Gil Afonso e o advogado Luís Afonso<sup>141</sup>. A 10 de Fevereiro de 1434 o prior de Roriz, João Álvares, faz um emprazamento ao seu prior claustral, assinando-o no final<sup>142</sup>. Também em Moreira da Maia o prior do mosteiro, D. Fernando Álvares e o cónego Pedro Martins validam um documento com as suas assinaturas<sup>143</sup>. A 2 de Julho de 1393 três cónegos deste mesmo mosteiro de Moreira assinam, na qualidade de testemunhas, um contrato de emprazamento<sup>144</sup>. A 6 de Fevereiro de 1473 Gonçalo Fernandes, cónego de Cárquere redige um contrato de emprazamento, aparecendo a restante comunidade a assiná-lo<sup>145</sup>. Neste mesmo mosteiro surge, a 15 de Março de 1476, o cónego Gonçalo Martins também a elaborar um instrumento de emprazamento, intitulado-se “conego e notairo do mosteiro”<sup>146</sup>, auto-designação extensível ao cónego Pedro Fernandes responsável pela lavra de um outro instrumento a 29 de Dezembro de 1479<sup>147</sup>. Em Longos Vales é o comendatário, D. Vasco Marinho, quem surge a validar, a 19 de Abril 1513, através de

---

<sup>140</sup> Ribeiro, João Pedro, *Reflexões Históricas*, Parte I, 1835, p.45. Também referenciado por Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, Edição do Autor, 1988, p.83 (nota 219); Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.112. Apesar de João Pedro Ribeiro identificar o episódio como sendo do século XIV, deveria querer referir-se a um emprazamento do séc. XV, efectuado no mosteiro, em 1476 e ao qual também alude Sousa Viterbo (cf. Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras ...*, Vol.2, 1966, pp.42-43).

<sup>141</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14.

<sup>142</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168v°.

<sup>143</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.20.

<sup>144</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.33.

<sup>145</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°64. O mesmo sucederá a 15 de Agosto de 1481, 10 de Agosto de 1482 e 10 de Fevereiro de 1483, identificando-se aí Gonçalo Fernandes como “conigo e notayro do dicto moesteyro” (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°70; Gav. 11, M.4, Ns. 72,73).

<sup>146</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°66.

<sup>147</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°68.

carta autografa, um empraçamento que tinha sido efectuado no mosteiro no dia 7 de Abril desse ano<sup>148</sup>. Também no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a assinatura dos regrantes nos contratos de empraçamento era frequente, o que, por si só, revela “níveis de literacia bastante aceitáveis”<sup>149</sup>. Um caso curioso é também o de João Pinheiro, cónego do mosteiro de São João de Longos Vales, a quem Rui Fernandes da Costa, foreiro com quem o mosteiro celebrou um contrato de empraçamento, a 16 de Abril de 1520, na altura de apor a sua assinatura no contrato “mandou e rogou a ho dito Joham Pinheiro coneguo que asynasse” e este assinou “por elle por nom saber elle asynar”<sup>150</sup>.

Um outro exemplo incontornável do domínio da escrita por parte dos regrantes são os actos de profissão, de que são um belíssimo exemplo os do mosteiro de Ancede, em que os religiosos redigem o respectivo voto de profissão acompanhado-os, por vezes, de assinatura autógrafa<sup>151</sup>.

### **1.3.7. - Relaxação e desregramento da vida monástica**

A relaxação e o desregramento têm diversas vertentes, por um lado o incumprimento dos princípios basilares da vida religiosa dentro do mosteiro e por outro os comportamentos individuais desviantes de alguns religiosos. Esta questão vai preocupar sobremaneira a Igreja Católica nos séculos finais da Idade Média, acabando apenas por ser devidamente tratada e aprofundada no Concílio de Trento, no entanto convém recordar que o restabelecimento da disciplina eclesiástica foi uma das preocupações que norteou o Concílio de Viena (França) de 1311, debatendo-se entre outros aspectos a relaxação e a vida mundana do clero<sup>152</sup>.

#### **1.3.7.1. - Desconhecimento e incuprimento da Regra monástica**

Um indicador do avançado estado de relaxamento das comunidades monásticas é o incumprimento das regras que as orientam. Como facilmente se percebe da legislação

---

<sup>148</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, n.º 48.

<sup>149</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.273 (nota 108).

<sup>150</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, n.º 50.

<sup>151</sup> Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol. IV, organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp.340-341.

<sup>152</sup> *Dictionnaire Universel et complet des Conciles...*, Tome Second, Paris, 1847, pp.1263, 1267; *Historia de los concilios generales celebrados en la Cristiandad, y recopilacion de sus principales disposiciones* por Don Pio de La Sota, Tomo II, Madrid, Establecimiento Tipografico de Don Francisco de P. Mellado, 1858, pp. 59-62; Carvalho, J. Vaz de, *História breve dos concílios ecuménicos*, Lisboa, Editorial Verbo, 1962, pp.66-67; Macedo, José Adílio Barbosa, *O clero e a sua formação ...*, 1997, p.67.

sinodal essa foi uma luta travada ao longo dos séculos XIV, XV e XVI, desde logo o arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, no sínodo diocesano de 1333 mandava que nos mosteiros todos os meses lessem, em cabido, a regra em língua vulgar<sup>153</sup>. Em 1477, no sínodo bracarense, de D. Luís Pires, era tal o estado das comunidades que muitos não festejavam sequer o dia de Santo Agostinho, recordando-lhes o bispo que tal dia era celebrado a 28 de Agosto, ordenando ainda que pintassem e colocassem uma imagem do santo no mosteiro, incumbindo também os priores de mandarem trasladar a regra e que a fizessem ler frequentemente no capítulo e enquanto comessem à mesa, para que os religiosos saibam como proceder, da mesma forma que a regra devia ser dada logo a conhecer aos que pretendiam professar para que estes depois não alegassem que “se souberom a regla que tal era nunca entraram em ordem”<sup>154</sup>.

Convém recordar que a a leitura fazia parte das tarefas diárias dos cónegos regrantes<sup>155</sup> e a própria Regra de Santo Agostinho determinava que a lessem *huua vez em na domaa*<sup>156</sup>, o que não se verificava, a avaliar pelos múltiplos testemunhos que reflectem não o incumprimento dessa leitura mas o próprio desconhecimento da Regra. Esta questão do desconhecimento das Regras monásticas é também vivida na diocese do Porto como revelam as constituições do sínodo diocesano de D. Diogo de Sousa, de 1496<sup>157</sup>. Constituições que, com a ida deste bispo para a diocese de Braga serão

---

<sup>153</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.52;

<sup>154</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp.81-82;

<sup>155</sup> - Nascimento, Aires Augusto, “O Scriptorium de Santa Cruz de Coimbra: Momentos da sua História” in *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, coord. de Aires Augusto Nascimento e José Francisco Meirinhos, BPMP, 1997, p. LXXVII.

<sup>156</sup> Pereira, Maria Albertina Neves da Silva, *Regra de Santo Agostinho*, Dissertação de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1952, vol.II, Caps. CXCI, CXCII, pp. 232-233; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 1996, p.151; Silva, Ilídio Jorge Costa Pereira da, *A significação dos espaços privados nas comunidades cenobíticas: os cónegos Regrantes de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra entre 1527 e 1640 e até 1834* (dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à FLUP), 1998, p.44.

<sup>157</sup> “Item, consirando como alguus abades, priores, monjes, conegos, nom sabem aquellas cousas a que sam obrigados per sua regra, a qual inorancia nom soomente nace da pouca dilligencia e cuidado que tem de a veerem e leerem em seus tempos, mas, o que pior hé procede de a nom teerem escrita, a qual cousa hé fundamento pera sua vida e obras serem desordenadas, nam menos ante o mundo que ante Deus...” (cf. *Synodicon Hispanum*, 1982, p.357). Apesar de estarmos apenas a dar relevância ao caso da Regra de S. Agostinho, note-se que a legislação e recomendações deste texto diocesano são também aplicadas aos mosteiros e abades que seguiam a Regra de S. Bento, cuja situação era idêntica (cf. Dias, Geraldo J. A. Coelho, “A Regra de S. Bento, Norma de Vida Monástica: sua problemática moderna e edições em Português”, in *Revista da Faculdade de Letras -História*, III série, Vol.3, Porto, Universidade do Porto, 2002, p.35). De resto, e no que respeita aos beneditinos, também Frei João Álvares quando encetou a reforma no mosteiro de Paço de Sousa, no início da segunda metade do séc. XV, se deparou com esta situação não havendo ai nenhum livro com a regra nem nenhum monge sabia nada dela, tendo efectuado a tradução da regra do latim para português como revela numa das suas cartas, que se encontra publicada em Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas ...*, Tomo I, Lisboa, 1810, pp.354-355.

transpostas, na sua generalidade, para a diocese bracarense, como se afere do sínodo de 1505 onde esta questão é novamente explanada na terceira constituição<sup>158</sup>.

Apesar de todas estas recomendações havia mosteiros onde a situação pouco ou nada se alterara como revela uma visitação, de 1528, a alguns cenóbios da diocese de Braga, em que o visitador ordenou aos mosteiros de Freixo, Mancelos e Oliveira que traduzissem a Regra para linguagem vulgar para que todos a entendessem<sup>159</sup>.

### **1.3.7.2. - O concubinato e a imoralidade**

O problema da imoralidade e do concubinato foram dos que mais denegriram a imagem do clero ao longo da Idade Média<sup>160</sup>. D. João I diz a propósito dos religiosos com barregãs que era grande escândalo entre os clérigos e os leigos e grande parte dos leigos perdiam devoção na Igreja e alguns já não se queriam confessar porque os clérigos eram “barregueiros” públicos<sup>161</sup>.

O arcebispo de Braga, D. Luís Pires referia-se-lhe, em 1477, como o “pestífero, maldicto e publico concubinato ao qual em este arcebispado muitas pessoas eclesiasticas per vinculo indisolubel som anexas e confederadas”<sup>162</sup>, de resto como demonstrou Carla Amorim Teixeira, a diocese de Braga era, na generalidade do séc. XV e início do XVI, a que apresentava “o maior número de eclesiásticos a ignorarem os votos de castidade”<sup>163</sup>.

De resto a questão da moralidade e da boa conduta era retratada e exponenciada pelos tratados coevos como o *Horto do Esposo* em que se diz: “E bem assi aquele que seer pertencente pera trabalhar em serviço de Deus so o jugo da disciplina e da obediencia, nom deve curar das dileitações corporaes”<sup>164</sup>.

---

<sup>158</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.143.

<sup>159</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, pp. 115, 129, 131, 132.

<sup>160</sup> Macedo, José Adílio Barbosa, *O clero e a sua formação ...*, 1997, p.78.

<sup>161</sup> *Ordenações Afonsinas, Livro II*, 2ª ed. (Edição “fac-simile” da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra no ano de 1786), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1984, Título XXII, pp.194-195.

<sup>162</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.63.

<sup>163</sup> Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes na sociedade Além-Douro: 1433-1521 (a partir das legitimações)*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1996, pp.132.

<sup>164</sup> *Horto do Esposo*, edição de Irene Freire Nunes com colaboração de Margarida Santos Alpalhão, Paulo Alexandre Pereira e Joaquim Segura, coordenação de Hélder Godinho, estudos introdutórios de Ana Paiva Morais e Paulo Alexandre Pereira, Edições Colibri, 2007, p.321.

Na Idade Média, a mulher e o corpo feminino eram associadas à luxúria, à tentação, à vaidade, aos artifícios diabólicos<sup>165</sup>, pelo que os pecados carnis, além da imoralidade que constituíam e do quebrar da regra de castidade ainda tinham essa repercussão intrínseca do pecado. E se os religiosos não se continham e não observavam a castidade e a abstinência, muitas mulheres suscitavam e preferiam este género de ligações ilícitas porque lhes permitia adquirirem algum estatuto social e económico, que o casamento com um leigo lhes não traria<sup>166</sup>.

A legislação eclesiástica e civil prevê e contempla diversos enquadramentos e situações e pune o crime, mas pode considerar-se que todo o quadro jurídico é, de certo modo, brando e até protector para os religiosos prevaricadores. Desde logo, a legislação civil pune mais as barregãs do que propriamente os clérigos como revelam leis de D. João I e D. Duarte<sup>167</sup>, situação que até é compreensível, tendo em consideração as naturais fronteiras entre o foro eclesiástico e o civil, e a esfera autónoma do primeiro em relação ao segundo. A legislação estabelecia que o frade que fosse apanhado com mulher solteira não fosse para a prisão civil mas sim entregue ao seu superior<sup>168</sup>.

No que respeita à legislação eclesiástica, o concubinato é um tema recorrente nas constituições sinodais, o que por si só também revela a persistência do problema. No arcebispado de Braga pronunciam-se sobre tal questão os sínodos de D. Frei Telo, de 1281, de D. Gonçalo Pereira, de 1333, de D. Fernando da Guerra, de 1430, de D. Luís Pires, de 1477 e o de D. Diogo de Sousa, de 1505<sup>169</sup>, cujas constituições sobre esta matéria tinham também sido aplicadas à diocese do Porto, em 1496, quando tutelada por este último prelado<sup>170</sup>.

D. Diogo de Sousa, contempla e diferencia os casos dos clérigos menores e dos clérigos de ordens sacras com barregãs, estipulando que “todollos beneficiados, sacerdotes e religiosos, que nesta cidade e nosso arcebispado vivem ou ao deante viverem, os quaaes notoriamente tem mancebas ou tenerem, que logo as lancem fora de

---

<sup>165</sup> Ferreira, Jôsiel Santos, *Os frades menores na baixa Idade-Média: algumas reflexões sobre o pecado, tentações e imaginário diabólico*, Dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à FLUC, Coimbra, 2008, pp.103-106.

<sup>166</sup> Teixeira, Sónia Maria de Sousa Amorim, *A vida privada entre Douro e Tejo: estudo das legitimações: 1433-1521*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1996, p.188.

<sup>167</sup> *Ordenações Afonsinas, Livro II*, 1984, Título XXII, pp.194-204.

<sup>168</sup> *Ibidem, Livro V*, 2ª ed, 1984, Título XXI, pp.85-86. Este procedimento está de acordo com os artigos IX e X da Concordata celebrada em 1427, em Santarém, entre o clero e D. João I, e que se encontra publicada por Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.158. Esta concordata também integra as *Ordenações Afonsinas, Livro II*, 1984, Título VII, pp.101-103).

<sup>169</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp.12, 50, 66, 133-134, 149-150.

<sup>170</sup> *Ibidem*, pp.364-365.



suas casas e vezinhança e freiguesia e nom tornem mais pera ellas nem pera acerqua de si, e tampouco as tenham e governem em cassa alheas, nem proprias dellas, nem hindo a suas casas, nem tomem outras de novo”<sup>171</sup>.

Na visitação feita a alguns mosteiros da diocese de Braga, em 1528, o problema do amancebamento não é referenciado entre os mosteiros agostinhos visitados, sendo apenas detectado nos mosteiros beneditinos de S. Miguel de Refoios de Basto e no de Travanca, ordenando o visitador, em relação ao primeiro que os monges deviam ser castigados pela fama que têm de conversar com mulheres e no segundo recomenda que sejam expulsas as mulheres “sospeitosas dos ditos momjes” dos coutos do mosteiro<sup>172</sup>.

De facto as sanções canónicas previam uma série de castigos e punições para os dissolutos, a suspensão dos ofícios e benefícios, a proibição da administração dos sacramentos, a excomunhão<sup>173</sup>, mas a primazia ia para a aplicação de penas pecuniárias, determinadas de acordo com o grau de reincidência<sup>174</sup>, o que por si só revela a macieza com que se lidava com a questão.

É difícil fazer uma estimativa da quantidade de religiosos que não cumpriam com o voto de castidade uma vez que quando não existiam filhos dificilmente ficaram provas dessas ligações proibidas, e mesmo nos casos em que os houve convém dizer que nem todos eram legitimados e o melhor indicador para se avaliar do grau de amancebamento são justamente as legitimações, e no final da Idade Média o clero era quem mais legitimava<sup>175</sup>.

São múltiplos os exemplos de cónegos e priores que legitimam os filhos dos quais daremos aqui apenas alguns exemplos: a 8 de Outubro de 1394 são legitimados três filhos de Afonso Domingues, cónego do mosteiro de Banho, fruto de uma relação que manteve com Joana Esteves<sup>176</sup>; em Abril de 1415 são legitimados dois filhos que D. Paio Rodrigues, prior de Vila Nova de Muia, teve com Margarida Anes<sup>177</sup>.

---

<sup>171</sup> *Ibidem*, pp.149-150.

<sup>172</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528, 1988-89, pp.116-117, 126, 131.

<sup>173</sup> Teixeira, Sónia Maria de Sousa Amorim, *A vida privada entre Douro e Tejo ...*, 1996, p.188. D. Gonçalo Pereira estabelece para os religiosos que tenham barregã pública o aprisionamento no cárcere até ser analisada a gravidade do pecado, enquanto que se fossem capelães, raçoeiros ou outro género de clérigos limitavam-se a pagar um marco de prata (cf. *Synodicon Hispanum*, 1982, p.50).

<sup>174</sup> *Ibidem*, pp. 50, 149-150, 364-365.

<sup>175</sup> Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, pp.129.

<sup>176</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo I, 2006, p.173; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, pp. 53, 56.

<sup>177</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.96.

Já Frei Gonçalo Gonçalves, prior do mosteiro de Vilela, a 13 de Novembro de 1433, viu o rei D. Duarte legitimar-lhe um filho de nome João Gonçalves, que teve com Catarina Gonçalves<sup>178</sup>. Também Frei Gonçalo Nunes de Barros, prior do mosteiro de São Martinho de Crasto, teve três filhos com Isabel de Castro, todos legitimados por D. Afonso V, a 19 de Abril de 1453<sup>179</sup>.

De realçar que em todos estes casos as mulheres eram solteiras à altura do nascimento das crianças, do mesmo modo que a mãe é comum aos que tiveram mais que um filho. No entanto havia situações em que o prior tinha descendência de diferentes mulheres como acontece com D. João Anes, prior do mosteiro de S. Salvador de Bravães, no primeiro quartel do séc. XV, a quem foram legitimados três filhos, todos de mulheres diferentes<sup>180</sup>.

### **1.3.7.3. - A ausência dos mosteiros:**

E se já tivemos oportunidade de abordar a ausência dos mosteiros ao nível das cúpulas hierárquicas fa-lo-emos agora, de forma sintética, ao nível dos religiosos onde tal situação também é recorrente. A citada visitação efectuada a alguns mosteiros da diocese de Braga, de 1528, revela, a este nível, um panorama extremamente preocupante, deixando o visitador a indicação que os cónegos se ausentavam sem autorização e quando queriam dos seus mosteiros. Advertências estas comuns a Roriz, Oliveira, Junqueira, Mancelos e Caramos<sup>181</sup>, ordenando, neste último, aos “coneguos que resiadam no moesteiro «que» não andem vaguamdo per fora senão pera cousas lycitas e onestas e mui necessarias”<sup>182</sup>. Esta ausência dos mosteiros afectava todas as canónicas, sendo um dos expoentes máximos o caso de um cónego regrante e prior claustral de Santa Cruz de Coimbra, em 1514, que raramente se apresentava no coro, e

---

<sup>178</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.210vº; *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), edição organizada por João José Alves Dias, Lisboa, Centro de Estudos Históricos - Universidade Nova de Lisboa, 1998, p.71 (Doc.98). Esta legitimação é também referenciada por Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.89.

<sup>179</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 3, fl.47; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.929 (nota 531), 1014.

<sup>180</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, pp.33, 34; *Idem*, Vol. IV – Tomo 2, 2006, p.69, Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.120. Um exemplo ainda mais extremo que o do citado D. João Anes é, apesar de não se tratar de uma canónica regrante, o de D. Martinho Domingues, abade do mosteiro de S. Pedro de Canedo, no início do séc. XIV, que tinha mais de meia dúzia de concubinas, como se pode ler em Baubeta, Patricia Anne Odber de, *Igreja, pecado e sátira social na Idade Média Portuguesa*, tradução de Maria Teresa Rebelo da Silva, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp. 86-87.

<sup>181</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, pp.116-117, 128, 129, 130, 132,134.

<sup>182</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, p.134.

quando o fazia era dos últimos a chegar e no fim das refeições saía para a cidade e só regressava à noite<sup>183</sup>.

#### **1.4. - Do caos à criação da Congregação**

Apesar dos múltiplos problemas de que padeciam as canónicas regrantes, sobretudo na segunda metade do séc. XV e início da centúria de Quinhentos, parece-nos não restarem grandes dúvidas que a relaxação e o desregramento foram os principais motivos que conduziriam à enfermidade ou mesmo ao óbito de algumas canónicas.

O estado em que se encontravam as casas religiosas da arquidiocese de Braga levaria o arcebispo D. Diogo de Sousa a intervir, dando conta ao rei dos diversos problemas aí vividos, agradecendo-lhe D. Manuel, por carta datada de 3 de Maio de 1509, essa preocupação e dizendo que ia remeter a suplicação dele para o papa<sup>184</sup>. De facto uma das questões remetidas por D. Manuel ao papa através dos seus embaixadores, em 1514, foi a de “que dessem talho os sacerdotes ao luxo de suas vidas e licença de seus costumes, cingindo-se à disciplina da castidade e santa modéstia”<sup>185</sup>. O estado do clero em geral, mas sobretudo do regular era, no mínimo, perturbante, situação extensível aos cónegos regrantes, que não seriam de todo esquecidos pelo sumo pontífice, à altura Leão X (1513-1521), que a 13 de Abril de 1517 renovava ao prior de Santa Cruz de Coimbra os poderes que haviam sido concedidos ao seu predecessor, em 1452, pelo papa Clemente V, para que este pudesse visitar, corrigir, reformar e punir os mosteiros e religiosos de Santo Agostinho<sup>186</sup>. O problema, como veremos, é que o próprio mosteiro de Santa Cruz não era nenhum exemplo em termos de disciplina e vivência religiosa, encontrando-se enleado nos mesmos problemas que afectavam a generalidade das instituições monásticas. Desses problemas dá conta, em 1531, novamente, o arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, a D. João III solicitando-lhe que lhe faça mercê de *socorrer a necessidade das casas da religiam desta comarca e asy ha inoramcia da clerizia della que he cometido o carreguo e cura de tamtas mill almas*<sup>187</sup>.

---

<sup>183</sup> Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal ...*, Tomo I – Vol. II, 1960, p.105 (nota3).

<sup>184</sup> IAN/TT- Corpo Cronológico, I Parte, M.8, n.1; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “D. Diogo de Sousa: novo fundador de Braga e grande Mecenas da Cultura”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz de Braga nos 900 anos da dedicação da Catedral* (Braga, 4-5 de Maio de 1990), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp. 59-60.

<sup>185</sup> Osório, D. Jerónimo, *Da vida e feitos de el-rei D. Manuel*, Vol. II, 1944, p.129.

<sup>186</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 152-156.

<sup>187</sup> IAN/TT- Corpo Cronológico, I Parte, M.50, n.63. Esta carta encontra-se publicada por Costa, Padre Avelino de Jesus da, “D. Diogo de Sousa: novo fundador de Braga e grande Mecenas da Cultura”, in

Um olhar pelas Constituições diocesanas deixa a nu as muitas chagas abertas no corpo monástico. Multiplicam-se os relatos sobre a relaxação em que incorriam os religiosos, sendo uma questão transversal ao monaquismo português. Mas olhemos a forma contundente e abrasiva como Alexandre Herculano nos descreve este período:

“Se acreditarmos D. João III ou os que falavam em seu nome, a imoralidade pululava por toda a parte, sobretudo entre o clero e especialmente entre o regular, que ele tanto favorecia. Os eclesiásticos, por exemplo, da vasta diocese de Braga eram um tipo acabado de dissolução. Os párocos abandonavam as suas igrejas, e o povo não recebia a necessária educação religiosa, faltando castigo para tantos desconcertos. Os mosteiros ofereciam os mesmos documentos de profunda corrupção, distinguindo-se entre eles o de Longovares, da Ordem de Santo Agostinho, e os de Seiça e Tarouca, da Ordem de Cister, ou antes nenhum dos mosteiros cistercienses se distinguia; porque em todos eles os abusos eram intoleráveis. Os abades, que, segundo a regra, ocupavam o cargo vitaliciamente, faziam recordar no seu modo de viver os devassos barões da Idade Média. A opulência manifestavam-na em custosas e nédias cavalgadas, em aves e cães de caça e numa numerosa clientela, completando alguns essa existência de luxo com mancebas e filhos, que mantinham à custa do mosteiro.”<sup>188</sup>

E se este era o panorama geral atente-se agora em dois exemplos concretos de mosteiros regrantes que, curiosamente, transitariam para outras Ordens religiosas e foram extintos face ao elevado grau de degradação e relaxação aí apresentados. Um é justamente o mosteiro de S. João de Longos Vales que D. João III pretendia, em 1543, unir ao Colégio dos Jesuítas de Coimbra para sustentação dos padres aí residentes, “no qual mosteiro ao presente, e de muitos annos a esta parte, se nao guarda a dita hordem e regra dos conegos regulares de Santo Agostinho, e ha muito poucos conegos, e os que ha vivem muy dessolutamente, em modo que dão muy maa exemplo ao povo e o escandalizam com seu maa viver”<sup>189</sup>.

O outro era o de Santa Marinha da Costa que apresentava situação idêntica como atesta, de forma bastante elucidativa, o relato que se segue:

---

*Homenagem à Arquidiocese Primaz de Braga nos 900 anos da dedicação da Catedral* (Braga, 4-5 de Maio de 1990), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp.92-93 (doc.17).

<sup>188</sup> Herculano, Alexandre, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. II (Volume 19 de “As melhores obras de Alexandre Herculano”), Círculo de Leitores, 1987, p.65. Também Frei Timóteo do Mártires se pronuncia sobre este período dizendo que os cônegos regrantes “ainda que regulares vivião como homens proprietários, e com pouca, ou nenhuma observancia da regra que professavão” (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo I, 1955, p.103).

<sup>189</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo V, 1874, p.246.

“Vagando o Priorado por morte deste Illustrissimo Bispo, o Duque D. Jaime, sem apresentar novo Prior Comendatario, fes hua supplica ao Pontifice Clemente VII, em que lhe pedia, que vista a relaxação, e escandalo em que vivião os dittos Conegos, e não lhe ser possível reforma-los, nem dar o ditto Moesteiro a outros Conegos da mesma Ordem, por viverem comummente neste tempo em Portugal, igualmente esquecidos do seu estado, e sem aquelle fervor, que devião ter no serviço, culto, e honra de Deos, mandasse extinguir delle os tais Conegos, que erão já mui poucos em numero, e não fazião mais que consumir entre sy as rendas do ditto Mosteiro, e desse licença para se entregar á Ordem de São Jeronymo, ou outra qualquer reformada”<sup>190</sup>.

Efectivamente este mosteiro passou para a Ordem de S. Jerónimo, tomando posse de Santa Marinha da Costa Frei António de Lisboa a 27 de Janeiro de 1528<sup>191</sup>. Tenhamos presente que Frei António de Lisboa foi também um reformador da Ordem de Cristo tendo ainda exercido acção reformadora nalguns mosteiros cistercienses e regrantes, mormente Cárquere, Santa Cruz de Coimbra e S. Vicente de Fora<sup>192</sup>. De resto, D. João III, no final de 1527 incumbiu alguns Jerónimos, nomeadamente Frei António de Lisboa, Frei Brás de Braga e Frei Jorge de Évora de reformar a comunidade regrante de Santa Cruz de Coimbra, numa altura em que era comendatário D. Henrique<sup>193</sup>.

A reforma no mosteiro conimbricense já havia sido iniciado pelo prior claustral Brás Lopes que por carta de 27 de Janeiro de 1527 dá conta ao rei de alguns dos actos de indisciplina, relaxação e conflituosidade entre os cónegos e das dificuldades que estava a sentir na sua reforma<sup>194</sup>.

Em 1556 Paulo IV (1555-1559) instituiu oficialmente a Congregação dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra<sup>195</sup>, altura em que já integravam a

---

<sup>190</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Piores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, pp.155-156.

<sup>191</sup> *Idem, ibidem*, p.159; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.756-757.

<sup>192</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, “António de Lisboa”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.1, dir. de Fernando Jasmins Pereira (planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, 1980, p.392.

<sup>193</sup> *Histoire du clergé seculier et regulier...*, Tome Premier, 1716, p.250; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.140; Coelho, Maria Helena da Cruz, “Receitas e despesas do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1534-1535” in *Homens, Espaços e Poderes (sécs. XI-XVI)* -vol. II – *Domínio Senhorial*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, p.93; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, pp.277-278.

<sup>194</sup> Corpo Cronológico, Parte I, Maço 35, N.º 66, fls.10-11vº.

<sup>195</sup> Costa, António Domingues de Sousa “Cónegos Regrantes” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, dir. de Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, s/d, p.151; Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.158; Gomes, Saul António, “Cónegos Regulares de Santa Cruz”, in

Congregação os mosteiros de Santa Cruz, Grijó e Serra do Pilar, com os restantes a serem reformados e a aderirem à Congregação ao longo da segunda metade do século XVI e inícios do XVII<sup>196</sup>, sendo constituída, em 1630, por 20 mosteiros<sup>197</sup>.

---

*Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.436.

<sup>196</sup> Gomes, Saul António, “Cónegos Regulares de Santa Cruz”, 2000, p.438.

<sup>197</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.158; Costa, António Domingues de Sousa “Cónegos Regrantes” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, dir. de Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, s/d, p.151.

### Adesão dos Mosteiros à Congregação de Santa Cruz de Coimbra<sup>198</sup>

| Mosteiro                                | Entrada dos Reformadores | Data da confirmação Papal | Tomada de posse real |
|---|--------------------------|---------------------------|----------------------|
| Santa Cruz de Coimbra                   | 1527                     |                           |                      |
| S. Vicente de Lisboa                    | 1537                     | 1538                      | 1538                 |
| Colégio de Santo Agostinho              | 1538                     |                           |                      |
| <b>São Salvador de Grijó</b>            | 1539 <sup>199</sup>      | 1539                      | 1539                 |
| Santo Agostinho da Serra do Pilar       | 1542                     |                           |                      |
| <b>São Salvador de Moreira da Maia</b>  | 1563 <sup>200</sup>      | 1567                      | 1567                 |
| <b>Santa Maria de Landim</b>            | 1563 <sup>201</sup>      | 1567                      | 1567                 |
| <b>Santa Maria de Refóios de Lima</b>   | 1564 <sup>202</sup>      | 1567                      | 1567                 |
| S. Jorge de Coimbra                     | 1563                     | 1567                      | 1567                 |
| <b>São Martinho de Caramos</b>          | 1587                     | 1594                      | 1595                 |
| <b>Santo Estêvão de Vilela</b>          | 1590                     | 1594                      | 1595                 |
| <b>Santa Maria de Vila Nova de Muia</b> | 1594                     | 1594                      | 1595                 |
| <b>São Salvador de Paderne</b>          | 1593                     | 1594                      | 1595                 |
| <b>São Simão da Junqueira</b>           | 1595                     | 1594                      | 1595                 |
| S. Pedro de Folques                     | 1591                     | 1594                      | 1595                 |
| <b>Santa Maria de Oliveira</b>          | 1595                     | 1594                      | 1599                 |
| <b>Santa Maria de Vila Boa do Bispo</b> | 1595 <sup>203</sup>      | 1594                      | 1605                 |
| <b>São Miguel de Vilarinho</b>          | 1595                     |                           | 1610                 |
| <b>São Martinho de Crasto</b>           | 1595                     |                           | 1615                 |
| S. Teotónio de Viana do Castelo         | 1630                     |                           |                      |

<sup>198</sup> A ordem seguida neste quadro é a cronológica. Foram realçados a “negrito” os mosteiros que integram este trabalho. Na sua elaboração utilizaram-se as seguintes fontes: Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*; Gomes, Saul António, “Cónegos Regulares de Santa Cruz”, 2000, p.438. Também Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.140, aborda a questão da integração dos mosteiros na Congregação mas segue a cronologia apresentada por Frei Nicolau de Santa Maria. Advertir também para o facto de as datas aqui apresentadas divergirem muitas vezes entre os Autores não por falhas que lhes sejam imputáveis mas porque se trata de questões processuais longas com sobreposição de orientações pela própria documentação pontifícia.

<sup>199</sup> Embora esta seja a data apontada por Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, Tomo II, 1958, p.153, já Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, 1668, Primeira Parte, Livro VI, cap. III, p.286, afirma que os reformadores entraram no Mosteiro de Grijó apenas em 1540, datando deste ano também a emissão da Bula de União.

<sup>200</sup> Esta é a data apontada por Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.27. Já Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, primeira Parte, Livro VI, cap. II, p.277, refere a entrada dos reformadores já no ano de 1562.

<sup>201</sup> Esta é a data adiantada por Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.46, sendo que para Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VII, p.303, o padre D. Filipe entrou no Mosteiro e foi eleito primeiro prior trienal no ano de 1562.

<sup>202</sup> Embora Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.65 e 66, refira que apenas em 1567 foi eleito o primeiro prior trienal, Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VIII, p.311, refere que tal eleição ocorreu em 1564.

<sup>203</sup> Esta é a data apontada por Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.162 e 163. Já Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IV, p.289, refere que o Breve de Clemente VIII aqui em causa foi passado em 1593.

## **2- AS CANÓNICAS REGRANTES DO NORTE DE PORTUGAL**<sup>204</sup>

### **2.1. Desfazendo alguns equívocos...**

Tal como já indicado anteriormente, e tendo em consideração a análise dos dados até agora conhecidos, é nossa convicção, que não eram mosteiros de cónegos regrantes de Santo Agostinho, nos sécs. XIV, XV e XVI, três institutos que costumam ser referenciados como tal, designadamente Santa Eulália de Rio Covo e São Cristóvão de Rio Mau, da diocese de Braga e São Pedro de Ferreira, do bispado do Porto.

#### **2.1.1. - Santa Eulália de Rio Covo**

Apesar de no recente guia das “Ordens Religiosas em Portugal” surgir a referência ao mosteiro de Santa Eulália de Rio Covo como um dos institutos integrantes da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal<sup>205</sup>, tal “catalogação” merece-nos muitas reservas. E se a prudência aconselha a que não se elimine liminarmente tal possibilidade, o certo é que para o período concreto do nosso estudo, ou seja séculos XIV e XV, as provas documentais infirmam tal hipótese. É que as referências documentais a Santa Eulália de Rio Covo, e no que respeita a estes séculos medievos, não parecem indiciar a existência de uma comunidade religiosa nessa localidade, sendo sim inequívoca a existência de uma igreja paroquial<sup>206</sup>, embora com

---

<sup>204</sup> Os critérios utilizados na enunciação dos mosteiros são os seguintes:

1- As canónicas aqui apresentadas encontram-se agrupadas por diocese, seguindo o critério alfabético na sua enunciação, o mesmo sucedendo com a ordem utilizada na apresentação dos diversos mosteiros, surgindo a entrada não pela localidade mas sim pelo padroeiro ou invocação a que a casa religiosa estava sujeita. O mesmo critério é seguido para as igrejas onde os mosteiros detinham direitos de padroado.

2- No caso das igrejas paroquiais onde surge apenas o nome da localidade e não o seu orago, o mesmo foi-lhe acrescentado desde que o tenhamos conseguido documentar para a época em estudo.

3- Quando se revelou impossível encontrar ou confirmar um determinado orago, a entrada aparece pelo nome da localidade que surge na documentação.

4- Os nomes das paróquias/freguesias referenciadas são transpostos para a grafia actual.

5- Nos casos em que as freguesias mudaram de nome, a entrada é feita pela designação medieval, sendo referenciado no texto ou em nota de pé de página a respectiva alteração.

6- Por uma questão de sistematização e para uma melhor percepção/visualização espacial colocamos, sempre que foi possível a sua identificação, junto de cada igreja ou ermida a indicação da actual circunscrição administrativa a que pertence. Tome-se como exemplo: S. Martinho de Argoncilhe (c. Santa Maria da Feira).

7- Para uma melhor clarificação e enquadramento cronológico junto dos bispos ou papas referenciados ao longo do texto surgem as datas indicativas do respectivo governo, sendo que a fonte utilizada, salvo quando se fizer menção em contrário, é a listagem publicada em Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, pp. 285-321.

<sup>205</sup> *Ordens Religiosas em Portugal ...*, 2005, p.202.

<sup>206</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.23. Curiosamente, o professor Luís Carlos Amaral ao proceder à análise da documentação mais antiga referente a Santa Eulália de Rio Covo (o primeiro instrumento é de 906) concluiu que nada indica a existência de um cenóbio nos seus tempos fundacionais (cf. Amaral, Luís Carlos, *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (séculos IX-1137)*,



elevados rendimentos, mesmo muito superiores aos de alguns mosteiros como se depreende da taxaço de 500 libras que lhe foi aplicada em 1320<sup>207</sup>.

O certo é que em termos concretos, e da documentação com que nos confrontamos, nunca há a indicação ao mosteiro ou à vida religiosa comunitária<sup>208</sup>. Essa documentação permite-nos, inclusivamente, conhecer alguns dos seus abades e reitores, o que reforça as nossas suspeitas.

Sabemos assim que em Setembro de 1303 o reitor de Santa Eulália era Vasco Fernandes<sup>209</sup>, tendo sido seu coadjutor Egas Lourenço, indicado como tal em 1291<sup>210</sup> e 1298<sup>211</sup>, e que viria a ser cónego e chantre de Braga na década de 20 do século XIV. Ainda na primeira metade do século XIV temos referência a um novo reitor, desta feita o cónego bracarense Martim Anes Carta que surge como reitor de Santa Eulália de Rio Covo, em Setembro de 1342<sup>212</sup>. O seu sucessor foi o seu sobrinho, e também cónego de Braga, Afonso Domingues<sup>213</sup>, que se deverá ter mantido no cargo até 1373, ano do seu falecimento. Curiosamente a 7 de Agosto de 1387 foi legitimado um seu filho, de nome Diogo Afonso, abade de S. João de Gamil<sup>214</sup>, numa altura em que o abade de “Sancta Ovaya de Rio Covo” já era Gonçalo Nunes de Faria a quem foram também legitimados três filhos a 29 de Maio de 1387<sup>215</sup>.

---

Dissertação de Doutoramento em História (Hist. da Idade Média) apresentada à FLUP, Porto, 2007, p.736 (nota 6).

<sup>207</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.98.

<sup>208</sup> Na chancelaria de D. Afonso IV encontra-se uma referência, em 1340, ao couto de “Sancta Vaya de Rio Covo” que confrontava com o couto do mosteiro de S. Salvador da Várzea (cf. *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol.III (1336-1340), 1992, p.39 (Doc. 271), mas trata-se apenas de uma referência à terra coutada sem indicação específica do seu detentor.

<sup>209</sup> Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca: Comunidade e Património (1300-1317)*, vol. II, Dissertação de Mestrado em Idade Média apresentada à FLUC, Coimbra, 2003, p.64 (Doc. 41 do Apêndice Documental). Vasco Fernandes teve uma filha, chamada Maria, que foi protegida pelo cónego Egas Lourenço (cf. Rodrigues, Ana Maria S. A., “Para uma prosopografia dos cónegos de Braga”, in *Elites e redes clientelares na Idade Média*, Edições Colibri, 2001, p.163; Rodrigues, Ana Maria S. A.; Ribeiro, João Carlos Taveira; Costa, Maria Antonieta Moreira da; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005, p.81. Doravante esta obra será apenas referenciada por: *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, 2005.

<sup>210</sup> *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, 2005, p.83.

<sup>211</sup> Rodrigues, Ana Maria S. A., “Para uma prosopografia dos cónegos de Braga”, 2001, p.164.

<sup>212</sup> *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, 2005, p.217.

<sup>213</sup> Costa, Maria Antonieta Moreira da, “Nepotismo e poder na arquidiocese de Braga (1245-1374)”, in *Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa*, Tomo XVII, 2ª Série, Lisboa, 2005, p.125; *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, 2005, p.266.

<sup>214</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 2, 2005, p.236. De facto o documento não deixa dúvidas de que Afonso Domingues já tinha falecido ao referir-se-lhe como “abade que foe de Rio Covo”.

<sup>215</sup> *Ibidem*, Vol. I – Tomo 3, 2005, p.243; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, pp. 33-34. Gonçalo Nunes de Faria era, segundo António Carvalho da Costa, filho de Nuno Gonçalves de Faria e D. Teresa de Meira e irmão de Álvaro Garcia de Faria (cf.

Na década de vinte do século XV, mais concretamente a 2 de Julho de 1425, surge André Gonçalves, reitor da igreja de S. Tiago de Murça, da diocese de Braga, a solicitar ao papa Martinho V a igreja paroquial de Santa Eulália de Rio Covo, vaga por morte do seu último titular, justamente Gonçalo Nunes<sup>216</sup>. Por esta altura inicia-se um diferendo entre alguns moradores de Rio Covo e freguesias limítrofes com o arcebispo de Braga, por causa do direito de padroado nesta igreja, acabando com desfecho favorável ao arcebispo por sentença de 21 de Abril de 1428, em virtude dos pretensos titulares não terem provado os direitos de padroado que alegavam<sup>217</sup>.

A 20 de Dezembro de 1466 o abade da igreja de Santa Eulália de Rio Covo já era Antão Gonçalves, dia em que foi promovido às ordens menores<sup>218</sup>. A 18 de Agosto de 1514 era abade de Rio Covo Dionísio Gonçalves de Sequeira que, na sua imprensa, editou o “Breviário de Rio Covo”<sup>219</sup>. Parece-nos muito provável, mesmo considerando a diferença do sobrenome, que este Dionísio seja o mesmo Dionísio Gonçalves Pereira que Felgueiras Gaio dá como filho bastardo do abade Antão Gonçalves Pereira e que, segundo este linhagista, após ter enviuvado, se tornou abade da igreja de Santa Eulália

---

Costa, António Carvalho da, *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, pp.312-313). Gonçalo Nunes deverá ter sido empossado como pároco de Santa Eulália de Rio Covo em 1373 ou 1374, sendo também muito provável que esteja ligado à edificação do Paço ou Solar da Boavista, em Rio Covo (cf. Araújo, Laurinda Fernandes de Carvalho, *Monografia de Santa Eulália de Rio Covo – Barcelos*, S. Julião de Freixo – Ponte de Lima, 1984, p.26). A este propósito Felgueiras Gaio diz que foi Antão Gonçalves Pereira quem fez a quinta da Boavista (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 22, Impressão diplomática do original manuscrito, existente na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, Propriedade e edição de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso, Braga, 1940, p.177)

<sup>216</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV (Súplicas do pontificado de Martinho V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Braga, Livraria Editorial Franciscana, 1970, pp. 48-49.

<sup>217</sup> Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.1093.

<sup>218</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 11, fl. 9. D. Antão Gonçalves Pereira, era filho de D. Álvaro Pereira, marechal de D. João I, e de Mécia Vasques Pimentel, fidalgo, comendador e capitão-mor do descobrimento da Guiné, tornando-se depois clérigo, tendo sido abade de diversas igrejas, entre as quais, Santa Eulália de Rio Covo (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 22, 1940, p.177; Henriques, Nuno Gorjão; Henriques, Miguel Gorjão, *Gorjão Henriques*, vol. I, Lisboa, Dislivro, 2006, pp.504-505). Esta Mécia Vasques Pimentel é filha de Vasco Martins Pimentel, o Patinho, e de Teresa Gil Zote (cf. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, Portugaliae Monumenta Historica - Nova Série, vol.II/1, ed. crítica por José Mattoso, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1980, pp. 259, 401, 486; Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 22, 1940, p.177; Sousa, Bernardo Vasconcelos e, *Os Pimentéis: Percursos de uma linhagem da nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000, p.226).

<sup>219</sup> Júnior, Arménio Alves da Costa, *O mosteiro de Rio Covo à luz do Breviário de 1514 – Estudo analítico do temporal*, Coimbra, FLUC, 1992, p.7.

de Rio Covo<sup>220</sup>. Dionísio Gonçalves mantinha-se como reitor da igreja de Santa Eulália de Rio Covo a 25 de Maio de 1515<sup>221</sup>.

Um outro indício, e mesmo sem uma investigação minuciosa para o período posterior ao séc. XV, que vai no sentido de corroborar a ideia da inexistência do mosteiro de Santa Eulália de Rio Covo, é a total ausência de referências nos memoriais setecentistas<sup>222</sup>. Ao contrário do que sucede com o mosteiro de S. Salvador de Banho que, à altura, apesar de extinto e integrado em Comenda da Ordem de Cristo, é amplamente recordado como mosteiro de cónegos regrantes<sup>223</sup>. Mesmo sem o necessário aprofundamento para se apurarem os abades que tiveram a seu cargo a igreja de Santa Eulália de Rio Covo, fica aqui um quadro síntese com a lista dos elementos identificados:

| <b>Abade/Reitor</b>                           | <b>Abaciado / Ref. Cronológica</b> |
|---|------------------------------------|
| Vasco Fernandes                               | 1303                               |
| Martinho Anes Carta                           | 1342-1348                          |
| Afonso Domingues                              | 1348-1373                          |
| Gonçalo Nunes de Faria                        | 1373(?)-1425                       |
| André Gonçalves                               | 1425-?                             |
| Antão Gonçalves                               | 1466                               |
| Dionísio Gonçalves de Sequeira <sup>224</sup> | 1514,1515                          |

Também Santa Eulália de Rio Covo passaria a comenda da Ordem de Cristo<sup>225</sup>, conhecendo-se alguns dos seus comendatários, nomeadamente Afonso Rodrigues do

<sup>220</sup> Gayo, Felgueiras, Nobiliário de Famílias de Portugal, Tomo 22, 1940, p.177; Henriques, Nuno Gorjão; Henriques, Miguel Gorjão, *Gorjão Henriques*, vol. I, 2006, p.505). Este Dionísio ou Dinis Gonçalves Pereira era filho do abade Antão Gonçalves e de Beringária Pereira ou de Branca da Cunha, casando-se com D. Violante Ferreira, filha de Estêvão Pinheiro e de sua mulher, D. Ana Ferreira. Felgueiras Gaio ainda fala de um outro Dinis Gonçalves Pereira, filho homónimo deste abade e que foi também abade de Santa Eulália de Rio Covo, tendo sido legitimado por D. João III, em 1535 (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 22, 1940, pp. 177, 230). Como não tivemos ainda oportunidade de confirmar esta informação, não o incluímos nesta listagem de abades, ficando aqui apenas a indicação a título informativo.

<sup>221</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.66.

<sup>222</sup> *Barcelos nas Memórias Paroquiais de 1758*, Estudo introdutório, leitura, e fixação de textos de José Viriato Capela e Rogério Borralheiro, Câmara Municipal de Barcelos, 1998, pp. 185-186.

<sup>223</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia ...*, Tomo I, 1706, p.303; Cardoso, P. Luiz, *Diccionario Geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas...*, Tomo II, Lisboa, na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1751, p.28.

<sup>224</sup> Poderá ser Dionísio Gonçalves Pereira como já referimos atrás.

<sup>225</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia ...*, Tomo I, 1ª ed., 1706, p.320.

Amaral, que além de comendador foi alcaide-mor de Bragança<sup>226</sup>, tendo acompanhado o duque D. Jaime na tomada de Azamor em 1513<sup>227</sup>. De resto, este foi, muito provavelmente, o seu primeiro comendatário. Em 1607 era comendatário Simão do Amaral tendo a comenda sido avaliada, em 1605, em 200\$00 réis<sup>228</sup>. Também Cid de Almeida, desembargador do Paço e conselheiro de Estado em Madrid, bem como o seu filho, Luís de Almeida da Silva, foram comendadores de Santa Eulália de Rio Covo<sup>229</sup>.

### **2.1.2. - São Cristóvão de Rio Mau**

“O duodecimo Mosteiro de nossos Conegos, foi o de S. Christovão de Rio mao, distante meya legoa do Mosteiro de S. Simão da Junqueira, a quem hoje esta unido in perpetuum. O qual Mosteiro estava já fundado no anno de 1122 & tinha já seu prior, & Conegos, como consta de hũa doação que lhe fez no dito anno hũa senhora por nome Dona Ousenda Soarez de hũa herdade, & casal que tinha junto ao Rio Ave por sua alma, & de seu pay Sueiro Mendez. No anno de 1418 unio este Mosteiro ao de S. Simão da Junqueira o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra por Breve do Papa Martinho V com condição que estivessem sempre no Mosteiro de S. Christovão dous Conegos, mas hoje està somente hum Reytor ou Vigario Secular apresentado pello mesmo Mosteiro de S. Simão.”<sup>230</sup>

Estas são as palavras de Frei Nicolau de Santa Maria vertidas, no séc. XVII, na sua Crónica dos Cónegos Regrantes, e grandemente responsáveis por tudo o que se tem dito e escrito sobre São Cristóvão de Rio Mau.

No final da primeira década do século XX, portanto há um século atrás, o labor e a sagacidade do cónego José Augusto Ferreira permitiu, reconstituir e reformular, pelo menos em parte, a história desta instituição, repondo assim a veracidade à factologia da sua fundação, e primeiros tempos, numa investigação que se corporizou nas páginas do *Arqueólogo Português*.

---

<sup>226</sup> Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, Ponte de Lima, Edições Carvalho de Basto, 2000, p.117.

<sup>227</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 8, 1938, p.142.

<sup>228</sup> *Livro em que se contém a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, India e ilhas adjacentes e outras particularidades*, ordenado por Luiz de Figueiredo Falcão, secretario de el-rei Filippe II copiado fielmente do manuscrito original e impresso por ordem do Governo de Sua Magestade, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p.214.

<sup>229</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana: nobiliário de famílias de Portugal*, Tomo II-Vol. I, publicado por Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcellos, António Augusto Ferreira da Cruz, Eugénio Eduardo Andrea da Cunha e Freitas, Porto, Livraria Fernando Machado, 1944, pp.133-134.

<sup>230</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.335-336.

O Autor provou aí, valendo-se de um testemunho epigráfico, que a igreja de S. Cristóvão foi fundada ou pelo menos reedificada, em 1151 pelo presbítero Pedro Dias, provando ainda que a doação de Ousenda Soares, referenciada por Frei Nicolau de Santa Maria, ocorreu não em 1122 mas sim em 1161, doação essa feita ao “Monasterium Sancti Christophori”<sup>231</sup>.

Esta indicação ao mosteiro não significa, por si só, a existência de uma comunidade. Convém sempre relembrar, como de resto já avisava Viterbo, que o termo nessa época assumia um significado muito mais abrangente do que aquele que lhe damos hoje, pelo que “não nos deve logo admirar uma multidão assim grande de mosteiros”<sup>232</sup> em tempos medievos.

Não sendo a nossa prioridade escalpelizar aqui a questão da existência ou não de uma comunidade em S. Cristóvão no séc. XII, importa frisar que não conhecemos quaisquer indicações documentais que comprovem aí a presença de cónegos regrantes de Santo Agostinho, de resto a titulação de abade atribuída ao seu responsável máximo no último quartel do séc. XII vai em linha antagónica<sup>233</sup>.

De qualquer modo e sendo essa uma possibilidade em aberto, e a provar-se que S. Cristóvão de Rio Mau foi uma canónica regrante no séc. XII, tudo indicia que tal existência foi extremamente fugaz, uma vez que já nas Inquirições de 1220 não há indicação ao mosteiro mas sim à igreja de S. Cristóvão<sup>234</sup>. Partindo do pressuposto da existência de uma comunidade teríamos de admitir que o mosteiro já estaria reduzido a igreja secular por esta altura. Os dados extraídos destas inquirições não nos adiantam muito mais informações a este respeito apenas que “Johannes Fernandi abbas” era seu titular e que o rei não tinha direitos de padroado na igreja<sup>235</sup>.

Também as inquirições de D. Afonso III, de 1258, apesar de pouco mais acrescentarem, contribuem para a clarificação desta questão. Na respectiva inquirição da

---

<sup>231</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, “A igreja de S. Cristovam de Rio Mau”, in *O Archeologo Português*, Vol. XIV (Janeiro a Agosto de 1909 – Ns. 1 a 8), Lisboa, Imprensa Nacional, 1909, pp. 80-82. Também Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.16, faz referência a estes documentos. Quanto à questão de em 1151 se tratar de uma fundação/edificação ou de uma reconstrução de um templo pré-existente os estudiosos têm-se mostrado mais inclinados para a segunda hipótese (veja-se Costa, Marisa, “A igreja de São Cristóvão de Rio Mau”, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova série, Ns. 15/16 (Dezembro de 1995), pp. 8-9)

<sup>232</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, vol. 2, 1966, p.429.

<sup>233</sup> Em 1179 surge identificado como abade de S. Cristóvão Vermudo Godinho (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.16).

<sup>234</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol, I, Fasc. I e II, Lisboa, Academia das Ciências, 1888, pp.135, 187, 234; Ferreira, Monsenhor José Augusto, “A igreja de S. Cristovam de Rio Mau”, 1909, p.82.

<sup>235</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol, I, Fasc. I e II, 1888, pp.135, 187, 234.

paróquia não se menciona a existência de mosteiro, surgindo novamente a referência à igreja de S. Cristóvão, tendo sido aí interrogado o clérigo Pedro Peres, face à ausência do abade da igreja<sup>236</sup>, no entanto ao efectuar-se a inquirição em Touguinhó é dito que o “monasterium Sancti Christophori” possuía casais em Froiã<sup>237</sup>. Partindo do princípio que o mosteiro aí referenciado é o de Rio Mau, e tudo o indica, até pela proximidade geográfica, mais uma vez se prova a significação dual da expressão.

Curiosamente, o único documento que poderia lançar alguma confusão e que, aparentemente, contraria aquilo que vimos dizendo, surge-nos no último quartel do séc. XIII e trata-se de um instrumento lavrado em Rates, e datado de 20 de Maio de 1284, que refere o mosteiro de S. Cristóvão e o seu abade Pedro Peres<sup>238</sup>. Aí surge a auto-intitulação: “Ego Petrus Petri abas monasterii Sancti Christofori” numa doação a Maria Martins, irmã de Martim Martins, clérigo nesse lugar, de todos os herdamentos que este clérigo possuía em Ferreiró, com a condição de as propriedades reverterem para S. Cristóvão à morte de Maria Martins<sup>239</sup>. Além do abade e do clérigo Martim Martins aparecem mencionados, entre as testemunhas, outros três clérigos do “mosteiro”: Domingos Domingues, Domingos Esteves e Simão Peres<sup>240</sup>.

Numa primeira análise, ou numa perspectiva isolada de análise seríamos certamente impelidos a julgar que estamos perante uma comunidade monástica, com o respectivo superior hierárquico e quatro religiosos. Tal não parece suceder, e mais inviável ainda seria o facto de estarmos perante uma canónica regente, desde logo estranhar-se-ia a intitulação, até porque a tratar-se de uma comunidade agostinha seria prior e não abade. Então como justificar a intitulação bem como a presença de tantos eclesiásticos numa igreja paroquial? Quanto à questão de Pedro Peres se auto-designar abade do mosteiro parece-nos justificável por essa utilização indiscriminada do vocábulo assente até numa certa tradição que já vinha associada à igreja.

Quanto aos múltiplos clérigos aí presentes, reconhecendo que não sendo uma situação muito usual, apenas se pode considerar extraordinária pelos números, porque a presença de mais que um eclesiástico numa paróquia não é caso único por estas

---

<sup>236</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol, I, Parte II, Fasc. IX, Lisboa, 1977, p.1422.

<sup>237</sup> *Ibidem*, Vol, I, Parte II, Fasc. IX, Lisboa, 1977, p.1418.

<sup>238</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 68-69. Este documento é também referenciado por Ferreira, Monsenhor José Augusto, “A igreja de S. Cristovam de Rio Mau”, 1909, p.82.

<sup>239</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 68-69. Este documento é também referenciado por Ferreira, Monsenhor José Augusto, “A igreja de S. Cristovam de Rio Mau”, 1909, p.82.

<sup>240</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 68vº.

paragens, como acontece por exemplo com Santo André de Parada, surgindo identificados a 1 de Março de 1294 dois elementos dessa igreja: o abade João Domingues e o clérigo Pedro Domingues<sup>241</sup>. De resto esta situação encontrará paralelismo numa outra vivenciada nessa mesma igreja de S. Cristóvão de Rio Mau, na primeira metade do séc. XIV, em que surgem identificados dois clérigos<sup>242</sup> aos quais acresceria certamente o abade. Perante o exposto, e até ao aparecimento de dados que possam apontar um outro caminho, tudo sugere que estamos perante o titular da paróquia e três coadjutores.

Uma fonte imprescindível para a clarificação e dissipação de eventuais dúvidas que pudessem subsistir é o catálogo das igrejas e mosteiros elaborado em 1320-21, onde, como seria expectável, não se detecta o mosteiro de S. Cristóvão de Rio Mau, aparecendo apenas a indicação à igreja de São Cristóvão, localizada na Terra de Faria, e que surge taxada em 80 libras<sup>243</sup>

Por esta altura era abade da igreja de S. Cristóvão de Faria, Domingos Peres que, a 8 de Agosto de 1320, obteve sentença favorável de Estêvão Vicente, vigário geral da diocese de Braga, a propósito da demanda que trazia com o cavaleiro Martim Afonso da Quintã e Estevainha Rodrigues, sua mulher, sobre direitos nessa igreja, mormente de padroado, pousadoria, cavalaria e casamento, tendo os cavaleiros sido julgados à revelia, determinando-se que não tinham quaisquer direitos de padroado na igreja<sup>244</sup>. A 1 de Novembro de 1320 Domingos Peres mantinha-se como abade desta igreja, surgindo também referência a Domingos Martins, capelão da igreja de S. Cristóvão, que nesse mesmo dia testemunha um instrumento lavrado no corpo da igreja de S. Cristóvão<sup>245</sup>. Desconhecemos o início do seu abaciado mas a 27 de Setembro de 1311 Domingos Peres já aparece identificado como reitor da igreja de S. Cristóvão de Faria, dia em que empraça a João Gil e à sua mulher, Domingas Domingues, metade do casal de Rio Mau de Galinhas<sup>246</sup>.

---

<sup>241</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro: doações, testamentos e compras, fls.79vº-80vº.

<sup>242</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 90vº-91. Trata-se de um instrumento datado de 8 de Julho de 1333. Curiosamente os dois clérigos têm o mesmo nome: Estêvão Durães. Entre as testemunhas desse instrumento surge também um “Joham Perez Priol” mas sem a indicação do mosteiro a que pertencia.

<sup>243</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.98.

<sup>244</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 86vº-87.

<sup>245</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 86vº-87vº.

<sup>246</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.68-69.

Ao falar-se em S. Cristóvão de Faria não se julgue que se trata de equívoco porque este é um dos nomes pelos quais esta igreja é mencionada na Idade Média, e se nos sécs. XII e XIII aparece, normalmente, identificada pelo referencial hagiográfico, isto é surgindo apenas a indicação à igreja ou ao mosteiro de S. Cristóvão, a partir do séc. XIV encontra-se identificada de forma indiferenciada como São Cristóvão de Rates, São Cristóvão de Rio Mau, São Cristóvão de Faria e São Cristóvão da Marinha.

Entre 1357 e 1362 a igreja de Rio Mau deverá ter sido reedificada<sup>247</sup>.

A 10 de Fevereiro de 1375 Afonso Martins era o abade de S. Cristóvão de Rio Mau, envolvendo-se numa contenda, por causa de casais em Moldes, juntamente com o escudeiro Estêvão Ferreira, e moradores desses casais, contra o mosteiro da Junqueira.<sup>248</sup> Afonso Martins aparece novamente identificado como abade da igreja de S. Cristóvão de Faria, a 9 de Maio de 1376, dia em que, por carta de Lourenço Pais, abade de Bornes e vigário geral do arcebispo de Braga, D. Lourenço (1374-1397), é incumbido, juntamente com Martim Domingues, abade de Paradela, de proceder à justa partição de casais que o prior da Junqueira e o escudeiro Estêvão Ferreira pretendiam fazer em Vilar do Mato, Chantada, Casal Gontinho, Corvos e Póvoa<sup>249</sup>. De 11 de Fevereiro de 1378 data outro instrumento que confirma que Afonso Martins era o abade da igreja de S. Cristóvão, surgindo também aí referenciado “Martim Annes creligo da dita Igreja”<sup>250</sup>. Ao longo da década de noventa Afonso Martins ainda surge mencionado como abade de S. Cristóvão, mormente a 28 de Maio de 1390<sup>251</sup>, a 28 de Outubro de 1392, aparecendo, nesta data, identificado como “abbade da Eigreja de Sam Christovam da Marinha do julgado de Faria”<sup>252</sup>, e finalmente a 26 de Fevereiro de 1399, dia em que

---

<sup>247</sup> Esta informação merece-nos as maiores reservas até porque é veiculada por Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno, dictionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, biographico e etymologico*, vol.8, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1878, p.208, encontrando-se também em Alves, M., “Rio Mau”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, Lisboa, Editorial Verbo, 1974, p.643, mas é presumível que a fonte seguida por este Autor tenha sido Pinho Leal que diz: “O abbade do mosteiro da Junqueira, mandou reedificar esta egreja, no reinado de D. Pedro I (1357 a 1362)”. De concreto, e em termos documentais não dispomos de quaisquer elementos que sustentem esta informação.

<sup>248</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 139-140.

<sup>249</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 125vº-126.

<sup>250</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl.109vº. Este documento é também referenciado por Ferreira, Monsenhor José Augusto, “A igreja de S. Cristovam de Rio Mau”, 1909, p.83. Curiosamente, Martim Anes continua a ser mencionado como clérigo de S. Cristóvão de Rio Mau em instrumento de 9 de Janeiro de 1381, surgindo aí como procurador do abade Afonso Martins (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.145-146vº).

<sup>251</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 135-135vº.

<sup>252</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 138vº-140.



testemunha uma procuração feita no mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>253</sup>. É provável que ainda se mantenha no cargo no início do século XV mas não temos dados que o comprovem, de concreto apenas sabemos que já não era o titular dessa igreja a 24 de Julho de 1405, dia em que o abade de S. Cristóvão é Fernão Gonçalves<sup>254</sup>. O abaciado deste clérigo parece ter sido bastante prolongado, sendo referenciado como abade de S. Cristóvão de Faria a 17 de Junho de 1419<sup>255</sup>, mantendo-se ainda no cargo na década de trinta. Efectivamente, a 26 de Setembro de 1435 Fernão Gonçalves, na qualidade de juiz alvidro, num processo que opunha o prior e o mosteiro de S. Simão da Junqueira contra Álvaro Vasques, abade de Gresufes, por causa da posse de um moinho, proferiu, após a inquirição de diversas testemunhas sentença favorável ao mosteiro<sup>256</sup>.

A 26 de Novembro de 1443, o arcebispo D. Fernando da Guerra anexou a igreja de São Cristóvão de Rates ao mosteiro da Junqueira, para fazer face às dificuldades económicas da instituição e simultaneamente melhorar o serviço pastoral nessa paróquia<sup>257</sup>. Esta questão da anexação, ou melhor, o processo conducente à anexação que, segundo alguns Autores, implicou a extinção do mosteiro, não tem gerado unanimidade.

Como se pode aferir da citação de entrada, D. Nicolau de Santa Maria diz que o mosteiro de S. Cristóvão de Rio Mau foi unido ao mosteiro de S. Simão da Junqueira por D. Fernando da Guerra, em 1418, por breve do papa Martinho V (1417-1431),

---

<sup>253</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 137. O abade Afonso Martins surge ainda a testemunhar um instrumento efectuado em Rates, a 22 de Maio de 1399 (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.165vº).

<sup>254</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 138vº-141. Apesar de nos parecer extremamente remota existe a possibilidade de ao abade Fernão Gonçalves ter sucedido Pedro Afonso, uma vez que a 8 de Julho de 1437 D. Duarte legitima Afonso, filho de Leonor Rodrigues e de Pedro Afonso, prior de S. Cristóvão (cf. *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo 2 (1435-1438), 1998, p.431 (Doc.1229), de qualquer modo como aí surge apenas a referência ao orago sem qualquer outra indicação complementar, Rio Mau poderá ser uma hipótese a considerar, de entre as muitas igrejas, mosteiros e colegiadas com esta intitulação.

<sup>255</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.145-146vº. Neste instrumento aparece identificado como Fernão Rodrigues mas deverá tratar-se, certamente, de erro na transcrição do traslado, até porque Fernão Gonçalves é, posteriormente, referenciado no cargo.

<sup>256</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.189-192.

<sup>257</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.797-798, 811. Também Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, pp.92-93; Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, Edição da Mitra Bracarense, 1930, p.253 (nota 4) aponta esta data. Trata-se de uma provisão dada em Évora a 26 de Novembro de 1443, data em que de facto o prelado bracarense se encontrava nessa cidade (cf. Marques, José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1417-1467)*, Separata da “Revista de História”, Vol. I, Centro de História da Universidade do Porto, 1978, p.64).

embora com a condição de estarem sempre dois cônegos nesse mosteiro<sup>258</sup>. Também Monsenhor José Augusto Ferreira fala do breve deste papa que autorizou o arcebispo bracarense a extinguir o mosteiro e a uni-lo a S. Simão, colocando, no entanto, tal realização em 1443<sup>259</sup>.

Sobre este breve pontifício e o seu conteúdo não nos podemos pronunciar porque não tivemos oportunidade de o confrontar mas é perfeitamente admissível que a autorização ou a indicação papal para a anexação seja de 1418 ocorrendo a sua execução somente a 26 de Novembro de 1443<sup>260</sup>.

Ainda a propósito da questão da extinção do mosteiro José Marques já tinha demonstrado a impossibilidade de esta ter ocorrido em simultâneo com a anexação a S. Simão da Junqueira, uma vez que em Março de 1442 S. Cristóvão de Rio Mau já tinha sido reduzido a igreja paroquial, altura em que o arcebispo D. Fernando da Guerra ordenou que confirmassem no priorado de S. Simão da Junqueira o abade de S. Cristóvão de Rio Mau<sup>261</sup>.

José Augusto Ferreira deverá ter sido incorrectamente induzido por Nicolau de Santa Maria quando se refere à união do mosteiro e pela confusão provocada pela inexactidão terminológica que vimos falando, até porque já anteriormente, e tendo como suporte um documento de 1378 que refere o abade Afonso Martins, o Autor afirma: “Portanto S. Christovam de Rio Mau já antes de 1378 tinha deixado de ser mosteiro, assim no-lo confirma este documento”<sup>262</sup>.

E tinha-o efectivamente, pelo menos disso estamos convictos, tendo em considerção tudo o que vimos aduzindo, e face aos elementos apresentados, parece-nos que fica provado que já há muito tempo que Rio Mau era igreja paroquial e não mosteiro, que a sê-lo só mesmo nos seus primórdios, embora esta seja uma questão a necessitar de exame apurado, mas sem grande relevância prática para esta discussão.

---

<sup>258</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, pp.335-336. Pinho Leal parece seguir Frei Nicolau de Santa Maria, embora no seu texto se diga que foi anexada por breve do papa Martinho V em 1488, certamente um erro tipográfico (cf. Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.8, 1878, p.208).

<sup>259</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp.92-93.

<sup>260</sup> De resto as palavras de José Augusto Ferreira parecem apontar nesse sentido ao dizer: “O arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, auctorizado por letras apostolicas de Martinho V extinguiu o mosteiro de S. Christovão de Rio Mau, de Conegos regrantes de Santo Agostinho, e uniu-o e incorporou-o *in perpetuum* no de S. Simão da Junqueira, seu visinho” (cf. Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp.92-93).

<sup>261</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.732, 796-797; A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.109vº.

<sup>262</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, “A igreja de S. Cristovam de Rio Mau”, 1909, p.83.

A 31 de Julho de 1486 o convento e o prior de S. Simão da Junqueira escambam entre si alguns bens, incluindo um casal que o prior possuía na aldeia de Moldes, freguesia de S. Miguel de Arcos, casal esse que pertencia à igreja de S. Cristóvão, e que passou para a mesa conventual<sup>263</sup>.

Ao longo do séc. XVI a igreja de S. Cristóvão continua a ser referenciada como sendo do padroado de S. Simão da Junqueira e anexa ao mosteiro. Assim, na delimitação e demarcação que se faz do mosteiro da Junqueira a 23 de Maio de 1508 diz-se: “parte ho dito mosteiro com S. Cristovam sua anexa”<sup>264</sup>. Também no rol das igrejas elaborado no arcebispado de D. Diogo de Sousa (1505-1532) aparece como sendo da apresentação do mosteiro de “Sam Simão da terra de Vermoim de Susão”<sup>265</sup>, o mesmo sucedendo em 1528<sup>266</sup> e 1568 estando, nesta altura, integrada nos rendimentos da mesa abacial<sup>267</sup>.

---

<sup>263</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl.131-132vº.

<sup>264</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp.124-126 (doc.7); Freitas, Eugénio de Andrea da Cunha e, “Memórias para a história das freguesias de S. Simão da Junqueira e de Santo André de Parada”, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova Série, Nº 13, Junho de 1994, p.26.

<sup>265</sup> Pimenta, Rodrigo, “Para a história do arcebispado de Braga”, in *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. VI, Guimarães, Publicação do Arquivo Municipal de Guimarães, 1941, p.105.

<sup>266</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.16.

<sup>267</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros na arquidiocese de Braga sob D. Fr. Bartolomeu dos Mártires”, in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português, 1987, p.174.

### Eclesiásticos de S. Cristóvão de Rio Mau

| Data   | Designação       |   |                  |
|--|------------------|---|------------------|
|  | Abade/Reitor     | Clérigo(s)  | Capelão          |
| 1179   | Vermudo Godinho  |   |                  |
| 1220   | João Fernandes   |   |                  |
| 1258   | ? <sup>268</sup> | Pedro Peres   |                  |
| 1284   | Pedro Peres      | Domingos Domingues<br>Domingos Esteves<br>Simão Peres<br>Martim Martins |                  |
| 1311<br>1320                                 | Domingos Peres   |   | Domingos Martins |
| 1333   |                  | Estêvão Durães<br>Estêvão Durães  |                  |
| 1375<br>1378<br>1381<br>1390<br>1392<br>1399 | Afonso Martins   |   |                  |
|  |                  | Martim Anes   |                  |
|  |                  | Martim Anes   |                  |
|  |                  |   |                  |
|  |                  |   |                  |
| 1405<br>1435                                 | Fernão Gonçalves |   |                  |
|  |                  |   |                  |

#### **2.1.3. - S. Pedro de Ferreira**

Sobre S. Pedro de Ferreira têm-se gerado alguns equívocos. Frei Nicolau de Santa Maria diz que foi mosteiro de cónegos regrantes até 1475, altura em que o papa o anexou e uniu à mesa pontifical da Sé do Porto<sup>269</sup>. Esta tem sido, de uma forma geral, a opinião aceite e veiculada pelos mais diversos autores em relação a esta instituição. Na base dessa tese está o facto de este instituto surgir recorrentemente indicado na documentação como mosteiro, incluindo o documento que dá conta da anexação à Mitra do Porto. Examinemos então os dados de que dispomos sobre esta comunidade:

Em 1293 foi feito um contrato entre o bispo do Porto, D. Vicente Mendes (1261-1295), e o abade de S. Pedro de Ferreira, D. Durando Pais, que em conjunto com os restantes clérigos desse mosteiro cedeu ao bispo os direitos de padroado da igreja de Santa Maria de Válega em troca da isenção de pagamento de direitos e réditos que o bispo tinha a receber de algumas igrejas de S. Pedro de Ferreira<sup>270</sup>. E se esta simples referência ao abade levanta logo dúvidas por não ser esse o tratamento dado ao superior hierárquico das comunidades de cónegos regrantes de Santo Agostinho, o facto de em

<sup>268</sup> A igreja tinha abade mas este encontrava-se ausente.

<sup>269</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.335.

<sup>270</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, pp. 249-251,350,632; Real, Manuel Luís, “A igreja de S. Pedro de Ferreira: um invulgar exemplo de convergência estilística”, in *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, p.252.

1294 surgir a referência a um cônego deste mosteiro<sup>271</sup> poderia, aparentemente, resfriar essas dúvidas quanto ao tipo de comunidade em presença.

Estas indicações, isoladamente, não são, por si só, suficientes para esclarecer se já era uma colegiada ou ainda um mosteiro com vida comunitária, embora os indícios já apontem para a primeira hipótese. Em 1302 D. Beringeira ou Beringária Aires, uma descendente dos padroeiros de S. Pedro de Ferreira, fez doação ao bispo do Porto, D. Geraldo (1300-1308), de todos os direitos e jurisdições que aí detinha<sup>272</sup> e não doação do mosteiro como por vezes, erroneamente, se tem escrito.

Mas a dúvida persiste, ainda havia comunidade monástica? Ter-se-á mantido até finais do século XIII ou inícios do séc. XIV e sido extinto o cenóbio e convertido em simples igreja secular ou numa colegiada? Na listagem das igrejas do reino taxadas em 1320 não há qualquer indicação ao mosteiro de S. Pedro de Ferreira mas sim à igreja que foi taxada em 200 libras e o comum dos seus raçoeiros em 100 libras<sup>273</sup> pelo que daqui se depreende que já era uma abadia e colegiada.

A inquirição afonsina parece corroborar esta possibilidade uma vez que a 5 de Outubro de 1336 D. Afonso IV confirmava a jurisdição cível que Pedro Anes, abade da igreja de Ferreira, no julgado de Aguiar de Sousa, detinha no couto que havia em redor dessa igreja<sup>274</sup>.

Este documento, mais uma vez não faz qualquer alusão ao mosteiro. O mesmo Pedro Anes, a 18 de Março de 1342, continua a ser identificado como “abbade de Ferreyra”<sup>275</sup>, aparecendo num outro documento do Censual com a mesma intitulação e a indicação de que era cônego da Sé do Porto<sup>276</sup>. A 16 de Maio de 1351 era reitor da igreja paroquial de S. Pedro de Ferreira Diogo Afonso a quem o papa Clemente VI prometia o lugar de Rodrigo Gonçalves na igreja colegiada de S. Martinho de Cedofeita,

---

<sup>271</sup> Trata-se de Pedro Martins, identificado como cônego do mosteiro de Ferreira a 18 de Janeiro de 1294, dia em que é apresentado por Fernão Peres de Barbosa para a igreja de Lovegilde, que entretanto, vagara, num processo complexo de copadroeiros envolvendo também o mosteiro de Arouca (cf. Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, pp.176-177). Do dia 23 desse mesmo ano e mês conhece-se uma outra referência a “Pero Martiz coonigo do moesteiro de Ferreira” (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.26vº).

<sup>272</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 332-642; Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto – Subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do concílio de Trento*, Publicações da Câmara Municipal do Porto, 1973, pp. 127-128; Mattoso, José; Krus, Luís; Andrade, Amélia Aguiar, “Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias”, in *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, p.220; Real, Manuel Luís, “A igreja de S. Pedro de Ferreira ...”, 1986, p.253.

<sup>273</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>274</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.109-111 (Doc.53).

<sup>275</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, p.460.

<sup>276</sup> Ai se diz “Petrus Ihoannis Abbas Monasterii de fferraria et canonicus noster” (cf. *ibidem*, p.513).

assim que vagasse<sup>277</sup>. A 23 de Março de 1379 Gonçalo Domingues era abade secular da igreja da colegiada de S. Pedro de Ferreira<sup>278</sup>. A 9 de Fevereiro de 1422 há uma súplica dirigida a Martinho V por João Rodrigues do Casal, porcionário perpétuo da igreja secular de S. Pedro de Ferreira e filho de um presbítero da Ordem de Santo Agostinho e de mulher solteira, que solicita ao papa dispensa para ser provido em ordens sacras e obter benefícios eclesiásticos, solicitando a igreja de S. Félix de Belinho da diocese de Braga<sup>279</sup>.

Em documento datado de 9 de Janeiro de 1434 há referência a 2 casais do “moesteyro de Ferreira” localizados na região de Viseu<sup>280</sup>, surgindo aqui mais uma vez a referência ao “mosteiro” mas que tem de ser entendida como uma força terminológica e não um elemento inequívoco da existência de um mosteiro com comunidade conventual<sup>281</sup>. A 1 de Dezembro de 1434 João Beliágua era abade da “collegiate ecclesie Sancti Petri de Ferreira Portugalensis diocesis”<sup>282</sup>, cargo que ainda ocupava a 10 de Outubro de 1435, embora pretendesse por súplica desse mesmo dia um canonicato na Sé da Guarda o que fez com que se posicionasse logo João do Sem, doutor em Leis e clérigo de Lisboa, solicitando para si a futura vaga da colegiada de S. Pedro de Ferreira<sup>283</sup>. O certo é que não deverá ter obtido resposta renovando essa solicitação a 21 de Agosto de 1437<sup>284</sup>, pedido que foi prontamente atendido por Eugénio IV (1431-1447) que nesse mesmo dia expediu a bula atribuindo-lhe o deado da Guarda<sup>285</sup>, sendo até essa altura abade da Colegiada de S. Pedro de Ferreira. De 18 de

---

<sup>277</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. I (1288-1377), Documentos coligidos e publicados por A. Moreira de Sá, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1966, p.194 (doc.181).

<sup>278</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.41.

<sup>279</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), 1969, pp.222-223 (doc.780); *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp.449-450 (doc.628). A 10 de Março de 1423 este mesmo João Rodrigues do Casal volta a solicitar benefícios eclesiásticos (cf. *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), 1969, p.251 (doc.800).

<sup>280</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.223 (Doc.453).

<sup>281</sup> Conhecemos vários exemplos em que tal ocorre. Desde logo um caso muito semelhante, e como já tivemos oportunidade de verificar, é o de S. Cristóvão de Rio Mau também frequentemente referenciado como mosteiro quando, efectivamente, não o era, pelo menos à luz dos nossos padrões de avaliação. Outros casos que poderão servir para exemplificar esta situação são os dos mosteiros de Requião e de Banho. Quanto ao mosteiro regente de Requião, apesar de extinto na primeira metade do séc. XV ainda surge a referência a 12 de Dezembro de 1511 à “freyguesya do mosteyro de Ryquiam termo de Barcellos” (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.197), enquanto que o de Banho, extinto em 1441 continua a ser identificado como mosteiro ao longo da segunda metade do séc. XV (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.728).

<sup>282</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. IV (1431-1445), 1970, p.78 (doc.1004).

<sup>283</sup> *Idem*, Vol. IV (1431-1445), 1970, pp.100-102 (docs.1027-1028).

<sup>284</sup> *Idem*, Vol. IV (1431-1445), 1970, pp.168-169 (doc.1088).

<sup>285</sup> *Idem*, Vol. IV (1431-1445), 1970, p.169 (doc.1089).

Setembro de 1459 temos uma súplica de Afonso Lourenço, sacerdote de Évora e bacharel em Teologia, sobre a igreja da colegiada de S. Pedro de Ferreira<sup>286</sup>.

Em 1475, por solicitação do bispo do Porto, D. João de Azevedo (1465-1495), foi passada bula pelo papa Sixto IV (1471-1484) que extinguiu o “mosteiro” de S. Pedro de Ferreira, anexando-o à mesa pontifical do Porto<sup>287</sup>. Mais uma vez aqui a utilização da expressão acabou por ser geradora de equívocos a propósito da história da instituição, parecendo-nos, inquestionável que durante os séculos XIV e XV S. Pedro de Ferreira não foi uma canónica regrante, mas sim colegiada. Tal não obsta que em momento anterior não tenha sido um mosteiro de cónegos Regrantes de Santo Agostinho, de resto a tradição parece apontar nesse sentido, mormente no século XIII, muito provavelmente entre 1258 e 1293<sup>288</sup>.

### **Igrejas da jurisdição de S. Pedro de Ferreira**

S. Pedro de Ferreira teve a seu cargo o padroado das igrejas de S. Tiago de Modelos e parte do padroado da igreja de S. Salvador de Penamaior a quem foi anexada, no século XVI, a igreja de S. Salvador de Meixomil<sup>289</sup> e a de Santa Eulália de Soverosa<sup>290</sup>.

---

<sup>286</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI (1456-1470), 1974, p.135 (doc.1907).

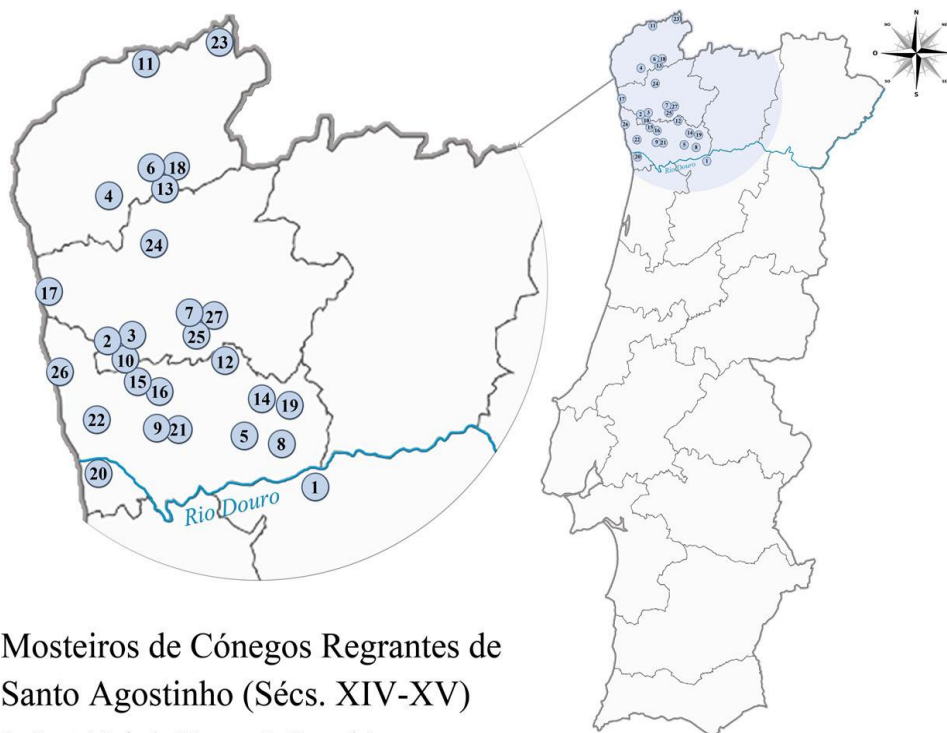
<sup>287</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, Porto, 1623, II parte, p.179, p. 266; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.335; Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada*, Tomo XXI, 2ª ed., Madrid, En la Oficina de La Viuda é Hijo De Marin, 1797, pp.168-169; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas ...*, Tomo II, 1924, p.52; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. VII – A igreja de S. Pedro de Ferreira*, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1937, pp.16-17; Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censal da Mitra do Porto ...*, 1973, p.128; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.335; Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada*, Tomo XXI, 2ª ed., Madrid, 1797, pp.168-169.

<sup>288</sup> *Ordens Religiosas em Portugal ...*, 2005, p.202. Esta questão, bem como o historial da instituição, é também explanada no *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. VII – A igreja de S. Pedro de Ferreira*, 1937, pp.9-17, embora aí seja veiculada uma visão diferente da que temos e que se insere na perspectiva da tese tradicional de estarmos perante um mosteiro de cónegos regrantes até 1475, no entanto a argumentação aí utilizada apresenta algumas inexactidões e tem de ser analisada com cuidado.

<sup>289</sup> Mattoso, José; Krus, Luís; Andrade, Amélia Aguiar, “Paços de Ferreira na Idade Média...”, Vol. I, 1986, p.228.

<sup>290</sup> Real, Manuel Luís, “A igreja de S. Pedro de Ferreira ...”, 1986, p.252.

## Carreando certezas...



### Mosteiros de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (Sécs. XIV-XV)

- 1 - Santa Maria de Cárquere (c. Resende);
- 2 - Santa Maria de Landim (c. Vila Nova de Famalicão);
- 3 - Santa Maria de Oliveira (c. Vila Nova de Famalicão);
- 4 - Santa Maria de Refóios de Lima (c. Ponte de Lima);
- 5 - Santa Maria de Vila Boa do Bispo (c. Marco de Canaveses);
- 6 - Santa Maria de Vila Nova de Muia (c. Ponte da Barca)
- 7 - Santa Marinha da Costa (c. Guimarães);
- 8 - Santo André de Ancede (c. Baião);
- 9 - Santo Estêvão de Vilela (c. Paredes);
- 10 - São Cristóvão/Silvestre de Requião (c. Vila Nova de Famalicão);
- 11 - São João de Longos Vales (c. Monção);
- 12 - São Martinho de Caramos (c. Felgueiras);
- 13 - São Martinho de Crasto (c. Ponte da Barca);
- 14 - São Martinho de Mancelos (c. Amarante);
- 15 - São Miguel de Vilarinho (c. Santo Tirso);
- 16 - São Pedro de Roriz (c. Santo Tirso);
- 17 - São Salvador de Banho (c. Barcelos);
- 18 - São Salvador de Bravães (c. Ponte da Barca);
- 19 - São Salvador de Freixo (c. Amarante);
- 20 - São Salvador de Grijó (c. Vila Nova de Gaia);
- 21 - São Salvador de Lordelo (c. Paredes);
- 22 - São Salvador de Moreira da Maia (c. Maia);
- 23 - São Salvador de Paderne (c. Melgaço);
- 24 - São Salvador de Valdreu (c. Vila Verde);
- 25 - São Salvador do Souto (c. Guimarães);
- 26 - São Simão da Junqueira (c. Vila do Conde);
- 27 - São Torcato (c. Guimarães);



## **2.2. Diocese de Braga**

### **2.2.1. - Santa Maria de Landim (c. Vila Nova de Famalicão)**

Landim foi, entre as canónicas regrantes, e no período medieval, indiscutivelmente, um dos mosteiros mais importantes da diocese de Braga.

Um desses indicadores é-nos dado pelo facto de o seu património ser dos poucos que tem uma implantação supra local. Através das inquirições de 1284 detectam-se casais de Landim a sul do Douro, na aldeia de Chã de Jusã e Junqueira de Jusã, na aldeia de Padrastos, freguesia de Santa Maria de Macieira, na aldeia de Lordelo e na aldeia de Armental e Codal, da freguesia de Santiago de Codal, tudo localidades situadas numa região de influência geográfica de mosteiros como Grijó, Paço de Sousa, Arouca, Pedroso e S. Martinho de Cucujães<sup>291</sup>.

Um outro indicativo que ajuda a avaliar a grandeza e o reconhecimento devotado à instituição é, naturalmente, o volume de doações que o mosteiro recebe e a proveniência social dos beneméritos, e neste particular pode dar-se como exemplo o facto de Landim ter sido contemplado no testamento do bispo do Porto, D. Sancho Pires (1296-1300), lavrado a 21 de Dezembro de 1288, com 105 morabitinos, dos quais 100 velhos, sendo os restantes cinco para dizer missas pela sua alma bem como uma de aniversário<sup>292</sup>.

A possessão de um vasto património fundiário aliado a uma inevitável boa gestão faziam com que Landim fosse dos mosteiros regrantes do Norte do país com melhor situação económica no primeiro quartel do séc. XIV como facilmente se depreende da taxação de 1435 libras que lhe foram aplicadas em 1320<sup>293</sup>.

Não sabemos se dentro dessa linha de gestão e como medida preventiva contra a interferência de poderosos, ou se em consequência de abusos praticados no couto do mosteiro, o meirinho de Entre Douro e Minho, Fernão Rodrigues, surge a 21 de Março de 1315, a solicitar a Geraldo Esteves, tabelião de Guimarães o traslado de duas cartas

---

<sup>291</sup> *Portugaliae Monumenta Histórica a saeculo octavo post Christum usque ad quintundecimum iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis Edita, Nova Série. Vol.III: Inquisitiones - Inquirições Gerais de D. Dinis (1284)*, introdução, leitura e índices por José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2007, pp.28,45-46.

<sup>292</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 439, 666. Na transcrição do documento a data que aparece é “XII Kalendas Decembris Era M<sup>a</sup> CCC<sup>a</sup> II<sup>o</sup>” (p.442), o que daria 21 de Dezembro de 1294, data que seria anacrónica uma vez que D. Sancho Pires nessa altura ainda não era bispo do Porto e no testamento intitula-se como tal. De qualquer modo deverá ter sido uma falha tipográfica uma vez que no “Índex” é indicada a Era de 1336 (p.666), ou seja ano de 1298.

<sup>293</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

referentes à doação e renúncia de vários indivíduos a quaisquer direitos de bens do couto do mosteiro, a primeira celebrada em 1177 e a segunda em 1225<sup>294</sup>.

Ainda a propósito dos coutos do mosteiro existem duas sentenças régias de Fevereiro de 1336, uma do dia 4 e outra do dia 8, ambas do mesmo teor e proferidas por D. Afonso IV<sup>295</sup>, respeitantes à inquirição efectuada aos coutos de Landim e Palmeira, pertencentes ao mosteiro de Santa Maria de Landim, provando-se que a jurisdição do crime era do rei, no caso específico da alçada directa do juiz de Vermoim, enquanto que a jurisdição cível se manteve em posse do mosteiro<sup>296</sup>. De resto a questão dos limites do couto de Landim provocou, ao longo do tempo, várias divergências com o mosteiro de Santo Tirso<sup>297</sup>. Curiosamente, já no séc. XVI e sendo D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, o comendatário de Santo Tirso e Landim, vai solicitar cópia dos documentos que se guardavam na Torre do Tombo, referentes aos coutos dos dois mosteiros<sup>298</sup>.

A 28 de Outubro de 1360 D. Pedro confirma os privilégios do mosteiro de Landim<sup>299</sup>. D. João I também confirmou, a 12 de Novembro de 1385, todos os privilégios, foros liberdades e bons costumes de que sempre o mosteiro usara<sup>300</sup>. O priorado de Landim, por força desses mesmos rendimentos, era bastante apeteçível, surgindo o clérigo João Peres, da diocese de Braga, escolar em Gramática a solicitar a Clemente VII, a 18 de Novembro de 1378, a reserva do priorado do mosteiro landinense<sup>301</sup>.

Pouco tempo depois, em Dezembro de 1378 é João, reitor dos estudantes do Estudo Geral de Lisboa, quem solicita ao antipapa Clemente VII diversos benefícios

---

<sup>294</sup> IAN/TT – Gaveta I, M.1, Doc.8.

<sup>295</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.12-15 (Doc.6); 164-166 (Doc.72). Apesar de algumas variações os textos dos dois documentos são muito idênticos.

<sup>296</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.12-15 (Doc.6); 164-166 (Doc.72); Marques, José, “D. Afonso IV e as jurisdições senhoriais”, 1990, pp. 1538-1539.

<sup>297</sup> Barroca, Mário Jorge, “A cruz do lugar das Marcas ...”, 2006, p.149.

<sup>298</sup> Correia, Fernando Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso: o perfil jurisdicional dos seus abades*, pp.576-578.

<sup>299</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, Edição preparada por A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984, p.188 (Doc. 476).

<sup>300</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. I – Tomo 3, 2005, p.78. Esta carta de confirmação encontra-se publicada por Correia, Fernando Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso: o perfil jurisdicional dos seus abades*, p.578, com a vantagem em relação à que figura na *Chancelaria* por ter o texto completo e dispondo de todos os dados da data, enquanto a outra se conserva apenas sob forma abreviada.

<sup>301</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.27. A solicitação da reserva do priorado bem como a postura do clérigo têm de ser devidamente entendidas e enquadradas na questão do Cisma, tratando-se de um assumir de partido e de demarcação de posições, neste caso a favor do antipapa, acabado de ser eleito a 20 de Setembro de 1378 (sobre esta questão do Cisma e as suas repercussões em Portugal veja-se o estudo de Costa, António Sousa, *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-1 (*A península ibérica e o cisma do Ocidente: Repercussão do cisma na nacionalidade portuguesa do século XIV e XV*), Editorial Franciscana, 1982, ou a síntese de Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, pp.92-94).

para os estudantes incluindo-se nesse rol João Peres, o tal clérigo da diocese de Braga e escolar em gramática, para quem pede benefício em Santa Maria de Landim<sup>302</sup>.

A 2 de Março de 1405 o arcebispo de Braga, D. Martinho Afonso (1398-1416), encontrava-se no mosteiro de Landim de onde expediu a carta de confirmação de Rodrigo Diogo para pároco de Santa Maria de Ribeiros, da terra de Monte Longo, aí apresentado face ao falecimento do seu último reitor, Vicente Esteves<sup>303</sup>.

No dia 21 de Agosto de 1418 o mosteiro de Landim acolheria novo arcebispo<sup>304</sup>, desta feita, D. Fernando da Guerra que aí reuniu com o clero de Ambas as Aves<sup>305</sup>.

De entre os mosteiros de cónegos regantes de Santo Agostinho, o de Santa Maria de Landim foi dos que mais tempo conseguiu resistir à entrada de comendatários, sendo o primeiro, pelo menos documentalente confirmável, D. Diogo de Azevedo, de quem já há notícia a 27 de Fevereiro de 1501<sup>306</sup>, sendo que o seu ingresso no priorado não deverá ter ocorrido em data muito anterior. Além deste detiveram a comenda D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, o seu sobrinho, D. António da Silva e ainda o cardeal Alexandre Farnese<sup>307</sup>.

Com o falecimento do comendatário arrendatário D. António da Silva, em Setembro de 1561, o rei, ou melhor, aqueles que em seu nome governavam<sup>308</sup>, pretendiam que os mosteiros de Landim e Santo Tirso ficassem livres de forma a dar continuidade às reformas entretanto iniciadas e proverem aí pessoas da sua confiança<sup>309</sup>. O problema é que o comendatário que detinha as duas instituições, o cardeal D. Alexandre Farnese ou Farnésio, não pretendia renunciar à comenda seguindo-se por isso em finais de 1561 e início de 1562 um arrastar do processo que esbarrava nas pretensões intransigentes das partes, por isso sem grandes desenvolvimentos<sup>310</sup>.

Em 1562 um cónego do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Filipe Pegado, encontrando-se em Roma, conseguiu convencer o cardeal comendatário de Landim,

---

<sup>302</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. II (1377-1408), 1968, p.49 (doc.314).

<sup>303</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.4.

<sup>304</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.34.

<sup>305</sup> Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.98.

<sup>306</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.11; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.69-70.

<sup>307</sup> Sobre estes priores consulte-se as respectivas notas biográficas que lhe são dedicadas, e que se encontram em Anexo, onde se aborda de forma mais aprofundada a sua acção à frente da instituição.

<sup>308</sup> Convém não esquecer que D. Sebastião nasceu em 1554, e com o falecimento de D. João III, em 1557, e face à sua menoridade, ficou a governar D. Catarina, assumido posteriormente a regência (em 1562) o cardeal D. Henrique.

<sup>309</sup> *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.339.

<sup>310</sup> *Ibidem*, Tomo IX, 1886, pp.383-384, pp.405-406.

Alexandre Farnésio, a renunciar à comenda de forma a integrar o mosteiro na Congregação de Santa Cruz<sup>311</sup>. O próprio Filipe Pegado assumiu o priorado do mosteiro entre 1563 e 1567 ano em que Pio V emitiu o breve da união de Landim à Congregação, tomando posse corporal do mosteiro o prior geral da Congregação D. Jorge Barbosa a 6 de Agosto de 1567<sup>312</sup>. Curiosamente, os cônegos aí existentes, senão a totalidade, pelo menos cinco deles, não aceitaram a reforma, sendo-lhes atribuída uma pensão anual como revela o texto da visitação aí efectuada em 1568<sup>313</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Landim:**

**2.2.1.1. - Igreja de Val-Cruoso** – O mosteiro de Landim exercia o direito de padroado nesta igreja, localizada na Terra de Refóios, como revela o catálogo das igrejas de 1320-1321, informando ainda que lhe foi aplicada uma taxaço de 10 libras<sup>314</sup>.

**2.2.1.2. - Santa Maria de Guardizela** (c. Guimarães) – Igreja do padroado do mosteiro de Landim. Trata-se de uma igreja com bons rendimentos, isto a avaliar pelas 75 libras que lhe foram aplicadas em 1320-132, como revela o inventário das igrejas<sup>315</sup>. A 20 de Setembro de 1479 era abade de “Gradisella” João Afonso<sup>316</sup>. Trata-se de um cônego da Colegiada de Santa Maria de Oliveira, que já tinha falecido a 19 de Agosto de 1493, revelando-se aí que vivia na Rua Nova do Muro e que tinha feito uma doação verbal aos clérigos do coro da Colegiada de 150 reais por ano com obrigação de celebração perpétua de três missas<sup>317</sup>.

João Fernandes, cônego de Landim, também foi abade de Guardizela, pelo menos na primeira parte da década de cinquenta do século XVI tendo renunciado em data anterior a 6 de Março de 1555, dia em que o papa Paulo IV (1555-1559) confirmou no cargo Mateus Fernandes, estudante em Salamanca, provisão que o pontífice concedia apenas dessa vez em virtude da reserva à Sé Apostólica de todos os benefícios curados e não curados, uma vez que a apresentação pertencia ao mosteiro de Landim<sup>318</sup>.

---

<sup>311</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VII, p.303; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.45; Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”..., p.108; Castro, Maria de Fátima, *O mosteiro de Landim: contributos para o estudo da propriedade eclesiástica*, Edição da Autora, 1995, p.78.

<sup>312</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.46.

<sup>313</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquerito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172.

<sup>314</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>315</sup> *Idem, Ibidem*, vol. IV, 1971, p.104.

<sup>316</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°318.

<sup>317</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°337.

<sup>318</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14-A, M.4, N°76.

**2.2.1.3. - Santa Marinha de Ceide / Santa Marinha de Landim / Santa Marinha do Couto de Landim / Santa Marinha de Riba de Pel**<sup>319</sup> - Igreja do padroado do mosteiro de Landim. O catálogo das igrejas de 1320-1321 revela que esta igreja estava sujeita ao mosteiro de Landim, tendo-lhe sido aplicada uma taxa de 10 libras<sup>320</sup>. A 6 de Setembro de 1427 foi confirmado como pároco da igreja de Santa Marinha de Ceide o cónego e prior claustral de Landim<sup>321</sup>. Esta igreja acabou por ser anexada ao mosteiro de Landim como revelam registos de 1528 e 1551<sup>322</sup>.

**2.2.1.4. - Santo André de Sobradelo / Santo André do Sobrado**<sup>323</sup> (fr. Aves, c. Santo Tirso) - Igreja do padroado do mosteiro de Landim. A taxa estipulada para esta igreja no arrolamento de 1320-1321 saldou-se nas 30 libras<sup>324</sup>. A 7 de Maio de 1401 foi confirmado como pároco da igreja de Santo André de Sobradelo Frei Bartolomeu Esteves, cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim<sup>325</sup>. A 20 de Julho de 1462 foi anexada a Landim a igreja de Santo André de Sobrado por ser pobre, não ter abade e ter poucos fregueses<sup>326</sup>.

**2.2.1.5. - Santo Estêvão de S. Fins / Sanfins de Riba de Ave**<sup>327</sup> (c. Vila Nova de Famalicão) – Igreja do padroado do mosteiro de Landim. Em 1400 o abade desta igreja

---

<sup>319</sup> Trata-se de uma freguesia que foi incorporada na de Landim e era conhecida na Idade Média sob estas diferentes formas como revela Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, pp.36, 621.

<sup>320</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>321</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.43; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.740.

<sup>322</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.36.

<sup>323</sup> Esta freguesia foi incorporada na da Vila das Aves tendo anteriormente pertencido ao concelho de Barcelos, de resto Leal, Augusto Soares d'Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.9, 1880, p.409, confirma os direitos de padroado de Landim nesta igreja ao dizer que “O prior do mosteiro dos conegos regantes de Santo Agostinho (cruzios) de Landim, apresentava o cura, que tinha 30\$000 réis de congrua e o pé d’altar”.

<sup>324</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.104.

<sup>325</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.740.

<sup>326</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.226; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.279; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.86.

<sup>327</sup> Esta freguesia foi fundida com a de Santo Estêvão de Natal e, posteriormente, incorporadas na freguesia de S. Pedro do Bairro, do actual concelho de Famalicão (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, pp.34, 40).

era um cónego de Santa Maria de Landim<sup>328</sup>. A 31 de Julho de 1430 foi confirmado nesta igreja o cónego Vicente Martins do mosteiro de Landim<sup>329</sup>.

**2.2.1.6. - São Bartolomeu de Vale Ervosa**<sup>330</sup> (c. Vila Nova de Famalicão) – Igreja do padroado do mosteiro de Landim. A 16 de Janeiro de 1264 o mosteiro, representado pelo prior D. Pedro, e o bispo do Porto, D. Vicente Mendes (1261-1296), chegam a acordo quanto à forma de apresentação de pároco nesta igreja, cabendo ao prior de Landim apresentar aí um cónego regrante do seu mosteiro, e ao bispo a respectiva confirmação<sup>331</sup>. A igreja de S. Bartolomeu surge taxada, no ano de 1320, em 25 libras<sup>332</sup> e, em 1568, ainda é referenciada, enquanto igreja de S. Bartolomeu da Lagoncinha, como estando anexa à mesa abacial do mosteiro de Landim<sup>333</sup>.

**2.2.1.7. - S. Martinho de Sequeiró** (c. Santo Tirso) – Igreja do padroado do mosteiro de Landim. Esta igreja foi taxada, em 1320, em 25 libras<sup>334</sup>. A 4 de Abril de 1494 era abade da igreja de Sequeiró Afonso Anes, cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim<sup>335</sup>.

**2.2.1.8. - São Miguel de Ceide** (c. Vila Nova de Famalicão) – Igreja do padroado do mosteiro de Landim. Em 1320 a igreja de S. Miguel de Ceide foi taxada em 20 libras<sup>336</sup>. Aí não lhe é feita qualquer menção como sendo do padroado de Landim, de qualquer modo é de admitir que já o integrasse nessa data.

**2.2.1.9. - São Miguel de Lama / São Miguel de Landim** (c. Santo Tirso) – Igreja do padroado do mosteiro de Landim. Segundo o catálogo das igrejas de 1320-1321 foi-lhe

---

<sup>328</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.34.

<sup>329</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.27; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.738,740; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97.

<sup>330</sup> A paróquia de S. Bartolomeu de Ervosa mudou de nome em 1542 para S. Bartolomeu da Lagoncinha, acabando por se extinguir ainda no séc. XVI (cf. Barroca, Mário Jorge, “A cruz do lugar das Marcas ...”, Vol. 4, 2006, pp.149-150 (nota 42).

<sup>331</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 344-345; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da cidade do Porto (Fastos Episcopales e Politicos) Séc. VI-Sec. XX*, Tomo I, Braga, Livraria Cruz, 1923, p.252.

<sup>332</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.104.

<sup>333</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.172.

<sup>334</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>335</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

<sup>336</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

aplicada uma taxa de 50 libras<sup>337</sup>. A 4 de Abril de 1461 o seu abade era João Fernandes, cónego regente do mosteiro de Landim<sup>338</sup>. Em 1475 João Fernandes ainda se mantinha à frente desta igreja<sup>339</sup>. Em 1528 esta igreja continua a ser referenciada como sendo da apresentação do mosteiro de Landim<sup>340</sup>.

**2.2.1.10. - São Salvador de Bente** (c. Vila Nova de Famalicão) - Igreja do padroado do mosteiro de Landim. Era do padroado de Landim pelo menos no primeiro quartel do séc. XIII<sup>341</sup>. Desconhecemos a situação posterior, de qualquer forma o catálogo das igrejas de 1320-1321 não adianta qualquer informação a este respeito, indicando apenas que foi taxada em 45 libras<sup>342</sup>. A 9 de Junho de 1390 o abade de “Beente” era Gonçalo Pires<sup>343</sup>. A 27 de Setembro de 1481 era abade da igreja de Bente, Frei Fernando<sup>344</sup> que supomos ser cónego do mosteiro de Landim.

### **2.2.2. - Santa Maria de Oliveira (c. Vila Nova de Famalicão)**

O mosteiro de Santa Maria de Oliveira localizava-se numa zona de forte implantação monástica, partilhando espacialmente o seu território de influência com diversos institutos religiosos, nomeadamente Santo Tirso, Vilarinho, Roriz, Requião e Landim, situando-se o seu património essencialmente na faixa Norte da bacia do rio Ave com uma maior concentração nas freguesias contíguas ao mosteiro<sup>345</sup>.

Não significa isso que Santa Maria de Oliveira não detivesse património em zonas mais distantes, de resto a 10 de Abril de 1299, Pedro Anes Coelho e D. Margarida, doaram ao mosteiro e ao seu prior, Fernão Peres Coelho, a quem os unia laços familiares, três casais em terra de Vieira, para remissão das suas almas<sup>346</sup>. O mosteiro

---

<sup>337</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.104.

<sup>338</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.12; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas dos Ordinandos da Mitra de Braga (1430-1588)*, Tomo I, Ponte de Lima, Edições Carvalhos de Basto, 2002, p.331.

<sup>339</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.949 (nota 892).

<sup>340</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.35.

<sup>341</sup> Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.86-87.

<sup>342</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>343</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, Nº175.

<sup>344</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.7.

<sup>345</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, pp.87,89-91.

<sup>346</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Doc.3; Maria, Frei Nicolau de Santa, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Costa, António Carvalho da, *Corografia ...*, Tomo I, 2ª ed., 1868, p.291; Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.6, 1875, p.254; Bastos, Maria Rosário da Costa *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, pp. 54-55.

chegou a possuir, inclusivamente, património em Leiria, que acabaria por vender a 5 de Julho de 1315<sup>347</sup>. Ainda fora desse perímetro local encontram-se os bens localizados nos actuais concelhos de Ribeira de Pena, Guimarães, Barcelos, Maia e Vila do Conde<sup>348</sup>, de resto nesta última localidade contavam-se, entre as suas propriedades, casas, as quais o foral manuelino de Vila do Conde, datado de 1516, isenta do pagamento de ferrolho<sup>349</sup>, imposto que recaía sobre esses bens.

No início do século XIV o mosteiro apresenta uma relativa saúde económica, uma vez que em 1320 foi taxado em 500 libras<sup>350</sup>. Contributo sempre importante para a robustez económica dos mosteiros eram as doações e Santa Maria de Oliveira foi contemplado com importantes dádivas ao longo da primeira metade da centúria, nomeadamente em 1330<sup>351</sup>, cerca de 1340<sup>352</sup> e 1348<sup>353</sup>.

A 27 de Fevereiro de 1336, e no seguimento da inquirição que D. Afonso IV mandou fazer sobre o couto do mosteiro, o rei reconhecia que a instituição deveria continuar a exercer a jurisdição cível no seu couto<sup>354</sup>. De resto, Santa Maria de Oliveira exerceria essa jurisdição cível até ao reinado de D. João III<sup>355</sup>, mesmo depois de já D. Manuel I, em 1507, ter feito uma tentativa para retirar essa prerrogativa à instituição<sup>356</sup>.

E se as relações com o poder régio parecem não ter sido marcadas por grandes atribuições, já com a Sé de Braga nem sempre foram pacíficas é que por volta de 1380, houve um grave conflito entre o bispo de Braga, D. Lourenço Vicente (1374-1397), e o prior de Oliveira, D. João Esteves, vendo o mosteiro as rendas da mesa prioral serem confiscadas durante um ano, tudo porque o prior não cumpriu o estabelecido nas

---

<sup>347</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.7.

<sup>348</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp.88-89.

<sup>349</sup> Neves, Joaquim Pacheco, *O mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde*, Câmara Municipal de Vila do Conde, 1982, p.250 (doc.5).

<sup>350</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>351</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.59.

<sup>352</sup> Trata-se de uma doação que Domingos Martins, abade de Castelões, fez ao mosteiro da sua quinta de Vila Pouca e dos campos de Real que deverá ter ocorrido por volta de 1340 (cf. Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.318; Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.6, 1875, p.254).

<sup>353</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.11.

<sup>354</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, vol. II (1336-1340), 1992, pp. 22-25. Esta carta de D. Afonso IV encontra-se também publicada por Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais...”, 1997, pp. 136-137. O documento publicado por esta Autora é proveniente do cartório de Santa Cruz de Coimbra e apresenta pequenas variações em relação ao que integra a *Chancelaria* de D. Afonso IV, sendo a mais significativa o facto de no texto da Chancelaria o representante do mosteiro ser Vicente Anes, cónego regente de Oliveira enquanto que no documento transcrito por Maria Rosário da Costa Bastos, aparece Vicente Luís, cónego do mosteiro de Landim.

<sup>355</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.143; Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais...”, 1997, p.134.

<sup>356</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais...”, 1997, pp. 133, 139-140.



constituições sinodais de 1374<sup>357</sup>. Após este desentendimento tudo se normalizou entre as instituições. De resto o seu sucessor, o prior Afonso Esteves deslocou-se a Braga para assistir ao sínodo diocesano de D. Martinho Afonso Pires da Charneca (1398-1416) que teve lugar a 15 de Novembro de 1398<sup>358</sup>. Parece verificar-se, inclusivamente, um estreitamento das relações entre a Sé e o mosteiro como indica o facto de, a 22 de Agosto de 1425, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, se encontrar no mosteiro de Oliveira<sup>359</sup>, onde confirmou Vicente Anes cónego desse cenóbio, na igreja de S. Pedro de Pedome (c.Famalicão), igreja cuja apresentação competia ao bispo de Braga<sup>360</sup>.

A esta aproximação não serão certamente alheias as disputas entre D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga e D. Afonso, conde de Barcelos e futuro duque de Bragança<sup>361</sup>. E convém não esquecer que Santa Maria de Oliveira localizava-se justamente no julgado de Vermoim, território que integrava o condado de Barcelos e que D. João I tinha dado ao referido D. Afonso, a 8 de Novembro de 1401<sup>362</sup>. De resto e por força dessa situação o prior Gonçalo Anes solicitou e conseguiu que D. Afonso, conde de Barcelos, lhe reconhecesse e desembargasse, a 7 de Outubro de 1412, a jurisdição que o mosteiro tinha no seu couto, com D. Martim Gomes, ouvidor do conde, a dar conta dessa decisão aos juizes de Barcelos, entidades perante as quais este mesmo prior compareceria a 15 de Março de 1414 para solicitar traslado desse instrumento bem como da sentença de D. Afonso IV também respeitante às jurisdições que o mosteiro detinha no seu couto<sup>363</sup>. Importa recordar que, não raras vezes, a clerezia das terras do conde de Barcelos tomou o partido deste incorrendo em atitudes de desobediência e rebelião para com o arcebispo, como sucedeu em 1439<sup>364</sup> e em 1450 com a recusa em pagar ao bispo de Braga subsídios aprovados em Sínodo<sup>365</sup>.

O referido arcebispo de Braga parece ter tido sempre uma atenção especial para com este mosteiro, de resto isso manifesta-se na atitude que teve, em 1456, certamente no seguimento de queixas apresentadas pelo prior de Oliveira e motivadas pela cobrança da colheita ao mosteiro, com D. Fernando da Guerra a reconhecer o direito de isenção

---

<sup>357</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, pp. 61-63.

<sup>358</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.59.

<sup>359</sup> Marques, José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.37.

<sup>360</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.9.

<sup>361</sup> As relações entre estes dois protagonistas, marcadamente tensas ao longo de várias décadas, foram já estudadas por Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.1101-1111.

<sup>362</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, "Privilégios jurisdicionais...", 1997, p.134.

<sup>363</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 134,138.

<sup>364</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1103.

<sup>365</sup> Ferreira, José Augusto, *Fastos Episcopales...*, Tomo II, 1930, pp. 270-273; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1104.

de colheita de que gozava Santa Maria de Oliveira, ordenando aos seus vigários que libertassem o mosteiro para sempre desse tributo<sup>366</sup>.

Também as relações com o poder régio parecem ter decorrido de forma exemplar. A 5 de Março de 1434 D. Duarte confirma os privilégios do mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>367</sup> e, a 30 de Novembro de 1436, este mesmo monarca, após queixa de D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga e sobrinho d’el rei, ordenou a Aires Gomes da Silva, regedor das justiças de Entre Douro e Minho, que não se devassassem os coutos das igrejas e mosteiros do arcebispado de Braga<sup>368</sup>, onde se incluía naturalmente o cenóbio de Santa Maria de Oliveira.

A 1 de Dezembro de 1449 o rei, D. Afonso V, confirmou ao mosteiro de Oliveira todos os privilégios, liberdades, graças e mercês que lhe tinham sido dadas, outorgadas e confirmadas pelos seus antecessores<sup>369</sup>.

Mais tarde, a 15 de Janeiro de 1485 o prior de Santa Maria de Oliveira anuiu ao pedido de D. João II para que fosse apresentado na igreja de Santa Lucrécia de Ponte de Louro Diogo Pinheiro Lobo<sup>370</sup>.

Apesar das boas relações externas a instituição revela fragilidades e debilidade a nível da gestão interna, marcada por uma certa incúria, em que a própria administração dos bens do mosteiro parece ter sido descuidada, ou pelo menos indevidamente acompanhada pelos seus priores, como se infere de um instrumento de 1457, coincidente com o final do priorado de Vasco Afonso, onde se revela que os foreiros já não pagam as rendas referentes às propriedades que trazem em Joane e Santa Maria de Mogege há seis anos e uma outra que era do abade de Ronfe há nove anos<sup>371</sup>. Naturalmente que o incumprimento das rendas por parte dos foreiros contribuía sobremaneira para o agudizar dos problemas económicos da instituição, problemas já sentidos no segundo quartel do século XV e que levaram o arcebispo de Braga a anexar ao mosteiro a igreja de S. Mateus face à “mingoa do dicto moesteiro”<sup>372</sup>.

---

<sup>366</sup> Martins, Armando Alberto, “Entre Braga e Coimbra: breve memória de três arcebispos nos textos medievais dos regrantes de Santa Cruz de Coimbra”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.1, 2006, p.366.

<sup>367</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.261 (Doc.492).

<sup>368</sup> Ferreira, José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (séc. III- séc. XX)*, Tomo II, Famalicão, Edição da Mitra Bracarense, 1930, p.263.

<sup>369</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.45; *Idem*, “Sixto da Cunha e a comenda do mosteiro de Santa Maria de Oliveira”..., 1999, pp. 12-13.

<sup>370</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.72.

<sup>371</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.20.

<sup>372</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.19.

De resto o mosteiro parece entrar numa fase de decadência económica e espiritual, sobretudo a partir da segunda metade de quatrocentos, apenas parcialmente retardada pela gestão do prior Pedro Gonçalves no último quartel do séc. XV<sup>373</sup>, mas logo reatada e até reforçada pelo comendatário Sixto da Cunha<sup>374</sup>, nunca mais se reerguendo. De facto Santa Maria de Oliveira passava por grandes dificuldades no início do segundo quartel do séc. XVI, aquando da visita feita por Baltasar Álvares, ordenada pelo arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), em 1528<sup>375</sup>. Para o agravamento da situação económica da instituição poderão ter contribuído algumas obras prementes como a da sala do capítulo ou a reedificação do claustro que já deveria estar concluído em 1559<sup>376</sup>. Apesar do esforço económico dispendido com estes melhoramentos nos edifícios monásticos, cerca de uma década depois, continuavam a verificar-se enormes debilidades ao nível das instalações, sendo que em 1568 as celas dos monges não passavam de pequenas casas arruinadas junto ao mosteiro, situação extensível às do comendatário que eram velhas e minúsculas<sup>377</sup>. Manuel Coelho, visitante nomeado por D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1581) para dar cumprimento à solicitação do cardeal D. Henrique, após visita a Santa Maria de Oliveira, a 29 de Agosto de 1568, aconselhava a extinção do mosteiro e a repartição das suas rendas por outras casas da mesma Ordem<sup>378</sup>. O certo é que apesar destas orientações o mosteiro de Santa Maria de Oliveira manteve-se praticamente até ao final do séc. XVI

---

<sup>373</sup> Não se conhecem com precisão as datas limite do seu priorado, mas a documentação permite-nos dizer que a 30 de Março de 1474 já ocupava o priorado de Santa Maria de Oliveira (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.22; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 745-746), desempenhando ainda essas funções ao longo da década de oitenta e inícios da de noventa (cf. Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, pp. 49, 67-68).

<sup>374</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais...”, 1997, p.134.

<sup>375</sup> O bispo recomenda ao comendatário que conserte a sala do capítulo, a cubra com madeira e telha e lhe faça assentos de madeira em redor e um altar ao meio com um crucifixo de madeira pintado na parede e trasladem para português a Regra de Santo Agostinho para que a possam entender (cf. Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-1989, p.129; Marques, José, “A igreja no Mundo do Infante D. Henrique”, 1995, p.206; *Idem*, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, 1997, p.197).

<sup>376</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp. 144-145; Silva, Ilídio Jorge Costa Pereira da, *A significação dos espaços privados...*, 1998, p.69. Aquando da visita que se fez ao mosteiro, a 29 de Agosto de 1568, já é referido o novo claustro (cf. Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, p.176).

<sup>377</sup> *Idem*, *Ibidem*, p.176.

<sup>378</sup> *Idem*, *Ibidem*, p.176). A própria comunidade era, por esta altura, bastante reduzida, e a acreditarmos em João de Barros, num determinado momento do séc. XVI, provavelmente por volta das décadas de quarenta ou cinquenta, o mosteiro chegou mesmo a não ter cónegos, uma vez que o autor se refere ao mosteiro de Santa Maria de Oliveira dizendo “que parece pelo edefício que foi em outro tempo grande, e hora não tem frades, e val ao prior trezentos mil reis” (cf. Barros, João de, “Geographia d’Entre Douro e Minho e Tras-os-Montes”..., 1919, p.53).

debaixo do mesmo sistema organizacional, ou seja, a ser gerido por priores comendatários.

Em 1595 chegaram as letras apostólicas que confirmavam a união do mosteiro à Congregação, e a 17 de Fevereiro desse ano o prior geral D. Cristóvão de Cristo, com o devido consentimento do comendatário tomou posse do mosteiro elegendo-se no dia seguinte D. Bernardo da Piedade como primeiro prior trienal da instituição<sup>379</sup>.

Com o falecimento de Cristóvão da Costa Brandão, em 1599, o mosteiro passou plenamente para a Congregação de Santa Cruz de Coimbra, acabando em 1612, através de bula de Paulo V (1605-1621), por ser unido ao mosteiro de S. Vicente de Fora<sup>380</sup>.

### **Igrejas do padroado de Santa Maria de Oliveira**

Santa Maria de Oliveira trazia anexas, em 1504, as igrejas de São Mateus, S. Tiago de Castelões, Santa Maria de Vermoim, S. Martinho de Leitões, S. Paio de Figueiredo e S. Miguel de Vila Cova<sup>381</sup>, situação que se mantinha em 1568, sendo certo que a estas, pertencentes à mesa abacial, acrescia a igreja de S. Martinho de Pousada, anexa à mesa conventual, detendo ainda o mosteiro a apresentação, em copadroado com o duque de Bragança, na igreja de Santa Logriça<sup>382</sup>. Não dispomos de dados que nos permitam afirmar que durante os sécs. XIV e XV todas estas igrejas integravam o padroado de Oliveira. De qualquer modo seguem os elementos conhecidos:

#### **2.2.2.1. - Santa Lucrécia de Astrufe/Santa Lucrécia da Veiga/Santa Lucrécia de Ponte de Louro**<sup>383</sup> (c. Famalicão) - Igreja da apresentação do mosteiro de Santa Maria

---

<sup>379</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.145-146. Também Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.318, aborda a passagem deste mosteiro para a Congregação.

<sup>380</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.75. Frei Timóteo dos Mártires diz que no capítulo geral celebrado a 26 de Abril de 1599 foi unido e anexado “in perpetuum” o mosteiro de Santa Maria de Oliveira ao de S. Vicente de Fora, solicitando-se a necessária autorização ao papa Clemente VIII (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.146).

<sup>381</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.97.

<sup>382</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.175.

<sup>383</sup> Actualmente Santa Lucrécia de Louro. Nos sécs. XIII e XIV aparece, normalmente, designada apenas por “Santa Logriça” (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.50), de resto no rol de 1320 surge apenas identificada como “Santa Lucrécia” (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103), embora por esta altura também surja designada por Santa Lucrécia de Astrufe (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Doc.2).

de Oliveira<sup>384</sup>. A 19 de Abril de 1313 Rodrigo ou Rui Garcia de Castro foi confirmado como abade de Santa Lucrécia<sup>385</sup>. Em 1320 esta igreja foi taxada em 40 libras<sup>386</sup>.

Neste mesmo ano de 1320, o abade Rui Garcia andava em contenda com Estêvão Pires, prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, sendo sentenciado, a 16 de Maio de 1320, a entregar ao prior a colheita anual dessa igreja<sup>387</sup>. Em 1334, Rui Garcia continua à frente da igreja de Santa Lucrécia de Astrufre, sucedendo-lhe, depois, Gil Vicente Latrão<sup>388</sup>.

Só voltamos a ter indicação de abades desta igreja na década de vinte do século XV, altura em que nos surge aí Álvaro Afonso, prior da igreja de Santa Lucrécia e cónego da Sé de Braga<sup>389</sup> que, a 5 de Abril de 1429, obtém autorização de Vasco Rodrigues, chantre da Sé bracarense, comissariado pelo arcebispo para a resolução deste assunto, para trocar os seus benefícios com Vasco Martins, prior da igreja de Miranda, no bispado de Coimbra<sup>390</sup>. Volvidos cerca de cinco anos, este mesmo Vasco Martins está envolvido em nova permuta, desta feita com um outro Vasco Martins, prior do mosteiro de Vilarinho<sup>391</sup>, assumindo o priorado dessa canónica a 5 de Novembro de 1434<sup>392</sup>, dia em que o antigo prior de Vilarinho era confirmado como abade de Santa Lucrécia da Veiga<sup>393</sup>, passando a integrar a comunidade de Santa Maria de Oliveira<sup>394</sup>.

Convém salientar que nesta altura o direito de padroado na igreja de Santa Lucrécia era repartido, em partes iguais, entre o mosteiro de Oliveira e D. Afonso,

---

<sup>384</sup> A partir do início do século XV passa a ser em copadroado com o Duque de Bragança.

<sup>385</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.4.

<sup>386</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>387</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.8; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.60.

<sup>388</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.5; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.60.

<sup>389</sup> Surge aí identificado como “Alvaro Afonso conigo da dicta Egreja de Bragaa e abbade da egreja de Sancta Logriça terra de Vermuym do dicto arcebispado” (cf. A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.47vº).

<sup>390</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Doc.13; ADB- Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.47v; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.64.

<sup>391</sup> Este Vasco Martins foi confirmado no priorado de Vilarinho a 16 de Março de 1430, substituindo Vasco Afonso que renunciara ao cargo (cf. A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.46 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771).

<sup>392</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 259-261; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>393</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.56 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>394</sup> *Idem, Ibidem*, p.771.

conde de Barcelos e duque de Bragança<sup>395</sup>, cabendo-lhes como padroeiros a inerente apresentação do pároco, a ser feita alternadamente, embora nem sempre isso se tenha verificado<sup>396</sup>. Certamente como forma de compensação por ter deixado o priorado de Vilarinho, o bispo de Braga anexou à igreja de Santa Lucrécia a de S. Martinho de Cavalões, mas apenas durante o período em que Vasco Martins fosse seu abade<sup>397</sup>.

A 15 de Janeiro de 1485 o prior de Santa Maria de Oliveira responde favoravelmente ao rei D. João II a propósito do pedido do monarca para que o prior apresentasse Diogo Pinheiro Lobo, filho de Álvaro Pinheiro, fidalgo da Casa Real, na igreja de Santa Lucrécia de Ponte de Louro<sup>398</sup>. A 4 de Dezembro de 1500 Diogo Pinheiro ainda se mantinha à frente desta igreja, numa altura em que se registava um desentendimento com Diogo Gomes de Barros, abade de Santiago de Outiz, que pretendia a anexação de Cavalões à sua igreja, defendendo Diogo Pinheiro que a igreja de Cavalões estava anexa “in perpetuum” à igreja de Santa Lucrécia, causa e argumentação em que este abade foi apoiado pelo prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>399</sup>.

No entanto, e se não houve alteração àquilo que tinha sido estabelecido em 1434, a igreja já não estava anexa à de Santa Lucrécia em virtude do falecimento de Vasco Martins. A 29 de Novembro de 1561 foi confirmado como reitor de “Santa Logrica do Louro da Ponte” Gaspar Velho, capelão do duque de Bragança, aí apresentado pelo próprio duque que como vimos detinha, alternadamente, com o mosteiro de Oliveira, o direito de apresentação, sucedendo nessa igreja a D. António da Costa, entretanto

---

<sup>395</sup> *Idem, Ibidem*, p.1086; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.64; Sá, António Costa e, “Por terras de Vermoim...”, 1996, p.5; Brandão, Maria Angelina de Castro Mendes de Pinho, *D. Jorge da Costa na Arquidiocese de Braga (1486 a 1501)*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, pp. 61,63.

<sup>396</sup> *Item que logo a dicta Egreja de Sancta Logriça ao dicto Vasco Martinz a apresentaçom do Senhor Dom Afonso conde de Barcellos filho del rei im solido por esta vez ficamdo goardado ao senhor conde o seu direito de pera apresentar outra vez aa dicta egreja outra que o prior e convento do moesteiro d’Ulveira porquanto o dicto prior e convento apresentaram a dicta egreja duas vezes e o dicto Senhor conde nom apresentou despois mais que esta vez* (cf. ADB- Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.47v).

<sup>397</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 771-772.

<sup>398</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.72). O Autor diz-nos aí que Diogo Pinheiro Lobo era também abade de Mouquim. Ainda a propósito da apresentação de Diogo Pinheiro para a igreja de Santa Lucrécia importa dizer que o padre Carvalho da Costa fez uma outra interpretação, dizendo que esta igreja foi durante algum tempo do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, mas por solicitação de el-rei D. João II, foi dada pelo prior do mosteiro a Diogo Pinheiro Lobo (cf. Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, 2ª ed., 1868, p.287), situação que como sabemos não corresponde de todo à verdade, uma vez que o mosteiro não alheou os seus direitos de padroado nesta igreja, limitando-se a aceder ao pedido do monarca no favorecimento de um seu protegido.

<sup>399</sup> A.D.B. - Registo Geral 331, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Jorge da Costa*, fls.178vº-179; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.68.

falecido<sup>400</sup>. De resto esta situação de copadroadado mantinha-se em 1568 com o mosteiro a deter, em alternativa “com o senhor duque de Bragança a igreja de S. Logriça de ponte de Louro”<sup>401</sup>.

**2.2.2.2. - Santa Maria de Vermoim** (c. Vila Nova de Famalicão) - Igreja do padroado do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. A 24 de Julho de 1318 Miguel Domingues, antigo chaveiro do mosteiro de Santa Maria de Oliveira era “abbade de Vermuy”<sup>402</sup>. Em 1320 foi taxada em 60 libras<sup>403</sup>. A 19 de Novembro de 1359 surge em Braga Gonçalo Lourenço “clerigo de Vermoy”<sup>404</sup> mas não sabemos se esta é apenas uma indicação à origem do clérigo ou se a palavra é empregue no sentido de pároco.

Por um instrumento de 1477 depreende-se que a igreja de Santa Maria de Vermoim tinha sido anexada, desanexada e entretanto novamente anexada ao mosteiro, uma vez que o prior Pedro Gonçalves andava em conflito com os cónegos por causa da distribuição das rendas das igrejas de S. Paio de Figueiredo e suas anexas e de Santa Maria de Vermoim “que novamente foram anexadas ao dicto mosteiro” acabando por chegar a acordo a 13 de Setembro de 1477<sup>405</sup>.

Ao longo do século XVI o vínculo desta igreja em relação ao mosteiro de Oliveira vai manter-se inalterado, continuando, em 1504, anexa ao mosteiro, detendo, entre o seu património diversos casais<sup>406</sup>. A mesma situação é detectável em 1528<sup>407</sup> e 1568<sup>408</sup> mantendo-se como anexa ao mosteiro regente de Oliveira.

**2.2.2.3. - São Mateus de Soalhães/São Mateus de Vermoim/São Mateus de Oliveira**  
(c. Vila Nova de Famalicão) - Igreja anexa ao mosteiro de Santa Maria de Oliveira em

---

<sup>400</sup> Rosário, Frei António do, “Registro das Confirmações [I] do Ilustrissimo Senhor Dom Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Cartório Dominicano Português, Século XVI, Fasc. 1* (Bartholomeana Monumenta I), Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português/Movimento Bartolomeano, 1972, pp.25,26.

<sup>401</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.175). Mesmo com a anexação do mosteiro de Oliveira ao de S. Vicente de Fora, essa situação não se alteraria como confirmam as memórias paroquiais de 1758, uma vez que o abade da igreja de Santa Lucrecia de Louro era *apresentado em alternativa por ha каза de Bragança e o prior crusio de S. Vicente de Fora de Lisboa* (cf. Capela, José Viriato; Silva, António Joaquim Pinto da, *Vila Nova de Famalicão nas Memórias Paroquiais de 1758*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2001, p.196).

<sup>402</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.9.

<sup>403</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>404</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°17.

<sup>405</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23.

<sup>406</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.97.

<sup>407</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.33.

<sup>408</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.175.

19 de Dezembro de 1437<sup>409</sup>. Em relação a esta igreja sabe-se que em 1320 foi taxada em 30 libras<sup>410</sup>. A 9 de Abril de 1425 o arcebispo de Braga confirmou a igreja de “Sam Mateu terra de Vermuim de Susaao” a João Lourenço, clérigo de missa da diocese de Braga, por renúncia que fez Afonso Martins, último reitor e abade dela, através do prior de Santa Maria de Oliveira, seu procurador<sup>411</sup>.

O facto do prior do mosteiro de Oliveira surgir como procurador do abade renunciante poderá indiciar a existência de interesses do mosteiro nesta igreja ainda antes da anexação. De resto esta suspeição parece-nos ainda ganhar contornos mais sólidos perante o facto de a 3 de Abril de 1433 João de Sá ser abade de S. Mateus a quem, nesse mesmo dia, o mosteiro de Santa Maria de Oliveira emprazou o casal do Carvalho com todas as suas pertenças, localizado na freguesia de Santa Maria de Oliveira<sup>412</sup>. É que João de Sá era clérigo, criado do prior, e procurador do mosteiro de Oliveira<sup>413</sup>. Esta deverá ter sido uma situação temporária uma vez que em 1437, aquando da anexação da igreja ao mosteiro, ela encontrava-se vaga por renúncia de João Lourenço<sup>414</sup>, portanto o abade aí confirmado em 1425.

Em 1504 a igreja de S. Mateus continuava anexa a Santa Maria de Oliveira<sup>415</sup>, situação que se manterá pelo decurso do século XVI como confirmam registos documentais de 1528<sup>416</sup> e 1568<sup>417</sup>.

**2.2.2.4. - São Martinho de Leitões** (c. Guimarães) - Igreja da apresentação do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Em 1320 foi taxada em 60 libras, embora desse montante apenas 15 libras pertencessem ao reitor, sendo o restante valor levado pelos padroeiros e naturais<sup>418</sup>. A 15 de Junho de 1426, Fernando Álvares, estudante de direito canónico e reitor da igreja de S. Miguel de Vila Cova (actual Morreira) solicita ao papa que lhe seja unida a vizinha igreja de S. Martinho de Leitões, de forma a poder usufruir dos seus

---

<sup>409</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.84vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.811.

<sup>410</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>411</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.6.

<sup>412</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14.

<sup>413</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Docs.14, 15.

<sup>414</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.84vº.

<sup>415</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.97.

<sup>416</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.31.

<sup>417</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquerito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.175.

<sup>418</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.



proventos<sup>419</sup>. No início do séc. XVI, e de acordo com o Censual de D. Diogo de Sousa, a igreja de S. Martinho de Leitões estava anexa ao mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>420</sup>.

**2.2.2.5. - São Martinho de Pousada**<sup>421</sup> (c. Vila Nova de Famalicão) - Igreja do padroado do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Não sabemos quando integrou o padroado do mosteiro mas nas inquirições de 1258 já é referenciada como eremitério do mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>422</sup>. Em 1320 a igreja de Pousada foi taxada em 30 libras<sup>423</sup>. Em 1504 não se encontra entre as igrejas anexas ao mosteiro de Oliveira<sup>424</sup> mas em 1568 esta igreja estava “anexa in perpetuum” à mesa conventual do mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>425</sup>.

**2.2.2.6. - São Miguel de Vila Cova**<sup>426</sup> (c. Braga) – Igreja da apresentação do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Em 1320 foi taxada em 50 libras<sup>427</sup>. A 15 de Junho de 1426 Fernando Álvares, estudante de Direito Canónico, era o reitor da igreja de Vila Cova, dia em que solicita ao papa Martinho V a união da igreja de S. Martinho de Leitões à de S. Miguel de Vila Cova, de forma a receber os seus rendimentos<sup>428</sup>. No início do séc. XVI esta igreja mantinha-se unida ao mosteiro “d’Oliveira terra de Vermoim de Susão”<sup>429</sup>.

**2.2.2.7. - São Paio de Figueiredo** (c. Guimarães) - Igreja da apresentação do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Em 1320 foi taxada em 50 libras<sup>430</sup>. Em data que

---

<sup>419</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), 1969, p.323 (doc.859); *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.128.

<sup>420</sup> Pimenta, Rodrigo, “Para a história do arcebispado de Braga”, in *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. VI, 1941, p.123.

<sup>421</sup> Actualmente S. Martinho de Pousada de Saramagos, freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão.

<sup>422</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol. I, Parte II, Fasc. IX, Lisboa, 1977, p.1466.

<sup>423</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>424</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.97.

<sup>425</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.175.

<sup>426</sup> Actualmente esta freguesia mantém como seu orago S. Miguel mas denomina-se Morreira.

<sup>427</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.97.

<sup>428</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), 1969, p.323 (doc.859); *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.128 (doc.994).

<sup>429</sup> Pimenta, Rodrigo, “Para a história do arcebispado de Braga”, in *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. VI, 1941, p.100. Esta igreja já é referenciada como anexa de Oliveira em 1504 (cf. Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.97), o mesmo sucedendo em 1528 (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.66).

<sup>430</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

desconhecemos foi anexada ao mosteiro de Oliveira e posteriormente desanexada, para voltar a ser anexada no final do séc. XV como se depreende de um instrumento de 1477 que revela a existência de um conflito entre o prior Pedro Gonçalves e os cónegos Diogo Pires e Álvaro Rodrigues “por razom da Igreja de Sam Paayo de Figueiredo com suas anexas e da Igreja de Santa Maria de Vermoim que novamente foram anexadas ao dicto moesteiro”<sup>431</sup>.

O desentendimento entre as partes devia-se à falta de consenso quanto à distribuição das rendas destas igrejas entre a mesa prioral e a conventual, acabando os contendores por chegar a entendimento a 13 de Setembro de 1477 ficando os cónegos com a terça parte dos réditos<sup>432</sup>. Ao falar-se nas anexas de S. Paio de Figueiredo é provável que se refiram às igrejas de S. Martinho de Leitões e de S. Miguel de Vila Cova, igrejas geograficamente próximas desta e que integravam o padroado monástico de Oliveira, mas que em 1504 já andavam anexadas ao mosteiro de Oliveira<sup>433</sup>. De qualquer modo esta é uma questão totalmente em aberto e que levanta várias interrogações. Desde logo impõe-se perguntar se teriam sido unidas as igrejas de Leitões e Vila Cova como pretendia o abade desta última em 1426? E a sê-lo teriam entretanto sido anexadas à igreja paroquial de Figueiredo, e posteriormente desanexadas e anexadas ao mosteiro de Oliveira? Não sabemos e até ao momento ainda não conseguimos encontrar respostas que ajudem a clarificar este processo.

**2.2.2.8. - São Tiago de Castelões** (c. Vila Nova de Famalicão) - Igreja anexa ao mosteiro de Santa Maria de Oliveira. O mosteiro já detinha direitos de padroado nesta igreja desde a primeira metade do século XII<sup>434</sup>. A 31 de Agosto de 1308, o arcebispo de Braga, D. Martinho de Oliveira (1295-1313), anexou a Santa Maria de Oliveira a igreja de Castelões, em troca de dois casais que o mosteiro tinha na localidade de

---

<sup>431</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23.

<sup>432</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23.

<sup>433</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.97). Estas igrejas continuam a ser referenciadas como anexas ao mosteiro em 1568 (cf. Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.175). Já Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.6, 1875, p.254; Costa, Américo, *Diccionario Chorographico...*, vol. VIII, p.750, dizem que estiveram anexas a Santa Maria de Oliveira as igrejas de “S. Thiago, de Figueiredo, e de S. Martinho dos Leitões”.

<sup>434</sup> Foi-lhe doada em 1033 (cf. *Portugaliae Monumenta Historica - Diplomata et Chartae*, 1868, doc. CCLXXVIII, p.170; Araújo, José Carlos Mendes, *São Tiago de Castelões: apontamentos para a sua história*, Edições Quasi, 2005, p.8.

Quintães, freguesia de Santa Maria de Vermoim<sup>435</sup>, e do padroado das igrejas de Pedome e S. Veríssimo de Ramade<sup>436</sup>. A 24 de Julho de 1318 era “abbade de Castellaos” Domingos Martins, que foi um dos juizes na contenda entre o convento e o prior de Santa Maria de Oliveira, sobre as rações que cabiam a cada uma das partes e o modo de as dividir e entregar<sup>437</sup>. Domingos Martins, segundo Frei Nicolau de Santa Maria, doou, por volta de 1340, ao mosteiro de Santa Maria de Oliveira a sua quinta de Vila Pouca e os campos de Real, vindo a falecer em 1346 tendo sido sepultado no mosteiro de Oliveira<sup>438</sup>. Esta igreja tinha rendimentos razoáveis sendo, em 1320, taxada em 70 libras<sup>439</sup>.

A 21 de Agosto de 1453, Afonso Pimenta doou ao mosteiro o prazo que trazia da igreja de Santiago de Castelões juntamente com duas cubas que aí tinha, uma de ter pão e outra de ter vinho<sup>440</sup>.

Ao longo do século XVI a igreja de Castelões vai manter-se anexada ao mosteiro de Oliveira como provam registos documentais de 1504<sup>441</sup>, 1528<sup>442</sup>, 1568<sup>443</sup> e 1590<sup>444</sup>, acabando por acompanhar o mosteiro quando este foi anexado ao de S. Vicente de Fora, em 1599<sup>445</sup>.

### **2.2.3. - Santa Maria de Vila Nova de Muia (c. Ponte da Barca)**

---

<sup>435</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.107; Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.32.

<sup>436</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, “Sixto da Cunha e a comenda do mosteiro de Santa Maria de Oliveira”, in *Boletim Cultural* da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, N.º 16, 1999, p.18 (nota 40). A data apresentada pela Autora para a anexação de Castelões é 29 de Agosto de 1308, adiantando ainda que o arcebispo, além de ter anexado a igreja ao mosteiro, cedeu-lhe também os votos de S. Tiago referentes a essa mesma igreja de Castelões (cf. Idem, *Ibidem*).

<sup>437</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.9.

<sup>438</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.318. A informação respeitante à doação é também reproduzida por Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.6, 1875, p.254.

<sup>439</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>440</sup> IAN/TT - Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.19.

<sup>441</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.97.

<sup>442</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.32.

<sup>443</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.175.

<sup>444</sup> Araújo, José Carlos Mendes, *São Tiago de Castelões...*, 2005, p.13.

<sup>445</sup> Aquando das memórias paroquiais de 1758 a apresentação na igreja era feita pelo mosteiro de S. Vicente de Fora (cf. Capela, José Viriato; Silva, António Joaquim Pinto da, *Vila Nova de Famalicão...*, 2001, p.136), o que significa que acompanhou os bens e direitos do mosteiro de Oliveira na transacção para o de S. Vicente de Fora ao qual foi unido e anexado *in perpetuum* em 1599 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.146; Costa, Américo, *Diccionario Chorographico...*, vol. VIII, p.750; Silva, Ilídio Jorge Costa Pereira da, *A significação dos espaços privados nas comunidades cenobíticas ...*, 1998, p.58).

É muito provável que D. Afonso IV tenha visitado este mosteiro a 31 de Julho de 1330, pelo menos a chancelaria régia revela que nesse dia foi outorgado um contrato de emprazamento “en Villa Nova de Muynha”<sup>446</sup>.

Vários documentos régios se reportam à defesa dos privilégios do mosteiro. D. Afonso III ordenou às justiças que ninguém fizesse força nem mal ao prior e frades do mosteiro de Vila Nova de Muia, bem como nos seus coutos e herdades e se os seus privilégios confirmassem que os homens dos seus coutos estavam isentos de prestar anúduva aos concelhos, excepto às muralhas de Monção, que lhos respeitassem<sup>447</sup>.

A 5 de Outubro de 1398, D. João I confirmou ao mosteiro de Vila Nova de Muia as demarcações do couto e os seus privilégios, mormente os do rio que atravessava o couto, uma vez que o prior acusava os fidalgos e outros de lhe devassarem o couto e de roubarem aos lavradores pão, vinho e palha e de pousarem nas suas casas<sup>448</sup>.

Apesar das determinações régias os abusos contra o mosteiro prosseguiram levando o prior Rui Rodrigues a queixar-se novamente ao monarca, desta vez por intermédio de Rodrigo Afonso de Melo, camareiro do rei<sup>449</sup>. No seguimento da queixa D. João, por carta de 11 de Janeiro de 1404, tomou o mosteiro sob a sua guarda, encomenda e defesa, ordenando a Gil Afonso de Magalhães e a quaisquer outros, independentemente da condição social, que não fizessem mal nem dano ao prior e mosteiro de Vila Nova de Muia, instruindo as justiças para zelarem por este e agirem em conformidade, fazendo restituir os bens<sup>450</sup>.

Em 1424 o papa passa bula de confirmação ao mosteiro de “Villa Nova de Muya” cometida ao bispo de Lamego, D. Garcia (1421-1446)<sup>451</sup>. Em Novembro de 1433 D. Duarte confirma os privilégios e costumes do mosteiro<sup>452</sup>. A 30 de Julho de 1444 é o seu filho, D. Afonso V, quem confirma ao mosteiro de “Vilanova de Moynha” todas as graças, privilégios, liberdades e mercês outorgadas e confirmadas pelos reis antecessores<sup>453</sup>.

---

<sup>446</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. I (1325-1336)*, edição preparada por A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1990, pp.206-207 (Doc.192).

<sup>447</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I, Vol. II – Tomo 3, 2005*, p.73.

<sup>448</sup> *Idem*, Vol. II – Tomo 3, 2005, pp.73-74.

<sup>449</sup> *Idem*, Vol. II – Tomo 3, 2005, pp. 295-296. O cronista agostiniano Frei Nicolau de Santa Maria também reproduz esta carta (cf. Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.314)

<sup>450</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I, Vol. II – Tomo 3, 2005*, pp. 295-296.

<sup>451</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, N° 703, fl.450.

<sup>452</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte, Vol. I – Tomo I, 1998*, p.84 (Doc.220).

<sup>453</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 25, fl.48v°.

O crónico problema da violência e abusos contra o mosteiro vai ter novas réplicas ao longo do séc. XV. Em 1449, o prior Gil Lourenço queixa-se a D. Afonso V que, por carta de 12 de Janeiro de 1450, o coloca sob protecção régia<sup>454</sup>. Tal protecção não trouxe qualquer vantagem em termos práticos sendo os próprios oficiais régios acusados de incorrerem em ofensas contra a instituição, mormente o juiz e o meirinho da Terra da Nóbrega que efectuaram penhoras no couto do mosteiro acabando por ser condenados em 1452 por Lopo Afonso, ouvidor na Correição de Entre Douro e Minho<sup>455</sup>.

Na segunda metade do século XVI efectuaram-se importantes obras na igreja por ordem do prior comendatário, o Doutor António Martins<sup>456</sup>.

O mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia uniu-se à Congregação em 1594, após o falecimento do seu último prior comendatário, Dr. António Martins, tomando posse do mosteiro o Prior Geral D. Cristóvão de Cristo, a 2 de Fevereiro de 1595<sup>457</sup>.

### **Igrejas do padroado de Vila Nova de Muia:**

**2.2.3.1. - S. João de Vila Chã** (c. Ponte da Barca) – Igreja do padroado do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia. Em 1320 foi taxada em 60 libras<sup>458</sup>. A 25 de Janeiro de 1445 foi confirmado na igreja de S. João de Vila Chã o cônego Gonçalo Anes, da comunidade regrante de Vila Nova de Muia<sup>459</sup>, surgindo nova confirmação deste religioso como pároco desta igreja a 20 de Novembro de 1458<sup>460</sup>.

**2.2.3.2. - Santa Maria de Oliveira** (c. Arcos de Valdevez) – Igreja em copadroado do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia. O mosteiro detinha metade do direito

---

<sup>454</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.743.

<sup>455</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, Primeira Parte, 1668, Livro VI, cap. IX, pp.314-315).

<sup>456</sup> Sousa, José João Rigaud de; Meneres, António, “Notas sobre o mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia (concelho de Ponte da Barca)”, in *Mínia*, 2ª Série, 3(4), Braga, 1980, p.171.

<sup>457</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, 1668, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.315; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.120; Sousa, José João Rigaud de; Meneres, António, “Notas sobre o mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia...”, 1980, p.162. Também Barreiros, Padre Manuel D’Aguiar, *Igrejas e capelas românicas da Ribeira Lima*, Porto, Ed. Marques de Abreu, 1926, p.67, considera o Dr. António Martins como último comendatário mas coloca o seu falecimento em 1597.

<sup>458</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

<sup>459</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.128vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744.

<sup>460</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.203; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744.

de padroado nesta igreja<sup>461</sup>. Em 1320 foi taxada em 30 libras<sup>462</sup>. No Censual de Frei Baltasar Limpo (1550-1558), elaborado no início da segunda metade do século XVI a igreja de Santa Maria de Oliveira continua a ser referenciada como sendo do padroado do mosteiro de Muia<sup>463</sup>.

**2.2.3.3. - S. Jorge de Vale da Tora**<sup>464</sup> (c. Arcos de Valdevez) – Igreja em copadroado do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia. Além do mosteiro esta igreja tinha como padroeiros diversos particulares, mormente Teresa Anes de Quintela<sup>465</sup>, certamente da vizinha Casa de Quintela. A 12 de Abril de 1454 era abade desta igreja Lopo Gonçalves, que nesse dia recebeu, em Braga, ordens de Epístola<sup>466</sup>. A 21 de Abril de 1454 e a 15 de Junho desse mesmo ano ser-lhe-iam conferidas as respectivas ordens de Evangelho e Missa, surgindo aí apenas identificado como “abade de Sam Jorge de Vall de Tora do bispado de Tuy da parte de Purtugall”<sup>467</sup>. No início da segunda metade do séc.XVI surge referenciada como “Val da Tora”, altura em que o padroado leigo sem apresentação de cura estava nas mãos do visconde de Vila Nova de Cerveira, detendo o mosteiro de Vila Nova de Muia o direito de apresentação<sup>468</sup>.

**2.2.3.4. - São Vicente de Germil** (c. Ponte da Barca) – Provável igreja do padroado do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia. Em 1320 a igreja de “S. Vicente de Gilmir” foi taxada em 15 libras<sup>469</sup>. É provável que o mosteiro de Muia aí exercesse o direito de padroado mas de concreto apenas sabemos que no século XVI esta igreja

---

<sup>461</sup> Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514: Antecedentes e evolução da Comarca Eclesiástica de Valença do Minho*, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, 2002, p.196.

<sup>462</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.115; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Vol.I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, p.166.

<sup>463</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 157vº; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.237.

<sup>464</sup> Actualmente designada apenas de S. Jorge, embora, e em termos toponímicos subsistam ainda os sítios com a designação de Tora e Vale.

<sup>465</sup> Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.196.

<sup>466</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 29, fl.3; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.219.

<sup>467</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fls.4,10; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, pp.224,227.

<sup>468</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 157vº; Costa, “Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.238.

<sup>469</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

estava anexa a este mosteiro regrente como consta dos Censuais de D. Diogo de Sousa<sup>470</sup> e de Frei Baltasar Limpo<sup>471</sup>.

#### **2.2.4. - Santa Marinha da Costa (c. Guimarães)**

Segundo os memorialistas o mosteiro da Costa foi fundado pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, e por ela doado aos cónegos regrentes de Santo Agostinho<sup>472</sup>.

A documentação deixa transparecer uma relação de grande proximidade entre os monarcas e este mosteiro agostinho, ao que não será certamente alheio o facto de se tratar de um mosteiro de padroado régio<sup>473</sup>. Exemplo disso é o caso de D. Dinis que a 8 de Junho de 1280 ordenou às suas justiças de Guimarães que protegessem e guardassem aos cónegos deste mosteiro todos os seus privilégios<sup>474</sup>. Essa forte ligação é também visível no facto de o prior de Santa Marinha da Costa, D. Pedro Martins, ser um dos três inquiridores responsáveis pelas inquirições gerais ordenadas por D. Dinis, em 1288<sup>475</sup>, surgindo constantemente entre a documentação a natural referência às inquirições feitas

---

<sup>470</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Terra da Nóbrega e Concelho de Ponte da Barca - Subsídios para a sua história”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, Vol.I, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998, p.176 (Doc. 18 do Apêndice).

<sup>471</sup> *Idem, Ibidem*, pp.178-179 (Doc. 19 do Apêndice).

<sup>472</sup> Azevedo, Padre Torquato Peixoto D’, *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*, Porto, Typographia da Revista, 1845, p.356.

<sup>473</sup> Esse estatuto já é evidenciado pelas inquirições de 1220 que revelam que o rei “de monasterio de Sancte Marine de Costa est patronus” (cf. *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol, I, Fasc. I e II, 1888, p.173). A este propósito veja-se também Coelho, Maria Helena da Cruz, “A população e a propriedade na região de Guimarães durante o século XIII” in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, p.511 (posteriormente este mesmo texto, pelo menos na sua generalidade, foi também integrado e reeditado na colectânea *Homens, Espaços e Poderes (sécs. XI-XVI) -vol. I- Notas do Viver Social*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, pp. 139-169, sendo que a referência à informação em causa é consultável na p.154.

<sup>474</sup> *Vimaranis Monumenta Historica : a saeculo nono post Christum usque ad vicesimum*, Parte 2, coordenação da Sociedade Martins Sarmento; com introdução e compilação de João Gomes de Oliveira Guimarães, Guimarães, Tipografia de A. L. da Silva Dantas, 1931, p.343 (doc. 272); Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.326; Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.154.

<sup>475</sup> Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, Edição preparada por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.148. Curiosamente muitas das decisões e das inquirições tomadas pelos três inquiridores, incluindo naturalmente “Petro Martiins priol da Costa”, são posteriormente revogadas como acontece no caso do mosteiro de Arouca, com o rei a aceder aos pedidos dessa comunidade e a revogar decisões em 1292,1293 e 1294 (cf. Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco: A comunidade cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp. 148,388,389,391 (docs.91,92,94).

por “Gonçalo Rodriguez Moreira e per o priol da Costa e per Domingos Paaez de Braga”<sup>476</sup>.

Este mesmo monarca no seu testamento, feito a 31 de Dezembro de 1324, não se esqueceu de contemplar o mosteiro de Santa Marinha da Costa, legando-lhe 200 libras<sup>477</sup>. E ao contrário do empolamento que faz o cronista Rui de Pina ao dizer que este rei “hordenou muitas e grandes esmollas repartidas por todollos mosteiros, espritais e casas piedosas do Reyno”<sup>478</sup> o mosteiro da Costa é a única canónica regrante a Norte do rio Mondego a figurar nas disposições testamentárias do monarca, integrando, inclusivamente, os três textos testamentários que D. Dinis fez ao longo sua vida<sup>479</sup>.

A 20 de Setembro de 1350 o infante D. Pedro instituiu como seu procurador D. Pedro Geraldês, prior da Costa, para que este pudesse receber e tratar dos negócios respeitantes à Quinta e Casa de Oriz que tinha sido doada ao infante por João Peres, mestre da Ordem de Avis<sup>480</sup>. Assim que assume a governação do reino D. Pedro, num acto meramente administrativo embora com toda a carga simbólica da presença régia procede às habituais confirmações, entre as quais se encontra o mosteiro de Santa Marinha da Costa, ao qual confirma, a 2 de Setembro de 1357, todos os seus privilégios<sup>481</sup>. Mais incisiva é a doação que o monarca faz ao mosteiro do padroado da igreja de Santa Eulália, ocorrida a 18 de Outubro de 1360<sup>482</sup>. A 26 de Setembro de 1363 o rei confirmou e ratificou a eleição do cônego João Paulo, proveniente desta mesma comunidade agostinha vimaranense, para prior de Santa Marinha da Costa<sup>483</sup>. O próprio monarca detinha propriedades na freguesia de Santa Marinha da Costa, efectuando a 21 de Novembro de 1364, um emprazamento, em três vidas, do casal da Ponça que,

---

<sup>476</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, p.359 (Doc.233).

<sup>477</sup> Brandão, Frei Francisco, *Monarquia Lusitana-Parte Sexta*, Ed. Fac-similada da Edição de 1672, Introdução de A. da Silva Rego e notas de A. A. Banha de Andrade, A. Dias Farinha, Eduardo dos Santos e M. Santos Alves, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980, pp. 426, 585. Curiosamente esta mesma quantia de 200 libras destinadas a Santa Marinha da Costa também já figurava no 2º testamento de D. Dinis, feito a 20 de Junho de 1322, (cf. Sousa, António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo I, Livro I, nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Coimbra, Atlântida - Livraria Editora, 1946, p.127) bem como no seu primeiro testamento, de Abril de 1299 (cf. Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *D. Dinis*, (Coleção Reis de Portugal – VI), Rio de Mouro, Círculo de Leitores - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, 2005, pp. 208-209).

<sup>478</sup> Pina, Rui de, *Crónica de D. Dinis*, segundo o códice inédito N° 891 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, seguida de versão actualizada da Edição Ferreiriana de 1726, Porto, Livraria Civilização – Editora, 1945, pp. 151, 319.

<sup>479</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *D. Dinis*, 2005, pp. 208-211.

<sup>480</sup> Cunha, Maria Cristina Almeida, *A comenda de Oriz da Ordem de Avis*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Vol. XL, Braga, 1989, pp. 61-62.

<sup>481</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, Doc. 194, p.73.

<sup>482</sup> *Idem*, 1984, pp.183-185 (Doc. 468).

<sup>483</sup> *Idem*, 1984, p.382 (Doc. 838).



curiosamente, partia numa das extremas com uma seara do mosteiro<sup>484</sup>. De resto e como seria de esperar os bens do mosteiro situavam-se sobretudo na região de Guimarães<sup>485</sup>, embora entre as suas propriedades se encontrassem também casas em Vila do Conde, como revela o foral manuelino dessa vila, datado de 1516, que as isenta do pagamento de ferrolho<sup>486</sup>, imposto que recaía sobre esses bens imóveis.

Apesar das boas relações com os reis portugueses, Santa Marinha da Costa também registou alguns desentendimentos, desde logo o célebre episódio relatado nas inquirições de 1258, em que ao questionarem as testemunhas em relação a Castro, no julgado de Montelongo, é dito que há duas devesas régias onde os homens do rei não ousam entrar porque o prior da Costa os expulsa<sup>487</sup>. Também a 11 de Fevereiro de 1419 D. João I deu sentença contra o mosteiro da Costa e a Colegiada de Guimarães por estas instituições incentivarem os moradores da freguesia de Caide a não pagarem fossadeira ao rei<sup>488</sup>.

A 25 de Setembro de 1431 o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, encontrava-se no mosteiro da Costa, surgindo aí poucos dias depois de ter efectuado visita ao mosteiro de Souto<sup>489</sup>. De resto foi aí que nesse dia o arcebispo, em contenda com o prior da Colegiada de Guimarães, aguardou pelo desenrolar da visita que tinha ordenado a esta Colegiada e que o prior D. Rui da Cunha impediria com recurso a homens armados, situação que fez com que alguns cónegos da Colegiada se deslocassem ao mosteiro da Costa para estarem com o bispo<sup>490</sup>. Pouco mais de um ano

---

<sup>484</sup> *Idem*, 1984, p.443 (Doc. 955).

<sup>485</sup> A distribuição geográfica da propriedade não deverá ter sofrido grandes alterações ao longo dos séculos XIV e XV, por isso o panorama deveria ser muito idêntico ao verificado ao longo do séc. XIII onde o mosteiro de Santa Marinha da Costa era um dos que mais casais possuía na região de Guimarães (cf. Coelho, Maria Helena da Cruz, “A população e a propriedade na região de Guimarães durante o século XIII”, 1990, p.152.). Também Andrade, Maria Filomena, “O património dos mosteiros agostinhos segundo as Inquirições de 1220” in *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*, vol. VI, Edição da Câmara Municipal de Guimarães e da Universidade do Minho, 1996, pp. 135,142 nos dá uma imagem da localização do património deste mosteiro em 1220.

<sup>486</sup> Neves, Joaquim Pacheco, *O mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde*, 1982, p.250 (doc.5). A este propósito realçar que também na vila de Guimarães, e à semelhança do vizinho mosteiro de S. Torcato, Santa Marinha da Costa detinha vários prédios urbanos (cf. Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Uma rua de elite na Guimarães medieval (1376-1520)*, Guimarães, Edição da Câmara Municipal de Guimarães em colaboração com a Sociedade Martins Sarmento, 1989, p.121).

<sup>487</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol, I, Fasc. IV e V, 1897, p.616; Gonçalves, Sandra, “O julgado de Monte Longo nas Inquirições (1220 e 1258)”, in *Dom Fafes – Revista Cultural*, N.º 8/9, Ano VIII (2002), Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 2002, p. 21.

<sup>488</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>489</sup> *Idem*, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, pp.13,44.

<sup>490</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp.273-274; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.754; Baubeta, Patricia Anne Odber de, *Igreja, pecado e sátira social ...*, 1997, pp. 95-96.

volvido D. Fernando da Guerra voltava ao mosteiro de Santa Marinha estanciando aí nos dias 9 e 10 de Novembro de 1432<sup>491</sup>.

A 2 de Outubro de 1448 D. Afonso V doou aos Jerónimos todo o direito de padroado, eleição, ou qualquer outro que detivesse no mosteiro de Santa Marinha de Guimarães<sup>492</sup>. Tal medida parece não ter tido qualquer consequência efectiva, com os reis a continuarem a avocar o direito de padroado, como revela o facto de D. João II apresentar, a 2 de Agosto de 1490, o seu capelão, Leonel de Oliveira, para o priorado de Santa Marinha da Costa<sup>493</sup>, onde viria a ser confirmado pela autoridade diocesana a 10 de Janeiro do ano seguinte<sup>494</sup>.

O próprio D. Manuel, que a 10 de Junho de 1496 confirmou ao mosteiro de Santa Marinha da Costa todos os privilégios que lhe tinham sido concedidos por D. Afonso II<sup>495</sup>, ainda se considerava padroeiro do mosteiro de Santa Marinha da Costa a 5 de Agosto de 1517<sup>496</sup>. De qualquer modo nesta altura o padroado estava em posse de D. Jaime, 4º duque de Bragança e 2º de Guimarães, a quem competia a nomeação do prior, de resto foi nessa qualidade que nomeou o padre Mestre Frei João de Chaves como prior comendatário da instituição, um franciscano que tentou implementar a reforma no mosteiro, embora sem sucesso<sup>497</sup>, e que chegou a ser bispo de Viseu<sup>498</sup> (1524-1525?).

Quando o priorado vagou por falecimento de Frei João de Chaves, D. Jaime não nomeou novo comendatário dirigindo antes uma súplica ao papa Clemente VII (1523-1534) para este autorizar a extinção do mosteiro e a sua integração numa outra Ordem “vista a relaxação, e escandalo em que vivião os dittos Conegos, e não lhe ser possivel reforma-los, nem dar o ditto Moesteiro a outros Conegos da mesma Ordem, por viverem

---

<sup>491</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.46.

<sup>492</sup> *Idem*, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.757.

<sup>493</sup> IAN/TT- Chancelaria de D. João II, Livro 16, fl.57.

<sup>494</sup> A.D.B.- Registo Geral nº 331, fl. 46; Marques José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.928 (nota 509).

<sup>495</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 16, fl.242.

<sup>496</sup> *As Gavetas da Torre do Tombo*, Vol. X, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1974, p.24.

<sup>497</sup> São elucidativas as palavras de Fernando Cabral, procurador do Duque de Bragança, que diz no processo de extinção do mosteiro “que sendo vago o dito Moesteiro desejando o dito Senhor Duque de se reformar, e ser reduzido a observancia regular apresentou a elle Frei Joam de Chaves Mestre em Theologia da Ordem dos Menores de São Francisco, que delle foi provido por autoridade apostolica ho quall o nom reformou mas o deixou assi fora da Regra, como o achou, sem nelle fazer cousa alguma” (cf. Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa...”, 1886, p.107).

<sup>498</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, 1957, pp.154-156; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.661; Machado, J. T. Montalvão, “Um frade de Chaves, em Guimarães”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, p.275.

comummente neste tempo em Portugal, igualmente esquecidos do seu estado, e sem aquelle fervor, que devião ter no serviço, culto, e honra de Deos”<sup>499</sup>.

A resposta do papa foi célere e por bula de 2 de Março de 1525 nomeou 3 juizes executores para que se certificassem de que de facto eram verdadeiras as razões alegadas para o pedido de extinção e a verificarem-se que o extinguissem<sup>500</sup>. Feitas as necessárias diligências o prior da Colegiada de Guimarães, D. Sebastião Lopes deu sentença, em Vila Viçosa, a 23 de Novembro de 1527, para se extinguirem os cónegos regrantes no mosteiro, unindo-o à Ordem de S. Jerónimo<sup>501</sup> tendo sido acertado entre o prior claustral, D. João de Braga, e o padre Frei Jorge, na condição de procurador dos Jerónimos, o montante a pagar aos três cónegos que se encontravam em Santa Marinha da Costa, estipulando-se um total de 34 mil reis para se sustentarem na sua saída<sup>502</sup>. Pouco tempo depois, a 27 de Janeiro de 1528 foi o Padre Frei António de Lisboa tomar posse do mosteiro<sup>503</sup>.

### **Igrejas do Padroado do mosteiro de Santa Marinha da Costa**

Para os séculos XIV e XV há indicações seguras de que este mosteiro vimaranense deteve o direito de padroado em cinco igrejas, além da cura da capela do próprio mosteiro que aqui individualizámos uma vez que surgem elementos que confirmam a nomeação de alguns dos seus capelães. Quanto às igrejas, à excepção das de S. Lourenço de Calvos e Santa Eulália de Barrosas onde o mosteiro apenas detinha o direito de apresentação, todas as outras são mencionadas como anexas ao mosteiro no século XV, nomeadamente Santa Cristina de Caide, Santa Maria de Atães e Santa Eulália.

---

<sup>499</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, 1957, pp.155-156.

<sup>500</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, 1957, p.157. Os documentos referentes ao processo de extinção do mosteiro encontram-se publicados por Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa...”, 1886, pp.108-109.

<sup>501</sup> *Idem, ibidem*, 1886, pp.102-112.

<sup>502</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, 1957, p.158.

<sup>503</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.326; Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa...”, 1886, pp.109-112; Bellino, Albano, *Archeologia Christã: descrição histórica de todas as igrejas, capellas, oratórios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães*, Lisboa, Empreza da História de Portugal - Sociedade Editora, 1900, p.203; Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, 1957, p.159; Caldas, Padre António José Ferreira, *Guimarães: apontamentos para a sua história*, 2ª ed., Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães/Sociedade Martins Sarmiento, 1996, p.363; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.756-757.

**2.2.4.1. - Santa Cristina de Caide**<sup>504</sup> (c. Guimarães) – Igreja do padroado do mosteiro de Santa Marinha da Costa. O Censual do Cabido de Braga, datável de 1369-1380, já identifica a igreja de “Sancta Christinha de Queyide” como anexa ao mosteiro da Costa, vínculo que se mantém inalterado ainda em 1419<sup>505</sup>. A 29 de Setembro de 1455 o cónego Bartolomeu Vasques foi confirmado como pároco de Santa Cristina de Caide com sua anexa de Santa Maria de Atães<sup>506</sup>. A 3 de Agosto de 1481 a igreja de Santa Cristina de Caide continua a ser referenciada como anexa ao mosteiro de Santa Marinha da Costa<sup>507</sup>.

**2.2.4.2. - Santa Eulália a Antiga** (c. Fafe) – Igreja do padroado do mosteiro da Costa. A 18 de Outubro de 1360 o rei D. Pedro doou ao mosteiro de Santa Marinha da Costa o padroado e demais direitos da igreja de “Santa Ovaya a antiiga”<sup>508</sup>, localizada no julgado de Freitas<sup>509</sup>, no arcebispado de Braga. Competia ao mosteiro colocar um cónego na Igreja de Santa Eulália, de forma a servi-la devidamente, recebendo algum benefício por esse trabalho, embora o grosso das rendas da igreja fosse aplicado para mantimento do prior e cónegos de Santa Marinha da Costa, ficando estes obrigados a rezar diversas missas quer em vida do monarca quer após o seu falecimento, com a curiosidade de terem também de rezar uma missa pela alma de D. Inês de Castro<sup>510</sup>.

---

<sup>504</sup> Freguesia extinta e incorporada na de Atães, no actual concelho de Guimarães (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.244).

<sup>505</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, pp.285, 478 (doc.123). O documento onde se encontra a referência a 1419 encontra-se também publicado por Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, Edição da Câmara Municipal de Fafe, s.d, pp.29-34.

<sup>506</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.928 (nota 512).

<sup>507</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.495 (doc.128). Este documento encontra-se também reproduzido por Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, pp.34-38. Aí aparece Santa Eulália de Caide mas é erro.

<sup>508</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.184 (Doc. 468). Trata-se do orago da actual freguesia e concelho de Fafe (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, 1959, Vol. II, pp.250-251; Gonçalves, Sandra, “O julgado de Monte Longo nas Inquirições (1220 e 1258)”, 2002, p.106; Coimbra, Artur Ferreira, *Fafe: Apontamentos de História Local*, Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 2003, p.17).

<sup>509</sup> O documento identifica-a no Julgado de Freitas mas normalmente surge referenciada como pertencente ao vizinho Julgado de Monte-Longo, de resto no próprio “Catálogo das Igrejas de 1320-1321” integra as Igrejas da Terra de Monte-Longo (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.109).

<sup>510</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.184 (Doc. 468). Desconhecemos quem foi o cónego aí indigitado, mas é provável que na altura em que D. Pedro doou a igreja ao mosteiro o abade fosse Vasco Gonçalves, pelo menos é ele que surge referenciado como “abade de Santa Ovaya Antiga” a 4 de Janeiro de 1352 (cf. Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), “Arquivo da Collegiada de Guimarães”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XXIII - Nº 3-4 (Julho-Dezembro de 1906), p.139).

Esta igreja tinha rendimentos bastante apetecíveis, isto se considerarmos que em 1320 foi taxada em 90 libras<sup>511</sup>. Em 1419 esta igreja encontrava-se anexa ao mosteiro de Santa Marinha da Costa<sup>512</sup>. A 9 de Abril de 1437 Frei Diogo Martins foi confirmado como pároco da igreja de Santa Eulália a Antiga numa altura em que a igreja andava aforada a Inês Gomes, que além de dar ao pároco alimentação, tinha de lhe dar 30 libras, colocando ainda à disposição do religioso a casa maior da igreja<sup>513</sup>. Em 1481 a igreja de “Sancta Ovaya Antigua” continua a ser referenciada como anexa ao mosteiro de Santa Marinha<sup>514</sup>.

**2.2.4.3. - Santa Eulália de Barrosas** (c. Vizela) – Igreja do padroado do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 9 de Abril de 1437 Bartolomeu Vasques, cónego regente de Santa Marinha da Costa foi confirmado como capelão da igreja de Santa Eulália de Barrosas<sup>515</sup>.

**2.2.4.4. - Santa Maria de Atães** (c. Guimarães) – Igreja do padroado de Santa Marinha da Costa. Em 1419, esta igreja encontrava-se anexa ao mosteiro de Santa Marinha da Costa<sup>516</sup>, vínculo que já remontava pelo menos ao último quartel do século XIV<sup>517</sup>. Curiosamente, em 1455, é identificada como sendo anexa de Santa Cristina de Caide<sup>518</sup>, mas em 1481 surge apenas a indicação de que estava anexa do mosteiro de Santa Marinha<sup>519</sup>.

**2.2.4.5. - Capela de Santa Marinha da Costa** (c. Guimarães) – Capela curada do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 5 de Agosto de 1432 foi confirmado como cura da capela do mosteiro de Santa Marinha da Costa, o cónego Gil Lourenço, numa altura

---

<sup>511</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.109.

<sup>512</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123).

<sup>513</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.73vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.755-756.

<sup>514</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.495 (doc.128); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, p.35.

<sup>515</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.73vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>516</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123). Este mesmo documento encontra-se também publicado por Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, pp.29-34.

<sup>517</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.285.

<sup>518</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.928 (nota 512).

<sup>519</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.495 (doc.128).

em que era o prior claustral desta comunidade regrante<sup>520</sup>. Um outro responsável por esta capela foi Lopo Afonso, cónego de Santa Marinha da Costa, que acabou por renunciar em 1463<sup>521</sup>, sendo aí confirmado, a 2 de Outubro desse ano, outro religioso do mosteiro, de nome Martinho Afonso<sup>522</sup>.

**2.2.4.6. - S. Lourenço de Calvos** (c. Guimarães) – Igreja do padroado do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Esta igreja tinha rendimentos bastante apetecíveis, isto se considerarmos que em 1320 foi taxada em 100 libras<sup>523</sup>. Pedro Domingues era o abade de Calvos a 7 de Junho de 1353 surgindo como testemunha de um emprazamento que o prior da Costa, D. Pedro Geraldês, fez, na qualidade de procurador do infante D. Pedro, a Domingos Domingues de um casal na aldeia de Tieiro, propriedade pertencente à Comenda de Oriz<sup>524</sup>. Em Agosto de 1419 era seu abade João Vasques<sup>525</sup> que ainda aí se mantinha a 13 de Maio de 1425, dia em que solicitou autorização papal para acumular benefícios eclesiásticos<sup>526</sup>. A 11 de Julho de 1428 há a indicação de que João Vasques tencionava resignar à igreja de S. Lourenço de Calvos posicionando-se Rodrigo Vicente, clérigo da diocese de Lisboa, para ocupar essa igreja, solicitando o cargo ao papa Martinho V<sup>527</sup>. A 6 de Junho de 1434 é Frei Álvaro Gil quem é confirmado como pároco de S. Lourenço de Calvos<sup>528</sup>, no entanto a sua acção pastoral nesta igreja seria, em termos temporais, extremamente curta, isto se considerarmos que a 9 de Março de 1435 o abade de S. Lourenço de Calvos já era Fernando Afonso<sup>529</sup>.

---

<sup>520</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.36; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.

<sup>521</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.231; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>522</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.231; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>523</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.108.

<sup>524</sup> Cunha, Maria Cristina Almeida, *A comenda de Oriz da Ordem de Avis...*, 1989, pp. 61-62.

<sup>525</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.479 (doc.123).

<sup>526</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.8 (doc.827). Este documento invalida, à partida, a informação veiculada por uma súplica, datada de 27 de Dezembro de 1424, pela qual Vicente Peres, clérigo de Lisboa, solicita a igreja de S. Lourenço de Calvos “vacante per obitum quondam Johannis Valasci, ultimi rectoris eiusdem” (cf. *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.22 (doc. 848). De resto, à luz quer deste documento de 1425 quer de outros posteriores, onde surge referenciado João Vasques, temos naturalmente que considerar duas possibilidades: ou esta data está incorrecta, ou então estamos perante dois homónimos que ocuparam o cargo em datas sequenciais.

<sup>527</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp.318-319 (doc.1256).

<sup>528</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.53; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.

<sup>529</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°255.

### **2.2.5. - São Martinho de Caramos (c. Felgueiras)**

No final da centúria de duzentos esta casa monástica atravessava grandes dificuldades, levando à intervenção do arcebispo bracarense que, para ajudar a reabilitar as depauperadas finanças de Caramos, anexou-lhe, a 17 de Julho de 1287, três igrejas, e o direito de colocar um religioso do mosteiro numa outra<sup>530</sup>, acção em que, cerca de um decénio depois, foi secundado pelo próprio rei<sup>531</sup>.

Numa análise muito simplista parece-nos que se pode concluir que estas intervenções foram extremamente benéficas para a instituição, isto se tivermos em conta que, em 1320, São Martinho de Caramos foi taxado em 500 libras<sup>532</sup>, um valor que deixa antever alguma saúde económica. Face a esta taxação que lhe foi aplicada tudo leva a crer que o mosteiro era possuidor de um bom domínio patrimonial.

Também em termos comunitários é de admitir que fosse composto por cerca de uma dezena de religiosos, para fazerem face aos desafios pastorais isto se tivermos em conta o alargado rol de igrejas onde o mosteiro apresentava pároco, embora, e como adiante veremos, não tenhamos dados que permitam radiografar convenientemente esse quadro paroquial, pelo menos ao ponto de nos permitir afirmar que o mosteiro deteve o direito de padroado sobre todas essas igrejas em simultâneo.

Mas se, aparentemente, no século XIV esta canónica apresenta alguma estabilidade, já à entrada para a segunda metade do século XV os problemas são indesmentíveis, havendo grande dificuldade em constituir convento, ao ponto de, em Fevereiro de 1449, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, ordenar ao seu vigário geral para confirmar no priorado do mosteiro um dos cónegos da comunidade em virtude de não haver elementos suficientes para elegerem prior<sup>533</sup>.

Na última década de quatrocentos Caramos já se encontrava sob a gestão de comendatários sendo muito provavelmente o primeiro Pedro de Barros que faleceu em 1492 com o rei a nomear então Diogo Lopes, o capelão da rainha<sup>534</sup>.

---

<sup>530</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, pp. 11-12 (Doc.4).

<sup>531</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.263.

<sup>532</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>533</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.147; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>534</sup> *Idem, Ibidem*, 1988, p.759.

A situação vivida pela instituição no início do século XVI não era muito auspiciosa. Uma visitação aí efectuada no final de 1528 revela que o “moesteiro e mal servido no espirituall e peor repayrado no temporal”<sup>535</sup>. Entre as recomendações deixadas pelo visitador destaque para a necessidade de várias obras urgentes, nomeadamente a colocação de telha nova e arranjos na sala do capítulo, incluindo a colocação de bancos, bem como a reparação nas partes superiores das paredes porque chovia dentro. Obras extensíveis à torre sineira cujo andaime apresentava tal estado de perigo que o visitador ordenou que se deixassem de tocar os sinos, alertando ainda para a necessidade de proverem à colocação de paramentos e objectos necessários ao culto<sup>536</sup>.

Durante cerca de um século S. Martinho de Caramos foi gerido sob regime de comenda, tendo sido seu último comendatário D. João Pinto que, segundo Carvalho da Costa, renunciou à comenda do mosteiro de Caramos nas mãos do papa Sixto V (1585-1590) para que este o unisse à Congregação de Santa Cruz de Coimbra<sup>537</sup> mas tal união só sucederia em 1594 por letras de Clemente VIII (1592-1605) de 23 de Maio<sup>538</sup>, tomando posse efectiva do mosteiro a 12 de Fevereiro de 1595<sup>539</sup>. Nesta altura era D. Cristóvão de Cristo o prior geral da Congregação, elegendo-se a 14 de Fevereiro como primeiro prior trienal de Caramos D. João das Neves<sup>540</sup>.

### **Igrejas do padroado de S. Martinho de Caramos**

A 17 de Junho de 1287 o arcebispo de Braga, D. Frei Telo (1279-1292), anexa ao mosteiro de Caramos as igrejas de S. João de Várzea, S. Mamede de Arenteiro e Santa

---

<sup>535</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528, 1988-89, p.133.

<sup>536</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”..., 1988-89, p.133.

<sup>537</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, 1706, p.122.

<sup>538</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.134; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa ...*, Tomo I, 1706, p.122; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.300.

<sup>539</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo III, (Edição fac-similada da de 1666), Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p.249; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.134; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa ...*, Tomo I, 1706, p.122; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.300.

<sup>540</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo III, 2002, p.249; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.134. Quando o mosteiro foi integrado na Congregação era seu gestor o Padre D. Manuel de S. João, que entretanto acabava de ser eleito como primeiro prior trienal do mosteiro de S. Simão da Junqueira (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.134; Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp. 99, 148-152 (doc.16).



Eulália de Arnozela, concedendo-lhe também o direito de apresentar e colocar na igreja de Santa Leocádia de Macieira um cônego regular em substituição do capelão secular que a administrava, situação a ocorrer mal esta vagasse<sup>541</sup>. Ainda no final do século XIII, e desta feita, através de doação régia, o mosteiro vê crescer ao seu padroado o da igreja de Constantim<sup>542</sup>.

Através do catálogo das igrejas de 1320-1321 obtemos a confirmação da posse de algumas destas igrejas por parte de Caramos, dizendo-se aí que as igrejas de Várzea e Caramos são do mosteiro de São Martinho de Caramos tal como as de Arnozela e Santa Leocádia<sup>543</sup>. Também a igreja de Santa Maria de Borbela andava anexa ao mosteiro e era do seu padroado, estendendo-se os direitos de apresentação do mosteiro às igrejas de Candemil e S. Cristóvão de Lordelo<sup>544</sup>. Não temos dados que nos permitam afirmar que o mosteiro deteve o padroado de todas estas igrejas nos séculos finais da Idade Média, mas é muito provável que tal tenha acontecido, de resto, o facto de em meados do séc. XVII S. Martinho de Caramos ainda trazer anexas 8 igrejas<sup>545</sup> parece-nos um dado, senão inquestionável, pelo menos fortemente indiciador da permanência desse alargado número de igrejas sob a sua jurisdição<sup>546</sup>.

**2.2.5.1. - Constantim**<sup>547</sup> (c. Vila Real) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. D. Dinis fez doação ao mosteiro de S. Martinho de Caramos desta igreja e seu respectivo padroado em 1297<sup>548</sup>. Em 1320, no catálogo das igrejas e mosteiros sujeitos a taxaço, e incluída na Terra de Panóias, diz-se que “a igreja de Constantim é do mosteiro de

---

<sup>541</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 11-12 (Doc.4).

<sup>542</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.263; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.298.

<sup>543</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>544</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.757.

<sup>545</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo III, 2002, p.249. Também Fernandes, Maurício Antonino, *Felgueiras de ontem e de hoje*, 1989, p.63, indica como constitutivas do padroado de Caramos as igrejas de Macieira da Lixa, Santiago do Pinheiro, Alentem, Arnosela, Borbela, Candemil e Constantim, paróquias nas quais a instituição apresentava os respectivos párocos.

<sup>546</sup> Também Fernandes, Maurício Antonino, *Felgueiras de ontem e de hoje*, 1989, p.63, indica como constitutivas do padroado de Caramos as igrejas de Macieira da Lixa, Santiago do Pinheiro, Alentem, Arnosela, Borbela, Candemil e Constantim, paróquias nas quais a instituição apresentava os respectivos párocos.

<sup>547</sup> O orago actual é Santa Maria da Feira (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 3, Matosinhos, MinhaTerra, 1997, p.595).

<sup>548</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.263. Também Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.298, faz referência a esta igreja dizendo que ela foi doada ao mosteiro de Caramos por D. Afonso Henriques em 1154 e confirmada por D. Dinis em 1321.

Caramaros”<sup>549</sup>. Segundo D. Nicolau de Santa Maria em 1503, sendo vigário desta igreja o cónego D. Pedro Rodrigues, tentou retirá-la da sujeição de Caramos e torná-la reitoria independente, gerando-se o inevitável conflito com o prior de Caramos, havendo sentença favorável ao mosteiro, dada em Guimarães a 15 de Outubro de 1503, e posteriormente confirmada, em 1507, pelo papa Júlio II<sup>550</sup> (1503-1513).

**2.2.5.2. - Santa Eulália de Arnozela** (c. Fafe) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. Trata-se de uma das igrejas que, a 17 de Junho de 1287, o arcebispo de Braga, D. Frei Telo (1279-1292), anexou ao mosteiro regente de Caramos<sup>551</sup>. No catálogo das igrejas e mosteiros elaborado em 1320-1321 diz-se que “a igreja de Arnosela é do mosteiro de Caramoros”<sup>552</sup>.

**2.2.5.3. - Santa Leocádia de Macieira da Lixa** (c. Felgueiras) – Igreja de apresentação padroado do mosteiro de Caramos. Como já referenciado acima trata-se da igreja que, a 17 de Junho de 1287, o arcebispo de Braga, D. Frei Telo (1279-1292), concedeu o direito de apresentar e colocar um cónego<sup>553</sup>. Em 1320, “Santa Leocádia” é referenciada como sendo do mosteiro de Caramos<sup>554</sup> embora não apareça aí qualquer outro elemento identificativo mas parece-nos muito provável que tal referência diga respeito a Santa Leocádia de Macieira da Lixa, onde o mosteiro de Caramos exerceu direito de padroado<sup>555</sup>. Não sabemos se antes da doação do arcebispo o mosteiro já detinha alguns direitos de padroado nesta igreja mas é possível que estejamos perante a mesma igreja onde a instituição adquiriu direitos de padroado em 1171 embora nessa altura surja

---

<sup>549</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.111.

<sup>550</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, pp.298-299, faz referência a esta igreja dizendo que ela foi doada ao mosteiro de Caramos por D. Afonso Henriques em 1154 e confirmada por D. Dinis em 1321.

<sup>551</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 11-12 (Doc.4).

<sup>552</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106. Também Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, p.52, identifica esta igreja como sendo do padroado de Caramos, informação que também consta no *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.93.

<sup>553</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 11-12 (Doc.4).

<sup>554</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>555</sup> *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, pp.222-223. Ainda no início do séc. XVIII era da vigairaria do mosteiro de Caramos (cf. Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa ...*, Tomo I, 1706, p.143)

identificada como Santa Leocádia de Moreira<sup>556</sup>. A 11 de Janeiro de 1428 o cónego Gonçalo Lourenço foi confirmado nesta igreja<sup>557</sup>.

**2.2.5.4. - Santa Maria de Borbela** (c. Vila Real) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. Segundo as inquirições de D. Afonso III a igreja de Borbela era do padroado do mosteiro de Caramos tendo o cenóbio obtido metade de D. Mendo Pires de Aguiar e comprando a outra metade a D. Mendo Garcia de Cabreira<sup>558</sup>. A 28 de Maio de 1417, a igreja de Santa Maria de Borbela já andava anexa ao mosteiro de S. Martinho de Caramos, altura em que era paroquiada pelo cónego Frei João Aparício<sup>559</sup>. A 24 de Abril de 1454 foi investido como capelão desta igreja João Anes<sup>560</sup>.

**2.2.5.5. - São Cristóvão de Candemil** (c. Amarante) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. A 23 de Abril de 1461, o cónego do mosteiro de Caramos, Frei João de Paris, foi instituído como pároco da igreja de S. Cristóvão de Candemil, sucedendo aí a Rui Gomes, destituído pelo arcebispo por não fazer residência na freguesia<sup>561</sup>.

**2.2.5.6. - São Cristóvão de Lordelo** (c. Felgueiras) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. A 11 de Maio de 1467 Frei Francisco Anes, cónego do mosteiro de Caramos, foi confirmado como pároco da igreja de S. Cristóvão de Lordelo que tinha anexa a de Santa Maria de Vilar Torno, na Terra de Sousa<sup>562</sup>.

**2.2.5.7. - S. João Baptista de Várzea** (c. Amarante) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. A 17 de Junho de 1287 o arcebispo de Braga, D. Frei Telo (1279-1292),

---

<sup>556</sup> Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas ...*, Tomo II, Lisboa, 1811, p.75. Poderá também tratar-se da igreja de Santa Leocádia de Moreiras, do concelho de Chaves, que também surge identificada nas inquirições ducentistas (cf. Maurício, Maria Fernanda, *Entre Douro e Tâmega ...*, 1997, pp.202,318).

<sup>557</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.43vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1036.

<sup>558</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol I, Pars II, Fasciculus VIII, 1961, p.1214.

<sup>559</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.757.

<sup>560</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.183; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1037.

<sup>561</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.215vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759.

<sup>562</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.[253vº]; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759. Actualmente a freguesia de Vilar de Torno denomina-se Vilar do Torno e Alentem e pertence ao concelho de Lousada (*Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.257).

anexou ao mosteiro regrente de Caramos a igreja de “Sancti Johannis de Varçena”<sup>563</sup>. Em 1320 apenas se diz que “as igrejas da Varzea e de Caramoros são do mosteiro de Caramaros”<sup>564</sup>.

**2.2.5.8. - S. Mamede de Arente**<sup>565</sup> (c. Lousada) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. A 17 de Junho de 1287 o arcebispo de Braga, D. Frei Telo (1279-1292), anexou ao mosteiro regrente de Caramos a igreja de “Sancti Mametis de Arente”<sup>566</sup>. Temos poucas informações sobre esta igreja, não aparecendo sequer entre as da “Terra de Sousa” que são referenciadas no catálogo de 1320-1321<sup>567</sup>, de qualquer modo é inegável que o mosteiro aqui exerceu o direito de padroado nos séculos finais da Idade Média e mesmo posteriormente, uma vez que em 1706 ainda era vigairaria do convento de Caramos, embora aí surja identificada como “Santa Maria de Arentey”<sup>568</sup>.

**2.2.5.9. - S. Tiago de Pinheiro** (c. Amarante) – Igreja do padroado do mosteiro de Caramos. Foi doada ao mosteiro de Caramos em 1161<sup>569</sup>.

---

<sup>563</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 11-12 (Doc.4).

<sup>564</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.104. Apesar de aí se ocultar o orago aparece a indicação de que se trata de uma igreja do mosteiro de Caramos o que não deixa quaisquer dúvidas que estamos perante S. João da Várzea. Importa, no entanto, alertar que perante a ausência destes elementos se torna difícil a identificação, podendo-se confundir com a igreja de S. Jorge de Várzea do actual concelho de Felgueiras, paróquia essa do padroado do mosteiro de Pombeiro (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.236. Ainda no início do séc. XVIII era da vigairaria do convento de Pombeiro (cf. Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa ...*, Tomo I, 1706, p.123). No *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.208 também se diz que S. João Baptista de Várzea era da apresentação de Caramos.

<sup>565</sup> Faz parte integrante da actual freguesia de Vilar do Torno e Alentem. A freguesia de Arente ou Alentem manteve a sua autonomia até à primeira metade do séc. XIX, tendo sido, em 1834, anexada à de Vilar do Torno (cf. Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno, dictionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, biographico e etymologico*, vol.XI, Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1886, pp.1284-1285; Oliveira, Ana Maria, “Torre de Vilar: uma residência senhorial do Vale do Sousa”, in *OPPIDUM -Revista de Arqueologia, História e Património da Câmara Municipal de Lousada*, Nº 1, 2006, p.144).

<sup>566</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 11-12 (Doc.4).

<sup>567</sup> Entre as igrejas pertencentes à Terra de Sousa a única que detectámos cujo orago é S. Mamede é a de Vila Verde (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106) mas essa deveria ser do padroado do mosteiro de Pombeiro como deixa perceber o facto de a 28 de Janeiro de 1427 ser aí apresentado Frei João Vicente, do mosteiro de Pombeiro (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1035).

<sup>568</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, 1706, p.128. Também Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno...*, vol.XI, 1886, p.1284, faz referência a este facto, tendo por base Carvalho da Costa, identificando como seu orago S. Mamede.

<sup>569</sup> Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas...*, Tomo II, 1811, p.75; *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.225.

### **2.2.6. - S. Martinho de Crasto (c. Ponte da Barca)**

Fundado por D. Onerico Soeiro, senhor de Crasto e doado, em 1142, aos cónegos regrantes de Santo Agostinho, desde logo conheceu um forte desenvolvimento, procedendo-se ainda nesse século à ampliação da igreja que seria sagrada em 1182 pelo arcebispo D. Godinho<sup>570</sup> (1175-1188). O mosteiro de S. Martinho de Crasto aparece contemplado no testamento de Estêvão Eanes, chanceler de D. Afonso III, feito em 1279, recebendo anualmente 30 “moios” de trigo<sup>571</sup>. A 24 de Julho de 1335<sup>572</sup> D. Afonso IV deu sentença referente à jurisdição que o mosteiro de S. Martinho de Crasto tinha no seu couto, localizado nas imediações do mosteiro, autorizando a instituição a deter a jurisdição cível enquanto a do crime ficava sob a alçada régia, provando-se que o porteiro do julgado da Terra da Nóbrega entrava no couto do mosteiro<sup>573</sup>.

No início do séc. XV aparenta alguma estabilidade, sendo a sua comunidade formada por cerca de uma dezena de elementos. Pelo menos assim o indicia um documento de 14 de Julho de 1419, onde são identificados, além do prior, o prior claustral e mais sete cónegos. Esse documento revela-nos também a preocupação de evitar que a sua casa monástica caísse em mãos de pessoas que se apropriassem do património do mosteiro e colocassem em causa a segurança dos próprios religiosos. Temendo ficarem à mercê da rapina de poderosos, caso o seu prior falecesse ou resignasse, e para se precaverem de tais situações e abusos, delegam no deão de Braga, Álvaro Martins, plenos poderes para que este os represente na eleição do futuro prior<sup>574</sup>.

Tais temores não seriam certamente inocentes, previsivelmente motivados por disputas, pressões ou violências exercidas por poderosos locais, mas se o não eram, acabaram por ser premonitórios, uma vez que por finais de 1435 ou inícios de 1436 o

---

<sup>570</sup> Barreiros, Padre Manuel D’Aguiar, *Igrejas e capelas românicas da Ribeira Lima*, 1926, p.61.

<sup>571</sup> Sá-Nogueira, Bernardo, “O testamento de Estêvão Eanes, chanceler d’el rei D. Afonso III”, in *Actas das III Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, Câmara Municipal de Loulé, 1989, p.74, 82.

<sup>572</sup> No documento transcrito em *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.55-57 (Doc.27), e face às dificuldades de leitura, aparece reconstituído na data o mês de Outubro mas tendo em conta que o documento foi emitido na Guarda parece-nos de facto muito mais provável tratar-se de Julho, uma vez que nessa altura, bem como no mês seguinte há documentos emanados da Guarda (cf. *Ibidem, Vol. I (1315-1336)*, 1990, doc. 377; *Vol. II (1336-1340)*, 1992, docs. 26, 48), sendo certo que entre 12 e 25 de Setembro o rei já se encontrava em Coimbra (cf. *Ibidem, Vol. I (1315-1336)*, 1990, docs. 387, 375; *Vol. II*, doc. 54) cidade de onde surgem novos registos entre 15 e 16 de Novembro (cf. *Ibidem, Vol. II (1336-1340)*, 1992, docs. 22,68,69) sendo por isso presumível que entre Setembro e Dezembro o monarca tenha estado nesta cidade.

<sup>573</sup> *Idem, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.55-57 (Doc.27); Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.74-75 (Doc. 20 do Apêndice).

<sup>574</sup> A.D.B. - Coleção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

mosteiro foi atacado por diversos indivíduos, incluindo um tabelião de Ponte de Lima, que derrubaram e queimaram portas, saquearam o mosteiro e tentaram matar o prior<sup>575</sup>. Em 1468, o mosteiro atravessava visíveis dificuldades, sendo-lhe anexada a igreja de S. Romão de Nogueira<sup>576</sup>.

Ainda no século XV e durante o século XVI, e à semelhança dos restantes mosteiros regrantes portugueses, também o mosteiro de Crasto acabaria por ser gerido por comendatários, andando o seu historial ligado às gestões dos mosteiros de Refóios de Lima e Vila Nova de Muia, uma vez que os detentores das comendas foram, maioritariamente, comuns às três instituições.

De resto, em 1558 o rei escreve ao cardeal Mignanelo dando-lhe conta de que os mosteiros de S. Martinho de Crasto, Muia e Refóios vagaram pelo falecimento de D. Pedro de Melo, solicitando-lhe que a troco de uma pensão justa aceitasse as pessoas que ele nomeasse para esses mosteiros de forma a evitarem-se demandas e litígios<sup>577</sup>.

O mosteiro de S. Martinho de Crasto foi o último a ser unido à Congregação de Santa Cruz, sendo que após a autorização da união pelo papa Clemente VIII (1592-1605) deu-se a tomada de posse por D. Cristóvão de Cristo e seus colegas, em 1595, numa altura em que era prior comendatário Sebastião Rodrigues da Fonseca, confirmando-se a posse real apenas com o falecimento do comendatário, em 1615, tomando então posse do mosteiro o prior geral D. Jerónimo da Cruz, quando havia apenas dois cónegos na instituição<sup>578</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto**

Em Abril de 1190 o mosteiro de São Martinho de Crasto recebeu, por doação, o direito de padroado de 5 igrejas todas elas situadas no actual concelho de Ponte da Barca: Santo Adrião de Oleiros, Santa Eulália de Ruivos, S. Miguel de Boivães, S. Tiago de Sampriz e S. Romão de Nogueira<sup>579</sup>. À excepção das duas últimas, e no que concerne ao século XIV, não dispomos de quaisquer informações que nos permitam

---

<sup>575</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 2, fl.116vº; Livro 23, fls.77-77vº; *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479 (Arquivos de Lisboa)*, coordenação de Amélia Aguiar Andrade e Luís Krus; transcrições de Filipa Silva e João Luís Fontes, Edição da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2001, pp.171-172, 173-174 (Docs. 116, 118).

<sup>576</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.107; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761.

<sup>577</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VIII, 1884, p.60.

<sup>578</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.175-176.

<sup>579</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.316; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.30.

comprovar a ligação destas igrejas ao mosteiro de S. Martinho de Crasto, o que não invalida que durante esse período se tenham mantido dentro do padroado do mosteiro. Outra igreja que não integra esta lista mas onde, pelo menos no séc. XV o mosteiro deteve direito de padroado é a de S. Pedro de Vade.

**2.2.6.1. - Santa Eulália de Ruivos** (c. Ponte da Barca) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Em 1320 foi taxada em 20 libras<sup>580</sup>.

**2.2.6.2. - Santo Adrião de Oleiros** (c. Ponte da Barca) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Em 1320 foi taxada em 80 libras<sup>581</sup>.

**2.2.6.3. - São Mamede de Cuide** (c. Ponte da Barca) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto. No Censual de D. Diogo de Sousa já aparece como anexa ao mosteiro de S. Martinho de Crasto<sup>582</sup>, situação que se mantém em 1551<sup>583</sup>.

**2.2.6.4. - S. Miguel de Boivães** (c. Ponte da Barca) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Em 1320 foi taxada em 50 libras<sup>584</sup>. Em 1528 S. Miguel de Boivães estava anexa a Ruivos<sup>585</sup>.

**2.2.6.5. - S. Pedro de Vade** (c. Ponte da Barca) Igreja do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Em 1320 a igreja de “S. Pedro do Vado” foi taxada em 40 libras<sup>586</sup>. A 1 de Maio de 1439 é indicada como sendo anexa de S. Martinho de Crasto<sup>587</sup>.

**2.2.6.6. - S. Romão de Nogueira/S. Romão da Nóbrega** (c. Ponte da Barca) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Em 1320 foi taxada em 40 libras<sup>588</sup>. A 21 de Agosto de 1428 é confirmado no priorado desta igreja o cônego Rui Gonçalves,

---

<sup>580</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

<sup>581</sup> *Idem, Ibidem*, vol. IV, 1971, p.101.

<sup>582</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Terra da Nóbrega e Concelho de Ponte da Barca - Subsídios para a sua história”..., 1998, p.177 (Doc. 18 do Apêndice)

<sup>583</sup> *Idem, Ibidem*, p.179 (Doc. 19 do Apêndice).

<sup>584</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

<sup>585</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.195.

<sup>586</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

<sup>587</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.93; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.811.

<sup>588</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

religioso do vizinho mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>589</sup>. Não sendo caso único a nomeação de cónegos de outras comunidades para as igrejas de determinado mosteiro, este facto leva-nos a equacionar a hipótese de o padroado da igreja ter entretanto transitado para o mosteiro de Vila Nova de Muia. No entanto não encontramos qualquer prova documental ou sequer outro indício que valide tal possibilidade. Deverá ter-se tratado apenas de uma situação pontual e talvez justificável pelo elevado número de igrejas onde o mosteiro de Crasto detinha direitos de apresentação, necessitando de recorrer a elementos extra-comunidade para o exercício pastoral nessas paróquias.

Em 1445, mais concretamente a 22 de Maio desse ano, já aparece referenciado como abade desta igreja Álvaro Anes, dia em que lhe são concedidas, em Braga, ordens de Epístola<sup>590</sup>. No ano seguinte, durante o primeiro semestre, ser-lhe-iam impostas as ordens de Evangelho e Missa continuando a ser identificado como “Abade de Sam Romao de Novrega”<sup>591</sup>. Aí se deverá ter mantido por cerca de mais nove anos, uma vez que a 10 de Abril de 1455 é confirmado como pároco de S. Romão da Nóbrega Gonçalo Domingues<sup>592</sup>, antigo cónego do mosteiro de Bravães.

Na segunda metade do séc. XV e para tentar fazer face às dificuldades económicas que S. Martinho de Crasto atravessava foi-lhe anexada esta igreja, em 1468<sup>593</sup>. Em 1528 continua anexada a S. Martinho de Crasto<sup>594</sup>.

**2.2.6.7. - S. Tiago de Sampriz** (c. Ponte da Barca) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Em 1320 a igreja de “S. Prisco” foi taxada em 60 libras<sup>595</sup>. Em Outubro de 1451 o prior de S. Martinho de Crasto apresentou um clérigo para esta igreja, embora não seja revelada a sua identidade<sup>596</sup>.

---

<sup>589</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.44v<sup>o</sup>; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 743-744.

<sup>590</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 9, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.62.

<sup>591</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fls.6,9; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, pp.68,71.

<sup>592</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.191; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725.

<sup>593</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.107; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761.

<sup>594</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.197.

<sup>595</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

<sup>596</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.165; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761.



### **2.2.7. - São Martinho de Mancelos (c. Amarante)**

O mosteiro de Mancelos, sob a tutela do seu prior, Martim Lourenço, realizou, a 31 de Agosto de 1305, uma permuta de bens com o rei D. Dinis, abrindo mão dos herdamentos e do hospital que tinham em Vila Ruiva de Malcabrão, em troca de dois casais que o rei possuía no couto de Vilela e da igreja de S. Nicolau de Cabeceiras de Basto<sup>597</sup>. Pouco antes o mosteiro havia sido contemplado no testamento de Vasco Domingues, cónego da Sé de Coimbra, feito a 9 de Janeiro de 1299, onde confessa que deve e manda entregar duas libras ao mosteiro de Mancelos pela alma de D. Teresa, sua avó<sup>598</sup>.

O início do séc. XIV parece revelar algum dinamismo por parte desta instituição e dos seus responsáveis máximos, com reflexo directo na boa saúde financeira que o mosteiro de São Martinho de Mancelos apresenta em 1320, tendo sido taxado em 600 libras<sup>599</sup>. Também a nível demográfico Mancelos apresenta invulgar vigor, sendo a sua comunidade, no início da década de 60 do século XIV, composta por uma dúzia de religiosos<sup>600</sup>.

No final do séc. XIV há registo de um conflito entre o mosteiro e o arcebispo de Braga, D. Martinho (1295-1313) a quem o mosteiro recusava o pagamento das dízimas das searas, dos votos de Santiago e de outros direitos exigidos pelo prelado bracarense, alegando o mosteiro que nunca nenhum arcebispo de Braga aí recebeu as dízimas, acabando as partes por chegar a um entendimento, a 19 de Abril de 1399, comprometendo-se o mosteiro a pagar 35 maravedis velhos pela Páscoa<sup>601</sup>.

No segundo quartel do séc. XV, o mosteiro vai viver situações atribuladas a nível interno, desde logo com uma luta pelo priorado que se vai arrastar durante vários anos, opondo Gonçalo Peres, prior eleito pelos cónegos do mosteiro de S. Martinho de Mancelos a Gil Afonso, cónego de Santa Maria de Oliveira, contenda que já decorria a 30 de Dezembro de 1426<sup>602</sup>. Na origem do conflito está o facto de os cónegos de Mancelos terem delegado a responsabilidade de eleger o prior da instituição a Vasco Rodrigues, chantre de Braga, situação que se verificou após o falecimento do prior João

---

<sup>597</sup> *O Livro das Lezírias D'El Rei Dom Dinis*, 2003, pp. 83-87.

<sup>598</sup> Gomes, Saul António, "As ordens mendicantes na Coimbra Medieval: notas e documentos", in *Lusitânia Sacra*, 2ª Série, Tomo X, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa-Universidade Católica Portuguesa, 1998, p.206.

<sup>599</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.107.

<sup>600</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>601</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.248; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.762.

<sup>602</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 162-164.

Gonçalves, com o chantre a nomear para o cargo Gil Afonso, um cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, o problema é que entretanto os religiosos de Mancelos elegeram canonicamente Gonçalo Peres<sup>603</sup>. Como nem o eleito nem o indigitado pretendiam abdicar do priorado a situação arrastou-se pelo menos até à década de trinta, com interposições para a Santa Sé, com esta a nomear o arcebispo de Braga e o seu vigário geral, como seus juizes apostólicos para a resolução do conflito, acabando Gil Afonso por sair vitorioso da contenda<sup>604</sup>. Desconhece-se a altura em que Gil Afonso assumiu o priorado de Mancelos, mas tendo em consideração que entre os cónegos de Oliveira é identificado um Gil Afonso em Julho de 1442<sup>605</sup>, parece-nos que a sua ida para Mancelos é posterior a esta data.

No decurso deste período conturbado, mais concretamente a 2 de Março de 1434 D. Duarte confirma ao mosteiro de Mancelos todos os privilégios que usufruíam o prior e o convento<sup>606</sup>. Independentemente de quem ocupava a cadeira prioral nessa altura o certo é que Mancelos parece atravessar dificuldades sérias com D. Fernando da Guerra a efectuar diversas visitas a este mosteiro, permanecendo aí, inclusivamente, algumas temporadas, o que por si só parece ser sintomático dos problemas vividos pela instituição. A presença do arcebispo é registada neste cenóbio entre 21 e 30 de Março de 1432<sup>607</sup>, a 12 de Novembro de 1432, no período que medeia entre 8 e 27 de Março de 1433, e nova presença entre 9 e 20 de Agosto desse mesmo ano de 1433<sup>608</sup>. D. Fernando da Guerra passará ainda, na sua quase totalidade, o mês de Maio de 1436 neste mosteiro, sendo certo que aqui esteve entre os dias 8 e 28<sup>609</sup>. O mesmo sucederá entre 23 de Julho e 29 de Agosto de 1437, com o arcebispo a fazer aqui um interregno para se deslocar a Braga, regressando a Mancelos a 9 de Setembro estendendo-se aí a sua presença até pelo menos ao dia 19 de Outubro<sup>610</sup>. Voltará a S. Martinho de Mancelos em 1439 detectando-se a sua presença no mosteiro a partir de 28 de Maio, sendo muito provável que aí tenha permanecido durante os meses de Junho, Julho e Agosto, e muito provavelmente Setembro uma vez que ainda aí estava no dia 3<sup>611</sup>. Entre 8 e 30 de

---

<sup>603</sup> *Ibidem*, Vol. IV, 1970, pp. 162-164; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.762-763.

<sup>604</sup> A.D.B., Coleção Cronológica, Caixa 22, s.n.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.763-764.

<sup>605</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.18.

<sup>606</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.254 (Doc.478).

<sup>607</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.45.

<sup>608</sup> *Idem, Ibidem*, pp.46-47.

<sup>609</sup> *Idem, Ibidem*, p.52.

<sup>610</sup> *Idem, Ibidem*, p.54.

<sup>611</sup> *Idem, Ibidem*, p.58.

Novembro de 1442 D. Fernando da Guerra instalou-se novamente no mosteiro de Mancelos<sup>612</sup>.

Uma súplica datada de 13 de Março de 1453, pela qual Gil Afonso resigna ao priorado do mosteiro, concedendo-o então o papa Nicolau IV ao arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra<sup>613</sup>, revela que a instituição sofria diversas violências perpetradas sobretudo pelo cavaleiro Vasco Martins de Ancede<sup>614</sup>. E se já anteriormente a presença do arcebispo se fizera sentir de forma constante neste cenóbio, agora, na sua qualidade de detentor do mosteiro retoma e reforça essa assiduidade, permanecendo aí entre 18 e 29 de Julho de 1459<sup>615</sup>, o mesmo sucedendo, talvez de forma ininterrupta entre 30 de Abril e 18 de Junho de 1460<sup>616</sup>. D. Fernando da Guerra regressaria novamente a esta casa monástica em 1462, local onde se manteria entre 7 e 14 de Agosto<sup>617</sup>.

Uma visitação feita em 1528 revela alguns dos problemas com que se debatia a instituição, recomendando o visitador que os cónegos rezassem juntos no coro e não nos seus aposentos, e que lessem diariamente, em cabido, um capítulo da Regra de Santo Agostinho, ordenando ao comendatário que mandasse traduzir a Regra para português de forma a que a pudessem entender melhor<sup>618</sup>. Ordenou também que fosse colocado um noviço no mosteiro para ajudar a servir a sacristia e tocar os sinos, da mesma forma que o comendatário devia entregar as rações a que os cónegos tinham direito e não se imiscuir nos assuntos da mesa conventual, dando apenas a sua anuência aos emprazamentos que deveriam ser feitos com a supervisão da Sé de Braga<sup>619</sup>. Registo ainda para as obras de reparação que o comendatário deveria fazer no claustro e no corpo do mosteiro, que incluíam emadeiramento e telhados<sup>620</sup>.

Mancelos transitou, em 1559, para a Ordem dominicana, para auxiliar as rendas conventuais de S. Domingos de Amarante e S. Domingos de Vila Real<sup>621</sup>.

---

<sup>612</sup> *Idem, Ibidem*, p.62.

<sup>613</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp. 341-342; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.764.

<sup>614</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp. 341-342; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.764.

<sup>615</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.85.

<sup>616</sup> *Idem, Ibidem*, p.87.

<sup>617</sup> *Idem, Ibidem*, p.90.

<sup>618</sup> Soares, Franquelim Neiva, "Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528"... , 1988-89, p.131.

<sup>619</sup> *Idem, Ibidem*, p.132.

<sup>620</sup> *Idem, Ibidem*, p.132.

<sup>621</sup> *Terceira parte da Historia de S. Domingos Particular do Reino e conquistas de Portugal por Fr. Luís Cagegas da mesma Ordem e Provincia, e chronista d'ella Reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particularidades por Fr. Luís de Sousa, filho do convento de Bemfica*, 3ª ed., Vol. IV, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866, pp.235-236.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Mancelos:**

**2.2.7.1. - Santa Cristina de Figueiró** (c. Amarante) – Igreja anexa ao mosteiro de Mancelos. A igreja de Santa Cristina de Figueiró foi anexada ao mosteiro de Mancelos a 30 de Abril de 1460<sup>622</sup>.

**2.2.7.2. - Santa Maria de Almacave** (c. Lamego) – Igreja do padroado de Mancelos. Por súplica de 27 de Fevereiro de 1422 sabe-se que o direito de padroado da igreja de Santa Maria de Almacave de Lamego era do mosteiro de Mancelos<sup>623</sup>.

**2.2.7.3. - São João Baptista de Louredo** (c. Amarante) – Igreja anexa ao mosteiro de Mancelos. A igreja de São João de Louredo foi anexada ao mosteiro de Mancelos a 18 de Julho de 1469<sup>624</sup>.

**2.2.7.4. - S. Nicolau de Cabeceiras de Basto / S. Nicolau da Cabreira** (c. Cabeceiras de Basto) – Igreja do padroado de Mancelos. Trata-se de uma igreja que pertencia ao padroado régio, tendo o mosteiro de S. Martinho de Mancelos ficado em sua posse a 31 de Agosto de 1305, fruto de uma permuta que o mosteiro fez com o rei D. Dinis, em que além desta igreja e do seu respectivo padroado ficou também com dois casais que o rei tinha no couto de Vilela, dando em troca as propriedades e o hospital que possuíam em Vila Ruiva de Malcabrão<sup>625</sup>. Era uma igreja de amplos rendimentos como revela o catálogo das igrejas de 1320-1321, onde S. Nicolau da Cabreira aparece taxada em 200 libras<sup>626</sup>.

A 17 de Novembro de 1378 o bispo de Lisboa, D. Martinho (1379-1383), solicitou para Gonçalo Anes, clérigo da diocese de Évora, bacharel em decretos e estudante de direito civil, a igreja de S. Nicolau de Cabeceiras de Basto<sup>627</sup>.

**2.2.7.5. – São Pedro da Ermida/São Pedro de Pinho da Ermida**<sup>628</sup> (fr. Oliveira do Douro, c. Cinfães) – Igreja em co-padroado do mosteiro de Mancelos. O Censual da Sé

---

<sup>622</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.211vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.811.

<sup>623</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 454-455.

<sup>624</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.206vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.811.

<sup>625</sup> *O Livro das Lezírias D'El Rei Dom Dinis*, 2003, pp. 83-87.

<sup>626</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.107.

<sup>627</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. II (1377-1408), 1968, p.34 (doc.312).

de Lamego, datável da primeira metade do séc. XVI, revela-nos que a igreja da Ermida “he d’apresentaçao do mosteiro de Mançelos e do Senhor da Quintam de Resende” alternadamente<sup>629</sup>. Em 1321 a igreja de São Pedro de Pinho da Ermida foi taxada em 40 libras<sup>630</sup>. No início do séc. XVI a igreja da Ermida era paroquada por José Martins<sup>631</sup>, sendo que, em 1537, o seu abade já era Manuel de Noronha<sup>632</sup>.

### **2.2.8. - São Miguel de Vilarinho (c. Santo Tirso)**

O mosteiro de S. Miguel de Vilarinho permite-nos, face à interessante quantidade de documentos medievais que se preservaram, conhecer e restituir com alguma segurança o percurso vivencial dessa canónica e dos elementos que a corporizaram. Apesar dessa riqueza documental este mosteiro é um daqueles em que tanto Nicolau de Santa Maria como Frei Timóteo dos Mártires praticamente se não detiveram, dedicando-lhe breves linhas<sup>633</sup>.

Daquilo que a documentação nos permite observar podemos concluir que, em dois séculos e meio, a comunidade não sofreu grandes alterações ao nível da sua constituição humana, rondado, sempre, os cinco elementos. Um documento de 21 de Outubro de 1287 revela-nos a constituição da comunidade de S. Miguel de Vilarinho à entrada para o século XIV, surgindo aí, além de Martim Peres, prior do mosteiro, quatro religiosos, a saber: Lourenço Soares, prior crasteiro, e os cónegos João Lourenço, Mateus Martins e Martim Domingues, referenciando-se ainda o capelão João Martins<sup>634</sup>.

De qualquer forma registam-se no final do séc. XIII e início do XIV alguns problemas a nível das relações internas com registos de 1280 e 1312 a darem conta de contendas entre o prior e o convento por causa das rações que deveriam ser distribuídas aos cónegos<sup>635</sup>.

---

<sup>628</sup> Actualmente S. Pedro da Ermida do Douro.

<sup>629</sup> *Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*, leitura, transcrição e notas de A. de Almeida Fernandes, Arouca, Associação da Defesa do Património Arouquense/Câmara Municipal de Lamego, 1999, p.28.

<sup>630</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.117.

<sup>631</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.553.

<sup>632</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.369.

<sup>633</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, pp. 318-319; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp. 170-172.

<sup>634</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 146-147.

<sup>635</sup> Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, 1945, pp.82-83. Este foi um assunto que já tivemos oportunidade de abordar num outro trabalho (cf. Fernandes, Aires Gomes, “Guerras de pão e vinho em mosteiros medievais” in *Crenças, Religiões e Poderes: Dos indivíduos às sociabilidades*, org. de Vítor Oliveira Jorge e José M. Costa Macedo, Porto, Edições Afrontamento, 2008, p.359).

A 4 de Julho de 1342 Afonso Domingues, corregedor de Entre Douro e Minho, envia uma carta ao mosteiro de S. Miguel de Vilarinho dizendo que o mosteiro estava a incorrer em infracção ao contrariar as indicações régias para que não se dessem quaisquer préstimos das igrejas e mosteiros a ninguém, nem que nenhum fidalgo comesse nesse mosteiro, devendo antes canalizar-se todas as rendas para a boa manutenção espiritual e temporal das casas religiosas. Apesar dessas instruções, o corregedor diz ter sido informado por alguns fidalgos, que eram naturais desse mosteiro, que o prior pagava os direitos a esses fidalgos, revelando que intercedeu em sua defesa, dizendo que só o faziam por serem constrangidos pelos vigários da Sé de Braga<sup>636</sup>. No seguimento desta carta, Domingos Vicente, cónego do mosteiro de Vilarinho, deslocase a Braga onde, a dez de Julho de 1342, dá a conhecer a D. João Vicente, cónego de Braga e vigário geral do arcebispo D. Gonçalo Pereira, o teor da missiva, comprometendo-se este a respeitar as determinações régias<sup>637</sup>.

Normalmente os procuradores do mosteiro são religiosos da própria comunidade mas é curioso verificar que o mosteiro de Vilarinho passa procuração a 12 de Fevereiro de 1356 a Afonso Gil, morador em Guimarães e familiar do mosteiro, para que este os represente, surgindo este procurador a emprazar, em 24 de Fevereiro de 1324, o casal de Rebordelo que o mosteiro tinha em Santa Eulália de Barrosas<sup>638</sup>.

Por documento de quitação passado pelo tabelião de Braga, Pedro Lourenço, datado de 17 de Julho de 1364 sabe-se que o mosteiro de Vilarinho pagou ao arcebispo de Braga de colheita (respeitante ao ano em andamento, com início no S. João Baptista e até ao S. João Baptista de 1365), 30 libras<sup>639</sup>.

Por uma carta de quitação datada de 27 de Setembro de 1376 João Fernandes, camareiro do arcebispo de Braga, D. Lourenço (1374-1397), reconheceu que recebeu de Gil Eanes, homem de João Gonçalves, prior de Vilarinho, 15 maravedis referentes a préstimos respeitantes aos anos de 1371, 1372 e 1373<sup>640</sup>.

---

<sup>636</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.2; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 201-202.

<sup>637</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.3; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 203-204.

<sup>638</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.9; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 211-213.

<sup>639</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.16; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.217.

<sup>640</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.29; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.225.

A comunidade agostinha de Vilarinho parece viver por esta altura um período bastante positivo sob a égide do prior João Gonçalves realizando-se, inclusivamente, obras de monta no mosteiro, mormente a edificação da torre sineira em 1379<sup>641</sup>. A 16 de Junho de 1381 Vasco Lourenço, monge de Pombeiro, em representação de D. Martim Geraldês, abade desse mosteiro e recebedor das dízimas que o papa Clemente VII concedeu ao rei D. Fernando, no arcebispado de Braga<sup>642</sup>, reconheceu que recebeu do prior de Vilarinho, através de Pedro Garcia, abade de S. Martinho do Campo, doze libras e meia, referentes ao ano de 1381<sup>643</sup>.

Em Agosto de 1383, o mosteiro de Vilarinho pagou ao arcebispo de Braga doze maravedis velhos e vinte dinheiros referentes aos vodos do ano de 1382 bem como cinco maravedis de préstimos respeitantes ao mesmo ano<sup>644</sup>. A 14 de Julho de 1388 temos notícia de nova entrega de dinheiro ao arcebispo de Braga, desta feita é o cónego do mosteiro de Vilarinho, João Lourenço, quem entrega a Lopo Gil, recebedor do bispo de Braga, 30 libras por serviço do prior de Vilarinho, João Gonçalves, referente ao período que venceu na véspera de S. João Baptista de 1388<sup>645</sup>. Mesmo não aparecendo especificado este serviço<sup>646</sup>, e tendo em conta o valor em causa e anteriores contribuições pagas pelo mosteiro parece-nos que é respeitante à colheita ou jantar<sup>647</sup>.

Sendo esta uma altura de grande conturbação política e social no reino e face às guerras com Castela os mosteiros também foram contemplados com impostos especiais de guerra. No caso do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho pagou, referente à primeira

---

<sup>641</sup> Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa: 862-1422*, Vol 2: Tomo 2, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação Para a Ciência e a Tecnologia, 2000, pp.1870-1872.

<sup>642</sup> Recorde-se que D. Fernando tomou a jurisdição da cidade de Braga para si após diversas queixas contra o arcebispo D. Lourenço Vicente que foi suspenso, a 9 de Outubro de 1377, pelos visitantes nomeados pelo papa, regressando à legítima posse do arcebispado, somente após a sentença de 14 de Fevereiro de 1379, no entanto o rei só restituiu ao arcebispo de Braga a jurisdição da cidade e dos seus coutos a 7 de Setembro de 1382 (cf. Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp. 183-185). A atribuição destas dízimas podem ser entendidas como uma contrapartida natural da posição assumida pelo rei português, que em Janeiro de 1380 tomou o partido do papa de Avinhão, Clemente VII (cf. Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.92).

<sup>643</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.32; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.230.

<sup>644</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.36; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.231.

<sup>645</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.43; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.234.

<sup>646</sup> O serviço, como informa Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, vol. 2, 1966, pp. 558-559, pode ter várias significações, podendo respeitar a pensões usuais e que por isso não havia necessidade de especificar, ou mesmo ao jantar, ou até a um simples presente sem qualquer carácter de obrigatoriedade e de iniciativa própria.

<sup>647</sup> Esse foi também o valor que o mosteiro pagou de colheita, em 1364, ao arcebispo de Braga (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.16; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.217).

prestação, 12 libras e meia no dia 9 de Julho de 1385, sendo que o prazo inicialmente estipulado para o vencimento dessa taxa tinha sido a festa de S. João Baptista<sup>648</sup>. A 26 de Julho de 1389 este mesmo mosteiro pagava nova taxa para imposto de guerra<sup>649</sup>. De 28 de Julho de 1390 data uma nova carta de quitação, desta vez referente a 100 libras que Gil Eanes, cónego de Vilarinho, entregou a Lopo Gil, procurador e recebedor do arcebispo de Braga, dinheiro respeitante aos vodos de cinco almudes de vinho que o mosteiro tinha vendido<sup>650</sup>.

A 3 de Setembro de 1397, o arcebispo de Braga declara que recebeu do prior de Vilarinho 732 libras e 12 soldos pela venda de pão e vinho referente ao período iniciado no dia de S. João Baptista de 1396 e terminado na véspera desse mesmo dia do ano seguinte<sup>651</sup>.

No dia 8 de Junho de 1410, o prior e o convento do mosteiro de Vilarinho, por documento feito nesse mosteiro, estabelecem como seus procuradores gerais e verdadeiros os cónegos de Vilarinho, Gil Eanes e Álvaro Fernandes; Lourenço Afonso, procurador na Audiência de Braga; Martim Ferreira cónego de Braga; João Peres, tercenário e abade de S. Martinho de Campo; Gil Peres, procurador em Guimarães; Afonso Gonçalves do Canto de Guimarães; Martim Afonso, homem do prior de Vilarinho e João da Ribeira, morador na Ramada<sup>652</sup>.

Em 14 de Abril de 1450, D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, anexa a igreja de Santiago da Carvalhosa, da Terra de Ferreira, ao mosteiro de Vilarinho que *em outro tempo foe de grandes rendas das quaes ao presente he minguido*<sup>653</sup>. Esta anexação é indiciadora das dificuldades atravessadas pelo mosteiro.

Uma visitação feita ao mosteiro, em 1528, revela a existência de conflitos entre o prior e o convento por causa dos bens da mesa prioral e conventual, ordenando o visitador que o prior deixasse a aldeia de Vila Boa ao convento porque pertencia aos

---

<sup>648</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.37; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.770.*

<sup>649</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.45; Marques, José, “Braga na crise de 1383-1385”, in *Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média, Fundação Calouste Gulbenkian-JNICT, 1994, p.252.*

<sup>650</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.49; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.235.

<sup>651</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.48; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.236.

<sup>652</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 248-249.

<sup>653</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.1; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.269.



cónegos<sup>654</sup>. Por essa mesma visitação consta que o rendimento do mosteiro permitia colocar mais religiosos do que aqueles que existiam, ordenando o visitador ao prior que ponha no mosteiro três cónegos<sup>655</sup>, deixando assim perceber que os problemas económicos sentidos na viragem para a segunda metade do séc. XV tinham sido ultrapassados.

Nesta visitação de 1528 não é indicado o número de religiosos presentes na instituição mas, pelas recomendações, presume-se que seria exíguo, de qualquer modo é crível que o prior tenha dado cumprimento às indicações como se poderá inferir de um contrato de emprazamento, datado de 8 de Outubro de 1540, numa altura em que são identificados quatro religiosos, embora nesse documento que descreve todo o processo de vedoria anterior à efectivação do contrato constem apenas três nomes: o do prior, Luís de Almeida e o dos cónegos Francisco Fernandes e Manuel Jorge<sup>656</sup> devendo, contudo, faltar o cónego Gonçalo Anes que era o capelão da igreja de S. Tiago de Carvalhosa. De resto estes quatro elementos são mencionados num outro instrumento celebrado, a 6 de Fevereiro de 1545, com João Gonçalves e sua mulher, Apolónia Fernandes, respeitante ao casal de Godim, localizado na freguesia de São João de Codeços<sup>657</sup>.

O mosteiro de Vilarinho foi dos últimos a ser unido à Congregação de Santa Cruz, sendo que após a autorização da união pelo papa Clemente VIII deu-se a tomada de posse por D. Cristóvão de Cristo e seus colegas a 16 de Fevereiro de 1595 numa altura em que era prior comendatário D. Luís de Azevedo, confirmando-se a posse real apenas com o falecimento do prior, em 1610<sup>658</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Vilarinho:**

**2.2.8.1 - Santiago da Carvalhosa** (c. Paços de Ferreira) - Foi unida ao mosteiro de Vilarinho a 14 de Abril de 1450<sup>659</sup> pelo arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, que

---

<sup>654</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”..., 1988-89, p.128.

<sup>655</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”..., 1988-89, p.128.

<sup>656</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.25; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 319-326.

<sup>657</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.29; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 327-334.

<sup>658</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.171-172.

<sup>659</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.1; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.269-270; Mattoso, José; Krus, Luís; Andrade, Amélia Aguiar, “Paços de Ferreira na Idade Média...”, Vol. I, 1986, p.226.

aí detinha a apresentação *in solidum*, e com o natural consentimento do cabido da Sé, numa tentativa de melhorar os rendimentos do mosteiro, uma vez que a sua saúde financeira era, por essa altura, bastante débil. De qualquer forma a própria igreja estava *minguada e de poucas rendas per azo das guerras e pestenenças ameude em estes regnos*<sup>660</sup>.

Mesmo tendo em conta essas contrariedades as suas rendas deveriam, ainda assim, ser apreciáveis, pelo menos se tivermos como indicador de referência o catálogo de 1320-1321 em que esta igreja aparece taxada em 70 libras<sup>661</sup>. A 1 de Janeiro de 1404 surge identificado como abade da Carvalhosa João Domingues<sup>662</sup>. A 5 de Novembro de 1434 a igreja da Carvalhosa é anexada ao mosteiro de Vilarinho mas apenas enquanto durasse o priorado de Vasco Martins de Pombeiro<sup>663</sup>.

O cumprimento de tal requisito acabou por não se verificar uma vez que, e como vimos acima, há registo de confirmação de nova anexação a 14 de Abril de 1450<sup>664</sup>, sendo novamente referenciada como igreja anexa do mosteiro de Vilarinho em 1468<sup>665</sup>. A 26 de Janeiro de 1489 João Coelho era o capelão da igreja de Carvalhosa<sup>666</sup>. A 22 de Agosto de 1496 esta igreja estava a cargo de Afonso Nunes, clérigo de missa e capelão da igreja de Carvalhosa, informação que nos é dada através de um emprazamento do mosteiro de Vilarinho, feito em Guimarães, nesse dia, tendo Afonso Nunes sido nomeado vedor e atestando que o contrato era em proveito do mosteiro<sup>667</sup>.

A 6 de Maio de 1514, surge-nos João Fernandes, prior de Roriz e perpétuo administrador de Vilarinho, identificado como abade e reitor da igreja de Santiago de Carvalhosa<sup>668</sup>. Nesse dia estabelece, no mosteiro de Roriz, um acordo com Gonçalo Anes, lavrador e morador na freguesia de São João de Portela, do julgado de Aguiar de Sousa, respeitante ao censo e foro de 4 alqueires de milho que este lavrador deveria pagar anualmente à igreja de Carvalhosa relativo ao casal do Telhado, e que estava em

---

<sup>660</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.1; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.269.

<sup>661</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.105.

<sup>662</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182.

<sup>663</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.56v°; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.811.

<sup>664</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.157.

<sup>665</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.257v°; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.772-773.

<sup>666</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°214.

<sup>667</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 290-291.

<sup>668</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.7; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.303.

incumprimento, perdoando-lhe o prior as dívidas dos anos anteriores e comprometendo-se Gonçalo Anes a cumprir com os pagamentos a partir dessa altura<sup>669</sup>.

A 12 de Fevereiro de 1538 o capelão da igreja de Santiago de Carvalhosa era Gonçalo Anes, um cónego do mosteiro de Vilarinho<sup>670</sup>. A 27 de Novembro de 1600 era vigário da Carvalhosa Cosme Carneiro<sup>671</sup>.

**2.2.8.2 - São João de Eiriz** (c. Paços de Ferreira) – Igreja anexa ao mosteiro de Vilarinho. Foi anexada ao mosteiro de Vilarinho a 28 de Outubro de 1453<sup>672</sup>. A 2 de Dezembro de 1396 era “abbade de Sanh’Oane de Eiriz” Gonçalo Ferreira, que surge identificado como tal entre as testemunhas do testamento de Maria Domingues, moradora na freguesia do mosteiro de Roriz<sup>673</sup>. A 21 de Dezembro de 1399 mantinha-se à frente desta igreja<sup>674</sup>.

**2.2.8.3 - Ermida de S. Roque** (fr. de Santiago da Carvalhosa, c. Paços de Ferreira) – Localizada no lugar das Cabreiras, actualmente Carreiras, foi reconstruída no final do séc. XVI, tomando posse dela a 3 de Novembro de 1599 Pedro Gonçalves, procurador de D. Luís de Azevedo, comendatário de S. Miguel de Vilarinho<sup>675</sup>.

### **2.2.9. - S. Pedro de Roriz (c. Santo Tirso)**

O mosteiro de Roriz apresentava uma boa saúde financeira no primeiro quartel do séc. XIV como revela a taxação de 600 libras que lhe foi aplicada em 1320-1321, muito superior à que reverteu sobre o vizinho mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, cifrando-se em apenas 250 libras<sup>676</sup>.

A década de trinta fica marcada por questões relacionadas com o couto do mosteiro, envolvendo-se primeiramente numa contenda com o concelho de Refoios,

---

<sup>669</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.7; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 303-304.

<sup>670</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.22; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 316-318.

<sup>671</sup> Dinis, Manuel Vieira, *Ermidas e capelas de Paços de Ferreira*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1985, p.30.

<sup>672</sup> Mattoso, José; Krus, Luís; Andrade, Amélia Aguiar, “Paços de Ferreira na Idade Média...”, Vol. I, 1986, p.226.

<sup>673</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°23.

<sup>674</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°28.

<sup>675</sup> Dinis, Manuel Vieira, *Ermidas e capelas de Paços de Ferreira*, 1985, pp.26-32.

<sup>676</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.107.

contencioso de que há notícia a 6 de Agosto de 1331 sendo Vicente Martins o juiz do couto do mosteiro de Roriz<sup>677</sup> e, posteriormente, com o rei no processo de averiguação das jurisdições. Neste último caso foi dada, a 7 de Maio de 1336, a sentença régia referente ao processo de inquirição sobre as jurisdições do mosteiro, mantendo esta jurisdição cível, passando a do crime para a administração régia. Ficou assim provado e reconhecido que o mosteiro tinha o direito de colocar juiz no couto, apelando o juiz para o prior e este para o rei, bem como a prerrogativa de colocar mordomo que fazia as chegadas, penhoras e entregas, assistindo-lhe também o direito de aí ter jurados e almotacés<sup>678</sup>.

D. João I confirmou, a 26 de Janeiro de 1387, todos os privilégios, foros liberdades e bons costumes de que sempre o mosteiro usara<sup>679</sup>.

O mosteiro de Roriz é, de entre os de cónegos regrantes, e tanto quanto nos foi possível dado a observar, o primeiro a ser gerido por um comendatário, surgindo em 1426, Álvaro Ferreira, protonotário apostólico, identificado como administrador perpétuo da instituição<sup>680</sup>. D. João Álvares, o seu sucessor em Roriz vai, a partir de 1443, acumular também o priorado do mosteiro de Grijó<sup>681</sup> e é nessa qualidade de detentor dos dois priorados que solicita ao rei, na década de quarenta, o traslado de documentos referentes aos seus mosteiros de Roriz e Grijó, com D. Afonso V a dar despacho ao pedido em Junho de 1449 tendo, no entanto, sido feitas cópias respeitantes apenas ao primeiro<sup>682</sup>.

A 1 de Julho de 1458 este prior comparece perante Vasco Martins de Resende, regedor da justiça na correição de Entre Douro e Minho, apresentando queixa contra João de Virões, foreiro a quem tinham sido emprazados dois casais em Virões, a 27 de Dezembro de 1450, que estava em incumprimento do respectivo contrato<sup>683</sup>. Ao prior João Álvares sucedeu um homónimo que foi comendatário dos mosteiros de Roriz e S. Jorge de Coimbra, que viria igualmente a deter o mosteiro de Grijó e que seria eleito bispo de Silves, resignando entretanto ao priorado de Roriz em 1477, a favor do seu

---

<sup>677</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>678</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.69-72 (Doc. 32); Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes ...”, 1937, pp. 95-99.

<sup>679</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I, Vol. I – Tomo 3*, 2005, p.150.

<sup>680</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°22.

<sup>681</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993, pp. 71-72.

<sup>682</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes ...”, 1936, pp. 203-204.

<sup>683</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°183-183v°.

irmão Rodrigo Álvares<sup>684</sup>. O provável sucessor de D. Rodrigo é João Fernandes, que surge no início do séc. XVI como prior comendatário dos mosteiros de São Pedro de Roriz e Vilarinho<sup>685</sup>.

Uma visitação, feita em 1528, revela que, e ao contrário do panorama verificado na generalidade das instituições monásticas neste período, o mosteiro estava muito bem servido no espiritual<sup>686</sup>. De entre as poucas recomendações deixadas pelo visitador relevam-se a indicação para o prior mandar fazer um coro novo e a advertência aos monges para que usassem cabelo mais curto e coroas maiores<sup>687</sup>.

O último comendatário do mosteiro é Luís Fernandes que no ano de 1532 andava envolvido em contenda por causa da igreja de S. Martinho do Campo<sup>688</sup>. Com o seu falecimento, em 1572, a comunidade monástica é extinta, passando, em 1573, por ordem do cardeal D. Henrique, o edifício para a administração dos jesuítas do colégio de S. Paulo de Braga<sup>689</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Roriz:**

Pelo tombo de 1543 são referidas como do seu padroado as igrejas de S. Pedro de Avioso, S. Mamede de Vila Chã, S. Paio de Casais, S. Lourenço de Romão, S. Paio de Virões<sup>690</sup>, localizando-se três dessas igrejas no bispado do Porto, no entanto o mosteiro de Roriz apenas era padroeiro na total plenitude em duas delas sendo compadroeiro com o mosteiro de Vilela na igreja de S. Paio de Casais<sup>691</sup>.

**2.2.9.1 - São Lourenço de Romão** (fr. Aves, c. Santo Tirso) – Igreja unida ao mosteiro de Roriz desde o séc. XIII<sup>692</sup>. Aquando da elaboração do catálogo das igrejas de 1320-

---

<sup>684</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp.78-79.

<sup>685</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199; Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>686</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”..., 1988-89, p.128.

<sup>687</sup> *Idem, Ibidem*, p.128.

<sup>688</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.193.

<sup>689</sup> Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Roriz*, (Coleção de Guias do Património Cultural do Concelho de Santo Tirso – 2), Edição da Câmara Municipal de Santo Tirso e do Museu Municipal Abade Pedrosa, 1997, pp.3-4; Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes ...”, 1936, p.195.

<sup>690</sup> Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Roriz*, 1997, p.4. Pouco mais de dois séculos depois o panorama não se tinha alterado muito, uma vez que em 1774 andavam anexas a Roriz as igrejas de São Tomé de Negrelos e São Lourenço de Romão, detendo ainda os dízimos das igrejas de Santa Maria de Vila Chã e São Pedro de Avioso no concelho da Maia (cf. Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes ...”, 1936, p.195).

<sup>691</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O Censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.112.

<sup>692</sup> Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Roriz*, 1997, p.27.

1321 era uma igreja com poucos rendimentos como se depreende do facto de lhe ter sido aplicada uma taxaçaõ de 10 libras<sup>693</sup>. A 26 de Junho de 1444 era “abbade de Sam Lourenço de Romom” João Gil cõnego regrante do mosteiro de Roriz<sup>694</sup>.

**2.2.9.2 - S. Mamede de Vila Chã** (c. Vila do Conde) - O mosteiro de Roriz exercia o direito de padroado na igreja de S. Mamede. No catálogo das igrejas de 1320-1321 foi-lhe aplicada uma taxaçaõ de 20 libras<sup>695</sup>, valor que ainda se mantinha no séc. XVI, aquando da elaboraçãõ do Censual da Mitra do Porto<sup>696</sup>. A 6 de Agosto de 1331 era “capelam de Sam Mamede” Martim Anes, que acreditãmos ser cõnego do mosteiro de Roriz, até porque surge nesse mesmo dia elencado entre as testemunhas de um instrumento lavrado no mosteiro e onde constam os nomes dos diversos religiosos da instituiçaõ<sup>697</sup>. A 2 de Maio de 1385 era abade de Vila Chã Antoninho Martins que recebeu do abade de Santo Tirso 108 libras respeitantes à colheita devida ao rei e que o monarca, à semelhança do que aconteceu com os restantes mosteiros da diocese do Porto, transferiu nesse ano para Fernão Rodrigues Vilela por serviços que lhe prestara<sup>698</sup>. A 10 de Janeiro de 1425, Gonçalo Ferreira era o “abbade de Sam Mamede”<sup>699</sup>.

**2.2.9.3 - S. Martinho do Campo** (c. Santo Tirso) – Igreja anexa ao mosteiro de Roriz. A 1 de Dezembro de 1491 Sebastião Lopes, provisor e vigário geral da diocese de Braga pelo arcebispo D. Jorge da Costa, e em seu nome e por sua ordem, anexou a igreja de S. Martinho do Campo, da Terra de Negrelos, do arcebispado de Braga, ao mosteiro de Roriz mas apenas enquanto Rodrigo Álvares fosse prior desse mosteiro<sup>700</sup>. Assim que vagasse o mosteiro e falecesse Rodrigo Álvares, a igreja ficava novamente à “desposiçaõ do dito Senhor arcebispo pera della despoer ssegundo que o derreito quer”<sup>701</sup>. O certo é que após o falecimento de D. Rodrigo, o seu sucessor, o prior João Fernandes, conseguiu que o papa Júlio II (1503-1513) unisse e anexasse, em 1504, esta igreja ao mosteiro, gerando-se então uma querela com Pedro Álvares, reitor da igreja de

---

<sup>693</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.104.

<sup>694</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.19; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.41.

<sup>695</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.94.

<sup>696</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O Censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.206.

<sup>697</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>698</sup> Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, Vol. II (Apêndices), Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009, pp.262-263.

<sup>699</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°166.

<sup>700</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, Ns. 216,217.

<sup>701</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°216.

S. Paulo de Maçãs que reivindicava uma pensão na igreja de S. Martinho do Campo<sup>702</sup>. João Fernandes encontrando-se em Roma conseguiu que o papa lhe confirmasse essa igreja enviando procuração a 27 de Janeiro de 1505 para o cavaleiro João de Barros e para Fernando Anes, cónego regrante do mosteiro de Roriz, para que estes tomassem, em seu nome, posse da igreja de S. Martinho do Campo<sup>703</sup>. Curiosamente Luís Fernandes, o sucessor de João Fernandes à frente do mosteiro também se envolveria, em 1532, numa disputa por causa da igreja de S. Martinho do Campo, desta feita com um chantre da colegiada de Guimarães<sup>704</sup>.

**2.2.9.4 - S. Paio de Casais** (c. Lousada) - O mosteiro de Roriz exercia, em regime de copadroadado com o mosteiro de Vilela o direito de apresentação na igreja de Casais. No Censual da Mitra do Porto esta igreja aparece taxada em 60 libras<sup>705</sup>, taxaçoão essa que já lhe tinha sido aplicada em 1320<sup>706</sup>.

**2.2.9.5 - S. Paio de Virões** (fr. Roriz, c. Santo Tirso)<sup>707</sup> – A capelania de S. Paio de Virões era da “apresentaçom dos religiosos prioll e convento do moesteiro de Sam Pedro de Rooriz da Ordem de Sancto Agostinho do dicto arcebispado cujo o padroado da dicta capellania he in solido”<sup>708</sup>. Não encontrámos qualquer referênciã a esta igreja no Catálogo de 1320-21, mormente entre as da Terra de Negrelos<sup>709</sup>. De concreto sabemos que a 2 de Dezembro de 1396 João Martins, cónego de Roriz, era o abade de Virões<sup>710</sup>. Este cónego tinha aí um coadjutor, o clérigo Domingos, “clerigo de Viraes” a quem Maria Domingues deixou, por testamento, a herdade de Alvorinha, estipulando-se aí que à morte dele a herdade transitava para o mosteiro de Roriz<sup>711</sup>.

---

<sup>702</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°206.

<sup>703</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°209.

<sup>704</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, Ns.247.

<sup>705</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O Censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.214.

<sup>706</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>707</sup> Tanto quanto nos foi possível apurar trata-se de uma antiga localidade nas proximidades do mosteiro de Roriz, agora englobada na própria freguesia de Roriz. Curiosamente, no Inquérito Paroquial de 1842 respeitante à freguesia de Santiago de Lordelo faz-se referênciã à aldeia de Virais de Roriz, situada na margem esquerda do rio Vizela (cf. *Revista de Guimarães*, Vol. 108, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, 1998, p.378).

<sup>708</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°167.

<sup>709</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, pp.107-108.

<sup>710</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°23

<sup>711</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°23

A 11 de Dezembro de 1425 é confirmado como capelão de S. Paio de Virões Gil Martins, um outro cónego do mosteiro de Roriz<sup>712</sup>. Curiosamente o documento referente a esta confirmação revela-nos também o nome do anterior titular da capelania, justamente o cónego João Martins “que della foy prestumeiro capellam”, entretanto falecido, motivo pelo qual esta capelania, de cariz perpétuo, se encontrava vaga<sup>713</sup>. A 30 de Maio de 1427 Gil Martins continua a ser identificado como “abbade de Viraaes”<sup>714</sup>.

**2.2.9.6 - S. Pedro de Avioso** (c. Maia) – O mosteiro de Roriz exercia o direito de apresentação na igreja de S. Pedro de Avioso. Em 1320 esta igreja foi taxada em 40 libras<sup>715</sup>, de resto a mesma taxaçoão que apresentava em 1542<sup>716</sup>. A 6 de Agosto de 1331 o abade de S. Pedro de Avioso era Pedro Lourenço<sup>717</sup>. O seu provável sucessor é outro cónego de Roriz, Marcos Peres, referenciado a 16 de Setembro de 1354 como “abade de Sam Pero d’Aveoso”<sup>718</sup>.

#### **2.2.10. - São Salvador de Banho (c. Barcelos)**

Para os séculos XIV e XV dispomos de poucas informações em relação a este mosteiro.

Os seus rendimentos, e a avaliar pela taxaçoão de 350 libras que lhe foi aplicada em 1320<sup>719</sup>, depreende-se que não seriam muito elevados, mas mesmo assim eram superiores aos apresentados por muitos outros cenóbios agostinhos da diocese de Braga, e deixam perceber que São Salvador de Banho atravessava um período de alguma robustez económica. De resto o mosteiro possuía bastante património fundiário, espalhado sobretudo pelas freguesias limítrofes, como também se percebe dos inventários de propriedades de algumas igrejas vizinhas, como são os casos dos Tombos de Santa Maria de Abade de Neiva e São Vicente de Fragoso, que apesar de remontarem

---

<sup>712</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°167; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.193v°-194.

<sup>713</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°167.

<sup>714</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°23

<sup>715</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.94.

<sup>716</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O Censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.206.

<sup>717</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>718</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°14.

<sup>719</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.99.



à última década do séc. XV, fazem referência a diversas terras que confrontavam com as do Banho<sup>720</sup>.

O mosteiro de S. Salvador de Banho foi extinto a 1 de Maio de 1441<sup>721</sup>. De qualquer forma nessa altura a instituição já estava sem comunidade como revela a nomeação de Pedro Lourenço, anterior comendatário do mosteiro de S. Pedro de Lomar e abade da igreja de S. Salvador da Lagoa, para comendatário de Banho<sup>722</sup>. Com o falecimento deste comendatário, o arcebispo de Braga reduziu o mosteiro a igreja paroquial sendo aí empossado João Fernandes, bacharel em Degredos e vigário-geral<sup>723</sup>. João Fernandes teve de enfrentar a contestação do benefício em que tinha sido provido solicitando ao papa a confirmação desse cargo bem como a da redução do mosteiro a igreja, obtendo decisão pontifícia favorável a 21 de Abril de 1453<sup>724</sup>. No séc. XVI, e como adianta Frei Nicolau de Santa Maria, o mosteiro de Banho passou para a Ordem de Cristo<sup>725</sup>, integrando as comendas novas, sendo que, em 1595, essa comenda foi avaliada em 400\$000 réis<sup>726</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Banho:**

O mosteiro de Banho detinha direitos de padroado, pelo menos, em três igrejas, nomeadamente, Santa Eulália de Banho, S. João de Paços<sup>727</sup> e S. Miguel de Gemeses embora nesta última em copadroado com os mosteiros de Vilar de Frades e Várzea<sup>728</sup>

**2.2.10.1. - Santa Eulália de Banho** (c. Marco de Canaveses) – Igreja da apresentação do mosteiro de S. Salvador de Banho. O Catálogo das igrejas de 1320-1321 diz-nos que

---

<sup>720</sup> *Tombos de Santa Maria de Abade de Neiva e São Vicente de Fragoso (concelho de Barcelos)*, organização de Iria Gonçalves e Maria da Conceição Falcão Ferreira, transcrição de Joana Balsa de Pinho, Lisboa, Centro de estudos Históricos-Universidade Nova de Lisboa, 2003. O tombo de São Vicente de Fragoso encontra-se também transcrito e publicado por Saleiro, José Joaquim, *Tombo das igrejas de Fragoso*, Fragoso-Barcelos, Edição do Autor, 2008, pp. 105-132.

<sup>721</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.726.

<sup>722</sup> *Chartularium Universitatis*, Vol. IV, p.34; Vol. V, p.345; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.726-727.

<sup>723</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.104vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.727.

<sup>724</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V, 1972, pp.345-346; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.727.

<sup>725</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.332.

<sup>726</sup> *Livro em que se contém a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal...*, 1859, p.216. É provável que nessa altura o comendatário já fosse o conde de Redondo, pelo menos era-o em 1607 como é referenciado na obra a que aludimos.

<sup>727</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>728</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.728.

esta igreja era do mosteiro de Banho mas não indica o seu rendimento<sup>729</sup>. Em momento que desconhecemos deverá ter transitado para o mosteiro de Travanca, surgindo no início do séc. XVIII como vigairaria deste mosteiro<sup>730</sup>.

**2.2.10.2. - S. Julião de Paços** (c. Braga ?)<sup>731</sup> – Igreja do padroado do mosteiro de S. Salvador de Banho. Tal como a igreja de Santa Eulália também neste caso o “Catálogo das igrejas de 1320-1321” apenas nos diz que esta igreja era do mosteiro de Banho não indicando a taxa que lhe foi aplicada<sup>732</sup>, no entanto e a tratar-se da igreja do actual concelho de Braga, foi-lhe aplicada uma taxação de sessenta libras<sup>733</sup>.

**2.2.10.3. - S. Miguel de Gemeses** (c. Esposende) – Igreja de apresentação do mosteiro de S. Salvador de Banho. Em 1320 a igreja de S. Miguel de “Iomecez” foi taxada em sessenta libras<sup>734</sup>. Não dispomos de grandes informações sobre esta igreja, de resto é possível que no séc. XIV o direito de apresentação do mosteiro do Banho fosse em copadroado com os mosteiros de Vilar de Frades e Várzea, situação de que parece haver reminiscências na segunda metade do séc. XV<sup>735</sup>, como revelam as confirmações de párocos para essa igreja a 17 de Julho de 1462 e 21 de Fevereiro de 1467 onde se refere que a apresentação era da competência destas três instituições<sup>736</sup>.

---

<sup>729</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>730</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, 2ª ed., Braga, 1868, p.116.

<sup>731</sup> A localização desta freguesia levanta-nos algumas dúvidas, é que tendo em conta a proximidade geográfica faria sentido tratar-se da actual freguesia de S. Julião de Passos do actual concelho de Braga (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, pp.76-77), no entanto esta igreja, pelo menos a partir de determinada altura do séc. XV, era do padroado da Mitra de Braga (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1079; Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno...*, vol.VI, 1875, p.393). Além disso a referência que lhe é feita no catálogo de 1320-1321 surge enquadrada na secção das “Igrejas da Terra de Sousa”, o que naturalmente não corresponde à localização geográfica da de Braga. Persiste a dúvida.

<sup>732</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>733</sup> *Idem, Ibidem*, vol. IV, 1971, p.97.

<sup>734</sup> *Idem, Ibidem*, vol. IV, 1971, p.100.

<sup>735</sup> De recordar que nesta altura e apesar de continuar a ser referenciado como mosteiro S. Salvador de Banho já tinha sido reduzido a igreja paroquial (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.727). Importa dizer também que o mosteiro de S. Bento da Várzea foi anexado ao de Vilar de Frades em 1425 sob o arcebispado de D. Fernando da Guerra (cf. Vinhas, Joaquim Alves, *A igreja e o convento de Vilar de Frades: das origens da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista (Lóios) à extinção do convento (1425-1834)*, Barcelos, 1998, p.29).

<sup>736</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.728.

### **2.2.11. - São Salvador de Bravães (c. Ponte da Barca)**

São Salvador de Bravães é um dos quatro mosteiros agostinhos localizados nas imediações do rio Lima, tendo por vizinhos relativamente próximos Santa Maria de Vila Nova de Muia, S. Martinho de Crasto e Santa Maria de Refóios. Esta era, aliás uma zona de grande implantação monástica, não só agostinha mas também beneditina. De resto o próprio mosteiro de S. Salvador de Bravães parece ter sido inicialmente de observância beneditina<sup>737</sup>, embora, em 1140 ou 1141, pareça já seguir a regra de Santo Agostinho, uma vez que o seu superior, D. Egas, é referenciado como prior na carta de couto do mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>738</sup>. É muito provavelmente o mesmo prior D. Egas que faleceu em 1187 e que foi um dos responsáveis pela edificação da nova igreja de Bravães<sup>739</sup>.

Talvez o esforço económico dispendido nessas obras, que parecem prolongar-se pelo séc. XIII, por uma comunidade recém-estabelecida, aliado à grande densidade de ocupação territorial por institutos religiosos, com o inevitável reflexo no espartilhar de propriedades e rendimentos, ajude a explicar o facto de S. Salvador de Bravães parecer nunca ter atingido nem grande projecção nem elevada pujança económica. De resto isso parece visível na taxa que lhe foi aplicada em 1320, um montante de 300 libras<sup>740</sup>, o que não sendo propriamente um valor baixo é, em termos comparativos, uma cifra bem inferior às 500 libras aplicadas ao mosteiro de Crasto<sup>741</sup> e muito longe das 700 libras em que foram taxados os cenóbios de Muia<sup>742</sup> e o de Refóios<sup>743</sup>.

Por sentença régia datada de 29 de Agosto de 1336, e após um longo processo, onde há registo da intervenção de três procuradores diferentes por parte do mosteiro, D. Afonso IV autorizou o mosteiro de Bravães a manter a jurisdição cível no seu couto, não detendo aí quaisquer outros direitos jurisdicionais<sup>744</sup>.

O rei D. João I, encontrando-se em Guimarães, por carta de 30 de Janeiro de 1401, e face às queixas apresentadas pelo prior de S. Salvador de Bravães, ordenou que

---

<sup>737</sup> Almeida, Maria José Pérez Homem de, “San Salvador de Bravães: una encrucijada en el romanico português”, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, Ministério da Cultura/Delegação R. do Norte, 1984, p.319.

<sup>738</sup> *Documentos Medievais Portugueses - Documentos Régios*, texto, introdução diplomática e notas por Rui Pinto de Azevedo, vol. I, Tomo I, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1958, p.214 (doc.175); Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.197.

<sup>739</sup> Almeida, Maria José Pérez Homem de, “San Salvador de Bravães”, 1984, p.320.

<sup>740</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.101.

<sup>741</sup> *Idem, Ibidem*, p.101.

<sup>742</sup> *Idem, Ibidem*, p.101.

<sup>743</sup> *Idem, Ibidem*, p.114.

<sup>744</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.105-107 (Doc.49).

fossem defendidos os privilégios que o mosteiro detinha no seu couto e que lhe tinham sido confirmados por D. Afonso IV<sup>745</sup>. A 19 de Maio de 1434 é D. Duarte quem confirma os privilégios do prior e convento do mosteiro de Bravães<sup>746</sup>, numa altura em que o mosteiro já tinha sido extinto.

De facto os abusos de que era alvo por parte dos poderosos, os poucos recursos económicos e a incapacidade de recrutamento de novos elementos fazem com que o mosteiro achesse grandes dificuldades de sobrevivência nas primeiras décadas do séc. XV, ao ponto de no início de 1434 a comunidade monástica parecer restringir-se apenas ao prior e a um cônego. O prior era D. João de Mato que acabou por apresentar a renúncia ao priorado do mosteiro, tendo, a 9 de Fevereiro de 1434, nomeado um representante para esse efeito, curiosamente um criado de Gonçalo Barros, nobre da região que detinha direitos de padroado em S. Salvador de Bravães, e que, aparentemente pretendia seguir carreira eclesiástica, tendo, à altura, já sido investido em ordens menores<sup>747</sup>. O pedido do prior foi aceite a 13 de Fevereiro de 1434, extinguindo-se assim a vida monástica neste mosteiro, sendo reduzido a igreja secular<sup>748</sup>. Com a extinção do mosteiro e a sua redução a igreja secular ficou a apresentação do pároco a cargo do arcebispo de Braga<sup>749</sup> que confirmou, no mesmo dia 13, Gonçalo de Barros como seu titular<sup>750</sup>. Importa também ressaltar que o confirmado não estava

---

<sup>745</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo I, 2006, pp. 95-96.

<sup>746</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.287 (Doc.521).

<sup>747</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725; Bessa, Paula Virginia de Azevedo, *Pintura mural do fim da Idade Média e do início da Idade Moderna no Norte de Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História – Área de Conhecimento de História da Arte, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2007, p.84, Idem, “D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da Igreja de S. Salvador de Bravães”, in *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, Série I, Vol. II, Porto, 2003, pp.757-758;

<sup>748</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.49v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.724-725; Bessa, Paula Virginia de Azevedo, *Pintura mural ...*, 2007, p.84, Idem, “D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da Igreja de S. Salvador de Bravães” ..., 2003, pp.757-758. Já Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, Coimbra, 1959, p.198; Ribeiro, Félix, “Bravães”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 4, Lisboa, Editorial Verbo, 1966, p.11, apontam o dia 12 de Fevereiro de 1434 como a da redução do mosteiro a igreja secular. Uma outra data também veiculada por alguns Autores foi a de 1420 (cf. Barreiros, Padre Manuel D’Aguiar, *Igrejas e capelas românicas da Ribeira Lima*, 1926, p.53; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. XLIX – Igreja de Bravães*, Ministério das Obras Públicas, 1947, p.9, data que à luz dos dados actualmente disponíveis, não está correcta. Quanto aos cronistas agostinianos praticamente não fazem referência a este mosteiro, apenas Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.336, lhe dedica umas linhas, um tanto ou quanto lacónicas, dizendo: “O decimo tercio Mosteiro de nossos Conegos foi o de S. Salvador de Barbar, que o sobredito Arcebispo Dom Fernando converteo de regular, em secular”.

<sup>749</sup> *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. XLIX – Igreja de Bravães*, 1947, p.9.

<sup>750</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.49v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.724-725; Bessa, Paula Virginia de

devidamente capacitado para o cargo, exigindo-se-lhe por isso o cumprimento das determinações canónicas ou seja que no ano subsequente fosse ordenado presbítero, obrigação e compromisso que não concretizaria, mantendo-se assim de forma irregular à frente da igreja até 10 de Abril de 1455, dia em que foi destituído<sup>751</sup>.

### **2.2.12. - São Salvador de Freixo (c. Amarante)**

No início do século XIV regista-se uma contenda com o mosteiro de Arouca a propósito de metade de um casal nas Quintãs, freguesia de Freixo, acabando o mosteiro e o seu procurador por perderem a causa e serem julgados à revelia por não comparecerem na data agendada perante os ouvidores do bispo do Porto, sendo então empossado o mosteiro de Arouca nesse meio casal a 8 de Março de 1306<sup>752</sup>.

Segundo o catálogo de 1320-1321 foi aplicada ao mosteiro de São Salvador de Freixo uma taxaço de 400 libras<sup>753</sup>, o que não sendo propriamente sintoma de desafogo económico também não parece revelador de grandes dificuldades.

Situação adversa para a instituição ocorreu a 16 de Janeiro de 1337, dia em que, no seguimento da inquirição ordenada por D. Afonso IV, é dada a sentença definitiva pela qual S. Salvador de Freixo perde toda a jurisdição que detinha no seu couto<sup>754</sup>.

A 1 de Março de 1402 o mosteiro recebeu a visita do arcebispo de Braga<sup>755</sup>.

Na segunda metade do séc. XV o mosteiro aparenta viver algumas dificuldades, tendo, inclusivamente, sido colocado como seu prior o abade da freguesia de Santo Isidro, João Afonso, aí confirmado a 7 de Agosto de 1466<sup>756</sup>.

Uma visitação, feita em 1528, dá-nos uma radiografia muito realista da situação aí vivida, realçando-se a incompreensível falta de monges, quando a instituição possuía rendas para manter quatro religiosos, daí que o visitador ordene ao comendatário que

---

Azevedo, *Pintura mural ...*, 2007, p.84, *Idem*, “D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da Igreja de S. Salvador de Bravães”..., 2003, pp.757-758.

<sup>751</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.191; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725; Bessa, Paula Virginia de Azevedo, *Pintura mura l...*, 2007, p.84, *Idem*, “D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da Igreja de S. Salvador de Bravães”..., 2003, p.758.

<sup>752</sup> Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca*, 2003, vol. I, p.71; vol. II, pp. 119-121 (Doc. Nº 77 do Apêndice Documental).

<sup>753</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>754</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.149-151 (Doc.78)

<sup>755</sup> A.D.B. - Coleção Cronológica, cx.20,s.n.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

<sup>756</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.248; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

coloque aí três cónegos e um prior claustral<sup>757</sup>. Outra das recomendações deixadas era para que os cónegos rezassem juntos no coro, e que lessem diariamente, uma parte da Regra de Santo Agostinho, Regra essa que deveria ser em “linguagem” e que o comendatário colocaria no mosteiro, juntamente com dois breviários de Santo Agostinho<sup>758</sup>. Ordenou ainda que se efectuassem algumas obras, nomeadamente três casas dentro da cerca do mosteiro para acomodação conveniente dos cónegos, a reparação da sala do capítulo, pondo-lhe telhado e colocando-lhe bancos de madeira e um altar na parede com um crucifixo pintado, e que retirasse das dependências directas para o claustro, as cortes dos porcos e as estrebarias, fechando essas portas de ligação<sup>759</sup>.

O mosteiro de Freixo manteve-se como canónica regrante até ao início da segunda metade do séc. XVI, altura em que passou para a Ordem de S. Domingos, embora a data dessa transição não seja consensual<sup>760</sup>. De concreto sabe-se que em 1551 D. João III impetra à Santa Sé a união do mosteiro de Freixo ao de S. Gonçalo de Amarante, numa altura em que era comendatário da instituição o italiano Bartolomeu Gostodingo, que renunciou para que se fizesse a união<sup>761</sup>. No entanto o processo arrastar-se-ia como revela uma carta de D. Afonso, comendatário mor, para o rei, datada de 13 de Fevereiro de 1552, em que diz que tal união ainda se não tinha concretizado, depositando no entanto o comendador esperança na realização desse negócio, embora tal se não afigurasse fácil<sup>762</sup>. A 17 de Dezembro de 1552 era ordenado que se desse a posse real do mosteiro aos dominicanos de S. Gonçalo<sup>763</sup>. Apesar de se poder considerar esta a data oficial da passagem para os dominicanos, o certo é que esse processo de união se prolongou por quase duas décadas, com os frades dominicanos a ocuparem o mosteiro apenas em 1569, altura em que vagou o priorado de S. Salvador de Freixo por morte do seu último comendatário, D. Afonso de Lencastre, mestre da Ordem de Cristo,

---

<sup>757</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”..., 1988-89, p.132. Desta recomendação deduz-se, naturalmente, que o mosteiro estava, à altura, sem religiosos.

<sup>758</sup> *Idem, Ibidem*, p.132.

<sup>759</sup> *Idem, Ibidem*, p.132.

<sup>760</sup> É normalmente apontando o ano de 1552 como o da anexação deste mosteiro a S. Gonçalo de Amarante (cf. *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. 92 – Igreja de Freixo de Baixo - Amarante*, Ministério das Obras Públicas, 1958, p.27; Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, p.1870). Já segundo Frei Nicolau de Santa Maria a extinção do mosteiro regrante de S. Salvador de Freixo ocorreu em 1540, por doação de D. João III aos dominicanos de Amarante, posteriormente confirmada pelo papa Paulo III, em 1542 (cf. Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.326. Esta mesma versão surge expressa no *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.197).

<sup>761</sup> *Segunda parte da Historia de S. Domingos...*, 3ª ed., Vol. III, 1866, p.224.

<sup>762</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VII, 1884, p.120.

<sup>763</sup> *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. 92 – Igreja de Freixo de Baixo - Amarante*, Ministério das Obras Públicas, 1958, p.27.

unindo-se assim, de forma efectiva, e à semelhança do vizinho cenóbio de Mancelos, à Ordem de S. Domingos<sup>764</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Freixo:**

**2.2.12.1. - Santa Cristina de Toutosa** (c. Marco de Canaveses) – Igreja da apresentação do mosteiro de Freixo. Em 1320 foi taxada em 10 libras<sup>765</sup>. A 4 de Julho de 1430 foi confirmado como prior desta igreja Estêvão Gonçalves, embora o prior e o mosteiro de Freixo não tenham apresentado o pároco no período legal<sup>766</sup>. Manteve-se à frente desta paróquia até 1447, altura do seu falecimento, tendo-lhe sucedido, por apresentação do mosteiro de Freixo, Frei Fernando, aí confirmado por D. Fernando da Guerra, a 6 de Abril desse ano<sup>767</sup>.

**2.2.12.2. - Santo André de Padornelo**<sup>768</sup> (c. Amarante) – Igreja anexa ao mosteiro de Freixo. Esta igreja juntamente com a de S. Miguel de Freixo, esteve anexa ao mosteiro regante de S. Salvador de Freixo<sup>769</sup>. Com a união ao mosteiro dominicano de S. Gonçalo passou a ser um curato da apresentação desse mosteiro<sup>770</sup>.

**2.2.12.3. - Santo Isidoro** (c. Amarante)<sup>771</sup> – Eventual igreja da apresentação do mosteiro de Freixo. Em 1320 foi taxada, em conjunto com os seus raçoeiros, em 65 libras<sup>772</sup>. A 24 de Abril de 1324 surge arrolado entre as testemunhas de uma sentença Domingos Domingues, “abbade de Santo Isidro”<sup>773</sup> que não sabemos se é desta igreja

---

<sup>764</sup> *Terceira parte da Historia de S. Domingos...*, 3ª ed., Vol. IV, 1866, pp.235-236; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* – Vol. 92 – *Igreja de Freixo de Baixo - Amarante*, 1958, p.28.

<sup>765</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>766</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.26vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

<sup>767</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.139; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

<sup>768</sup> Actualmente Padronelo.

<sup>769</sup> *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* – Vol. 92 – *Igreja de Freixo de Baixo - Amarante*, 1958, p.14.

<sup>770</sup> Niza, Paulo Dias de, *Portugal Sacro-Profano...*, Parte III, Lisboa, 1768, p.111 Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno...*, vol.VI, 1875, p.403; *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.203.

<sup>771</sup> Não temos dados que nos permitam efectuar uma localização geográfica com o grau de certeza desejável, mas é muito provável que se trate da actual freguesia de Sanche, no concelho de Amarante, cujo orago é Santo Isidoro.

<sup>772</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>773</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, Nº79.

ou de uma outra qualquer que tenha esta invocação. Um abade desta igreja foi provido no mosteiro de Freixo a 7 de Agosto de 1466<sup>774</sup>.

**2.2.12.4. - São Miguel de Freixo**<sup>775</sup> (c. Amarante) – Igreja da apresentação do mosteiro de Freixo. O mosteiro obteve o padroado desta igreja por permuta que fez com o arcebispo de Braga, D. Martinho de Oliveira (1295-1313), cedendo-lhe a 24 de Agosto de 1301 a igreja de S. Salvador de Vila Garcia em troca da de S. Miguel de Freixo<sup>776</sup>. Em 1320 foi taxada em 70 libras<sup>777</sup>. Em 1401 foi confirmado como prior da igreja João Anes de Barroso, embora o prior de Freixo não tenha efectuado a apresentação no tempo adequado<sup>778</sup>. No final do séc. XV e início do XVI esta igreja mantinha-se unida ao mosteiro de S. Salvador de Freixo como revelam registos dos arcebispados de D. Jorge da Costa<sup>779</sup> e D. Diogo de Sousa<sup>780</sup>.

#### **2.2.13. - São Salvador de Souto (c. Guimarães)**

S. Salvador de Souto apesar de deter património significativo, sobretudo nas proximidades do mosteiro, embora se lhe conheçam bens em Leiria<sup>781</sup>, não apresenta no início do séc. XIV grande pujança económica, isto se tivermos em consideração que em 1320-1321 foi taxado em 300 libras<sup>782</sup>. De qualquer modo as finanças da instituição parecem controladas até porque em 1328 decorriam obras de grande envergadura no mosteiro, com o prior a entrar em confronto com alguns indivíduos que se tinham comprometido a partir pedra para as obras da casa da adega e da casa da enfermaria e não estavam a entregar a pedra que o mestre de obras necessitava, revelando-se aí também que além de dinheiro esses trabalhadores recebiam um puçal de vinho<sup>783</sup>.

---

<sup>774</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.248; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

<sup>775</sup> Actualmente esta freguesia mantém como seu orago S. Miguel, mas denomina-se Freixo de Cima.

<sup>776</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.106 (nota 2). A igreja de Vila Garcia já pertencia, por inteiro, ao padroado de S. Salvador de Freixo em 1258 (cf. Marques, Maria Alegria Fernandes, “Alguns aspectos do padroado nas igrejas e mosteiros da diocese de Braga”, in *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Braga, Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia de Braga/ Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, Vol. II/1, p. 381).

<sup>777</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.106.

<sup>778</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

<sup>779</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.734.

<sup>780</sup> Pimenta, Rodrigo, “Para a história do arcebispado de Braga”..., 1941, p.140.

<sup>781</sup> Cruz, António, “O mosteiro de Souto...”, 1981, pp.97-98.

<sup>782</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.108.

<sup>783</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 38-39.



A partir de 1328 e ao longo da década de trinta e início da de quarenta do séc. XIV assiste-se a um processo generalizado de renúncia dos direitos de padroado que diversos naturais e padroeiros detinham quer no mosteiro de Souto<sup>784</sup> quer na igreja de S. Cláudio de Barco e nas ermidas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria, a favor da instituição, mormente em 1332 e 1341<sup>785</sup>, numa altura em que era prior D. Domingos Domingues, cuja acção governativa se revelaria muito proveitosa para a instituição.

Em Outubro de 1358 o rei D. Pedro confirma os privilégios do mosteiro de Souto<sup>786</sup>. A 21 de Outubro de 1397 foi efectuada uma composição entre o prior D. Estêvão Peres e o sapateiro Afonso Domingues por causa de umas casas em Guimarães<sup>787</sup>. Este mesmo prior esteve presente no sínodo diocesano de Braga, de D. Martinho Afonso Pires da Charneca, realizado a 15 de Novembro de 1398<sup>788</sup>.

A 3 de Fevereiro de 1419, o prior e o mosteiro de Souto pedem ao papa que confirme a anexação das igrejas de Santo Tirso de Prazins e de S. Félix de Gominhães, anexadas ao mosteiro, na segunda metade do século XIV, respectivamente, pelos bispos D. Guilherme e D. Martinho<sup>789</sup>.

No dia 19 de Setembro de 1431, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, encontrava-se no mosteiro de Souto<sup>790</sup>, onde esteve hospedado seguindo depois para o de Santa Marinha da Costa onde também se instalou, demorando-se pela região da Guimarães enquanto aguardava o resultado da visitação que tinha ordenado à Colegiada de Santa Maria de Oliveira e que Rui da Cunha, seu prior, impediu.

O prior do mosteiro de São Salvador de Souto participou no sínodo diocesano de Braga, do arcebispo D. Fernando da Guerra, realizado a 12 de Dezembro de 1435, mas não é identificado<sup>791</sup>, embora seja, presumivelmente, D. Afonso Lourenço<sup>792</sup>. O mosteiro em meados do séc. XV enfrentava diversos problemas, com os foreiros a

---

<sup>784</sup> Esta doação de 1328 bem como uma de 1333 é referente a direitos de padroado que alguns naturais detinham no mosteiro de Souto (cf. *Idem, Ibidem*, pp. 102-103,109-112).

<sup>785</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto (Homenagem ao abade Tagilde)”, in *Estudos de Cronologia-Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*, Porto, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 1993, pp.270-285.

<sup>786</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.131 (Doc. 335).

<sup>787</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.66-67; Cruz, António, “O mosteiro de Souto...”, 1981, p.98.

<sup>788</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>789</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 140-141.

<sup>790</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra...*, 1978, p.44.

<sup>791</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.73.

<sup>792</sup> A 12 de Fevereiro de 1435 ainda era prior do mosteiro (cf. Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.77).

recusarem-se ao pagamento das suas obrigações, registando-se uma acentuada e crónica falta de religiosos que inviabilizava a eleição do prior, obrigando ao constante recrutamento de priores fora da instituição, priores esses que acabavam por não resistir às inúmeras dificuldades, registando-se a passagem de três priores em cerca de uma década, sendo que no início de 1450 o prior era Luís Domingues, sucedendo-lhe mais dois até 1454<sup>793</sup>. O agravamento da situação mormente com a falta de regeneração da comunidade e os problemas económicos fizeram com que o arcebispo D. Fernando da Guerra extinguisse o mosteiro a 27 de Junho de 1454 e o reduzisse a igreja secular apresentando, no dia seguinte, para seu abade o seu capelão-mor, D. Afonso Vicente<sup>794</sup>.

Estes factos, revelados em primeira-mão por José Marques no seu trabalho sobre a diocese de Braga, permitem corrigir a tese veiculada por Frei Nicolau de Santa Maria, segundo a qual o mosteiro tinha sido reduzido a igreja secular, em 1552, pelo arcebispo de Braga D. Frei Baltasar Limpo (1550-1558), provendo aí o clérigo Martim Rebelo de Macedo que conseguiu do papa Pio IV (1559-1565) a possibilidade de o dar em comenda, entregando-o, sob esse estatuto, ao seu sobrinho Rui Drago, cavaleiro da Ordem de Cristo, acabando o mosteiro por ficar sob o domínio desta Ordem<sup>795</sup>.

Apesar de reduzido a igreja secular São Salvador de Souto foi alvo da cobiça de vários pretendentes, tendo inclusivamente visto os seus rendimentos acrescidos uma vez que o arcebispo D. Fernando da Guerra lhe anexou, a 20 de Outubro de 1461, a igreja de S. Salvador de Louredo<sup>796</sup>.

D. João II pretendia unir o “mosteiro” de Souto à Colegiada de Guimarães, intenção, essa, que é revelada em carta régia de 9 de Maio de 1486, altura em que era seu comendatário D. Afonso de Portugal<sup>797</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de S. Salvador de Souto:**

O mosteiro durante os sécs. XIV e XV, ou em períodos específicos abrangidos por essas centúrias, deteve direitos de padroado na igreja de São Cláudio do Barco e nas

---

<sup>793</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.729-730.

<sup>794</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.184; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.730.

<sup>795</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.335.

<sup>796</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.220vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.731.

<sup>797</sup> Cruz, António, “O mosteiro de Souto...”, 1981, p.103. D. Afonso de Portugal era filho bastardo de D. Afonso, 1º marquês de Valença, neto de D. Afonso, primeiro duque de Bragança e bisneto de D. João I, tendo sido nomeado, em 1485, bispo de Évora (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.507).

suas capelas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria, bem como nas igrejas de Gominhões e Santo Tirso de Prazins que andaram anexas ao mosteiro. Como vimos também a igreja de S. Salvador de Louredo foi anexada a S. Salvador de Souto, mas numa data já posterior à extinção do mosteiro, por isso não será integrada nesta listagem.

**2.2.13.1. - Santa Maria [de Souto]?** (c. Guimarães) – Capela anexa à de S. Cláudio do Barco da apresentação do mosteiro de Souto. O mosteiro de Souto detinha, entre o seu padroado, a capela ou ermida de Santa Maria em virtude dos direitos de padroado que lhe foram doados na primeira metade do séc. XIV, aquando da renúncia que vários naturais e herdeiros fizeram ao mosteiro da igreja de São Cláudio e das suas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria<sup>798</sup>. O problema é que nunca aparece qualquer outro topónimo, apenas o do orago, pelo que assumimos, até derivado à proximidade geográfica, tratar-se de Santa Maria de Souto, o que não invalida que se trate de uma qualquer outra localidade com este orago, mas por agora trabalharemos a partir dessa hipótese. A obstar a este nosso raciocínio estão os rendimentos apresentados por Santa Maria de Souto em 1320, ano em que foi taxada em 150 libras, portanto em metade do valor aplicado ao próprio mosteiro de S. Salvador de Souto<sup>799</sup>. Em 17 de Março de 1310, o capelão da igreja de Santa Maria de Souto era Martim Lourenço, que se encontrava em Braga, onde testemunha o contrato de emprazamento que o mosteiro de Souto fez do seu casal de S. Salvador de Donim, a Pedro Peres de Donim, à sua esposa e a uma terceira pessoa a nomear pelo “prestumeiro”<sup>800</sup>. No dia 1 de Novembro de 1324, o abade de Santa Maria de Souto era Martim Alvelo<sup>801</sup>. Quase três décadas depois, mais concretamente a 29 de Junho de 1351, era abade de Santa Maria de Souto Domingos de Longos<sup>802</sup>. A 2 de Novembro de 1379, o abade desta igreja era Pedro Peres, figurando entre as testemunhas elencadas no testamento do cavaleiro Álvaro Lourenço de Mariz, morador na freguesia de Santa Maria de Souto, datado desse mesmo dia<sup>803</sup>. Em 11 de

---

<sup>798</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, pp.270-285.

<sup>799</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.108.

<sup>800</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 16-17.

<sup>801</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.31.

<sup>802</sup> Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Guimarães “Duas Vilas, Um Só Povo”*. *Estudo De História Urbana (1250-1389)*, Braga, co-edição do CITCEM e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2010, p.472.

<sup>803</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, pp.286-287.

Agosto de 1419, era abade da igreja de Santa Maria de Souto João Afonso<sup>804</sup>. A partir de determinada altura, a igreja de Santa Maria de Souto passou para a apresentação da Colegiada de Guimarães<sup>805</sup> mas desconhecemos a data em que tal ocorreu. De qualquer modo é possível que tal se tenha verificado após a extinção do mosteiro de S. Salvador de Souto, mas só uma investigação mais aprofundada poderá dar respostas concretas.

**2.2.13.2. - Santo Tirso de Prazins** (c. Guimarães) – Igreja da apresentação do mosteiro de S. Salvador de Souto. A 9 de Outubro de 1360 o arcebispo D. Guilherme (1349-1361) anexou a igreja de Santo Tirso de Prazins ao mosteiro de S. Salvador do Souto<sup>806</sup>. Em 1419, era abade de Santo Tirso de Prazins Fernão Vasques<sup>807</sup>. A 3 de Maio de 1424 o reitor da igreja era Rodrigo Martins, dia em que Gonçalo Anes, clérigo da diocese de Braga pede a igreja de S. Tiago de Mouquim que Rodrigo Martins aceitara após a resignação de João Luís, embora sem obter a dispensa de ilegitimidade, uma vez que era filho de presbítero e mulher solteira<sup>808</sup>. Em Maio de 1475 o abade de Santo Tirso de Prazins era Pedro Afonso<sup>809</sup>, surgindo ainda como titular dessa igreja a 3 de Agosto de 1481<sup>810</sup>.

**2.2.13.3. - São Cláudio do Barco / São Cláudio de Riba de Ave / São Cláudio de Arguçães**<sup>811</sup> (c. Guimarães) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Salvador de Souto. A igreja de S. Cláudio foi taxada, em 1320, em 25 libras<sup>812</sup>. Desconhecemos desde que altura é que o mosteiro de Souto passou a deter direitos de padroado nesta igreja, de qualquer modo em 1332 e 1341 vários naturais e padroeiros da igreja de S. Cláudio de Barco e das suas capelas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria renunciaram

---

<sup>804</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.479 (doc.123).

<sup>805</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, Lisboa, 1706, p.44.

<sup>806</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.165.

<sup>807</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.479 (doc.123).

<sup>808</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.579.

<sup>809</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.165. Curiosamente em documento também publicado pelo Autor nesta mesma obra e datado de 16 de Janeiro de 1476 é novamente referenciado o abade de Prazins como vedor do emprazamento, mas aí aparece identificado como Pedro Anes (*Idem*, p.166), mas é, certamente, falha na transcrição.

<sup>810</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.495 (doc.128).

<sup>811</sup> Na Idade Média surge sob estas diferentes designações (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.58).

<sup>812</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

a favor da instituição<sup>813</sup>. A 24 de Agosto de 1422 António Gonçalves era o abade de São Cádio<sup>814</sup>. Em 1528 a igreja de S. Cláudio do Barco estava anexa à de Santa Cristina de Longos<sup>815</sup>.

**2.2.13.4. - São Félix de Gominhães**<sup>816</sup> (c. Guimarães) – Igreja anexa ao mosteiro de Souto. Em 1419 esta igreja encontrava-se anexa ao mosteiro de S. Salvador de Souto<sup>817</sup>.

**2.2.13.5. - São Martinho da Gândara**<sup>818</sup> (c. Esposende) – Capela anexa à de S. Cláudio do Barco da apresentação do mosteiro de Souto. A capela ou ermida de São Martinho da Gândara andava, na primeira metade do séc. XIV, anexada à igreja de S. Cláudio do Barco, obtendo o mosteiro os direitos de padroado desta capela quando vários padroeiros, herdeiros e naturais da igreja de S. Cláudio renunciaram a seu favor<sup>819</sup>.

#### **2.2.14. - São Salvador de Valdreu (c. Vila Verde)**

Em 1320 o mosteiro de São Salvador de Valdreu foi taxado em 430 libras<sup>820</sup>, pelo que se depreende que tinha uma razoável situação financeira, isto se tivermos apenas como factor comparativo os montantes aplicados à generalidade dos mosteiros agostinhos da diocese de Braga.

Por carta régia, datada de 27 de Junho de 1336 D. Afonso IV confirmou ao mosteiro a jurisdição cível no seu couto, ficando provado que o mosteiro tinha direito de aí colocar juiz e mordomo, pertencendo a jurisdição do crime ao rei<sup>821</sup>. A 23 de Junho

---

<sup>813</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, pp.270-285. Os instrumentos de renúncia seguem mais ou menos este teor: “doamos e outorgamos pera todo ssempre ao moesteiro de Sam Salvador de Souto e passamos no dito moesteiro todo o dereito do padroado e da posse do dereito de presentar que nós avemos na dita eigreia de Sam Croyo e todolos outros e cada huuns dereitos que avemos e de dereito aver devemos tambem per nós come per aqueles de quem descendemos tambem na dita eigreia de Sam Croyo come nas ssas hermidas de Sam Martjinho de Gandara e de Santa Maria” (*Idem*, p.282).

<sup>814</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°214.

<sup>815</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.58.

<sup>816</sup> Actualmente São Pedro Fins de Gominhães.

<sup>817</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123).

<sup>818</sup> Actualmente São Martinho de Gandra.

<sup>819</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, pp.270-285.

<sup>820</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.102.

<sup>821</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.88-89 (Doc.41).

de 1394 é D. João I quem confirma ao mosteiro de Valdreu todos os seus privilégios, foros e liberdades<sup>822</sup>.

O prior do mosteiro de Valdreu participou no sínodo diocesano de Braga, realizado a 15 de Novembro de 1398 sob patrocínio do arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca<sup>823</sup>, mas não é aí identificado. À semelhança da generalidade dos mosteiros bracarenses também Valdreu atravessou algumas dificuldades ao longo do séc. XV, levando à intervenção do arcebispo D. Fernando da Guerra, que a 15 de Fevereiro de 1427 lhe anexou a igreja de S. Mamede de Gondoriz, doação a entrar em vigência apenas após a morte de Fernão Martins, abade que então a paroquiava<sup>824</sup>.

Segundo alguns Autores o mosteiro de Valdreu foi extinto por D. Fernando da Guerra e convertido em igreja secular no seguimento de um breve do papa Pio V (1417-1431)<sup>825</sup>, o que efectivamente não aconteceu como de resto já foi provado por José Marques<sup>826</sup>, verificando-se o provimento e confirmação de priores ainda ao longo da segunda metade do século XV<sup>827</sup> bem como a confirmação dos privilégios da instituição pelos diversos monarcas. Desde logo no reinado D. Afonso V por carta de 7 de Abril de 1439<sup>828</sup> e posteriormente, numa altura em que já assumira efectivamente a administração do reino, através de carta de 20 de Abril de 1450 pela qual confirmou todos os “privilegios e liberdades do prior e convento do mosteiro de Sam Salvador de Vall de Rey da hordem de Sant’Agostinho do bispado de Braaga”<sup>829</sup>.

Também D. João II concedeu privilégios a Valdreu isentando os lavradores e moradores do couto do seu mosteiro de darem aposentadoria e serviço de carro de bois a fidalgos<sup>830</sup>.

A 18 de Maio de 1496 foi D. Manuel quem confirmou ao mosteiro de Valdreu todos os seus privilégios<sup>831</sup>. É admissível que nesta altura o mosteiro já fosse governado por comendatários, e muito provavelmente D. Francisco da Fonseca Coutinho, de resto

---

<sup>822</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 2, 2005, p.55.

<sup>823</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>824</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.15vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.795.

<sup>825</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.336; Cardoso, P. Luiz, *Diccionario Geográfico...*, Tomo II, 1751, p.20.

<sup>826</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.795.

<sup>827</sup> Consulte-se a secção sobre os priores deste mosteiro.

<sup>828</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 19, fl.4vº.

<sup>829</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 34, fl.178.

<sup>830</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.795.

<sup>831</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 43, fl.40vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.795-796.

um dos três comendatários de que temos notícia para Valdreu<sup>832</sup>, sendo os outros D. Carlos da Guarda e o seu filho D. João da Guarda, que faleceu em 1549, numa altura em que a comenda do mosteiro andava avaliada em 120 mil reais<sup>833</sup>.

No século XVI, em data que desconhecemos, o mosteiro passou para a Ordem de Cristo, tendo sido seu comendador D. Diogo Forjaz Pereira, 4º conde da Feira, que faleceu em 1595<sup>834</sup>. Apesar de ignorarmos a data dessa mudança é perspectivável que tal tenha ocorrido logo após o falecimento de D. Carlos da Guarda, até porque a 10 de Março de 1550 o mosteiro ainda se encontrava vago, dia em que o papa enviou um breve a D. João III a dar-lhe conta da vinda do bispo Pompeu e a pedir-lhe que desse todo o crédito ao que este lhe dissesse sobre os mosteiros de Santa Maria de Bouro e S. Salvador de Valdreu<sup>835</sup>.

### **Igrejas do padroado de Valdreu:**

São muito escassas as informações referentes a este capítulo, sendo certo que em termos documentais apenas temos conhecimento de duas igrejas que estavam sob a jurisdição do mosteiro de Valdreu: Gondoriz e Valbom, embora no séc. XII o mosteiro tenha tido em copadroado com o de S. Martinho de Castro a igreja de S. Miguel de Boivães<sup>836</sup>, como revelam as inquirições de 1220, de qualquer modo como não temos nenhuma outra referência a esta igreja para os séculos XIV e XV e em 1528 já surge anexada à igreja de Ruivos não a tomámos em consideração<sup>837</sup>.

**2.2.14.1. - S. Mamede de Gondoriz** (c. Terras de Bouro) – Igreja anexa ao mosteiro de Valdreu. Foi-lhe anexada por D. Fernando da Guerra a 15 de Fevereiro de 1427, embora com a condição de só entrar na posse do mosteiro após o falecimento de Fernão Martins,

---

<sup>832</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 10, 1938, p.33; Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo III-Vol. 2, 1945, p.155 (nota A); Vaz, António Luís, *O cabido de Braga: 1071 a 1971 – factos notáveis do país ligados à sua história*, Braga, 1971, p.155.

<sup>833</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VI, 1884, p.334.

<sup>834</sup> *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Vol. II, direcção, coordenação e compilação de Afonso Eduardo Martins Zuquete, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1960, p.585; Sousa, António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Vol. V, (Edição fac-similada da edição de 1948), Academia Portuguesa da História/QuidNovi, 2007, p.169.

<sup>835</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VI, 1884, p.358.

<sup>836</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol. I, Fasc. I e II, 1888, p.236; Andrade, Maria Filomena, “Entre Braga e Tui: uma fronteira diocesana de duzentos (o testemunho das inquirições)”, in *Revista da Faculdade de Letras - História*, Série II, Vol. XV – Tomo II, Porto, 1998, p.86.

<sup>837</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.195.

à altura seu abade titular<sup>838</sup>. Os rendimentos desta igreja também não eram propriamente avultados, isto tendo em conta a taxa de quarenta libras que lhe foi aplicada em 1320<sup>839</sup>. Em 1528 a igreja de S. Mamede de Gondoriz ainda se encontrava anexa ao mosteiro de Valdreu<sup>840</sup>.

**2.2.14.2. - S. Martinho de Valbom** (c. Vila Verde) – Igreja anexa ao mosteiro de Valdreu. Desconhecemos a data da anexação, apenas sabemos que em 1528 a igreja de Valbom ainda se encontrava anexa ao mosteiro de Valdreu<sup>841</sup>.

### **2.2.15. - São Silvestre de Requião**<sup>842</sup> (c. Vila Nova de Famalicão)

O mosteiro de Requião foi um dos muitos mosteiros do Entre Douro e Minho vítima de abusos por parte de padroeiros, naturais e herdeiros, com várias intervenções de D. Dinis no primeiro quartel no séc. XIV<sup>843</sup>.

De resto a situação da instituição não seria muito pujante, isto a avaliar pelas 300 libras em que São Cristóvão de Requião foi taxado em 1320<sup>844</sup>. O século XIV é, à semelhança do que acontece com outras instituições monásticas, preenchido por um incontornável vazio documental. Apesar da míngua de dados são perspectiváveis as dificuldades de sobrevivência desta instituição que acabará por não conseguir resistir à primeira metade do século XV, não obstante um certo dinamismo evidenciado pelos superiores da comunidade e até uma certa aproximação à própria Sé bracarense.

Assim, a 18 de Agosto de 1421, D. Rodrigo Esteves, prior do mosteiro de Requião, executou a sentença pontifical, de 27 de Fevereiro de 1421, que permitia a redução de conezias na Sé de Braga de 44 para 30 conforme a solicitação do arcebispo

---

<sup>838</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.15vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.795.

<sup>839</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.102.

<sup>840</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.193; Nevada, Serra, *Terra de Regalados: Pergaminhos históricos - Documentos Medievais II*, Vila Verde, Câmara Municipal de Vila Verde, 2003, p.17.

<sup>841</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.192.

<sup>842</sup> Inicialmente o seu orago principal seria S. Cristóvão (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723; Amaral, Luís Carlos, *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (séculos IX-1137)*, 2007, pp.742-743 (nota69), no entanto e para os séculos XIV e XV as fontes identificam-no como S. Silvestre.

<sup>843</sup> Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, 1945, p.84.

<sup>844</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.



D. Fernando da Guerra ao papa Martinho V<sup>845</sup>. Para a década de vinte temos ainda conhecimento de um outro prior, D. Gonçalo Vasques que aparece também nomeado pelo papa para tratar de assuntos relacionados com a Sé de Braga<sup>846</sup>.

A 15 de Agosto de 1430, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, encontrava-se no mosteiro de Requião<sup>847</sup>, voltando o prelado bracarense a esta instituição em 12 de Agosto de 1432<sup>848</sup>, visitas que poderão ser interpretadas como um notório sinal de que algo de anormal se passava com esta instituição, ou então diligências que já perspectivavam a redução do mosteiro a igreja secular. Efectivamente, a 8 de Março de 1433, o mosteiro de Requião era oficialmente extinto e convertido em igreja secular<sup>849</sup>. No período subsequente ao decretar da extinção voltamos a ver o arcebispo de Braga a dirigir-se constantemente a Requião, havendo registo da sua presença neste antigo cenóbio em diversas datas de Maio de 1433, nomeadamente a 5 e 22, devendo ter aí permanecido no período que medeia entre estas datas, bem como a 27 e 28<sup>850</sup>, visitas certamente relacionadas com o processo de extinção<sup>851</sup>. Pelo mesmo decreto que extingue o mosteiro o bispo confirma também como abade da igreja João Lourenço, clérigo de missa e capelão do conde de Barcelos<sup>852</sup>.

Curiosamente, a 1 de Setembro de 1434, D. Duarte confirmou ao “convento e mosteyro de Requiam todos seus privilegios foros liberdades e boons costumes”<sup>853</sup>, o que significa que a chancelaria régia ainda não estava a par das alterações ocorridas no último ano nesta instituição, embora, e como o documento assume aquele protótipo lacónico das confirmações não revelando quaisquer outros elementos identificativos, se possa admitir a possibilidade desta carta ser dirigida ao mosteiro de S. Jorge de Recião, de Lamego, o que nos parece muito pouco provável.

---

<sup>845</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp. 254-255; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

<sup>846</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

<sup>847</sup> *Idem*, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.42.

<sup>848</sup> *Idem*, *Ibidem*, p.45.

<sup>849</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.38vº; Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.38; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.724. Também Cunha, D. Rodrigo da, *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, Reprodução Fac-similada com nota de apresentação de José Marques, Braga, 1999, vol. 2, p.226; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.499, dão conta da extinção deste mosteiro. Esta questão é também abordada por Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.334, embora coloque a extinção de S. Silvestre de Requião em 1418.

<sup>850</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.47.

<sup>851</sup> *Idem*, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.724.

<sup>852</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.38vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.724.

<sup>853</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.137 (Doc.290).

### **Igrejas do padroado de Requião:**

Documentalmente apenas temos comprovação do mosteiro de Requião deter, em copadroado, com o mosteiro de S. Simão da Junqueira, a igreja de Ferreiró.

**2.2.15.1. - Santa Marinha de Ferreiró** (c. Vila do Conde) – Igreja da apresentação do mosteiro de S. Silvestre de Requião e de S. Simão da Junqueira. A documentação permite-nos traçar com alguma segurança o historial desta paróquia através do quadro evolutivo dos seus titulares. Em finais do séc. XIII, mais concretamente a 14 de Janeiro de 1296, a igreja de Ferreiró era paroquiada por João Pais<sup>854</sup>, pároco que deveria ter assumido o cargo recentemente, isto se tivermos em conta que a 1 de Junho de 1295 o abade de Santa Marinha de Ferreiró era Lourenço Pires<sup>855</sup>.

Em Janeiro de 1316 era abade de Santa Marinha de Ferreiró Gil Eanes que se queixou ao rei “que a dita sa Egreja he sufranha dos Moesteiros de Requiam e de Sam Simhom da Junqueira” e que cavaleiros, donas e escudeiros iam aí comer e penhoravam bens indevidamente, uma vez que eram naturais desses mosteiros e não da igreja que era apenas sufragânea deles<sup>856</sup>. Na sequência desta queixa, D. Dinis, por carta emitida em Santarém, a 19 de Janeiro de 1316, ordenou a Fernão Rodrigues, meirinho mor de Além Douro que defendesse o abade e a igreja de Ferreiró e que impedisse a penhora de bens e obrigasse à sua restituição no caso de tal ter ocorrido<sup>857</sup>.

A 20 de Fevereiro de 1316 Gil Eanes já tinha falecido, apresentando o prior e o convento do mosteiro de Requião o cónego Julião Martins para reitor da igreja de Santa Marinha de Ferreiró<sup>858</sup>, no entanto a sua confirmação no cargo só ocorreria a 26 de Fevereiro de 1317<sup>859</sup>.

Em 1320 a igreja de Ferreiró foi taxada em 35 libras<sup>860</sup>. A 9 de Dezembro de 1329 o arcebispo de Braga, D. Gonçalo, confirma Martim Anes como reitor da igreja de Santa Marinha de Ferreiró<sup>861</sup>.

A 27 de Abril de 1356 o abade de Ferreiró já é Estêvão Anes, que surge como vedor num emprazamento<sup>862</sup>.

---

<sup>854</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 77-77v°.

<sup>855</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 50v°.

<sup>856</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.74v°.

<sup>857</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.74v°.

<sup>858</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 75-75v°.

<sup>859</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 77-78.

<sup>860</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.104.

<sup>861</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.99-99v°.

O seu sucessor deverá ter sido Domingos Miguéis que faleceu em 1367, confirmando-se então nesta igreja, por apresentação dos mosteiros de Requião e da Junqueira, Estêvão Domingues, cónego de S. Simão da Junqueira, a 4 de Outubro de 1367, justamente “per obitum Dominici Michaelis ultimi e immediate rectoris”<sup>863</sup>. Segundo Viterbo, em 1367, o arcebispo de Braga confirmou aí um pároco que não entendia o que havia de ler ou cantar<sup>864</sup>, data que corresponde à colação de Estêvão Domingues, embora a afirmação de estarmos perante um abade iletrado nos levante sérias dúvidas, até porque a 6 de Março de 1375, é constituído procurador do mosteiro da Junqueira<sup>865</sup>. No ano seguinte, mais concretamente a 14 de Maio de 1376, Estêvão Domingues continua a ser mencionado como abade de Ferreiró<sup>866</sup>, cargo que ainda ocupava a 10 de Fevereiro de 1379<sup>867</sup>.

A 28 de Junho de 1387 é confirmado como abade desta igreja João Afonso, após resignação apresentada por João Peres, seu último titular, sendo que João Afonso era reitor da igreja de São Pedro da Portela, da diocese de Braga, à qual resignou para assumir a de Ferreiró<sup>868</sup>.

O seu abaciado também não foi muito prolongado uma vez que a 26 de Fevereiro de 1399 o abade de Ferreiró já é Aparício Domingues, que testemunha, nesse dia, uma procuração feita no mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>869</sup>. Em 1400 a igreja de Ferreiró aparece referenciada como sendo do padroado do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>870</sup>. Em Fevereiro de 1418 o abade de Ferreiró era Aparício Domingues<sup>871</sup>.

### **2.2.16. - São Simão da Junqueira (c. Vila do Conde)**

O mosteiro de S. Simão da Junqueira parece ter vivido algumas contrariedades ao longo da primeira metade do século XIV. Se no domínio das relações com outros senhores eclesiásticos tudo aparenta ter decorrido dentro da normalidade, como se

---

<sup>862</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125vº.

<sup>863</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.135-135vº.

<sup>864</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, Vol.2, 1966, p.42.

<sup>865</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 126vº-127vº.

<sup>866</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 125vº-128vº.

<sup>867</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl.112vº-113.

<sup>868</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.149-150vº.

<sup>869</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 137.

<sup>870</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.49.

<sup>871</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.184. Aí aparece É aí identificado como “Apariço Dominguez abbade de Ferreiroo familiar do dito moesteiro”.

depreende até do facto de, em Março de 1319, o prior de S. Simão da Junqueira, juntamente com o abade de Pendorada, ter sido nomeado juiz numa contenda entre o arcebispo de Braga e o cabido a propósito da herança deixada pelo chantre de Braga, Mestre João, acabando a sentença por ser desfavorável ao bispo<sup>872</sup>, já em termos de relações seculares se registavam alguns problemas.

Um dos principais, e extensível a muitos outros mosteiros portugueses, era a questão dos abusos por parte dos poderosos, sobretudo os naturais e padroeiros das instituições, levando o prior a queixar-se ao rei “que cavaleiros e donas e scudeiros e outros homeens lhis filham sem direito e como nom devem nos seus casaes e herdamentos e nos logares do dito seu moesteiro o pan e o vinho e os dereitos e as directuras e as geiras e as luituosas e as outras cousas”<sup>873</sup>. O monarca perante tais queixas emitiu resposta favorável ao mosteiro, a 22 de Setembro de 1317, ordenando às suas justiças que o protegessem.

No entanto os abusos deveriam persistir uma vez que a 15 de Maio de 1322, um cônego de S. Simão da Junqueira apresentou-se perante o juiz de Faria com a carta régia a solicitar a protecção do mosteiro<sup>874</sup>. Esta acção protectora de D. Dinis à instituição já tinha episódios antecedentes, uma vez que a 10 de Maio de 1296 e após queixa apresentada pelo prior a propósito de penhoras e constrangimentos provocados aos moradores, mancebos e sargentos do couto do mosteiro, o monarca ordenou que não lhes fizessem quaisquer penhoras e que devolvessem o dinheiro que lhe tinha sido indevidamente cobrado por razão da hoste da cidade<sup>875</sup>.

Em 1320, o mosteiro de São Simão da Junqueira foi taxado, em 400 libras<sup>876</sup>, situação que não sendo propriamente evidenciadora de grandes dificuldades económicas, deixa percepção-las. A confirmação de que a instituição enfrentava dificuldades económicas chega-nos pouco depois, com o arcebispo de Braga, D. João, a autorizar a 27 de Outubro de 1321, que D. Domingos, prior de S. Simão da Junqueira, alheasse bens do mosteiro de forma a perfazer 100 morabitinos, em virtude de o mosteiro estar “emdevidado per razom de dividas que a Nos deve tambem de colheitas come doutras

---

<sup>872</sup> Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *O cabido de Braga no tempo de D. Dinis (1278-1325)*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003, p.96.

<sup>873</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, p.123 (doc.5).

<sup>874</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp. 92, 123, 124 (docs. 5,6).

<sup>875</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.72-72vº.

<sup>876</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

cousas e outrosi porque nos disserom que a nos compria daverdes de vestir e mantimentos para vos e para os frades e para esse vosso mosteiro”<sup>877</sup>.

A situação era de tal gravidade que o prior escreveu ao rei queixando-se que o mosteiro era muito pobre e de parcas rendas que não conseguia sustentar os inúmeros naturais e padroeiros que aí detinham comedorias, começando a desaparecer temporal e espiritualmente<sup>878</sup>.

Perante estas queixas, D. Dinis enviou carta, a 6 de Abril de 1323, a Mem Rodrigues de Vasconcelos, meirinho-mor de Entre Douro e Minho, ordenando-lhe que efectuasse uma inquirição de forma a avaliar a verdadeira situação do mosteiro<sup>879</sup>. No seguimento dessa inquirição, exarada em instrumento de 8 de Março de 1324, apurou-se que os rendimentos do mosteiro ascendiam a cerca de 400 libras e que de facto o grande número de naturais depauperava por completo os rendimentos do mosteiro, ordenando-se aí que passassem a usufruír das comedorias uma única vez por ano, em dia de S. Miguel<sup>880</sup>.

Na década seguinte o mosteiro sofreria um rude golpe ao nível das suas jurisdições. A 11 de Janeiro de 1336, e na sequência da inquirição sobre o couto de S. Simão da Junqueira, onde o mosteiro se fez representar por Mateus Domingues, D. Afonso IV coarctou-lhes toda a jurisdição que aí detinha<sup>881</sup>. Por esta altura persistiam os problemas económicos da instituição como revela a visitação que D. Fernando Peres, prior de Santa Cruz de Coimbra, fez ao mosteiro de S. Simão da Junqueira, a 20 de Fevereiro de 1342, numa altura em que a comunidade era composta por seis cónegos e um prior, quando os rendimentos não permitiam a existência de mais de quatro cónegos<sup>882</sup>.

Já a segunda metade da centúria de trezentos é, aparentemente, mais tranquila. E se a nefasta perda da jurisdição no couto poderia despontar alguma animosidade nas relações com a Coroa, o certo é que, aparentemente, tal não se verifica, de resto a própria Coroa reverteria essa sentença, devolvendo a jurisdição cível à instituição. Também com a nobreza local parece haver uma excelente ligação, como se percebe

---

<sup>877</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.86-86v°.

<sup>878</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.88.

<sup>879</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.88.

<sup>880</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.87v°-89.

<sup>881</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol.III (1336-1340), 1992, pp.80-83 (Doc.287).

<sup>882</sup> Gomes, Saul António, “A relevância do monaquismo vilacondense na história das ordens religiosas em Portugal” in *Actas do 2º Encontro de História de Vila do Conde* (Vila do Conde: 1050 anos de História – A memória dos séculos monásticos), Câmara Municipal de Vila do Conde, 2004, pp. 117, 136-142.

quer pela desistência a favor do mosteiro dos direitos de padroado que muitos poderosos aí detinham<sup>883</sup> quer através dos vários legados com que S. Simão da Junqueira foi sendo contemplado, sobretudo por parte dos cavaleiros da Quinta do Casal, como se depreende do testamento de Estêvão Ferreira que mandou instituir capela dedicada a Santa Maria Madalena no claustro do mosteiro<sup>884</sup>, mandando inclusivamente rezar missa pela alma dos priores D. Aparício Pais e D. Estêvão Anes, dos quais recebera boas obras<sup>885</sup>.

Já no século anterior, Martim Pires, um outro cavaleiro do Casal, tinha instituído a capela de Santa Maria no mosteiro de S. Simão da Junqueira, como revela no seu testamento de 1289<sup>886</sup>. Há, de resto, uma ligação muito forte com importantes famílias nobres, sobretudo com os Cunhas, ligação, essa, que remonta à própria fundação da instituição uma vez que Paio Guterres foi o fundador do mosteiro da Junqueira, indivíduo a quem o Conde D. Pedro atribui também a fundação dos mosteiros de S. Salvador do Souto e Vilela<sup>887</sup>.

A 2 de Fevereiro de 1375, Gonçalo Vasques, almoxarife por D. Gonçalo Teles, Conde de Neiva e Senhor de Faria, na sequência de petição apresentada pelo prior Estêvão Anes e pelo convento de S. Simão da Junqueira contra Domingos Bom, mordomo da vila das Aves, por este ter entrado no couto do mosteiro e ter feito penhoras a um caseiro de nome Simão, dá razão ao mosteiro, obrigando o mordomo à devolução do penhor, provando-se também que o rei não tinha qualquer casal nem reguengo no couto do mosteiro<sup>888</sup>.

A 26 de Agosto de 1398, D. João I, concede privilégio ao prior e convento de S. Simão da Junqueira, curiosamente mercê solicitada através do arcebispo de Santiago de Compostela, para que até 25 moradores do couto do mosteiro fiquem isentos de servirem nas obras dos concelhos, proibindo também, o monarca, que ninguém pose

---

<sup>883</sup> Sobre esta questão veja-se Freitas, Eugénio Andrea da Cunha e, “As comedorias de S. Simão da Junqueira nos séculos XIII e XIV”, in *Actas do 17º Congresso Internacional das Ciências Genealógica e Heráldica*, Instituto Português de Heráldica, 1989, pp. 108-111.

<sup>884</sup> Freitas, Eugénio Andrea da Cunha e, *Gerações Medievais portuguesas: cavaleiros e escudeiros do Casal*, Separata dos “Anais”, II Série, Vol. 12, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1962, p.206.

<sup>885</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. I, 1946, p.202 (nota A).

<sup>886</sup> Freitas, Eugénio Andrea da Cunha e, *Gerações Medievais portuguesas: cavaleiros e escudeiros do Casal...*, 1962, p.200. Este documento encontra-se transcrito por Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, Vol. II (Coleção Documental), Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002, pp.310-315 (doc.300).

<sup>887</sup> *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, 1980, p.71; Mattoso, José, *Identificação de um país – Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)*, Vol. I (Oposição), 5ª ed. revista e actualizada, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, pp. 143,179. Sobre as relações entre os patronos do mosteiro e a instituição bem como as suas ligações genealógicas veja-se, sobretudo para os séculos XII e XIII, o trabalho de Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, Vol. I, 2002, pp.74-93.

<sup>888</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.108vº-109vº.

nas suas casas e pratique abusos ou tome vinho, pão, gados, roupa, palha ou outros bens<sup>889</sup>. Tal privilégio acabaria por sofrer constantes atropelos com os priores da instituição a relembrarem frequentemente às justiças esses mesmos direitos. Tal sucede, por exemplo, a 15 de Setembro de 1430, com o prior a queixar-se a Álvaro Esteves, juiz de Barcelos, de que os lavradores, caseiros e moradores no couto do mosteiro tinham sido penhorados por causa dos dinheiros da talha lançada para a construção do paço do concelho de Barcelos, ordenando o juiz que fosse respeitada a carta régia e alvará dado por Martim Gomes, ouvidor do Conde<sup>890</sup>.

A 4 de Janeiro de 1434, D. Duarte confirma os privilégios, graças, mercês, e liberdades do prior e mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>891</sup>.

Também com os arcebispos de Braga não parecem registar-se grandes conflitos, sendo talvez o mais forte o que opôs o prior Estêvão Anes ao arcebispo por causa da posse do mosteiro e que levou o prior a recorrer para Roma, a 12 de Julho de 1367<sup>892</sup>. Ultrapassada essa questão as relações normalizaram-se, de resto o arcebispo D. Martinho (1398-1416) encontrava-se no mosteiro de S. Simão da Junqueira a 29 de Outubro de 1403, tendo aí dado o aval a um emprazamento que o prior Estêvão Domingues e o convento fizeram<sup>893</sup>.

Em meados do século XV, a situação económica desta casa monástica apresentava-se bastante débil, levando o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, a anexar, a 26 de Dezembro de 1441, a igreja de Parada que já era da apresentação do mosteiro. Cerca de dois anos depois, mais concretamente a 26 de Novembro de 1443, o arcebispo de Braga anexou ao mosteiro da Junqueira a igreja de São Cristóvão de Rates<sup>894</sup>. A 29 de Janeiro de 1444 o regente D. Pedro, face à menoridade de D. Afonso V, confirmou todos os privilégios, graças, liberdades e mercês que os seus antecessores

---

<sup>889</sup> Gomes, Saul António, *Documentos medievais de Santa Cruz de Coimbra: I- Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Separata de “Estudos Medievais”, Porto, Centro de Estudos Humanísticos – Secretaria de Estado da Cultura – Delegação Regional do Norte, 1988, pp.162-163 (doc.77). Este mesmo documento encontra-se entre os que no séc. XVIII foram trasladados nos Tombos do Mosteiro (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.121vº-122vº).

<sup>890</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.125-125vº.

<sup>891</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.128-128vº. Esta mesma confirmação régia é também sumariada na Chancelaria de D. Duarte, embora entre diversas confirmações datadas de 25 de Dezembro de 1433 (cf. *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.200 (Doc.381).

<sup>892</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.136-136vº. O arcebispo de Braga era, por esta altura, D. João Cardaillac (1361-1371).

<sup>893</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.169-169vº.

<sup>894</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.797; Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp.92-93. Como já ficou exposto em capítulo anterior este Autor fala desta anexação mas referenciando-a e identificando-a não como igreja mas sim como mosteiro de Rates.

tinham dado ao mosteiro de “Sam Simom da Junceira da Hordem de Santo Agostinho da terra de Faria e termo de Barcelos”<sup>895</sup>.

A 18 de Março de 1501, por seu turno, o rei D. Manuel confirma todos os privilégios do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>896</sup>. A 13 de Agosto de 1507, e na sequência de uma queixa apresentada pelo Procurador dos feitos de el-rei contra o prior D. João Gonçalves por este usar da jurisdição cível no couto do mosteiro, colocando aí juízes e porteiro e da pronta defesa do prior apresentando carta de D. Afonso Henriques, dada em 1136, referente aos privilégios deste cenóbio agostinho, o rei ordenou que o prior e o mosteiro usassem apenas das jurisdições que lhe tinham sido concedidas por D. Afonso Henriques<sup>897</sup>. Um outro privilégio, outorgado por D. Manuel, a 18 de Setembro de 1517, embora abrangendo apenas parte dos caseiros do mosteiro da Junqueira, é a ordem para que as suas justiças não obriguem os moradores da vila e termo de Barcelos a irem às procissões da Visitação de Nossa Senhora e à do Anjo, desde que as tenham ou façam em igrejas e mosteiros mais próximos das suas localidades<sup>898</sup>.

O século XVI vai ficar marcado pelo governo dos comendatários nesta instituição, que chega a ter um carácter quase dinástico uma vez que à sua frente vão estar diversos elementos da família Pinheiro, domínio apenas intercalado pelo esporádico governo do bispo de Viseu, D. Miguel da Silva<sup>899</sup>. Foi seu último prior comendatário D. Martinho Pinheiro que deixou grande benfeitoria no mosteiro sendo o responsável por diversas obras de melhoria e embelezamento aí efectuadas<sup>900</sup>.

Durante o seu priorado o infante D. Henrique deu, em 1569, execução a uma bula do papa Pio V (1566-1572) pela qual se ordenava a extinção do mosteiro e a entrega dos seus bens à Ordem de S. Domingos, o que mereceria a pronta e eficaz contestação do prior, fazendo vingar a sua posição permanecendo a instituição nos moldes em que até aí se governara<sup>901</sup>. Com o falecimento de D. Martinho Pinheiro o mosteiro ficou em posse de gestores provisórios, nomeados para períodos de meio ano,

---

<sup>895</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 24, fl. 9vº; IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.128vº-129.

<sup>896</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 17, fl.22.

<sup>897</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.133-134.

<sup>898</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.135vº-136.

<sup>899</sup> Sobre a acção destes comendatários e respectivos elementos biográficos consulte-se as entradas que lhe são dedicadas em Apêndice.

<sup>900</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.174; Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.78; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, 1668, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322; Costa, António Carvalho da, *Corografia portugueza...*, Tomo I, 1706, p.321.

<sup>901</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp. 96, 128- 134 (docs. 10-11).



enquanto se aguardava a união à Congregação de Santa Cruz de Coimbra, tomando posse efectiva do mosteiro o prior geral D. Cristóvão de Cristo, a 7 de Fevereiro de 1595 elegendo-se nesse mesmo dia o Padre D. Manuel, comendatário do mosteiro de Caramos, como primeiro prior trienal do mosteiro<sup>902</sup>.

### **Igrejas do padroado de S. Simão da Junqueira:**

Este cenóbio exerceu direito de padroado sobre algumas das igrejas do actual concelho de Vila do Conde, ou seja dentro da sua área geográfica de influência mais próxima, sendo certo que na segunda metade do século XV detinha pelo menos quatro igrejas: Parada, Ferreiró, S. Martinho e S. Cristóvão de Rio Mau, embora convenha alertar que a de Ferreiró, pelo menos no séc. XIV, foi em sistema de copadroado com o mosteiro de Requião.

**2.2.16.1. - São Cristóvão de Rates/ São Cristóvão de Rio Mau/ São Cristóvão de Faria/ São Cristóvão da Marinha** (c. Vila do Conde) – Igreja anexa ao mosteiro de S. Simão da Junqueira. Na documentação medieval, aparece sob as quatro designações acima mencionadas. A 26 de Novembro de 1443 o arcebispo D. Fernando da Guerra anexou a igreja de São Cristóvão de Rates ao mosteiro da Junqueira, para fazer face às dificuldades económicas da instituição e simultaneamente melhorar o serviço pastoral nessa paróquia<sup>903</sup>. Sobre esta igreja, e para que não haja uma duplicação de elementos, remetemos para o texto que dedicámos a S. Cristóvão de Rio Mau.

**2.2.16.2. - São Martinho de Outeiro Maior** (c. Vila do Conde) – Igreja da apresentação do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Nas inquirições de Afonso III, de 1258, a igreja de S. Martinho de Outeiro Maior já surge referenciada como sendo do

---

<sup>902</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp. 97-99, 134-137, 148-152 (docs. 12-14,16); Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa ...*, Tomo I, 1706, p.321. Já Frei Timóteo dos Mártires que é bem mais incisivo do que Frei Nicolau de Santa Maria no que diz respeito a este período da história de S. Simão da Junqueira, indicando os presidentes, comendatários a prazo ou gestores que estiveram à frente da instituição entre o falecimento de D. Martinho Pinheiro e a entrada na Congregação, mas coloca a tomada de posse e a eleição do padre D. Manuel a 1 de Maio de 1595 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.153).

<sup>903</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.797-798, 811. Também Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp.92-93; *Idem, Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.253 (nota 4).

mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>904</sup>. Em 1320 a vigairaria da igreja de S. Martinho de Outeiro, sujeita ao mosteiro da Junqueira, foi taxada em 50 libras<sup>905</sup>.

A 21 de Setembro de 1321, o mosteiro de S. Simão da Junqueira já tinha apresentado o cónego Martim Geraldês para esta vigairaria<sup>906</sup>. No entanto a confirmação definitiva deste religioso como vigário perpétuo da igreja de S. Martinho de Outeiro só ocorre a 29 de Outubro de 1323, com a colação a ser feita pelo Mestre Bartolomeu, chantre de Braga, Estêvão Vicente, porcionário da Sé de Braga, e D. Gonçalo, bispo de Lisboa e coadjutor do arcebispo de Braga, D. João<sup>907</sup>. A 10 de Junho de 1336 o papa Bento XII (1334-1342) confirma o cónego Martim Geraldês, como vigário perpétuo da igreja de S. Martinho de Outeiro<sup>908</sup>.

Em 1342 esta igreja em conjunto com um casal que lhe andava associado rendia 60 libras<sup>909</sup>. Um documento de 15 de Setembro de 1427 revela que os rendimentos desta igreja integravam a ovença da vestimenta dos cónegos<sup>910</sup>. A 9 de Agosto de 1456 foi dada sentença contra João de Lisboa, prior de S. Simão da Junqueira por não ter pago ao arcediogo de Vermoim, João Gomes, a colheita da igreja de S. Martinho de Outeiro<sup>911</sup>.

Em 1528 S. Martinho de Outeiro continuava anexa ao mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>912</sup>.

**2.2.16.3. - Santo André de Parada** (c. Vila do Conde) – Igreja da apresentação do mosteiro da Junqueira. Esta igreja foi doada por D. Afonso Henriques ao mosteiro da Junqueira<sup>913</sup>. A 24 de Janeiro de 1311 era abade de Santo André de Parada João Domingues<sup>914</sup>. A 20 de Janeiro de 1316, continua a ser referenciado como “abade de Samtandre de Parada”<sup>915</sup>, situação que é também atestada por instrumento de 21 de Maio de 1316 e que nos confirma “Johanni Dominici Rectori Ecclesia de Parada”<sup>916</sup>.

---

<sup>904</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol. I, Parte II, Fasc. IX, Lisboa, 1977, p.1420.

<sup>905</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.103.

<sup>906</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.90vº-91.

<sup>907</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.90vº-92.

<sup>908</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.111vº-112. Aí consta: “Martino Geraldî perpetuo vicario Ecclesia Sancti Martini de Outeiro Bracharensis Diocesis”.

<sup>909</sup> Gomes, Saul António, “A relevância do monaquismo vilacondense ...”, 2004, pp. 118, 141.

<sup>910</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.115.

<sup>911</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.119vº-120vº.

<sup>912</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.48.

<sup>913</sup> *Idem, Ibidem*, Vol. II, 1959, p.505.

<sup>914</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.75.

<sup>915</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.78.

<sup>916</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.120.

Em 1320 a igreja de Parada foi taxada em 50 libras<sup>917</sup>. A 9 de Maio de 1326, Pedro do Sem e Vasco Peres, executores do rei D. Afonso IV lançam uma inquirição sobre o destino de diversas propriedades da igreja Santo André de Parada, restituindo-as e entregando-as a Estêvão Domingues, cónego regrantado do mosteiro de S. Simão da Junqueira e abade de Santo André de Parada<sup>918</sup>. Um instrumento de 10 de Abril de 1332 revela que o cónego Estêvão Domingues, continua a ser o abade de Parada, tendo-se envolvido num grave contencioso com Aparício Peres, prior do mosteiro da Junqueira, que nessa data acabaria por ser absolvido de excomunhão por D. Estêvão Pais, cónego de Braga e vigário geral pelo arcebispo D. Gonçalo<sup>919</sup>. A 19 de Dezembro de 1332, há notícia de nova contenda entre estes mesmos protagonistas, desta feita por causa de moinhos e pesqueiras em Águas Juntas, no rio Ave, levando novamente à intervenção da Sé de Braga<sup>920</sup>.

Em 27 de Maio de 1333, Estêvão Martins de Ferreiró e sua mulher, Maria Miguéis, doaram a “Stevam Domingiz abade de Parada”, uma leira de vinha<sup>921</sup>. A 17 de Fevereiro de 1340 Estêvão Domingues continua a ser referenciado como abade de Parada<sup>922</sup>. No dia 27 de Novembro de 1341, e por mediação do cónego Domingos Martins e de Domingos Pais da Cunha, juízes alvitros na questão que opunha Estêvão Domingues, abade de Santo André de Parada, a Martim Anes e sua mulher, Senhorinha Lourença, por causa das águas da enxurrada que o abade se queixava que eles encaminhavam para a seara da igreja de Parada, foi conseguido um acordo entre as partes<sup>923</sup>.

Mais tarde, em 8 de Março de 1348 surge-nos um novo titular desta igreja: “Domingos Domingiz dito Cingaez abbade de Santandre de Parada” que deu em préstimo a Vasco Pereira um casal situado em Santo André de Parada, concessão feita pelo bem e defendimento que este fazia a essa igreja, mormente através da entrega de cem libras para a dívida ao Papa e para aproveitamento da igreja<sup>924</sup>. Domingos Domingues Cingães, entretanto, deverá ter falecido ou resignado uma vez que, a 22 de Julho de 1348, o abade de Santo André de Parada já é Martim Esteves, que nesse dia solicitou ao juiz de Vermoim, João Martins, que ordenasse ao tabelião Martim Anes que

---

<sup>917</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.104.

<sup>918</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.94-95vº.

<sup>919</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.104-104vº.

<sup>920</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.108-110vº.

<sup>921</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.97vº.

<sup>922</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.97-98.

<sup>923</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.117vº-118.

<sup>924</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 114-114vº.

lhe desse um instrumento do préstimo que o seu antecessor havia feito a Vasco Pereira, para ter na igreja<sup>925</sup>. Martim Esteves deverá ter ocupado o reitorado desta igreja também durante um período de tempo relativamente curto uma vez que a 31 de Maio de 1350 Guilherme Pilote, licenciado em Leis e Raimundo Toulouse, cónego da Sé de Lisboa e vigários gerais do arcebispo de Braga, D. Guilherme (1349-1361), confirmam Lourenço Martins, clérigo da diocese de Braga como reitor da igreja de Santo André de Parada, em virtude do falecimento do seu último reitor<sup>926</sup>. A 15 de Agosto de 1365 Lourenço Martins mantinha-se como abade de Parada<sup>927</sup>.

A 26 de Dezembro de 1441 o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, anexava a igreja de Parada ao mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>928</sup>. Em 1551 continuava anexa ao mosteiro da Junqueira<sup>929</sup>, situação que se mantinha em 1568, estando integrada nos rendimentos da mesa abacial<sup>930</sup>.

**2.2.16.4. - Santa Marinha de Ferreiró** (c. Vila do Conde) – Igreja da apresentação do mosteiro da Junqueira e de S. Silvestre de Requião. Sobre esta igreja e para evitar a necessária duplicação de informação veja-se o que foi dito na respectiva entrada que lhe dedicamos ao abordarmos as igrejas do padroado do mosteiro de Requião.

#### **2.2.17 - São Torcato de Guimarães (c. Guimarães)**

S. Torcato foi, desde o seu início, e ao longo dos séculos XII e XIII, alvo de contínua protecção régia recebendo, desde logo, privilégios de D. Afonso Henriques em 1173<sup>931</sup>, surgindo contemplado no testamento de D. Afonso II com 100 morabitinos<sup>932</sup> e vendo constantemente os seus direitos e privilégios renovados quer por D. Sancho II em 1229<sup>933</sup>, quer por D. Afonso III em 1262<sup>934</sup>. Idêntica protecção lhe consagrou o papa

<sup>925</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 114-114vº.

<sup>926</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.121-122vº.

<sup>927</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.131vº.

<sup>928</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.108vº; Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.253 (nota 4). Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.811.

<sup>929</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.49.

<sup>930</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros...”, 1987, p.174.

<sup>931</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, pp.94-95 (doc. 111); Abiah Elisabeth Reuter, *Chancelarias Medievais Portuguesas - Vol. I - Documentos da Chancelaria de D. Afonso Henriques*, Coimbra, Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1938, pp.345-346 (doc. 229);

<sup>932</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.187 (doc. 196).

<sup>933</sup> *Ibidem*, Parte 2, 1931, p.200 (doc. 216).

Inocência V (1276) que confirmou, por bula pontifícia de 15 de Maio de 1276, os seus bens e privilégios<sup>935</sup>.

A 13 de Novembro de 1310, o rei D. Dinis confirmou ao cenóbio torcatense todos os privilégios que lhe haviam sido concedidos por D. Sancho II<sup>936</sup>, renovando e reafirmando a protecção ao mosteiro, seu prior, religiosos, herdades e bens por carta de 10 de Agosto de 1314<sup>937</sup>. Em 1336 o rei D. Afonso IV confirmou ao mosteiro a jurisdição cível no seu couto, pertencendo a do crime à justiça régia<sup>938</sup>. No processo de averiguação dos direitos jurisdicionais sobre o couto o mosteiro fez-se representar por um procurador de nome Domingos Gonçalves, argumentando que o couto do mosteiro lhes fora dado por D. Afonso Henriques e confirmado por D. Sancho, D. Afonso e D. Dinis, no qual metiam, anualmente, um juiz que dirimia os feitos cíveis e no caso de haver recurso das suas sentenças esse era para o prior e deste para o rei. Além disso tinham também um mordomo a quem competia fazer cumprir as penas, prender os degredados e malfeitores que se encontrassem no couto, levando-os à presença do juiz, e caso fossem questões de crime eram entregues a um cabo do couto do mosteiro e enviadas aos juizes de Guimarães. Entre as suas funções estava ainda a incumbência de zelar pela tapagem das vinhas e searas, condenando os que o não quisessem fazer<sup>939</sup>.

À semelhança do que sucedeu com o vizinho mosteiro de Santa Marinha da Costa, D. Pedro emitiu, a 21 de Outubro de 1357, carta de confirmação de todos os foros, privilégios e liberdades outorgadas e confirmadas pelos monarcas anteriores ao mosteiro de S. Torcato<sup>940</sup>, privilégios que o monarca lhe renova a 2 de Maio de 1362<sup>941</sup>.

Por esta altura a instituição parece viver algumas dificuldades económicas o que leva o arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente (1374-1397), a anexar ao mosteiro de S.

---

<sup>934</sup> *Ibidem*, Parte 2, 1931, p. 337 (doc. 262).

<sup>935</sup> *Ibidem*, Parte 2, 1931, pp.340-342 (doc. 269); Marques, Maria Alegria Fernandes, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, Coimbra, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990, p.286.

<sup>936</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.391 (doc. 292); Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”, in *Revista Portuguesa de História*, Nº 3, Coimbra, 1947, p.573.

<sup>937</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.392 (doc. 294); Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.573.

<sup>938</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.27-29 (Doc.13); *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, pp. 401-402 (doc. 310).

<sup>939</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.27-28.

<sup>940</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.406 (doc. 318); Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.577; *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.73 (Doc. 195). Fica aqui apenas uma chamada de atenção porque na chancelaria aparece integrada num rol de confirmações onde a data que as encabeça é 2 de Setembro de 1357.

<sup>941</sup> Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.577.

Torcato, a 18 de Outubro de 1374, as igrejas de S. Cosme da Lobeira e S. Romão de Rendufe<sup>942</sup>. Seriam essas dificuldades reflexo da instável situação económica, política e social do reino, ou adviriam, ou seriam agravadas por algumas despesas extraordinárias que o mosteiro fez? É que tudo indica que na segunda metade do século XIV foram efectuadas obras no mosteiro, pelo menos parece-nos essa a leitura que se pode fazer a partir de uma indicação que surge num documento datado de 2 de Agosto de 1395, uma carta de quitação passada a Martim Anes, “estromento fecto e outorgado no dicto moesteiro na casa nova”<sup>943</sup>.

Semelhante gesto de boa vontade, embora neste caso mais simbólico do que palpável, foi também levado a cabo por D. João I que confirmou, a 24 de Dezembro de 1387, todos os privilégios, foros liberdades e bons costumes de que sempre o mosteiro usara<sup>944</sup>. Também Lourenço Anes, a quem o uniam laços familiares uma vez que deveria ser irmão de um cônego de S. Torcato, de nome Martim Anes, contemplou no seu testamento o cenóbio torcatense, onde mandou enterrar o seu corpo, ordenando também a entrega de 10 libras para os cônegos, devendo estes rezar-lhe missas, incluindo uma oficiada por dia da sua sepultura<sup>945</sup>

A 31 de Março de 1390, o mosteiro recebeu a visita pastoral do arcebispo D. Lourenço, o mesmo ocorrendo com o seu sucessor no episcopado bracarense, D. Martinho (1398-1416), que visitou “pessoalmente o moesteyro de San Torquade da hordem de Sant’Agostinho” a 26 de Abril de 1410<sup>946</sup>. Na linha do verificado com os seus predecessores também o arcebispo D. Fernando da Guerra (1416-1467) visitou o mosteiro, encontrando-se aí a 21 de Janeiro de 1424<sup>947</sup>.

A 27 de Novembro de 1433 D. Duarte confirmou os privilégios do mosteiro de S. Torcato<sup>948</sup>. O mosteiro já deveria atravessar grandes dificuldades de sobrevivência nesta altura e não apenas a nível económico, também em termos de recursos humanos, não havendo capacidade de renovação da comunidade ao ponto de, em Fevereiro 1450, após o falecimento do prior D. Álvaro Martins só restar um religioso na instituição, o cônego

---

<sup>942</sup> Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.579; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.734-735.

<sup>943</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-b.

<sup>944</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. I – Tomo 3, 2005, p.143; Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.580.

<sup>945</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-c.

<sup>946</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°172; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.735-736.

<sup>947</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra...*, 1978, p.35.

<sup>948</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo 2 (1435-1438), 1998, p.81 (Doc.808); Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.580.

Frei Luís Domingues<sup>949</sup>. Apesar das tentativas do arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, no sentido de viabilizar a existência do mosteiro, primeiro colocando à sua frente o cónego sobrevivente e depois recorrendo a um cónego de S. Simão da Junqueira e, posteriormente, a um outro, de Santa Cruz de Coimbra<sup>950</sup> para o priorado deste cenóbio vimaranense, não foi possível manter aí a vida religiosa comunitária.

Essa tentativa de reanimação falhou em grande parte pelo facto de os priores aí colocados terem ocupado o cargo durante diminutos períodos temporais uma vez que faleceram pouco tempo após a provisão no priorado, ou por desistência como sucedeu com João Afonso. De facto João Afonso, o tal prior proveniente de Santa Cruz de Coimbra e que veio ocupar a cadeira prioral em 1453, acabou por resignar, levando o papa Pio II (1458-1464) a entregar o mosteiro, em 1459, a João de Barros, tesoureiro e cónego da Sé de Braga<sup>951</sup>.

O papa Sixto IV (1471-1484), a 6 de Julho de 1474, e face à ausência de comunidade monástica acabou por extinguir e unir o mosteiro de S. Torcato à Colegiada de Guimarães<sup>952</sup>. No dia 2 de Novembro de 1474 Afonso Pires de Freitas, cónego e tesoureiro da Colegiada de Guimarães, na qualidade de seu procurador, “tomou pose cível reall corporall e auctuall do dicto moesteiro em nome do dicto Cabidoo per poder e auctoridade da dicta letra apostolica do dicto nosso muy Sancto Padre papa Sixto quarto”<sup>953</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de S. Torcato:**

Ao longo da generalidade do século XIV e até à união do mosteiro à Colegiada de Guimarães, em 1474, S. Torcato deteve o padroado de pelo menos quatro igrejas: Santa Lucrécia, Rendufe, S. Cosme da Lobeira e Santo Emilião e muito provavelmente o de Santa Comba de Monte Longo, embora neste caso apenas saibamos que foi anexada ao mosteiro no séc. XV.

---

<sup>949</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.152<sup>a</sup> v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.736.

<sup>950</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fls.165,178v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.736-737, 799.

<sup>951</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.CCCV.

<sup>952</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.300 (nota 1); Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.737.

<sup>953</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N.º313; Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.45.

### **2.2.17.1 - Santa Comba de Monte Longo / Santa Comba de Fornelos** (c. Fafe) –

Igreja anexa ao mosteiro de S. Torcato. O arcebispo D. Fernando da Guerra anexou ao mosteiro de S. Torcato a “egreja de Sancta Coonba”, a 22 de Janeiro de 1424, mas apenas enquanto durasse o priorado de Álvaro Martins<sup>954</sup>. Tendo em consideração que esta igreja, em 1320, foi taxada em 70 libras<sup>955</sup>, tratava-se de uma interessante fonte de rendimento para o mosteiro. Apesar de anexa ao cenóbio torcatense em 1424 é muito provável que já fosse do padroado do mosteiro, isto se considerarmos que em Agosto de 1419 o abade da igreja de Santa Comba já era Álvaro Martins<sup>956</sup>, situação que parece manter-se até 1427, datando de 21 de Abril desse ano uma súplica de Artur Gonçalves solicitando essa igreja em virtude de o seu anterior titular ter sido promovido no priorado de S. Torcato<sup>957</sup>. No entanto o abaciado de Álvaro Martins foi intercalado uma vez que aquando da anexação ao mosteiro, em 1424, diz-se que tal anexação ocorre em virtude da renúncia que dela fez Paio Rodrigues que tinha sido confirmado nesta igreja<sup>958</sup>.

A 17 de Julho de 1492 Pedro Antão, abade de Santa Comba, juntamente com Pedro Braz, abade de Santo Adrião e Gonçalo Beitiz, lavrador e morador em Santa Comba, surge referenciado como vedor de um casal que o prior do mosteiro de Roriz e Vilarinho emprazou<sup>959</sup>. Apesar de não termos mais elementos pressupomos que se trate da mesma igreja.

### **2.2.17.2. - Santa Lucrecia de Sixto / S. Romão de Sixto**<sup>960</sup> – Igreja do padroado do

mosteiro de S. Torcato. Em 1320 a igreja de “Santa Lucrecia de Sixte” foi taxada em 20 libras<sup>961</sup>. A 19 de Setembro de 1345 era abade de Santa Logriça Gil Vicente<sup>962</sup>. Em

---

<sup>954</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.1. O professor José Marques também referencia esta anexação (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.811) no entanto a data aí apresentada é de 21 de Fevereiro de 1424. Como só nos apercebemos da incoerência destas datas numa fase final de releitura do trabalho já não tivemos oportunidade de confrontar novamente a fonte e confirmar a data, pelo que é perfeitamente admissível que a nossa leitura esteja incorrecta.

<sup>955</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.108.

<sup>956</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.479.

<sup>957</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.222.

<sup>958</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.1.

<sup>959</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.18; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.289.

<sup>960</sup> Esta freguesia também aparece referenciada como S. Romão de Sixto, tendo entretanto sido extinta e integrada na de S. Torcato, do actual concelho de Guimarães (cf. Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.256).

<sup>961</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.108.

<sup>962</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°123.



1419 esta igreja encontrava-se anexa ao mosteiro de S. Torcato<sup>963</sup>, situação que já remontava pelo menos ao último quartel do século XIV<sup>964</sup>. Uma inquirição realizada a 11 de Novembro de 1506 pela Colegiada de Guimarães, provou que a igreja de S. Romão de Sixto era anexa do mosteiro de S. Torcato, mosteiro esse entretanto integrado na Colegiada<sup>965</sup>.

**2.2.17.3. - Santo Emilião** (c. Póvoa de Lanhoso) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Torcato. A 15 de Maio de 1276 o papa Inocência V (1276) confirmou ao mosteiro vimaranense esta igreja<sup>966</sup>. A igreja de Santo Emilião, da Terra de Pedralva, foi taxada, em 1320, em 18 libras<sup>967</sup>. Uma inquirição realizada a 11 de Novembro de 1506 pelo cabido da Colegiada de Guimarães provou “que a igreja de Sam Romaa Rendufe e de Sam Romaa de Sisto e de Sam Milhaao sam annexas ao moesteiro de Sam Torcade que he do dito cabydo”<sup>968</sup>. Desconhecemos é a data em que se efectuou a anexação desta igreja ao mosteiro.

**2.2.17.4. - São Cosme da Lobeira** (fr. Atães, c. Guimarães) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Torcato. O mosteiro fica em posse do padroado desta igreja em 1349 com a doação dos direitos de padroado que diversos particulares lhe fazem a 2 e 9 de Fevereiro desse ano<sup>969</sup>. Em 1320 a igreja da Lobeira tinha sido taxada em 50 libras, o que deixa antever rendimentos interessantes<sup>970</sup>, e dos quais o mosteiro viria a usufruir a partir de 1349 ou de inícios da década de cinquenta<sup>971</sup>. Esta anexação da igreja da

---

<sup>963</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123).

<sup>964</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.285.

<sup>965</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°370, fls. 9-11.

<sup>966</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, pp.340-342 (doc. 269); Marques, Maria Alegria Fernandes, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, 1990, p.286.

<sup>967</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.105.

<sup>968</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°370, fl.9.

<sup>969</sup> Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, pp.576-577. Aquando das Inquirições de 1258 esta igreja era de padroado particular, detendo-a diversos padroeiros (cf. Coelho, Maria Helena da Cruz, “A população e a propriedade na região de Guimarães durante o século XIII”, 1990, p.155).

<sup>970</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.108.

<sup>971</sup> Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.577, faz referência a um documento de 16 de Fevereiro de 1349 que confirma a igreja da Lobeira como anexa a S. Torcato. Como ainda não tivemos oportunidade de confrontar o documento mas partindo da simples leitura desse sumário, e a avaliar pelo teor da carta de sentença de 1425, a favor da anexação da igreja da Lobeira a S. Torcato, há aqui matéria a necessitar de clarificação. É que nesse instrumento de 1425 diz-se que ela foi anexada ao mosteiro por D. Guilherme Pelote, vigário geral do arcebispo D. Guilherme (cf. AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224). Assim sendo a anexação não se pode

Lobeira, bem como da de Rendufe, ao mosteiro de S. Torcato será confirmada a 18 de Outubro de 1374, pelo arcebispo D. Lourenço Vicente (1374-1397)<sup>972</sup>. Em 1386 já era abade de S. Cosme da Lobeira João Rodrigues<sup>973</sup>, que a 11 de Julho de 1395 continua a ser referenciado no cargo, dia em que, e em representação do arcebispo de Braga, empossou Martim Anes, cónego regrante do mosteiro de São Torcato como vigário da igreja de S. Romão de Rendufe<sup>974</sup>.

De referir que, em 1419, entre as igrejas de Guimarães e Montelongo, S. Cosme da Lobeira não surge referenciada como sendo anexa de S. Torcato, aparecendo mencionadas sob esse estatuto apenas as de Rendufe e Santa Logriça de Sixto, numa altura em que o abade de S. Cosme da Lobeira era Gil Esteves<sup>975</sup>. Tal facto justifica-se pela dubiedade destas situações e dos próprios vínculos jurídicos, por vezes, pouco claros, bem como alguma ineficácia ou desorganização por parte dos cartórios.

De resto esta questão vai ser despoletada em meados da década de 20 depois do falecimento de Gil Esteves e só após D. Fernando ter confirmado João Anes Albernaz como novo abade da igreja da Lobeira, provavelmente em 1425, sendo que nessa altura “Alvaro Martinz prior pareceo depois outra vez perante nos e nos disse que ell achara hua anexaçom que fora facta ao dicto moesteiro per dom Guilherme Pellote vigairo jerall que fora do arcebispo dom Guilhelme”, dizendo também que essa anexação foi posteriormente confirmada e ratificada pelo bispo D. Lourenço<sup>976</sup>.

Perante estes factos o bispo ordenou uma inquirição provando-se que a igreja estivera, de facto, anexa a S. Torcato “seendo entom prior do dicto moesteiro dom Lourenço Martinz levando della os frutos e rendas e direitos pera o dicto moesteiro”

---

reportar a Fevereiro de 1349 uma vez que só a 25 de Outubro de 1349 D. Guilherme Pelote ou Piloto foi nomeado vigário geral (cf. Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.163 (nota 2). Sobre esta personalidade veja-se o trabalho de Rodrigues, Ana Maria S. A.; Ribeiro, João Carlos Taveira; Costa, Maria Antonieta Moreira da; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *Os capitulares bracarense (1245-1374): notícias biográficas*, 2005, p.257, onde Guilherme Piloto surge documentado como cónego de Braga entre 1350 e 1361 e identificado como vigário geral do arcebispo D. Guilherme de La Garde (1349-1361) em 1353.

<sup>972</sup> Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.33; Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.577; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.734-735. Estes dois últimos Autores apresentam esta data de 1574 como a da anexação das igrejas ao mosteiro, embora nos pareça que se trate apenas de uma simples confirmação dessa união, situação a que não seria alheio o facto de estarmos perante a chegada de um novo arcebispo, com o mosteiro a querer fazer valer-se dos seus direitos e a precaver-se de quaisquer eventualidades.

<sup>973</sup> Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Guimarães “Duas Vilas, Um Só Povo”*, 2010, p.539.

<sup>974</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-a.

<sup>975</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, pp.478-479 (doc.123); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, pp.29-30.

<sup>976</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224.

mas como o bispo já não podia “amover o dicto Johanne Annes Alvernaz asi em ella per nos confirmado” ordenou, a 24 de Abril de 1425, que assim que vagasse a igreja fosse novamente anexada ao mosteiro<sup>977</sup>. João Anes Alvernaz manteve-se no cargo até ao início de 1432, data em que ocorreu a sua transferência para outra igreja<sup>978</sup>. Nessa altura, mais concretamente a 8 de Fevereiro de 1432 o prior de S. Torcato, Álvaro Martins, toma posse da igreja de S. Cosme da Lobeira dando sequência à sentença do arcebispo de Braga<sup>979</sup>.

A partir daqui a situação desta igreja deverá ter-se mantido inalterada até porque em 1481 surge também entre as do padroado da Colegiada de Guimarães<sup>980</sup>, pelo que se deduz que tenha sido aí integrada aquando da anexação do mosteiro torcatense pela Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães.

**2.2.17.5. - São Romão de Rendufe** (c. Guimarães) – Igreja do padroado do mosteiro de S. Torcato. O padroado desta igreja foi doado ao mosteiro, a 9 de Fevereiro de 1349, juntamente com o da igreja da Lobeira<sup>981</sup>. Os rendimentos desta igreja, a avaliar pela quantia em que foi taxada em 1320, não eram muito avultados, sendo-lhe, nessa altura aplicada uma taxa de 30 libras<sup>982</sup>. A 18 de Outubro de 1374 o arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente (1374-1397), uniu as igrejas de Rendufe e S. Cosme de Lobeira ao mosteiro de S. Torcato<sup>983</sup>. A 22 de Maio de 1395 o arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente (1374-1397), após a devida apresentação do prior e convento do mosteiro de S. Torcato, confirmou Martim Anes como vigário perpétuo da igreja de S. Romão de Rendufe<sup>984</sup>. Só a 11 de Julho seguinte é que “Martim Annes conigo reglante do moesteiro de Sam Trocade” foi corporalmente empossado nesta igreja, investindo-o aí o abade de S. Cosme da Lobeira em representação do arcebispo, impossibilitado de aí se

---

<sup>977</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.736.

<sup>978</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°251.

<sup>979</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°251. Neste documento é indicado o dia 20 de Abril de 1425 como data da sentença do arcebispo D. Fernando que anexava a igreja de S. Cosme da Lobeira a S. Torcato, mas é uma nítida omissão de parte da data, provavelmente provocado por algum descuido ao fazer-se o traslado.

<sup>980</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.495 (doc.128); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, pp.34-35.

<sup>981</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.288 (nota 1). Costa, Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.577.

<sup>982</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.108.

<sup>983</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”..., 1947, p.579; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.734-735.

<sup>984</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°182.

deslocar por causa de outros negócios da diocese<sup>985</sup>. Um emprazamento do mosteiro de Souto, feito em Braga, a 25 de Abril de 1413 revela que Bernardo Anes, cónego regrante de S. Torcato era o abade da igreja de “Sam Romaa de Randufe”<sup>986</sup>. Em 1419 a igreja de Rendufe continuava anexa ao mosteiro de S. Torcato<sup>987</sup>. Com a passagem deste cenóbio para a Colegiada de Guimarães esta igreja também transitou para a Colegiada, onde ainda se mantinha em 1481<sup>988</sup>.

---

<sup>985</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, Nº183-a.

<sup>986</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.151.

<sup>987</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, p.29.

<sup>988</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.495 (doc.128); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, pp.34-35.

## **2.3. Diocese de Lamego**

### **2.3.1. - Santa Maria de Cárquere (c. Resende)**

A convivência desta instituição com outros mosteiros vizinhos nem sempre se revelou pacífica, como demonstram os conflitos com o mosteiro cisterciense de Arouca. Na década de sessenta do séc. XIII há registo de duas contendas entre estas duas instituições e que obrigaram à intervenção do bispo de Lamego<sup>989</sup>. Já no final da centúria de duzentos, mais concretamente em Abril de 1288 corria uma nova contenda envolvendo o prior de Cárquere com a abadessa, a monja Fruilhe Lourenço e o convento do mosteiro de Arouca por causa do casal de Vale da Ponte, no termo de Alvarenga<sup>990</sup>.

Segundo Augusto Dias, por esta altura, ou seja em finais do séc. XIII ou inícios do XIV, teriam decorrido importantes obras no mosteiro de Santa Maria de Cárquere, sendo, de acordo com este Autor, datável desse período a capela-mor da igreja conventual<sup>991</sup>.

Em 1321 o mosteiro de Santa Maria de Cárquere foi taxado em 900 libras<sup>992</sup>, um dos valores mais altos no cômputo geral das canónicas regantes, o que é indiciador dos rendimentos desta casa monástica. Entre os bens da instituição encontrava-se uma casa de pousada do prior na cidade de Lamego, junto à porta do castelo e que foi poupada à demolição ordenada por D. Dinis que não queria que senhores aí se instalassem<sup>993</sup>.

A 27 de Dezembro de 1337, o bispo de Lamego proibiu Lourenço Geraldês, abade da igreja de Freigil, de pagar a colheita ao mosteiro de Cárquere, em virtude de terem cedido o padroado dessa igreja ao bispado<sup>994</sup>. E se nos chegam notícias de alguma animosidade com outros senhorios eclesiásticos já as relações com os senhores laicos parecem ter sido, ao longo da primeira metade do século XIV, bastante pacíficas, ao ponto de o prior do mosteiro, D. Gonçalo Esteves, ter emprestado ao conde D. Pedro mil maravedis<sup>995</sup>.

---

<sup>989</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco ...*, 2003, p.35 (nota 21).

<sup>990</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 147,318-319 (doc.38).

<sup>991</sup> Dias, Augusto, *Santa Maria de Cárquere*, Porto, Edições “Beira e Douro”, 1976, pp.23-24.

<sup>992</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.117.

<sup>993</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.321.

<sup>994</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, pp.336-337.

<sup>995</sup> Sousa, D. António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo I, Livro I, 1946, p.177; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.83.

O século XV parece ficar marcado por uma nítida estratégia dos regentes na tentativa de afirmação e valorização do santuário mariano de Cárquere através da veiculação da aproximação e ligação de D. Afonso Henriques ao mosteiro e a Egas Moniz seu patrono como se poderá depreender da Crónica de 1419<sup>996</sup>.

A 17 de Novembro de 1455 D. Afonso V toma sob sua guarda e encomenda o prior e o mosteiro de Santa Maria de Cárquere<sup>997</sup>.

Em 17 de Abril de 1486 D. João II coloca o mosteiro sob a sua protecção<sup>998</sup>. Em 1500 foi erguida no claustro do mosteiro a capela da Senhora da Piedade, a expensas de D. Maria de Castro, capela que serviria de panteão aos Resendes<sup>999</sup>, dando assim cumprimento às suas próprias disposições testamentárias, vontade que constava do testamento que havia lavrado em 1473, embora viesse a falecer apenas em 1517<sup>1000</sup>. É curioso verificar, sobretudo a partir da segunda metade do séc. XV e até à década de trinta do séc. XVI uma forte ligação, disputa e tentativa de dominação das principais famílias nobres, com implantação na região, ao mosteiro de Cárquere alcançando, nesse período, o priorado desta canónica representantes dos FONSECAS, CARDOSOS, COELHOS e CASTROS, mormente através dos priores Rui Vasques da Fonseca, Lucas Cardoso, Diogo Coelho, João de Castro e Francisco Coelho<sup>1001</sup>.

O início do século XVI fica marcado por diversas obras levadas a cabo no mosteiro, devendo ter terminado por volta de 1519<sup>1002</sup>.

Este período, à semelhança do que sucedeu com outras canónicas regentes, fica também marcado pela presença dos priores comendatários à frente da sua gestão. Entre esses poderemos destacar os cerca de vinte anos em que Francisco Juzarte deteve o priorado, transitando depois a comenda para o bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas que foi

---

<sup>996</sup> Esta mesma ideia foi ainda recentemente reafirmada por José Mattoso (cf. Martins, Luís Almeida, “D. Afonso Henriques: 900 anos de mitos”, in *Visão*, Nº 859 (13 a 19 de Agosto de 2009), p.71). O relato dessa ligação de D. Afonso Henriques a Egas Moniz e a Cárquere surge no 2º capítulo da Crónica de D. Afonso Henriques (cf. “Crónica de D. Afonso Henriques” in *Crónica de cinco reis de Portugal seguida da Crónica Geral de Espanha que insere as Histórias dos reis de Portugal*, Vol. I, Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, Porto, Livraria Civilização-Editora, 1945, pp. 48-50).

<sup>997</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 15, fl.45vº. Curiosamente nesta carta, e ao colocar a instituição sob a sua protecção, acaba por se referir ao superior hierárquico do mosteiro como seu “abade”. Esta é uma situação que não sendo muito usual, também não é inédita e deriva naturalmente do desconhecimento ou confusão provocada pela diferente terminologia aplicada aos superiores das casas monásticas.

<sup>998</sup> IAN/TT- Chancelaria de D. João II, Livro 1, fl.110.

<sup>999</sup> Dias, Augusto, *Santa Maria de Cárquere*, 1976, p.47.

<sup>1000</sup> Pinto, Joaquim Caetano, *Resende - Monografia do seu concelho*, Braga, 1982, p.105.

<sup>1001</sup> Sobre estes priores e a sua acção governativa consulte-se as respectivas entradas que lhes são dedicadas no Anexo prosopográfico.

<sup>1002</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV (Renascimento II), Lamego, 1984, p.349.

provido no cargo em 1532 mas, provavelmente, só confirmado em 1534<sup>1003</sup>. Em 1540 seria provido como comendatário desta canónica regante D. Duarte<sup>1004</sup>.

Em 1541, D. João III, equacionava fazer de Cárquere a primeira morada dos Jesuítas em Portugal, cedendo ao Padre Simão Rodrigues esse mosteiro, no entanto o jesuíta preferia instalar-se em Lisboa, ficando então aí com a casa dos cónegos de Santo Antão, que era comenda de D. Ambrósio Pereira, bispo de Rusiona, de quem D. João III conseguiu a renúncia em troca da comenda do mosteiro de Cárquere, à altura, em posse do infante D. Duarte<sup>1005</sup>, seu filho e arcebispo de Braga (1542-1543).

A este respeito o embaixador Baltasar de Faria dava conta ao secretário do rei, Pedro de Alcáçova Carneiro, por carta de 4 de Outubro de 1542, que o bispo D. Ambrósio já lhe tinha enviado as procurações para resignar a Santo Antão, faltando as procurações de D. Duarte referentes a Cárquere, sem as quais “se nom pode fazer nada”<sup>1006</sup>. O certo é que D. Ambrósio assumiu a comenda, mantendo-se como comendatário da instituição até ao início da segunda metade da década de cinquenta altura em que resignou, previsivelmente a pedido ou por pressão dos regentes de Santa Cruz de Coimbra que tencionavam integrar o mosteiro de Cárquere na Congregação, como se infere pelo facto de o substituto de D. Ambrósio ser António Nogueira, um cónego proveniente do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>1007</sup>.

Apesar das diversas diligências subsequentes, a situação manteve-se inalterada até ao final da década de cinquenta, altura em que, e apesar do empenho de D. Francisco, prior geral da Congregação de Santa Cruz, junto da rainha D. Catarina no sentido de unir Cárquere à Congregação, dando seguimento às intenções do falecido D. João III, a decisão régia, aparentemente influenciada pelo cardeal D. Henrique, foi desfavorável às pretensões dos crúzios, com D. Catarina a solicitar, em 1558 autorização à Santa Sé

---

<sup>1003</sup> *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do Mundo desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias*, ordenado e composto pelo Visconde de Santarem, continuado e dirigido pelo sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa Luiz Augusto Rebello da Silva, Tomo X – Secção XVII (Relações políticas e diplomaticas entre Portugal e a Curia de Roma), Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1866, p.383; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.544.

<sup>1004</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 452-455.

<sup>1005</sup> Tellez, M. Balthazar, *Chronica da Companhia de Jesu...*, Primeira Parte, Livro Primeiro, Cap. XVI, Lisboa, 1645, pp.77-81; Nemésio, Vitorino, *O campo de São Paulo: A companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563)*, Vol. XXIII das Obras Completas de Vitorino Nemésio, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001, pp. 155-156; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.545; Pinto, Joaquim Caetano, *Resende - Monografia do seu concelho*, 1982, p.136.

<sup>1006</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo V, 1874, p.120.

<sup>1007</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, Nº.137.

para dar o mosteiro à Companhia de Jesus<sup>1008</sup>. Em 1560 a situação do mosteiro encontrava-se enredada num certo impasse tendo-se reunido o Capítulo Geral da Congregação de Santa Cruz para decidir a entrega ou não à rainha de cartas enviadas de Roma por cónegos crúzios referentes à anexação do mosteiro de Cárquere aos jesuítas<sup>1009</sup>.

A 27 de Outubro de 1561 Lourenço Pires de Távora, embaixador em Roma, dava conta ao rei que para pagar a composição da união do mosteiro de Cárquere ao da Companhia de Jesus pediu um empréstimo de 970 ducados à família Cavalcante, solicitando ao monarca que mandasse saldar essa dívida<sup>1010</sup>.

Ultrapassadas todas estas questões, o papa Pio IV (1559-1565), em Abril de 1562, emitia a bula que colocava Cárquere sob a gestão do Colégio de Jesus de Coimbra embora com a salvaguarda de se manterem os cónegos regrantes e a vida conventual, o que parece ter acontecido até 15 de Março de 1576, altura em que Gregório XIII (1572-1585) suprime a mesa conventual passando a Companhia de Jesus a deter o pleno domínio sobre o mosteiro de Cárquere<sup>1011</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Cárquere:**

Apesar dos regrantes de Cárquere possuírem direitos em diversas igrejas da diocese de Lamego, como revela a bula pontifícia de Nicolau III (1277-1280), datada de 17 de Novembro de 1279, mormente nas igrejas de Santa Cruz de Lumiares, S. Martinho das Chãs, S. Salvador de Resende, Santa Maria de Freigil, Santa Maria de Caria, S. João de Figueira e Santo André de Rapa<sup>1012</sup>, o certo é que o mosteiro apenas deteve a plenitude dos direitos de padroado, ao longo dos séculos XIV e XV, na igreja de Alvarenga.

Importa também relembrar que até ao início do séc. XIV Cárquere exerceu o direito de padroado na igreja de Santa Maria de Freigil (c. Resende), direito que cedeu ao bispo de Lamego em data anterior a 1337<sup>1013</sup>. No século XVI, aquando da passagem de Cárquere para a Companhia de Jesus, foram-lhe anexadas as igrejas de Santa Cruz de Lumiares (fr. S. Martinho das Chãs, c. Armamar) e S. Martinho das Chãs (c. Armamar),

---

<sup>1008</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.545.

<sup>1009</sup> *Actas dos Capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, publicadas por Mário Brandão, Coimbra, Publicações do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, 1946, pp. 57-58 (doc. XLVII).

<sup>1010</sup> *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.388-389.

<sup>1011</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, pp.545-546.

<sup>1012</sup> Marques, Maria Alegria Fernandes, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, 1990, p.286.

<sup>1013</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, pp.336-337.



até aí do padroado régio<sup>1014</sup>, mas que, como exposto acima, pelo menos na segunda metade do séc. XIII integravam o padroado do mosteiro.

Cárquere detinha ainda direito de apresentação, embora em regime de compadroado com a Sé de Viseu, na igreja de Santa Maria de Moledo.

**2.3.1.1. - Santa Cruz de Alvarenga** (c. Arouca.) – Igreja do padroado do mosteiro de Cárquere. O mosteiro apresentava aí o pároco e recolhia os dízimos<sup>1015</sup>. Em 1321 esta igreja foi taxada em trinta libras<sup>1016</sup>. Por carta de legitimação passada a 16 de Março de 1453 ficamos a saber que Álvaro Afonso, prior claustral do mosteiro de Cárquere era também abade da igreja de Alvarenga<sup>1017</sup>. A 31 de Julho de 1496 “Joham d’Azevedo abade d’Alvarengua” encontrava-se no mosteiro de Cárquere, surgindo entre as testemunhas de um empraçamento aí efectuado<sup>1018</sup>. Este mesmo João de Azevedo surge a testemunhar novos empraçamentos feitos no mosteiro de Cárquere a 22 e 27 de Janeiro de 1497, continuando a ser aí identificado como abade de Alvarenga<sup>1019</sup>. No século XVI esta igreja ainda se mantinha no padroado do mosteiro de Cárquere<sup>1020</sup>, cabendo a confirmação do pároco ao bispo de Lamego, taxada em um marco<sup>1021</sup>. Para essa centúria, e de entre os seus titulares, conhece-se Jorge Lourenço, cónego da Sé de Braga, que a deteve na segunda metade de quinhentos<sup>1022</sup>.

**2.3.1.2. - Santa Cruz de Lumiares** (fr. S. Martinho das Chãs, c. Armamar) – Igreja do padroado do mosteiro de Cárquere. Em 1279 já era do padroado do mosteiro<sup>1023</sup>. Em 1321 a igreja de Santa Cruz do couto de Lumiares foi taxada em trinta libras<sup>1024</sup>. No século XVI, por volta de 1550, ainda é referenciada como sendo do padroado do mosteiro de Cárquere<sup>1025</sup>. Com a passagem do mosteiro para a Companhia de Jesus esta

---

<sup>1014</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.174.

<sup>1015</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.382.

<sup>1016</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.117.

<sup>1017</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.32; Teixeira, Sónia Maria de Sousa Amorim, *A vida privada entre Douro e Tejo ...*, 1996, p.232.

<sup>1018</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°85.

<sup>1019</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 88, 89.

<sup>1020</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.287.

<sup>1021</sup> *Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*, 1999, p.23.

<sup>1022</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV, 1984, p.432.

<sup>1023</sup> Marques, Maria Alegria Fernandes, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, 1990, p.286.

<sup>1024</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.117.

<sup>1025</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.287.

igreja foi anexada a Cárquere bem como a de S. Martinho das Chãs, embora nessa altura, e segundo parece, estava no padroado régio<sup>1026</sup>.

**2.3.1.3. - Santa Maria de Caria** (c. Moimenta da Beira) – Igreja do padroado do mosteiro de Cárquere. Em 1321 a igreja de Santa Maria de Caria foi taxada em 300 libras<sup>1027</sup>. Os seus altos rendimentos deverão ter despertado diversos interesses. O certo é que no início da segunda metade do séc. XIV já integrava o padroado régio, acabando D. João I por uni-la, em 1411-1412, aos Estudos Gerais de Lisboa, em virtude da concessão papal para que pudesse canalizar os rendimentos de uma igreja de cada diocese para os Estudos Gerais<sup>1028</sup>. Desconhecemos, em concreto, até que data Caria se manteve debaixo do padroado de Cárquere, e sendo de admitir que tal vínculo se tenha prolongado pela primeira metade do séc. XIV, os elementos de que dispomos, e como já vimos acima, apenas nos permitem confirmá-lo para o séc. XIII. De resto, em 1290 o bispo de Lamego, D. João (1285-1296), confirmou para a igreja de Caria o clérigo Rodrigo Domingues aí apresentado pelo prior e convento do mosteiro de Cárquere<sup>1029</sup>.

**2.3.1.4. - Santa Maria de Moledo** (c. Castro Daire) – Igreja do padroado do mosteiro de Cárquere e do cabido da Sé de Viseu. Em 1321 esta igreja foi taxada em noventa libras<sup>1030</sup>. Não temos grandes informações sobre esta igreja mas à luz de dois documentos da segunda metade do séc. XV tudo indica que nessa altura o direito de apresentação era repartido por Cárquere e pelo cabido da Sé de Viseu, é que a 3 de Fevereiro de 1469 o bispo de Viseu, D. João Gomes de Abreu (1464-1482), “a nossa colaçom e apresentaçom e da nossa Igreja de Vyseu estatuyamos e confirmamos” Gonçalo Martins, clérigo de missa, como abade da igreja de Santa Maria de Moledo, igreja que se encontrava vaga por morte de Pedro Nunes, seu último abade<sup>1031</sup>. A 14 de Fevereiro de 1477, o bispo viseense, D. João de Abreu, confirma João Vaz (ou João Vasques) “creliguo dordees d’epistola” para abade da igreja de Santa Maria de Moledo

---

<sup>1026</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.174.

<sup>1027</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.118.

<sup>1028</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.137; Marques, A. H. de Oliveira, Portugal na crise dos séculos XIV e XV, 1987, p.411. A certidão da anexação da igreja de Caria à Universidade de Lisboa, é de 26 de Agosto de 1430 (cf. Sá, A. Moreira de, *O infante D. Henrique e a Universidade*, Coleção Henriquina-11, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, p.101).

<sup>1029</sup> IAN/TT - Cabido da Sé de Lamego, Papéis avulsos, caixa 10, maço.1, n.º 5.

<sup>1030</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.119.

<sup>1031</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º61.

por “apresentaçom do prior e conegos do mosteiro de Carquere” em virtude da igreja se encontrar vaga pela renuncia que Gonçalo Martins, seu último abade, fizera dela no dia 12 de Fevereiro através do seu procurador João Vaz de Moledo<sup>1032</sup>. É muito provável que este procurador seja o novo abade provido na igreja, de resto é também curioso verificar a presença de Gonçalo Fernandes, cónego de Cárquere, entre as testemunhas da procuração de renúncia<sup>1033</sup>, e que poderá ter duas interpretações, por um lado pode considerar-se uma situação natural, relacionada com a defesa dos interesses do mosteiro uma vez que se trata de uma igreja do seu padroado, portanto uma situação simples de acompanhamento do processo, por outro é expectável que tenha havido alguma pressão por parte de Cárquere para que Gonçalo Martins renunciasse.

**2.3.1.5. - S. Martinho das Chãs** (c. Armamar) – Igreja do padroado do mosteiro de Cárquere. Em 1279 é referenciada como sendo do padroado do mosteiro<sup>1034</sup>. No século XVI ainda se mantinha entre as igrejas sob jurisdição de Cárquere<sup>1035</sup>, tendo-lhe mesmo sido anexada, após a passagem deste instituto regrante para a Companhia de Jesus<sup>1036</sup>.

---

<sup>1032</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°67; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.173.

<sup>1033</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°67.

<sup>1034</sup> Marques, Maria Alegria Fernandes, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, 1990, p.286.

<sup>1035</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.287.

<sup>1036</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.174.

## **2.4. Diocese do Porto**

### **2.4.1. - Santa Maria de Vila Boa do Bispo (c. Marco de Canaveses)**

Em 1297, o papa Bonifácio VIII (1295-1303) confirmou a Regra de Santo Agostinho ao mosteiro de Vila Boa<sup>1037</sup>.

Entre os seus padroeiros encontrava-se D. Beringária Aires que também possuía direitos de padroado nos mosteiros agostinhos de Vilarinho, Vilela, Freixo e Ancede sendo que, a 12 de Agosto de 1302, doou ao bispo do Porto, D. Geraldo (1300-1308), os direitos e jurisdições que detinha nessas casas monásticas, à exceção dos mosteiros de Vila Boa e Ancede<sup>1038</sup>. De resto D. Beringária e o seu marido, D. Rodrigo Garcia de Paiva, tinham doado, em Outubro de 1286, ao mosteiro de Vila Boa, a sua quinta de Cortegaça com três casais que aí possuíam e ainda um casal em Louredo<sup>1039</sup>.

A avaliar pela taxaço de 1500 libras que lhe foi aplicada em 1320-1321<sup>1040</sup>, Santa Maria de Vila Boa do Bispo detinha uma excelente saúde financeira, sendo, aparentemente, e tendo em consideração este indicador, dos mosteiros agostinhos com mais robustez económica. Da documentação coeva que nos chega nota-se algum dinamismo dos responsáveis da instituição na gestão do património com a realização de diversos contratos enfitêuticos<sup>1041</sup>.

As relações do mosteiro com os senhores locais parecem pacíficas, de resto D. Nicolau Martins, que ocupou o priorado de Vila Boa do Bispo praticamente nos últimos dois terços da primeira metade do séc. XIV, era proveniente dessa nobreza local<sup>1042</sup>.

Ao longo do séc. XIV os priores de Vila Boa revelam-se bastante interventivos, não sendo de estranhar que o responsável máximo desta instituição seja um dos signatários, juntamente com os abades de Pedroso, Pendorada e Paço de Sousa, do pedido de rectificação das constituições sínodais do Porto, de 20 de Fevereiro de 1360<sup>1043</sup>. O prior de Vila Boa foi também um dos que participou na assembleia de 24 de

---

<sup>1037</sup> Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo...*, 1990, p.85.

<sup>1038</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 332-333, 642.

<sup>1039</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.10.

<sup>1040</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1041</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Docs.12, 13, 14, 15, 16.

<sup>1042</sup> Veja-se, entre outros, Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IV, p.289; António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, Edição do Autor, 1988, p.100.

<sup>1043</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°704, fl.780; Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, Dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1938, p.62.

Agosto de 1387, pela qual se instituiu a celebração de sufrágios entre os diversos mosteiros agostinhos e beneditinos das dioceses do Porto e de Braga aí presentes<sup>1044</sup>.

A 25 de Dezembro de 1433 D. Duarte confirmou os privilégios do mosteiro<sup>1045</sup>. O século XV, à semelhança do que sucede com a generalidade dos outros mosteiros fica marcado pela entrada dos comendatários, situação que ocorre na segunda metade do séc. XV e que se prolongará até à integração desta canónica de invocação mariana na Congregação de Santa Cruz. Foi seu último prior comendatário D. Miguel de Almeida que deteve a comenda entre 1565 e a entrada do mosteiro na Congregação de Santa Cruz, na década de noventa do século XVI<sup>1046</sup>. A 23 de Maio de 1594, o papa Clemente VIII (1592-1605) passou as letras de união e reformação de vários mosteiros, incluindo o de Vila Boa, que seria, corporalmente, integrado na Congregação a 10 de Fevereiro de 1595<sup>1047</sup>. No entanto e apesar das tentativas reformistas e do esforço no sentido da integração plena na Congregação de Santa Cruz houve grande oposição por parte de D. Miguel de Almeida seu prior comendatário<sup>1048</sup>, que viria a falecer em 1605, altura em que a Congregação assume a plena posse do mosteiro<sup>1049</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Vila Boa do Bispo:**

O mosteiro detinha o direito de padroado nas paróquias de Santa Maria de Lidrais, São Lourenço de Riba Douro, São Gens de Boelhe, S. Tiago de Passô, São Romão de Paredes, S. Miguel de Bairros e em copadroado as igrejas de Santa Marinha de Tropeço e S. Martinho de Várzea do Douro, esta última em alternância com S. João de Alpendorada<sup>1050</sup>.

---

<sup>1044</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas ...*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257.

<sup>1045</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.196 (Doc.342).

<sup>1046</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IV, p.289.

<sup>1047</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.162-163. Já Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IV, p.289, aponta o ano de 1605 para essa inclusão e data o breve de Clemente VIII, de 1593, teses em que foi seguido por Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, 1988, p.84.

<sup>1048</sup> Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo ...*, 1990, pp.482-483.

<sup>1049</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.162-163; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IV, p.289; Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, 1988, p.84.

<sup>1050</sup> Há algumas igrejas enunciadas por outros Autores como integrantes do padroado monástico de Vila Boa do Bispo mas que para o período medieval de que nos ocupámos ainda não encontramos o necessário suporte documental. De um modo geral as igrejas aqui enunciadas são as apresentadas por Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo ...*, 1990, p.90, que diz que o mosteiro detinha o direito de padroado nas paróquias de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, Santa Maria de Lidrais (Marco de Canaveses), São Lourenço de Riba Douro (Marco de Canaveses), São Gens de Boelhe (Penafiel) e São Miguel de Paredes, Paredes de Viadores (Marco de Canaveses) e em alternância com S. João de Alpendorada a igreja de S.

**2.4.1.1. - Santa Marinha de Tropeço** (c. Arouca) – Igreja do padroado dos mosteiros de Vila Boa e Paço de Sousa. O mosteiro exercia assim, alternadamente, o direito de apresentação com o mosteiro de Paço de Sousa, remontando esse acordo a Janeiro de 1272, altura em que D. Domingos Martinho, prior do mosteiro de Vila Boa celebrou uma composição com D. Rodrigo, abade de Paço de Sousa, para a alternância de apresentação nessa igreja<sup>1051</sup>. Frei Pedro Anes foi seu pároco no final do século XIII e provavelmente início do XIV<sup>1052</sup>. A 1 de Junho de 1306 João Pais surge identificado como capelão de Santa Marinha de Tropeço<sup>1053</sup>. Em 1321 esta igreja foi taxada em 70 libras<sup>1054</sup>.

No início da década de 60 do século XV o reitor desta igreja, da diocese de Lamego, era Gonçalo Anes que por bula de Pio II, de 18 de Maio de 1463, foi nomeado para o abaciado do mosteiro de Rendufe<sup>1055</sup>. Em 1537 era seu abade Jorge Gonçalves<sup>1056</sup>.

**2.4.1.2. - Santa Maria de Nidraes** (c. Marco de Canaveses) – Igreja do padroado do mosteiro de Vila Boa. Esta igreja situava-se dentro do couto do mosteiro, tendo-lhe sido anexada, a 16 de Janeiro de 1260, pelo bispo do Porto, D. Julião Fernandes (1247-1260), acordando-se também a forma como passaria a ser feita a apresentação do pároco, ficando essa apresentação a cargo do prior que aí deveria colocar um cônego da

---

Martinho de Várzea do Douro (Marco de Canaveses) S. Tiago de Passo e Sever no bispado de Lamego, parte do de Santa Marinha de Tropeço e o de S. Miguel de Bairros, in solidum, da diocese de Lamego. Já Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, 1988, p.83, faz referência apenas às paróquias de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, Santa Maria de Lidrais, São Lourenço de Riba Douro, São Gens de Boelhe e São Miguel de Paredes. A generalidade dos direitos do mosteiro sobre estas paróquias ainda se mantinha no início do séc. XVIII adiantando o Padre António Carvalho da Costa que o mosteiro de Vila Boa tinha direito a dois terços da renda da igreja de S. Romão de Paredes, enquanto que na de S. Miguel de Bairros apresentavam vigário e tinham direito aos dízimos, já em Santiago de Paços beneficiavam de um terço da renda, o mesmo sucedendo em S. Miguel de Pacinhos, apresentando ainda nas abadias de S. Martinho da Várzea, alternadamente com Pendorada, S. Lourenço do Douro e S. Gens de Boelhe (cf. Costa, António Carvalho da, *Corografia ...*, Tomo I, 1706, pp.399-400).

<sup>1051</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, publicadas e prefaciadas por Alfredo Pimenta, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Publicações Comemorativas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal), 1942, pp. 22, 90, 161; Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco ...*, 2003, p.141 (nota 30).

<sup>1052</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.405.

<sup>1053</sup> Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca*, vol. II, 2003, p.125 (Doc. Nº 80 do Apêndice Documental).

<sup>1054</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.117.

<sup>1055</sup> Mattoso, José, “O mosteiro de Rendufe (1090-1570)”, in *Religião e cultura na Idade Média Portuguesa*, 2ª ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp. 236, 269.

<sup>1056</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.405.

instituição<sup>1057</sup>. A igreja de Santa Maria de Nidraes ou Lidrais deverá ter sido extinta entre 1514 e 1542<sup>1058</sup>.

**2.4.1.3. - São Gens de Boelhe** (c. Penafiel) - Igreja do padroado do mosteiro de Vila Boa. Desconhecemos a data ou datas em que esta igreja integrou o padroado monástico de Vila Boa, até porque o padroado de S. Gens tinha sido doado, em finais do séc. XI, ao mosteiro de Paço de Sousa<sup>1059</sup>. Independentemente das necessárias averiguações e aprofundamento desta questão, o certo é que a apresentação do pároco desta igreja, nos séculos finais da Idade Média, era da competência do mosteiro de Vila Boa<sup>1060</sup>, situação que ainda se mantinha no início do séc. XVIII<sup>1061</sup>.

**2.4.1.4. - São Lourenço de Riba Douro** (c. Marco de Canaveses)<sup>1062</sup> – Igreja do padroado do mosteiro de Vila Boa. A 16 de Janeiro de 1260 o mosteiro e o bispo do Porto, D. Julião Fernandes (1247-1260), chegam a acordo quanto à forma de apresentação de pároco nesta igreja, ficando a cargo do prior de Vila Boa a apresentação do pároco<sup>1063</sup>. Em 1320 a igreja de S. Lourenço foi taxada em 45 libras<sup>1064</sup>.

**2.4.1.5. - S. Martinho da Várzea**<sup>1065</sup> (c. Marco de Canaveses). Igreja da apresentação de Vila Boa em alternância com S. João de Alpendorada. Instrumentos de 1266 e 1277 revelam que esta igreja era do padroado dos dois mosteiros<sup>1066</sup>, convivência que nem sempre foi pacífica, registando-se um contencioso entre as duas instituições a 3 de Abril de 1320 por causa da apresentação do pároco para essa igreja<sup>1067</sup>. Neste mesmo ano de

---

<sup>1057</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp.356-358, 648; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas ...*, Tomo I, 1923, pp.247-248; Oliveira, Padre Miguel de Oliveira, *As paróquias rurais portuguesas: sua origem e formação*, Lisboa, 1950, p.151. As datas apresentadas por Monsenhor José Augusto Ferreira e a do texto do Censual não são coincidentes, pelo que seguimos a primeira porque a do “Censual” não foi correctamente transcrita, sendo mesmo anacrónica em relação ao bispado em causa. Esta igreja teve também padroeiros laicos (cf. Maurício, Maria Fernanda, *Entre Douro e Tâmega ...*”, 1997, p.186).

<sup>1058</sup> Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, 1988, pp.44,87.

<sup>1059</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, 1942, p.6.

<sup>1060</sup> Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, 1988, p.83; Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo ...*, 1990, p.90; *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.309.

<sup>1061</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa ...*, Tomo I, 1706, p.400.

<sup>1062</sup> Pressupomos tratar-se da actual freguesia de S. Lourenço do Douro, do concelho de Marco de Canaveses.

<sup>1063</sup> Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas ...*, Tomo I, 1923, pp.247-248; *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp.356-358, 648.

<sup>1064</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1065</sup> Actualmente S. Martinho de Várzea do Douro.

<sup>1066</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Docs.8, 11.

<sup>1067</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.17.

1320 a igreja de S. Martinho da Várzea, da Terra de Gouveia e Benviver, foi taxada em 50 libras<sup>1068</sup>.

**2.4.1.6. - São Miguel de Bairros** (c. Castelo de Paiva) – Igreja do padroado do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Aquando das inquirições de 1258 esta igreja já se encontrava integrada no padroado de Vila Boa do Bispo. No século XVI o mosteiro ainda aí exercia o direito de padroado<sup>1069</sup>.

**2.4.1.7. - São Tiago de Paçô** – Igreja do padroado do mosteiro de Vila Boa. Exerceu aí o direito de padroado “in solidum” até inícios do século XVI, passando depois a ser em alternativa com o papa e o bispo de Lamego<sup>1070</sup>. Em 1537 era seu abade o Padre Lucas da Horta<sup>1071</sup>.

**2.4.1.8. - São Romão de Paredes**<sup>1072</sup> (c. Marco de Canaveses) – Igreja do padroado do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Em 1320 a igreja de Paredes foi taxada em 80 libras<sup>1073</sup>. A 4 de Março de 1466, por bula de Paulo II (1464-1471), a igreja de São Romão de Paredes foi anexada à mesa conventual do mosteiro de Vila Boa<sup>1074</sup>.

#### **2.4.2. - Santo André de Ancede (c. Baião)**

As origens do mosteiro de Ancede, ou pelo menos os seus primeiros tempos, estão intimamente ligados ao nosso primeiro rei, realidade que também perpassa na fábula<sup>1075</sup>. Efectivamente, D. Afonso Henriques beneficiou os regrantes de Ancede,

---

<sup>1068</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1069</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, Lamego, 1979, p.14.

<sup>1070</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.154.

<sup>1071</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.154.

<sup>1072</sup> Actualmente S. Romão de Paredes de Viadores.

<sup>1073</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1074</sup> Amado, José de Sousa, *Historia da Egreja Catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguezas*, Tomo VI (Desde Eugénio IV-1431, até Alexandre VI-1503), Lisboa, Typographia de G. M. Martins, 1874, p.50.

<sup>1075</sup> É por demais conhecida a lenda associada ao nome deste mosteiro e que passamos a reproduzir: “Como aquele sítio era muito falto de água para beber, trataram os cónegos de mudar o Mosteiro, para o lugar onde hoje está por ser abundante de águas, de que deram conta a el-rei Dom Afonso Henriques para lhe dar alguma ajuda para o novo Mosteiro, o que ouvindo o grande Rei disse: - Suposto que os cónegos ham Sede, mudem o Mosteiro, que eu os ajudarei. E deste dito de el-rei ficou chamado o Mosteiro de Ancede.” (cf. Braga, Teófilo, *Contos tradicionais do povo português*, vol.1, 2ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1994, p.254; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327).



atribuindo-lhes carta de couto a 24 de Abril de 1141<sup>1076</sup>. De resto, aquando da inquirição de 1258, e quando D. Diogo, o prior de Ancede à altura, foi questionado sobre o couto do mosteiro disse que tinha sido coutado pelo rei e mostrou o documento aos inquiridores<sup>1077</sup>. A adopção da regra dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho por parte dos religiosos de Ancede remonta também aos inícios do governo do nosso primeiro monarca, tudo indicando que em 1141 já tinha sido aí adoptada<sup>1078</sup>, sendo referenciado nessa altura como seu prior D. Adaúfo<sup>1079</sup>.

Não são muitos os dados que nos permitem reconstituir a história desta comunidade agostinha, sobretudo para o século XIV, embora o mosteiro pareça ter uma situação económica relativamente estável nas primeiras décadas dessa centúria, tendo sido, em 1320, taxado em 550 libras<sup>1080</sup>.

A 9 de Fevereiro de 1365 D. Pedro I confirma ao prior e convento do mosteiro de Ancede todos os privilégios, foros, liberdades e bons costumes de que sempre usaram<sup>1081</sup>. Estes mesmos privilégios e foros são reconfirmados ao mosteiro por D. Fernando, a 22 de Março de 1367<sup>1082</sup>.

Em 1374 o prior Vasco Martins, juntamente com o convento de Ancede, arrenda a Domingos Pires e a sua mulher as casas que tinham na ribeira de Gaia, casas essas que permitiam ao mosteiro adquirir o estatuto de vizinho da cidade, usufruindo assim dos privilégios dados aos moradores do Porto<sup>1083</sup>, uma situação que acabaria por gerar múltiplas questões com o concelho do Porto. O destino final das queixas dos regrantes de Ancede era o monarca e o móbil da questão é sempre o mesmo: o impedimento da venda e escoamento do vinho. Assim, ainda na segunda metade da década de setenta o prior de Ancede queixa-se que os vereadores do Porto não o deixam aí vender todos os vinhos da colheita como qualquer vizinho da cidade, fazendo-se sentir a intervenção régia a 25 de Janeiro de 1377 com D. Fernando a enviar carta às autoridades do Porto para que permitam que o prior e o mosteiro de Ancede aí vendam o seu vinho na

---

<sup>1076</sup> Reuter, Abiah Elisabeth, *Chancelarias Medievais Portuguesas - Vol. I - Documentos da Chancelaria de D. Afonso Henriques*, Coimbra, Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1938, pp.151-153 (doc. 107).

<sup>1077</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol I, Pars II, Fasciculus VIII, 1961, p.1186.

<sup>1078</sup> Mattoso, José, “O Monaquismo Ibérico e Cluny”, in *Obras Completas de José Mattoso (vol. 12)*, tradução de João Luís Fontes, Círculo de Leitores, 2002, p.14.

<sup>1079</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.6; *Documentos Medievais Portugueses - Documentos Régios*, vol. I, Tomo I1958, p.231 (doc.187).

<sup>1080</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1081</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.461 (Doc.985).

<sup>1082</sup> IAN/TT- Chancelaria de D. Fernando, Livro 1, fl.37vº.

<sup>1083</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.53, 67-68 (Doc.1 do Apêndice).

qualidade de vizinhos que eram da cidade<sup>1084</sup>. Apesar de D. Vasco Martins ter obtido esta sentença favorável contra o concelho, atestando a sua vizinhança da cidade, a 16 de Março de 1378 mantinha-se o embargo aos vinhos de Ancede, com novas queixas para a Coroa e nova sentença favorável<sup>1085</sup>.

Também D. João I, encontrando-se no Porto, por carta de 7 de Outubro de 1385, e face às queixas apresentadas pelo prior de Ancede, ordenou que fossem defendidos os privilégios e casas que o mosteiro possuía no Porto e em Vila Nova de Gaia<sup>1086</sup>.

A 4 de Novembro de 1393 em reunião da vereação da Câmara do Porto foi decidido que alguns abades e priores, detentores do estatuto de vizinhos da cidade, teriam de emprestar dinheiro, sob pena de perderem tal regalia, para assegurar as despesas com a ida de Gil Vicente e Vasco Martins à Corte, suportadas na aquisição de mulas e gastos com os acompanhantes, sendo que ao prior de Ancede eram requeridas trezentas libras<sup>1087</sup>.

A 15 de Outubro de 1395, D. João I confirmou todos os privilégios ao cenóbio de Ancede<sup>1088</sup> e a 28 de Setembro de 1414 o monarca proferiu nova sentença favorável ao prior e mosteiro de Ancede contra o procurador do concelho do Porto por impedirem que o vinho dos regantes fosse vendido na cidade, obrigando-os a vendê-lo na barca do mosteiro que estava no rio Douro, como se não fossem vizinhos da cidade<sup>1089</sup>.

Em 22 de Março de 1428, D. João I ordena a Rui Fernandes, corregedor na Comarca de Entre Douro e Minho, e a todas as restantes autoridades, que façam cumprir a sua sentença dada no seguimento da contenda entre o prior de Ancede e o concelho da cidade do Porto, em virtude de no mês de Junho de 1427, o procurador do concelho, João Domingues e o alcaide João Gonçalves terem ido à casa da Pedra em Gaia, onde o mosteiro tinha sete tonéis de vinho tinto armazenados, destinados a venda noutros lados, e terem entrado nessas casas e levado o vinho, ascendendo o prejuízo do mosteiro a 8400 reais brancos, solicitando o prior o devido ressarcimento pelo roubo, bem como pela desonra e injúria provocadas<sup>1090</sup>. A justiça régia acabou por ser branda com o

---

<sup>1084</sup> *Idem, Ibidem*, 1998, p.55, 68-69 (Doc.2 do Apêndice).

<sup>1085</sup> *Idem, Ibidem*, 1998, pp.57-58.

<sup>1086</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo I, 2005, pp. 158-159.

<sup>1087</sup> *Vereações: Anos de 1390-1395 – O mais antigo dos Livro de Vereações do Município do Porto existentes no seu Arquivo*, com comentário e notas de A. de Magalhães Basto, Publicações da Câmara Municipal do Porto, s.d, pp.208-210; Este documento também se encontra publicado em Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.69-70 (Doc.3).

<sup>1088</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 2, 2005, p.154.

<sup>1089</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp. 59, 75-77 (Doc.5).

<sup>1090</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 61, 70-71 (Doc.4). Este documento encontra-se também sumariado por Lencastre, José de, *A vitivinicultura através de alguns documentos medievais de arquivos portugueses (sécs. XI a XV)*

concelho do Porto ordenando a restituição dos tonéis de vinho, de igual qualidade, ou o pagamento do respectivo valor em numerário, além do pagamento de 2601 reais brancos referentes a custas do processo com deslocações, estadia e certidões<sup>1091</sup>.

Em Novembro de 1433, é D. Duarte quem confirma os privilégios ao mosteiro e convento de Ancede<sup>1092</sup>.

Em 1438 há registo de novo conflito entre o concelho do Porto e o mosteiro de Ancede com a barca a ficar retida no porto da cidade perante a intransigência das autoridades concelhias a não permitirem sequer que descarregassem a mercadoria nas casas de Gaia, surgindo mais uma vez, na sequência deste desentendimento, sentença régia favorável às pretensões do mosteiro, a 12 de Agosto de 1439<sup>1093</sup>.

D. Afonso V também concedeu privilégios ao prior de Ancede, autorizando-o, após pedido do duque de Bragança, a comprar bens de raiz até um montante máximo de cem coroas<sup>1094</sup>.

À entrada para a segunda metade do século XV parece haver alguma renovação em termos humanos no mosteiro de Ancede, como se depreende dos diversos actos de profissão aí efectuados perante o prior D. João, que julgamos tratar-se de João Fernandes, prior do mosteiro nessa época, como parecem reforçar outros elementos que nos permitem enquadrar cronologicamente alguns desses professos com este prior, caso dos cónegos Gonçalo Afonso, João Vasques e Gonçalo Anes.

De resto, o priorado de D. João Fernandes vai estender-se por mais de três décadas ficando marcado por graves conflitos com os senhores de Baião, mormente Luís Álvares de Sousa<sup>1095</sup>, e o seu neto João Fernandes de Sousa, que vai obrigar à intervenção do monarca, embora algo superficial, optando por uma atitude mais pedagógica do que correctiva, aconselhando, a 9 de Fevereiro de 1480, o ouvidor régio da Fazenda do Porto e seu conselheiro, bem como o seu neto para não entrarem em confronto com o prior de Ancede<sup>1096</sup>. Na base desses conflitos estavam questões de jurisdições uma vez que a jurisdição criminal no mosteiro pertencia aos senhores de

---

– *Subsídios para um estudo*, Anais do Instituto do Vinho do Porto, Edição do Instituto do Vinho do Porto, 1953, p.139.

<sup>1091</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.71-72 (Doc.4).

<sup>1092</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.87 (Doc.243).

<sup>1093</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.64-65, 72-75 (Doc.5).

<sup>1094</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 25, fl.23vº.

<sup>1095</sup> Este Luís Álvares de Sousa é aquele a quem D. João I confirmou, a 23 de Outubro de 1412, como senhor das terras de Baião, Lágua e São Salvador (cf. *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.51).

<sup>1096</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 32, fl.11vº.

Baião enquanto a cível estava a cargo do prior. O certo é que apesar das recomendações régias o fidalgo João Fernandes de Sousa cometeu diversas atrocidades contra o prior de Ancede<sup>1097</sup>.

A 29 de Janeiro de 1484, o concelho de Gaia passou carta de vizinhança, válida por um ano, ao prior D. João, ao mosteiro e seus representantes, para que pudessem usufruir das isenções e regalias desse estatuto nas transacções comerciais que efectuassem quer no reino quer fora dele<sup>1098</sup>. Ainda relacionado com esta questão da navegação, e em concreto da circulação no rio Douro, encontrava-se entre os privilégios do mosteiro a isenção de pagamento de taxas da sua barca, à semelhança das dos mosteiros de Tarouca e Salzedas, em carregamentos de sal, como revela o foral de Ferreiros de Tendais<sup>1099</sup>. Por outro lado, em Porto Manso o mosteiro de Ancede cobrava portagem de todas as barcas que viessem do Porto, sendo que as que trouxessem 10 tonéis pagariam dois alqueires de sal<sup>1100</sup>.

A gestão de Ancede caiu também nas mãos dos comendatários, tendo sido seu último comendatário D. Sancho, que já tinha falecido a 12 de Julho de 1556<sup>1101</sup>. Segundo Frei Nicolau de Santa Maria, D. João III incumbiu, em 1557, D. Francisco de Mendanha de efectuar a reforma neste mosteiro, agregando-o à Congregação de Santa Cruz, tendo inclusivamente levado consigo quatro cónegos de Coimbra, numa altura em que a comunidade de Ancede era constituída por cinco elementos<sup>1102</sup>. No entanto e face à morte do monarca este processo sofreu um revés, e tendo por base as informações de

---

<sup>1097</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

<sup>1098</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp. 63, 78-79 (Doc.6).

<sup>1099</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.527.

<sup>1100</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Tombo do mosteiro de Ancede [séc. XIV]”, in *Douro: Estudos & Documentos*, Ano 8, Nº16, Porto, Edição do GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), 2003, fl.28, 2003, p.295. Doravante, sempre que nos referirmos a esta fonte, e tratando-se da transcrição de uma fonte primária, indicá-la-emos apenas por *Tombo do mosteiro de Ancede*, sendo que nos estamos a reportar sempre ao texto transcrito e publicado por Barros, Amândio Jorge Morais que aqui seguimos e utilizámos e não ao original/originais do ADP, e que o Autor usou.

<sup>1101</sup> IAN/TT- Corpo Cronológico, Parte I, M. 98, N. 133. Este documento contraria assim a informação de Frei Nicolau de Santa Maria que diz que este comendatário faleceu no início de 1557 (cf. Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327).

<sup>1102</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327; Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, p.189. Segundo o cronista agostiniano após a união de Ancede ao mosteiro de S. Domingos, os “Conegos bem magoados se tornãrão pera o seu mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (cf. Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.328), no entanto não temos qualquer confirmação da presença destes religiosos em Ancede, de resto quando em 1560 o mosteiro é entregue aos dominicanos são aí registados os nomes dos cinco elementos que constituíam a comunidade de Ancede (cf. IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21), sendo que a sua maioria já aí se encontrava em 1557, não constando entre esses elementos nenhum dos nomes indicados por Frei Nicolau de Santa Maria como provenientes de Coimbra.

Nicolau de Santa Maria, tal sucedeu graças à influência de Frei Luís de Granada que convenceu o cardeal D. Henrique a unir este mosteiro ao de S. Domingos<sup>1103</sup>.

De facto a regente D. Catarina, em nome do seu neto D. Sebastião, solicitou ao papa a sua anexação ao mosteiro de São Domingos de Lisboa<sup>1104</sup>, alegando que era mais vantajoso “dar-se a dita casa, que estar, como até qui esteve, com cinco ou seis Religiosos por forma, e a mais renda comel-a hum Commendatario”<sup>1105</sup>.

Certo é que o processo se prolongou nas altas esferas da Cúria Romana como se comprova pela correspondência trocada entre a Coroa e os seus embaixadores e representantes. Assim, a 8 de Novembro de 1558 o rei escreve ao seu sobrinho e comendador mor, D. Afonso, sobre os mosteiros de Ancede e de Pedroso revelando aí as dificuldades que este tinha passado para os obter do cardeal Carrafa de quem já os tinha conseguido a 18 de Julho de 1558 com uma pensão de quinhentos cruzados, sendo que o de Ancede era de maiores rendimentos, fixando-se por isso em 300 cruzados contra 200 de Pedroso<sup>1106</sup>. O rei pedia-lhe também para diligenciar junto do papa no sentido de efectuar a união desses institutos a outras Ordens, o de Ancede ao mosteiro de S. Domingos e o de Pedroso à Companhia de Jesus e que fosse colocado à frente de Ancede o padre Frei Estêvão Leitão, professo de S. Domingos<sup>1107</sup>. Em Abril de 1559 o rei envia nova carta ao comendador a dar-lhe indicações para, caso não se resolva o negócio de Ancede antes de este deixar Roma, que faça então procuração no embaixador Lourenço Pires de Távora de forma a que este possa, em nome do comendador mor, renunciar ao mosteiro<sup>1108</sup>. Desse mesmo mês é expedida uma nova missiva do monarca dirigida a Lourenço Pires de Távora para diligenciar junto do papa a união dos mosteiros de Ancede e Pedroso, entretanto vagos por morte de D. Sancho, sobre os quais o cardeal Carrafa tinha concedido ao comendador mor autorização para que o rei nomeasse quem entendesse<sup>1109</sup>. A 5 de Julho de 1559 é o comendador D. Afonso quem escreve ao rei dando conta que por ele se fará a união de Ancede ao mosteiro de S. Domingos, bastando para isso a autorização do papa<sup>1110</sup>. Finalmente a 16 de Janeiro de 1560 é D. Catarina quem solicita ao cardeal Carrafa que renuncie ao

---

<sup>1103</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327.

<sup>1104</sup> *Historia de S. Domingos...*, 3ª ed., 1866, Primeira Parte, Vol. I, p.443 e Terceira parte, Vol. IV, p.452.

<sup>1105</sup> *Primeira Parte da Historia de S. Domingos...*, 3ª ed., Vol. I, 1866, p.444.

<sup>1106</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.65.

<sup>1107</sup> *Ibidem*, Tomo VIII, 1884, pp.65-66.

<sup>1108</sup> *Ibidem*, Tomo VIII, 1884, pp.133-134.

<sup>1109</sup> *Ibidem*, Tomo VIII, 1884, pp.124-125.

<sup>1110</sup> *Ibidem*, Tomo VIII, 1884, pp.167-168.

mosteiro de Ancede para que o possa unir à Ordem de S. Domingos, como é, há muito, sua vontade<sup>1111</sup>.

Por carta de 26 de Julho de 1560, a Lourenço Pires de Távora, embaixador em Roma, o rei dá conta da recepção das “bullas da uniam do mosteiro d’Amsedede ao de Sam Domyngos”, agradecendo ao embaixador todo o cuidado posto na conclusão desse processo”<sup>1112</sup>.

Pouco depois, a 11 de Agosto de 1560, Frei Estêvão Leitão, professo de S. Domingos de Lisboa, em representação do seu mosteiro, tomou posse corporal de Santo André de Ancede<sup>1113</sup>, dando assim cumprimento às letras apostólicas de Pio IV (1560-1565), que o uniam a S. Domingos de Lisboa<sup>1114</sup>.

### **Igrejas do padroado de Ancede:**

O mosteiro de Ancede detinha direitos de padroado sobre diversas igrejas que se localizavam dentro da sua área de implantação e influência, embora divididas, em termos eclesiásticos, pelos bispados do Porto e de Lamego.

Em 1233, o papa Gregório IX colocou o mosteiro de Ancede sob a sua protecção bem como as suas igrejas dependentes de S. Miguel de Oliveira, S. Cipriano, S. Miguel de Gobe, S. João de Grilo, S. Mamede e Santo André de Medim<sup>1115</sup>. De resto algumas destas igrejas ainda eram da apresentação do mosteiro no século XVII, constando da elencação apresentada por Frei Nicolau de Santa Maria as seguintes: São Bartolomeu de Campelo, Santa Leocádia, Santo André de Medim, S. João de Grilo e São Miguel de Oliveira<sup>1116</sup>. Para o nosso período de estudo, essencialmente séculos XIV e XV, importa dizer que o mosteiro deteve, embora não em simultâneo, o padroado de São Bartolomeu de Campelo, S. Cipriano, S. Miguel de Oliveira, S. Miguel de Gobe, Santo André de Medim e Santa Leocádia, embora, e como adiante veremos, tenhamos poucas informações sobre algumas delas. Além destas igrejas onde detinha o direito de padroado “in solido” o mosteiro de Santo André de Ancede ainda tinha em copadroado a igreja de S. João de Miomães e a ermida de S. João de Riba Douro, esta última em

---

<sup>1111</sup> *Ibidem*, Tomo VIII, 1884, p.294.

<sup>1112</sup> *Ibidem*, Tomo IX, 1886, p.24.

<sup>1113</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.

<sup>1114</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.328.

<sup>1115</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansedede (c. Baião) ...”, 2004, p.184.

<sup>1116</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327.

conjunto com o mosteiro de Arnoia<sup>1117</sup>, bem como a de S. João de Grilo, cujo direito de apresentação era partilhado com o mosteiro de Tabuado<sup>1118</sup>.

#### **2.4.2.1.- Santa Maria de Gove** (c. Baião) – Igreja do padroado do mosteiro de Ancede.

Em 1308, por sentença do meirinho-mor de Entre Douro e Minho é declarado que a igreja de Gove era do mosteiro de Ancede, no entanto os direitos de padroado de leigos nesta igreja só viria a terminar, a 7 de Março de 1335, com a renúncia desses beneficiários a favor do mosteiro de Ancede<sup>1119</sup>. Esta igreja apresentava um rendimento apreciável, tendo sido taxada, em 1320, em 50 libras<sup>1120</sup>.

A 11 de Julho de 1363, o bispo do Porto, D. Afonso (1359-1372), cofirma João Martins como reitor de Santa Maria de Gove<sup>1121</sup>. A 6 de Julho de 1375 o seu sucessor no bispado, D. João (1373-1389), reafirma que o direito de apresentação de clérigo na reitoria de Santa Maria de Gove é da competência do prior de Ancede<sup>1122</sup>.

Na década de vinte do século XV foi seu reitor o clérigo Diogo Martins<sup>1123</sup> que transitou depois para a igreja de S. Bartolomeu de Campelo, onde já se encontrava a 1 de Abril de 1437<sup>1124</sup>. Na igreja de Gove deve-lhe ter sucedido Afonso Anes que a 28 de Outubro de 1428 já tinha resignado, surgindo nesse dia, João Anes, clérigo da diocese do Porto a solicitar esse benefício para si<sup>1125</sup>. Este mesmo clérigo renovou essa mesma súplica a 3 de Dezembro de 1428<sup>1126</sup> e a 16 de Dezembro desse mesmo ano, uma vez que as duas anteriores continham informações incorrectas, sendo que na de 3 de Dezembro tinha colocado Santa Maria de Bebe em vez de Gove<sup>1127</sup>.

No séc. XVI o mosteiro mantinha o padroado desta igreja, como revela o Censual da Mitra do Porto que diz que a igreja de Santa Maria de Gove estava unida ao mosteiro de Ancede e tinha reitoria, andando taxada em cinquenta libras<sup>1128</sup>.

---

<sup>1117</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.18.

<sup>1118</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, Livro 26, fl.432.

<sup>1119</sup> Reuter, Abiah Elisabeth, *Chancelarias Medievais Portuguesas - Vol. I - Documentos da Chancelaria de D. Afonso Henriques*, 1938, p.334.

<sup>1120</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1121</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, Livro 44, fls.22-23.

<sup>1122</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, Livro 44, fls.19vº-20.

<sup>1123</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

<sup>1124</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo 2 (1435-1438), 1998, pp.120-121 (Doc.833).

<sup>1125</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.349 (doc.1299).

<sup>1126</sup> *Idem*, Vol. IV, 1970, p.361 (doc.1312).

<sup>1127</sup> *Idem*, Vol. IV, 1970, p.363 (doc.1315).

<sup>1128</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, pp.57, 226.

**2.4.2.2. - Santa Leocádia** (c. Baião) - Igreja do padroado do mosteiro de Ancede. Os cónegos regrantes deveriam exercer aí o direito de padroado em conjunto com alguns particulares, mormente os senhores de Baião, isto se tivermos em consideração que no século XIV Santo André de Ancede vai receber, de vários netos e bisnetos de Ponço Afonso de Baião, os direitos que estes detinham nessa igreja de Santa Leocádia de Lágea<sup>1129</sup> como sucede com D. Branca Lourenço de Valadares, em 1354<sup>1130</sup>, e com Aldonça Lourenço de Valadares, em 1360<sup>1131</sup>. Em 1320 esta igreja foi taxada em 60 libras<sup>1132</sup>. Este mesmo montante continua a ser-lhe aplicado na primeira metade do séc. XVI, altura em que o mosteiro de Ancede mantinha aí o direito de apresentação<sup>1133</sup>.

**2.4.2.3 - Santo André de Medim**<sup>1134</sup> – Igreja de apresentação do mosteiro de Ancede em copadroado<sup>1135</sup>. Em 1320 surge taxada em 30 libras<sup>1136</sup>. A 2 de Dezembro de 1387 o abade de Medim era Afonso Lourenço<sup>1137</sup>. Um tombo de Ancede, atribuível ao final do séc. XIV, revela-nos a forma como se distribuía os direitos de padroado na igreja de “Sam Joham de Medim a que chamam Sancto Andre”, pertencendo uma terça parte ao mosteiro de Ancede, um terço era do rei e a outra terça parte era do bispo do Porto e de particulares, sendo que neste terço o mosteiro também tinha representatividade em virtude dos direitos que lhe foram doados por Urraca Sanches, filha de Sancho Nunes<sup>1138</sup>.

Em 1456, o bispo do Porto, D. Luís Pires confirma ao prior e mosteiro de Ancede a apresentação do reitor da igreja de Santo André de Medim<sup>1139</sup>. Em 1505, esta igreja encontrava-se novamente vaga, sendo aí apresentado um novo pároco e

---

<sup>1129</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas - genealogias e estratégias (1279-1325)*, Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família, Universidade Moderna, Porto, 1999, vol. 1, p.301 (nota 21).

<sup>1130</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas...*, 1999, vol. 1, pp. 250-251 (nota 41).

<sup>1131</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas...*, 1999, vol. 2, p.199.

<sup>1132</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1133</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.225.

<sup>1134</sup> Talvez se trate da actual freguesia de Santo André de Sanhoane, no concelho de Santa Marta de Penaguião.

<sup>1135</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.110.

<sup>1136</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1137</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.23vº, 2003, p.272.

<sup>1138</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.24vº, 2003, p.278.

<sup>1139</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 1623, II parte, p.260; Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada*, Tomo XXI, 2ª ed., Madrid, 1797, p.167; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas ...*, Tomo II, 1924, p.39.



confirmando pelo cónego Pedro Anes Machucho, vigário geral do bispo do Porto<sup>1140</sup>. Também no Censual da Mitra do Porto consta que esta igreja era da “apresentação do mosteiro de Amsede e padroeiros”, andando taxada em 30 libras<sup>1141</sup>. O mesmo Censual revela que essa igreja antes se chamava S. João de Medim, passando depois a designar-se de Santo André de Medim<sup>1142</sup>.

**2.4.2.4. - São Bartolomeu de Baião / São Bartolomeu de Campelo** (c. Baião) – Igreja de apresentação do mosteiro de Ancede em copadreado com leigos. Na documentação medieval aparece sob estas duas designações mas trata-se da mesma igreja. Nas inquirições de D. Afonso III é identificado como abade da igreja de “Sam Bertholameu de Bayam” Pedro Filho dizendo que a igreja tinha sido dada a seu avô, Egas Ramires pelo rei D. Afonso, o Velho<sup>1143</sup>. Tinha rendimentos consideráveis, tendo sido taxada, em 1320, em 90 libras<sup>1144</sup>.

É natural que tais rendimentos provocassem a sua disputa, com a agravante de existirem diversos senhores com direitos nessa igreja. Torna-se por isso um pouco difícil perceber com clareza a posição de Ancede. Tudo parece indiciar que o direito de apresentação do mosteiro nesta igreja era alternado, dando a ideia de que houve períodos em que o mosteiro se viu alheado de tal prerrogativa. Deste modo, e à falta do necessário aprofundamento da questão, mas partindo dos dados que de momento temos disponíveis, parece-nos que o mosteiro só exerceu aí o seu direito de padreado em finais do séc. XIV, sendo depois interrompido e novamente retomado na segunda metade do séc. XV. A 27 de Outubro de 1341 era abade da igreja de Campelo “Magistro Iohane dicto Ffoça rectore ecclesiae parochialis de Bayam”<sup>1145</sup>.

Este mesmo mestre João Fogaça encontra-se novamente documentado no cargo no início do ano seguinte, surgindo a 18 e 19 Janeiro de 1342 a testemunhar dois instrumentos de doação de direitos de padreado da igreja de S. João de Ovil à Sé do Porto<sup>1146</sup>.

---

<sup>1140</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 1623, II parte, p.281; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas ...*, Tomo II, 1924, p.71.

<sup>1141</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.228.

<sup>1142</sup> *Idem, Ibidem*, p.228.

<sup>1143</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol I, Pars II, Fasciculus VIII, 1961, p.1188.

<sup>1144</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1145</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, p.268.

<sup>1146</sup> *Ibidem*, pp.180-181. Há vários exemplos de ligações e relações entre as instituições da região, de resto o mosteiro de Ancede tinha direito a um maravadi num casal em Merelhe de Gouveia em virtude da manda que no séc. XIV, Gonçalo Rodrigues, abade de S. João de Ovil lhe fez (cf. *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl. 15, 2003, p.251).

Um instrumento guardado no cartório do mosteiro de Ancede, datado de 4 de Agosto de 1369, revela-nos que nessa altura a igreja se encontrava vaga por falecimento do abade Martim, surgindo aí Martim Peres de Penaventosa, padroeiro verdadeiro da igreja por “aqueles que <hy> direito aviam que a ele era doado”, e, temendo que alguns poderosos lha quisessem usurpar, solicita instrumentos que lhe permitissem comprovar perante o rei ou as justiças da comarca de Entre Douro e Minho os seus direitos<sup>1147</sup>. Curiosamente, a 1 de Novembro de 1469 o mosteiro obtém, por doação, os direitos da igreja de S. Bartolomeu de Baião, após a resignação de cerca de quatro dezenas de padroeiros, cujo procurador era o já referido Martim Peres de Penaventosa<sup>1148</sup>. A 16 de Março de 1370 o bispo do Porto, D. Afonso (1359-1372) após inquirição, suscitada pela contenda entre os vários particulares que se afirmavam padroeiros da igreja de S. Bartolomeu e o mosteiro de Ancede, deu sentença favorável aos regrantes de Ancede<sup>1149</sup>.

Apesar desta renúncia colectiva e da sentença a favor do mosteiro, a igreja, ou volta à dependência de leigos, ou não chega mesmo a sair dela, mantendo-se, pelo menos em grande parte da primeira metade do séc. XV sob a jurisdição dos senhores de Baião, como se deprende de um documento de 7 de Agosto de 1493. Trata-se de uma sentença emanada da Cúria bracarense revelando-nos a existência de uma disputa pelo padroado desta igreja entre o mosteiro de Ancede e João Fernandes de Sousa<sup>1150</sup>, surgindo ambas as partes a reivindicar o direito de apresentação, tendo inclusivamente cada um dos litigantes indicado clérigo aquando da última vacância da igreja<sup>1151</sup>.

Demonstrou-se que a razão assistia ao mosteiro de Ancede e ao seu apresentado, o clérigo de ordens menores, Rui Pires, provando-se a existência de diversos abusos e violências por parte do Senhor de Baião ao ponto de ter sido excomungado. Esta sentença integra um longo processo que nos permite conhecer um pouco do historial desta igreja ao longo do séc. XV.

---

<sup>1147</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.19.

<sup>1148</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, pp. 530-532 (nota 104).

<sup>1149</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, Livro 18, fl.472.

<sup>1150</sup> João Fernandes de Sousa foi o 4º Senhor de Baião e era, ao que tudo indica, filho de Fernão Martins de Sousa e neto de Luís Álvares de Sousa (cf. Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, 3ª ed., Vol. I, apresentação e apêndices de Luís Bivar Guerra, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.235).

<sup>1151</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20. Estas disputas eram frequentes, de resto, os senhores de Baião já no século XIII se tinham vistos envolvidos numa contenda com o mosteiro de Travanca a propósito da igreja de Santa Marinha do Zêzere acabando D. Afonso III, a 22 de Novembro de 1263, por ordenar a entrega dessa igreja ao mosteiro amarantino (cf. Ventura, Leontina; Oliveira, António Resende de, *Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, Vol. I*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp.347-349).

A contenda tinha alguma razão de ser porque, efectivamente, os antecessores de João Fernandes de Sousa chegaram a apresentar pároco na igreja, nomeadamente Luís Álvares de Sousa, 3º senhor de Baião<sup>1152</sup>, e seu avô, que aí apresentou, em 1425, Afonso Anes. Segundo a defesa de João Fernandes de Sousa, após o falecimento de Afonso Anes, Luís Álvares de Sousa apresentou aí, em 1428, Jorge Dias, seu criado,<sup>1153</sup>. Aqui as versões das partes contradizem-se e merece-nos muito mais crédito a versão apresentada pelo mosteiro de Ancede que diz que Afonso Anes renunciou a esta igreja em mãos do bispo do Porto, D. António (1424-1447)<sup>1154</sup>, permutando com Diogo Martins, abade da igreja de Santa Maria de Gove<sup>1155</sup>. A atestar a credibilidade desta informação está o facto de Diogo Martins ser “abade de Sam Bertolameu de Bayam” em Abril de 1437<sup>1156</sup>.

Já no séc. XVI o Censual da Mitra do Porto diz que a igreja de São Bartolomeu de Campelo era da apresentação de padroeiros, sendo-lhe aplicada uma taxaço de noventa libras<sup>1157</sup>.

**2.4.2.5. - S. Cipriano** (c. Resende) – Igreja do padroado do mosteiro de Ancede. A igreja de S. Cipriano, da diocese de Lamego, foi doada ao mosteiro de Ancede em 1202, sendo prior D. Diogo Mendes<sup>1158</sup>. No final do séc. XIV ou primeiros anos do XV o mosteiro detinha a plenitude do padroado desta igreja como revela um tombo coevo: “a Igreja de Sam Cibraao he toda ja do mosteiro ca Johana Lourença ja mandou a sa parte por sua alma<sup>1159</sup>”.

A 5 de Junho de 1405, o pároco de S. Cipriano era Afonso Martins que nesse dia entregou 50 libras de anata para a Santa Sé respeitantes à sua igreja<sup>1160</sup>. O seu sucessor

---

<sup>1152</sup> Luís Álvares de Sousa era escudeiro da casa do infante D. Duarte, casou com D. Filipa Coutinho e foi provedor da fazenda do Porto, cargo que já desempenhava em 1451, e era detentor do senhorio de Baião desde 4 de Novembro de 1434 (cf. Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, 3ª ed., Vol. I, 1996, pp. 235, 357).

<sup>1153</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

<sup>1154</sup> Trata-se de D. António ou D. Antão Martins de Chaves (cf. Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.309). Antes de ser bispo do Porto era deão da Sé de Évora (cf. Ferreira, Cónego José Augusto, *Memórias Archeologico-historicas ...*, Tomo II, 1924, p.23).

<sup>1155</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

<sup>1156</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo 2 (1435-1438), 1998, pp.120-121 (Doc.833).

<sup>1157</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.226.

<sup>1158</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.15.

<sup>1159</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.25vº, 2003, p.281.

<sup>1160</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.438.

foi, provavelmente, Luís Gonçalves que, em 1419 e 1421, obtinha autorização para acumular benefícios eclesiásticos apesar de já trazer a igreja de S. Cipriano<sup>1161</sup>.

No dia 27 de Junho de 1498 surge referenciado como abade de “Sam Cibraam” Duarte Lopes que testemunha em Lamego, nas casas do deão da Sé, um instrumento respeitante ao mosteiro de Cárquere<sup>1162</sup>. Não sabemos se estamos na presença do abade desta paróquia ou de uma outra com o mesmo orago, de qualquer modo e dada a proximidade geográfica é uma possibilidade que nos parece bastante forte. De resto este mesmo Duarte Lopes encontrava-se novamente em Lamego, nas casas do prior de Cárquere a 8 de Setembro de 1498, onde voltou a testemunhar contratos de empraçamento do mosteiro de Cárquere<sup>1163</sup>.

Em 9 de Fevereiro de 1502, o titular da igreja de S. Cipriano era Francisco Coelho, cónego regrante do mosteiro de Cárquere<sup>1164</sup>. Mais tarde, a 4 de Dezembro de 1507, surge identificado como capelão da igreja de S. Cipriano João Peres, também capelão do bispo de Lamego<sup>1165</sup>.

Quem também abaciou esta igreja, em período que desconhecemos, mas seguramente situável nas primeiras décadas do séc. XVI, foi João Correia que estimava a renda da igreja em sessenta mil reis<sup>1166</sup>.

O Censual da Mitra de Lamego, datável da primeira metade do séc. XVI, confirma a manutenção deste padroado dizendo-se aí que a igreja de “Sam Çibriam” é da “apresentaçom do mosteiro d’Anssede” e a confirmação cabia ao bispo de Lamego, da qual pagavam um marco, dando ainda de visitação 250 reis<sup>1167</sup>.

Na segunda metade do século XVI, e mesmo com a transição do mosteiro de Ancede para os dominicanos, a jurisdição da igreja de S. Cipriano continuava a ser tutelada por esse mosteiro que pagava de censória à Mitra de Lamego 40 alqueires de centeio, 20 almudes de vinho 7 varas de bragal e 1200 reis de cera amarela<sup>1168</sup>.

**2.4.2.6. - S. João Baptista de Miomães** (c. Resende) – Igreja em copadroado do mosteiro de Ancede. Trata-se de uma igreja cujo padroado pertencia à Ordem do

---

<sup>1161</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.I, 1977, p.532.

<sup>1162</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°93.

<sup>1163</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°98.

<sup>1164</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°98.

<sup>1165</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N°118.

<sup>1166</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.337.

<sup>1167</sup> *Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*, 1999, p.28.

<sup>1168</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1979, p.337.

Templo e à própria Coroa, que em 1311 detinha apenas ¼ dessa igreja<sup>1169</sup>. Não sabemos em que data é que o mosteiro de Ancede se tornou padroeiro desta igreja mas é presumível que tenha sido nas primeiras décadas do séc. XIV, muito provavelmente após a extinção dos Templários.

Em 1318 foi apresentado, pelo rei, para pároco da igreja de Miomães, João Pires<sup>1170</sup>, sobrinho do prior do mosteiro de Cárquere, que aí sucedia a Domingos Mendes<sup>1171</sup>, anterior abade. Em 1321 esta igreja foi taxada em 20 libras<sup>1172</sup>. A 5 de Maio de 1376 era reitor desta igreja Gonçalo Gonçalves<sup>1173</sup>, bacharel em decretos e futuro bispo de Lamego (1393-1419), que em Novembro de 1378 ainda trazia a igreja de Miomães<sup>1174</sup>. No século XVI, e como revela o *Censual da Sé de Lamego*, o mosteiro de Santo André de Ancede ainda aí detinha direitos de padroado<sup>1175</sup>, sendo seu abade, em 1537, Gonçalo Anes<sup>1176</sup>.

**2.4.2.7. - S. João da Ermida de Riba Douro** (fr. Santa Marinha do Zêzere, c. Baião)?<sup>1177</sup> – Igreja do padroado dos mosteiros de Ancede e de Arnoia. A 19 de Março de 1285, o bispo do Porto, D. Vicente (1261-1296), encontrando-se no “moesteyro de Anssedi”, e após inquirição que foi feita à ermida de Riba Douro, pela qual se concluiu que esta não era freguesia, nem local de sepultura nem nunca fora abadada ou confirmada ou sequer pago qualquer tributo à Sé do Porto, tendo sempre os mosteiros

---

<sup>1169</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.290. Esta mesma informação consta do *Livro das Igrejas e capelas do padroado dos reis de Portugal – 1574*, com introdução de Joaquim Veríssimo Serrão, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Cultural Português, 1971, p.29, onde se diz: “S. Joam de Meomais – apresenta ElRey ao quarto da igreja porque ho mais he do templo”.

<sup>1170</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, p.292; Vol.II, p.338. Neste segundo volume aparece João Martins em vez de João Pires.

<sup>1171</sup> *Idem, Ibidem*, Vol.II, 1979, p.338.

<sup>1172</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.118.

<sup>1173</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. I, 1966, pp.310-311 (doc.291); Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.185.

<sup>1174</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, pp.40, 71-72.

<sup>1175</sup> Segundo este Censual, cuja informação em causa é datável da primeira metade do séc. XVI, a igreja de “Muimaes he d’apresentaçam do mosteiro d’Ansedê”, cabendo a respectiva confirmação ao bispo de Lamego (cf. *Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*, 1999, p.28).

<sup>1176</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.339.

<sup>1177</sup> Apesar de não termos a certeza, parece-nos bem possível que se trate da ermida junto ao Douro, localizada na actual freguesia de Santa Marinha do Zêzere (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.215).

Ancede e de Arnoia estado em sua posse, dando-a em préstamo a quem entendiam, confirma como abade dessa ermida Pedro Adriano<sup>1178</sup>.

**2.4.2.8. - S. João de Grilo** (c. Baião) - Igreja em copadroadado dos mosteiros de Ancede e Tabuado. A 10 de Julho de 1301, e na sequência da apresentação feita pelos mosteiros de Ancede e Tabuado, Martinho Soares, cônego da Sé do Porto e vigário pelo bispo D. Geraldo (1300-1308) confirma Pedro Miguéis para reitor da igreja de S. João de Grilo<sup>1179</sup>. Em 1320 esta igreja foi taxada em 15 libras<sup>1180</sup>. Também no Censual da Mitra do Porto surge a referência a esse montante, no entanto, nessa altura (Séc. XVI), é aí indicada como sendo apenas da apresentação de Tabuado<sup>1181</sup>.

**2.4.2.9. - S. Miguel de Oliveira**<sup>1182</sup> (c. Cinfães) - Igreja do padroado do mosteiro de Ancede. Em 1321 foi taxada em 50 libras<sup>1183</sup>. Um tombo do mosteiro de Ancede, dos finais do séc. XIV, diz “a eigreja de Ulveira he toda em solido” do mosteiro, devendo o convento receber 40 libras e o prior 22 colheitas, um porco e um maravedi, entre outras coisas<sup>1184</sup>. Em meados do século XVI, Oliveira ainda é referenciada como igreja do padroado do mosteiro de Ancede<sup>1185</sup> dizendo-se no *Censual da Mitra de Lamego* que a igreja de S. Miguel de Oliveira “he d’apresentaçom do mosteiro d’Anssede” com a confirmação a ser da competência do bispo de Lamego, para a qual dispendiam meio marco, tendo ainda de pagar 250 reis por visitaçã<sup>1186</sup>. Em 1537 era seu abade, Diogo Fernandes Madureira<sup>1187</sup>.

### **2.4.3. - Santo Estêvão de Vilela (c. Paredes)**

À entrada para o séc. XIV Santo Estêvão de Vilela recebe, em legado, os herdamentos de Afonso, com a condição de o testador ser enterrado no mosteiro. A

<sup>1178</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.18; Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansede (c. Baião)...”, 2004, p.185. Este documento encontra-se publicado por Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.144.

<sup>1179</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, Livro 26, fl.432.

<sup>1180</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1181</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, pp. 115, 225.

<sup>1182</sup> Trata-se da actual freguesia de Oliveira do Douro, no concelho de Cinfães (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 2, 1997, p.564).

<sup>1183</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.117.

<sup>1184</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.24, 2003, p.277.

<sup>1185</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, 1977, p.290.

<sup>1186</sup> *Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*, 1999, p.28.

<sup>1187</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.368.

doação deveria representar um importante acréscimo para os rendimentos da instituição, pelo menos parece-nos essa a explicação mais plausível para o facto de, além do prior, terem estado presentes três cónegos de Vilela a testemunhar a feitura do testamento, datado de 25 de Julho de 1289<sup>1188</sup>.

O certo é que as finanças desta canónica regrante deveriam estar bastante depauperadas no início do séc. XIV, como facilmente se depreende pelas 170 libras em que o mosteiro de Santo Estêvão de Vilela foi taxado em 1320-1321<sup>1189</sup>, um dos valores mais baixos entre os mosteiros regrantes.

A 20 de Julho de 1340, João Anes Melão e Domingos Pais, ouvidores dos feitos de el-rei, enviam petição dirigida a Vasco Anes, meirinho mor de Entre Douro e Minho, para se inquirir por parte do rei e do mosteiro de Vilela sobre os limites do couto desse mesmo mosteiro<sup>1190</sup>.

Em 15 de Janeiro de 1390, D. João I, ordenava às justiças que zelassem pelo mosteiro de Vilela, em virtude das queixas apresentadas pelo prior da instituição e, simultaneamente, capelão do rei que se queixava que, além das grandes perdas e danos sofridos em resultado das recentes guerras luso-castelhanas, alguns fidalgos e poderosos pousavam no mosteiro e no seu couto e lhe roubavam palha e alimentos<sup>1191</sup>.

Em 1401 foi feita a divisão das rendas entre o prior e os cónegos<sup>1192</sup>, autonomizando-se assim a mesa prioral e a conventual. Também no início do séc. XV decorreram obras no mosteiro erigindo-se aí, em 1403, por ordem de D. Gil, bispo do Porto (1398-1407), uma capela dedicada a Santa Maria, com o bispo a conceder oitenta dias de perdão a todos os que contribuíssem com esmolos para a sua construção<sup>1193</sup>.

O prior de Vilela participou, a 22 de Dezembro de 1426, na qualidade de representante do clero da diocese do Porto, numa reunião patrocinada por D. Fernando da Guerra contra as afrontas de que o clero era vítima por parte do rei<sup>1194</sup>, conflito que

---

<sup>1188</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 12-13 (Doc.5); Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil: "A-presentation" e "Re-presentation"*, Leomil, Câmara Municipal de Moimenta da Beira e Casa do Povo de Leomil, 2004, pp. 335-336.

<sup>1189</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>1190</sup> Ribeiro, João Pedro, *Reflexões Históricas*, Parte I, 1835, p.170.

<sup>1191</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo I, 2005, p.32.

<sup>1192</sup> Gonçalves, António Nogueira, "A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)", 1939, p.6.

<sup>1193</sup> *Idem, Ibidem*, p.2.

<sup>1194</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp. 259-260.

culminaria com a concordata celebrada em Santarém, em 1427, entre D. João I e o clero<sup>1195</sup>.

Na década de sessenta do séc. XV há registo de desentendimentos entre o mosteiro de Vilela e o de Bustelo por causa do direito de apresentação na igreja de Nespereira, onde eram copadroeiros<sup>1196</sup>.

No final do séc. XV ou início do XVI o mosteiro passou a ser gerido por priores comendatários.

Em 1542 Santo Estêvão de Vilela pagava, em taxas e direitos, pertencentes ao bispo, 2573,50 reais<sup>1197</sup>.

Com o falecimento do comendatário D. António Brandão, em 1590<sup>1198</sup>, o prior geral da Congregação de Santa Cruz, D. Acúrcio tomou posse do mosteiro enquanto se aguardava a vinda das letras papais autorizando a união<sup>1199</sup>. Em 1594, por bula de Clemente VIII, o mosteiro de Vilela foi unido à Congregação de Santo Agostinho, bula essa que seria executada a 9 de Fevereiro de 1595 com a tomada de posse pelo prior geral D. Cristóvão<sup>1200</sup>, tendo sido eleito Gaspar dos Reis como primeiro prior trienal do mosteiro<sup>1201</sup>.

Pouco tempo depois, em 1612, o mosteiro de Vilela foi anexado ao Mosteiro de Santo Agostinho da Serra<sup>1202</sup>, transitado para aí os religiosos da comunidade, os bens e rendas do mosteiro, bem como os direitos de apresentação que detinham.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Vilela:**

---

<sup>1195</sup> Essa concordata encontra-se publicada por Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, pp.156-172.

<sup>1196</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, p.95.

<sup>1197</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.263.

<sup>1198</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.126; Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno...*, vol.XI, 1876, p.1423; Melo, António Maria; Sousa, José J. Rigaud de; Vasconcelos, Flório de, “O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes ...”, 1999, vol.II, p.161.

<sup>1199</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.126.

<sup>1200</sup> *Idem, Ibidem*, p.126; Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7; Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno...*, vol.XI, 1876, p.1423; Melo, António Maria; Sousa, José J. Rigaud de; Vasconcelos, Flório de, “O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes ...”, 1999, p.161.

<sup>1201</sup> *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.98; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.127.

<sup>1202</sup> Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno...*, vol.XI, 1876, p.1423; Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, pp.7-8; Alves, M., “Vilela” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol.18, Lisboa, Editorial Verbo, 1976, p.1211.



Segundo o Censual da Mitra do Porto o mosteiro de Vilela detinha o padroado das igrejas de S. Martinho do Campo, Santa Maria de duas Igrejas, e Cristelo, exercendo ainda os direitos de copadroado nas igrejas de Gondalães, Casais e Nespereira<sup>1203</sup>. A estas pode acrescentar-se seguramente a de S. Pedro da Arreigada.

**2.4.3.1. - Santa Maria de duas Igrejas** (c. Paredes) – Igreja do padroado do mosteiro de Vilela<sup>1204</sup>. As inquirições do séc. XIII revelam que esta igreja era do mosteiro de Vilela e de padroeiros particulares<sup>1205</sup>. Segundo o Censual da Mitra do Porto esta igreja andava taxada em 50 libras<sup>1206</sup>.

**2.4.3.2. - Santo André de Cristelos** (c. Lousada) - Igreja do padroado do mosteiro de Vilela<sup>1207</sup>. Segundo o Censual da Mitra do Porto, do séc. XVI, esta igreja andava taxada em 40 libras<sup>1208</sup>, a mesma taxaçaõ que já lhe havia sido aplicada em 1320, aparecendo integrada na Terra de Meinedo<sup>1209</sup>.

Num instrumento datado de 4 de Fevereiro de 1461, lavrado na agra de Pomadelo, da freguesia do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, surge entre as testemunhas João Anes, abade de “Crestellos”<sup>1210</sup>, mas sem a indicação do respectivo orago que nos permita confirmar que se trata, efectivamente, desta freguesia de Cristelos, de qualquer modo fica essa possibilidade.

**2.4.3.3. - S. João de Nespereira** (c. Lousada) – O mosteiro de Vilela exercia em conjunto com o mosteiro de Bustelo o direito de padroado na igreja de S. João de Nespereira<sup>1211</sup>. No catálogo das igrejas de 1320-1321 foi-lhe aplicada uma taxaçaõ de

---

<sup>1203</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.113. Esta mesma listagem aparece reproduzida num manuscrito dos finais do séc. XVIII ou inícios do XIX conforme nos dá conhecimento e resume Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.6. As igrejas que constituíam o padroado de Vilela são também referenciadas por Melo, António Maria; Sousa, José J. Rigaud de; Vasconcelos, Flório de – “O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes ...”, 1999, vol.II, p.164.

<sup>1204</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, pp.113, 212.

<sup>1205</sup> *Índices e sumários...do Arquivo Municipal do Porto*, 1916, p.64.

<sup>1206</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.212.

<sup>1207</sup> *Idem, Ibidem*, pp.113, 221.

<sup>1208</sup> *Idem, Ibidem*, p.221.

<sup>1209</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.96.

<sup>1210</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.10; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.274.

<sup>1211</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, pp.113, 214; *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.253.

50 libras<sup>1212</sup>. A 26 de Novembro de 1348 João de Ponte, vigário geral, confirma Pedro João na igreja de Nespereira, após a natural indicação dos padroeiros<sup>1213</sup>.

Desconhecemos até quando parou esta freguesia, do mesmo modo que não podemos avançar, com indiscutível certeza, o nome do seu sucessor embora seja conjecturável que se trate de João Amado, referenciado num registo de apresentação de 1393, aquando da confirmação, pelo bispo do Porto, em 14 de Abril desse ano, de Gonçalo Afonso para a igreja de S. João de Nespereira, entretanto vaga, justamente, por falecimento de João Amado, seu titular<sup>1214</sup>. Em Junho de 1400 a igreja de Nespereira encontrava-se novamente vaga, apresentando o prior de Vilela, D. Martinho Pedro, e o abade de Bustelo, D. João Domingues, o religioso João Lourenço, que é confirmado pelo bispo do Porto, D. Gil Alma (1398-1407)<sup>1215</sup>, a 20 de Junho de 1400<sup>1216</sup>.

E se estas indigações se revelaram pacíficas, já em meados da década de sessenta do séc. XV vão surgir desavenças entre os dois mosteiros relacionadas com a apresentação para esta igreja. A 28 de Maio de 1466 D. Diogo Martins, prior de Vilela, indica ao bispo do Porto o nome de três clérigos, para a igreja que entretanto vagara, dizendo que o seu mosteiro detinha o direito de apresentação “in solidum”<sup>1217</sup>.

Entretanto D. João Domingues, abade de Bustelo, apresenta um monge da sua comunidade, Frei Fernando, o que acaba por merecer a anuência do prior de Vilela e a própria confirmação episcopal a 25 de Junho de 1466<sup>1218</sup>. O problema é que segundo Frei António da Assunção Meireles, desde esta data e até 20 de Março de 1632, altura em que o bispo do Porto, D. Fr. João de Valadares (1627-1635)<sup>1219</sup>, profere sentença em que restitui o direito de copadroado aos dois mosteiros, não existe no cartório de Bustelo qualquer registo referente à apresentação da igreja de Nespereira<sup>1220</sup>. De qualquer modo, e independentemente desta indicação, convém notar que os registos da diocese do Porto parecem não reflectir quaisquer alterações, como se infere do próprio Censual quinhentista da Mitra do Porto que indica as duas casas monásticas como

---

<sup>1212</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>1213</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, 2007, p.74.

<sup>1214</sup> *Idem, Ibidem*, p.63.

<sup>1215</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.309.

<sup>1216</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, 2007, p.64.

<sup>1217</sup> *Idem, Ibidem*, p.95.

<sup>1218</sup> *Idem, Ibidem*, p.95.

<sup>1219</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.310.

<sup>1220</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, 2007, p.144.

detentoras do direito de apresentação nesta igreja<sup>1221</sup>. Informa-nos também esta fonte que a igreja de Nespereira andava taxada em 50 libras<sup>1222</sup>

**2.4.3.4. - S. Martinho do Campo** (c. de Santo Tirso) - O mosteiro de Vilela exercia aí o direito de padroado<sup>1223</sup>. Segundo o Censual da Mitra do Porto esta igreja andava taxada em 40 libras<sup>1224</sup>.

**2.4.3.5. - S. Paio de Casais** (c. Lousada) - O mosteiro de Vilela detinha, em conjunto com o mosteiro de Roriz, o direito de padroado na igreja de Casais. Frei António da Assunção Meireles informa, sem identificar os padroeiros, que o mosteiro de regrantes de Santo Agostinho exercia o direito de padroado na paróquia de S. Paio de Casais, da comarca de Penafiel, que depois passou a copadroado com os jesuítas do colégio de S. Paulo de Braga<sup>1225</sup>.

Segundo o Censual da Mitra do Porto esta igreja andava taxada em 60 libras<sup>1226</sup>, taxaçaõ essa que já lhe tinha sido aplicada em 1320<sup>1227</sup>.

**2.4.3.6. - S. Pedro da Arreigada** (c. Paços de Ferreira) – A igreja de S. Pedro da Arreigada estava anexada ao convento do mosteiro de Vilela<sup>1228</sup>, não sendo taxada pela Mitra do Porto<sup>1229</sup>. O mosteiro detinha o padroado desta igreja desde os finais do século XIII<sup>1230</sup>.

**2.4.3.7. - S. Pedro de Gondalães** (c. Paredes) – Igreja da apresentação dos mosteiros de Vilela e Ferreira, cabendo ao mosteiro de Vilela o direito de apresentar duas vezes por cada uma que o de S. Pedro de Ferreira apresentasse<sup>1231</sup>. A 15 de Julho de 1293 era abade de Gondalães Pedro Anes, sendo nesse mesmo dia inquirido pelo prior de Vilela

---

<sup>1221</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.214.

<sup>1222</sup> *Idem, Ibidem*, p.214.

<sup>1223</sup> *Idem, Ibidem*, pp.113, 211.

<sup>1224</sup> *Idem, Ibidem*, p.211.

<sup>1225</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, 1942, p.97.

<sup>1226</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.214.

<sup>1227</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>1228</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, pp.55, 213; *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.290.

<sup>1229</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.213.

<sup>1230</sup> Mattoso, José; Krus, Luís; Andrade, Amélia Aguiar, “Paços de Ferreira na Idade Média...”, Vol. I, 1986, p.226.

<sup>1231</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.214. Já nas Inquirições de 1258 se diz que esta igreja era 3 partes do mosteiro de Vilela e 1 do mosteiro de S. Pedro de Ferreira (cf. *Índices e sumários...do Arquivo Municipal do Porto*, 1916, p.59).

sobre o instrumento que o confirmara nessa mesma igreja e a forma como tinha sido aí apresentando, respondendo o pároco que há muito que era abade e que tinha sido aí apresentado pelas três partes de Vilela e pela quarta parte do mosteiro de Ferreira<sup>1232</sup>. A igreja de S. Pedro de Gondalães andava taxada em 31 libras<sup>1233</sup>.

#### **2.4.4. - S. Salvador de Grijó (c. Vila Nova de Gaia)**

Ponderando os elementos até agora analisados pode considerar-se que São Salvador de Grijó era, no período em estudo, a maior canónica do Norte do país. Concorrem para tal primazia considerandos de ordem vária, desde logo o facto de ser a instituição que mais religiosos comportava, pelo menos aquela que parece manter uma comunidade numerosa com maior estabilidade. Além disso, e como veremos, era o mosteiro que detinha maior número de igrejas sob a sua jurisdição, sendo também, indiscutivelmente, o instituto regente nortenho de maiores rendimentos tendo-lhe sido aplicado, em 1320, uma taxação de 3000 libras, montante do qual se excluía os rendimentos das igrejas que tinha no bispado de Coimbra<sup>1234</sup>.

O seu poder, projecção, influência e importância têm reflexo directo no próprio género de produção documental que nos chega, quer emanado da instituição quer com ela relacionado, revelando, desde logo, o seu cartório inúmeros diplomas régios e pontifícios, bem como instrumentos respeitantes às múltiplas facetas da convivência com os poderes nobiliárquico, episcopal e concelhio.

Do final de 1309 há uma bula do papa Clemente V (1305-1314) dirigida ao rei D. Dinis em que lhe pede para favorecer o prior e o mosteiro de Grijó<sup>1235</sup>.

A 6 de Outubro de 1322, D. Dinis ordena e instrui o almoxarife e o escrivão do Porto para tomarem conta de metade de uma herdade da Ínsua, no julgado da Feira, de que o mosteiro de Grijó se havia apropriado e da qual reclamava a legitimidade da posse, contenda que não era nova e cujas reminiscências remontavam ao século anterior, originando um conflito persistente, primeiro com D. Afonso III e depois com o próprio D. Dinis, sempre com decisão favorável à Coroa<sup>1236</sup>.

---

<sup>1232</sup> Vasconcellos, J. Leite de, *Opúsculos*, Vol. 1: *Filologia* (Parte I), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, pp. 302-304.

<sup>1233</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censal da Mitra do Porto...*, 1973, p.214.

<sup>1234</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1235</sup> *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal...*, Tomo IX, 1864, p.440.

<sup>1236</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.16.

Em 6 de Maio de 1325, o rei D. Afonso IV confirma ao mosteiro de Grijó cartas que lhe foram apresentadas pelo prior referentes aos coutos do mosteiro, uma respeitante à doação do couto, junto ao mosteiro, por D. Teresa, datada de 1138, uma segunda referente à doação do couto de Tarouquela, em 1142, por D. Afonso Henriques e uma outra de D. Afonso III, datada de 1261, em que abdica de metade da colheita que o mosteiro lhe deveria dar<sup>1237</sup>. De facto, a 11 de Janeiro de 1261, D. Afonso III entregou, em seu nome, e no dos seus sucessores metade da colheita que deveria receber do mosteiro, benesse a título de remissão dos seus pecados e do seu tio, D. Rodrigo Sanches, sepultado nesse mosteiro agostinho<sup>1238</sup>.

Em 1335 Grijó mantinha uma contenda com D. Afonso IV a propósito da posse de metade do lugar de Ínsua, no julgado da Feira, sendo que o desfecho foi, novamente, favorável ao monarca, surgindo a 18 de Abril de 1335, o representante régio a ser empossado nesses direitos<sup>1239</sup>. Curiosamente a disputa entre o mosteiro e o poder régio pela posse de metade desta localidade já remonta aos reinados anteriores, com registo de sentenças favoráveis a D. Afonso III, de 7 de Março de 1264, e a D. Dinis, de 6 de Outubro de 1322<sup>1240</sup>.

Uma outra pendência que opôs o monarca ao mosteiro foi a questão das jurisdições nos coutos de Grijó, acabando D. Afonso por dar sentença favorável à instituição a 3 de Junho de 1339, reconhecendo-lhe como válidas as jurisdições de que aí usufruíam<sup>1241</sup>.

A 17 de Julho de 1357, o rei D. Pedro proferiu sentença favorável a Grijó, num processo suscitado pelos juízes de Gaia, em que o prior e o convento eram acusados de colocarem, indevidamente, almotacés e jurados no couto situado em redor do mosteiro<sup>1242</sup>. O monarca, ou melhor, a justiça régia, assentando o seu parecer na inquirição de D. Afonso IV, pronunciou-se a favor do mosteiro, defendendo que o juiz

---

<sup>1237</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.37vº.

<sup>1238</sup> Ventura, Leontina; Oliveira, António Resende de, *Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, Vol. I*, 2006, pp.255-256.

<sup>1239</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.15vº-16vº.

<sup>1240</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.15vº-16vº.

<sup>1241</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.1vº, 5; *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.266-269 (Doc.166); *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, pp.26-28 (Doc. 62). Este documento encontra-se também referenciado e sumariado nos *Índices e sumários...do Arquivo Municipal do Porto*, 1916, p.115.

<sup>1242</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.4vº-5; *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, pp. 25-28 (Doc. 62). Este mesmo documento também foi transcrito por Moreirinhas, Regina Araújo Cerqueira, *Documentos da chancelaria de D. Pedro I - 1357-1359: leitura e alguns comentários*, Tese de licenciatura em História apresentada à FLUC, Coimbra, 1964, pp. 41-46 (doc.74).

do couto poderia aí colocar almotacés e jurados uma vez que o mosteiro detinha a jurisdição cível nesse couto, bem como nos de Brito e Tarouquela<sup>1243</sup>.

Ainda nesse mesmo ano há uma nova querela entre S. Salvador de Grijó e a justiça régia, motivada pelos direitos jurisdicionais que o mosteiro alegava deter no couto da Abrunheira e Verride, termo de Montemor-o-Velho. Aqui o resultado final da contenda revelou-se desfavorável às pretensões dos regrantes de Grijó, com o rei a ordenar, a 4 de Novembro de 1357, que as suas justiças assumissem todas as jurisdições e prerrogativas que o mosteiro usara até aí (os moradores do couto elegiam um juiz para ouvir os feitos cíveis, que era confirmado pelo prior. Esse mesmo juiz colocava jurados que o ajudavam a prender os malfeitores, e ainda almotacés e porteiro no couto)<sup>1244</sup>. Em Outubro de 1358 D. Pedro confirma os privilégios do mosteiro de Grijó<sup>1245</sup>.

As questões e contenciosos com os padroeiros e os naturais do mosteiro que aí detinham direitos de comedoria, cavalaria e casamento, obrigaram também à intervenção régia, com D. Pedro a ordenar a Geraldo Anes, corregedor da Estremadura, para que se dirigisse ao mosteiro a fim de fazer apurar os direitos devidos a esses padroeiros e naturais<sup>1246</sup>, situação que levou à elencagem das propriedades de Grijó e respectivas rendas. D. Pedro, a 6 de Maio de 1365, a solicitação do prior D. Afonso Esteves isenta esse mosteiro de aposentar e dar comida aos naturais, substituindo essas obrigações por determinadas pensões<sup>1247</sup>.

Em 1366 é feita uma composição entre o prior, o prior claustral e o pitanceiro pondo-se cobro aos desentendimentos internos sobre as ovenças da pitança das festas celebradas ao longo do ano<sup>1248</sup>.

Por carta de 5 de Novembro de 1373, e após queixas do mosteiro contra os nobres que lhes faziam maldades e lhes tomavam as herdades no “julgado da Feyra, e de Coymbra e de Vouga e de Cabanoes”, onde possuía a maior parte das suas

---

<sup>1243</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.266-269 (Doc.166); *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, pp. 25-28 (Doc. 62).

<sup>1244</sup> *Idem*, 1984, pp. 67-69 (Doc. 177); Coelho, Maria Helena da Cruz, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, vol. I, p.461; Pimenta, Cristina, *D. Pedro I*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2005, p.126.

<sup>1245</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.131 (Doc. 336).

<sup>1246</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, 1993, p.60; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. III, p.285.

<sup>1247</sup> Alarcão, Jorge, “Tombo do Prior D. Afonso Esteves”, 1964, pp. 118-119; Pizarro, José Augusto P. de Sotto Mayor, *Os patronos do Mosteiro de Grijó ...*, 1995, pp.23,101; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. III, pp.285-286.

<sup>1248</sup> Costa, Francisco Barbosa da, *Notícia histórica da freguesia de S. Mamede de Serzedo*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia/Junta de Freguesia de Serzedo, 2000, p.47.

propriedades, o rei D. Fernando ordenou aos juizes da cidade do Porto para que julgassem essas arbitrariedades<sup>1249</sup>.

A 22 de Agosto de 1379, D. Fernando deu autorização favorável ao prior do mosteiro de Grijó para que pudessem utilizar um caminho alternativo e mais perto para se deslocarem do mosteiro ao Porto sem terem que passar em Gaia, alegando para tal concessão o facto de muitas vezes o mosteiro não ter provisões suficientes para alimentar as diversas pessoas que aí chegavam, havendo por isso necessidade de se abastecerem rapidamente no Porto<sup>1250</sup>. D. João I renovou-lhes este mesmo privilégio por carta de 3 de Outubro de 1385<sup>1251</sup>, ao que, porventura, não terá sido alheio o facto de o rei aí ter pousado há poucos dias, mais concretamente a 23 de Setembro<sup>1252</sup>.

A 15 de Setembro de 1386, o rei autorizou o mosteiro e o prior a terem três azémolas para transportar pão, vinho, pescado e outros mantimentos ou coisas necessárias ao mosteiro, ordenando às justiças para que nenhum fidalgo ou poderoso lhas roubassem ou utilizassem<sup>1253</sup>. D. João I também confirmou, a 25 de Setembro de 1386, todos os privilégios do prior e do mosteiro de São Salvador de Grijó<sup>1254</sup>. Do mesmo dia data uma outra carta que confirma ao prior e convento de Grijó as determinações dadas pelo rei D. Fernando a propósito da protecção dos bens que o mosteiro tinha nos julgados da Feira, Cambra, Vouga e Cabanões, onde possuíam a maioria das suas propriedades, regiões onde o mosteiro sentiu ameaças e abusos de alguns fidalgos e poderosos<sup>1255</sup>. Em 17 de Fevereiro de 1389, D. João I, ordenava que nenhum poderoso pousasse no mosteiro de Grijó, nem nas suas casas do Porto nem na igreja de Serzedelo, do julgado da Feira<sup>1256</sup>.

---

<sup>1249</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.4.

<sup>1250</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.4vº. Este documento encontra-se transcrito e publicado por Oliveira, Padre Miguel de, “De Talábriga a Lancóbriga pela via militar romana” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol. IX, Nº33, 1943, pp.60-61. Esta carta régia é também referenciada por Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.63, embora a data aí apresentada seja 2 de Agosto de 1379, sendo também referenciada na obra *Vereações: Anos de 1390-1395 – O mais antigo dos Livros de Vereações do Município do Porto...*, s.d, pp.426-427.

<sup>1251</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. I – Tomo 2, 2005, pp.12-13; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.63.

<sup>1252</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. I – Tomo 3, 2005, p.20; Moreno, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1988, pp. 20, 233.

<sup>1253</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. I – Tomo 3, 2005, p.130; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.63.

<sup>1254</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. I – Tomo 3, 2005, p.164.

<sup>1255</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.4; *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. I – Tomo 3, 2005, p.167; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.63. Como é perceptível pelo excerto que transcrevemos acima, no “Livro Preto” aparece Coimbra e não Cambra.

<sup>1256</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo I, 2005, pp. 62-63.

Este mesmo monarca, encontrando-se no Porto, ordenou, por carta de 13 de Junho de 1394, e face às queixas apresentadas pelo prior e convento do mosteiro de Grijó, que ninguém pousasse no mosteiro nem no seu couto, nem roubassem aí pão, vinho, bestas, gados, roupa, palha ou qualquer outra coisa desse mosteiro ou dos seus caseiros e lavradores<sup>1257</sup>. Nesse mesmo mês de Junho o prior e convento de Grijó queixam-se novamente ao rei, desta feita acusando os corregedores, ouvidores e outros oficiais régios de constrangerem os lavradores dos coutos do mosteiro a levarem ao Porto e a outros lugares onde estanciava o monarca, pão, cevada, gados, galinhas e outros mantimentos, desobrigando-os D. João I de tais obrigações por carta de 30 de Junho de 1394 e esclarecendo que tais deveres são aplicáveis apenas aos dias em que o rei pouse no mosteiro<sup>1258</sup>.

Também a Santa Sé assumia um papel proteccionista, com o papa Bonifácio IX a colocar, em 1395, sob a sua protecção os bens da instituição<sup>1259</sup>. Apesar da dimensão, projecção e poderio que S. Salvador de Grijó tinha, e não obstante todos os privilégios que lhe iam sendo concedidos, o certo é que esta canónica regrante, ao longo da segunda metade do séc. XIV, teve de enfrentar diversos abusos, e além dos conflitos em que se viu envolvida debateu-se também com algumas dificuldades económicas<sup>1260</sup>.

A 25 de Dezembro de 1433, D. Duarte confirma os privilégios do mosteiro de Grijó<sup>1261</sup>. D. Afonso V, por carta de 28 de Dezembro de 1450 também confirmou ao prior e convento de Grijó todos os privilégios, liberdades, foros e costumes<sup>1262</sup>.

Em 11 de Abril de 1447, o mosteiro recebeu a visita, do arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, em trânsito para Sul<sup>1263</sup>.

A 28 de Dezembro de 1450, D. Afonso V confirma ao prior, convento e moradores do mosteiro de Grijó todos os privilégios que lhes foram concedidos pelos monarcas anteriores e dos quais usufruíam<sup>1264</sup>. A 6 de Janeiro de 1451 e no seguimento de queixas apresentada pelo prior e convento do mosteiro de Grijó contra os

---

<sup>1257</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.35vº-36; *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 2, 2005, p.105; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.64.

<sup>1258</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.35-35vº; *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 2, 2005, p.129; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 64-65 Costa, Francisco Barbosa da, *Notícia histórica da freguesia de S. Mamede de Serzedo*, 2000, p.47.

<sup>1259</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 55-56.

<sup>1260</sup> Marques, A. H. de Oliveira, *Introdução à História da Agricultura em Portugal*, 2ª ed., Edição Cosmos, Lisboa, 1968, p.58.

<sup>1261</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.199 (Doc.370).

<sup>1262</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.65.

<sup>1263</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, 1978, p.68.

<sup>1264</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 34, fl.91.



corregedores e ouvidores régios D. Afonso V ordena às suas justiças que não constanjam os moradores e lavradores dos coutos do mosteiro de Grijó a levarem pão, cevadas, gado nem quaisquer outros mantimentos quando a Corte se encontrasse na cidade do Porto ou noutros lugares<sup>1265</sup>. A 1 de Agosto de 1451, o monarca concedia autorização ao prior D. João e a dois acompanhantes para que se pudessem deslocar por todo o reino em bestas muares de sela e ferros<sup>1266</sup>. A 18 de Junho de 1452, o prior obtinha através de Vasco Anes, cónego do mosteiro e seu procurador, o traslado de sentenças, cartas régias e inquirições respeitantes a S. Salvador de Grijó<sup>1267</sup>.

Em 1 de Junho de 1461, o papa Pio II (1458-1464) incumbiu o prior de Grijó, o abade de Santo Tirso e o arcediogo da Sé do Porto de resolverem uma contenda que opunha o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, aos moradores de Viana<sup>1268</sup>.

No século XVI dá-se o processo de mudança do mosteiro, de Grijó para a Serra do Pilar. Segundo Frei Nicolau de Santa Maria, dada a sua antiguidade, o mosteiro encontrava-se arruinado e danificado, além de que os cônegos tinham problemas de saúde face à localização do mosteiro, num sítio baixo e húmido<sup>1269</sup>. A iniciativa da mudança do convento foi do prior D. Bento Abrantes que contou com o apoio do papa Paulo III, do rei e do bispo do Porto<sup>1270</sup>. O próprio bispo D. Frei Baltasar Limpo (1536-1550) deu provisão a 12 de Dezembro de 1537 para a passagem de Grijó “para o monte de S. Nicolau que se chama da Meigoeira” isentando-os da jurisdição episcopal<sup>1271</sup>. A

---

<sup>1265</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 11, fl.45vº.

<sup>1266</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, 15vº. Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.65. A legislação proibía os clérigos de andar em besta muar com sela, havendo indicações para, sempre que se verificasse tal situação, serem tomados os animais aos infractores, medida que, como adianta Margarida Garcez Ventura, se insere no plano geral de defesa do reino, com a obrigatoriedade de possuir cavalos (cf. Ventura, Margarida Garcez, *Igreja e poder no séc. XV ...*, 1997, p.455).

<sup>1267</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.37vº.

<sup>1268</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra...*, 1978, p.30.

<sup>1269</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XV, pp.340-341.

<sup>1270</sup> Moreno, Humberto Baquero, “Aspectos do governo de Frei Baltasar Limpo, bispo do Porto”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol.I, Porto/Arouca, 2002, p.12; Gomes, J. Pinharanda, “O episcopado portuense (1536-1550) de D. Frei Baltazar Limpo, O. Carm.”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol.II, Porto/Arouca, 2002, p.434. Sobre todo este processo veja-se Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp.91-94.

<sup>1271</sup> Moreno, Humberto Baquero, “Aspectos do governo de Frei Baltasar Limpo, bispo do Porto”, 2002, p.12; Gomes, J. Pinharanda, “O episcopado portuense ...”, 2002, p.434.

mudança ocorreu em 1542<sup>1272</sup>. Com a inadaptação de alguns cónegos, e reclamações de outros, o papa Pio V (1566-1572) haveria de conceder a bula de separação em 1566<sup>1273</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Grijó**

A 30 de Outubro de 1299 é celebrada uma composição entre o mosteiro de Grijó e o bispo do Porto, ficando o mosteiro com isenção de todos os direitos episcopais nas igrejas de Santa Maria de Crasto e Santa Marinha de Silgueiros com a condição de as anexar à igreja de S. Salvador de Perosinho, isenção episcopal que se estendia a esta igreja de Perosinho e às igrejas de S. Martinho de Argoncilhe e S. Mamede de Serzedo, cedendo o mosteiro ao bispo, em troca destes privilégios, o padroado das igrejas de São Tiago de Lobão e São Pedro do Paraíso<sup>1274</sup>.

Esta composição surge na sequência de dúvidas levantadas pela Sé do Porto sobre os direitos de isenção episcopal a que tinha direito o mosteiro e algumas das suas igrejas, privilégio que já vinha do século XII, com o papa Inocêncio II (1130-1143) a confirmar, a 27 de Abril de 1139, ao mosteiro e às suas igrejas de S. Martinho de Argoncilhe, S. Salvador de Perosinho e S. Mamede de Serzedo a isenção episcopal<sup>1275</sup>. Contabilizando e incluindo as designadas igrejas do isento de Grijó, o mosteiro detinha direitos de padroado numa vintena de igrejas.

**2.4.4.1 – Santa Maria de Gulpilhares** (c. Vila Nova de Gaia) – Em 1320 foi taxada em 50 libras<sup>1276</sup>. Segundo o “Livro das Campainhas”, o mosteiro de Grijó detinha o direito de padroado desta igreja, a qual pagava de colheita seis libras<sup>1277</sup>. A 27 de Novembro de 1429 surge João Vicente, acólito da diocese do Porto a solicitar a igreja de Gulpilhares, à qual estava na disposição de resignar o seu reitor, o presbítero Martinho Anes<sup>1278</sup>. A 27 de Outubro de 1430 João Vicente já era o reitor da igreja, dia em que pede autorização para receber de qualquer bispo católico que se encontre na Cúria Romana as

---

<sup>1272</sup> Moreno, Humberto Baquero, “Aspectos do governo de Frei Baltasar Limpo, bispo do Porto”, 2002, p.12; Gomes, J. Pinharanda, “O episcopado portuense ...”, 2002, p.434.

<sup>1273</sup> Moreno, Humberto Baquero, “Aspectos do governo de Frei Baltasar Limpo, bispo do Porto”, 2002, p.12.

<sup>1274</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 305-312, 637-638; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas...*, Tomo V, 1836, pp. 58-59.

<sup>1275</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó (XI-XIII siècles)*, introduction et notes de Robert Durand, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1971, pp.3-4 (doc.1); Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.26; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. III, p.282.

<sup>1276</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1277</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.40.

<sup>1278</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.182.

ordens sacras de subdiácono, diácono e presbítero<sup>1279</sup>. A 17 de Dezembro de 1457 o abade de Santa Maria de Gulpilhares já era Fernão Anes, que nesse dia recebe, em Braga, ordens de Evangelho<sup>1280</sup>, sendo-lhe ministradas, nessa mesma cidade, no início do ano seguinte, as Ordens de Missa<sup>1281</sup>.

**2.4.4.2 – Santa Maria de Maladas** (fr. Mozelos, c. Santa Maria da Feira)<sup>1282</sup> – Ermida do padroado do mosteiro de Grijó. Os seus rendimentos eram muito modestos, surgindo, em 1320, taxada em 10 libras<sup>1283</sup>. Em 1365 o mosteiro de Grijó recebia desta ermida 1 fogaça de alqueire e meio de trigo, dois capões e uma cabaça de vinho<sup>1284</sup>.

**2.4.4.3. - Santa Maria de Vagos** (c. Vagos) – Ermida cuja apresentação pertencia ao mosteiro de Grijó. A 6 de Abril de 1254 D. Afonso III ordenou a Domingos Anes e a Pedro Gil, respectivamente almoxarife e escrivão de Coimbra, a entrega da ermida de Vagos ao prior e mosteiro de Grijó<sup>1285</sup>. Os seus rendimentos, para uma ermida eram relativamente consideráveis, como facilmente se depreende das 50 libras em que foi taxada “a ermitania de Vagos” em 1321<sup>1286</sup>.

Segundo o Livro das Campanhas esta ermida tinha a obrigação de pagar colheita ao prior de Grijó, avaliada em seis libras, e entregar de censo cem restes de alhos e cera para a ovença da Sacristia<sup>1287</sup>. A 9 de Janeiro de 1399 o cónego Vasco Martins é referenciado como “comendador da nossa ermida de Santa Maria de Vaagos”<sup>1288</sup>. Na década de sessenta do séc. XV e pelo menos até 7 de Julho de 1467, dia em que Pedro Gil, cónego do mosteiro de Grijó, remeteu súplica ao papa, para ser provido na ermida

---

<sup>1279</sup> *Ibidem*, Vol. IV, 1970, p.182.

<sup>1280</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.75vº; Fernandes, M. Antonino, *Matriculas...*, Tomo I, 2002, p.308.

<sup>1281</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 1, fl.5; Fernandes, M. Antonino, *Matriculas...*, Tomo I, 2002, p.316.

<sup>1282</sup> Trata-se de uma antiga freguesia denominada de Santa Maria de Meladas, segundo parece extinta nos finais do século XV e que hoje é apenas um lugar da freguesia de Mozelos (cf. Oliveira, Padre Miguel de, “Igrejas na Terra de Santa Maria no ano de 1320” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.VI, Nº24, 1940, p.288). Esta ermida parece ter alguma ligação com a actual capela da quinta de Meladas na freguesia de Mozelos em Santa Maria da Feira (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 2, 1997, p.114). No catálogo das igrejas de 1320-1321 o orago é omitido, aparecendo apenas “Maladas” (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93).

<sup>1283</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1284</sup> *Livro das Campanhas...*, 1986, p.28.

<sup>1285</sup> Ventura, Leontina; Oliveira, António Resende de, *Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, Vol. I*, 2006, p.55.

<sup>1286</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.123.

<sup>1287</sup> *Livro das Campanhas...*, 1986, p.60.

<sup>1288</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.127vº-128.

de Santa Maria de Vagos, ela foi administrada por João Lourenço, reitor paroquial da igreja de Vouga e arcepreste de Aveiro, situação que segundo o religioso de Grijó, era ilegítima em virtude de caber a um cônego do mosteiro a sua administração<sup>1289</sup>.

O certo é que tal prerrogativa parece ter sido definitivamente alterada, isto se tivermos em conta que no segundo semestre de 1499 o prior do mosteiro, D. Fernando de Sequeira, colocou à frente desta ermida um sacerdote de Coimbra, Gonçalo Gil, que enviara súplica ao papa no sentido de obter o governo de Santa Maria de Vagos, situação que viria a confirmar-se, substituindo assim o anterior titular do cargo, o cônego de Grijó, Diogo Barreto<sup>1290</sup>. Tal situação só foi possível devido ao facto de o prior de Grijó colocar alternadamente à frente de Santa Maria de Vagos um cônego regular e um elemento do clero secular<sup>1291</sup>.

**2.4.4.4. - Santa Marinha de Cortegaça** (c. Ovar) – Igreja do padroado do mosteiro de Grijó. A sua jurisdição sobre esta igreja remonta ao séc. XII, sendo que em Setembro de 1163 Garcia Gonçalves doou ao mosteiro de Grijó os direitos de padroado que tinha na “ecclesia de Cortegaza”<sup>1292</sup>. Em Janeiro de 1300 foi confirmado como reitor desta igreja Martim Esteves que se manteve no cargo, pelo menos, até 1315<sup>1293</sup>. Em 1320 foi taxada em 20 libras<sup>1294</sup>. Em 1365 dava ao prior do mosteiro de Grijó, de colheita, seis libras<sup>1295</sup>. Em 1376 Gonçalo Gonçalves foi destituído pelo bispo do Porto desta paróquia e substituído por Vasco Gonçalves<sup>1296</sup>. A 17 de Janeiro de 1401 o bispo do Porto nomeou para reitor da igreja de Cortegaça João Martins, natural da diocese de Braga<sup>1297</sup>.

Sabemos que em Abril de 1454, o abade de Santa Marinha de Cortegaça era João Pires, que nesse mesmo mês recebe, em Braga, no dia 12 as Ordens de Evangelho<sup>1298</sup> e no dia 21 as de Missa<sup>1299</sup>.

---

<sup>1289</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>1290</sup> *Idem, Ibidem*, pp.39, 83.

<sup>1291</sup> *Idem, Ibidem*, p.39.

<sup>1292</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, p.55 (doc.44).

<sup>1293</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “Cortegaça e a “Ribeirinha” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.IX, Nº36, 1943, p.270.

<sup>1294</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1295</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.33.

<sup>1296</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “Cortegaça e a “Ribeirinha”...”, 1943, p.270.

<sup>1297</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “Cortegaça e a “Ribeirinha”...”, 1943, p.270.

<sup>1298</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 29, fl.4vº; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.221.

<sup>1299</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.5; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.225.

**2.4.4.5. - S. Cipriano de Paços de Brandão** (c. Santa Maria da Feira) – Em 1320 foi taxada em 35 libras<sup>1300</sup>. O mosteiro de Grijó era co-padroeiro desta igreja, detendo metade do padroado e o prior recebia de colheita seis libras<sup>1301</sup>. O restante direito de padroado pertencia à Ordem de Malta ou do Hospital<sup>1302</sup>. Entre os párocos desta igreja conta-se Afonso Anes que faleceu em 1457, sucedendo-lhe João Anes, investido e confirmado na paróquia pelo bispo do Porto, D. Luís Pires (1453-1464), a 15 de Junho de 1457<sup>1303</sup>. O clérigo de missa João Anes resignaria a esta igreja, em 1499, renúncia de que foi portador Álvaro Anes, abade de Paramos, constituído legítimo procurador de João Anes por instrumento lavrado por Luís Tavares, tabelião da Feira<sup>1304</sup>. A 28 de Junho de 1499 foi confirmado para abade de Paços de Brandão Afonso Martins, cónego regrante de Santa Cruz de Coimbra<sup>1305</sup>.

No século XVI os párocos de S. Cipriano passam a ser apresentados pelo comendatário de Rio Meão e pelas freiras de Santa Clara do Porto, fruto da permuta feita com o mosteiro de Grijó, que ficou com o direito de padroado na igreja de S. Cristóvão de Mafamude, até aí em posse das freiras clarissas, passando Paços de Brandão e a igreja de S. Jorge com a capela anexa de S. Silvestre de Duas Igrejas para o padroado de Santa Clara<sup>1306</sup>.

**2.4.4.6. - S. Jorge de Caldelas**<sup>1307</sup> (c. Santa Maria da Feira) – A igreja era de apresentação do mosteiro de Grijó e tinha de dar colheita ao prior<sup>1308</sup>. Em 1320 foi taxada em 40 libras<sup>1309</sup>. A 27 de Novembro de 1367, e na sequência de um pedido feito

---

<sup>1300</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1301</sup> *Livro das Campanhas...*, 1986, p.31.

<sup>1302</sup> Rocha, Padre Joaquim Correia da, *Recordar 900 anos de Paços de Brandão* – I volume, Junta de Freguesia de Paços de Brandão, 1995, pp.225, 228.

<sup>1303</sup> Rocha, Padre Joaquim Correia da, *Recordar 900 anos de Paços de Brandão*, volume I, 1995, pp. 225, 228-229.

<sup>1304</sup> Rocha, Padre Joaquim Correia da, *Recordar 900 anos de Paços de Brandão*, volume I, 1995, pp.230-231, transcreve neste seu trabalho monográfico o documento referente a esta renúncia e à confirmação do cónego Afonso Martins, embora algumas falhas na transcrição, pelo menos perceptíveis na confrontação que é possível fazer-se com o respectivo extracto documental que o Autor reproduz na p.232, acabem por induzi-lo em conclusões que não nos parecem corresponder, de todo, à leitura que é possível fazer-se, pelo menos da parte aí exposta, embora também não nos tenha sido possível consultar o original, de qualquer modo e socorrendo-nos da imagem, que em boa hora o Autor aí reproduziu, dá para estabelecer, com segurança, esta sequência de abades ou reitores.

<sup>1305</sup> Rocha, Padre Joaquim Correia da, *Recordar 900 anos de Paços de Brandão* – volume I, 1995, pp.226-228.

<sup>1306</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, pp.191,193-194, 198-199; Rocha, Padre Joaquim Correia da, *Recordar 900 anos de Paços de Brandão*, volume I, 1995, pp. 202, 237.

<sup>1307</sup> Trata-se da actual freguesia de Caldas de S. Jorge.

<sup>1308</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.52.

<sup>1309</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

por D. Afonso Esteves, prior de Grijó, o bispo do Porto, D. Afonso (1359-1372), uniu a esta igreja a de S. Miguel de Duas Igrejas<sup>1310</sup>. Na década de noventa, pelo menos na sua primeira metade, o abade de S. Jorge era Domingos Martins como revelam instrumentos de 21 de Abril de 1390<sup>1311</sup> e 22 de Junho de 1394<sup>1312</sup>.

**2.4.4.7. - S. Mamede da Gândara** (fr. Anta, c. Espinho)<sup>1313</sup> – Igreja do padroado do mosteiro de Grijó. Em 1365 dava de colheita seis libras<sup>1314</sup>. A 18 de Fevereiro de 1512 Diogo Teixeira, cónego regrante de Grijó, foi instituído como reitor das igrejas de S. Mamede da Gândara e S. Martinho de Anta<sup>1315</sup>, igrejas que alcançou por permuta com o cónego Fernando Anes, até aí responsável por estas duas paróquias<sup>1316</sup>. O Censual da Mitra do Porto, de 1542, diz que a “igreja de Sam Mamede de Gandra taxada em vimte e çinquo livras he de apreSENTAÇÃO do mosteiro de Grijoo”<sup>1317</sup>. O certo é que nesta data concreta já não o era, de resto por esta mesma altura a igreja da Gândara já tinha sido unida à de S. Martinho de Anta<sup>1318</sup>. O Censual diz ainda que estas igrejas passaram para o padroado régio, por permuta com o mosteiro de Grijó, que ficou com o padroado de S. Cristóvão de Mafamude<sup>1319</sup>. Efectivamente, o bispo D. Baltasar Limpo dá o seu consentimento a esta troca por carta de 16 de Maio de 1539, no seguimento da solicitação de Frei Brás de Braga, reformador e governador dos mosteiros de Santa Cruz, Grijó e S. Vicente, que na qualidade de procurador dos cónegos apresentou ao bispo do Porto um alvará régio em que dava a igreja de Mafamude ao mosteiro em troca de uma

---

<sup>1310</sup> Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral...*, 2010, p.363.

<sup>1311</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.165vº.

<sup>1312</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.157vº.

<sup>1313</sup> Na grafia trecentista do “Livro das Campainhas” surge como “Gandra”. A existência de diversas localidades com este topónimo faz com que a sua localização levante algumas dúvidas embora nos pareça tratar-se da localidade identificada por Sousa, Arlindo de “O concelho de Espinho - Notas do seu passado medieval (séculos IX-XVI)” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.XXIX, Nº113, 1963,p.16, como sendo do concelho de Espinho. Já Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.50, diz tratar-se, muito provavelmente, de uma igreja situada no actual concelho de Vila Nova de Gaia, adiantando como possibilidades as localidades das freguesias de Vila Chã da Gândara ou Madalena.

<sup>1314</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.26.

<sup>1315</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.4, Doc.3; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.86.

<sup>1316</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.129vº-130vº.

<sup>1317</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.199.

<sup>1318</sup> *Idem, Ibidem*, pp.250, 311.

<sup>1319</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.191. De facto a igreja de S. Cristóvão de Mafamude aparece referenciada como sendo do padroado real (cf. Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto ...*, 1973, p.108), dizendo-se também aí que foi posteriormente doada ao mosteiro de Santa Clara do Porto (*Idem, Ibidem*, p.541) numa permuta em que acabou por reverter para o padroado régio as igrejas de S. Mamede de Gândara e de S. Martinho da Anta, entretanto unidas numa só (*Idem, ibidem*, p.199).

de semelhante rendimento<sup>1320</sup>. A concretização da permuta parece ter ocorrido apenas em 1541<sup>1321</sup>.

**2.4.4.8 - S. Mamede de Serzedo** (c. Vila Nova de Gaia) – Igreja da apresentação de Grijó. A 27 de Abril de 1139 o papa Inocêncio II (1130-1143) confirmou ao mosteiro de Grijó o direito de padroado na igreja de “Sancti Mametis de Cerzedo”, acção repetida a 30 de Abril de 1144, pelo pontífice Lúcio II (1144-1145)<sup>1322</sup>. Curiosamente, alguns anos depois, mais concretamente em Abril de 1154, o mosteiro comprava a parte e direitos que Nuno Gonçalves possuía nesta igreja<sup>1323</sup>.

Por uma composição feita, em 1299, entre o mosteiro de Grijó e o bispo do Porto, esta igreja ficou isenta de todos os direitos episcopais<sup>1324</sup>. Na década de sessenta do séc. XIV pagava de censo 50 libras ao mosteiro e colheita ao prior, além de manter dois frades, fora os encargos com a sua manutenção temporal e espiritual, de qualquer forma os seus rendimentos permitiam-lhe entregar 100 libras de rendimento livres ao mosteiro<sup>1325</sup>. A 17 de Fevereiro de 1389, e face aos abusos cometidos por alguns nobres, D. João I ordenava que nenhum poderoso pousasse no mosteiro de Grijó, nem nas suas casas do Porto nem na igreja de *Cerzedo*<sup>1326</sup>.

**2.4.4.9 - S. Martinho de Anta** (c. Espinho) – Metade do padroado desta igreja era do mosteiro de Grijó. Esses mesmos direitos advêm-lhe, muito provavelmente, já desde o séc. XII, uma vez que em Setembro de 1163 Garcia Gonçalves doou ao mosteiro de Grijó os direitos de padroado bem como as herdades que tinha dessa igreja<sup>1327</sup>. Em 1320 foi taxada em 40 libras<sup>1328</sup>. Em 1365 dava ao mosteiro uma fogaça, de alqueire e meio de trigo pela medida nova e dois patos<sup>1329</sup>.

---

<sup>1320</sup> Moreno, Humberto Baquero, “Aspectos do governo de Frei Baltasar Limpo, bispo do Porto”, 2002, pp.13, 20.

<sup>1321</sup> *Livro das Igrejas e capelas do padroado dos reis de Portugal – 1574*, 1971, p.60.

<sup>1322</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, pp.3-7 (docs.1-2).

<sup>1323</sup> *Ibidem*, pp.163-164 (doc.172).

<sup>1324</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 305-312, 637-638.

<sup>1325</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.46.

<sup>1326</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo I, 2005, pp. 62-63.

<sup>1327</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, pp.54-55 (docs.43-44).

<sup>1328</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1329</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.24.

A 18 de Fevereiro de 1512 Diogo Teixeira, cónego regrante de Grijó, foi instituído como reitor das igrejas de S. Martinho de Anta e S. Mamede da Gândara<sup>1330</sup>, que tinham estado em posse do cónego Fernando Anes até Fevereiro de 1511, altura em que estes dois religiosos de Grijó, com o devido consentimento do prior da instituição, à altura D. Fernando de Sequeira, permutaram entre si os respectivos benefícios<sup>1331</sup>. O Censual da Mitra do Porto, de 1542, diz que a “igreja de Sam Martinho de Amta taxada em coremta livras he de apresentação do mosteiro de Grijoo”<sup>1332</sup>, revelando também que a igreja da Gândara estava unida à de S. Martinho de Anta<sup>1333</sup>.

Com a construção do novo mosteiro de S. Salvador da Serra do Pilar para albergar os cónegos de Grijó, e face à proximidade da igreja de S. Cristóvão de Mafamude deste novo mosteiro, o rei, por carta de 25 de Agosto de 1538, predispôs-se a dá-la aos cónegos em troca de uma de semelhantes rendimentos<sup>1334</sup>. Na sequência do processo os regrantes de Grijó propuseram a permuta com a igreja de S. Martinho de Anta e sua anexa de S. Mamede, surgindo Frei Brás de Braga, na qualidade de procurador dos cónegos, perante o bispo do Porto, D. Frei Baltasar Limpo (1536-1550), a solicitar a autorização para a permuta, consentimento que lhes foi concedido por carta de 16 de Maio de 1539<sup>1335</sup>. A concretização da permuta parece ter ocorrido apenas em 1541, pelo menos é essa a informação vertida no *Livro das Igrejas e capelas do padroado dos reis de Portugal*, que atesta que as igrejas de S. Martinho de Anta e S. Mamede de Gandara são do padroado régio por “escaimbo que Elrei dom João 3º fez no anno de 1541 com o mosteiro de S. Salvador, per que o dito Senhor deu a igreja de S. Christovam de Mafamude pela igreja de S. Martinho d’anta, e S. Mamede de Gandara sua anexa situadas em terra da Feira”<sup>1336</sup>.

---

<sup>1330</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.4, Doc.3; IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.129vº-130vº; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.86.

<sup>1331</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.129vº-130vº.

<sup>1332</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.199.

<sup>1333</sup> *Idem, Ibidem*, pp.250, 311. Desconhecemos a data concreta da união da igreja de Gândara à de Anta mas é provável que tal tenha ocorrido no final do séc. XV, ou início do XVI, sendo que, como já tivemos oportunidade de ver, essa união é anterior a 1511, de qualquer modo e pelo que consta do “Censual” infere-se que seria relativamente recente, uma vez que aí se diz: “Item a igreja de Sam Martinho de Amta e Gandra que sofam de ser duas igrejas e agora he hua soo e paga o que pagavam ambas” (cf. Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, pp.250).

<sup>1334</sup> Moreno, Humberto Baquero, “Aspectos do governo de Frei Baltasar Limpo, bispo do Porto”, 2002, pp.13, 20 (nesta última página encontra-se a transcrição do documento).

<sup>1335</sup> *Idem, Ibidem*, pp.13, 20.

<sup>1336</sup> *Livro das Igrejas e capelas do padroado dos reis de Portugal – 1574*, 1971, p.60.



**2.4.4.10 - S. Martinho de Argoncilhe** (c. Santa Maria da Feira) – A 27 de Abril de 1139, o papa Inocêncio II (1130-1143) confirmou, ao mosteiro de Grijó, o direito de padroado na igreja de “Sancti Martini de Dragoncelli”, confirmação reafirmada a 30 de Abril de 1144 pelo papa Lúcio II (1144-1145)<sup>1337</sup>. Em 1299 e em virtude das dúvidas levantadas pela Sé do Porto sobre os direitos de isenção episcopal a que tinha direito o mosteiro e algumas das suas igrejas, incluindo a de Argoncilhe, o mosteiro de Grijó fez uma composição com o bispo desta diocese, resultando desse acordo a isenção de direitos episcopais nesta igreja<sup>1338</sup>.

Aquando da taxaçaõ aplicada às igrejas do reino em 1320 é expresso que a “igreja de S. Martinho de Dragoncelhe” é do mosteiro de Grijó<sup>1339</sup>. Segundo o Livro das Campainhas, a igreja de Argoncilhe era do mosteiro de Grijó e dava de censo ao mosteiro setenta libras e ainda a colheita no montante de seis libras<sup>1340</sup>. A 30 de Maio de 1361 Martim Gonçalves, freire cavaleiro da Ordem de Cristo e Gonçalo Martins doaram à igreja de Argoncilhe o casal do Monte com a condição de o reitor dessa igreja assegurar a celebração anual de um aniversário no primeiro dia de Dezembro na presença de cinco cónegos de Grijó, que devem dizer as vésperas e horas dos passados e cinco missas pela alma de Maria Fernandes e seus familiares, numa altura em que Gonçalo Ferreira era o prior da igreja de São Martinho de Argoncilhe<sup>1341</sup>. Este cónego regente de Grijó manter-se-ia como titular desta igreja até ao início de 1363, altura em que assumiu o priorado da igreja de S. Salvador de Perosinho<sup>1342</sup>. Cerca de um ano depois, mais concretamente a 5 de Abril de 1364 é provido nesta igreja o cónego Vasco Peres<sup>1343</sup>. Neste período intermédio o priorado de Argoncilhe deverá ter sido ocupado pelo cónego Domingos Gonçalves, que surge referenciado como titular da igreja nesse ano<sup>1344</sup>.

A 26 de Abril de 1400 foi indicado e confirmado pelo prior de Grijó o cónego João Rodrigues para reitor da igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>1345</sup>. Da segunda metade do século XV temos conhecimento de dois cónegos de Grijó que

---

<sup>1337</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, pp.3-7 (docs.1-2).

<sup>1338</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 305-312, 637-638.

<sup>1339</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1340</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.47.

<sup>1341</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.75-76.

<sup>1342</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.429.

<sup>1343</sup> *Ibidem*, Vol. I, 1968, p.475.

<sup>1344</sup> Amaral, Luís Carlos, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994, p.54 (nota c).

<sup>1345</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.1-2.

estiveram à frente desta igreja. Trata-se de João Gonçalves e de Gomes Anes, que sucedeu ao primeiro, surgindo em súplica de 1 de Janeiro de 1486 a solicitar dispensa para acumular esta igreja com a de S. Miguel de Arcozelo para a qual o prior o havia nomeado reitor<sup>1346</sup>. Em Fevereiro de 1496 Gomes Anes mantinha-se como prior da igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>1347</sup> e é muito provável que aí tenha permanecido, de forma ininterrupta, até 1517, ano em que renuncia a favor do cónego Jorge Correia<sup>1348</sup>. No entanto este cónego só viria a ser empossado em Argoncilhe a 11 de Janeiro de 1518 por Afonso de Melres, notário apostólico<sup>1349</sup>, embora a bula papal a autorizar a sua confirmação nessa igreja tenha sido expedida a 2 de Setembro de 1517<sup>1350</sup>. Jorge Correia manteve-se à frente desta igreja até 1536 altura em que apresentou a resignação, confirmando o papa Paulo III (1534-1549), por letras apostólicas de 2 de Junho de 1536, no cargo o cónego da Sé de Lamego, Carlos Foubert, filho de João Foubert, cónego da Sé do Porto<sup>1351</sup>. Esta situação acabaria por gerar uma contenda entre o mosteiro e o novo reitor que só obteria resolução em 1545, numa altura em que o mosteiro já integrava a Congregação de Santa Cruz, com a elaboração de uma composição entre as partes a 21 de Outubro desse ano, ficando a igreja novamente livre para apresentação do mosteiro e sem ingerência externa<sup>1352</sup>. De qualquer modo Carlos Foubert manteve-se como prior da igreja resignando apenas a 12 de Março de 1571, encontrando-se entre as testemunhas da renúncia Gonçalo Correia, capelão da igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>1353</sup>.

**2.4.4.11. - S. Martinho de Mozelos** (c. Santa Maria da Feira) – Igreja da apresentação do mosteiro de Grijó. A 22 de Junho de 1311 Pedro Domingues era o “abade de Moozelos”<sup>1354</sup>, mantendo-se ainda como titular desta igreja a 8 de Junho de 1318<sup>1355</sup>. Em 1320 esta igreja foi taxada em 25 libras<sup>1356</sup>. A 7 de Julho de 1338 Domingos Martins já era o abade da igreja de S. Martinho de Mozelos, dia em que D. Afonso IV, no seguimento de queixa apresentada por este abade contra herdeiros e naturais que se

---

<sup>1346</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.80.

<sup>1347</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 32, fl.99vº.

<sup>1348</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.87.

<sup>1349</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.4vº,7vº-8.

<sup>1350</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.2-4vº.

<sup>1351</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.8-10.

<sup>1352</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.14-16vº.

<sup>1353</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.24-25.

<sup>1354</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 5vº-6.

<sup>1355</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, Nº6, fl.142.

<sup>1356</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

diziam dessa igreja, e que aí pousavam e exigiam comedoria e direitos, ordenou às suas justiças que defendessem a igreja e que esses naturais apenas podiam exigir tais direitos ao mosteiro de Grijó, em virtude de Mozelos ser sua sufragânea, situação extensível a todas as igrejas sufragâneas de mosteiros<sup>1357</sup>. Domingos Martins ainda se mantinha à frente da igreja de Mozelos em 9 de Julho de 1351<sup>1358</sup>. A 23 de Dezembro de 1357 o bispo do Porto, D. Afonso (1343-1357), confirma Lourenço Martins, cónego do mosteiro de Grijó, como reitor da igreja de S. Martinho de Mozelos, após apresentação do prior e convento de Grijó<sup>1359</sup>. O Livro das Campainhas confirma que esta igreja era do padroado de Grijó e dava de colheita seis libras<sup>1360</sup>. A 19 de Julho de 1508 foi instituído como seu reitor Jorge Correia<sup>1361</sup>, cónego do mosteiro de Grijó, ainda identificado como seu titular a 21 de Maio de 1516<sup>1362</sup>. De resto, este religioso conservá-la-ia até 1517, altura em que renuncia a favor de Simão Sanches, também cónego de Grijó, mantendo, no entanto, para si os proventos desta igreja<sup>1363</sup>.

**2.4.4.12. - S. Martinho de Travanca** (c. Oliveira de Azeméis) – Igreja da apresentação do mosteiro de Grijó. A 30 de Abril de 1144 o papa Lúcio II (1144-1145) confirmou o direito de padroado do mosteiro de Grijó na igreja de “Sancti Martini de Travanca”<sup>1364</sup>. A 25 de Agosto 1301 Domingos Lourenço era o abade de Travanca<sup>1365</sup>. Em 1321 a igreja de Travanca foi taxada em 80 libras<sup>1366</sup>. Em 1365 esta igreja entregava ao mosteiro, de colheita, seis libras<sup>1367</sup>. A 21 de Dezembro de 1400 é empossado na igreja de S. Martinho de Travanca o clérigo João Nicolas, aí apresentado e confirmado pelo prior D. Gonçalo e pelo convento do mosteiro, em virtude do falecimento de João Domingues, seu último titular<sup>1368</sup>.

Por volta de 1472 e até 1474 o prior de Grijó, D. João Álvares, estava em posse desta igreja, embora, e segundo súplica apresentada por Pedro Vasques, cónego regente

---

<sup>1357</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.104vº-105vº. Esta carta de D. Afonso IV foi trasladada a 13 de Março de 1339 por Fernão Vasques, tabelião da infanta D. Branca na vila da Feira, por solicitação do abade Domingos Martins perante Afonso Pires, juiz da Feira.

<sup>1358</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.73.

<sup>1359</sup> Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral...*, 2010, p.361.

<sup>1360</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.29.

<sup>1361</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.84.

<sup>1362</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.101vº.

<sup>1363</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.87.

<sup>1364</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, p.5 (doc.2).

<sup>1365</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.87vº.

<sup>1366</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.123.

<sup>1367</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.56.

<sup>1368</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.67vº-68.

de Grijó, tal situação era ilegítima<sup>1369</sup>. O certo é que Pedro Vasques, em Maio de 1474, solicita esta igreja para si e vê os seus intentos coroados de êxito ao obter a confirmação papal acumulando assim a sua administração com a de Perosinho<sup>1370</sup>.

**2.4.4.13. - S. Miguel de Duas Igrejas**<sup>1371</sup> (fr. Romariz, c. Santa Maria da Feira) – Igreja do padroado do mosteiro de Grijó. Em 1320 foi taxada em 15 libras<sup>1372</sup>. A 7 de Agosto de 1351 o bispo do Porto, D. Pedro (1343-1357), institui o presbítero Afonso Pires, como reitor de S. Miguel de Duas Igrejas, por apresentação do mosteiro de Grijó<sup>1373</sup>. Em 1365 dava de serviço ao prior de Grijó dois patos, uma broa de alqueire e uma cabaça de vinho<sup>1374</sup>. A 27 de Novembro de 1367 o bispo do Porto, D. Afonso (1359-1372), une a igreja de S. Miguel de Duas Igrejas à de S. Jorge, dando cumprimento à solicitação feita por D. Afonso Esteves, prior de Grijó<sup>1375</sup>.

**2.4.4.14. - S. Miguel de Arcozelo** (c. Vila Nova de Gaia) – Igreja do padroado do mosteiro de Grijó. Em 1320 foi taxada em 80 libras<sup>1376</sup>. Em 1364 dava ao prior de Grijó, de colheita, seis libras<sup>1377</sup>. A 29 de Dezembro de 1346 o cardeal D. Guilherme solicita a igreja de S. Miguel de Arcozelo para Martinho Pires, clérigo da diocese de Burgos<sup>1378</sup>. A 15 de Outubro de 1485 encontrava-se à frente desta igreja o cónego de Grijó Gomes Anes, que solicitava, por súplica de 15 de Outubro de 1485, a confirmação da validade da sua eleição para reitor desta igreja em virtude de haver dúvidas referentes à sua apresentação, relacionadas com o facto de este cónego já deter a igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>1379</sup>. A 18 de Março de 1487 este cónego surge referenciado como prior das igrejas de S. Miguel de Arcozelo e S. Martinho de Argoncilhe<sup>1380</sup>, solicitando, por

---

<sup>1369</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.75.

<sup>1370</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>1371</sup> Ao longo do tempo esta freguesia conheceu três oragos, sucessivamente Santa Maria, São Miguel e São Silvestre (cf. Sá, Padre Manuel F. de, “Subsídios para a História de “Duas Igrejas” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.VII, Nº27, 1941, p.204) sendo que para os últimos séculos da Idade Média o padroeiro seja S. Miguel.

<sup>1372</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1373</sup> Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral...*, 2010, p.360.

<sup>1374</sup> *Livro das Campanhas...*, 1986, p.51.

<sup>1375</sup> Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral...*, 2010, p.363.

<sup>1376</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1377</sup> *Livro das Campanhas...*, 1986, p.38.

<sup>1378</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, pp.116-117.

<sup>1379</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.80.

<sup>1380</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Docs.9,10; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.81.

súplica de 19 de Abril de 1487, a detenção vitalícia da igreja de S. Miguel de Arcozelo, anteriormente em posse de João Álvares Rongel<sup>1381</sup>.

**2.4.4.15. - S. Miguel de Milheirós**<sup>1382</sup> (c. Santa Maria da Feira) – Igreja do padroado do mosteiro de Grijó. A sua jurisdição sobre esta igreja remonta ao séc. XII, sendo que em Outubro de 1160 Paio Aires e a sua esposa, Godinha Vermoiz, renunciaram a favor do mosteiro de Grijó a sua parte e direitos de padroado que tinham na igreja de Milheirós<sup>1383</sup>.

Em 1320 foi taxada, juntamente com a de Gaiate em 120 libras<sup>1384</sup>. Em 1365 dava ao prior de Grijó, referente a colheita, seis libras<sup>1385</sup>. A 1 de Abril de 1370 o bispo do Porto, D. Afonso Pires (1359-1372), institui Gonçalo Eanes como reitor de S. Miguel de Milheiros, após apresentação dos mosteiros de Grijó, Pedroso e Vila Cova<sup>1386</sup>, o que significa que o padroado era compartilhado por essas três instituições, situação que não sabemos quando se originou.

Em Setembro de 1445 Lourenço Vasques é referenciado como abade de S. Miguel de Milheirós recebendo, nesse mês, em Braga, ordens de Epístola<sup>1387</sup>, cidade onde voltaria em Dezembro seguinte, e novamente em Março de 1446, para lhe serem consagradas as ordens de Evangelho e Missa<sup>1388</sup>.

**2.4.4.16 - S. Miguel de Travassô** (c. Águeda) – Igreja do padroado do mosteiro de Grijó. A 30 de Abril de 1144 o papa Lúcio II (1144-1145) confirmava o direito de padroado do mosteiro de Grijó sobre a “ecclesiam Sancti Michaelis de Travazolo”<sup>1389</sup>. Em 1321 foi taxada em 60 libras<sup>1390</sup>. No Livro das Campainhas surge referenciada como igreja da apresentação do mosteiro de Grijó, dando de censo ao mosteiro oitenta libras e de colheita ao prior seis libras<sup>1391</sup>. A 24 de Novembro de 1378, o bispo de

---

<sup>1381</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993, p.81.

<sup>1382</sup> Trata-se da actual freguesia de S. Miguel de Milheirós de Poiães.

<sup>1383</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, pp.150-151 (doc.137).

<sup>1384</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1385</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.51.

<sup>1386</sup> Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral...*, 2010, p.363.

<sup>1387</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 10, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.63.

<sup>1388</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fls.3,7; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, pp.66,69.

<sup>1389</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, p.5 (doc.2).

<sup>1390</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.123.

<sup>1391</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.59.

Coimbra, D. João (1378-1384) reconhece razão ao mosteiro de Grijó e nula uma citação feita pelo arcipreste do Vouga a dois moradores da freguesia de S. Miguel de Travassô, uma vez que esta igreja era da jurisdição e isento de Grijó<sup>1392</sup>.

A 2 de Março de 1394 era prior da igreja de Travassô Vasco Martins<sup>1393</sup>. O seu sucessor deverá ter sido o cónego Gil Afonso aí confirmado a 9 de Janeiro de 1399<sup>1394</sup>. Pelo menos entre 1447 e 1451 o reitor de S. Miguel de Travassô foi Pedro Gonçalves, altura em que se envolveu activamente num processo contra o bispo de Coimbra D. Luís Coutinho (1444-1452) e os seus vigários a propósito da jurisdição da capela de Santa Eulália de Eirol, processo sobre o qual foi dada sentença favorável a Pedro Gonçalves e ao mosteiro de Grijó, por João Anes, abade de Bustelo<sup>1395</sup>. Esta foi apenas mais uma das muitas contendas que envolveu Grijó e a diocese de Coimbra sobre a disputa da capela de Eirol, que estava na directa dependência de S. Miguel de Travassô, contencioso que remonta pelo menos à primeira metade do séc. XIV<sup>1396</sup>.

Por documento pontifício de 3 de Outubro de 1511 foi provido em Travassô o prior crasteiro de Grijó, D. Fernando Anes<sup>1397</sup>, no seguimento de uma permuta feita, em Fevereiro de 1511, com o cónego Diogo Teixeira, anterior titular desta igreja e da sua anexa de Eirol<sup>1398</sup>. Fernando Anes manteve-se à frente de Travassô até 1529, altura em que resignou, ficando a receber uma pensão, com o núncio apostólico em Portugal, em representação do papa Clemente VII (1523-1534) a confirmar como seu sucessor na igreja de Travassô António Fernandes, um clérigo da diocese de Coimbra<sup>1399</sup>.

A partir de 1539 esta igreja seria paroquiada pelo padre D. Isidoro, um cónego regrante de Grijó, aí apresentado e confirmado por D. Tomé, prior do mosteiro, tomando posse da igreja de Travassô a 19 de Outubro de 1539<sup>1400</sup>.

**2.4.4.17. - S. Paio de Oleiros** (c. Santa Maria da Feira) – Em 1320 foi taxada em 40 libras<sup>1401</sup>. Segundo o Livro das Campainhas o mosteiro de Grijó detinha o direito de

---

<sup>1392</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.124vº-125.

<sup>1393</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 45, fls.112vº-113vº.

<sup>1394</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.127vº-128.

<sup>1395</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.174-179vº.

<sup>1396</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.170-172.

<sup>1397</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.130vº-132vº; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.86.

<sup>1398</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.129vº-130vº.

<sup>1399</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.133-141vº. Inicialmente foi confirmado Domingos Rodrigues, também clérigo da diocese de Coimbra (cf. IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.133-133vº), mas, por um qualquer motivo que desconhecemos, não chegou a assumir a igreja.

<sup>1400</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls. 141vº-142vº; 179vº-180vº.

padroado desta igreja, a qual pagava de colheita seis libras<sup>1402</sup>. A 17 de Março de 1453 João Gonçalves “abbade de Sam Paayo de Oleiros do bispado do Porto” recebeu, em Braga ordens de Epístola<sup>1403</sup>, sendo-lhe também aí conferidas, nesse mesmo mês de Março e em Maio seguinte as ordens de Evangelho<sup>1404</sup> e Missa<sup>1405</sup>.

**2.4.4.18 - S. Paulo de Maçãs de Dona Maria** (c. Alvaiázere) – O mosteiro de Grijó apresentava um cónego da instituição para reger esta igreja, cabendo a confirmação desse cónego ao bispo de Coimbra, uma vez que esta se situava na área de jurisdição da diocese conimbricense. Em 1321 foi taxada em 100 libras<sup>1406</sup>. Segundo o Livro das Campainhas, a igreja de “Maçaas de Dona Maria” entregava anualmente de censo ao mosteiro de Grijó 10 libras e tinha a obrigação de dar colheita ao prior sempre que este aí se deslocasse<sup>1407</sup>.

No início da década de trinta do século XV o conde D. Pedro de Meneses reivindicava, entre outros bens, a posse da localidade de Maçãs de Dona Maria<sup>1408</sup>, terra que acaba por alcançar uma vez que lhe é confirmada por D. Duarte a 17 de Janeiro de 1434<sup>1409</sup>, sendo-lhe concedidos outros privilégios referentes à sua administração em Abril seguinte<sup>1410</sup>. Naturalmente que o facto de a localidade integrar o seu património não implicava necessariamente o usufruto de quaisquer direitos de padroado. No entanto esta nossa dúvida prende-se com o facto de a 8 de Março de 1431 D. Pedro de Meneses entregar, a D. Fernando de Noronha, como penhora pela dívida respeitante ao dote de casamento da sua filha, D. Beatriz, várias localidades onde constava Maçãs de D. Maria, excluindo dessa penhora os padroados das igrejas<sup>1411</sup>. Independentemente da eventual mudança do direito de padroado, e a ter acontecido foi uma situação pontual, uma vez que em Outubro de 1466 esta igreja encontrava-se em posse de Pedro Álvares, sacerdote

---

<sup>1401</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1402</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.27.

<sup>1403</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.38; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.200.

<sup>1404</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 25, fl.4; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.204.

<sup>1405</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 26, fl.4; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.209.

<sup>1406</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.125.

<sup>1407</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.61.

<sup>1408</sup> Campos, Nuno Silva, *D. Pedro de Meneses e a construção da Casa de Vila Real (1415-1437)*, Lisboa, Edições Colibri/CIDEHUS-EU, 2004, p.110.

<sup>1409</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.215 (Doc.445).

<sup>1410</sup> *Idem*, pp. 305-306 (Doc.553).

<sup>1411</sup> Campos, Nuno Silva, *D. Pedro de Meneses e a construção da Casa de Vila Real (1415-1437)*, 2004, p.150, Anexos (Quadro V).

da diocese de Braga, que por súplica datada do dia sete desse mês duvidava da legalidade da sua titularidade, uma vez que essa igreja deveria ser administrada por cónegos de S. Salvador de Grijó<sup>1412</sup>. Por súplica de 18 de Julho de 1506 o prior de Grijó, D. Fernando de Sequeira, obteve esta igreja para si<sup>1413</sup>. Em 1509 regista-se uma permuta entre D. Pedro Vaz, prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e bispo da Guarda, e D. Fernando de Sequeira, prior de Grijó e simultaneamente bispo de Safim, onde se incluíam as propriedades que o mosteiro de Grijó detinha nesta localidade<sup>1414</sup>, contudo a apresentação desta igreja continuava a ser do mosteiro de Grijó<sup>1415</sup>. Em 1510 Pedro Afonso Malheiro suplica e obtém os direitos sobre esta igreja<sup>1416</sup>. Em 1514 já é Diogo Vasques de Castelo Branco o reitor de S. Paulo de Maças de Dona Maria<sup>1417</sup>.

**2.4.4.19 - S. Salvador de Perosinho** (c. Vila Nova de Gaia) – Igreja da apresentação do mosteiro de Grijó. Na primeira metade do séc. XII já o mosteiro de Grijó aí detinha o direito de padroado, sendo que o papa Inocêncio II (1130-1143), a 27 de Abril de 1139, confirmou a S. Salvador de Grijó esse mesmo direito de padroado na igreja de S. Martinho de Perosinho, confirmação reiterada a 30 de Abril de 1144 pelo papa Lúcio II (1144-1145)<sup>1418</sup>. Em virtude de uma composição feita, em 1299, entre o mosteiro de Grijó e o bispo do Porto, esta igreja ficou isenta de todos os direitos episcopais tendolhe, por esse mesmo acordo, sido anexadas as igrejas de Santa Maria de Crasto e Santa Marinha de Silgueiros<sup>1419</sup>. Em 1317, Martim da Costa, cónego do mosteiro de Grijó era o prior de “Pedrozinho”<sup>1420</sup>. Situação perfeitamente enquadrável nas prerrogativas do direito de padroado, de resto, em 1320 a igreja de Perosinho surge referenciada como anexa ao mosteiro de Grijó<sup>1421</sup>.

---

<sup>1412</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.73.

<sup>1413</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.83.

<sup>1414</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 56-57, 84-85.

<sup>1415</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.85.

<sup>1416</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>1417</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>1418</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, pp.3-7 (docs.1-2).

<sup>1419</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 305-312, 637-638.

<sup>1420</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, N°6, fl.140.

<sup>1421</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.



Segundo Frei Marcos da Cruz, a 31 de Janeiro de 1333 foi apresentado para pároco de Perosinho o cónego João Anes<sup>1422</sup>. Manteve-se no cargo até ao início da década de quarenta tendo resignado, como revela a súplica de 2 de Março de 1344, com a intenção de efectuar permuta com Martinho Vicente, prior do mosteiro de Grijó<sup>1423</sup>. De facto Martinho Vicente viria a ser reitor desta igreja mantendo-se nela certamente até início de Maio de 1350, altura em que a igreja vagou por falecimento deste reitor, com o mosteiro de Grijó a apresentar para ela Afonso Esteves, cónego professo do mosteiro, aí confirmado a 31 de Julho de 1351<sup>1424</sup>. Este religioso manter-se-ia à frente desta paróquia até finais de 1362 ou inícios de 1363, altura em que assumiu o priorado de Grijó, sucedendo-lhe no priorado da igreja de Perosinho o cónego Gonçalo Pires, anteriormente pároco da igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>1425</sup>. Em 1365 a igreja de S. Salvador de Perosinho pagava de censo 50 libras que eram o correspondente às 500 peixotas que anteriormente entregavam, bem como a colheita ao prior, avaliada em seis libras<sup>1426</sup>. A 5 de Outubro de 1429, surge o cónego de Grijó, João Gonçalves, a solicitar a igreja de S. Salvador de Perosinho, que se encontrava vaga por morte de Vasco Martins, seu último possessor<sup>1427</sup>. A 7 de Maio de 1474 Pedro Vasques, cónego do mosteiro de Grijó, solicitava ao papa a igreja de S. Salvador de Perosinho, até aí governada por Aires Gonçalves, um outro cónego de Grijó, acusado de a ter possuído de forma ilegítima uma vez que também detinha a igreja de Castelo Viegas<sup>1428</sup>. A 22 de Outubro de 1485 Aires Gonçalves surge novamente como reitor da igreja paroquial de S. Salvador de Perosinho, solicitando ao papa a concessão vitalícia dessa igreja, permissão que lhe seria confirmada a 22 de Outubro de 1486<sup>1429</sup>. Este mesmo cónego surge ainda como prior de Perosinho a 24 de Setembro de 1491<sup>1430</sup>. O seu sucessor deverá ter sido Pedro Gomes, que viria a renunciar na primeira década do século XVI, com Fernando de Sequeira, bispo de Safim e prior do mosteiro de Grijó, a confirmar como reitor da igreja de S. Salvador de Perosinho, a 1 de Dezembro de 1506, o cónego regrante Diogo

---

<sup>1422</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.140; Costa, Francisco Barbosa da, *Notícia histórica da freguesia de S. Salvador de Perosinho*, 2000, p.27.

<sup>1423</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.31.

<sup>1424</sup> *Ibidem*, Vol. I, Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Roma-Porto, Livraria Editorial Franciscana, 1968, p.232. Esta confirmação é reafirmada a 23 de Novembro de 1351 (cf. *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.238).

<sup>1425</sup> *Ibidem*, Vol. I, 1968, p.429.

<sup>1426</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.43.

<sup>1427</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 454-455.

<sup>1428</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>1429</sup> *Idem, Ibidem*, 1993, pp.79-80.

<sup>1430</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.11; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.82.

Barreto<sup>1431</sup>. A 17 de Julho de 1551 o capelão da igreja de S. Salvador de Perosinho era Fernão Gomes, altura em que também estava em posse da igreja de S. Martinho de Travanca<sup>1432</sup>.

**2.4.4.20 - S. Tiago de Silvalde** (c. Espinho) – Em 1320 foi taxada em 70 libras<sup>1433</sup>. Segundo o Livro das Campainhas o mosteiro de Grijó detinha o direito de padroado desta igreja, a qual pagava de colheita seis libras<sup>1434</sup>. De resto, os direitos de padroado do cenóbio gaiense nesta igreja remontam ao séc. XII, uma vez que em Setembro de 1163 Garcia Gonçalves doou ao mosteiro de Grijó os direitos de padroado que tinha na “ecclesia de Sisvaldi”<sup>1435</sup>. No último quartel do séc. XIV foi pároco de Silvalde Gonçalo Gonçalves que tinha sido destituído, pelo bispo do Porto, em 1376, da paróquia de Santa Marinha de Cortegaça<sup>1436</sup>. A 7 de Março de 1444 era abade da igreja de Silvalde João Martins que, nesse dia, recebeu ordens de Epístola, em Braga<sup>1437</sup>. A 28 de Março são-lhe conferidas ordens de Evangelho<sup>1438</sup> e a 11 de Abril de 1444 as ordens de Missa<sup>1439</sup>.

#### **2.4.5. - São Salvador de Lordelo (c. Paredes)**

São poucos os dados que nos permitem reconstituir a história e a vivência da comunidade deste cenóbio. Trata-se de uma instituição com poucos rendimentos, de resto já no século XII, S. Salvador de Lordelo era um mosteiro sem grande pujança económica<sup>1440</sup>. A tal realidade não é alheio o facto de o mosteiro ser de fundação mais recente que outros já com grande implantação na região, tendo de ombrear com institutos monásticos como Vilela, S. Pedro de Ferreira, Vandoma, Santo Tirso, Cete e Paço de Sousa, todos com interesses no vale de Ferreira<sup>1441</sup>. Nem o facto de ter como

---

<sup>1431</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.4vº-5vº.

<sup>1432</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.101-101vº.

<sup>1433</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.93.

<sup>1434</sup> *Livro das Campainhas...*, 1986, p.25.

<sup>1435</sup> *Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó...*, 1971, p.55 (doc.44).

<sup>1436</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “Cortegaça e a “Ribeirinha”...”, 1943, p.270.

<sup>1437</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.2vº; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.30.

<sup>1438</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.9; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.34.

<sup>1439</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.14; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.38.

<sup>1440</sup> Mattoso, José, “O Monaquismo Ibérico e Cluny”, in *Obras Completas de José Mattoso (vol. 12)*, tradução de João Luís Fontes, Círculo de Leitores, 2002, p.135.

<sup>1441</sup> Mattoso, José, Krus, Luís; Bettencourt, Olga, “As inquirições de 1258 como fonte da história da nobreza – o julgado de Aguiar de Sousa, in *Revista de História Económica e Social*, Nº 9 (Janeiro-Junho

patronos e protectores os Brandões<sup>1442</sup>, uma importante família da nobreza local lhe permitiu atingir um patamar de grande relevo.

Na taxação que foi aplicada às igrejas e mosteiros, iniciada em 1320, o mosteiro de Lordelo foi taxado em 60 libras<sup>1443</sup>, um valor manifestamente baixo e que deixa perceber a precariedade em que vivia a instituição. Apesar dessas dificuldades económicas este mosteiro parece ter sobrevivido pelo menos até ao último quartel do século XV. É que em 1478, Pedro Anes Machucho<sup>1444</sup>, vigário geral do bispo do Porto, autorizou o prior do mosteiro, D. Diogo Rodrigues, a estabelecer uma composição com João Gonçalves do Couto respeitante aos casais do Sirro<sup>1445</sup>. Monsenhor José Augusto Ferreira diz que pouco depois de 1476 foi extinto e convertido em abadia secular<sup>1446</sup>, data que, como vimos, terá que ser posterior a 1478, de qualquer modo em 1547 já o mosteiro tinha sido extinto<sup>1447</sup>. De facto no “Censual da Mitra do Porto” a igreja de S. Salvador de Lordelo já surge como sendo da apresentação “in solido” do bispo do Porto<sup>1448</sup>, embora se continue a fazer referência ao mosteiro, que pagava ao bispo vinte alqueires de milho<sup>1449</sup>, todavia tal alusão, à semelhança de outros casos que já vimos, não passa de uma mera força de expressão, um compreensível vício de linguagem vertido do prolongamento da reminiscência, uma vez que no mesmo Censual aparece a indicação explícita ao “mosteiro ou igreja de Sam Salvador de Lordelo”<sup>1450</sup>.

---

1982), p.31. Em relação à fundação do mosteiro de Lordelo não se conhece a data da sua construção, no entanto é estimável que tenha ocorrido já no século XII (cf. *Ordens Religiosas em Portugal ...*, 2005, p.188), sendo inequívoco que nesse século já aí existia vida comunitária (Mattoso, José, *O monaquismo ibérico e Cluny*, 2002.p.135.

<sup>1442</sup> Mattoso, José, Krus, Luís; Bettencourt, Olga, “As inquirições de 1258 ...”, 1982, p.45; Oliveira, Ana Maria, “Ocupação senhorial do Vale do Sousa: dois exemplos em estudo”, in *OPPIDUM -Revista de Arqueologia, História e Património da Câmara Municipal de Lousada – Número especial* (Actas do Iº Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa, que decorreu entre os dias 23 e 24 de Novembro de 2007), 2008, p.156.

<sup>1443</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>1444</sup> Pedro Anes Machucho foi vigário geral dos bispos D. João de Azevedo (1465-1495) e D. Diogo de Sousa (1496-1505), tendo sido, além de cónego também chantre da Sé do Porto, estando documentada a sua presença no Cabido do Porto pelo menos entre 1478 e 1502 (cf. Pinto, António Ferreira, *O Cabido da Sé do Porto*, 1940, p.119).

<sup>1445</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XIII, p.335. Além do cronista regente são vários os Autores que dão conta da existência de vida comunitária em Lordelo, em 1478, mormente: Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, 1706, p.399; Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada*, Tomo XXI, 2ª ed., Madrid, 1797, p.169; Oliveira, Ana Maria, “Ocupação senhorial do Vale do Sousa: dois exemplos em estudo” ..., 2008, p.156.

<sup>1446</sup> Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas...*, Tomo II, 1924, p.53 (nota 1).

<sup>1447</sup> Ribeiro, Félix, “Lordelo”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 12, Lisboa, Editorial Verbo, 1971, p.507

<sup>1448</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.535.

<sup>1449</sup> *Idem, Ibidem*, p.300.

<sup>1450</sup> *Idem, Ibidem*, p.263.

### **Igrejas do padroado do Mosteiro de Lordelo:**

Ao longo dos séculos XIV e XV e na qualidade de detentor permanente de direitos de padroado apenas lhe conhecemos uma: Parada de Lordelo, no entanto e até 1312 o mosteiro exerceu em copadroado com o mosteiro de Santo Tirso o direito de apresentação na igreja de Frazão e na sua anexa de Seroa, acabando por abdicar dos direitos que aí detinha a favor de Santo Tirso por troca de propriedades.

**2.4.5.1. - Parada de Lordelo** – Igreja do padroado do mosteiro de Lordelo. A igreja de Parada de Lordelo foi, em 1320, taxada em 40 libras<sup>1451</sup>. No século XVI esta freguesia já se encontrava incorporada em S. Salvador de Lordelo, cuja apresentação cabia ao bispo do Porto<sup>1452</sup>.

**2.4.5.2. – S. Martinho de Frazão** (c. Paços de Ferreira) - Igreja da apresentação dos mosteiros de Lordelo e Santo Tirso. A 3 de Julho de 1292 o abade de Santo Tirso, D. Martim Pires, e o prior de Lordelo, D. Martim Pais, apresentaram para abade de Frazão Pedro Mendes, pároco que aí seria confirmado pelo bispo do Porto, D. Vicente, a 5 de Julho desse ano<sup>1453</sup>. Em 1320 a igreja de Frazão foi taxada em 50 libras<sup>1454</sup>.

### **2.4.6. - S. Salvador de Moreira da Maia (c. Maia)**

O mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia parece iniciar o séc. XIV envolto em grandes dificuldades económicas levando o prior Martim Peres a contrair, em 1309, um empréstimo de cento e vinte e quatro libras e doze soldos, perante Vicente Domingos, chantre do Porto<sup>1455</sup>. Essa debilidade económica deverá estar directamente relacionada com o esforço financeiro despendido com as obras aí efectuadas, à entrada para a última década do séc. XIII<sup>1456</sup>.

---

<sup>1451</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>1452</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.212.

<sup>1453</sup> Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, Vol. II, 2009, p.211.

<sup>1454</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.95.

<sup>1455</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.5. Sobre este e outros aspectos referentes à vida desta instituição monástica, no séc. XIV, já tivemos oportunidade de nos debruçarmos de forma mais aprofundada num outro estudo (cf. Fernandes, Aires Gomes, *S. Salvador de Moreira da Maia: venturas e desventuras de um mosteiro no século XIV*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004).

<sup>1456</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 9, Doc.45; Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, vol.I, p.194; Carvalho, José Vieira de, *O Mosteiro de S. Salvador de Moreira ...*, 1969, p.33.

Um outro sinal revelador das dificuldades atravessadas por Moreira é o reduzido montante em que o mosteiro foi taxado em 1320, apenas 170 libras<sup>1457</sup>, um dos valores mais baixos aplicados às casas monásticas da diocese do Porto. Durante este priorado registaram-se diversas contendas, incluindo com o abade de Santo Tirso em 1318<sup>1458</sup> e com o próprio bispo do Porto, Fernando Ramires, e que levou à intervenção régia, com D. Dinis a ordenar, por carta de 4 de Abril de 1321, a Mem Rodrigues de Vasconcelos, meirinho mor de Além Douro, que conservasse e defendesse Martim Peres como prior do mosteiro de Moreira até ser determinada a apelação que o prior tinha feito para a Igreja de Braga, para que o bispo do Porto e os seus vigários o não destituíssem<sup>1459</sup>.

Em 1335 e na sequência das inquirições gerais levadas a cabo por D. Afonso IV o mosteiro viu-se alheado das jurisdições que detinha no couto de Moreira<sup>1460</sup>.

Do reinado de D. Pedro temos conhecimento de uma intervenção a 27 de Maio de 1363. Nesse dia o monarca ordenou aos juízes da Maia que não consentissem que os padroeiros e naturais do mosteiro de Moreira penhorassem e tomassem para si os direitos, comeduras e coisas do mosteiro<sup>1461</sup>. Esta decisão vem no seguimento de uma denúncia apresentada ao rei pelo prior Domingos Anes, que se queixava *que os naturaaes e padroeiros desse moesteiro penhoravam e faziam tomada nos gaados e bestas e panos e roupas e ornamentos e outras cousas desse moesteiro*<sup>1462</sup>. Acusava-os também de não quererem fazer nos seus testamentos “tomada e legados”, contrariando assim aquilo que tinha sido determinado por D. Dinis<sup>1463</sup>.

Em relação à segunda metade do século XIV, e apesar das atribulações vividas em Portugal, o mosteiro parece não ter passado por grandes sobressaltos, ao que também não será alheio o facto de ter tido à sua frente o mesmo prior durante mais de três décadas. Aliás, neste aspecto o cenóbio maiato apresenta alguma estabilidade governativa, havendo registo de apenas sete priores durante a centúria de trezentos, com a particularidade de só existirem dois na segunda metade do século.

A história desta instituição, ao longo da primeira metade do séc. XV, está inegavelmente ligada ao prior Fernão Martins uma vez que foi o principal responsável pelos destinos do mosteiro na quase totalidade desse longo período.

---

<sup>1457</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.94; Tavares, Maria Otilia Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia - Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957, p.67.

<sup>1458</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.16 A-1.

<sup>1459</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, n.20.

<sup>1460</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, vol. III (1340-1344), 1992, pp. 97-99.

<sup>1461</sup> IAN/TT - Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.6.

<sup>1462</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.6.

<sup>1463</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.6.

Em 1457, o bispo do Porto, D. Luís Pires (1453-1464), em conflito com a Câmara da cidade retirou-se para o mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, onde se encontrava a 6 de Setembro<sup>1464</sup>.

Em 1476 o mosteiro passava por notórias dificuldades económicas queixando-se o prior e o convento que “o seu mosteiro he tanto desfallecido das rendas per que seus predecessores razoadamente soiiem aver pera seu mantiimento e pera soportamento da hospitalidade que lhes convem manter por o dicto seu mosteiro ser situado na estrada per que vao pera a casa do glorioso apostolo Santiago de Compostella...”<sup>1465</sup>.

Tais dificuldades tinham reflexo directo na comunidade, muito reduzida em 1480, sendo aí referenciados o prior e três cónegos<sup>1466</sup>, e mesmo admitindo a existência de mais dois ou três religiosos, em serviço paroquial, estava indiscutivelmente debilitada. A situação era tal que o prior se queixava que os cónegos que cantavam as horas no mosteiro e diziam as missas chegavam a desmaiar face à fraqueza em que estavam os seus corpos<sup>1467</sup>.

Apesar de todas as contrariedades o mosteiro sobreviveu, acabando, já na segunda metade do séc. XVI, por ser integrado na Congregação, numa altura em que era prior comendatário D. Fulgêncio de Bragança, que aceitou largar a comenda a troco de uma pensão anual de trezentos e cinquenta mil reis como revela a acta do capítulo de Santa Cruz de Coimbra de 10 de Julho de 1566<sup>1468</sup>. Seria unido à Congregação por bulas de 1567 sendo eleito primeiro prior trienal do mosteiro o Padre D. Jorge a 27 de Julho desse ano<sup>1469</sup>.

### **Igrejas do Padroados de S. Salvador de Moreira da Maia**

---

<sup>1464</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 1623, II parte, pp.262-263; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas ...*, Tomo II, 1924, p.42. Também Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada*, Tomo XXI, 2ª ed., Madrid, 1797, pp.167-168, referencia este episódio.

<sup>1465</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.12.

<sup>1466</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.15a.

<sup>1467</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.12.

<sup>1468</sup> *Actas dos Capítulos do Mosteiro de Santa Cruz*, 1946, pp.71-72.

<sup>1469</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo II, 2002, p.453. Já Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.27, e apesar da irrelevância do pormenor, dá-o como eleito a 23 de Julho de 1567. Segundo Dias, Geraldo J. A. Coelho, “O Mosteiro de São Salvador...”, 2000, p.35, a bula de união é de 1564, sendo o primeiro prior trienal D. Filipe Pegado. Como este assunto requer algum aprofundamento para que possa ser devidamente esclarecido e como ainda não tivemos oportunidade de o fazer fica aqui apenas a indicação, de qualquer modo estes processos de passagem dos mosteiros para a Congregação eram complexos com as datas de união e das tomadas de posse, muitas vezes primeiramente simbólicas e só posteriormente reais, a serem muito díspares. No caso de Moreira já em 1563 D. Lourenço Leite, prior de Santa Cruz, e por inerência, geral da Congregação, se apresentava no mosteiro com os seus companheiros para iniciar a reforma (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.27; Dias, Geraldo J. A. Coelho, “O Mosteiro de São Salvador...”, 2000, p.35).

Ao longo da sua história, o mosteiro de Moreira exerceu direito de apresentação em nove igrejas<sup>1470</sup>: São Félix da Marinha, Santa Maria de Retorta, São Silvestre do Couço, São Cosme de Gemunde, São Tiago de Labruge, São João de Mindelo, São Mamede de Perafita, Santa Maria de Vila Nova e Santa Marinha de Vilar do Pinheiro. No que respeita aos sécs. XIV e XV, o mosteiro apresentava párocos apenas nas últimas seis igrejas atrás enunciadas<sup>1471</sup>, uma vez que S. Silvestre do Couço só foi anexada ao mosteiro em 1567<sup>1472</sup> e o direito de apresentação das duas primeiras que encabeçam a lista foi cedido, em 1298, ao bispo do Porto<sup>1473</sup>. De facto, a 5 de Julho desse ano<sup>1474</sup> foi celebrada uma convenção entre o bispo do Porto, D. Sancho Pires (1296-1300), e o prior de Moreira e seu sobrinho, D. João Pires<sup>1475</sup>, onde ficou estipulado que o mosteiro de Moreira ficava com a apresentação, *in sollidum*<sup>1476</sup>, das igrejas de Perafita, Santa

---

<sup>1470</sup> Dias, Geraldo J. A. Coelho, “O Mosteiro de São Salvador: Os Crúzios em Moreira da Maia: História e Arte” in *O Mosteiro Crúzio de Moreira-História, Arte e Música*, Paróquia de Moreira da Maia, 2000, p. 32; Carvalho, José Vieira de, *O Mosteiro de S. Salvador de Moreira...*, 1969, pp. 43,44.

<sup>1471</sup> Não é um número muito elevado se compararmos com o que se passava com o vizinho mosteiro beneditino de Santo Tirso que, no século XIV, tinha direito de apresentação em 24 igrejas (cf. Sousa, Armindo de, “O Mosteiro de Santo Tirso no Século XV”, in *Estudos Medievais*, nº 1, Centro de Estudos Humanísticos, Secretaria de Estado da Cultura, Porto, 1981, p.108). Já o vizinho mosteiro de Vairão tinha, em meados do séc. XIV, direito de apresentação em sete igrejas (cf. Martins, Alcina Manuela de Oliveira, *O mosteiro de S. Salvador de Vairão na Idade Média: O percurso de uma comunidade feminina*, Universidade Portucalense - Infante D. Henrique, Porto, 2001, p.193). No entanto, e se quisermos estabelecer um paralelismo com os mosteiros agostinhos da diocese de Braga, embora para o séc. XV, que certamente não diferiria muito do panorama do século anterior, conclui-se facilmente que Moreira da Maia possuía direito de apresentação em muito mais igrejas que os congéneres bracarenses (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.812).

<sup>1472</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O Censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.63; Marques, José Augusto Maia, *Moreira da Maia no séc. XIX – Segundo o manuscrito do padre Joaquim Antunes de Azevedo*; Câmara Municipal da Maia, 1998, p.66.

<sup>1473</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 343,621.

<sup>1474</sup> A.U.C – Pergaminhos, Gav. 7-A, Maço 1, nº 29; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas...*, Tomo V, Lisboa, 1836, p.24.

<sup>1475</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. II, p.276; Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia -Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957, p.24. Poderá tratar-se de uma simples coincidência mas parecem existir indícios fortes que a existência de laços de parentesco entre elementos da comunidade monástica de Moreira e alguns bispos do Porto, estão intimamente ligados com alguns benefícios conseguidos. É interessante verificarmos que além do prior João Pires ser sobrinho do bispo Sancho Pires, este é por sua vez sobrinho ou sobrinho neto do bispo Julião Fernandes (cf. Ventura, Leontina, *A nobreza de Corte de D. Afonso III* (dissertação de doutoramento apresentada à FLUC), Coimbra 1992, vol.II, p.756), portanto os dois bispos que mais beneficiaram o mosteiro de S. Salvador de Moreira no séc. XIII). Mas independentemente das ligações familiares entre o bispo D. Sancho Pires e o prior de Moreira, não se pode afirmar que houve um tratamento de favorecimento em relação ao mosteiro maiato, até porque no ano seguinte (1299) este mesmo bispo cedeu ao mosteiro de Grijó a generalidade dos direitos que tinha em três paróquias (cf. Ribeiro, João Pedro, *-Dissertações chronologicas...*, Tomo V, Lisboa, 1836, pp. 58-59; Oliveira, P. Miguel de, *As paróquias rurais portuguesas: sua origem e formação*, Lisboa, 1950, p.151; Ferreira, José Augusto, *Memorias archeologico historicas da cidade do Porto*, Livraria Cruz, 1923, p.280).

<sup>1476</sup> Significa isto que a apresentação é feita apenas por um titular, quer se tratasse de indivíduo ou instituição (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1074).

Maria de Vila Nova, S. Cosme de Gemunde e S. João de Mindelo<sup>1477</sup>, com a condição de aí colocar cónegos do mosteiro, cedendo ao bispo as igrejas de S. Félix<sup>1478</sup> e Santa Marinha de Retorta<sup>1479</sup>.

#### **2.4.6.1. - Santa Maria de Vila Nova**<sup>1480</sup> (c. Maia) – Igreja do padroado do mosteiro de Moreira da Maia.

Esta igreja entrou em posse do mosteiro no final do século XIII sendo uma das quatro que o bispo D. Sancho Pires (1296-1300) cedeu ao mosteiro por permuta com as de S. Félix da Marinha e Santa Maria de Retorta<sup>1481</sup>. Esta igreja não deveria possuir grandes rendimentos porque em 1320 foi taxada em 25 libras<sup>1482</sup>, uma soma um pouco abaixo da apresentada pela generalidade das igrejas da Terra da Maia.

A 27 de Março de 1327 era abade de Vila Nova Pedro dos Santos, cónego de Moreira, que nesse dia empossa Domingos Martins Carvalhido, frade de Moreira e provedor da pitaça, na herdade de Cabanelas que foi doada ao mosteiro por Silvestre Anes<sup>1483</sup>. A 27 de Outubro de 1330 este mesmo Pedro dos Santos encontra-se no mosteiro de Moreira surgindo o seu nome entre o das testemunhas de um instrumento aí realizado, sendo identificado como abade de Vila Nova<sup>1484</sup>.

A 6 de Junho de 1350, o abade de Vila Nova já era Geraldo Salvadores, aparecendo no mosteiro de Moreira a testemunhar um emprazamento<sup>1485</sup>. Seis dias depois este abade pede a Martim Abril de Vila Nova, três dias da água das Covas na Ribeira do Forno. O prior de Moreira autoriza Martim Abril a ceder os três dias de água, comprometendo-se o abade a dar, a ele ou a quem vier a morar no casal, por São Miguel de Setembro, um búzio de pão e um par de capões<sup>1486</sup>. A partir desta data e ao longo da década de cinquenta este abade aparece frequentemente no mosteiro de S. Salvador de

---

<sup>1477</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 1623, II parte, p.109, não cita Santa Maria de Vila Nova nesta transferência.

<sup>1478</sup> Segundo Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas...*, Tomo V, Lisboa, 1836, p.24, a igreja de São Félix foi instituída à apresentação do Mosteiro de Moreira, sem prejuízo dos mais que fossem padroeiros, em 1259, ainda durante o bispado de D. Julião Fernandes.

<sup>1479</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. II, pp. 276, 278; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas...*, Tomo V, Lisboa, 1836, p.24.

<sup>1480</sup> Actualmente Vila Nova da Telha.

<sup>1481</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp.223-225.

<sup>1482</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol IV, 1971, p.94.

<sup>1483</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.27.

<sup>1484</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.30.

<sup>1485</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.12.

<sup>1486</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 11, Doc.10.



Moreira da Maia onde testemunha diversos emprazamentos<sup>1487</sup>. Neste período a igreja também é contemplada com algumas doações. A 26 de Julho de 1353 Florença Anes, mulher de Martim André, moradores em Lagielas, manda dizer duas missas de sobre altar ao abade da igreja de Santa Maria de Vila Nova, por aniversário da sua alma e de seus filhos, dando para isso três quartos de trigo por dia de Santa Maria de Vila Nova das herdades que tem nas freguesias de São Salvador de Lavra e de Santa Maria de Vila Nova<sup>1488</sup>. No dia 5 de Agosto de 1355 Domingas André compromete-se a dar, anualmente, para a igreja de Vila Nova pela sua alma, de suas filhas e de seu falecido marido, três maravedis velhos da herdade que lhe ficou de Pedro Malheiro para que lhe digam uma missa em dia de São Mamede<sup>1489</sup>.

Geraldo Salvadores faleceu, provavelmente, em finais de Agosto ou inícios de Setembro de 1356, isto se considerarmos que a 4 de Setembro a igreja já se encontrava vaga, embora ainda não tivessem expirado os dez dias que o mosteiro de Moreira tinha para fazer aí a apresentação do abade<sup>1490</sup>. A vacatura desta igreja acabou por originar um conflito entre o prior de Moreira e o bispo do Porto que se intrometeu no processo de apresentação<sup>1491</sup>, que a 27 de Setembro de 1356, já estava sanado, pois o bispo D. Pedro Afonso confirma ao mosteiro de Moreira a apresentação do cónego Domingos Cibrães na igreja de Vila Nova<sup>1492</sup>.

Só voltamos a ter referências à igreja de Vila Nova no final do séc. XIV, altura em que o cónego Leonardo Martins a paroquiava, religioso que deverá ter falecido no início do mês de Setembro de 1400, uma vez que a 15 de Setembro de 1400 o bispo do Porto confirma Gil Peres, cónego de Moreira, como abade da igreja de Vila Nova<sup>1493</sup>,

---

<sup>1487</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 11, Docs. 21,22,19,34; M. 12, Doc.30.

<sup>1488</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 11, Doc.27.

<sup>1489</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 11, Doc.38.

<sup>1490</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 11, Doc.39. “O concílio de Trento determinou que o bispo e o padroeiro, dentro de dez dias, ou noutro prazo fixado pelo bispo, nomeassem para governar a igreja alguns clérigos idóneos” (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Vol. II, 1968, p.79). Já na Idade Média esta parece ser a prática corrente, verificando-se algumas exceções, porque se Moreira da Maia tinha dez dias para apresentação do pároco já o mosteiro de Santo Tirso, dispunha, em 1318, de 20 dias para comparecer na igreja de S. Estêvão da Maia, onde era padroeiro (cf. Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, 1938, p.192).

<sup>1491</sup> Uma situação análoga já tinha ocorrido em 1318, altura em que o bispo do Porto apresentou um pároco na igreja de Santo Estêvão da Maia, quando o direito de padroado pertencia ao mosteiro de Santo Tirso (cf. *Idem, Ibidem*, 1938, p.192).

<sup>1492</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 10, Doc.17. Segundo Ramos, António Francisco, *Lavra, apontamentos para a sua monografia*, Propriedade do Cartório Paroquial de Lavra, 2ª ed., 1992, p.178, Setembro era um dos “quatro meses eclesiásticos que os padroeiros tinham para poderem apresentar”. Os outros três eram Março, Junho, e Dezembro.

<sup>1493</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.35. O direito de apresentação nesta igreja *cui presentatio dictae ecclesiae pertinet in solidum* era uma exclusividade do prior e mosteiro de Moreira, como é lembrado pelo bispo D. Gil Alma (1398-1407) nesta confirmação.

paróquia onde este abade ainda se mantinha a 24 de Janeiro de 1403<sup>1494</sup>, surgindo, nesse dia, a testemunhar um emprazamento efectuado no mosteiro.

A 16 de Setembro de 1484, Estêvão Anes, cónego da Sé do Porto e vigário-geral do bispo portuense, D. João Azevedo, confirmou, na igreja de Santa Maria de Vila Nova, João do Porto, clérigo de ordens menores como seu abade e reitor, sucedendo assim a Pedro Gonçalves, seu anterior abade que entretanto faleceu<sup>1495</sup>.

A 10 de Dezembro de 1496 é confirmado Francisco Vieira na igreja de Vila Nova após ter renunciado à de Santa Maria de Veiriz, na diocese de Braga, de forma a permutar com Diogo Álvares, anterior detentor da igreja de Santa Maria de Vila Nova<sup>1496</sup>.

Em 1542, como revela o “Censual da Mitra do Porto”, a igreja de Santa Maria de Vila Nova continuava a ser da apresentação do mosteiro de Moreira, sendo taxada em 25 libras<sup>1497</sup>.

**2.4.6.2. - Santa Marinha de Vilar de Porcos**<sup>1498</sup> (c. de Vila do Conde) – Igreja do padroado do mosteiro de Moreira da Maia.

Na documentação trecentista de Moreira a primeira referência a esta igreja surge-nos a 4 de Janeiro de 1311<sup>1499</sup>, dia em que Estêvão Soares, meirinho-mor Entre Douro e Minho, procede à inquirição pedida por D. Dinis à igreja de Santa Marinha de Vilar de Porcos relativamente aos cinco casais que ela possuía inquirindo, entre outros Martim do Vale e o seu irmão Afonso do Vale, ambos naturais dessa igreja<sup>1500</sup>. Uma das conclusões desta inquirição é que a igreja é meia sufragânea do mosteiro de Moreira da Maia<sup>1501</sup>, estipulando-se que os naturais dessa igreja deveriam receber, anualmente, as seguintes quantias: rico homem – oito soldos; infanção – quatro soldos, cavaleiro – dois soldos e infanção – um soldo<sup>1502</sup>.

---

<sup>1494</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.1.

<sup>1495</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.18.

<sup>1496</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.29.

<sup>1497</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.206.

<sup>1498</sup> Actualmente, e desde finais do século XVI, designada de Vilar do Pinheiro.

<sup>1499</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.9.

<sup>1500</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.9.

<sup>1501</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.9; Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, 1945, p.189. Já aquando da Inquirição de D. Afonso III, em 1258, Domingos Pais, pároco da igreja de Vilar de Porcos, respondeu que metade da igreja pertencia ao mosteiro de Moreira (cf. Marçal, Horácio, *Vilar do Pinheiro - Subsídios para a sua monografia*, Edição da Junta de Província do Douro Litoral, Porto, 1950, p.57).

<sup>1502</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 10, Doc.9.

Vários senhores possuíam aí direitos, ao que não deveria ser alheio o facto dessa igreja ser uma das igrejas da Terra da Maia que mais rendimentos apresentava, tendo sido taxada, em 1320, em 75 libras<sup>1503</sup>. Um deles era certamente o bispo do Porto, uma vez que, a 12 de Agosto de 1302, D. Beringária Aires doou ao bispo do Porto, à altura D. Geraldo (1300-1308), inúmeros direitos de padroado que tinha em diversas igrejas e mosteiros, onde se incluía a igreja de Santa Marinha de Vilar de Porcos<sup>1504</sup>. Um outro desses senhores era Rui Gomes de Azevedo identificado como natural de Vilar de Porcos em 1329<sup>1505</sup>. Também Martim Rodrigues, cavaleiro de Canelas, aí detinha direitos, renunciando, em Agosto de 1332, ao padroado da igreja de Vilar de Porcos, padroado esse que trazia usurpado<sup>1506</sup>. A 16 de Novembro de 1341 era abade de Vilar de Porcos Estêvão Domingues que testemunha um documento feito no mosteiro de Moreira<sup>1507</sup>. A 4 de Janeiro de 1360 já era abade Nicolau Esteves, que nesse dia testemunha, na vila de Guimarães, um instrumento de empraçamento<sup>1508</sup>.

Só voltamos a ter referências a esta igreja na última vintena do século XIV, sendo seu abade Martim Peres, aparecendo identificado como tal a 8 de Abril de 1386, dia em que testemunha a doação que Afonso Vasques e sua mulher fazem ao mosteiro de Moreira das herdades e bens que tinham em Refonteira e Couso<sup>1509</sup>. Cerca de quatro anos depois vamos encontrá-lo, na Igreja de Santa Marinha de Vilar de Porcos, onde comparecem Gonçalo Geraldês de Couso e João Ruivo de Vilar de Porcos perante o tabelião Gonçalo Peres, dizendo que eram testamentários de Margarida Esteves, viúva de Pedro Vicente de Cabanelas<sup>1510</sup>. Martim Pires aparece mais duas vezes a testemunhar documentos feitos no mosteiro de Moreira, a 25 de Abril de 1391<sup>1511</sup> e a 17 de Novembro de 1392<sup>1512</sup>.

---

<sup>1503</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.94.

<sup>1504</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 332, 642.

<sup>1505</sup> Pizarro, José Augusto P. de Sotto Mayor, *Os patronos do Mosteiro de Grijó...*, 1995, p.164. Outros padroeiros e naturais desta igreja são também mencionados por este Autor, nesta mesma obra (pp.165,166,168,169,190-191,192,194).

<sup>1506</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 10, Doc.32. De resto esta situação de usurpação de direitos de padroado era muito frequente (cf. Marques, Maria Alegria Fernandes, “Alguns aspectos do padroado nas igrejas e mosteiros da diocese de Braga”, 1990, Vol. II/1, pp. 370,381).

<sup>1507</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 10, Doc.41.

<sup>1508</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), “Archivo da Collegiada de Guimarães”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XXV - Nº 1 (Janeiro-Março de 1908), p.14.

<sup>1509</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 12, Doc.25.

<sup>1510</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 12, Doc.29.

<sup>1511</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 12, Doc.30.

<sup>1512</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 12, Doc.32.

A 26 de Setembro de 1435 João Mateus era o abade da igreja de Santa Marinha de Vilar de Porcos<sup>1513</sup>. A 10 de Novembro de 1472 o abade de Vilar de Porcos era Lopo Rodrigues que surge nessa data a testemunhar um emprazamento efectuado no mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde<sup>1514</sup>. A 17 de Março de 1477 Estêvão Anes, cónego da Sé do Porto e vigário geral do bispo D. João de Azevedo, confirmou na igreja de Santa Marinha de Vilar de Porcos Afonso André, clérigo de missa do bispado do Porto<sup>1515</sup>. A apresentação deste reitor coube ao mosteiro de Moreira, na sequência da vacatura da igreja por falecimento do já referenciado Lopo Rodrigues, seu anterior abade<sup>1516</sup>. De salientar que, a 4 de Março de 1480, aparece indicado como abade de Vilar de Porcos João Pires, irmão do prior de Moreira da Maia, que nesse mesmo dia testemunha dois emprazamentos efectuados no mosteiro de S. Salvador de Moreira<sup>1517</sup>. Este mesmo João Pires surge referenciado a 18 de Fevereiro de 1486 como comendador de Vilar de Porcos<sup>1518</sup>.

Após o falecimento de João Pires a igreja foi dada, pelo bispo do Porto, em comenda, a Diogo Álvares, abade de Veiriz<sup>1519</sup>, que a ela renunciou, tendo então o prior de Moreira apresentado para seu abade o cónego do mosteiro, Pedro Martins, aí confirmado pelo prelado portuense a 29 de Setembro de 1498<sup>1520</sup>. O certo é que o abaciado deste cónego regrante não chegou a durar meio ano, tendo o bispo do Porto, D. Diogo de Sousa, confirmado, a 5 de Março de 1499 como abade de Vilar de Porcos Diogo Álvares, clérigo de missa e abade de Veiriz, que detinha autoridade papal para acumular os dois benefícios<sup>1521</sup>. Um instrumento de 27 de Março de 1504 continua a referenciar “Diego Alvarez abade de Vyllar de Porcos”<sup>1522</sup>, de resto, Diogo Álvares manteve-se à frente da igreja de Vilar de Porcos até 1528, altura em que renunciou a favor do mosteiro de Vairão<sup>1523</sup>. De facto em 1542 o “Censual da Mitra do Porto”

---

<sup>1513</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.191.

<sup>1514</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, p.27 (Doc.12).

<sup>1515</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.14.

<sup>1516</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.14.

<sup>1517</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.15a; 16.

<sup>1518</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.18A.

<sup>1519</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.30. Diogo Álvares era abade de Veiriz desde Dezembro de 1496 (cf. IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.29).

<sup>1520</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.30.

<sup>1521</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.31.

<sup>1522</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>1523</sup> Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.192; Marçal, Horácio, *Vilar do Pinheiro ...*, 1950, p.79; Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia...*, 1957, p.34.

confirma que a igreja de Santa Marinha tinha sido unida ao mosteiro de Vairão embora a apresentação do abade continuasse a pertencer ao mosteiro de Moreira<sup>1524</sup>.

#### **2.4.6.3. - São Cosme de Gemunde** (c. Maia) – Igreja do padroado do mosteiro de Moreira da Maia.

Foi uma das igrejas anexadas ao mosteiro em 1298, conforme a composição celebrada entre o prior de Moreira e o bispo D. Sancho Pires<sup>1525</sup>. De qualquer modo importa dizer que o mosteiro já detinha direitos de padroado nesta igreja, de resto a 6 de Agosto de 1297, e por apresentação do mosteiro de S. Salvador de Moreira, o chantre do Porto, Vicente Domingues, confirmou Domingos Anes como reitor da igreja de S. Cosme de Gemunde<sup>1526</sup>.

Os seus rendimentos eram bastante satisfatórios, tendo sido, em 1320, taxada em sessenta libras<sup>1527</sup>.

A 2 de Abril de 1481 o bispo do Porto, D. João de Azevedo, encontrando-se no mosteiro de S. João de Pendorada, confirmou Diogo Vasques, clérigo de missa e cónego regente de S. Salvador de Moreira da Maia como abade e reitor da igreja de S. Cosme de Gemunde, sucedendo a João dos Banhos, seu último abade, entretanto falecido<sup>1528</sup>. Em 1542 a igreja de Gemunde estava anexa ao mosteiro de Moreira, a quem competia a apresentação, continuando os seus rendimentos estimados em 60 libras, rendimentos a repartir, equitativamente, entre a mesa prioral e a conventual do mosteiro<sup>1529</sup>.

#### **2.4.6.4. - São Mamede de Perafita** (c. Matosinhos) – Igreja do padroado do mosteiro de Moreira da Maia.

É uma das igrejas anexadas, no final do séc. XIII, ao mosteiro de Moreira na sequência da composição celebrada em 1298, entre o prior de Moreira e o bispo do Porto<sup>1530</sup>, contudo os direitos de padroado do mosteiro nesta igreja são anteriores, aliás a 8 de Julho de 1285 o bispo do Porto D. Vicente (1261-1296) confirma Estêvão Anes

---

<sup>1524</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.204.

<sup>1525</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp.223-225; Tavares, Maria Otilia Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia - Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957, p.31.

<sup>1526</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.9, Doc.51.

<sup>1527</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.94.

<sup>1528</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.17.

<sup>1529</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.204.

<sup>1530</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto...*, 1924, pp.223-225; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações cronológicas...*, Tomo V, p.24; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. II, pp. 276, 278; Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 1623, II parte, p.109; Carvalho, José Vieira de, *O Mosteiro de S. Salvador de Moreira...*, 1969, p.43.

como reitor da igreja de Perafita, de resto, um simples acto de validação da confirmação já anteriormente feita pelo bispo D. Julião Fernandes (1247-1260) após apresentação pelo prior de Moreira<sup>1531</sup>. A 11 de Dezembro de 1293 já era seu reitor Miguel Peres<sup>1532</sup>. A 28 de Janeiro de 1304 é confirmado como reitor da igreja de São Mamede de Perafita Martim Geraldês, cónego de Moreira da Maia<sup>1533</sup>.

Os seus rendimentos eram de considerável valia, tendo sido taxada, em 1320, em sessenta libras<sup>1534</sup>.

Na restante documentação são muito poucas as referências à igreja de Perafita e aos seus abades. A primeira que encontramos é de 5 de Maio de 1380, aparecendo o abade de Perafita como testemunha, numa contenda que opunha o abade de Mindelo ao prior e convento de Moreira<sup>1535</sup>. Apesar de o abade não aparecer identificado é provável que se trate de Martim Domingues pároco de Perafita a 17 de Julho de 1390<sup>1536</sup>.

A 10 de Setembro de 1425 o sacerdote Afonso Anes era o reitor da igreja de S. Mamede de Perafita<sup>1537</sup>, surgindo entre esta data e 10 de Janeiro de 1426<sup>1538</sup> várias súplicas suas a solicitar a acumulação de benefícios eclesiásticos<sup>1539</sup>, encontrando-se inclusivamente, a 26 de Setembro de 1425, na Cúria Romana onde renovou este mesmo pedido<sup>1540</sup>. A não ser que se trate de um homónimo, a sua presença à frente desta igreja parece ter-se prolongado por mais cerca de cinquenta anos, uma vez que a 18 de Fevereiro de 1474 Estêvão Anes, vigário geral do bispo do Porto, confirmou na igreja de S. Mamede de Perafita Pedro Martins, cónego do mosteiro de Moreira, que sucedeu a Afonso Anes seu anterior abade que renunciou, exercendo aí o mosteiro então o seu direito de apresentação “in solido”<sup>1541</sup>. Em 1542 a igreja de Perafita continuava a ser da apresentação do mosteiro de Moreira<sup>1542</sup>, numa altura em que deveria estar a cargo de Manuel dos Santos, que viria a ser comendatário de Moreira da Maia e que, segundo

---

<sup>1531</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.9, Doc.33.

<sup>1532</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, p.251.

<sup>1533</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.2.

<sup>1534</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Vol. IV, 1971, p.94. Neste catálogo publicado por Fortunato de Almeida, e à semelhança do que acontece com muitas outras localidades, também o nome que aí consta não está correcto e pode induzir em erro, uma vez que surge aí sob a designação de “S. Mamede da Pedra-Seca”.

<sup>1535</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 9-A, Maço 5, nº 232.

<sup>1536</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 12, Doc.29.

<sup>1537</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.72.

<sup>1538</sup> *Ibidem*, Vol. IV, 1970, p.102.

<sup>1539</sup> *Ibidem*, Vol. IV, 1970, pp. 77, 80.

<sup>1540</sup> *Ibidem*, Vol. IV, 1970, p.81.

<sup>1541</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.11.

<sup>1542</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censal da Mitra do Porto...*, 1973, p.207.

informação de Frei Timóteo dos Mártires, também foi abade de Perafita, embora não indique a cronologia desse abaciado, mas que a verificar-se deveria ser neste período<sup>1543</sup>.

**2.4.6.5. - São João Evangelista de Mindelo** (c. de Vila do Conde) – Igreja do padroado do mosteiro de Moreira da Maia. A igreja de “Santi Johannis de Amideelo” foi uma das que o mosteiro de Moreira recebeu na permuta que fez com o bispo do Porto, em 1298, altura em que lhe foi anexada<sup>1544</sup>. A 16 de Maio de 1304 o cavaleiro João Esteves Botelho e a sua mulher, Sancha Fernandes, doaram todos os direitos e jurisdições que detinham nesta igreja ao mosteiro de S. Salvador da Maia<sup>1545</sup>.

Sabemos que por volta de 1318 esta igreja deve ter vagado porque a 11 de Novembro de 1318 Martim Domingues comparece na Sé do Porto, reconhecendo e confessando que recebeu, em nome de Martim do Monte<sup>1546</sup>, chantre do Porto e recebedor das quantias a que o papa tem direito pelas igrejas vagantes do bispado do Porto, trinta e cinco libras de João Domingues Aveia, relativas à igreja de Mindelo<sup>1547</sup>. Os seus rendimentos eram, no entanto, bastante modestos, tendo sido taxada, em 1320, em vinte libras<sup>1548</sup>. Através de um documento de 5 de Maio de 1380 ficámos a saber que nessa altura o abade de Mindelo era João de Bouças, cónego do mosteiro de Moreira, que se envolve numa contenda com o mosteiro, por causa da vinha do convento<sup>1549</sup>.

---

<sup>1543</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26.

<sup>1544</sup> Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas...*, Tomo V, p.24; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. II, pp. 276, 278; Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, 1623, II parte, p.109; Carvalho, José Vieira de, *O Mosteiro de S. Salvador de Moreira...*, 1969, p.43.

<sup>1545</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.211. Esta data parece não ser consensual, até porque Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.192; Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia...*, 1957, pp. 32-33, colocam essa doação em 1274, o que não sendo impossível, parece não fazer muito sentido se tivermos em conta que o mosteiro ainda não era detentor do direito de padroado nessa igreja. Como ainda não tivemos oportunidade de confrontar o documento original não nos é, obviamente, possível clarificar essa situação. Quanto aos intervenientes importa dizer que os genealogistas não referenciam esta Sancha Fernandes, de qualquer modo e de acordo com as indicações de Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 7, 1938, p.117, seria filha do primeiro casamento de Alda Martins Botelho com Fernão Raimundo de Canedo, uma vez que este Autor dá João Esteves Botelho da Maia a casar com uma filha não identificada desta ligação. Também o nobiliário do Conde D. Pedro não identifica Sancha Fernandes entre os filhos de Alda Martins Botelho (cf. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, 1980, p.305). Esta Alda Martins Botelho casaria uma segunda vez com João Pires Tenro (cf. *Ibidem*, p.306; Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas...*, 1999, vol. 2, p.15).

<sup>1546</sup> Segundo Pinto, António Ferreira, *O Cabido da Sé do Porto*, 1940, p.118, Martinho ou Martin do Monte sucedeu a Sancho Pires no chantrado. Curiosamente este chantre aparece como testemunha neste documento.

<sup>1547</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, M. 10, Doc.18.

<sup>1548</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Vol. IV, 1971, p.94.

<sup>1549</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 9-A, Maço 5, nº 232.

Em 1450 a igreja de Mindelo foi anexada ao mosteiro de Moreira da Maia<sup>1550</sup>, situação que se mantinha em 1509, altura em que “a igreja de Mindello era anexa ao dicto seu mosteiro de Moreyra”<sup>1551</sup>. Em 1542 a igreja de “Sam Joham de Mindelo taxada em vinte libras” continuava a ser da apresentação do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia<sup>1552</sup>.

**2.4.6.6. – São Tiago de Labruge/São Tiago da Labruja**<sup>1553</sup> (c. de Vila do Conde) – Igreja do padroado do mosteiro de Moreira da Maia.

A anexação da igreja de Labruge, uma das muitas do Norte do país que adoptou São Tiago como seu orago<sup>1554</sup>, ao mosteiro de Moreira parece ter ocorrido só em 1476, no entanto, aquando das inquirições de 1258, o mosteiro já era seu padroeiro<sup>1555</sup>.

Em 1320 foi taxada em trinta libras<sup>1556</sup>. Apesar dos seus rendimentos não serem, aparentemente, apelativos, nem por isso deixou de motivar disputas em seu torno.

São certamente questões relacionadas com os direitos de padroado que fazem despontar uma contenda entre o prior de Moreira, Martim Geraldês, e o abade de Labruge, Lourenço Esteves, possivelmente nos inícios da década de trinta do séc. XIV<sup>1557</sup>. O prior apela para Roma da decisão dos vigários de Braga, deslocando-se ao Porto onde entrega, a carta de apelação e suplicação, a um caminheiro que se dirigia para a Cúria Romana. O caminheiro em causa era Afonso Domingues, clérigo do coro da igreja do Porto, que se viu forçado a regressar devido à insegurança que reinava nos caminhos de Castela<sup>1558</sup>, não tendo, pois, chegado ao seu destino.

Desconhecemos o desfecho desta apelação mas a julgar por um documento de 8 de Novembro de 1348<sup>1559</sup> deverá ter sido favorável ao mosteiro. É que nesse dia João de Ponte, vigário geral do bispo do Porto, confirma a apresentação feita pelo mosteiro de

---

<sup>1550</sup> Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.192.

<sup>1551</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.37.

<sup>1552</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.206.

<sup>1553</sup> Na documentação aparece indistintamente “Labruge” e “Labruja”.

<sup>1554</sup> Marques, José, “O culto de S. Tiago no Norte de Portugal”, in *Lusitânia Sacra*, 2ª série, Tomo 4, 1992, p.143.

<sup>1555</sup> Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, vol.I, p.188; Marques, José Augusto Maia, “Mosteiro de Moreira: uma centralidade irradiante”, in *O Mosteiro Crúzio de Moreira-História, Arte e Música*, Paróquia de Moreira da Maia, 2000, p.21.

<sup>1556</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Vol. IV, 1971, p.94. É aí identificada como “Louriga”.

<sup>1557</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.34.

<sup>1558</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.35.

<sup>1559</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.7.



Moreira para a igreja de São Tiago de Labruge, do pároco Afonso Esteves, em virtude do falecimento do anterior titular, Gil Lourenço<sup>1560</sup>.

As últimas referências que temos, para o séc. XIV, em relação à igreja de Labruge são provenientes do testamento de Francisco Esteves, feito em Igarei, a 24 de Fevereiro de 1396. Aí estipula, entre outras coisas, que o seu corpo seja enterrado nessa igreja de Labruge, deixando quer à igreja quer ao abade, Álvaro Pires, vários bens para que lhe rezem duas missas por ano em dia de São Tiago<sup>1561</sup>.

A 2 de Julho de 1425 era reitor da igreja de Santiago da Labruja Diogo Anes, dia em que este clérigo apresenta súplica ao papa Martinho V, a solicitar a igreja de Rio de Moinhos, vacante em virtude do prior de Freixo, Vasco Afonso, não ter referido, na sua solicitação, o facto de esta igreja ser de padroado leigo<sup>1562</sup>.

A 19 de Dezembro de 1472 era abade de Santiago de Labruja Martim Afonso, bacharel da Sé do Porto, tendo nesse dia feito um empraçamento a António Anes de Moreiró referente a quebradas e propriedades pertencentes à igreja e sobre as quais andou em contenda com o mesmo António Anes<sup>1563</sup>. “Martim Afonso que muytos annos foy rector della” faleceu em 1475<sup>1564</sup>. A 30 de Maio de 1476 a igreja encontrava-se em posse de Afonso André, que estava prestes a resignar, como revela a petição dirigida ao bispo do Porto pelo prior do mosteiro para que lhe anexassem e incorporassem para sempre a igreja da Labruja, usufruindo assim das suas rendas, para ajudar a superar as dificuldades económicas vividas pelo mosteiro<sup>1565</sup>. O bispo acedeu ao pedido do prior de Moreira da Maia, não obstante o direito de apresentação nessa igreja já pertencer, “in sollido”<sup>1566</sup>, dando seguimento ao processo o bacharel Diogo Anes, abade e reitor da igreja de S. Cristóvão de Refóios de Ave, concessão da qual foi passado registo pelo notário apostólico João do Couto a 13 de Agosto de 1476<sup>1567</sup>. Apesar de estes últimos abades serem pessoas directamente ligadas à Sé do Porto, o certo é que a igreja de

---

<sup>1560</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.7.

<sup>1561</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.34.

<sup>1562</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.36.

<sup>1563</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.10; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.277-279.

<sup>1564</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.12.

<sup>1565</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.12. Esta renúncia é também referenciada por Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.190, embora a leitura paleográfica do Autor dirija ligeiramente da nossa, identificando como abade Afonso Anes, conquanto nos pareça ser Afonso André. Também Frei Nicolau de Santa Maria refere esta renúncia e a anexação ao mosteiro em 1476, sendo bispo do Porto D. João de Azevedo, apontando também Afonso Anes como o reitor renunciante (cf. Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap.II, p.278).

<sup>1566</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.12.

<sup>1567</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.13.

“Santiago de Alabruja” vai manter-se unida ao mosteiro de Moreira pelo menos ao longo da primeira metade do século XVI, como confirma o “Censual” de 1542, que adianta também que o direito de apresentação era ainda do mosteiro maiato<sup>1568</sup>.

---

<sup>1568</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.206.

## **2.5. Diocese de Tui (Parte portuguesa)**

### **2.5.1. - Santa Maria de Refóios de Lima (c. Ponte de Lima)**

O mosteiro de Refóios de Lima, a avaliar pela taxaço de 700 libras que lhe foi aplicada em 1320<sup>1569</sup> respirava bastante saúde económica.

A 25 de Janeiro de 1340 D. Afonso IV dá sentença contra o mosteiro de Refoios, proibindo o uso de qualquer jurisdição no couto. Trata-se de um processo um tanto ou quanto atribulado em que o mosteiro é julgado à revelia<sup>1570</sup>. Posteriormente há um retrocesso no processo com o próprio prior de Refoios a recorrer da decisão régia e a ver-lhe, por sentença de 31 de Agosto de 1441, reconhecido o direito de colocar mordomo e chegador no couto do mosteiro, bem como a prerrogativa de eleger anualmente um juiz com jurisdição sobre os feitos cíveis e criminais mas que tem de prestar juramento e ser confirmado no cargo pelo almoxarife de Valença<sup>1571</sup>.

Por bula papal de Clemente VI, datada de 22 de Abril de 1345, são confirmados ao mosteiro os privilégios e doações dos reis de Portugal<sup>1572</sup>.

A 30 de Abril de 1388 D. João I concede ao concelho de Ponte de Lima o couto do mosteiro de Refoios de Lima, situação que ia ao encontro dos interesses do prior do mosteiro e dos moradores do couto<sup>1573</sup>. A 7 de Fevereiro de 1390 o rei consagra ao mosteiro o privilégio de ninguém pousar nas casas que este possuía em Guimarães, na rua do Sabugal<sup>1574</sup>.

---

<sup>1569</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.114.

<sup>1570</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. III (1340-1344)*, 1992, pp.83-86 (Doc. 288); *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp. 80-83 (Doc. 35).

<sup>1571</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. III (1340-1344)*, 1992, pp.150-154 (Doc. 323); *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp. 83-87 (Doc. 36); Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, 1945, p.60.

<sup>1572</sup> *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp. 88-89 (Doc. 38); Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.61.

<sup>1573</sup> *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.111 (Doc. 61).

<sup>1574</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I, Vol. II – Tomo I*, 2005, pp. 30-31; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.111-112 (Doc. 62). A carta é dirigida ao “abade e convento do mosteyro de Refoyos”, intitulação que naturalmente não corresponde aos superiores dos mosteiros agostinhos, remetendo antes para uma terminologia tipicamente beneditina, e que poderá levantar a legítima suspeita de se tratar do homónimo mosteiro de Refoios de Basto. Equacionada essa possibilidade interessa perceber o seu grau de viabilidade. De facto para um período anterior, mormente entre 1374 a 1376 o abade do mosteiro de Refóios, Fernão Gonçalves, tinha casas em Guimarães (cf. Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Uma rua de elite na Guimarães medieval (1376-1520)*, Guimarães, Edição da Câmara Municipal de Guimarães em colaboração com a Sociedade Martins Sarmento, 1989, p. 200), mas na rua de Santa Maria, na qual desembocava a do Sabugal (sobre a organização e distribuição topográfica de Guimarães medieval veja-se Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Uma rua de elite na Guimarães medieval (1376-1520)*, 1989, p.50; *Idem*, “Guimarães”, in *Atlas de cidades medievais portuguesas (sécs. XII-XV)*, Vol. I, coordenação de A. H. Oliveira Marques, Iria Gonçalves e Amélia Aguiar Andrade, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova

A 25 de Agosto de 1417, o prior e o convento do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima reúnem-se em cabido para emprazarem, a Lourenço Durão, a sua mulher, Margarida Martins, e a uma terceira pessoa a nomear pelo último dos dois, um casal localizado na freguesia do mosteiro. Tal documento tem a particularidade de encerrar em si a identificação dos elementos constituintes da comunidade, sendo mencionados, além do prior Gil Rodrigues, cinco cónegos: João Afonso, Estêvão Lourenço da Arada, Rodrigo Esteves, Álvaro Anes e Gonçalo Afonso<sup>1575</sup>.

Um emprazamento feito a 11 de Setembro de 1440, parece indiciar que a comunidade era, por essa altura, bastante reduzida. Além do prior são aí identificados três cónegos: Rodrigo Esteves, Gonçalo Afonso e João Afonso<sup>1576</sup>. Além de diminuta parece ser também envelhecida, isto se tivermos em conta que pelo menos dois dos cónegos de Refoios de Lima que aparecem em 1440 já eram religiosos do mosteiro em 1417<sup>1577</sup>.

De resto as dificuldades sucediam-se. A 30 de Julho de 1446 D. Afonso V doa a Afonso Malheiro, escudeiro da casa do Infante D. Pedro os bens de raiz que Gonçalo Afonso, cónego do mosteiro de Refoios, tinha adquirido a Vasco Rodrigues, mercador de Ponte de Lima, por volta de 1436<sup>1578</sup>, e dos quais nunca usufruía, por impedimento

---

de Lisboa, 1990, pp. 15-18. É admissível que se trate desse mesmo abade, que ainda deveria ser o titular do cargo em 1390, de resto essa factologia insere-se dentro da cronologia indicada pelo cronista beneditino, Frei Leão de S. Tomás, que dá João Gonçalves à frente do abaciado de Refoios de Basto entre 1385 e 1405 (cf. Tomás, Frei Leão de S., *Benedictina Lusitana*, Tomo I, Introdução e notas críticas de José Mattoso, Lisboa, IN-CM, 1974, p.497), sucedendo-lhe em 1405 o abade Afonso Anes. Tendo em consideração os dados atrás enunciados o início do seu abaciado tem, naturalmente, de recuar-se pelo menos até 1374, do mesmo modo que a verificar-se esta sequência indicada por Frei Leão de S. Tomás importa também esclarecer que a ascensão de Afonso Anes ao abaciado de Refoios de Basto ocorreu em data anterior à que é apontada pelo cronista, uma vez que a 15 de Novembro de 1398 já participa como abade de Refoios no sínodo diocesano de Braga, convocado por D. Martinho Afonso Pires da Charneca (cf. *Synodicon Hispanum*, 1982, p.59). E se a possibilidade de estarmos perante o abade de Refoios de Basto parece bastante forte, e até que a documentação no-lo demonstre inequivocamente, não poderemos também excluir a hipótese de se tratar, efectivamente, do prior de Refoios de Lima, situação que não seria de estranhar até porque este género de confusões com os títulos dos superiores religiosos das casas monásticas era bastante frequente, sobretudo em documentação emanada da chancelaria régia, quer por descuido ou por simples desconhecimento da intitulação desses superiores por parte dos escrivães e oficiais. De resto, no caso concreto de Refoios de Lima, esta situação repete-se novamente em 1392 a propósito da legitimação de 3 filhos do “abade de Refoios”.

<sup>1575</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.14, fl.119; *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp. 196-198 (Doc. 141). Em relação a este documento apenas uma chamada de atenção para dizer que nesta publicação a data que se encontra no sumário está incorrecta, uma vez que não foi feita a devida conversão da Era de César para a do Nascimento de Cristo, figurando por isso o ano de 1455 quando o documento se reporta ao de 1417.

<sup>1576</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv. 18, fls.87-88vº; *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.168 (Doc. 112).

<sup>1577</sup> Referimo-nos concretamente a Rodrigo Esteves e a Gonçalo Afonso. A este propósito consulte-se a secção das biografias dos cónegos de Santa Maria de Refoios de Lima.

<sup>1578</sup> *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.178-179 (Doc. 124).

legislativo O monarca valendo-se da lei resgatou-os para si, dispondo deles a seu bel-prazer.

A 3 de Junho de 1466 o prior do mosteiro de Refóios de Lima, D. Gomes Anes estabelece uma composição amigável com os moradores do couto do mosteiro a propósito de alguns direitos devidos ao cenóbio, sobretudo relacionados com dias de serviço e pastagens. Tal convenção surge no seguimento de uma contenda que existia entre a instituição e os moradores do seu couto e que tinha chegado à Sé de Braga, tendo a decisão sido favorável ao mosteiro mas extremamente desajustada aos interesses dos moradores, daí o tal acordo entre as partes que é validado pelo juiz ordinário de Ponte de Lima, a 29 de Abril de 1467<sup>1579</sup>.

Ainda no último quartel do séc. XV, o mosteiro passaria a ser governado por priores comendatários, tendo sido o primeiro D. Gomes da Rocha, benefício que, segundo Frei Timóteo dos Mártires, lhe foi atribuído por D. Afonso V, em 1468, sendo também administrador perpétuo do mosteiro de S. Martinho de Crasto e prior comendatário do de Vila Nova de Muia<sup>1580</sup>. Documentalmente a sua presença à frente de Refoios de Lima é comprovada a 20 de Junho de 1476, dia em que empraça, no mosteiro, o casal da Granja, situado no seu couto<sup>1581</sup>.

Uma bula de Júlio II, datada de 1508, confirma ao mosteiro os seus privilégios, incluindo o de isenção, de que o mosteiro sempre gozara<sup>1582</sup>, e do qual o prior D. Pedro se arrogou para, a 27 de Janeiro de 1512, não permitir a visitação que João Rodrigues, provisor e vigário do bispo de Ceuta, D. Frei Henrique (1505-1532), aí queria fazer<sup>1583</sup>. Na segunda metade da década de quarenta do século XVI os rendimentos do mosteiro em conjunto com as suas anexas foram avaliados em trezentos mil reais, numa altura em que a comunidade era constituída pelo prior claustral e três cónegos<sup>1584</sup>.

---

<sup>1579</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.13, fls.152-154; *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.223-227 (Doc. 166).

<sup>1580</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>1581</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.15, fls.347-347v; *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.271-273 (Doc. 198). Frei Timóteo dos Mártires aponta o ano de 1472 como o do falecimento deste prior (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64), data que é, naturalmente, inviabilizada por este documento.

<sup>1582</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VIII, p.309; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.61.

<sup>1583</sup> Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.176.

<sup>1584</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 340; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Vol.I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, pp. 120,205; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.176.

Em 1551, o mosteiro de Refoios era da apresentação do arcebispo de Braga, trazendo como anexas as igrejas de Santa Eulália e a de S. Paio de Portela de Nogueira<sup>1585</sup>. A 26 de Julho de 1564 o prior comendatário de Refóios de Lima, D. Julião de Alva, bispo de Miranda, autorizava o prior de Santa Cruz de Coimbra a iniciar aí a Reforma enquanto se aguardava pela autorização papal para a integração na Congregação de Santa Cruz<sup>1586</sup>, o que só aconteceria por bula de 23 de Junho de 1572<sup>1587</sup>.

**2.5.1.1. - Santa Eulália de Refóios de Lima** (fr. Refóios do Lima, c. Ponte de Lima) – Igreja anexa ao mosteiro de Refóios. Em 1292 era abade da igreja de Santa Eulália de Refóios Estêvão Lourenço que aí erigiu túmulo<sup>1588</sup>. Em 1320 a igreja de Santa Eulália de Refóios de Lima foi taxada em 100 libras<sup>1589</sup>. A 11 de Outubro de 1420 João Rodrigues, filho de um cônego regular da Ordem de Santo Agostinho e de mulher solteira, suplica ao papa Martinho V a igreja de Santa Eulália de Refóios de Lima<sup>1590</sup>. A 2 de Maio de 1421, “Johani Roderici rectori parochialis ecclesie sancte Eolalie de Refoyos Tudensis diocesis” vê o papa Martinho V conceder-lhe novos benefícios eclesiásticos<sup>1591</sup>.

A 12 de Setembro de 1427 já aparece João Gonçalves, clérigo de missa, como abade de Santa Eulália, dia em que lhe foi legitimado Gonçalo Anes de Sequeiros, fruto da sua ligação com Margarida Gonçalves<sup>1592</sup>. O documento apenas refere “Sancta Ovaya” não especificando que se trata de Refoios de Lima de qualquer modo e tendo em conta que o legitimado é de “Sequeiros da par de Ponte de Lima” parece-nos haver grandes probabilidades de se tratar da igreja de Santa Eulália<sup>1593</sup>. A 17 de Julho de 1432 temos notícia de um novo abade em Santa Eulália de Refoios de Lima: Estêvão

---

<sup>1585</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 150vº; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp. 120,205.

<sup>1586</sup> Cardoso, Jorge, *Agiológico Lusitano*, Tomo I, 2002, p.134; Reis, António Matos, “O património artístico do mosteiro de Refoios do Lima”, in *Subsídios para a história do convento de Refoios*, Ponte de Lima, Instituto Politécnico de Viana do Castelo-Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, 1988, p.37; Costa, “Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp. 120,205.

<sup>1587</sup> Reis, António Matos, “O património artístico do mosteiro de Refoios do Lima”..., p.37; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp. 120,205.

<sup>1588</sup> Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa*..., Vol 2: Tomo 1, 2000, pp.1088-1089.

<sup>1589</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.114.

<sup>1590</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), 1969, p.190 (doc.748); *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 290-291 (Doc.422); *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.292-293 (Doc.A13).

<sup>1591</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), 1969, p.206 (doc.764); *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.294-295 (Doc.A15).

<sup>1592</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. IV – Tomo 2, 2006, p.149.

<sup>1593</sup> *Idem*, Vol. IV – Tomo 2, 2006, p.149.

Lourenço<sup>1594</sup>. No início da segunda metade do séc. XVI, no Censual de D. Baltasar Limpo continua a ser identificada como anexa ao mosteiro de Refóios<sup>1595</sup>.

**2.5.1.2. - S. João de Penas** – Ermida anexa ao mosteiro de Refóios. A informação de que esta ermida estava anexa ao mosteiro de Santa Maria de Refóios é-nos dada por Jorge Cardoso, no “Agiológio Lusitano”, onde revela que aí viveu o pregador B. Romeu que faleceu em 1466, tendo os seus restos mortais sido trasladados para o mosteiro em 1582<sup>1596</sup>.

### **2.5.2. - São João de Longos Vales (c. Monção)**

Mosteiro português sob administração eclesiástica da diocese de Tui. Trata-se de um mosteiro de parques rendimentos, isto a avaliar pelas 100 libras em que foi taxado em 1320<sup>1597</sup>.

Uma das explicações que poderá ajudar a justificar os baixos réditos desta canónica regrante é o facto de estar implantada numa área geográfica em que tinha de enfrentar a concorrência de outras instituições monásticas como é o caso do mosteiro de S. Fins de Friestas com quem travou uma disputa judicial, que culminaria com a intervenção régia<sup>1598</sup>. Na génese de toda a questão está o facto de o abade do mosteiro de Friestas, Lourenço Esteves, exigir de Maria Anes, moradora num casal em Luzio, termo de Monção, o pagamento de três dias de geira para trazer madeira para as vinhas do mosteiro, um corazil de porco, um cabrito e um frangão, obrigações que os moradores do couto de Luzio tinham, anualmente, para com o mosteiro de Friestas.

O problema é que Maria Anes alegava que o casal onde morava era do prior do mosteiro de S. João de Longos Vales, surgindo então o prior em defesa de Maria Anes. A questão acabou por chegar à Corte, ordenando o rei a Pedro Afonso, corregedor do Entre Douro e Minho, que cumprisse a sentença que era favorável ao mosteiro de Longos Vales, representado no processo pelo procurador Afonso Gonçalves,

---

<sup>1594</sup> *Idem*, Vol. IV – Tomo 2, 2006, p.270.

<sup>1595</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 150vº; Costa, “Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”...”, 1983, p.231.

<sup>1596</sup> Cardoso, Jorge, *Agiológio Lusitano*, Tomo II, 2002, pp.507-508.

<sup>1597</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.114; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”...”, 1983, p.118; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.

<sup>1598</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº4.

concluindo-se que não se provava que o casal pertencesse ao couto de Luzio e por inerência ao mosteiro de Sanfins.

O rei condenou também as partes nas respectivas custas do processo de modo a que “o dicto priol do dicto mosteiro de Samnohane aja seis libras e quinze soldos e nove dinheiros de custas em que eu comdaney da hida e desta carta e escreturas factas perante mym”<sup>1599</sup>. E se esta questão poderá trespassar a ideia de existir alguma animosidade com os senhores locais, tal não parece verificar-se, antes pelo contrário, existe uma relação de proximidade, pelo menos, com a nobreza local, como prova o facto de Gomes Lourenço Vilarinho, que é contemporâneo dos reinados de D. Pedro e D. Fernando, ter instituído a capela de S. Brás no mosteiro de Longos Vales, onde se fez sepultar<sup>1600</sup>. Também neste mosteiro foi sepultado Vasco Gomes de Abreu, alcaide de Melgaço e de Castro Laboreiro que obteve diversas benesses de D. Fernando, e que posteriormente as perderia às mãos de D. João I, uma vez que aquando da crise sucessória de 1383-85, seguiu o partido de D. Beatriz<sup>1601</sup>.

A 31 de Outubro de 1357, encontrando-se o rei D. Pedro em Arganil, e “querendo fazer graça e mercee ao priol e convento do mosteiro de Sam Johane de Longovares”, outorgou-lhe e confirmou-lhe todos os privilégios, foros, liberdades que lhes foram dados, outorgados e confirmados por todos os reis anteriores<sup>1602</sup>. Há registo de nova confirmação régia a 13 de Janeiro de 1371, desta feita com D. Fernando a confirmar e outorgar todos os privilégios, foros liberdades e bons costumes aos “mosteiros de Sam Pero de Merufê e de Sanhoane de Longavares”<sup>1603</sup>.

A 14 de Outubro de 1409 D. João I, encontrando-se em Paço de Sousa, confirmou ao mosteiro de Longos Vales todos os seus privilégios, foros e liberdades<sup>1604</sup>.

Em 1428, o mosteiro de S. João de Longos Vales era da apresentação do papa<sup>1605</sup>. Face às dificuldades económicas enfrentadas e comuns à generalidade das casas

---

<sup>1599</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°4.

<sup>1600</sup> Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.96.

<sup>1601</sup> Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, pp.70-71. Esta ligação dos Abreus ao mosteiro de Longos Vales já vinha desde o século XII, nomeadamente com Gomes de Abreu que viveu em finais do reinado de D. Afonso Henriques (cf. Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.69).

<sup>1602</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°5.

<sup>1603</sup> IAN/TT- Chancelaria de D. Fernando, Livro 1, fl.69. Este mesmo documento encontra-se transcrito por Bártole, Maria Regina Antunes, *Documentos da chancelaria de D. Fernando – 1370-1372 – Transcrição: Subsídios para o estudo da época fernandina*, Coimbra, Dissertação de Licenciatura em Ciências Históricas apresentada à FLUC, 1966, p.473 (doc.132).

<sup>1604</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 2, 2006, p.194; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.



monásticas portuguesas foi-lhe anexada, para sempre, a igreja de Santa Eulália de Barbeita<sup>1606</sup>, embora a 11 de Outubro de 1487, e por resolução do bispo de Ceuta, D. Frei Justo Baldino (1478-1493) tal decisão tenha sido anulada, desanexando-lhe então esta igreja<sup>1607</sup>. O facto é que tal anulação ou não foi consumada ou houve um novo reverter de posições uma vez que por volta de 1520 o mosteiro de S. João de Longos Vales tinha anexas as igrejas de Santa Eulália de Barbeita e Santa Maria de Cales, numa altura em que a instituição monástica continuava a ser da apresentação do papa<sup>1608</sup>, sendo comendatários do mosteiro D. Vasco Marinho e o seu filho, Pedro Marinho. Em 1540 o papa Paulo III (1534-1549) concedeu o priorado ao infante D. Duarte<sup>1609</sup>, filho de D. João III, e futuro arcebispo de Braga (1542-1543), que entretanto viria a falecer a 11 de Novembro de 1543<sup>1610</sup>. Por carta de D. João III a Baltasar de Faria, datada de 17 de Novembro de 1543, o rei informa o embaixador que com o falecimento do seu filho o mosteiro de Longos Vales vagara, sendo sua intenção uni-lo ao colégio da Companhia de Jesus de Coimbra, onde já estavam 30 padres mas que não tinham rendas para se sustentarem, por isso dava instruções a Baltasar de Faria para agir no sentido de se conseguir a união ao Colégio jesuíta, quer desse mosteiro quer do de Sanfns de Friestas<sup>1611</sup>. Por esta altura São João de Longos Vales apresentava um rendimento anual de cerca de cento e cinquenta mil reis, sendo que o argumento a que se recorreu para justificar a extinção foi o da vida dissoluta dos religiosos da instituição, situação que apesar de real deverá ter sido convenientemente empolada, pedindo-se por isso ao papa que “o dito moesteiro se anexe ao dito colegio e rendas delle, das quaes se sustentarão os coneguos que ora sam vivos e estão no dito moesteiro, e per seus falecimentos se não tomarão outros e se extinguirão as porções dos ditos conegos, e todas as rendas se apricarám ao dito colegio, ficando huum vigairo cleriguo secular na egreja do dito moesteiro de São Johão de Longuovares, o qual dirá missa e ministrará os sacramentos

---

<sup>1605</sup> A.D.B. - Registo Geral, Livro 313, fl. 84vº; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.

<sup>1606</sup> A.D.B. - Registo Geral, Livro 313, fl. 145vº; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.

<sup>1607</sup> A.D.B. - Registo Geral, Livro 313, fls. 170; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.246.

<sup>1608</sup> A.D.B. - Registo Geral, Livro 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fl. 464vº; Costa, “Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”...”, 1983, p.119; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.

<sup>1609</sup> A.U.C. - Pergaminhos, Gav.14, M.3, Nº56; *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IV, 1870, pp.440-443. Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”...”, 1983, pp.119; Caldas, João Afonso, *Monografia de S. João de Longos Vales – Monção*, Braga, 1975, pp.45,66.

<sup>1610</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.330; *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.98.

<sup>1611</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo V, 1874, pp.232, 246.

aos fregueses e parochianos, se os hi ouver, a que o dito mosteiro de São João de Longuovares seja obrigado a menistrar os santos sacramentos e officios divinos”<sup>1612</sup>.

Apesar das intenções do monarca o processo não foi célere, tendo inclusivamente a comenda do mosteiro transitado para o cardeal D. Henrique uma vez que a 4 de Maio de 1548 D. Paulo Pereira, comendatário do mosteiro de Paço de Sousa, dava instruções a Gaspar de Faria, fidalgo da casa real e cónego de Lisboa, residente em Roma, para, no caso de o infante cardeal renunciar à comenda de S. João de Longos Vales, conseguir obter uma qualquer pensão ou benefício para si<sup>1613</sup>.

Uma carta de Baltasar de Faria, de 30 de Novembro de 1545, enviada ao monarca, diz que face a negócios mais prementes não tinha tido possibilidades de se dedicar às questões de alguns mosteiros, encontrando-se entre eles o de Longos Vales<sup>1614</sup>. O embaixador em nova missiva, datada de 20 de Fevereiro de 1546, revela o impasse em que se mantinha o negócio da união deste mosteiro ao Colégio de Jesus, dando conta a D. João III das dificuldades que o próprio papa colocava ao êxito dessa empresa uma vez que não era vontade do pontífice conceder a união, alegando que não podia prescindir dessas rendas, até porque já não tinha como sustentar os cardeais<sup>1615</sup>. Nesse mesmo ano de 1546 os benefícios do mosteiro de S. João de Longos Vales, juntamente com a sua anexa de Santa Eulália de Barbeita, foram avaliados em cento e oitenta mil reais, valor já liberto das custas com os encargos e sustento dos quatro cónegos e do seu prior que então aí viviam<sup>1616</sup>. Por carta de 2 de Agosto de 1546 D. João III escreve a Baltasar de Faria, seu representante em Roma dizendo-lhe que o papa lhe tinha concedido todas as igrejas e mosteiros que tivessem vagado pela morte do seu filho D. Duarte, encontrando-se nessas circunstâncias o “mosteiro de Sam Joham de Longuavales de conigos regrantes da ordem de Sancto Aguostinho da diocesi do arcebispado de

---

<sup>1612</sup> *Ibidem*, Tomo V, 1874, pp.246-247.

<sup>1613</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, 1942, p.53. Frei Nicolau de Santa Maria diz que D. Duarte foi o último comendatário do mosteiro (Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.330), no entanto e de acordo com as informações do cronista beneditino, aqui transpostas, ainda houve pelo menos mais um comendatário.

<sup>1614</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo V, 1874, pp.500-501.

<sup>1615</sup> Afiram-se as palavras do embaixador: “Eu continuei sempre no requerimento de Ceiça e Tarouca pera os reduzir a obediencia dos dom priores de Tomar, e que Refoios se unise ao collegio dos Jeronimos, e Longovares ao dos Theatinos, como Vossa Alteza ordenava, mas o papa he tam dificultoso nisto que nunca se macaba de resolver dizendo me que a Se Apostolica estava oje em dia tam esbulhada de toda sua provisam que ja nam tinha que prover, e isto a requerimento dos principes: que nam tinha que dar aos cardeaes que morriam de fame: e que se destes poucos mosteiros que ficavam sacabase de privar com reduzir hunos e anexar e unir outros que lhe nam ficaria nada” (cf. *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VI, 1884, pp.24-25).

<sup>1616</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 338v”; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp.118, 201; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.

Bragua”, ordenando o rei ao seu capelão Bartolomeu Fernandes de Araújo que tomasse posse desse mosteiro em seu nome<sup>1617</sup>. No entanto, e no cumprimento dessa missão, o procurador régio foi surpreendido pelo facto de Afonso Esteves, prior claustral de Longos Vales, se ter feito eleger prior mor do mosteiro, alegando que o papa lhe tinha concedido o priorado e tendo conseguido de um juiz apostólico em Tui a confirmação no cargo<sup>1618</sup>. Era o braço de ferro entre o rei e o papa, uma guerra silenciosa, em que o prior claustral acabou por ser envolvido.

A 23 de Novembro de 1547, Bartolomeu Fernandes de Araújo, representante do rei, dava conta ao monarca das últimas notícias referentes ao mosteiro, relembrando a insistência do rei em saber das novidades, e das dificuldades que tinha encontrado no cumprimento do encargo, dando-lhe, no entanto, conta do contrato que tinha alcançado com Afonso Esteves, prior claustral do mosteiro<sup>1619</sup>. Esse contrato tinha sido enviado ao juiz, aguardando o representante régio a resposta de D. João III para “logo se levantar o amtre dicto e o mais em toda parte e se celebrarem os divinos ofícios porque ha muitos anos que estamos asy e alguas pessoas se enterrom no mosteiro”<sup>1620</sup>. Desconhecemos as razões objectivas deste Interdicto e não sabemos se foi lançado pelo papa, ou se foi pelo arcebispo, que poderá ter tomado o partido do monarca, e interdito o mosteiro face ao incumprimento e desobediência do mosteiro às ordens e intenções régias. Curiosamente, pouco tempo depois, mais concretamente a 8 de Fevereiro de 1548 é o próprio prior quem envia uma missiva ao monarca a dar conta da estadia do bacharel Bartolomeu Fernandes de Araújo e de que tinham sido levadas as bulas ao corregedor e tudo feito de acordo com o que mandava o rei, não deixando no entanto o prior de manifestar o seu desagrado e lamento por todo o processo<sup>1621</sup>.

Por influência do cardeal D. Henrique e após solicitação de D. João III, o papa Júlio III (1550-1555) passa, em 1551, as letras apostólicas pelas quais o mosteiro de S. João de Longos Vales é, finalmente, anexado ao Colégio de Jesus de Coimbra<sup>1622</sup>.

---

<sup>1617</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VI, 1884, p.59.

<sup>1618</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VI, 1884, p.59.

<sup>1619</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 79, Doc. 128.

<sup>1620</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 79, Doc. 128.

<sup>1621</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 80, Doc. 29.

<sup>1622</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.330; *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.98; Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno...*, vol.IV, 1874, p.437; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp.119; Caldas, João Afonso, *Monografia de S. João de Longos Vales – Monção*, Braga, 1975, pp.46,66; Cardoso, Jorge, *Agiologio Lusitano*, Tomo I, 2002, p.75.

Apesar da concretização da união o mosteiro continuava a suscitar disputas e questões que se prolongaram pela década de cinquenta, com o monarca, por carta de 26 de Julho de 1560, enviada a Lourenço Pires de Távora, embaixador em Roma, a revelar “muyto contentamento (...) de se atalharem as demandas sobre o mosteiro de Longovares”<sup>1623</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Longos Vales:**

**2.5.2.1. - Santa Maria das Cales/Santa Maria de Longos Vales**<sup>1624</sup> – Igreja do padroado do mosteiro de S. João de Longos Vales. De salientar que, ou por lapso, ou por um qualquer outro motivo, esta igreja não integra o rol das igrejas taxadas em 1320<sup>1625</sup>.

No Censual do arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), os rendimentos desta igreja são avaliados em 126 reais<sup>1626</sup>. Na segunda metade da década de quarenta do séc. XVI esta igreja já tinha como sua anexa a de Santo André da Torre, sendo o conjunto dos seus rendimentos avaliados em 40 mil reais<sup>1627</sup>. No Censual de D. Frei Baltasar Limpo esta igreja surge referenciada como sendo do padroado de São João de Longos Vales, a quem cabia a apresentação “in solidum” mas não estava anexa ao mosteiro, como faziam crer alguns registos<sup>1628</sup>.

**2.5.2.2. - Santa Eugénia/Eulália de Barbeita**<sup>1629</sup> (c. Monção) – Igreja anexa ao mosteiro de S. João de Longos Vales. Aparece sob estas duas designações. Em 1320 a igreja de Santa Eugénia de Barbeita foi taxada em 30 libras<sup>1630</sup>. Além do mosteiro esta igreja tinha também padroeiros particulares como é o caso, no século XIV, de Diogo Gomes Abreu que detinha 2/3 do padroado embora sem direito à apresentação de

---

<sup>1623</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.24.

<sup>1624</sup> Também aparece designada por Santa Maria das Canles (cf. Caldas, João Afonso, *Monografia de S. João de Longos Vales – Monção*, Braga, 1975, p.133).

<sup>1625</sup> Não a conseguimos detectar entre as igrejas do Arcediagado de Cerveira nem entre as da Terra de Valadares (veja-se a relação destas igrejas publicada por Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, pp.113-114,116). Também Caldas, João Afonso, *Monografia de S. João de Longos Vales – Monção*, Braga, 1975, p.134, dá conta da sua ausência.

<sup>1626</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fl. 481; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.188.

<sup>1627</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 338vº; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.201.

<sup>1628</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fls. 132,133; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.214.

<sup>1629</sup> A freguesia de Santa Eugénia de Barbeita fundiu-se com a de Santo André da Torre, no século XVI, originando a actual freguesia de Bela, do concelho de Monção (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.447).

<sup>1630</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.114.

cura<sup>1631</sup>. O bispo D. Frei Justo Baldino (1478-1493)<sup>1632</sup> desanexou, a 11 de Outubro de 1487, a igreja de Santa Eulália de Barbeita ao mosteiro de S. João de Longos Vales<sup>1633</sup>, mas como já tivemos oportunidade de ver anteriormente, tal decisão não deverá ter tido aplicabilidade, encontrando-se a igreja ainda anexa ao mosteiro ao longo da primeira metade do século XVI<sup>1634</sup>. No Censual do arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), a avaliação dos rendimentos desta igreja é de 83 reais<sup>1635</sup>. Em 1546 os benefícios desta igreja são avaliados em conjunto com os do mosteiro de S. João de Longos Vales, num montante de cento e oitenta mil reais<sup>1636</sup>. No Censual de Frei Baltasar Limpo (1550-1558) é referenciada como Santa Luzia de Barbeita, fazendo-se aí referência à confusão detectada nos registos dos arcebispos anteriores sobre a anexação e desanexação a que terá sido sujeita, concluindo-se, por auscultação do vigário da comarca, que de facto era anexa ao mosteiro de Longos Vales<sup>1637</sup>.

**2.5.2.3. S. Facundo de Melgaço** (c. Melgaço) – Igreja em copadroadado do mosteiro de S. João de Longos Vales. O mosteiro de Longos Vales era possuidor apenas de metade do padroado desta igreja<sup>1638</sup>. Em 1320 esta igreja surge taxada em 30 libras<sup>1639</sup>. Na segunda década do século XVI, os rendimentos desta igreja são avaliados em 274 reais e 6 pretos<sup>1640</sup>. Em 1551, ano em que o mosteiro de Longos Vales passou a integrar a Companhia de Jesus, a igreja de S. Facundo já surge integrada na Câmara do Arcebispo<sup>1641</sup>.

---

<sup>1631</sup> Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.198.

<sup>1632</sup> Na obra de Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.314, a cronologia deste bispo é de (1479-1493) mas o seu bispado iniciou-se, efectivamente, em 1478 como provam Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.139; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.213.

<sup>1633</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 313, fls. 170; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.246.

<sup>1634</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fls. 338vº, 464vº; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp.118, 119, 201; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.

<sup>1635</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fl. 481; Costa, “Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.188.

<sup>1636</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 338vº; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp.118, 201; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.173.

<sup>1637</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 125; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.208.

<sup>1638</sup> Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.195.

<sup>1639</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.116.

<sup>1640</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fl. 481; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.189.

<sup>1641</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 125; Costa, “Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.208.

**2.5.2.4. - S. Salvador de Cambeses** (c. Monção) – Igreja anexa ao mosteiro de Longos Vales. Apenas sabemos que esta igreja foi unida ao mosteiro de S. João de Longos Vales em 1461, por bula do papa Pio II (1458-1464), datada de 11 de Julho, atendendo assim o pontífice à solicitação do comendatário D. João Gomes de Abreu<sup>1642</sup>.

**2.5.2.5. - Santo André da Torre**<sup>1643</sup> (c. Monção) – Igreja do padroado do mosteiro de S. João de Longos Vales. Em 1320 esta igreja foi taxada em 20 libras<sup>1644</sup>. Além do mosteiro esta igreja tinha também padroeiros particulares como é o caso de Diogo Gomes Abreu<sup>1645</sup>. Na segunda década do século XVI os rendimentos desta igreja são avaliados em 34 reais e meio<sup>1646</sup>. No final da década de quarenta do séc. XVI esta igreja aparece anexa à de Santa Maria das Cales<sup>1647</sup> situação que se mantém no início da década seguinte<sup>1648</sup>.

**2.5.2.6. - Capela de Santa Catarina** – Trata-se de uma capela localizada no próprio mosteiro para a qual era nomeado capelão próprio, estando-lhe adstritos bens específicos, mormente uma herdade, designada por herdade da capela que andava junta com o curral da Froia e as herdades de Trás do Ameal e a do “Raal”<sup>1649</sup>. Temos referência a dois religiosos do mosteiro que detiveram esta capelania no século XV: João Rodrigues que era capelão da capela de Santa Catarina em Outubro de 1453 e Gonçalo Lourenço seu antecessor<sup>1650</sup>. Um outro seu titular, embora já para o século XVI, foi o próprio comendatário D. Vasco Marinho, identificado como abade da capela de Santa Catarina em Abril de 1520<sup>1651</sup>.

---

<sup>1642</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°34.

<sup>1643</sup> A freguesia de Santo André da Torre e a de Santa Eugénia de Barbeita fundiram-se numa só no século XVI dando origem à actual freguesia de Bela, do concelho de Monção (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.447).

<sup>1644</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.114.

<sup>1645</sup> Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.198.

<sup>1646</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fl. 481; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.189.

<sup>1647</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 338v°; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.201.

<sup>1648</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 132; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.214.

<sup>1649</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°33.

<sup>1650</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°33.

<sup>1651</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.170v°.

### **2.5.3. - S. Salvador de Paderne (c. Melgaço)**

Mosteiro inicialmente beneditino passou para a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho pelo menos no primeiro quartel do séc. XIII<sup>1652</sup>. A 6 de Agosto de 1264 o bispo de Tui, D. Gil, sagrou a nova igreja do mosteiro sendo seu prior D. João Peres<sup>1653</sup>. Nesta segunda metade do século XIII são reportados abusos praticados por alguns nobres sobre o mosteiro levando D. Afonso III a intervir, dirigindo carta, a 22 de Março de 1273, ao seu meirinho-mor, ou a quem por ele andasse na Terra de Valadares, no sentido de proibir os abusos e constrangimentos que os nobres provocavam aos moradores do couto do mosteiro a quem exigiam, indevidamente, serviços e foros<sup>1654</sup>. O monarca proibia também os fidalgos de darem os seus filhos para serem criados no couto e herdades do mosteiro<sup>1655</sup>. A 3 de Maio de 1289 é D. Dinis quem confirma estas mesmas prerrogativas ao mosteiro de Paderne, ordenado a Gonçalo Fernandes, seu meirinho-mor que zelasse e fizesse cumprir tais disposições<sup>1656</sup>.

O mosteiro de Paderne apresenta no início do século XIV algum desafogo económico, tendo sido taxado, em 1320, em quinhentas libras<sup>1657</sup>.

A 4 de Março de 1334 Afonso IV autoriza o prior de Paderne a manter as herdades foreiras que o mosteiro tinha nos concelhos de Monção e Melgaço, isentando-os assim da aplicabilidade da legislação que proibia os clérigos e as ordens religiosas de comprar ou receber herdades reguengas e foreiras<sup>1658</sup>.

---

<sup>1652</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.119.

<sup>1653</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.313; Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.109; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, Lisboa, 1706, p.258; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, p.119; Reis, António Matos, “O bispo D. Gil Peres de Cerveira, D. Afonso III e os municípios do Alto Minho”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.1, 2006, p.301.

<sup>1654</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fl.16. A carta é dirigida ao meirinho-mor Nuno Martins, também conhecido por Nuno Martins de Chacim, que ocupou o meirinhado-mor do Reino entre 1264 e 1276 (cf. Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas...*, Vol. 2, 1999, p.633)

<sup>1655</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fl.16.

<sup>1656</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fl.16. O Gonçalo Fernandes aqui referenciado é Gonçalo Fernandes Chancinho, meirinho-mor do Reino, cargo no qual o Professor José Augusto Pizarro já o tinha detectado entre 1290 e 1292 (cf. Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas...*, Vol. 2, 1999, p.633).

<sup>1657</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.116; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp.119, 168; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.174.

<sup>1658</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. I (1325-1336)*, 1990, pp.361-362 (Doc. 350).

D. Afonso IV também isentou os moradores do mosteiro, do couto e limites dele, de prestarem serventia aos concelhos, mormente de roldar, velar e guardar as portas<sup>1659</sup>, privilégio concedido em data anterior a 27 de Dezembro de 1343<sup>1660</sup>.

A 10 de Novembro de 1357 o rei D. Pedro outorgou e confirmou todos os privilégios, foros e liberdades que tinham sido concedidos pelos monarcas anteriores ao prior e convento do mosteiro de Paderne<sup>1661</sup>.

A 23 de Julho de 1365, e após queixa do prior e mosteiro de Paderne, o rei ordena que restituam ao mosteiro todas as herdades e posses que tinham na vila de Melgaço e que tinham sido embargadas por Domingos Anes, procurador dos feitos na Comarca de Entre Douro e Minho<sup>1662</sup>. Entre esses bens estavam umas casas que o mosteiro possuía na vila de Melgaço, que tinham pertencido a Rodrigo Anes, e serviam para aí armazenar pão e vinho, possessões que o mosteiro não podia deter segundo as leis do reino, mas que o rei autorizou que mantivessem<sup>1663</sup>. Nesse mesmo dia o monarca acedeu também ao pedido do mosteiro de Paderne no sentido de se manterem como foreiros régios, o que, mais uma vez, ia contra a legislação em vigor que proibia que os clérigos, ordens e fidalgos comprassem, ganhassem herdades nem possessões nos reguengos nem que fossem foreiros régios. O monarca autorizou que o mosteiro mantivesse as herdades e bens que o rei lhes tinha aforado em Monção e Melgaço<sup>1664</sup>. Esta atenção dos nossos monarcas em relação ao mosteiro de Paderne não será certamente alheia ao seu importante papel na zona fronteiriça. De resto e segundo

---

<sup>1659</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fls.15vº-16.

<sup>1660</sup> A indicação a este documento e ao teor de que se compunha é-nos dada pela Chancelaria de D. Afonso V a quem foi apresentado, tratando-se de um instrumento público, todo em latim, a dar conta dos privilégios concedidos por D. Afonso IV ao mosteiro, instrumento esse feito a 27 de Dezembro de 1343 e assinado por Rui Pires, João Rodrigues e Estêvão Gonçalves, tabeliães públicos da vila de Monção (IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fl.15vº).

<sup>1661</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.2. Trata-se de uma carta régia dada em Coimbra, de resto o monarca passaria praticamente todo o mês de Novembro desse ano na cidade mondeguina (cf. Machado, J. T. Montalvão, *Itinerários de El-Rei D. Pedro I (1357-1367)*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1978, pp. 47-49). É muito provável que esta confirmação seja a de que há registo na Chancelaria de D. Pedro, embora aí apareça apenas um registo simples indicando a confirmação de privilégios, de resto um brevíssimo sumário que se encontra integrado num rol de confirmações que, à partida, datariam de 11 de Dezembro de 1357 (cf. *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.75 (Doc. 206).

<sup>1662</sup> *Idem*, 1984, p.485 (Doc. 1024).

<sup>1663</sup> *Idem*, 1984, pp.484-485 (Doc. 1023); Almeida, Carlos A. Brochado de, “A “couraça nova” da vila de Melgaço: resultado de uma intervenção arqueológica na Praça da República”, in *Portugalia*, Nova Série, Vol. XXIV, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património-Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p.168.

<sup>1664</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.486 (Doc. 1025).



documento visto e transcrito, em parte, por Sousa Viterbo, no século XV o mosteiro de Fiães devia ao mosteiro de Paderne 205 libras alfonsinas de guerra<sup>1665</sup>.

Também D. Fernando, a 27 de Março de 1370, confirmou e outorgou todos os privilégios, liberdades, foros e bons costumes ao concelho, homens bons, e mosteiro de São Salvador de Paderne<sup>1666</sup>.

Para a primeira metade do séc. XV praticamente não encontramos referências acerca do mosteiro. Sabemos apenas que o prior de S. Salvador de Paderne foi comissionado por D. Afonso, chantre da diocese de Tui, no sentido de lançar e publicar a excomunhão sobre os cobradores régios castelhanos que taxavam e cobravam indevidamente réditos sobre os bens da Igreja, usurpando assim os seus direitos, situação que tinha sido levada perante o papa tendo sido nomeado Juiz da Causa o referido chantre da Diocese de Tui, dando o prior de Paderne cumprimento a essa ordem a 16 de Julho de 1440<sup>1667</sup>. Já para a segunda metade aparecem-nos algumas indicações que nos ajudam a perceber melhor o percurso desta instituição, informações que resultam de diversos documentos referentes à intervenção régia, com especial realce para a acção de D. Afonso V.

Assim, em 1469, no início do mês de Março, encontrando-se o monarca em Avis, e após requerimento de D. Vasco Rodrigues, prior de Paderne, passa duas cartas de confirmação de privilégios ao mosteiro melgacense. A primeira, datada do primeiro dia desse mês, é referente à confirmação da isenção dos moradores deste mosteiro de prestarem quaisquer encargos e serviços concelhios, conforme privilégio concedido por D. Afonso IV e D. Pedro<sup>1668</sup>. A segunda, feita a 10 de Março, é respeitante à confirmação dos privilégios dados por D. Afonso III e D. Dinis, pelos quais se garantia a protecção dos homens do couto do mosteiro em relação às exigências e arbitrariedades de alguns fidalgos, de forma a evitar que esses moradores fossem coagidos a prestar

---

<sup>1665</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, Vol.2, 1966, p.366.

<sup>1666</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.3; IAN/TT – Chancelaria de D. Fernando, Livro I, fl.55. Este mesmo documento é referenciado e transcrito por Bártolo, Maria Regina Antunes, *Documentos da chancelaria de D. Fernando...*, 1966, p.365 (doc.47); Neves, João António Mendes, *A “formosa” chancelaria – Estudo dos originais da Chancelaria de D. Fernando (1367-1383)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à FLUC), pp. 71, 202-203 (doc.41). Também Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.175, tencionava referenciar esta confirmação como se induz da nota de rodapé, com a correcta referência à fonte, e até do próprio sentido do texto embora, e por uma qualquer falha, apareça no texto final: “Em 27 de Março de 1360 D. Pedro confirmou e outorgou a este mosteiro...”.

<sup>1667</sup> Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada*, Tomo XVII, Madrid, En la Oficina de Antonio Marin, 1763, p.154.

<sup>1668</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fls.15vº-16.

serviços, impedindo também que fossem criados filhos de nobres no couto do mosteiro<sup>1669</sup>.

A 26 de Abril de 1475 D. Afonso V confirma os privilégios já concedidos pelos seus antecessores e ratificados por ele próprio a 1 de Março de 1469, passando nova carta por terem perdido a original, isentando assim os moradores do mosteiro e do seu termo de servirem nos encargos dos concelhos, e especificamente das obrigações de roldar, velar e guardar as portas<sup>1670</sup>.

Também D. Manuel, a 8 de Setembro de 1497, confirmou e outorgou a esta canónica regante todos os privilégios até aí concedidos pelos seus antecessores<sup>1671</sup>. Ainda durante o reinado do “Venturoso” surgiram dúvidas sobre as jurisdições do couto do mosteiro, levando o prior D. Estêvão Rodrigues a solicitar a intervenção régia, terminando o processo com o esclarecimento e confirmação dos privilégios da instituição, por carta datada de 11 de Agosto de 1517, passada pelo Doutor Francisco Cardoso, juiz dos feitos de D. Manuel<sup>1672</sup>.

Em 1546 os benefícios do mosteiro de Paderne, juntamente com os da sua anexa de São Tiago de Penso, foram avaliados em duzentos e setenta mil reais, valor já livre das despesas com os encargos e sustento dos cinco religiosos que compunham a comunidade nessa altura (quatro cónegos e o prior claustral)<sup>1673</sup>. A 17 de Dezembro de 1561, e por ordem régia, apresenta-se em Paderne, Manuel de Almeida, com o intuito de tomar o mosteiro<sup>1674</sup>. Apesar do emissário régio e os seus acompanhantes terem sido aí recebidos num clima de grande tensão, com diversos homens armados a aguardá-los, a situação acabou por se resolver pacificamente e no dia seguinte o comendatário, Pedro de Sousa, entregou o mosteiro ao emissário que, por sua vez, o deixou à guarda de

---

<sup>1669</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fls.16-16vº.

<sup>1670</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 30, fl.71; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.175.

<sup>1671</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 28, fl.34; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...* 2002, p.175. O cronista agostiniano Frei Timóteo dos Mártires também diz, embora sem grandes especificações, que o mosteiro e o seu couto foram privilegiados pelos diversos monarcas, nomeadamente D. Dinis, D. Pedro, D. Fernando, D. João I, D. Afonso V e D. Manuel (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.109).

<sup>1672</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.313; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.109.

<sup>1673</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 339; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”..., 1983, pp.119, 202; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.174.

<sup>1674</sup> IAN/TT – Corpo Cronológico, Parte I, M.104, Doc.74.

Jerónimo Moniz e de quatro homens que o acompanhavam, e que ficaram “no mosteiro com os conegos delle muito paciffico”<sup>1675</sup>.

No final do século XVI integrou a Congregação de Santa Cruz de Coimbra, dando-lhe o papa Clemente VIII (1592-1605) as letras de união e reformação a 23 de Maio de 1594, tomando posse do mosteiro o prior geral, D. Cristóvão de Cristo, a 29 de Janeiro de 1595, elegendose logo no dia seguinte o primeiro prior trienal do mosteiro: D. Nicolau dos Santos<sup>1676</sup>.

### **Igrejas do padroado do mosteiro de Paderne:**

**2.5.3.1. - Santa Maria de Paços**<sup>1677</sup> (c. Melgaço) – Igreja anexa ao mosteiro de Paderne. Em 1320 esta igreja foi taxada em 25 libras<sup>1678</sup>. No Censual do arcebispo D. Frei Baltasar Limpo, da segunda metade do séc. XVI, continua a ser referenciada como integrante do padroado do mosteiro de Paderne, embora já não conste como anexa<sup>1679</sup>. Em Maio de 1565 era vigário da igreja de Santa Maria de Paços João Lopes<sup>1680</sup>.

**2.5.3.2. - São Tiago de Penso** (c. Melgaço) – Igreja do padroado do mosteiro de Paderne. Em 1320 foi taxada em 62 libras<sup>1681</sup>. Em 1546 os rendimentos desta igreja foram avaliados em 40 mil reais<sup>1682</sup>. A 14 de Maio de 1565 o arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, confirmou Estêvão Mouro, clérigo de missa, como vigário da “egreja de Santyaguo de Penso annexa in perpetuum ao moesteyro de Sam Salvador de Paderne da Comarca de Valença”<sup>1683</sup>.

---

<sup>1675</sup> IAN/TT – Corpo Cronológico, Parte I, M.104, Doc.74.

<sup>1676</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.313; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.110.

<sup>1677</sup> Actualmente o orago desta freguesia é Santa Ana (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 1, 1997, p.434).

<sup>1678</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.116.

<sup>1679</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 335 (Censual de D. Frei Baltasar Limpo), fl. 126v°; Costa, “Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”...”, 1983, p.209.

<sup>1680</sup> João Lopes encontrava-se em Braga a 14 de Maio de 1465 onde testemunha a carta de confirmação de Estêvão Mouro como vigário de São Tiago de Penso, onde é identificado como titular da igreja de Paços (cf. IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.5). Nesse mesmo dia aparece também, juntamente com Estêvão Mouro, como testemunha na carta de confirmação de Francisco Ramalho como abade e reitor da igreja de Santa Maria da Pedreira, aparecendo ambos, nesse mesmo documento, apenas identificados como “clerigos de missa da comarca de Valença” (cf. Rosário, Frei António do, “Registo das Confirmações ...”, 1972, p.85).

<sup>1681</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. IV, 1971, p.116.

<sup>1682</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 339; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”...”, 1983, pp.119, 202; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514...*, 2002, p.174.

<sup>1683</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.5.

### **3 - AS COMUNIDADES REGRANTES: COMPOSIÇÃO E RECRUTAMENTO**

#### **3.1. - A constituição das comunidades**

A tarefa de reconstituir o efectivo humano das diversas comunidades torna-se, por vezes, bastante complexa. Desde logo porque as fontes nem sempre nos permitem fazê-lo com a desejada segurança, e se é certo que, ocasionalmente, é possível obter o número e até os nomes dos religiosos de um qualquer mosteiro, também é incontestável que esse género de informação não é tão frequente como gostaríamos e reporta-se, normalmente, a momentos cronológicos isolados revelando-se por isso, objectivamente, pouco consequente para a recriação quantitativa das comunidades. Apesar dessa segmentação e das limitações inerentes há casos em que os dados disponíveis se mostram suficientemente indiciadores e até padronizáveis.

Para a reconstrução do quadro humano dessas instituições temos de recorrer ao mais diversificado tipo de fontes embora as mais comuns e produtivas sejam, além da diversa documentação respeitante ao cartório de cada instituto (há que ressaltar aqui o agravante facto de a documentação de muitos mosteiros não ter chegado aos nossos dias, ou ter chegado espartilhada, ou em cópias que poderão sempre colocar o problema da fidedignidade), os registos de matrículas de ordens, os necrológios<sup>1684</sup>, as cartas de legitimação, os registos da chancelaria régia e a documentação da Cúria Pontifícia. É, naturalmente, um trabalho de busca muito moroso e com resultados sempre parcelares e por isso inacabado.

A própria documentação monástica que se preservou e que chegou até nós é maioritariamente constituída por contratos enfiteúticos, o que significa que também não é muito fértil neste tipo específico de informação, embora haja algumas indicações aos procuradores do mosteiro, em muito casos cónegos da instituição, ou mesmo aos elementos que constituíram convento para a prossecução do acto, mas essas referências aos religiosos surgem, na maioria das vezes, através da sua presença como testemunhas. Mesmo nestas situações deparamo-nos, constantemente, com problemas de validação da

---

<sup>1684</sup> Neste particular as próprias fontes apresentam algumas limitações intrínsecas, decorrentes da própria especificidade da suas funções e utilização, uma vez que os obituários e livros de aniversário normalmente só apontam o dia em que é celebrado o finado, raramente surgindo o ano do óbito, e mesmo o dia aí apresentado poderá não corresponder ao dia exacto do falecimento uma vez que a informação relativa ao falecimento de um religioso de uma outra casa poderia levar dias, meses ou até anos a chegar e a ser incorporada (cf. Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora: A comemoração dos que passaram deste Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Colecção Documentos Medievais Portugueses – Série II), 2008, p.34).

identidade desses indivíduos, isto se considerarmos a frequência com que surgem arroladas as testemunhas apenas pelos nomes e sem quaisquer outra indicação que nos permita a sua correcta identificação.

Em tais circunstâncias e mesmo recorrendo ao natural confronto das fontes, raramente se consegue ultrapassar a fronteira da probabilidade. O ideal seria naturalmente a pesquisa em todos os fundos documentais que abrangem o período medieval em estudo, o que é humanamente, pelo menos em termos individuais, impossível.

As comunidades de cónegos agostinianos eram geralmente reduzidas não ultrapassando os doze cónegos e um prior<sup>1685</sup>. Curiosamente é esse número, carregado de simbolismo, o que se atribui aos religiosos fundadores de Santa Cruz de Coimbra<sup>1686</sup>. É certo que o número de religiosos da instituição aumentou consideravelmente, estimando Armando Alberto Martins que a média de cónegos de Santa Cruz, entre 1132 e 1412, ronde os 42 ou 43 elementos<sup>1687</sup>, números que Carlos Guardado da Silva prevê como possíveis para o mosteiro de S. Vicente de Fora<sup>1688</sup> nesse mesmo período cronológico. A realidade das canónicas do Norte do país mostra-nos, na sua generalidade, números bastante mais humildes, mas vejamos através de exemplos concretos o panorama regente português em finais da Idade Média e no início da “Modernidade”.

O cenóbio de Santo Estêvão de Vilela, tinha, à entrada para a centúria de Trezentos pelo menos quatro elementos, assim no-lo revela um documento de 25 de Julho de 1289, sendo aí referenciados o prior, Domingos Viegas, e três cónegos: Geraldo Peres, Geraldo Vicente e Martim Gonçalves<sup>1689</sup>. Tendo em conta que o documento não foi elaborado no mosteiro, tendo-se por isso deslocado os religiosos, é perfeitamente admissível que a comunidade fosse composta por mais alguns elementos. Situação semelhante é a verificada no mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, cujos

---

<sup>1685</sup> “Agostinianos, cónegos” in *Dicionário da Idade Média*, organizado por Henry R. Loyn, 2ª ed., tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1997, p.9.

<sup>1686</sup> *Vida do Admirável Padre S. Theotónio...*, traduzida e ampliada com aditamentos do Padre D. Joaquim da Encarnação, 2ª edição correcta, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1855, Parte II, Cap. I, p.77; *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*, edição crítica de textos latinos, tradução, estudo introdutório e notas de comentário de Aires Augusto Nascimento, Lisboa, Edições Colibri, 1988, p.165.

<sup>1687</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.769.

<sup>1688</sup> Silva, Carlos Guardado da, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora... – A comunidade regente e o património rural (séculos XII-XIII)*, Edições Colibri, 2002, pp.73-74.

<sup>1689</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 12-13 (Doc.5); Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil ...*, 2004, pp. 335-336.

elementos da sua comunidade surgem identificados em instrumento de 21 de Outubro de 1287, constando aí, além de Martim Peres, prior do mosteiro, quatro religiosos, a saber: Lourenço Soares, prior crasteiro, e os cónegos João Lourenço, Mateus Martins e Martim Domingues, referenciando-se ainda o capelão João Martins<sup>1690</sup>.

Números idênticos surgem-nos para S. Simão da Junqueira que em instrumento de 5 de Novembro de 1302 apresenta meia dezena de religiosos, sendo aí referenciados o prior Domingos Gomes e os cónegos Estêvão Domingues, Domingos Fernandes, Martim Geraldês e Domingos Pires<sup>1691</sup>.

Já a canónica de Vila Boa do Bispo, no início de Trezentos, parece albergar seis religiosos, como se depreende de dois instrumentos redigidos nesse mosteiro em Dezembro de 1306<sup>1692</sup> e Setembro de 1312<sup>1693</sup>, sendo aí indicados o prior e cinco confirmantes que supomos corresponderem a cinco cónegos da comunidade.

Número ligeiramente superior detinha, nesta altura, o não muito longínquo mosteiro de Cárquere, sendo possível identificar aí, no final de Setembro e início de Outubro de 1305, além do prior Gonçalo Esteves, seis cónegos: Pedro Durão, Pedro Anes, Martim Domingues, Bartolomeu Pais, Pedro Domingues e Domingos Peres<sup>1694</sup>.

Situação parecida é a detectada em Santa Maria de Oliveira que tinha, em Dezembro de 1311, além do prior-mor, pelo menos seis cónegos<sup>1695</sup>. Neste período, e em termos de efectivos humanos, estas canónicas deveriam ser apenas superadas pela de Grijó, para a qual um instrumento de 4 de Maio de 1312 identifica sete elementos da comunidade conventual, nomeadamente João da Costa, prior claustral, Martim da Costa, preposto, e Estêvão Anes, Francisco Geraldês, Vicente Domingues, Vicente Esteves e João Martins<sup>1696</sup>.

A 15 de Fevereiro de 1329 o mosteiro de S. Pedro de Roriz contava com pelo menos 4 religiosos, nomeadamente João Lourenço, Martim Gonçalves, Afonso Peres e Estêvão Gonçalves<sup>1697</sup>, estando excluído desta listagem o superior hierárquico da comunidade. Algo similar parece ser o quadro humano do mosteiro de São Silvestre de Requião, para o qual um instrumento, datado de 7 de Dezembro de 1336, atesta a

---

<sup>1690</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 146-147.

<sup>1691</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 54vº-55.

<sup>1692</sup> IAN/TT - Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.14.

<sup>1693</sup> IAN/TT - Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15.

<sup>1694</sup> Sobre estes religiosos consulte-se as respectivas entradas.

<sup>1695</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico ...*, 1996, p.57.

<sup>1696</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

<sup>1697</sup> A.U.C. - Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº10.

presença do prior mor e três religiosos (Afonso Martins, Domingos Anes Rebelo e João Candoso)<sup>1698</sup>.

Aparentemente, mais elevado é o número de religiosos (seis cónegos e o respectivo prior-mor) que se encontravam em S. Simão da Junqueira, a 20 de Fevereiro de 1342, embora os rendimentos do mosteiro não aconselhassem a que o convento tivesse mais de quatro elementos<sup>1699</sup>. Tal ordem de números parece também corresponder a S. Salvador de Souto, comunidade que a 21 de Novembro de 1355 contava com pelo menos seis elementos. Além do prior, D. Domingos Domingues, são referenciados os cónegos Pedro Lágea, André Domingues, Gonçalo Peres, João Anes e Vasco Domingues<sup>1700</sup>.

Por esta mesma altura o vizinho mosteiro de S. Torcato deveria ter à sua guarda cinco elementos como se depreende por um documento de 2 de Novembro de 1362 em que são referenciados apenas quatro cónegos: Estêvão Anes, Lourenço Gomes, Martim Anes e João Martins, sendo este último eleito para prior da comunidade em virtude de o seu anterior superior hierárquico ter sido transferido para o mosteiro de S. Salvador de Souto<sup>1701</sup>. Já o cenóbio de Moreira da Maia, também neste período, deveria apresentar um número mais elevado de religiosos, isto se tivermos em conta que, a 5 de Outubro de 1360, além do prior Domingos Anes, são aí referenciados cinco cónegos (Domingos Domingues, Bento Pires, João Domingues, João Domingues de Vilar e Vasco Anes) embora esse documento não seja muito incisivo no que respeita à quantificação dos religiosos dessa comunidade uma vez que o prior os constitui como procuradores do mosteiro<sup>1702</sup>, deixando percepcionar assim a existência de mais religiosos.

Algo surpreendente e que foge dos parâmetros que temos observado é o caso da comunidade regante de Mancelos que, a 24 de Agosto de 1361, era composta por uma dúzia de religiosos. Além de Gonçalo Lourenço, prior claustral, o convento era constituído pelos cónegos João Martins, João Durães, Domingos Anes, Gonçalo Peres, Vasco Martins, Afonso Anes, João Afonso, João Anes, Martinho Gonçalves, Afonso Martins e Martinho Martins<sup>1703</sup>. Em termos de componente humana parece só encontrar-se algum paralelismo com Santo André de Ancede que, em 1364, tinha dez

---

<sup>1698</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.114-114vº.

<sup>1699</sup> Gomes, Saul António, “A relevância do monaquismo vilacondense ...”, 2004, pp. 117-118, 141-142.

<sup>1700</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>1701</sup> *Idem, Ibidem*, p.143; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.734, 925 (nota 591).

<sup>1702</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.2.

<sup>1703</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, pp. 399-401.

religiosos<sup>1704</sup>, incluindo-se nesta contabilidade o prior-mor e S. Salvador de Grijó cuja comunidade era também, por esta altura, composta por mais de uma dezena de religiosos como facilmente se infere do *Livro das Campainhas*, onde se diz que são necessários o número suficiente de religiosos para celebrarem as onze missas diárias que se diziam no mosteiro, a que acresciam seis religiosos colocados em igrejas de apresentação desta canónica<sup>1705</sup>, o que daria um universo de pelo menos 17 indivíduos.

Já mais modesta, e retomando a normalidade do panorama observado quanto à composição da generalidade das comunidades regrantes, S. Simão da Junqueira tinha, a 15 de Agosto de 1365, apenas quatro cónegos (Estêvão Anes, Martim Fernandes, Estêvão Domingues e Domingos Domingues, sendo este último eleito, nesse dia, prior do mosteiro da Junqueira)<sup>1706</sup>. Tal situação parece assim reflectir o cumprimento das recomendações da visitação de 1342, verificando-se uma diminuição e reajustamento no quantitativo conventual. De resto este mosteiro não deverá ter sofrido grandes flutuações no que respeita aos seus efectivos humanos ao longo do resto da centúria de trezentos, sendo que em instrumento de 6 de Março de 1391, são mencionados quatro religiosos da instituição: o prior Estêvão Domingues e os cónegos Martim Fernandes, Gonçalo Fernandes e Afonso Anes<sup>1707</sup>.

À entrada para a última década do séc. XIV, e tendo por base instrumentos de 1392 e 1393, o mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia apresenta além do seu prior, Domingos Cibrães, três cónegos: João Anes Delgado, Pedro Domingues e Vasco Anes<sup>1708</sup>, embora nessa altura existissem outros religiosos dessa canónica com funções paroquiais em igrejas da apresentação do mosteiro que não surgem aí referenciados, como parecem ser os casos de Leonardo Martins e provavelmente João de Bouças.

De qualquer modo na segunda metade do século XIV e também consequência directa e indirecta dos problemas de carácter económico, político e social que o reino enfrentou compreende-se que haja uma retracção no número de elementos das

---

<sup>1704</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansedo (c. Baião) ...”, 2004, pp.193, 204-205 (Doc.3); Idem, “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.432; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.528 (nota 96).

<sup>1705</sup> Alarcão, Jorge de; Amaral, Luís Carlos, *Livro das Campainhas ...*, 1986, pp.68-69; Amaral, Luís Carlos, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV*, 1994, pp. 148-149. Por esta altura, o número de religiosos em Grijó não deveria diferir muito da realidade apresentada nas vésperas do séc. XIV, uma vez que em 1292 já havia 11 cónegos com presença contínua no mosteiro (cf. Gomes, Saul António, “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho”, 2000, p.432).

<sup>1706</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.131-132.

<sup>1707</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.157.

<sup>1708</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Docs.32, 33.



comunidades. De resto o próprio mosteiro de Grijó, inquestionavelmente uma das maiores canónicas regrantas portuguesas foi abalado nos seus efectivos humanos, com os cónegos a queixarem-se no final desse século do excesso de horas e missas que tinham de rezar bem como dos sacramentos que tinham de dar quando eram agora menos religiosos do que antigamente<sup>1709</sup>.

Já o mosteiro de S. Torcato contava, no último semestre de 1395, com seis elementos, sendo identificados, em instrumento de 2 de Agosto de 1395, o prior Lourenço Martins e os cónegos Estêvão Anes, Afonso Martins, Bernardo Anes e Martim Anes, cónego regrante de S. Torcato e abade de S. Romão de Rendufe<sup>1710</sup>, religiosos a que podemos acrescentar o cónego João Rodrigues que era, por esta altura abade da igreja de S. Cosme da Lobeira, igreja da apresentação do mosteiro de S. Torcato<sup>1711</sup>.

Em S. Pedro de Roriz temos a confirmação da existência de cinco religiosos no final do século XIV, designadamente, o prior João Peres e os cónegos professos Estêvão Martins, João Martins, Martim Anes e Domingos Martins, todos identificados em instrumento de 19 de Fevereiro de 1399<sup>1712</sup>.

A 24 de Janeiro de 1403, num emprazamento efectuado no mosteiro de Moreira, são referenciados quatro elementos: o prior Domingos Cibrães, os cónegos João Anes, Pedro Domingues e Estêvão Domingues<sup>1713</sup>, mas mais uma vez parecem não constar aí os religiosos que exerciam funções paroquiais, surgindo, inclusivamente, nesse mesmo instrumento, entre as testemunhas Gil Pires, abade de Vila Nova<sup>1714</sup>, igreja da apresentação do mosteiro. Cerca de cinco anos depois, mais concretamente a 25 de Fevereiro de 1408, este mesmo mosteiro albergava cinco elementos: o prior Fernão Martins, e os cónegos João Anes, Pedro Domingues, Álvaro Martins e Estêvão Domingues<sup>1715</sup>. Inferior é a composição apresentada por S. Simão da Junqueira, que com o falecimento do prior Estêvão Domingues ficou reduzida a três cónegos: Gonçalo Fernandes, Mateus Martins e Afonso Anes, reunindo-se estes religiosos em convento,

---

<sup>1709</sup> Marques, A. H. de Oliveira, *Introdução à História da Agricultura em Portugal*, 1968, pp.57-58.

<sup>1710</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-b. A esta listagem poderá acrescentar-se, com alguma segurança, um outro cónego, João Rodrigues, que era pároco da igreja de S. Cosme da Lobeira.

<sup>1711</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, Ns.183-a, 224.

<sup>1712</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>1713</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.3. Estes mesmos religiosos voltam a ser referenciados num outro emprazamento também efectuado no mosteiro de Moreira da Maia, a 21 de Março de 1403 (cf. IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2).

<sup>1714</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.3.

<sup>1715</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2A.

no último dia de Fevereiro de 1418, para elegerem canonicamente o novo prior, eleição que recaiu no cónego Gonçalo Fernandes<sup>1716</sup>. Para este mesmo período detecta-se um número bem superior na comunidade regante de S. Martinho de Crasto, onde um instrumento de 14 de Julho de 1419 identifica o prior mor, o prior claustral e sete cónegos<sup>1717</sup>. Mais pequena era a vizinha comunidade de Santa Maria de Vila Nova de Muia que, em Janeiro de 1425 era constituída por cinco religiosos<sup>1718</sup> (o prior Vasco Lourenço e os cónegos Afonso Pires, Fernando Esteves, Gonçalo Esteves e Gonçalo Anes).

E se ao longo do século XIV e mesmo no início da centúria de quatrocentos não se registam grandes oscilações ao nível das comunidades para as quais temos elementos comparativos, já o panorama do restante século XV é bastante diferente. Ao longo desse século assiste-se à extinção de diversas casas monásticas ou à sua adstringente conversão em simples igrejas paroquiais.

Na base dessas alterações estavam muitas vezes, além da precariedade económica, a escassez de recursos humanos que inviabilizavam a sua sobrevivência. O arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, em 1443, anexou a igreja de S. Cristóvão de Rio Mau ao mosteiro de S. Salvador da Junqueira, numa altura em que havia três ou quatro cónegos no mosteiro, sendo um dos objectivos dessa anexação o gerar receitas para que houvesse sempre aí, no mínimo, os quatro cónegos necessários para o serviço religioso e legalmente exigidos para a existência de “convento”<sup>1719</sup>, ou seja, os elementos requeridos e indispensáveis para validarem decisões e eleger prior.

De resto esta questão dos parcos rendimentos da instituição já tinha levado a que a 15 de Setembro de 1427 o prior e o convento da Junqueira fizessem uma composição tendo em vista o aumento das rendas da mesa conventual e das rações a distribuir aos cónegos<sup>1720</sup>, dizendo-se aí “que era verdade que de tempo antigo foram sempre no dito Moesteiro quatro Coonigos Regrantes” mas a míngua das rendas não permitia a sobrevivência de tal número, levando a que “o dito Moesteiro no Espiritual nom era

---

<sup>1716</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.183-184.

<sup>1717</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.760.

<sup>1718</sup> *Idem, Ibidem*, pp.742; Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, 1987, p.225.

<sup>1719</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.797-798; *Idem*, “O tempo religioso de Gil Vicente”, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp.229 (nota 26).

<sup>1720</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl.114-116.

perfeitamente servido por minga dos ditos Coonigos”<sup>1721</sup>. Aquando da elaboração desse instrumento de composição reuniram-se em cabido apenas o prior Gonçalo Fernandes e os cónegos Mateus Martins e Afonso Anes<sup>1722</sup>, e pelo teor da composição é de considerar a inexistência de mais elementos, pelo menos em plenitude canónica. Curiosamente, a 19 de Fevereiro de 1429, além do prior Gonçalo Fernandes são aí referenciados “Affonso Annes e Vaasco Martinz e Vaasco Affonso coonigos do dito Moesteiro” de S. Simão da Junqueira<sup>1723</sup>. Também em Santa Maria de Oliveira o panorama não deveria ser muito diferente, sendo certo que em Julho de 1441, existiam aí, além do prior D. Rodrigo Esteves, pelo menos três cónegos (Gil Afonso, António Geraldês e Vicente Anes)<sup>1724</sup>. A escassez de religiosos era um problema generalizado, e se os exemplos acabados de enunciar deixam antever tal realidade, as situações vivenciadas noutros mosteiros, sobretudo da diocese de Braga demonstram-na inequivocamente.

Assim, em S. Salvador de Bravães, em 1434, ano da sua extinção parece existir apenas o prior mor e um cónego<sup>1725</sup>. Outro caso extremo é o do mosteiro de S. Salvador de Banho que, a 1 de Maio de 1441, já estava sem comunidade, restando apenas o prior<sup>1726</sup>. Situação complicada é também a registada em S. Torcato, onde, em Fevereiro de 1450, aquando do falecimento do prior Frei Álvaro Martins não havia qualquer cónego, sendo nomeado para o priorado vago Luís Rodrigues, transformando-se assim no único religioso da instituição<sup>1727</sup>. Também o vizinho mosteiro de S. Salvador apresentava, no início da década de cinquenta, grande carência de religiosos sendo esse um dos motivos que levou à sua redução a igreja secular<sup>1728</sup>.

Em pleno contraste com as canónicas regrantes nortenhas e para termos uma visão mais global e comparativa do panorama nacional podemos, para este período, olhar para

---

<sup>1721</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl.114-114vº.

<sup>1722</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl.114.

<sup>1723</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl.118vº.

<sup>1724</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.17.

<sup>1725</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.49vº; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.725; Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, 1987, p.225; Bessa, Paula Virginia de Azevedo, *Pintura mural ...*, 2007, p.84;

<sup>1726</sup> Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.726; Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, 1987, p.225.

<sup>1727</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.152ª v.º; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.736; Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, 1987, p.225.

<sup>1728</sup> Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.730-731.

o que se passava com Santa Cruz e S. Vicente de Fora. Assim no primeiro trimestre de 1457 dois documentos respeitantes ao mosteiro agostinho de S. Vicente de Fora revelam a constituição da comunidade, surgindo aí devidamente elencados o prior mor, o prior crasteiro e onze cónegos<sup>1729</sup>. Já em Santa Cruz de Coimbra, indiscutivelmente a maior canónica regrante em Portugal existiam, e isto tendo por base o “Livro das Lembranças”, entre 1463 e 1473, decénio do priorado de D. João da Costa, 32 cónegos<sup>1730</sup>.

Num período um pouco posterior, mas respeitante ao mosteiro lisboeta de S. Vicente de Fora, surge a identificação, num emprazamento aí feito e datado de 26 de Abril de 1475, de onze elementos: o prior mor, o prior claustral e nove cónegos, número que não corresponde à totalidade dos religiosos do mosteiro nessa altura como indica o próprio documento<sup>1731</sup>. De resto, estes números enquadram-se naquilo que já tinha observado o professor Oliveira Marques, ao verificar que no período que medeia entre 1457 e 1475 S. Vicente de Fora apresentava entre 10 a 15 religiosos<sup>1732</sup>.

Por esta mesma altura a comunidade regrante de Santa Maria de Cárquere era composta, pelo menos, por cinco cónegos e o respectivo prior, surgindo referenciados em instrumento de 6 de Fevereiro de 1473 o prior Rui Vasques da Fonseca e os cónegos João Fernandes, Gonçalo Martins, João Anes, Lucas Cardoso e Gonçalo Fernandes<sup>1733</sup>.

Já a generalidade dos mosteiros do Entre Minho e Douro, como temos observado, apresentava contingentes humanos inferiores. Assim em Santa Maria de Oliveira, a 13 de Setembro de 1477, além do prior da comunidade, à altura Pedro Gonçalves, parece haver apenas dois cónegos (Diogo Pires e Álvaro Rodrigues)<sup>1734</sup>.

Mais bem composta surge-nos a canónica de S. Salvador de Moreira da Maia, embora, e ao longo da segunda metade do séc. XV, pareça nunca ter ultrapassado a meia dezena de elementos como deixa transparecer um documento de 4 de Março de 1480, onde são mencionados “dom Fernand’ Alvarez priolle do dicto mosteiro e Pedro

---

<sup>1729</sup> Monumenta Henricina, Vol. XIII, Direcção, organização e anotação crítica de António Joaquim Dias Dinis, Coimbra, Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1972, pp. 85, 88.

<sup>1730</sup> “Livro das Lembranças”, in *Anais, Crónicas e Memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, textos publicados com uma introdução por António Cruz, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1968, p.129; Gomes, Saul António, “D. Gomes Eanes e a capela de Santo André e dos Cinco Mártires de Marrocos do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra”, in *Arquivo Coimbrão – Boletim da Biblioteca Municipal*, Vol. XXXV, Coimbra, 2002, p.455 (nota 82).

<sup>1731</sup> Monumenta Henricina, Vol. XV, Direcção, organização e anotação crítica de António Joaquim Dias Dinis, Coimbra, Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1974, p.68

<sup>1732</sup> Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, 1987, p.222; Gomes, Saul António, “Demografia eclesiástica”, 2000, p.46.

<sup>1733</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°64.

<sup>1734</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23.

Martinz e Andre Fernandez e Dyego Vasquiz conigos regrantes do dicto mosteiro”<sup>1735</sup>, portanto quatro elementos, incluindo o prior.

No início da década de oitenta o cenóbio de Santa Maria de Cárquere continuava a manter um interessante quadro humano sendo referenciados, em instrumentos de 10 de Agosto de 1482, 10 de Fevereiro de 1483, 10 de Junho de 1483 e Janeiro de 1484, os mesmos elementos detectados uma década antes, ou seja o prior Rui Vasques e os cónegos João Fernandes, Gonçalo Martins, Lucas Cardoso, João Anes, e Gonçalo Fernandes<sup>1736</sup>, a que se pode acrescentar o cónego Pedro Fernandes que apesar de não aparecer aí arrolado era cónego de Cárquere por esta altura, sendo provável que a sua ausência esteja relacionada com o facto de lhe estar adstrita alguma igreja paroquial, de resto este elemento surgirá identificado com os restantes já mencionados, à excepção de João Anes, a 16 de Outubro de 1484<sup>1737</sup>. No início da segunda metade deste mesmo decénio a comunidade maiata parece não ter sofrido alterações surgindo novamente mencionados os 4 religiosos já identificados em 1480<sup>1738</sup>, nomes que se repetem nos restantes registos do séc. XV, nomeadamente em instrumentos de 19 de Março de 1489<sup>1739</sup>, 15 de Janeiro de 1490<sup>1740</sup>, 1 de Março de 1493<sup>1741</sup> e 8 de Agosto de 1495, embora nesta altura o prior já seja D. João do Porto<sup>1742</sup>.

Já a comunidade conventual de S. Pedro de Roriz parece, por esta altura apresentar, no mínimo, meia dúzia de elementos, é que se um instrumento datado de 27 de Dezembro de 1495, nos atesta a existência de quatro cónegos: João Coelho, João Anes, Gonçalo Lourenço e João Peres<sup>1743</sup>, depreende-se facilmente através dos nomes que vão aparecendo, para esta época, entre a documentação do cartório do mosteiro, que havia mais religiosos nesta canónica. Só para exemplificarmos, num instrumento, datado de 26 de Fevereiro de 1495, são mencionados três religiosos que já não surgem referenciados no final do ano, nomeadamente, João Pais, Afonso Fernandes e Afonso Martins<sup>1744</sup>.

---

<sup>1735</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.15a.

<sup>1736</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns.72, 73, 74, 75.

<sup>1737</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°76.

<sup>1738</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.18A.

<sup>1739</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.22.

<sup>1740</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.23.

<sup>1741</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.24.

<sup>1742</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.25,26.

<sup>1743</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°218.

<sup>1744</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°220.

No início do século XVI, mais concretamente a 12 de Novembro de 1501, o mosteiro de Santa Maria de Cárquere apresenta seis elementos, nomeadamente o prior Diogo Coelho e os cónegos Gonçalo Fernandes, Francisco Coelho, Pedro Coelho, Pedro Gonçalves e João de Braga<sup>1745</sup>, de resto, os mesmos religiosos que voltarão a ser identificados em instrumento lavrado a 14 de Dezembro de 1503 no mosteiro mariano de Cárquere<sup>1746</sup>, embora para este período tenhamos detectado a existência segura de, pelo menos, mais dois cónegos, mas cuja intermitência e ausência entre os registos do mosteiro certamente se justificará com as obrigações paroquiais que teriam. Quadro algo semelhante é o vivenciado por esta altura em Moreira da Maia onde são referenciados cinco elementos, contando assim com um novo indivíduo em relação ao panorama geral da segunda metade do séc. XV, surgindo em emprazamentos de 1502 e 1503 o prior João do Porto e os cónegos Pedro Martins, André Fernandes, Diogo Vasques e Pedro Álvares<sup>1747</sup>.

Em Santa Maria de Landim, em meados da década de noventa do século XV, a comunidade também não ultrapassava os cinco elementos, incluindo o prior mor, isto crendo nas importantes informações de um documento de 4 de Abril de 1494. Por essa altura, além de Fernando Anes, prior do mosteiro, encontravam-se aí os cónegos Pedro Martins, Luís Afonso, Afonso Anes, abade de Sequeiró, e Baltasar Correia<sup>1748</sup>.

Em documento de S. Salvador de Grijó de 27 de Abril de 1504 são referenciados o prior claustral e sete cónegos<sup>1749</sup>.

Ao longo do século XVI, o panorama geral parece não sofrer grandes alterações com as principais canónicas regantes a apresentarem-se relativamente bem compostas e as restantes a manterem um número bastante mais modesto de religiosos, não ultrapassando os três ou quatro elementos. Assim e no grupo das grandes canónicas temos naturalmente Santa Cruz de Coimbra onde, em Abril de 1517, são identificados pelo menos dezanove cónegos<sup>1750</sup>, e a de Grijó que em 1536, à altura da sua mudança, apresentava 10 religiosos: Fernando Anes, prior claustral, e os cónegos Rodrigo Garcia,

---

<sup>1745</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º 98.

<sup>1746</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107.

<sup>1747</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.34,35.

<sup>1748</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

<sup>1749</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.19; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993, p.83.

<sup>1750</sup> Gomes, Saul, António, “Os cónegos regantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.273 (nota 108).

Fernando Rodrigues Pedrosa, Sebastião Pires, João Pinto, Manuel Rebelo, Sebastião Lopes, António Pinto, Francisco Correia e António de Almeida<sup>1751</sup>.

Já as restantes canónicas nortenhas tentavam subsistir com o número mínimo de religiosos que lhes permitisse formar convento, embora isso nem sempre acontecesse, como é o caso de São João de Longos Vales onde há registo, a 2 de Outubro de 1520, de apenas dois religiosos<sup>1752</sup>, chegando-se no ano seguinte, mais concretamente a 11 de Novembro de 1521, ao extremo, de estar reduzido ao prior claustral, que nesse dia efectuou, conjuntamente com Pedro Marinho, comendatário do mosteiro, um emprazamento “por ao presente no dicto mosteiro nom aver outros monges nem convento”<sup>1753</sup>.

Maior número de professos comportava o vizinho mosteiro de Paderne, cuja comunidade conventual era composta, a 26 de Agosto de 1525, por três elementos<sup>1754</sup>. A visitação de Baltasar Álvares a alguns mosteiros da diocese de Braga, em finais de 1528, revela-nos o cenário esperado em termos de componente humana, assim em S. Salvador da Junqueira estavam nessa altura três cónegos e um noviço, sendo que recentemente tinha saído um cónego<sup>1755</sup>, registando-se o mesmo número de religiosos em S. Martinho de Caramos<sup>1756</sup>. Já para Santa Maria de Oliveira, Roriz e Vilarinho, não há indicação específica do número de religiosos de qualquer modo tinham mais elementos do que os anteriores, embora em Vilarinho o visitador ordene ao prior que coloque três cónegos no mosteiro<sup>1757</sup>. Situação idêntica ocorre em S. Salvador de Freixo onde o comendatário também é instruído a colocar três cónegos e um prior claustral, uma vez que as rendas do mosteiro eram suficientes para tal, percebendo-se assim

---

<sup>1751</sup> “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Científico e litterario*, Vol. XIII, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866, p.289. No texto são referenciados 11 cónegos mas parece-nos que há um nítido erro de leitura em que “Casteiro” foi separado de prior e tido como nome próprio. Um instrumento de escambo, datado de 7 de Dezembro de 1531, identifica sete cónegos de Grijó, nomeadamente Jorge Correia, Fernando Anes, Gonçalo Rodrigues, Sebastião Pires, Manuel Rebelo, Bastião Gonçalves e António de Almeida (cf. IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.105vº-106).

<sup>1752</sup> A.U.C. - Universidade de Coimbra, Fazenda, Documentos Relativos ao Mosteiro de S. João de Longos Vales, Dep. IV, Secção 1ª E, Estante 23, Tab. 4, nº 4.

<sup>1753</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 51; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.173.

<sup>1754</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.4.

<sup>1755</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, p.130.

<sup>1756</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, p.133.

<sup>1757</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, pp.128-129.

que no momento da visitação o mosteiro não tinha religiosos<sup>1758</sup>, pelo menos nas suas instalações.

A 23 de Novembro de 1527 aquando da sentença de extinção da canónica de Santa Marinha da Costa e da sua transição para a Ordem de S. Jerónimo restavam três cónegos regrantes no mosteiro vimaranense<sup>1759</sup>.

Já Santa Maria de Cárquere parece ter mantido uma certa estabilidade em termos de componente humana uma vez que em instrumento de 17 de Julho de 1531 são identificados cinco religiosos: Francisco Coelho, prior eleito, Filipe Coelho, prior claustral e os cónegos Diogo Coelho, Gil Coelho e Belchior de Sequeira<sup>1760</sup>. De resto este mesmo número manter-se-ia a 14 de Outubro de 1536<sup>1761</sup>, embora os cinco cónegos novamente aí identificados não sejam os mesmos, surgindo por exemplo aí João de Braga, cónego que já se encontrava na instituição no início do séc. XVI e que não é referenciado em 1531, o que mais uma vez comprova aquilo que vimos dizendo em relação à dificuldade de estabelecer com rigor o número de indivíduos que compõem as diversas comunidades. Ao longo da primeira metade do séc. XVI também a comunidade de Landim não sofreu grandes alterações, registando 6 elementos. Comprova-o instrumento de 25 de Setembro de 1543, onde são identificados o prior claustral, Fernão Peres, e os cónegos Francisco Álvares, João Ramalho, Manuel Pires, João Fernandes e Pedro de Banho<sup>1762</sup>. De resto este deveria ser o número de religiosos existentes no mosteiro na década de sessenta, altura em que Landim foi integrado na Congregação de Santa Cruz de Coimbra, sendo que em termos concretos apenas podemos afirmar que pelo menos cinco existiam, que foram os que não aceitaram a reforma<sup>1763</sup>.

Interessante é a recuperação de São João de Longos Vales que, como vimos atrás, estava, em 1521, reduzida ao prior crasteiro, e a 23 de Abril de 1535 já apresenta quatro religiosos<sup>1764</sup>.

---

<sup>1758</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528, 1988-89, p.132.

<sup>1759</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.158; Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa...”, 1886, p.107; Caldas, Padre António José Ferreira, *Guimarães: apontamentos para a sua história*, 1996, p.362.

<sup>1760</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.132.

<sup>1761</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107b.

<sup>1762</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.26.

<sup>1763</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172.

<sup>1764</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 37, Doc. 994.



A 28 de Fevereiro de 1543 o mosteiro de S. Pedro de Roriz tinha quatro cónegos<sup>1765</sup>, situação que se mantinha inalterada dez anos depois, uma vez que a 18 de Julho de 1553 são aí mencionados os cónegos Gonçalo Gonçalves, Fernão Peres, Pedro Gonçalves e António Gonçalves<sup>1766</sup>.

Idêntico número de religiosos apresentava o mosteiro de São João de Longos Vales nesta altura, contando, em 1546, com quatro cónegos e o prior claustral<sup>1767</sup>. De resto este é o mesmo número e distribuição de religiosos existente no vizinho mosteiro de Paderne<sup>1768</sup>, mesmo assim e em termos de quantitativo humano, superior ao que se registava nessa mesma altura em Santa Maria de Refoios de Lima, cuja comunidade claustral era constituída pelo prior crasteiro e três cónegos<sup>1769</sup>. Cerca de duas décadas depois, mais concretamente em 1564, a canónica regrante mariana das margens do Lima, continuava a ser constituída por quatro religiosos<sup>1770</sup>.

Já a comunidade conventual do mosteiro de Santo André de Ancede aquando da sua passagem para a Ordem de S. Domingos, a 11 de Agosto de 1560, tinha cinco religiosos: Diogo Monteiro, prior claustral, e os cónegos Pedro Anes, Sebastião Afonso, António Domingues e João Francisco<sup>1771</sup>.

A 27 de Agosto de 1568 o mosteiro de Landim contava com sete religiosos, numa altura em que já tinha sido reformado, sendo que a sua comunidade antes da reforma, e como dito acima, era constituída pelo menos por cinco cónegos<sup>1772</sup>. Estes dados são-nos fornecidos através do registo da visitação aí efectuada por Manuel Coelho, cónego da Sé de Braga, que foi encarregue de visitar os mosteiros beneditinos e agostinhos da diocese de Braga, por ordem do arcebispo Frei Bartolomeu dos Mártires e

---

<sup>1765</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.199vº. Surge a indicação de que “O mosteiro de Roriz há ao presente quatro conigos os quaes tem suas cellas e dormitorio ham da mesa do prior em cada hum anno cada huum sasenta alqueires de pam terçado e trinta almudes de vinho cozido...”

<sup>1766</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, Nº199-A.

<sup>1767</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 338vº; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Vol.I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, pp.118, 201; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514 ...*, 2002, p.173.

<sup>1768</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 339; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Vol.I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, pp.119, 202; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514 ...*, 2002, p.175.

<sup>1769</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330, fl. 340; Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Vol.I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, pp. 120, 205; Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514 ...*, 2002, p.176.

<sup>1770</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.65.

<sup>1771</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.

<sup>1772</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172.

no seguimento da solicitação feita pelo Cardeal D. Henrique<sup>1773</sup>. Essa visitação decorreu no final do mês de Agosto e ao longo do de Setembro de 1568 e fornece-nos diversos tipos de elementos, incluindo o número de religiosos de cada instituição, o que nos permite ter uma ideia bastante concreta do panorama regente nas canónicas minhotas por esta altura. Assim, e de acordo com esta fonte, nesse segundo semestre de 1568, os mosteiros de S. Simão da Junqueira, Santa Maria de Oliveira, S. Pedro de Roriz e Santa Maria de Vila Nova de Muia tinham 4 cónegos<sup>1774</sup>. Esse era também o número de religiosos efectivos de S. Salvador de Paderne, embora antes tivesse cinco cónegos, mas um deles tinha sido degredado, no entanto e em termos de serviço pastoral e para as demais funções só eram três uma vez que o cónego Henrique Pinto estava entravado<sup>1775</sup>.

Dos mosteiros agostinhos visitados os que maiores efectivos humanos apresentam são os de S. Martinho de Caramos e S. Martinho de Mancelos com cinco cónegos<sup>1776</sup>, enquanto no sentido inverso, ou seja os mais depauperados, são os de S. Miguel de Vilarinho, S. Martinho de Crasto e Santa Maria de Refoios de Lima, que tinham apenas três religiosos<sup>1777</sup>, embora este último, e como revela a acta da visitação, tivesse tido até há muito pouco quatro elementos<sup>1778</sup>.

Em S. Simão da Junqueira aquando da integração do mosteiro na Congregação de Santa Cruz de Coimbra são referenciados quatro religiosos (Pedro Álvares, prior claustral e os cónegos Manuel Pires, Domingos Lopes e Fernando Rodrigues)<sup>1779</sup>.

Perante tais dados pode concluir-se que a generalidade dos mosteiros agostinhos nortenhos apresenta efectivos humanos na ordem dos quatro a seis elementos, à excepção de Grijó, cuja componente humana se cifrava à volta de uma dezena de religiosos. Verifica-se também que apesar de algumas oscilações, quase sempre ligeiras, exceptuando os picos de Ancede e Mancelos no séc. XIV, estes números apresentam alguma constância, embora convenha não esquecer a ambivalência destes dados. É que, como vimos, a tipologia, especificidades e limitações das fontes raramente nos permitem uma contabilização segura, pelo que os valores apresentados têm de ser sempre vistos como indicadores e não números concretos e definitivos. Além disso as informações que nos chegam baseiam-se, normalmente, nos cónegos residentes, o que

---

<sup>1773</sup> *Idem, Ibidem*, pp.161-162, 171.

<sup>1774</sup> *Idem, Ibidem*, pp.174,175,177,184.

<sup>1775</sup> *Idem, Ibidem*, p.185.

<sup>1776</sup> *Idem, Ibidem*, pp.180,181.

<sup>1777</sup> *Idem, Ibidem*, pp.179,183,187.

<sup>1778</sup> *Idem, Ibidem*, p.187.

<sup>1779</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado ...*, 1913, pp.148-152 (doc.16).

significa que são sempre dados parciais face aos cónegos que têm vínculo à instituição mas cuja colocação em igrejas da apresentação dos respectivos mosteiros os coloca numa situação de volatilidade, tornando-se por isso difícil a sua real contabilização.

### **3.2. - Proveniência/Área de recrutamento dos religiosos**

A documentação não é muito profícua no que respeita a este género de informações, de resto, e como já foi observado por Alberto Martins e Carlos Guardado da Silva, torna-se, por vezes, muito difícil identificar a proveniência quer social quer geográfica de grande parte dos religiosos uma vez que os referenciais toponímicos e patronímicos são normalmente excluídos da identificação até como forma e prova de humildade difundida pelo princípio da regra monástica, sobrepondo-se assim o comum ao indivíduo<sup>1780</sup>.

Após um ano de noviciado era acrescentado o título de “Dom” ao nome próprio, sendo essa a forma de intitulação e tratamento utilizada<sup>1781</sup>, o que não significa que por vezes não surjam outro género de indicações complementares. De resto, e no que respeita às canónicas nortenas a omissão do patronímico não é a regra dominante, e se de facto existem muitos religiosos que são identificados apenas pelo nome próprio, regista-se uma elevada percentagem de indivíduos em que o nome próprio é complementado por outros elementos identificativos.

O facto de uma grande parte dos cónegos regrantes estarem habilitados a desempenhar o sacerdócio permite-nos, através das ordens de matrículas, obter alguns dados referentes à filiação e à sua origem geográfica, concluindo-se facilmente, embora se deva ter sempre em consideração o facto de estarmos perante amostras segmentarias, o que não permite a obtenção de valores consistentes, que os cónegos regrantes eram maioritariamente originários da área geográfica dos respectivos mosteiros.

Tomemos como exemplo os cónegos Pedro e Martim Afonso, do mosteiro de Santa Marinha da Costa, cujos pais eram moradores na freguesia de Santa Marinha da Costa<sup>1782</sup>. De igual modo o cónego Lopo Fernandes, do mosteiro de Santo Estêvão de

---

<sup>1780</sup> Silva, Carlos Guardado da, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora – A comunidade regrante e o património rural (séculos XII-XIII)*, Edições Colibri, 2002, p.72; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.769.

<sup>1781</sup> Silva, Carlos Guardado da, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora ...*, 2002, p.72.

<sup>1782</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.12; Pasta III, Caderno 6, fl. 21; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.332.

Vilela, era originário dessa freguesia<sup>1783</sup>, o mesmo sucedendo com Álvaro Anes, regrante de Santa Maria de Refóios de Lima, freguesia onde viviam os seus progenitores<sup>1784</sup>.

Existem também casos de cónegos regrantes que têm filhos, com estes a integrarem essas mesmas comunidades como parece acontecer com Gonçalo Gonçalves, do mosteiro de Vila Nova de Muia filho do cónego Gonçalo Anes<sup>1785</sup>, ou Diogo Gil da canónica de Santa Maria de Oliveira, e filho do cónego Gil Afonso<sup>1786</sup>. E se estes exemplos nos demonstram o recrutamento feito a partir de uma base local, há também casos que se inserem neste quadro de proximidade embora já com um carácter mais regional. Encontram-se nesta situação, os cónegos Gonçalo Fernandes, do mosteiro de Mancelos, proveniente de Resende<sup>1787</sup> e João Vasques, cónego de Santa Maria de Cárquere, filho de Vasco Afonso e de Maria Anes, da freguesia de S. Miguel de Anreade, bispado de Lamego<sup>1788</sup>.

Os apodos toponímicos presentes na identificação de alguns religiosos também nos confirmam a sua proveniência, sendo neste particular o mosteiro de Moreira da Maia o mais rico neste género de informações, encontrando-se nessa instituição Domingos Martins Carvalhido<sup>1789</sup>, Salvador Gerales de Refonteira<sup>1790</sup>, Martim de Arões<sup>1791</sup>, Martim Domingues do Couso(?)<sup>1792</sup>, Domingos Domingues dito Gontão<sup>1793</sup>, João de Vilar<sup>1794</sup>, João de Bouças<sup>1795</sup>, João Domingues, dito de Vilar<sup>1796</sup> e Fernando de Gemunde<sup>1797</sup>. Para o mosteiro de São João de Longos conhecemos dois casos, o dos

---

<sup>1783</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.29v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.159.

<sup>1784</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 2, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, 2002, p.319.

<sup>1785</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.3v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, 2002, p.141.

<sup>1786</sup> ADB- Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.198; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp. 744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico ...*, 1996, p.66.

<sup>1787</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.36.

<sup>1788</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.17; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, 2002, p.230.

<sup>1789</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 10, n.21.

<sup>1790</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 10, n.33.

<sup>1791</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 11, n.11.

<sup>1792</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 11, n.2.

<sup>1793</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 11, n.2.

<sup>1794</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 11, n.40.

<sup>1795</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 12, n.9.

<sup>1796</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 12, n.2.

<sup>1797</sup> IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 12, n.23.

cónegos João Martins de Paradela<sup>1798</sup> e Estêvão Anes de Moulães<sup>1799</sup>, portanto uma localidade da freguesia de Longos Vales e uma freguesia do concelho de Monção. João de Tougues, que nos parece ser cónego de S. Simão da Junqueira, é um outro exemplo dessa proximidade<sup>1800</sup>. Em Santa Marinha da Costa encontra-se um cónego identificado como D. João de Braga<sup>1801</sup>, o que nos remete para a cidade dos arcebispos, geograficamente próxima de Guimarães. Uma outra indicação, embora de carácter hidrográfico, que nos permite fazer uma associação de proximidade geográfica é o caso de D. Pedro Pel, provável cónego de Santa Maria de Landim<sup>1802</sup>, cuja proveniência parece enquadrar-se na região face à existência do rio Pel.

Perante os dados de que dispomos conclui-se que a base de recrutamento é maioritariamente local e regional, de resto uma situação já verificada para Santa Cruz de Coimbra e S. Vicente de Fora, sendo que no primeiro caso os religiosos cuja proveniência foi possível apurar são da zona de Coimbra, Viseu e Leiria<sup>1803</sup>, enquanto que os de S. Vicente de Fora eram também provenientes da área de influência administrativa do mosteiro<sup>1804</sup>, portanto também relacionados com uma base regional de recrutamento. De resto, nos séculos finais da Idade Média, o recrutamento religioso em Portugal parece ter uma base essencialmente local e regional, panorama extensível a outras ordens e a casas de grande dimensão, como é exemplo o mosteiro de Alcobaça em que apesar de se detectarem monges provenientes de todo o país, a sua maioria é de procedência local e regional<sup>1805</sup>, o mesmo acontecendo com o mosteiro de S. Paulo de Almaziva<sup>1806</sup>.

---

<sup>1798</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.52.

<sup>1799</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 45.

<sup>1800</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl.114-116.

<sup>1801</sup> Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa...”, 1886, pp.107-112; Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.158.

<sup>1802</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

<sup>1803</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.767.

<sup>1804</sup> Silva, Carlos Guardado da, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora ...*, 2002, p.72.

<sup>1805</sup> Gomes, Saul António, “Demografia eclesiástica”, 2000, p.46. Uma situação inversa verifica-se com o mosteiro dominicano da Batalha onde se encontra uma grande diversidade de proveniências, registando-se também um forte contingente de oriundos de localidades próximas da instituição mas a predominância do recrutamento situa-se numa área geográfica superior a 50 km do mosteiro (cf. *Idem*, *O mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XV*, 1ª ed., Instituto de História da Arte – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990, pp.279-281; *Idem*, “Demografia eclesiástica”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. II, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.46), embora o carácter específico desta Ordem e a volatilidade dos seus religiosos fazem com que não seja o melhor termo de comparação.

<sup>1806</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Vida e morte de um mosteiro cisterciense: S. Paulo de Almaziva - Séculos XIII-XVI*, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pp.95-96.

Situações muito esporádicas são aquelas em que existem indícios de religiosos de proveniências longínquas, casos de João de Coimbra, cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>1807</sup>, certamente proveniente da cidade mondeguna, ou até do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e João de Paris cónego do mosteiro de Caramos<sup>1808</sup>, cujo apodo parece indiciar que a sua proveniência era francesa ou que pelo menos calcorreou terras gaulesas.

#### **4- RELACÕES E MOBILIDADE ENTRE CASAS REGRANTES**

##### **4.1. - As relações entre as diversas casas monásticas**

Nenhum mosteiro poderia subsistir isoladamente, por isso há uma série de factores que contribuía para a necessidade de abertura ao século e até da obrigatoriedade do contacto com outras comunidades e mesmo aqueles que estavam mais fechados sobre si próprios, quer pelo isolamento geográfico quer por um maior grau de ascetismo, estavam abertos ao mundo<sup>1809</sup>.

Não nos podemos esquecer também do incontornável papel de cariz social que os mosteiros desempenharam, que ia muito além do plano espiritual e assistencial, funcionando como pólos aglomeradores da vivência das comunidades leigas, recorrendo aí pessoas de diferentes estratos sociais para celebrarem contratos jurídicos quer com a instituição quer de carácter particular. Tal abertura era extensível a outras comunidades monásticas, motivada por questões de índole económica, judicial e espiritual<sup>1810</sup>.

---

<sup>1807</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, vol.II, 2002, p.62.

<sup>1808</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.215vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759.

<sup>1809</sup> A este propósito peguemos num exemplo concreto, o do mosteiro beneditino de Pendorada, sobre o qual o Doutor José Mattoso traça o quadro das relações com outras comunidades religiosas, e apesar desse estudo ser respeitante aos finais do século XI e, grosso modo, primeira metade do XII torna-se bastante elucidativo e representativo do género de vínculos existentes (cf. Mattoso, José, *A abadia de Pendorada: das origens a 1160*, (Colecção Obras Completas de José Mattoso – Vol. 11), tradução de João Luís Fontes, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002, pp. 115-116. Na versão original encontra-se nas pp. 131-134 (cf. “L’Abbaye de Pendorada des origines à 1160” in *Revista Portuguesa de História*, Tomo VII (homenagem ao Prof. Pierre David - Vol. II), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1957). O mesmo Autor volta a abordar esta questão das relações entre as casas monásticas para o século XIII e início do XIV embora restringindo-se às relações entre mosteiros beneditinos (cf. Mattoso, José, “A vida religiosa dos beneditinos portugueses durante o século XIII”, in *Religião e cultura na Idade Média Portuguesa*, 2ª ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997, pp. 180-186).

<sup>1810</sup> Esta questão das relações dos mosteiros com o exterior, nas suas diversas cambiantes foi já bem retratada por diversos autores, de entre os quais poderemos destacar Mattoso, José, *O monaquismo ibérico e Cluny*, (Colecção Obras Completas de José Mattoso – Vol. 12), tradução de João Luís Fontes, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002, pp. 272-291. Na versão original encontra-se nas pp. 358-372 (cf.

Essas ligações entre as casas monásticas, a sua tipologia e intensidade eram naturalmente ditadas por diversos factores, desde logo os de carácter físico, inerentes à proximidade geográfica, depois os de cariz espiritual, quer resultantes da comunhão da mesma regra monástica, ou dos laços de familiaridade estabelecidos entre as diversas instituições, não esquecendo naturalmente as questões económicas, convivendo espacialmente, em termos patrimoniais, com inevitáveis convergências e divergências, e permutando muitas vezes bens entre si de forma a obterem uma melhor gestão dos seus recursos.

Dentro dessas ligações existem, obviamente, diversas facetas, aspectos positivos e negativos, múltiplos antagonismos, maiores ou menores afinidades, solidariedade e litígios. Esses contactos, pontuais ou assíduos, sendo predominantemente de carácter institucional, tinham muitas vezes um cariz pessoal tornando-se, por vezes, difíceis de destringir.

#### **4.1.1. - Organizacionais**

Como bem relembra Armando Martins, ao longo da Idade Média as canónicas regrantas portuguesas, apesar de unidas por diversos laços, não tinham qualquer relação de dependência entre si nem com Santa Cruz de Coimbra<sup>1811</sup>. Esta autonomia foi também já realçada por Saul Gomes, situação que não impedia a existência de “conexões espirituais e culturais entre todos”<sup>1812</sup>. É certo que Santa Cruz de Coimbra não tendo um peso efectivo de domínio, supremacia e orientação na vida das canónicas regrantas portuguesas tinha, até pelo seu papel de eclosão e difusão dos cónegos regrantas em Portugal<sup>1813</sup>, o ónus da simbologia e da tradição<sup>1814</sup>, funcionando também como uma referência institucional<sup>1815</sup>. Não existia um organograma estabelecido, uma hierarquia constituída, o que não significa que não tenha havido tentativas de reforma e de organização nesse sentido mas que não surtiram efeito, pelo menos perdurável.

---

“*Le Monachisme ibérique et Cluny- Les monastères du diocèse de Porto de l’an mille à 1200*, Recueil de Travaux D’Histoire et de Philologie, 4 Série, Fasc. 39, Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1968).

<sup>1811</sup> Martins, Armando Alberto, “Entre Braga e Coimbra ...”, 2006, p.359.

<sup>1812</sup> Gomes, Saul António, “Cónegos Regrantas de Santo Agostinho”, 2000, p.430.

<sup>1813</sup> *Idem*, *In Limine Conscriptioes ...*, 2007, pp.159-160.

<sup>1814</sup> A este propósito tome-se o exemplo do que sucede no Sínodo diocesano de Braga de 1477, presidido por D. Luís Pires, em que a propósito da forma como deveriam vestir os cónegos regrantas dessa diocese se dá o exemplo dos cónegos de S. Vicente de Fora e de Santa Cruz de Coimbra (cf. *Synodicon Hispanum*, 1982, p.80).

<sup>1815</sup> Gomes, Saul António, “A religião dos clérigos ...”, 2000, p.363.

Uma dessas tentativas conheceu um passo decisivo a 4 de Setembro de 1340, dia em que se realizou um capítulo provincial dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em Bragança, no mosteiro de S. Francisco, capítulo presidido pelo prior de Santa Cruz de Coimbra e pelo abade de Santo Isidoro de Leão, estando presentes os priores de S. Jorge de Coimbra, Landim, Mancelos e Freixo, e cónegos de S. Vicente de Fora e S. Miguel de Vilarinho<sup>1816</sup>. De resto, nesta altura é empreendida uma reforma nas casas de cónegos regrantes, ordenada pelo papa Bento XII (1335-1342), sendo encarregue o prior de Santa Cruz de Coimbra, D. Francisco Peres, de efectuar visitação geral aos mosteiros da Ordem de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho<sup>1817</sup>. Desconhece-se a amplitude da visitação, mas é de admitir que tenha sido integralmente cumprida, isto a avaliar pelo facto de D. Francisco Peres ter visitado o mosteiro de S. Simão da Junqueira a 20 de Fevereiro de 1342<sup>1818</sup>.

Já no século XV, e por solicitação de D Afonso V, o papa Nicolau V (1447-1455), através de uma bula datada de 28 de Junho de 1452, “concedeu ao prior de Santa Cruz de Coimbra faculdade e jurisdição ampla de visitar todos os mosteiros de religiosos e religiosas da ordem de S. Agostinho, existentes no reino de Portugal”<sup>1819</sup>.

Desconhecemos se de facto tal visitação se concretizou nalgum mosteiro, mas independentemente disso, o certo é que tal reforma não teve qualquer efeito. Aliás, as comunidades regrantes só no século XVI, com a criação da Congregação de Santa Cruz, é que se foram paulatinamente incorporando, dando estrutura a um corpo organizacional assente num sistema piramidal, encabeçado por Santa Cruz de Coimbra.

#### **4.1.2. - Intervenção de carácter jurídico e disciplinar**

Dos dados compulsados verifica-se que para os séculos XIV e XV não se detecta a intervenção directa de priores regrantes noutras comunidades da mesma Ordem, sendo

---

<sup>1816</sup> Maria, Frei Nicolau de Santa, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XXI, pp. 239-240; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 1996, Apêndice Documental (sem paginação); Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.510.

<sup>1817</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XXI, p.239; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo I, 1955, pp.70-71; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.329; Gomes, Saul António, “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho”, 2000, p.432; Vilar, Hermínia Vasconcelos, “A vivência de uma regra entre o mosteiro e o século: Os cónegos regrantes” in *História Religiosa de Portugal*, vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, coordenação de Ana Maria C. M. Jorge e Ana Maria S. A. Rodrigues, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2000, p.228; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, pp. 509, 905-906; Gomes, Saul António, “A relevância do monaquismo vilacondense ...”, 2004, pp. 117, 142 (nota 82).

<sup>1818</sup> *Idem, Ibidem*, pp. 117, 136-142.

<sup>1819</sup> Abranches, Joaquim dos Santos, *Fontes do direito ecclesiastico portuguez: I – Summa do Bullario Portuguez*, Coimbra, F. França Amado Editor, 1895, p.42.



a resolução de conflitos internos, ou envolvendo cónegos regrantes, normalmente, solucionados com a intervenção episcopal ou até mesmo pontifícia.

Excepções, embora sem envolver qualquer canónica regrante, podem considerar-se as intervenções dos priores de Requião, D. Rodrigo Esteves e Gonçalo Vasques que no início da década de vinte do séc. XV, surgem como executores de bulas papais relacionadas com a Sé de Braga<sup>1820</sup>. A 1 de Junho de 1461 o prior de Grijó foi um dos elementos a quem o papa Pio II (1458-1464) recorreu para a resolução de uma contenda entre o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, e os moradores de Viana<sup>1821</sup>.

Também D. Leonel de Oliveira, prior de Santa Marinha da Costa, a 14 de Janeiro de 1491 surge como executor de uma bula do papa Inocêncio VIII (1484-1492) pela qual se suprimiram três conezias na colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães<sup>1822</sup>.

Uma outra situação aqui enquadrável, embora já no primeiro quartel do séc. XVI, mas que envolve elementos de duas canónicas regrantes, é a do comendatário de S. Salvador de Freixo, Pedro Rodrigues, que surge como executor de uma bula apostólica de Leão X, datada de 2 de Setembro de 1517, para prover Jorge Correia, cónego regrante do mosteiro de Grijó, na igreja de S. Martinho de Argoncilhe, embora aqui esta sua acção tenha um outro enquadramento uma vez que Pedro Rodrigues, além de comendatário de Freixo, era também vigário geral de D. Pedro da Costa (1507-1535), bispo do Porto<sup>1823</sup>.

E se, nestes casos, os priores surgem como executores papais, o historial mostra uma intervenção de proximidade de priores agostinhos na resolução de conflitos envolvendo elementos de outros mosteiros, quer de outras Ordens quer de cónegos regrantes. Pegue-se no exemplo de D. Diogo Mendes, prior de Ancede, que em 1235 surge como mediador, juntamente com o ex abade de Bustelo, Martinho de Pedro, na composição estabelecida no mosteiro de Paço de Sousa referente à divisão das rendas da mesa conventual e abacial, sendo aí abade D. Paio Pais<sup>1824</sup>. Um caso que não podemos

---

<sup>1820</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp. 254-255; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

<sup>1821</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra...*, 1978, p.30.

<sup>1822</sup> *Colleçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza ...*, Lisboa, 1726, p.53.

<sup>1823</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.2-8.

<sup>1824</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, p.21; *Idem, Memórias do mosteiro de Bustelo*, 2007, p.45; Mattoso, José, "A vida religiosa dos beneditinos portugueses durante o século XIII", 1997, p.182.

deixar de referir é o do monge de Pedroso que se queixa ao prior de Grijó por ter sido expulso da sua comunidade pelo abade acabando posteriormente, por ser acolhido pelos monges de Paço de Sousa<sup>1825</sup>.

Quanto à intervenção de cariz jurídico ou disciplinar de priores regrantes noutros mosteiros da Ordem, se escasseiam as informações deste teor para os finais da Idade Média, o mesmo não se aplica ao séc. XIII, onde se podem recolher bastantes exemplos. No início da segunda metade do séc. XIII há registo de uma contenda entre o mosteiro de S. Simão da Junqueira e Gonçalo Domingues, cónego de Mancelos que vai levar à intervenção do prior de Santa Cruz de Coimbra que proferiu sentença favorável ao prior da Junqueira, decisão que não foi aceite pelo cónego, levando o prior de S. Simão da Junqueira a requerer para o Papa, obtendo sentença favorável de Alexandre IV (1254-1261), a 27 de Junho de 1259, mandando executar a sentença já dada pelo prior de Santa Cruz<sup>1826</sup>.

Nova questão de foro disciplinar vai obrigar à intervenção do prior de Santa Cruz de Coimbra, desta feita, sendo incumbido por bula de Clemente IV, de 12 de Outubro de 1265, de obrigar, com censura, Durando Froilaz e outros cónegos do mosteiro de S. Vicente de Lisboa a prestarem a obediência que recusavam ao prior do seu mosteiro<sup>1827</sup>.

Tendo como protagonistas os regrantes de S. Vicente há uma nova bula de Clemente IV, datada de 13 de Junho de 1266, para o prior de Santa Cruz de Coimbra publicar por excomungados Pedro Domingues, Domingos Escacho, Nicolau Sardinha e outros cónegos do mosteiro de S. Vicente de Fora que tinham exercido violência, até à efusão de sangue, sobre Gonçalo Afonso, prior claustral da instituição, que governava na ausência do prior mor<sup>1828</sup>.

#### **4.1.3. - Culturais, materiais e cultuais**

Apesar de não nos chegarem grandes testemunhos de trocas, doações e empréstimos de livros, objectos de culto e profanos envolvendo instituições de cónegos regrantes sabe-se que elas existiam. Em finais da década de 30 do século XII cónegos de

---

<sup>1825</sup> *Idem, Ibidem*, p.183.

<sup>1826</sup> Marques, Maria Alegria Fernandes, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, 1990, p.285. Este documento encontra-se também sumariado por Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, Vol. II, 2002, p.215 (doc.222).

<sup>1827</sup> Abranches, Joaquim dos Santos, *Fontes do direito ecclesiastico portuguez*, 1895, p.26.

<sup>1828</sup> *Idem, Ibidem*, 1895, p.27.

Santa Cruz de Coimbra deslocaram-se a Santiago de Compostela para copiar manuscritos necessários à biblioteca do mosteiro<sup>1829</sup>.

Em pormenores e gestos do quotidiano essa solidariedade também se manifesta. Num documento de 1288 apresentado pelos juizes da contenda que opunha o mosteiro de Arouca ao de Cárquere e lavrado pelo tabelião de S. Martinho de Mouros foi aposto o selo do prior do mosteiro de Ancede porque “o taballiom de Sam Martino de Mouros nom avia saelo pose hy o saelo do priol d’Ansandi a rogo”<sup>1830</sup>. Situação semelhante ocorreu em Fevereiro de 1325, não propriamente entre mosteiros regrantes, mas envolvendo-os activamente, é que o abade de Tabuado, não conseguindo arranjar tabelião pediu aos priores de Ancede e de Vila Boa do Bispo que colocassem os respectivos selos, de forma a validarem-lhe um diploma<sup>1831</sup>. A 2 de Novembro de 1362 foi Pedro Geraldês, prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa, quem após o seu selo na acta de eleição do prior de S. Torcato, de forma a que o instrumento tivesse “maioem firmitudinem”<sup>1832</sup>.

No século XVI essas trocas intensificam-se. Assim são exemplos as relíquias do Santo Lenho encontradas no mosteiro de Moreira da Maia das quais foram cedidas partículas, em 1560, para os mosteiros de Landim e Refoios<sup>1833</sup>.

A 11 de Maio de 1584 o padre geral, D. Simão, propôs que se trouxesse para Santa Cruz de Coimbra uma estante de bronze que estava no mosteiro de Santa Maria de Landim “a troco de outra cousa de pouca valia”<sup>1834</sup>. Nesse mesmo dia, também em capítulo do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra decidiu-se entregar uma relíquia de S. Teotónio a cada um dos mosteiros da Congregação de Santa Cruz<sup>1835</sup>.

Por assentimento do capítulo reunido a 11 de Janeiro de 1589 saiu também de Santa Cruz de Coimbra uma relíquia dos Santos Mártires de Marrocos para o mosteiro de Grijó<sup>1836</sup>. Finalmente, refira-se que por solicitação do prior do mosteiro de Paderne o convento de Santa Cruz de Coimbra, reunido em cabido, a 26 de Abril de 1595, cedeu a esse mosteiro o relógio velho<sup>1837</sup>.

---

<sup>1829</sup> Gomes, Saul António, “Coimbra e Santiago de Compostela: aspectos de um inter-relacionamento nos séculos medievos”, in *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXXIV, Coimbra, 2000, p.469.

<sup>1830</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco ...*, 2003, pp. 318-319 (doc.38).

<sup>1831</sup> Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral...*, 2010, p.156.

<sup>1832</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143.

<sup>1833</sup> Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.182; Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia...*, 1957, p.85.

<sup>1834</sup> *Actas dos Capítulos do Mosteiro de Santa Cruz*, 1946, p.133.

<sup>1835</sup> *idem*, 1946, p.133.

<sup>1836</sup> *idem*, 1946, pp.146-147.

<sup>1837</sup> *idem*, 1946, pp.160-161.

#### **4.1.4. - Espirituais**

Uma outra forma de ligação entre as diferentes canónicas é também facilmente percepcionável através dos diversos obituários medievais, alguns deles já para os sécs. XII e XIII<sup>1838</sup>, sendo de salientar o facto de, entre os mais antigos, estarem produções agostinianas<sup>1839</sup>. Esses obituários incluem, além dos registos dos religiosos referentes às casas a que respeitam, nomes de religiosos de mosteiros geograficamente bastante distantes e até de orientações diversas<sup>1840</sup>. Esta é, aliás, uma prática estabelecida desde a implantação dos regrantes em Portugal, tendo-se mesmo firmado um pacto de oração entre Santa Cruz de Coimbra e o mosteiro de Claraval, com celebração de ofício anual entre as duas instituições<sup>1841</sup>.

De resto a celebração de sufrágios e pacto de familiaridade envolvendo os regrantes conimbricenses acabaria por se ampliar e estender a mais de oitenta casas monásticas, quer do reino quer estrangeiras e de regras diversas<sup>1842</sup>. O próprio cronista beneditino, Frei Leão de S. Tomás reforça a ideia destas ligações ao dizer: “Tiverão os Abades de Pendorada grande amizade, & correspondencia com os Religiosos do Mosteyro de Villa Boa do Bispo, & com outros Conventos dos mesmos Conegos Regrantes; Porque todos fiserão entre si compromisso, & carta de irmandade, pera que quando algum Religioso morresse em seus Mosteyros, nos mais que entravão nesta irmandade, lhe fisessem certo numero de Missas por sua alma”<sup>1843</sup>.

Ainda relacionado com a criação de “obituários gerais” temos conhecimento, para o séc. XIV, de um compromisso de sufrágios celebrado a 24 de Agosto de 1387 entre dezoito mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses do Porto e de Braga, onde se reuniram os representantes máximos das comunidades de Santo Tirso, Paço de Sousa,

---

<sup>1838</sup> Gomes, Saul António, *Fragmentos codicológicos de um obituário primitivo do mosteiro de Santa Cruz*, Separata da Revista *Humanitas*, 56, 2004, sobretudo pp.386-389.

<sup>1839</sup> *Idem*, “A memória dos fiéis defuntos no obituário da Sé de Lamego”, in *Biblos*, Vol. LXXII, 1996, pp.154-155.

<sup>1840</sup> A este propósito vejam-se os trabalhos de Gomes, Saul António, *Fragmentos codicológicos de um obituário primitivo do mosteiro de Santa Cruz*, Separata da Revista *Humanitas*, 56, 2004, pp.383-399; *Idem*, “A chancelaria do mosteiro de S. Vicente de Fora de Lisboa nos séculos XII e XIII: subsídio para o seu conhecimento”, in *Summus philologus necnon verborum imperator – Colectânea de estudos em homenagem ao Académico de Mérito Professor Dr. José Pedro Machado no seu 90º aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, sobretudo pp.195-196; Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora ...*, 2008, pp.34-38.

<sup>1841</sup> *Vida do Admiravel Padre S. Theotónio...*, 1855, p.177-178; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.739.

<sup>1842</sup> *Vida do Admiravel Padre S. Theotónio...*, 1855, p.179-182; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.739.

<sup>1843</sup> São Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, 1974, p.229.

São João de Alpendurada, Bustelo, Cete, Pedroso, Grijó, Ancede, Vila Boa do Bispo, Vilela, Travanca, Pombeiro, Mancelos, Freixo, Caramos, Roriz, Vilarinho e Santa Marinha da Costa, não figurando entre os signatários S. Salvador de Moreira da Maia<sup>1844</sup>.

Também algumas inscrições tumulares parecem indiciar esta ligação. Uma inscrição no mosteiro de Santa Marinha da Costa dava conta do falecimento de D. Pedro Nunes, prior de S. Torcato, a 7 de Fevereiro de 1274<sup>1845</sup>, e no mosteiro de Santa Maria de Landim encontra-se a tampa tumular de Lourenço Rodrigues, falecido em 1329<sup>1846</sup>, que foi, muito provavelmente, cónego de Santa Maria de Oliveira. Já no século XV João Vasques, um cónego de Cárquere, foi sepultado no mosteiro de S. Vicente de Fora<sup>1847</sup>.

#### **4.2. - Mobilidade dos agostinhos (prios e cónegos)**

Ao abordarmos a questão da mobilidade dos religiosos estamos forçosamente a tocar num dos princípios basilares do monaquismo: a clausura. A esse respeito o sínodo diocesano de D. Diogo de Sousa, de 1496, é muito claro na sua sétima constituição:

“Sabendo quam priigosa cousa hé aos religiosos o sair fora da crasta, a qual hé fundamento pera se melhor guardar a obediência, que antre os outros votos das religiões é o principal, ordenamos e mandamos a todollos religiosos assi monjes como conegos de nosso bispado que vivam e estem continuamente em seus mosteiros, nas crastas e cellas pera sua vida ordenadas e que nom saiam dos ditos mosteiros sem necessidade e licença de seus maiores aos quaes mandamos que lha nom dem senom pera cousa justa e necessaria”<sup>1848</sup>.

Esta questão da saída dos religiosos preocupava sobremaneira os responsáveis eclesiásticos. Já D. João de Azambuja, bispo de Lisboa, no seu sínodo diocesano de 1403 estatui que todos os cónegos do mosteiro de S. Vicente de Fora que fossem

---

<sup>1844</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas ...*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257

<sup>1845</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.176.

<sup>1846</sup> Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.50. Também Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, pp.1529-1531.

<sup>1847</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.102.

<sup>1848</sup> *que fez ho Senhor Dom Dioguo de Sousa B[is]po do Porto*, edição em fac-símile do incunábulo da Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa da Fundação da Casa de Bragança, com prólogo de Manuel Cadafaz de Matos, introdução de Antonio García y García, leitura diplomática e aparato crítico de Isaias da Rosa Pereira, Lisboa, Edições Távola Redonda/Centro de Estudos de História do Livro e da Edição, 1997, p.50; *Synodicon Hispanum*, 1982, p.359. Estas mesmas constituições sinodais de D. Diogo de Sousa, e esta em particular, encontra-se também publicada em fac-símile na revista “Bibliotheca Portucalensis” – Colectânea de estudos da Biblioteca Municipal do Porto, Porto, Vol. I, 1957, p.[89].

ordenados e professos não se deslocassem à cidade nem a outros locais sem a companhia de outro cônego e quando o fizessem que levassem capas ou mantões franzidos ou abertos de modo a permitir que se vissem as sobrepelizes e o hábito para que pudessem ser devidamente identificados como cônegos, além de que não se podiam ausentar por mais de um mês para celebrarem nem para estarem como capelães em igrejas seculares<sup>1849</sup>.

Apesar das próprias regras monásticas e demais ditames de cariz orientador preverem, defenderem e zelarem pela clausura<sup>1850</sup>, o certo é que os religiosos tinham necessidade de se ausentarem dos mosteiros<sup>1851</sup>, e neste particular, os cônegos regantes, uma indispensabilidade desde logo inerente à sua “obra pastoral pluriforme e activa”<sup>1852</sup>.

Como teremos oportunidade de analisar de seguida, múltiplas eram as razões que levavam os cônegos e priores a ausentarem-se dos seus mosteiros, quer por iniciativa própria quer por imposição ou obrigação, incluindo-se aqui a transferência e permuta dos religiosos entre as casas agostinhas. Verifica-se também que da pluralidade dessas saídas a maioria se relaciona com as obrigações eclesiásticas e a representatividade dos mosteiros nas suas mais diversas cambiantes.

Um caso evidente, embora configurando um certo carácter de extremismo é o que acontece com o prior de Santa Cruz de Coimbra que, a 12 de Janeiro de 1346, supplica ao papa que lhe conceda o privilégio de se fazer acompanhar de altar portátil em virtude dos inúmeros constrangimentos que o obrigavam a ausentar-se do mosteiro, mormente a resolução de negócios da instituição e o facto de ter de acompanhar o rei e a rainha de Portugal<sup>1853</sup>.

---

<sup>1849</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp.337-338; Marques, José, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, 1997, pp.201-202.

<sup>1850</sup> Esta é uma questão abordada no sinodo diocesano de Braga de 1333, presidido por D. Gonçalo Pereira e que consta da sua décima constituição: “Item porque achamos que os frades de Sam Beeito e de Sancto Augustinho nom viviam en sas crastas assi como deviam e andavam fora delas sem licença...” (cf. *Synodicon Hispanum*, 1982, p.51).

<sup>1851</sup> A própria regra de S. Bento contempla estas situações da ausência dos religiosos do mosteiro, nos seus capítulos L e LI: “Dos irmãos que trabalham longe do mosteiro ou vão de viagem”, “Dos irmãos que saem não para muito longe” (cf. *Regra do Glorioso Patriarca S. Bento*, traduzida do latim e anotada pelos monges de Singeverga seguida do *Manual dos Oblatos*, Mosteiro de Singeverga, Edições “Ora & Labora”, 1951, pp. 62-63).

<sup>1852</sup> Mattoso, José, “Cluny, crúzios e cistercienses na formação de Portugal” in Portugal Medieval - Novas interpretações, 2ª ed., INIC, 1992, p.113.

<sup>1853</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, pp. 81-82. Recordar que este prior era D. Francisco Pires (cf. Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XXI, p.238-241; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo I, 1955, pp.70-71; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.511).

#### **4.2.1. - Transferência e permuta de religiosos**

A transição de religiosos de Santo Agostinho entre as diversas casas era uma realidade. Naturalmente que os registos que nos chegam não mostram o livre arbítrio nessas mudanças mas sim uma imposição superior, movimentações que são mais visíveis ao nível das cúpulas administrativas, até porque são respeitantes a essas transferências a generalidade das provas que nos chegaram. Isso não significa que ao nível das comunidades conventuais também não existisse mobilidade como é exemplo o cônego Bento Salvador que se transferiu do mosteiro de S. Vicente de Fora para o de Grijó<sup>1854</sup>. De qualquer forma é muito difícil detectar essas mudanças e quase impossível prová-las.

Efectivamente, a situação mais usual era o recurso a religiosos de casas da Ordem para ocuparem priorados de canónicas regrantas entretanto vagas. Múltiplos são os relatos veiculados pelas crónicas agostinianas, e independentemente do crivo crítico a que tais informações têm necessariamente que ser sujeitas, importa-nos aqui não escarpelizar a sua veracidade, mas apenas olhá-las como meras informações ilustrativas dessa mobilidade, detectando-se na fase de implementação e expansão da Ordem no século XII a saída de inúmeros religiosos de Santa Cruz de Coimbra<sup>1855</sup>.

Dessa fase primordial há vários registos de movimentações de religiosos, como é o caso de David, “hum cônego regrante do mosteyro de Grijó, o qual por negócios de seo mosteyro se achava em Lisboa foi nomeado superior do convento”<sup>1856</sup> de S. Vicente de Fora. Também nesse mesmo século e nessa fase inicial do mosteiro lisboeta D. Godinho, cônego originário de Santa Cruz de Coimbra que se encontrava no mosteiro

---

<sup>1854</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo II, 2002, p.338.

<sup>1855</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo I, 1955, pp.23-26; *Vida do Admiravel Padre S. Theotónio...*, 1855, Parte II, Cap. IV, pp. 95-102; Gomes, Saul António, *In Limine Conscriptioes ...*, 2007, p.163. Além dos diversos cônegos regrantas que alegadamente saíram de Santa Cruz de Coimbra para ocupar os priorados de canónicas da Ordem há também religiosos que foram nomeados para bispos, desde logo D. João Peculiar (primeiro bispo do Porto (1136-1138) e depois de Braga (1138-1175), D. Estêvão Soares da Silva (1212-1228) ou D. João Galvão que na década de oitenta do séc. XIV foi eleito arcebispo de Braga mas não chegou a assumir o arcebispado (cf. Martins, Armando Alberto, “Entre Braga e Coimbra ...”, 2006, pp.360-361).

<sup>1856</sup> *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa*, Tomo I, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950, p.9; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro VIII, cap.V, p.122. Curiosamente a Crónica da fundação do mosteiro de S. Vicente não o indica como sendo cônego de Grijó, apenas diz: “E entom vendo el rey que o abbade Galtero se fora e leixara o dito moesteyro fez delle prior hum conego que hy era de outra terra e avia nome David” (cf. *Crónica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente dos conegos regrantas: da hordem do aurelio doctor Sancto Augustinho em a cidade de Lixboa* (reprodução fac-simile da edição ordenada por D. João III e impressa em Coimbra em 1538), Porto, Imprensa Portuguesa, 1873, s.p.). O mesmo sucede com Frei Timóteo dos Mártires que também não identifica o cônego David como sendo do mosteiro de Grijó (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, pp.82-83).

de S. Salvador do Banho, a efectuar a reformação dessa casa, transitou daí para o priorado de S. Vicente de Fora, fazendo-se acompanhar de 12 cónegos do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>1857</sup>. Curiosamente, os seus sucessores, D. Mendo e D. Paio, eram também provenientes do mosteiro de Banho<sup>1858</sup>.

Essa prática mobilista foi-se mantendo ao longo dos séculos seguintes e é, muitas vezes, um barómetro para se medir a saúde interna desses mosteiros uma vez que o recurso a religiosos externos às comunidades para a sua gestão é, normalmente, um sintoma de incapacidade de regeneração ou um forte indício da existência de problemas sérios nessas instituições. Aqui há que diferenciar dois géneros de situações, por um lado aquelas em que são os próprios religiosos da instituição a eleger ou a apresentar um cónego de outra comunidade e, por outro, aquelas em que esses elementos estranhos ao convento são aí colocados e que constituem as situações mais frequentes. Muitas vezes tratava-se de simples nomeações que acabavam por degenerar em resultados adversos aos pretendidos.

A imposição de indivíduos externos não sendo a norma é relativamente comum quer seja devido à carestia de elementos ou para fazer face a problemas de indisciplina e desregramento ou pura e simplesmente para beneficiar um qualquer protegido. No primeiro caso temos o exemplo de D. Afonso Martins que foi eleito prior-mor de Santa Cruz de Coimbra por pressão da Coroa, e era diácono e clérigo secular, recebendo então ordens de missa e professando em Santa Cruz de Coimbra<sup>1859</sup>. Há casos em que há uma grande resistência e mesmo oposição aos elementos estranhos à comunidade como sucedeu em S. Vicente de Fora cujo convento não aceitou a permuta do prior D. João Esteves anterior prior do mosteiro de Caramos, com D. Rodrigo Esteves, seu tio e titular de S. Vicente, efectuada a 8 de Maio de 1378, levando à eleição de novo prior<sup>1860</sup>. Em 1403 ou 1404 esta situação voltaria a repetir-se neste mesmo mosteiro, discordando o

---

<sup>1857</sup> *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa*, 1950, p.9-10; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro VIII, cap.VI, p.123; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.87. As fontes documentais parecem não corroborar estas indicações das crónicas como nos mostra Silva, Carlos Guardado da, *O mosteiro de S. Vicente de Fora: a comunidade regrante e o património rural (séculos XII e XIII)*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, p.63.

<sup>1858</sup> *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa*, 1950, pp.10,12; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro VIII, caps.VII-VIII, pp.125,128; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, pp.88-89. Apesar das referências dos cronistas a estes dois priores, documentalmente, e segundo o estudo de Silva, Carlos Guardado da, *O mosteiro de S. Vicente de Fora: a comunidade regrante e o património rural (séculos XII e XIII)*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, pp.65,68, apenas é possível comprovar a presença de D. Paio no priorado de S. Vicente.

<sup>1859</sup> Gomes, Saul António, "D. Gomes Eanes e a capela de Santo André ...", 2002, p.446.

<sup>1860</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.906. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.132-133 coloca a permuta entre estes dois priores em 1376.



convento vicentino da eleição do prior de S. Jorge de Coimbra para o priorado da canónica lisboeta<sup>1861</sup>.

O facto de alguns mosteiros serem de padroado régio também tinha como consequência a apresentação ou pelo menos a anuência do monarca quanto ao nome apresentado, como sucede com o caso de Vasco Martins, do mosteiro de Ancede, para prior do mosteiro de S. Jorge de Coimbra, tendo essa eleição sido confirmada por D. Pedro a 6 de Maio de 1362<sup>1862</sup>. Também a 14 de Janeiro de 1378 D. Fernando apresenta para prior do mosteiro de S. Jorge de Coimbra D. Gomes Domingues, cónego do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>1863</sup>.

A verdade é que são muitos os casos conhecidos de religiosos que assumem os priorados de outras comunidades, alguns já priores nos mosteiros de origem, outros apenas cónegos.

D. Francisco Miguel foi investido a 15 de Setembro de 1356 como prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, cargo que já tinha ocupado no mosteiro de Santa Maria de Landim<sup>1864</sup>.

Em 1362 Lourenço Martins deixou o priorado do mosteiro de Souto para assumir o do vizinho mosteiro de São Torcato<sup>1865</sup>, embora pareça retomar o priorado desta última canónica ainda na década de sessenta, onde surge identificado como prior a 4 de Junho de 1368<sup>1866</sup>.

D. Vasco Gonçalves, professo do mosteiro de Santa Cruz e seu prior claustral tomou posse do priorado de Ancede em 1414<sup>1867</sup>. Frei Gonçalo Gonçalves, cónego do

---

<sup>1861</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.906.

<sup>1862</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.298 (Doc. 640). Apesar desta confirmação D. Vasco parece não ter assumido a canónica conimbricense, como adiantámos na respectiva entrada biográfica que lhe é dedicada.

<sup>1863</sup> Santos, Frei Manuel dos, *Monarquia Lusitana – Parte oitava*, (Edição fac-similada da edição de 1727), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p.238.

<sup>1864</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.164; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico do ...*, 1996, p.61; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97. Segundo Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.145-146, Francisco Miguel era cónego de Santa Cruz de Coimbra, de resto proveniência comum à de um outro cónego, denominado Pedro Mendes que também alcançou o priorado de Santa Maria de Oliveira.

<sup>1865</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.142-144.

<sup>1866</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, p.86.

<sup>1867</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo I, 1955, pp.71-73; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.906.

mosteiro de S. Martinho de Caramos solicita, a 26 de Fevereiro de 1428, o priorado do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela<sup>1868</sup>.

De Santa Maria de Oliveira saiu, em 1426, um cónego para o priorado de S. Martinho de Mancelos, de nome Gil Afonso, que se envolveria num longo e conturbado processo de luta pelo poder<sup>1869</sup>.

João Álvares, um cónego proveniente do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, assume na década de 30, do séc. XV, o priorado de Roriz<sup>1870</sup>.

Lourenço Esteves, antigo prior do mosteiro de São Martinho de Crasto foi confirmado, a 3 de Outubro de 1435, como prior do mosteiro de Vila Nova de Muia, após solicitação do prior crasteiro e convento do mosteiro de Muia<sup>1871</sup>. Lourenço Esteves ia assim substituir o prior de Vila Nova de Muia, Rodrigo Esteves que, curiosamente, tinha sido transferido para o priorado de Santa Maria de Oliveira<sup>1872</sup>.

Já Fernando Afonso, um cónego proveniente do mosteiro agostinho de Vilela é investido no priorado de S. Simão da Junqueira a 30 de Setembro de 1442<sup>1873</sup>.

D. Frei Luís Domingues, prior de S. Salvador de Souto, foi provido como prior de S. Torcato pelo arcebispo de Braga, em 28 de Fevereiro de 1450, após o falecimento de Frei Álvaro Martins<sup>1874</sup>. Também o seu sucessor, Frei Vasco Afonso, era de proveniência externa à comunidade, tratando-se de um cónego que o arcebispo de Braga foi recrutar ao mosteiro de S. Simão da Junqueira, confirmando-o como prior de S. Torcato a 9 de Setembro de 1451<sup>1875</sup>. Situação análoga se passa com João Vasques, cónego proveniente do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia, que é confirmado como prior do mosteiro de São Miguel de Vilarinho a 28 de Abril de

---

<sup>1868</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 284-285; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.758.

<sup>1869</sup> Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp. 762-764; *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, docs. 1045, 1047, 1054, pp.162-164, 164-165,169-170.

<sup>1870</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.523.

<sup>1871</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63v.; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.761; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.80 (Doc. 24 do Apêndice).

<sup>1872</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.742, 744; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.80 (Doc. 24 do Apêndice).

<sup>1873</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.112; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.797.

<sup>1874</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.152<sup>a</sup> v.º; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.729,736.

<sup>1875</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.165; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, pp.736-737, 799.

1450<sup>1876</sup>. Também Gonçalo Pires que a 17 de Setembro de 1450 é confirmado como prior de Santa Marinha da Costa é proveniente de uma outra canónica agostinha, neste caso de de Santa Maria de Landim<sup>1877</sup>.

Há situações, embora não sejam muito comuns, em que os priores trocam o priorado do mosteiro pela reitoria de uma igreja, como é exemplo Martinho Vicente, prior de Grijó que em 1344 permutaria o priorado do mosteiro com João Anes, cónego de Grijó e reitor de S. Salvador de Perosinho<sup>1878</sup>. Outro caso é o de Vasco Martins que trocou, em 1434, o priorado do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho pela reitoria da igreja de Santa Lucrecia, ingressando como cónego no mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>1879</sup>.

#### **4.2.2. – Presença de regrantes em mosteiros da Ordem**

As movimentações entre as casas monásticas regrantes eram uma realidade. E se no século XII em virtude do aparecimento e expansão das canónicas regrantes em território nacional esse é um fenómeno que deverá ter assumido alguma intensidade, já no século XIII essas movimentações se mantêm como prova o facto de em Fevereiro de 1202 se encontrar entre as testemunhas que integram a carta de doação da igreja de S. Cipriano, da diocese de Lamego, ao mosteiro de Ancede, Pedro Mendes, um cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa<sup>1880</sup>.

Já no que diz à nossa cronologia ou seus limites vemos Lourenço Fernandes, um cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa, juntamente com o prior da sua comunidade, D. Pedro Martins, testemunharem, a 17 de Agosto de 1290, uma composição amigável estabelecida entre o prior de S. Torcato e os herdeiros de Martim Dias, pessoa que tinha deixado bens a D. Pedro Nunes, antigo prior de S. Torcato<sup>1881</sup>. Já João Martins, cónego do mosteiro de Mancelos encontrava-se, a 13 de Fevereiro de

---

<sup>1876</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, N°36; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso ...*, Tomo I – Vol. II, 1960, pp. 483-484; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.772.

<sup>1877</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.159; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.755.

<sup>1878</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.31.

<sup>1879</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.55 vº,56 vº; Marques, José, A Arquidiocese de Braga no séc. XV, 1988, p.771; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.259.

<sup>1880</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.15.

<sup>1881</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°48.

1294, no mosteiro de S. Simão da Junqueira onde testemunhou um empraçamento aí efectuado<sup>1882</sup>.

A 2 de Julho de 1299, o prior de Vilarinho, D. Martim Peres, encontrava-se no vizinho mosteiro de S. Pedro de Roriz, onde é efectuado um acto notarial respeitante ao mosteiro de Vilarinho sem que o mosteiro de Roriz tivesse qualquer intervenção directa, servindo apenas de acolhimento às partes<sup>1883</sup>. Já D. Durando Anes, prior do mosteiro de São Torcato, surge a 27 de Dezembro de 1300 no vizinho mosteiro de Souto onde foi testemunha de uma procuração que o prior e o convento de S. Salvador de Souto fizeram a dois dos seus cónegos<sup>1884</sup>.

A 26 de Fevereiro de 1317 detectamos D. Estêvão Peres, prior de Santa Maria de Oliveira, no vizinho mosteiro de S. Silvestre de Requião, onde testemunhou a confirmação de Julião Martins, cónego desse mosteiro para reitor da igreja de Santa Marinha de Ferreiró<sup>1885</sup>. Estêvão Anes, um cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa, aparece, a 30 de Maio de 1333, a testemunhar um instrumento lavrado no mosteiro de S. Salvador de Souto<sup>1886</sup>. Também João Domingues de Vilar, cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, a 29 de Novembro de 1355, surge entre as testemunhas de uma procuração feita no vizinho mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>1887</sup>. Situação inversa regista-se a 10 de Agosto de 1360 com um religioso de S. Simão da Junqueira, o cónego Domingos Domingues, presente no mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia onde testemunhou dois empraçamentos aí efectuados<sup>1888</sup>. Também Afonso Esteves, cónego de Vila Boa do Bispo, testemunhou em Coimbra, nas casas de Martim Lourenço, deão da Sé, a 14 de Abril de 1373, um empraçamento que o mosteiro de S. Jorge celebrou com Fernão Martins<sup>1889</sup>.

A 18 de Agosto de 1401, Lourenço Peres, cónego regente de S. Pedro de Folques encontrava-se no mosteiro de S. Jorge de Coimbra<sup>1890</sup>. O mesmo sucede com Pedro Afonso, cónego do mosteiro de São Salvador de Grijó, que a 13 de Maio de 1478 é referenciado neste mosteiro conimbricense, figurando como testemunha num

---

<sup>1882</sup> Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, Vol. II, 2002, p.325 (doc.308).

<sup>1883</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.39; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 161-162.

<sup>1884</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 92-93.

<sup>1885</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 77-78.

<sup>1886</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.112.

<sup>1887</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125.

<sup>1888</sup> - IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 11, Doc.41; M. 12, Doc.1.

<sup>1889</sup> IAN/TT- São Jorge de Coimbra, M. 9, n.º 39.

<sup>1890</sup> IAN/TT- São Jorge de Coimbra, M. 11, n.º 38.

aforamento<sup>1891</sup>. No dia 26 de Maio de 1423 Afonso Lourenço, prior do mosteiro de Souto, bem como João Rodrigues e Vasco Gonçalves cónegos dessa mesma canónica, encontravam-se no mosteiro de S. Torcato onde também assumem o papel de testemunhas num contrato de emprazamento<sup>1892</sup>. A 6 de Agosto de 1527, António Anes, cónego do mosteiro de Ancede, estava presente no mosteiro de Cárquere, onde foi testemunha num instrumento de emprazamento<sup>1893</sup>.

Dos exemplos aqui deixados transparece desde logo um denominador comum: o factor proximidade. E se exceptuarmos a presença do cónego de Grijó em S. Jorge de Coimbra, situação certamente explicável, ou pelo menos potenciável, pelo facto de as duas canónicas serem, nesta altura, governadas pelo mesmo prior, os restantes casos verificam-se em canónicas, geograficamente próximas. E sendo este o quadro padrão, não deixam de existir, obviamente, casos de religiosos que se encontram bastante afastados das suas comunidades de origem, como é exemplo Martim Afonso, cónego de S. Vicente de Fora, que surge, a 4 de Maio de 1370, no mosteiro de S. Jorge de Coimbra<sup>1894</sup>. De resto o carácter ultra periférico de S. Vicente de Lisboa em relação aos restantes mosteiros de cónegos regantes proporcionava, inevitavelmente, estas situações.

#### **4.2.3. – A presença noutros mosteiros e Ordens**

A 15 de Janeiro de 1292, Domingos Domingues, cónego do mosteiro de São Torcato encontrava-se no mosteiro de Arouca, onde serviu de testemunha no testamento de Ouroana Pais<sup>1895</sup>. A sua presença nesta instituição parece ser de carácter pessoal e não institucional, e é, aparentemente, justificável pelo facto de ter acompanhado o seu pai Domingos Anes, ou por pura e simplesmente o ter ido visitar, isto se tivermos em conta que ele era alfaiate em Arouca<sup>1896</sup>.

Também o prior de Vila Boa do Bispo, D. Domingos, e o cónego Nicolau Martins aparecem, em Novembro de 1302, no vizinho mosteiro feminino de Tuias a testemunhar um instrumento<sup>1897</sup>. A 12 de Agosto de 1308 Martim Geraldês, um cónego

---

<sup>1891</sup> Queirós, Abílio, “Catálogo dos Pergaminhos do Mosteiro de S. Jorge de Coimbra (1264-1578)”, in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Vols. XXIII e XXIV (2003-2004; 2005-2007), Coimbra, 2007, p.55.

<sup>1892</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°216.

<sup>1893</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N°128.

<sup>1894</sup> IAN/TT- São Jorge de Coimbra, M. 9, n.º 34.

<sup>1895</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco ...*, 2003, pp. 379-380 (doc.84).

<sup>1896</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco ...*, 2003, pp.380-381 (docs.84,85).

<sup>1897</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, p.175.

de Vila Boa do Bispo surge no mosteiro de Arouca onde aparece arrolado como testemunha num instrumento aí lavrado<sup>1898</sup>. Neste mesmo mosteiro surge também, a 9 de Setembro de 1310 Martim Martins, cônego de Mancelos, que aí testemunha o acordo feito entre D. Maria Esteves, abadessa de Arouca, e Vasco Gonçalves e sua esposa, a propósito dos bens que ficaram ao mosteiro da parte da monja D. Sancha Gomes<sup>1899</sup>.

Naturalmente que estas situações são mais propensas quando há proximidade geográfica, de resto estes últimos exemplos enquadram-se nesse âmbito. Uma outra situação que demonstra isso é a ocorrida com o prior de S. Jorge de Coimbra, Frei João Verba, que a 3 de Fevereiro de 1429 se encontrava no mosteiro de Celas<sup>1900</sup>.

O inverso também sucede, ou seja a presença de religiosos de outras instituições de diferente orientação espiritual em casas regantes ou a testemunhar actos referentes a instituições regantes como poderemos exemplificar com D. Rodrigo Vasques, abade de Bustelo e Estêvão Domingues, monge desse mesmo mosteiro que se encontravam, a 29 de Outubro de 1286, no mosteiro de Vila Boa do Bispo<sup>1901</sup>, ou Afonso Anes, frade de Manhente que, a 21 de Fevereiro de 1332, surge entre as testemunhas de um instrumento de S. Simão da Junqueira<sup>1902</sup>.

#### **4.2.4. - Presença de regantes nas cúrias diocesanas**

A presença de regantes de Santo Agostinho, sobretudo cônegos, nas sedes episcopais ocorre com alguma frequência, contribuindo para tal dois grandes factores, por um lado as questões directamente relacionadas com os religiosos ou com os seus mosteiros e por outro a necessidade de contrair as diversas ordens sacras, e tendo em consideração que estas eram ministradas pelos bispos, a generalidade das ordenações ocorriam nas Sés, nos paços episcopais, ou nas suas imediações. Também os sínodos diocesanos obrigavam à presença dos representantes das instituições, embora neste particular fossem os priores a participarem nesses conclaves eclesiásticos.

---

<sup>1898</sup> Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca*, vol. II, 2003, p.170 (Doc. Nº 106 do Apêndice Documental).

<sup>1899</sup> *Idem, ibidem*, p.230 (Doc. Nº 135 do Apêndice Documental).

<sup>1900</sup> Morujão, Maria do Rosário Barbosa, *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas (século XIII a XV)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2001, p.635 (doc.277).

<sup>1901</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.10.

<sup>1902</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 86-87.

#### **4.2.4.1. - Questões relacionadas com os mosteiros**

A generalidade dos cónegos e priores agostinhos aí referenciados surgem-nos normalmente arrolados entre as testemunhas, o que significa que na maioria dos casos desconhecemos o motivo da sua presença, embora não persistam quaisquer dúvidas que essas deslocações à Sé eram maioritariamente para tratar de negócios relacionados com os respectivos mosteiros. Não nos podemos esquecer que os contratos enfiteúticos deveriam ter o aval da respectiva diocese o que implicava a deslocação de representantes da instituição à sede diocesana, procuradores que por vezes eram leigos mas que em grande parte dos casos eram religiosos. É também usual encontrar-se mais do que um religioso da instituição, deslocando-se assim na companhia de outros elementos afectos ao mosteiro, religiosos ou não, surgindo por isso, não raras vezes o prior, ou até alguns cónegos na companhia de um ou mais criados, os “homens do prior”, ou até de representantes da instituição.

O prior de Lordelo, Fernando Soares, surge a testemunhar diversos documentos no paço episcopal do Porto ao longo de 1242<sup>1903</sup>, o mesmo sucedendo com os cónegos regantes do mosteiro de Grijó, Rodrigo Mendes e Gonçalo Peres, que surgem também em Dezembro de 1243 no paço episcopal do Porto a testemunhar um instrumento<sup>1904</sup>.

Três religiosos de diferentes instituições, mormente Fernando Soares, prior de Lordelo, Gonçalo Peres, cónego de Roriz e Domingos Mendes, cónego de Rates, encontravam-se ausentes dos seus cenóbios, surgindo entre as testemunhas do instrumento de autorização que o bispo da Guarda concedeu, em Dezembro de 1242, ao bispo do Porto para deter a igreja de S. Pedro de Germelo da diocese egitanense<sup>1905</sup>.

Martim Pais, cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto encontrava-se, a 11 de Setembro de 1293, em Braga onde testemunhou a composição efectuada, sob a arbitragem da cúria bracarense, entre o prior do mosteiro de S. Torcato e alguns moradores da freguesia desse mosteiro por causa da água da represa do Carvalho e do seu rego, estando aí presentes o prior de S. Torcato e o cónego Paio Anes, desse mesmo mosteiro<sup>1906</sup>. Também D. Lourenço Viegas, prior de Landim, juntamente com Silvestre Martins e João Vicente, ambos cónegos do mosteiro landinense, se encontravam na cúria bracarense onde testemunharam, a 19 de Novembro de 1359, o emprazamento que o mosteiro de Roriz aí celebrou perante D. Martim Domingues, mestre-escola e vigário

---

<sup>1903</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, pp. 58-60.

<sup>1904</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, p.62.

<sup>1905</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, 1924, p.335.

<sup>1906</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°53.

geral da Arquidiocese de Braga pelo bispo D. Guilherme, fazendo-se representar para o efeito o mosteiro de Roriz por Vasco Martins, cônego e procurador da instituição<sup>1907</sup>.

#### **4.2.4.2. - A obtenção de ordens sacras**

As deslocações dos religiosos para obterem as ordens eclesiásticas eram também uma realidade, inclusivamente extra diocesana<sup>1908</sup> e não só entre dioceses portuguesas com religiosos vinculados às dioceses de Tui e Santiago de Compostela a deslocarem-se a Braga<sup>1909</sup> ou a Coimbra<sup>1910</sup>. Nestas situações tinham de ter a devida autorização do seu superior hierárquico ou do bispo da diocese, no caso dos clérigos seculares<sup>1911</sup>, e só quando portadores de carta demissória ou de respectiva autorização é que poderiam ser ordenados, caso contrário se um bispo recebesse e ordenasse um clérigo vindo de outra diocese sem a respectiva autorização, essas ordens seriam nulas como determina o cânone XVI do I Concílio de Niceia (325)<sup>1912</sup>. Exemplifiquemos com dois casos, o de Pedro Afonso, cônego regrante do mosteiro de Cárquere, do bispado de Lamego, que recebeu ordens de Evangelho em Braga, a 13 de Março de 1456, tendo para isso “leceça do seu prelado”<sup>1913</sup> e o de Lopo Fernandes, cônego professo do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela, da diocese do Porto, que a 16 de Abril de 1457, obteve ordens de missa, em Braga, com “leceça de seu prelado”<sup>1914</sup>. A ausência das dioceses pelos

---

<sup>1907</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°17.

<sup>1908</sup> Marques, José, “Relações entre as dioceses do Porto e de Braga, na Idade Média: alguns aspectos”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão* (5 a 8 de Dezembro de 1998), vol. I, Porto/Arouca, 2002, pp. 41-42. Sobre a circulação inter-diocesana de clérigos motivada pela tomada de ordens sacras vejam-se os estudos de Gomes, Saul António, “Diocesanos Bracarenses de Quatrocentos nas Matrículas de Ordens Sacras da Sé de Coimbra”, in *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Congresso Internacional, Braga, Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano de Braga, Vol. 2/1, 1990, pp. 557-587; *Idem*, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, in *Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa*, Tomo XVII, 2ª Série, Lisboa, 2005, pp. 183-225, onde esta questão é devidamente aprofundada e excelentemente documentada.

<sup>1909</sup> A este propósito veja-se Marques, José, “Relações Galaico-Bracarenses, no século XV, segundo as matrículas de ordens do Arquivo distrital de Braga”, in *Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média*, Fundação Calouste Gulbenkian-JNICT, 1994, pp.325-347

<sup>1910</sup> Gomes, Saul António, “Coimbra e Santiago de Compostela ...”, 2000, pp.478-481, 484-490.

<sup>1911</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.996. A este propósito no Censual da Sé de Lamego, atribuível, na sua generalidade ao final do primeiro quartel do séc. XVI, diz-se no título referente às taxas da chancelaria que “De carta pera tomar ordens fora do bispado nam paga já nada” (cf. *Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*, p.42).

<sup>1912</sup> Dictionnaire Universel et complet des Conciles..., Tome Second, Paris, 1847, p.87; *Documentos dos primeiros oito concílios ecuménicos*, tradução de Monsenhor Otto Skrzypczack, Porto Alegre, Edipucrs, 1999, p.24.

<sup>1913</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.25; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, 2002, p.266.

<sup>1914</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.57; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, 2002, p.295.



clérigos sem a respectiva autorização era proibida<sup>1915</sup>, de resto a legislação diocesana é também muito clara na reafirmação desse aspecto como se vê nos sínodos de Braga, de 1281<sup>1916</sup> e nos do Porto, de 1371<sup>1917</sup> e 1496, sendo que este último, presidido pelo bispo D. Diogo de Sousa é, a esse respeito, bastante incisivo na sua décima primeira constituição:

“Item mandamos que nenhum clérigo de nosso bispado, beneficiado ou nom, vaa fora delle sem nossa carta de licença ou demissooria, posto que tenha caussa legitima e onesta pera se partir.”<sup>1918</sup>.

#### **4.2.4.3. - Participação nos sínodos diocesanos**

Os sínodos diocesanos juntavam ou pretendiam juntar, naturalmente, todos os representantes do clero secular e regular da respectiva diocese, o que implicava a deslocação massiva da clerezia para o local onde tivesse sido convocado. E se na generalidade dos casos não são mencionados os nomes dos priores aí presentes, ou pelo menos os de alguns deles, há outros que nos dão indicações muito concretas sobre os participantes, identificando-os individualmente. Curiosamente nos Sínodos de Braga de D. Gonçalo Pereira, de 1329 e 1330, encontrámos, e no que diz respeito aos agostinhos, praticamente os mesmos mosteiros representados. No primeiro, realizado a 7 de Outubro de 1329, estiveram presentes Martim Domingues, prior do mosteiro de Santa Maria de Landim, Estêvão Peres, prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira e Julião Peres, prior do mosteiro de Requião<sup>1919</sup>.

No sínodo seguinte, que decorreu no dia 14 de Novembro de 1330, também sob orientação de D. Gonçalo Pereira, constam os nomes de Martim Domingues, prior do mosteiro de Santa Maria de Landim, Estêvão Peres, prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira e Vicente Martins, prior de Santa Maria de Vila Nova de Muia<sup>1920</sup>. Já no sínodo diocesano de Braga, de D. Martinho Afonso Pires da Charneca, realizado a 15 de

---

<sup>1915</sup> Dictionnaire Universel et complet des Conciles..., Tome Second, Paris, 1847, p.87; *Documentos dos primeiros oito concílios ecuménicos*, 1999, p.24; Rivaux, Padre, *Tratado de historia ecclesiastica*, Tomo I, Porto-Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1876, p.252.

<sup>1916</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.15.

<sup>1917</sup> *Idem*, p.349.

<sup>1918</sup> *Constituições que fez ho Senhor Dom Dioguo de Sousa B[is]po do Porto...*, 1997, p.53; *Synodicon Hispanum*, 1982, p.362. Com a passagem de D. Diogo para arcebispo de Braga e com a realização do sínodo de 1505 esta mesma constituição será transposta para a diocese de Braga sob a nona constituição (cf. *Synodicon Hispanum*, 1982, p.147).

<sup>1919</sup> *Idem*, p.45.

<sup>1920</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.46.

Novembro de 1398, estiveram presentes Gonçalo Domingues, prior de Landim; João Rolos, prior da Costa; Afonso Esteves, prior de Oliveira; Rui Gonçalves, prior de Vila Nova de Muia; Gonçalo Eanes, prior de S. Martinho de Crasto; João do Mato, prior de Bravães; João Durães, prior de Caramos; Luís Afonso, prior de Freixo; João Gonçalves, prior de Mancelos, Estêvão Peres, prior de Souto e ainda o prior de Valdreu, cujo nome não é referenciado<sup>1921</sup>.

#### **4.2.5. - Deslocações em representação da instituição**

A grande maioria dos cónegos e priores que detectámos fora do seu mosteiro encontram-se, normalmente, em representação da respectiva instituição, embora haja casos em que não dispomos de qualquer indicação que nos permita identificar o motivo dessa saída, como são os exemplos de Paio Rodrigues, cónego do mosteiro de São Salvador de Freixo que a 26 de Novembro de 1286 surge em Coimbra, no couto de S. Martinho do Bispo, entre as testemunhas de um instrumento de partilhas que envolve o mosteiro de Arouca<sup>1922</sup>, ou o de Bartolomeu Pais, um cónego regrante do mosteiro de Cárquere que a 22 de Agosto de 1322 também se encontrava em Coimbra, tendo servido de testemunha, no átrio da igreja de São Tiago, ao traslado de cláusulas do testamento de D. Pedro Martins, chantre da Sé de Coimbra, tocantes ao mosteiro de Celas<sup>1923</sup>.

Se nestes dois casos apenas sabemos que os cónegos estavam deslocados da instituição de origem e a uma distância considerável, a generalidade dessas ausências eram por curtos períodos de tempo uma vez que tinham como destino localidades do aro de acção dos respectivos mosteiros, tratando-se por isso, maioritariamente, de deslocações rápidas, normalmente com a finalidade de efectuar contratos de carácter jurídico para a instituição, compras, vendas, emprazamentos, arrendamentos, ou servindo apenas como emissários ou representantes dos mosteiros para testemunhar doações, legados e testamentos que incorporavam a instituição como beneficiária directa e por isso surgiam aí como observadores e zeladores uma vez que eram parte interessada. Independentemente das motivações e do diverso teor dos instrumentos em que nos surgem esses elementos parece-nos apropriado englobá-los nas deslocações.

Exemplifiquemos com alguns casos.

---

<sup>1921</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp.59-60.

<sup>1922</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco ...*, 2003, p.261 (doc.7).

<sup>1923</sup> Morujão, Maria do Rosário Barbosa, *Um mosteiro cisterciense feminino ...*, 2001, p.417 (doc.170).

Três religiosos de Santo Estêvão de Vilela deslocaram-se, juntamente com o seu prior, para testemunharem o testamento de Afonso, lavrado a 25 de Julho de 1289, pelo qual deixou bens ao mosteiro<sup>1924</sup>.

A 30 de Agosto de 1317 Lourenço Geraldês, cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim encontrava-se em Santa Maria de Viatodos<sup>1925</sup>.

A 3 de Maio de 1318 Estêvão Domingues, frade do mosteiro da Junqueira e seu procurador, comparece em Vila do Conde, perante o tabelião Estêvão Anes, para tratar de assuntos referentes à instituição<sup>1926</sup>. A 21 de Agosto de 1327 D. Aparício Peres, prior de S. Simão da Junqueira encontrava-se em Veiriz onde foi lavrado o testamento do cavaleiro Fernão da Veiga<sup>1927</sup>. A 8 de Julho de 1333 Pedro Geraldês, cónego da Junqueira encontrava-se na igreja de S. Cristóvão de Rates, surgindo entre as testemunhas de um instrumento de venda aí lavrado<sup>1928</sup>. A 15 de Setembro de 1334, o prior do mosteiro de Requião, D. Aparício Peres, compareceu em Rates, perante Vicente Esteves, sacador das dívidas por el-rei nos mosteiros e igrejas, entregando-lhe 19 libras referentes à dízima do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>1929</sup>. A 18 de Setembro de 1342 o cónego Domingos Domingues, de S. Simão da Junqueira, encontrava-se em Guimarães, em representação do seu mosteiro, procedendo, perante Vasco Domingues, almoxarife de Guimarães, à liquidação da colheita desse ano que o mosteiro devia pela vinda régia Aquém-Douro<sup>1930</sup>.

O facto de alguns mosteiros deterem património em locais longínquos da instituição obrigava a deslocações e viagens bem mais longas e por isso mais demoradas, como sucedeu com Pedro Peres, cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira que, a 5 de Julho de 1315 se encontrava em Leiria, surgindo entre as testemunhas de um contrato de arrendamento respeitante aos bens que o mosteiro possuía em Leiria e no seu termo<sup>1931</sup>. Já D. João Esteves, prior de S. Simão da Junqueira, surge a 7 de Outubro

---

<sup>1924</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, 1983, pp. 12-13 (Doc.5); Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil ...*, 2004, pp. 335-336.

<sup>1925</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl. 75vº-76.

<sup>1926</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 81vº-82.

<sup>1927</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl. 90vº-91.

<sup>1928</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 86-87.

<sup>1929</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 92vº.

<sup>1930</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 104vº.

<sup>1931</sup> IAN/TT - Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.7.

de 1317 no Burgo de Vouga também em representação do seu mosteiro<sup>1932</sup>. O mesmo sucede com D. Estêvão Gonçalves, prior do mosteiro de Roriz que juntamente com Vasco Martins, cónego do mosteiro e procurador do convento, se encontravam, a 16 de Setembro de 1354, na aldeia de Romariz, em Santa Maria da Feira, a tratar de assuntos referentes à instituição<sup>1933</sup>. Bem mais morosa foi a viagem e missão de Germão Fernandes, cónego de Santa Cruz de Coimbra que, em Junho de 1534, foi à Corte levar cartas ao rei e ao infante D. Henrique demorando-se por lá 39 dias<sup>1934</sup>.

#### **4.2.6. - Intervenções em representação e defesa dos interesses de outros institutos da Ordem**

A 6 de Março de 1300 o prior do mosteiro de São Salvador de Freixo, D. João Martins, surge no vizinho mosteiro beneditino de Gondar, em representação e defesa dos interesses do mosteiro agostinho de Roriz, obtendo a confirmação de uma doação que D. Teresa Anes, abadessa de Gondar fizera ao mosteiro de Roriz de toda a herdade que tinha no couto do mosteiro rorizense<sup>1935</sup>. É certo que o documento não o indica como representante, de qualquer modo isso parece-nos implícito. Curiosamente o prior de Freixo faz-se acompanhar, nessa deslocação, de Lourenço Gonçalves, cónego desse cenóbio, bem como de Pedro Martins, “homem do priol de Freixo”<sup>1936</sup>.

Também Lourenço Martins, prior do mosteiro de São Torcato surge, a 24 de Outubro de 1352, em nome de D. Domingos Domingues, prior de S. Salvador de Souto, a tomar posse de uma propriedade no lugar de Paço, freguesia de Santa Maria de Souto<sup>1937</sup>. Este mesmo prior aparece novamente como representante do prior do Souto, a 11 de Julho de 1356, mostrando uma carta régia perante João Peres que o proibia de usurpar bens e direitos desse mosteiro<sup>1938</sup>.

Ainda nesta linha, embora num nível diferente de representatividade pode considerar-se a acção de D. Domingos Aires, prior do mosteiro de Santa Maria de

---

<sup>1932</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo: doações, testamentos e Provizoes Reaes, 1743, fl.78vº-79vº.

<sup>1933</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº14.

<sup>1934</sup> Coelho, Maria Helena da Cruz, “Receitas e despesas do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...”, 1990, pp.100-101. Ainda mais longa e demorada foi a viagem que uma delegação de Santa Cruz de Coimbra, que integrava três elementos, incluindo dois religiosos desse mosteiro crúzio, efectuou a Roma, saindo do mosteiro conimbricense a 16 de Setembro de 1558 e chegando a Roma a 16 de Dezembro desse ano (cf. Coelho, Maria Helena da Cruz; Santos, Maria José Azevedo, *De Coimbra a Roma uma viagem em meados de quinhentos*, Coimbra Editora, Limitada, 1990, p.8).

<sup>1935</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº8; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.196vº.

<sup>1936</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº8.

<sup>1937</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.55.

<sup>1938</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.142.

Landim, que aparece recorrentemente como vedor nos emprazamentos do mosteiro de S. Simão da Junqueira praticamente ao longo de todo o último quartel do séc. XIII<sup>1939</sup>. E se é certo que é a Cúria bracarense quem nomeia os avaliadores, não deixa de ser significativo o facto deste religioso aparecer constantemente nessas funções.

---

<sup>1939</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fls. 38vº-45vº, 46vº-49vº; Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, Vol. II, 2002, pp. 324,328 (docs.308,311).

#### 4.2.7. - O serviço pastoral

##### **Rede paroquial das canónicas nortenhas**

| <b>Mosteiro</b>                  | <b>Actual concelho</b> | <b>Número de curatos paroquiais</b> <sup>1940</sup> |
|----------------------------------|------------------------|---|
| Santa Maria de Cárquere          | Resende                | 5   |
| Santa Maria de Landim            | Vila Nova de Famalicão | 10  |
| Santa Maria de Oliveira          | Vila Nova de Famalicão | 8   |
| Santa Maria de Refóios de Lima   | Ponte de Lima          | 2   |
| Santa Maria de Vila Boa do Bispo | Marco de Canaveses     | 8   |
| Santa Maria de Vila Nova de Muia | Ponte da Barca         | 4   |
| Santa Marinha da Costa           | Guimarães              | 6   |
| Santo André de Ancede            | Baião                  | 9   |
| Santo Estêvão de Vilela          | Paredes                | 7   |
| São Silvestre de Requião         | Vila Nova de Famalicão | 1   |
| São João de Longos Vales         | Monção                 | 6   |
| São Martinho de Caramos          | Felgueiras             | 8   |
| São Martinho de Crasto           | Ponte da Barca         | 7   |
| São Martinho de Mancelos         | Amarante               | 5   |
| São Miguel de Vilarinho          | Santo Tirso            | 3   |
| São Pedro de Roriz               | Santo Tirso            | 6   |
| São Salvador de Banho            | Barcelos               | 3   |
| São Salvador de Bravães          | Ponte da Barca         | 0   |
| São Salvador de Freixo           | Amarante               | 4   |
| São Salvador de Grijó            | Vila Nova de Gaia      | 20  |
| São Salvador de Lordelo          | Paredes                | 2   |
| São Salvador de Moreira da Maia  | Maia                   | 6   |
| São Salvador de Paderne          | Melgaço                | 2   |
| São Salvador de Valdreu          | Vila Verde             | 2   |
| São Salvador do Souto            | Guimarães              | 5   |
| São Simão da Junqueira           | Vila do Conde          | 4   |
| São Torcato                      | Guimarães              | 5   |

Aos cónegos de Santo Agostinho estava adstrita a celebração pastoral, uma especificidade própria que colide ou contrasta, por exemplo, com o mundo mais fechado e dedicado “ao fervor do divino” que se regista nos cistercienses<sup>1941</sup>, o que não invalida a valorização da clausura pelos regrantes<sup>1942</sup>. E se o serviço pastoral está mais arriegado

<sup>1940</sup> A contabilização apresentada tem de ser vista como um mero indicador, é que atendendo ao alargado âmbito cronológico deste estudo, ao carácter volátil dos direitos de padroado em algumas das igrejas referidas e à indefinição a que muitas vezes se chegou na identificação dos titulares de tais direitos, dificilmente os números apresentados podem constituir um dado definitivo. Foram também aqui incluídas algumas igrejas que apenas foram anexadas aos mosteiros temporariamente, não sendo o mosteiro o detentor dos respectivos direitos de apresentação.

<sup>1941</sup> Gomes, Saul António, “O papado e as Ordens religiosas no Portugal Medieval – breves notas de investigação”, in *Poder Espiritual/Poder temporal: As relações Igreja-Estado no tempo da Monarquia (1179-1909)*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2009, p.227.

<sup>1942</sup> Atente-se no caso de São Teotónio, como revela a passagem da sua vida, em que indignado com o facto de D. Afonso Henriques e seus companheiros, em consequência das campanhas bélicas, terem feito

ao estatuto dos cónegos regrantes, não se julgue no entanto que esta era uma exclusividade sua, antes pelo contrário, é que na Baixa Idade Média, e apesar de algumas tentativas para alterar esta situação<sup>1943</sup>, a prática comum era os monges assumirem funções paroquiais nas igrejas unidas ou da apresentação dos respectivos mosteiros<sup>1944</sup>, independentemente de pertencerem à Ordem de Santo Agostinho ou à de S. Bento<sup>1945</sup>. Essa componente sacerdotal obrigava naturalmente a um contacto sistemático com as populações e à ausência do mosteiro, mais ou menos prolongada<sup>1946</sup>, embora haja situações em que é necessária a presença de todos os religiosos, como revela um “Costumeiro dos Conegos Regrantes” onde se diz que “Finado ho prelado logo alguuns coonegos se estam fora do mosteiro sejam chamados se venham a seu mosteiro e todo ho convento emleja antre si...”<sup>1947</sup>.

De resto a questão das paróquias levantava um problema extra aos próprios cónegos regrantes uma vez que era exigida a obrigatoriedade de residência aos párocos com cura de almas, como estipulou o arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira no sínodo diocesano de 1333. Fê-lo para obstar ao estado de abandono e degradação de muitas igrejas, legislando também no sentido daqueles que tivessem igrejas curadas não pudessem beneficiar de rações noutras igrejas, a não ser com a sua autorização especial<sup>1948</sup>, encontrando assim uma forma de obrigar à fixação dos párocos. De igual modo procedeu D. Fernando da Guerra, decretando por carta de 18 de Maio de 1461

---

escravos “a uns certos christãos, que em vulgar se chamam muzarabes” viu-se obrigado a sair do mosteiro, para ir ao seu encontro, ele “que nunca havia sahido do claustro, nem chegado á porta exterior do mosteiro” (cf. *Vida do Admiravel Padre S. Theotónio...*, 1855, pp. 140-141. De resto, durante 30 anos S. Teotónio deverá ter saído do mosteiro apenas três vezes (cf. Bonvin, Padre João-Marco, “A espiritualidade da Ordem de Santa Cruz”, in *Santa Cruz de Coimbra do Século XI ao Século XX*, p.179; *Vida do Admiravel Padre S. Theotónio...*, 1855, pp. 170-171).

<sup>1943</sup> Barros, Henrique da Gama, *História da Administração Pública ...*, 1945, Tomo II, pp. 173-174.

<sup>1944</sup> Marques, José, “Vida Interna do Mosteiro de Santo Tirso em 1437”, in *Actas do Colóquio de História Local e Regional*, Santo Tirso, 17 e 18 de Março de 1979, edição da Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 1982, p.217; Oliveira, P. Miguel de, *As paróquias rurais portuguesas...*, 1950, p.151; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, pp. 600,609. Já no séc. XI era prática corrente que os monges beneditinos fossem ordenados sacerdotes (cf. Lawrence, C.H., *El monacato medieval: formas de vida religiosa en Europa occidental durante la Edad Media*, version espanhola de Javier Miguélez Garcia, Editorial Gredos – Monografias Históricas, Madrid, 1999, p.203).

<sup>1945</sup> Um exemplo concreto é o que se passa na diocese de Braga, em que dos 72 religiosos que foram ordenados presbíteros, entre 1430 e 1468, 30 eram beneditinos e 23 eram cónegos regrantes (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 712-717, 814-816, 967). Já na diocese de Coimbra, para o período compreendido entre 1399 e 1491, são conferidas ordens de missa a 24 cónegos regrantes contra 25 religiosos seguidores da Regra de S. Bento, dos quais 19 cistercienses e 6 beneditinos (cf. Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.203).

<sup>1946</sup> Há inclusivamente casos em que os cónegos, face à distância entre a capela, igreja ou paróquia que serviam e o mosteiro, residiam fora da comunidade monástica (cf. Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra ...*, 2003, p.701).

<sup>1947</sup> BPMP, Santa Cruz de Coimbra- Ms. 75, fl.57vº.

<sup>1948</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp.47-49; Pereira, Isaiás da Rosa, “A vida do clero ...”, 1978, p.115, 117,118,121.

que todos os párocos, num prazo de dois meses, residissem nos seus benefícios sob pena de excomunhão e de se verem privados deles<sup>1949</sup>. Também nos Sínodos diocesanos de Braga, de D. Luís Pires, de 1477, e de D. Diogo de Sousa, de 1505, a questão da residência obrigatória do abade ou qualquer outro beneficiado na paróquia é reafirmada<sup>1950</sup>. E se é certo que muitas vezes tal exigência não era cumprida, também há casos em que os prevaricadores eram punidos, como aconteceu com Rui Gomes, pároco da igreja de S. Cristóvão de Candemil, que em 1461 foi destituído pelo arcebispo por não fazer residência na freguesia<sup>1951</sup>.

Um caso a referir é também o de Francisco Vasques cónego de São Martinho de Caramos, que detinha uma vigairaria em 1528, como revela uma visitação feita ao mosteiro nesse ano, ordenando-lhe Baltasar Álvares, o visitador, que deixasse o mosteiro para residir na sua vigairaria, de forma a não ocupar o lugar que outro cónego poderia fazer com muito mais proveito para o mosteiro<sup>1952</sup>. Aliás, nesta visitação Baltasar Álvares deixa claro em Mancelos e Freixo, onde existiam cónegos que tinham a seu cargo capelas, que em primeiro lugar estavam as obrigações do mosteiro<sup>1953</sup>, de resto estas mesmas orientações eram também observadas na diocese do Porto, tendo sido emanadas do sínodo diocesano de 1496, em que D. Diogo de Sousa estabelece que “nos mosteiros e igrejas em que há conegos e beneficiados que aos Domingos e festas se nam partam de seus mosteiros e igrejas a que principalmente som obrigados<sup>1954</sup>”.

#### **4.2.8. - Saídas de carácter lúdico**

Não se julgue que apenas as obrigações espirituais ou negócios das instituições arrebatavam os cónegos aos claustros, também a simples diversão era responsável pela sua saída, como é o caso do Carnaval<sup>1955</sup>. Essa festa originou inclusivamente alguma

---

<sup>1949</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.300.

<sup>1950</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp. 75-77, 150-151.

<sup>1951</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.215vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759.

<sup>1952</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528, 1988-89, p.133.

<sup>1953</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, pp.118, 129, 131. O visitador diz “e o conego que tiver capella tenha maneira como primeiro cumpra com ha obriguação do moestiro” (p.129).

<sup>1954</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.358.

<sup>1955</sup> Sobre a convivência e a comunhão entre o lúdico e o sagrado e as diversas festividades em que se dilui as fronteiras que separam o mundo profano do religioso veja-se Heers, Jacques, *Festas de loucos e carnavais*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, s.d.,.



discórdia entre a comunidade religiosa de Grijó, atendendo que era costume “hir fora folgar nos dias proximos a quarta Feyra de Sinza” o prior claustral defendia que não era correcto atribuir-se as mesmas pitaças aos que andavam a recrear-se fora do mosteiro e aos que se encontravam no claustro, acabando D. João Pascoal, o prior-mor, por estatuir, a 24 de Fevereiro de 1332, que todos os que tivessem a devida autorização para sair nos dias de Entrudo tinham direito às pitaças<sup>1956</sup>. E se este género de diversões era permitido não se pense, contudo, que os excessos e falhas praticados pelos religiosos não eram devidamente punidos pelo superior hierárquico, com os prevaricadores a serem “prezos em sa prizom por alguns feitos que fazem que nom devem”<sup>1957</sup>. Nessa linha de actuação encontra-se o pedido do prior de Grijó ao rei D. João I, para que este ordene às suas justiças que prendam os cónegos e frades que andam por vagabundos, e que, por alguns erros cometidos, saíram ou saem do mosteiro sem licença, e encontram protecção por parte de poderosos, não os conseguindo assim fazer regressar e punir no cárcere<sup>1958</sup>.

Como já tivemos oportunidade de ver, quando foi abordada a questão da relaxação e do desregramento, a ausência dos religiosos dos mosteiros sem a respectiva autorização era uma questão muito frequente e presente em mosteiros como Roriz, Oliveira, Junqueira, Mancelos e Caramos<sup>1959</sup>, como revela a visitação de 1528, em que é ordenado aos “coneguos sob penna d'excomunhão que não sayam fora do dito moesteiro e cercuyto delle sem liceemça do prior a qual lhes nam dara senão pera cousas onestas e necessarias”<sup>1960</sup>.

#### **4.2.9. - Ausência forçada**

Essa mesma ausência poderia ser forçada, motivada por situações extremas como a guerra, ou a iminência dela, que obrigava as comunidades, sobretudo as que se situavam em locais mais desprotegidos, a abandonar os claustros e a refugiarem-se dentro das muralhas das cidades. Tal parece ser o caso dos cónegos regantes de S. Simão da Junqueira que, à semelhança dos beneditinos do vizinho mosteiro de Santo

---

<sup>1956</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.209vº.

<sup>1957</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls. 8vº-9.

<sup>1958</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls.9-9vº.

<sup>1959</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, 1988-89, pp.116-117, 128, 129, 130, 132,134.

<sup>1960</sup> *Idem, Ibidem*, p.130.

Tirso<sup>1961</sup>, devem ter procurado abrigo na cidade do Porto, de resto parecem-nos fortes indícios o facto de a 22 de Maio de 1383 o prior de S. Simão da Junqueira, D. Estêvão Domingues, se encontrar na cidade do Porto<sup>1962</sup>, e a 23 de Julho de 1385, Gonçalo Fernandes, um cónego de S. Simão da Junqueira estar nessa mesma cidade, em representação do prior Estêvão Domingues<sup>1963</sup>.

---

<sup>1961</sup> Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, 1938, p.208 (doc.CLIV), Sousa, Armindo de, “Benedictinos e Mendicantes em Portugal nos finais da Idade Média (uma questão de prestígio)”, in *Actas do Ciclo de Conferências das Comemorações do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*, Arquivo Distrital do Porto, 1997, p.167. Entre os cónegos regantes e por força da guerra é conhecido o abandono do mosteiro de S. Jorge de Coimbra, de resto, já tivemos, num pequeno estudo, a oportunidade de abordar esta questão do abandono quer desta comunidade quer das de outros mosteiros face às guerras luso-castelhanas da segunda metade do séc. XIV (cf. Fernandes, Aires Gomes, “No interromper da oração ou o perturbante reflexo da guerra nalguns mosteiros”, in *A guerra e a Sociedade na Idade Média – VI Jornadas Luso-espanholas de estudos Medievais*, Vol. I, 2009, pp.313-316).

<sup>1962</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 130vº-132.

<sup>1963</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 132vº-134.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste percurso, em que fomos acompanhando a evolução das canónicas regrantas do Norte de Portugal nos séculos finais da Idade Média e início da modernidade, foi possível confirmar alguns pressupostos, desde logo, a sua dimensão em termos de efectivos humanos, em que a generalidade dos conventos não ultrapassava os cinco ou seis elementos. Comprovou-se também que, apesar da autonomia de cada instituição e da inexistência de um modelo congregador, havia interacção entre as diversas casas, relações sob múltiplos aspectos, registando-se a presença e circulação de religiosos entre os cenóbios agostinhos, não variadas vezes com o recurso e recrutamento de cónegos e priores de outros mosteiros da Ordem para gerirem essas casas monásticas.

Tentamos dar uma panorâmica, conquanto que abreviada, da vida de cada uma destas instituições, procurando relevar alguns dos aspectos mais marcantes da sua existência, inserindo-as também no contexto evolutivo da própria Ordem em Portugal.

O carácter globalizante deste estudo permitiu-nos demonstrar o papel preponderante dos regrantas de Santo Agostinho na organização paroquial e na superintendência do múnus pastoral, numa relação de proximidade e catequização das populações. Foi possível identificar grande parte dessa activa rede paroquial e perceber que os mosteiros não só exerciam direitos de padroado na generalidade dessas igrejas, de entre os quais competia, normalmente, a apresentação do respectivo pároco, como também, em muitos casos, essas paróquias eram de facto assumidas por cónegos da instituição tuteladora.

A análise da documentação possibilitou-nos ainda perceber a orgânica interna das comunidades, descortinar alguns dos seus religiosos e registar algumas das suas acções, fossem cónegos, priores-mores, ou priores comendatários, porque foram eles que deram vida a esses mosteiros e que os conduziram, com diferentes graus de perfeição e sabedoria, ao longo de décadas em direcções diversas.

Foi possível identificar muitos desses protagonistas, registando-se para um período que medeia, grosso modo, entre 1300 e 1550, cerca de 1200 fichas biográficas, que não têm correspondência directa com o mesmo número de indivíduos retratados, uma vez que muitos cónegos ascendem aos priorados monásticos, transitam de instituição ou detêm mais que um priorado, situação esta que, como vimos, ocorre com mais frequência com a chegada dos comendatários.

E se conseguimos resgatar algumas identidades e reconstituir com substancial profundidade determinados percursos vivenciais e documentar momentos importantes do trajecto monástico e eclesiástico de alguns cónegos, é também indiscutível que de muitos religiosos apenas conhecemos breves referências, e muitos outros permanecem e ficarão, inevitavelmente, omissos, mas há também aqueles que apenas aguardam que alguém faça emergir os seus nomes das fontes.

Dos vinte e sete institutos de Cónegos Regrantes do Norte do país, existentes no início do séc. XIV, apenas cerca de metade integraram a Congregação de Santa Cruz de Coimbra, sendo que S. Salvador de Requião, Banho, Bravães, Souto, S. Torcato e Lordelo foram extintos e convertidos em igrejas paroquiais no século XV, enquanto Santa Marinha da Costa, Longos Vales, Roriz, Cárquere, Mancelos, Freixo, e Ancede passariam, no séc. XVI, para outras Congregações, com Santa Marinha a transitar para os Jerónimos, Cárquere, Roriz e Longos Vales para os Jesuítas, ao passo que Mancelos, Freixo, e Ancede seriam integrados na Ordem de S. Domingos, com as restantes catorze canónicas a serem incorporadas na Congregação de Santa Cruz ao longo da segunda metade do séc. XVI e inícios do XVII.

Cientes das falhas deixadas e do muito trabalho que há ainda a fazer, pese todas as obstruções, limites e grilhões que este género de investigação enfrenta e enfrentará, porque não comporta nem se compadece com os rigores dos prazos dos homens e com a mercantilização do conhecimento, procuramos dar um pequeno contributo para que aqueles que, por necessidade, curiosidade, descuido ou constrangimento, não consigam ou não queiram manter estas páginas cerradas, possam saber um pouco mais sobre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal no anoitecer da medievalidade.

Finitus est

Domingo, mais um dia em que me não devotei ao descanso, 28 dias andados do mês de Agosto do ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 2011, dia do glorioso Padre Santo Agostinho.

## **BIBLIOGRAFIA E FONTES MANUSCRITAS**

### **Fontes manuscritas**

#### **Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC)**

Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº. 19  
Pergaminhos, Gav. 7-A, Maço 1, nº 29;  
Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Ns.1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28  
Pergaminhos, Gav. 9-A, Maço 5, nº 232  
Pergaminhos, Gav.10, M.1, Ns.31, 32, 33, 34  
Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2; Nº.36  
Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, Ns. 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70  
Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102  
Pergaminhos, Gav. 12, M.6, Ns. 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 182, 183, 185, 195, 198  
Pergaminhos, Gav. 12A, M.7, Ns. 201, 204, 206, 210, 214, 215, 218, 220, 222, 223  
Pergaminhos, Gav. 12, M.7, Ns. 202, 203  
Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, Ns. 45, 48, 50, 51, 56  
Pergaminhos, Gav. 14-A, M.4, Nº76.  
Pergaminhos, Gav. 15, M.6, Ns. 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111.  
Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, Ns. 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 127, 128, 129, 130, 132, 135, 137.  
Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, Ns. 198, 199, 200, 205, 209, 216, 218, 221  
Universidade de Coimbra, Fazenda, Dep. IV, Secção 1ª E, Estante 23, Tab. 4, nº 4

#### **Arquivo Distrital de Braga (ADB)**

Livros de Matrículas de Ordens - Pastas I, II, III  
Livro 1 de Mostras  
Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*  
Registo Geral 330, Censual de D. Diogo de Sousa  
Registo Geral 331, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Jorge da Costa*,  
Registo Geral 335, Censual de D. Frei Baltasar Limpo

#### **Bulas**

Caixa 3, Docs. 78, 78A  
Caixa 4, s.n.

#### **Colecção Cronológica**

Pastas/Caixas 8, 21, 22,

#### **Fundo monástico/conventual**

Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra: Pasta 29, Doc. 429; Pasta 30, Doc. 447; Pasta 37, Doc. 994;

#### **Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (Guimarães) – (AMAP)**

Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira

Pergaminhos Ns. 34, 48, 53, 55, 56, 61, 67, 79, 94, 123, 133, 138, 172, 175, 182, 183, 197, 199, 214, 216, 224, 250, 251, 255, 256, 262, 264, 305, 313, 318, 337, 370, 375

**Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa) – (BNP)**

- Secção de Reservados, N° 215

**Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC)**

- Manuscrito 636 (“Extractos para servirem a ordenar-se o glosario Latino-Portuguez e Archeologico Portuguez contendo tãobem algumas noticias historicas por João Pedro Ribeiro”)

- Manuscrito 640

- Manuscrito 703

- Manuscrito 704

**Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP)**

- Santa Cruz de Coimbra - N° 75 (Códice 874) - *Costumeiro da Ordem dos Conegos Regrantes;*

- Santa Cruz de Coimbra - N° 81 (Códice 422) – *Obituario do mosteiro de S. Jorge de Coimbra;*

- Santa Cruz de Coimbra - N° 84 (Códice 707) – *Obituario do mosteiro de Santa Cruz;*

**Instituto dos Arquivos Nacionais - Torre do Tombo (Lisboa) – (IAN/TT)**

**Chancelaria de D. Fernando**

Livro 1

**Chancelaria de D. Afonso V**

Livros 2, 3, 4, 11, 12, 15, 16, 19, 22, 23,24, 25, 27, 30, 31, 32, 34, 35

**Chancelaria de D. João II**

Livros 1, 2, 15, 16, 32

**Chancelaria de D. Manuel I**

Livro 16, 17, 22, 28, 32, 38, 43

**Colecção Costa Basto**

Livro 6

**Corpo Cronológico**

Parte I - M.8, n.1; M.35, n.66; M.50, n.63; M.66, n.61; M.79, n.128; M.80, n.29; M. 98, n.133; M.104, n.74;

Parte II - M.30, N.201

**Gavetas**

Gaveta I, M.1, Doc.8.

Gaveta II, M. 5, Docs. 24, 26

Gaveta X, M.9, Doc.14

Gaveta XIV, M.6, Doc.6.

Gaveta XV, M.12, Doc.38

**Leitura Nova**

Legitimações - Livros 1 e 2

**Cabido da Sé de Lamego**

Papéis avulsos, caixa 10, maço.1, n.º 5.

**Conventos de Viana do Castelo**

Livros 13, 14, 15, 18

**Mosteiro de Ancede**

Maço 1 - Docs.12, 15,17,18,19, 20, 21;

**Mosteiro de Santa Maria de Landim**

Maço 1- Docs.4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28

**Mosteiro de Santa Maria de Oliveira**

Maço 1- Docs. 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25

**Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo**

Maço 1 - Ns. 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

**Mosteiro de S. Domingos de Lisboa**

Livros 18, 26, 44

**Mosteiro de São Jorge de Coimbra**

Maço 9 - Ns. 12, 13, 34, 39

Maço 11 - N.º 38

Maço 12 - Ns. 2, 4, 6

Maço 13 - N.º 12

**Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho**

Maço 2 - Ns. 24, 28, 31, 34, 35, 39, 40

Maço 3 - Ns. 6, 7, 22, 26, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 42

Maço 4 - Ns. 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 20, 23, 24, 25, 26, 29, 32, 36, 37, 43, 45, 48, 49, 52, 55

Maço 5 - Ns.14, 20, 34, 36, 38, 40

Maço 6 - Ns. 1, 3, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 20, 21, 24, 28, 30

Maço 7 - Ns. 3, 7, 8A, 11, 18, 22, 25, 29

**Mosteiro de S. Salvador de Grijó**

Maço 1 - Ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 20, 22

Maço 2 - Ns. 3, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15

Maço 3 - Ns. 7, 8, 9, 10, 11, 12, 19

Maço 4 -Ns. 3, 8, 10

Maço 6 -Ns. 9

- Livro Preto de Grijó;

- Livros: 43, 44, 45, 46, 47, 48

**Mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia**

Maço 9 – Docs. 33, 45, 50, 51, 55

Maço 10 – Docs. 1, 2, 4, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 16, 16-A, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41

Maço 11 – Docs. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 19, 21, 22, 27, 34, 38, 40, 41  
12, 13, 14, 15, 16, 16-A, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 34, 35, 36, 37, 40,  
41

Maço 12 – Docs. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24,  
25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Maço 13 – Docs. 1, 2, 2A, 3, 7A, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15A, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24,  
25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39

**Mosteiro de S. Salvador de Paderne**

Maço 1 - Docs. 1, 2, 3, 4, 5

**Mosteiro de S. Simão da Junqueira**

Tombos de escrituras:

Livros, 8, 9, 10, 11, 12 (Livro Primeiro; Livro Segundo; Livro Terceiro; Livro Quarto;  
Livro Quinto)



## **Fontes impressas e bibliografia**

- Abranches, Joaquim dos Santos, *Fontes do direito ecclesiastico portuguez: I – Summa do Bullario Portuguez*, Coimbra, F. França Amado Editor, 1895;
- Actas dos Capítulos do mosteiro de Santa Cruz*, publicadas por Mário Brandão, Coimbra, Publicações do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, 1946;
- Affonso, Domingos de Araújo, “Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo”, in *Hidalguia – La revista de Genealogia, Nobleza y Armas*, Ano VII, Nº 32 (Enero-Febrero) 1959, Madrid, pp.113-136;
- Alarcão, Jorge, “Tombo do Prior D. Afonso Esteves”, in *Revista Portuguesa de História*, Tomo IX, vol.I, 1964, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp.115-143;
- Alarcão, Jorge de; Amaral, Luís Carlos, *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV) – Mosteiro de São Salvador de Grijó*, Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, Câmara de Vila Nova de Gaia, 1986;
- Alexandre Herculano: um homem e uma ideologia na construção de Portugal – Antologia*, organização, prefácio e notas de Cândido Beirante e Jorge Custódio, Amadora, Livraria Bertrand, 1978;
- Almeida, Carlos A. Brochado de, “A “couraça nova” da vila de Melgaço: resultado de uma intervenção arqueológica na Praça da República”, in *Portugalia*, Nova Série, Vol. XXIV, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património-Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, pp.165-200;
- Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca: Comunidade e Património (1300-1317)*, 2 vols., Dissertação de Mestrado em Idade Média apresentada à FLUC, Coimbra, 2003;
- Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Barcelos/Porto-Lisboa, Portucalense Editora/Livraria Civilização Editora, 1967-1971;
- Almeida, Maria José Pérez Homem de, “San Salvador de Bravães: una encrucijada en el romanico português”, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, Ministério da Cultura/Delegação R. do Norte, 1984, pp.316-339;
- Alves, Lourenço, *Arquitectura religiosa do Alto Minho: Igrejas e capelas no Alto Minho do séc. XII ao séc. XVII*, Viana do Castelo, 1987;
- Alves, M., “Rio Mau”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, Lisboa, Editorial Verbo, 1974, p.643;

- Alves, M., “Vilela”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol.18, Lisboa, Editorial Verbo, 1976, p.1211;
- Amado, José de Sousa, *Historia da Igreja Catholica em Portugal, no Brasil e nas possessões portuguezas*, Tomo VI (Desde Eugénio IV-1431, até Alexandre VI-1503), Lisboa, Typographia de G. M. Martins, 1874;
- Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, Edição preparada por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Porto, Livraria Civilização, 1945;
- Amaral, Luís Carlos, *Formação e desenvolvimento do domínio da diocese de Braga no período da Reconquista (séculos IX-1137)*, Dissertação de Doutoramento em História (Hist. da Idade Média) apresentada à FLUP, Porto, 2007;
- Amaral, Luís Carlos, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994;
- Amaral, Luís Carlos; Alarcão, Jorge de, *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV) – Mosteiro de São Salvador de Grijó*, Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, Câmara de Vila Nova de Gaia, 1986;
- Anais, Crónicas e Memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, textos publicados com uma introdução por António Cruz, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1968;
- Andrade, Amélia Aguiar, *Um espaço urbano medieval: Ponte de Lima*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990;
- Andrade, Amélia Aguiar; Mattoso, José; Krus, Luís; “Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias”, in *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, pp.173-243;
- Andrade, Maria Filomena, “Entre Braga e Tui: uma fronteira diocesana de duzentos (o testemunho das inquirições)”, in *Revista da Faculdade de Letras - História*, Série II, Vol. XV – Tomo II, Porto, 1998, pp.77-98;
- Andrade, Maria Filomena, “O património dos mosteiros agostinhos segundo as Inquirições de 1220” in *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães*, Vol. VI, Edição da Câmara Municipal de Guimarães e da Universidade do Minho, 1996, pp. 132-145;
- Aniceto, Maria Emília; Pereira, Fernando Jasmins; Ferro, Maria José Pimenta, “Assistência na Idade Média”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.1, dir. de Fernando Jasmins Pereira (planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, 1980, pp. 635-661;
- Araújo, José Carlos Mendes, *São Tiago de Castelões: apontamentos para a sua história*, Edições Quasi, 2005;

- Araújo, Laurinda Fernandes de Carvalho, *Monografia de Santa Eulália de Rio Covo – Barcelos*, S. Julião de Freixo – Ponte de Lima, Edição da Autora em colaboração com o Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo, 1984;
- Armorial Lusitano*, direcção e coordenação de Afonso Eduardo Martins Zuquete com colaboração de António Machado Faria, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961;
- Argote, D. Jeronymo Contador de, *Memorias para a Historia ecclesiastica do arcebispado de Braga primaz das Hespanhas* dedicadas a el rey D. Joao V nosso senhor aprovadas pela Academia Real escritas pelo padre D. Jeronymo Contador de Argote clérigo Regular, Académico da mesma Academia, Título I da Geografia do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia antiga da Provincia Bracarense, Tomo Segundo, Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, MDCCXXXIV;
- As Gavetas da Torre do Tombo*, 12 vols., prefácio de A. da Silva Rego, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960-1977;
- Assumpção, Lino d', *Histórias de frades*, 1ª ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900;
- Atlas de cidades medievais portuguesas (sécs. XII-XV)*, Vol. I, coordenação de A. H. Oliveira Marques, Iria Gonçalves e Amélia Aguiar Andrade, Série História Medieval - 1, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1990;
- Azevedo, Carlos A. Moreira, “Bibliografia para a História da Igreja em Portugal (1961-1963)” in *Humanística e Teologia*, Tomo II, Fasc. 1, Janeiro - Abril de 1981, Instituto de Ciências Humanas e Teológicas do Porto, Braga, Oficinas Gráficas da Livraria Cruz, pp. 91-112;
- Azevedo, Carlos A. Moreira, “Porto, Diocese do” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. IV, dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2001, pp. 5-56;
- Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, vol. I, 1939;
- Azevedo, Padre Torquato Peixoto d', *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães* (manuscrito inédito do Autor datado de 1692), Porto, Typographia da Revista, 1845;
- Barreiros, Padre Manuel D'Aguiar, *Igrejas e capelas românicas da Ribeira Lima*, Porto, Ed. Marques de Abreu, 1926;
- Barroca, Mário Jorge, “A cruz do lugar das Marcas (Lousado), Vila Nova de Famalicão e o couto do mosteiro de Santo Tirso”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.4, Organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp.137-160;

- Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa: 862-1422 - Corpus epigráfico medieval português*, 3 volumes (divididos em 4 Tomos), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação Para a Ciência e a Tecnologia, 2000;
- Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”: questões entre o Porto e o mosteiro de Ancede relativas à venda de vinhos na Idade Média”, in *Douro: Estudos & Documentos*, Vol. 3, Nº5, Porto, Edição do GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), 1998, pp.49-87;
- Barros, Amândio Jorge Morais, “Tombo do mosteiro de Ancede [séc. XIV]”, in *Douro: Estudos & Documentos*, Ano 8, Nº16, Porto, Edição do GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), 2003, pp.217-308 (Ao longo do trabalho citado de forma abreviada por *Tombo do mosteiro de Ancede*);
- Barros, Henrique da Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*, Tomo II, 2ª edição dirigida por Soares, Torquato de Sousa, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1945;
- Barros, João de, *Geographia d’Entre Douro e Minho e Tras-os-Montes - Colecção de manuscritos inéditos agora dados à estampa*, V, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Tipografia Progresso de Domingos Augusto da Silva, 1919.
- Bártolo, Maria Regina Antunes, *Documentos da chancelaria de D. Fernando – 1370-1372 – Transcrição: Subsídios para o estudo da época fernandina*, Coimbra, Dissertação de Licenciatura em Ciências Históricas apresentada à FLUC, 1966;
- Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais do mosteiro de Santa Maria de Oliveira: um exemplo de resistência face às intimidações laicas em tempos medievos”, in *Revista de Ciências Históricas*, vol. XII, Porto, Universidade Portucalense, 1997, pp. 129-140;
- Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico do Entre Douro e Minho em finais da Idade Média*, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1996;
- Bastos, Maria Rosário da Costa, “Sixto da Cunha e a comenda do mosteiro de Santa Maria de Oliveira”, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão*, N.º 16, 1999, pp.11-19;
- Baubeta, Patricia Anne Odber de, *Igreja, pecado e sátira social na Idade Média Portuguesa*, tradução de Maria Teresa Rebelo da Silva, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997;
- Bellino, Albano, *Archeologia Christã: descrição histórica de todas as igrejas, capellas, oratórios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães*, (Publicação commemorativa do jubileu Universal do Ano Santo), Lisboa, Empreza da História de Portugal - Sociedade Editora, 1900;

- Bessa, Paula Virginia de Azevedo, *Pintura mural do fim da Idade Média e do início da Idade Moderna no Norte de Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História – Área de Conhecimento de História da Arte, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2007;
- Bessa, Paula Virginia de Azevedo, “D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da Igreja de S. Salvador de Bravães”, in *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, Série I, Vol. II, Porto, 2003, pp.757-781;
- Bessa-Luís, Agustina, *O mosteiro*, Lisboa, Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, 1980;
- Bettencourt, Olga; Mattoso, José; Krus, Luís, “As inquirições de 1258 como fonte da história da nobreza – o julgado de Aguiar de Sousa, in *Revista de História Económica e Social*, Nº 9 (Janeiro-Junho 1982), Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982, pp. 17-74;
- Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. VII – A igreja de S. Pedro de Ferreira*, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1937;
- Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. XV – S. Salvador de Travanca*, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1939;
- Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. XLIX – Igreja de Bravães*, Ministério das Obras Públicas, 1947;
- Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. 92 – Igreja de Freixo de Baixo - Amarante*, Lisboa, Ministério das Obras Públicas, 1958;
- Bonvin, Padre João-Marco, “A espiritualidade da Ordem de Santa Cruz”, in *Santa Cruz de Coimbra do Século XI ao Século XX - Estudos no IX Centenário do nascimento de S. Teotónio (1182-1982)*, Apresentação de António Cruz, Coimbra, 1984, pp.175-184;
- Braga, Alberto Vieira, “Curiosidades de Guimarães – VIII: Mortórios”, in *Revista de Guimarães*, Vol.52, fasc.3-4 (Jul.-Dez.), 1942, pp.155-226;
- Braga, Teófilo, *Contos tradicionais do povo português*, vol.1, 2<sup>a</sup> ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1994;
- Branco, Manuel Bernardes, *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, 3 Volumes, Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888;
- Brandão, Domingos de Pinho – “Teologia, Filosofia e Direito na Diocese do Porto, nos Sécs. XIV e XV - Alguns Subsídios Para o Seu Estudo”, in *Studium Generale*, Boletim do Centro de Estudos Humanísticos, vol.VII (número especial dedicado ao infante D. Henrique), Porto, 1960, pp.242-354;
- Brandão, Frei Francisco, *Monarquia Lusitana-Parte Sexta*, Ed. Fac-similada da Edição de 1672, Introdução de A. da Silva Rego e notas de A. A. Banha de Andrade, A.

- Dias Farinha, Eduardo dos Santos e M. Santos Alves, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980;
- Brandão, Maria Angelina de Castro Mendes de Pinho, *D. Jorge da Costa na Arquidiocese de Braga (1486 a 1501)*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996;
- Brandão, Mário, “Cartas de Frei Brás de Braga para os Piores do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra”, in *Estudos Vários*, vol.1, Coleção Acta Universitatis Conimbricensis, Universidade de Coimbra, 1972, pp.211-276;
- Caeiro, Francisco da Gama, “A assistência em Portugal no séc. XIII e os cónegos regrantes de Santo Agostinho”, in *A pobreza e a assistência aos pobres na Península Ibérica durante a Idade Média*, Actas das 1ª Jornadas Luso-espanholas de História Medieval, Lisboa, 25-30 de Setembro de 1972, Tomo I, Lisboa, 1973, pp.219-229;
- Caeiro, Francisco da Gama, *Santo António de Lisboa*, 2 volumes, Coleção Estudos Gerais-Série Universitária, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995;
- Caetano, Marcello, *História do direito português (sécs. XII-XIV)*, seguida de *Subsídios para a História das fontes do direito em Portugal no séc. XVI*, 4ª ed., com textos introdutórios e notas de Nuno Espinosa Gomes da Silva, Lisboa, Editorial Verbo, 2000;
- Caldas, João Afonso, *Monografia de S. João de Longos Vales – Monção*, Braga, 1975;
- Caldas, Padre António José Ferreira, *Guimarães: apontamentos para a sua história*, 2ª ed., Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães/Sociedade Martins Sarmiento, 1996;
- Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Piores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, pp.146-182;
- Campos, Nuno Silva, *D. Pedro de Meneses e a construção da Casa de Vila Real (1415-1437)*, Lisboa, Edições Colibri/Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora, 2004;
- Capela, José Viriato; Silva, António Joaquim Pinto da, *Vila Nova de Famalicão nas Memórias Paroquiais de 1758*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2001;
- Cardoso, P. Luiz, *Diccionario Geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrão, assim antigas, como modernas*, 2 Tomos, Lisboa, na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1747-1751;

- Cardoso, Jorge, *Agiológio Lusitano*, 4 Tomos, Edição fac-similada da primeira edição (1652-1666), com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002;
- Carneiro, Bernardino Joaquim da Silva, *Documentos comprovantes de alguns pontos de doutrina dos elementos do direito ecclesiastico portuguez*, 3ª ed. revista e melhorada pelo Dr. José Pereira da Paiva Pitta, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896;
- Carvalho, José Vieira de, *O Mosteiro de S. Salvador de Moreira – Instituição Valorizadora da Terra da Maia*, Maia, 1969;
- Carvalho, J. Vaz de, “Agostinho (Regra de Santo)”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. I, Lisboa, Editorial Verbo, 1963, pp.702-703;
- Carvalho, J. Vaz de, *História breve dos concílios ecuménicos*, Lisboa, Editorial Verbo, 1962;
- Carvalho, Sérgio Luís de, *Assistência e medicina no Portugal medieval*, Edição do Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995;
- Castro, Armando de, “Padroados” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, dir. de Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, Porto, s/d, p.511
- Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa: Extinção da Ordem de Santo Agostinho e sua substituição pela de S. Jeronymo”, in *Revista de Guimarães*, Vol. III - Nº 2 (Abril-Junho de 1886), Sociedade Martins Sarmiento, pp.102-112;
- Castro, Maria de Fátima, *O mosteiro de Landim: contributos para o estudo da propriedade eclesiástica*, Edição da Autora, 1995;
- Castro, Padre José de, *Bragança e Miranda (Bispado)*, 4 volumes, Porto, 1946;
- Castro, Padre José de, *Portugal em Roma*, 2 vols., Lisboa, União Gráfica, 1939;
- Castro, Padre José de, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. I, Lisboa, União Gráfica, 1944;
- Catálogo do Leilão “Biblioteca Eugénio da Cunha e Freitas- Parte II”*, organização de Pedro de Azevedo, leitura paleográfica de Susana Tavares Pedro, Lisboa, 2010;
- Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, coord. de Aires Augusto Nascimento e José Francisco Meirinhos, BPMP, 1997;
- Censual do Cabido da Sé do Porto*, (Códice membranáceo existente na Biblioteca do Porto), introdução de João Grave, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924;

- Censual da Sé de Lamego (Século XVI)*, leitura, transcrição e notas de A. de Almeida Fernandes, Arouca, Associação da Defesa do Património Arouquense/Câmara Municipal de Lamego, 1999;
- Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, Edição preparada por A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984;
- Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, 3 vols., edição preparada por A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1990-1992;
- Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435) e Tomo 2 (1435-1438), edição organizada por João José Alves Dias, Lisboa, Centro de Estudos Históricos - Universidade Nova de Lisboa, 1998;
- Chancelarias Portuguesas – D. João I*, 4 Volumes, Organização de João José Alves Dias, Transcrição de José Jorge Gonçalves, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2004-2006;
- Chartularium Universitatis Portugalensis*, 12 volumes, Documentos coligidos e publicados por A. Moreira de Sá/Francisco da Gama Caeiro, Lisboa, Instituto de Alta Cultura/Instituto Nacional de Investigação Científica, 1966 - 1995;
- Chorão, Maria José Mexia Bigotte, “Mosteiros” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. III, dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2001, pp.274-279;
- Chronica do muyto alto e muyto poderoso rey destes reynos de Portugal Dom João o III deste nome* dirigida ha C.R.M. D’El Rey Dom Filippe o III, composta por Francisco D’Andrada do seu Conselho e seu chronista mor – 4 Partes, 2ª ed., Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1796;
- Coelho, Maria Helena da Cruz, “A população e a propriedade na região de Guimarães durante o século XIII” in *Homens, Espaços e Poderes (sécs. XI-XVI)*- vol. I - *Notas do Viver Social*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, pp.139-169 e também in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, pp.493-523;
- Coelho, Maria Helena da Cruz, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, (Colecção Estudos Gerais- Série Universitária), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2 vols., 1989;
- Coelho, Maria Helena da Cruz, “Os mosteiros medievais num tempo de hospedar e de caridade”, in *Codex Aquilarensis*, Cuadernos de Investigación de Santa Maria la Real, nº 6, Julho de 1992, Aguilar de Campoo;



- Coelho, Maria Helena da Cruz, “Receitas e despesas do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1534-1535” in *Homens, Espaços e Poderes (sécs. XI-XVI)* -vol. II – *Domínio Senhorial*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, pp.93-171;
- Coelho, Maria Helena da Cruz, “S. João de Tarouca em tempo de quinhentos” in *Homens, Espaços e Poderes (sécs. XI-XVI)* -vol. II – *Domínio Senhorial*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, pp.173-220;
- Coelho, Maria Helena da Cruz; Santos, Maria José Azevedo, *De Coimbra a Roma uma viagem em meados de quinhentos*, Coimbra Editora, Limitada, 1990;
- Coimbra, Artur Ferreira, *Fafe: Apontamentos de História Local*, Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 2003;
- Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza que neste anno de 1726 se compuzerão e se imprimirão por ordem dos seus censores, dedicada a El Rey Nosso Senhor, seu Augustissimo protector, e ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, secretario da mesma Academia, Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real*, 1726;
- Constituições que fez ho Senhor Dom Dioguo de Sousa Bispo do Porto. As quais foram publicadas no Sínodo que celebrou na dita cidade a vinte e quatro de Agosto de mil e quatrocentos e noventa e seis anos*, in “Bibliotheca Portucalensis” – Colectânea de Estudos da Biblioteca Municipal do Porto, direcção de António Cruz, Porto, Vol. I, 1957;
- Constituições que fez ho Senhor Dom Dioguo de Sousa B[is]po do Porto*, edição em fac-símile do incunábulo da Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa da Fundação da Casa de Bragança, com prólogo de Manuel Cadafaz de Matos, introdução de Antonio García y García, leitura diplomática e aparato crítico de Isaias da Rosa Pereira, Lisboa, Edições Távola Redonda/Centro de Estudos de História do Livro e da Edição, 1997;
- Cordeiro, Padre António, *Historia Insulana das ilhas a Portugal sugeitas no Oceano Occidental*, Vol.I, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866;
- Corpo Diplomatico Portuguez contendo os actos e relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do Mundo desde o seculo XVI ate aos nossos dias*, publicado de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Luiz Augusto Rebello da Silva/Jayme Constantino de Freitas Moniz, 12 Tomos, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1862-1902;
- Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipali Portucalensi asservantur antiquissorum iussu curiae municipalis editum. Diplomata et Inquisitiones, volumen I, Portucale Typis Portugalensibus, MDCCCXCI* (1891);

- Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Roriz*, (Coleção de Guias do Património Cultural do Concelho de Santo Tirso – 2), Edição da Câmara Municipal de Santo Tirso e do Museu Municipal Abade Pedrosa, 1997;
- Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, 2 Vols (Vol. I- Estudo; Vol. II-Apêndices), Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009;
- Correia, Fernando Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso: o perfil jurisdicional dos seus abades – Estudo e documentação*, Dissertação de pós-doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, s.d. (2009?);
- Cortes portuguesas: reinado de D. Fernando I (1367-1383)*, 2 volumes, organização de A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990-1993;
- Cortesão, Jaime, *Portugal: a terra e o homem*, Coleção Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987;
- Costa, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular, - Hydrographico, historico, orographico, biographico, archeologico, heraldico, etymologico*, Vol. VIII, Porto, Livraria Civilização, 1943;
- Costa, António Carvalho da, *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, 3 Tomos, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712;
- Costa, António Domingues de Sousa, *Cónegos Regrantes* in “Dicionário de História de Portugal”, vol. II, dir. de Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, s/d, pp.149-151.
- Costa, António Domingues de Sousa, “D. Gomes, reformador da abadia de Florença, e as tentativas de reforma dos mosteiros portugueses no século XV”, in *Studia Monastica*, Vol.V-Fasc.1, Abadia de Montserrat, 1963, pp. 59-164;
- Costa, António Domingues de Sousa, *O Infante D. Henrique na expansão portuguesa: (do início do reinado de D. Duarte até à morte do Infante Santo)*, Braga, Editorial Franciscana, 1960;
- Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesa*, Vol I - Estampas, 5ª ed., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - Instituto de Paleografia e Diplomática, 1990;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho (Antecedentes da Diocese de Viana do Castelo)”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto* (1 a 5 de Setembro de 1981), Vol. I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, pp. 69-240;

- Costa, Padre Avelino de Jesus da, “A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média”, in *Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de Historia Ecclesiastica*, Tomo II, Lisboa, 1957, pp.7-49;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Braga, Arquidiocese de”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.3, Fascículos 26-28, dir. de Fernando Jasmins Pereira (obra planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, 1984, pp.128-200;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, “D. Diogo de Sousa: novo fundador de Braga e grande Mecenas da Cultura”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz de Braga nos 900 anos da dedicação da Catedral* (Braga, 4-5 de Maio de 1990), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp. 15-117;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos da Colegiada de Guimarães”, in *Revista Portuguesa de História*, Nº 3, Coimbra, 1947;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto (Homenagem ao abade Tagilde)”, in *Estudos de Cronologia-Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*, Porto, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 1993, pp.270-285;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3ª ed., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1959;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, "O culto mariano em Portugal e, sobretudo, em Braga, Coimbra e Lisboa, nos sécs. XII a XV", in *Actas do XIV Congresso Mariano Internacional*, (De cultu Mariano saeculis XII-XV, Acta Congressus Mariologici-Mariani Internationalis, Romae Anno 1975 Celebrati), Vol. III (De cultu Mariano in Nationibus et in Ordinibus Religiosis), Roma, Pontificia Academia Mariana Internacional, 1979, pp. 301-344;
- Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Terra da Nóbrega e Concelho de Ponte da Barca - Subsídios para a sua história”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, Vol. I, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998;
- Costa, Francisco Barbosa da, *Notícia histórica da freguesia de S. Mamede de Serzedo*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia/Junta de Freguesia de Serzedo, 2000;
- Costa, Francisco Barbosa da, *Notícia histórica da freguesia de S. Salvador de Perosinho*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia/Junta de Freguesia de Perosinho, 2000;

- Costa, Francisco Barbosa da, *S. Félix da Marinha: Notas monográficas*, Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia-Junta de Freguesia de S. Félix da Marinha, 2000;
- Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vols. 1 a 4 (Vol. I - Idade Média: A Mitra e o Município; Vol. II - Idade Média: paróquias e conventos; Vol. III - Renascimento I; Vol. IV - Renascimento II, Lamego), 1977-1984;
- Costa, Maria Antonieta Moreira da, “Nepotismo e poder na arquidiocese de Braga (1245-1374)”, in *Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa*, Tomo XVII, 2ª Série, Lisboa, 2005, pp.117-140;
- Costa, Maria Antonieta Moreira da; Ribeiro, João Carlos Taveira; Rodrigues, Ana Maria S. A.; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *Os capitulares bracarense (1245-1374): notícias biográficas*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005;
- Costa, Marisa, “A igreja de São Cristóvão de Rio Mau”, in (Separata do) *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova série, Ns. 15/16 (Dezembro de 1995), pp. 1-20;
- Coutinho, B. Xavier, *Ensaio IV – Apontamentos de História Moderna e Contemporânea*, Porto, Livraria Fernando Machado, 1976;
- Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, Edição do Autor, 1988;
- Crasbeck, Francisco Xavier da Serra, “Catalogo dos Religiosíssimos DD. Abbades do antigo Mosteiro de S. Maria de Guimaraens de Religiosos, e Religiosas de S. Bento, e dos illustrissimos DD. Priores do mesmo Mosteiro, e da insigne, antiga, e Real Collegiada desta Villa, conservada com o titulo, de N. S. da Oliveira. Feito Pelos documentos, que se achão no Cartorio da dita Collegiada, e com as memorias do illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano de Sousa, Pro-Commissario geral Apostolico da Bulla da Cruzada, do Conselho de Sua Magestade, e Censor da Academia Real, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeck, sendo Corregedor da Comarca de Guimaraens, e Academico Supranumerario no anno de 1725” in *Collecçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, que neste anno de 1726 se compuzerão, e se imprimirão por ordem dos seus Censores, dedicada a el Rey Nosso Senhor, seu Augustissimo Protector, e ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia, Lisboa Occidental, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, MDCCXXVI;
- Cronica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente dos conegos regrantes: da hordem do aurelio doctor Sancto Augustinho em a cidade de Lixboa* (reprodução facsimile da edição ordenada por D. João III e impressa em Coimbra em 1538), Porto, Imprensa Portuguesa, 1873;

- Crónica de cinco reis de Portugal seguida da parte da Crónica Geral de Espanha que insere as Histórias dos reis de Portugal*, Vol. I, Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, Porto, Livraria Civilização-Editora, 1945;
- Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1938;
- Cruz, António, “O mosteiro de Souto. Um cenóbio medieval de Guimarães ao serviço da terra e do homem”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada (850 aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Guimarães, Vol. III, 1981, pp. 85-104;
- Cunha, Maria Cristina Almeida, *A comenda de Oriz da Ordem de Avis*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Vol. XL, Braga, 1989;
- Cunha, Maria Cristina Almeida, “Da “capsa” à “biblioteca”: a localização dos livros na biblioteca medieval” in *Da Memória do Mundo*, Vol.I, Porto, Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996, pp.115-119;
- Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, João Rodriguez impressor, Porto, 1623;
- Cunha, D. Rodrigo da, *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, Reprodução Fac-similada com nota de apresentação de José Marques, 2 volumes, Braga, 1999;
- Dias, Augusto, *Santa Maria de Cárquere*, Porto, Edições “Beira e Douro”, 1976;
- Dias, Geraldo José Amadeu Coelho, “A Regra de S. Bento, Norma de Vida Monástica: sua problemática moderna e edições em Português”, in *Revista da Faculdade de Letras -História*, III série, Vol.3, Porto, Universidade do Porto, 2002, pp.9-48;
- Dias, Geraldo José Amadeu Coelho, “Na variedade dos foros, a singularidade dos coutos beneditinos. Generosidade régia e poder monástico”, in *Actas do 2º Congresso Histórico de Guimarães (D. Afonso Henriques e a sua época)*, Edição da Câmara Municipal de Guimarães e da Universidade do Minho, 1996, vol. IV, pp. 331-345;
- Dias, Geraldo José Amadeu Coelho, “O Mosteiro de São Salvador: Os Crúzios em Moreira da Maia: História e Arte” in *O Mosteiro Crúzio de Moreira -História, Arte e Música*, Paróquia de Moreira da Maia, 2000, pp. 25-48;
- Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal, (Séculos XVI a XVIII)*, 2 Vols., Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos - Universidade de Coimbra, 1960;
- Dictionnaire Universel et complet des Conciles tant généraux que particuliers, des principaux Synodes Diocésains, des autres Assemblées Ecclésiastiques les plus remarquables, composé sur les grandes collections de Conciles les plus estimees, et a l'aide des travaux de D. Ceillier, Du P. Richard, des Auteurs de l'histoire*

*de l'église gallicane, et des autres Histoires de l'église les plus célèbres, soit anciennes soit modernes, soit françaises soit étrangères*; rédigé par M. l'abbé Ad.-Ch. Peltier auteur de M. Lamennais réfuté par lui-même, et de la défense de l'ordre surnaturel; publié par M. l'abbé Migne, Éditeur de la Bibliothèque Universelle du Clergé, ou des cours complets sur chaque branche de la Science Ecclésiastique, 2 Volumes, Paris, 1847;

*Dicionário da Idade Média*, organizado por Henry R. Loyn, 2ª ed., tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1997;

*Dicionário enciclopédico das freguesias*, volumes 1 a 3, Matosinhos, Minha Terra, 1997;

Dinis, Manuel Vieira, *Ermidas e capelas de Paços de Ferreira*, 1ª ed, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1985;

*Documentos dos primeiros oito concílios ecuménicos*, tradução de Monsenhor Otto Skrzypczack, introdução de Urbano Zilles, Coleção Teologia -19, Porto Alegre, Edipucrs, 1999;

*Documentos Medievais Portugueses - Documentos Régios (A.D. 1095-1185)*, texto, introdução diplomática e notas por Rui Pinto de Azevedo, vol. I, Tomo I, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1958;

Duarte, Luís Miguel, *Justiça e criminalidade no Portugal medievo (1459-1481)*, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999;

Faria, Emília Nóvoa; Martins, António, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, Edição dos Autores, 2002;

Faria, João Lopes de, "Arquivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos", in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913;

Fernandes, Aires Gomes, "As relações entre a Coroa e o mosteiro de S. Jorge de Coimbra em tempos medievos", in *Lusitania Sacra*, 2ª série, Tomo XVII, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005, pp. 331-376.

Fernandes, Aires Gomes, "Guerras de pão e vinho em mosteiros medievais" in *Crenças, Religiões e Poderes: Dos indivíduos às sociabilidades*, org. de Vítor Oliveira Jorge e José M. Costa Macedo, Porto, Edições Afrontamento, 2008, pp.357-365;

Fernandes, Aires Gomes, "No interromper da oração ou o perturbante reflexo da guerra nalguns mosteiros", in *A guerra e a Sociedade na Idade Média – Actas das VI Jornadas Luso-espanholas de estudos Medievais*, Vol. I, organização da SPEM (Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais), coordenação da Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, Doutor Saul António Gomes e Doutor António Manuel Ribeiro Rebelo, Campo Militar de S. Jorge -Porto de Mós – Alcobaça - Batalha, 2009, pp.309-321;

- Fernandes, Aires Gomes, *S. Salvador de Moreira da Maia: venturas e desventuras de um mosteiro no século XIV*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004;
- Fernandes, M. Antonino, *Matrículas dos Ordinandos da Mitra de Braga (1430-1588)*, Tomo I, Ponte de Lima, Edições Carvalhos de Basto, 2002;
- Fernandes, Maurício Antonino, *Felgueiras de ontem e de hoje*, Felgueiras, Câmara Municipal de Felgueiras, 1989;
- Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Guimarães “Duas Vilas, Um Só Povo”. Estudo De História Urbana (1250-1389)*, prefácio de Humberto Baquero Moreno, Braga, co-edição do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória) e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho com o apoio do CCHS/NARQ, 2010;
- Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Uma rua de elite na Guimarães medieval (1376-1520)*, Guimarães, Edição da Câmara Municipal de Guimarães em colaboração com a Sociedade Martins Sarmiento, 1989;
- Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da cidade do Porto (Fastos Episcopales e Politicos) Séc. VI-Sec. XX*, 2 Tomos, Braga, Cruz & Companhia-Editores / Livraria Cruz, 1923-1924;
- Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira (Em comemoração do XVI centenário da promulgação do Edicto de Milão)*, Collecção “Ciência e Religião” – Vol. LXXX, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora de José Pereira de Castro, 1913;
- Ferreira, Monsenhor José Augusto, “A igreja de S. Cristovam de Rio Mau”, in *O Archeologo Português: Collecção Illustrada de Materiaes e Noticias publicada pelo Museu Ethnologico Português*, Vol. XIV (Janeiro a Agosto de 1909 – Ns. 1 a 8), Lisboa, Imprensa Nacional, 1909, pp.73-84;
- Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III - Séc. XX)*, Tomo II, Edição da Mitra Bracarense, 1930;
- Ferreira, Monsenhor José Augusto, *Origens do christianismo na Peninsula Hispanica – A villa de Rates, sua igreja e seu mosteiro*, Colecção “Sciencia e Religião” – LXXVI, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora de José Pereira de Castro, 1912;
- Ferreira, Jôsiel Santos, *Os frades menores na baixa Idade-Média: algumas reflexões sobre o pecado, tentações e imaginário diabólico*, Dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à FLUC, Coimbra, 2008;
- Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros na arquidiocese de Braga sob D. Fr. Bartolomeu dos Mártires”, in *Actas do II Encontro sobre*

- História Dominicana*, Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português, 1987, pp.161-206;
- Ferro, Maria José Pimenta; Pereira, Fernando Jasmins; Aniceto, Maria Emília, “Assistência na Idade Média”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.1, dir. de Fernando Jasmins Pereira (planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, 1980, pp. 635-661;
- Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada: Theatro Geographico Historico de la Iglesia de Espana – origen, divisiones, y limites de todas sus provincias, antiguedad, traslaciones y estado antiguo, y presente de sus Sillas con algunas dissertaciones criticas*, Tomo XXI (contiene la Iglesia de Porto, de la Galicia antigua, desde su origen hasta hoy), 2ª ed., Madrid, En la Oficina de La Viuda é Hijo De Marin, 1797;
- Florez, Fr. Henrique, *Espana Sagrada: Theatro Geographico Historico de la Iglesia de Espana – origen, divisiones, y limites de todas sus provincias, antiguedad, traslaciones y estado antiguo, y presente de sus Sillas con varias dissertaciones criticas*, Tomo XVII: *De la Santa Iglesia de Orense en su estado antiguo y presente*, Madrid, En la Oficina de Antonio Marin, 1763;
- Franco, Isabel Maria M. Alves Pedrosa, *Antroponímia e sociabilidade através dos “pergaminhos” do Cabido da Sé do Porto (século XIV)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2006;
- Franzen, August, *Breve storia della chiesa*, 5ª ed., Brescia, Editrice Queriniana, 1982;
- Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, 3ª ed. (Edição fac-similada da 2ª, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921-1930), 3 vols., apresentação e apêndices de Luís Bívar Guerra, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996;
- Freitas, Eugénio Andrea da Cunha e, “As comedorias de S. Simão da Junqueira nos séculos XIII e XIV”, in *Actas do 17º Congresso Internacional das Ciências Genealógica e Heráldica* (Genealogica & Heraldica – Lisboa, 7 a 13 de Novembro de 1986), Lisboa, Instituto Português de Heráldica, 1989, pp. 107-111;
- Freitas, Eugénio Andrea da Cunha e, *Gerações Medievais portuguesas: cavaleiros e escudeiros do Casal*, Separata dos “Anais”, II Série, Vol. 12, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1962, pp. 199-207;
- Freitas, Eugénio Andrea da Cunha e, “Memórias para a história das freguesias de S. Simão da Junqueira e de Santo André de Parada”, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova Série, Nº 13, Junho de 1994, pp.25-31;
- Freitas, Eugénio de Andrêa da Cunha e, “O mosteiro de S. Simão da Junqueira: Padroeiros, herdeiros e naturais. Uma nota à margem do Livro de Linhagens do Conde D. Pedro: da verdadeira origem dos de Cunha”, in *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Braga, Universidade Católica



Portuguesa/ Faculdade de Teologia de Braga/ Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, Vol. I, pp. 679-688;

*Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843;

Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomos 1 a 28, Impressão diplomática do original manuscrito, existente na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, Propriedade e edição de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso, Braga, 1938-1941;

Genicot, Léopold, *Linhas de rumo da Idade Média*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1963;

Gomes, J. Pinharanda, “O episcopado portuense (1536-1550) de D. Frei Baltazar Limpo, O. Carm.”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol.I, Porto/Arouca, 2002, pp.431-450;

Gomes, Saul António, “A chancelaria de um ínclito infante português de quatrocentos: D. Fernando (+1443)”, in *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, Coimbra, Nova série, Nº8-9, 2007, pp.249-291;

Gomes, Saul António, “A chancelaria do mosteiro de S. Vicente de Fora de Lisboa nos séculos XII e XIII: subsídio para o seu conhecimento”, in *Summus philologus necnon verborum imperator – Colectânea de estudos em homenagem ao Académico de Mérito Professor Dr. José Pedro Machado no seu 90º aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, pp.163-213;

Gomes, Saul António, “A memória dos fiéis defuntos no obituário da Sé de Lamego”, in *Biblos*, Vol. LXXII, 1996, pp.149-174;

Gomes, Saul António, “A relevância do monaquismo vilacondense na história das ordens religiosas em Portugal” in *Actas do 2º Encontro de História de Vila do Conde (Vila do Conde: 1050 anos de História – A memória dos séculos monásticos)*, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2004, pp.113-145;

Gomes, Saul António, “A religião dos clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural - Os cónegos regrantes de Santo Agostinho” in *História Religiosa de Portugal*, vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, coordenação de Ana Maria C. M. Jorge e Ana Maria S. A. Rodrigues, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2000, pp.362-366;

Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004;

- Gomes, Saul António, “As ordens mendicantes na Coimbra Medieval: notas e documentos”, in *Lusitânia Sacra*, 2ª Série, Tomo X, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa-Universidade Católica Portuguesa, 1998, pp. 149-215;
- Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, in *Lusitânia Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa*, Tomo XVII, 2ª Série, Lisboa, 2005, pp. 183-225;
- Gomes, Saul António, “Cónegos Regrantes de Santo Agostinho”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp.429-434;
- Gomes, Saul António, “Cónegos Regulares de Santa Cruz”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp.435-438;
- Gomes, Saul António, “Coimbra e Santiago de Compostela: aspectos de um inter-relacionamento nos séculos medievos”, in *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXXIV, Coimbra, 2000, pp.453-490;
- Gomes, Saul António, “D. Gomes Eanes e a capela de Santo André e dos Cinco Mártires de Marrocos do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra”, in *Arquivo Coimbrão – Boletim da Biblioteca Municipal*, Vol. XXXV, Coimbra, 2002, pp. 439-540;
- Gomes, Saul António, “Demografia eclesiástica, I – Idade Média”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. II, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp.43-47;
- Gomes, Saul António, "Diocesanos Bracarenses de Quatrocentos nas Matrículas de Ordens Sacras da Sé de Coimbra", in *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Congresso Internacional, Braga, Universidade Católica Portuguesa e Cabido Metropolitano de Braga, Vol. 2/1, 1990, pp. 557-587;
- Gomes, Saul António, *Documentos medievais de Santa Cruz de Coimbra: I- Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Separata de “Estudos Medievais”, Porto, Centro de Estudos Humanísticos / Secretaria de Estado da Cultura – Delegação Regional do Norte, 1988;
- Gomes, Saul António, “Embaixadores de Portugal junto da Santa Sé”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. II, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp. 103-110;
- Gomes, Saul António, “Fragmentos codicológicos de um obituário primitivo do mosteiro de Santa Cruz”, in *Humanitas*, Vol. 56, 2004, pp.383-399;
- Gomes, Saul António, *In Limine Conscriptioes: documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra – Séculos XII a XV*, Viseu, Palimage Editores, 2007

- Gomes, Saul António, “O papado e as Ordens religiosas no Portugal Medieval – breves notas de investigação, in *Poder Espiritual/Poder temporal: As relações Igreja-Estado no tempo da Monarquia (1179-1909)* – Actas do Colóquio, coordenação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Reis, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2009, pp.213-242;
- Gomes, Saul António, *O mosteiro de Santa Maria da Vitória no século XV*, Série Subsídios para a História da Arte Portuguesa – XXXIII, Coimbra, Instituto de História da Arte – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990;
- Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, in *Actas do III Congresso Histórico de Guimarães (D. Manuel e a sua época - realizado entre 24 e 27 de Outubro de 2001)*, Vol.II, Câmara Municipal de Guimarães, 2004, pp.255-281;
- Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cônegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol. IV, organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp. 329-348;
- Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, Separata da *Lúmen*, Fasc. 5, Ano III, Maio 1939 (artigo também compilado em *Estudos de História da Arte Medieval*, Coimbra, Epartur – Edições Portuguesas de Arte e Turismo, 1980, pp. 143-151);
- Gonçalves, Sandra, “O julgado de Monte Longo nas Inquirições (1220 e 1258)”, in *Dom Fafes – Revista Cultural*, N.º 8/9, Ano VIII (2002), Fafe, Câmara Municipal de Fafe, 2002, pp. 11-126;
- Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil: “A-presentação” e “Re-presentation”*, Leomil, Câmara Municipal de Moimenta da Beira e Casa do Povo de Leomil, 2004;
- Guia de Portugal, Vol- IV – Entre Douro e Minho, Tomo II: Minho*, 3ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1996;
- Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), “Arquivo da Collegiada de Guimarães”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XXII - Nº 3-4 (Julho-Dezembro de 1905), pp.135-152; Vol. XXIII - Nº 3-4 (Julho-Dezembro de 1906), pp.133-142; Vol. XXV - Nº 1 (Janeiro-Março de 1908), pp.5-29
- Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos dos séculos XII-XV relativos ao mosteiro do Salvador de Souto*, Porto, 1896;
- Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra: Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure*, edição crítica de textos latinos, tradução, estudo introdutório

- e notas de comentário de Aires Augusto Nascimento, Lisboa, Edições Colibri, 1988;
- Heers, Jacques, *Festas de loucos e carnavais*, Coleção Anais - Biblioteca de História, Nº6, Lisboa, Publicações Dom Quixote, s.d.;
- Henriques, Nuno Gorjão; Henriques, Miguel Gorjão, *Gorjão Henriques*, vol. I, Lisboa, Dislivro, 2006;
- Herculano, Alexandre, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, 2 Vols. (Volumes 18 e 19 da coleção “As melhores obras de Alexandre Herculano”), Círculo de Leitores, 1987;
- Historia de los concilios generales celebrados en la Cristiandad, y recopilacion de sus principales disposiciones* por Don Pio de La Sota, Tomo II, Madrid, Establecimiento Tipografico de Don Francisco de P. Mellado, 1858;
- Historia de S. Domingos Particular do Reino e conquistas de Portugal por Fr. Luís Cagegas da mesma Ordem e Provincia, e chronista d’ella Reformada em estilo e ordem, e amplificada em sucessos e particularidades por Fr. Luis de Sousa, filho do convento de Bemfica*, 3ª ed., 6 volumes, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866;
- História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa*, Tomo I, introdução de Durval Pires de Lima, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950;
- Histoire du clergé seculier et regulier, Des Congregations de Chanoines & de Clercs, & des Ordres Religieux de l’un & de l’autre sexe, qui ont été établis jusques à present...*, Nouvelle edition, Tome Premier, A Amsterdam chez Pierre Brunel, 1716;
- Homem, Armando Luís de Carvalho, “Dionisius et Alfonsus, Dei Gratia Reges et Communis Utilitatis Gratias Legiferi” in *Revista da Faculdade de Letras – História*, II Série, Vol. XI, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, pp. 11-110;
- Horto do Esposo*, edição de Irene Freire Nunes com colaboração de Margarida Santos Alpalhão, Paulo Alexandre Pereira e Joaquim Segura, coordenação de Hélder Godinho, estudos introdutórios de Ana Paiva Morais e Paulo Alexandre Pereira, Edições Colibri, 2007;
- Índice e sumários por ordem cronológica de todos os documentos de interesse geral histórico, desde os mais antigos, até o ano de 1847, existentes no Arquivo Municipal do Pôrto* (Mandados organizar em sessão da Câmara Municipal, de 8 de dezembro de 1915, sob proposta do Exmo. Vereador Joaquim Gomes de Macedo), Porto, Tipografia da “Renascença Portuguesa”, 1916;
- “Inquérito Paroquial de 1842” in *Revista de Guimarães*, Vol. 108, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1998;

- Janotti, Aldo, *Origens da Universidade: A singularidade do caso português*, 2ª ed., São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1992;
- Jordão, Maria Levy, *Memoria Historica sobre os Bispados de Ceuta e Tanger*, Lisboa, Na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858;
- Jordão, Levy Maria (Visconde de Paiva Manso), *Historia Ecclesiastica Ultramarina, Tomo I – Africa Septentrional: Bispados de Ceuta, Tanger, Safim e Marrocos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1872;
- Júnior, Arménio Alves da Costa, *O mosteiro de Rio Covo à luz do Breviário de 1514 – Estudo analítico do temporal*, (Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992;
- Krus, Luís; Bettencourt, Olga; Mattoso, José, “As inquirições de 1258 como fonte da história da nobreza – o julgado de Aguiar de Sousa, in *Revista de História Económica e Social*, Nº 9 (Janeiro-Junho 1982), Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982, pp. 17-74;
- Krus, Luís; Andrade, Amélia Aguiar; Mattoso, José, “Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias”, in *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, pp.173-243;
- Lawrence, C.H., *El monacato medieval: formas de vida religiosa en Europa occidental durante la Edad Media*, version espanhola de Javier Miguélez Garcia, Editorial Gredos – Monografias Históricas, Madrid, 1999;
- Le Cartulaire Baio-Ferrado du monastère de Grijó (XI-XIII siècles)*, introduction et notes de Robert Durand, (Coleção Fontes Documentais Portuguesas – II), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1971;
- Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno, diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, biographico e etymologico*, 12 vols., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1873-1890;
- Leite, António I. L. Lobo, “Sentença do padroado de Santa Comba, de 1596, a favor de António Ribeiro, Maria da Costa, Catarina da Costa e Ana da Costa (Peixoto)” in *Dom Fafes - Revista Cultural*, Ano VI, Nº 6, Câmara Municipal de Fafe, 1999, pp.89-95;
- Leite, António I. L. Lobo, “Mais documentação (Sécs.: XVII e XVIII referente à igreja paroquial de Santa Comba de Fornelos e ao seu padroado leigo hereditário”, in *Dom Fafes- Revista Cultural*, Ano VII, Nº 7, 2000, Câmara Municipal de Fafe, pp.91-114;
- Lencastre, José de, *A vitivinicultura através de alguns documentos medievais de arquivos portugueses (sécs. XI a XV) – Subsídios para um estudo*, Anais do Instituto do Vinho do Porto, Edição do Instituto do Vinho do Porto, 1953;

- Lira, Sérgio, “O mosteiro de S. Simão da Junqueira de Vila do Conde”, in *Actas do 2º Encontro de História de Vila do Conde* (Vila do Conde: 1050 anos de História – A memória dos séculos monásticos), Câmara Municipal de Vila do Conde, 2004, pp.161-174;
- Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, 2 Vols., Coleção História local – Ns. 8 e 9, Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002;
- Livro das constituicoens e costumes que se guardam em os Moesteyros da congregacam de sancta Cruz de coimbra, dos Canonicos regulares da ordem de nosso Padre sancto Augustinho*, 1544;
- Livro das Leis e Posturas*, Prefácio de Nuno Espinosa Gomes da Silva, leitura paleográfica e transcrição de Maria Teresa Campos Rodrigues, Lisboa, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1971;
- Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, Portugaliae Monumenta Historica - Nova Série, 2 vols., ed. crítica por José Mattoso, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1980;
- Livro das Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal: 1574*, introdução de Joaquim Veríssimo Serrão, Coleção Fontes Documentais Portuguesas – III, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1971;
- Livro em que se contém a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, India e ilhas adjacentes e outras particularidades*, ordenado por Luiz de Figueiredo Falcão, secretario de el-rei Filippe II copiado fielmente do manuscripto original e impresso por ordem do Governo de Sua Magestade, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859;
- Livros Velhos de Linhagens*, Portugaliae Monumenta Historica - Nova Série, Vol. I, edição crítica por Joseph Piel e José Mattoso, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1980;
- Livro Verde da Universidade de Coimbra*, apresentação de Manuel Augusto Rodrigues, nota prévia, transcrição e índices de Maria Teresa Nobre Veloso, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1992;
- Macedo, José Adílio Barbosa, *O clero e a sua formação – De Jesus ao concílio de Trento*, Edição do Autor, Braga, 1997;
- Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *O cabido de Braga no tempo de D. Dinis (1278-1325)*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003;
- Maciel, Maria Justiniana Pinheiro; Rodrigues, Ana Maria S. A.; Ribeiro, João Carlos Taveira; Costa, Maria Antonieta Moreira da, *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005;

- Machado, Diogo Barbosa de, *Bibliotheca Lusitana historica, critica, cronologica, na qual se comprehende a noticia dos Autores Portuguezes, e das Obras, que compuzerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, Tomo III, Lisboa, Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1752;
- Machado, J. T. Montalvão, *Itinerários de El-Rei D. Pedro I (1357-1367)*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1978;
- Machado, J. T. Montalvão, “Um frade de Chaves, em Guimarães”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, pp.263-276;
- Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVI, Ns. 3-4 (Julho-Dezembro de 1936), pp.184-204; Vol. XLVII, Ns. 1-2 (Janeiro-Junho de 1937), pp. 95-99; Vol. XLVII, Ns. 3-4 (Julho-Dezembro de 1937), pp.241-256; Vol. XLVIII, Ns. 1-2 (Janeiro-Setembro de 1938), pp. 43-63; Vol. XLVIII, N. 4 (Outubro-Dezembro de 1938), pp. 245-276, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento;
- Marçal, Horácio, *Vilar do Pinheiro - Subsídios para a sua monografia*, Porto, Edição da Junta de Província do Douro Litoral, 1950;
- Marques, A. H. de Oliveira, *Introdução à História da Agricultura em Portugal – A questão cerealífera durante a Idade Média*, 2ª ed., Lisboa, Edição Cosmos, 1968;
- Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, Vol. IV da *Nova História de Portugal* dirigida por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1987;
- Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988;
- Marques, José, “A Igreja no Mundo do Infante D. Henrique”, in *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. XII, Porto, 1995, pp. 195-196;
- Marques, José, *A propósito dos recomendados de D. Luís da Guerra [1434]*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Tomo XXXI, Fasc. 71-72 (83-84), Janeiro-Dezembro de 1977, Braga, 1977;
- Marques, José, “D. Afonso IV e as jurisdições senhoriais”, in *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Vol. 4, Porto, Centro de História da Universidade do Porto-Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, pp. 1527-1566;
- Marques, José, “O culto de S. Tiago no Norte de Portugal”, in *Lusitânia Sacra*, 2ª série, Tomo 4, 1992;

- Marques, José, *O estado dos mosteiros beneditinos da Arquidiocese de Braga, no século XV*, Braga, Separata da Revista *Bracara Augusta*, Vol. XXXV – Fasc. 79 (82) Janeiro-Dezembro de 1981;
- Marques, José, “O tempo religioso de Gil Vicente”, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito*, Porto, Organização da Secção de Estudos Franceses/Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp.221-247;
- Marques, José, “O testamento de D. Fernando da Guerra”, in *Bracara Augusta*, Vol. XXXIII (Fascículos 75-76 (87-88) de Janeiro-Dezembro de 1979), Braga, 1979, pp.175-206;
- Marques, José, “O testamento de D. Lourenço Vicente e as suas capelas na Sé de Braga e na Lourinhã”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz de Braga nos 900 anos da dedicação da Catedral* (Braga, 4-5 de Maio de 1990), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp. 183-239;
- Marques, José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1417-1467)*, (Separata da “Revista de História”, Vol. I, Centro de História da Universidade do Porto, 1978), Porto, 1978;
- Marques, José, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, in *Actas do Ciclo de Conferências das Comemorações do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*, Arquivo Distrital do Porto, 1997, pp.173-207;
- Marques, José, “Relações entre as dioceses do Porto e de Braga, na Idade Média: alguns aspectos”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol. I, Porto/Arouca, 2002, pp.21-56;
- Marques, José, *Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média*, Colecção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian-Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994;
- Marques, José, “Vida Interna do Mosteiro de Santo Tirso em 1437”, in *Actas do Colóquio de História Local e Regional*, Santo Tirso, 17 e 18 de Março de 1979, edição da Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso, 1982;
- Marques, José Augusto Maia, *Moreira da Maia no séc. XIX – Segundo o manuscrito do padre Joaquim Antunes de Azevedo*; Câmara Municipal da Maia, 1998;
- Marques, José Augusto Maia, “Mosteiro de Moreira: uma centralidade irradiante”, in *O Mosteiro Cruzio de Moreira-História, Arte e Música*, Paróquia de Moreira da Maia, 2000, p.21;
- Marques, Maria Alegria Fernandes, “Alguns aspectos do padroado nas igrejas e mosteiros da diocese de Braga”, in *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, Braga, Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia de



- Braga/ Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, Vol. II/1, pp. 359 - 387;
- Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto: Subsídios para a sua história na Idade Média”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, Vol. II, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998, pp.27-85;
- Marques, Maria Alegria Fernandes, *O Papado e Portugal no tempo de D. Afonso III (1245-1279)*, Coimbra, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1990;
- Marreiros, Maria Rosa Ferreira, “Senhorios” in *Nova História de Portugal, Vol. III (Portugal em Definição de Fronteiras – Do condado Portucalense à crise do século XIV)*, coord. de Maria Helena da Cruz Coelho e Armando Luis de Carvalho Homem, direcção de Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1996, pp. 584-602.
- Martins, Alcina Manuela de Oliveira, *O mosteiro de S. Salvador de Vairão na Idade Média: O percurso de uma comunidade feminina*, Universidade Portucalense - Infante D. Henrique, Porto, 2001;
- Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa – Da Produção Primitiva ao Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2001;
- Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, Edição dos Autores, 2002;
- Martins, Armando Alberto, “Entre Braga e Coimbra: breve memória de três arcebispos nos textos medievais dos regrantes de Santa Cruz de Coimbra”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.1, Organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, FLUP, 2006, pp.357-367;
- Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII-XV - História e Instituição*, 2 Tomos, Lisboa, Dissertação de Doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996;
- Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*, Coleção Textos Universitários-2, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003;
- Martins, Luís Almeida, “D. Afonso Henriques: 900 anos de mitos”, in *Visão*, Nº 859 (13 a 19 de Agosto de 2009), pp.68-76;
- Martins, Mário, “O Livro da Ordem dos Cónegos Regrantes e Crasteiros” in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956;
- Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 3 Tomos, 1955-1960.

- Mata, Joel Silva Ferreira, “A comunidade feminina da Ordem de Santiago: A comenda de Santos em finais do século XV e no século XVI, Um estudo religioso, económico e social”, in *Militarum Ordinum Analecta: Fontes para o estudo das Ordens Religioso-Militares*, Nº 9, coordenação de Luís Adão da Fonseca, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2007;
- Mattoso, José, *A abadia de Pendorada: das origens a 1160*, (Coleção Obras Completas de José Mattoso – Vol. 11), tradução de João Luís Fontes, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002;
- Mattoso, José, “A nobreza medieval portuguesa. As correntes monásticas dos séculos XI e XII” in *Portugal Medieval I- Novas interpretações*, 2ª ed., 1992, INIC, pp.197-223;
- Mattoso, José, “A vida religiosa dos beneditinos portugueses durante o século XIII”, in *Religião e cultura na Idade Média Portuguesa*, 2ª ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997;
- Mattoso, José, “Canonici Regolari di Santa Croce de Coimbra (Portogallo)”, in *Dizionario Degli Istituti di Perfezioni*, vol. II, Roma, Edizioni Paoline, 1975, cols. 141-145;
- Mattoso, José, “Cluny, crúzios e cistercienses na formação de Portugal” in *Portugal Medieval - Novas interpretações*, 2ª ed., INIC, 1992, pp.101-121;
- Mattoso, José, *Identificação de um país – Ensaio sobre as origens de Portugal (1096-1325)*, 2 vols., 5ª ed. revista e actualizada, Lisboa, Editorial Estampa, 1995;
- Mattoso, José, “L’Abbaye de Pendorada des origines à 1160” in *Revista Portuguesa de História*, Tomo VII (homenagem ao Prof. Pierre David - Vol. II), Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1957;
- Mattoso, José, *Le Monachisme ibérique et Cluny- Les monastères du diocèse de Porto de l’an mille à 1200*, Recueil de Travaux D’Histoire et de Philologie, 4 Série, Fasc. 39, Louvain, Publications Universitaires de Louvain, 1968;
- Mattoso, José, “Monaquismo” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. III, dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 255-258;
- Mattoso, José, *O monaquismo ibérico e Cluny*, (Coleção Obras Completas de José Mattoso – Vol. 12), tradução de João Luís Fontes, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2002;
- Mattoso, José, “O mosteiro de Rendufe (1090-1570)”, in *Religião e cultura na Idade Média Portuguesa*, 2ª ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997;

- Mattoso, José, “Padroado”, in *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, vol. II, Publicações Alfa, 1993, pp.70-71;
- Mattoso, José, “Premonstratenses”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 15, Lisboa, Editorial Verbo, 1973, pp. 1002-1003;
- Mattoso, José, *Religião e cultura na Idade Média Portuguesa*, 2ª ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997;
- Mattoso, José, *Ricos-Homens, Infâncias e Cavaleiros, a nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*, 2ª ed., Lisboa, Guimarães Editores, 1985;
- Mattoso, José, “Senhorios monásticos do Norte de Portugal nos sécs. XI a XIII”, in *A nobreza medieval portuguesa - A família e o poder*, Circulo de Leitores, Vol.7, 2001;
- Mattoso, José, Krus, Luís; Bettencourt, Olga, “As inquirições de 1258 como fonte da história da nobreza – o julgado de Aguiar de Sousa, in *Revista de História Económica e Social*, Nº 9 (Janeiro-Junho 1982), Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982, pp. 17-74;
- Mattoso, José; Andrade, Amélia Aguiar; Krus, Luís; “Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias”, in *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, pp.173-243;
- Maurício, Maria Fernanda, *Entre Douro e Tâmega e as inquirições afonsinas e dionisinas*, Lisboa, Edições Colibri, 1997;
- Melo, António Maria; Sousa, José J. Rigaud de; Vasconcelos, Flório de – “O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes e os Cónegos Regrantes de St.º Agostinho”, in *Maia, História Regional e Local (Actas do Congresso)*, vol.II, Câmara Municipal da Maia, 1999, pp. 133-173;
- Menéres, António; Sousa, José João Rigaud de, “Notas sobre o mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia (concelho de Ponte da Barca)”, in *Mínia*, 2ª Série, 3(4), Braga, 1980, pp.157-179;
- Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel (Série Documentos e Estudos – 2), 2007;
- Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, publicadas e prefaciadas por Alfredo Pimenta, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Publicações Comemorativas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal), 1942;
- Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, seguido de *Leituário da Sé de Lamego* publicado por Alfredo Pimenta, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Publicações

- Comemorativas do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal), 1942;
- “Memórias das notícias pertencentes a este mosteiro de Santa Marinha da Costa tiradas do seu Cartório pello R.mo P. M. D.or Fr. Cristóvão da Crus...”, in *Revista de Guimarães*, Vol. 27, 1910;
- Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, 1ª ed., Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990;
- Monumenta Henricina, Vols. XIII e XV, Direcção, organização e anotação crítica de António Joaquim Dias Dinis, Coimbra, Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1972/1974;
- Monumenta Portugaliae Vaticana*, 5 vols. (Vol. I - Súplicas dos pontificados de Clemente VI, Inocêncio VI e Urbano V; Vol. II - Súplicas dos pontificados dos papas de Avinhão Clemente VII e Bento XIII e do papa de Roma Bonifácio IX; Vol. III-1 (A Península Ibérica e o Cisma do Ocidente: Repercussão do Cisma na nacionalidade portuguesa do século XIV e XV – Introdução aos vol. III-2 e IV de Súplicas do pontificado de Martinho V); Vol. III-2 (Súplicas do pontificado de Martinho V); Vol. IV - Súplicas do pontificado de Martinho V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Roma-Porto, Livraria Editorial Franciscana, 1968-1982;
- Moreno, Humberto Baquero, “Aspectos do governo de Frei Baltasar Limpo, bispo do Porto”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol. I, Porto/Arouca, 2002, pp.11-20;
- Moreno, Humberto Baquero, “Elementos para o estudo dos coutos de homiziados instituídos pela Coroa”, in *Os municípios portugueses nos séculos XII a XVI - Estudos de história*, Lisboa, Editorial Presença, 1986, pp.93-138;
- Moreno, Humberto Baquero, *Os itinerários de el-rei Dom João I*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1988;
- Moreirinhas, Regina Araújo Cerqueira, *Documentos da chancelaria de D. Pedro I - 1357-1359: leitura e alguns comentários*, Tese de licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1964;
- Morujão, Maria do Rosário Barbosa, *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas (século XIII a XV)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2001;
- Nemésio, Vitorino, *O campo de São Paulo: A companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563)*, Vol. XXIII das Obras Completas de Vitorino Nemésio, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001;
- Nevada, Serra, *Terra de Regalados: Pergaminhos históricos - Documentos Medievais*, 2 vols., (Colecção Vila Verde: Fontes da sua história – Vols. XIII-XIV), Vila Verde, Câmara Municipal de Vila Verde, 2002-2003;

- Neves, João António Mendes, *A “formosa” chancelaria – Estudo dos originais da Chancelaria de D. Fernando (1367-1383)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à FLUC);
- Neves, Joaquim Pacheco, *O mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde*, Câmara Municipal de Vila do Conde, 1982;
- Nobreza de Portugal e do Brasil*, 3 Vols., direcção, coordenação e compilação de Afonso Eduardo Martins Zuquete, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1960-1961;
- Noronha, Henrique Henriques de, *Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da diocese do Funchal na ilha da Madeira*, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996;
- Portugal Sacro-Profano ou Catalogo alfabetico de todas as freguezias dos Reinos de Portugal, e Algarve...*, 3 Partes (3 tomos), composto e ordenado por Paulo Dias de Niza, Lisboa, Officina de Miguel Menescal da Costa, impressor do Santo Officio, 1767-1768
- O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003;
- Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, Edição da Câmara Municipal de Fafe, s.d.;
- Oliveira, Ana Maria, “Ocupação senhorial do Vale do Sousa: dois exemplos em estudo”, in *OPPIDUM -Revista de Arqueologia, História e Património da Câmara Municipal de Lousada* – Número especial (Actas do Iº Encontro de Arqueologia das Terras de Sousa, que decorreu entre os dias 23 e 24 de Novembro de 2007), 2008, pp.151-164;
- Oliveira, Ana Maria, “ Torre de Vilar: uma residência senhorial do Vale do Sousa”, in *OPPIDUM - Revista de Arqueologia, História e Património da Câmara Municipal de Lousada* – Nº 1, 2006, pp.141-163.
- Oliveira, António Resende de; Ventura, Leontina, *Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, Vol. I*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006;
- Oliveira, Luís Filipe, “O Arquivo dos Condes de Marialva num inventário do século XVI”, in *Elites e redes clientelares na Idade Média: Problemas metodológicos*, ed. de Filipe Themudo Barata, Lisboa, Edições Colibri/Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora, 2001, p.221-260;
- Oliveira, Padre Miguel de, “A vila de Ovar – Subsídios para a sua história até o século XVI” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol. II, Nº6, 1936, pp.111-118; Vol.III, Nº10, 1937, pp.125-132;

- Oliveira, Padre Miguel de, *As paróquias rurais portuguesas, sua origem e formação*, Lisboa, União Gráfica, 1950;
- Oliveira, Padre Miguel de, “Cortegaça e a “Ribeirinha” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol. IX, Nº36, 1943, pp.266-272;
- Oliveira, Padre Miguel de, “De Talábriga a Lancóbriga pela via militar romana” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.IX, Nº33, 1943, pp.44-68;
- Oliveira, Padre Miguel de, “Igrejas na Terra de Santa Maria no ano de 1320” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.VI, Nº24, 1940, pp. 284-288;
- Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, edição revista e actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994;
- Ordenações Afonsinas*, 5 Livros, 2ª ed. (Edição “fac-simile” da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra no ano de 1792), nota de apresentação de Mário Júlio Almeida Costa e nota textológica de Eduardo Borges Nunes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998;
- Ordenações Del-Rei Dom Duarte*, Edição preparada por Martim de Albuquerque e Eduardo Borges Nunes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988;
- Ordens Religiosas em Portugal: Das Origens a Trento – Guia Histórico*, Dir. de Bernardo Vasconcelos e Sousa, Lisboa, Livros Horizonte, 2005;
- Osório, D. Jerónimo, *Da vida e feitos de el-rei D. Manuel*, 2 Vols., edição prefaciada e actualizada por Joaquim Ferreira, Colecção Biblioteca Histórica de Portugal e Brasil – Série Régia (colecção dirigida pelo Visconde de Lagoa), Porto, Livraria Civilização - Editora, 1944;
- Paiva, José Pedro, “A igreja e o poder”, in *História Religiosa de Portugal*, vol. II, dir. de Carlos Moreira Azevedo, coordenação de João Francisco Marques e António Camões Gouveia, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2000, pp. 135-185;
- Paiva, José Pedro, *Os bispos de Portugal e do Império: 1495-1577*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006;
- Paiva, José Pedro, “Os mentores”, in *História Religiosa de Portugal*, Vol. 2 (Humanismos e Reformas), dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, pp.201-237;
- Passos, Estela Ângela Leite de Barros Vilela, *A casa de Paço de Vides: História da Família – Os Vilela Passos*, Edição da Autora com apoio da Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2005;
- Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana: nobiliário de famílias de Portugal*, 6 tomos, publicada por Alexandre António Pereira de Miranda Vasconcellos,

António Augusto Ferreira da Cruz, Eugénio Eduardo Andrea da Cunha e Freitas, Porto, Livraria Fernando Machado, 1943-1948;

*O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento em Latim, e Portuguez dedica e consagra aos Excell. e Rev. Senhores Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana*, João Baptista Reycend, Lisboa, Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 2 tomos, 1781-1786;

Pereira, Fernando Jasmins; Aniceto; Maria Emília; Ferro, Maria José Pimenta, “Assistência na Idade Média”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.1, dir. de Fernando Jasmins Pereira (planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, 1980, pp. 635-661;

Pereira, Isaías da Rosa, “A vida do clero e o ensino da doutrina cristã através dos Sínodos medievais portugueses (séculos XIII-XV)”, in *Lusitania Sacra*, Tomo X, Lisboa, 1978, pp. 103-141;

Pereira, Isaías da Rosa, *Matrícula da diocese de Évora (1480-1483) – Qual dos dois Vascos da Gama foi à Índia em 1497*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1990;

Pereira, Maria Albertina Neves da Silva, *Regra de Santo Agostinho*, vol. II, Dissertação de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, 1952,

Pimenta, Cristina, *D. Pedro I*, (Colecção Reis de Portugal – VIII), Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2005;

Pimenta, Rodrigo “Para a história do arcebispado de Braga”, in *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. VI, Guimarães, Publicação do Arquivo Municipal de Guimarães, 1941, pp.97-178;

Pina, Rui de, *Crónica de D. Dinis*, segundo o códice inédito N° 891 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, seguida de versão actualizada da Edição Ferreiriana de 1726, Porto, Livraria Civilização – Editora, 1945;

Pinto, Cónego António Ferreira, *O Cabido da Sé do Porto: Subsídios para a sua história*, (Colecção Documentos e Memórias para a História do Porto – VI), Porto, Publicações da Câmara Municipal do Porto/Gabinete de História da Cidade, 1940;

Pinto, Joaquim Caetano, *Resende - Monografia do seu concelho*, Braga, 1982;

Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *D. Dinis*, (Colecção Reis de Portugal – VI), Rio de Mouro, Círculo de Leitores - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, 2005;

Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, “A nobreza do julgado de Braga nas Inquirições do reinado de D. Dinis”, Separata das *Actas do IX Centenário da Dedicção da*

*Sé de Braga*, Braga, Universidade Católica Portuguesa/ Faculdade de Teologia de Braga/ Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, pp.185-248;

Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas - genealogias e estratégias (1279-1325)*, 3 vols., Porto, Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família - Universidade Moderna, 1999;

Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Os patronos do Mosteiro de Grijó (evolução e estruturação da família nobre séculos XI a XIV)*, Ponte de Lima, Edições Carvalhos de Basto, 1995;

Polónia, Amélia, *D. Henrique: O cardeal-rei*, (Coleção Reis de Portugal – XVII), Rio de Mouro, Círculo de Leitores - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, 2005;

*Portugaliae Monumenta Historica - Diplomata et Chartae*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Typis Academicis, 1868;

*Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, 7 Fascículos, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1888-1936;

*Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones, a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum*, iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita, Vol I, Pars II, Fasciculus VIII, Olisipone, Ex Typographia Nationalis, MDCCCCLXI;

*Portugaliae Monumenta Histórica a saeculo octavo post Christum usque ad quintumdecimum iussu Academiae Scientiarum Olisiponensis Edita, Nova Série. Vol.III: Inquisitiones - Inquirições Gerais de D. Dinis (1284)*, introdução, leitura e índices por José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2007;

*Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do Mundo desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias*, ordenado e composto pelo Visconde de Santarem (Das Academias Reaes das Sciencias de Lisboa, Berlin, Madrid, Napoles, Turim, Bruxellas, e do Instituto de França, etc.), Tomo VIII, Impresso por ordem do Governo Portuguez, Paris, Em Casa de J. P. Aillaud, 1853;

*Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do Mundo desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias*, ordenado e composto pelo Visconde de Santarem, continuado e dirigido pelo sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa Luiz Augusto Rebello da Silva, Tomos IX-X, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1864-1866;

Queirós, Abílio, “Catálogo dos Pergaminhos do Mosteiro de S. Jorge de Coimbra (1264-1578)”, in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Vols. XXIII e XXIV (2003-2004; 2005-2007), Coimbra, 2007, pp. 9-85;



- Ramos, António Francisco, *Lavra, apontamentos para a sua monografia*, Propriedade do Cartório Paroquial de Lavra, 2ª ed., 1992;
- Real, Manuel Luís, “A igreja de S. Pedro de Ferreira: um invulgar exemplo de convergência estilística”, in *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, p.252.
- Regra do Glorioso Patriarca S. Bento*, traduzida do latim e anotada pelos monges de Singeverga seguida do *Manual dos Oblatos*, Mosteiro de Singeverga, Edições “Ora & Labora”, 1951;
- Reis, António Matos, “O bispo D. Gil Peres de Cerveira, D. Afonso III e os municípios do Alto Minho”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.1, Organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, FLUP, 2006, pp.299-314;
- Reis, António Matos, “O património artístico do mosteiro de Refoios do Lima”, in *Subsídios para a história do convento de Refoios*, Ponte de Lima, Instituto Politécnico de Viana do Castelo-Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, 1988, pp.37-58;
- Reis, António Matos, “Viana do Castelo, diocese de” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. IV, dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2001, pp.336-339;
- Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco: A comunidade cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*, Leiria, Edições Magno, 2003;
- Reuter, Abiah Elisabeth, *Chancelarias Medievais Portuguesas - Vol. I - Documentos da Chancelaria de D. Afonso Henriques*, Coimbra, Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1938;
- Ribeiro, Félix, “Lordelo”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 12, Lisboa, Editorial Verbo, 1971, pp.507-508;
- Ribeiro, Félix, “Bravães”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 4, Lisboa, Editorial Verbo, 1966, p.11;
- Ribeiro, João Carlos Taveira; Rodrigues, Ana Maria S. A.; Costa, Maria Antonieta Moreira da; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *Os capitulares bracarense (1245-1374): notícias biográficas*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005;
- Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia eclesiastica e civil de Portugal*, 5 Tomos, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1810-1836;

- Ribeiro, João Pedro, *Índice Chronologico dos documentos que se achavão no archivo da illustríssima Câmara da cidade do Porto, quando por ordem regia o examinou no anno de 1795, o conselheiro João Pedro Ribeiro natural da mesma cidade*, prefaciado e acrescentado com as actuais cotas por J. A. Pinto Ribeiro, Publicações da Câmara Municipal do Porto, 1951;
- Ribeiro, João Pedro, *Reflexões Históricas*, Parte I e Parte II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1835-1836;
- Ribeiro, Victor, “Preciosidades archeologicas – I Epigraphia lapidar”, in *O Archeologo Português*, Série 1, Vol. 9, Ns. 1-2 (Janeiro-Fevereiro 1904), Lisboa, Museu Ethnographico Português, pp. 16-23;
- Rivaux, Padre, *Tratado de historia ecclesiastica*, traduzido da sexta edição consideravelmente augmentada e continuada até 1876 por Francisco Luiz de Seabra, 2 Tomos, Porto-Braga, Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1876-1877;
- Rocha, Padre Joaquim Correia da, *Recordar 900 anos de Paços de Brandão – I volume*, Junta de Freguesia de Paços de Brandão, 1995;
- Rodrigues, Ana Maria S. A., “Para uma prosopografia dos cónegos de Braga” in *Elites e redes clientelares na Idade Média: Problemas metodológicos*, ed. de Filipe Themudo Barata, Lisboa, Edições Colibri/Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora, 2001, pp.141-168;
- Rodrigues, Ana Maria S. A.; Ribeiro, João Carlos Taveira; Costa, Maria Antonieta Moreira da; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005;
- Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514: Antecedentes e evolução da Comarca Eclesiástica de Valença do Minho*, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, 2002;
- Rops, Daniel, *História da Igreja de Cristo, Vol II - A Igreja dos tempos bárbaros*, tradução de Eduardo Pinheiro, Porto, Livraria Tavares Martins, 1960;
- Rosário, Frei António do, “Registro das Confirmações do Ilustrissimo Senhor Dom Frei Bartolomeu dos Mártires”, 2 fascículos (Fasc. 1 - Bartholomeana Monumenta I; Fasc. 6 - Bartholomeana Monumenta V) ,in *Cartório Dominicano Português*, Século XVI, Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português/Movimento Bartolomeano, 1972/1974;
- Sá, António Costa e, “Por terras de Vermoim (actual concelho famalicense)”, Separata do *Boletim Cultural* da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, N.º 14, 1996;
- Sá, A. Moreira de, *O infante D. Henrique e a Universidade*, Colecção Henriquina-11, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960;

- Sá-Nogueira, Bernardo, “O testamento de Estêvão Eanes, chanceler d’el rei D. Afonso III”, in *Actas das III Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, vol. organizado por A. H de Oliveira Marques e João José Alves Dias, Câmara Municipal de Loulé, 1989, pp.71-91;
- Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, pp.91-115;
- Sá, Padre Manuel F. de, “Subsídios para a História de “Duas Igrejas” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.VII, Nº27, 1941, pp.203-207;
- Saleiro, José Joaquim, *Tombo das igrejas de Fragoso*, Fragoso-Barcelos, Edição do Autor, 2008;
- Sampaio, Jorge de Faria Machado Vieira de, “Subsídios para a genealogia dos Farias Machados”, in *Arquivo Histórico de Portugal*, vol.3;
- Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Sancto Agostinho*, 2 tomos, Lisboa, Na Officina de Joam da Costa, 1668;
- Santo Agostinho, *Confissões*, 13ª ed., totalmente revista (revisão do texto por Lúcio Craveira da Silva e Elias Couto), Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1999;
- Santo Agostinho: Vida, obra e pensamento*, (Coleção Grandes Pensadores-Vol.4), textos de Lourdes Bassols, Planeta De Agostini/Público, 2008;
- Santos, Cândido Augusto Dias dos, “António de Lisboa”, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol.1, dir. de Fernando Jasmins Pereira (planeada e iniciada por António Alberto Banha de Andrade), Lisboa, Editorial Resistência, 1980, pp.392-393;
- Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto – Subsídios para o estudo da diocese nas vésperas do concílio de Trento*, Porto, Publicações da Câmara Municipal do Porto (Coleção Documentos e Memórias Para a História do Porto – XXIX), 1973;
- Santos, D. Luciano Afonso dos, “D. Egas Lourenço chantre do cabido de Braga”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz de Braga nos 900 anos da dedicação da Catedral* (Braga, 4-5 de Maio de 1990), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp. 273-283;
- Santos, Frei Manuel dos, *Monarquia Lusitana – Parte oitava*, (Edição fac-similada da edição de 1727), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988;
- Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora: A comemoração dos que passaram deste Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Coleção Documentos Medievais Portugueses – Série II), 2008;

- Santos, Maria José Azevedo, *Vida e morte de um mosteiro cisterciense: S. Paulo de Almaziva - Séculos XIII-XVI*, Lisboa, Edições Colibri, 1998;
- Santos, Maria José Azevedo; Coelho, Maria Helena da Cruz, *De Coimbra a Roma uma viagem em meados de quinhentos*, Coimbra Editora, Limitada, 1990;
- Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983;
- São Payo, Luiz de Mello Vaz de, “Les établissements religieux portugais et la généalogie médiévale”, in *Actas do 17º Congresso Internacional das Ciências Genealógica e Heráldica* (Genealogica & Heraldica – Lisboa, 7 a 13 de Novembro de 1986), Lisboa, Instituto Português de Heráldica, 1989, pp. 243-265;
- São Payo, Luiz de Mello Vaz de, “Os Naturais (Séc. XIII e XIV)”, in *Raízes e Memórias*, Nº 1, Julho de 1987, Associação Portuguesa de Genealogia, pp. 45-71;
- São Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, introdução e notas críticas de José Mattoso, 2 Tomos, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974;
- Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1296-1349)*, Colecção História e Arte-11, Leiria, Edições Magno, 2003;
- Silva, Armando Barreiros Malheiro da, *O mosteiro de S. Salvador de Paderne em demanda com os senhores da Quinta de Pontiselas (século XVII): Subsídios para a Genealogia dos “Mogueimas y Fajardo”*, Separata do livro *I Colóquio Galaico Minhoto*, Câmara Municipal de Melgaço, 1983;
- Silva, Carlos Guardado da, *O Mosteiro de S. Vicente de Fora – A comunidade regrante e o património rural (séculos XII-XIII)*, Edições Colibri, 2002;
- Silva, Ilídio Jorge Costa Pereira da, *A significação dos espaços privados nas comunidades cenobíticas: os cônegos Regrantes de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra entre 1527 e 1640 e até 1834* (dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à FLUP), Porto, 1998;
- Silva, Isabel Morgado de Sousa e, “A Igreja e a Ordem de Cristo no primeiro quartel do séc. XVI: a criação das comendas novas”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.2, Organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, FLUP, 2006, pp.249-261;
- Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão* (5 a 8 de Dezembro de 1998), vol. II, Porto/Arouca, 2002, pp.43-71;

- Silva, António Joaquim Pinto da; Capela, José Viriato, *Vila Nova de Famalicão nas Memórias Paroquiais de 1758*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2001;
- Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, 2 volumes, apresentação por M. Antonino Fernandes, Ponte de Lima, Edições Carvalho de Basto, 2000;
- Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral: A Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média (Estudo Diplomático e Paleográfico)*, Porto, Dissertação de Doutoramento em História, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010;
- Soares, Franquelim Neiva, “O infante D. Henrique reformador da Sé de Braga: a visitação de 1537 e a confraria eucarística de 1540”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.2, Organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, FLUP, 2006, pp.117-137;
- Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, in *Bracara Augusta (Revista Cultural de Regionalismo e História da Câmara Municipal de Braga)*, Vol. XLI, Ns. 91/92 (104/105), Anos de 1988-89, pp.101-138;
- Sousa, Arlindo de “O concelho de Espinho - Notas do seu passado medieval (séculos IX-XVI)” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.XXIX, Nº113, 1963, pp.3-26;
- Sousa, Armindo de, *As Cortes Medievais Portuguesas (1385-1490)*, 2 volumes, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de História da Universidade do Porto, 1990;
- Sousa, Armindo de, “Benedictinos e Mendicantes em Portugal nos finais da Idade Média (uma questão de prestígio)”, in *Actas do Ciclo de Conferências das Comemorações do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*, Arquivo Distrital do Porto, 1997, pp. 153-172;
- “O Mosteiro de Santo Tirso no Século XV”, in *Estudos Medievais*, nº 1, Centro de Estudos Humanísticos, Secretaria de Estado da Cultura, Porto, 1981, pp. 95-156;
- Sousa, António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Vol. V, (Edição fac-similada da edição de 1948), Academia Portuguesa da História/QuidNovi, 2007,
- Sousa, D. António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo II, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1742;

- Sousa, António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo I, Livro II, Nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Coimbra, Atlântida-Livraria Editora, 1946;
- Sousa, Bernardo Vasconcelos e, *Os Pimentéis: Percursos de uma linhagem da nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2000;
- Sousa, José João Rigaud de; Meneres, António, “Notas sobre o mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia (concelho de Ponte da Barca)”, in *Mínia*, 2ª Série, 3(4), Braga, 1980, pp.157-179;
- Sousa, José J. Rigaud de; Melo, António Maria; Vasconcelos, Flórido de – “O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes e os Cónegos Regrantes de St.º Agostinho”, in *Maia, História Regional e Local (Actas do Congresso)*, Câmara Municipal da Maia, 1999, vol.II, pp. 133-173;
- Soveral, Manuel Abranches de, *Ascendências Viseenses: Ensaio genealógico sobre a nobreza de Viseu – Séculos XIV a XVII*, 2 vols., Porto, 2004;
- Sousa, Manuel de, *Reis e Rainhas de Portugal*, 4ª ed., Mem Martins, Sporpress, 2001;
- Synodicon Hispanum, Vol. II - Portugal*, dirigido por Francisco Cantelar Rodriguez, Avelino de Jesus da Costa, Antonio Garcia y Garcia, António Gutierrez Rodriguez, Isaías da Rosa Pereira, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982;
- Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia -Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957;
- Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes na sociedade Além-Douro: 1433-1521 (a partir das legitimações)*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1996;
- Teixeira, Sónia Maria de Sousa Amorim, *A vida privada entre Douro e Tejo: estudo das legitimações: 1433-1521*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1996;
- Tellez, M. Balthazar, *Chronica da Companhia de Jesu na Provincia de Portugal e do que fizeram nas conquistas d’este Reyno os Religiosos que na mesma Provincia entraram nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola nosso Fundador – Primeira Parte na qual se contem os princípios d’esta provincia no tempo em que a fundou & governou o P. M. Simam Rodrigues com sua sancta vida & morte*, Lisboa, Por Paulo Craesbeeck, 1645;
- Tomás, Frei Leão de São, *Benedictina Lusitana*, 2 Tomos, Introdução e notas críticas de José Mattoso, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1974;
- Tombos de Santa Maria de Abade de Neiva e São Vicente de Fragoso (concelho de Barcelos)*, organização de Iria Gonçalves e Maria da Conceição Falcão Ferreira,

- transcrição de Joana Balsa de Pinho, Lisboa, Centro de estudos Históricos-Universidade Nova de Lisboa, 2003;
- Torres, Ruy d'Abreu, “Padroeiros” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, dir. de Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, Porto, s/d, pp.511-512.
- “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Científico e litterario*, Vol. XIII, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866;
- Vale, Manuel Gonçalves, “Os arquivos do mosteiro de Refoios”, in *Subsídios para a história do convento de Refoios*, Ponte de Lima, Instituto Politécnico de Viana do Castelo-Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, 1988, pp.101-116;
- Valero, Luís T. Melgar, *Os santos de cada dia*, tradução de Maria Antónia Abrantes da Fonseca, Editorial Estampa, Lisboa, 2002;
- Valdevez Medieval – Documentos*, 2 vols. (Vol. I – 950-1299; Vol. II: 1300-1479), coordenação de Amélia Aguiar Andrade e Luís Krus; transcrições de Filomena Melo; Filipa Silva e João Luís Fontes, Edição da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2000-2001;
- Vasconcelos, António de, *Rainha Santa Isabel*, Vol. 30 da coleção Biografias da História de Portugal, coordenação de José Hermano Saraiva, Matosinhos, Quidnovi, 2004, p.26;
- Vasconcellos, J. Leite de, *Opúsculos*, Vol. 1: *Filologia* (Parte I), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928;
- Vasconcelos, Flório de; Melo, António Maria; Sousa, José J. Rigaud de – “O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes e os Cónegos Regrantes de St.º Agostinho”, in *Maia, História Regional e Local (Actas do Congresso)*, Câmara Municipal da Maia, 1999, vol.II, pp. 133-173;
- Vaz, António Luís, *O cabido de Braga: 1071 a 1971 – factos notáveis do país ligados à sua história*, Braga, Edição de J. Dias de Castro, 1971;
- Veloso, Maria Teresa; Santos, Maria José Azevedo, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983;
- Ventura, Leontina, *A nobreza de Corte de D. Afonso III* (dissertação de doutoramento apresentada à FLUC), Coimbra 1992, vol. II;
- Ventura, Leontina; Oliveira, António Resende de, *Chancelaria de D. Afonso III, Livro I, Vol. I*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006;
- Ventura, Margarida Garcez, *Igreja e poder no séc. XV: Dinastia de Avis e liberdades eclesiásticas (1383-1450)*, Lisboa, Edições Colibri, 1997;

- Vereações: Anos de 1390-1395 – O mais antigo dos Livro de Vereações do Município do Porto existentes no seu Arquivo*, com comentário e notas de A. de Magalhães Basto, reedição da edição de 1937, Colecção Documentos e Memórias para a História da Cidade do Porto - II, Publicações da Câmara Municipal do Porto – Gabinete de História da Cidade, s.d.;
- Vida do Admiravel Padre S. Theotónio conego regular e primeiro prior do Real Mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra: Antigo prior e protector prodigioso da antiquíssima, ilustríssima e real cidade de Viseu: Delicias e gloria de Portugal e de toda a Igreja. Escripção em latim por seu discipulo anonymo*. Traduzida e ampliada com aditamentos do Padre D. Joaquim da Encarnação, 2ª edição correcta, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1855;
- Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984;
- Vigário, Rafael Marques, *O mosteiro de Arouca no século XV (1400-1437) – “A comunidade e o património”*, Coimbra, Dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007;
- Vilar, Hermínia Vasconcelos, *As dimensões de um poder: A diocese de Évora na Idade Média*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999;
- Vilar, Hermínia Vasconcelos, “A vivência de uma regra entre o mosteiro e o século: Os cônegos regrantes” in *História Religiosa de Portugal*, vol. I, dir. de Carlos Moreira Azevedo, coordenação de Ana Maria C. M. Jorge e Ana Maria S. A. Rodrigues, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2000, pp. 222-228;
- Vimaranis Monumenta Historica: a sæculo nono post Christum usque ad vicesimum*, Partes 1 e 2, coordenação da Sociedade Martins Sarmento; com introdução e compilação de João Gomes de Oliveira Guimarães, Guimarães, Tipografia de A. L. da Silva Dantas, 1929-1931;
- Vinhas, Joaquim Alves, *A igreja e o convento de Vilar de Frade: das origens da Congregação dos Cônegos Seculares de São João Evangelista (Lóios) à extinção do convento (1425-1834)*, Barcelos, 1998;
- Visconde de Paiva Manso (Levy Maria Jordão), *Historia Ecclesiastica Ultramarina, Tomo I – Africa Septentrional: Bispados de Ceuta, Tanger, Safim e Marrocos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1872;
- Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal se usaram e que hoje regularmente se ignoram...*, edição crítica por Mário Fiúza, 2 vols., Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966;



# **Anexos**

# **Prosopografia**

# **Anexo 1**

## **Biografias dos Piores**

### **Alguns princípios metodológicos:**

Por uma questão de metodologia e para uma melhor percepção, compreensão e utilização das sínteses biográficas, serão adoptados os seguintes critérios:

- 1- Esta secção prosopográfica é constituída por dois grandes grupos, um englobando somente os priores e outro respeitante aos cónegos regrantes correspondendo, respectivamente, ao Anexo 1 e Anexo 2.
- 2- A ordem seguida na elocagem dos mosteiros é a utilizada no corpo do trabalho, ou seja puramente alfabética, primeiro por diocese, agrupando-se aí os mosteiros que se encontravam sob a sua jurisdição, ordenados pelo respectivo padroeiro ou invocação de cada uma dessas casas monásticas.
- 3- Já a ordem seguida na enunciação dos membros de cada uma das comunidades é a da primeira referência cronológica;
- 4- Sempre que existirem cónegos que pela ascensão natural na hierarquia religiosa das casas regrantes atinjam o priorado de uma qualquer comunidade, ou que, eventualmente, tenham ingressado num outro mosteiro, terão uma entrada em cada uma das respectivas secções, podendo haver aí compartimentação dos dados biográficos ou apenas uma síntese, fazendo-se a remissão para a outra entrada biográfica, de forma a evitar-se a constante repetição de informação.
- 5- Quando os dados não permitirem uma identificação correcta de um qualquer religioso mas haja indícios da sua ligação a determinada casa monástica, suscitados pela sua proveniência geográfica ou por quaisquer outros elementos indiciadores, ele será aí associado sempre com a devida indicação de: “provável cónego do mosteiro de...”.
- 6- Na elocagem dos religiosos sempre que se detectar a existência de homónimos num mesmo mosteiro e de forma a diferenciá-los e a evitar problemas de identificação utilizar-se-á, a partir do segundo indivíduo a numeração romana para os identificar surgindo por exemplo na primeira entrada Afonso Anes; sendo o próximo indivíduo identificado como Afonso Anes II.
- 7- Sempre que não seja possível enquadrar cronologicamente com algum grau de certeza um determinado religioso, e sobre o qual não persistam dúvidas em relação à sua filiação monástica, será colocado no final da listagem dos biografados dessa instituição. Neste particular encontram-se alguns nomes provenientes de Obituários em que, normalmente não lhe estão associados elementos cronológicos precisos, de qualquer modo foi feita uma análise prévia dessas fontes, de forma a que os nomes dos religiosos referenciados nessas circunstâncias sejam apenas os de cónegos que nos pareçam enquadráveis no período retratado (sécs. XIV-XVI), embora essa crivagem da informação seja sempre passível de falhas.
- 8- Todos aqueles que são comprovadamente cónegos regrantes de Santo Agostinho mas cuja casa monástica é omitida na documentação e para os quais não foi possível estabelecer qualquer ligação, surgirão no final da listagem, sendo aí enunciados, caso os dados o permitam, por ordem cronológica, e na ausência destes, por ordem alfabética.

## **1.1. Diocese de Braga**

### **1.1.1. - Santa Maria de Landim (c. Vila Nova de Famalicão)**

**D. Domingos Aires** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. O cronista agostiniano Frei Timóteo dos Mártires coloca o priorado de D. Domingos Aires entre 1286 e 1295<sup>1964</sup>. De facto há abundante prova documental que confirma “Domingos Ayres priol de Nandim”<sup>1965</sup> por esta altura, podendo recuar-se o seu priorado, com toda a segurança, pelo menos, até 1 de Abril de 1275<sup>1966</sup> surgindo mencionado em diversos instrumentos do mosteiro de S. Simão da Junqueira, ao longo das duas décadas seguintes, sendo que a última referência que aí lhe conhecemos é de Fevereiro de 1295<sup>1967</sup>. Desconhecemos a data do fim do seu priorado mas ocorreu, inevitavelmente, no final da última década do séc. XIII ou nos primeiros anos do séc. XIV.

**D. Geraldo Pais** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 20 de Março de 1305 faz-se representar no mosteiro de Arouca pelo clérigo Domingos Eanes, seu procurador, a propósito de uns herdamentos que o mosteiro de Landim vendeu em Cambra a Beringuela Peres, monja de Arouca<sup>1968</sup>. O cronista agostiniano Timóteo dos Mártires também referencia este prior, colocando-o no ano de 1344<sup>1969</sup>, o que parece evidenciar que o Autor se esqueceu de fazer a conversão da data da Era de César para a de Cristo, o que, a ter acontecido, colocá-lo-ia em 1306, cronologia consentânea com o seu priorado. O obituário de S. Vicente de Fora regista o óbito de “Geraldus Pelagii prior Sancte Marie de Nandym” a 20 de Abril (XII Kalendas Maii)<sup>1970</sup> mas sem a habitual indicação do ano.

**Martinho Domingues/Martim Domingues** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. O seu priorado iniciou-se em 1322. Aliás, a 14 de Maio de 1322, o cónego de Braga, Pedro Lourenço Ferraz, foi nomeado procurador, pelo deão e pelo capítulo da Mitra bracarense, justamente para confirmar a eleição do prior de Landim, D. Martinho Domingues<sup>1971</sup>. É ainda nessa qualidade que participa, pelo menos, em dois sínodos

---

<sup>1964</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1965</sup> É assim referenciado em instrumento datado de 13 de Fevereiro de 1294, respeitante a um emprazamento efectuado pelo mosteiro de S. Simão da Junqueira em que o prior de Landim foi dado como vedor pelo arcebispo de Braga, D. Frei Telo (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.48vº-49) Este documento encontra-se transcrito e publicado por Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, Vol. II (Colecção Documental), Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002, pp.324-325 (doc.308).

<sup>1966</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.35-35vº.

<sup>1967</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.49-49vº.

<sup>1968</sup> Almeida, Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca*, vol. II, 2003, pp. 90-91 (Doc. Nº 56 do Apêndice Documental).

<sup>1969</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1970</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora: A comemoração dos que passaram deste Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Colecção Documentos Medievais Portugueses – Série II), 2008, p.81.

<sup>1971</sup> A.D.B. – Colecção Cronológica, Pasta 8, nº 355; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *O cabido de Braga no tempo de D. Dinis (1278-1325)*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003, p.83; Rodrigues, Ana Maria S. A.; Ribeiro, João Carlos Taveira; Costa, Maria Antonieta Moreira da; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005, p.222.

diocesanos de Braga, do arcebispo D. Gonçalo Pereira, o primeiro realizado a 7 de Outubro de 1329<sup>1972</sup> e o segundo a 14 de Novembro de 1330<sup>1973</sup>.

**D. Geraldo Pais** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. A única referência que lhe conhecemos é-nos dada pelo cronista Frei Timóteo dos Mártires que o identifica como prior da instituição em 1334, indicando também que faleceu a 23 de Janeiro, sem que se saiba o ano<sup>1974</sup>. Apesar de viável, trata-se de uma informação a necessitar de validação documental.

**Estêvão Pires** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. Esteve presente, a 4 de Setembro de 1340, no capítulo provincial dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, realizado em Bragança, no mosteiro de S. Francisco<sup>1975</sup>.

**D. Francisco Miguel** – Prior do mosteiro de Landim e futuro prior de Santa Maria de Oliveira. É certamente o sucessor de Estêvão Pires à frente do mosteiro de Landim. Desconhecemos em que data se iniciou o seu priorado, mas é certo que abandonou a canónica de Landim para assumir o priorado do vizinho mosteiro de Santa Maria de Oliveira, onde foi investido pelo arcebispo de Braga, D. Guilherme (1349-1361), a 15 de Setembro de 1356<sup>1976</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Francisco Miguel era cónego do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>1977</sup>, possibilidade que não sendo de excluir, teria de reportar-se a data anterior ao seu ingresso em Landim, situação que o cronista não esclarece.

**D. Domingos Afonso** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. Frei Timóteo dos Mártires menciona-o como sendo “Prior môr pellos annos de 1359”, adiantando também que faleceu a 23 de Janeiro, sem indicação do ano do óbito<sup>1978</sup>. Tendo em consideração que, pelo menos, a partir da segunda quinzena de Novembro de 1359 o prior de Landim já é Lourenço Viegas, o priorado de D. Domingos Afonso, a ser real e a recair nesta altura, teria, obviamente, de terminar em período anterior a esta data.

**Lourenço Viegas** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 19 de Novembro de 1359 o “religioso dom Lourenço Vehegas prior de Nandim” encontrava-se em Braga nas “poussadas” de D. Martim Domingues, mestre-escola e vigário geral da

---

<sup>1972</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, 1982, p.45. Da presença deste prior no sínodo de 1329, embora os Autores o situem em 1328, dá-nos também conta Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43; Cunha, D. Rodrigo da, *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, Reprodução Fac-similada com nota de apresentação de José Marques, Braga, 1999, vol. 2, p.182. O texto desta fonte, no que respeita à elencagem dos presentes nesse Sínodo, encontra-se também reproduzido por Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.110 (nota 9).

<sup>1973</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp. 45-46.

<sup>1974</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, 1960, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1975</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XXI, p.240; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII-XV - História e Instituição*, Tomo II, Dissertação de Doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996, Apêndice Documental (sem paginação).

<sup>1976</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.164; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.61; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97.

<sup>1977</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145.

<sup>1978</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

Arquidiocese de Braga, testemunhando aí um contrato de empraçamento feito pelo mosteiro de Roriz<sup>1979</sup>.

**Gonçalo Domingues** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. Trata-se, muito provavelmente, do prior “Dom Gonçalo” que Frei Timóteo dos Mártires diz achar-se memória pelos anos de 1371<sup>1980</sup>, situação perfeitamente admissível, no entanto não conseguimos confirmar documentalmente essa informação. Podemos apenas afirmar que esteve presente no sínodo diocesano de Braga, presidido pelo arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca, realizado a 15 de Novembro de 1398<sup>1981</sup>. De qualquer forma, e a ser o prior a que Frei Timóteo dos Mártires alude, isso inviabilizaria a existência do priorado de Pedro Garcia que o cronista agostiniano coloca em 1383<sup>1982</sup>.

**Pedro Garcia** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. A indicação da existência deste prior é-nos dada, como referimos, por Frei Timóteo dos Mártires, mas até ao momento não encontramos qualquer registo documental que o confirme no cargo<sup>1983</sup>. A data de 1383 apontada pelo cronista agostinho, referente à sua presença à frente da comunidade, levanta também grandes dúvidas porque, como vimos, tudo indica que nessa altura o prior seria D. Gonçalo Domingues, situação que, a confirmar-se, implicará certamente o reajustamento da cronologia deste prior, se é que, de facto, alguma vez assumiu o priorado de Landim. Frei Timóteo dos Mártires indica o dia 16 de Setembro como o da ocorrência do seu óbito, sem que se saiba o ano<sup>1984</sup>. Não será de excluir que se trate de confusão com o prior Pedro Garcia que foi prior de Landim no último quartel do séc. XII e que faleceu em 1198, como o próprio cronista refere<sup>1985</sup> e ainda hoje é possível comprovar através da observação e leitura da sua lápide funerária que se encontra nas antigas instalações do mosteiro.

**D. Geraldo** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. Também não conhecemos nenhum documento que o referencie como prior mor de Landim. De qualquer modo é bastante provável que o tenha sido, até porque para 1400, data em que Frei Timóteo dos Mártires o coloca como responsável da canónica landinense<sup>1986</sup>, não temos elementos que nos permitam identificar o respectivo prior. Este mesmo cronista aponta o dia 4 de Dezembro como o do seu falecimento, sem que haja indicação do ano<sup>1987</sup>.

**D. Domingos Carneiro** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. É indicado por Frei Timóteo dos Mártires como sendo o sucessor de D. Geraldo mas o cronista não lhe atribui qualquer referencial cronológico, dizendo apenas que faleceu a 23 de Setembro, sem qualquer notícia do ano<sup>1988</sup>.

**Afonso Esteves** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. A confirmar-se a sequencialidade da relação de priores apresentada por Frei Timóteo dos Mártires,

---

<sup>1979</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°17.

<sup>1980</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1981</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.59.

<sup>1982</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1983</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1984</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1985</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.42.

<sup>1986</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1987</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>1988</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

Afonso Esteves, que é aí omitido pelo cronista, será certamente o sucessor de D. Geraldo ou de Domingos Carneiro, embora, como já vimos, o último prior cuja existência de facto conseguimos comprovar é Gonçalo Domingues. Em termos concretos, a primeira indicação que temos a “Dom Afonso Stevez prior do mosteiro de Landim” data de 25 de Janeiro de 1416, dia em que lhe é legitimado um filho, de nome Fernando Afonso, fruto da sua ligação com Guiomar Afonso, mulher solteira à altura do nascimento da criança<sup>1989</sup>.

Sem termos referências concretas que nos permitam delimitar cronologicamente o seu priorado, e mesmo afastando a dubialidade da existência dos priores que, à partida, o antecedem, podemos afirmar que, apegando-nos à concretude dos elementos disponíveis sobre o prior Gonçalo Domingues e daqueles que lhe sucederam, e ainda atentando na sequencialidade desses priorados, nesta casa monástica, é estimável que a sua governação se tenha estendido, grosso modo, pelas duas primeiras décadas do século XV.

**Martim/Martinho Gonçalves Taveira** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. A primeira referência que se lhe conhece data de 31 de Julho de 1430, dia em que foi confirmado um cônego do mosteiro de Landim, na igreja de Santo Estêvão de S. Fins<sup>1990</sup>. Como adianta José Marques o início do seu priorado deverá ser anterior a Novembro de 1423, altura em que se iniciam os registos de D. Fernando da Guerra no *Livro das Confirmações*<sup>1991</sup>, uma vez que não se lhe conhece aí qualquer referência à sua eleição ou confirmação. Esteve presente no sínodo diocesano de Braga, do arcebispo D. Fernando da Guerra, realizado a 12 de Dezembro de 1435, sendo aí também referenciado como criado do conde de Barcelos<sup>1992</sup>. Surge notícia da sua passagem no priorado do mosteiro de Santa Maria de Landim aquando da colação de ordens menores ao seu filho Fernão Martins Taveira, a 29 de Junho de 1461<sup>1993</sup>. A 1 de Julho de 1444 já tinha resignado ao priorado do mosteiro, dia em que D. Fernando da Guerra, encontrando-se em Lisboa, autoriza Gil Afonso Leitão a confirmar no priorado de Landim o camareiro do duque de Bragança<sup>1994</sup>. A 7 de Dezembro de 1465 foi-lhe legitimado Fernão Martins Taveira, fruto de uma relação com Maria Anes, mulher solteira<sup>1995</sup>.

**Fernão Martins Taveira** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim da Ordem de Santo Agostinho. Com a resignação de Martim Gonçalves Taveira, o arcebispo de Braga deu indicações para que se confirmasse no priorado o camareiro do duque de Bragança, cujo nome não é aí revelado, sendo que uma das condições exigidas para que fosse provido no cargo era a de que professasse na Ordem e fosse eleito pelos

---

<sup>1989</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, pp.114-115.

<sup>1990</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.27; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.738; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97.

<sup>1991</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.738.

<sup>1992</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.73.

<sup>1993</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 5, fl.8v.; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.339.

<sup>1994</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.121vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.739; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97.

<sup>1995</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1015.

cónegos<sup>1996</sup>. Há autores que defendem tratar-se de Fernão Martins Taveira, filho do anterior prior<sup>1997</sup>, que virá a receber ordens menores a 29 de Junho de 1461<sup>1998</sup>. De qualquer modo e sendo uma hipótese admissível, o certo é que a sua passagem pelo cargo foi extremamente curta, se é que o seu nome mereceu a aprovação do convento e este prior chegou mesmo a ser empossado!

**D. João Martins** - Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. Segundo Frei Timóteo dos Mártires há notícias do prior João Martins no cargo em 1445<sup>1999</sup>. Apesar de não termos elementos que nos permitam confirmar esta indicação, ela parece plausível, isto se tivermos em conta que, em 1444, Martim Gonçalves Taveira resignou e que, pelo menos em Março de 1446, Álvaro Afonso já é prior de Landim, podendo nesse hiato temporal a gestão do mosteiro ter ficado a cargo de D. João Martins. Significa isto também que o seu priorado foi muito curto, uma situação de transição que nos leva a equacionar a hipótese de estarmos na presença do prior claustral e não do prior-mor, mas só o surgimento de novos dados poderá esclarecer esta questão. De resto, há um outro elemento que poderá querer apontar nesse sentido: é que num obituário de S. Jorge de Coimbra, surge identificado um “Johanes Martinii canonicus de Nandim” registando-se aí o seu falecimento a 12 de Fevereiro, mas sem a indicação do ano em que ocorreu o óbito. De qualquer modo, e apesar de não termos elementos que nos permitam afirmar que estamos perante a mesma pessoa, não deixa de ser um indício a considerar<sup>2000</sup>.

**Álvaro Afonso** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim da Ordem de Santo Agostinho. A 12 de Março de 1446, recebe ordens de Epístola, em Braga<sup>2001</sup>, onde já surge referenciado como prior do mosteiro de “Santa Maria de Nandim” e a 16 de Abril do mesmo ano recebe ordens de Evangelho, também em Braga<sup>2002</sup>. Logo em 11 de Junho recebe ordens de Missa na mesma diocese<sup>2003</sup> e no dia 22 de Abril de 1462 ainda é referenciado como responsável máximo da instituição, desta feita através de um contrato de emprazamento efectuado pelo escudeiro João Vasques “criado de dom Alvaro Afonso prior do mosteiro de Santa Maria de Nandim”<sup>2004</sup>. A 4 de Setembro de 1472, o rei legitimou-lhe quatro filhas, todas fruto de uma relação que manteve com

---

<sup>1996</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.121v°; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.739; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.98.

<sup>1997</sup> Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.97-98.

<sup>1998</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 5, fl.8v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.339; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.739.

<sup>1999</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>2000</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.37.

<sup>2001</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.5v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.68. Tendo em conta estes dados a informação de Frei Timóteo dos Mártires acerca da existência de um prior de nome Lourenço Egas em 1465 não parece ter sentido, de qualquer modo o cronista agostiniano também faz referência a D. Álvaro Afonso, encontrando notícia da sua passagem por Landim em 1475, esta sim uma informação que merece credibilidade (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1960, Tomo III, 1960, p.44).

<sup>2002</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.10v.; Marques, José, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.74.

<sup>2003</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.13; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.78.

<sup>2004</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°195.



Isabel Álvares<sup>2005</sup>. Um documento passado pela Cúria Bracarense, datado de 27 de Setembro de 1481, dando autorização para que o mosteiro empraze um casal que tem na freguesia de São Paio de Ceide, revela-nos que Álvaro Afonso ainda era o prior de Santa Maria de Landim<sup>2006</sup>. Não sabemos em concreto até quando se manteve à frente desta comunidade regrente do vale do Ave, de qualquer modo, e a tomarmos como verdadeiras as informações de Frei Timóteo dos Mártires, o mosteiro de Landim em 1482 passaria a ser governado pelo prior D. Pedro<sup>2007</sup>. É, de facto, possível mas trata-se de informação carece de ser confirmada. É que, face à falta de mais elementos, a dúvida terá que persistir, até porque este cronista menciona dois outros priores para o ciclo governativo de Álvaro Afonso, que indica como prior por volta de 1475: Frei Timóteo dos Mártires indica como prior-mor do mosteiro, em 1459, D. Henrique Gonçalves, e, em 1465<sup>2008</sup>, D. Lourenço Egas, mas trata-se de datas que são, aparentemente, repudiadas pela documentação. E se é certo que existiram priorados intercalados, não temos indicadores que tenha sido este o caso, parecendo-nos mais provável que estes dois indivíduos sejam priores claustrais mas se de facto atingiram o priorado mor a sua acção terá de reportar-se necessariamente a outra época.

**D. Pedro** - Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. Segundo Frei Timóteo dos Mártires D. Pedro foi prior em 1482, adiantando também que este prior faleceu a 28 de Novembro, mas cujo ano não é revelado<sup>2009</sup>. Apesar de ainda não termos encontrado elementos que nos permitam validar esta informação do cronista, ela parece-nos credível tendo em conta que a última indicação que conhecemos a Álvaro Afonso é de 1481, numa altura em que o seu priorado já se estendia por mais de três décadas.

**D. André** - Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o como prior de Landim “pellos annos 1490” revelando também que o seu falecimento ocorreu a 21 de Outubro, de ano incógnito<sup>2010</sup>. Em relação a este prior também não temos dados que confirmem a sua presença à frente do mosteiro, mas é uma possibilidade perfeitamente credível. O mesmo não sucede com a informação que o mesmo cronista nos dá dizendo que este foi o último prior-mor eleito<sup>2011</sup>. É que, à luz dos dados de que dispomos, o último terá sido D. Fernando Anes, o seu previsível sucessor.

**Fernando Anes** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Landim. A primeira indicação documental que o coloca no principal cargo desta comunidade regrente data de 4 de Abril de 1495, dia em que, em conjunto com o convento do mosteiro, empraza a Fernão de Ponte, sapateiro, morador em Braga, à sua mulher, Isabel Afonso, e a um filho deles, a quintã da Lama<sup>2012</sup>.

---

<sup>2005</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 29, fl.147. Estas legitimações são também referenciadas por Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.739,1015; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.98.

<sup>2006</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.7.

<sup>2007</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

<sup>2008</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

<sup>2009</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

<sup>2010</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

<sup>2011</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

<sup>2012</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

**D. Jorge da Costa (cardeal de Alpedrinha)** – Provável prior comendatário de Santa Maria de Landim. António Martins e Emília Nóvoa Faria adiantam essa possibilidade, sustentando-se em informações de Fortunato de Almeida e num documento de 1498 que referencia D. Jorge da Costa<sup>2013</sup>. Do contacto que tivemos com a documentação podemos dizer que ou não vimos o documento em causa, ou então não retivemos essa informação<sup>2014</sup>, e como não encontrámos nenhuma outra prova inequívoca da ligação deste comendatário a Santa Maria de Landim, parece-nos mais prudente manter-mo-nos apenas no campo das hipóteses.

**D. Diogo de Azevedo** – Prior comendatário de Santa Maria de Landim. Segundo Alão de Moraes trata-se de um filho do bispo D. João de Azevedo e de Catarina Aranha<sup>2015</sup>. A primeira referência que lhe conhecemos, no priorado, data de 27 de Fevereiro de 1501, dia em que são emprazados, a Pedro Gomes e a duas outras pessoas, quatro casais na aldeia de Durão, no concelho da Maia<sup>2016</sup>, o que invalida automaticamente a data apontada por Frei Timóteo dos Mártires que adianta que D. Diogo de Azevedo foi prior comendatário nomeado por D. Manuel em 1518<sup>2017</sup>.

A partir de 1501 e até 1523 aparece documentado como prior de Landim, celebrando diversos contratos de cariz económico, mormente emprazamentos<sup>2018</sup>. Da análise da documentação depreende-se que D. Diogo teve bastante preocupação com a gestão do mosteiro acautelando inclusivamente a preservação dos seus privilégios e interesses, como revela o pedido que fez ao rei D. Manuel para que lhe enviassem traslado das cartas que se guardavam na Torre do Tombo referentes ao couto do mosteiro e que Rui de Pina, guarda-mor da Torre do Tombo, trasladou a 8 de Novembro de 1511<sup>2019</sup>. A 26 de Maio de 1515, D. Diogo de Azevedo encontrava-se no mosteiro, recebendo aí os emissários régios que foram aplicar a taxaço a que Landim tinha sido sujeito para as comendas novas da Ordem de Cristo, cifrada em 235 ducados de ouro anuais<sup>2020</sup>.

O último acto em que este prior é interveniente, isto tendo por base, naturalmente, as fontes documentais que se conhecem, é um emprazamento feito a João

---

<sup>2013</sup> Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.92, 99.

<sup>2014</sup> Como os Autores não identificam a fonte é provável que se trate de algum documento que não chegámos a consultar, de qualquer modo entre a documentação do mosteiro à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo encontram-se dois documentos datados de 1498, um de 13 de Julho e outro de 22 de Outubro (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Docs.9,10), por isso é também admissível que se trate de um destes instrumentos que, oportunamente, teremos de voltar a analisar no sentido de tentar averiguar essa informação. Não será também de excluir que, no documento a que aludem os Autores, o nome de D. Jorge da Costa surja na qualidade de arcebispo de Braga (1486-1501), e não nos podemos esquecer que competia à Sé bracarense a validação dos emprazamentos do mosteiro.

<sup>2015</sup> Moraes, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Vol. I, 1943, pp.75,81.

<sup>2016</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.11; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.69-70.

<sup>2017</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

<sup>2018</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Docs.11, 12,16, 17, 19, 22.

<sup>2019</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.15. Este documento encontra-se transcrito e publicado por Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.158-162.

<sup>2020</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, in *Actas do I Congresso sobre a Diocese do Porto: Tempos e Lugares de Memória – Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (5 a 8 de Dezembro de 1998)*, vol.II, Porto/Arouca, 2002, p.64.

Tomé e a Maria Anes, sua mulher, e a uma terceira pessoa, do casal de Lousado, na freguesia de Santa Marinha de Lousado, no dia 25 de Fevereiro de 1523<sup>2021</sup>.

**D. Miguel da Silva** – Prior comendatário de Santa Maria de Landim e São Simão da Junqueira<sup>2022</sup>. Nasceu por volta de 1480 e era filho de D. Diogo da Silva Meneses, 1º conde de Portalegre e de D. Maria Aiala<sup>2023</sup>. Entre 1515 e 1526 foi embaixador português junto da Santa Sé<sup>2024</sup>, tendo sido um dos representantes portugueses no 5º Concílio de Latrão<sup>2025</sup> (1512-1518). Foi bispo da Guarda (1516-1519) na menoridade do infante D. Afonso<sup>2026</sup>, bispo de Viseu (1526-1547) e escrivão da puridade de D. João III<sup>2027</sup>. De resto, a intitulação de um emprazamento efectuado no mosteiro de Landim, a 11 de Fevereiro de 1529, é bem elucidativa: “Dom Miguel da Silva Bispo elleito da cidade de Viseu e do Conselho de d’el rei nosso Senhor e escrivão da Puridade e perpetuo administrador dos mosteiros de Santo Tirso de Riba D’Ave do bispado do Porto e do mosteiro de Nandim do arcebispado de Braga...”<sup>2028</sup>. O papa Paulo III (1534-1549) fê-lo cardeal em 1539<sup>2029</sup>, o que provocou um corte de relações entre o rei e D. Miguel, com este a fugir, a 22 de Julho de 1540, de Viseu para Roma, onde viria a falecer a 5 de Junho de 1556, sem nunca merecer o perdão de D. João III, que lhe retirou todos os bens, privilégios e honras que possuía no Reino<sup>2030</sup>, decretando-lhe

<sup>2021</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.22; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.75.

<sup>2022</sup> Além destas comendas de mosteiros agostinhos D. Miguel da Silva ainda deteve as dos mosteiros de Santo Tirso e S. Pedro das Águias (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.663), embora em documento de Fevereiro de 1529 o próprio bispo apenas faça referência às comendas de Santo Tirso e Landim (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.24). Segundo São Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, notas críticas de José Mattoso, Tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, pp.37, 411, D. Miguel foi provido como comendatário do mosteiro de Santo Tirso em 1528, embora, e a avaliar por um documento que integra o *Corpo Diplomático Português...*, Tomo XI, 1898, pp. 222-224, D. Miguel já era comendatário deste mosteiro beneditino a 4 de Abril de 1520.

<sup>2023</sup> *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Vol. III, direcção, coordenação e compilação de Afonso Eduardo Martins Zuquete, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961, pp.165-166.

<sup>2024</sup> Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.102.

<sup>2025</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, pp.661-662; Castro, Padre José de, *Portugal em Roma*, vol. II, Lisboa, União Gráfica, 1939, p.343.

<sup>2026</sup> D. Afonso sucedeu na diocese da Guarda ao bispo D. Pedro Vaz Gavião (1496-1516), sendo eleito a 9 de Setembro de 1516, ficando, e face à sua menoridade, como seu vigário D. Miguel da Silva (cf. Castro, Padre José de, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. I, Lisboa, União Gráfica, 1944, p.89).

<sup>2027</sup> *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Vol. III, direcção, coordenação e compilação de Afonso Eduardo Martins Zuquete, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961, p.166; Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.102. D. Miguel da Silva foi nomeado escrivão da puridade por carta de 16 de Novembro de 1525 (cf. Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. II, 3ª ed, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.26).

<sup>2028</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.24. Este documento encontra-se transcrito e publicado por Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.149-150.

<sup>2029</sup> Castro, Padre José de, *Portugal em Roma*, vol. II, Lisboa, União Gráfica, 1939, p.343.

<sup>2030</sup> Cardoso, Jorge, *Agiológico Lusitano*, Tomo II, (Edição fac-similada da de 1657), Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p.761; Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. II, 3ª ed, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.26; Herculano, Alexandre, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. II (Volume 19 de “As melhores obras de Alexandre Herculano”), Círculo de Leitores, 1987, pp.28-34, 84-90. A propósito da data do seu falecimento, apenas dizer que um obituário do mosteiro de Moreira da Maia regista o falecimento de D. Miguel da Silva, bispo de Viseu e prior do mosteiro de Landim a 13 de Junho de Junho de 1556 (cf. BNL – Secção de Reservados, Nº 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s. p.).

inclusivamente a desnaturalização por carta de 23 de Janeiro de 1542<sup>2031</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Miguel da Silva renunciou ao priorado na década de trinta quando voltou a Roma, na qualidade de embaixador, dando a comenda de Landim ao seu sobrinho D. António da Silva<sup>2032</sup>, desconhecemos, no entanto, as condições dessa passagem e se, efectivamente, ocorreu. As provas documentais não parecem corroborar tal situação, mas poderá dar-se o caso de ser identificado como comendatário perpétuo e estar o seu sobrinho à frente da comenda como seu representante. De concreto, há registos de que D. Miguel da Silva ainda era comendatário de Landim a 9 de Março de 1536<sup>2033</sup>. De resto, por esta altura, Fernão de Pina, guarda-mor da Torre do Tombo dá despacho ao requerimento de D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, membro do Conselho régio, e escrivão da Puridade, para que lhe fossem entregues cópias dos documentos que se guardavam na Torre do Tombo respeitantes aos coutos dos mosteiros de Santo Tirso e Landim, tendo-lhe sido remetidos, no que respeita a Landim, a 3 de Abril de 1536, traslados de documentos de D. Afonso IV e D. João I<sup>2034</sup>.

Também Jorge Cardoso o indica como prior comendatário em 1537, ano em que mandou abrir o túmulo de D. Pedro Garcia, antigo prior, muito venerado no mosteiro<sup>2035</sup>. Ainda em 1543, é identificado enquanto detentor da comenda como revela uma carta enviada por Baltasar de Faria a D. João III, datada de 18 de Maio de 1544, em que o embaixador dá conta ao rei que era necessário pagar ao camareiro do papa, o marquês António Maria, 100 cruzados de pensão referentes ao mosteiro de Landim, dos quais 50 no Natal e a outra metade pelo S. João, sendo que ainda se lhe devia o ano de 1443, mas “que por ser de Dom Miguel se lhe nam paga”<sup>2036</sup>. Uma carta de Lourenço Pires de Távora para o rei, datada de 27 de Outubro de 1561, vem, aparentemente, esclarecer toda esta questão uma vez que aí se diz que o cardeal Farnese tinha direito de regresso nos mosteiros de Landim e Santo Tirso em virtude da transferência da comenda que se fizera de D. Miguel da Silva para ele<sup>2037</sup>.

**D. António da Silva** – Prior comendatário de Santa Maria de Landim. Em relação à cronologia deste prior persistem inúmeras dúvidas. É possível que tenha ocupado a comenda de Santa Maria de Landim a partir do final da década de trinta, ou no primeiro semestre de 1540, comenda que lhe terá sido entregue pelo seu tio em regime transitório, com a condição de a retomar no seu regresso de Roma<sup>2038</sup>, o que, como é sabido, não

---

<sup>2031</sup> Trata-se de uma carta violentíssima que se encontra transcrita na Crónica de D. João III e da qual reproduzimos aqui um excerto: “... e por tanto eu como seu rey e senhor o privo do officio de escrivão da puridade que de mim tinha, e de todas as jurisdições, rendas, tenças, moradias, mantimentos, e ordenados, privilegios, liberdades, honras, graças, e mercês que tinha, e lhe tenho feitas, e mando que seja riscado de meus livros, e o ey por não natural, e desnaturado de meus reynos, e mando que lhe não sejam guardados, nem possa usar, gozar de nenhuns privilégios, liberdades, immuniades, graças, exemptions, mercês, honras e franquezas, nem preeminências que os naturais delles usão, gozão e podem gozar, e gouvir, antes o ei como se em elles nunca nacera, e bem assy ey por não naturais, e desnaturado todos meus suditos vassallos e naturais que com elle estiverem, ou para elle se forem, da notificação desta em diante...” (cf. *Chronica do muyto alto e muyto poderoso rey destes reynos de Portugal Dom João o III deste nome* dirigida ha C.R.M. D’El Rey Dom Filippe o III composta por Francisco D’Andrada do seu Conselho e seu chronista mor, Parte III, 2ª ed., Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1796, Cap. LXXXII, p.378).

<sup>2032</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, 1960, Tomo III, 1960, p.44.

<sup>2033</sup> Castro, Maria de Fátima, *O mosteiro de Landim: contributos para o estudo da propriedade eclesiástica*, Edição da Autora, 1995, p.73.

<sup>2034</sup> Correia, Fernando Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso: o perfil jurisdiccional dos seus abades – Estudo e documentação*, s.d., pp.576-578.

<sup>2035</sup> Cardoso, Jorge, *Agliológico Lusitano*, Tomo II, 2002, pp.5-6.

<sup>2036</sup> IAN/TT – Gaveta II, M. 5, Doc.24.

<sup>2037</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.383-384.

<sup>2038</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

sucederia. A confirmar-se esta hipótese, é muito provável que D. Miguel tenha passado a comenda para o sobrinho numa data situada entre 12 de Dezembro de 1539, altura da sua nomeação para cardeal e 22 de Julho de 1540, data da sua saída de Portugal<sup>2039</sup>. Tal hipótese parece ganhar ainda mais força se tivermos em conta que a comenda do mosteiro de Santo Tirso transitou também para D. António da Silva em 1540<sup>2040</sup>. O certo é que não dispomos de documentos que comprovem a presença de D. António da Silva à frente do mosteiro de Landim nas décadas de trinta e quarenta, embora haja indicações de que em 1548 era o prior comendatário desse mosteiro<sup>2041</sup>. Tendo em consideração que, a 24 de Março de 1548, o cardeal Alexandre Farnésio assumia as comendas dos mosteiros de Landim, Santo Tirso e S. Pedro das Águias que tinham sido do bispo D. Miguel<sup>2042</sup> não sabemos se não chegou a abandonar a comenda, pagando a correspondente renda ao cardeal Farnese, ou se foi posteriormente empossado. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este prior faleceu antes do seu tio<sup>2043</sup> portanto, em data anterior a Junho de 1556, informação que é incorrecta, uma vez que este comendatário faleceu em 1561, muito provavelmente no início de Setembro, como prova a carta enviada, nesse mesmo mês, pelo rei, ao cardeal Santa Flor, dando-lhe conta que tivera conhecimento do falecimento de D. António da Silva em Sevilha “onde se estava curando de certa ymfirmidade”<sup>2044</sup>, ficando assim vagos os mosteiros de Landim e Santo Tirso. Cartas de 27 de Outubro de 1561 e 9 de Novembro de 1561 atestam essa informação, confirmando o falecimento de D. António da Silva e a vacância dos mosteiros de Landim e Santo Tirso<sup>2045</sup>.

**D. Alexandre Farnésio** – Prior comendatário de Santa Maria de Landim. Segundo Frei Timóteo dos Mártires após a morte do prior mor comendatário D. Fernando o cardeal Alexandre Farnésio pediu ao papa Paulo IV (1555-1559) a comenda do mosteiro de Landim, que lhe foi concedida<sup>2046</sup>. Este D. Fernando aqui referenciado é D. Fernando Anes, um dos dois priores comendatários que o cronista agostiniano coloca de permeio

---

<sup>2039</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, pp.663-664; Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. II, 3ª ed, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.26.

<sup>2040</sup> Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.101. Já Frei Leão de São Tomás indica o ano de 1536 como o do início do governo do mosteiro beneditino por parte de D. António da Silva (cf. São Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, notas críticas de José Mattoso, Tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, p.38).

<sup>2041</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VII, p.302; Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.107.

<sup>2042</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, pp.669-670. Também Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.101, indicam o ano de 1548 como o do início da comenda de D. Alexandre Farnésio em Landim.

<sup>2043</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44. Já Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VII, p.303 indica o ano de 1560 como o do óbito de D. António da Silva enquanto Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.107, diz que este prior comendatário faleceu em 1561.

<sup>2044</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IX, 1886, p.339.

<sup>2045</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IX, 1886, pp.383-384; pp.405-406.

<sup>2046</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.45; Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.107. D. Alexandre Farnésio após a morte de D. António da Silva foi também comendatário do mosteiro de Santo Tirso (cf. São Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, notas críticas de José Mattoso, Tomo II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, p.39).

entre D. António da Silva e D. Alexandre Farnésio, sendo o outro D. Álvaro Correia<sup>2047</sup>, mas é quase certo que pelo menos o primeiro foi apenas prior claustral do mosteiro<sup>2048</sup>, embora essa situação nos pareça que possa ser também extensível ao segundo, configurando-se como o provável prior claustral que antecedeu D. Fernando Anes<sup>2049</sup>. Quanto ao cardeal Alexandre Farnésio foi o antecessor e o sucessor de D. António da Silva. Este cardeal, com o título de São Lourenço in Dâmaso, era vice-chanceler da Santa Sé, filho do duque de Parma<sup>2050</sup> e neto do papa Paulo III<sup>2051</sup> (1534-1549). A 22 de Abril de 1547, foi nomeado comendatário do bispado de Viseu e, a 24 de Março de 1548, D. Farnésio assumia as comendas dos mosteiros de Landim, Santo Tirso e S. Pedro das Águias, as quais tinham sido do bispo D. Miguel bem como o direito de apresentação nas igrejas pertencentes ao padroado desses mosteiros, comprometendo-se aí a colocar apenas clérigos portugueses embora reservasse pensões para os seus familiares<sup>2052</sup>. De facto, a 29 de Junho de 1558, faz-se referência ao cardeal Farnésio, comendatário perpétuo do mosteiro de Landim, a propósito de um emprazamento efectuado pelo mosteiro a Pantalhão Gonçalves, seu familiar<sup>2053</sup>. Face à distância física do cardeal, o mosteiro era governado por um seu representante de nome Ângelo Caríssimo<sup>2054</sup>. Significa isto que, apesar de D. António da Silva ser comendatário arrendatário, o cardeal Farnese interferia na gestão do mosteiro. Com o falecimento de D. António da Silva, em Setembro de 1561, o rei escreve ao cardeal Santa Flor solicitando-lhe que intercedesse junto do papa para que este lhe concedesse os mosteiros de Landim e Santo Tirso, de forma a dar continuidade às reformas já aí iniciadas e prover aí pessoa da sua confiança<sup>2055</sup>. A 27 de Outubro de 1561, Lourenço Pires de Távora dava conta ao rei que as suas cartas, que levavam a notícia da vacância dos mosteiros de Landim e Santo Tirso, por falecimento de António da Silva, tinham chegado a 13 de Outubro, sendo que o cardeal Farnese tinha direito de regresso em ambos os mosteiros por translação do cardeal D. Miguel da Silva<sup>2056</sup>. O embaixador advertia também que este cardeal era muito manhoso e de pouca confiança<sup>2057</sup>, voltando a reiterar essa ideia em missiva de 9 de Novembro de 1561, dizendo que “este cardeal he assaz manhoso e cuida que com palavras entretera e fara o que lhe cumpre, e não lhe

---

<sup>2047</sup> Segundo Frei Timóteo dos Mártires D. Álvaro Correia assumiu a comenda do mosteiro de Landim após a morte de D. António da Silva, sucedendo-lhe depois D. Fernando Anes em 1556 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.45).

<sup>2048</sup> A este propósito consulte-se a entrada biográfica que lhe dedicamos na secção dos cónegos regrantes. Poderá, eventualmente, dar-se o caso de Frei Timóteo dos Mártires ter também feito confusão com o prior mor D. Fernando Anes que surge documentado como titular da instituição no final do séc. XV.

<sup>2049</sup> Em relação a Álvaro Correia não lhe encontramos qualquer referência documental, embora não seja de excluir que se trate do cónego que identificámos como Baltasar Correia e que integra a comunidade de Landim, pelo menos, entre 1495 e 1515, embora também nunca o tenhamos encontrado referenciado como prior claustral, o que obviamente não impede que o tenha sido. De qualquer modo, e a confirmar-se que se trata do mesmo indivíduo, essa cronologia revelar-se-ia consentânea com a sequência apresentada por Frei Timóteo dos Mártires uma vez que o cónego Fernando Anes é detectado em Landim nas décadas de vinte e trinta do séc. XVI.

<sup>2050</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.45.

<sup>2051</sup> Herculano, Alexandre, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. II, p.203.

<sup>2052</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, pp.669-670. Também Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.101, indicam o ano de 1548 como o do início da comenda de D. Alexandre Farnésio em Landim.

<sup>2053</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.28.

<sup>2054</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.45.

<sup>2055</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.339.

<sup>2056</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.383-384.

<sup>2057</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.384.

faltarão invenções p[er] a dilação<sup>2058</sup>. Nesse mesmo dia, Lourenço Pires de Távora informa o monarca que um criado do cardeal Farnese virá a Portugal tratar dos negócios dos mosteiros que tinham vagado por falecimento de D. António da Silva<sup>2059</sup>. Da correspondência trocada entre os representantes em Roma e a Coroa, a imagem que transparece do cardeal Alexandre Farnese é extremamente negativa, ele que era por esta altura, indiscutivelmente, um dos maiores beneficiários dos réditos eclesiásticos em Portugal, avaliando-se em cerca de quarenta mil cruzados, já deduzidos de encargos, os rendimentos que obtinha com os três mosteiros de que era comendatário, a que acrescia os do bispado de Viseu e os que lhe advinham da apresentação em diversas igrejas<sup>2060</sup>.

A resistência do cardeal em resignar à comenda de Santa Maria de Landim não foi quebrada, nem pelo monarca, nem pelos embaixadores, mas sim por Filipe Pegado, cónego do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que se encontrou em Roma com o cardeal, em 1562, conseguindo convencê-lo a renunciar à comenda de forma a integrar o mosteiro na Congregação de Santa Cruz, assumindo ele próprio o priorado da instituição enquanto se não concretizava a união<sup>2061</sup>.

### **Priores cuja cronologia não foi possível precisar:**

**Pedro Anes** – Prior do mosteiro de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o “obiit domnus Petrus Johannis prior monasterii Sancte Marie de Nandim” a 30 de Setembro mas não apresenta aí qualquer referência ao ano do falecimento<sup>2062</sup>. Frei Timóteo dos Mártires não identifica nenhum Pedro Anes para o mosteiro de Landim, apenas identifica um prior Pedro para o final do séc. XV<sup>2063</sup>. Estaremos na presença desse religioso?

### **1.1.2. - Santa Maria de Oliveira (c. Vila Nova de Famalicão)**

**Fernão Pires Coelho** - Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Por instrumento de 10 de Abril de 1299, sabemos que “FERNAM PIREZ” já era o prior de Oliveira já que, nesse mesmo dia, Pedro Anes Coelho e D. Margarida, sua esposa, dão ao mosteiro e ao

---

<sup>2058</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.406.

<sup>2059</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.405-406.

<sup>2060</sup> Herculano, Alexandre, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. II, 1987, p.202. Esta parte da obra de Alexandre Herculano onde colhemos esta informação encontra-se também transposta em *Alexandre Herculano: um homem e uma ideologia na construção de Portugal – Antologia*, organização, prefácio e notas de Cândido Beirante e Jorge Custódio, Amadora, Livraria Bertrand, 1978, p.263.

<sup>2061</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VII, p.303; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.45; Sá, Padre Augusto Carneiro de, “O mosteiro de Santa Maria de Landim”, in *Boletim Cultural*, Nº2 (Junho de 1981), Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, p.108. Este D. Filipe Pegado além de prior de Landim, viria também a ser prior trienal do mosteiro de Refoios de Lima, eleito a 18 de Agosto de 1576 e confirmado no cargo no dia 24 desse mês, tendo falecido no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1578 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.44-45, 66-67). De facto um Obituário de Moreira da Maia regista o falecimento de D. Filipe, presbítero, cónego de Santa Cruz e prior de Refoios, às 17 Kalendas de Junho de 1578 ou seja a 15 de Maio de 1578). Também indicado no *Obituário de S. Vicente de Fora*, fl.20, embora aí recaia no dia 17 de Maio o registo do “obiit D. Philippus presbyter canonicus Sancte Crucis anno 1578”.

<sup>2062</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.148.

<sup>2063</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.44.

seu prior, três casais na terra de Vieira, para remissão das suas almas<sup>2064</sup>. De notar que este Pedro Anes Coelho era irmão do prior. Fernão Pires Coelho resignou ao priorado em data que desconhecemos, mas muito provavelmente ainda no decurso da primeira década do séc. XIV, e seguramente antes de Dezembro de 1311, uma vez que nessa altura o prior já é Martim Domingues<sup>2065</sup>. Após a resignação, deverá ter-se mantido no mosteiro, onde faleceu e foi sepultado, registando-se o óbito do “Venerabilis Pater Domnus Ferdinandus Petri Prior de Oliveira” a 18 de Janeiro de 1340<sup>2066</sup>. A este prior é atribuída grande fama de santidade tendo, segundo alguns textos cronísticos, sido encontrado o seu corpo incorrupto em 1556, quando se procedia a obras para edificação de um novo claustro<sup>2067</sup>.

**Martim Domingues/Martinho Domingues** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. O seu priorado, que não deverá ter sido muito longo, fica marcado por um conflito entre o prior e os cónegos da comunidade, acusando estes o prior de se ter apoderado indevidamente do seu selo conventual, utilizando-o à revelia e contra a vontade e os interesses dos religiosos<sup>2068</sup>. Em Julho de 1315, Martim Domingues já tinha falecido ou resignado, uma vez que nessa altura há indicação de um novo prior<sup>2069</sup>. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Martinus Dominici priol Ulivaria” a 28 de Janeiro, mas sem referência ao ano<sup>2070</sup>.

**Estêvão Pires** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. A primeira indicação que conhecemos a “Stevam Perez priol do moesteiro de Sancta Maria d’Ulveyra de Riba d’Ave” data de 5 de Julho de 1315, dia em que o mosteiro arrenda os bens que tem em Leiria e seu termo<sup>2071</sup>. “Stephano Petri Priore Monasterii de Olivaria” encontrava-se no mosteiro de S. Silvestre de Requião, a 26 de Fevereiro de 1317, testemunhando a confirmação de um cónego desta casa agostinha para reitor da igreja de Santa Marinha de Ferreiro<sup>2072</sup>. A 24 de Julho de 1318, foi dada sentença por Domingos Martins, abade de Castelões e Fernão Anes, abade de Vermoim, juízes designados para julgarem a contenda que opunha o convento ao prior por causa da distribuição das rações a que

---

<sup>2064</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Doc.3; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Costa, António Carvalho da, *Corografia portugueza e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal com as noticias das fundações...*, Tomo I, 2ª ed., Braga, Typografia de Domingos Gonçalves Gouveia, 1868, p.291; Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.6, 1875, p.254; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp. 54-55.

<sup>2065</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.56.

<sup>2066</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo III, 2002, pp. 734,741; Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.144; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.55; Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, pp.1614-1615. Um obituário do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia também lhe atribui o falecimento neste dia (BNL – Secção de Reservados, Nº 215 “Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s.p.).

<sup>2067</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo III, 2002, pp. 734, 741; Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.144.

<sup>2068</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp.56-57.

<sup>2069</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.7.

<sup>2070</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

<sup>2071</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.7.

<sup>2072</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 77-78.



tinham direito<sup>2073</sup>. Em 1320 D. Estêvão Pires andava envolvido em nova contenda, desta feita com Rui Garcia prior de Santa Lucrécia, dando a Cúria bracarense, a 16 de Maio desse ano, sentença favorável ao prior obrigando o abade a pagar colheita anual dessa igreja<sup>2074</sup>. A 7 de Outubro de 1329, “Stephano Petri de Ulvaria” participou no sínodo diocesano presidido por D. Gonçalo Pereira<sup>2075</sup>. Em 1330 Estêvão Pires ainda era prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, remontando a esse ano os dois últimos registos documentais que comprovam a sua presença à frente da comunidade: o primeiro é uma doação feita ao mosteiro em Março<sup>2076</sup> e o segundo é o registo da sua presença no sínodo episcopal de D. Gonçalo Pereira, que teve lugar a 14 de Novembro<sup>2077</sup>. A partir daqui não voltámos a ter informações sobre este prior, por isso, não sabemos, em concreto, até quando se prolongou o seu priorado.

**Lourenço Viegas** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Foi, muito provavelmente, o sucessor de D. Estêvão Pires, mas desconhecemos quando se iniciou o seu governo. O único dado concreto que temos é que, a 25 de Junho de 1350, Lourenço Viegas era o prior-mor de Santa Maria de Oliveira, dia em que solicitou ao tabelião de Braga, Vasco Fernandes, o traslado de documentos referentes à igreja de Santa Lucrécia<sup>2078</sup>.

**D. Francisco Miguel** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Foi investido no priorado de Santa Maria de Oliveira a 15 de Setembro de 1356, pelo arcebispo de Braga, D. Guilherme (1349-1361), sendo que já tinha ocupado essas mesmas funções no mosteiro de Landim<sup>2079</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Francisco Miguel era cónego do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>2080</sup>, possibilidade que não sendo de excluir, teria de reportar-se a data anterior ao seu ingresso em Landim, da qual não dá notícia o cronista. O obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Franciscus Michaelis prior monasteri Sancte Marie de Ulvayria” a 15 de Março, não sendo aí referenciado o ano<sup>2081</sup>.

**D. João Esteves** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Não temos muitas informações sobre este prior cujo priorado ficou marcado pelo grave conflito em que se viu envolvido com o arcebispo D. Lourenço Vicente (1374-1397), sendo acusado pelo arcebispo de não cumprir as suas obrigações pastorais e de desrespeitar as determinações sinodais de 1374, levando o bispo a ordenar o congelamento das rendas e

---

<sup>2073</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.9; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57.

<sup>2074</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.8; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.60.

<sup>2075</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.45.

<sup>2076</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.10; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.59.

<sup>2077</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.46.

<sup>2078</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.5; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.60.

<sup>2079</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.164; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.61; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97.

<sup>2080</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145.

<sup>2081</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.10. Frei Timóteo dos Mártires, certamente com base num outro obituário, diz que D. Francisco faleceu a 11 de Maio, embora sem que se saiba o ano (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145).

bens a que o prior tinha direito, recorrendo para a execução de tal medida ao juiz de Vermoim, Vasco Gonçalves<sup>2082</sup>. O problema é que o juiz absolveu o prior das acusações que lhe eram feitas, arrastando-se o processo com a interposição de recursos para a justiça régia<sup>2083</sup>. Também Clemente VII, papa avionense, intervém, considerando, por bula de 28 de Maio de 1381, todos os processos intentados por D. Lourenço, incluindo o que pendia sobre o prior de Oliveira, D. João Esteves, nulos, ordenando a Pedro Lourenço, cónego de Braga, que julgasse tais contendas e que não obedecesse a D. Lourenço Vicente, bispo a quem já tinha ordenado a transferência para a diocese de Trani<sup>2084</sup>. Com o desenrolar da complexa situação política portuguesa em meados da década de oitenta e a inversão de algumas posições ao nível das disputas internas na diocese de Braga, a crescer à grande aproximação de D. Lourenço Vicente a D. João I, não sabemos o que aconteceu com João Esteves, mas admitindo todo um cenário desfavorável a este prior, é muito provável que tenha resignado.

**Afonso Esteves** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Tal como em relação ao seu antecessor também não dispomos de dados que nos permitam delimitar cronologicamente o seu priorado ou conhecer elementos da sua acção governativa. Apenas sabemos que assistiu ao sínodo diocesano de Braga, de D. Martinho Afonso Pires da Charneca (1398-1416), que teve lugar a 15 de Novembro de 1398<sup>2085</sup>.

**Gonçalo Anes** – Prior do mosteiro de Oliveira. A 27 de Dezembro de 1409, já surge mencionado como prior do mosteiro. Nesse dia fez um emprazamento, em três vidas, a Gonçalo Vasques, à sua mulher, Domingas Esteves, moradores em S.Tiago de Castelões, e a uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, de uma cortinha nessa mesma localidade<sup>2086</sup>. A 15 de Março de 1414, “o religioso frey Gonçal’Eannes prioll do mosteiro d’Ulveira da terra de Vermuim” compareceu perante Fernão Álvares, juiz da vila de Barcelos, mostrando-lhe dois instrumentos referentes às jurisdições que o mosteiro detinha nos seus coutos, uma do rei D. Afonso IV, e outra do ouvidor de D. Afonso, conde de Barcelos, feita em Guimarães, a 7 de Outubro de 1412, pela qual era reconhecido e permitido que o mosteiro usasse da jurisdição no seu couto, solicitando o prior ao juiz o traslado desses instrumentos<sup>2087</sup>.

**Gonçalo Vasques/Gonçalo Vaz** – Prior do mosteiro de Oliveira. Gonçalo Vasques era proveniente do mosteiro de S. Silvestre de Requião<sup>2088</sup>. A 9 de Abril de 1425 “Gonçalo Vaaz prior do mosteiro de Sancta Maria d’Oliveira” surge como procurador do abade da igreja de S. Mateus, que em seu nome apresentou a renúncia a essa igreja perante o arcebispo de Braga<sup>2089</sup>. Só encontrámos nova referência a Gonçalo Vasques como prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira a 2 de Abril de 1433<sup>2090</sup>, dia em que foi feita

<sup>2082</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp.61-63.

<sup>2083</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.62.

<sup>2084</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp.191-192.

<sup>2085</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.59.

<sup>2086</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.12; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.64.

<sup>2087</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais do mosteiro de Santa Maria de Oliveira...”, 1997, pp. 134, 138 (o trecho documental aqui reproduzido é extraído do documento transcrito pela Autora (p.138)).

<sup>2088</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

<sup>2089</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.6.

<sup>2090</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Docs.14,15; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.64.

uma procuração “scripta em papell e sobscripta per maa de dom Gonçallo Vaasquiz priol do dicto moesteiro” e por dois cónegos do mosteiro a nomearem seus procuradores o clérigo João de Sá, o cónego Gil Afonso e o advogado Luís Afonso<sup>2091</sup>, surgindo no dia seguinte o cónego Gil Afonso a efectuar emprazamentos em nome do mosteiro<sup>2092</sup>. Estes são de resto os únicos registos que conhecemos da sua presença nesta comunidade. De qualquer modo, o seu priorado também foi relativamente curto uma vez que faleceu em Janeiro de 1435<sup>2093</sup>.

**João Afonso** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Trata-se de um cónego regrante proveniente do mosteiro de Mancelos, sendo provido no priorado de Santa Maria de Oliveira a 20 de Janeiro de 1435<sup>2094</sup>. O seu governo acabaria por ser extremamente curto uma vez que, a 29 de Setembro desse mesmo ano, já tinha resignado, sendo então empossado Rodrigo Esteves, proveniente do mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>2095</sup>. Não sabemos o que sucedeu com João Afonso após ter renunciado a este priorado mas é muito provável que tenha regressado ao mosteiro de Mancelos, pelo menos não detectamos o seu nome entre a documentação subsequente de Santa Maria de Oliveira.

**D. Rodrigo Esteves** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. D. Rodrigo Esteves é proveniente do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia, onde já ocupava o priorado mor dessa canónica<sup>2096</sup>, sendo confirmado no priorado de Oliveira a 29 de Setembro 1435<sup>2097</sup>. A 13 de Julho de 1441 os “religiosos dom Rodrigo Estevez prior do moesteiro de Sancta Maria d’Ulveira do dicto arcebispado e Antonio Giraldez e Vicente Anes coonygos e convento do dicto moesteiro per Gill Afonso outrosy coonigo do dicto moesteiro e seu procurador” emprazaram a Álvaro Vicente, criado de Vicente Anes, e a duas pessoas a nomear posteriormente, a Quinta da Bouça e o casal e devesa da aldeia da Ponte, que o mosteiro tinha na freguesia de Pedome<sup>2098</sup>. Deverá ter falecido em Julho de 1442, como se deprende da confirmação da eleição do seu sucessor, datada de 31 desse mês, onde se diz que o mosteiro “vagou per morte de Rodrigo Stevez ultimo prioll delle”<sup>2099</sup>.

Em 1450, D. Afonso V legitimava dois filhos de Rodrigo Esteves “prior que foy do moesteiro d’Olveira do arcebispado de Bragaa”<sup>2100</sup>. Trata-se de Gonçalo Rodrigues, legitimado a 25 de Maio de 1450, e de Diogo de Oliveira, a 13 de Agosto desse mesmo

<sup>2091</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14.

<sup>2092</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Docs.14,15.

<sup>2093</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.58vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

<sup>2094</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.58vº; Marques, José, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.65.

<sup>2095</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.65.

<sup>2096</sup> Já tinha sido também prior mor do mosteiro de S. Silvestre de Requião. A este propósito e para evitar a desnecessária duplicação de referências bibliográficas veja-se as entradas que lhe são dedicadas.

<sup>2097</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.723,742,744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.65.

<sup>2098</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.17.

<sup>2099</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.110vº. Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III,1960, p.145, faz referência ao óbito de Rodrigo Esteves em 1442.

<sup>2100</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 34, fl. 84vº.

ano, ambos filhos de Catarina Pires, mulher solteira aquando do nascimento das crianças<sup>2101</sup>.

**Vasco Afonso** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Vasco Afonso foi o sucessor de D. Rodrigo Esteves, tendo sido eleito pelos seus pares e confirmado no priorado do mosteiro pelo arcebispo de Braga, a 31 de Julho de 1442<sup>2102</sup>. Essa confirmação revela que “Vallascum Alfonssi” era “canonicum professi dicti monasterii de Ulveira” mas apesar de ser cônego regrante da instituição não o detectamos em qualquer documento anterior ao da sua confirmação. De resto, num emprazamento feito a 13 de Julho de 1441, respeitante a bens que o mosteiro tinha na freguesia de Pedome, são referenciados alguns religiosos de Santa Maria de Oliveira, nomeadamente o prior e três cônegos, mas Vasco Afonso não consta dessa lista<sup>2103</sup>. Não sabemos quando é que ingressou no mosteiro, do mesmo modo que os elementos documentais conhecidos não nos permitem delimitar com clareza o final do seu priorado, mas podemos asseverar que ainda se encontrava à frente da instituição em 1453<sup>2104</sup>. Tudo indica que o seu priorado tenha terminado em 1457. É que, a 20 de Janeiro desse ano, o arcebispo D. Fernando da Guerra, encontrando-se em Torres Vedras<sup>2105</sup>, delega no chantre da Sé de Braga a confirmação do filho de Gil Afonso para prior de Santa Maria de Oliveira<sup>2106</sup>, assim que renuncie o *prioll do moesteiro d’Ulveira o dicto seu mosteiro*<sup>2107</sup>. Nas indicações do bispo não é mencionado o nome desse prior, embora tudo indique tratar-se de Vasco Afonso, da mesma forma que as instruções de D. Fernando da Guerra são para que se confirme o prior quando o presente titular do cargo renunciasse. Não sabemos quando aconteceu essa renúncia, mas é de admitir que tenha ocorrido ainda durante esse ano de 1457. De resto as indicações do arcebispo só fariam sentido num contexto em que se verificassem fortes indícios de abdicação por parte do prior de Santa Maria de Oliveira. Um documento que poderia ajudar a clarificar tal mistério é uma composição entre o mosteiro e dois foreiros, relacionada com um litígio por causa de rendas em falta, datada de 17 de Maio de 1457, no entanto o nome do prior do mosteiro é aí omitido<sup>2108</sup>.

**Diogo Gil** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Como ficou dito acima, a 20 de Janeiro 1457, o arcebispo D. Fernando da Guerra dava instruções ao chantre da Sé de

---

<sup>2101</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 34, fls. 84vº, 120; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1014; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.65.

<sup>2102</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.18; A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.110vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744. O cronista agostiniano Frei Timóteo dos Mártires também refere a eleição de D. Vasco Afonso como tendo ocorrido em 1442 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145).

<sup>2103</sup> São aí identificados *Dom Rodrigo Estevez prior do moesteiro de Sancta Maria d’Ulveira do dicto arcebisnado e Antoninho Giraldez e Vicente Anes coonygos e convento do dicto moesteiro per Gill Afonso outrosy coonigo do dicto moesteiro d’Ulveira e seu procurador* (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.17).

<sup>2104</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.19.

<sup>2105</sup> À luz dos seus itinerários, tudo indica que o arcebispo de Braga esteve ausente da diocese entre Setembro de 1454 e Abril de 1459 (cf. Marques, José, “Itinerários do arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1417-1467)”, in *Revista de História*, vol. I, Porto, Centro de História da Universidade do Porto – Instituto Nacional de Investigação Científica, 1978, pp. 163-168).

<sup>2106</sup> ADB- Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.198; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.66.

<sup>2107</sup> ADB- Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.198.

<sup>2108</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.20.

Braga para que confirmasse no priorado de Santa Maria de Oliveira o filho do cónego Gil Afonso, quando o prior Vasco Afonso renunciasse<sup>2109</sup>. O nome do beneficiado era aí omitido uma vez que se tratava de um filho ilegítimo desse religioso regrant, mas sabe-se que a pessoa em causa era Diogo Gil<sup>2110</sup>. O seu provimento no cargo parece resultar mais de uma simpatia em relação ao cónego Gil Afonso, do que propriamente o corolário do seu mérito pessoal, pelo menos a avaliar pela sua administração, é que ao contrário do meritório trabalho do pai em prol da instituição<sup>2111</sup>, a acção de Diogo Gil ficaria marcada por uma gestão danosa à frente de Santa Maria de Oliveira<sup>2112</sup>. São, aliás, os testemunhos da época que o revelam, como se comprova por um instrumento datado de 13 de Setembro de 1477, numa altura em que corria uma contenda interna entre o seu sucessor, o prior D. Pedro Gonçalves, e o convento, por causa das rendas a que a mesa conventual tinha direito e que o prior não estava a cumprir, acabando os cónegos por mostrar alguma cedência nas suas reivindicações “por seerem em conhecimento das grandes dividas que ao dicto prior ficaram de Diego Gill seu antecessor prior que foy do dicto moesteiro e por corregimentos do dicto moesteiro e outros trabalhos que lhes sobrevieram”<sup>2113</sup>. Desconhecemos até que data se manteve no priorado mas é admissível que tenha ocupado o cargo até ao início da década de setenta, altura em que já há notícia do prior Pedro Gonçalves.

**Pedro Gonçalves** - Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. A 2 de Setembro de 1472 já ocupava o priorado uma vez que nesse dia “Pero Gonçallvez prior do moesteiro d’Oliveira” recebeu a autorização de D. Afonso V para adquirir bens de raiz até um valor de 14 mil reais para “soportamento e governança da sua velhice”, autorização necessária pois enquanto “clerigo religioso nom podia fazer sem nossa licença” tais aquisições “por razam das nossas lex e hordenações”<sup>2114</sup>. A 30 de Março de 1474, o prior Pedro Gonçalves, compareceu perante o notário de Guimarães para emprazar a André Afonso, à sua mulher Ana Álvares e a uma terceira pessoa a nomear pelo

---

<sup>2109</sup> ADB- Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.198; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.66.

<sup>2110</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 744-745; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.67.

<sup>2111</sup> O cónego Gil Afonso era frequentemente credenciado para representar o mosteiro aparecendo como seu procurador em 1433, ainda durante o priorado de Gonçalo Vasques (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.14; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.64), sendo ainda investido em tais funções em 1457 (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.20). Além de procurador do mosteiro também deverá ter ocupado o cargo de prior crasteiro (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.18), hierarquicamente, o segundo mais importante dentro das comunidades agostinhas. A biografia deste religioso encontra-se mais desenvolvida na respectiva entrada que lhe dedicamos na secção prosopográfica.

<sup>2112</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.745.

<sup>2113</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, n.23.

<sup>2114</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 29, fl.130vº. A lei em causa que proíbe as Ordens religiosas e os clérigos de comprarem bens de raiz foi promulgada por D. Dinis a 10 de Julho de 1286 (cf. *Ordenações Afonsinas, Livro II*, 2ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998, Título XIII, pp.174-176), e integra-se nas chamadas leis de desamortização decretadas por D. Dinis sobre este tipo de matéria, mas sobre esta legislação e a abrangência da sua aplicação veja-se o estudo de Barros, Henrique da Gama, *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*, 2ª edição dirigida por Torquato de Sousa Soares, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1945, Tomo II, pp. 272-274; ou os artigos de Marques, A. H. Oliveira, “Desamortização, Leis de ” in *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, dir. de Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, Porto, pp.287-288; Silveira, Luís Nuno Espinha da, “Desamortização” in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. II, dir. de Carlos A. Moreira Azevedo, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Circulo de Leitores, 2001, pp. 59-62.

postumeiro, o casal da Agrela situado no couto do mosteiro<sup>2115</sup>. Em 1477 Pedro Gonçalves e os cónegos Diogo Pires e Álvaro Rodrigues andavam em contenda “por razom da Igreja de Sam Paayo de Figueiredo com suas anexas e da Igreja de Santa Maria de Vermoim que novamente foram anexas ao dicto moesteiro”<sup>2116</sup>. O desentendimento entre as partes devia-se à falta de consenso quanto à distribuição das rendas destas igrejas entre a mesa prioral e a conventual, acabando as partes por chegar a entendimento, a 13 de Setembro de 1477, ficando os cónegos com a terça parte dos réditos<sup>2117</sup>. Não sabemos até quando se prolongou o seu priorado, de qualquer forma, em 1492, ainda se mantinha como titular do cargo<sup>2118</sup>. O cronista agostiniano Frei Timóteo dos Mártires também inclui o prior D. Pedro Gonçalves entre os detentores da cadeira prioral de Santa Maria de Oliveira, detectando-o no cargo em 1491<sup>2119</sup>, data que, como vimos, se coaduna com o seu governo.

**Afonso Ribeiro** - Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Apenas se sabe que era prior do mosteiro a 4 de Dezembro de 1500, dia em que tomou partido a favor de Diogo Pinheiro que dizia que a igreja de Cavalões era anexa à de Santa Lucrécia, contra a intenção de Diogo Gomes de Barros, abade de Santiago de Outiz, que pretendia a anexação de Cavalões à sua igreja<sup>2120</sup>.

**D. Sixto da Cunha** - Prior comendatário do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. D. Sixto da Cunha era familiar do cardeal Alpedrinha, localidade de onde também era natural, tendo seguido carreira eclesiástica secular, recebendo ordens menores em Braga, em 1502, chegando mesmo a ser abade de São Pedro de Gens<sup>2121</sup>. Em 1504 já era prior comendatário do mosteiro de Santa Maria de Oliveira tendo ordenado, nesse ano, a elaboração de um tomo para averiguar da relação das propriedades da instituição e respectivas rendas<sup>2122</sup>. Em 1507 “Sisto da Cunha dom abaade do moesteiro sobredito d’Oliveira” foi constituído réu num processo em que era acusado de usar indevidamente da jurisdição cível no couto do mosteiro, numa clara tentativa de D. Manuel I fazer reverter para a Coroa a jurisdição do couto de Oliveira, conseguindo, no entanto, o comendatário que o monarca recusasse nos seus intentos e reconhecesse, a 4 de Agosto de 1507, que o mosteiro era detentor dessa jurisdição, tendo sido decisivo para tal desfecho a apresentação de uma prova irrefutável: a sentença de D. Afonso IV sobre essa matéria<sup>2123</sup>. E se estas acções parecem revelar algum dinamismo do comendatário, o certo é que a instituição na terceira década do séc. XVI apresenta enormes dificuldades, quer a nível material, quer espiritual como revela a visitação feita por Baltasar Álvares, em 1528<sup>2124</sup>. A própria conduta moral de D. Sixto era reprovável,

<sup>2115</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.22.

<sup>2116</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23.

<sup>2117</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.745; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.67.

<sup>2118</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc. 32.

<sup>2119</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145.

<sup>2120</sup> A.D.B. - Registo Geral 331, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Jorge da Costa*, fls.178vº-179; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.68.

<sup>2121</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp.70-71.

<sup>2122</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, “Sixto da Cunha e a comenda do mosteiro...”, 1999, pp.11-12.

<sup>2123</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, “Privilégios jurisdicionais do mosteiro de Santa Maria de Oliveira...”, 1997, pp. 133, 139-140.

<sup>2124</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, in *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XLI, fascs. 91-92 (104-105), 1988-1989, p.129; Marques, José, “A igreja no Mundo do Infante D. Henrique”, in *Revista da Faculdade de Letras*,

revelando egoísmo e avareza, não dando aos cônegos as rações a que estes tinham direito e usurpava “as emtras e luytosas dos casões e cousas que pertemce ao comvento”<sup>2125</sup>. De resto, o seu perfil moral, pouco condizente com a vida religiosa, já tinha ficado bem vincado décadas antes ao ter raptado uma freira chamada Maria de Araújo, que professara depois de enviudar de Rodrigo Neto, mantendo-a cativa no mosteiro de Oliveira, de quem teve dez filhos, dos quais os primeiros sete foram legitimados por D. Manuel I, a 1 de Abril de 1516<sup>2126</sup>. O próprio comendatário haveria ainda de conceder a um dos seus filhos, D. Estêvão da Cunha, uma pensão anual de 20 mil reais às custas do mosteiro, e tentou que um outro seu filho, Calisto da Cunha, fosse empossado na comenda, só que como era filho ilegítimo não podia herdar benefícios eclesiásticos, pelo que a fórmula engendrada por D. Sixto da Cunha foi renunciar a favor do bispo D. Pedro da Costa, também seu familiar, para que a comenda transitasse posteriormente para D. Calisto, só que, entretanto, este último acabou por falecer na viagem para Roma quando ia solicitar a posse do mosteiro<sup>2127</sup>.

**D. Pedro da Costa** - Prior comendatário do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Bispo do Porto (1507-1535) e depois de Osma, era capelão-mor da imperatriz D. Isabel, filha de D. Manuel I, e foi prior comendatário de Oliveira<sup>2128</sup> por renúncia que nele fez D. Sixto da Cunha, o que deverá ter ocorrido por volta de 1552<sup>2129</sup>. Apesar de ser o comendatário, encontrava-se em Castela pelo que D. Sixto da Cunha assume a gestão do mosteiro aparecendo como seu procurador e feitor<sup>2130</sup>. D. Pedro da Costa já tinha sido comendatário do mosteiro de Paço de Sousa, ainda antes de ser bispo do Porto<sup>2131</sup> e também comendatário do mosteiro de Moreira da Maia entre 1524 e 1544<sup>2132</sup>. Foi durante o seu governo que se erigiu o novo claustro de Santa Maria de Oliveira<sup>2133</sup>,

---

Porto, 2ª Série, vol. XII, 1995, p.206; *Idem*, “Os mosteiros na passagem da Idade Média para a Idade Moderna”, in *Actas do Ciclo de Conferências das Comemorações do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*, Arquivo Distrital do Porto, 1997, p.197; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp.72; *Idem*, “Sixto da Cunha e a comenda do mosteiro...”, 1999, pp.13.

<sup>2125</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, in *Bracara Augusta*, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga, vol. XLI, fascs. 91-92 (104-105), 1988-1989, p.129; Bastos, Maria Rosário da Costa, “Sixto da Cunha e a comenda do mosteiro...”, 1999, p.15.

<sup>2126</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, pp.72-73; *Idem*, “Sixto da Cunha e a comenda do mosteiro...”, 1999, p.13.

<sup>2127</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.75.

<sup>2128</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145.

<sup>2129</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.75.

<sup>2130</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.75. Recorde-se que D. Pedro da Costa capelão-mor das infantas, acompanhou em 1526 a imperatriz D. Isabel para Castela quando esta casou com Carlos V no final de 1526, regressando a Portugal apenas em 1534, voltando definitivamente para Espanha ainda no final desse ano, tendo tomado posse do bispado de Leão a 2 de Maio de 1535, transitando em 1538 para a diocese de Osma (cf. Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da cidade do Porto (Fastos Episcopales e Politicos) Séc. VI-Sec. XX*, Tomo II, Braga, Cruz & Companhia-Editores, 1924, pp.87-88).

<sup>2131</sup> Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da cidade do Porto (Fastos Episcopales e Politicos) Séc. VI-Sec. XX*, Tomo II, Braga, Cruz & Companhia-Editores, 1924, p.79.

<sup>2132</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp. 25,26, 145.

<sup>2133</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317. É durante o decurso destas obras para a construção do novo claustro que, segundo vários Autores, o prior claustral, Afonso Rodrigues, encontrou, incorrupto, o corpo de Fernão Pires Coelho, antigo prior do mosteiro (cf. Cardoso, Jorge, *Agiológico Lusitano*, Tomo III, 2002, pp. 734, 741; Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.144).

cuja obra já decorria em 1556, encontrando-se concluídas em 1559<sup>2134</sup>. De resto, no inquérito de 1568, alude-se a esta obra dizendo-se que o mosteiro tem “hua claustra que se fes nova ha pouco tempo”<sup>2135</sup>. D. Pedro da Costa faleceu em Osma a 20 de Fevereiro de 1563, depois de ter detido este bispado por cerca de 24 anos<sup>2136</sup>.

**D. Cristóvão da Costa Brandão** - Prior comendatário do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Assumiu a comenda deste mosteiro em 1563 após o falecimento de D. Pedro da Costa<sup>2137</sup>. A 29 de Agosto de 1568 continua a ser identificado como comendatário do mosteiro, numa altura em que era seu representante na instituição Manuel de Góis<sup>2138</sup>. O seu priorado estender-se-ia por cerca de quarenta anos, acompanhando o obscurecer do século. É que, segundo um obituário de Moreira da Maia, “Christophorus da Costa Brandam ultimus Prior Commendatarius de Oliveira” faleceu a 15 de Maio de 1599<sup>2139</sup>. Com o seu óbito o mosteiro passou para a Congregação de Santa Cruz de forma efectiva, embora o prior geral, D. Cristóvão de Cristo, já tivesse tomado posse do mosteiro a 17 de Fevereiro de 1595, com a devida autorização do comendatário e no seguimento da confirmação da bula de união de diversos mosteiros à Congregação que o papa Clemente VIII (1592-1605) passara a 23 de Maio de 1594<sup>2140</sup>.

#### **Priores cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**D. Martim/D. Martinho** – Prior do mosteiro de Oliveira. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Donus Martini prior de Ulvarie” a 19 de Fevereiro mas sem referenciar o ano do óbito<sup>2141</sup>. Poderá, eventualmente, tratar-se do prior Martim Domingues que identificámos para o início do séc. XIV mas tendo em consideração que neste mesmo obituário de S. Jorge há um registo para esse prior e como este obituário parece ser bastante preciso e não lhe detectamos outros casos de duplicação de registos, assumimos que estamos perante dois priores homónimos, embora não tenhamos elementos que nos permitam enquadrar cronologicamente este D. Martim.

**Martim Domingues(?) II/Martinho Domingues(?)** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Martinus Dominici(?) prior monasterii Sancte Marie Ulvaria” a 24 de Julho, mas sem qualquer indicação ao respectivo ano<sup>2142</sup>. A leitura do sobrenome

<sup>2134</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.144-145.

<sup>2135</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros na arquidiocese de Braga sob D. Fr. Bartolomeu dos Mártires”, in *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português, 1987, p.176.

<sup>2136</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e História dos Bispos do Porto*, 2ª ed., II parte, Porto, p.198; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memórias Archeologico-historicas da cidade do Porto (Fastos Episcopales e Politicos) Séc. VI-Sec. XX*, Tomo II, Braga, Cruz & Companhia-Editores, 1924, p.88.

<sup>2137</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.76. Já Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145, apresenta uma outra versão, adiantando que D. Cristóvão Brandão tomou posse do mosteiro por renúncia que o seu tio e comendatário D. Pedro da Costa fizera nele.

<sup>2138</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.175.

<sup>2139</sup> BNL – Secção de Reservados, Nº 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”). 15 de Maio de 1599 é também a data apontada pelos cronistas agostinianos para o falecimento deste comendatário (cf. Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.318; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145).

<sup>2140</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.145.

<sup>2141</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38.

<sup>2142</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.25.



apresenta dificuldade, por isso, não podemos ter a certeza que seja “Dominici” embora nos pareça. Partindo do princípio que a leitura está correcta, estamos perante mais um Martim ou Martinho para o priorado de Oliveira. Apesar de crermos que estamos perante um homónimo do prior já identificado na segunda década do século XIV, não se pode excluir a possibilidade de se tratar do mesmo indivíduo. É que poderá dar-se o caso de algum destes religiosos ser identificado como prior e tratar-se apenas do prior claustral, mas não sabemos. Também neste aspecto os cónegos que identificámos não nos permitem colocar possibilidades de trabalho uma vez que, entre os regrantes do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, apenas identificámos um Martim Domingues, mencionado a 13 de Dezembro de 1311<sup>2143</sup> e que poderá ter sido um destes priores do mosteiro, o que dada a proximidade cronológica seria, à partida, o Martim Domingues I. Infelizmente ainda não conseguimos preencher alguns hiatos temporais na sequência cronológica dos priores da instituição, pelo que até ao aparecimento de dados que permitam acrescentar novas informações e debelar tais lacunas, permanecerão as dúvidas.

**D. Pedro(?) Fernandes** – Prior do mosteiro de Oliveira. Entre os registos que integram o obituário de S. Jorge de Coimbra encontra-se o de “Donus Petrus(?) Fernandi priol de Ulvarie”, anotando-se aí o seu falecimento a 15 de Fevereiro mas sem qualquer indicação do ano do óbito<sup>2144</sup>. No documento o nome próprio encontra-se algo apagado, o que inviabiliza uma leitura precisa, mas a palavra sugere-nos “Petrus”, de qualquer modo poderá ser um outro nome. O certo é que, entre os priores deste mosteiro, não detectámos nenhum que seja portador desta identificação, de resto tal figurino é extensível ao próprio sobrenome.

### **1.1.3. - Santa Maria de Vila Nova de Muia (c. Ponte da Barca)**

**Lourenço Martins** – Prior do mosteiro de Vila Nova de Muia. A 22 de Abril de 1283 surge em nome do arcebispo de Braga a ordenar ao prior do mosteiro de S. Martinho de Crasto, D. Pedro Martins, a entrega de duas quartas partes da quinta de Reborido ao cavaleiro de Vieira, Afonso Rodrigues<sup>2145</sup>. Não sabemos se o seu priorado se estendeu ou não pelo início do séc. XIV.

**Vicente Martins** – Prior do mosteiro de Vila Nova de Muia. Não sabemos em concreto a data da sua eleição. A notícia que temos, da sua passagem pelo priorado de Muia, advém da sua presença no sínodo diocesano de Braga, do arcebispo D. Gonçalo Pereira (1326-1348), realizado a 14 de Novembro de 1330<sup>2146</sup>.

**D. Paio Rodrigues** – Prior de Vila Nova de Muia. Apenas sabemos da sua ligação ao priorado deste mosteiro agostinho de forma indirecta. Essa informação chega-nos através de duas cartas de legitimação, passadas em Lisboa, a 21 e 22 de Abril de 1415, pelas quais foram, respectivamente, legitimados Álvaro Pais e Fernão Rodrigues, filhos de Margarida Anes, mulher solteira ao tempo do nascimento e de “Dom Paay Rodriguez prior que foe do moesteiro de Sancta Maria de Vila Nova de Munha”<sup>2147</sup>. Em termos

<sup>2143</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57.

<sup>2144</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.37vº.

<sup>2145</sup> Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.71-72.

<sup>2146</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.46.

<sup>2147</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.96.

cronológicos não podemos precisar o período pelo qual se estendeu o seu governo mas à luz destes dados é estimável que D. Paio tenha sido o prior de Muia em grande parte do último quartel do século XIV e certamente o antecessor de D. Rodrigo Gonçalves.

**Rui Gonçalves/Rodrigo Gonçalves/Rodrigo Gonçalves de Melo** – Prior de Vila Nova de Muia. Rodrigo Gonçalves de Melo, como é identificado por Frei Timóteo dos Mártires<sup>2148</sup>, já era o prior de Muia a 5 de Outubro de 1398, dia em que D. João I confirmou ao mosteiro as demarcações do couto e os seus privilégios<sup>2149</sup>. No mês seguinte, esteve presente no sínodo diocesano de Braga, presidido pelo arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca, assembleia eclesiástica que teve lugar a 15 de Novembro de 1398<sup>2150</sup>.

D. Rodrigo viu-se envolvido em vários conflitos com nobres locais por causa dos abusos e violências que estes praticavam quer no mosteiro quer nas suas propriedades, acusando-os de desrespeitarem o couto do mosteiro e de roubarem aos lavradores pão, vinho e palha e de pousarem nas suas casas<sup>2151</sup>. O prior chegou a usar da própria influência e amizades que tinha na Corte, como se depreende de documento de Janeiro de 1404, recorrendo ao seu irmão, Rodrigo Afonso de Melo, camareiro do rei, de forma a obter a intervenção e protecção régias a favor do mosteiro<sup>2152</sup>. A 30 de Janeiro de 1415, é-lhe legitimado um filho de nome Álvaro Rodrigues, fruto do envolvimento que teve com Branca Anes, mulher solteira à altura do nascimento da criança<sup>2153</sup>. Em 1419 D. Rodrigo ainda se encontrava à frente do priorado de Santa Maria de Vila Nova de Muia<sup>2154</sup>, no entanto, em finais de 1423, já tinha falecido, surgindo, a 20 de Dezembro de 1423, o infante D. Fernando a pedir o priorado do mosteiro para o cónego Vasco Lourenço em virtude de este se encontrar “vacante ad tempus per obitum Roderici Gunsalvi”<sup>2155</sup>. A utilização da preposição “ad” sugere um tempo curto, o que significa que deveria ter falecido por essa altura.

**Vasco Lourenço** – Prior do mosteiro de Vila Nova de Muia. Foi o sucessor de Rodrigo Gonçalves. Foi eleito pela comunidade, muito provavelmente em 1423, mas essa eleição foi considerada nula, como se percebe pela bula de Martinho V (1417-1431), datada de 20 de Dezembro de 1423<sup>2156</sup>, uma vez que tinha sido infringida a reserva da provisão apostólica de todos os abaciados e priorados, conforme decisão do Concílio de Constança, incumbindo o papa, através dessas letras apostólicas, o bispo de Lamego, D. Garcia (1421-1446), de solucionar a questão jurídica e confirmar no cargo, caso o achasse capacitado, o cónego Vasco Lourenço<sup>2157</sup>. De notar que também data de 20 de Dezembro de 1423, a súplica do infante D. Fernando a pedir o priorado do mosteiro para o cónego Vasco Lourenço em virtude do mosteiro se encontrar vago e este ter sido

<sup>2148</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.120.

<sup>2149</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, pp.73-74.

<sup>2150</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.59.

<sup>2151</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, pp.73-74.

<sup>2152</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, pp. 295-296; Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IX, p.314. Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.120, diz que “Dom Rodrigo Gonsalves de Mello” sendo prior mor do mosteiro obteve de D. João I a confirmação do couto do mosteiro em 1404.

<sup>2153</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.196.

<sup>2154</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.210.

<sup>2155</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.562.

<sup>2156</sup> A. D. B. – Bulas, cx. 3, Doc. 78; A. D. B. – Bulas, cx. 4, s.n.

<sup>2157</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.741.

eleito pela maioria do convento<sup>2158</sup>. Seria esta uma acção concertada? Apesar de tudo querer indicar que o cônego foi promovido no priorado, a situação de impasse parece ter-se prolongando pelo ano de 1424, aparecendo Estêvão Martins, a 24 de Agosto de 1424 a solicitar ao papa o priorado de Vila Nova de Muia<sup>2159</sup>, dizendo que o seu último possessor tinha sido Rodrigo Gonçalves, o que em termos legais significa que Vasco Lourenço continuava sem ser reconhecido como prior do mosteiro. Independentemente de toda a envolvente jurídica, é certo que o priorado de Vasco Lourenço não foi muito longo, embora ainda em 1425 estivesse à frente do mosteiro como revela um documento datado de 16 de Janeiro desse ano<sup>2160</sup>.

**Estêvão Martins** – Prior do mosteiro de Vila Nova de Muia. Não sabemos ao certo quando se iniciou o seu priorado, de qualquer modo é presumível que tenha sido no início da segunda metade da década de vinte, embora o seu interesse remonte a 1424, datando de 24 de Agosto desse ano a súplica que Estêvão Martins dirigiu ao papa, Martinho V, solicitando o priorado da canónica mariana de Muia<sup>2161</sup>. O seu priorado também se revelaria muito curto, resignando em inícios de 1430 como revela a confirmação do seu sucessor, D. Rodrigo Esteves, datada de 26 de Julho de 1430<sup>2162</sup>.

**D. Rodrigo Esteves** – Prior do mosteiro de Vila Nova de Muia e futuro prior de Oliveira. Este prior era proveniente do mosteiro de S. Silvestre de Requião, onde surge referenciado à frente dessa comunidade agostinha a 18 de Agosto de 1421<sup>2163</sup>. A sua eleição para o priorado de Vila Nova de Muia deverá ter ocorrido em Julho de 1430, tendo sido confirmada por D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, a 26 desse mês<sup>2164</sup>. Em 1435 D. Rodrigo Esteves foi transferido para o priorado de Santa Maria de Oliveira<sup>2165</sup>.

**Lourenço Esteves** – Prior do mosteiro de Vila Nova de Muia. Sucedeu a D. Rodrigo Esteves. Proveniente do mosteiro de S. Martinho de Crasto foi confirmado, pelo arcebispo de Braga, como prior de Vila Nova de Muia a 3 de Outubro de 1435<sup>2166</sup>. Deverá ter-se mantido nessas funções até à sua morte, provavelmente no início de 1444, isto se tivermos em conta que, em Março desse ano, o mosteiro estava sem prior<sup>2167</sup>.

---

<sup>2158</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.562; Gomes, Saul António, “A chancelaria de um ínclito infante português de quatrocentos: D. Fernando (+1443)” in *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, Coimbra, Nova série, Nº8-9, 2007, p.262.

<sup>2159</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.586.

<sup>2160</sup> A. D. B. – Colecção Cronológica, cx. 22, s.n.

<sup>2161</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.586.

<sup>2162</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.48; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.742.

<sup>2163</sup> Ferreira, Monsenhor Cônego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp. 254-255; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

<sup>2164</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.48; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.723,742.

<sup>2165</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.723,742,744.

<sup>2166</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63v.º; Marques, José, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 742, 761; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.80 (Doc. 24 do Apêndice).

<sup>2167</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 743.

**D. Frei Gil Lourenço** – Prior do mosteiro de Vila Nova de Muia. Em Abril de 1450 autorizou um cónego da sua comunidade, João Gonçalves, a abandonar o mosteiro para ocupar o priorado do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, onde foi confirmado a 28 de Abril de 1450<sup>2168</sup>. Um dos problemas com que este prior se debateu foram as violências exercidas contra o mosteiro e que o obrigaram, em 1449, a solicitar a protecção régia, que lhe seria concedida, por carta de 12 de Janeiro de 1450<sup>2169</sup>. Apesar desse amparo, mais ideológico do que efectivo, por parte da Coroa, a situação pouco se alteraria, sendo certo que, por vezes, eram os próprios oficiais régios a atentarem contra os interesses do mosteiro, tendo o prior acusado o juiz e o meirinho da Terra da Nóbrega de efectuarem, indevidamente, penhoras no couto de Vila Nova de Muia, acabando provadas as acusações e os prevaricadores condenados, em 1452<sup>2170</sup>. Desconhecemos até quando se manteve este prior à frente do mosteiro, de qualquer modo, a 5 de Junho de 1455, ainda se encontrava no cargo<sup>2171</sup>.

**D. Gomes da Rocha** – Provável prior comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia, comendatário de Refóios de Lima e administrador perpétuo do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Gomes da Rocha foi prior comendatário destes três mosteiros por mercê concedida por D. Afonso V, em 1468<sup>2172</sup>. Ao percorrermos a chancelaria de D. Afonso V não chegámos a encontrar esse documento, pelo que não temos dados que comprovem o provimento nessas comendas, mas parece-nos perfeitamente viável a factologia do cronista agostiniano. D. Gomes da Rocha era bispo de Tipoli e foi também comendatário do mosteiro de Pombeiro<sup>2173</sup>. Já quanto ao final do seu priorado, a data apresentada por Timóteo dos Mártires não está correcta, uma vez que coloca o seu falecimento em 1472<sup>2174</sup>, havendo um instrumento de 1476 que ainda o identifica como comendatário dos mosteiros de Refóios e Crasto, não aparecendo aí mencionado como titular do mosteiro de Muia<sup>2175</sup>. De resto, o seu falecimento nunca poderá ser inferior a 15 de Novembro de 1497, uma vez que, nesse dia e na qualidade de comendatário de Pombeiro, ainda apresentou um clérigo para a igreja de Santa Marinha de Ardegão<sup>2176</sup>.

**D. Rodrigo de Melo e Lima** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia, Refóios de Lima e São Martinho de Crasto. Era filho de D. Leonel de Lima, 1º visconde de Vila Nova de Cerveira e de D. Filipa da Cunha. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Rodrigo de Lima era abade de Lanheses e arcebispo de Vila Nova de Cerveira<sup>2177</sup>. D. Rodrigo de Melo alcançou a comenda de Refóios de Lima através de permuta que fez com a do mosteiro de Pombeiro<sup>2178</sup>, o que ocorreu num período situável entre 1478 e

---

<sup>2168</sup> Silva, José Sebastião da, *Correntes do sentimento religioso em Portugal, (Séculos XVI a XVIII)*, Tomo I - Vol.II, Coimbra, 1960, pp. 483; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.772.

<sup>2169</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.743.

<sup>2170</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IX, pp.314-315); Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.120.

<sup>2171</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.92; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.743.

<sup>2172</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.64, 120, 175.

<sup>2173</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, pp. 38-39.

<sup>2174</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.64, 120, 175.

<sup>2175</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refóios de Lima, Lv.15, fls.347-347v; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.271-273 (Doc. 198).

<sup>2176</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, p.39.

<sup>2177</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>2178</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, p.123.

1482<sup>2179</sup>, o que, em princípio, inviabiliza a data de 1468, apontada por Frei Timóteo dos Mártires, como sendo a do seu provimento no mosteiro de Refoios, Crasto e Muia, por concessão de D. Afonso V<sup>2180</sup>. De facto D. Rodrigo de Melo é identificado como comendatário de Pombeiro em 1478, sendo que D. Gomes da Rocha já aparece como titular da abadia beneditina em 1482<sup>2181</sup>, por isso a permuta entre os comendatários reporta-se ao período que medeia entre essas datas, situação que é reforçada pelo facto de a 3 de Junho de 1483 D. Rodrigo de Melo já ser prior comendatário de Refóios de Lima, dia em que casou nesse mosteiro a sua filha, Joana de Melo, com João Gomes de Abreu, fidalgo da casa do duque de Viseu<sup>2182</sup>. Note-se que, segundo Felgueiras Gayo, a 27 de Junho de 1487, o rei legitimou-lhe D. Joana de Melo, filha bastarda, que casou com João Gomes de Abreu<sup>2183</sup>, cronologia que não conseguimos confirmar mas que também não parece fazer qualquer sentido tendo em consideração a data do casamento. Efectivamente, em 1487, o rei legitima-lhe uma filha, mas aí identificada como Filipa de Melo, da ligação de D. Rodrigo com Catarina Gonçalves<sup>2184</sup>. De resto, D. João II legitimar-lhe-ia uma outra filha, a 2 de Abril de 1489, de uma outra relação, desta feita com Branca Dias, mulher solteira à altura do nascimento de Teresa da Silva, a legitimada em causa<sup>2185</sup>. Por esta altura, a sua presença à frente mosteiro é-nos confirmada por documentos de 1489 e 1493<sup>2186</sup>. Ao que tudo indica, D. Rodrigo de Melo seria comendatário até 1497, ano em que renunciou à comenda a favor do seu filho, D. Pedro de Melo<sup>2187</sup>.

**D. Pedro de Lima e Melo/D. Pedro de Melo<sup>2188</sup>** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia, São Martinho de Crasto e Refoios de Lima. Era filho de D. Rodrigo

---

<sup>2179</sup> D. Rodrigo de Melo surge identificado como comendatário de Pombeiro em 1478, sendo que D. Gomes da Rocha já aparece como comendatário titular desse mesmo mosteiro em 1482 (cf. Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, p.39), ocorrendo por isso a troca neste espaço de tempo.

<sup>2180</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.64, 120, 175.

<sup>2181</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, p.39.

<sup>2182</sup> Carneiro, Bernardino Joaquim da Silva, *Documentos comprovantes de alguns pontos de doutrina dos elementos do direito ecclesiastico portuguez*, 3ª ed. revista e melhorada pelo Dr. José Pereira da Paiva Pitta, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896, pp. 10-11. Aí se diz: “estando presente o senhor D. Rodrigo de Mello, filho do senhor visconde, arceidiago de Cerveira e prior do dito mosteiro de Refojos, e disse que a Deos prazendo, elle tinha tratado de casar Joana de Mello, sua filha com João Gomes d’Abreu, fidalgo da casa do Senhor duque de Viseo...”.

<sup>2183</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 1, 1938, p.63.

<sup>2184</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 1, fl.223vº-224; Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.141. Esta carta de legitimação encontra-se sumariada, transcrita e publicada in *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.130-131 (Doc. 82), no entanto a data aí apresentada está incorrecta tanto na transcrição como no sumário, surgindo respectivamente 1444 e 1406, discrepância que se percebe pelo facto de o documento falar em D. João, e apesar de na datação do texto do instrumento ser referenciado o Ano de Cristo, de facto ao retirar-se os 38 anos a data recai no reinado de D. João I, mas trata-se efectivamente de D. João II, de resto existem elementos internos que permitem eliminar quaisquer dúvidas a esse respeito, desde logo a indicação ao chanceler-mor Rui Boto.

<sup>2185</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.53; Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.141. Esta carta de legitimação também se encontra publicada nesse importante repositório de fontes intitulado *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.131-132 (Doc.83), mas à semelhança da anterior apresenta incorrecção na data aí indicada.

<sup>2186</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl. 138vº; Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, in *Actas do III Congresso Histórico de Guimarães (D. Manuel e a sua época)*, Vol.II, Câmara Municipal de Guimarães, 2004, p.262.

<sup>2187</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>2188</sup> A biografia deste prior comendatário será alvo de maior desenvolvimento quando o abordarmos na entrada que lhe dedicaremos na secção dos priores de Santa Maria de Refoios de Lima.

de Melo a quem sucedeu na comenda, tendo, segundo Frei Timóteo dos Mártires, sido nomeado em 1497, pelo rei D. Manuel, comendatário dos mosteiros de Crasto, Refóios e Vila Nova de Muia, mantendo-se no cargo até 1547, altura em que faleceu<sup>2189</sup>. O Censual de D. Diogo de Sousa refere Pedro de Melo como comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>2190</sup>.

**Cardeal D. Henrique** – Provável prior comendatário dos mosteiros de Vila Nova de Muia, São Martinho de Crasto e Refóios de Lima. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, o cardeal D. Henrique foi comendatário destes três mosteiros regrantes, a partir de 1547, por nomeação de D. João III<sup>2191</sup>. É certo que o cardeal D. Henrique foi comendatário de inúmeros mosteiros mas não temos dados que permitam afirmar que o de Muia foi um deles.

**Domingos de Torres** – Prior comendatário dos mosteiros de Vila Nova de Muia, Refóios de Lima e Crasto. A 13 de Fevereiro de 1552, D. Afonso, comendador-mor, enviou carta ao rei em que diz que os mosteiros que D. Pedro de Melo tinha em comenda estavam em posse de Domingos de Torres<sup>2192</sup>, por isso, pressupomos que Muia estivesse englobado nesse lote. Nova carta de D. Afonso, datada de 11 de Abril de 1552, dá conta da existência de uma contenda entre Domingos de Torres e o cardeal de Mignanello, cunhado do cardeal São Jorge, a quem este largara a comenda vacante de Pedro de Melo, fazendo notar ao rei que Domingos de Torres lhe prometera ceder um dos mosteiros para o seu filho, dizendo inclusivamente que já havia uma sentença a propósito da demanda entre as partes mas que ele próprio tinha conseguido que o papa suspendesse a declaração dessa decisão, aguardando a chegada do correio com instruções régias sobre o assunto<sup>2193</sup>. Desconhecemos o desfecho do processo, e qual a situação em concreto em que ficou Santa Maria de Vila Nova de Muia.

**D. Paulo Emílio Ribeiro** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia. Era comendatário de Muia a 19 de Outubro de 1566, dia em que o arcebispo, D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1581), confirmou Fernando Álvares como abade da igreja de S. Jorge de Valdevez, da apresentação do mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>2194</sup>. A 26 de Abril de 1567, Paulo Emílio Ribeiro já tinha falecido, estando vago o benefício

---

<sup>2189</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp. 64,175. Felgueiras Gayo também diz que D. Pedro foi comendatário destes três mosteiros (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, p.124). Quanto ao facto de que foi comendatário destas três canónicas, não restam quaisquer dúvidas (cf. *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VIII, 1884, p.60), não conseguimos, porém, averiguar se a data apresentada por Frei Timóteo dos Mártires respeitante ao seu provimento nas comendas está correcta.

<sup>2190</sup> A.D.B. – Registo Geral, Livro 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fl. 95vº; Costa, Avelino Jesus da, “Terra da Nóbrega e Concelho de Ponte da Barca - Subsídios para a sua história”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, Vol.I, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998, p.176 (Doc. 18 do Apêndice).

<sup>2191</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp. 64-65, 120, 175.

<sup>2192</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VII, 1884, p.116.

<sup>2193</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo XI, 1898, pp.547-548.

<sup>2194</sup> Rosário, Frei António do, “Registo das Confirmações [II] de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Cartório Dominicano Português*, Século XVI, Fasc. 6 (Bartholomeana Monumenta V), Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português/Movimento Bartolomeano, 1974, p.16.

simples que trazia sem capelania da igreja de S. Geraldo na Sé de Braga e a sua anexa de Santa Maria da Aveleda, do couto de Vimieiro<sup>2195</sup>.

**Doutor António Martins** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia. Foi o último prior comendatário de Muia. Segundo os cronistas, António Martins encontrava-se em Roma quando vagou o priorado de Muia, solicitando logo ao papa Júlio III (1550-1555) o seu provimento nessa comenda<sup>2196</sup>. Efectivamente, António Martins esteve em Roma mas em 1560-1561<sup>2197</sup>. De qualquer modo, a sua entrada na comenda deverá ser posterior a esta data, e até ao aparecimento de elementos que o desdigam ou rectifiquem, parece-nos que se pode fixar o início do seu priorado em 1567, como sucessor de Paulo Emílio Ribeiro. Durante o seu priorado, e por sua ordem, efectuaram-se importantes obras na igreja do mosteiro, com a remodelação da fachada<sup>2198</sup>. Faleceu, segundo D. Nicolau de Santa Maria e Frei Timóteo dos Mártires, em 1594<sup>2199</sup>, mas de acordo com a inscrição da sua lápide funerária, o seu óbito ocorreu a 2 de Dezembro de 1592<sup>2200</sup>.

#### **Priores cuja cronologia não foi possível determinar:**

**D. Xisto Figueira / Sisto Figueira** – Provável prior comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia. Alão de Morais identifica “Xisto Figueira Comendatario de Villanova de Muya”<sup>2201</sup>, dando-o como filho de Lopo de Heguera e de D. Isabel Dias Tamaio, no que é corroborado por Domingos de Araújo Afonso<sup>2202</sup>, embora nenhum dos Autores indique as datas em que deteve a comenda. De qualquer modo, e a confirmar-se que foi comendatário, o mais provável é que tal tenha ocorrido no final do séc. XV ou início do XVI, provavelmente antes de D. Pedro de Lima alcançar a comenda, embora se possa dar o caso de ter sido arrendatário deste.

---

<sup>2195</sup> Rosário, Frei António do, “Registro das Confirmações [II] de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Cartório Dominicano Português*, Século XVI, Fasc. 6 (Bartholomeana Monumenta V), Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português/Movimento Bartolomeano, 1974, p.25.

<sup>2196</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IX, p.315; *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.95; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.120.

<sup>2197</sup> Gomes, Saul António, “Embaixadores de Portugal junto da Santa Sé”, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. II, dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.108.

<sup>2198</sup> Sousa, José João Rigaud de; Meneres, António, “Notas sobre o mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia (concelho de Ponte da Barca)”, in *Mínia*, 2ª Série, 3(4), Braga, 1980, p.171.

<sup>2199</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IX, p.315; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.120. Esta é também a data que surge na *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.95.

<sup>2200</sup> Sousa, José João Rigaud de; Meneres, António, “Notas sobre o mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia (concelho de Ponte da Barca)”, in *Mínia*, 2ª Série, 3(4), Braga, 1980, p.171.

<sup>2201</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. 1, 1946, p.95.

<sup>2202</sup> Affonso, Domingos de Araújo, “Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo”, in *Hidalguia – La revista de Genealogia, Nobleza y Armas*, Ano VII, Nº 32 (Enero-Febrero) 1959, Madrid, pp.114-115. Neste estudo o Autor revela alguns elementos biográficos sobre D. Xisto e que passamos a reproduzir: “O reverendo Xisto Figueira, que recebeu ordens menores em Braga, em 1499 e ordens de epístola em 1511. Foi tercenário da Sé de Braga de que tomou posse a 8.VI.1502, abade de São Tiago de Vilela a 3.XII.1507, nomeado pelo bispo D. Diogo de Sousa que o mandou a Roma tratar de negócios da diocese. Também foi comendatario de Vila Nova de Muia e Fidalgo da Casa do Senhor D. Jaime, duque de Bragança. Escreveu: “Arte de versar Bracharense”. Faleceu em Roma”.

#### **1.1.4. - Santa Marinha da Costa (c. Guimarães)**

**D. Pedro Martins** - Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Foi um dos três elementos responsáveis pelas inquirições gerais ordenadas por D. Dinis, em 1288<sup>2203</sup>. A 17 de Agosto de 1290, “Pedro Martynz priol da Costa” surge entre as testemunhas de uma composição amigável realizada entre o prior de S. Torcato e os herdeiros de Martim Dias, pessoa que tinha deixado bens a D. Pedro Nunes, antigo prior de S. Torcato<sup>2204</sup>. Desconhecemos o término do seu priorado, de qualquer modo, este prolongou-se pelo início do séc. XIV, uma vez que, em 1301, Pedro Martins ainda era o prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa, altura em que doou ao cabido da Sé de Braga o padroado da igreja de S. Jorge de Soure, como forma de agradecimento dos vários serviços que havia recebido e continuava a receber desse cabido<sup>2205</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Petrus Martini prior Sancte Marina de Costa” a 29 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>2206</sup>.

**D. Pedro Geraldês** - Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Por carta de 20 de Setembro de 1350, o infante D. Pedro instituiu D. Pedro Geraldês, prior da Costa, como seu procurador para que este pudesse receber e tratar dos negócios respeitantes à Quinta e Casa de Oriz que tinha sido doada ao infante por João Peres, mestre da Ordem de Avis e pelo seu convento<sup>2207</sup>. A 24 de Outubro de 1352, surge no lugar de Paço, freguesia de Santa Maria de Souto, onde testemunhou o empossamento e entrega desse lugar a D. Domingos Domingues, prior de S. Salvador de Souto, aí representado por D. Lourenço Martins, prior de S. Torcato<sup>2208</sup>. A 7 de Junho de 1353, e no exercício das suas funções de procurador do infante D. Pedro, emprazou a Domingos Domingues um casal na aldeia de Tieiro, propriedade da Comenda de Oriz<sup>2209</sup>. A 2 de Novembro de 1362, Pedro Geraldês ainda surge como prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa, apondo o seu selo na acta de eleição do prior de S. Torcato, validando dessa forma tal acto eleitoral<sup>2210</sup>. Deverá ter falecido no segundo semestre de 1363, uma vez que em finais de Setembro desse ano é confirmado novo prior à frente da canónica vimaranense.

**João Paulo** - Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Era cónego de Santa Marinha da Costa, tendo sido eleito pelos seus pares para prior da comunidade. A sua

---

<sup>2203</sup> Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, Edição preparada por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.148. Muitas das decisões e das inquirições tomadas pelos três inquiridores, incluindo naturalmente “Petro Martiins priol da Costa”, são posteriormente revogadas como acontece no caso do mosteiro de Arouca, com o rei a aceder aos pedidos dessa comunidade e a revogar decisões em 1292, 1293 e 1294 (cf. Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp. 148, 388, 389, 391 (docs.91,92,94). Além de Pedro Martins, cuja identificação aparece normalmente omitida surgindo apenas a referência ao prior da Costa, eram também inquiridores Gonçalo Rodrigues Moreira e Domingos Pais de Braga (os três aparecem identificados por exemplo em *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. IV – Tomo 2, 2006, p.54).

<sup>2204</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°48.

<sup>2205</sup> A.D.B. – Gaveta 1 das Igrejas, n° 131; Maciel, Maria Justiniana Pinheiro, *O cabido de Braga no tempo de D. Dinis (1278-1325)*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003, p.136.

<sup>2206</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.148.

<sup>2207</sup> Cunha, Maria Cristina Almeida, *A comenda de Oriz da Ordem de Avis*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Vol. XL, Braga, 1989, pp. 61-62.

<sup>2208</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.55.

<sup>2209</sup> Cunha, Maria Cristina Almeida, *A comenda de Oriz da Ordem de Avis*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Vol. XL, Braga, 1989, pp. 61-62.

<sup>2210</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143.



eleição para o cargo foi confirmada pelo rei a 26 de Setembro de 1363<sup>2211</sup>. Foi um dos signatários do compromisso assumido, no dia 24 de Agosto de 1387, em Alpendurada, entre diversos mosteiros agostinhos e beneditinos das dioceses do Porto e de Braga, para a realização de sufrágios<sup>2212</sup>.

**D. Gonçalo Domingues** - Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Surge identificado como prior do mosteiro em 1371<sup>2213</sup>.

**João Rolos** – Prior do mosteiro da Costa. Marcou presença no sínodo diocesano de Braga, realizado a 15 de Novembro de 1398, sob a presidência do arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca<sup>2214</sup>.

**Gil Domingues** – Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 11 de Agosto de 1419 encontrava-se em Braga em representação do seu mosteiro, onde foi celebrada uma composição entre o Cabido de Braga e alguns mosteiros de Guimarães e Montelongo por causa das rendas e obrigações devidas à Sé de Braga<sup>2215</sup>. A 18 de Dezembro de 1445 D. Gil Domingues, na qualidade de juiz comissário apostólico, deu sentença desfavorável às intenções dos paroquianos de S. João de Ponte que ficavam obrigados a pagar metade do custo do sino e do campanário da igreja de S. João de Ponte. D. Gil deverá ter falecido em Setembro de 1450, uma vez que, no dia 17 desse mês, é confirmado, como prior de Santa Marinha, Gonçalo Pires<sup>2216</sup>.

**Gonçalo Pires** - Prior de Santa Marinha da Costa. Trata-se de um cônego proveniente do mosteiro de Santa Maria de Landim, onde já aparece referenciado a 16 de Abril de 1446<sup>2217</sup>, e que é eleito para prior de Santa Marinha da Costa e aí confirmado pelo arcebispo de Braga a 17 de Setembro de 1450<sup>2218</sup>. O seu priorado foi extremamente curto, uma vez que em Março seguinte, ou seja cerca de seis meses depois, já temos indicação de um novo prior no mosteiro da Costa<sup>2219</sup>.

**D. Pedro Esteves** - Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa, da Ordem de Santo Agostinho, da diocese de Braga. A 19 de Março de 1451, recebe ordens de Epístola em

---

<sup>2211</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.382 (Doc. 838); Pimenta, Pimenta, *D. Pedro I*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2005, p.126.

<sup>2212</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257

<sup>2213</sup> Braga, Alberto Vieira, “Curiosidades de Guimarães – VIII: Mortórios”, in *Revista de Guimarães*, Vol.52, fasc.3-4 (Jul.-Dez.) 1942, p.172.

<sup>2214</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.59.

<sup>2215</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, Edição da Câmara Municipal de Fafe, s.d, p.29.

<sup>2216</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.159; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.

<sup>2217</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.5v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas dos Ordinandos da Mitra de Braga (1430-1588)*, Tomo I, Ponte de Lima, Edições Carvalhos de Basto, 2002, p.75.

<sup>2218</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.159; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.

<sup>2219</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.41; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.755,815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.167.

Braga<sup>2220</sup>. A 19 de Junho de 1451, recebe ordens de Evangelho, nessa mesma cidade<sup>2221</sup>, onde lhe são também concedidas ordens de Missa, a 18 de Dezembro de 1451<sup>2222</sup>. D. Pedro Esteves ainda era o prior do mosteiro de Santa Marinha a 3 de Agosto de 1481, dia em que surge em Braga, em representação do seu mosteiro, celebrando em conjunto com a Colegiada de Guimarães e outras igrejas e mosteiros da terra de Guimarães e Montelongo uma composição com o Cabido bracarense para pagamento dos direitos aí havidos<sup>2223</sup>. Deverá ter-se mantido no priorado até final de Julho de 1490, uma vez que, a 2 de Agosto de 1490, o rei apresenta Leonel de Oliveira para o priorado de Santa Marinha da Costa<sup>2224</sup>, o qual foi aí confirmado a 10 de Janeiro de 1491, fazendo-se referência ao falecimento do prior anterior, justamente Pedro Esteves<sup>2225</sup>.

**D. Leonel de Oliveira/D. Leonel de Lima** - Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 2 de Agosto de 1490, D. João II apresenta, embora quase sob forma de imposição, o seu capelão Leonel de Oliveira na igreja de Santa Marinha da Costa<sup>2226</sup>. A confirmação deste prior é feita a 10 de Janeiro de 1491<sup>2227</sup>. D. Leonel de Oliveira era também Mestre-escola da Colegiada de Barcelos, cargo em que tinha sido instituído pelo rei, a 20 de Maio de 1488<sup>2228</sup>. A 14 de Janeiro de 1491, surge como executor de uma bula do papa Inocêncio VIII (1484-1492) pela qual se suprimiram três conezias na colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães<sup>2229</sup>. A 19 de Dezembro de 1500, sendo prior D. Leonel de Oliveira, foram encontradas relíquias no altar de S. Vicente<sup>2230</sup>. A 22 de Maio de 1511, João de Coimbra, Doutor em “Degredos” e vigário geral do arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532), autoriza e confirma o emprazamento feito em três vidas por “dom Lionele d’Oliveira dom prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa” referente ao casal do Souto das Paredes, sito na freguesia da Costa<sup>2231</sup>. A 31 de Maio de 1515, D. Leonel de Oliveira ainda é referenciado como prior de Santa Marinha da Costa, dia em que aí compareceram os emissários régios para aplicarem a taxaçaõ a que o mosteiro tinha sido sujeito para as comendas novas da Ordem de Cristo, cifrada em 175 ducados de ouro anuais<sup>2232</sup>.

---

<sup>2220</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.20; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.154.

<sup>2221</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.41; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.167.

<sup>2222</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.53; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.177.

<sup>2223</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.495 (doc.128).

<sup>2224</sup> IAN/TT- Chancelaria de D. João II, Livro 16, fl.57.

<sup>2225</sup> A.D.B.- Registo Geral nº 331, fl. 46; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.928 (nota 509).

<sup>2226</sup> IAN/TT- Chancelaria de D. João II, Livro 16, fl.57.

<sup>2227</sup> A.D.B.- Registo Geral nº 331, fl. 46; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.928 (nota 509).

<sup>2228</sup> IAN/TT- Chancelaria de D. João II, Livro 15, fl.1.

<sup>2229</sup> *Collecçam dos documentos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, Lisboa, 1726, p.53.

<sup>2230</sup> “Memorias das noticias pertencentes a este mosteiro de Santa Marinha da Costa tiradas do seu Cartorio pello R.mo P. M. D.or Fr. Cristóvão da Crus...”, in *Revista de Guimarães*, Vol. 27, 1910, pp.65-66.

<sup>2231</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, Nº375.

<sup>2232</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

**Frei João de Chaves** - Prior comendatário do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Frei João de Chaves veio do convento franciscano da Veiga, junto a Chaves, para o de S. Francisco de Guimarães, onde atingiu renome, alcançando o estatuto de Mestre e Professor de Teologia nesse convento, tendo também travado grande amizade com o duque de Bragança, de quem se tornaria confessor<sup>2233</sup>. De resto, foi nomeado prior comendatário de Santa Marinha da Costa por D. Jaime, 4º duque de Bragança e 2º de Guimarães, que detinha o padroado desse mosteiro<sup>2234</sup>, em 1513, logo após o regresso da expedição bélica à praça de Azamor em que ambos participaram<sup>2235</sup>. De qualquer modo, Frei João só deverá ter assumido o priorado em data posterior, isto tendo em consideração que, a 31 de Maio de 1515, D. Leonel de Oliveira ainda é identificado como prior de Santa Marinha da Costa<sup>2236</sup>. Frei João de Chaves era Mestre Provincial dos Franciscanos e foi reformador dessa Ordem em Portugal<sup>2237</sup>, princípios reformistas que tentou incutir também no mosteiro da Costa, enclaustrando-se inclusivamente com os cónegos regrantes<sup>2238</sup>, embora sem o êxito pretendido, o que acabou por levar o franciscano a abandonar essa intenção e a própria instituição, continuando, no entanto, a usufruir da comenda do mosteiro<sup>2239</sup>. Frei João Chaves, numa altura em que já tinha mais de setenta anos, foi ainda nomeado bispo de Viseu, em 9 de Setembro de 1524, cargo em que se manteria até ao seu falecimento em finais de 1525 ou 1526<sup>2240</sup>.

#### **Priores cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**D. Vicente** - Prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Um obituário de S. Salvador de Moreira da Maia refere o seu falecimento a 13 de Agosto mas sem qualquer indicação do ano<sup>2241</sup>, no entanto o registo que antecede o seu é do final do séc. XIII, pelo que é expectável que este D. Vicente tenha sido prior de Santa Marinha da Costa num (in)determinado período do séc. XIV.

---

<sup>2233</sup> Machado, J. T. Montalvão, “Um frade de Chaves, em Guimarães”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, pp.264-268, 271-272.

<sup>2234</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.154.

<sup>2235</sup> Machado, J. T. Montalvão, “Um frade de Chaves, em Guimarães”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, pp.273-274.

<sup>2236</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>2237</sup> Branco, Manuel Bernardes, *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, Vol. II, Lisboa, Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888, pp.206-207; Machado, J. T. Montalvão, “Um frade de Chaves, em Guimarães”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, p.272.

<sup>2238</sup> Machado, J. T. Montalvão, “Um frade de Chaves, em Guimarães”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, p.275.

<sup>2239</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.155.

<sup>2240</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.661; Machado, J. T. Montalvão, “Um frade de Chaves, em Guimarães”, in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada (850º aniversário da batalha de S. Mamede (1128-1978))*, Vol. III, Guimarães, 1981, p.275.

<sup>2241</sup> BNL – Secção de Reservados, Nº 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”).

### **1.1.5. - São Martinho de Caramos (c. Felgueiras)**

**D. João Esteves** – Prior do mosteiro de Caramos. Segundo Frei Timóteo dos Mártires D. João Esteves foi cónego do mosteiro de Santa Cruz e prior do mosteiro de S. Martinho de Caramos tendo efectuado permuta com o prior de S. Vicente de Fora, seu tio<sup>2242</sup>, troca ocorrida a 8 de Maio de 1378 e que não foi do agrado do convento do mosteiro lisboeta, levando à eleição de novo prior<sup>2243</sup>.

**D. Rodrigo Esteves** – Prior do mosteiro de Caramos. Anterior prior de S. Vicente de Fora e médico de D. Fernando que veio para S. Martinho de Caramos por permuta de priorado com o seu sobrinho D. João Esteves<sup>2244</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, essa permuta efectuou-se em 1376, tendo D. Rodrigo permanecido como prior de Caramos cerca de um ano, falecendo a 2 de Dezembro de 1377<sup>2245</sup>. Como prova Alberto Martins, as datas apresentadas pelo citado cronista em relação a este prior não podem estar correctas uma vez que essa troca só aconteceu a 8 de Maio de 1378<sup>2246</sup>.

**João Durães** – Prior do mosteiro de Caramos. É um dos signatários do compromisso de celebração de sufrágios, estabelecido entre diversos mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses do Porto e de Braga, no dia 24 de Agosto de 1387, no mosteiro de Alpendurada<sup>2247</sup>. Esteve também presente no sínodo diocesano de Braga, presidido pelo arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca, realizado a 15 de Novembro de 1398<sup>2248</sup>.

**João Afonso** – Prior do mosteiro de São Martinho de Caramos. A 28 de Maio de 1417 já é referenciado como prior de Caramos, dia em que foi dada sentença em Braga, pelo cónego e vigário geral da diocese, Gomes Fernandes, pela qual se confirma que a igreja de Santa Maria de Borbela, anexa a S. Martinho de Caramos, era do padroado do mosteiro<sup>2249</sup>. A 12 de Abril de 1420, D. João I legitima-lhe Martim Anes, filho que teve de Catarina Domingues, mulher solteira à altura do nascimento da criança<sup>2250</sup>.

**Pedro Afonso** – Prior do mosteiro de São Martinho de Caramos. O seu priorado deverá ter sido muito curto, uma vez que deve ter sido nomeado prior do mosteiro em data pouco posterior a 19 de Fevereiro de 1449, isto se atendermos a que, nesse dia, D. Fernando da Guerra, arcebispo de Braga, instruiu o seu vigário geral para indicar um cónego da comunidade de Caramos para o priorado do mosteiro em virtude de este estar vago e não haver religiosos suficientes para formarem convento<sup>2251</sup>, tendo falecido em

---

<sup>2242</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.132.

<sup>2243</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.906. Já o cronista Frei Timóteo dos Mártires coloca a permuta entre estes dois priores em 1376 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.96; Tomo III, 1960, pp.132-133).

<sup>2244</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.132.

<sup>2245</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.132-133.

<sup>2246</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.906.

<sup>2247</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N<sup>o</sup>703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia eclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257.

<sup>2248</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>2249</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.757.

<sup>2250</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. IV – Tomo 1, 2006, p.78.

<sup>2251</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.147; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

Dezembro de 1450 uma vez que a 1 de Janeiro de 1451 João Aparício já tinha sido eleito prior do mosteiro<sup>2252</sup>.

**Frei João Aparício** – Prior do mosteiro de São Martinho de Caramos. Trata-se de um religioso da comunidade que ascende ao priorado, encontrando-se já referenciado como cónego do mosteiro de Caramos e pároco da igreja de Santa Maria de Borbela a 28 de Maio de 1417<sup>2253</sup>. Foi eleito pela comunidade certamente em Dezembro de 1450 uma vez que, a 1 de Janeiro de 1451, o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, dava instruções a Luís Afonso, mestre-escola, para confirmar o já eleito João Aparício no priorado de Caramos<sup>2254</sup>. É provável que se tenha conservado no priorado até ao final da década de cinquenta.

**Gonçalo Afonso** – Prior do mosteiro de São Martinho de Caramos, da Ordem de Santo Agostinho, da diocese de Braga. “O religioso Gonçalo Afonso prioll do mosteiro de Sam Martinho de Caramoros” recebe ordens de Missa no dia 28 de Fevereiro de 1461, em Braga<sup>2255</sup>. E se nesta altura Gonçalo Afonso já era prior de Caramos, há já algum tempo que se perspectivava a sua inclusão neste priorado. É que já em Fevereiro de 1449 se havia perfilado Gonçalo Afonso para o priorado deste mosteiro, com o arcebispo de Braga a ordenar ao seu vigário geral para confirmar no priorado do mosteiro um dos cónegos da comunidade em virtude de não haver elementos suficientes para elegerem prior, e caso esse prior viesse a renunciar para colocar no cargo Gonçalo Afonso, criado do arcebispo<sup>2256</sup>. Aquando da eleição de João Aparício aparece nova referência a Gonçalo Afonso, embora desta vez fosse indicado para substituir na igreja de Vale de Nogueira, Martim Anes, o qual por sua vez iria para prior de Caramos na eventualidade de João Aparício renunciar<sup>2257</sup>.

**Pedro de Barros** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Foi comendatário do mosteiro de Caramos no final do século XV tendo falecido antes de 29 de Fevereiro de 1492<sup>2258</sup>.

**Diogo Lopes/Diogo Lopes de Mariz** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. A 29 de Fevereiro de 1492, D. João II apresentou ao arcebispo de Braga, D. Jorge da Costa, para comendatário de Caramos, Diogo Lopes, capelão da rainha<sup>2259</sup>. João Pedro Ribeiro, nas suas “Reflexões Históricas”, também referencia um documento em que é interveniente “Diogo Lopez, capellão da Rainha, Prior de Caramolos, e Comissário da Madre Sancta Cruzada”, respeitante à venda de umas casas na cidade do Porto<sup>2260</sup>. Em tal venda participou o “Priol de Quaramollos” e, de acordo

---

<sup>2252</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.160vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>2253</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.757.

<sup>2254</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.160vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>2255</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 2, fl.6v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.322.

<sup>2256</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.147; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>2257</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.160vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>2258</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759.

<sup>2259</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759.

<sup>2260</sup> Ribeiro, João Pedro, *Reflexões Históricas*, Parte II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1836, p.84.

com o que é adiantado por Sousa Viterbo, ocorreu em 1493<sup>2261</sup>. Diogo Lopes era também prior de Pedroso<sup>2262</sup>, tratando-se, por isso, de Diogo Lopes de Mariz<sup>2263</sup>, também comendatário de Paderne, filho de Lopo de Mariz Lobo e de Catarina Mariz Pinheiro, tendo, entre os seus irmãos, João de Mariz Pinheiro, comendatário de S. Romão de Neiva<sup>2264</sup>.

**D. Pedro Almadave** - Provável prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Segundo D. Nicolau de Santa Maria, “Dom Pedro Almadavi” era prior de Caramos em 1502, altura em que Pedro Rodrigues, vigário de Constantim, pretendia retirar essa igreja da jurisdição do mosteiro de Caramos, sendo o contencioso sentenciado em Guimarães, em Outubro de 1503, com a decisão favorável ao mosteiro a ser confirmada, em 1507, pelo papa Júlio II (1503-1513), ano em que D. Pedro ainda figurava como prior da instituição<sup>2265</sup>.

**D. Gonçalo Ribeiro** - Provável prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Segundo Felgueiras Gaio, D. Gonçalo Ribeiro, filho de Rui Vasques Ribeiro ou Rui Vaz Ribeiro de Vasconcelos e de Violante de Sousa, foi comendatário de Caramos<sup>2266</sup>.

**D. João de Melo** - Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Segundo Frei António da Assunção Meireles, D. João de Melo era Fidalgo da Casa de el-rei e foi comendatário dos mosteiros de Caramos e Pombeiro, funções que já deveria ocupar no final da primeira década do século XVI<sup>2267</sup>. Desconhecemos até quando se manteve à frente deste mosteiro regente, de qualquer forma, e tendo como referencial a comenda do mosteiro de Pombeiro, é presumível que ainda fosse o comendatário da instituição em 1525, data em que ainda é detectado à frente do mosteiro beneditino<sup>2268</sup>.

**Cardeal Francisco de Santa Cruz** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. O cardeal Francisco, do título de Santa Cruz em Jerusalém, foi provido no mosteiro de São Martinho de Caramos e na igreja de S. Bartolomeu de Vila Flor, a 23 de Dezembro de 1534, por bula pontifícia de Paulo III (1534-1549)<sup>2269</sup>. Manteve-se no cargo até 1538, ano em que lhe sucede na comenda o cardeal D. Henrique<sup>2270</sup>.

**Cardeal Infante D. Henrique** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. D. Henrique foi provido “per priorem soliti gubernari Sancti Martini de Caramoros, ordinis Sancti Augustini Canonicorum regularium, Bracharensis diocesis”

---

<sup>2261</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, Vol.2, 1966, p.503.

<sup>2262</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 22, fl.18. O “Reverendo Diogo Lopez de Mouriz” é identificado como administrador de Pedroso em instrumentos de 22 de Novembro de 1497, 14 de Setembro de 1501, 28 de Junho de 1505, 28 de Fevereiro de 1508 e 28 de Outubro de 1509 (cf. BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N<sup>o</sup>636, fls. 148v<sup>o</sup>, 171v<sup>o</sup>).

<sup>2263</sup> Sampaio, Jorge de Faria Machado Vieira de, “Subsídios para a genealogia dos Farias Machados”, in *Arquivo Histórico de Portugal*, vol.3, p.324.

<sup>2264</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 19, 1939, p.141.

<sup>2265</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, pp.298-299.

<sup>2266</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 28, 1941, pp. 98-99, 109. Segundo este genealogista D. Gonçalo era irmão de D. João Ribeiro de Vasconcelos, comendatário de Freixo.

<sup>2267</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.39.

<sup>2268</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, p.40.

<sup>2269</sup> IAN/TT – Gaveta XIV, M.6, Doc.6.

<sup>2270</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.439-442.

<sup>2271</sup> por bula de Paulo III (1534-1549), de 31 de Maio de 1538<sup>2272</sup>, o que contraria a informação de Frei Timóteo dos Mártires de que D. Henrique deteve a comenda deste mosteiro por alguns anos, por mercê do seu irmão D. João III, em quem renunciou em 1538<sup>2273</sup>. Além do mosteiro de Caramos, D. Henrique foi também administrador dos mosteiros agostinhos de Santa Cruz e S. Jorge de Coimbra, bem como do de Moreira, detendo também várias instituições beneditinas e cistercienses como Alcobaça, S. Cristóvão de Lafões, Bustelo, Paço de Sousa, Pedroso e São Salvador de Travanca<sup>2274</sup>.

**Infante D. Duarte** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Duarte deteve a comenda de S. Martinho de Caramos entre 1538 e 1543, ano do seu falecimento, tendo sido também comendatário de Santa Cruz de Coimbra, S. João de Longos Vales, S. Miguel de Refóios de Basto e arcebispo de Braga<sup>2275</sup>. A estes benefícios podemos acrescentar a comenda do mosteiro de Cárquere<sup>2276</sup> e as coadjutorias dos mosteiros de Tibães, Carvoeiro e Salzedas<sup>2277</sup>. O infante D. Duarte faleceu a 11 de Novembro de 1543<sup>2278</sup>.

**D. Gonçalo Pinheiro** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Era também comendatário dos mosteiros de Travanca e Bustelo<sup>2279</sup>. Foi bispo de Safim (1537-1542), Tânger (1542-1557)<sup>2280</sup> e de Viseu (1552-1557). Segundo Frei Timóteo dos Mártires, foi investido como comendatário de Caramos por D João III, em 1543<sup>2281</sup>. No dia 1 de Outubro de 1548 passou alvará a Frei Francisco de Portilho, prior claustral do mosteiro de Travanca, para, em seu nome, e em conjunto com os respectivos conventos, assinar prazos respeitantes aos seus mosteiros de Bustelo, Caramos e Travanca<sup>2282</sup>. Deverá ter falecido em finais de 1567, uma vez que, a 6 de Dezembro

---

<sup>2271</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, p.439.

<sup>2272</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.439-442; Polónia, Amélia, *D. Henrique: O cardeal-rei*, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, 2005, p.83.

<sup>2273</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.133.

<sup>2274</sup> Polónia, Amélia, *D. Henrique: O cardeal-rei*, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, 2005, pp.42,82-83.

<sup>2275</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.133; Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.178.

<sup>2276</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.545.

<sup>2277</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.599.

<sup>2278</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.178; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.599.

<sup>2279</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, pp.104-105.

<sup>2280</sup> Esta é a cronologia apresentada em Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, p.315, no entanto D. Gonçalo Pinheiro foi nomeado bispo de Viseu a 27 de Junho de 1552 pelo papa Júlio III (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.670).

<sup>2281</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.133.

<sup>2282</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, pp.104-105.

desse ano, era confirmado novo prior no mosteiro de Caramos “vago por morte natural de dom Goncallo Pinheiro ultimo comendatario”<sup>2283</sup>.

**D. Teotónio Monte Ruivo** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Teotónio era cônego do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e entrou como administrador do mosteiro de Caramos em 1567, estando aí apenas um ano<sup>2284</sup>. De facto, D. Teotónio foi confirmado por D. Bartolomeu dos Mártires (1559-1581) como prior comendatário de Caramos, a 6 de Dezembro 1567, por um período de seis meses<sup>2285</sup>. Este mesmo registo de confirmação deixa perceber que D. Teotónio já era prior claustral do mosteiro de Caramos, o que contraria a informação de Frei Timóteo dos Mártires, de que era proveniente do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Não sendo de excluir a possibilidade de se tratar de um cônego oriundo de Santa Cruz de Coimbra, pelo menos no período imediatamente anterior à sua eleição, já se encontrava em Caramos e tratando-se do prior claustral é presumível que tivesse ingressado já há bastantes anos nessa instituição.

**D. Francisco de Amorim** – Provável prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Frei Timóteo dos Mártires não o cita mas segundo António Carvalho da Costa, D. Francisco de Amorim era cavaleiro da casa do infante D. Henrique que o nomeou para administrador do mosteiro de S. Martinho de Caramos enquanto o não entregou a D. João Pinto, nomeação que teria tido lugar por volta de 1542<sup>2286</sup>, tese que, pelo menos na sua globalidade, não pode corresponder à verdade.

**D. João Pinto** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Caramos. Segundo D. Nicolau de Santa Maria, D. João Pinto sucedeu no mosteiro de Caramos ao comendatário D. Gonçalo Pinheiro<sup>2287</sup>, o que a confirmar-se eliminaria automaticamente os nomes de permeio que são indicados por Timóteo dos Mártires e Carvalho da Costa. D. João era cônego e lente de Teologia no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e sobrinho de Frei Diogo de Múrcia, que era religioso da Ordem de S. Jerónimo e reitor da Universidade de Coimbra<sup>2288</sup>. D. João Pinto foi também abade comendatário do mosteiro de S. Miguel de Refóios de Basto, conseguindo a comenda de Caramos justamente em compensação de ter deixado a de Refóios, por solicitação do cardeal D. Henrique, em 1568<sup>2289</sup>, mantendo-se à frente deste mosteiro regente até 5 de Junho de 1587, data do seu falecimento<sup>2290</sup>.

---

<sup>2283</sup> Rosário, Frei António do, “Registro das Confirmações [II] de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Cartório Dominicano Português*, Século XVI, Fasc. 6 (Bartholomeana Monumenta V), Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português/Movimento Bartolomeano, 1974, p.30.

<sup>2284</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.133.

<sup>2285</sup> Rosário, Frei António do, “Registro das Confirmações [II] de D. Frei Bartolomeu dos Mártires”, in *Cartório Dominicano Português*, Século XVI, Fasc. 6 (Bartholomeana Monumenta V), Porto, Arquivo Histórico Dominicano Português/Movimento Bartolomeano, 1974, p.30.

<sup>2286</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.122.

<sup>2287</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.300.

<sup>2288</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.133-134; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.122; Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.300.

<sup>2289</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.133. Já Carvalho da Costa diz que D. João Pinto foi para o mosteiro de Caramos em 1564 (cf. Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de



### **1.1.6. - São Martinho de Crasto (c. Ponte da Barca)**

**Pedro Domingues** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. É muito provável que o seu priorado se tenha prolongado pelo início do séc. XIV, embora não tenhamos documentação que o comprove. Tal possibilidade assenta no facto de Pedro Domingues surgir como prior do mosteiro a 16 de Fevereiro de 1289<sup>2291</sup>, sucedendo a Pedro Martins que ainda ocupava o cargo em 1283<sup>2292</sup>. Mesmo desconhecendo o início do seu priorado e admitindo, inclusive, a hipótese teórica de se ter iniciado em 1283, não nos parece abusivo pressupor a sua presença à frente da instituição nos primeiros anos de trezentos.

**Afonso Martins** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. Marcou presença no sínodo diocesano de Braga, do arcebispo D. Gonçalo Pereira, realizado a 14 de Novembro de 1330<sup>2293</sup>.

**D. Bartolomeu Esteves** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. A 15 de Outubro de 1346, empraça, em conjunto com o convento, a Estêvão Martins de Rio Frio e a sua mulher, Maria Anes, as propriedades que o mosteiro tinha no lugar de Currais, na freguesia de Santa Marinha de Prozelos (c. de Arcos de Valdevez)<sup>2294</sup>.

**Gonçalo Anes** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. Segundo um documento do “Livro de Mostras”, presente no Arquivo Distrital de Braga, este prior apresentou uma carta papal que o provia no priorado de Crasto, no entanto apenas surge a indicação de que foi feita aos “VII idus Maii pontificatus nostri anno septimo”<sup>2295</sup>, sem mencionar o papa, levando-nos a admitir que se trate do dia 9 de Maio de 1384, o que corresponderia ao início do sétimo ano do pontificado de Urbano VI (Abr. 1378-Out.

---

Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.122). Esta é também a versão de Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.300.

<sup>2290</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.134. Também Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.122 aponta como data do seu falecimento o dia 5 de Junho de 1587. Esta informação é, de resto, atestada por um obituário do mosteiro de Moreira da Maia que regista o falecimento de João Pinto às “nonas de Junho” de 1587 (cf. BNL – Secção de Reservados, Nº 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”).

<sup>2291</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, M. 2, N. 442; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.72-73 (Doc. 19 do Apêndice).

<sup>2292</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, M. 2, N. 442; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.71-72 (Doc. 18 do Apêndice). Desconhecemos também a data de início do priorado de Pedro Martins, no entanto a sua acção como prior do mosteiro surge amplamente documentada em 1282 num processo referente à lezíria da Atalaia em Santarém (cf. *O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 125-143; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.64-70.

<sup>2293</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp. 45-47.

<sup>2294</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, M. 2, N. 442; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.76-77 (Doc. 21 do Apêndice); *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp. 89-90 (Doc. 39).

<sup>2295</sup> A.D.B. – Livro 1º de Mostras, fl.60. Este documento encontra-se transcrito e publicado por Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.77 (Doc. 22 do Apêndice), no entanto a data crítica apresentada pela Autora (1396 e 1413) correspondendo, respectivamente, aos pontificados de Bonifácio IX e Gregório XII, deixa, à luz dos novos elementos aqui apresentados, de ter qualquer viabilidade.

1389)<sup>2296</sup>. Não sendo de excluir uma data anterior para o início do seu priorado, esta é aquela que, à luz da conjugação dos dados documentais conhecidos, nos permite situar com relativa segurança a sua presença nesse cargo, até porque a 11 de Outubro de 1391, uma quarta-feira, *Gonçallo Annes pryoll de Sam Martinho de Crasto* se encontrava na Sé de Braga, figurando entre as testemunhas que assistiram à entrega do arcebispo, D. Lourenço Vicente, de 2000 libras para a capela que aí mandara instituir<sup>2297</sup>. O relacionamento entre o arcebispo de Braga e o prior de Crasto deveria ser excelente, como parece confirmar um outro documento, a que alude Frei António da Assunção Meireles, referente a uma sentença do citado arcebispo, datada de 28 de Fevereiro de 1394, em que um dos signatários é justamente Gonçalo Anes<sup>2298</sup>. De referir que a última informação que recolhemos deste prior também está relacionada com a arquidiocese bracarense, e é respeitante à sua presença no sínodo diocesano de Braga, realizado a 15 de Novembro de 1398, e presidido já pelo arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca<sup>2299</sup>. Face ao exposto, é perfeitamente admissível que o seu priorado se tenha iniciado em meados da década de oitenta, estendendo-se ainda pelos primórdios de quatrocentos, mas aguardemos por novas provas documentais que o possam atestar ou infirmar.

**João Anes** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. É certamente o sucessor de Gonçalo Anes. Documentalmente, e até ao momento, não lhe encontramos qualquer referência para a primeira quinzena do século XIV. A primeira referência que lhe conhecemos, data de 6 de Abril de 1415, dia em que foi legitimado João Anes, filho de Maria Geraldês e “Johan’Eannes prior do moesteiro de Sam Martinho de Crasto”<sup>2300</sup>. A 14 de Julho de 1419 ainda ocupava tais funções, no entanto, por essa mesma altura, já deveria ser de idade avançada. De resto, o temor que a comunidade tinha de que ele falecesse brevemente ou de que resignasse ao cargo, fez com que elaborassem uma procuração em que constituíam o deão de Braga, Álvaro Martins, seu legítimo representante na eleição do futuro prior, precavendo-se assim que o mosteiro caísse em mãos de pessoas pouco escrupulosas<sup>2301</sup>.

**João do Mato** – Provável prior do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o “obiit Johannes de Mato prior Sancti Martini” a 4 de Novembro, mas sem referência ao respectivo ano do óbito<sup>2302</sup>. Apesar de se aludir aí apenas ao orago, parece-nos que há grandes possibilidades de o mosteiro em causa ser o de Crasto até porque em relação aos mosteiros de Caramos e Mancelos, as outras possibilidades regrantas com esta invocação, não detectámos no Obituário de S. Vicente de Fora qualquer registo, ao contrário do que sucede com a canónica da terra da

---

<sup>2296</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, p.289.

<sup>2297</sup> A.D.B. – Coleção Cronológica, Pasta 18, s/nº. Este documento encontra-se transcrito, acompanhado inclusivamente de reprodução fac-similada, por Marques, José, “O testamento de D. Lourenço Vicente e as suas capelas na Sé de Braga e na Lourinhã”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz de Braga nos 900 anos da dedicação da Catedral* (Braga, 4-5 de Maio de 1990), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp. 212, 234.

<sup>2298</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.30.

<sup>2299</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, pp.59-60.

<sup>2300</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.197.

<sup>2301</sup> A.D.B., Coleção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>2302</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.166.

Nóbrega. Quanto à cronologia deste prior, e apesar de aí não surgirem elementos que nos auxiliem, é provável que estejamos perante o mesmo religioso, ou um dos religiosos que já identificámos quando abordamos os priores de S. Salvador de Bravães, portanto, situável na primeira metade do séc. XV. Em Bravães detectamos um ou dois priores designados João do Mato. Colocámos também a possibilidade de o João Anes que aí surge a intercalar o priorado ou priorados de João do Mato não ser mais que a abreviação do nome de João Anes do Mato. Esta possibilidade de estarmos perante o mesmo indivíduo parece-nos agora ganhar ainda mais consistência pelo simples facto do prior de S. Martinho de Crasto, identificado na segunda década de quatrocentos, se chamar João Anes e o seu priorado ser, cronologicamente, coincidente com o de João Anes do mosteiro de Bravães. Perante isto abrem-se três perspectivas de análise: ou estamos, de facto, perante o mesmo indivíduo que governaria os dois mosteiros, mais ou menos, a partir de 1400 e até cerca de 1435, ou estamos perante indivíduos diferentes que detiveram em simultâneo os governos dos mosteiros de Crasto e Bravães nas primeiras décadas do séc. XV, ou então encontrámo-nos perante uma enormíssima coincidência com identidades autónomas mas homonímia e cronologia concomitantes. Face a este último cenário, abrir-se-ia uma outra possibilidade que era a de João do Mato, com a extinção do mosteiro de Bravães a 13 de Fevereiro de 1434<sup>2303</sup>, ter transitado para o priorado de S. Martinho de Crasto, mantendo-se aí até ao seu falecimento que ocorreria então, e isto dando credibilidade ao assento do obituário, a 4 de Novembro de 1434, uma vez que em 1435 o prior é Lourenço Esteves. Uma outra hipótese, e isto tendo por base a possibilidade de estarmos perante pessoas diferentes, é a de o priorado de João do Mato ser anterior ao de João Anes e aí a sua cronologia enquadrar-se-ia na primeira quinzena do séc. XV e seria, assim, o provável sucessor de Gonçalo Anes.

**Lourenço Esteves** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. Foi, muito provavelmente, o sucessor ou de João Anes ou de João do Mato. De qualquer forma, e a verificar-se que o priorado de Crasto foi assumido por João do Mato, o seu governo à frente da comunidade de S. Martinho de Crasto foi, seguramente, curto uma vez que a 3 de Outubro de 1435 foi confirmado, pelo arcebispo de Braga, como prior do vizinho mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>2304</sup>.

**Frei Gonçalo Nunes de Barros** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. Era cônego do mosteiro de Crasto, tornando-se prior, por eleição da comunidade, sendo confirmado pelo bispo bracarense, D. Fernando da Guerra, a 6 de Outubro de 1435, sucedendo assim ao prior Lourenço Esteves<sup>2305</sup>. O início do seu priorado foi bastante conturbado como se infere da leitura de quatro cartas de perdão dadas por D. Afonso V, duas passadas a 13 de Maio de 1441, respectivamente, a João Lourenço tabelião de Ponte de Lima e a Estêvão Gonçalves, morador em Ponte da Barca<sup>2306</sup>, uma terceira

---

<sup>2303</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.49v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.724-725.

<sup>2304</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761; Marques, Maria Alegria Fernandes, "Mosteiro de S. Martinho de Crasto...", 1998, p.80 (Doc. 24 do Apêndice).

<sup>2305</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761; Marques, Maria Alegria Fernandes, "Mosteiro de S. Martinho de Crasto...", 1998, p.80 (Doc. 25 do Apêndice).

<sup>2306</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 2, fl.116vº.

passada, a 30 de Outubro de 1441, a Gonçalo Esteves<sup>2307</sup> e uma outra a João de Vinhal dos Arcos de Valdevez, datada de 11 de Outubro de 1442<sup>2308</sup>. Segundo o testemunho destes foragidos ou “amorados”, sobretudo pelos relatos de João Lourenço e Gonçalo Esteves, fica-se a saber que o prior Gonçalo Nunes de Barros apresentou queixa por eles e outros terem ido de noite ao mosteiro para o matarem, e lhe terem roubado o tesouro do mosteiro e queimado as portas<sup>2309</sup>, além de terem destruído diversas armas que aí estavam e só não o assassinaram porque ele se refugiou numa torre, onde se pôde defender<sup>2310</sup>, reportando-se tais actos ao final do ano de 1435 ou início de 1436<sup>2311</sup>. Em Outubro de 1451 ainda continuava à frente dos destinos desta comunidade regrante, apresentando um clérigo para a igreja de Sampriz<sup>2312</sup>. O seu falecimento deverá ter ocorrido no final de 1453, uma vez que, em Dezembro desse ano, é confirmado D. Frei Vasco Gomes como prior de Crasto<sup>2313</sup>. Teve vários filhos de uma relação que manteve com Isabel de Castro, mulher solteira, todos legitimados, por D. Afonso V, a 19 de Abril de 1453<sup>2314</sup>.

**Vasco Gomes** – Prior do mosteiro de São Martinho de Crasto. Tal como o seu antecessor, foi cónego do mosteiro, ascendendo ao priorado após falecimento de Gonçalo Nunes de Barros, sendo eleito pela comunidade e confirmado no cargo pelo arcebispo de Braga, a 22 de Dezembro de 1453<sup>2315</sup>.

---

<sup>2307</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 23, fl.77; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.171-172 (Doc. 116).

<sup>2308</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 23, fl.77vº; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.173-174 (Doc. 118).

<sup>2309</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 23, fl.77; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.171-172 (Doc. 116).

<sup>2310</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 2, fl.116vº.

<sup>2311</sup> Neste aspecto os testemunhos são muito divergentes, enquanto Gonçalo Esteves reporta esses actos de violência para cerca de dez anos antes, ou seja 1431, o que como sabemos não tem qualquer fundamento, porque Gonçalo Nunes de Barros ainda não era prior do mosteiro, já as indicações de João Lourenço e João de Vinhal se revelam mais rigorosas uma vez que situam esses acontecimentos a uma distância de cinco ou seis anos, ou seja 1435 ou 1436. Como os documentos dizem que o perdão só é aplicável a crimes cometidos antes de Janeiro de 1436, e sendo o cumprimento de tais requisitos efectivo, isso significaria que os crimes teriam ocorrido em 1435, embora não seja de excluir uma data mais recente se considerarmos que os malfeitores, ao pretenderem obter o perdão régio, poderão ter recuado a perpetração dos crimes para uma data legalmente abrangível. Estas cartas de perdão inserem-se no perdão geral decretado por D. Afonso V para fazer face ao despovoamento de inúmeros locais, de resto neste período são criados diversos coutos de homiziados, casos de Mirandela, Monforte, Mourão, Vilar Maior, Celorico de Basto e Palma (cf. Moreno, Humberto Baquero, “Elementos para o estudo dos coutos de homiziados instituídos pela Coroa”, in *Os municípios portugueses nos séculos XII a XVI - Estudos de história*, Lisboa, 1986, Editorial Presença, pp. 97, 120-122). As cartas de perdão vulgarizam-se no reinado de D. Afonso V, estimando Luís Miguel Duarte que tenham sido emitidas durante o seu reinado cerca de 15 mil cartas deste teor (cf. Duarte, Luís Miguel, *Justiça e criminalidade no Portugal medievo (1459-1481)*, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999, pp. 461-462).

<sup>2312</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.165; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761.

<sup>2313</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.180-180v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.81 (Doc. 26 do Apêndice).

<sup>2314</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 3, fl.47; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.929 (nota 531), 1014.

<sup>2315</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.180-180v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.81 (Doc. 26 do Apêndice).

**D. Gomes da Rocha** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Crasto. Segundo Frei Timóteo dos Mártires foi comendatário dos mosteiros de Crasto, Refóios de Lima e Vila Nova de Muía, benefício concedido, em 1468, por D. Afonso V<sup>2316</sup>. Sobre este prior consulte-se as entradas que lhe são dedicadas nos mosteiros de Muia e Refoios de Lima, onde a sua biografia é mais detalhada.

**D. Rodrigo de Melo e Lima** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Crasto. Era filho de D. Leonel de Lima, 1º visconde de Vila Nova de Cerveira. Segundo Felgueiras Gaio, D. Rodrigo de Melo foi padroeiro da capela de S. Sebastião, futuramente capela de Nossa Senhora do Rosário, do convento de Santo António de Ponte de Lima e comendatário do mosteiro de Pombeiro, comenda que trocou pela do mosteiro de Refóios de Lima<sup>2317</sup>. Tal como o seu antecessor também D. Rodrigo de Melo foi comendatário dos mosteiros de Crasto, Refóios de Lima e Vila Nova de Muía, benefício que, segundo Frei Timóteo dos Mártires, lhe foi concedido em 1472, por D. Afonso V<sup>2318</sup>, mas que, e como já dissemos, ao retratar os priores de Muia, não parece corresponder à verdade, uma vez que este comendatário alcançou a comenda através de permuta e essa deverá ter ocorrido apenas em finais da década de setenta ou início da de oitenta. Renunciou em 1497<sup>2319</sup>.

**D. Pedro de Lima e Melo** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Crasto. Era filho de D. Rodrigo de Melo<sup>2320</sup>. Foi nomeado, em 1497, pelo rei D. Manuel, comendatário dos mosteiros de Crasto, Refóios e Vila Nova de Muía, mantendo-se no cargo até 1547, altura em que faleceu<sup>2321</sup>. O Censual de D. Diogo de Sousa refere “Pero de Meello” como comendatário deste mosteiro<sup>2322</sup>.

**Cardeal D. Henrique** – Prior comendatário dos mosteiros de São Martinho de Crasto e Vila Nova de Muia e Refóios de Lima. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, o cardeal D. Henrique foi comendatário dos mosteiros de Crasto, Refóios e Muia, em 1547, por nomeação de D. João III<sup>2323</sup>.

**Doutor António Martins** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Crasto e Santa Maria de Vila Nova de Muia. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, este comendatário deteve a posse destes dois mosteiros, tendo renunciado à comenda em 1562, a troco de uma pensão<sup>2324</sup>.

**D. Sebastião Rodrigues da Fonseca** – Prior comendatário do mosteiro de São Martinho de Crasto. Natural da cidade de Braga, foi o último comendatário do

---

<sup>2316</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>2317</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, p.123.

<sup>2318</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>2319</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>2320</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, pp.123-124; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>2321</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175. Felgueiras Gayo também diz que D. Pedro foi comendatário destes três mosteiros (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, p.124).

<sup>2322</sup> A.D.B. – Registo Geral 330 (Censual de D. Diogo de Sousa), fl.96; Costa, Avelino Jesus da, “Terra da Nóbrega e Concelho de Ponte da Barca - Subsídios para a sua história”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, Vol.I, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998, p.178 (Doc. 18 do Apêndice).

<sup>2323</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>2324</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

mosteiro<sup>2325</sup>, tendo sido durante o seu priorado e com a sua autorização que o mosteiro foi unido à Congregação de Santa Cruz, após o breve da união pelo papa Clemente VIII (1592-1605), com D. Cristóvão de Cristo a tomar posse, para a Congregação, em 1595, embora a posse real e efectiva apenas tenha ocorrido em 1615, com o falecimento deste comendatário<sup>2326</sup>.

### **1.1.7. - São Martinho de Mancelos (c. Amarante)**

**Martim Lourenço** - Prior do mosteiro de Mancelos. A 31 de Agosto de 1305 efectuou uma permuta de bens com D. Dinis, cedendo o mosteiro os herdamentos e o hospital que tinham em Vila Ruiva de Malcabrão, no bispado de Évora, em troca de dois casais que o rei possuía no couto de Vilela e da igreja de S. Nicolau de Cabeceiras de Basto<sup>2327</sup>. Esta importante troca já vinha sendo delineada ao longo de 1305, tendo o prior e o convento lavrado procuração, a 27 de Abril de 1305, a estabelecer os cônegos Pedro Martins e Martim Pires como seus legítimos representantes nesse negócio<sup>2328</sup>. Esta troca parece revelar alguma argúcia deste prior no que respeita à boa gestão dos bens da instituição, alheando património situado em locais muito distantes, em troca de bens geograficamente muito mais perto do raio de acção do mosteiro.

**Domingos João / Domingos Anes** – Prior do mosteiro de Mancelos. Participou no capítulo provincial dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho realizado a 4 de Setembro de 1340, no mosteiro de S. Francisco, em Bragança<sup>2329</sup>.

**Afonso Lourenço**<sup>2330</sup> – Prior do mosteiro de Mancelos. Faleceu a 4 de Agosto de 1361 sucedendo-lhe, por nomeação de Gomes Pais, cônego da Sé de Braga, a quem o convento tinha incumbido de apresentar o prior, um religioso da comunidade de Mancelos chamado João Anes<sup>2331</sup>.

**D. João Anes** – Prior de Mancelos. Sucedeu a Afonso Lourenço no priorado de Mancelos. Trata-se de um cônego da comunidade, indigitado no cargo por Gomes Pais, cônego da Sé de Braga, registando-se, a 24 de Agosto de 1361, o pedido do prior claustral, ao papa Inocêncio VI, no sentido de obter a confirmação do novo prior<sup>2332</sup>. A confirmação apostólica é de 14 de Novembro de 1361 e foi enviada a Guillaume de

---

<sup>2325</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>2326</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.175-176.

<sup>2327</sup> *O Livro das Lezírias D'El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 83-87.

<sup>2328</sup> *O Livro das Lezírias D'El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 84-85.

<sup>2329</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XXI, p.240; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII-XV - História e Instituição*, Tomo II, 1996, Apêndice Documental (sem paginação).

<sup>2330</sup> Aparece identificado como Afonso Martins na confirmação apostólica de D. João Anes como prior de Mancelos (cf. *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.401), embora deva ser uma simples falha porque em todo o processo este prior é designado de Afonso Lourenço.

<sup>2331</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, pp.399-401. O cônego Gomes Pais encarregue da indigitação é muito provavelmente o cônego Gomes Pais de Azevedo identificado na obra *Os capitulares bracarense (1245-1374): notícias biográficas*, 2005, p.260.

<sup>2332</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, pp.399-401.

Pilote<sup>2333</sup>, colector de Roma em Portugal, a 14 de Janeiro de 1362<sup>2334</sup>. Este prior esteve presente em Alpendurada, no dia 24 de Agosto de 1387, onde se definiu um compromisso de celebração de sufrágios entre diversos mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses do Porto e de Braga<sup>2335</sup>.

**João Gonçalves** – Prior do mosteiro de Mancelos. Esteve presente no sínodo diocesano de Braga, realizado a 15 de Novembro de 1398 sob patrocínio do arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca<sup>2336</sup>. A 9 de Abril de 1399 encontrava-se de novo em Braga, onde, nos Paços do Arcebispo, testemunhou a composição feita entre D. Martinho e D. Frei Vasco Lourenço, abade do mosteiro de Pombeiro, a propósito de dízimas que o mosteiro beneditino se tinha recusado a pagar à Sé de Braga<sup>2337</sup>. Dez dias depois é celebrada composição entre o Arcebispo de Braga e o próprio João Gonçalves referente às dízimas das searas e votos de Santiago que o mosteiro de Mancelos se recusava a pagar<sup>2338</sup>. A 12 de Novembro de 1415 ainda era prior de Mancelos, dia em que foram legitimados Pedro Anes e Gomes Anes, ambos seus filhos, fruto da ligação deste religioso a Isabel Vasques<sup>2339</sup>. Não sabemos em concreto até quando se prolongou o seu priorado, no entanto a 30 de Dezembro de 1426 já tinha falecido, uma vez que o prior do mosteiro já é Gonçalo Peres<sup>2340</sup>.

**Gonçalo Peres** – Prior do mosteiro de S. Martinho de Mancelos. Foi o sucessor de João Gonçalves. Apesar de ter sido eleito pela comunidade teve de enfrentar um longo litígio com Gil Afonso, cónego de Santa Maria de Oliveira, contenda que já decorria a 30 de Dezembro de 1426<sup>2341</sup>. É que os cónegos de Mancelos tinham, anteriormente, delegado a responsabilidade de eleger o prior do mosteiro a Vasco Rodrigues, chantre de Braga. Após o falecimento do prior João Gonçalves, o chantre indicou para o cargo Gil Afonso, um cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, sucedendo que os religiosos de Mancelos elegeram por sua própria iniciativa Gonçalo Peres, o que provocou o conflito<sup>2342</sup>. Documentos de 4 e 7 de Janeiro de 1427 mostram Gil Afonso empenhado em alcançar o priorado de Mancelos, argumentando com a ilegitimidade do processo de eleição e confirmação de Gonçalo Peres no cargo<sup>2343</sup>. A contenda foi-se arrastando, acabando a Cúria Romana por nomear o arcebispo de Braga e o seu vigário geral, como seus juizes apostólicos para a resolução do conflito<sup>2344</sup>. Tendo em conta que D. Fernando da Guerra era juiz em causa própria, é natural que a sentença tenha pendido a

---

<sup>2333</sup> Alguns elementos biográficos sobre este colector apostólico encontram-se compilados em *Os capitulares bracarense (1245-1374): notícias biográficas*, 2005, pp. 257-258.

<sup>2334</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.401.

<sup>2335</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257

<sup>2336</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>2337</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, pp.146-147.

<sup>2338</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.762.

<sup>2339</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.195.

<sup>2340</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 162-163; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.762.

<sup>2341</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 162-164.

<sup>2342</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 162-164; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.762-763.

<sup>2343</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 164-165, 169-170.

<sup>2344</sup> A.D.B., Coleção Cronológica, Caixa 22, s.n.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.763-764.

favor de Gil Afonso, que em data desconhecida, embora, muito provavelmente, em inícios da década de trinta, alcançou os seus intentos, sendo conduzido no priorado do mosteiro de S. Martinho de Mancelos.

**Gil Afonso** – Prior do mosteiro de S. Martinho de Mancelos. Antigo cônego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, foi colocado no priorado de Mancelos, como vimos, por Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, que tinha sido incumbido pelos cônegos de Mancelos para indicar o prior da comunidade<sup>2345</sup>. A escolha do capitular bracarense recaiu sobre Gil Afonso, no entanto os cônegos elegeram um prior da comunidade, de nome Gonçalo Peres, o que acabou por degenerar num conflito aberto e como nenhum dos dois priores pretendia abdicar do cargo, a situação de conflituosidade arrastou-se, acabando Gil Afonso, provavelmente na primeira metade da década de trinta, por ser empossado no priorado de Mancelos<sup>2346</sup>. Não será contudo de excluir que Gil Afonso tenha alcançado o priorado apenas no início da década de quarenta, isto tendo em consideração que detectamos um cônego de nome Gil Afonso em Santa Maria de Oliveira em Abril de 1433<sup>2347</sup>, Julho de 1441<sup>2348</sup>, Julho de 1442<sup>2349</sup> e Agosto de 1453<sup>2350</sup>. Perante tais factos, ou estamos na presença de um homónimo, ou então Gil Afonso assumiu o priorado de Mancelos em data posterior a Julho de 1442, regressando ao mosteiro de Oliveira em 1453, situação que à luz dos documentos conhecidos é perfeitamente viável, uma vez que Gil Afonso ocupou o priorado de Mancelos até ao início da década de cinquenta, sendo que a 13 de Março de 1453 “per liberam resignationem dilecti filii Egidii Alfonsi” já tinha renunciado ao cargo, através de Pedro Afonso, clérigo de Coimbra presente na Cúria romana, dando o papa, Nicolau IV, o mosteiro ao arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra<sup>2351</sup>. Um outro indício que nos parece querer dar alguma sustentabilidade à tese de que Gil Afonso apenas assumiu o priorado de Mancelos na primeira metade da década de quarenta é justamente a presença assídua, e por vezes prolongada, de D. Fernando da Guerra neste mosteiro, entre Março de 1432 e Novembro de 1442<sup>2352</sup>, o que pode ser interpretado como resultado das dificuldades na resolução do problema<sup>2353</sup>. De qualquer modo, e até novas provas, persistirá a dúvida sobre a identidade deste prior.

**D. Fernando da Guerra** – Prior comendatário do mosteiro de S. Martinho de Mancelos. A 13 de Março de 1453 “per liberam resignationem dilecti filii Egidii Alfonsi” já tinha renunciado ao cargo, através de Pedro Afonso, clérigo de Coimbra presente na Cúria

---

<sup>2345</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 162-164, 169-170.

<sup>2346</sup> A propósito de todo este processo veja-se o que ficou dito na entrada anterior.

<sup>2347</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Docs.14,15

<sup>2348</sup> Surge referenciado nessas funções em Julho de 1441 (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.17), sendo também o procurador do mosteiro num emprazamento feito, em conjunto com o abade de Pedome, ao sapateiro Álvaro Anes e a sua mulher, Margarida Gonçalves, de umas casas situadas em Guimarães na Rua Nova de Muro, que pertenciam em partes iguais ao mosteiro de Oliveira e à igreja de Pedome (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.16).

<sup>2349</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.18.

<sup>2350</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.19.

<sup>2351</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp. 341-342; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.764.

<sup>2352</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra ...*, pp.46-47, 52, 54, 58, 62. De resto a constância da presença de D. Fernando da Guerra no mosteiro de Mancelos é também assinalada e realçada por Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.764.

<sup>2353</sup> Esta possibilidade foi também avançada por Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.764, ao dizer que “não é de excluir a hipótese de que intuítos paificadores estivessem subjacentes às longas estadias do arcebispo neste Mosteiro”.



romana, dando o papa, Nicolau IV, o mosteiro ao arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra<sup>2354</sup>.

**Fernando Garcês** – Prior comendatário do mosteiro de Mancelos. Já surge identificado como prior de Mancelos a 20 de Fevereiro de 1485, dia em que D. João II concedeu a este mosteiro o privilégio de isenção de aposentadorias<sup>2355</sup>. É muito provável que tenha sucedido ao arcebispo D. Fernando da Guerra, falecido em 26 de Setembro de 1467, sendo até possível que tenha sido indicado por ele, como indiciam as ligações entre a família Garcês eo arcebispo, uma vez que, e como revela José Marques, Fernando Garcês era filho do Doutor João Garcês, físico do arcebispo e escolhido por este para ser um dos seus testamenteiros<sup>2356</sup>.

**Lourenço Afonso** – Prior comendatário do mosteiro de Mancelos. Trata-se de um criado da Casa de el-rei que já se encontrava como prior de Mancelos em 1495, apresentando várias queixas ao monarca contra abusos de poderosos, com D. João II a renovar-lhe os privilégios para protecção e defesa do mosteiro<sup>2357</sup>.

**D. João de Castro** – Prior comendatário do mosteiro de Mancelos e de Cárquere. A 12 de Setembro de 1509 já aparece identificado como abade de Travanca e administrador perpétuo dos mosteiros de Mancelos e Cárquere<sup>2358</sup>.

**Cardeal D. Luís de Aragão** – Prior comendatário do mosteiro de Mancelos. O cardeal Aloísio, ou D. Luís de Aragão, sucedeu a D. João de Castro como comendatário de Mancelos, mantendo-se nele até 1516, altura em que renunciou<sup>2359</sup>.

**João Bravo** – Prior comendatário do mosteiro de Mancelos. Após a renúncia da comenda do mosteiro de Mancelos por D. Luís de Aragão o papa concedeu-a a João Bravo, Doutor em Decretos, a 5 de Dezembro de 1516<sup>2360</sup>.

**D. António de Azevedo Coutinho** – Prior comendatário do mosteiro de Mancelos. Em 1523 D. António de Azevedo, Doutor em Direito Canónico e Civil e clérigo de Braga suplica a comenda do mosteiro de Mancelos<sup>2361</sup>. No ano seguinte solicitou a união de diversas igrejas ao mosteiro de Mancelos<sup>2362</sup>, o que mereceu a contestação de Álvaro

---

<sup>2354</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp. 341-342; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.764. Na súplica surge identificado como Gil Afonso em vez de Gil Rodrigues.

<sup>2355</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.765.

<sup>2356</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.930 (nota 544).

<sup>2357</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.765.

<sup>2358</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.123; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.148vº; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>2359</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XI, Lisboa, 1993, pp. 431-432; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.263.

<sup>2360</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XI, 1993, pp. 431-432; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.263.

<sup>2361</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>2362</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

Teixeira em relação às igrejas a que o cônego regrante D. Sebastião Esteves tinha renunciado<sup>2363</sup>.

### **1.1.8. - São Miguel de Vilarinho (c. Santo Tirso)**

**D. Martim Peres** – Prior de Vilarinho. Em 1287 já se encontrava à frente da instituição<sup>2364</sup>, prolongando-se o seu priorado pelo início da centúria de trezentos, embora a documentação não o mencione de forma directa, sendo evasiva em relação à identificação do prior. De qualquer forma, a 2 de Julho de 1299 ainda era o prior de Vilarinho, dia em que foi lavrado um instrumento, no mosteiro de Roriz, pelo qual o cavaleiro Gonçalo Martins Porro se comprometia a restituir ao mosteiro de Vilarinho um meio casal na Lagoa, termo das Caldas, de que se apossara indevidamente, ganhando esse compromisso exequibilidade à sua morte<sup>2365</sup>.

**João Anes** – Prior do mosteiro de Vilarinho. Parece ter acedido ao priorado de Vilarinho ainda na primeira década do século XIV, registando-se, a 12 de Setembro de 1308, a doação do padroado de diversas igrejas (Tresmires, S. Tiago de Vila Nova<sup>2366</sup>, Santa Maria de Sanfins<sup>2367</sup> e Santa Maria de Paços<sup>2368</sup>), ao arcebispo de Braga<sup>2369</sup>, D. Martinho de Oliveira (1295-1313). A 20 de Novembro de 1328 João Anes aparece referenciado como prior do mosteiro e seu procurador numa demanda que opunha a instituição a Martim Peres e Gonçalo Peres, filhos de Pedro Anes Fafião e D. Sancha Gil, sendo testamentários desta última, reconhecendo que não estavam a cumprir as disposições testamentárias para com o mosteiro de Vilarinho<sup>2370</sup>. De resto, esta contenda vai estender-se até 8 de Abril de 1329, dia em que é dada sentença favorável ao mosteiro de Vilarinho<sup>2371</sup>.

**D. Martim Vila Nova** – Prior do mosteiro de Vilarinho. A sua passagem pelo priorado de Vilarinho parece ter sido fugaz. Aparece documentado apenas a 4 de Janeiro de 1339, dia em que o mosteiro chega a acordo com o escudeiro João Rodrigues Ferraz a propósito das herdades da quinta da Ramada que pertenciam a cada uma das partes,

---

<sup>2363</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XII, 1995, pp. 388-389; Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>2364</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 146-147.

<sup>2365</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.39; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 161-162.

<sup>2366</sup> Actualmente S. Tiago de Folhadela, no concelho de Vila Real. Já em 1300 o mosteiro de Pombeiro tinha doado à Mitra de Braga o direito de padroado que tinha na igreja de S. Tiago de Vila Nova de Panóias (cf. Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.137; Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.260).

<sup>2367</sup> Também designada de “Tres Minas”, é actualmente a freguesia de S. Miguel de Três Minas no concelho de Vila Pouca de Aguiar.

<sup>2368</sup> Actualmente S. José de Paços, no concelho de Sabrosa (cf. *Dicionário enciclopédico das freguesias*, Vol. 3, Matosinhos, MinhaTerra, 1997, p.547).

<sup>2369</sup> Ferreira, Monsenhor Cônego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp.107-108.

<sup>2370</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.33; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.188-190.

<sup>2371</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.35; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.192-194.

sendo que as rendas do mosteiro não estavam a ser pagas<sup>2372</sup>. Posteriormente, há uma outra informação indirecta a este prior. Trata-se de um documento elaborado já no priorado de Lourenço Esteves<sup>2373</sup>, respeitante a uma sentença, pelo qual ficamos a saber que Martim Vila Nova tinha metade de umas casas na rua do Gado, em Guimarães<sup>2374</sup>. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Domnus Martinus Vila Nova priol de Vilarinho” a 22 de Julho, não sendo aí referenciado o ano<sup>2375</sup>. No entanto, e partindo do pressuposto que o terminus do seu priorado coincidiu com o seu falecimento, tal facto ocorreu seguramente ou a 22 de Julho de 1339 ou de 1340, uma vez que em Setembro deste último ano o mosteiro já tem outro prior.

**Lourenço Esteves** – Prior do mosteiro de Vilarinho. Trata-se de um cónego da comunidade que consegue ascender ao priorado desta canónica regrante. A primeira referência que lhe conhecemos é datada de 4 de Setembro de 1340, dia em que participou no capítulo provincial dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, realizado em Bragança, no mosteiro de S. Francisco<sup>2376</sup>. Aparece aí referenciado como cónego de Vilarinho embora nos pareça muito razoável admitir que, por essa altura, ocupasse o cargo de prior castreiro, provavelmente o de maior representatividade na instituição, isto se admitirmos, que então o priorado se encontrava vago, podendo dar-se também o caso de o estado de saúde do prior-mor não permitir uma deslocação tão longa. Independentemente do âmbito conjectural destas considerações, o certo é que a, 28 de Novembro de 1341, Lourenço Esteves já era o prior do mosteiro de Vilarinho. Nesse dia deslocou-se à quinta da Ramada, juntamente com Domingos Domingues, cónego do mosteiro e seu procurador, onde recebeu de Pedro Esteves, representante de Afonso Domingues, corregedor de Entre Douro e Minho, as herdades que o mosteiro possuía na quinta da Ramada<sup>2377</sup>. Durante a década de cinquenta, Lourenço Esteves continua à frente do mosteiro de Vilarinho, destacando-se, de entre a documentação que o refere, uma contenda que opôs o mosteiro a Domingos Martins de Paradela que se recusava a dar dois homens do casal da Quelha, de Paradela, para adubar as vinhas do mosteiro, pronunciando o juiz, a 14 de Agosto de 1357, sentença favorável às pretensões do mosteiro<sup>2378</sup>. A última referência que temos de Lourenço Esteves é de 10 de Janeiro de 1364, e é respeitante a uma querela que o movia contra o seu convento a propósito da qualidade e quantidade das rações a que os cónegos tinham direito, datando desse dia sentença do arcebispo de Braga, D. João de Cardillac (1361-1371), que obriga o prior a

---

<sup>2372</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.42; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.197-199.

<sup>2373</sup> Não se conhece com segurança a data do documento uma vez que parte desta se encontra ilegível de qualquer forma reporta-se ao priorado de D. Lourenço Esteves, ou seja, grosso modo, entre 1341 e 1364. Tendo em conta a leitura que é possível fazer e tendo como balizas esse período cronológico podemos mesmo indicar duas possibilidades: 27 de Fevereiro de 1349 ou 27 de Fevereiro de 1359. A data de catalogação do IAN/TT que reporta o documento a 1289 está naturalmente incorrecta. De resto a confrontação com as testemunhas presentes no documento permite-nos situá-lo dentro da delimitação cronológica avançada, sendo que por exemplo Vasco Lourenço, tabelião de Guimarães, aí referenciado, surge indicado como tabelião de Guimarães em documento de 14 de Agosto de 1357 (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.10).

<sup>2374</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.28; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.150.

<sup>2375</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.25.

<sup>2376</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII-XV - História e Instituição*, Tomo II, 1996, Apêndice Documental (sem paginação).

<sup>2377</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.1; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.200.

<sup>2378</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.10; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.214.

dar as rações de pão, vinho e pescado aos monges na forma em que sempre dera<sup>2379</sup>. O obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Laurentius Stephani prior monastery Sancty Michaelis de Vilarino” a 15 de Março<sup>2380</sup>, não sendo aí referenciado o ano.

**D. João Gonçalves/João Gonçalves da Câmara**<sup>2381</sup> – Prior de Vilarinho. A primeira vez que aparece mencionado na documentação, é logo como prior-mor, e como não o detectamos anteriormente entre os religiosos de Vilarinho, temos de considerar as duas possibilidades em relação ao seu percurso religioso, ou seja admitir que pudesse ser cónego regente desse mosteiro, da mesma forma que não podemos excluir a hipótese de ser proveniente de uma outra comunidade agostinha. Aparece referenciado no cargo no dia 7 de Dezembro de 1370, data de uma sentença proferida por Fagundo Peres, juiz das Caldas, em que condenou Francisco Martins de Paradela a dar ao mosteiro de Vilarinho um feixe de palha malhadiça, após demanda movida pelo prior<sup>2382</sup>. De 10 de Abril de 1376 data outra sentença favorável ao mosteiro, referente a uma contenda que envolvia Martim Domingues da Ramada, que trazia um casal na quinta da Ramada, e o prior de Vilarinho, sendo o prior acusado de se ter apoderado de uma vaca preta e da sua cria. O juiz acabou por dar razão ao prior que dizia que tinha ficado com os animais como penhora, uma vez que Martim Domingues não dera os cinco homens a que estava obrigado para trabalhar na vinha da quinta da Ramada<sup>2383</sup>. A 24 de Agosto de 1387 esteve presente em Alpendurada, na assembleia que reuniu representantes de diversos mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses de Braga e do Porto, e onde se determinou a celebração de sufrágios entre os cenóbios presentes<sup>2384</sup>. Deverá ter-se mantido como prior de Vilarinho até meados da década de noventa, tendo falecido, muito provavelmente, no final de 1396. Um documento de 11 de Janeiro de 1397 atesta o seu óbito referindo-se a *Joham Gonçallvez priol que foy do moesteiro de Villarinho ja finado*<sup>2385</sup>, de qualquer forma e pelo teor do documento percebe-se que o seu falecimento tinha sido recente, sendo suficiente para invalidar, pelo menos em parte, a informação de Frei Nicolau de Santa Maria, assente num letreiro que existia no mosteiro dando conta que João Gonçalves mandara fazer a torre sineira, segundo leitura do cronista, em 1405<sup>2386</sup>. Como vimos, cronologicamente, tal não é viável, o que, por si só,

---

<sup>2379</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.25; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 215-216; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 767-768.

<sup>2380</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.10. Este obituário apresenta um outro registo referente a “Domnus Laurencius priol de Vilarinho” (folha 16) mas como não detectámos qualquer outro prior de nome Lourenço para o período em estudo, supomos que se trate ou de um prior que de facto não identificámos, ou então de um prior de Vilarinho anterior ao séc. XIV, não sendo de excluir também a possibilidade de estarmos perante o mesmo indivíduo, surgindo o seu registo em datas diferentes.

<sup>2381</sup> Assim o denominam os cronistas agostinianos (cf. Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.319; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.171).

<sup>2382</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.23; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 223-224.

<sup>2383</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.26; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 226-227.

<sup>2384</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações cronológicas e críticas sobre a Historia e jurisprudencia eclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257

<sup>2385</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.52; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.237.

<sup>2386</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.319. Frei Timóteo dos Mártires, certamente baseado na mesma fonte, também coloca a existência deste prior no ano de 1405 (cf.

não significa que esta informação seja, na sua totalidade, desprovida de veracidade. Efectivamente, foi o prior D. João Gonçalves o responsável pela edificação do campanário mas a data da sua construção é 1379, e não 1405 como, erradamente, informa Frei Nicolau de Santa Maria, fruto da incorrecta leitura epigráfica que fizera do letreiro<sup>2387</sup>.

**Vasco Afonso** - Prior do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Era filho de Afonso Anes do Ribeiro<sup>2388</sup> e sucedeu no priorado a D. João Gonçalves. A 11 de Janeiro de 1397 é indicado como *emleito do dicto moesteiro de Vilarinho*<sup>2389</sup>, o que poderá dar azo a duas leituras distintas. Por um lado, poderá ser entendível como uma mera força de expressão, um simples reflexo da sua recente eleição canónica, mas por outro poderá fazer pressupor que a sua eleição ainda não tinha sido confirmada pelo bispo, e, por esse motivo, se mantinha no estado de eleito.

Instrumentos de Abril de 1399 e Janeiro de 1307 confirmam-no como titular máximo da comunidade regrante de Vilarinho<sup>2390</sup>. A 2 de Junho de 1411, dia em que foi sentenciada, em Braga, a contenda que opunha o mosteiro a Afonso Rodrigues Peixoto, escudeiro, e a sua mulher, Maria Fernandes, condenados por se apoderarem das rendas dos casais que o mosteiro tinha na aldeia de Lagoas, continua a ser referenciado como prior de Vilarinho<sup>2391</sup>. Uma outra contenda, envolvendo o mosteiro e João Gomes da Silva, por causa de casais em S. João das Caldas, levou o prior a solicitar ao rei o traslado de documentos existentes na “torre do castello da cidade de Lixboa”, de forma a comprovar os direitos do mosteiro<sup>2392</sup>. O traslado foi tirado por Fernão Lopes e entregue a Gil Afonso, procurador do mosteiro e casado com uma criada do prior<sup>2393</sup>. Vasco Afonso manteve-se à frente da comunidade regrante de Vilarinho até Março de 1429, resignando nessa altura a favor de Vasco Martins, cónego regrante de Vilarinho<sup>2394</sup>. Apesar de ter renunciado manteve-se no mosteiro onde, a 6 de Janeiro de 1437, reconhece que mandou comprar ao seu pai, o casal de Godim, na freguesia de S. João da Portela, e o casal da Bouça, na freguesia de Santiago de Lustosa, tendo esses casais sido adquiridos com dinheiro do mosteiro na altura em que ele ainda era prior<sup>2395</sup>.

---

Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.171). José Marques, com base nas provas documentais que atestam a presença de Vasco Afonso como prior do mosteiro no final do séc. XIV, já tinha chamado a atenção para este anacronismo presente na obra de Frei Nicolau de Santa Maria (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.768).

<sup>2387</sup> Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, p.1871.

<sup>2388</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.36; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.262.

<sup>2389</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.52; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.238.

<sup>2390</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc. 55; M.5, Doc.14; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.768.

<sup>2391</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 248-252.

<sup>2392</sup> Documento reproduzido por Costa, Padre Avelino de Jesus da, *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesa*, Vol I - Estampas, 5ª ed., Coimbra, FLUC - Instituto de Paleografia e Diplomática, 1990, Estampa Nº108.

<sup>2393</sup> Documento reproduzido por Costa, Padre Avelino de Jesus da, *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesa*, Vol I - Estampas, 5ª ed., Coimbra, FLUC - Instituto de Paleografia e Diplomática, 1990, Estampa Nº108.

<sup>2394</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>2395</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.36; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.262-263. Naturalmente que existe aqui uma discrepância temporal entre a altura em que o ex-prior diz terem sido adquiridos esses bens e a sua efectiva compra. Ele reporta essa aquisição

Reconhecendo a sua falha e para descargo da sua consciência e sendo já *desposado e velho e em tal hydade que lhe compria de todo em todo por remedy de sua alma deixar encaminhado como o dicto moesteiro nom haja briga nem contenda*, ordenava que colocassem em posse desses casais o novo prior (Vasco Martins de Pombeiro) conquanto lhe deixassem usufruir das suas rendas enquanto fosse vivo<sup>2396</sup>.

**Vasco Martins** - Prior do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Trata-se de um cônego regrante do mosteiro que, como vimos, alcançou o priorado após renúncia do prior D. Vasco Afonso, ocorrida na primeira quinzena de Março de 1429<sup>2397</sup>, tendo sido confirmado no cargo a 16 de Março de 1429<sup>2398</sup>. A 19 de Dezembro de 1432 “Dom Vasco Martiinz prioll do moesteiro de Sam Migell de Vilarinho do arcebispado de Braga” juntamente com um cônego também designado Vasco, empraça a Afonso Anes, à sua mulher e a um filho ou filha de entre ambos, os três casais que o prior e o mosteiro tinham no lugar de Fontão, freguesia de Carvalhosa<sup>2399</sup>. O seu governo acabou por ser breve, renunciando ao priorado como consta na carta de confirmação do seu homónimo e sucessor<sup>2400</sup>, com a singularidade de ter trocado o mosteiro de Vilarinho pela igreja de Santa Lucrécia da Veiga<sup>2401</sup>, em permuta directa com Vasco Martins de Pombeiro que haveria de tomar posse do priorado de Vilarinho, assim que professasse sob o hábito dos cônegos regrantes de Santo Agostinho<sup>2402</sup>. Não conhecemos os reais motivos que levaram o prior a resignar, de qualquer forma Vasco Martins acabaria por se manter ligado aos cônegos regrantes de Santo Agostinho, ingressando no mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>2403</sup>.

**Vasco Martins ou Vasco Martins de Pombeiro** - Prior do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. A sua confirmação no priorado de Vilarinho ocorreu a 5 de Novembro de 1434<sup>2404</sup>, no mosteiro de Castro de Avelãs, onde se encontrava o arcebispo de Braga. Felizmente, esse documento conservou-se até aos nossos dias e é extremamente rico para o conhecimento de todo o processo de confirmação dos priores nas canónicas agostinhas. Vasco Martins era cônego da Sé de Braga, atingindo o priorado de Vilarinho por permuta com o anterior prior desta casa regrante, cedendo-lhe o abaciado da igreja de Santa Lucrécia da Veiga<sup>2405</sup>, como foi referido. Uma das condições para que pudesse exercer esse cargo era a de tomar o hábito dos cônegos regrantes, o que veio a acontecer.

---

a Agosto ou Setembro de 1435 (mais ou menos 16 ou 17 meses antes), mas por essa altura o prior já era Vasco Martins de Pombeiro.

<sup>2396</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.36; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.263.

<sup>2397</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>2398</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.46 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>2399</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, Nº35.

<sup>2400</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.261.

<sup>2401</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.55 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>2402</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.55 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>2403</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.56 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>2404</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 259-261; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>2405</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.55 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

Apesar de exterior à comunidade, surgindo a sua confirmação em *virtude da enliçom e expressos votos dos coonigos reglantes e convento do dicto moesteiro que em ell concordarom*<sup>2406</sup>. Concluída a cerimónia de confirmação, o prior regressou ao mosteiro mas só foi corporalmente investido pelo cónego Gil Eanes dois meses depois, a 5 de Janeiro de 1435, aparecendo aí indicado como Vasco Martins de Pombeiro<sup>2407</sup>, um recurso ao apodo toponímico, certamente a forma encontrada para o diferenciarem do anterior prior. No final desse ano de 1435, participou no sínodo diocesano de Braga, do arcebispo D. Fernando da Guerra, realizado no dia 12 de Dezembro<sup>2408</sup>. A 23 de Janeiro de 1437, encontrámo-lo em Godim, na freguesia de S. João da Portela, onde toma posse de casais que tinham sido adquiridos de forma sub-reptícia por um anterior prior<sup>2409</sup>. A sua presença no priorado de Vilarinho é confirmada por documentos de 1441<sup>2410</sup>, 1446<sup>2411</sup> e 1447<sup>2412</sup>, mas só deverá ter abandonado o cargo em Abril de 1450, também por renúncia<sup>2413</sup>.

**Vasco Gonçalves** - Prior do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Tudo indica tratar-se do mesmo Vasco Gonçalves que já surge identificado como cónego regrante do mosteiro de Vilarinho a 24 de Setembro de 1441<sup>2414</sup>, situação que consigna mais um exemplo típico da escalada interna frequentemente verificada nestas casas monásticas. Da sua acção como prior não temos qualquer registo. De resto, a única informação que nos permite atestar a sua passagem pelo priorado do mosteiro é referente à confirmação do seu sucessor, o prior João Vasques que foi aí confirmado por o mosteiro se encontrar vago em virtude da “renunciaçom que delle sinprezmente fez (...) Vasco Gonçallvez que delle foi postumeiro prior e rector”<sup>2415</sup>. Tendo em conta que esta confirmação ocorreu a 28 de Abril de 1450 e que, a 26 de Agosto de 1447 ainda era prior da instituição Vasco Martins<sup>2416</sup>, o governo de Vasco Gonçalves fica, obviamente, balizado por estas datas, embora, em termos concretos, não tenhamos quaisquer outros elementos que nos permitam delimitá-lo com mais precisão.

**João Vasques** - Prior do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. A sua confirmação ocorreu no dia 28 de Abril de 1450<sup>2417</sup>. Trata-se de um cónego proveniente do mosteiro

---

<sup>2406</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.261.

<sup>2407</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.259.

<sup>2408</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.73.

<sup>2409</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.36; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.262-264.

<sup>2410</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.38.

<sup>2411</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.3.

<sup>2412</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.40.

<sup>2413</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.157 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.772.

<sup>2414</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.38; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.265-266.

<sup>2415</sup> A.U.C. - Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, Nº36; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal, (Séculos XVI a XVIII)*, Tomo I – Vol. II, Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos - Universidade de Coimbra, 1960, p.483.

<sup>2416</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.40; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.772.

<sup>2417</sup> A.U.C. - Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, Nº36. Este mesmo documento encontra-se transcrito por Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal, (Séculos XVI a XVIII)*, Tomo I – Vol. II, Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos - Universidade de Coimbra, 1960, pp. 483-484. Também Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.772, faz

de Santa Maria de Vila Nova de Muia, apresentado pelo prior e convento do mosteiro de Vilarinho, tendo tido necessidade de obter a necessária dispensa para assumir o cargo uma vez que era analfabeto<sup>2418</sup>. Da documentação que nos chegou até hoje, ou pelo menos aquela que conhecemos, não nos permite tecer considerações sobre os seus primeiros anos de priorado, estando o seu nome omissa, contrastando com o que se passa entre 1458 e 1467, período em que nos chegam vários testemunhos da sua intervenção, mormente ao nível dos diversos emprazamentos que o mosteiro efectua. É justamente um emprazamento, datado de 5 de Dezembro de 1467, o último documento a referenciá-lo. Nesse dia o mosteiro, através de Fernão Carneiro, abade de S. Martinho de Candoso e cônego da Colegiada de Santa Maria de Oliveira de Guimarães, emprazou o casal que tinha na freguesia de Santiago da Lustosa a João Anes e à sua mulher Catarina Peres, e a uma terceira pessoa a nomear à morte do postumeiro<sup>2419</sup>. O falecimento deste prior deverá ter ocorrido em Fevereiro de 1468<sup>2420</sup>. A 17 de Abril de 1468 o priorado ainda se encontrava vago como revela a súplica de Pedro Gil, cônego do mosteiro de Grijó, que solicitava o priorado do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, entretanto vago por falecimento de “Johanes Valasci”<sup>2421</sup>. Desconhecemos se este religioso foi ou não provido no cargo, da mesma forma que são escassas as informações sobre o que sucedeu nas duas décadas subsequentes que fez com que o mosteiro de Vilarinho fosse gerido pelo prior de Roriz, D. Rodrigo Álvares.

**Pedro Gil** – Provável prior do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Trata-se de um cônego regrante do mosteiro de Grijó, já identificado nessa comunidade monástica a 2 de Abril de 1446<sup>2422</sup>. Com a vacância do mosteiro de Vilarinho por falecimento do prior João Vasques surge “Petrum Egidii canonicum monasterii de Igrijo” a solicitar ao papa este benefício eclesiástico, com resposta favorável do pontífice, através de bula de 17 de Abril de 1468, a qual ordenou que fosse investido no priorado<sup>2423</sup>. Não sabemos se foi efectivamente conduzido no cargo e se assumiu o priorado. De concreto, só sabemos que a 16 de Novembro de 1486 Pedro Gil se encontrava entre a comunidade regrante de Grijó<sup>2424</sup>.

**D. Rodrigo Álvares** – Prior comendatário dos mosteiros de São Miguel de Vilarinho e São Pedro de Roriz. Antes de conseguir a comenda de Vilarinho, D. Rodrigo Álvares já

---

referência a esta eleição, embora aí, por um qualquer descuido ou até por possível falha alheia ao Autor, até porque o Doutor José Marques refere estas mesmas fontes, surja identificado como João Gonçalves.

<sup>2418</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, N°36; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal, (Séculos XVI a XVIII)*, Tomo I – Vol. II, Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos - Universidade de Coimbra, 1960, p. 483; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.772; Janotti, Aldo, *Origens da Universidade: A singularidade do caso português*, 2ª ed., São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p.209.

<sup>2419</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.11; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 275-276; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.772. João Vasques já tinha intervindo numa contenda envolvendo a Colegiada de Guimarães e Afonso Antão, morador na freguesia de S. João de Calvos (cf. AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°305).

<sup>2420</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.772-773.

<sup>2421</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, N°37; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993, p.74.

<sup>2422</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.7v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.70.

<sup>2423</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, N°37; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>2424</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.9; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.81.



tinha obtido o priorado de Roriz. De resto, na procuração que o prior faz em Roma, a instituir como seus legítimos procuradores D. João Álvares, prior de S. Jorge, e seu irmão e ainda Sebastião Lobo ou Lopes, doutor em Cânones e arcediogo de Lamego, para que, em seu nome, tomassem posse do mosteiro de Vilarinho, revela que o papa lhe tinha concedido a união desse mosteiro ao de Roriz, de que já era comendatário<sup>2425</sup>. Essa procuração encontra-se incorrectamente datada, apresentando a data de 14 de Janeiro de 1488, quando na realidade deverá ser de 1480, até porque aí aparece a indicação de se tratar do nono ano do pontificado de Sixto IV (Ag.1471-Ag.1484). De qualquer modo, aparecem nas costas desse pergaminho dois documentos respeitantes à tomada de posse por parte dos representantes de D. Rodrigo, neste caso concreto Luís Álvares, cidadão do Porto, e João Álvares, actos ocorridos em Junho e Julho de 1481<sup>2426</sup>. O mesmo sucedeu em Roriz, praticamente nas mesmas datas, com a segunda tomada de posse a ter como protagonista D. João Álvares, prior de Grijó, e seu irmão, servindo apenas como confirmação da primeira e dando-lhe maior relevo por este ser o procurador principal de D. Rodrigo, tudo indicando que, à semelhança do que aconteceu em Roriz, também aqui se tenha efectuado todo o cerimonial de empossamento e incorporação, pelo menos era essa a intenção do prior. D. João Álvares tomou posse do mosteiro de Roriz a 10 de Julho e, no dia 12 do mesmo mês foi empossado em Vilarinho<sup>2427</sup>.

O regresso de D. Rodrigo Álvares a Portugal ocorreu entre esta última data e 12 de Novembro de 1482, dia em que o prior já se encontrava no mosteiro de Roriz onde efectuou um emprazamento<sup>2428</sup>. Tudo indica que Rodrigo Álvares vivesse no mosteiro de Roriz, até porque são muito mais frequentes os contratos celebrados nesse mosteiro do que no de Vilarinho. De resto, a própria intitulação não deixa lugar para dúvidas em relação à primazia de Roriz, mesmo quando os instrumentos são directamente relacionados com a administração de Vilarinho, como sucede, por exemplo, a 30 de Agosto de 1486, em dois emprazamentos, ambos em três vidas, respeitantes ao casal da Carreira, na freguesia de Tagilde<sup>2429</sup>, e ao casal de Arcozelo, localizado no couto de Pombeiro<sup>2430</sup>, intitulando-se aí “Rodrigo Allvarez priol do mosteyro de Rooriz e ministrador do mosteyro de Vilarinho”<sup>2431</sup>. Rodrigo Álvares governou os dois mosteiros ao longo da década de oitenta e, comprovadamente, a quase totalidade da de noventa. Ainda não conseguimos averiguar a data correspondente ao final do priorado de D. Rodrigo Álvares, que coincidirá, cremos, com o seu falecimento, embora também se possa colocar a hipótese de ter renunciado ao cargo, ou resignado a favor do sucessor. Partindo do pressuposto de que o fim do priorado corresponde ao seu óbito, tal facto registou-se, seguramente, nos últimos anos do séc. XV, isto se tivermos em conta que, a 29 de Novembro de 1497, D. Rodrigo ainda era vivo, altura em que corria uma contenda entre o prior e o mosteiro de Roriz contra João Vaz, lavrador,

---

<sup>2425</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°212.

<sup>2426</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°212v°.

<sup>2427</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, Ns.204, 212.

<sup>2428</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°206.

<sup>2429</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.12; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 284-285.

<sup>2430</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.13; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.773.

<sup>2431</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Docs.12,13. Apesar de nos terem chegado diversos emprazamentos do mosteiro, para o período cronológico que corresponde à administração de D. Rodrigo Álvares, a generalidade desses contratos chegam-nos a partir da validação da Sé de Braga, referindo apenas que foram feitos pelo prior e pelo mosteiro, acabando por omitir a sua identidade e a formulação pessoal (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Docs.16, 18, 20, 21)

morador em Pedrados, freguesia de S. Tomé de Negrelos, que era acusado de ter feito bouças nos coutos do mosteiro de Roriz sem a devida autorização do prior e convento<sup>2432</sup>. Por outro lado um breve do papa Alexandre VI (1492-1503), de Novembro de 1500, já referencia João Fernandes como prior<sup>2433</sup>, por isso D. Rodrigo terá falecido neste período.

**João Fernandes/João Fernandes Farto** – Administrador perpétuo de Vilarinho e prior do mosteiro de Roriz. Deverá ter sucedido a D. Rodrigo Álvares. Como foi dito atrás, um breve do papa Alexandre VI (1492-1503), de Novembro de 1500, já referencia João Fernandes como prior de Roriz e comendatário de Vilarinho, numa altura em que o sumo pontífice estava preocupado com a situação económica em que se encontravam, designando três auditores para que examinassem e tomassem conhecimento das propriedades, bens e direitos que os priores dos mosteiros de Roriz e Vilarinho tinham alheado e destruído e que tentassem recuperar o que fosse possível para esses mosteiros<sup>2434</sup>. Excluindo esta indicação, a primeira vez em que o detectamos na posse da comenda dos dois mosteiros data de 7 de Fevereiro de 1502, dia em que o “senhor Joam Fernandez Farto dom prioll do dicto mosteyro de Roryz e Vyllarinho” encontrando-se no cabido do mosteiro de S. Pedro de Roriz, emprazou, juntamente com o convento desse mosteiro, um pardieiro de casas na Rua do Souto, dentro da cidade do Porto<sup>2435</sup>. À semelhança do seu antecessor também é, normalmente, referenciado como prior do mosteiro de Roriz e administrador perpétuo do mosteiro de São Miguel de Vilarinho<sup>2436</sup>, ou simplesmente “dom pryoll do mosteyro de Roriz e Vyllarinho”<sup>2437</sup>, raramente aparecendo identificado como comendatário. De resto, só a documentação pontifícia se lhe refere nesses termos<sup>2438</sup>. Apesar de não termos qualquer elemento documental que o comprove, parece-nos que é de admitir, a possibilidade deste ser o mesmo João Fernandes, cónego de Roriz, que identificámos nessa comunidade monástica entre 1476<sup>2439</sup> e 1386<sup>2440</sup>. Do seu percurso familiar também não dispomos de grandes elementos, embora saibamos que era cunhado de Diogo Álvares, ou Diogo Almeida, cavaleiro da casa de el-rei que, em 1510, 1511 e 1514, testemunha documentos feitos nos mosteiros de Roriz e Vilarinho<sup>2441</sup>, o mesmo sucedendo com um seu sobrinho, chamado Luís de Oliveira, que também aparece como confirmante em

---

<sup>2432</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°222.

<sup>2433</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°198.

<sup>2434</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°198.

<sup>2435</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199.

<sup>2436</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Docs.28, 30; M.7, Docs.3,5,7,8; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.773; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, pp.297,301,303,305.

<sup>2437</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, Ns. 199, 205.

<sup>2438</sup> Trata-se de um breve de 1506, do papa Julio II, onde se diz: “dilecti filii Johannes Fernandi prior Sancti Petri de Roriz et perpetuus comendatarius Sancti Michaelis de Villarinho ordinis Sancti Augustini Bracharensis diocesis” (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°210; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.196v°).

<sup>2439</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>2440</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°210v°.

<sup>2441</sup> “Diogo Alvarez cavaleiro cunhado do dicto prior” aparece assim referenciado entre as testemunhas de instrumentos datados de 17 de Fevereiro de 1510 e 6 de Maio de 1514 (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°218; IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.7; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.304. Um documento de 11 de Fevereiro de 1511 confirma que este cavaleiro que aí surge também identificado como Diogo Alvarez, era casado com Leonor Fernandes, irmã de D. João, prior do mosteiro de Roriz (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.197). A 28 de Fevereiro de 1513 aparece mencionado como “Diogo Alvarez cavaleiro outrora dell rey nosso Senhor” (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°222).

instrumento feito no mosteiro de Roriz, a 15 de Setembro de 1509<sup>2442</sup>. Sabe-se também que era irmão de Leonor Fernandes Farta, casada, justamente, com o já referenciado D. Diogo Almeida. De resto, este cavaleiro tinha acompanhado o prior João Fernandes Farto na sua viagem de regresso de Roma a Portugal, no ano de 1500<sup>2443</sup>. Entre o seu património podem destacar-se casas que tinha na cidade do Porto, na rua do Souto<sup>2444</sup>. A 3 de Junho de 1514, além de prior de Roriz e perpétuo administrador de Vilarinho, é também identificado como abade e reitor da igreja de Santiago de Carvalhosa<sup>2445</sup>. De resto, já em 1505 o prior João Fernandes tinha conseguido outro benefício eclesiástico, ao ser provido na igreja de S. Martinho do Campo<sup>2446</sup>. A sua acção na administração das duas canónicas regrantas está bem documentada aparecendo referenciado, amiudadamente, em instrumentos de diverso teor, do Cartório de Vilarinho e de Roriz, pelo menos, até ao início da década de vinte, surgindo, ainda, a 30 de Maio de 1522 nessas funções<sup>2447</sup>. Em 1528, o prior de Vilarinho já era Luís de Almeida. Sendo administrador perpétuo, seria de supor que João Fernandes tivesse falecido em data anterior à da ascensão ao cargo pelo novo administrador, no entanto tal possibilidade parece pouco plausível. É que, a acreditar na inscrição de uma sepultura do mosteiro de Roriz, pertencente a João Fernandes Farto, que o refere como cónego desse mosteiro e prior de Vilarinho, indicando o seu óbito a 1 de Outubro de 1533<sup>2448</sup>, parece-nos que a sua morte poderá ser reportada a esta última data. Em concreto, não sabemos os motivos que o terão levado a resignar, mas é crível que tenha simplesmente resignado em favor do sobrinho. De qualquer forma, Frei Timóteo dos Mártires parece lançar uma outra luz sobre esta questão dizendo que “Dom João Fernandes de Almeida, dos condes de Abrantes, Prior comendatario de Villarinho, renunciou por troca com Villa Boa”<sup>2449</sup>. A ser assim porque não há referência nessa inscrição a Vila Boa? Independentemente de alguma obscuridade em que andam enredados os seus últimos anos de vida, a sua obra no mosteiro de Vilarinho parece ter sido relevante. Segundo Frei Nicolau de Santa Maria, o prior João Fernandes de Almeida foi o responsável pela edificação do retábulo do Altar-mor, tendo também mandado fazer uma imagem de S. Miguel Arcanjo, em bronze, para colocar nesse mesmo altar<sup>2450</sup>. O facto de os cronistas agostinianos o tratarem por João Fernandes de Almeida, e não pelo seu verdadeiro nome, como consta da inscrição fúnebre, parece-nos justificável pelo distanciamento cronológico dos diferentes registos. É que, na altura em que as crónicas foram feitas, seria certamente muito difícil dissociar o nome dos Almeidas de algumas comendas de canónicas regrantas, sendo também certo que João Fernandes, não sendo dessa linhagem, tinha laços familiares que a ela o ligavam.

---

<sup>2442</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°212.

<sup>2443</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 2, 1938, p.81.

<sup>2444</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.3; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.301.

<sup>2445</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.7; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.303.

<sup>2446</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°209.

<sup>2447</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.8A; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 305-307.

<sup>2448</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVI, Ns. 3-4 (Julho-Dezembro de 1936), Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1936, p.194.

<sup>2449</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.171.

<sup>2450</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.319. Já Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.111, diz que o prior João Fernandes Farto deverá ter levado de Roriz para Vilarinho o retábulo da capela-mor deste último mosteiro.

**D. Luís de Almeida** – Prior comendatário do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Filho de D. Diogo Álvares ou D. Diogo Fernandes de Almeida e de Leonor Fernandes Farta, irmã do prior de Roriz e Vilarinho, João Fernandes Farto<sup>2451</sup>, por isso, e como adianta Frei Nicolau de Santa Maria, sobrinho do seu antecessor no referido priorado<sup>2452</sup>. Manteve uma “amizade ilícita” com Maria Álvares Freire, de quem teve seis filhos, incluindo Miguel de Almeida, seu primogénito, que viria a ser comendador de Vila Boa do Bispo<sup>2453</sup>. A 15 de Maio de 1528, D. Luís de Almeida já era prior do mosteiro de Vilarinho, tendo, nesse dia, emprazado dois casais que a instituição tinha na aldeia de Paradela, da freguesia de S. Miguel de Vilarinho<sup>2454</sup>. Em 1558, em conjunto com o prior de S. Pedro de Roriz, dá cumprimento a uma sentença do papa a favor de Gonçalo Coelho, Senhor de Felgueiras e Vieira, para que possua por mais três vidas os casais de Caraminhos, pertencentes ao mosteiro de Pombeiro<sup>2455</sup>. Faleceu a 23 de Abril de 1565, tendo sido sepultado no mosteiro de Vilarinho<sup>2456</sup>.

**Luís de Azevedo** – Prior comendatário do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Foi o último comendatário da instituição. Era filho de D. Manuel de Azevedo, comendatário de S. João de Alpendorada, Vila Boa do Bispo e Bustelo, e neto de D. João de Azevedo, bispo do Porto, contando-se entre os irmãos deste prior D. Inácio de Azevedo, o famoso mártir e provincial da Companhia de Jesus no Brasil, D. Francisco de Azevedo, senhor da quinta de Barbosa, e D. Jerónimo de Azevedo, vice-rei da Índia<sup>2457</sup>. Faleceu a 23 de Julho de 1610<sup>2458</sup>.

#### **Priores cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**D. Lourenço Anes** - Prior do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Domnus Laurencius Johanis prioris monastery Sancty Mycaelis de Vilarinho” a 30 de Junho, não sendo aí referenciado o ano<sup>2459</sup>. Esta mesma fonte insere um outro assento, referente ao óbito de “Laurencius Johanis priol de Vilarinho”, datado de 25 de Janeiro<sup>2460</sup>. Haverá uma duplicação do registo, ou estaremos na presença de dois priores diferentes? Como não detectámos nenhum prior com este nome, e até ao aparecimento de prova documental ou de fortes indícios que permitam validá-lo, parece-nos mais sensato admitir que estamos perante o mesmo indivíduo.

<sup>2451</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 2, 1938, p.81.

<sup>2452</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.319.

<sup>2453</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 2, 1938, p.95.

<sup>2454</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.11; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 308-311.

<sup>2455</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.41.

<sup>2456</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.319; Já Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.111; Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 2, 1938, p.95.

<sup>2457</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.319; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.111; Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 3, 1938, p.118.

<sup>2458</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.319. Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.172, indica o ano de 1610 como o do seu óbito, embora lhe não indique dia e mês.

<sup>2459</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.23.

<sup>2460</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

**D. Lourenço** - Prior do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Domnus Laurencius priol de Vilarinho” a 1de Maio, mas sem indicação do ano do óbito<sup>2461</sup>.

### **1.1.9. - São Pedro de Roriz (c. Santo Tirso)**

**Estêvão Pais** – Prior do mosteiro de Roriz. A 27 de Março de 1295 já é referenciado como prior de Roriz, dia em que efectuou, em conjunto com o convento do seu mosteiro, uma composição com Lourenço Fernandes e sua mulher, Dórdia Pires, respeitante a diversas propriedades sobre as quais andavam em litígio<sup>2462</sup>. Surge novamente referenciado como prior do mosteiro a 27 de Março de 1295<sup>2463</sup>. Desconhecemos até quando se prolongou o seu priorado, de qualquer modo, é muito provável que tenha sido coadjuvado na administração do mosteiro pelo cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa, Paio Domingues, que é referenciado nesse cargo em finais de 1297 e início de 1298<sup>2464</sup>. Um obituário de S. Jorge de Coimbra fixa o óbito do “priol Don Stevan Paez de Rooriz” a 31 de Janeiro, mas sem que seja referenciado o ano do falecimento<sup>2465</sup>. Já um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Stephanus Pelagii prior monasterii de Rooris” a 7 de Junho mas sem a respectiva menção ao ano do óbito<sup>2466</sup>.

**D. João Afonso** – Prior do mosteiro de Roriz. Apenas temos conhecimento da sua passagem pelo priorado de Roriz através de uma referência que lhe é feita num instrumento datado de 18 de Março de 1354, respeitante a uma procuração que Berengária Nunes fez, nesse dia, a Fernão Gonçalves de São Tomé de Negrelos para que este empossasse o mosteiro nos três casais de Framil que trazia Rui Gonçalves, marido de Berengária Nunes, entretanto falecido, casais esses que lhe tinham sido dados “em presstemo do dicto moesteiro em sa vida e que lhos dera em presstemo dom Jhoam Affonso priol que fora do dicto moesteiro”<sup>2467</sup>. Apesar de não termos outros elementos sobre este religioso, e tendo em conta estes dados, podemos estabelecer a sua cronologia, com alguma segurança, para o primeiro quartel de trezentos, sendo muito provável que fosse o prior da instituição, pelo menos, durante a década de vinte do século XIV.

**D. Martim Esteves** – Prior do mosteiro de Roriz. A 6 de Agosto de 1331 era “Dom Martim Estevez priol de Rooriz”, dia em que testemunha uma carta lavrada no mosteiro de Roriz pela qual Vicente Martins, juiz do couto do mosteiro, estabelece como seus procuradores Domingos Peres e Estêvão Pais, para que estes possam representar os interesses do couto na contenda que lhes era movida pelo concelho de Refoios<sup>2468</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus Stephani prior de Rooriz” a 9 de Outubro mas sem referência ao ano do óbito<sup>2469</sup>.

<sup>2461</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.16.

<sup>2462</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19vº.

<sup>2463</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19.

<sup>2464</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.195.

<sup>2465</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35vº.

<sup>2466</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.100.

<sup>2467</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº15.

<sup>2468</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº11.

<sup>2469</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.154.

**D. Estêvão Gonçalves** – Prior do mosteiro de Roriz. A 16 de Setembro de 1354 “dom Stevham Gonçalvez priol” de Roriz desloca-se à aldeia de Romariz (c. de Santa Maria da Feira), na companhia de Vasco Martins, cónego do mosteiro e procurador do convento, onde empossam Domingos Domingues no casal que aí tinham, lavrando o instrumento de empossamento o tabelião da Feira, Pedro Domingues<sup>2470</sup>. Apesar de esta ser a primeira referência que lhe conhecemos, como prior da instituição, é muito provável que estejamos perante mais um caso de ascensão interna, parecendo-nos, nesta linha de pensamento, bastante crível que este Estêvão Gonçalves seja o mesmo que surge identificado como cónego do mosteiro a 15 de Fevereiro de 1329<sup>2471</sup>.

A 24 de Julho de 1358 Estêvão Gonçalves ainda era o prior da instituição, figurando como tal em cópia tirada da sentença dada por D. Afonso IV sobre as jurisdições no couto do mosteiro, trasladada, nesse dia, no mosteiro de Roriz por Antoninho Afonso, tabelião de Aguiar de Sousa e Refoios<sup>2472</sup>.

**D. Martim Gonçalves** – Prior do mosteiro de Roriz. “Dom Martim Gonçalvez” surge identificado como prior da instituição em registos de 27 de Outubro de 1359 e 19 de Novembro de 1359<sup>2473</sup>. É possível que se trate do mesmo religioso que já aparece referenciado como frade de Roriz a 7 de Janeiro de 1328<sup>2474</sup>. A 27 de Abril de 1371 D. Martim Gonçalves ainda se mantinha à frente do priorado, dia em que, juntamente com o convento, instituíram como seus procuradores Vasco Gil, abade de S. Tiago de Lordelo, e João Peres de Barrosas, cónego do mosteiro de Roriz<sup>2475</sup>. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Martinus Gonsalvus prior de Roriz” no fim do mês de Fevereiro, mas sem qualquer indicação do ano<sup>2476</sup>.

**D. Martim Anes** – Prior de Roriz. Esteve presente em Alpendurada, no dia 24 de Agosto de 1387, onde se definiu, como já acima referimos, um compromisso de celebração de sufrágios entre diversos mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses do Porto e de Braga<sup>2477</sup>.

**D. João Peres/D. João Pires/João Peres Barrosas/João Pires Barrosas** – Prior do mosteiro de Roriz. A 24 de Dezembro de 1394 “Dom Joham Perez priol e convento do mosteyro de Rooriiz da Ordem de Sant’Agostinho do arrçabispado de Bragaa”, juntamente com o convento do mosteiro, empraça a João Domingues, à sua mulher, Clara Anes, e a uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, o casal das Quintãs, que pertencia à vestimenta, situado em Virões, à excepção da vinha de Almonde<sup>2478</sup>. Trata-se de um religioso da instituição que ascende ao priorado, surgindo João Peres Barrosas identificado como cónego de Roriz a 27 de Abril de 1371<sup>2479</sup>. A sua identificação só é possível graças a um instrumento, datado de 4 de Agosto de 1406, surgindo aí a

<sup>2470</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°14.

<sup>2471</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°10.

<sup>2472</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°16.

<sup>2473</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°17.

<sup>2474</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°9.

<sup>2475</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°21.

<sup>2476</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.39. A comemoração do seu aniversário recai às 3 kalendas de Março, o que significa que poderá ter falecido a 27 ou 28 de Fevereiro.

<sup>2477</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257.

<sup>2478</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°25.

<sup>2479</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°21.

indicação a “Joham Perez Barosas priol do mosteiro de Rooriz”<sup>2480</sup> porquanto na restante documentação é sempre identificado, apenas, por João Peres.

A 19 de Fevereiro de 1399 “Dom Joham Perez priol do mosteiro de Rooriz da Hordem de Santo Agostinho do arcebispado de Bragaa”, juntamente com os cônegos Estêvão Martins, João Martins, Martim Anes e Domingos Martins, constituem como seus legítimos procuradores Martim Ferreira, cônego da Sé de Braga, e João Domingues, frade leigo do mosteiro de Roriz<sup>2481</sup>. João Peres aparece novamente mencionado como prior da instituição em instrumento de 20 de Dezembro de 1399<sup>2482</sup>. A 17 de Maio de 1401 o prior João Peres encontrava-se no Porto, onde recebeu, por doação, para si e para o mosteiro, as casas que Gonçalo Gonçalves e a sua mulher, Aldonça Domingues, tinham na rua do Souto com todas as suas pertenças, com a condição do prior e o convento lhe dizerem uma missa cantada de requiem, anualmente, pelo dia de Todos os Santos e uma outra missa cantada no dia de Santa Maria de Março<sup>2483</sup>. Um registo de 1 de Janeiro de 1404 confirma a presença de “Dom Joham Perez priol do mosteiro de Rooriz da hordem de Sancto Agostinho do arcebispado de Bragua” no cargo<sup>2484</sup>. Este prior tinha uma filha, como facilmente se depreende pelas testemunhas que são citadas neste último documento, surgindo aí João Domingues “jenrro do prioll”<sup>2485</sup>. A 4 de Agosto de 1406 o prior de Roriz, juntamente com João Afonso, tabelião do julgado de Refóios, na qualidade de testamenteiros de Vasco Fernandes de Entre Ambas as Aves, empossa João Rodrigues, morador na cidade do Porto, no casal de Virões, freguesia de S. Paio de Virões<sup>2486</sup>. Instrumentos de 1413 continuam a certificá-lo no priorado de Roriz<sup>2487</sup>, mas entre a documentação consultada, não voltámos a encontrar qualquer indicação ao prior João Peres para data posterior.

**Álvaro Ferreira** – Prior comendatário do mosteiro de Roriz. A primeira indicação documental que lhe conhecemos é respeitante a 10 de Janeiro de 1425, dia em que estando no “Joham Alvares Ferreira protonotario do papa e aministrador perpetuu do dicto mosteiro” juntamente com Martim Anes, prior claustral e os cônegos Estêvão Martins e João Martins, emprazaram a Lopo Fernandes de Paços e a Catarina Lourenço, sua mulher, e a uma terceira pessoa a nomear, o lugar de Paços, onde já morava Lopo Fernandes<sup>2488</sup>. Documentalmente, esta é a única vez em que se comprova que o administrador esteve presente no mosteiro, delegando depois a sua representatividade em Diogo Afonso, seu sobrinho. Esta presença poderá querer indicar que o comendatário foi tomar posse da comenda. A 23 de Maio de 1426, estando presente no mosteiro de Roriz o tabelião Lopo Fernandes, tabelião por el rei no julgado de Refóios, e estando aí, Diogo Afonso “sobrynho d’Alvaro Ferreira [proto] notairo do papa e ministrador perpetuu do dicto mosteiro e seu procurador subficiente” foi emprazado o lugar de Sendim, situado no couto do mosteiro, a Álvaro Gil da Costa, à sua mulher, Leonor Esteves, e a filho ou filha destes, ou não havendo, a uma 3ª pessoa<sup>2489</sup>. Este comendatário estava ausente, tendo colocado no mosteiro de Roriz o seu sobrinho Diogo Afonso, que continua a ser identificado como procurador “d’Alvaro Ferreira

---

<sup>2480</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°179.

<sup>2481</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>2482</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°28.

<sup>2483</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°177.

<sup>2484</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.197v°.

<sup>2485</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.197v°.

<sup>2486</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°179.

<sup>2487</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, Ns.185.

<sup>2488</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°166.

<sup>2489</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°22.

protonotayro do papa e adayam d'Evora e mynistrador do moesteiro de Rooriz”, a 18 de Julho de 1429, dia em que, conjuntamente com o convento, emprazou dois lugares em Ruivães<sup>2490</sup>, um dos quais trazia João Afonso (“em os quaes morou e soía de trazer huum deles Joham Afomso que ora he frade leigo do dicto moesteiro”), morando, no outro, João de Sousa. Álvaro Ferreira é novamente identificado, a 27 de Setembro de 1428, como “protonotairo do papa e aministrador perpetuu do moesteiro de Rooriz”<sup>2491</sup>. A 27 de Setembro de 1428 o comendatário Álvaro Ferreira encontrava-se no Porto, local onde também se deslocou Diogo Afonso, para assistir ao contrato de emprazamento de um lugar que pertencia ao mosteiro de Roriz, que Álvaro Ferreira fez a Fernão Afonso, clérigo e criado de Diogo Afonso, após renúncia ao emprazamento, por parte de Vasco Domingues, morador no Porto, alegando que estava já velho e cansado para desistir do prazo<sup>2492</sup>.

**João Álvares** – Prior do mosteiro de Roriz e Grijó. Trata-se de um cónego proveniente do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que a 22 de Março de 1430, já se encontrava investido nas ordens de presbítero, altura em que pediu a prorrogação de tempo para a expedição das letras apostólicas referentes à provisão do priorado de Roriz, em virtude de a diocese de Coimbra se encontrar em vacância devido ao facto do bispo ter sido promovido<sup>2493</sup>. O certo é que, em Junho de 1430, já se encontrava à frente do mosteiro de S. Pedro de Roriz<sup>2494</sup>. A 10 de Fevereiro de 1434 o prior de Roriz, João Álvares, faz um emprazamento ao seu prior claustral, assinando-o no final<sup>2495</sup>. “Dom Joham Alvarez prioll do moesteiro de Sam Pedro de Rooriz que he da Hordem de Santo Agostinho do arcebispado de Bragaa”<sup>2496</sup> vai sendo referenciado com alguma frequência entre a documentação do cartório de Roriz.

A partir de 1443 vai também acumular o priorado do mosteiro de Grijó<sup>2497</sup>, situação que não o impede de continuar a marcar presença em Roriz, como sucede a 27 de Dezembro de 1450, “estando hy no dicto logo e crasta dom Joham Alvarez prioll do moesteyro de Eygrejoo e ministrador perpetuu do dicto moesteyro de Rooriz e prioll e convento da Hordem de Santo Agostinho”<sup>2498</sup>. Em Junho de 1449 D. Afonso V dá despacho ao pedido deste prior para que lhe trasladassem os documentos referentes aos seus mosteiros de Roriz e Grijó, tendo sido feitas cópias respeitantes apenas ao primeiro<sup>2499</sup>. Refira-se que os litígios sucediam-se, como revela um instrumento lavrado no Porto, a 1 de Julho de 1458, apresentando-se o prior perante Vasco Martins de Resende, regedor da justiça na correição de Entre Douro e Minho, queixando-se de João de Virões que não cumpria o acordado no contrato estabelecido entre as partes a 27 de Dezembro de 1450<sup>2500</sup>. A sua acção surge-nos, como seria de esperar, muito mais bem

<sup>2490</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°24.

<sup>2491</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.196.

<sup>2492</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°169

<sup>2493</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.523.

<sup>2494</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.CCLIX.

<sup>2495</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168v°.

<sup>2496</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°171.

<sup>2497</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 71-72.

<sup>2498</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°183.

<sup>2499</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVI, Ns. 3-4 (Julho-Dezembro de 1936), Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1936, pp. 203-204.

<sup>2500</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°183-183v°. Trata-se do emprazamento de dois casais localizados em Virões (designados Fundo de Vila, e de Cima), feito por “Joham Alvarez prioll do moesteyro de Eygejoo e ministrador perpetuu do dicto moesteyro de Rooriz e prioll e convento da Hordem de Santo Agostinho todos juntos en cabydoo como he de custume” a João Gonçalves, filho de



documentada para Grijó do que para Roriz, no entanto vai aparecendo identificado como “prior do moesteyro de Higrijoo e administrador perpetuu do mosteiro de Sam Pedro de Rooriz”<sup>2501</sup>. É muito provável que João Álvares tenha conservado os dois priorados até falecer, o que aconteceria em Agosto de 1476 mas, pelo menos, o de Grijó sabe-se que o manteve até essa data<sup>2502</sup>.

**D. João Álvares II** – Prior comendatário dos mosteiros de Roriz e S. Jorge de Coimbra. João Álvares era bacharel em Decretos e clérigo da diocese de Braga, tendo-lhe sido atribuída a comenda do mosteiro de S. Jorge de Coimbra, a 16 de Março de 1475<sup>2503</sup>. Deteve também, em comenda, o priorado do mosteiro de S. Pedro de Roriz, embora por muito pouco tempo uma vez que abdicou, em 1477, a favor do seu irmão Rodrigo Álvares, ficando a receber uma pensão anual de quarenta florins de ouro a sair das rendas do mosteiro de Roriz<sup>2504</sup>. Este João Álvares viria a ser também prior de Grijó e bispo de Silves<sup>2505</sup>.

**D. Rodrigo Álvares** – Prior comendatário dos mosteiros de São Pedro de Roriz e São Miguel de Vilarinho. A 7 de Agosto de 1477, sendo estudante de direito canónico em Siena, apresentou súplica ao papa para obtenção da comenda do mosteiro de S. Pedro de Roriz, que lhe foi apreciada favoravelmente<sup>2506</sup>, comenda da qual abdicara o seu irmão João Álvares<sup>2507</sup>, à altura também comendatário do mosteiro agostinho de S. Jorge de Coimbra, emitindo-se a bula de posse a 22 de Outubro de 1477<sup>2508</sup>. Uma das condições para o empossamento era a de tomar o hábito dos cônegos regrantes, mas volvidos cerca de dois anos Rodrigo Álvares ainda não tinha tomado posse uma vez que, a 13 de Novembro de 1479, o papa prolongava-lhe, por mais meio ano, o prazo para tomar posse do mosteiro, de forma a não ter que interromper os estudos, relembrando-lhe aí a condição de se tornar cônego professo da Ordem de Santo Agostinho<sup>2509</sup>. A 26 de Junho de 1481 apresentava-se, no mosteiro de Roriz, Luís Álvares de Madureira, cidadão do Porto, munido de procuração do “honrrado Joham Alvarez comendatario do mosteiro de Igrijoo”, feita em Grijó, a 22 de Junho de 1481, pela qual tomava posse do mosteiro em nome de Rodrigo Álvares<sup>2510</sup>. A 10 de Julho seguinte, é o próprio irmão, João Álvares, quem se desloca a Roriz e, na qualidade de procurador principal de Rodrigo Álvares, ratifica a tomada de posse anterior, pedindo ao cônego João Fernandes que o investisse e incorporasse na posse do mosteiro de Roriz e Vilarinho, seu anexo, pelos actos e insígnias acostumadas, sendo assim empossado pessoal e corporalmente em

---

Gonçalo de Covas, e à sua futura esposa e a um filho ou filha de ambos ou em alternativa, e na ausência de filhos, a pessoa a nomear pelo sobrevivente.

<sup>2501</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.196. Este excerto é proveniente de um documento datado de 25 de Fevereiro de 1464.

<sup>2502</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.76.

<sup>2503</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.78.

<sup>2504</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.7, Ns. 202,203; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.79.

<sup>2505</sup> A passagem deste prior por Grijó e a sua nomeação para bispo de Safim bem como a generalidade dos seus dados biográficos são mais aprofundados na entrada que lhe dedicamos ao retratarmos os priores de S. Salvador de Grijó.

<sup>2506</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VII (1471-1481), Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1978, p.439; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.773.

<sup>2507</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.79.

<sup>2508</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.7, N°203.

<sup>2509</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VII (1471-1481), 1978, pp.501-502; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.773.

<sup>2510</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°204.

nome de Rodrigo Álvares<sup>2511</sup>. Por esta tomada de posse se vê que o mosteiro de Vilarinho, encontrando-se anexo ao de Roriz, era também tutelado pelo comendatário, situação que ainda se mantinha a 30 de Agosto de 1486, dia em que Rodrigo Álvares aparece novamente identificado como administrador do mosteiro de Vilarinho, efectuando nesse dia, dois emprazamentos respeitantes a esse cenóbio, ambos em três vidas, referentes ao casal da Carreira, na freguesia de Tagilde<sup>2512</sup>, e ao casal de Arcozelo, sito no couto de Pombeiro<sup>2513</sup>. A 12 de Novembro de 1482 Rodrigo Álvares encontrava-se, pessoalmente, no mosteiro de Roriz onde efectuou um emprazamento a Álvaro Gonçalves de Virões e à sua mulher, Catarina Gonçalves, referente ao casal da Rola<sup>2514</sup>. A documentação permite-nos concluir que o “honrrado rellegioso Rodrigo Alvarez priol do dicto moesteyro e ministrador do mosteyro de Vilarinho”<sup>2515</sup> desenvolveu uma actividade bastante intensa, efectuando inúmeros emprazamentos ao longo das décadas de oitenta e noventa.

Desconhecemos se D. Rodrigo Álvares faleceu ou renunciou ao cargo, embora esta última hipótese nos pareça menos palusível. De qualquer modo, a sua administração terminou numa data situada entre Novembro de 1497 e Novembro de 1500, datas extremas, em termos documentais, respeitantes ao final do seu priorado e início do de João Fernandes, seu provável sucessor. Efectivamente, nesta última data João Fernandes já era o prior<sup>2516</sup> e a 29 de Novembro de 1497 ainda vivia, correndo uma contenda entre Rodrigo Álvares e o mosteiro de Roriz contra João Vaz, lavrador, morador em Pedrados, freguesia de S. Tomé de Negrelos, que era acusado de ter feito bouças nos coutos do mosteiro de Roriz, e de as ter cultivado, rompido e tapado à revelia do prior e convento<sup>2517</sup>. Numa avaliação global, e tendo em consideração os dados que a documentação nos transmitiu, a gestão de D. Rodrigo Álvares parece ter sido muito proveitosa para a instituição, revelando enorme dinamismo e preocupação com o património do mosteiro, sendo que, nas cerca de duas décadas em que geriu a instituição, parece ter havido uma constante preocupação de renovação da comunidade. Contudo, esta visão que a documentação nos transmite parece ser completamente enganadora pois, a avaliar pelos registos contemporâneos, a sua gestão foi ruínosa, depauperando os mosteiros de Vilarinho e Roriz, o que, inclusivamente, levaria à intervenção do papa Alexandre VI (1492-1503), que ordena, por breve de Novembro de 1500, que se examinem e registem todas as propriedades, bens e direitos que os priores dos mosteiros de Roriz e Vilarinho tinham alheado e destruído e se recupere o que for possível<sup>2518</sup>.

**João Fernandes/João Fernandes Farto** – Prior comendatário do mosteiro de São Pedro de Roriz e Vilarinho. Deverá ter sucedido a D. Rodrigo Álvares. A primeira referência que lhe conhecemos, na qualidade de detentor da comenda dos dois mosteiros, data de Novembro de 1500<sup>2519</sup>. Um outro facto atinente com esta cronologia é o seu regresso a Portugal. É que D. João Fernandes estava em Roma, regressando ao reino,

---

<sup>2511</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°204.

<sup>2512</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.12; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 284-285.

<sup>2513</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.13; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.773.

<sup>2514</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°206.

<sup>2515</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°215.

<sup>2516</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°198.

<sup>2517</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°222.

<sup>2518</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°198.

<sup>2519</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°198.

nesse mesmo ano de 1550<sup>2520</sup>, certamente para assumir estes dois priorados. Estes dados parecem conjugar-se no sentido de confirmarem a assunção efectiva destes mosteiros nesse ano, no entanto, documentalmente, e até ao momento, o primeiro acto de gestão que lhe conhecemos data de 7 de Fevereiro de 1502, dia em que o “senhor Joam Fernandez Farto dom prioll do dicto mosteyro de Roryz e Vyllarinho” emprazou, juntamente com o convento de Roriz, um pardieiro de casas que o mosteiro tinha na Rua do Souto, dentro da cidade do Porto<sup>2521</sup>. D. João Fernandes além de prior de Roriz e perpétuo administrador de Vilarinho, onde a documentação o confirma, pelo menos, até à década de vinte<sup>2522</sup>, foi também abade e reitor das igrejas de S. Martinho do Campo<sup>2523</sup> e Santiago de Carvalhosa<sup>2524</sup>. A 17 de Fevereiro de 1510, o prior e o convento andavam em contenda com lavradores da freguesia de Monte Córdova, por causa da herdade da Costa<sup>2525</sup>. Deste mesmo ano há um outro registo de querelas entre o mosteiro e foreiros, neste caso, Inês Álvares, por causa do casal de Romão, desentendimento de que há notícia a 18 de Dezembro, chegando as partes a acordo nesse dia<sup>2526</sup>. A 30 de Outubro de 1512, D. João Fernandes comprou a Maria Peres, viúva e primeira mulher de Gregório Martins de Leiras, moradora na aldeia de Leiras, freguesia de São Tomé de Negrelos, metade das suas herdades de Vila Nova, situadas nessa freguesia de S. Tomé, por 8 mil reis brancos com sua revora<sup>2527</sup>. Note-se que esta não é uma aquisição para a instituição, mas sim uma aquisição pessoal, como se nota pela carta de venda desses bens, que é feita ao “Reverendo Senhor dom Joham prior do mosteiro de Roriz pera elle e pera todos seus erdeyros leiguos e subcesores”<sup>2528</sup>. A 8 de Junho de 1515, João Fernandes recebeu, no mosteiro de Roriz, os emissários régios, que aí se deslocaram, para aplicar a taxação a que este mosteiro tinha sido sujeito, referente às comendas novas da Ordem de Cristo, taxa essa cifrada em 280 ducados de ouro anuais<sup>2529</sup>. A 30 de Maio de 1522, continua a ser identificado como prior de Roriz e administrador de S. Miguel de Vilarinho<sup>2530</sup>. João Fernandes Farto deverá ter falecido a 1 de Outubro de 1533<sup>2531</sup>.

**Luís Fernandes** – Prior comendatário do mosteiro de São Pedro de Roriz. Trata-se do último prior comendatário desta comunidade. Em 1532 já surge referenciado como prior do mosteiro, aparecendo “Ludovicus Ferdinandi prior monasterii Sancti Petri Roriz

---

<sup>2520</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 2, 1938, p.81.

<sup>2521</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199.

<sup>2522</sup> Só respeitantes à sua administração guardam-se, felizmente, no Arquivo da Universidade de Coimbra, entre originais e traslados cerca de meia centena de documentos, e que nos permitem seguir com algum detalhe, grande parte do seu percurso à frente dessas duas instituições. Também entre os manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra há referências a este prior (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.197) que já foi também identificado por Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>2523</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°209.

<sup>2524</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.7; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.303.

<sup>2525</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°218.

<sup>2526</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°216.

<sup>2527</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°221.

<sup>2528</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°221.

<sup>2529</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>2530</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.8A; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 305-307.

<sup>2531</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVI, Ns. 3-4 (Julho-Dezembro de 1936), Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1936, p.194.

ordinis Sancti Augustini Bracharensis diocesis” envolvido numa questão por causa da igreja de S. Martinho do Campo<sup>2532</sup>.

A 18 de Julho de 1553, surge “ho senhor Lois Fernandez dom prior do dito mosteiro de Sam Pedro de Roris”, juntamente com o convento, a efectuar um empraçamento em três vidas<sup>2533</sup>. Em 1558, juntamente com o prior de Vilarinho, dá seguimento a uma sentença do papa Paulo III, a favor de Gonçalo Coelho, Senhor de Felgueiras e Vieira, para que este possua, por mais três vidas, os casais de Caraminhos, pertencentes ao mosteiro de Pombeiro<sup>2534</sup>. Faleceu em 1572, e com a sua morte, a comunidade regrante de S. Pedro de Roriz foi também extinta, passando, no ano seguinte, a administração do edifício monástico para os jesuítas do colégio de S. Paulo de Braga<sup>2535</sup>.

### **Priores cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Martim(?) Gonçalves II/ Martinho(?) Gonçalves** – Prior do mosteiro de Roriz. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o “obiit Martinus(?) Gonsalvi canonicus Roriz que fuit prior” a 1 de Agosto, sem qualquer menção ao ano do falecimento<sup>2536</sup>. Estamos, portanto, e numa análise simplista, na presença de um prior que deverá ter resignado ao cargo. A leitura do nome próprio levanta-nos grandes dúvidas mas, partindo do pressuposto que estamos perante um Martim Gonçalves, temos de nos questionar se este registo não será respeitante ao prior Martim Gonçalves que surge como titular do mosteiro na década de cinquenta do séc. XIV. É, de facto, uma possibilidade, da mesma forma que o é a de estarmos na presença de um outro Martim Gonçalves, também cónego do mosteiro de Roriz, e que em Fevereiro de 1434 ocupava o cargo de prior claustral<sup>2537</sup>. Pode dar-se inclusivamente o caso do religioso em causa nunca ter sido prior-mor, sendo somente prior crasteiro, o que ajudaria a explicar o facto de surgir designado como cónego e não apenas como prior.

#### **1.1.10. - São Salvador de Banho (c. Barcelos)**

**Rodrigo Anes** – Prior do mosteiro de Banho. Foi confirmado pelo arcebispo D. Lourenço Vicente em 1388 como prior do mosteiro<sup>2538</sup>.

**Pedro Lourenço** – Prior comendatário do mosteiro de Banho. Era abade da igreja de S. Salvador da Lagoa e comendatário do mosteiro de S. Pedro de Lomar, sendo que, a 24 de Novembro de 1431, esta comenda já se encontrava vaga “per liberam resignationem dilecti filii Petri Laurentii”<sup>2539</sup>, renúncia que Pedro Lourenço fez certamente para

<sup>2532</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°247; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.193.

<sup>2533</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199-A.

<sup>2534</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.41. Aí é também indicado que Luís Fernandes, à semelhança do prior de Vilarinho, Luís de Almeida, era cónego regrante.

<sup>2535</sup> Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Roriz*, (Coleção de Guias do Património Cultural do Concelho de Santo Tirso – 2), Edição da Câmara Municipal de Santo Tirso e do Museu Municipal Abade Pedrosa, 1997, pp. 3-4.

<sup>2536</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.26v°.

<sup>2537</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168v°.

<sup>2538</sup> A.D.B. – *Livro de Mostras*, N°1, fl.144v°; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.726.

<sup>2539</sup> *Chartularium Universitatis*, Vol. IV, p.35.

assumir a comenda do mosteiro de Banho, estipulando-se, por isso, o segundo semestre de 1431 como o da assunção do priorado do Banho por este comendatário, numa altura em que a instituição já estava sem comunidade<sup>2540</sup>. Deverá ter falecido em Abril de 1441, uma vez que o arcebispo de Braga confirma, a 1 de Maio de 1441, o seu criado, Lopo Álvares, na igreja de S. Salvador da Lagoa, por falecimento Pedro Lourenço, seu anterior titular<sup>2541</sup>.

**João Fernandes** – Prior comendatário do mosteiro de Banho. Com o falecimento de Pedro Lourenço, o arcebispo de Braga reduziu o mosteiro a igreja paroquial, sendo aí empossado João Fernandes, bacharel em Degredos e vigário-geral<sup>2542</sup>. Apesar de não surgir aí a data da confirmação, José Marques apresenta provas que apontam o dia 1 de Maio de 1441 para que tal tenha acontecido<sup>2543</sup>. João Fernandes teve de enfrentar a contestação do benefício em que tinha sido provido, solicitando ao papa a confirmação desse cargo, bem como a da redução do mosteiro a igreja, obtendo decisão pontifícia favorável a 21 de Abril de 1453<sup>2544</sup>. Este mesmo documento revela-nos que a comunidade ficou apenas com o prior, sem convento, antes de ser entregue em comenda<sup>2545</sup>.

**D. Jorge da Costa** – Prior comendatário do mosteiro de Banho. Segundo Lino de Assunção, a comenda do mosteiro do Banho foi uma das que pertenceu a D. Jorge da Costa que, de entre os mosteiros de cónegos regrantes, deteve também os priorados de Grijó, S. Jorge, Roriz, Caramos, Junqueira, Landim, Oliveira, Mancelos e Longos Vales<sup>2546</sup>.

#### **Prior cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**D. Lúcio** – Prior do mosteiro de Banho. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “domnus Luzus prior de Balneo” a 1 de Maio, mas sem especificar o ano do falecimento<sup>2547</sup>.

### **1.1.11. - São Salvador de Bravães (c. Ponte da Barca)**

**João do Mato** – Prior do mosteiro de Bravães. Esteve presente no sínodo diocesano de Braga, que ocorreu a 15 de Novembro de 1398, presidido pelo arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca<sup>2548</sup>.

---

<sup>2540</sup> Chartularium Universitatis, Vol. V, p.345; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.726-727.

<sup>2541</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.727.

<sup>2542</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.104vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.727.

<sup>2543</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.727.

<sup>2544</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp.345-346; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.727.

<sup>2545</sup> Chartularium Universitatis, Vol. V, p.345; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.726.

<sup>2546</sup> Assumpção, Lino d', *Histórias de frades*, 1ª ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira – 1900, pp. 67-68 (nota 1); Cortesão, Jaime, *Portugal: a terra e o homem*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, p.137. A estes já enunciados por Lino de Assunção, Jaime Cortesão acrescenta o mosteiro de Banho.

<sup>2547</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.16.

<sup>2548</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

**D. João Anes** - Prior do mosteiro de S. Salvador de Bravães. A 23 de Janeiro de 1412, é-lhe legitimado um filho, de nome Gomes Eanes, filho de Maria Pires<sup>2549</sup>. Do dia seguinte há registo de outra carta de legitimação, envolvendo novamente o prior de Bravães, desta feita referente à legitimação de Margarida Anes, fruto de uma relação entre o religioso e Mécia Vasques, mulher solteira à altura do nascimento da criança<sup>2550</sup>. A 14 de Agosto de 1425 ainda se mantinha à frente da instituição uma vez que, nesse dia, foi legitimada uma outra sua descendente: Maria Anes, filha de Margarida Gomes e de “Johan’Eannes prior de Barbaaes”<sup>2551</sup>.

**João do Mato II** – Prior do mosteiro de Bravães. É muito provável que se trate do mesmo indivíduo que já presidia à comunidade em 1398, mas a sê-lo como se explica a presença de D. João Anes ou Eanes à frente do mosteiro? Seria João Anes apenas prior claustral, aparecendo identificado de forma indiferenciada nas cartas de legitimação? Chamar-se-ia o prior João Anes do Mato e as cartas de legitimação omitiram o apodo? Estaremos perante dois indivíduos diferentes, possivelmente contemporâneos, que além de serem homónimos, foram ambos priores do mosteiro de Bravães? À luz dos elementos que possuímos, não foi possível clarificar tais dúvidas. Caso estejamos perante a mesma pessoa, é de admitir que, em 1434, já tivesse alguma idade, embora esse não pareça ser o motivo pelo qual apresentou a renúncia ao priorado do mosteiro de Bravães, tendo nomeado, para o efeito, um procurador, a 9 de Fevereiro de 1434<sup>2552</sup>. O pedido do prior foi aceite, a 13 de Fevereiro de 1434, extinguindo-se assim a vida monástica no mosteiro de Bravães, sendo reduzido a igreja secular<sup>2553</sup>.

#### **1.1.12. - São Salvador de Freixo (c. Amarante)**

**João Martins** – Prior do mosteiro de São Salvador de Freixo. A 4 de Junho de 1287 “Joham Martiinz priol do moesteyro de Freixeo”, juntamente com o cónego Paio Rodrigues, na qualidade de testamenteiros de Maria Martins de Ataíde, passam procuração ao clérigo Paulo Peres, para que este entregue ao mosteiro de Arouca os bens que Maria Martins Ataíde lhe deixara<sup>2554</sup>. A 6 de Março de 1300 surge “o religioso barom e honesto Dom Joham Martinz priol do moesteyro de Sam Salvador de Freixeo da Ordem de Sant’Agostinho do arcebispado de Bragaa” no mosteiro de Gondar, onde o

<sup>2549</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.33; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.120.

<sup>2550</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.34; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.120.

<sup>2551</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. IV – Tomo 2, 2006, p.69.

<sup>2552</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725; Bessa, Paula Virginia de Azevedo; *Pintura mural do fim da Idade Média e do início da Idade Moderna no Norte de Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História – Área de Conhecimento de História da Arte, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2007, p.84, *Idem*, D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da Igreja de S. Salvador de Bravães, in *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, Série I, Vol. II, Porto, 2003, p.757.

<sup>2553</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.49v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.724-725; Bessa, Paula Virginia de Azevedo; *Pintura mural do fim da Idade Média e do início da Idade Moderna no Norte de Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História – Área de Conhecimento de História da Arte, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2007, p.84, *Idem*, D. Diogo de Sousa e a pintura mural na capela-mor da Igreja de S. Salvador de Bravães, in *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, Série I, Vol. II, Porto, 2003, pp.757-758.

<sup>2554</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp.307-309 (doc.84).

tabelião Lourenço Gonçalves lhe lavrou um instrumento pelo qual a abadessa dessa instituição, D. Teresa Anes, reconheceu e confirmou, para sempre, a doação que tinha feito ao mosteiro de Roriz de toda a herdade que possuía no couto do mosteiro de Roriz, nomeadamente, nos lugares de Paio e Barro<sup>2555</sup>. Desconhecemos o término do priorado de D. João Martins.

**Lourenço Geraldês** – Prior do mosteiro de São Salvador de Freixo. Participou, a 4 de Setembro de 1340, no capítulo provincial dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que decorreu no mosteiro de S. Francisco de Bragança<sup>2556</sup>.

**D. Afonso** – Prior do mosteiro de São Salvador de Freixo. Não dispomos de elementos sobre o seu priorado, mas é de admitir que seja o sucessor do prior Lourenço Geraldês. De concreto, apenas sabemos que foi prior do mosteiro graças a uma inscrição funerária referente ao seu óbito, ocorrido na era de 1417, ou seja, ano de 1379<sup>2557</sup>.

**Luís Afonso** – Prior do mosteiro de Freixo. “Loix Afonso” foi um dos priores que participou, no dia 24 de Agosto de 1387, na assembleia realizada no mosteiro de S. João de Alpendurada, e que reuniu representantes de diversos mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses do Porto e de Braga, e da qual, como foi referido supra, resultou um compromisso de celebração de sufrágios entre as instituições representadas<sup>2558</sup>. Volvida pouco mais de uma década, continuava à frente da comunidade monástica de Freixo, uma vez que marcou presença no sínodo diocesano de Braga, de D. Martinho Afonso Pires da Charneca, realizado a 15 de Novembro de 1398<sup>2559</sup>.

**Luís Esteves** – Provável prior do mosteiro de Freixo. A 2 de Junho de 1393 é legitimado Afonso Dinis, filho de Luís Esteves, clérigo de missa e prior de Freixo, e de Joana Domingues, mulher solteira à altura do nascimento<sup>2560</sup>. A confirmar-se que se trata efectivamente do mosteiro de S. Salvador de Freixo, como à partida parece, é quase certo que este Luís Esteves seja o prior Luís Afonso, pelo que o nome poderá ter sido incorrectamente anotado na chancelaria, ou mal transcrito, podendo também dar-se o caso do prior Luís Afonso ser tratado desta forma. Poderá admitir-se, ainda, uma outra hipótese que é a possibilidade de estarmos perante o prior claustral.

---

<sup>2555</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°8. Esta confirmação ia de encontro a duas outras cartas de doação, deste mesmo teor, que a abadessa já tinha feito em 1270 e em Fevereiro de 1300 e que o prior de Freixo mostrou ao tabelião e perante o qual “leer fez duas cartas abertas seeladas de senhos seelos pendentes per dante a relegiosa dona Tareyja Anes abadessa do moesteiro de Gundar nas quaes cartas era conteudo que a dicta dona Tareyja Anes dera em doaçom ao moesteiro de Rooriz quanta herdade ela avia e de dereito devia a aver no couto do dicto moesteiro...”. Este mesmo documento foi referenciado por João Pedro Ribeiro, do qual transcreveu alguns excertos (cf. *Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.196vº*).

<sup>2556</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XXI, p.240; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII-XV - História e Instituição*, Tomo II, 1996, Apêndice Documental (sem paginação).

<sup>2557</sup> Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa ...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, p.1869.

<sup>2558</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257.

<sup>2559</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>2560</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 2, 2005, p.96.

**Frei Gonçalo Anes de Matos** – Prior do mosteiro de Freixo. A 4 de Outubro de 1400, o arcebispo D. Martinho Pires da Charneca confirma Frei Gonçalo Anes como prior de Freixo<sup>2561</sup>.

**João Afonso** – Prior do mosteiro de Freixo. É muito provavelmente o sucessor de Gonçalo Anes de Matos, mas apenas temos conhecimento da sua passagem como titular máximo da instituição, porque a 26 de Abril de 1419, corria litígio entre Vasco Afonso e João Afonso, por causa do priorado do mosteiro de Freixo, solicitando Vasco Afonso, prior à altura, a reintegração de todos os direitos no priorado após a morte de João Afonso<sup>2562</sup>.

**Vasco Afonso** – Prior do mosteiro de Freixo. Antes de assumir o priorado de Freixo foi cónego do mosteiro de S. Torcato de Guimarães<sup>2563</sup>. A 26 de Abril de 1419 já aparece identificado como “priorum prioratus sancti Salvatoris de Freyxeo Bracharensis diocesis”, altura em que pede ao papa, Martinho V, para que lhe sejam restituídos todos os direitos no priorado após a morte de João Afonso, com quem andava em litígio<sup>2564</sup>. Neste mesmo documento é revelado que trazia em seu poder a igreja de Rio de Moinhos, da diocese do Porto, da qual, o prior de Freixo, e segundo petição dirigida ao papa, a 19 de Setembro de 1421, por Pedro Anes, clérigo do Porto, que a solicitava para si, era acusado de se ter apoderado dela indevidamente, pertencendo o seu padroado ao mosteiro de Paço de Sousa e a padroado leigo<sup>2565</sup>. O certo é que Vasco Afonso ficou em posse da comenda da igreja de S. Martinho de Rio de Moinhos por um período de dez anos, em virtude de Gonçalo Afonso, titular do benefício, ter falecido em Roma<sup>2566</sup>. A documentação revela uma luta acesa pela posse dessa igreja. A 29 de Janeiro de 1425 surge Vicente Peres, clérigo de Lisboa, a solicitar o benefício para si<sup>2567</sup>. Uma das acusações recorrentemente feitas a Vasco Afonso era a de que ele tinha omitido na sua súplica, o facto de a igreja ser também de padroado leigo, motivo pelo qual lhe deveria ser retirado esse benefício. Perfilam-se diversos candidatos: a 2 de Julho de 1425 é Diogo Anes, reitor da igreja de Labruge, da diocese do Porto, quem solicita a igreja paroquial de Rio de Moinhos<sup>2568</sup> e a 25 de Julho é Gonçalo Martins Soveral, clérigo da diocese de Viseu quem o faz<sup>2569</sup>. A 23 de Fevereiro de 1429 surge novamente Pedro Anes, clérigo do Porto, a solicitar a igreja de S. Martinho de Rio de Moinhos para si<sup>2570</sup>. A 9 de Junho de 1429 o prior de S. Salvador de Freixo já tinha renunciado à comenda, encontrando-se na sua posse João Álvares, um clérigo da diocese do Porto<sup>2571</sup> que, a 13 de Fevereiro de 1430, andava em contenda com Vicente Peres, clérigo de Lisboa, que também pretendia o benefício dessa igreja<sup>2572</sup>. A 12 de Maio de 1438 é legitimado Estêvão Vasques, filho de Margarida Esteves e de “dom Vasco Afonso prior do

---

<sup>2561</sup> A.D.B. - *Livro de Mostras, N.º1, fl.163v.º*; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.732.

<sup>2562</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 165-166.

<sup>2563</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.13.

<sup>2564</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 165-166.

<sup>2565</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 392-393, 425-426.

<sup>2566</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.13.

<sup>2567</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.13.

<sup>2568</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.36.

<sup>2569</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 47-48.

<sup>2570</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.380.

<sup>2571</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 417-418.

<sup>2572</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.516.



moesteyro de Freixo”<sup>2573</sup>. Esta é, de resto, a última referência documental que lhe conhecemos.

**João Afonso** – Prior do mosteiro de Freixo. Era abade da freguesia de Santo Isidro, tendo sido provido no mosteiro de Freixo a 7 de Agosto de 1466<sup>2574</sup>.

**Francisco Anes** – Prior do mosteiro de Freixo. Surge identificado como prior de Freixo a 18 de Dezembro de 1492, altura em que renunciou à paróquia de S. Cristóvão de Lordelo<sup>2575</sup>. Trata-se de um antigo cónego do mosteiro de Caramos, identificado nessa comunidade a 19 de Dezembro de 1461<sup>2576</sup>, tendo sido provido na igreja de Lordelo a 11 de Maio de 1467<sup>2577</sup>. Não sabemos quando transitou de casa monástica, mas é muito provável que tenha saído directamente para ocupar a cadeira prioral de Freixo. Este prior renunciou ao priorado do mosteiro, em 1503, a favor de Pedro Rodrigues<sup>2578</sup>.

**D. Pedro Rodrigues** – Prior comendatário de Freixo. Este prior obteve a comenda de S. Salvador de Freixo, em 1503, por renúncia de Francisco Anes<sup>2579</sup>. Pedro Rodrigues era bacharel em Decretos e clérigo de Braga, e solicitou a revalidação da comenda de Freixo, a 11 de Fevereiro de 1505<sup>2580</sup>. A 21 de Abril de 1509 solicita ao papa autorização para acumular benefícios eclesiásticos<sup>2581</sup>. Era chantre da Sé do Porto, provisor e vigário geral do bispo D. Pedro da Costa. De resto, é assim mencionado na qualidade de executor de uma bula apostólica de Leão X, datada de 2 de Setembro de 1517, para que se procedesse à confirmação de Jorge Correia, cónego regrante do mosteiro de Grijó na igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>2582</sup>. Em 1523 continua a ser documentado como comendatário de Freixo<sup>2583</sup>, cargo que ainda ocupava a 16 de Abril de 1525, dia em que passou sentença a favor do mosteiro de Paço de Sousa, contra caseiros dessa instituição que não tinham pago as rendas<sup>2584</sup>.

---

<sup>2573</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo 2 (1435-1438), 1998, p.462 (Doc.1290).

<sup>2574</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.248; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

<sup>2575</sup> A.D.B. - Registo Geral 330, *Censual de D. Jorge da Costa*, fl.82; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.734.

<sup>2576</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 6, fl.23; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.354.

<sup>2577</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.[253v°]; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759.

<sup>2578</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XI, Lisboa, 1993, pp.62-63; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>2579</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XI, Lisboa, 1993, pp.62-63; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>2580</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. X, Lisboa, 1991, pp.123; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>2581</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. X, Lisboa, 1991, pp.394-395; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>2582</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.2-8. Aí surge com a seguinte intitulação: “Petrus Roderici Decretorum Doctor comendatarius Monasterii de Freixo, cantor Ecclesia Portugalensis necnon vicarius et officialis generalis in spiritualibus et temporalibus Reverendi in Christo Patris et Domini Domini Petri de Costa Eppiscopi Portugalensis...” (fls.2-2v°)

<sup>2583</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XII, Lisboa, 1995, pp.366-368; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>2584</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.284.

**D. João Ribeiro de Vasconcelos** - Provável prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Freixo. Segundo Felgueiras Gaio, D. João Ribeiro foi comendatário de Freixo e era irmão de D. Gonçalo Ribeiro, comendatário de Caramos, e filho de Rui Vasques Ribeiro ou Rui Vaz Ribeiro de Vasconcelos e de Violante de Sousa<sup>2585</sup>. A confirmar-se esta informação, é provável que tenha sido o sucessor de D. Pedro Rodrigues.

**D. Francisco de Quiro Ribeiro** - Provável prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Freixo. Segundo Felgueiras Gaio, D. Francisco era filho de Pedro de Sousa Vasconcelos e sobrinho do comendatário D. João Ribeiro de Vasconcelos, assumindo a comenda justamente por renúncia que o seu tio fizera a seu favor<sup>2586</sup>.

**D. Marcos Vigério** - Comendatário do mosteiro de São Salvador de Freixo. É identificado como comendatário do mosteiro de S. Salvador de Freixo a 5 de Novembro de 1535<sup>2587</sup>. Trata-se do bispo-conde de Sinigalia que foi legado pontifício em Portugal, entre 1532 e 1536<sup>2588</sup>.

**D. Bartolomeu Gostodingo** - Prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Freixo. O italiano Bartolomeu Gostodingo era o comendatário do mosteiro de Freixo em 1551 altura em que D. João III solicita à Santa Sé a união deste mosteiro regrente ao de S. Gonçalo de Amarante, com o comendatário a renunciar nesse mesmo ano para que se fizesse a união<sup>2589</sup>, situação que só mais tarde se concretizaria.

**D. Afonso de Lencastre** - Prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Freixo. D. Afonso de Lencastre era filho de D. Dinis de Portugal, conde de Lemos e de D. Beatriz de Castro<sup>2590</sup>. Trata-se do último comendatário do mosteiro. Faleceu em 1569, altura em que o mosteiro foi definitivamente unido à Ordem de S. Domingos<sup>2591</sup>.

### **1.1.13. - São Salvador de Souto (c. Guimarães)**

**D. Martim Anes** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Souto. Em Dezembro de 1300, ocupava o priorado de Souto, como confirma um documento referente à permuta de bens com o reitor da igreja de Vila Nova, Martim Anes, pela qual o mosteiro cedia os bens que tinha na freguesia de Santa Cristina de Longos em troca das propriedades que a igreja de Vila Nova possuía na freguesia de S. Salvador de Souto<sup>2592</sup>.

**Domingos Peres** – Provável Prior do mosteiro de S. Salvador de Souto. Aparece mencionado, como prior do Souto, numa sentença do arcebispo de Braga, datada de 13 de Dezembro de 1303, a qual estabelecia o modo como o prior deveria dar o vinho aos

---

<sup>2585</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 28, 1941, pp. 98-99.

<sup>2586</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 28, 1941, p.113.

<sup>2587</sup> *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* – Vol. 92 – *Igreja de Freixo de Baixo - Amarante*, 1958, p.14.

<sup>2588</sup> Castro, Padre José de, *Portugal em Roma*, vol. II, Lisboa, União Gráfica, 1939, p.349; Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa, 1994, p.293.

<sup>2589</sup> *Segunda parte da Historia de S. Domingos...*, 3ª ed., Vol. III, 1866, p.224.

<sup>2590</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, p.92.

<sup>2591</sup> *Terceira parte da Historia de S. Domingos...*, 3ª ed., Vol. IV, 1866, pp.235-236.

<sup>2592</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 91-93.

frades do mosteiro que, em visitação feita à instituição, se tinham queixado ao arcebispo das rações de vinho que lhes eram fornecidas<sup>2593</sup>. A designação de prior nesse documento poderá reportar-se ao cargo de prior claustral, embora não nos pareça de descartar a possibilidade de se tratar, efectivamente, do prior-mor da comunidade. Partindo deste pressuposto e apesar de não termos documentação que o confirme liminarmente, tudo indica tratar-se de mais um caso de ascensão na hierarquia religiosa de uma canónica regrante, uma vez que acreditamos que este Domingos Peres é o mesmo religioso que surge já mencionado como cónego do mosteiro na década de 70 do séc. XIII<sup>2594</sup>, de quem temos novas referências em 1294<sup>2595</sup> e em Dezembro de 1300, surgindo nesta última data identificado como cónego e procurador do mosteiro<sup>2596</sup>. Desconhecemos até quando se prolongou o seu governo mas é provável que tenha sido até finais de 1307, ou inícios de 1308, uma vez que, em Março de 1308, o prior já é Martim Domingues.

**Martim Domingues** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Souto. A primeira referência documental que o coloca como detentor do cargo remonta a 12 de Novembro de 1306, dia em que o prior e o convento do mosteiro instituem os cónegos Martim Martins e Martim Peres como procuradores do mosteiro de Souto<sup>2597</sup>. A 4 de Março de 1308, em nova procuração que estabelece como representantes do mosteiro os mesmos procuradores atrás referenciados, surge novamente indicado como prior do mosteiro<sup>2598</sup>. Nesse mesmo ano de 1308 encontra-se envolvido numa contenda com o cavaleiro Martim Rodrigues e sua mulher, Sancha Gomes<sup>2599</sup>. A 17 de Março de 1310 é novamente indicado como prior do mosteiro, dia em que um procurador de S. Salvador de Souto empraza o casal que o mosteiro tinha em S. Salvador de Donim<sup>2600</sup>. Aparece novamente mencionado como prior do Souto numa sentença da Sé de Braga, de 13 de Abril de 1314, num processo movido por Lourenço Miguéis, clérigo do mosteiro de S. Salvador de Souto, onde se determina a forma como deveria ser sustentado esse clérigo no que respeita à alimentação e ao vestuário<sup>2601</sup>. A 19 de Outubro de 1317 ainda surge à frente do mosteiro, dia em que é emprazado o casal de Estrufe de Paços, a Pedro Anes de Estrufe e a sua mulher, Maria Martins<sup>2602</sup>, casal que pertencia ao clérigo Lourenço Miguéis. Há um período do priorado de Martim Domingues que, aparentemente, não é muito claro. É a própria documentação que faz suscitar algumas dúvidas, isto se tivermos em conta que há um documento que indica Domingos Domingues como prior em 1310 e depois só novamente na década de vinte. Poderá por isso admitir-se que estas referências ao prior sejam alusivas às suas funções de prior crasteiro embora pudesse estar a exercer as funções de prior mor na sua plenitude em substituição do titular<sup>2603</sup>, que poderia encontrar-se ausente ou com um qualquer impedimento. A reforçar tal teoria está o facto de a documentação omitir o nome de Domingos Domingues por um hiato de tempo bastante considerável (cerca de quinze anos), por isso o seu

---

<sup>2593</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 93-94.

<sup>2594</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.84.

<sup>2595</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, 1896, p.13.

<sup>2596</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.91.

<sup>2597</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 25-26.

<sup>2598</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 15-17.

<sup>2599</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 25-27.

<sup>2600</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.15-17.

<sup>2601</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 97-98.

<sup>2602</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 99-101.

<sup>2603</sup> Esta problemática bem como estas possibilidades foram já avançadas por Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.261.

aparecimento na condição de prior parece-nos ser uma situação pontual, motivada por um qualquer impedimento de Martim Domingues.

**D. Domingos Domingues** – Prior do mosteiro de Souto. A 11 de Agosto de 1310, emprazou, em conjunto com o convento, a João Domingos da Batoca e Maria Anes, sua esposa, e a uma terceira pessoa a nomear por estes, o casal da Batoca<sup>2604</sup>, na freguesia de S. Torcato. Trata-se, eventualmente, do mesmo Domingos Domingues que, no dia cinco de Julho de 1310, comprou herdamentos nas freguesias de Santo Tirso de Prazins e São Salvador de Souto, o que, a verificar-se, nos dá um elemento de carácter biográfico: o nome da mãe, Sancha Godins<sup>2605</sup>. A partir desta altura deixa de aparecer na documentação, ressurgindo apenas na década de vinte, um prior chamado Domingos Domingues. Teremos forçosamente de equacionar a possibilidade de não se tratar do mesmo indivíduo, e antes de um homónimo. De qualquer forma, e até ao surgimento de novos elementos que permitam clarificar decisivamente tais dúvidas, vamos assumir que estamos perante a mesma pessoa.

A 2 de Outubro de 1324 já aparece mencionado como prior do mosteiro de Souto, dia em que, por vontade do prior claustral e do convento, foi instituído como procurador do mosteiro, com a particularidade de lhe terem pedido, em virtude de o convento não possuir selo próprio, que colocasse o seu selo na carta de procuração, de forma a conferir-lhe maior validade, o que efectivamente sucedeu<sup>2606</sup>. Um instrumento datado de 1 de Novembro de 1324 confirma a presença de Domingos Domingues na titularidade do cargo<sup>2607</sup>. A 16 de Janeiro de 1326, surge a entregar 50 libras a João Pais do Sabugal, parte respeitante a uma dívida de 150 libras<sup>2608</sup>. A partir desta altura vai surgindo, amiudadamente, entre a documentação. A 16 de Março de 1326, é constituído como procurador do mosteiro para emprazar a Gonçalo Esteves e a sua mulher, Maria Geraldês, a herdade que o mosteiro tinha no lugar de Outeiro, emprazamento que foi efectuado 10 dias depois, em Braga<sup>2609</sup>. A 7 de Janeiro de 1327, o ouvidor de Guimarães, João Bordão, em substituição de Vasco Pereira, meirinho-mor de Entre Douro e Minho, deu sentença favorável ao prior de Souto numa contenda que o opunha a Lourenço Fernandes, acusado de ter roubado ao prior uns bois da sua herdade de Sandinhães<sup>2610</sup>. A partir de 1328, assiste-se a um processo generalizado de renúncia dos direitos de padroado que diversos naturais detinham no mosteiro a favor da instituição, bem como dos direitos que tinham na igreja de S. Cláudio e nas ermidas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria, datando a primeira renúncia de 14 de Outubro de 1328, efectuada pelo escudeiro Álvaro Dias do Rego, e respeitante a direitos no mosteiro<sup>2611</sup>. Seguem-se outras em 1332<sup>2612</sup>, 1333<sup>2613</sup> e 1341<sup>2614</sup>. Estas renúncias revelam uma certa proximidade entre a nobreza local e S. Salvador de Souto, o que se deve naturalmente às iniciativas do prior. Mas este aparente bom relacionamento era, de

<sup>2604</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.267.

<sup>2605</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 94-95.

<sup>2606</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.33.

<sup>2607</sup> Guimarães, J. G. Oliveira (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.31.

<sup>2608</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.101.

<sup>2609</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.18-19.

<sup>2610</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 101-102.

<sup>2611</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 102-103.

<sup>2612</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, pp.270-274.

<sup>2613</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 109-112.

<sup>2614</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, pp.275-285.

vez em quando, entrecortado por algumas querelas, como a que opôs D. Domingos Domingues ao cavaleiro Lourenço Rodrigues do Cernado, que roubou um alqueire de centeio do seu casal de Sesulfe, tendo sido condenado por sentença de 14 de Setembro de 1334<sup>2615</sup>. Este prior surge documentado até 1356, altura em que já deveria ter uma idade considerável, e é conjecturável que o seu estado de saúde não lhe permitia sair do mosteiro<sup>2616</sup>, como se poderá deduzir de três documentos: o primeiro de 24 de Outubro de 1352, em que o prior de S. Torcato surge em Paço, freguesia de Santa Maria de Souto, em representação de D. Domingos Domingues<sup>2617</sup>; um segundo, de 21 de Novembro de 1355, em que o documento é lavrado na câmara do prior<sup>2618</sup>, o que não sendo inédito nem conclusivo poderá indiciar algumas limitações físicas do religioso e o terceiro, de 11 de Julho de 1356, em que, num acto celebrado em Guimarães, aparece novamente representado por Lourenço Martins, prior de S. Torcato<sup>2619</sup>. O seu falecimento deverá ter ocorrido em inícios de 1358, isto se tivermos em conta que, a 13 de Maio de 1358, o mosteiro se encontrava “vacante per obitum ultimi prioris”<sup>2620</sup>, dia em que o cavaleiro B. de Gardia solicita ao papa, Inocêncio VI, o priorado de S. Salvador de Souto para João de Chaneac, capelão e chanceler do arcebispo de Braga<sup>2621</sup>.

A diversa documentação alusiva ao seu priorado permite-nos conhecer algumas das suas ligações familiares: D. Domingos Domingues era irmão de Maria Domingues, casada com João Peres das Quintãs, pais de Domingos Anes que comprou, no dia 20 de Julho de 1338, a Gonçalo de Prado, mercador de Guimarães, a herdade da lobeira, na freguesia de S. Cosme da Lobeira, por três libras e meia<sup>2622</sup>. Também era irmão de Domingos Martins de Soutelo, pai de Geraldo Domingues, chaveiro do mosteiro de Souto<sup>2623</sup>. A documentação revela-nos ainda que o prior tinha um filho, de nome Martim Anes, surgindo a testemunhar dois documentos datados de 20 de Julho de 1338<sup>2624</sup>. Tendo em conta estas informações, e se considerarmos que, em 1310, já ocupava importantes funções no mosteiro, parece-nos que deverá ter falecido com cerca de 80 anos, idade de facto assinalável para a época.

**João de Chaneac** – Prior do mosteiro de Souto. Eventual sucessor de D. Domingos Domingues. Como vimos, a 13 de Maio de 1358 o cavaleiro B. de Gardia solicita ao papa, Inocêncio VI, o priorado de S. Salvador de Souto para João de Chaneac, monge do mosteiro de Poivre, capelão e chanceler do arcebispo de Braga<sup>2625</sup>, pedido que recebe aprovação pontifícia<sup>2626</sup>. Chegou, efectivamente, a assumir o priorado de Souto, como no-lo prova o emprazamento feito a João Martins, de um casal na freguesia de São

---

<sup>2615</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.113.

<sup>2616</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.261.

<sup>2617</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.55.

<sup>2618</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>2619</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.142.

<sup>2620</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol I, 1968, p.337.

<sup>2621</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol I, 1968, p.336.

<sup>2622</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 44-45.

<sup>2623</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.8; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.209-210.

<sup>2624</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 44-45.

<sup>2625</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.336; Marques, A. H. de Oliveira, *Portugal na crise dos séculos XIV e XV*, Vol. IV da Nova História de Portugal dirigida por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p.228.

<sup>2626</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I (Súplicas dos pontificados de Clemente VI, Inocêncio VI e Urbano V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Roma-Porto, Livraria Editorial Franciscana, 1968, p.337.

Miguel de Gonça, contrato celebrado no mosteiro de Souto, a 4 de Outubro de 1360, por “Joham de Chaneac prior de Souto Vigario geral do honrrado padre e Senhor Dom Guilherme”<sup>2627</sup>. De qualquer modo, o seu governo também foi passageiro, uma vez que, em finais de 1362, o priorado já era ocupado por Lourenço Martins.

**Lourenço Martins** – Prior do mosteiro de Souto. Proveniente do vizinho mosteiro de São Torcato, cujo priorado deixou para assumir o de Souto. Essa informação é-nos dada pelo registo da eleição do novo prior de S. Torcato, ocorrida a 2 de Novembro de 1362<sup>2628</sup>, o que significa que a entrada de Lourenço Martins no mosteiro de Souto poderá reportar-se a finais de Outubro de 1362. Regista-se que a sua ligação a este mosteiro já remonta a anos transactos, surgindo, a 24 de Outubro de 1352 e a 11 de Julho de 1356, em representação do prior do Souto, D. Domingos Domingues, a tratar de assuntos referentes ao mosteiro<sup>2629</sup>. Tudo indica que tenha reassumido o priorado de S. Torcato, pelo menos, é como detentor desse cargo que surge como emissário do Vigário Geral de Braga, a 4 de Junho de 1368, confirmando o clérigo secular Afonso Peres na igreja de Santo Estêvão das Regadas<sup>2630</sup>. Não sabemos se esse seu regresso à direcção da canónica de origem é coincidente com a sua saída do priorado de S. Salvador de Souto. De qualquer modo, parece-nos muito possível que tenha havido uma permuta de priorados, com João Martins a deixar o mosteiro de S. Torcato, para ingressar no de Souto e Lourenço Martins a ir novamente para S. Torcato. O certo é que as suas funções de gestão à frente do mosteiro agostinho de Souto já tinham cessado em Dezembro de 1364, uma vez que, nessa altura, já surge João Martins como prior da instituição<sup>2631</sup>. Esta passagem fugaz de Lourenço Martins pelo priorado de S. Salvador de Souto poderá levar-nos a admitir que a sua missão era justamente de transitoriedade, assegurando apenas o priorado até estarem criadas condições para a eleição, ou para a chegada, de um novo prior. A eventual permuta não surpreende, antes pelo contrário. Parece enquadrar-se num clima de bom relacionamento entre as duas canónicas, mais a mais, numa altura em que se registavam alguns problemas a nível interno. De resto, a própria indigitação de um prior externo à comunidade, nomeado e que lhes foi imposto como João de Charneac parece já indiciar esses problemas de regeneração governativa a nível interno e que foram, certamente, solucionados com o recurso aos religiosos de S. Torcato.

**João Martins** – Prior do mosteiro de Souto. Como já foi avançado anteriormente, parece-nos que João Martins é proveniente do mosteiro de S. Torcato, alcançando o de Souto por troca directa com Lourenço Martins. Desconhecemos a data dessa possível permuta, bem como os motivos que a originaram. De qualquer modo, a 1 de Dezembro de 1364, João Martins já se encontrava à frente deste cenóbio<sup>2632</sup>. Naturalmente que não podemos descartar a possibilidade de estarmos na presença de um homónimo mas, neste caso específico, parece-nos uma hipótese muito remota.

Uma carta de quitação, datada de 9 de Setembro de 1366, referente a treze maravedis que o prior de Souto mandou entregar ao Cabido da Sé de Braga, confirma

---

<sup>2627</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 60-61. Não conseguimos detectar a sua ficha biográfica na utilíssima obra sobre os capitulares bracarenses (cf. *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*, 2005).

<sup>2628</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.142-144.

<sup>2629</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 55, 142.

<sup>2630</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.86.

<sup>2631</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.61.

<sup>2632</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 61-62.

João Martins como prior do mosteiro<sup>2633</sup>. Surge, novamente, referenciado no cargo a 8 de Abril de 1370, dia em que Geraldo Domingues, sapateiro de Guimarães, e sua mulher, Catarina Domingues, doaram ao mosteiro de Souto, em virtude das boas obras que o prior lhes tinha feito, o seu casal de Santa Cruz, localizado na freguesia de S. Salvador de Souto<sup>2634</sup>. Documentos de 1375<sup>2635</sup> continuam a revelar a sua presença à frente do mosteiro, sendo tal presença documentalmente comprovada até finais de 1379. Deste último ano, conhecemos-lhe duas intervenções: a primeira de 2 de Novembro de 1379, integrando o rol de testemunhas presentes na feitura do testamento do cavaleiro Álvaro Lourenço de Mariz, morador na freguesia de Santa Maria de Souto, que pede para ser enterrado no mosteiro, deixando diversos bens à instituição, figurando, inclusivamente, o prior João Martins, como seu testamenteiro<sup>2636</sup>; a segunda é um contrato de emprazamento, feito a 19 de Novembro de 1379, a Vasco Domingues, abade de Santa Eufémia, e a duas outras pessoas a nomear<sup>2637</sup>. Presumivelmente, o seu priorado prolongou-se pela década de 80 e até, provavelmente, pelos primeiros anos da de 90, mas não temos registos documentais que o comprovem.

**Estêvão Peres** – Prior do mosteiro de Souto. É provável que seja o sucessor de João Martins à frente de S. Salvador de Souto. A 26 de Julho de 1394 já era prior do mosteiro de Souto de Riba de Ave, embora aí seja identificado apenas como “dom Stevom”<sup>2638</sup>, dia em que entregou a Domingos Gonçalves, abade de Santa Eulália de Revelhe, do julgado de Montelongo, todas as coisas respeitantes à referida igreja de Santa Eulália, que tinha sido abaciada por ele entre 1393 e o S. João Baptista de 1394<sup>2639</sup>. Caso não tenha acumulado ambos os cargos, e tendo em conta que não detectamos o seu nome entre os religiosos de Souto e que esta igreja não pertencia ao padroado do mosteiro, significa que deverá ter sido indigitado para o priorado deste cenóbio agostinho em finais de Junho ou inícios de Julho de 1394. Parece, por isso, ser mais um prior externo à comunidade, embora desconhecamos a sua proveniência concreta. A 21 de Maio de 1397 encontrava-se em Guimarães onde o prior e o mosteiro chegaram a acordo com Afonso Domingues, sapateiro de Guimarães, por causa de umas casas que ambos disputavam nessa vila, ficando o mosteiro em posse dos prédios<sup>2640</sup>. Estêvão Peres marcou presença no sínodo diocesano de Braga, de D. Martinho Afonso Pires da Charneca, realizado a 15 de Novembro de 1398<sup>2641</sup>. A documentação proveniente do cartório de Souto mostra-nos que este prior se manteve à frente do mosteiro ao longo da primeira década do século XV e inícios da segunda. Assim, é referenciado como prior do mosteiro em documentos de 1400<sup>2642</sup>, 1402<sup>2643</sup>, 1403<sup>2644</sup>, 1404<sup>2645</sup>, 1410 e 1413<sup>2646</sup>, quase todos referentes a contendas em que o prior e o mosteiro se viram envolvidos. A

---

<sup>2633</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.62.

<sup>2634</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.146.

<sup>2635</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 63-65.

<sup>2636</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, pp.286-287.

<sup>2637</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.65.

<sup>2638</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.66.

<sup>2639</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.65-66.

<sup>2640</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.66-67; Cruz, António, “O mosteiro de Souto...”, 1981, p.98.

<sup>2641</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>2642</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.67-71.

<sup>2643</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.71-73.

<sup>2644</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.146-149.

<sup>2645</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.75.

<sup>2646</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.149-151.

última referência documental, que conhecemos, em que Estêvão Peres é mencionado como prior de Souto, data de 25 de Abril de 1413, dia em que o cônego Vasco Gonçalves, procurador do mosteiro de Souto, compareceu perante o arcebispo D. Martinho, tendo aí emprazado a Gervaz Geraldês, ao seu filho Domingos Gervaz e à sua futura esposa, o casal de Real, que o mosteiro tinha na freguesia de S. Romão de Sixto<sup>2647</sup>.

**D. Afonso Lourenço** – Prior do mosteiro de São Salvador de Souto. A composição celebrada entre o Cabido de Braga, a colegiada de Guimarães e alguns mosteiros e igrejas de Guimarães e Montelongo, a 11 de Agosto de 1419, envolvendo rendas, identificam-no como prior do mosteiro<sup>2648</sup>. Um documento datado de 8 de Fevereiro de 1422, referente ao emprazamento que o mosteiro fez de uma herdade e casas que tinha na freguesia de Salamonde, reafirma a presença de Afonso Lourenço à frente do priorado<sup>2649</sup>. No dia 26 de Maio de 1423 encontrava-se no mosteiro de S. Torcato, onde, na companhia de dois outros religiosos de Souto, testemunha uma nota referente a um emprazamento efectuado nesse mosteiro<sup>2650</sup>. A 21 de Novembro de 1426, é estabelecido um acordo entre o prior Afonso Lourenço, nomeado pelo convento como legítimo procurador do mosteiro, e Diogo Domingues, solucionando assim uma contenda que corria entre as partes, relacionada com os direitos de passagem de pessoas e da água da presa do Lugar em regos e terras de Diogo Domingues, para servir terras e caseiros do mosteiro<sup>2651</sup>. Um emprazamento feito em 1432<sup>2652</sup> e um escambo datado de 3 de Julho de 1434 revelam que D. Afonso Lourenço continuava a ser o prior da instituição<sup>2653</sup>. A 12 de Fevereiro de 1435, Afonso Lourenço continuava à frente do priorado de S. Salvador de Souto mas encontrava-se nas suas pousadas na rua da Infesta, em Guimarães, recebendo aí Martim Anes, morador no lugar do Bairro, freguesia de S. Vicente de Paços, comprometendo-se a emprazar-lhe o lugar do Bairro onde ele vivia<sup>2654</sup>. A 10 de Janeiro de 1440 a Confraria de Santa Maria empraza um terço de uma casa situada dentro da cerca velha do castelo a Afonso Lourenço, prior do Souto, e ao seu convento, por uma renda de vinte soldos<sup>2655</sup>. Desconhecemos o ano de “terminus” do seu priorado, sendo admissível que se tenha prolongado pela década de quarenta, mas este é o último registo que nos confirma inequivocamente a sua presença no priorado. Como se depreende das constantes querelas em que o mosteiro andava envolvido e do facto de o prior, aparentemente, viver em Guimarães<sup>2656</sup>, a situação da instituição começava a assumir alguns contornos de gravidade.

---

<sup>2647</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.149-151.

<sup>2648</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, Edição da Câmara Municipal de Fafe, s.d, p.29.

<sup>2649</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.152-154.

<sup>2650</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°216.

<sup>2651</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 154-156.

<sup>2652</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 156-159.

<sup>2653</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 159-160.

<sup>2654</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.77.

<sup>2655</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°262.

<sup>2656</sup> Os documentos indiciam isso mesmo, de resto também Cruz, António, “O mosteiro de Souto...”, 1981, p.102, é dessa opinião.



**D. Luís Domingues** – Prior do mosteiro de São Salvador de Souto. Foi eleito pela comunidade mas era um “criado do senhor duque de Bragança”<sup>2657</sup>. A 28 de Fevereiro de 1450 foi transferido, pelo arcebispo de Braga, para o mosteiro de S. Torcato<sup>2658</sup>.

**Pedro Nogueira/Martim Nogueira** – Prior do mosteiro de São Salvador de Souto. Pedro Nogueira vai ocupar o lugar deixado por Luís Domingues, sendo indigitado e confirmado no priorado desta canónica regrante, a 12 de Março de 1450, pelo arcebispo de Braga, em virtude de não haver elementos suficientes para constituir convento e eleger o prior<sup>2659</sup>. Pedro Nogueira ou Martim Nogueira, como também é referenciado em duas súplicas<sup>2660</sup>, manteve-se como prior de S. Salvador de Souto até ao seu falecimento, que deverá ter ocorrido em Abril de 1454, uma vez que, no dia 17 desse mês e ano, D. Fernando da Guerra nomeou Gonçalo Vasques, cónego do mosteiro de Mancelos, para prior de Souto, mais uma vez, por aí não haver “coonigos e convento pera poderem emleger como se de derecho require”<sup>2661</sup>.

**Gonçalo Vasques** – Prior do mosteiro de São Salvador de Souto. Era cónego regrante do mosteiro de Mancelos, tendo sido colocado e confirmado, a 17 de Abril de 1454, no mosteiro de Souto pelo arcebispo de Braga, por este se encontrar vago por morte do seu último prior, Pedro Nogueira<sup>2662</sup>. A sua presença à frente deste mosteiro foi efémera, renunciando ao cargo, cerca de um mês depois, por não ter cónegos nem forma de os sustentar se os aí tivesse<sup>2663</sup>. Perante tal situação, D. Fernando da Guerra, a 27 de Junho de 1454, reduziu o mosteiro a igreja secular<sup>2664</sup>, nomeando, no dia seguinte o seu capelão-mor, Afonso Vicente, para a paróquia<sup>2665</sup>. De qualquer modo, a sua permanência nesta igreja também foi extremamente fugaz, uma vez que, a 10 de Setembro de 1454, o papa Nicolau V (1447-1455) deu-a em comenda a Álvaro Vasques, cónego de Braga e bacharel em Decretos, embora a comenda seja aí referenciada como mosteiro e se faça alusão ao prior Martim Nogueira, como último detentor do priorado<sup>2666</sup>. Quanto a Gonçalo Vasques desconhecemos o seu paradeiro mas é muito provável que tenha regressado ao mosteiro de Mancelos.

---

<sup>2657</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.118v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.729.

<sup>2658</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.152, 153v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.729.

<sup>2659</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.153v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.729.

<sup>2660</sup> Numa súplica de 10 de Setembro de 1454 alude-se a este prior, aparecendo aí identificado como “Martinus Nogueyra” (cf. *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp.383-384), situação que se volta a verificar numa súplica do duque de Bragança de 10 de Maio de 1458 em que este prior volta a ser referenciado como “Martini Nogueyra” (cf. *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI (1456-1470), 1972, pp.74-75).

<sup>2661</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.183; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.730.

<sup>2662</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.183; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.730.

<sup>2663</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.184; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.730.

<sup>2664</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.184; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.730.

<sup>2665</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.184; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.731.

<sup>2666</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp.383-384; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.731.

#### **1.1.14. - São Salvador de Valdreu (c. Vila Verde)**

**Nuno Fernandes** – Prior do mosteiro de Valdreu. “Nunus Fernandi” já surge identificado como prior de Valdreu em 1258<sup>2667</sup>. Desconhecemos até quando governou o mosteiro e, mesmo admitindo que dificilmente o seu priorado se prolongaria até ao início do século XIV, essa é, no entanto, uma hipótese que não podemos excluir. É que, segundo o *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro, “Nuno Fernandez, que foi prior de Baldreu” era filho de Fernão Origues e Marinha Viegas e pai de Rui Nunes, privado de D. Dinis e ouvidor da justiça<sup>2668</sup>, que se diz ainda viver em tempo do rei D. Pedro<sup>2669</sup>, dado este que, a ser verídico, nos leva a admitir que a longevidade de Nuno Fernandes tenha ainda conhecido a aurora da centúria de trezentos.

?? - Existe notícia de um prior do mosteiro de Valdreu que participou no sínodo diocesano de Braga, presidido pelo arcebispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca, realizado a 15 de Novembro de 1398<sup>2670</sup> mas, infelizmente, não é aí identificado.

**Lourenço Anes** – Prior do mosteiro de Valdreu. Foi-lhe legitimado um filho, de nome Ascêncio Lourenço, por carta de 9 de Setembro de 1451, fruto de uma relação do religioso com Maria Afonso<sup>2671</sup>. Manteve-se no priorado até 1466, tendo falecido, muito provavelmente, em finais de Julho ou início de Agosto desse ano, uma vez que, a 27 de Agosto de 1466, foi aí confirmado novo prior, vagando o mosteiro por falecimento de Lourenço Anes<sup>2672</sup>.

**Gonçalo Anes** – Prior do mosteiro de Valdreu. Cónego professo da Ordem de Santo Agostinho, foi confirmado no priorado de S. Salvador de Valdreu a 27 de Agosto de 1466<sup>2673</sup>. A 14 de Junho de 1467 “Gonçalo Anes prior do mosteiro de Baldreu” encontrava-se em Braga no paço episcopal onde testemunhou a adenda e autenticação do testamento de D. Fernando da Guerra<sup>2674</sup>. A 26 de Março de 1468 o prior de Valdreu

---

<sup>2667</sup> *Portugaliae Monumenta Historica – Inquisitiones*, Vol, I, Fasc. III, Lisboa, Academia das Ciências, 1891, p.431.

<sup>2668</sup> *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, *Portugaliae Monumenta Historica - Nova Série*, vol.II/1, ed. crítica por José Mattoso, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1980, p.421; *Livros Velhos de Linhagens (Livro do Deão)*, *Portugaliae Monumenta Historica - Nova Série*, vol.I, ed. crítica por Joseph Piel e José Mattoso, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1980, p.144. Este Rui Nunes poderá ser, eventualmente, o mesmo que aparece a testemunhar um documento régio em Janeiro de 1312 (cf. *Livro das Leis e Posturas*, Prefácio de Nuno Espinosa Gomes da Silva, leitura paleográfica e transcrição de Maria Teresa Campos Rodrigues, Lisboa, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1971, p.190; Homem, Armando Luís de Carvalho, “Dionisius et Alfonsus, Dei Gratia Reges et communis Utilitatis Gratias Legiferi” in *Revista da Faculdade de Letras – História*, II Série, Vol. XI, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, pp. 57-58).

<sup>2669</sup> *Armorial Lusitano*, direcção e coordenação de Afonso Eduardo Martins Zuquete com colaboração de António Machado Faria, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961, p.25.

<sup>2670</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>2671</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 11, fl.142vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1014. O pedido de legitimação foi requerido pelo prior através do envio de instrumento próprio feito e assinado por Vicente Martins, tabelião de Braga.

<sup>2672</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.248vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.795.

<sup>2673</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.248vº; Marques, José, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.795.

<sup>2674</sup> Marques, José, “O testamento de D. Fernando da Guerra”, in *Bracara Augusta*, Vol. XXXIII (Fascículos 75-76 (87-88) de Janeiro-Dezembro de 1979), Braga, 1979, p.195.

pronunciou-se favoravelmente em relação ao mosteiro de Pombeiro, numa contenda que esta instituição mantinha com Vasco Leite, por causa do padroado da Igreja de São Tomé de Feriande e da sua anexa de Santo André<sup>2675</sup>, e, apesar da sua identidade não ser aí revelada, deverá tratar-se de Gonçalo Anes.

**D. Francisco da Fonseca Coutinho** – Prior comendatário do mosteiro de Valdreu. Filho de Diogo da Fonseca Coutinho e D. Brites Godins<sup>2676</sup>. Além de comendatário de Valdreu, teve também as comendas dos mosteiros de Bouro e Maceira Dão, e foi mestre-escola da Sé de Lisboa, arcediogo de Fonte Arcada, e bispo de Trípoli<sup>2677</sup>. D. Francisco Coutinho foi também bispo coadjutor de Braga entre 1498 e 1516<sup>2678</sup>. Não sabemos quando foi provido na comenda mas é presumível que tal tenha acontecido na última década do séc. XV ou na primeira do XVI.

**D. João da Guarda e D. Carlos da Guarda** – Priores comendatários do mosteiro de Valdreu. Em 1525 D. João da Guarda, clérigo da diocese da Guarda e protonotário apostólico, era comendatário de Valdreu, comenda que lhe foi dada a si, e ao seu filho, Carlos da Guarda<sup>2679</sup>. Por carta, datada de 4 de Setembro de 1549, Baltasar de Faria dava conta a el-rei do falecimento de D. João da Guarda<sup>2680</sup>.

#### **1.1.15. - São Silvestre de Requião (c. Vila Nova de Famalicão)**

**Martim Martins/Martinho Martins** – Prior do mosteiro de Requião. “Martinus Martini” era prior do mosteiro de S. Silvestre de Requião, a 20 de Fevereiro de 1316, dia em que este prior e o convento do mosteiro propuseram para reitor da igreja de Santa Marinha de Ferreiró, Julião Martins, cónego de Requião<sup>2681</sup>.

**Julião Nunes** – Prior do mosteiro de Requião. Temos notícia da sua presença, a 7 de Outubro de 1329, no sínodo diocesano de Braga, presidido pelo arcebispo D. Gonçalo Pereira<sup>2682</sup>.

**D. Aparício Peres** – Prior do mosteiro de Requião e provável prior de S. Simão da Junqueira. A primeira referência a “Pariço Perez Prior do Moesteiro de Requam” data de 15 de Setembro de 1334, dia em que Vicente Esteves, sacador das dívidas por el-rei nos mosteiros e igrejas, reconhece que recebeu de Aparício Peres, prior do mosteiro de

---

<sup>2675</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.93.

<sup>2676</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 10, 1938, p.33.

<sup>2677</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 10, 1938, p.33; Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo III-Vol. 2, 1945, p.155 (nota A).

<sup>2678</sup> Vaz, António Luís, *O cabido de Braga: 1071 a 1971 – factos notáveis do país ligados à sua história*, Braga, 1971, p.155.

<sup>2679</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XII, Lisboa, 1995, pp. 523-524; Gomes, Saul António, “Os cónegos regantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>2680</sup> *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo VI, 1884, p.334.

<sup>2681</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 75-75vº.

<sup>2682</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.45. D. Rodrigo da Cunha na sua *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, Reprodução Fac-similada com nota de apresentação de José Marques, Braga, 1999, vol. 2, p.182, identifica-o como João Nunes, nome que é também reproduzido por Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.465.

Requião, 19 libras referentes à dízima do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>2683</sup>. A 7 de Dezembro de 1336, o arcebispo D. Gonçalo absolveu de excomunhão “Domnum Aparitium Petri Priorem Monasterii Sancti Simeonis de Requam”, em processo em que havia sido julgado contumaz<sup>2684</sup>. “Apariço Perez Priol do Moesteiro de Requam” data de 17 de Janeiro de 1338, dia em que o prior é nomeado testamenteiro de Pedro Trochem, por instrumento lavrado nas casas do testador, em Água Levada, freguesia de Santa Eulália de Fradelos, por Vicente Domingues, tabelião da infanta D. Branca em Vermoim<sup>2685</sup>. O curioso deste documento é que nos revela que Aparício Peres era filho de Pedro Trochem e de Margarida Afonso, também nomeada testamenteira<sup>2686</sup>. O pai deverá ter falecido em finais de Janeiro ou início de Fevereiro, uma vez que a 3 de Fevereiro de 1338 já tinha ocorrido o seu óbito, dia em que o prior chegou a acordo com as suas irmãs Sancha Peres, Senhorinha Peres, Maria Peres e seu marido Domingos Ascêncio, e ainda o seu irmão João Peres, sobre a forma como deveriam ser guardados os bens móveis de Pedro Trochem até que fossem feitas as partilhas com a sua mãe, Margarida Afonso, acordando entre si que as chaves das casas ficariam à guarda desta última<sup>2687</sup>. Estamos certamente na presença do mesmo D. Aparicio Peres que surge por esta altura à frente do priorado de S. Simão da Junqueira. Concorrem para esta dedução dois pressupostos incontornáveis. Desde logo, a circunstância de este documento se encontrar no cartório do mosteiro da Junqueira, parecendo-nos ainda mais relevante o facto de, entre as testemunhas deste último instrumento, constarem dois cónegos desse mosteiro agostinho. Não sabemos se exerceu cumulativamente os dois priorados.

**D. Rodrigo Esteves** – Prior do mosteiro de Requião e futuro prior de Muia e Oliveira. A 18 de Agosto de 1421 D. Rodrigo Esteves já era prior do mosteiro de Requião, dia em que deu execução à sentença pontifical, de 27 de Fevereiro de 1421, que permitia a redução dos canonicatos da Sé de Braga de 44 para 30<sup>2688</sup>. É muito provável que tenha abandonado o mosteiro de Requião uma vez que vai surgir um outro prior à frente do mosteiro. Desconhecemos os motivos da sua saída, bem como o seu percurso até 1430, altura em que foi eleito prior do mosteiro de Vila Nova de Muia, eleição confirmada pelo arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, a 26 de Julho de 1430<sup>2689</sup>. Cerca de cinco anos depois voltaria a mudar de priorado, sendo transferido, em 1435, para o mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>2690</sup>.

**Gonçalo Vasques** – Prior do mosteiro de Requião e futuro prior de Oliveira. Sucede a D. Rodrigo Esteves à frente do mosteiro, sendo, tal como o seu antecessor, nomeado pelo papa para sentenciar assuntos relacionados com a Sé de Braga, dando provimento à anexação das igrejas de S. Miguel de Marinhãs e Argivai ao Cabido bracarense<sup>2691</sup>. Gonçalo Vasques ocupou a cadeira prioral de Requião durante muito pouco tempo, uma

<sup>2683</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.92vº.

<sup>2684</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.114-114vº.

<sup>2685</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 97vº.

<sup>2686</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 97vº.

<sup>2687</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 98-98vº.

<sup>2688</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp. 254-255; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

<sup>2689</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.48; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.723,742.

<sup>2690</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.723,742.

<sup>2691</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.723.

vez que, a 9 de Abril de 1425, “Gomçalo Vaaz” já aparece identificado como prior do mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>2692</sup>, surgindo, entretanto, um hiato temporal de oito anos em que não temos notícias deste religioso, só aparecendo novamente documentado, já como prior de Oliveira, a 2 de Abril de 1433, dia em que passa procuração a um cônego desse mosteiro para efectuar dois empraçamentos, que são concretizados no dia seguinte<sup>2693</sup>.

#### **Priores cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**D. Martim Peres** - Prior de Requião. Um obituário do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia regista o falecimento de D. Martim Peres, prior de Requião e cônego de Landim, a 17 de Novembro, mas sem indicação do respectivo ano<sup>2694</sup>.

#### **1.1.16. - São Simão da Junqueira (c. Vila do Conde)**

**D. Domingos Gomes** – Prior de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires regista a presença de Domingos Gomes como prior-mor do mosteiro da Junqueira entre 1294 e 1314<sup>2695</sup>. De facto, tudo indica que o seu priorado se tenha iniciado em 1294<sup>2696</sup>, embora exista um documento de Maio de 1295 que identifica ainda Gonçalo Domingues como prior de S. Simão da Junqueira<sup>2697</sup>. Estamos perante mais um caso de ascensão hierárquica de um religioso da instituição, uma vez que tudo leva a crer que este D. Domingos Gomes é o cônego que surge entre as testemunhas de um instrumento de 28 de Novembro de 1286<sup>2698</sup>. A 25 de Outubro de 1294, Maria Peres e os seus 4 filhos escambam com “Domingos Gomez priol do moesteiro de Sam Simhom” uma casa que tinham em Vila do Conde, cedendo o prior uma casa que tinha em Miragaia<sup>2699</sup>. Por instrumentos de 25 de Julho de 1297<sup>2700</sup>, 6 de Março de 1298<sup>2701</sup>, Maio de 1299<sup>2702</sup>, 5 de Fevereiro de 1301<sup>2703</sup>, 15 de Abril de 1302<sup>2704</sup>, 5 de Novembro de 1302<sup>2705</sup>, 10 de Agosto de 1305<sup>2706</sup> e 6 de Maio de 1306<sup>2707</sup>, Domingos Gomes aparece identificado como prior de S. Simão da Junqueira. A 3 de Janeiro de 1308 “Domno Dominico Gometii Priori Monasterii Sancti Symeonis” e o convento do mosteiro recebem do cavaleiro João Esteves Botelho todo o direito de padroado que este aí detinha<sup>2708</sup>. Instrumentos de 1 de Julho de 1308<sup>2709</sup>, 8 de Julho de 1309<sup>2710</sup>, 2 de Maio de 1310<sup>2711</sup>, 5

<sup>2692</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.6.

<sup>2693</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Docs.14,15.

<sup>2694</sup> BNL – Secção de Reservados, N° 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s. p.).

<sup>2695</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.151.

<sup>2696</sup> Lira, Sérgio, “O mosteiro de S. Simão da Junqueira de Vila do Conde”, in *Actas do 2º Encontro de História de Vila do Conde* (Vila do Conde: 1050 anos de História – A memória dos séculos monásticos), Câmara Municipal de Vila do Conde, 2004, p.167.

<sup>2697</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 68vº-69.

<sup>2698</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 69-69vº

<sup>2699</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 80vº-81.

<sup>2700</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 51-51vº.

<sup>2701</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 78-78vº.

<sup>2702</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.52vº-53.

<sup>2703</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 52-52vº, 53-53vº.

<sup>2704</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 56vº-57.

<sup>2705</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 54vº-55.

<sup>2706</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 80-80vº.

<sup>2707</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 65.

<sup>2708</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 36-37.

<sup>2709</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 58-58vº.

de Maio de 1310<sup>2712</sup>, 15 de Novembro de 1310<sup>2713</sup>, 19 de Dezembro de 1310<sup>2714</sup>, Dia de Ramos de 1312<sup>2715</sup> e 21 de Dezembro de 1312<sup>2716</sup>, confirmam-no no cargo. A 3 de Maio de 1313 deslocou-se a Braga para, na diocese efectuar emprazamentos de casais do mosteiro, encontrando-se devidamente munido de procuração do convento, feita no dia anterior, para proceder a tais negócios<sup>2717</sup>.

**D. João Esteves** – Prior de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires detecta a presença de João Esteves entre 1314 e 1319<sup>2718</sup>. Documentalmente o seu priorado é comprovável neste período, ou pelo menos em parte dele, uma vez que, a de 21 de Maio de 1316, já aparece identificado “Johannes Stephani Prior dicti Monasterii Sancti Simonis”<sup>2719</sup>. Um instrumento datado de 3 de Novembro de 1316 menciona, novamente, “Joham Esteves” como prior do mosteiro, dia em que surge o cónego Estêvão Domingues, na qualidade de procurador do prior e do convento, a efectuar um emprazamento em três vidas<sup>2720</sup>. A 2 de Maio de 1317 o prior João Esteves encontrava-se em Braga, onde perante o tabelião Domingos Paulo, foi feito um instrumento em que João Peres do Casal de Pedro confessava que tinha alheado uma leira de um meio casal que trazia do mosteiro, para o cavaleiro Mem Gonçalves, filho de Gonçalo Martins Camelo, aí fazer casa<sup>2721</sup>. “Domni Johannis Stephani” surge novamente referenciado como prior do mosteiro da Junqueira em instrumento de 26 de Setembro de 1317<sup>2722</sup>. “Johanne Steveez priol do moesteiro de Sam Simom de Riba da Est do Arcebispado de Bragaa”, em 7 de Outubro de 1317, aparece perante o juiz do julgado do Vouga, empossando uma carta régia que ordenava às justiças desse julgado que defendessem os casais e herdamentos que o mosteiro possuía no julgado de Vouga, sobretudo em Figueira<sup>2723</sup>. A 28 de Abril de 1319, D. João ainda se mantinha no priorado de S. Simão da Junqueira<sup>2724</sup>.

**D. Domingos Pires / D. Domingos de Covas** – Prior de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires regista a presença de Domingos Pires à frente da instituição entre 1319 e 1325<sup>2725</sup>. A 6 de Setembro de 1321 “Domingos Perez Priol do Moesteiro de Sam Simhom” empraça, juntamente com o convento, a Martim Miguéis do Cerqueiral e a seu irmão, João Miguéis, o lugar da Lágua, com a obrigação de aí fazerem um moinho<sup>2726</sup>. Efectivamente, já era prior a 27 de Outubro de 1321, dia em que o arcebispo de Braga, D. João, autorizou “Domingos Perez prior do Moesteiro de Sam Simhom da Ordim de Sant’Agostinho” a penhorar bens do mosteiro até um valor de 100 morabitanos para fazer face às despesas correntes do mosteiro, assegurar mantimentos e

---

<sup>2710</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 59.

<sup>2711</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 59vº-60.

<sup>2712</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 60-61vº.

<sup>2713</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 64vº-67.

<sup>2714</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 67vº-68.

<sup>2715</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 70-70vº.

<sup>2716</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 70vº-71.

<sup>2717</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 71vº-72vº.

<sup>2718</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.151.

<sup>2719</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.120.

<sup>2720</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, fl. 44vº-45vº.

<sup>2721</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 71-71vº.

<sup>2722</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 73-73vº.

<sup>2723</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.78vº-79vº.

<sup>2724</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.85-86.

<sup>2725</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.151.

<sup>2726</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.89vº-90.

vestes para o prior e monges, e pagar as dívidas referentes às obrigações que tinham para com o arcebispo de Braga, incluindo a colheita<sup>2727</sup>. A 5 de Setembro de 1322, o prior Domingos Peres, em representação do convento, apresentou-se em Rates fazendo aí, perante o tabelião João Peres, uma composição com Gonçalo Rodrigues de Negreiros, a quem o mosteiro acusava de roubar capões, galinhas, patos e cevada dos casais de Cadilhe<sup>2728</sup>. Em 1323, ainda continuava à frente do priorado, como se infere de uma carta de D. Dinis, datada de 6 de Abril de 1323, e endereçada a Mem Rodrigues de Vasconcelos, meirinho-mor de Entre Douro e Minho, dando conta de que “Domingos de Covas priol de Sam Simhom de Riba de Est” se queixou que “o seu Moesteiro he tam pobre e tam pequeno e de pequenas rendas e a tantos naturaes e tam grandes que os nom pode sofrer e que desperece no temporal e no esperitual”, ordenando-lhe que faça inquirição sobre a real situação do mosteiro<sup>2729</sup>. A 25 de Julho de 1324 o prior D. Domingos encontrava-se em Rates, onde recebeu de Lucas Martins e de sua mulher, Maria Domingues, e de Pascoal Martins e sua mulher, Clara Domingues, a quintã do Ribeiro, em reconhecimento do emprazamento que o mosteiro lhes fez do casal onde moravam<sup>2730</sup>. Apesar de neste documento régio o prior surgir identificado como Domingos de Covas, tudo indica estarmos na presença de Domingos Pires ou Peres, sendo Covas o referencial toponímico da origem do prior. Em instrumentos de 22 de Maio de 1324<sup>2731</sup>, Domingos Peres continua a ser identificado como prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Aparentemente, face aos elementos que conhecemos, tudo indica que este prior terá abdicado do cargo pois, a 8 de Agosto de 1328, surge mencionado como cônego entre as testemunhas de dois instrumentos, um lavrado na quintã de Casal de Pedro, no couto do mosteiro<sup>2732</sup>, e o outro no próprio mosteiro<sup>2733</sup>.

**D. Aparicio Peres** – Prior de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires identifica o seu priorado entre 1326 e 1330<sup>2734</sup>. A documentação permite-nos, no entanto, antecipar a cronologia proposta pelo cronista agostinho, uma vez que a primeira referência que encontramos a “Pariço Pirez priol” de S. Simão da Junqueira data de 15 de Janeiro de 1324<sup>2735</sup>. Uma composição feita a 7 de Abril de 1324 entre “Apariço Perez Priol do Moesteiro de Sam Simhom dantre Ave e Este” e o cavaleiro Martim Vasques da Cunha, por causa do lugar de Vilar do Mato, situado no couto do mosteiro, confirma a sua presença à frente da instituição por esta altura<sup>2736</sup>. De referir um documento, de 19 de Janeiro de 1326, em que “Pariço Perez Prior do Moesteiro de Sam Simhom dantre Ave e Este” estabelece um compromisso com o convento do mosteiro, acordando-se que à morte de cada prior ou frade da instituição se conserve a ração e os réditos da vestimenta durante um ano e um dia, para fazer serviço pela alma do finado<sup>2737</sup>. Em 8 de Julho de 1327, Estêvão Anes de Outiz reconheceu e confessou que trazia um quinhão de um casal, na freguesia de Santiago de Outiz, que pertencia ao mosteiro da Junqueira e trazia-o de mão “da Pariço Perez Priol do dito Moesteiro”<sup>2738</sup>. A 5 de Agosto de 1327

<sup>2727</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.86-86vº.

<sup>2728</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 85vº-86.

<sup>2729</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.88.

<sup>2730</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, 1743, fl. 46vº.

<sup>2731</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.92-92vº.

<sup>2732</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.93.

<sup>2733</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 55vº-56.

<sup>2734</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2735</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 82-83.

<sup>2736</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 83-83vº.

<sup>2737</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 47-47vº.

<sup>2738</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.89vº-90.

este prior, juntamente com o convento escamba propriedades com o cavaleiro Mem Gonçalves Camelo e sua mulher, Inês Rodrigues<sup>2739</sup>. A 21 de Agosto de 1327 D. Aparício encontrava-se em Veiriz, onde assistiu à feitura do testamento do cavaleiro Fernão da Veiga, onde fica expressa a vontade deste ser enterrado no mosteiro de S. Simão, além de reconhecer e confessar que trazia, usurpada do mosteiro, uma arroteia em Sisto, termo de Pigeiros, da qual abria mão e entregava ao prior do mosteiro, que aí mesmo o perdoou<sup>2740</sup>. A 1 de Janeiro de 1328 continua a ser referenciado como prior da instituição<sup>2741</sup> e, em 11 de Junho de 1328, encontrava-se na igreja de Santa Marinha de Ferreiró, onde solicita um instrumento referente à confissão e reconhecimento feito por João Anes, capelão dessa igreja, que confessa e reconhece que Lourenço Peres, morador nessa freguesia, tinha mandado dar pela sua alma 4 soldos anuais da sua vinha da Praçaria da Regueira ao mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>2742</sup>. De 8 de Agosto de 1328 conhecemos dois instrumentos em que D. Aparício é interveniente: um referente ao emprazamento do casal de Cadilhe, na freguesia de Santiago de Amorim<sup>2743</sup>, e um outro em que recebe, para o mosteiro, todos os bens que João Peres de Casal de Pedro e Luzia Fagundes, sua mulher, tinham no couto do mosteiro<sup>2744</sup>. A 5 de Abril de 1329 o prior encontrava-se em Chantada, em casa de Rodrigo Anes, que aí efectuou o seu testamento, pedindo ao prior que ajudasse a cumprir as disposições testamentárias, entre as quais se encontrava a vontade de ser enterrado no mosteiro de S. Simão da Junqueira, reconhecendo também que devia ao mosteiro 30 libras, dinheiro referente a um rocim que tinha comprado a Domingos Gomes<sup>2745</sup>, muito provavelmente o antigo prior do mosteiro. A 11 de Julho de 1329 “e porque os outros Priores e Convento nom tinham apartado condotaria” de pão, carne, pescado, alhos, manteiga e azeite, D. Aparício Peres e o convento estabelecem a divisão entre as mesas prioral e conventual<sup>2746</sup>. Continua a ser referenciado como prior do mosteiro em instrumentos de 17 de Abril de 1330<sup>2747</sup> e 10 de Junho de 1330<sup>2748</sup>. A 26 de Julho de 1330 “Pariço Peres Priol do dito Moesteiro” recebeu em Casal Gontinho, couto de S. Simão da Junqueira, todos os bens que Pedro Afonso e Marinha Anes, sua mulher, moradores nesse casal, tinham no couto da Junqueira<sup>2749</sup>. A 23 de Setembro de 1330, “Dom Apariço Perez Priol do moesteiro de Sam Simhom” surge entre as testemunhas do instrumento de partilhas dos bens de Casal de Pedro, que tinham sido de Domingos Peres, correndo litígio entre Maria Peres e os seus herdeiros contra o mosteiro<sup>2750</sup>. A 15 de Dezembro de 1330<sup>2751</sup>, 22 de Dezembro de 1330<sup>2752</sup>, 31 de Dezembro de 1330<sup>2753</sup> continua a ser identificado como prior do mosteiro. A 5 de Janeiro de 1331, Aparício Peres, prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira, compareceu perante o juiz de Faria, Martim Anes, estabelecendo-se uma

<sup>2739</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.93vº-96.

<sup>2740</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 90vº-91.

<sup>2741</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.95vº-96.

<sup>2742</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.92-92vº.

<sup>2743</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.98-98vº.

<sup>2744</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 55vº-56.

<sup>2745</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 59vº-60vº.

<sup>2746</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.93vº-94.

<sup>2747</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.94vº-95.

<sup>2748</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.99vº-100vº.

<sup>2749</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 56vº-59. Aldonça Rodrigues é aí representada pelo seu marido e procurador, o escudeiro Lourenço Anes (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 62vº-63).

<sup>2750</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 64vº-66vº.

<sup>2751</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.101vº-102.

<sup>2752</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.102-102vº.

<sup>2753</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.100vº-101vº.



composição entre o prior e várias pessoas a propósito da demanda que traziam por causa da casa de Sobre a Fonte e da leira de Novais<sup>2754</sup>. A 21 de Fevereiro de 1332<sup>2755</sup>, 10 de Abril de 1332<sup>2756</sup>, e a 10 de Junho de 1332<sup>2757</sup> continua a ser identificado como prior do mosteiro, o mesmo sucedendo a 24 de Julho de 1332, surgindo entre as testemunhas de uma carta de venda, feita em S. Martinho do Outeiro<sup>2758</sup>. Um instrumento datado de 1 de Setembro de 1332 revela que “o Religiozo Barom Dom Apariço Perez Priol do moesteiro de Sam Simhom dantre Ave e Este”, em seu nome e no do convento, de quem era procurador, andava em contenda com o cavaleiro Fernão da Veiga, e seus familiares directos, por causa do casal do Barro, sito em Veiriz<sup>2759</sup>. A 15 de Novembro de 1332 é dada sentença favorável ao mosteiro nessa contenda, com o prior Aparício Peres a ser empossado, nesse mesmo dia, no casal em causa<sup>2760</sup>. A 19 de Dezembro de 1332 “Apparitium Petri Priorem Monasterii Sancti Simeonis de Ripa Alista” andava em contenda com Estêvão Domingues, cónego do mosteiro e abade de Santo André de Parada por causa de moinhos e pesqueiras de Águas Juntas, no Rio Ave<sup>2761</sup>. De resto, os desentendimentos do prior com este religioso já tinham conhecido um capítulo anterior, em Abril de 1332<sup>2762</sup>. A 11 de Janeiro de 1333 “Dom Apariço Perez priol do moesteiro de Sam Simhom” surge entre as testemunhas de um instrumento de compra<sup>2763</sup>. A 16 de Março de 1333 recebe, por renúncia de João Vilar e sua mulher, Maria Martins, o emprazamento que estes traziam do mosteiro junto da igreja de Santa Maria de Bagunte<sup>2764</sup>. A 27 de Junho de 1333 ainda se mantinha como prior do mosteiro, encontrando-se em Bagunte onde, no Adro da igreja, foi lavrado um instrumento pelo qual Bartolomeu Peres e sua mulher, Maria Domingues, fizeram doação, ao mosteiro da Junqueira, de todos os herdamentos que tinham em Vilar de Anta, freguesia de Santa Maria de Bagunte<sup>2765</sup>. Na qualidade de superior hierárquico da comunidade de S. Simão da Junqueira, só voltámos a ter notícias de D. Aparício Peres na década de 40, pelo que será necessário questionarmos se estaremos perante o mesmo indivíduo, ou se será um homónimo. Neste caso concreto, parece-nos não existir muitas dúvidas de que se trata do mesmo prior. Por um lado, temos a circunstância do seu nome não ser propriamente comum e, por outro, a sua curta permanência à frente do priorado. A ausência do seu nome na documentação parece justificar-se pelo facto de, este prior, ter assumido o priorado do vizinho mosteiro de São Silvestre de Requião, retornando a S. Simão da Junqueira em finais da década de 30, ou mesmo no início de 40, hiato temporal em que deverá ter sido substituído por Martim de Cerzedelo. O certo é que, a 1 de Abril de 1340, “Apariço Perez Priol do Moesteiro de Sam Simhom” e o convento do mosteiro emprazam a Domingos Durães e a sua mulher, Esteva Martins, o meio casal que o mosteiro tinha em Vilar do Sovereiro e no qual eles já moravam<sup>2766</sup>. A 6 de Dezembro de 1341 “Apariço Pires Priol do Mosteiro de Sam Simhom” encontrava-se, juntamente

<sup>2754</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 87vº-88vº.

<sup>2755</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 86-87.

<sup>2756</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.104-104vº.

<sup>2757</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.103-103vº.

<sup>2758</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 89vº-90. Neste documento, e certamente por falha ao fazer-se o traslado do original, aparece identificado como Aparício Esteves.

<sup>2759</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.104vº-105vº.

<sup>2760</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.105vº-107vº.

<sup>2761</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.108-110vº.

<sup>2762</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.104-104vº.

<sup>2763</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.98vº-99.

<sup>2764</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 92vº-93.

<sup>2765</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.98-99vº.

<sup>2766</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.116vº-117vº.

com o cónego Martim Geraldês, em Rates, perante o juiz de Faria, Estêvão Peres, por causa da contenda que corria entre o mosteiro e Pedro Esteves do Casal, aí representado por Vasco Rodrigues, seu procurador, por causa da bouça da Pedra de Couto de Pousadoiro, em S. Martinho do Outeiro, acabando por chegar as partes a entendimento, no dia 14 de Dezembro de 1341<sup>2767</sup>. A 20 de Setembro de 1345 “Aparição Perez Priol do Mosteiro de Sam Simhom” e o convento do mosteiro emprazam a Afonso Anes, à sua primeira mulher legítima e a um filho de ambos um casal que o mosteiro tinha na freguesia de Santa Marinha de Ferreiró<sup>2768</sup>. A 3 de Maio de 1346 “Aparição Perez Priol do Mosteiro de Sam Simhom da Hordem de Sant’Agostinho do Arcebispado de Bragaa” e o convento do mosteiro emprazam a Estêvão Domingues, à sua mulher, Maria Geraldês, e a um filho a nomear pelo postumeiro, as quebradas que o mosteiro tinha no Vale de São Tomé, freguesia de São Tomé, julgado de Refoios<sup>2769</sup>. Instrumentos de 29 de Novembro de 1355<sup>2770</sup> e de 27 de Abril de 1356<sup>2771</sup> continuam a referenciar Aparício Peres como prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Em documento datado de 22 de Outubro de 1358, surge-nos novamente referenciado “Aparição Perez Priol do Mosteiro de Sam Simhom da Junqueira” que, nesse dia, e com autorização dos cónegos Domingos Domingues e Estêvão Anes, estabelece um acordo com Pedro Domingues e sua mulher, Maria Peres, sobre a quintã de “Cençom”, assegurando para o mosteiro, à morte destes últimos, a metade que eles aí detinham, uma vez que a outra metade já era do mosteiro<sup>2772</sup>. Um instrumento datado de 14 de Abril de 1361 ainda identifica “Aparição Perez Priol do Mosteiro de Sam Simhom”<sup>2773</sup>. Os últimos registos documentais, de que temos conhecimento, onde há intervenção directa do prior Aparício Peres, datam de 6 de Maio de 1365 e são referentes a dois emprazamentos, efectuados nesse mesmo dia, no mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>2774</sup>. Deverá ter falecido na primeira quinzena de Agosto de 1365, isto se tivermos em conta que, no dia 15 desse mês, foi eleito o novo prior do mosteiro, D. Domingos Domingues, em virtude do falecimento de “Domni Aparitii Petri ultimi et immediati Priores ejusdem”<sup>2775</sup>. Esta cronologia levanta-nos algumas dúvidas mas os cónegos integravam, de facto, o convento da Junqueira por esta altura. Será o mesmo prior que temos vindo a referenciar ou estaremos na presença de um novo prior? É, muito provavelmente, o prior que surge referenciado como “Patrício Paes” no testamento de Estêvão Ferreira, cavaleiro do Casal, datado de 1393, em que manda dizer uma missa pela alma deste religioso, bem como pela do prior Estêvão Anes, em virtude das boas obras que estes priores lhe tinham feito<sup>2776</sup>.

**Martim Cerzedelo** - Prior de S. Simão da Junqueira. A 19 de Abril de 1336 “Dom Martim Cerzedelo Priol do Mosteiro de Sam Simhom dante Ave e Este”, juntamente com o convento, constituem seu procurador o cónego Pedro Geraldês<sup>2777</sup>. A 22 de Março de 1337 “Martim Serzedelo Priol do Mosteiro de Sam Simhom” e o convento

<sup>2767</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 102-103.

<sup>2768</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.118vº-119.

<sup>2769</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.119vº-120.

<sup>2770</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125.

<sup>2771</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125vº.

<sup>2772</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 121vº-122vº.

<sup>2773</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.126-126vº.

<sup>2774</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.128vº-129vº; 129vº-131.

<sup>2775</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.131-132.

<sup>2776</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. I, 1946, p.202 (nota A).

<sup>2777</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.112vº-113.

do mosteiro emprazam a Pedro Anes e a sua mulher, Esteva Miguéis, e a um filho destes, a nomear à morte do postumeiro, o terço de dois casais que o mosteiro tem na freguesia de S. Mamede de Vila Chã, no julgado da Maia<sup>2778</sup>. A 15 de Fevereiro de 1339 “Martim Cerzedelo Priol do Moesteiro de Sam Simhom”, juntamente com o convento, instituem Domingos Domingues como procurador do mosteiro para que este procurasse e recebesse todas as dívidas de que o mosteiro era credor<sup>2779</sup>.

**D. Afonso** – Prior de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o como prior da Junqueira entre 1342 e 1348<sup>2780</sup>. É muito provável que tenha sido durante o seu priorado que o prior de Santa Cruz de Coimbra, D. Francisco Peres, dando seguimento às instruções do papa Bento XII (1335-1342), para levar a cabo visitaçãõ geral aos mosteiros da Ordem de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, se deslocou a S. Simão da Junqueira, onde se lavrou acta da visitaçãõ, a 20 de Fevereiro de 1342<sup>2781</sup>.

**D. Estêvão Anes** – Prior de S. Simão da Junqueira. A 27 de Julho de 1363 “Dom Steve Annes Priol” de S. Simão da Junqueira surge em Rates, perante Afonso Martins, juiz de Faria, a propósito de uma demanda com o escudeiro Rodrigo Garcia do Casal, por causa de geiras e direitos que o mosteiro tinha no casal em Corvos e no casal em S. Martinho do Outeiro<sup>2782</sup>. Tendo em consideraçãõ que tudo indica que nesta altura o prior ainda é Aparício Peres é muito provável que estejamos na presença do prior claustral da comunidade, admitindo-se também a possibilidade, e face face até à expectável idade avançada do titular, que Estêvão Anes gerisse a instituiçãõ por impedimento de D. Aparício. De qualquer modo devemos estar na presença do mesmo religioso que já se encontra entre a comunidade regrante na década de cinquenta<sup>2783</sup>, e muito provavelmente o mesmo Estêvão Anes que aparece documentado à frente do priorado da Junqueira no final desta mesma década de sessenta<sup>2784</sup>. Desconhecemos a forma como tudo se processou mas ao que tudo indica Estêvão Anes envolveu-se numa luta pelo priorado da Junqueira como se infere por uma carta de apelaçãõ para a Corte de Roma, enviada através de Estêvão Domingues, abade de Santiagãõs, a 12 de Julho de 1367, queixando-se “Steve Annes Priol do moesteiro de Sam Simhom da Junqueira” que o arcebispo de Braga o demandavam pela razãõ da vaga do mosteiro da Junqueira, tendo já sido penhorados bens e frutos do mosteiro<sup>2785</sup>. O curioso é que Estêvão Anes tinha sido um dos cónegos que a 15 de Agosto de 1365 participou na eleiçãõ de Domingos Domingues para prior do mosteiro<sup>2786</sup>. Terá sido o seu nome proposto e preterido?

**D. Domingos Domingues / D. Domingos Domingues Tenório** – Prior de S. Simão da Junqueira. Trata-se de um cónego da comunidade que atinge o priorado, e cuja presença entre os regrantes de S. Simão da Junqueira remonta à década de trinta. Frei Timóteo

---

<sup>2778</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.114vº-115.

<sup>2779</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 100vº-101.

<sup>2780</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2781</sup> Gomes, Saul António, “A relevância do monaquismo vilacondense na história das ordens religiosas em Portugal” in *Actas do 2º Encontro de História de Vila do Conde* (Vila do Conde: 1050 anos de História – A memória dos séculos monásticos), Câmara Municipal de Vila do Conde, 2004, pp. 117, 136-142.

<sup>2782</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.126vº-127.

<sup>2783</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125.

<sup>2784</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.136-136vº.

<sup>2785</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.136-136vº.

<sup>2786</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.131-132.

dos Mártires regista-o como prior do mosteiro em 1365<sup>2787</sup>. Efectivamente, a 15 de Agosto de 1365 o “venerabili et Religioso viro Domno Dominico Dominici Canonico Regulari et Professo et Presbytero dicti Monasterii” foi eleito pela comunidade conventual para prior principal do mosteiro de S. Simão da Junqueira, entretanto vago pelo falecimento do prior Aparício Peres<sup>2788</sup>. A 4 de Abril de 1367, o prior D. Domingos Domingues e o convento escambaram com Geraldo Domingues e sua mulher, Domingas Domingues, moradores em Vilar de Soveiro, herdades que tinham nessa localidade, recebendo em troca todas as herdades que Geraldo Domingues e sua mulher tinham em Casal de Pedro e seu termo<sup>2789</sup>. A 13 de Junho de 1368, este prior, juntamente com o convento do mosteiro, escamba propriedades com Martim Lucas e sua mulher, Clara Peres, moradores em Friande, couto do mosteiro<sup>2790</sup>.

**D. Estêvão Anes** – Prior de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires regista a presença deste prior em 1377<sup>2791</sup>, ano que é, de facto, abarcado pela cronologia do seu priorado, cujo início se poderá estabelecer para o final da década de sessenta. Como já vimos D. Estêvão Anes intitula-se, a 12 de Julho de 1367, prior da Junqueira, altura em que decorria contenda com a arquidiocese de Braga sobre a posse do mosteiro, tendo o prior apelado para a Corte de Roma<sup>2792</sup>. A 30 de Agosto de 1371 o juiz de Faria, Vicente Peres, dá sentença favorável ao prior Estêvão Anes e ao mosteiro da Junqueira numa contenda que opunha o cenóbio ao escudeiro Lourenço Pais por causa do foro de quatro patos referente a casais que o mosteiro tinha em Cadilhe, freguesia de S. Tiago de Amorim, termo do julgado de Faria<sup>2793</sup>. A 10 de Julho de 1374 “Steve Annes Priol do moesteiro de São Simhom da Junqueira” compareceu perante Álvaro Gonçalves, juiz do julgado de Faria, solicitando o traslado de uma carta de 8 de Julho de 1374, dada no Porto, por Lopo Gomes, Meirinho de Entre Douro e Minho, que, por ser de papel, era, como se diz no documento, fútil e podia romper-se e perder-se<sup>2794</sup>. Essa carta inseria um traslado de uma outra, datada de 1 de Julho de 1371, dada por Vasco Martins, ouvidor de Domingos Peres, Corregedor Entre Douro e Minho, referente aos privilégios que os moradores do couto de S. Simão da Junqueira tinham no que respeitava ao acompanhamento e transporte dos presos que iam de Rates para a cidade do Porto pela estrada pública, os quais, os moradores de Rates entregavam aos moradores da Ponte de Arcos<sup>2795</sup>. A 2 de Fevereiro de 1375, na sequência de petição apresentada pelo prior Estêvão Anes e pelo convento de S. Simão da Junqueira contra o mordomo Domingos Bom, por este ter entrado no couto do mosteiro e ter feito penhoras a um caseiro de nome Simão, Gonçalo Vasques almoxarife por D. Gonçalo Teles, Conde de Neiva e Senhor de Faria, dá sentença favorável ao mosteiro<sup>2796</sup>. De 6 de Março de 1375 data uma procuração que o prior e o convento fizeram aos cónegos Estêvão Domingues e Martim Fernandes para que estes pudessem representar a instituição em diversas situações<sup>2797</sup>. A 19 de Maio de 1376 “Stevam Annes priol do moesteiro de Sam Simhom da Junqueira” escamba, juntamente com o convento, propriedades com Domingos

<sup>2787</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2788</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.131-132.

<sup>2789</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 124-124vº.

<sup>2790</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 120vº-121vº.

<sup>2791</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2792</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.136-136vº.

<sup>2793</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.138-138vº.

<sup>2794</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.104-105vº.

<sup>2795</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.104vº-105.

<sup>2796</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.108vº-109vº.

<sup>2797</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 126vº-127vº.

Domingues e sua mulher, Júlia Domingues, moradores no Castelo, freguesia de São Miguel de Arcos<sup>2798</sup>. Em 21 de Outubro de 1376 o prior Estêvão Anes desloca-se a Rates para pedir um novo traslado ao juiz de Faria, por esta altura Afonso Martins<sup>2799</sup>. Em instrumentos datados de 10 de Fevereiro de 1379<sup>2800</sup> e 23 de Agosto de 1379<sup>2801</sup> Estêvão Anes continua a ser identificado como prior do mosteiro. Em instrumento feito em S. Simão da Junqueira, a 19 de Agosto de 1381, surge aí novamente identificado o prior “Stevam Annes”<sup>2802</sup>. A 8 de Junho de 1382 “Stevam Dominguez coonigo do Moesteiro de Sam Simhom”, desloca-se a Rates, assumindo-se como procurador do prior Estêvão Anes, onde pede ao juiz de Faria o traslado de uma sentença<sup>2803</sup>. Trata-se da última indicação que lhe conhecemos pelo que deverá ter falecido entre esta data e Maio de 1383, uma vez que nesta altura o mosteiro já é governado por D. Estêvão Domingues<sup>2804</sup>. Estêvão Anes é lembrado no testamento de Estêvão Ferreira, cavaleiro do Casal, feito a 3 de Janeiro de 1393, que manda dizer uma missa pela sua alma pelas boas obras que este prior lhe tinha feito<sup>2805</sup>.

**D. Estêvão Domingues** – Prior de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires diz que Estêvão Domingues foi prior do mosteiro da Junqueira entre 1393 e 1404<sup>2806</sup>. D. Nicolau de Santa Maria também referencia D. Estêvão Domingues como prior de S. Simão pelos anos de 1393<sup>2807</sup>, informação ainda partilhada por Carvalho da Costa<sup>2808</sup>. É, no entanto, possível recuar o início do seu priorado à primeira metade da penúltima década do séc. XIV, uma vez que “Stevam Dominguez Priol do Moesteiro de Sam Simhom da Junqueira dantre Ave e Este do Arcebispado de Braga” encontrava-se, a 22 de Maio de 1383, na cidade do Porto, onde constituiu seus procuradores, com legitimidade para tratar também de assuntos relativos ao mosteiro, Mateus Martins, cônego de S. Simão da Junqueira e Rui Ferreira, seu sobrinho<sup>2809</sup>. Neste mesmo ano de 1383, mais concretamente a 18 de Outubro, é sentenciado o conflito entre o prior Estêvão Domingues e o mosteiro da Junqueira contra o mordomo Martim Domingues Felcato que penhorou uma galinha e pedida de um casal em Moldes<sup>2810</sup>. Em instrumento de 23 de Julho de 1385, Estêvão Domingues continua a ser referenciado como prior de S. Simão da Junqueira<sup>2811</sup>. A 15 de Setembro de 1386 aparece novamente “Stevam Domingez Priol do dito Moesteiro de Sam Simhom da Junqueira” a efectuar, em conjunto com o convento, um escambo com Beringela Fernandes, abadessa de Santa Clara de Vila do Conde, e respectivo convento, trocando o casal que tinham em Fromariz pela quintã de Chantada<sup>2812</sup>. A confirmar a sua presença à frente da instituição,

<sup>2798</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 124vº-125.

<sup>2799</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.106.

<sup>2800</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 128vº-130.

<sup>2801</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl.112vº-114vº.

<sup>2802</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.110-110vº.

<sup>2803</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.107vº-108.

<sup>2804</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 130vº-132.

<sup>2805</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. I, 1946, p.202 (nota A).

<sup>2806</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2807</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322.

<sup>2808</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.321.

<sup>2809</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 130vº-132.

<sup>2810</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 148-149.

<sup>2811</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.134.

<sup>2812</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 132-133. De resto, neste mesmo dia e na presença do tabelião de Faria, Gonçalo Anes, o prior da Junqueira é empossado na quintã de Chantada por Gonçalo Martins, procurador do mosteiro de Santa Clara, devidamente mandatado

existe ainda uma sentença régia desfavorável a “Stevam Domingez Priol do dito logo de Sam Simhom”, datada de 12 de Novembro de 1386, no seguimento da acusação feita por Álvaro Martins, morador em Lavadores, no julgado de Faria, que acusava o prior de se ter apoderado de casas, vinhas, pomares e herdades que trazia emprazadas do mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, e localizadas em Chantada, freguesia de Vila do Conde<sup>2813</sup>. Idêntica sentença é dada no dia seguinte, desta feita contra o prior do mosteiro e o abade de Bagunte, acusados por Senhorinha Anes de lhe terem retirado a herdade do Sobreiro, também na localidade de Chantada<sup>2814</sup>. A 15 de Dezembro de 1387, o prior Estêvão Domingues e o convento escambam bens com João Martins e sua mulher, Júlia Peres, moradores em Vila Verde, no julgado de Faria<sup>2815</sup>. A 7 de Março de 1390, “Dom Stevam Dominges Priol do Moesteiro de São Simom da Junqueira” comparece em Rates perante Afonso Lourenço, juiz do julgado de Faria, queixando-se que os moradores do concelho de Rates entregavam os presos que vinham de Barcelos aos caseiros do mosteiro logo na ponte de Arcos enquanto os referidos caseiros eram obrigados a levá-los ao Porto e a outros lugares<sup>2816</sup>. Perante estas queixas o juiz ordenou a Salvador, carcereiro no julgado de Faria, que se certificasse que os caseiros do prior fossem iguados aos restantes moradores do julgado no transporte dos presos<sup>2817</sup>. A 10 de Julho de 1394 o arcebispo de Braga, D. Lourenço, profere sentença favorável ao prior e mosteiro de S. Simão da Junqueira a propósito da contenda que estes tinham com o cavaleiro Pedro Afonso do Soveral, respeitante ao casal da Povoação, na freguesia de Santa Eulália de Fradelos, sendo o cavaleiro julgado à revelia, por não comparecer à audiência, ordenando-se, inclusivamente, que o prior e o mosteiro fossem investidos na posse do casal, o que se viria a efectivar<sup>2818</sup>. Na segunda metade da última década do século XIV, continua a ser identificado no cargo, surgindo “Stevam Domingez Priol do Mosteiro de Sam Simhom da Junqueira”, a 12 de Setembro de 1396, em Rates, perante Afonso Martins, juiz de Faria, a solicitar o traslado de uma sentença<sup>2819</sup>. A 2 de Outubro de 1398 encontra-se novamente em Rates, perante o então juiz da terra de Faria, Estêvão Anes, a solicitar o traslado de uma carta régia datada de 26 de Agosto de 1398, pela qual D. João I isentava 25 moradores do couto do mosteiro da Junqueira do pagamento de peitas, fintas, talhas, serviços e encargos lançados pelos concelhos<sup>2820</sup>. Do início do séc. XV conhecemos-lhes novas referências, as quais confirmam a sua presença no cargo, nomeadamente, através de instrumentos de 22 de Agosto de 1402<sup>2821</sup>, 10 de Maio de 1403<sup>2822</sup>, 15 de Agosto de 1403<sup>2823</sup>, 6 de Setembro de 1405<sup>2824</sup> e outro de 22 de Outubro deste mesmo ano, sendo, este último, a propósito de uma contenda que envolvia o mosteiro contra Martim da Feira e sua esposa, Maria

---

para esta transacção (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 133vº-134).

<sup>2813</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.112vº-113.

<sup>2814</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.113-113vº.

<sup>2815</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 136-137.

<sup>2816</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.121; Ferreira, Monsenhor José Augusto, *Origens do christianismo na Peninsula Hispanica – A villa de Rates, sua igreja e seu mosteiro*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1912, p.100.

<sup>2817</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.121.

<sup>2818</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 134-136.

<sup>2819</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.108.

<sup>2820</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.123vº-124vº.

<sup>2821</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.166-167.

<sup>2822</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.167-168.

<sup>2823</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.168-168vº.

<sup>2824</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.125vº-126vº.

Martins, acusados de se apoderarem de herdades do mosteiro<sup>2825</sup>. Existem ainda novas confirmações documentais para os anos subsequentes, mormente instrumentos de 25 de Agosto de 1406<sup>2826</sup> e 8 de Agosto de 1407<sup>2827</sup>, 10 de Maio de 1411<sup>2828</sup>. O seu governo parece ter-se prolongado até finais de 1417 ou início de 1418, uma vez que do último dia de Fevereiro de 1418 já há notícia da eleição do cônego Gonçalo Fernandes para o priorado vago “per obito Dom Stevam Dominguez da boa memoria que foi ultimo prior do dito moesteiro o qual foi dada sepultura acresiastica em lugar cunvinhavel na clasta do dito moesteiro”<sup>2829</sup>.

**D. Frei Gonçalo Fernandes** – Prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Trata-se de um cônego da instituição já identificado no mosteiro na década de oitenta do séc. XIV<sup>2830</sup> e, como já adiantado, é o sucessor de D. Estêvão Domingues no priorado da instituição<sup>2831</sup>. No último dia de Fevereiro de 1418 o convento de S. Simão da Junqueira elegeu “o mui religioso varom Gonçallo Fernandez conigo regrante e professo do dito moesteiro o qual religioso e profeso e discreto em ciencia de letras e vertudes de boa vida e de boos costumes e de boos feitos e tal que emtendemos asas proveitoso para o dito moesteiro e para o reger no spiritual e temporal”<sup>2832</sup>. A 6 de Setembro de 1420 “Gonçalo Fernandez Priol do Moesteiro de Sam Simom da Junqueira da Terra de Faria” compareceu perante Rodrigo Anes, juiz de Barcelos, junto ao alpendre da igreja, queixando-se que os moradores do couto do mosteiro eram constrangidos a pagar dois reais brancos cada um da talha lançada pelo concelho para obras, quando os moradores estavam isentos de tal prestação por carta régia<sup>2833</sup>. A 25 de Junho de 1423 o prior Gonçalo Fernandes encontrava-se em Vila de Conde, local onde foram lavrados dois instrumentos, um referente à compra de bens que o prior fez a Martim Farinha, marinheiro, e a sua mulher, Beatriz Geraldês, e outro respeitante à tomada de posse desses bens<sup>2834</sup>. A 15 de Setembro de 1427 “ho honrrado Religiosso Dom Gonçallo Fernandez Prior do dito Moesteiro”, juntamente com os cônegos Mateus Martins e Afonso Anes, estabeleceram a dotação de novas rendas para a mesa conventual, em consequência da diminuição das rendas do convento que se vinha a registar por força

---

<sup>2825</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.796.

<sup>2826</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 141-142.

<sup>2827</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 142-143vº.

<sup>2828</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.174vº-176vº.

<sup>2829</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.183-184. Curiosamente, há um instrumento datado de 2 de Setembro de 1422 onde surge “Dom Stevam Domingez” como prior do mosteiro da Junqueira, a propósito de uma contenda movida pelo prior e convento contra João Velho e Estêvão Domingues do Castelo, por estes não estarem a dar os 30 soldos de aniversário de Nuno Anes e sua mulher, respeitantes à quinta de Carcavelos (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.126vº-127vº), mas trata-se forçosamente de uma situação em que a data do traslado foi mal transcrita, podendo dar-se também o caso de o próprio original apresentar um registo incorrecto, uma vez que por essa altura o prior já é Gonçalo Fernandes.

<sup>2830</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 132vº-134.

<sup>2831</sup> Frei Timóteo dos Mártires apresenta uma outra seriação e uma cronologia algo diferente identificando D. Gonçalo Fernandes como prior em 1414 e colocando D. Domingos Pires como prior do mosteiro da Junqueira em 1415 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152), no entanto a documentação não oferece quaisquer pistas nesse sentido. É provável que o cronista tenha sido induzido em erro por um qualquer documento datado incorrectamente, ou tenha feito uma leitura incorrecta das fontes, é que de facto existe um prior Domingos Pires mas governou o mosteiro cerca de um século antes, de resto Frei Timóteo também o identifica. Seria admissível tratar-se do prior claustral mas, até ao momento, não detectamos qualquer religioso com este nome na instituição por esta altura.

<sup>2832</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.183-184.

<sup>2833</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.122vº-123vº.

<sup>2834</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 130-131vº.

das guerras e pestes que tinham afectado o reino, com reflexo no contínuo decrescer do número de foreiros<sup>2835</sup>. O prior acordou também com os cónegos que estes passariam a receber as rações a que tinham direito de acordo com a composição que tinha sido feita na altura do prior D. Estêvão Anes<sup>2836</sup>. O certo é que esta composição não foi cumprida, com as divergências a chegarem à diocese de Braga, opondo os cónegos ao “Religioso Dom Gonçalo Fernandez Priol do Mosteiro de Sam Simhom da Junqueira”, aí representado por Luís Afonso, escolar em Direito Canónico e procurador nas Audiências da Igreja de Braga, culminando com a sentença de João Fernandes, bacharel em Degredos, cónego e vigário geral pelo arcebispo D. Fernando, dada a 19 de Fevereiro de 1429, e favorável ao convento, condenando assim o prior e ameaçando-o, inclusivamente, de excomunhão<sup>2837</sup>. Na década de trinta “Gonçalo Fernandez priol do dito mosteiro de Sam Simom da Junqueira” continua a ser mencionado no cargo como confirma instrumento de 26 de Janeiro de 1435<sup>2838</sup>. A 10 de Novembro de 1441, foi proferida sentença favorável ao mosteiro da Junqueira, numa contenda que opunha a instituição a Estêvão Pires, filho do abade de Bagunte, que se apoderou indevidamente de uma pesqueira que o mosteiro tinha no rio Ave, sendo Gonçalo Fernandes prior de S. Simão da Junqueira<sup>2839</sup>. O seu priorado terminou em 1442, devendo ter falecido antes de 17 de Março desse ano, dia em que o arcebispo, D. Fernando da Guerra, instrui Gil Afonso Leitão para confirmar nesse cargo o abade de S. Cristóvão de Rates<sup>2840</sup>, o que acabou por não suceder<sup>2841</sup>.

**Fernando Afonso** – Prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Foi investido no cargo a 30 de Setembro de 1442, sendo proveniente do mosteiro agostinho de Vilela, do bispado do Porto<sup>2842</sup>. O seu priorado seria extremamente curto, renunciando nos primeiros meses de 1443<sup>2843</sup>.

**João do Casal** – Prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Frei Timóteo dos Mártires identifica João do Casal como prior da Junqueira, no entanto coloca a sua presença em 1409<sup>2844</sup>. Apesar do arcebispo, D. Fernando da Guerra, ordenar que confirmassem João do Casal no priorado de S. Simão da Junqueira, tal parece só ter ocorrido no segundo semestre de 1443, uma vez que, a 25 de Junho desse ano, ainda não tinha sido confirmado, situação provavelmente relacionada com o facto de João do Casal não ser professo, sendo que uma das condições exigidas pelo arcebispo é que tomasse o

---

<sup>2835</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.114-116.

<sup>2836</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.115-115vº.

<sup>2837</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.117vº-119.

<sup>2838</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.186-188.

<sup>2839</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.796. Frei Timóteo dos Mártires também referencia D. Frei Gonçalo Fernandes como prior de S. Simão da Junqueira, indicando-lhe o ano de 1414 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152), data que surge certamente por erro tipográfico por natural confusão com 1441.

<sup>2840</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.109vº.

<sup>2841</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.796-797.

<sup>2842</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.112; Marques, José, *A propósito dos recomendados de D. Luís da Guerra [1434]*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Tomo XXXI, Fasc. 71-72 (83-84), Janeiro-Dezembro de 1977, Braga, 1977, p.38; *Idem*, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.797.

<sup>2843</sup> *Idem*, *Ibidem*, p.797.

<sup>2844</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152. É provável que o cronista tenha feito, indevidamente, a conversão.



hábito<sup>2845</sup>. A 15 de Março de 1447, o arcebispo D. Fernando autorizou o “Religioso Joham do Casal Priol do Mosteiro de Sam Simom da Junqueira” e o convento a escambarem bens com Fernão Martins, abade da igreja paroquial de S. Pedro de Rates<sup>2846</sup>. Esta permuta revelar-se-ia desvantajosa para o mosteiro, queixando-se o prior João do Casal que o abade de Rates os tinha enganado e que pretendiam mover-lhe demanda, acabando, no entanto, e sob a mediação de Luís Afonso, vigário geral do arcebispo D. Fernando, por chegar a um consenso, a 2 de Dezembro de 1447, com o abade a juntar outros bens ao contratado anteriormente<sup>2847</sup>. Por carta de 1 de Janeiro de 1454, foi-lhe legitimado um filho, de nome João do Casal, monteiro-mor do duque de Bragança, fruto de uma relação do religioso com Beatriz Anes, mulher solteira<sup>2848</sup>. Pouco tempo depois este prior viria a falecer, muito provavelmente no início de Março desse ano, uma vez que, a 14 de Março de 1454, já é referenciado o seu óbito<sup>2849</sup>.

**Fernando Rodrigues** – Provável prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Fernando Rodrigues era filho de presbítero e mulher solteira<sup>2850</sup>, bacharel em Decretos e reitor da igreja de Santa Maria de Bagunte, da diocese de Braga<sup>2851</sup>. Encontrava-se em Roma onde solicitou, a 14 de Março de 1454, ao papa, Nicolau V (1447-1455), o priorado de S. Simão da Junqueira, entretanto vago por morte de João do Casal, seu último prior. Nesse mesmo dia, é-lhe dada resposta favorável, ordenando o papa que Fernando Rodrigues fosse provido no priorado de “Sancti Symonis de Junqueria, per priorem soliti governari”<sup>2852</sup>, com a condição de aí professar. Apesar da resposta favorável do papa à petição de Fernando Rodrigues é, como adianta José Marques, pouco provável que tenha assumido o priorado desta canónica, uma vez que, em Agosto de 1455, já há notícia do falecimento de Estêvão Ferreira, prior de S. Simão da Junqueira<sup>2853</sup>.

**D. Estêvão Ferreira I** – Prior de S. Simão da Junqueira. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, Estêvão Ferreira foi prior do mosteiro da Junqueira, tendo falecido em Roma, em 1455<sup>2854</sup>. Esta informação do cronista agostiniano parece merecer algum crédito, pelo menos no que respeita ao ano está correctíssima. Efectivamente, o priorado de D. Estêvão Ferreira foi extremamente curto. Se tivermos em conta que em Março de 1454 o papa concedia o priorado de S. Simão da Junqueira a Fernando Rodrigues e admitindo até que este nunca o chegou a assumir, sem conhecermos a data em que D. Estêvão Ferreira tomou posse do mosteiro, é certo que o seu governo é extensível a pouco mais de um ano, uma vez que a 2 de Agosto de 1455 já tinha falecido<sup>2855</sup>.

---

<sup>2845</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fls.114, 117; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.797.

<sup>2846</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 137vº-138vº.

<sup>2847</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 139-140.

<sup>2848</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.20vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1014; Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.86.

<sup>2849</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp.368-370; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.798.

<sup>2850</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp.369-370.

<sup>2851</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, pp.368-370; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.798.

<sup>2852</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. V (1446-1455), 1972, p.369 (doc.1724). Este documento encontra-se também publicado por Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, Vol. II (Apêndices), Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009, pp.304-305 (doc. 221).

<sup>2853</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.798.

<sup>2854</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2855</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.192vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.798.

**D. Estêvão Ferreira II** – Administrador de S. Simão da Junqueira. O arcebispo D. Fernando da Guerra, perante o falecimento de D. Estêvão Ferreira, incumbiu-o, a 2 de Agosto de 1455, de assegurar a gestão e administração do mosteiro até à nomeação de novo prior<sup>2856</sup>. Esta situação de transitoriedade parece não se ter prolongado por muito tempo, até porque, em Fevereiro de 1458, Rodrigo Álvares já é o prior de S. Simão da Junqueira<sup>2857</sup>, podendo mesmo admitir-se, como adianta Frei Timóteo dos Mártires, que o seu priorado se tenha iniciado ainda em 1455<sup>2858</sup>.

**João de Lisboa** – Prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira. A 9 de Agosto de 1456 foi dada sentença contra “ho honrrado Relligiosso Joham de Lixboa Priol do Moesteiro de Sam Simom da Junqueira” por Luís Afonso, mestre-escola na Sé de Braga, cónego e vigário geral do arcebispo D. Fernando<sup>2859</sup>. O prior da Junqueira surgia como réu neste processo, em virtude da acusação de João Gomes, arcediogo de Vermoim, aí representado por Lopo de Barros, escolar em Direito Canónico, e procurador de número nas Audiências de Braga, que dizia que o prior não lhe tinha pago os três morabitos e uma teiga de trigo referentes à colheita, bragal e calendário do último ano da igreja de S. Martinho de Outeiro, localizada no arcediagado de Vermoim e, por isso, abrangida pela visitação de João Gomes, e que tinham vencido no S. João Baptista<sup>2860</sup>. Por seu turno, o prior, representado no processo por Diogo Álvares, alegou que não lhe competia pagar nada uma vez que essa igreja pertencia à vestimenta dos cónegos. Sucedia, porém, que uma sentença dada pelo vigário João Fernandes, ao tempo do prior Gonçalo Fernandes, revelava que o prior assumiu o compromisso, por si e para os vindouros priores, de assumir essas obrigações, pelo que lhe competia o pagamento dos três morabitos e da teiga de trigo<sup>2861</sup>. A 22 de Junho de 1461, João de Lisboa disputava o priorado com Rodrigo Álvares, com a questão a ser levada perante o papa Pio II (1458-1464) por Diogo Álvares, procurador e irmão de Rodrigo Álvares<sup>2862</sup>.

**Rodrigo Álvares** – Prior do mosteiro de S. Simão da Junqueira, da Ordem de Santo Agostinho, da diocese de Braga. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, Rodrigo Álvares foi provido no priorado de S. Simão da Junqueira em 1455, pelo papa Calisto III<sup>2863</sup> (1455-1458), informação que, à luz do que vimos e até ao aparecimento de novos elementos que o contradigam, pode aceitar-se como verdadeira. Este prior, recebeu ordens de Epístola, em Braga, no dia 25 de Fevereiro de 1458<sup>2864</sup>. A 22 de Junho de 1461 é representado em Roma, pelo seu irmão Diogo Álvares, clérigo bracarense, a propósito da questão que o opunha a João de Lisboa sobre o priorado de S. Simão da Junqueira<sup>2865</sup>. No dia 19 de Dezembro de 1461 recebe ordens de Evangelho, em

---

<sup>2856</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.192vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.798.

<sup>2857</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 1, fl.3vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, pp.798,816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.315.

<sup>2858</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2859</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.119vº-120vº.

<sup>2860</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.119vº-120.

<sup>2861</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.120-120vº.

<sup>2862</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.129vº-130vº.

<sup>2863</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2864</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 1, fl.3v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.798,816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.315.

<sup>2865</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.129vº-130vº.

Braga<sup>2866</sup>, e nesta mesma cidade, o “prioll de Sam Simom de Junqueira” recebe, no dia 3 de Abril de 1462, ordens de Missa<sup>2867</sup>. A 11 de Dezembro de 1480 “Dom Rodrigo prior do mosteiro de Sam Simhom da Junqueira”, escambou, juntamente com o convento, umas quebradas que o mosteiro possuía por uma casa térrea que Aldonça Rodrigues tinha em Vila do Conde, junto ao paço do concelho<sup>2868</sup>. A 31 de Julho de 1486 “ho devoto Relligioso Rodrigo Alveres Dom Prior do Moesteiro de Sam Simhom da Junqueira” compareceu em Vila do Conde, às portas do mosteiro de Santa Clara, onde se encontrava o vigário da diocese de Braga, Luís Gonçalves Farto, que aí validou o escambo feito entre o prior da Junqueira e o seu convento, abdicando o prior de duas rações a que tinha direito da ovença da condutoria para que o convento melhor pudesse subsistir<sup>2869</sup>. D. Rodrigo Álvares ainda era prior de S. Simão da Junqueira a 2 de Novembro de 1487<sup>2870</sup>.

**D. João Gonçalves** – Prior de S. Simão da Junqueira. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. João Gonçalves foi prior do mosteiro da Junqueira entre 1476 e 1486, ano em que faleceu<sup>2871</sup>, o que à luz do que acabámos de ver é completamente inviável. De resto, o próprio cronista entra logo em contradição ao afirmar que o mosteiro exerceu a jurisdição cível no seu couto até ao reinado de D. Manuel, altura em que o prior do mosteiro era João Gonçalves<sup>2872</sup>. Ora não obstante esta indicação ser naturalmente anacrónica em relação às datas apresentadas pelo cronista, é a que, de facto, corresponde à realidade. Efectivamente, D. João Gonçalves foi o prior de S. Simão da Junqueira no final do século XV, sendo o responsável pela elaboração do tomo das propriedades do mosteiro, iniciado em 1497<sup>2873</sup>. A 13 de Agosto de 1507, e na sequência de uma queixa apresentada pelo Procurador dos feitos de el-rei, contra o prior D. João Gonçalves, por este usar da jurisdição cível no couto do mosteiro, colocando aí juízes e porteiro, o rei ordenou que o prior e o mosteiro usassem apenas das jurisdições que lhe tinham sido dadas por D. Afonso Henriques, em virtude da prova feita através de uma carta do infante D. Afonso, dada em 1136, referente aos privilégios do mosteiro<sup>2874</sup>. A 23 de Maio de 1508 ainda era o prior do mosteiro, dia em que se procede à demarcação da freguesia do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>2875</sup>, o tal facto a que alude Frei Timóteo dos Mártires. Nesta demarcação esteve presente “o virtuoso e Relligioso Joam Gunçalves Dom Prior do dito Mosteiro”, bem como o notário apostólico e o abade de Bagunte, este último em substituição do abade de Arcos que,

---

<sup>2866</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 6, fl.22; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.798,816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.353.

<sup>2867</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 9, fl.5; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.798,816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.364.

<sup>2868</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 140-141.

<sup>2869</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.131-132vº.

<sup>2870</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.798.

<sup>2871</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2872</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.150.

<sup>2873</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.801; Freitas, Eugénio de Andrea da Cunha e, “Memórias para a história das freguesias de S. Simão da Junqueira e de Santo André de Parada”, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova Série, Nº 13, Junho de 1994, p.26.

<sup>2874</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.133-134.

<sup>2875</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.134-135vº; Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, pp.124-126 (doc.7); Freitas, Eugénio de Andrea da Cunha e, “Memórias para a história das freguesias de S. Simão da Junqueira e de Santo André de Parada”, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*, Nova Série, Nº 13, Junho de 1994, p.25.

por não ter sido oficialmente citado, não compareceu, ficando a necessidade da sua presença a dever-se à ausência do abade de Touguinhó que não quis estar presente face à ausência da abadessa de Vairão que, apesar de chamada, não veio<sup>2876</sup>.

**Cardeal Alpedrinha** - Prior comendatário de S. Simão da Junqueira.

**D. Afonso de Guimarães** – Provável prior comendatário de S. Simão da Junqueira. Era clérigo de Braga, licenciado em Direito Canónico e Civil e curial prontifício. Solicitou, a 7 de Outubro de 1508, a comenda do mosteiro de S. Simão da Junqueira, entretanto vaga por falecimento do Cardeal Alpedrinha<sup>2877</sup>.

**D. Pedro Álvares** – Provável prior de S. Simão da Junqueira. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, foi o último prior mor do mosteiro de S. Simão da Junqueira, tendo falecido em 1516<sup>2878</sup>, informação também avançada por D. Nicolau de Santa Maria<sup>2879</sup> e António Carvalho da Costa<sup>2880</sup>.

**D. Diogo Pinheiro** – Prior comendatário do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Filho do Dr. Pedro Esteves e D. Isabel Pinheiro<sup>2881</sup>. D. Diogo Pinheiro foi prior da Colegiada de Santa Maria de Oliveira de Guimarães e comendatário dos mosteiros de Carvoeiro, S. Simão da Junqueira, Castro de Avelãs, bispo do Funchal e prelado do convento de Tomar<sup>2882</sup>. Além dos inúmeros cargos eclesiásticos que desempenhou, foi também desembargador do paço e, apesar de nomeado e confirmado primeiro bispo do Funchal, pelo papa Leão X (1513-1521), a 12 de Junho de 1514<sup>2883</sup>, nunca chegou a deslocar-se à Madeira<sup>2884</sup>. Segundo os cronistas agostinhos, o bispo do Funchal foi instituído como prior comendatário de S. Simão da Junqueira por mercê de D. Manuel, em 1516<sup>2885</sup>. Manter-se-ia, por isso, cerca de uma década à frente deste mosteiro regente, vindo a falecer em Tomar, em 1525, data que não tem merecido a aquiescência dos diversos autores, sendo correntemente apontado o ano de 1526 como o do seu óbito<sup>2886</sup>. O certo é que, em termos factuais, tudo evidencia que o seu falecimento tenha ocorrido em 1525,

---

<sup>2876</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.134-135vº; Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, pp.124-126 (doc.7).

<sup>2877</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. X, Lisboa, 1991, pp.371-372; Gomes, Saul António, “Os cônegos regentes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, pp.262-263.

<sup>2878</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2879</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322.

<sup>2880</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.321.

<sup>2881</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.76.

<sup>2882</sup> Bellino, Albano, *Archeologia Christã: descripção histórica de todas as igrejas, capellas, oratórios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães*, Lisboa, Empreza da História de Portugal - Sociedade Editora, 1900, p.123.

<sup>2883</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.696; Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, p.154.

<sup>2884</sup> Cordeiro, Padre António, *Historia Insulana das ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Occidental...*, Vol.I, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866, p.48; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.696; Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.76.

<sup>2885</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2886</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.696.

mais precisamente, e como adianta Felgueiras Gaio, em Julho de 1525<sup>2887</sup>. De resto, e a credibilizar esta informação está um documento enviado pelo monarca ao mosteiro de S. Simão da Junqueira, datado de 7 de Agosto de 1525, onde já se faz referência ao “fallecimento do bispo do Funchal que Deos perdoe”<sup>2888</sup>. Além disso, D. Miguel da Silva, embaixador de D. João III em Roma, solicita a comenda de S. Simão da Junqueira, nesse ano de 1525<sup>2889</sup>, embora, e como veremos, detê-la-á apenas em data posterior. Ainda em relação a D. Diogo Pinheiro importa dizer que este bispo deixou descendência muito ligada a S. Simão da Junqueira, com dois dos seus filhos, D. Rodrigo Pinheiro e D. Pedro Gomes Pinheiro, e um seu neto, Martim Pinheiro, a serem comendatários de S. Simão da Junqueira<sup>2890</sup>.

**D. Pedro Gomes Pinheiro** – Prior comendatário do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Filho do bispo do Funchal e anterior comendatário de S. Simão da Junqueira. Este comendatário intitulava-se Dom Prior e fidalgo da casa d’el rei<sup>2891</sup>. Era também capelão do cardeal D. Afonso<sup>2892</sup>. Em Agosto de 1525 D. João III, por ter vagado a comenda do priorado de S. Simão da Junqueira, por falecimento de D. Diogo Pinheiro, “e por quanto atee ser provido de prior hé necessario aver pessoa que nelle estee para ter carreguo da governança dele no espiritual e temporal confiando eu de Pero Gomez Pinheiro capelam do cardeal meu muito amado e prezado Irmam que asi o fará bem, e como cumpre por serviço de Nosso Senhor e da dita casa o envio a ela pera hir residir e têr a governança e a ministraçam dela no espiritual e temporal”<sup>2893</sup>. Esta nomeação, que era provisória, acabou por se transformar em definitiva. É que o monarca tencionava entregar a comenda do mosteiro ao seu irmão D. Henrique, mas tal pedido não lhe foi concedido recebendo, no entanto, a anuência papal em relação ao nome de Pedro Gomes Pinheiro, como se percebe pela carta gratulatória que o monarca dirige ao papa, a 21 de Novembro de 1527, agradecendo a concessão da benesse ao filho do antigo bispo do Funchal, aí referenciado como seu último detentor<sup>2894</sup>. Desta mesma missiva se depreende que, entre o falecimento de D. Diogo e a nomeação de D. Pedro Gomes Pinheiro, não houve qualquer outro comendatário em S. Simão da Junqueira, ao

---

<sup>2887</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.77. Também Noronha, Henrique Henriques de, *Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da diocese do Funchal na ilha da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996, pp. 71,80.

<sup>2888</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.126 (doc.8).

<sup>2889</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. XII, Lisboa, 1995, p.533; Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.263.

<sup>2890</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. I, 1946, p.162.

<sup>2891</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.77; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2892</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.95, diz que era “capellão do Cardeal Infante D. Henrique” e se é indesmentível que este irmão de D. João, ainda hoje, é quem anda quase que mecanicamente associado ao título, o certo é que nessa altura era, um outro seu irmão, D. Afonso, o cardeal, sendo que D. Henrique ainda não tinha atingido o cardinalato, o que só viria a acontecer no consistório de Paulo III, de 16 de Dezembro de 1545 (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.579).

<sup>2893</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.126 (doc.8); IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.136<sup>v</sup>-137.

<sup>2894</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, pp.127-128 (doc.9).

contrário daquilo que vários Autores escreveram. Desde logo, D. Nicolau de Santa Maria e Frei Timóteo dos Mártires que, na listagem dos priores comendatários de S. Simão da Junqueira, colocam D. Pedro Gomes Pinheiro como 4º comendatário, antecedendo-lhe além de D. Diogo, o Doutor Rodrigo Gomes Pinheiro e D. Miguel da Silva<sup>2895</sup>. Esta sequência é-nos dada também por Felgueiras Gaio que explica que D. Miguel da Silva renunciou à igreja de Touguinhó e à comenda de S. Simão da Junqueira, em favor de D. Rodrigo Pinheiro, quando foi eleito bispo de Viseu (1526), tendo D. Rodrigo transferido a comenda para o seu irmão, D. Pedro Gomes Pinheiro, retomando-a com o falecimento deste<sup>2896</sup>. Ora tal confusão, suscitada por este enredo algo rebuscado, foi devidamente clarificada pelo Monsenhor José Augusto Ferreira, no início do século passado, provando que, à luz da documentação, D. Miguel da Silva foi, não predecessor, mas sucessor imediato de D. Pedro Gomes Pinheiro, em 1532, confirmando que D. Rodrigo Pinheiro renunciou a favor do seu sobrinho, D. Martinho Pinheiro, que era abade de Touguinhó<sup>2897</sup>. Desconhecemos se D. Pedro Gomes Pinheiro deixou linhagem mas segundo Alão de Morais, uma das descendentes dos Cavaleiros do Casal, de nome D. Genebra Ferreira, filha de Martim Ferreira e Leonor Pinheiro, “andou de amores com Pedro Gomes Pinheiro que depois foi Comendatario de S. Simão da Junqueira”<sup>2898</sup>.

**D. Miguel da Silva** – Prior comendatário do mosteiro de S. Simão da Junqueira e de Landim<sup>2899</sup>. Foi também bispo de Viseu e cardeal em Roma<sup>2900</sup>. D. Miguel da Silva foi nomeado comendatário de S. Simão da Junqueira em 1532, mantendo-se pouquíssimo tempo no cargo, que ficaria vago por renúncia deste seu titular, levando à nomeação de D. Rodrigo Pinheiro, em 1534<sup>2901</sup>.

**D. Rodrigo Pinheiro / Doutor Rodrigo Gomes Pinheiro** – Prior comendatário do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Filho de D. Diogo Pinheiro<sup>2902</sup>, bispo do Porto e antigo comendatário de S. Simão da Junqueira. D. Rodrigo Pinheiro foi bispo de Angra (1540-1552), tendo sido transferido, a 24 de Agosto de 1552, desta diocese para a do Porto, por solicitação de D. João III, numa altura em que já tinha 70 anos<sup>2903</sup>, embora nunca tivesse pisado o solo dos Açores<sup>2904</sup>. D. Rodrigo Pinheiro ocupou também o

---

<sup>2895</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2896</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.77. Esta mesma listagem é também seguida por Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.321.

<sup>2897</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.95.

<sup>2898</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. I, 1946, p.204.

<sup>2899</sup> Tendo em conta que já procedemos a uma análise mais aprofundada desta figura eclesiástica ao falarmos de Landim, remetemos para essa entrada a consulta dos dados respeitantes a D. Miguel da Silva, optando nesta

<sup>2900</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2901</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.95.

<sup>2902</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.77; Paiva, José Pedro, “Os mentores”, in *História Religiosa de Portugal*, Vol. 2 (Humanismos e Reformas), dir. de Carlos Moreira Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.231.

<sup>2903</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.648.

<sup>2904</sup> Cordeiro, Padre António, *Historia Insulana das ilhas a Portugal sugeitas no Oceano Occidental...*, Vol.I, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866, p.50. Segundo este Autor este bispo mandou apenas um seu emissário para os Açores, D. Baltasar, seu representante e vigário geral. Também Freire, Anselmo

cargo de governador da Casa do Cível de Lisboa<sup>2905</sup> e foi abade das igrejas de Santa Maria de Ferreiros e de Touginhó<sup>2906</sup>. É, muito provavelmente, o mesmo Rodrigo Gomes Pinheiro que era membro do Conselho Geral do Santo Ofício e que, segundo Alexandre Herculano, em 1543 “corria os distritos de Viseu e de Aveiro em perseguição do judaísmo”<sup>2907</sup>. Frei Timóteo dos Mártires identifica D. Rodrigo Pinheiro e o Doutor Rodrigo Gomes Pinheiro<sup>2908</sup> como comendatários do mosteiro, o que poderá induzir que estamos perante indivíduos diferentes mas, efectivamente, tal não acontece. Como já tivemos oportunidade de observar, na listagem dos cronistas agostinhos este comendatário surge como sucessor de D. Miguel da Silva e predecessor de D. Pedro Gomes Pinheiro<sup>2909</sup>, o que, como vimos, não é correcto. De facto, D. Rodrigo Pinheiro foi nomeado comendatário de S. Simão da Junqueira em 1534, após renúncia de D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, mantendo-se à frente da comenda até 1555, altura em que renunciou a favor do seu sobrinho, Martim Pinheiro<sup>2910</sup>. Mais uma vez aqui se detecta alguma falta de rigor de Frei Timóteo dos Mártires, ou pelo menos uma má interpretação das fontes, uma vez que o cronista diz que este bispo renunciou à comenda de S. Simão da Junqueira em favor do seu sobrinho, em 1573<sup>2911</sup>. A verdade é que, mesmo que tal renúncia não tivesse ocorrido em 1555, também não se poderia ter concretizado em 1573 uma vez que D. Rodrigo Pinheiro faleceu em Agosto de 1572, com noventa anos de idade<sup>2912</sup>. De qualquer modo, e apesar de não ser o comendatário, este bispo continuou a receber os rendimentos do mosteiro de S. Simão da Junqueira, dando ao comendatário, D. Martim Pinheiro, uma pensão de cem mil reais<sup>2913</sup>.

**D. Martim/Martinho Pinheiro** – Prior comendatário do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Filho do segundo casamento de Manuel de Castro Alcoforado com D. Beatriz Pinheiro, filha de D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal e irmã de D. Rodrigo

---

Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. II, 3ª ed, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.175, diz que este bispo nunca foi aos Açores.

<sup>2905</sup> Cordeiro, Padre António, *Historia Insulana das ilhas a Portugal sugeitas no Oceano Occidental...*, Vol.I, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866, p.50; Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. II, 3ª ed, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.175.

<sup>2906</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.77.

<sup>2907</sup> Herculano, Alexandre, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. II (Volume 19 de “As melhores obras de Alexandre Herculano”), Círculo de Leitores, 1987, p.116.

<sup>2908</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>2909</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152. Esta mesma sequencialidade à frente da comenda de S. Simão da Junqueira encontra-se também presente nos trabalhos de Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.77; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.321.

<sup>2910</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.95.

<sup>2911</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.152-153.

<sup>2912</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.648. Também Felgueiras Gaio lhe atribui o ano de 1572 como o do seu óbito (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.77). Já Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. II, 3ª ed, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.175, é ainda mais específico, adiantando como data do seu óbito o dia 13 de Agosto de 1572, data que diverge da que figura num obituário do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, que regista o falecimento de D. Rodrigo Pinheiro, bispo do Porto e prior comendatário de S. Simão da Junqueira aos 8 idos de Agosto de 1572, portanto dia 6 de Agosto de 1572 (cf. BNL – Secção de Reservados, Nº 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s. p.)).

<sup>2913</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.175.

Pinheiro, bispo do Porto<sup>2914</sup>, ambos anteriores comendatários de S. Simão da Junqueira. Era, por isso, sobrinho do comendatário antecessor e tomou posse do mosteiro justamente por renúncia de seu tio, D. Rodrigo Pinheiro, em 1555<sup>2915</sup>. Encontrava-se no mosteiro da Junqueira a 28 de Agosto de 1568, dia em que aí foi efectuada uma visitação<sup>2916</sup>. Por instrumento de 30 de Dezembro de 1570, sabe-se que D. Martinho tinha as suas casas de morada junto ao mosteiro<sup>2917</sup>. Este prior comendatário foi também governador do bispado da Guarda, por indicação de D. Filipe I que afastou D. João de Portugal (1556-1585), bispo titular dessa diocese, por este ter tomado o partido de D. António do Crato, cargo em que foi sancionado por Gregório XIII (1572-1585), mantendo-se nessas funções até 1585, data em que o rei apresentou D. Manuel de Quadros (1585-1593) para o bispado da Guarda<sup>2918</sup>. D. Martinho Pinheiro foi ainda deputado do Santo Ofício da Inquisição de Coimbra<sup>2919</sup>. Foi o último comendatário da instituição, falecendo em 1589<sup>2920</sup>. Segundo Felgueiras Gaio, este prior foi o responsável pelo levantamento de um novo claustro e do dormitório, obras que ficaram, no entanto, por concluir<sup>2921</sup>. Estas informações são validadas pelo inquérito de 1568 que confirma o decurso de importantes obras nessa altura, nomeadamente um novo dormitório situado sobre uma cozinha e um refeitório amplo, bem como a construção de um novo claustro<sup>2922</sup>. Também António Carvalho da Costa releva os benefícios que este prior trouxe ao mosteiro, atribuindo-lhe a responsabilidade da abertura de uma carreira ou caminho, devidamente arborizado, com uma capela ao fundo<sup>2923</sup>.

### **1.1.17. - São Torcato (c. Guimarães)**

**D. Durando Anes** – Prior do mosteiro de São Torcato. A 27 de Dezembro de 1300 encontrava-se no mosteiro de Souto, onde foi testemunha da procuração que o prior e o convento de S. Salvador de Souto fizeram aos seus cónegos, Domingos Peres e João

---

<sup>2914</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. I, 1946, pp.161-162; Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.78.

<sup>2915</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.95. Frei Timóteo dos Mártires também diz que D. Martinho obteve a comenda de S. Simão da Junqueira por renúncia do seu tio (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.152-153), embora, e como já tivemos oportunidade de ver, a data que atribui a essa passagem de testemunho é incorrecta.

<sup>2916</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.174.

<sup>2917</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, pp.130-134 (doc.11).

<sup>2918</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.627.

<sup>2919</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.78.

<sup>2920</sup> Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, p.95. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.153, anota o seu óbito em 1590. Já Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322 diz que este prior faleceu em 1594, opinião corroborada por Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.78, bem como por Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.321.

<sup>2921</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 24, 1940, p.78. O mesmo diz Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XI, p.322.

<sup>2922</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.174.

<sup>2923</sup> Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.321.



Martins, dando-lhes poderes de representatividade do mosteiro<sup>2924</sup>. A sua presença à frente de S. Torcato remonta, pelo menos, a 17 de Agosto de 1290, dia em que celebra uma composição amigável com os vários herdeiros de Martim Dias que tinha sido sepultado no mosteiro de Grijó mas tinha legado parte dos bens a “dom Pedro Nunyz que foy priol de San Torcade”<sup>2925</sup>. Ao longo da última década do séc. XIII, D. Durando surge, em diversos instrumentos, identificado como prior desta instituição<sup>2926</sup>. Desconhecemos o termo do seu priorado mas, à luz dos elementos conhecidos, deverá ter ocorrido nos primeiros anos do séc. XIV.

**D. Paio Anes** – Prior do mosteiro de São Torcato. Trata-se de mais um caso de ascensão hierárquica dentro de uma comunidade regente, uma vez que Paio Anes era cónego do mosteiro, surgindo identificado como tal a 11 de Setembro de 1293<sup>2927</sup>. Sabemos que foi prior da instituição graças à sua lápide funerária que o identifica como prior de S. Torcato, datando o seu óbito a 16 de Maio de 1305 (17 kalendas de Junho da Era de 1343)<sup>2928</sup>. Até ao momento não conseguimos apurar quaisquer outros dados que nos ajudem a compreender a sua acção governativa, ou sequer a confirmar ou balizar correctamente a cronologia do seu priorado, que terá sido seguramente curto, isto se considerarmos que foi o sucessor de D. Durando Anes. Os elementos disponíveis apenas nos permitem dizer que o seu priorado teve lugar numa cronologia compreendida entre 1301 e 1305. Poderá também dar-se o caso de D. Paio Anes ter resignado ao cargo numa data anterior e, desse modo, o seu falecimento não coincidir com o final do seu priorado, o que permitiria estender a governação de D. Durando por mais alguns anos. De qualquer modo, tendo em consideração que a regra é termos priores vitalícios, pelos indicadores documentais que temos, consideramos, até ao aparecimento de novos elementos, que estamos perante o sucessor de D. Durando Anes.

**João Peres** – Prior do mosteiro de São Torcato. A 13 de Novembro de 1310 era prior de S. Torcato João Peres<sup>2929</sup>, dia em que D. Dinis confirmou ao mosteiro os privilégios que lhe haviam sido dados por D. Sancho II, a 28 de Janeiro de 1229<sup>2930</sup>.

**D. Paio Peres/D. Paio Pires** – Prior do mosteiro de São Torcato. A 10 de Agosto de 1314 o rei D. Dinis colocou sob a sua encomenda e “defendimento Pay Perez priol do mosteiro de Sao Torcade e seus frades e seu mosteiro e seus homens e seus herdamentos

---

<sup>2924</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 92-93.

<sup>2925</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°48. É muito provável que Durando Anes seja o sucessor de Pedro Nunes à frente de S. Torcato, de qualquer modo, e uma vez que o século XIII extravasa o âmbito cronológico deste trabalho, não procedemos à necessária investigação que nos permita afirmar que foi de facto o seu sucessor, no entanto ao percorrermos a documentação detectamos Pedro Nunes como prior do mosteiro já em Julho de 1262 (cf. *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.337 (doc. 262), mantendo-se à frente do priorado ainda em Fevereiro de 1268 (cf. AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°34).

<sup>2926</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, Ns. 53, 55, 56; *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.370 (doc. 283).

<sup>2927</sup> Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.43.

<sup>2928</sup> Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, pp.1285-1288.

<sup>2929</sup> Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.30.

<sup>2930</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.391 (doc. 292).

e sas pocissois”<sup>2931</sup>. Pelo teor da carta régia, é de admitir que esta esteja directamente relacionada com a recente eleição de D. Paio para prior da instituição. Apesar de desconhecermos a data concreta do início do seu governo, é certo que este religioso ocupou o cargo durante mais de uma década, uma vez que ainda era o prior de S. Torcato a 13 de Dezembro de 1326, dia em que Pedro de Osem e Vasco Pires, executores régios, deram seguimento à carta de D. Afonso IV que ordenava a restituição de rendas, que andavam em préstamo, ao prior e mosteiro de S. Torcato<sup>2932</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Pelagius Petri prior Sancti Torcaty” a 12 de Junho, mas sem qualquer indicação do ano em que ocorreu o óbito<sup>2933</sup>.

**João Martins** – Prior do mosteiro de S. Torcato. João Martins surge identificado como prior de S. Torcato a 9 de Maio de 1340, dia em que testemunhou, em Guimarães, um empenhamento feito pela Colegiada de Santa Maria de Oliveira a João Vicente e à sua mulher, do casal da Portela, em Gominhães, freguesias de S. Torcato e Sanfins<sup>2934</sup>.

**Lourenço Martins** – Prior do mosteiro de São Torcato. A 2 de Fevereiro de 1349 já surge referenciado como prior do mosteiro de S. Torcato, recebendo da mão de diversos particulares o padroado da igreja de S. Cosme da Lobeira e de S. Romão de Rendufe<sup>2935</sup>. A 24 de Outubro de 1352 surge, em nome de D. Domingos Domingues, prior de S. Salvador de Souto, a ser empossado no lugar de Paço, freguesia de Santa Maria de Souto, propriedade que tinha adquirido por escambo a João Braga e sua esposa<sup>2936</sup>. A 11 de Julho de 1356 surge em representação do prior do Souto, mostrando uma carta régia que proibia a usurpação de bens e direitos do mosteiro, perante João Peres que aí exigia e se apoderara indevidamente de direitos<sup>2937</sup>. A 4 de Setembro de 1360 testemunha, na vila de Guimarães, um instrumento de empenhamento feito pela Colegiada<sup>2938</sup>. A 12 de Abril de 1362 continua a ser referenciado como “priol de Sam Torcade”, encontrando-se, nesse dia, em Guimarães, figurando entre as testemunhas de uma carta de quitação<sup>2939</sup>. Em Novembro de 1362 já tinha sido transferido para o priorado do mosteiro de Souto, como prova o registo da eleição de João Martins para prior do mosteiro, eleição feita a 2 de Novembro de 1362<sup>2940</sup>. Tudo indica que tenha reassumido o priorado de S. Torcato, pelo menos, é como detentor desse cargo que surge como emissário do Vigário Geral de Braga, a 4 de Junho de 1368, confirmando o clérigo secular Afonso Peres na igreja de Santo Estêvão das Regadas<sup>2941</sup>. De resto, a 18 de

---

<sup>2931</sup> *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.392 (doc. 294). Este documento encontra-se também sumariado por Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.30.

<sup>2932</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°133.

<sup>2933</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.102.

<sup>2934</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), “Archivo da Collegiada de Guimarães” in *Revista de Guimarães*, Vol. XXII - N° 3-4 ( Julho-Dezembro de 1905), p.139.

<sup>2935</sup> Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, pp.31-32; *Vimaranis Monumenta Historica*, Parte 2, 1931, p.268 (nota 1).

<sup>2936</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.55.

<sup>2937</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos dos séculos XII-XV relativos ao mosteiro do Salvador de Souto*, Porto, 1896, p.142.

<sup>2938</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), “Archivo da Collegiada de Guimarães” in *Revista de Guimarães*, Vol. XXV - N° 1 ( Janeiro-Março de 1908), p.19.

<sup>2939</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°138.

<sup>2940</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.142-144; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.734.

<sup>2941</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.86.

Outubro de 1374 o arcebispo de Braga, D. Lourenço (1374-1397) confirma a união das igrejas de Rendufe e da Lobeira ao mosteiro de S. Torcato, após a exibição pelo prior Lourenço Martins do instrumento de anexação que tinha sido emitido<sup>2942</sup>. A 19 de Novembro de 1390 “Lourenço Martinz prior de Sam Trocade” surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Guimarães, pelo qual Gonçalo Martins e Joana Martins, sua mulher, moradores na freguesia de São João das Caldas, reconheciam que tinham de entregar, anualmente, pela Páscoa, três morabitinos ao mosteiro da Junqueira, referentes ao casal de Mourisco<sup>2943</sup>. A 7 de Dezembro de 1394 é passada carta de legitimação a Gil Lourenço, morador em Guimarães, filho de Maria Domingues e do prior de São Torcato, e mesmo sem mencionar o seu nome, tendo em conta o apelido, tudo indica tratar-se de um filho de Lourenço Martins<sup>2944</sup>.

**João Martins** – Prior do mosteiro de S. Torcato. João Martins era cónego professor de S. Torcato tendo sido eleito, a 2 de Novembro de 1362, para o priorado do mosteiro<sup>2945</sup>.

**D. João Anes** – Prior do mosteiro de São Torcato. Desconhecemos a data concreta da eleição de João Anes para prior de S. Torcato, mas deverá ter ocorrido no segundo semestre de 1403, até porque, a 17 de Novembro de 1403, o monarca, na qualidade de padroeiro do mosteiro, dá o aval a essa eleição<sup>2946</sup>. Trata-se de um religioso da comunidade que consegue alcançar o priorado, surgindo já indicado como membro dessa canónica a 21 de Maio de 1397, dia em que se encontrava em Guimarães onde testemunhou a composição amigável feita entre o prior e o mosteiro de Souto e Afonso Domingues, sapateiro de Guimarães, por causa de umas casas que ambos disputavam nessa vila, acordo que permitiu ao mosteiro ficar em posse dos prédios<sup>2947</sup>. A 14 de Novembro de 1409 João Garcia, escolar e vigário geral do arcebispo de Braga autorizou “Johanne Annes priol do moesteiro de Sam Trocade” a emprazar a João Gonçalves, abade de S. Miguel das Caldas, as casas do Rego que o mosteiro tinha na Rua de Santa Maria, na vila de Guimarães<sup>2948</sup>. A 26 de Abril de 1410, D. João Anes recebeu a visita do arcebispo D. Martinho (1398-1416) ao mosteiro de S. Torcato<sup>2949</sup>. A 11 de Agosto de 1419, João Anes continua à frente do priorado torcatense, altura em que é celebrada uma composição amigável entre o Cabido de Braga e o cabido da Colegiada, alguns mosteiros e igrejas de Guimarães e Montelongo, por causa das rendas e obrigações devidas à Sé bracarense<sup>2950</sup>. No dia 26 de Maio de 1423, o prior João Anes, juntamente com o convento do mosteiro, celebrou um contrato de emprazamento, em três vidas a Mem Sela, de casas que o mosteiro tinha na rua do Gado, em Guimarães, bem como do seu eixido<sup>2951</sup>. O seu priorado estendeu-se até ao início do mês de Janeiro de 1424,

---

<sup>2942</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224; Faria, João Lopes de, “Arquivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.33.

<sup>2943</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 137-137v°.

<sup>2944</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo I, 2006, p.175; Viegas, Valentino, *Subsidios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.55.

<sup>2945</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.142-144; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.734.

<sup>2946</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, p.296.

<sup>2947</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.66-67.

<sup>2948</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°197.

<sup>2949</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°172; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, p.735-736.

<sup>2950</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.478 (doc.123); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, Edição da Câmara Municipal de Fafe, s.d, p.29.

<sup>2951</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°216.

altura em que renunciou, através de Rui Dias, arcediogo de Barroso e seu procurador, sendo confirmado como novo prior o cónego Frei Álvaro Martins, a 22 de Janeiro de 1424<sup>2952</sup>.

**D. Frei Álvaro Martins** - Prior do mosteiro de S. Torcato. Frei Álvaro Martins era cónego regente de S. Torcato tendo sido confirmado no cargo máximo da comunidade a 22 de Janeiro de 1424, após renúncia do último prior<sup>2953</sup>. Tudo indica que também tenha sido o abade da igreja de Santa Comba de Monte Longo, pois em Agosto de 1419 o abade dessa igreja já era Álvaro Martins<sup>2954</sup>, e caso não estejamos perante um homónimo, deverá tratar-se do religioso de S. Torcato. De resto a corroborar essa ideia, está a súplica de Artur Gonçalves, datada de 21 de Abril de 1427, que solicitava a igreja de Santa Comba de Monte Longo, em virtude de o seu anterior titular ter sido promovido “ad prioratum conventualem sancti Torquati ordinis Sancti Augustini”<sup>2955</sup>. Esta igreja foi anexada ao mosteiro de S. Torcato, a 22 de Janeiro de 1424, mas apenas enquanto durasse o priorado de Álvaro Martins<sup>2956</sup>. A 8 de Fevereiro de 1432 “dom Alvaro Martinz prior do dicto mosteiro” foi à igreja de S. Cosme da Lobeira onde se encontrava o cónego Bernardo Anes, capelão dessa igreja, mostrou uma sentença dada pelo arcebispo de Braga, datada de 20 de Abril de 1425, pela qual ordenou ao prior de S. Torcato para a deter quando esta vagasse<sup>2957</sup>. A 16 de Novembro de 1436 Álvaro Martins continua a ser identificado como prior de S. Torcato, dia em que faz uma nota de empraçamento referente ao casal do Outeiro, localizado na freguesia de S. Torcato, comprometendo-se perante os foreiros a efectuar o prazo sob a forma legal na cúria bracarense<sup>2958</sup>. A 14 de Março de 1442 Álvaro Martins mantinha-se à frente do priorado de S. Torcato, dia em que Lopo de Castro, juiz de Guimarães lhe dá sentença favorável num recurso interposto por moradores de Gonça na sequência de decisão judicial desfavorável que lhes fora decretada a 29 de Novembro de 1441, no processo em que eram acusados pelo prior e convento de S. Torcato de desviarem a água do rio Selho, através da construção de moinhos e represas que impediam a chegada da água às terras do mosteiro<sup>2959</sup>. D. Álvaro Martins deteve o priorado de S. Torcato até Fevereiro de 1450, altura do seu falecimento<sup>2960</sup>.

**D. Frei Luís Domingues** - Prior do mosteiro de S. Torcato. Proveniente do priorado do mosteiro de S. Salvador de Souto, Frei Luís Domingues foi provido como prior de S. Torcato, pelo arcebispo de Braga, em 28 de Fevereiro de 1450, após o falecimento de Frei Álvaro Martins e numa altura em que já não havia religiosos nesta comunidade<sup>2961</sup>.

---

<sup>2952</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.1; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.736

<sup>2953</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.1; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.736.

<sup>2954</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.479.

<sup>2955</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.222.

<sup>2956</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.1; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.736

<sup>2957</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°251.

<sup>2958</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°256.

<sup>2959</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°264; Faria, João Lopes de, “Arquivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.41.

<sup>2960</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.152av.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.736.

<sup>2961</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.152ª v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.729,736.

O certo é que também Frei Luís Domingues permaneceria muito pouco tempo no cargo uma vez que, a 24 de Agosto de 1451, o mosteiro de S. Torcato já se encontrava “vacatem per mortem Lodovicus Dominici ultimi rectore ipsius monastery”<sup>2962</sup>. Não podemos deixar de verificar como a memória deste prior e do seu antecessor estavam bem presentes entre alguns dos habitantes das freguesias onde o mosteiro deteve direitos. É que, em 1506, a Colegiada de Guimarães, a solicitação do arcebispo de Braga, elaborou os títulos dos seus benefícios, procedendo-se a uma inquirição sobre as igrejas anexas do antigo mosteiro de S. Torcato, com a curiosidade das testemunhas se lembrarem daqueles priores, como é o caso do lavrador Álvaro Luís “que se acorda de dois priores o primeiro avia nome Alvaro Martinz que foi prior muito tempo e sempre colheo as dictas igrejas e assi outro que depois delle veio que avia nome Luis Dominguiuz”<sup>2963</sup>.

**Frei Vasco Afonso** - Prior do mosteiro de S. Torcato. A 9 de Setembro de 1451, e após o falecimento de D. Frei Luís Domingues, o arcebispo D. Fernando da Guerra transferiu Frei Vasco Afonso, cónego do mosteiro de S. Simão da Junqueira, para o mosteiro de S. Torcato de Guimarães<sup>2964</sup>. Isto significa que o arcebispo de Braga não confirmou neste priorado Álvaro Gil, familiar da rainha, que tinha sido proposto para o cargo por D. Afonso V, a 24 de Agosto de 1451<sup>2965</sup>. Tal como o do seu antecessor, também o priorado de Vasco Afonso foi extremamente curto, devendo ter falecido no início de Setembro de 1453, uma vez que o arcebispo D. Fernando confirma, a 10 de Setembro desse ano, novo prior, desta vez um cónego proveniente do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>2966</sup>.

**João Afonso** – Prior do mosteiro de São Torcato. Trata-se de um cónego regante originário do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, confirmado no priorado por D. Fernando da Guerra, a 10 de Setembro de 1453<sup>2967</sup>. Resignou de sua livre vontade ao priorado de S. Torcato, levando o papa a indicar, a 2 de Agosto de 1459, para seu substituto João de Barros<sup>2968</sup>.

**João de Barros / João Álvares de Barros** – Prior do mosteiro de São Torcato. O papa Pio II, por letras apostólicas de 2 de Agosto de 1459, encarrega o bispo da Guarda, o abade do mosteiro de Bouro e o prior da Colegiada de Guimarães de conferirem João de Barros no priorado de S. Torcato, vago após a resignação de João Afonso<sup>2969</sup>. João de Barros era cónego e tesoureiro da Sé de Braga<sup>2970</sup>. A 13 de Junho de 1471 João de Barros, cónego de Braga e prior de S. Torcato, solicita, através de um procurador, o traslado da sentença dada, a 13 de Março de 1336, por D. Afonso IV sobre as

---

<sup>2962</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 12, fl.96.

<sup>2963</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°370, fl.11.

<sup>2964</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.165; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, pp.736-737, 799.

<sup>2965</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 12, fl.96.

<sup>2966</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.178v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.737.

<sup>2967</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.178v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.737.

<sup>2968</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.CCCV; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.737.

<sup>2969</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.CCCV.

<sup>2970</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.737.

jurisdições do couto do mosteiro<sup>2971</sup>. O comendatário vai manter-se à frente da instituição até 6 de Julho de 1474, data em que o papa Sixto IV (1471-1484) passou as letras de extinção do mosteiro de S. Torcato, unindo-o à Colegiada de Guimarães, numa altura em que já ali não havia comunidade monástica<sup>2972</sup>.

---

<sup>2971</sup> Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, pp.28-29.

<sup>2972</sup> *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.98; Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, p.300 (nota 1); Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p. 737.

## **1.2. Diocese de Lamego**

### **1.2.1. - Santa Maria de Cárquere (c. Resende)**

**D. Gonçalo Esteves** - Prior do mosteiro de Cárquere. Desconhecemos a data do início do seu priorado, de qualquer modo a sua presença à frente da instituição aparece, documentalmente comprovada, em finais de Setembro e inícios de Outubro de 1305, altura em que “don Gonçalo Stevaens”<sup>2973</sup> foi constituído procurador do mosteiro, de forma a poder representar a instituição perante o bispo e os vigários de Lamego na questão que opunha o mosteiro a alguns naturais, padroeiros e fregueses da igreja de Santa Maria de Freigil, por causa dos direitos de padroado dessa igreja<sup>2974</sup>. Das suas ligações familiares sabemos apenas que tinha um sobrinho que também seguiu a carreira eclesiástica, de nome João Pires ou João Martins, que foi apresentado, pelo rei, em 1318, para pároco da igreja de Miomães<sup>2975</sup>. Em Dezembro de 1337 ainda ocupava o priorado do mosteiro, altura em que o bispo de Lamego acusava o prior de Cárquere de receber a colheita na igreja de Freigil<sup>2976</sup>, situação que levou à realização de uma inquirição com desfecho favorável ao bispo, à altura, D. Salvado Martins (1331-1349), provando-se que o prior não recebia aí qualquer tributo<sup>2977</sup>. Em 1350 já deveria ter falecido, como se depreende do testamento do conde D. Pedro, filho bastardo de D. Dinis, lavrado a 30 de Março desse ano e no qual afirma: “...outrosi confesso que eu devo ao Mosteiro de Santa Maria de Carcari mil maravedis velhos de dinheiros portugueses, os quais a mi emprestou D. Gonçalo Esteves prior que foi do dito Mosteiro...”<sup>2978</sup>. Um obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Gonssalvus Stephani priol de Carcarry” a 4 de Agosto, mas sem qualquer indicação do ano<sup>2979</sup>.

**D. Fernando Anes** - Prior do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Um obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “domnus Fernandus Johannis prior monasterii Sancte Marie de Carcary” a 13 de Janeiro de 1350<sup>2980</sup>. Já um obituário de S. Vicente de Fora também regista o falecimento de “donus Fernandus prior Sancte Marie de Carcari” mas no dia 29 de Setembro, sem qualquer referência ao ano do óbito<sup>2981</sup>. Este mesmo

---

<sup>2973</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1296-1349)*, Leiria, Edições Magno, 2003, p.489 (doc.32a).

<sup>2974</sup> As procurações que lhe concediam esse direito de representatividade foram lavradas a 1 e 7 de Outubro de 1305 (cf. Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego na primeira metade de século XIV (1296-1349)*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp.489-490; 494-495 (docs. 32a;32f).

<sup>2975</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, p.292; Vol.II, p.338. Neste segundo volume aparece João Martins em vez de João Pires.

<sup>2976</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, pp.542-543.

<sup>2977</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, pp.542-543; Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1296-1349)*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp.697-698 (doc.163). No documento.

<sup>2978</sup> Sousa, D. António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Tomo I, Livro I, Coimbra, Atlântida – Livraria Editora, 1946, p.177. Este empréstimo do prior ao Conde é também referenciado por Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.543 (nota 8).

<sup>2979</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.26vº.

<sup>2980</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.33vº.

<sup>2981</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.148.

obituário apresenta um outro registo de 4 de Outubro respeitante a “donus Fernandus prior Sancte Marie de Carcari”<sup>2982</sup>, devendo tratar-se do mesmo prior.

**D. João Gonçalves** - Prior do mosteiro de Cárquere. Esteve presente no sínodo diocesano de Lamego, realizado a 11 de Agosto de 1368<sup>2983</sup>.

**Estêvão Martins** - Prior do mosteiro de Cárquere. A 21 de Agosto de 1410 são-lhe legitimados dois filhos: Beatriz Esteves e Nuno Esteves, ambos resultantes de uma ligação que teve com Maria Anes, à altura, mulher solteira<sup>2984</sup>.

**D. Afonso Antão/D. Afonso António** - Prior do mosteiro de Cárquere. A 17 de Novembro de 1455 D. Afonso V toma sob sua guarda e encomenda “Dom Afonso Antam prior do mosteiro de Santa Maria de Craquere”<sup>2985</sup>. Apesar de não conhecermos com detalhe a sua acção governativa sabemos que o seu priorado terminou no primeiro trimestre de 1458, uma vez que, a 29 de Março de 1458, D. Afonso V e o seu irmão D. Fernando solicitam o priorado de “Sancte Marie de Quarquere” para Pedro Lourenço, cónego de Lamego, licenciado em Decretos, sacerdote e familiar do infante<sup>2986</sup>. Pouco tempo depois, mais concretamente a 13 de Abril de 1458, temos uma nova súplica nos mesmos moldes, em que os mesmos solicitantes pedem o cargo para Pedro Lourenço, revelando-se aí que o prior Afonso António tinha resignado<sup>2987</sup>.

**D. Pedro Lourenço** – Provável prior do mosteiro de Cárquere. Apesar de existirem duas súplicas do rei D. Afonso V e do seu irmão D. Fernando a solicitarem o priorado de Santa Maria de Cárquere para Pedro Lourenço, datadas de 29 de Março de 1458<sup>2988</sup> e 13 de Abril de 1458<sup>2989</sup>, não sabemos se foi, de facto, prior da instituição. Pedro Lourenço era familiar do infante D. Fernando<sup>2990</sup>.

**D. Rui Vasques da Fonseca** - Prior do mosteiro de Cárquere. A 18 de Janeiro de 1460 “Dom Ruy Vaasquez da Fonseca priol de Cacere da hordem de Santo Agostinho do bispado de Lamego” emprazou, juntamente com o convento, o casal que o mosteiro tinha na aldeia de Vinhós, freguesia de Resende<sup>2991</sup>. É muito provável que seja irmão de Luís Vaz da Fonseca, escudeiro, morador no couto de Resende, que a 16 de Abril de 1481 emprazou ao tosador João Gonçalves um casal no termo de S. Martinho de Mouros<sup>2992</sup>, o que a confirmar-se atestaria a proveniência local deste prior. Ainda a este

---

<sup>2982</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.151.

<sup>2983</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, p.181; Vol.II, p.543. Na obra *Synodicon Hispanum, II-Portugal*, 1982, p.280, é também referenciada a realização deste sínodo.

<sup>2984</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 2, 2006, p.226; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.113.

<sup>2985</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 15, fl.45vº.

<sup>2986</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI, 1972, pp.70-72. Também Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.543, diz que o priorado de D. Afonso terminou em 1458.

<sup>2987</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI (1456-1470), 1972, pp.73-74; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV (Renascimento II), Lamego, 1984, p.350.

<sup>2988</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI (1456-1470), 1972, pp.70-72. Também Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.543, diz que o priorado de D. Afonso terminou em 1458.

<sup>2989</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI (1456-1470), 1972, pp.73-74.

<sup>2990</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV, 1984, p.350.

<sup>2991</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°57.

<sup>2992</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°69.



propósito, em Janeiro de 1484 surge, entre as testemunhas de um empraçamento efectuado no mosteiro, “Joham da Fonseca sobryno do senhor prioll”<sup>2993</sup>. A 28 de Agosto de 1463, Rui Vasques aparece novamente a efectuar um empraçamento, desta feita, a João Vasques e a sua mulher, Maria Vasques, o casal do Carvalho, em Freixieiro<sup>2994</sup>. A 22 de Novembro de 1469<sup>2995</sup>, 10 de Março de 1472<sup>2996</sup>, 6 de Fevereiro de 1473<sup>2997</sup>, 15 de Março de 1476<sup>2998</sup>, 8 de Abril de 1476<sup>2999</sup>, 29 de Dezembro de 1479<sup>3000</sup>, 10 de Agosto de 1482<sup>3001</sup> e a 10 de Junho de 1483<sup>3002</sup> continua a ser referenciado como prior do mosteiro em instrumentos de empraçamento efectuados na, e pela, instituição. Em 1484 D. Rui Vasques da Fonseca mantém-se à frente do priorado do mosteiro de Santa Maria de Cárquere<sup>3003</sup>, como revelam empraçamentos efectuados no mosteiro, em Janeiro e Outubro desse ano<sup>3004</sup>. O último documento, de que temos conhecimento, em que é interveniente “Roy Vasquez da Fonseca prioll” de Cárquere é o empraçamento que faz, juntamente com o convento, a Diogo da Fonseca, escudeiro fidalgo del-rei, a sua mulher, Joana Martins, e a um filho ou filha de ambos e não havendo, a outra pessoa, a nomear pelo sobrevivente, da quintã da Rapa que o mosteiro tinha no termo de Celorico da Beira, contrato datado de 31 de Março de 1487<sup>3005</sup>.

**D. Lucas Cardoso** - Prior do mosteiro de Cárquere. Trata-se de um cónego regrante do mosteiro que ascende à cadeira prioral, podendo recuar-se a sua presença entre a comunidade monástica, pelo menos, a 6 de Fevereiro de 1473<sup>3006</sup>. É o sucessor de Rui Vasques da Fonseca, e, apesar de não sabermos quando ocupou o cargo, pode estabelecer-se como balizas para o início do seu priorado Abril de 1487 e 1490, uma vez que, no fim de Março de 1487, D. Rui Vasques ainda era o prior e, em 1490, D. Lucas já surge como titular do mosteiro de Cárquere, como adianta Manuel Gonçalves da Costa, embora o identifique como Luís Cardoso<sup>3007</sup>. Efectivamente, já era prior do mosteiro a 15 de Fevereiro de 1490, data em que passou procuração ao clérigo Diogo Coelho, para que este o representasse em Lamego, perante a cúria diocesana no sentido de validar os empraçamentos do mosteiro<sup>3008</sup>. Há um outro documento, provavelmente de 1490<sup>3009</sup>, que já refere “dom Lucas Cardoso prior”, o qual juntamente com o

---

<sup>2993</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º.75. É provável que seja o mesmo João da Fonseca identificado como escudeiro, que testemunha um novo empraçamento no mosteiro a 31 de Março de 1487 (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º. 77), feito a Diogo da Fonseca que terá certamente ligações familiares com o prior e com o próprio João da Fonseca, assunto que agora não aprofundaremos.

<sup>2994</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º59.

<sup>2995</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º62.

<sup>2996</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º63.

<sup>2997</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º64. Neste instrumento assina “Rodericus prior”.

<sup>2998</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º66.

<sup>2999</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º64.

<sup>3000</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º68.

<sup>3001</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º72.

<sup>3002</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º.74.

<sup>3003</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.148; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>3004</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 75, 76.

<sup>3005</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º. 77.

<sup>3006</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º64.

<sup>3007</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.543.

<sup>3008</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º. 81.

<sup>3009</sup> A letra na parte onde se encontra a data está muito apagada, o que inviabiliza a sua correcta leitura, de qualquer modo nas costas do documento surge uma data a indicá-lo como sendo de 1490, o que à partida estará correcto. Neste mesmo pergaminho encontra-se a respectiva carta de validação do empraçamento e

convento, empraça a Martim Lourenço e a sua mulher, Maria Vaz, moradores na aldeia de Mindal, do concelho de Alvarenga, e a um descendente destes, o casal de Mendal<sup>3010</sup>. De 1491 conhecem-se dois empraçamentos efectuados por D. Lucas Cardoso e pelo convento do mosteiro: o primeiro datado de 1 de Junho de 1491<sup>3011</sup> e o segundo de 24 de Agosto de 1491, constituindo este último o derradeiro diploma em que aparece identificado “dom Lucas Cardoso prior do mosteiro de Sancta Maria de Carquere da Ordem de Sancto Augustinho do bispado de Lamego”<sup>3012</sup>. Segundo Manuel Gonçalves da Costa este prior ainda vivia a 2 de Dezembro de 1507, dia em que recebeu um benefício<sup>3013</sup>, mas, de concreto, e no que respeita à documentação de Cárquere, não lhe conhecemos qualquer outra referência a partir de 1491.

**D. Diogo Coelho** - Prior do mosteiro de Cárquere. A 5 de Janeiro de 1493 “dom Diego Coelho prior e convento de Santa Maria de Carquere da Ordem de Santo Agostinho do bispado de Lamego” juntos em cabido efectuam um empraçamento a Pedro Anes, à sua mulher, Maria Gonçalves, e a um filho destes, respeitante ao meio casal que o mosteiro tinha em S. Romão, concelho de Aregos<sup>3014</sup>. Apesar desta ser a primeira referência documental em que surge mencionado como prior da instituição, a sua presença e ligação ao mosteiro de Cárquere é comprovável anteriormente. Trata-se do “Diego Coelho clérigo” que surge como procurador do mosteiro em Lamego para validar junto da cúria diocesana empraçamentos feitos pelo mosteiro a 1 de Junho de 1491 e a 24 de Agosto de 1491<sup>3015</sup>. De resto, essa sua presença no mosteiro não será alheia à ligação familiar que D. Diogo Coelho tinha com o prior Lucas Cardoso, sendo, muito provavelmente, seu irmão ou sobrinho, pelo que a saída de cena de Lucas Cardoso se poderá dever ao seu falecimento ou apenas à sua resignação a favor de D. Diogo. A documentação permite-nos conhecer algumas das suas ligações familiares. Sendo irmão do escudeiro João Coelho que aparece com alguma frequência entre as testemunhas de instrumentos lavrados na instituição<sup>3016</sup>, também deveria ser seu familiar directo o escudeiro Martim Cardoso, a quem, a 6 de Março de 1494, D. Diogo empraça, juntamente com o convento, uma vinha no lugar de Reboura, a ele e à sua mulher, Maria Anes<sup>3017</sup>. Comprovadamente seu sobrinho era “Gonçalo Cardoso” que é identificado como tal em instrumento lavrado em Lamego, a 4 de Maio de 1498<sup>3018</sup>. De resto, este prior teve um papel muito proteccionista em relação a elementos da sua linhagem, promovendo-os ou pelo menos fazendo-se rodear na instituição de vários religiosos da sua família com situações, no mínimo, no linear do nepotismo, religiosos esses que daremos conta a seu tempo e no seu respectivo local. Quanto à acção governativa de D. Diogo ela está, felizmente, bastante bem documentada, sobretudo ao nível da gestão do património imóvel da instituição, com a elaboração de diversos

---

que poderia auxiliar nesta questão, no entanto essa carta é bastante posterior tendo sido passada apenas a 13 de Junho de 1494 por Martim Álvares, tesoureiro da Sé de Lamego e vigário geral pelo bispo D. Fernando Coutinho (1492-1502).

<sup>3010</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º 79.

<sup>3011</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º 81.

<sup>3012</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º 80.

<sup>3013</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.543.

<sup>3014</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º82.

<sup>3015</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 80,81,84,86; Gav. 15, M.6, Ns. 91,95.

<sup>3016</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 81,82.

<sup>3017</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º83.

<sup>3018</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º94. Um outro seu sobrinho, Francisco Coelho, é também referenciado entre as testemunhas de um instrumento de 8 de Setembro de 1498 (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º98).

contratos enfiteúticos. Esses instrumentos permitem-nos, naturalmente, confirmar a sua presença à frente da canónica, como atestam emprazamentos de 16 de Fevereiro de 1495<sup>3019</sup>, 31 de Julho de 1496<sup>3020</sup>, 21 de Novembro de 1496<sup>3021</sup>, 6 de Janeiro de 1497<sup>3022</sup>, 22 de Janeiro de 1497<sup>3023</sup>, 27 de Janeiro de 1497<sup>3024</sup>.

A 10 de Março de 1497 “Dom Diogo Coelho prior e convento de Carquere da hordem de Santo Agostinho do bispado de Lameguo” emprazou, juntamente com o convento, a Gonçalo Anes, clérigo de missa, morador em Lavandeira, do couto de Ferreiros, a quinta de Vale Melhorado, situada no concelho de Ferreiros<sup>3025</sup>. Certificam-no no cargo de prior da instituição documentos de 5 de Janeiro de 1498<sup>3026</sup>, 10 de Fevereiro de 1498<sup>3027</sup>, 14 de Fevereiro de 1498<sup>3028</sup>, 16 de Fevereiro de 1498<sup>3029</sup>, 26 de Abril de 1498<sup>3030</sup>, 4 de Maio de 1498<sup>3031</sup>, 7 de Maio de 1498<sup>3032</sup>, 27 de Junho de 1498<sup>3033</sup>, 6 de Agosto de 1498<sup>3034</sup>, 8 de Setembro de 1498<sup>3035</sup>, 1 de Março de 1499<sup>3036</sup>, 18 de Setembro de 1499<sup>3037</sup>, 15 de Janeiro de 1500<sup>3038</sup>, 5 de Fevereiro de 1500<sup>3039</sup>, 12 de Fevereiro de 1500<sup>3040</sup>, 14 de Fevereiro de 1500<sup>3041</sup>, 26 de Agosto de 1500<sup>3042</sup>, 21 de Outubro de 1500<sup>3043</sup>, 5 de Novembro de 1500<sup>3044</sup>, 12 de Novembro de 1501<sup>3045</sup>, 6 de Março de 1502<sup>3046</sup>, 19 de Maio de 1502<sup>3047</sup>, 24 de Outubro de 1502<sup>3048</sup>, 14 de Dezembro de 1503<sup>3049</sup>, 11 de Julho de 1505<sup>3050</sup>, 5 de Janeiro de 1506<sup>3051</sup>, 16 de Janeiro de 1507<sup>3052</sup>, 30 de Janeiro de 1507<sup>3053</sup>, 3 de Março de 1507<sup>3054</sup>, 16 de Março de 1507<sup>3055</sup>, 26 de

---

<sup>3019</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°84.

<sup>3020</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°85.

<sup>3021</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°86.

<sup>3022</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°87.

<sup>3023</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°88.

<sup>3024</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°89.

<sup>3025</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°58.

<sup>3026</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°99.

<sup>3027</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°97.

<sup>3028</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°96.

<sup>3029</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°91.

<sup>3030</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°95.

<sup>3031</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°94.

<sup>3032</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°92.

<sup>3033</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°93.

<sup>3034</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°90.

<sup>3035</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°98.

<sup>3036</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°101,102.

<sup>3037</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°100.

<sup>3038</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 95.

<sup>3039</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 93.

<sup>3040</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 91.

<sup>3041</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 96.

<sup>3042</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 92.

<sup>3043</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 94.

<sup>3044</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 97.

<sup>3045</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 98.

<sup>3046</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, Ns.101, 103, 105.

<sup>3047</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 104.

<sup>3048</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 102.

<sup>3049</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 107.

<sup>3050</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 108.

<sup>3051</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, Ns.109, 110, 111.

<sup>3052</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N° 117.

<sup>3053</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N° 114.

<sup>3054</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N° 115.

<sup>3055</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N° 113.

Março de 1507<sup>3056</sup>, 7 de Agosto de 1507<sup>3057</sup>, 9 de Novembro de 1507<sup>3058</sup>, 4 de Dezembro de 1507<sup>3059</sup> e 10 de Janeiro de 1508<sup>3060</sup>. Esta é a última referência que lhe conhecemos no priorado. De qualquer modo, é admissível que aí tivesse permanecido ao longo de 1508 e grande parte de 1509, embora não seja de excluir que o seu falecimento tenha ocorrido em 1508. O seu óbito tem sido atribuído ao ano de 1510<sup>3061</sup>, altura de que datam súplicas a solicitar os seus benefícios eclesiásticos, nomeadamente a comenda do mosteiro de Cárquere<sup>3062</sup> e a igreja de Cinfães que é solicitada por Pedro Afonso Malheiro nesse ano e que D. Diogo tinha a seu cargo como revela a súplica apresentada ao papa<sup>3063</sup>. De qualquer modo, se não faleceu deverá ter renunciado à comenda do mosteiro de Cárquere a favor de D. João de Castro, uma vez que era este o seu comendatário à entrada para o último terço de 1509<sup>3064</sup>.

**D. João de Castro/D. João de Travanca** - Prior comendatário dos mosteiros de Cárquere e de Mancelos. Deverá ter assumido o priorado do mosteiro com o falecimento de D. Diogo Coelho. A 12 de Setembro de 1509 “dom Joham de Castro dom abade de Travanca e administrador perpetu dos mosteiros de Mancellos e Carquere com os coneguos do dicto mosteiro” empraça a Rui Marinho e à sua mulher, Inês Afonso e a terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, a quebrada que o mosteiro de Cárquere tinha na Quinta do concelho de Resende<sup>3065</sup>. Esta é a primeira indicação documental que lhe conhecemos como prior de Cárquere, mas este D. João de Castro deverá ser o sobrinho e administrador dos bens de D. Maria de Castro que instituiu uma capela no mosteiro de Cárquere por testamento lavrado em 1473<sup>3066</sup>. A 13 de Setembro de 1510 D. Francisco Zuzarte ou Juzarte acusa-o de se ter apoderado indevidamente do priorado do mosteiro de Cárquere, possuindo-o sem qualquer título e cometendo opressão contra os caseiros e lavradores do mosteiro<sup>3067</sup>. As acusações de Zuzarte deviam-se ao facto de ele próprio ter obtido o benefício em Roma, directamente junto do papa, onde se encontrava como embaixador, e como D. João de Travanca não tencionava abandonar a comenda, a Francisco Zuzarte não restou mais que recorrer ao sumo pontífice que no ano seguinte lança a excomunhão sobre D. João de Travanca, a qual seria executada por João Rodrigues, cónego de Viseu<sup>3068</sup>. Independentemente de ter sido excomungado, o certo é que D. João de Castro viria a falecer em 1513, de resto uma carta de D. Manuel para o embaixador João de Faria, datada de 18 de Setembro de 1513, fala do seu falecimento, dando-se aí conta também de que um cardeal veneziano impetrou praticamente todos os mosteiros e igrejas que eram comenda de D. João de

<sup>3056</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, Ns.119, 120.

<sup>3057</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.112.

<sup>3058</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.116.

<sup>3059</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.118.

<sup>3060</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.122.

<sup>3061</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.544.

<sup>3062</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, p.56; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.544.

<sup>3063</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. X, Lisboa, 1991, pp.509-510; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>3064</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.123.

<sup>3065</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.123; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.148vº; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>3066</sup> Pinto, Joaquim Caetano, *Resende - Monografia do seu concelho*, Braga, 1982, p.105.

<sup>3067</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, p.56.

<sup>3068</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, p.544.

Castro, com o papa a anuir à sua solicitação e a rejeitar o persistente pedido do monarca português para lhe facultar a nomeação de comendatários nas vagas, acabando D. Manuel por pedir ao embaixador que o papa lhe deixasse ao menos o de Travanca<sup>3069</sup>.

**D. Francisco Zuzarte/D. Francisco Juzarte** - Prior comendatário do mosteiro de Cárquere. Francisco Zuzarte solicitou ao papa a comenda do mosteiro de Cárquere, pedido em que foi atendido, sendo provido no cargo em 1510<sup>3070</sup>. Quando se preparava para tomar posse, depois de já ter pago os encargos com a comenda e expedidas as bulas foi impedido por D. João, abade do mosteiro de Travanca que se dizia comendatário de Cárquere, situação de posse que, como já tivemos oportunidade de ver, era verídica, e que provocou o inevitável conflito entre os interessados, com o papa Júlio II (1503-1513) a ordenar ao abade de Travanca que abandonasse o cargo em favor de Zuzarte, sob pena de excomunhão<sup>3071</sup>. Não sabemos se D. João de Castro abandonou por livre iniciativa ou se foi forçado a fazê-lo, ou se a disputa só terminou mesmo em 1513 com o seu falecimento. De concreto sabe-se que D. Francisco Zuzarte assumiu a comenda deste mosteiro regrante, sendo referenciado no cargo em Abril de 1516, altura em que também era comendatário do mosteiro de Pedroso<sup>3072</sup>. A 12 de Setembro de 1520 “Francisco Juzarte comendataryo do dicto mosteiro” deu poderes especiais ao prior claustral de Cárquere para que este emprazasse um casal a Aires Pinto, escudeiro de Fernão de Melo e de D. Maria de Castro, já falecida<sup>3073</sup>.

A 6 de Agosto de 1527 é feito um novo emprazamento no cabido do mosteiro, e de novo se nota a ausência do comendatário, surgindo aí um procurador de “Francisco Juzarte perpeto amynistrador do dicto mosteiro de Quarquere per vertude de hua procuraçam” passada a 6 de Julho desse ano pelo tabelião de Penacova, que o autorizava a efectuar emprazamentos em seu nome<sup>3074</sup>. Documentalmente, ou pelo menos da documentação com que nos confrontámos até ao momento, esta é a última indicação que conhecemos de D. Francisco Zuzarte como prior do mosteiro, sendo certo que entre esta data e finais de 1530 este comendatário deixou de deter a tutela da canónica regrante de Cárquere, mas por ora não sabemos se por falecimento ou por renúncia<sup>3075</sup>.

---

<sup>3069</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo I, 1862, pp.204-205.

<sup>3070</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo XI, 1898, p.56; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.544.

<sup>3071</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.544. Em carta de 13 de Setembro de 1510 D. Francisco Zuzarte queixa-se ao secretário do rei dizendo que “Sua Samtidade me fez graça de hum mosteiro que se chama Santa Maria de Carquere da Ordem de Santo Agostinho do bispado de Lamego que sam de Conegos Regrantes como Sam Vicente de fora, e temdo despedido minhas bullas e pago meus direitos e querendo mandar tomar minha posse, soube como dom Joham de Travamqua estava em pose do dito meu mosteiro sem hum titollo...” (cf. *Corpo Diplomático Português...*, Tomo XI, 1898, p.56).

<sup>3072</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.153vº; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264. A 22 de Março de 1527 “Francisco Juzarte fydallgo da Casa del rey” ainda era comendatário do mosteiro de Pedroso (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.148vº).

<sup>3073</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.127.

<sup>3074</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.128.

<sup>3075</sup> A este propósito Manuel Gonçalves da Costa diz que foi D. Diogo Ortiz quem lhe sucedeu (cf. Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.544), o que de facto se confirma se nos reportarmos apenas aos priores comendatários porque em termos cronológicos, e no que respeita à sequencialidade dos que governaram o mosteiro estes dois comendatários são intercalados pela gestão de Francisco Coelho.

**Francisco Coelho** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. A 2 de Novembro de 1530 “Francisco Coelho conygo e prior imleyto deste mosteiro por estar vago per mandado espiciall del rey noso senhor com hos outros conygos” empraza a Estêvão Leitão e a sua mulher, Maria Soares, e a um filho de entre ambos, o casal da Babinha, onde já viviam, juntamente com outras propriedades<sup>3076</sup>. Este Francisco Coelho é o cónego do mosteiro que já surge identificado como religioso da comunidade em 1499<sup>3077</sup> e que acreditámos ser o sobrinho do prior D. Diogo Coelho, referenciado como tal, por exemplo, em documento de 8 de Setembro de 1498<sup>3078</sup>. É certo que sucedeu a D. Francisco Juzarte mas não sabemos quando é que este cónego foi escolhido para o priorado do mosteiro, o certo é que a 17 de Julho de 1531 Cárquere ainda não tinha novo comendatário, surgindo “hi hos devotos padres e relygiosos Filype Coelho prior crasteiro no dicto mosteiro e bem asy Francisco Coelho conygo e capelaa e priol do dicto mosteiro imbestido per espociall manda del rey nosso senhor” juntamente com o restante convento a efectuar um emprazamento em três vidas<sup>3079</sup>. Desconhecemos até quando governou a instituição mas é presumível que o tenha feito até à entrada do comendatário D. Diogo Ortiz de Vilhegas, situação que, como veremos, deverá ter ocorrido em 1532. De qualquer modo também não se poderá excluir a possibilidade de, entretanto, Francisco Coelho ter falecido, podendo ser esse o facto que motivou a entrada do comendatário D. Diogo, da mesma forma que é admissível que se tenha mantido entre a comunidade regrante de Cárquere por mais alguns anos, mas em relação a estes aspectos a documentação não nos permite extrair quaisquer conclusões.

**D. Diogo Ortiz de Vilhegas**<sup>3080</sup> – Prior comendatário do mosteiro de Cárquere. D. Diogo foi comendatário deste mosteiro regrante a partir de 1532<sup>3081</sup>, embora a confirmação pontifícia seja posterior, muito provavelmente de 1534<sup>3082</sup>. A 20 de Maio de 1532 D. João III, entre os despachos que entregou a D. Martinho de Portugal, novo embaixador em Roma, dá-lhe indicações para falar com o cardeal Farnese para que este não se oponha ao provimento das igrejas vagas por falecimento de Francisco Juzarte, feito em D. João, filho do conde de Vimioso, lembrando também “que a mercê, que fez a Diogo Ortiz do mosteiro de Carquere, na qual pede ao Santo Padre o confirme, foi com consentimento d’elle”, devendo dar-se, em virtude disso, 125 cruzados de ouro de pensão anual a D. Cristóvão de Castro, fidalgo da sua casa e seu capelão<sup>3083</sup>. A 13 de Novembro de 1536 “Dom Diogo Ortyz de Vilhegas bispo de Sam Thome do Conselho del rey Nosso Senhor dayam da sua capella comendatario perpetuo do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere da Ordem de Sancto Augustinho do bispado de Lamego” juntamente com o prior claustral e os cónegos de Cárquere, empraza o Urraca de

---

<sup>3076</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.129. Desse mesmo dia há um outro instrumento, feito nas casas do cabido, pelo qual o mosteiro empraza o casal do Covelo a António Nogueira e a Aldonça, sua mulher, no qual Francisco Coelho também surge identificado como “conygo e prior eleyto” (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.130)

<sup>3077</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º100. A biografia deste religioso encontra-se retratada, de forma mais aprofundada, na respectiva entrada que lhe dedicámos na secção respeitante aos cónegos regrantes.

<sup>3078</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º98.

<sup>3079</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.132.

<sup>3080</sup> Trata-se de um homónimo de D. Diogo Ortiz de Vilhegas que foi bispo de Tânger (1491-1500) Ceuta (1500-1504) e nomeado por D. Manuel, a 4 de Maio de 1505, para bispo de Viseu (1505-1519), tendo falecido em Almeirim em 1519 (cf. Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.659).

<sup>3081</sup> *Quadro elementar das relações politicas e diplomáticas de Portugal...*, Tomo X, 1866, pp.383-384.

<sup>3082</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II, 1979, p.544.

<sup>3083</sup> *Quadro elementar das relações politicas e diplomáticas de Portugal...*, Tomo X, 1866, p.384.

Oliveira e duas outras pessoas a nomear, o casal do Outeiro em São Romão, concelho de Aregos<sup>3084</sup>. Apesar desta intitulação nos revelar praticamente todos os cargos que D. Diogo deteve, ele foi, além de comendatário de Cárquere, bispo das ilhas de S. Tomé (1534-1540) e deão da capela real, também comendatário do mosteiro de S. João de Tarouca<sup>3085</sup>. É aliás, neste mosteiro cisterciense que se encontrava D. Diogo Ortiz de Vilhegas a 3 de Fevereiro de 1537, efectuando aí, devidamente mandatado pelos religiosos de Cárquere, através de procuração para o efeito, o emprazamento do meio casal de S. Paio, que o mosteiro regrante tinha em Vila Boa, termo de Mões<sup>3086</sup>.

D. Diogo Ortiz de Vilhegas ocuparia a comenda do mosteiro de Cárquere até 1540, altura em que resignou, nas mãos do papa, através de Pedro Domingues, seu procurador, sucedendo-lhe D. Duarte, filho de D. João III<sup>3087</sup>. Efectivamente todo o processo foi congeminado pelo monarca que a 3 de Agosto de 1540 enviou a Cristóvão de Sousa, seu representante em Roma, diversas ordens referentes a nomeações para bispados e mosteiros, incluindo-se entre elas a de “dom Diogo Ortyz, bispo que ora he de Sam Thome, dayam de minha capela, mestre em Theologia” e comendatário dos mosteiros de Santa Maria de Cárquere e S. João de Tarouca do bispado de Lamego, pretendendo o monarca que este fosse provido no bispado de Ceuta<sup>3088</sup>. Com essa provisão vagariam esses mosteiros bem como a igreja de Santa Maria de Silgueiros, do bispado de Viseu e outros benefícios detidos por D. Diogo, seguindo juntamente com as cartas a procuração de renúncia aos dois mosteiros por parte do bispo comendatário a favor de D. Duarte, com o monarca a instruir o embaixador para primeiro tratar da passagem dos mosteiros e só depois pedir o provimento de D. Diogo Ortiz no bispado de Ceuta<sup>3089</sup>, diocese que o prelado assumiria entre 1540 e 1544.

**D. Duarte** - Prior comendatário do mosteiro de Cárquere. Por bula do papa Paulo III (1534-1549), de 30 de Setembro de 1540, D. Duarte, clérigo de Évora, é investido no priorado do mosteiro de “Sancte Marie de Quarquere ordinis Sancti Augustini Canonicorum regularium Lamacensis diocesis<sup>3090</sup>. A 6 de Fevereiro de 1542 D. Duarte, com dezanove anos, foi nomeado administrador do arcebispado de Braga, uma vez que só podia ser sagrado arcebispo quando atingisse os vinte e sete anos<sup>3091</sup> mantendo, no entanto, com a autorização do papa, a comenda de Cárquere<sup>3092</sup> bem como a de Longos Vales, sendo ainda nomeado coadjutor dos mosteiros de Tibães, Carvoeiro e

---

<sup>3084</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.134; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.147vº.

<sup>3085</sup> Além do documento que aqui trazemos D. Diogo aparece referenciado nesses cargos noutros instrumentos de Abril e Novembro de 1536 (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.147vº; Coelho, Maria Helena da Cruz, “S. João de Tarouca em tempo de quinhentos” in *Homens, Espaços e Poderes (sécs. XI-XVI) -vol. II – Domínio Senhorial*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, p.194; Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>3086</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.135.

<sup>3087</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo XI, 1898, pp.452-455; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II., pp.544-545.

<sup>3088</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, pp.319, 334. Por esta altura correram diversas mudanças nos bispados portugueses, despoletando-se uma autêntica dança de cadeiras, é que o infante D. Henrique renunciou ao arcebispado de Braga para ser aí provido D. Diogo da Silva, bispo de Ceuta que seria substituído nesse bispado por D. Diogo Ortiz, bispo de S. Tomé (cf. *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, p.334), vaga que seria preenchida por Frei Bernardo da Cruz.

<sup>3089</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, pp.319, 334-335.

<sup>3090</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo XI, 1898, pp. 452-455.

<sup>3091</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, pp. 598-599.

<sup>3092</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.545.

Salzedas<sup>3093</sup>. D. Duarte deteve ainda os mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, S. Miguel de Refoios de Basto e S. Martinho de Caramos<sup>3094</sup>. Entretanto, e inesperadamente, D. Duarte viria a falecer a 11 de Novembro de 1543<sup>3095</sup> vagando todos esses benefícios.

**D. Ambrósio Brandão Pereira** - Prior comendatário do mosteiro de Cárquere. A elaboração da sua biografia apresenta algumas dificuldades, encerrando os elementos para a feitura do seu percurso biográfico diversas contradições. Desde logo a sua própria identificação, ao não ser unívoca, suscita dúvidas e permite leituras diferenciadas, é que raramente surge designado pela totalidade do nome, aparecendo indicado como D. Ambrósio Pereira e D. Ambrósio Brandão, sendo esta última mais frequente, sobretudo, entre a documentação do Vaticano<sup>3096</sup>. A sua naturalidade também levanta algumas questões, há quem defenda que D. Ambrósio Pereira era natural do Porto<sup>3097</sup>, do mesmo modo que há quem associe a sua naturalidade ao Cartaxo<sup>3098</sup>. O mesmo sucede com o seu percurso religioso, ou pelo menos com parte dele, havendo quem defenda que tal está intimamente ligado aos cónegos regrantes de Santo Agostinho uma vez que deverá ter sido cónego de Santa Cruz de Coimbra sendo depois enviado para Paris a fim de estudar Artes e Teologia<sup>3099</sup>, da mesma forma que há Autores que dizem tratar-se de um eremita de Santo Agostinho, chegando, inclusivamente, a ser Provincial da Ordem em Portugal<sup>3100</sup>. D. Ambrósio foi eleito bispo de Rison ou Rusiona em 1519, e mais tarde nomeado deão da capela real e bispo auxiliar de Lisboa<sup>3101</sup>, coadjuvando assim o seu titular, o infante cardeal D. Afonso (1523-1540). Nessas funções lançou a primeira pedra do convento da Graça de Lisboa, e sagrou o mosteiro do Carmo, em 1523, bem

---

<sup>3093</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.599. O processo que levou ao provimento de D. Duarte nestes três mosteiros se não é ferido de ilegalidade, é pelo menos muito pouco transparente e ética e moralmente condenável, uma vez que se usaram de certas estratégias como revela o embaixador Cristóvão de Sousa, em carta enviada ao rei a 4 de Agosto de 1541, confessando que conseguiu que um camareiro do papa lhe colocasse as súplicas em cima da mesa onde Paulo III orava de manhã e o papa assinou-as colocando-se posteriormente o nome de D. Duarte, não fazendo o pontífice a mínima ideia a quem concedera os benefícios (cf. *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo IV, 1870, pp.370-371).

<sup>3094</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.178.

<sup>3095</sup> *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.98; Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.599. A título de curiosidade dizer apenas que o cronista joanino D. Francisco De Andrada indica o ano de 1540 como o do falecimento de D. Duarte, (cf. *Chronica do muyto alto e muyto poderoso rey destes reynos de Portugal Dom João o III deste nome* dirigida ha C.R.M. D’El Rey Dom Filippe o III composta por Francisco D’Andrada do seu Conselho e seu chronista mor, Parte III, 2ª ed., Coimbra, Na Real Officina da Universidade, 1796, Cap. LXIX, p.326)

<sup>3096</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV (Renascimento II), Lamego, 1984, p.349.

<sup>3097</sup> Ribeiro, Victor, “Preciosidades archeologicas – I Epigraphia lapidar”, in *O Archeologo Português*, Série I, Vol. 9, Ns. 1-2 (Janeiro-Fevereiro 1904), Lisboa, Museu Ethnographico Português, p.17.

<sup>3098</sup> A ligação deste bispo ao Cartaxo é inequívoca como confirmam testemunhos epigráficos que dois templos desse concelho ostentam, inscrições que revelam que D. Ambrósio Pereira consagrou a igreja de S. João Baptista do Cartaxo a 31 de Agosto de 1522 e a de Valada a 6 de Janeiro de 1528. A questão é saber se essa ligação perpassa as suas incumbências eclesiásticas (convém não esquecer que estamos a falar de territórios sob a jurisdição eclesiástica da diocese de Lisboa, o que por si só justificaria a sua presença nestas localidades, tendo em consideração que exerceu funções nesse arcebispado) e entra no domínio das ligações familiares?

<sup>3099</sup> Dias, Augusto, *Santa Maria de Cárquere*, Porto, Edições “Beira e Douro”, 1976, p.62.

<sup>3100</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV (Renascimento II), Lamego, 1984, p.349.

<sup>3101</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV (Renascimento II), Lamego, 1984, p.349.



como o adro da igreja de S. Roque, nessa mesma cidade, em 1527<sup>3102</sup>. Em 1538, por comissão de D. Martinho de Portugal, visitou as ilhas da Madeira e de Porto Santo, tendo nesse mesmo ano alcançado a comenda do mosteiro de Santo Antão de Benespera, na diocese da Guarda, cabeça da Ordem em Portugal<sup>3103</sup>. Em 1541, e a pedido de D. João III, D. Ambrósio trocava esta comenda pela do mosteiro agostinho de Cárquere, abdicando assim de ser comendatário dos cônegos de Santo Antão para que os Jesuítas se pudessem instalar em Lisboa no antigo mosteiro que os cônegos aí detinham<sup>3104</sup>, tudo isto numa altura em que Cárquere estava em posse do infante D. Duarte<sup>3105</sup>. A 4 de Outubro de 1542 D. Ambrósio já tinha entregue as procurações respeitantes à resignação de Santo Antão, aguardando-se que D. Duarte fizesse o mesmo em relação a Cárquere para concluir esse processo de permuta<sup>3106</sup>. Não sabemos se D. Duarte chegou a renunciar de qualquer modo com o seu falecimento, em 1543, a questão ficou solucionada, assumindo então D. Ambrósio a comenda. Da sua acção governativa e da sua presença em Cárquere dá-nos notícia um instrumento de 30 de Setembro de 1547, dia em que “ho senhor bispo Dom Ambrosio Barandaom Pereyra perpeto comendatario do dito mosteiro” juntamente com o convento efectuaram um emprazamento na “casa do quabydo do mosteiro de Nosa Senhora de Quarquere Ordem de Santo Agustynho que he termo deste concelho de Resende”<sup>3107</sup>. A administração deste comendatário parece ter sido, em termos de beneficiação temporal, positiva para o mosteiro, tendo efectuado intervenções nalgumas instalações, incluindo remodelações na igreja<sup>3108</sup>. Também as questões espirituais parecem não ter sido descuradas sendo-lhe atribuídas preocupações e iniciativas reformistas<sup>3109</sup>. Apesar da gestão positiva à frente da instituição, a sua conduta moral não era a mais indicada para servir de exemplo aos religiosos do mosteiro, uma vez que tinha duas barregãs como revela D. Francisco Quaresma, bispo eleito de Ceuta, que efectuou visitação ao mosteiro de Cárquere em

---

<sup>3102</sup> Ribeiro, Victor, “Preciosidades archeologicas – I Epigraphia lapidar”, in *O Archeologo Português*, Série I, Vol. 9, Ns. 1-2 (Janeiro-Fevereiro 1904), Lisboa, Museu Ethnographico Português, pp. 17-18.

<sup>3103</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.IV (Renascimento II), Lamego, 1984, p.350.

<sup>3104</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.331; Cardoso, Jorge, *Agiologio Lusitano*, Tomo I, edição fac-similada com organização, estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p.74. Já Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol. IV (Renascimento II), Lamego, 1984, p.350, coloca esta permuta no ano de 1549.

<sup>3105</sup> Nemésio, Vitorino, *O campo de São Paulo: A companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563)*, Vol. XXIII das Obras Completas de Vitorino Nemésio, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001, pp. 155-156; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.545.

<sup>3106</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo V, 1874, p.120.

<sup>3107</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.136. Este documento encontra-se também referenciado nos Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.148.

<sup>3108</sup> Dias, Augusto, *Santa Maria de Cárquere*, Porto, Edições “Beira e Douro”, 1976, pp.47-48.

<sup>3109</sup> Segundo Manuel Gonçalves da Costa, D. Ambrósio teve um papel relevante em termos espirituais à frente desta instituição regente, enveredando por um importante processo de reforma no mosteiro de Cárquere acabando por abdicar do priorado a favor do cônego António Gonçalves, proveniente do mosteiro de Santa Cruz, que o auxiliaria na reforma aí efectuada (cf. Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol. II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.545). Os dados parecem contrariar estas ilações, é que à luz dos factos, e como veremos, parece-nos que a convivência entre estes dois homens no mosteiro deverá ter sido extremamente curta, o que não impede que D. Ambrósio tenha tido um papel reformador junto da comunidade, de resto o facto de aceder à renúncia da comenda, e apesar de não conhecermos, as condições em que esta ocorreu, ou se houve sequer alguma imposição por parte do comendatário, revela abertura e nítida sensibilidade às intenções regentes.

1554<sup>3110</sup>. A 21 de Setembro de 1555 ainda se encontrava em Santa Maria de Cárquere, ano em que segundo Joaquim Caetano Pinto o comendatário D. Ambrósio renunciou, retirando-se para o mosteiro de Grijó<sup>3111</sup>, constando, efectivamente, num obituário do mosteiro de Moreira da Maia a indicação de que foi cónego de Grijó<sup>3112</sup>. De facto D. Ambrósio abdicou da comenda, situação que deverá ter ocorrido em 1555 ou 1556, tendo renunciado através de D. Afonso de Lencastre, seu representante, consumando-se essa resignação com a sua entrega em mãos perante o papa Paulo IV (1555-1559) feita presencialmente por um monge cisterciense designado Salvador<sup>3113</sup>. A tal acção não deverá ter sido alheia a pressão dos crúzios conimbricenses, que pretendiam a integração deste mosteiro na Congregação como de resto, deixa bem perceber o facto de no priorado de Cárquere, após a renúncia do comendatário, ter sido colocado um cónego de Santa Cruz de Coimbra<sup>3114</sup>. Quanto a D. Ambrósio deverá ter permanecido na canónica regente de Grijó até Setembro de 1559, altura do seu falecimento<sup>3115</sup>. Segundo Augusto Dias o seu túmulo encontra-se no mosteiro de Cárquere<sup>3116</sup>. D. Ambrósio foi assim o último prior comendatário de Cárquere.

**D. António Nogueira** - Prior do mosteiro de Cárquere. O papa Paulo IV (Maio 1555-Ag.1559) por uma bula datada das 5 kalendas de Fevereiro do Ano da Encarnação de 1556, decorrendo o seu segundo ano de pontificado, instituiu o “dilecto filio Antonio Nogueira prior monasteri per priorem gubernari soliti beate Marie de Carquere Ordini Sancti Augustini Lamecensis diocesis”<sup>3117</sup>. O cónego António Nogueira era proveniente do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e a sua ida para Cárquere é uma nítida estratégia dos crúzios para unirem o mosteiro de Cárquere à Congregação de Santa Cruz. Como já tivemos oportunidade de dizer essa bula fala da resignação do comendatário D. Ambrósio mas também da permissão papal para a transferência do cónego António Nogueira, autorização essa que foi trazida por António Vaz, cónego de Lisboa, para ser executada pelo bispo da Guarda<sup>3118</sup>. Apesar de António Nogueira ter assumido o

---

<sup>3110</sup> Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal*, Vol. I, 1960, p.75.

<sup>3111</sup> Pinto, Joaquim Caetano, *Resende - Monografia do seu concelho*, Braga, 1982, p.136.

<sup>3112</sup> BNL – Secção de Reservados, N° 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s. p.).

<sup>3113</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N°.137.

<sup>3114</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N°.137.

<sup>3115</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.546 (nota 15). João Pedro Ribeiro indica o falecimento do cónego de Grijó aos 6 idos de Setembro de 1559 (cf. Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo V, 1836, p.236), portanto dia 8 de Setembro, data também apontada por Augusto Dias (cf. Dias, Augusto, *Santa Maria de Cárquere*, Porto, Edições “Beira e Douro”, 1976, p.63), de resto um obituário de Moreira da Maia apresenta essa mesma data (cf. BNL – Secção de Reservados, N° 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s. p.).

<sup>3116</sup> Dias, Augusto, *Santa Maria de Cárquere*, Porto, Edições “Beira e Douro”, 1976, p.58.

<sup>3117</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N°.137. Em relação à datação apresentada no documento, tratar-se-á, à partida, do dia 28 de Janeiro de 1557 mas como a conversão das datas do Ano da Encarnação suscitam sempre dúvidas e é dada a diversas interpretações, embora na documentação pontifícia se utilize o cômputo de Florença, que apresenta três meses de atraso em relação ao Ano do Nascimento de Cristo, em detrimento do de Pisa que se antecipa nove meses em relação a 25 de Dezembro (cf. Costa, Avelino Jesus da, *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3ª ed., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993, pp.23-24), de qualquer modo preferimos colocar aqui apenas os elementos originais, evitando-se assim possíveis erros de datação.

<sup>3118</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N°.137.

priorado de Cárquere, os crúzios acabariam por não conseguir os seus intentos e o mosteiro seria unido à Companhia de Jesus<sup>3119</sup>.

**Priores cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**João Esteves** – Prior do mosteiro de Cárquere. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Stephani prior Sancte Marie de Carcari” a 27 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>3120</sup>. Deverá ter sido prior do mosteiro numa fase inicial do séc. XIV, de resto, a dar alguma sustentabilidade a esta ideia está o facto de o registo que antecede o seu no obituário ser referente a D. Estêvão, prior de S. Vicente, que deverá ser o prior D. Estêvão Peres que segundo Frei Timóteo dos Mártires foi eleito em 1248 e faleceu em 1290<sup>3121</sup>.

**D. Pedro Pais** - Prior do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Petrus Pelagii priol de Carcary” a 4 de Agosto, mas sem que seja referenciado o ano<sup>3122</sup>. É muito provável que estejamos na presença do sucessor de D. Fernando Anes, cujo falecimento ocorreu a 13 de Janeiro de 1350<sup>3123</sup>. Não será de excluir também a possibilidade de D. Pedro Pais ter antecedido D. Fernando no priorado, sendo nesse caso, muito provavelmente o sucessor de D. Gonçalo Esteves, que como vimos deverá ter falecido por volta de 1340, de resto no Obituário que referimos o assento do prior D. Pedro Pais surge justamente a seguir ao registo de D. Gonçalo, o que significa, e isto partindo do princípio que foi respeitada a sequência cronológica, que o seu priorado é posterior ao desse prior<sup>3124</sup>.

**Pedro Anes** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Petrus Johanis prior de Carcary” a 3 de Abril, mas sem qualquer indicação do ano<sup>3125</sup>.

---

<sup>3119</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.331; Cardoso, Jorge, *Agiologio Lusitano*, Tomo I, edição fac-similada com organização, estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p.74-75.

<sup>3120</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.147.

<sup>3121</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, pp.93-94.

<sup>3122</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.26vº.

<sup>3123</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.33vº.

<sup>3124</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.26vº.

<sup>3125</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.12vº.

### **1.3. Diocese do Porto**

#### **1.3.1 - Santa Maria de Vila Boa do Bispo (c. Marco de Canaveses)**

**D. Domingos Peres/D. Domingos de Deus (?)** – Prior do mosteiro de Vila Boa. Frei Timóteo dos Mártires referencia Domingos Pires como prior do mosteiro por volta de 1290<sup>3126</sup>, data perfeitamente aceitável tendo em conta que o último documento que conhecemos onde é referenciado o seu antecessor, o prior D. Domingos Martins, data de 26 de Julho de 1288<sup>3127</sup>, e a primeira prova documental que atesta a presença de Domingos Peres à frente de Vila Boa é um emprazamento de Novembro de 1296<sup>3128</sup>. Em 1302 aparece identificado como “Domno Dominico de deo Priore Monasterii de villa Boa episcopi”, o que nos faz pressupor que fosse também tratado dessa forma, embora seja a única vez que o detectámos sob tal identificação<sup>3129</sup>. Poderá colocar-se a possibilidade de estarmos perante outro indivíduo mas neste caso parece-nos muito improvável até porque instrumentos lavrados no mosteiro de Vila Boa, em Dezembro de 1306<sup>3130</sup> e Setembro de 1312<sup>3131</sup> confirmam-nos “Domingos Periz priol” do mosteiro de Vila Boa.

**D. Nicolau Martins/D. Nicolau Martins Cabral** – Prior do mosteiro de Vila Boa. Governou o mosteiro de Vila Boa do Bispo entre 1316 e 1348<sup>3132</sup>. D. Nicolau Martins era irmão de D. Afonso Martins, abade do mosteiro de São João de Alpendorada e parente directo de Júlio Geraldês, vassalo de D. Fernando e corregedor de Entre Douro e Minho, defendendo alguns autores que era seu irmão<sup>3133</sup>, e outros que D. Nicolau era pai de Júlio Geraldês e de D. Pedro Gonçalves Cabral<sup>3134</sup>. A primeira indicação que lhe conhecemos como prior de Vila Boa data de 19 de Agosto de 1316, dia em que o bispo do Porto, D. Fernando (1314-1322) concede autorização ao “religioso e amado filho Nicolao Martinz priol do mosteiro de Vila Booa do Bispo” e seu convento para efectuarem emprazamentos e herdamentos do mosteiro<sup>3135</sup>. Significa isto que, e ao contrário do que indica Frei Timóteo dos Mártires, D. Paio Cardiga, não deverá ter sido prior mor do mosteiro de Vila Boa, ou se o foi não poderá ter sido em 1323, cronologia apontada pelo cronista agostiniano<sup>3136</sup>. Este é mais um exemplo de um religioso que ascende hierarquicamente dentro da comunidade uma vez que já era cônego regente de

---

<sup>3126</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.161.

<sup>3127</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.12.

<sup>3128</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.13.

<sup>3129</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.175.

<sup>3130</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.14.

<sup>3131</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15.

<sup>3132</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IV, p.289. Frei Timóteo dos Mártires também referencia este prior mor do mosteiro de Vila Boa, dizendo que faleceu a 25 de Novembro de 1392 (Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162), o que, como prova Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, pp.1692-1697, não está correcto, tendo de facto o óbito deste prior ocorrido a 25 de Novembro, mas de 1348.

<sup>3133</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IV, p.289; António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, Edição do Autor, 1988, p.100.

<sup>3134</sup> Veja-se, por todos, Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, pp.101-104.

<sup>3135</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.16.

<sup>3136</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

Vila Boa do Bispo em 1302<sup>3137</sup>. Nicolau Martins faleceu a 25 de Novembro de 1348 como revela a sua epígrafe tumular<sup>3138</sup>, muito provavelmente vítima da peste que então grassava em Portugal, embora também possa ser uma simples coincidência até porque, por esta altura, tudo indica que já fosse de idade avançada.

**D. Salvador Pires/ Salvador Peres/D. Salvado Pires/D. Salvado Peres**<sup>3139</sup> – Prior de Vila Boa do Bispo. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, Salvador Pires ou Peres foi o sucessor de D. Nicolau Martins, por eleição do convento<sup>3140</sup>. Era descendente dos Milhaços e Peixões e familiar do anterior prior<sup>3141</sup>. Apesar de não surgir identificado tudo indica que foi um dos intervenientes na apelação que fizeram os abades de Pedroso, Pendorada, Paço de Sousa, e o prior de Vila Boa do Bispo das constituições mandadas publicar em sínodo pelo bispo do Porto a 20 de Fevereiro de 1360, e de que resultou uma rectificação a 27 de Dezembro de 1360<sup>3142</sup>. Aparece identificado como prior de Vila Boa a 9 de Janeiro de 1376<sup>3143</sup>. A 24 de Agosto de 1387, participou no conclave

---

<sup>3137</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.175. Consulte-se também a sua entrada na secção referente aos cônegos regrantes.

<sup>3138</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IV, p.289; Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, Lisboa, Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.399. A leitura epigráfica desta inscrição tumular tem sido alvo de diversas interpretações, desde logo D. Rodrigo da Cunha que leu “Era de M.C.C.C.LXXX” (cf. Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, Porto, 1623, II parte, p.432) e recentemente Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, Edição do Autor, 1988, pp.97-98, leu “Era MCCCLXXXIII” (Era de 1383, portanto ano de 1345), de resto uma das versões que também figura na monografia de Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.100. Ainda no que respeita à datação a versão de Frei Nicolau de Santa Maria foi, ultimamente, corroborada pela leitura de Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa: 862-1422*, Vol 2: Tomo 2, 2000, pp.1692-1697) que nesta mesma obra apresenta, aprofundadamente, o historial desta inscrição. Mas se a datação deste túmulo gerou divergências, as próprias fontes manuscritas também não ajudaram no esclarecimento da questão, antes tendem a agravá-la. É que segundo o cronista Frei Timóteo dos Mártires o falecimento de D. Nicolau Martins data de 25 de Novembro de 1392 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162). Perante tal informação seria de supor que, à semelhança de Frei Nicolau de Santa Maria, Frei Timóteo também tivesse visto a inscrição e a transcrevesse mal (fazendo a respectiva conversão para a Era de Cristo daria 1354), mas o certo é que este cronista agostiniano parece não ter tido contacto com essa pedra tumular, socorrendo-se sim de outras fontes, mormente dos obituários, isto se tivermos em consideração que um obituário de Moreira da Maia regista o falecimento de “D. Nicolaus Martini Prior Vila Bonna” às 7 Kalendas de Dezembro do ano de 1392 (cf. BNL – Secção de Reservados, N° 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”). Já um obituário de S. Vicente de Fora regista o “obiit Nicolay Martini... de Villa...” a 24 de Maio de (cf. Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.95).

<sup>3139</sup> Na inscrição epigráfica do seu túmulo aparece “Salvado” sem qualquer sinal de abreviatura (cf. Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, p.2025).

<sup>3140</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162. Este cronista agostiniano coloca essa eleição em 1392, o que estando errado, não deixa de seguir uma linha de coerência uma vez que dá esse mesmo ano de 1392 como data de óbito de D. Nicolau Martins, quando é D. Salvador Pires que falece nesse ano.

<sup>3141</sup> António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, Edição do Autor, 1988, pp.102-103, através da análise heráldica dos três túmulos que se encontram em Vila Boa do Bispo (D. Nicolau Martins, seu irmão Júlio Geraldês e do prior D. Salvador Peres) provou a existência de laços de parentesco entre os dois priores. Além de Júlio Geraldês, corregedor de Entre Douro e Minho eram também parentes de D. Afonso Martins, abade de S. João de Pendorada (cf. Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, p.2031).

<sup>3142</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°704, fl.780; Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, Dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1938, p.62.

<sup>3143</sup> Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, p.2031.

que instituiu a celebração de sufrágios entre diversos mosteiros agostinhos e beneditinos das dioceses do Porto e de Braga<sup>3144</sup>. É bastante plausível que tenha falecido em 1392, como indicam alguns Autores<sup>3145</sup>.

**D. Duarte Gonçalves** – Provável prior do mosteiro de Vila Boa. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o como prior mor do mosteiro de Vila Boa por volta de 1404<sup>3146</sup>.

**Álvaro Vasques** – Prior de Vila Boa do Bispo. A 24 de Setembro de 1413 “Alvaro Vaasquez priol de Villa Boa”, na companhia do seu criado João Martins, encontrava-se junto à quintã de Barros, onde testemunha um subemprazamento efectuado por Margarida Peres a Diogo Álvares, tabelião de Paiva, dos casais de Outeiro e do Forno que trazia do mosteiro de Arouca<sup>3147</sup>. Frei Timóteo dos Mártires também alude a este prior, referenciando-o no cargo em 1428<sup>3148</sup>, o que é possível.

**Vasco Domingues** – Provável prior do mosteiro de Vila Boa. A 11 de Agosto de 1423 o rei legitima-lhe dois filhos (Diogo Domingues e Aldonça Vasques), ambos fruto de uma relação que teve com Maria Afonso, mulher solteira à altura do nascimento das crianças<sup>3149</sup>. De qualquer modo surge apenas referenciado como “abade de Vila Boa”, intitulação que naturalmente não corresponde aos superiores agostinhos, mas que por vezes era aplicada. Será este o caso? Frei Timóteo dos Mártires não dá qualquer notícia deste prior.

**D. Martinho Gonçalves** – Provável prior do mosteiro de Vila Boa. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o como prior mor do mosteiro por volta de 1436<sup>3150</sup>.

**D. Rodrigo Gonçalves Barbosa** – Provável prior do mosteiro de Vila Boa. O cronista regente Frei Timóteo dos Mártires encontra-o referenciado como prior mor do mosteiro em 1449<sup>3151</sup>.

**D. João de Castro** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Boa. Segundo Frei Timóteo dos Mártires o mosteiro foi-lhe dado em comenda por D. João II, em 1475<sup>3152</sup>. Será este D. João de Castro o mesmo que viria a ser comendatário dos mosteiros de Cárquere e Mancelos? Parece-nos uma possibilidade forte.

**D. João de Azevedo** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Boa. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este bispo do Porto (1465-1495) deteve a comenda do mosteiro de

---

<sup>3144</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257.

<sup>3145</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IV, p.289; Costa, António Carvalho da, *Corografia portugueza...*, Tomo I, Lisboa, Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.399.

<sup>3146</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3147</sup> Vigário, Rafael Marques, *O mosteiro de Arouca no século XV (1400-1437) – “A comunidade e o património”*, Coimbra, Dissertação de Mestrado em História da Idade Média apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 181-182 (doc.35).

<sup>3148</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3149</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. IV – Tomo 1, 2006, p.261.

<sup>3150</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3151</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3152</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

Vila Boa entre 1480 e 1493, ano em que lhe atribui o seu falecimento<sup>3153</sup>, o que não corresponde à verdade. D. João de Azevedo foi também comendatário do mosteiro de S. João de Alpendurada, cargo que já ocupava a 11 de Março de 1485<sup>3154</sup>.

**D. Pedro Homem** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Boa. Segundo Frei Timóteo dos Mártires Pedro Homem deteve a comenda do mosteiro de Vila Boa entre 1493 e 1506<sup>3155</sup>. Ao que tudo indica trata-se de um cônego do mosteiro que também foi pároco da igreja de S. Lourenço do Douro<sup>3156</sup>.

**D. Manuel da Silva** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Boa. Segundo Frei Timóteo dos Mártires D. Manuel atribui-lhe a comenda do mosteiro de Vila Boa do Bispo em 1506<sup>3157</sup>.

**D. Manuel de Azevedo** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o como comendatário de Vila Boa do Bispo em 1516<sup>3158</sup>. A 13 de Agosto de 1533 foi dada sentença contra D. Manuel de Azevedo, comendatário dos mosteiros de Vila Boa do Bispo e S. João de Alpendorada, pela qual lhe foi retirada a jurisdição nos coutos desses mosteiros, por ser acusado de exceder as suas competências jurisdicionais, intrometendo-se na esfera jurisdicional dos corregedores<sup>3159</sup>.

Por breve de 3 de Setembro de 1531 o papa Clemente VII (1523-1534) pede a D. João III que favoreça D. Manuel de Azevedo na comenda do mosteiro de Ancede, entretanto vago, mas parece ter sido aí preterido a favor de D. Manuel de Sousa<sup>3160</sup>.

**D. Luís de Almeida** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Boa. Sobrinho do prior mor de S. Miguel de Vilarinho, conseguiu a comenda de Vila Boa por troca<sup>3161</sup>. Faleceu, segundo Frei Timóteo dos Mártires, a 23 de Abril de 1565<sup>3162</sup>.

**D. Miguel de Almeida** – Prior comendatário do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Trata-se do último comendatário do mosteiro. Era filho de D. Luís de Almeida, anterior comendatário de Vila Boa e prior de Vilarinho e de Maria Álvares Freire<sup>3163</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires D. Miguel era cônego da comunidade e seu prior claustral, alcançando o priorado da instituição, na qualidade de comendatário, em 1565<sup>3164</sup>. Apesar de surgir identificado como “abade professo perpetuo do mosteiro de Villa Boa

---

<sup>3153</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3154</sup> Oliveira, Luís Filipe, “O Arquivo dos Condes de Marialva num inventário do século XVI”, in *Elites e redes clientelares na Idade Média*, Edições Colibri, 2001, p.235.

<sup>3155</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3156</sup> Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.497.

<sup>3157</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3158</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3159</sup> IAN/TT – Gaveta X, M.9, Doc.14.

<sup>3160</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo XI, 1898, pp. 311-312.

<sup>3161</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3162</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162.

<sup>3163</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 2, 1938, p.95.

<sup>3164</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162. É perfeitamente plausível esta data até porque é certo que D. Miguel de Almeida, em 1568, já governava o mosteiro (cf. Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, pp.118,481).

do Bispo<sup>3165</sup> tal designação deixa-nos algumas dúvidas sobretudo porque D. Miguel de Almeida casou com D. Francisca Pereira Coutinho de quem teve uma filha<sup>3166</sup>. Este prior comendatário faleceu a 11 de Setembro de 1605<sup>3167</sup>, tendo-se mantido à frente da instituição até essa altura, opondo-se sempre às tentativas para a integração plena do mosteiro na Congregação, admitindo inclusivamente à revelia do Prior Geral da Ordem um noviço no mosteiro para ocupar a vaga aberta pelo falecimento de um antigo cônego, quando as instruções eram para que tal não sucedesse<sup>3168</sup>.

### **1.3.2. - Santo André de Ancede (c. Baião)**

#### **Santo André de Ancede (c. Baião)**

**Vasco Martins** - Prior do mosteiro de Santo André de Ancede. Filho de Sancha Pires de Chacim e neto de Pêro Nunes de Baião<sup>3169</sup>, era natural da região duriense e foi criado por “donna Branca nosa tia rica dona que foy de Bayam”, tendo recebido também grande ajuda material do seu primo Martim Anes, o que lhe permitiu professar na Ordem de Santo Agostinho<sup>3170</sup>. O início do seu priorado à frente do mosteiro de Ancede remonta pelo menos a 25 de Fevereiro de 1354, dia em que, em nome do mosteiro, recebeu de sua tia D. Branca Lourenço de Valadares os direitos que esta possuía na igreja de Santa Leocádia de Lágea<sup>3171</sup>. A 2 de Julho de 1357 o rei emprazou, vitaliciamente, ao prior “Vaasco Martinz” todos os moinhos que tinha na herdade de “Cedernha”, termo de Gondim, no julgado de Penaguião, com todos os seus direitos e direituras, por uma renda anual de 30 libras<sup>3172</sup>. Posteriormente foi eleito para prior do mosteiro de S. Jorge de Coimbra, tendo essa eleição sido confirmada pelo monarca a 6

---

<sup>3165</sup> Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.482.

<sup>3166</sup> Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.105. Felgueiras Gaio não indica este casamento nem lhe atribui descendência (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 2, 1938, p.95).

<sup>3167</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Lisboa, 1668, Livro VI, cap. IV, p.289; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.162; Couto, António, *Raízes histórico-culturais de Vila Boa do Bispo*, Edição do Autor, 1988, p.84.

<sup>3168</sup> Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, pp.118,481).

<sup>3169</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas - genealogias e estratégias (1279-1325)*, Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família, Universidade Moderna, Porto, 1999, vol. 1, p.250; Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 2, 2000, p.1714; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, pp. 532-533 (nota 107).

<sup>3170</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, p.187, 202 (doc.3). A busca da ascendência de D. Vasco Baião tem merecido alguma atenção por parte de vários autores, embora, e até recentemente, com resultados pouco consistentes, situação gerada quer pelas pistas fornecidas pelo próprio D. Vasco Martins ao intitular-se de “Baião” como pela ascendência que lhe atribuiu Frei Nicolau de Santa Maria, dizendo-o filho de Martim Afonso de Sousa (cf. Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, 1668, Segunda Parte, Livro IX, cap. XII, p.243). Toda esta problemática da ascendência e as ligações familiares de Vasco Martins de Baião foi abordada de forma bastante profunda por Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, sobretudo pp. 526-533.

<sup>3171</sup> Pizarro, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens medievais portuguesas - genealogias e estratégias (1279-1325)*, Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família, Universidade Moderna, Porto, 1999, vol. 1, pp. 250-251 (nota 41).

<sup>3172</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.21 (Doc. 51).



de Maio de 1362<sup>3173</sup>. Apesar desta confirmação D. Vasco parece não ter assumido a canónica conimbricense, mais a mais se tivermos em conta que o prior de S. Jorge de Coimbra era, em Fevereiro de 1363, D. Afonso Gonçalves<sup>3174</sup>, de resto, amplamente documentado a partir daí. Além disso o próprio Vasco Martins aparece como prior de Ancede em datas posteriores, mormente em Abril de 1364, altura em que institui uma capela no próprio mosteiro, dotando também a comunidade conventual de mais rendimentos<sup>3175</sup>. Ainda sob o seu governo, a 9 de Fevereiro de 1365, D. Pedro I confirma ao prior e convento do mosteiro de Ancede todos os privilégios, foros, liberdades e bons costumes de que sempre usaram<sup>3176</sup>. A 1 de Novembro de 1369 Vasco Martins continua a ser indicado como prior de Ancede, dia em que cerca de quatro dezenas de padroeiros resignam aos direitos que tinham na igreja de S. Bartolomeu de Baião<sup>3177</sup>. Novo comprovativo da sua continuidade em Ancede é o instrumento de 26 de Agosto de 1374 pelo qual o prior Vasco Martins e o convento de Ancede arrendam a Domingos Pires e a sua mulher, Clara Martins, as casas que tinham na ribeira de Gaia, que lhes ficaram de Álvaro Gonçalves<sup>3178</sup>.

Manteve-se, oficialmente, à frente desta casa monástica até 21 de Outubro de 1377, dia em que é emitida bula que autoriza a renúncia ao priorado de Ancede<sup>3179</sup>, para que possa assumir o de Santa Cruz de Coimbra, em permuta com o prior crúzio Afonso Pires<sup>3180</sup>. Haveria de manter-se à frente de Santa Cruz de Coimbra até ao seu falecimento, a 17 de Fevereiro de 1393<sup>3181</sup>, somando a sua gestão no cômputo dos dois mosteiros cerca de 40 anos.

**João Domingues** – Provável prior de Ancede. A 20 de Maio de 1381 João Domingues, clérigo da diocese do Porto solicita a Clemente VII o priorado de Ancede<sup>3182</sup>.

---

<sup>3173</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.298 (Doc. 640).

<sup>3174</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Jorge de Coimbra, M.9, Docs.12,13; Fernandes, Aires Gomes, “As relações entre a Coroa e o mosteiro de S. Jorge de Coimbra em tempos medievos”, in *Lusitania Sacra*, 2ª série, Tomo XVII, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2005, p.354.

<sup>3175</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, p.187, 201-205 (doc.3); Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, pp. 532-533.

<sup>3176</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.461 (Doc.985).

<sup>3177</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, pp. 530-532 (nota 104).

<sup>3178</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.53, 67-68 (Doc.1 do Apêndice).

<sup>3179</sup> A renúncia foi apresentada em Roma pelos procuradores dos priores de Santa Cruz e Ancede, nas mãos de D. João, bispo de Amiens (cf. *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-1 (A Península Ibérica e o Cisma do Ocidente: Repercussão do Cisma na nacionalidade portuguesa do século XIV e XV – Introdução aos vol. III-2 e IV de Súplicas do pontificado de Martinho V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Braga-Porto, Livraria Editorial Franciscana, 1970, p.619).

<sup>3180</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-1, 1970, p.619; Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, p.188; Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, pp.533,906.

<sup>3181</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.534.

<sup>3182</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.156; Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao*

Desconhecemos se de facto João Domingues chegou ou não a assumir o priorado desta canónica.

**D. Fernão Gomes/Fernando Gomes** – Prior de Ancede. A sua presença entre a comunidade regrente de Ancede remonta, pelo menos, a Abril de 1364<sup>3183</sup>, tratando-se de um cônego que ascende hierarquicamente na instituição. Desconhecemos a data em que se iniciou o seu priorado mas já ocupava o cargo a 24 de Agosto de 1387, sendo um dos priores que nesse dia esteve presente em Alpendurada, onde foi definido um compromisso de celebração de sufrágios entre diversos mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses do Porto e Braga<sup>3184</sup>. Foi este prior quem ordenou a elaboração de um tomo das propriedades do mosteiro, estimando-se a sua elaboração por volta de 1400<sup>3185</sup>.

**D. Vasco Gonçalves** – Provável prior de Ancede. Frei Timóteo dos Mártires diz que Vasco Gonçalves, professo do mosteiro de Santa Cruz e seu antigo prior claustral “era prior da igreja de Santo Andre de Ansede” em 1414<sup>3186</sup>, altura em que regressou a Coimbra por solicitação do convento enquanto não se ultrapassava o conflito criado pela eleição de Afonso Martins e Pedro Anes para o priorado de Santa Cruz. Apenas uma análise mais aprofundada da documentação referente a Ansede poderá lançar alguma luz sobre esta questão, embora, e partindo dos elementos analisados até ao momento, nos pareça uma hipótese algo remota.

**D. Fernando Afonso** – Prior do mosteiro de Ancede. A 28 de Setembro de 1414 já era prior de Ancede, dia em que D. João I deu sentença favorável ao mosteiro a “huum feito per apelação que hera antre Dom Fernand’ Afonso pryor do mosteiro de Sancto André d’Ancede do bispado do Porto e seu convento” contra o procurador do concelho do Porto por não permitirem que não fosse vendido o vinho do mosteiro na cidade, obrigando-os a vender o vinho na barca do mosteiro que estava no rio Douro, como se não fossem vizinhos da cidade<sup>3187</sup>. Em Junho de 1427 o prior D. Fernando Afonso envolveu-se em contenda com o concelho do Porto, por causa de roubo e abusos cometido pelas autoridades concelhias do Porto, que na pessoa de João Domingues, procurador do concelho, coadjuvado pelo alcaide menor, João Gonçalves, levaram das casas do mosteiro, em Gaia, sete tonéis de vinho vermelho, que se encontrava aí armazenado para venda noutros locais, causando ao mosteiro um prejuízo avaliado em

---

*Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, p.189.

<sup>3183</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansede ...”, p.205 (Doc.3).

<sup>3184</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257. Alberto Martins diz-nos que D. Fernando Gomes já era prior em 1378 (cf. Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.534) mas não conseguimos confirmar essa informação, pelo que poderá tratar-se de um simples lapso com a troca dos dois últimos números o que nos reportaria para a tal data de 1387, de qualquer modo e a verificar-se a presença de D. Fernão Gomes como prior em 1378 automaticamente o hipotético priorado de D. João Domingues fica invalidado.

<sup>3185</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Tomo do mosteiro de Ancede [séc. XIV]” ..., 2003, pp. 218, 221. O próprio tomo revela que “fezeo Martin Pirez prior clasteiro e notairo per saude da sua alma e per mandado do prior dom Fernam Gomez” (cf. *Tomo do mosteiro de Ancede*, fl.1, 2003, p.221).

<sup>3186</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo I, 1955, pp.71-73. Também citado por Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra...*, 2003, p.906.

<sup>3187</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo” ..., 1998, pp.75-77 (Doc.5).

8400 reais brancos<sup>3188</sup>. O prior apelou à justiça régia o reparo não só do furto mas também da desonra e injúria provocadas, com D. João I a dar sentença a 22 de Março de 1428, estando aí presente o prior, compelindo o concelho à restituição dos tonéis de vinho, de igual qualidade, ou ao pagamento do respectivo valor em numerário, a que acrescia uma quantia de 2601 reais brancos referentes às custas que o prior tivera com o processo<sup>3189</sup>. A 30 de Junho de 1430 o titular desta canónica, “dom Fernand’Affonso priol do mosteiro d’Ansede”, encontrava-se em Pousada, termo do julgado de Aregos<sup>3190</sup>.

**João Fernandes** - Prior do mosteiro de Ancede. A 19 de Junho de 1451 recebe ordens de Epístola em Braga surgindo aí já designado como “prioll do mosteiro de Santo Andre de Anssede”<sup>3191</sup>. Praticamente três meses depois, a 18 de Setembro de 1451, encontra-se novamente em Braga, onde recebe ordens de Evangelho<sup>3192</sup>, cidade a que regressará ainda antes do Natal para ser investido nas ordens de Missa, cerimónia que terá lugar a 18 de Dezembro de 1451<sup>3193</sup>. A 9 de Fevereiro de 1480 D. Afonso V ordenava a Luís Álvares de Sousa, conselheiro e ouvidor régio e ao seu neto João Fernandes de Sousa para que, na qualidade de detentores da jurisdição do crime no mosteiro de Ancede, não entrassem em confronto com o seu prior que aí detinha a jurisdição cível<sup>3194</sup>. O certo é que apesar das recomendações régias o fidalgo João Fernandes de Sousa “por sua propria authoridade pos mãos viollentas em dom João prior que foi do dito mosteiro d’Ansede sabendo muito bem e sendo notorio que o dito prior hera saserdote de missa e o predeio e teve preso em seu poder come seo e mandou meter no rio Doiro...”<sup>3195</sup>. Esta descrição é elucidativa das violências que o prior teve de enfrentar, sendo este relato datado de 1493, numa altura em que, como revela o documento, o seu governo já tinha terminado. A 29 de Janeiro de 1484 ainda ocupava o priorado dia em que o concelho de Gaia passa carta de vizinhança, válida por um ano, ao mosteiro e seus representantes para que possam usufruir das isenções nas trocas comerciais, atestando-se aí que “Dom Joam prior do mosteiro d’Ansede he morador no ditto lugar de Gaia, e hi mantem casas, e vezinhança e faz comnosco toda boa vezinhança que o bom vezinho deve fazer e usar, por que vos rogamos quanto rogar podemos que o nom constrajaes delle a vos, nem a cada hum de vos pague nem seus mancebos de suas mercadorias, e averes, que levarem e trouxerem para estes regnos de Portugal, e do Algarve nehua portagem, e usagem, passagem, custumagem por quanto he de tudo livre e escuzo...”<sup>3196</sup>. À luz destes dados pode situar-se o final do seu priorado entre 1484 e 1493.

**D. João Domingues, cardeal de Trana** – Prior comendatário do mosteiro de Ancede. Desconhecemos a data em que João Domingues, cardeal de Trana, obteve a comenda

<sup>3188</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.70-71 (Doc.4).

<sup>3189</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.71-72 (Doc.4).

<sup>3190</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.19, 2003, pp.262-263.

<sup>3191</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.40; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.166.

<sup>3192</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.47v.; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.172.

<sup>3193</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.53; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas dos Ordinandos da Mitra de Braga (1430-1588)*, Tomo I, Ponte de Lima, Edições Carvalhos de Basto, 2002, p.177.

<sup>3194</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 32, fl.11vº.

<sup>3195</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

<sup>3196</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.78-79 (Doc.6).

mas no início da década de 30 do séc. XVI o mosteiro já estava em sua posse uma vez que em 1531, juntamente com o papa, recomenda ao rei que coloque à frente de Ancede D. Manuel de Azevedo, situação que não ocorreu<sup>3197</sup>. A 21 de Maio de 1532 é enviado um novo breve pontifício a pedir a D. João III que coloque na comenda de Ancede “Joannes Dominicus episcopus Albanensis Sanctae Romanae Ecclesiae cardinalis Tranensis” ou a pessoa indicada por ele ou a quem ele tivesse cedido a comenda<sup>3198</sup>. À luz do que conhecemos estas solicitações do papa não foram atendidas pelo monarca português.

**D. Manuel de Sousa** – Prior comendatário do mosteiro de Ancede. Por breve de 3 de Setembro de 1531 o papa Clemente VII (1523-1534) pede a D. João III que favoreça D. Manuel de Azevedo na comenda do mosteiro de Ancede, entretanto vago, o problema é que o rei já se tinha antecipado e aí colocado D. Manuel de Sousa<sup>3199</sup>. Por um novo breve pontifício de 21 de Maio de 1532 o papa insiste com o monarca para que dê provimento na comenda do mosteiro de Ancede ao cardeal João Domingues, ou pessoa indicada por ele<sup>3200</sup>. Desconhecemos a forma como foi solucionada a questão entre o comendatário e o rei, mas D. João III parece não ter cedido, até porque a 24 de Janeiro de 1433 “Dom Manoel de Souza do concelho d’el Rey Nosso Senhor e abbade do mosteiro de Ancede” encontrando-se no Porto, nas suas casas, na Rua Nova de Santa Catarina das Flores, emprazou, em seu nome e no do mosteiro de Ancede, a Tomé Afonso Correia umas casas que o mosteiro tinha em Gaia<sup>3201</sup>. A 18 de Setembro de 1535 ainda se mantinha na comenda de Ancede, embora decorressem negociações em Roma no sentido do cardeal D. Henrique a obter<sup>3202</sup>. D. Manuel de Sousa foi também administrador perpétuo do mosteiro de Pedroso, cargo onde é detectável em Dezembro de 1535<sup>3203</sup> e Setembro de 1538<sup>3204</sup>, tendo igualmente detido a comenda do mosteiro de Travanca a partir de 1537<sup>3205</sup>. Esta última instituição acabaria por estar pouco tempo em sua posse uma vez que por bula do papa Paulo III, de 23 de Setembro de 1538, o cardeal D. Henrique é instituído como comendatário dos mosteiros beneditinos de Pedroso e Travanca, deixados vagos justamente por Manuel de Sousa<sup>3206</sup>, nesse mesmo dia eleito como bispo da diocese de Silves<sup>3207</sup>, onde se manteria até 1545. Quanto ao de Ancede como não é aí mencionado é muito provável que já não estivesse em sua posse, embora e até ao aparecimento de dados concretos, não é de excluir a hipótese de ter abdicado da comenda neste mesmo ano e em virtude da sua nomeação para o bispado algarvio, mas não temos provas dessa resignação. De resto esta última possibilidade parece ganhar mais credibilidade pelo facto do seu sucessor em Ancede ter obtido a comenda logo no princípio do ano seguinte<sup>3208</sup>.

---

<sup>3197</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 311-312.

<sup>3198</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, p. 319.

<sup>3199</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 311-312.

<sup>3200</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, p. 319.

<sup>3201</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.84-87 (Doc.9).

<sup>3202</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, p.244.

<sup>3203</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.148.

<sup>3204</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.172.

<sup>3205</sup> IAN/TT – Gaveta II, M. 5, Doc.26.

<sup>3206</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.453-455. Já a 16 de Setembro de 1538 D. Manuel de Sousa tinha resignado a favor do cardeal D. Henrique o priorado da Colegiada de S. Martinho de Cedofeita (cf. *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.450-451).

<sup>3207</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.451-452.

<sup>3208</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 432-433.

**Cardeal D. Henrique** – Prior comendatário do mosteiro de Ancede. Como vimos atrás, em Setembro de 1535 decorriam negociações em Roma no sentido do cardeal D. Henrique obter a comenda de Ancede<sup>3209</sup>. Não sabemos quando a conseguiu e em que condições e termos foi investido nela, e se foi de facto nesta altura, de qualquer modo é assente que D. Henrique foi comendatário de Ancede<sup>3210</sup>, mas ainda não conseguimos detectar a data em que tal ocorreu, embora tudo aponte para a segunda metade da década de trinta.

**D. Sancho de Noronha** – Prior comendatário do mosteiro de Ancede. Segundo a “Biblioteca Lusitana” de Diogo Barbosa Machado, D. Sancho de Noronha, ou de Faro, também comendatário do mosteiro de Pedroso e que foi deão da capela real, era filho de D. Fernando de Noronha, terceiro senhor de Vimieiro e de sua mulher Isabel de Melo<sup>3211</sup>. Por bula do papa Paulo III (1534-1549), de 24 de Janeiro de 1539, Sancho de Noronha, clérigo de Évora, é investido no priorado do mosteiro de Santo André de Ancede<sup>3212</sup>. A 13 de Maio de 1545 D. Sancho de Noronha continua a ser identificado como “commendatarium monasterii Sancti Andree de Ansede Ordinis Sancti Augustini Portugalensis diocesis”<sup>3213</sup>. Neste mesmo ano, por bula de 8 de Junho, o papa Paulo III institui-o como comendatário do mosteiro de Pedroso, aparecendo aí sob a designação de “Sanctio de Noronha clerico Colimbriensi”<sup>3214</sup>.

Trata-se, efectivamente, do último comendatário do mosteiro, tendo ocupado o cargo até meados da década de cinquenta, sendo certo que D. Sancho já tinha falecido a 12 de Julho de 1556<sup>3215</sup>, cronologia que entra em divergência com a data de 1569, avançada por Barbosa Machado, como sendo a do seu óbito.

#### **Priores cuja cronologia não foi possível reconstituir com segurança:**

**D. Estêvão Martins** - Prior do mosteiro de Ancede. É muito provável que tenha ocupado o priorado de Ancede num período de tempo enquadrável na primeira metade do séc. XIV. Um tombo de Ancede, reportável a finais do séc. XIV revela que em Arvins “outrossy a hi o convento huum casal e meo que som das capellas do prior dom Stevam Martinz e rende XV maravedis”<sup>3216</sup>, adiantando noutro local que esses quinze maravedis para missas pelo prior D. Estêvão são por Páscoa e por S. Bartolomeu<sup>3217</sup>.

**D. Gomes Lourenço** - Prior do mosteiro de Ancede. É muito provável que se trate do antecessor do prior D. Vasco Martins o que colocaria o seu priorado na década ou décadas finais da primeira metade de trezentos. De concreto apenas podemos adiantar

<sup>3209</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, p.244.

<sup>3210</sup> Paiva, José Pedro, *Os bispos de Portugal e do Império: 1495-1577*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p.121.

<sup>3211</sup> Machado, Diogo Barbosa de, *Bibliotheca Lusitana...*, Tomo III, 1752, p.673.

<sup>3212</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 432-433.

<sup>3213</sup> IAN/TT – Gaveta XV, M.12, Doc.38.

<sup>3214</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, p.513.

<sup>3215</sup> IAN/TT – Corpo Cronológico, Parte I, M. 98, N. 133. Este documento contraria assim a informação de D. Nicolau de Santa Maria que diz que este comendatário faleceu no início de 1557 (cf. Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327, data que também foi seguida na *Galeria das Ordens religiosas e militares*, Tomo I, Porto, 1843, p.97). Uma carta, de Abril de 1559, do rei para o embaixador Lourenço Pires de Távora também diz que o mosteiro se encontrava vago por falecimento de D. Sancho seu último comendatário, mas não especifica a data do seu óbito (cf. *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, pp.124-125).

<sup>3216</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.5, 2003, pp.230.

<sup>3217</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.27vº, 2003, p.288.

que há referência a este prior num tombo de Ancede dos finais do séc. XIV dizendo-se aí que “o padre do prior Gomez Lourenço mandou a sua partilha e quinhom das dictas casas e o padroado de S. Cibrão” ao mosteiro<sup>3218</sup>. As casas em causa localizavam-se em Pousada, tendo sido construídas por Lourenço Gomes, filho de Catarina Anes e pai do já referido prior Gomes Lourenço, e ao que tudo indica casado com Margarida Fernandes<sup>3219</sup>.

**D. Lourenço Julião** - Prior do mosteiro de Ancede. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “domnus Larencius Juliani priol de Ansidi” a 10 de Junho mas sem qualquer indicação do ano<sup>3220</sup>. Apesar de não termos elementos que nos permitam estabelecer uma cronologia exacta para o priorado de D. Lourenço, temos indicadores que nos levam a acreditar que o seu priorado teve lugar no séc. XIV, muito provavelmente como predecessor ou até como sucessor do prior D. Vasco Martins, cuja cronologia, como já tivemos oportunidade de ver, é estimável entre 1354 e 1377. Na base deste raciocínio está o facto de o seu registo anteceder o do cónego Afonso Martins<sup>3221</sup>, regrante de Ancede, que supomos ser o cónego que surge nessa canónica em Abril de 1364<sup>3222</sup>. Tendo por base este referencial, e a confirmar-se este dado, pode-se enquadrar o seu priorado em datas não muito afastadas desta. Além disso surge a referência a este prior num tombo dos finais de trezentos ou início de quatrocentos em que se diz que o mosteiro recebe em Sequeiros, do casal de João Martins, 13 maravedis por Páscoa que deixou ao mosteiro o “priol dom Lourenço”<sup>3223</sup>, que será certamente o prior D. Lourenço Julião.

**Jorge Dias Cabral** – Provável prior comendatário do mosteiro de Ancede. Segundo Felgueiras Gayo, Jorge Dias Cabral era filho de Diogo Dias Cabral e foi comendatário de Ancede, tendo-se amancebado com Maria de Macedo de quem teve vários filhos<sup>3224</sup>. A confirmar-se esta informação é muito provável que estejamos na presença do primeiro comendatário do mosteiro, o que permitiria que o período do seu governo fosse estimável para o final do séc. XV ou princípio do XVI, surgindo dessa forma como sucessor do prior João Fernandes.

**João Parente** – Provável prior comendatário do mosteiro de Ancede. Trata-se de uma informação veiculada pelo genealogista Felgueiras Gayo que o identifica como filho de Fernão Álvares Baião e de Mécia Vaz<sup>3225</sup>. Em termos cronológicos e sem quaisquer outros elementos específicos que, de momento, nos permitam balizar o seu priorado, ou sequer confirmá-lo no cargo, poderemos apontar a sua governação para o segundo quartel do séc. XVI.

### **1.3.3. - Santo Estêvão de Vilela (c. Paredes)**

**Domingos Viegas** – Prior do mosteiro de Vilela. Era prior de Vilela em 25 de Julho de 1289, dia em que foi nomeado executor do testamento de Afonso que deixou ao

<sup>3218</sup> Tombo do mosteiro de Ancede, fl.21, 2003, pp.266.

<sup>3219</sup> Tombo do mosteiro de Ancede, fl.21-21vº, 2003, pp.266-267.

<sup>3220</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.21.

<sup>3221</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.21.

<sup>3222</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansede ...”, p.205 (Doc.3).

<sup>3223</sup> Tombo do mosteiro de Ancede, fl.27vº, 2003, p.288.

<sup>3224</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 8, 1938, p.13.

<sup>3225</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 5, 1938, p.155.

mosteiro de Vilela herdamentos que tinha no couto de Leomil<sup>3226</sup>. A 15 de Julho de 1293 mantinha-se no cargo, dia em que inquiriu o abade de S. Pedro de Gondalães sobre o instrumento que o confirmava nessa igreja de Gondalães<sup>3227</sup>.

**Lourenço Gonçalves** – Prior do mosteiro de Vilela. Já ocupava o cargo de prior mor desta comunidade a 10 de Novembro de 1311<sup>3228</sup>. Em 1312 Lourenço Gonçalves, por comissão do bispo do Porto, deu sentença de composição entre o mosteiro de Lordelo e o de Santo Tirso por causa dos direitos de padroado na igreja de Frazão, onde eram copadroeiros em percentagem igual, mas onde Santo Tirso pretendia sobrepor-se<sup>3229</sup>.

**D. Domingos Martins** – Prior do mosteiro de Vilela. É muito provavelmente o sucessor de D. Lourenço Gonçalves, pelo menos é essa a sequência que surge numa listagem dos priores de Vilela<sup>3230</sup>.

**D. João Domingues** – Prior do mosteiro de Vilela. Numa listagem dos titulares do mosteiro de Vilela o seu priorado surge intercalado entre o de D. Domingos Martins e D. Domingos Pires<sup>3231</sup>.

**D. Domingos [Pires]** – Prior do mosteiro de Vilela. A 24 de Novembro de 1365 empra a Jorge Anes, a sua mulher, Maria Martins, e a uma terceira pessoa a nomear à morte do último sobrevivente, o casal das Devesas, em Salgueiro<sup>3232</sup>. Este documento a que acabamos de aludir apenas refere o nome próprio mas deverá tratar-se de Domingos Pires, isto tendo em consideração a listagem dos priores de Santo Estêvão de Vilela reproduzida por António Nogueira Gonçalves<sup>3233</sup> e que vimos utilizando.

**D. Martim Espiunca** – Prior do mosteiro de Vilela. É um dos signatários do compromisso de celebração de sufrágios, que a 24 de Agosto de 1387, se institui entre vários mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses do Porto e de Braga<sup>3234</sup>.

**D. Martim Pires/Martinho Pires/Martim Peres/Martinho Peres** – Prior do mosteiro de Vilela. Não será descabido admitir que este Martim Peres seja o prior atrás referenciado como D. Martim Espiunca mas, de momento, não temos dados que o confirmem. A 14 de Abril de 1393 o bispo do Porto, D. João de Azambuja (1391-

---

<sup>3226</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, pp. 12-13 (Doc.5); Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil: “A-presentação” e “Re-presentação”*, Leomil, Câmara Municipal de Moimenta da Beira e Casa do Povo de Leomil, 2004, pp. 335-336.

<sup>3227</sup> Vasconcellos, J. Leite de, *Opúsculos*, Vol. 1: *Filologia* (Parte I), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, pp. 302-304.

<sup>3228</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.85; Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, Dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1938, p.186 (doc. LXXXIX).

<sup>3229</sup> Mattoso, José; Krus, Luís; Andrade, Amélia Aguiar, “Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias”, in *Paços de Ferreira – Estudos Monográficos*, Vol. I, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1986, p.230.

<sup>3230</sup> Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7.

<sup>3231</sup> Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7.

<sup>3232</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, pp. 15-16 (Doc.7).

<sup>3233</sup> Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7.

<sup>3234</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – Nº 703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257.

1398)<sup>3235</sup> confirma a apresentação de Gonçalo Afonso para a Igreja de S. João de Nespereira, que entretanto vagara por falecimento do seu titular, João Amado, apresentação essa feita em conjunto por este prior de Vilela e pelo abade de Bustelo, à altura D. João Domingues<sup>3236</sup>. Em Junho de 1400 estes dois religiosos vão indicar um novo clérigo para a igreja de Nespereira, recaindo a escolha em João Lourenço, que é confirmado pelo bispo do Porto, D. Gil (1398-1407)<sup>3237</sup>, a 20 de Junho de 1400<sup>3238</sup>. Por solicitação do prelado português e com o natural assentimento do prior de Vilela foi erigida, em 1403, uma grande capela no mosteiro dedicada a Santa Maria<sup>3239</sup>. O priorado de D. Martim ou Martinho, parece ter sido relativamente longo, ocupando ainda essas funções em 17 de Outubro de 1420, dia em que aparece arrolado como testemunha num documento de composição feito entre a mesa conventual do mosteiro de Bustelo e o escudeiro Gonçalo Vasques e sua mulher, Catarina Gil, por causa das rendas da Quinta da Granja<sup>3240</sup>. A última notícia que lhe conhecemos data de 22 de Dezembro de 1426, dia em que participou em Braga, na qualidade de representante do clero da diocese do Porto, numa reunião patrocinada por D. Fernando da Guerra contra os vexames que o Clero era vítima por parte do rei<sup>3241</sup>. Tudo indica que deverá ter-se mantido no priorado até ao final de 1427 ou mesmo início de 1428, isto se tivermos em conta que em Fevereiro de 1428 o priorado se encontrava vago, aparecendo a solicitá-lo um cónego de S. Martinho de Caramos e apesar de nessa súplica não ser revelado o nome do anterior prior, tudo indica que seja Martim Pires. Um obituário de S. Vicente de Fora comemora o aniversário de “Martinus Petri prior de monasterio Villele” a 11 de Maio de ano incógnito, mas essa data poderá corresponder a uma comemoração colectiva pelo mosteiro e não ao óbito específico desse religioso até porque nessa data são integrados diversos cónegos de Vilela<sup>3242</sup>.

**Frei Gonçalo Gonçalves** – Prior do mosteiro de Vilela. Proveniente do mosteiro de S. Martinho de Caramos. Alcançou o priorado de Vilela através de súplica dirigida à Santa Sé, a 26 de Fevereiro de 1428, altura em que o priorado dessa canónica regrante se encontrava livre<sup>3243</sup>. A 13 de Novembro de 1433 “Gonçallo Gonçallvez” continuava à frente deste priorado, dia em que o rei D. Duarte lhe legitimou um filho de nome João Gonçalves, escudeiro e criado de Fernão Vasques da Cunha, fruto de uma relação que teve com Catarina Gonçalves, mulher solteira à altura do nascimento<sup>3244</sup>.

---

<sup>3235</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, p.309.

<sup>3236</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, p.63.

<sup>3237</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 1994, p.309.

<sup>3238</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, p.64.

<sup>3239</sup> Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.2. Este artigo foi posteriormente reeditado numa colectânea de estudos de António Nogueira Gonçalves (*Estudos de História da Arte Medieval*, Coimbra, Epartur - Edições Portuguesas de Arte e Turismo, 1980, pp. 143-151).

<sup>3240</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, p.81.

<sup>3241</sup> Ferreira, Monsenhor Cónego José Augusto, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, Tomo II, 1930, pp. 259-260.

<sup>3242</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.91.

<sup>3243</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 284-285; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>3244</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.210vº; *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.71 (Doc.98). Esta legitimação é também referenciada por Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.89.



**Diogo Martins** – Prior do mosteiro de Vilela. Em Junho de 1466 corrobora a apresentação feita pelo abade de Bustelo de Frei Fernando, monge professo de Bustelo para a igreja de S. João de Nespereira que se encontrava vaga, apresentação essa confirmada a 25 de Junho pelo vigário geral do bispo do Porto<sup>3245</sup>. A 30 de Janeiro de 1467 “dom Diego Martinz prior do mosteiro de Sancto Stevom de Villella da Ordem de Sancto Agustinho” comparece no Porto perante Rui Domingues, bacharel em Degredos, cónego da Sé do Porto, arcediogo da Régua, e vigário geral do bispo D. João de Azevedo, que valida o escambo feito entre o prior, em seu nome e no do mosteiro de Vilela, e o cavaleiro Gonçalo Vasques Alcoforado, por si e pela sua esposa, Inês de Castro, de quem era procurador<sup>3246</sup>. O prior cedeu o casal de Barrosinha localizado na freguesia e couto do mosteiro de Roriz, e no qual vinham sofrendo vários desaguisados, trabalhos e danos, recebendo em troca a quinta de Frazão, situada na freguesia de Frazão<sup>3247</sup> (c. de Paços de Ferreira). A 12 de Janeiro de 1468 D. Afonso V concede carta de perdão a Isabel Afonso, residente na freguesia de Duas Igrejas, por ter sido manceba de “Diogo Martins clerigo e prioll de Villella do bispado do Porto”<sup>3248</sup>. Segundo a solicitante essa ligação com o prior iniciara-se há catorze ou quinze anos<sup>3249</sup>, o que, e partindo do princípio que já nessa altura era de facto prior do mosteiro, permite recuar o início do seu priorado a 1453 ou 1454.

**D. Diogo Dias Rangel** – Comendatário do mosteiro de Vilela. Segundo Nogueira Gonçalves trata-se do último prior-mor do mosteiro mantendo-se no priorado até 1524 ou 1525, altura em que Brás Brandão foi instituído como comendatário da instituição passando D. Diogo a ser referenciado como procurador do comendatário<sup>3250</sup>, mas devemos estar na presença de um prior-comendatário. Nesse sentido vão as indicações de Alão de Morais e Manuel de Sousa da Silva ao dizerem que este prior resignou a comenda em Brás Brandão<sup>3251</sup>. Deverá ter falecido em 1534, ano em que ainda aparece documentado<sup>3252</sup>.

**Brás Brandão** – Prior comendatário do mosteiro de Vilela. Filho de João Sanches e Isabel Brandão<sup>3253</sup>, Brás Brandão já era prior do mosteiro de Vilela a 9 de Fevereiro de 1532, como revela um documento referente à aquisição de cerca de meio casal na freguesia de S. Paio de Guimarei a Beatriz de Aguiar<sup>3254</sup>. De qualquer modo, e pelo que ficou exposto atrás, deverá ter obtido a comenda em meados da década de vinte por resignação de Diogo Rangel<sup>3255</sup>. Além de comendatário de Vilela parece ter sido o

---

<sup>3245</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, p.95.

<sup>3246</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12A, M.7, N°201.

<sup>3247</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12A, M.7, N°201.

<sup>3248</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 35, fl.105.

<sup>3249</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 35, fl.105.

<sup>3250</sup> Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7.

<sup>3251</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo II - Vol. I, 1944, p.292; Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.201.

<sup>3252</sup> Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7.

<sup>3253</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Vol. I, 1943, pp.225-226.

<sup>3254</sup> Esta informação foi extraída do *Catálogo do Leilão “Biblioteca Eugénio da Cunha e Freitas- Parte II”*, organização de Pedro de Azevedo, leitura paleográfica de Susana Tavares Pedro, Lisboa, Dezembro de 2010, p.98.

<sup>3255</sup> Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo II - Vol. I, 1944, p.292; Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.201; Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7.

último abade de S. Salvador de Mosteiró da Maia<sup>3256</sup>. Este prior possuía também propriedades na Rua das Flores, no Porto<sup>3257</sup>. Em 1560 ainda era vivo, ano em que comprou, no Almojarifado do Porto, dez mil reis de juro<sup>3258</sup>. É provável que seja o mesmo indivíduo que surge num obituário de Moreira identificado como “Basilius Brandam Commendatarius Monasterii de Vilella”, falecido no ano de 1566<sup>3259</sup>.

**D. António Brandão** – Prior comendatário do mosteiro de Vilela. Sucedeu a Brás Brandão na comenda do mosteiro de Vilela<sup>3260</sup> por renúncia que o seu tio fez nele em 1560<sup>3261</sup>. Efectivamente D. António Brandão era o segundo filho de D. Brites Moutinha e D. António Sanches Brandão, irmão do comendatário Brás Brandão<sup>3262</sup>. Alão de Moraes diz que foi clérigo, prior de Alenquer e teve uma filha ilegítima enquanto estudante em Coimbra e ainda antes de tomar ordens<sup>3263</sup>. A acção governativa de D. António Brandão em Vilela parece ter sido muito profícua, sendo o responsável por diversas obras realizadas no mosteiro<sup>3264</sup>. D. António Brandão governou a instituição durante cerca de trinta anos, falecendo em 1590<sup>3265</sup>.

#### **Priores cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**D. Afonso Esteves** - Prior de Vilela. Segundo um obituário de Moreira da Maia este prior faleceu a às 18 Kalendas de Setembro, ou seja a 15 de Agosto, mas de ano que não é aí referenciado<sup>3266</sup>. Frei Timóteo dos Mártires deverá ter consultado este obituário porque também refere o seu falecimento a 15 de Agosto mas não lhe atribui qualquer cronologia para o priorado<sup>3267</sup>. Já um obituário de S. Vicente de Fora comemora o aniversário de “donus Alphonsus Stephani prior monasterio de Vilele” a 11 de Maio,

---

<sup>3256</sup> Moraes, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Vol. I, 1943, p.236. Não tivemos oportunidade de validar esta informação de qualquer modo há uma nítida incongruência cronológica na informação veiculada pelo genealogista uma vez que é aí dito que a igreja de S. Salvador de Mosteiró foi unida ao mosteiro das freiras de S. Bento do Porto pelo bispo D. Marcos, com o consentimento de Brás Brandão, o que é anacrónico uma vez que D. Marcos de Lisboa foi bispo do Porto entre 1581 e 1591 e o comendatário de Vilela faleceu em 1566.

<sup>3257</sup> Santos, Cândido Augusto Dias dos, *O censual da Mitra do Porto...*, 1973, p.358.

<sup>3258</sup> Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.201.

<sup>3259</sup> BNL – Secção de Reservados, Nº 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”). Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, Coimbra, 1960, p.126, diz que Brás Brandão faleceu em 1566, no dia 4 de Fevereiro.

<sup>3260</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.126; Gonçalves, António Nogueira, “A destruída igreja medieval do mosteiro de Vilela (Porto)”, 1939, p.7.

<sup>3261</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.126.

<sup>3262</sup> Moraes, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Vol. I, 1943, pp.226-227. Já o genealogista Manuel de Sousa da Silva dá como sua mãe Beatriz Coutinho e não Beatriz Moutinha, embora este seja um pormenor de somenos importância uma vez que essa Beatriz Coutinho era filha de Duarte Moutinho (cf. Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.198).

<sup>3263</sup> Moraes, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Vol. I, 1943, p.227. Também Frei Timóteo dos Mártires e Manuel de Sousa da Silva dizem que António Brandão foi prior de Alenquer (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, Coimbra, 1960, p.126; Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.198).

<sup>3264</sup> Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.XI, 1876, p.1423.

<sup>3265</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, Coimbra, 1960, p.126; Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.XI, 1876, p.1423; Melo, António Maria; Sousa, José J. Rigaud de; Vasconcelos, Flório de, “O mosteiro Santo Estêvão de Vilela em Paredes e os Cônegos Regrantes de St.º Agostinho”, in *Maia, História Regional e Local (Actas do Congresso)*, Câmara Municipal da Maia, 1999, vol.II, p.161.

<sup>3266</sup> BNL – Secção de Reservados, Nº 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s. p.).

<sup>3267</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.126

data que não deverá de facto corresponder ao óbito até porque aí são integrados diversos cônegos de Vilela, de qualquer modo esses registos seguem-se ao que dá conta do falecimento de Vasco Martins, prior de Santa Cruz de Coimbra<sup>3268</sup>, que deverá ter falecido em 1392<sup>3269</sup>, pelo que, e partindo do princípio que foi seguida a ordem cronológica nesses assentos, o seu falecimento não deverá ter ocorrido em data anterior a esta.

#### **1.3.4. - S. Salvador de Grijó (c. Vila Nova de Gaia)**

**D. Domingos Vicente** – Prior do mosteiro de Grijó. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este prior foi eleito em 1280<sup>3270</sup>. É inquestionável que foi prior do mosteiro no final do séc. XIII, e sem qualquer pretensão de delimitar aqui o início do seu priorado, podemos avançar que já surge identificado no cargo, pelo menos a 29 de Outubro de 1293<sup>3271</sup>. A presença de “domnum Dominicum Vicentii” à frente da instituição continua a ser corroborada por instrumento de 12 de Março de 1296, dia em que foi dada sentença favorável ao mosteiro de Grijó contra vários cavaleiros, entre eles João do Vale e Fernão Rodrigues Babilão, por causa dos direitos de comedoria, pousada e apresentação na igreja de S. Tiago de Lobão<sup>3272</sup>. A 14 de Junho de 1299 o prior Domingos Vicente recebeu em seu nome e no do mosteiro de Grijó a doação feita por Maria Pires, viúva de João Arrizado, referente a todos os herdamentos que esta possuía na aldeia de Paços de Brandão<sup>3273</sup>. A 30 de Outubro é celebrada uma longa composição entre o prior D. Domingos Vicente, em conjunto com o seu convento e o bispo do Porto sobre os diversos benefícios nas igrejas do seu padroado e respectivas obrigações que tinham para com a entidade episcopal<sup>3274</sup>.

D. Marcos da Cruz documenta este prior até 1306<sup>3275</sup>, o que contraria a informação de Frei Timóteo sobre o fim do priorado de D. Domingos Vicente, atribuindo-lhe o óbito a 8 de Fevereiro de 1290. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Dominicus Vicentii prior monasteri Ecclesiole”, a 18 de Fevereiro, anotando-se à margem uma data que supostamente corresponderá ao óbito mas que não se consegue ler com clareza, sobretudo os dígitos respeitantes às unidades, embora nos pareça “Era M.CCC.R.VI”, o que daria o ano de 1308<sup>3276</sup>.

**D. Pedro Anes** – Provável prior do mosteiro de Grijó. Segundo D. Rodrigo da Cunha “D. Pedro João prior do mosteiro de Grijó” foi testemunha num instrumento datado de Fevereiro de 1307 pelo qual o bispo D. Geraldo uniu as rendas do mosteiro de Canedo à mesa capitular da Sé do Porto, anexando-lhe também a igreja de Valbom<sup>3277</sup>. Trata-se

<sup>3268</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.90-91.

<sup>3269</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, 1668, p.245.

<sup>3270</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Tomo II, Edição da Biblioteca Municipal, 1958, p.150.

<sup>3271</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.70.

<sup>3272</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, pp. 303-304.

<sup>3273</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, Nº6, fls.149-150.

<sup>3274</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, pp. 305-312.

<sup>3275</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.203.

<sup>3276</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38. Esta de facto foi a primeira leitura que fizemos no contacto com o documento, mas perante os problemas surgidos em relação à cronologia do sucessor de Domingos Vicente é necessário uma reconfirmação desta leitura, o que ajudará seguramente a clarificar a existência ou não do prior Pedro Anes.

<sup>3277</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, Porto, II parte, 1623, p.115.

de confusão ou leitura incorrecta de D. Rodrigo da Cunha ou então leitura errada ao efectuar-se a transcrição para a publicação do Censual uma vez que aí consta “Petro Iohannis de Palatiolo”<sup>3278</sup>, portanto Pedro Anes de Paço de Sousa, possibilidade que Frei Assunção Meireles confirma detectando Pedro Anes no abaciado de Paço de Sousa entre 30 de Novembro de 1306 e 26 de Novembro de 1309<sup>3279</sup>. O cronista D. Marcos da Cruz baseando-se na informação de D. Rodrigo da Cunha considera “D. Pero Annes decimo segundo prior e sexto do nome que teve o mosteiro de Grijó”, advertindo também que não encontrou qualquer memória deste prior no cartório do mosteiro de Grijó, no entanto acrescenta que no documento em referência o prior assina “Petrus Joannis, prior Monasterii de Ecclesiola”<sup>3280</sup>. Perante isto voltámos a ficar enredados na dúvida, que só mesmo a confrontação com a fonte primária poderá dissipar, contudo e face à probidade historiográfica de D. Marcos da Cruz parece-nos crível que de facto D. Pedro Anes foi prior de Grijó, de resto o cronista adianta que D. Pedro Anes ainda era prior do mosteiro em 1310<sup>3281</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “domnus Petrus prior Ecclesiole” a 22 de Março mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>3282</sup>. Tratar-se-á de D. Pedro Anes? A confirmar-se que de facto D. Pedro Anes ainda era prior no início de 1310 e o seu sucessor D. Pedro Pires já se encontrava no priorado em Abril desse ano este registo ganha grande credibilidade, podendo assim apontar-se o falecimento de D. Pedro Anes para o início da segunda quinzena de Março de 1310.

**D. Pedro Pires/D. Pedro Peres** – Prior de Grijó. Frei Timóteo dos Mártires diz-nos que há notícia deste prior em 1310<sup>3283</sup>, data que é validada por D. Frei Marcos da Cruz que encontrou um registo desse mesmo ano respeitante ao emprazamento que D. Pedro Peres fez ao cavaleiro Abril Afonso e à sua esposa, Elvira Viegas, do casal do Carvalhal<sup>3284</sup>. É até bastante provável que o seu priorado se tenha iniciado no final de 1309, uma vez que há uma bula de Clemente V datada de 1 de Dezembro de 1309 e dirigida a D. Dinis para que este favoreça o prior do mosteiro de S. Salvador de Grijó<sup>3285</sup>, situação que poderá indiciar a existência de um novo prior. O caso de D. Pedro Pires ou D. Pedro Peres parece ser mais um dos muitos em que se verifica uma ascensão hierárquica interna, isto se tivermos em conta a forte possibilidade de se tratar do mesmo religioso de Grijó que surge identificado como cônego deste mosteiro em 1296<sup>3286</sup>. A 10 de Janeiro de 1312 foi feita uma composição entre D. Pedro Pires, prior de Grijó e D. João Domingues, abade de Pedroso a propósito da contenda que corria entre os dois mosteiros sobre os limites e demarcações do lugar dos Enxudros<sup>3287</sup>. A 4 de Maio de 1312 há registo de uma nova composição celebrada entre “Dom Pero Pires priol” do mosteiro e respectivo convento de Grijó com Martim Vicente de Negrelos e seus familiares, por causa de herdamentos na aldeia de Figueira do Mato, freguesia de S.

<sup>3278</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.148.

<sup>3279</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, publicadas e prefaciadas por Alfredo Pimenta, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p. 26.

<sup>3280</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.204.

<sup>3281</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.205. Em relação à confrontação com o texto do Censual ainda não nos foi possível fazê-la.

<sup>3282</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.66.

<sup>3283</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3284</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.205.

<sup>3285</sup> *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal...*, Tomo 8, 1853, p.305; Abranches, Joaquim dos Santos, *Fontes do direito ecclesiastico portuguez: I – Summa do Bullario Portuguez*, Coimbra, F. França Amado Editor, 1895, p.31.

<sup>3286</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, pp. 303-304.

<sup>3287</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.107-107vº.

Mamede de Cerzedo<sup>3288</sup>. De resto a sua acção à frente do priorado encontra-se bem documentada através dos diversos actos de gestão patrimonial<sup>3289</sup>, de entre os quais se podem destacar o emprazamento de um talho de marinha, no lugar da Toussa, a Gonçalo Anes de Cabanões e à sua mulher, feito a 3 de Janeiro de 1315<sup>3290</sup> e um escambo com o mosteiro de Paço de Sousa em Julho de 1315<sup>3291</sup>. Em 1317 o rei D. Dinis confirmou-lhe todos os privilégios que os monarcas antecessores tinham concedido ao mosteiro<sup>3292</sup>. Ao longo de 1318 ainda aparece referenciado como prior de Grijó<sup>3293</sup>, recebendo, inclusivamente, para o mosteiro, a 23 de Novembro desse ano os casais de Cacelas e do Arrabalde, sítios na freguesia de Esmoriz, propriedades doadas à instituição por André Fernandes, cidadão do Porto<sup>3294</sup>. De qualquer modo e parafraseando o cronista Frei Marcos da Cruz, mesmo sendo esta “a última memória que achamos do Prior D. Per Pires pode ser continuase no priorado the o anno de 1319”<sup>3295</sup>, data, de resto, também apontada por Frei Timóteo dos Mártires para o seu falecimento<sup>3296</sup>.

**D. Martinho** – Prior de Grijó. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este prior foi eleito em 1319<sup>3297</sup>, ano em que de facto já se confirma a sua presença à frente do priorado tendo, a 22 de Outubro de 1319, saldado a dívida à Santa Sé respeitante ao censo anual de dois ducados a que o mosteiro estava obrigado a pagar e que se tinha deixado acumular, perfazendo 25 anos que o mosteiro já não pagava<sup>3298</sup>. Em 1321 o rei D. Dinis confirmou-lhe todos os privilégios que os monarcas antecessores tinham feito ao mosteiro<sup>3299</sup>. A 7 de Abril de 1321 é estabelecido um acordo entre o prior de Grijó e o Cabido da Sé do Porto respeitante a contendas sobre a divisão de maninhos e termos da igreja de Perosinho<sup>3300</sup>. A 24 do mesmo mês e ano há registo de nova contenda com o cabido da Sé do Porto envolvendo novamente propriedades<sup>3301</sup>. A 7 de Janeiro 1322 o prior e o convento fazem prazo a Lourenço Zuzarte, prior de S. Nicolau da Feira, da quinta da Macieira, tendo nesse mesmo dia o mosteiro recebido, por doação de Lourenço Zuzarte, uma propriedade que confrontava com a quinta de Macieira<sup>3302</sup>.

**D. João Pascoal / D. João Pascácio**<sup>3303</sup> – Prior de Grijó. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o no priorado em 1325, adiantando que a 7 de Maio desse ano D. Afonso IV

<sup>3288</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

<sup>3289</sup> BGUC - Manuscrito 640, fls.205-207.

<sup>3290</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.206vº; Oliveira, Padre Miguel de, “A vila de Ovar – Subsídios para a sua história até o século XVI” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.II, Nº6, 1936, p.113.

<sup>3291</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.207.

<sup>3292</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.144.

<sup>3293</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.207; IAN/TT- Coleção Costa Basto, Nº6, fl.142.

<sup>3294</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.207.

<sup>3295</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.207.

<sup>3296</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3297</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3298</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.207vº.

<sup>3299</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.144.

<sup>3300</sup> Franco, Isabel Maria M. Alves Pedrosa, *Antroponímia e sociabilidade através dos “pergaminhos” do Cabido da Sé do Porto (século XIV)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2006, p.343.

<sup>3301</sup> Franco, Isabel Maria M. Alves Pedrosa, *Antroponímia e sociabilidade através dos “pergaminhos” do Cabido da Sé do Porto (século XIV)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2006, p.343.

<sup>3302</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.208.

<sup>3303</sup> Frei Timóteo dos Mártires identifica-o como “Joam Pascazio” (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Tomo II, Edição da Biblioteca Municipal, 1958, pp. 144, 150. O

confirmou a este prior a jurisdição cível do mosteiro nos seus coutos<sup>3304</sup>. Efectivamente há documentos que o comprovam à frente do mosteiro em 1325, no entanto no documento citado pelo cronista agostinho, ou pelo menos na versão que utilizámos não consta a identificação do prior<sup>3305</sup>. De qualquer modo nesse ano de 1325 o prior D. João Pascoal, juntamente com o convento escambam bens com D. Senhorinha, viúva do cavaleiro Vasco Martins da Cunha<sup>3306</sup>. Instrumentos de Março e Maio de 1326 revelam o cuidado do prior na gestão dos bens da instituição na bacia do Vouga, tomando posse da quinta de Macinhata e emprazando um casal no concelho de Sever<sup>3307</sup>. A 26 de Fevereiro de 1329 o prior e o convento de Grijó obtêm sentença favorável num contencioso que tinham com o prior de Segadães que se recusava a pagar os dízimos das terras que semeava em Travassô<sup>3308</sup>. Em 24 de Fevereiro de 1332 D. João Pascoal colocou fim a uma quezília entre os religiosos do mosteiro fomentada pela questão das pitanças nas vésperas do Carnaval, considerando o prior claustral que “não parecia bem se dessem estas pitanças a quem andava fora do mosteiro recreandose estando os demais dentro d'elle”, decidindo o prior que todos os que nos dias de Entrudo saíssem devidamente autorizados tinham direito às pitanças<sup>3309</sup>.

A 26 de Maio de 1332 foi passada, no mosteiro de Grijó, uma procuração ao prior D. João Pascoal para que pudesse fazer avença, composição, escambos e ordenar juízes alvidros a propósito da demanda que o mosteiro tinha com o cavaleiro Gonçalo Anes de Guim e sua mulher, Maria Fernandes<sup>3310</sup>. Nesse mesmo dia é estabelecido um acordo entre as partes, em Vila Chã, através da permuta de propriedades, com o mosteiro a receber um casal e meio em Serzedelo e Vilar da Seixa, cedendo um casal em Vila Chã<sup>3311</sup>, no entanto este escambo acabaria por gerar um novo conflito uma vez que os cavaleiros continuaram a recolher e cobrar serviços e geiras das propriedades que tinham alheado, acabando a questão por se resolver através de sentença de 9 de Julho de 1343<sup>3312</sup>. A 31 de Janeiro de 1333 encontrava-se na vila da Feira onde testemunhou o emprazamento que o mosteiro de Grijó fez, através do seu procurador João Anes, do casal de Vila Chã, sito na freguesia de S. Martinho de Argoncilhe, ao cavaleiro Pedro Esteves do Soveral, à sua mulher Guiomar Anes e a um filho destes, recebendo também para o mosteiro a doação que estes nobres lhe fizeram, para remissão das suas almas, de toda a herdade e maninhos que possuíam nas aldeias de Argoncilhe e Serzedelo, excepto o monte de Pinhão<sup>3313</sup>. Em 1335 mantinha uma contenda com D. Afonso IV a propósito da posse de metade do lugar de Ínsua, no julgado da Feira, sendo que o desfecho foi favorável ao monarca, surgindo a 18 de Abril de 1335, o representante régio a ser

---

cronista agostiniano Frei Marcos da Cruz também dá conta desta forma diferenciada de tratamento dizendo, “que na primeira memoria que d'elle tivemos se cala o nome patronomico e noutra se disera Paschasio comtudo temos a primeira por diminuta e a segunda por viciada e assim D. João Paschoal temos por certo se chamava o decimo quinto prior que em ordem teve o mosteiro de Grijó...” (cf. BGUC - Manuscrito 640, fl.208vº).

<sup>3304</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.144. Este documento a que se refere o Autor integra o *Livro Preto*, e ainda que de parca relevância, importa dizer que a data que aí aparece é 6 de Maio de 1325 (cf. IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.37vº).

<sup>3305</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.37vº.

<sup>3306</sup> BGUC - Manuscrito 640, fls.208vº-209.

<sup>3307</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.209.

<sup>3308</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.209vº.

<sup>3309</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.209vº.

<sup>3310</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.59-60.

<sup>3311</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.59-61vº.

<sup>3312</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.61vº-62vº.

<sup>3313</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.53-55.

empossado nesses direitos<sup>3314</sup>. A disputa entre o mosteiro e o poder régio pela posse de metade desta localidade já remonta aos reinados anteriores, com registo de sentenças favoráveis a D. Afonso III, de 7 de Março de 1264, e a D. Dinis, de 6 de Outubro de 1322<sup>3315</sup>. A 17 de Setembro de 1337 “Joham Paschoal priol e convento do moesteiro de Igrijoo do bispado do Porto” escambam bens com D. Gonçalo Pereira, arcebispo de Braga<sup>3316</sup>. D. João Pascoal ainda surge identificado como prior do mosteiro em instrumento de 8 de Março de 1338, o que invalida que o seu falecimento tenha ocorrido a 24 de Janeiro de 1338 como avança Frei Timóteo dos Mártires<sup>3317</sup>, embora seja muito provável que o seu óbito se tenha registado nesse ano<sup>3318</sup>.

**D. João Pires** – Prior de Grijó. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este prior foi eleito em 1338<sup>3319</sup>. Já D. Marcos da Cruz teve dúvidas em considerá-lo prior-mor, no entanto um instrumento datado de 28 de Março de 1339 respeitante a um arrendamento a Pedro da Mamoá, permitiu identificá-lo no cargo de prior-mor<sup>3320</sup>. Trata-se de mais um religioso proveniente da comunidade monástica que ascende ao priorado, surgindo ainda identificado como prior claustral a 14 de Julho de 1337<sup>3321</sup>. O seu governo à frente de Grijó foi bastante curto, uma vez que em 1342 já surge outro prior<sup>3322</sup>. Desconhecemos a data do seu falecimento, acontecimento que Frei Timóteo dos Mártires coloca a 30 de Maio<sup>3323</sup>, sem indicação do ano, mas presumivelmente, de 1342.

**D. Martinho da Costa ou Martinho Vicente** – Prior de Grijó. Segundo Frei Timóteo trata-se do prior crasteiro de Grijó que alcançou o priorado através da eleição, encontrando-se referenciado como prior mor em 1342<sup>3324</sup>. Tudo indica tratar-se do prior que, segundo súplica de 2 de Março de 1344, resignou ao priorado de Grijó para o trocar com o da igreja de S. Salvador de Perosinho, até aí em posse de Frei João Anes<sup>3325</sup>. Faleceu a 4 de Maio, sem que conste o ano<sup>3326</sup>.

**Frei João Anes** – Eventual Prior de Grijó. Esteve em posse da igreja de S. Salvador de Perosinho, da qual resignou de forma a poder trocá-la pelo priorado do mosteiro de Grijó, como indica a súplica de 2 de Março de 1344<sup>3327</sup>. Significa isto que o seu priorado é posterior a esta data, sendo admissível que tenha permanecido à frente de Grijó até ao final da década de quarenta, embora não tenhamos quaisquer elementos que o possam confirmar, e a este propósito impera o silêncio entre os cronistas agostinianos.

<sup>3314</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.15vº-16vº.

<sup>3315</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.15vº-16vº.

<sup>3316</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 39-40; BGUC - Manuscrito 640, fl.210vº.

<sup>3317</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3318</sup> Face à ausência do seu nome entre a documentação assim parece suceder, de resto D. Marcos da Cruz diz, a propósito do instrumento de 8 de Março de 1338, que “esta he a ultima memoria com que demos do prior D. João Paschoal sem sabermos do dia de sua morte...” (cf. BGUC - Manuscrito 640, fl.210vº).

<sup>3319</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3320</sup> Face à ausência do seu nome entre a documentação assim parece suceder, de resto D. Marcos da Cruz diz, a propósito do instrumento de 8 de Março de 1338, que “esta he a ultima memoria com que demos do prior D. João Paschoal sem sabermos do dia de sua morte...” (cf. BGUC - Manuscrito 640, fl.210vº).

<sup>3321</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.211.

<sup>3322</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.211vº; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3323</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3324</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3325</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.31.

<sup>3326</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>3327</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.31.

**D. Domingos Bartolomeu** – Prior de Grijó. Segundo Frei Timóteo dos Mártires há notícia deste prior “pellos annos de 1350”<sup>3328</sup>. Tal informação do cronista merece, neste particular, toda a credibilidade, de facto em Março de 1350 já surge referência a “Dominico Bartalomei priore magore”<sup>3329</sup>, presença confirmada por instrumento de 9 de Julho de 1351, em que “Dom Domingos Bertolameu priol do dito moesteiro de Grijoo” testemunha uma composição feita entre o escudeiro Lourenço Anes de Pinho e vários lavradores e moradores de Aldris, Ermilhe e Prime, por causa dos danos causados por eles e pelos seus gados na quintã de Ordonhe<sup>3330</sup>. A acção de Domingos Bartolomeu à frente de Grijó pode mesmo recuar-se a 1349, sendo que a 13 de Agosto deste ano “Dom Domingos Barthollomeu priol e o convento do mosteiro de Igrijo” andavam envolvidos em contenda com D. Álvaro Gonçalves, prior do Hospital, e Frei Fernando, seu procurador na bailia de Rio Meão por causa de herdades e maninhos<sup>3331</sup>.

Aparece novamente documentado como prior de Grijó em instrumentos de 11 de Setembro de 1352<sup>3332</sup> e 16 de Fevereiro de 1354<sup>3333</sup>. A 5 de Dezembro de 1354 D. Domingos Bartolomeu estabeleceu uma composição amigável com Rui Coelho escudeiro do termo de Santa Maria da Feira, acusado de se apoderar de éguas do mosteiro que apascentavam entre a foz do Vouga e Cabanões<sup>3334</sup>. Em Outubro de 1358 o rei D. Pedro confirmou a este prior todos os privilégios, doações e liberdades que os monarcas antecessores tinham feito ao mosteiro<sup>3335</sup>. Surge documentado como prior de Grijó também a 8 de Agosto de 1360<sup>3336</sup>, 24 de Abril de 1361<sup>3337</sup> e ainda a 27 de Junho de 1361<sup>3338</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires o prior D. Domingos Bartolomeu faleceu a 17 de Outubro 1362<sup>3339</sup>, data que poderá ser admissível, embora o pedido ao papa para a confirmação de Afonso Esteves, seu sucessor no priorado, date apenas de 21 de Fevereiro de 1363<sup>3340</sup>, o que, à partida, poderá querer indicar que o seu falecimento possa ter ocorrido um pouco mais tarde.

**D. Afonso Esteves** – Prior de S. Salvador de Grijó. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este prior foi eleito em 1362<sup>3341</sup>, o que nos deixa algumas dúvidas tendo em conta que apenas a 21 de Fevereiro de 1363 é solicitado ao papa Urbano V (1362-1370) a confirmação de Afonso Esteves no priorado do mosteiro, vago por falecimento de D. Domingos Bartolomeu<sup>3342</sup>. Esse mesmo pedido revela que Afonso Esteves resignou à

<sup>3328</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3329</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fl.3vº.

<sup>3330</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.71-73.

<sup>3331</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 44vº-47.

<sup>3332</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.100-101.

<sup>3333</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, M.1, n.11; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.68.

<sup>3334</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “A vila de Ovar – Subsídios para a sua história até o século XVI” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.III, Nº10, 1937, pp.126-128.

<sup>3335</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.131 (Doc. 336); Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.144.

<sup>3336</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 6-6vº.

<sup>3337</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.69-70.

<sup>3338</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.1, n.15; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.68.

<sup>3339</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3340</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.429.

<sup>3341</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3342</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.429; Costa, António Domingues de Sousa, *O Infante D. Henrique na expansão portuguesa: (do início do reinado de D. Duarte até à morte do Infante Santo)*, Braga, Editorial Franciscana, 1960, p.93. Da sua passagem pelo priorado de Grijó dá-nos conta



igreja de S. Salvador de Perosinho, onde tinha sido colocado em 1351<sup>3343</sup>. A 4 de Novembro de 1363 o prior deslocou-se a S. Martinho de Argoncilhe, onde juntamente com o cónego Vasco Peres, chegaram a acordo com o escudeiro Lourenço Martins do Avelal com quem andavam em contencioso por causa da utilização de uma águas<sup>3344</sup>. Em instrumento de 21 de Dezembro de 1363 é novamente referenciado “Dom Affonse Esteves priol que orra he do dito moesteiro”<sup>3345</sup>. A 28 de Dezembro de 1365 o prior D. Afonso Esteves e o convento de Grijó fazem um escambo de propriedades com D. Afonso Pires (1359-1372), bispo do Porto<sup>3346</sup>. Faleceu a 22 de Janeiro 1367<sup>3347</sup>.

**D. Gonçalo Pires Ferreira** – Prior de Grijó. Trata-se de um cónego do mosteiro de Grijó, já referenciado em 1356<sup>3348</sup>, que ascende ao priorado da comunidade. Aparece normalmente designado na documentação por Gonçalo Pires ou Peres embora uma súplica do seu sucessor ao papa, datada de 14 de Junho de 1418, revele que o seu nome completo era Gonçalo Pires Ferreira<sup>3349</sup>. Provavelmente foi esta discrepância entre os nomes que levou Frei Timóteo dos Mártires a considerar a existência de dois priores, um Gonçalo Pires e um Gonçalo Ferreira, considerando que o primeiro faleceu em 1385, sucedendo-lhe então o segundo<sup>3350</sup>. Parecendo-nos perfeitamente legítima tal dúvida e reconhecendo a dificuldade na sua aclaração parece-nos, no entanto, quer à luz destes dados quer no seguimento do critério já adoptado em relação a este biografado<sup>3351</sup>, que estamos perante a mesma pessoa. Ainda segundo Frei Timóteo dos Mártires, Gonçalo Pires foi eleito em 1367<sup>3352</sup>. É crível que de facto tenha ocupado o cargo no final da década de sessenta até porque a 24 de Março de 1370 “Dom Gonçalo Peres” é mencionado como prior de Grijó, dia em que Clara Anes renunciou livremente à razão a que tinha direito no mosteiro bem como aos emprazamentos que trazia de S. Salvador de Grijó, evitando assim um contencioso com o prior e o convento do mosteiro<sup>3353</sup>. A sua presença à frente de Grijó é, documentalmente, atestada ao longo das três últimas décadas do séc. XIV figurando o seu nome em diversos documentos referentes à gestão da instituição<sup>3354</sup>. No dia 24 de Agosto de 1387 esteve presente em Alpendurada, no capítulo que reuniu diversos mosteiros beneditinos e agostinhos das dioceses de Braga e

---

também o *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV) – Mosteiro de São Salvador de Grijó*, leitura e transcrição paleográfica de Jorge de Alarcão, revisão do texto, índices e notas de Luís Carlos Amaral, Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, Câmara de Vila Nova de Gaia, 1986, p.11, bem como Amaral, Luís Carlos, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV*, Lisboa, Edição Cosmos, 1994, p.148.

<sup>3343</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.232.

<sup>3344</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.48-48vº.

<sup>3345</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.63.

<sup>3346</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.81-82.

<sup>3347</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3348</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.1, Docs.12 e 13; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>3349</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 85.

<sup>3350</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3351</sup> Veja-se o que ficou dito sobre este religioso ao abordarmos a sua passagem por Grijó enquanto cónego do mosteiro.

<sup>3352</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3353</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 9vº-11.

<sup>3354</sup> Assim acontece em instrumentos de 1373 (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.1, Doc.19), em 1377 (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.2), 1385 (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.4); Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

Porto<sup>3355</sup>. A 22 de Junho de 1394 D. Gonçalo Ferreira encontrava-se na igreja de S. Jorge, terra de Santa Maria, onde na companhia de Luís Esteves, cônego e procurador de Grijó, receberam de Domingas Afonso, a título de doação, meio casal em Bertal, freguesia de Lobão<sup>3356</sup>. Alguns problemas respeitantes a rendas obrigaram este prior a recorrer a Roma, tendo o papa Bonifácio IX, em 1395, colocado sob sua protecção os bens do mosteiro por letras que enviou à Sé do Porto, cujos cônegos foram intermediários no processo<sup>3357</sup>.

Os registos indicam que o seu priorado se prolongou pelo início do séc. XV, como atestam documentos de 26 de Abril de 1400<sup>3358</sup>, 1402<sup>3359</sup>, 1404<sup>3360</sup> e 1412<sup>3361</sup>, sendo presumível que tenha falecido por volta de 1413 ou um pouco mais tarde, como adianta Frei Timóteo dos Mártires que coloca o seu falecimento em 1416<sup>3362</sup>. A este propósito apenas sabemos que D. Gonçalo Ferreira, reunindo em cabido, em Maio de 1405, no Sábado, véspera de Páscoa doou ao mosteiro alguns dos seus bens com a condição de serem celebradas missas de aniversário no dia em que ocorresse o seu óbito<sup>3363</sup>.

**João Anes** – Prior do mosteiro de Grijó. Trata-se de um antigo cônego regrante da comunidade gaiense, que estudou direito canónico durante três anos, e que ocupava as funções de prior claustral antes de ser eleito para o priorado da instituição<sup>3364</sup>. A sua ascensão ao cargo ocorreu por eleição, na sequência do falecimento do prior Gonçalo Peres Ferreira, tendo o novo prior solicitado ao papa Martinho V, a 14 de Junho de 1418, a confirmação da validade dessa mesma eleição<sup>3365</sup>, o que parece contrariar a indicação de Frei Timóteo dos Mártires que coloca a sua eleição no ano de 1416<sup>3366</sup>. De qualquer modo não é de todo inviável a possibilidade de ter sido eleito em 1416 e surgir a solicitar a confirmação dois anos depois, mais a mais tendo em conta o conturbado período que se vivia com o decurso do Concílio de Constança.

A 12 de Junho de 1420 endereçou nova súplica ao papa referente ao mesmo assunto<sup>3367</sup>. Por súplica de 29 de Outubro de 1421, ficamos a saber que Vasco Peres, anterior cônego de Grijó, e à data prior de Baltar, impetrou o priorado de João Anes, solicitando por isso o prior nova provisão pontifícia a confirmar-lhe a legitimidade do

---

<sup>3355</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257

<sup>3356</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.156-157v°.

<sup>3357</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 55-56.

<sup>3358</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.1-2.

<sup>3359</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.7; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993, p.69.

<sup>3360</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.8; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>3361</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.9; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>3362</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3363</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.158-160. Também Morais, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana...*, Tomo IV-Vol. 1, 1946, p.200, no seu título de Ferreiras, indica que Gonçalo Ferreira ainda era prior de Grijó pela era de 1443, ou seja ano de 1405.

<sup>3364</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.85; *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), 1969, p.148 (doc.708);

<sup>3365</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2 (Súplicas do pontificado de Martinho V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Braga, Livraria Editorial Franciscana, 1982, pp. 85-86.

<sup>3366</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3367</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.274; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

cargo<sup>3368</sup>. As acusações deste antigo cônego de Grijó para com o novo prior assumem elevado grau de gravidade numa súplica de 18 de Janeiro de 1428, onde o prior de Santa Maria de Baltar volta a pedir o priorado de Grijó acusando João Anes de viver maritalmente com uma concubina no mosteiro há nove anos, de quem tinha filhos, deslocando-se inclusivamente com ela pelas granjas e no exterior do mosteiro<sup>3369</sup>. Talvez vendo que as suas pretensões não eram atendidas Vasco Peres parece abdicar da intenção de alcançar o priorado-mor do mosteiro, pedindo ao papa, por súplica de 8 de Abril de 1428 o priorado conventual de Grijó<sup>3370</sup>. O certo é que João Anes, a 26 de Janeiro de 1429 diz que Vasco Peres, conseguiu letras apostólicas no sentido de o privar do priorado, solicitando a nomeação de uma pessoa íntegra para averiguar as acusações de que era alvo<sup>3371</sup>. O certo é que o prior João Anes se manteve à frente do mosteiro até finais de 1442. Além dos diversos episódios de conflituosidade que marcaram o seu governo, o prior viu a sua saúde a degradar-se ao ponto de as dificuldades físicas que sentia o terem levado a solicitar ao papa, a 15 de Novembro de 1442, a nomeação de Martinho Anes, cônego da Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães e reitor da igreja de S. Martinho de Sardoura, para o priorado do mosteiro em troca da sua renúncia e de uma pensão anual<sup>3372</sup>. Tal acabou por não se verificar até porque o prior faleceu no dia 11 do mês seguinte<sup>3373</sup>.

**D. João Álvares I** – Prior de Grijó e Roriz. Foi o sucessor de D. João Anes. Trata-se do primeiro prior comendatário de Grijó, aí colocado por mercê de D. Afonso V de 1442<sup>3374</sup>. Ainda antes de aceder, em 1443, ao priorado do mosteiro de Grijó já detinha o de S. Pedro de Roriz. O papa Eugénio IV autorizou-o a deter os dois priorados embora se tenha gerado uma forte disputa pela posse de Grijó. Além de Martinho Anes, já indicado pelo anterior prior, surge também envolvido nesta luta o prior de S. Jorge de Coimbra, D. Luís, em virtude de ter sido eleito pelos cônegos de Grijó, solicitando, por súplica de 31 de Agosto de 1443, a confirmação papal dessa eleição<sup>3375</sup>. Entretanto, e ainda em Julho de 1443 o papa já tinha concedido a D. João Álvares autorização para acumular os dois priorados<sup>3376</sup>. A sua presença à frente de Grijó está bem documentada. A 1 de Agosto de 1451 o rei concedia ao prior D. João e a dois acompanhantes autorização para que se pudessem deslocar por todo o reino em bestas muars de sela e ferros<sup>3377</sup>. A sua preocupação em defesa dos direitos e interesses do mosteiro parece-nos inquestionável como facilmente se depreende do pedido que fez para que lhe fossem

<sup>3368</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 404-405.

<sup>3369</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 281-283.

<sup>3370</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.293; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.70.

<sup>3371</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 370-371.

<sup>3372</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.71.

<sup>3373</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3374</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>3375</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, 1993, p.72.

De facto a solicitação da confirmação papal a esta eleição para prior de Grijó é a última notícia que lhe conhecemos. Não sabemos o que sucedeu com este antigo prior de S. Jorge, que já surge à frente do mosteiro conimbricense a 22 de Novembro de 1435 (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Jorge de Coimbra, M.11, Doc.30) e cujo cargo é ainda amplamente documentado no primeiro semestre de 1442 (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Jorge de Coimbra, M.12, Docs.2-4), mas desconhecemos se entretanto abdicou do priorado quando foi eleito para Grijó, se acabou por ficar entre a comunidade gaiense ou se faleceu, o certo é que parece não ter regressado para S. Jorge, uma vez que a 7 de Abril de 1445 o prior de S. Jorge de Coimbra já é D. João Pereira (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Jorge de Coimbra, M.12, Doc.6).

<sup>3376</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.72.

<sup>3377</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, 15<sup>v</sup>. Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.65.

dadas cópias de cartas e certidões respeitantes ao mosteiro que se encontravam na Torre do Tombo, e que seriam obtidas a 18 de Junho de 1452 por Vasco Anes, cónego de Grijó, e seu procurador<sup>3378</sup> e que constituem o “corpus” daquele que é hoje conhecido por “Livro Preto de Grijó”. A 1 de Junho de 1461 o papa Pio II (1458-1464) incumbiu-o em conjunto com o abade de Santo Tirso e o arcebispo da Sé do Porto de resolverem uma contenda que opunha o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, aos moradores da vila de Viana<sup>3379</sup>. Também o prior D. João teve de enfrentar problemas no julgado da Feira com o cavaleiro Luís Coelho que cometeu diversos abusos em várias terras do mosteiro, cobrando e apoderando-se indevidamente de produtos dos caseiros do mosteiro de Grijó, acabando por ser julgado à revelia, e obrigado a restituir os bens por sentença proferida por Vasco Gil, juiz do Porto, a 12 de Fevereiro de 1467<sup>3380</sup>.

A 9 de Dezembro de 1471 encontrava-se no Porto, na companhia de alguns cónegos, onde efectuou um emprazamento de casais no termo da cidade de Coimbra<sup>3381</sup>. Além dos priorados de Grijó e Roriz D. João Álvares também esteve em posse da igreja de S. Martinho de Travanca entre 1472 e 1474, sendo acusado neste último ano pelo cónego Pedro Vasques, pretendente a essa igreja, de estar em posse dela de forma ilegal<sup>3382</sup>. D. João Álvares renunciou ao priorado de Grijó por súplica de 16 de Agosto de 1476, a favor de João Álvares, clérigo da diocese de Braga, que tinha sido instituído na posse do priorado de S. Jorge de Coimbra, e que ainda não tinha recebido o hábito da Ordem dos cónegos regrantes de Santo Agostinho, nem sido investido nas Ordens menores<sup>3383</sup>. Apesar de resignar a Grijó mantinha em comenda o priorado de S. Pedro de Roriz, no entanto restar-lhe-ia pouco tempo de vida uma vez que nesse mesmo mês de Agosto de 1476 o prior D. João Álvares acabaria por falecer<sup>3384</sup>.

**D. João Álvares II** – Prior comendatário dos mosteiros de Grijó, Roriz, S. Jorge e futuro bispo de Silves. João Álvares era bacharel em Decretos e clérigo da diocese de Braga, tendo-lhe sido atribuída a comenda do mosteiro de S. Jorge de Coimbra a 16 de Março de 1475 embora sob a condição de professar na Ordem de Santo Agostinho e ir viver com os cónegos do mosteiro de S. Jorge, situação que acabou por não se verificar<sup>3385</sup>. Apesar do incumprimento D. João Álvares solicita ao papa, em 1476, que lhe seja atribuída a comenda do mosteiro conimbricense a título vitalício<sup>3386</sup>. Detinha também em comenda o priorado do mosteiro de S. Pedro de Roriz, da qual abdicou em 1477 a favor do seu irmão Rodrigo Álvares<sup>3387</sup>. Em Junho de 1480 aparece referenciado como prior e administrador perpétuo dos mosteiros de São Salvador de Grijó e S. Jorge de Coimbra<sup>3388</sup>, situação que se prolonga até 1486, ano em que é nomeado e confirmado

<sup>3378</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.37vº.

<sup>3379</sup> Marques José, *Os itinerários do Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1417-1467)*, (Separata da “Revista de História”, Vol. I, Centro de História da Universidade do Porto, 1978), Porto, 1978, p.30.

<sup>3380</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.49-52vº.

<sup>3381</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.5; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.72.

<sup>3382</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.75.

<sup>3383</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.75. Também o cronista agostiniano diz que este prior renunciou em 1476 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151).

<sup>3384</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.76.

<sup>3385</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, Grijó, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, 1993, p.78.

<sup>3386</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.78.

<sup>3387</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.79.

<sup>3388</sup> Queirós, Abílio, “Catálogo dos Pergaminhos do Mosteiro de S. Jorge de Coimbra (1264-1578)”, in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Vols. XXIII e XXIV (2003-2004; 2005-2007),

bispo de Silves<sup>3389</sup>, acumulando assim, como revela documento de 13 de Setembro de 1486, as funções de bispo com as de prior e administrador perpétuo dos dois mosteiros agostinhos<sup>3390</sup>. Em 1 de Dezembro de 1486 abdica da comenda do priorado de S. Jorge de Coimbra a favor de D. Fernando Coutinho<sup>3391</sup> continuando, no entanto, como administrador de Grijó até Abril de 1490, altura em que a comenda deste mosteiro é entregue ao cardeal Alpedrinha<sup>3392</sup>.

**Cardeal Alpedrinha (D. Jorge da Costa)** – Prior comendatário do mosteiro de Grijó. Por letras apostólicas de 10 de Abril de 1490 o papa entregava a comenda do mosteiro de Grijó ao cardeal Alpedrinha mas este logo renunciou a favor de Fernando Sequeira, clérigo de Lisboa e seu familiar, ficando a receber uma pensão anual dos rendimentos do mosteiro<sup>3393</sup>.

**Fernando de Sequeira** – Prior do mosteiro de Grijó e futuro bispo de Safim. Tornou-se comendatário de Grijó pela renúncia que o cardeal Alpedrinha fez a seu favor da comenda do mosteiro agostinho<sup>3394</sup>. Apesar disso era condição que tal benefício só se efectivasse a partir do momento em que Fernando de Sequeira tomasse o hábito dos cônegos regrantes em Grijó, o que viria a suceder, encontrando-se em Setembro de 1491 já em plena posse do mosteiro surgindo aí como prior de Grijó<sup>3395</sup>. A partir dessa altura aparece referenciado em diversos documentos da instituição, respeitantes às mais diversas vertentes da sua gestão. Em 1499 retirou Diogo Barreto, cônego do mosteiro de Grijó, da ermida de Vagos, colocando no seu lugar Gonçalo Gil, sacerdote da diocese de Coimbra<sup>3396</sup>. A 4 de Março de 1501 é dada sentença favorável ao mosteiro por Afonso Rodrigues, bacharel em Direito e vigário geral por D. Diogo de Sousa, bispo do Porto, sendo o mosteiro representado pelo procurador geral João do Couto, num processo em que eram Autores o prior do mosteiro de Grijó e o convento contra Álvaro Mendes, lavrador, morador em Mozelos, e filho de Mendo Afonso, clérigo de missa, por causa do casal que o mosteiro emprazou da igreja de Sandim, sendo considerado nulo o contrato por não ter sido feito no mosteiro e o procurador não possuir os necessários poderes para o efectuar<sup>3397</sup>. Deteve também em comenda a igreja de S. João da Madeira, à qual abdicou em 1505<sup>3398</sup>. A 27 de Abril de 1506 foi nomeado bispo de Safim<sup>3399</sup>,

---

Coimbra, 2007, p.55. A 19 de Outubro de 1485 continua a aparecer “Dom Joham prior e manistrador dos mosteiros de egrejoo do bispado do Porto e do mosteiro de Sam Jorge” (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.140; Gomes, Saul António, “Os cônegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>3389</sup> Nomeado por bula de 27-01-1486 (cf. Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.80), D. João Álvares ou D. João Camelo, ficaria à frente do bispado de Silves até 1502 (cf. Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, p.296).

<sup>3390</sup> Aí surge intitulado: “Dom Joham emleito e confirmado no bispado de Silves e prior e menistrador perpetuu dos mosteiros de Egrijoo e de Sam Jorge” (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.173vº). Documento também referenciado por Queirós, Abílio, “Catálogo dos Pergaminhos do Mosteiro de S. Jorge de Coimbra (1264-1578)”, in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Vols. XXIII e XXIV (2003-2004; 2005-2007), Coimbra, 2007, p.59.

<sup>3391</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.80.

<sup>3392</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.82.

<sup>3393</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.39.

<sup>3394</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.39.

<sup>3395</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.11; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.82.

<sup>3396</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.39.

<sup>3397</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.110-112vº.

<sup>3398</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.83.

mantendo-se na mesma como prior de S. Salvador de Grijó. Nesse mesmo ano de 1506 foi-lhe concedida também a igreja de S. Paulo de Maças de Dona Maria, igreja do padroado do mosteiro<sup>3400</sup>. A 18 de Dezembro de 1509 é efectuada uma permuta entre D. Fernando de Sequeira, prior de Grijó e simultaneamente bispo de Safim e D. Pedro Vaz, prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e bispo da Guarda, passando para o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra propriedades que Grijó possuía em Verride, Coimbra e S. Paulo de Maças de Dona Maria, em troca de propriedades que o mosteiro conimbricense detinha em S. Pedro de Fins e no couto das Aradas<sup>3401</sup>. D. Fernando de Sequeira manter-se-ia até ao início de 1512, altura do seu falecimento<sup>3402</sup>, à frente de Grijó, onde seria substituído por D. João Sotil, após solicitação ao papa pelo rei D. Manuel I, em súplica de 26 de Fevereiro de 1512<sup>3403</sup>. De registar que dois dias após esta súplica o corregedor da Beira, Lopo Fernandes, surge no mosteiro de Grijó por mandado do monarca onde elaborou um inventário referente aos objectos e rendas do mosteiro<sup>3404</sup>.

**D. João Sotil** - Prior comendatário do mosteiro de Grijó. Por carta de 8 de Março de 1512 João de Faria dá conta ao rei da sua chegada a Roma e da entrevista que já tinha tido com o papa dizendo-lhe que o sumo pontífice acedera ao pedido do rei para que João Sotil fosse empossado no bispado do Safim e no mosteiro de Grijó, faltando apenas passar as respectivas bulas de nomeação e confirmação<sup>3405</sup>. A 21 de Maio de 1516 aparece intitulado “Senhor Bispo Dom Joam Suttill dom prior do dito mosteiro e provedor mor do hospital de Sanctos de Lisboa”, altura em que parece delegar grande parte da gestão do mosteiro no cónego Jorge Correia, uma vez que este é aí identificado como feitor do mosteiro<sup>3406</sup>. Documentos de 1519 continuam a confirmá-lo no cargo<sup>3407</sup>, de resto manter-se-ia como comendatário de Grijó até 1536, ano do seu falecimento, sendo então o mosteiro entregue à Congregação de Santa Cruz, cuja reforma estava em curso por Frei João Brás, mudando-se o mosteiro de sítio, decisão para a qual o papa Paulo VI deu a devida autorização<sup>3408</sup>. O bispo de Safim faleceu em Abril encontrando-se ainda a Sé-Vagante a 26 de Outubro de 1536 porque não se tinha provido qualquer novo prior<sup>3409</sup>.

---

<sup>3399</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.83.

<sup>3400</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.83.

<sup>3401</sup> Coelho, Maria Helena da Cruz, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, Vol.I, p.57 (nota1); Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 56, 84-85.

<sup>3402</sup> Segundo os cronistas agostinianos o óbito de D. Fernando ocorreu no dia 15 de Fevereiro de 1512 (cf. Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho*, Primeira Parte, Livro VI, cap.III, p.286; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151).

<sup>3403</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 56, 84-85.

<sup>3404</sup> IAN/TT- Corpo Cronológico, Parte II, M.30, N.201.

<sup>3405</sup> *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo I, 1862, pp.146-148; *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do Mundo desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias*, ordenado e composto pelo Visconde de Santarem, continuado e dirigido pelo sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa Luiz Augusto Rebello da Silva, Tomo X – Secção XVII (Relações políticas e diplomaticas entre Portugal e a Curia de Roma), Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1866, p.170.

<sup>3406</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 101vº-102vº.

<sup>3407</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.263.

<sup>3408</sup> Cardoso, Jorge, *Agilógio Lusitano*, Tomo II, 2002, p.345.

<sup>3409</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, edição crítica por Mário Fiúza, Vol.2, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966, p.552.

### **1.3.5. - São Salvador de Lordelo (c. Paredes)**

**D. Martim Pais** – Prior do mosteiro de Lordelo. Era o prior da comunidade de Lordelo a 5 de Julho de 1292, dia em que o bispo do Porto, D. Vicente, confirmou o pároco de Frazão apresentado pelo prior de Lordelo e pelo abade de Santo Tirso<sup>3410</sup>. Desconhecemos até quando se estendeu o seu priorado mas é admissível que se tenha prolongado pelo início do século XIV.

**D. Geraldo Domingues** – Prior do mosteiro de Lordelo. Temos poucas informações do seu priorado, sabemos apenas que ocupava o cargo de prior mor no início da segunda década de trezentos como revelam instrumentos de 10 de Novembro de 1311<sup>3411</sup> e 26 de Abril de 1312<sup>3412</sup>.

**D. João Domingos** – Prior do mosteiro de Lordelo. Já era “prior do mosteyro de Lordelo da Ordem de Santo Agustinho” a 24 de Novembro de 1329<sup>3413</sup>.

**D. Diogo Rodrigues** – Prior do mosteiro de Lordelo. Em 1478 este prior fez uma composição com João Gonçalves do Couto, senhor de Pena Maior, sobre os casais de Sirro localizados nessa freguesia, acordo que foi validado por Pedro Anes Machucho, vigário geral do bispo do Porto<sup>3414</sup>.

### **1.3.6. - S. Salvador de Moreira da Maia (c. Maia)**

**Domingos de Deus** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia.

Segundo Frei Timóteo dos Mártires, Domingos de Deus foi eleito prior de Moreira da Maia em 1283<sup>3415</sup> conservando-se no cargo durante cerca de vinte anos, embora o seu priorado tenha sido, aparentemente, intercalado pelo de João Pires. Pelo menos é nessa qualidade que este último prior faz uma convenção com o bispo do Porto, D. Sancho Pires (1296-1300), por sinal seu tio<sup>3416</sup>, a 5 de Julho de 1298, segundo a qual o mosteiro de Moreira ficava com a apresentação das igrejas de Perafita, Santa Maria de Vila Nova, S. Cosme de Gemunde e S. João de Mindelo, cedendo ao bispo as igrejas de S. Félix e Santa Marinha de Retorta<sup>3417</sup>. É muito provável que este João Pires, apesar de referenciado como prior, seja apenas o prior claustral.

---

<sup>3410</sup> Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, Vol. II (Apêndices), Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009, p.211.

<sup>3411</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.85; Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, Dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1938, p.186 (doc. LXXXIX).

<sup>3412</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.85.

<sup>3413</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.134; Cruz, António, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro*, Dissertação de licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1938, p.197 (doc. CXI). Extracto também reproduzido por Correia, Francisco Carvalho, *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, Vol. II (Apêndices), Câmara Municipal de Santo Tirso, 2009, p.241

<sup>3414</sup> Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, Porto, 1623, II parte, p. 266; Ferreira, Cónego José Augusto, *Memorias Archeologico-historicas da cidade do Porto (Fastos Episcopaes e Politicos) Séc. VI-Sec. XX*, Tomo II, Braga, Cruz & Companhia-Editores, 1924, pp. 52-53.

<sup>3415</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.24.

<sup>3416</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. II, p.276; Tavares, Maria Otília Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia -Subsídios para a sua história*, Coimbra, 1957, p.24.

<sup>3417</sup> Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo V, Lisboa, 1836, p.24. A propósito desta permuta Santa Maria, D.

De qualquer modo, e não obstante esta possível interrupção, é Domingos de Deus quem está à frente dos destinos do mosteiro no render da centúria e no início do século XIV. De facto, é ele o prior a 24 de Julho de 1295, altura em que corria uma contenda com os moradores do couto de Gemunde<sup>3418</sup>, bem como a 10 de Abril de 1300, dia em que o mosteiro de Moreira da Maia e os freires de Leça travam uma contenda com o cavaleiro Fernão Aires do Vale, acusando-o de fazer casa de morada em Cambados, no couto de Moreira<sup>3419</sup>. Mas o último registo documental onde é mencionado, e único para o século XIV, data de 17 de Maio de 1302, outra contenda, desta feita com o cavaleiro João Fernandes<sup>3420</sup>.

### **Martim Peres** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia.

O primeiro documento que faz referência a este prior é de 17 de Julho de 1307, altura em que “Maria Periz morador[a] em Vilarinho meteu don Martim Periz priol de Moreyra en posse de todo herdamento que ela avya e de dereito devya a aver en Vilarinho na fregesia de San Pero d’Aveoso”<sup>3421</sup>.

A partir deste ano, e pelo menos até ao início da década de vinte<sup>3422</sup>, aparece referenciado de forma assídua e ininterrupta<sup>3423</sup> na documentação do mosteiro, embora o seu priorado se estenda até 1327<sup>3424</sup>. Durante o seu governo teve de superar alguns problemas de carácter económico com que a instituição se debatia tendo, nesse sentido, contraído um empréstimo avultado perante o chantre da Sé do Porto em 1309 “pera mantymto e defendemento do dicto moesteiro”<sup>3425</sup>. Apesar das dificuldades a sua gestão parece ter sido bastante diligente, preocupando-se com a defesa dos direitos e bens patrimoniais, mesmo que isso tenha implicado o seu envolvimento em várias contendas<sup>3426</sup> quer com senhores laicos quer com eclesiásticos. Uma das mais importantes e mais longas foi sem dúvida a que opôs o mosteiro a Maria Anes, mulher do falecido Fernão Aires do Vale, e seus filhos, questão essa que já se arrastava desde os finais do século XIII e que não ficou resolvida no priorado de Domingos de Deus, e de que há registos entre 24 de Agosto de 1310<sup>3427</sup> e 13 de Dezembro de 1312<sup>3428</sup>. Seguiram-se outras contendas, como a que opôs o mosteiro a D. Elvira e ao abade de Santo Tirso, documentada a 15 de Dezembro de 1318<sup>3429</sup> e a que envolveu o mosteiro com o mordomo de Azurara e Pindelo em finais do ano seguinte<sup>3430</sup>. O prior Martim Peres teve, inclusivamente, que enfrentar o bispo do Porto, Fernando Ramires (1314-

---

Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. II, p.278. Já Cunha, D. Rodrigo da, *Catálogo e Historia dos Bispos do Porto*, Porto, 1623, II parte, p.109, não cita S. Maria de Vila Nova.

<sup>3418</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 9, Doc.50; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 155-156.

<sup>3419</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 9, Doc.55.

<sup>3420</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.1.

<sup>3421</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.3. Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.24, o regista no ano de 1307, embora com o nome de Martinho Paes.

<sup>3422</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.21.

<sup>3423</sup> Não encontramos, na documentação que analisámos, qualquer referência ao prior Estêvão Geraldês para os anos de 1309 e 1312 conforme informação de Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.24.

<sup>3424</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.28.

<sup>3425</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.5.

<sup>3426</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Docs. 8;12;13;16 A-1;19;20.

<sup>3427</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.8.

<sup>3428</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.13.

<sup>3429</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.16 A-1.

<sup>3430</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.19.



1322), que pretendia destitui-lo do priorado<sup>3431</sup>. Em relação a este conflito entre o bispo e o prior pouco sabemos: desconhecemos quando se iniciou, os motivos que o originaram, qual o seu desfecho e se foi ou não solucionado ainda durante o bispado de Fernando Ramires.

A 8 de Janeiro de 1322 Martim Peres faz doação ao mosteiro de Moreira do seu casal de Vilarinho de Jusão ficando os frades obrigados a cantarem-lhe, anualmente, três missas<sup>3432</sup> pela sua alma e pela daqueles que lhe deixaram o casal. Perante esta atitude é provável que Martim Peres já fosse idoso ou então que se encontrasse com algum achaque e pressentisse o aproximar da sua vida terrena, de qualquer modo é curioso verificar-se a ausência de referências ao prior na documentação para o triénio seguinte a esta doação. Assim, e depois de 1322, os primeiros documentos a referenciar o prior de Moreira são de 1325, o primeiro datado de 8 de Julho<sup>3433</sup> e o segundo de 14 de Dezembro<sup>3434</sup>, surgindo aí novamente Martim Peres como prior do mosteiro. Neste último, aparece-nos o “relegioso e honesto dom Martim Perez priol do moesteiro de Moreira e Martim Perez priol crasteiro” juntamente com o convento, a revogarem todas as cartas de apresentação que o mosteiro tinha concedido<sup>3435</sup>.

A última referência documental a Martim Peres como prior do mosteiro data de 15 de Outubro de 1327<sup>3436</sup>, terminando o seu priorado, muito provavelmente, nos primeiros meses de 1328, uma vez que em Maio de 1328 é eleito um novo prior do mosteiro<sup>3437</sup>. Aqui poder-se-á levantar a questão se este Martim Peres não será o que surge mencionado como prior claustral em 1425? Não deixa de ser uma possibilidade em aberto, até porque não voltamos a encontrá-lo na documentação de Moreira, de qualquer modo também é possível que estejamos perante o mesmo prior que temos vindo a tratar, e é por essa hipótese de trabalho que aqui enveredamos.

#### **Martim de Bem** – Provável prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia.

A única referência que temos ao prior Martim de Bem é um registo de 21 de Maio de 1328 relacionado com o processo da sua eleição<sup>3438</sup>. Essa eleição deveria ser recente porque nesse dia os cónegos João Martins e Martim Domingues, em representação do prior crasteiro e do convento, solicitam-lhe que confirme a sua disponibilidade para o cargo de prior, para o qual havia sido eleito<sup>3439</sup>. Desconhecemos se de facto chegou a assumir o cargo, até porque existe um hiato documental de quase dois anos e meio, o que não nos permite conhecer o desenlace dessa acção. Frei Timóteo dos Mártires não faz qualquer referência a este prior<sup>3440</sup> o que, naturalmente, não significa que não tenha exercido o cargo, de qualquer modo, e no caso de tal se ter verificado, sabemos que o seu priorado foi, indiscutivelmente, curto, uma vez que a 27 de Outubro de 1330 o prior do mosteiro de Moreira já é Martim Geraldés<sup>3441</sup>.

---

<sup>3431</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.20.

<sup>3432</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.21.

<sup>3433</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.24.

<sup>3434</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.25.

<sup>3435</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.25.

<sup>3436</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.28.

<sup>3437</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.29.

<sup>3438</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.29.

<sup>3439</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.29.

<sup>3440</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.24-25.

<sup>3441</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.30.

**Martim Geraldês** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Aparece mencionado pela primeira vez como prior num documento de 27 de Outubro de 1330<sup>3442</sup>, dia em que foram arrendados a Martim Domingues, mercador do Porto, e a sua mulher Margarida Domingues dois casais em Parada, freguesia de S. Martinho de Guilhabreu, por um período de cinco anos<sup>3443</sup>. É provável que o seu priorado se tenha iniciado ainda em 1328 ou 1329, portanto um ou dois anos antes da data deste primeiro documento, no entanto a documentação não nos permite confirmá-lo. É também admissível que estejamos perante um antigo cônego da comunidade de S. Salvador de Moreira da Maia de que só temos indicações concretas para o início do séc. XIV e que surge referenciado como frade de Moreira em 1302<sup>3444</sup> sendo posteriormente confirmado como reitor da igreja de São Mamede de Perafita a 28 de Janeiro de 1304<sup>3445</sup>.

O priorado de Martim Geraldês fica indubitavelmente marcado pela perda da jurisdição no couto do mosteiro em 1336<sup>3446</sup> e por algumas querelas com senhores locais e com a própria comunidade monástica. Por um documento de 7 de Fevereiro de 1334, sabemos que há uma contenda entre o prior e Lourenço Esteves, abade da Labruja, por causa da confirmação dessa igreja<sup>3447</sup>.

Ainda no ano de 1334 é solucionada uma contenda que opunha o mosteiro ao nobre Rui Martins Boi Louro que era acusado de filhar, indevidamente, palha e verças no couto do mosteiro<sup>3448</sup>. Também a 3 de Novembro de 1340 o bispo de Braga sentença uma contenda que opunha o mosteiro a Fernão Martins Bocado, testamenteiro de Fernão Anes Bocado, por causa de um casal em Freixieiro, com a decisão final ir ao encontro das pretensões de Moreira da Maia<sup>3449</sup>. Também a nível interno este prior teve de enfrentar alguns problemas, como no-lo demonstra um documento de 16 de Novembro de 1341, onde ficaram registadas algumas queixas dos frades, que acusavam o prior de adulterar as rações de pão e vinho a que os cônegos tinham direito<sup>3450</sup>. O conflito é resolvido através de uma composição entre as partes, baseada nos costumes do mosteiro.

As últimas indicações que conhecemos a Martim Geraldês, como prior de Moreira, datam de 1345. A 8 de Janeiro desse ano é testemunha de um acto<sup>3451</sup> e a 21 de Maio empossa, juntamente com o convento, os cônegos João Martins e Domingos Domingues Gontão como procuradores especiais para, entre outras coisas, escambarem alguns bens com a bailia de Leça<sup>3452</sup>.

**João Martins** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A primeira referência a João Martins como prior mor de Moreira é-nos dada por um documento de

---

<sup>3442</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.30. Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25, regista a sua memória no ano de 1330.

<sup>3443</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.26.

<sup>3444</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.1.

<sup>3445</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.2.

<sup>3446</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, vol. III, 1992, pp. 97-99; Carvalho, José Vieira de, *O Mosteiro de S. Salvador de Moreira – Instituição Valorizadora da Terra da Maia*, Maia, 1969, pp. 40-42.

<sup>3447</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.34.

<sup>3448</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.36.

<sup>3449</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.40.

<sup>3450</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.41.

<sup>3451</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.1.

<sup>3452</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.2.

11 de Setembro de 1347<sup>3453</sup>, dia em que o prior comparece perante o juiz da Maia, juntamente com Martim Martins de Guidões, mostrando ao juiz um documento de empraçamento do casal de São João de Guidões feito a 5 de Novembro de 1324, ou seja ainda durante o priorado de Martim Peres. Trata-se de um prior com o percurso religioso feito dentro da comunidade maiata<sup>3454</sup>, surgindo já como cônego de Moreira em 1328<sup>3455</sup>.

A 2 de Julho de 1348 aparece João Martins, juntamente com Domingos Anes, prior crasteiro de Moreira, a empraçarem o casal do Mido, na freguesia de São Mamede de Perafita, a Lourenço Francisco e a Margarida Domingues<sup>3456</sup>.

A 21 de Setembro de 1348, o prior João Martins faz doação ao mosteiro de Moreira de metade do casal de Vila Verde, com a condição de lhe rezarem três missas anuais<sup>3457</sup>. Sendo assim, e face às provas documentais, não poderia ter falecido a 7 de Agosto de 1347 como adianta Frei Timóteo dos Mártires<sup>3458</sup>, tendo provavelmente perecido em finais de 1348 ou já durante o ano de 1349.

O priorado de João Martins foi muito curto, não devendo ter ultrapassado os dois anos, porque a 17 de Setembro de 1349 já aparece como prior Domingos Anes<sup>3459</sup>.

Apesar da fugacidade do seu priorado não conseguiu evitar quezílias com a comunidade monástica, repetindo-se uma situação já verificada durante o priorado de Martim Geraldês. A 28 de Maio de 1348 os frades, liderados pelo prior crasteiro, certamente Domingos Anes, queixavam-se a João de Ponte, vigário geral do bispo D. Pedro Afonso (1343-1357)<sup>3460</sup>, que o prior e os seus homens lhes aguavam abusivamente o vinho quer no lagar quer na cuba<sup>3461</sup> desrespeitando a composição estabelecida entre os frades e o prior Martim Geraldês em 1341<sup>3462</sup>.

**Domingos Anes** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. À semelhança do que terá sucedido com João Martins também Domingos Anes antes de ser prior mor foi prior crasteiro, aparecendo apenas citado uma vez nessas funções, justamente num empraçamento feito no mosteiro de Moreira a 2 de Julho de 1348<sup>3463</sup>.

É muito provável que tenha sido o arauto dos frades nas queixas apresentadas ao emissário do bispo do Porto contra o prior mor de Moreira a 28 de Maio de 1348, envolvendo as rações a que o mosteiro tinha direito, mas essa é apenas uma forte hipótese que o documento não confirma porque faz apenas referência ao prior crasteiro sem nunca o identificar<sup>3464</sup>.

A 17 de Setembro de 1349 aparece-nos pela primeira vez “Domingos Anes priol do mosteiro de Moreira e o convento do dicto mosteiro juntos em cabido por malhos

---

<sup>3453</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.23. Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25, regista a sua memória no ano de 1347.

<sup>3454</sup> Consulte-se a este propósito os dados biográficos respeitantes a este cônego.

<sup>3455</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.29.

<sup>3456</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.5.

<sup>3457</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.6.

<sup>3458</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

<sup>3459</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.9. A leitura da data deste documento levantou-nos algumas dúvidas.

<sup>3460</sup> Oliveira, P. Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, 3ª ed., Lisboa, 1994, p.309.

<sup>3461</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.4.

<sup>3462</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.41.

<sup>3463</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.5.

<sup>3464</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.4.

tangidos<sup>3465</sup> em reunião destinada a emprazar a Martim Martins e a sua mulher, Maria Domingues, o casal e o pombal que o mosteiro tinha na aldeia de Perafita<sup>3466</sup>.

A partir de 1349 o nome de Domingos Anes integra frequentemente a documentação respeitante ao mosteiro de Moreira da Maia, surgindo identificado como prior nos inúmeros emprazamentos feitos durante o seu priorado<sup>3467</sup>. De entre estes poder-se-á destacar o contrato de emprazamento feito a 26 de Junho de 1380, respeitante à pitaça de Santa Maria, ao cónego João Anes, instituindo-o de todos os poderes necessários para a demandar e obter em troca de 20 libras anuais, em dinheiros portugueses<sup>3468</sup>.

O seu longo priorado ficou também marcado por algumas contendas, todas elas relacionadas com a defesa dos direitos e interesses do mosteiro. São exemplo disso as relacionadas com a pitaça de Santa Maria, de que se conhecem sentenças de 12 de Abril de 1354<sup>3469</sup>. A 5 de Setembro de 1356 Domingos Anes protesta contra a interferência do bispo do Porto no processo de apresentação do abade para a igreja de Vila Nova<sup>3470</sup>, situação que acaba por se resolver ainda nesse mesmo mês<sup>3471</sup>.

A nível interno também se verificam alguns conflitos, mormente com João de Bouças, cónego do mosteiro e abade de S. João de Mindelo, correndo contenda a 5 de Maio de 1380 entre as partes, por causa do incumprimento no pagamento das rendas da vinha do convento que andava emprazada ao cónego<sup>3472</sup>, embora já a 20 de Fevereiro de 1371 existam desentendimentos entre este cónego e o prior<sup>3473</sup>. O priorado de Domingos Anes fica também marcado pelas numerosas doações e renúncias dos direitos que os naturais e padroeiros de S. Salvador da Maia aí detinham<sup>3474</sup>, embora isso não invalide a ocorrência de conflitos como o registado a 13 de Novembro de 1368, em que Mafalda Martins, que se considerava natural do mosteiro aí penhorou, indevidamente, alguns bens, através do seu procurador Gonçalo Martins<sup>3475</sup>. Esta questão dos abusos dos padroeiros já tinha merecido a intervenção régia com D. Pedro a ordenar a 27 de Maio de 1363, aos juízes da Maia que não consentissem que os padroeiros e naturais do mosteiro de Moreira penhorassem e tomassem para si os direitos, comeduras e coisas do mosteiro<sup>3476</sup>.

O derradeiro documento em que Domingos Anes aparece referenciado como prior de Moreira data de 29 de Dezembro 1382, dia em que empraza, juntamente com o convento, a Domingos Martins de Gontão e a Domingas Peres, sua mulher, e a um filho ou filha, o casal de Gontão<sup>3477</sup>. É provável que o seu priorado se estenda para além do deste ano de 1382, mas independentemente disso, ele é inquestionavelmente o de maior longevidade para o séc. XIV, atravessando três reinados.

---

<sup>3465</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.9. Também Mártires, Frei Timóteo dos, Crónica de Santa Cruz, Tomo III, 1960, p.25, refere “a sua memoria pellos annos de 1349”.

<sup>3466</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.9.

<sup>3467</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Docs.9,11,12,17,18,19,21,22,23,24,34, 35,41; M. 12, Docs.1,3,4,7,11,12,13,16,19,23,30.

<sup>3468</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.18.

<sup>3469</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Docs.31-B, 32.

<sup>3470</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.39.

<sup>3471</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.17.

<sup>3472</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 9-A, Maço 5, nº 232.

<sup>3473</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.9.

<sup>3474</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Docs.8,13,15,16,25,26,28,36,37,40, M. 12, Doc.5. A este propósito veja-se as relações entre o mosteiro e os senhores laicos.

<sup>3475</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.8.

<sup>3476</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.6.

<sup>3477</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.23.

**D. Domingos Cibrães** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Trata-se, muito provavelmente, do mesmo religioso que aparece identificado como cónego do mosteiro de Moreira e abade de Vila Nova na década de cinquenta<sup>3478</sup>.

Desconhecemos a data de início do seu priorado, até porque a documentação que nos chega para a última vintena do século XIV, respeitante a esta casa monástica, é relativamente escassa, sendo que entre o final de 1382 e 1389 não temos referência a qualquer prior. É crível que seja o sucessor de Domingos Anes, e que tenha ascendido ao priorado antes de 1389, mas só é documentado pela primeira vez no cargo a 15 de Junho desse ano, dia em que é proferida sentença referente à contenda que opõe o convento ao pitanceiro e cónego do mosteiro João Anes Delgado<sup>3479</sup>. A 25 de Abril de 1391 recebe, no mosteiro de Moreira, Gonçalo Pires, tabelião da Maia, que aí faz o traslado de dois emprazamentos que o mosteiro celebrara com Julião Domingues e sua mulher, Margarida Martins, corria o ano de 1355<sup>3480</sup>.

A 13 de Fevereiro de 1392 empraza, juntamente com o convento, ao cónego Pedro Anes a vinha do convento<sup>3481</sup>, vinha essa que tinha estado na origem de uma contenda entre o prior Domingos Anes e o cónego João de Bouças<sup>3482</sup>. A 17 de Novembro de 1392 o prior escamba com os cónegos Vasco Anes, João Anes e Pedro Domingues, o casal da mesa prioral, chamado de casal de Outeiro, situado em Gemunde, pelo casal da Carvalhã que os cónegos tinham na aldeia da Póvoa<sup>3483</sup>.

Domingos Cibrães continua a aparecer como “priol maior do mosteiro de Moreira”<sup>3484</sup> até ao início do século XV, sendo documentado como tal a 2 de Julho de 1393<sup>3485</sup>, a 15 de Setembro de 1400<sup>3486</sup>, a 24 de Janeiro de 1403<sup>3487</sup> e a 21 de Março de 1403<sup>3488</sup>. Nesta última data, que corresponde à derradeira referência documental que lhe conhecemos, “Dom Domingos Cibraez priol” e o seu convento, emprazam, no mosteiro de Moreira, a Álvaro Anes, a sua mulher, Clara Antoninha, e a um filho de ambos, um casal na aldeia de Vila Nova da Telha<sup>3489</sup>. E se não dispomos de elementos que nos permitam traçar com segurança o início do seu priorado o mesmo sucede com o seu término, sendo certo que ocorreu entre Março de 1403 e o início de 1408, uma vez que em Fevereiro de 1408 o prior de Moreira já é Fernão Martins<sup>3490</sup>, embora e a confirmarem-se as indicações de Frei Timóteo dos Mártires que identifica um Pedro Anes como prior do mosteiro em 1405<sup>3491</sup> essa data possa ser automaticamente reduzida.

**D. Pedro Anes** – Provável prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Frei Timóteo dos Mártires identifica Pedro Anes como prior de Moreira, colocando-o, em termos cronológicos, nesse cargo por volta de 1405<sup>3492</sup>, o que sendo perfeitamente plausível, não deixa de nos merecer bastantes dúvidas. Além de não termos encontrado

<sup>3478</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.10; M. 10, Doc.17

<sup>3479</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.28. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25, também regista a referência a este prior em 1389.

<sup>3480</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.30.

<sup>3481</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.31.

<sup>3482</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 9-A, Maço 5, n° 232.

<sup>3483</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.32.

<sup>3484</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.33.

<sup>3485</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.33.

<sup>3486</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, n.35.

<sup>3487</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.1.

<sup>3488</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.2.

<sup>3489</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.2.

<sup>3490</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2A.

<sup>3491</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

<sup>3492</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

a confirmação através de qualquer prova documental para esta indicação do cronista agostiniano, a curta duração deste presumível priorado parece também levantar algumas dúvidas sobre a sua real existência, mais a mais tratando-se de um religioso, à partida, trazido de uma outra canónica.

**D. Fernão (Fernando) Martins** – Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A 25 de Fevereiro de 1408 já “FERNAM MARTINZ priol do moesteiro de Sam Salvador de Moreiira” surge, em conjunto com o seu convento, a celebrar um contrato de emprazamento no mosteiro maiato<sup>3493</sup>. É muito provável que tenha sucedido a Domingos Cibrães, embora e como já vimos atrás, haja a possibilidade de ter existido um prior intermédio<sup>3494</sup>.

Fernão Martins é, aparentemente, um religioso exterior à comunidade, o que é perfeitamente compreensível se tivermos em conta que Moreira da Maia não mostrou capacidade de regeneração ao longo das décadas antecedentes, surgindo-nos praticamente os mesmos religiosos, o que significa o inevitável envelhecimento da comunidade. A 24 de Abril de 1412 Fernão Martins comprometeu-se a entregar aos cónegos uma teiga de trigo em Soutelo, freguesia de Santa Maria de Vilar, e uma teiga de milho pelo casal de Martim Simões, na freguesia de Mindelo, pão que o prior dava aos cónegos para ajuda da avença do convento<sup>3495</sup>. O seu priorado revelar-se-ia bastante longo, acompanhando praticamente toda a primeira metade de quatrocentos, e apesar de não abundar a documentação para esse período ela é, contudo, segura no que respeita à sua presença na titularidade do cargo. Surge referenciado como tal em 1419<sup>3496</sup>, 1433<sup>3497</sup>, 1434<sup>3498</sup>. D. Fernão Martins ainda era prior de S. Salvador de Moreira da Maia a 2 de Outubro de 1448 como revela um emprazamento feito nesse dia, no claustro do mosteiro de Moreira<sup>3499</sup>.

**Fernando Álvares** - Prior do mosteiro de S. Salvador de Moreira. “O rellegioso Fernando Alvarez prioll do moesteiro de Sam Salvador de Moreira do bispado do Porto” recebeu, com a respectiva licença do seu vigário, ordens de Epístola no dia 24 de Fevereiro de 1453, em Braga<sup>3500</sup>. Nessa mesma cidade recebe ordens de Evangelho no dia 17 de Março de 1453<sup>3501</sup>. Este prior era irmão de João Pires, que ocupava o abaciado de Vilar de Porcos em 1480<sup>3502</sup>, igreja onde o mosteiro tinha o direito de apresentação. Apesar de espaçadas temos indicações documentais que confirmam a presença de Fernando Álvares à frente de Moreira da Maia nas décadas seguintes, indicações essas também extensíveis a alguns dos seus serviços, de onde poderemos destacar, face ao insólito da situação, João da Maia, barbeiro, e criado do prior de Moreira, a quem D.

---

<sup>3493</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2A.

<sup>3494</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

<sup>3495</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.3.

<sup>3496</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.210.

<sup>3497</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.7A.

<sup>3498</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.8.

<sup>3499</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.9.

<sup>3500</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.32; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.196. Frei Timóteo dos Mártires também referencia este prior, dizendo que há memória da sua presença à frente desta canónica em 1456 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25), o que de facto se verifica, sendo agora, à luz destes novos elementos, possível recuar a data de início do seu priorado.

<sup>3501</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.39; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.200.

<sup>3502</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.15a; 16.

Afonso V concedeu carta de perdão, a 7 de Setembro de 1471, em virtude de este ter ferido, propositadamente, no rosto, a Maria Gomes Carneira<sup>3503</sup>.

Quanto ao prior-mor surge indicado no cargo a 30 de Novembro de 1466, dia em que foi efectuado um emprazamento no mosteiro<sup>3504</sup>, aparecendo nova notícia do prior “dom Fernand’ Alvarez” em 1476<sup>3505</sup>, ou seja cerca de dez anos volvidos. A 4 de Março de 1480 este prior juntamente com o seu convento efectuam dois emprazamentos no mosteiro de Moreira, um a Senhorinha Afonso, ao seu sobrinho, Martim Vasques, e a uma terceira pessoa a nomear do casal do “Marmoural” na freguesia de Mindelo<sup>3506</sup> e um outro ao lavrador João Pires e a duas outras pessoas a nomear, de dois casais e meio na Aldeia Velha de Real, freguesia de Santa Maria de Vilar<sup>3507</sup>. A sua presença à frente do priorado de Moreira da Maia vai estender-se até à primeira metade da década de noventa, sendo documentado no cargo por instrumentos de 1488<sup>3508</sup>, 1489<sup>3509</sup>, 1490<sup>3510</sup> e 1493<sup>3511</sup>. Este é, de resto, o último documento que o menciona no lugar, tratando-se de um emprazamento feito em três vidas ao lavrador João Anes, a sua mulher Inês Lopes e a um filho deles, efectuado no mosteiro de Moreira, a 1 de Março de 1493, e referente ao casal da Póvoa, situado na freguesia de Vilar de Porcos onde os foreiros já viviam<sup>3512</sup>. Fernando Álvares faleceu entre esta última data e Agosto de 1495, altura em que já surge como prior do mosteiro D. João do Porto<sup>3513</sup>, sendo por isso facilmente aceitável a data apresentada por Frei Timóteo dos Mártires que coloca a ocorrência do seu óbito a 2 de Novembro de 1494<sup>3514</sup>.

**D. João do Porto** - Prior comendatário do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Trata-se muito provavelmente do mesmo “Joham do Porto clerigo de ordens meores” que foi confirmado a 16 de Setembro de 1484 como abade da igreja de Santa Maria de Vila Nova<sup>3515</sup>. O cronista agostiniano, Frei Timóteo dos Mártires, diz que João do Porto foi o primeiro comendatário de Moreira, tendo sido aí indigitado por D. João II no início de 1495, tendo inclusivamente professado<sup>3516</sup>. De facto a primeira referência que lhe conhecemos como prior de Moreira data de 8 de Agosto de 1495, dia em que D. João do Porto, em conjunto com os cónegos Pedro Martins, André Fernandes e Diogo Vasques, efectuaram dois emprazamentos, um a Luís Anes de Refonteira e a sua mulher Beatriz Gonçalves, e a um filho destes, do casal dos cónegos pertencente à enfermaria<sup>3517</sup>, e um outro a Gonçalo André e a sua mulher, Maria Luís, e a um filho destes, do casal da

---

<sup>3503</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 22, fl.10vº.

<sup>3504</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.20.

<sup>3505</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.13.

<sup>3506</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.15a.

<sup>3507</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.16.

<sup>3508</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.20.

<sup>3509</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.22.

<sup>3510</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.23.

<sup>3511</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.24.

<sup>3512</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.24.

<sup>3513</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.25.

<sup>3514</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

<sup>3515</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.18. Esta nossa teoria parece encontrar alguma sustentabilidade nas próprias palavras do cronista agostiniano, Frei Timóteo dos Mártires, que indica João do Porto como clérigo secular (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25).

<sup>3516</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

<sup>3517</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.25.

Guarda, na freguesia de Moreira<sup>3518</sup>. Dois dias depois há registo de dois novos emprazamentos, o que deixa pressupor alguma energia na gestão deste prior<sup>3519</sup>. Essa preocupação com a gestão e organização do património da instituição levá-lo-iam a elaborar um tombo do mosteiro em 1497<sup>3520</sup>. Registos de 5 de Março de 1499<sup>3521</sup>, 9 de Março de 1502<sup>3522</sup> continuam a confirmá-lo como prior de Moreira.

Na primeira década de quinhentos continuámos a ver este prior empenhado na recuperação do mosteiro e na defesa dos seus direitos, quer efectuando emprazamentos<sup>3523</sup>, ou envolvendo-se em contendas e acções judiciais, como revelam documentos de 1502<sup>3524</sup>, 1503<sup>3525</sup>, 1505<sup>3526</sup> e 1509<sup>3527</sup>, todas com solução ou desfecho favorável a S. Salvador de Moreira. Neste particular destaque para as duas últimas, a primeira movida contra Martim Lourenço e Gonçalo Salvado moradores na Póvoa, freguesia de Vilar de Porcos que lavravam bouças localizadas no couto do mosteiro mas entregavam o dízimo à igreja de Santa Marinha de Vilar de Porcos, ordenando Pedro Gonçalves, comendatário do mosteiro de Bustelo e vigário geral do bispo do Porto, D. Diogo de Sousa, por sentença de 7 de Agosto de 1505, que esses direitos fossem entregues ao mosteiro<sup>3528</sup>. A 16 de Novembro de 1509 é Pedro da Silva, tesoureiro da Sé do Porto e juiz comissário por delegação de Pedro Gonçalves, comendatário do mosteiro de Bustelo e vigário geral do bispo do Porto, D. Pedro da Costa, quem profere sentença favorável ao mosteiro de Moreira da Maia, referente a uma contenda movida pelo prior D. João do Porto e pelos cónegos do mosteiro contra vários caseiros que recusavam pagar o dízimo de propriedades que fabricavam, alegando pertencerem tais direitos à vizinha igreja de Couso, acabando por ser feita prova de que essas propriedades se situavam na freguesia da igreja de Moreira<sup>3529</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, João do Porto renunciou à comenda, em 1524, a troco de uma pensão<sup>3530</sup>.

**D. Pedro da Costa** – Prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Moreira da Maia. Trata-se do bispo do Porto (1507-1534). Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Pedro da Costa assumiu a comenda de Moreira da Maia em 1524<sup>3531</sup>. Foi durante o seu priorado que o prior claustral, D. Vasco Anes descobriu o Santo Lenho guardado num côncavo da pedra de ara do altar-mor, relíquia da qual D. Pedro da Costa levou metade para Espanha quando para aí foi, em 1526, na qualidade de capelão da rainha D. Isabel<sup>3532</sup>. D. Pedro renunciou à comenda do mosteiro de Moreira em 1534<sup>3533</sup>.

<sup>3518</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.26.

<sup>3519</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.27,28.

<sup>3520</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap.II, p.278.

<sup>3521</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.31.

<sup>3522</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.33.

<sup>3523</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.34,35.

<sup>3524</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.33.

<sup>3525</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.35.

<sup>3526</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.36.

<sup>3527</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.39.

<sup>3528</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.36.

<sup>3529</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.39.

<sup>3530</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

<sup>3531</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.25.

<sup>3532</sup> Cardoso, Jorge, *Agiológico Lusitano*, Tomo II, 2002, p.453; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.25-26; Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.182; Tavares, Maria Otilia Nunes, *Mosteiro de Moreira da Maia...*, 1957, pp.84-85; Dias, Geraldo J. A. Coelho, “O Mosteiro de São Salvador...”, 2000, p.33.

<sup>3533</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.126-127. O cronista agostiniano Frei Timóteo dos Mártires diz que este bispo renunciou à comenda em 1544 (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica*



**Cardeal D. Henrique** – Prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Moreira da Maia. D. Henrique foi provido no priorado de Moreira da Maia, bem como nas comendas das abadias beneditinas de S. Salvador de Paço de Sousa e S. Miguel de Bustelo por bula de Paulo III (Out. 1534-1549), de 3 de Novembro de 1534<sup>3534</sup>, todos vagos por resignação apresentada pelo bispo D. Pedro da Costa a Clemente VII (1523-Set.1534) nesse mesmo ano<sup>3535</sup>. A 1 de Dezembro de 1536 continua a ser referenciado como comendatário de Moreira<sup>3536</sup>, o mesmo sucedendo em 1540, ano em que ordenou a elaboração de um tomo da fazenda do mosteiro, obra a cargo de João de Barros<sup>3537</sup>. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o no cargo apenas em 1550, altura em que renunciou, com reserva de regresso, no seu sobrinho D. Fulgêncio<sup>3538</sup>, embora esta data contraste com a apontada por Frei Nicolau de Santa Maria que coloca D. Fulgêncio como comendatário do mosteiro já em 1549<sup>3539</sup>.

**D. Manuel dos Santos** – Prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Moreira da Maia. Segundo Frei Timóteo dos Mártires, D. Manuel dos Santos alcançou a comenda de Moreira da Maia em 1544 por renúncia que nele fez o bispo D. Pedro da Costa, numa altura em que era provisor do arcebispado de Lisboa<sup>3540</sup>, resignação essa que como vimos reporta-se a uma década antes, portanto a 1534. Quanto ao início do priorado de D. Manuel dos Santos também é ligeiramente ulterior a 1544, sendo que a 8 de Junho de 1545 o papa Paulo III recomendava ao rei para comendatário de Moreira da Maia, D. Manuel dos Santos, bispo de Targa<sup>3541</sup>. Desconhecemos a data concreta da sua provisão mas não deverá ter sido muito posterior a esta indicação uma vez que D. Manuel dos Santos, já é referenciado como comendatário do mosteiro de Moreira em 1546<sup>3542</sup> e por carta de 30 de Novembro de 1545 o embaixador Baltasar de Faria informava o rei que tinha enviado por Pantalhão de Barros, secretário do arcebispo de Braga, diversas bulas, entre as quais a do mosteiro de Moreira<sup>3543</sup>, por isso é perspectivável que se trate da bula referente à sua provisão no priorado. D. Manuel dos Santos além de comendatário de Moreira e bispo de Targa viria a ser, posteriormente, e numa altura em que já não detinha a comenda maiata, nomeado Inquisidor de Lisboa por D. Henrique em 1564<sup>3544</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este comendatário foi também abade de Perafita, igreja do padroado do mosteiro de Moreira, mantendo-se

---

*de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26), certamente descuido ou engano, ou até leitura ou digitação incorrecta ao fazer-se a transcrição e impressão da obra.

<sup>3534</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.126-128, 161; *Idem*, Tomo XI, 1898, pp. 340-341; Dias, Geraldo J. A. Coelho, “O Mosteiro de São Salvador...”, 2000, p.34; Polónia, Amélia, *D. Henrique: O cardeal-rei*, 2005, p.83.

<sup>3535</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo III, 1868, pp.126-127.

<sup>3536</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, 1942, p.358.

<sup>3537</sup> Cardoso, Jorge, *Agiolégio Lusitano*, Tomo II, 2002, p.452; Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.183.

<sup>3538</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26.

<sup>3539</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap.II, p.278.

<sup>3540</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26.

<sup>3541</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo V, 1874, p.427; Dias, Geraldo J. A. Coelho, “O Mosteiro de São Salvador...”, 2000, pp. 34-35.

<sup>3542</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.14, Doc.30.

<sup>3543</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo V, 1874, p.500.

<sup>3544</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26. Não tivemos oportunidade de apurar a data em que lhe foi concedido o título de bispo de Targa e o Visconde de Paiva Manso, *Historia Ecclesistica Ultramarina, Tomo I – Africa Septentrional: Bispados de Ceuta, Tanger, Safim e Marrocos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1872, pp. 92-95, não o refere na sua lista de bispos titulares de Targa.

muito provavelmente nesse cargo, até à data em que resignou à comenda de Moreira, o que segundo o cronista agostiniano, ocorreu em 1550, altura em que renunciou a favor do cardeal D. Henrique<sup>3545</sup>. D. Manuel dos Santos faleceu em 1570 tendo sido enterrado no mosteiro de S. Vicente de Lisboa<sup>3546</sup>.

**D. Fulgêncio de Bragança** – Prior comendatário do mosteiro de São Salvador de Moreira da Maia. D. Fulgêncio era filho do duque D. Jaime de Bragança e de sua segunda mulher, D. Joana de Mendonça<sup>3547</sup>. Segundo Timóteo dos Mártires, entre os 11 e os vinte anos esteve no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra<sup>3548</sup>. Segundo Frei Nicolau de Santa Maria já era prior comendatário de Moreira em 1549, sendo o responsável pela elaboração de um tombo das propriedades do mosteiro<sup>3549</sup>. D. Fulgêncio parece ter mostrado algum empenho no governo da canónica maiata, tendo-se efectuado, durante o seu priorado, diversas obras no mosteiro<sup>3550</sup>. Da sua acção material em prol do engrandecimento do mosteiro de Moreira e espaços adjacentes, foi responsável por algumas obras como provam a inscrição referente à construção ou melhoramentos das casas onde supostamente vivia, no espaço da actual Quinta do mosteiro, datada de 1552, ou o cruzeiro no Padrão de Moreira edificado em 1566<sup>3551</sup>. D. Fulgêncio, em Dezembro de 1559, estava ausente do reino, encontrando-se, por essa altura, em terras do actual território italiano<sup>3552</sup>.

Em capítulo do mosteiro de Coimbra, de 11 de Dezembro de 1562, o prior de Santa Cruz de Coimbra ordenou que dessem duas vacas a D. Fulgêncio, por este lhas ter pedido aquando da visitação que efectuou ao mosteiro do Salvador do Porto<sup>3553</sup>. Cerca de um ano depois, mais concretamente a 19 de Novembro de 1563, por decisão capitular, foi dada, a D. Fulgêncio, uma mula que o mosteiro de Santa Cruz tinha em Lisboa<sup>3554</sup>. O comendatário maiata também presenteou o mosteiro de Santa Cruz, em 1567, oferecendo-lhe um pedaço de chifre de unicórnio<sup>3555</sup>.

Foi durante o seu governo que decorreu o processo de integração de S. Salvador de Moreira da Maia na Congregação de Santa Cruz tendo, segundo Frei Timóteo dos Mártires, o comendatário deixado o mosteiro em 1563, o que permitiu que D. Lourenço Leite, prior de Santa Cruz de Coimbra e os seus colegas tomassem posse do mosteiro em Julho desse ano enquanto aguardavam a confirmação pontifícia<sup>3556</sup>. A complexidade

<sup>3545</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26.

<sup>3546</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26.

<sup>3547</sup> Crasbeck, Francisco Xavier da Serra, “Catalogo dos Religiosissimos DD. Abades...”, in *Collecçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, Lisboa, 1726, p.61; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.27; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* – Vol. XV – S. Salvador de Travanca, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1939, p.13; S. Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, Tomo II, notas críticas de José Mattoso, IN-CM, Lisboa, 1974, p.254.

<sup>3548</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.26.

<sup>3549</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap.II, p.278. É possível que esta data esteja correcta mas ainda não nos foi possível apurar a cronologia inicial do priorado de D. Fulgêncio, por isso não a podemos confirmar nem rejeitar.

<sup>3550</sup> Cardoso, Jorge, *Agiológico Lusitano*, Tomo II, 2002, p.453.

<sup>3551</sup> Azevedo, Padre Agostinho de, *A Terra da Maia*, 1939, Vol.I, p.193. Segundo um manuscrito do mosteiro referenciado por Dias, Geraldo J. A. Coelho, “O Mosteiro de São Salvador...”, 2000, p.35, essa inscrição é datada de 1548.

<sup>3552</sup> Coelho, Maria Helena da Cruz; Santos, Maria José Azevedo, *De Coimbra a Roma uma viagem em meados de quinhentos*, Coimbra Editora, Limitada, 1990, p.44.

<sup>3553</sup> *Actas dos Capítulos do Mosteiro de Santa Cruz*, 1946, p.64.

<sup>3554</sup> *Actas dos Capítulos do Mosteiro de Santa Cruz*, 1946, pp.67-68.

<sup>3555</sup> *Actas dos Capítulos do Mosteiro de Santa Cruz*, 1946, p.76.

<sup>3556</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.27.

do processo fez com que tal não se concretizasse nesse ano, de resto e como revela a acta do capítulo de Santa Cruz de Coimbra, de 10 de Julho de 1566, nessa altura ainda D. Fulgêncio de Bragança aceitava largar a comenda de S. Salvador de Moreira da Maia para a Congregação de Santa Cruz, a troco de uma pensão vitalícia anual de trezentos e cinquenta mil reis<sup>3557</sup>, confirmando-se a união por bulas de 1567 sendo eleito primeiro prior trienal do mosteiro o Padre D. Jorge no final de Julho desse ano<sup>3558</sup>. Situação idêntica haveria de ocorrer também com o mosteiro de S. Salvador de Travanca do qual D. Fulgêncio era igualmente comendatário tendo abdicado por interferência do cardeal D. Henrique, a troco de uma pensão anual de mil cruzados<sup>3559</sup>. Além destes benefícios eclesiásticos ainda foi prior da colegiada de Guimarães e chantre da de Barcelos<sup>3560</sup>.

---

<sup>3557</sup> *Actas dos Capítulos do Mosteiro de Santa Cruz*, 1946, pp.71-72.

<sup>3558</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.27; Cardoso, Jorge, *Agiológico Lusitano*, Tomo II, 2002, p.453.

<sup>3559</sup> *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. XV – S. Salvador de Travanca*, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1939, p.13; S. Tomás, Frei Leão de, *Benedictina Lusitana*, Tomo II, notas críticas de José Mattoso, IN-CM, Lisboa, 1974, p.254; .

<sup>3560</sup> Crasbeck, Francisco Xavier da Serra, “Catalogo dos Religiosíssimos DD. Abbades...”, 1726, p.61; *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Vol. XV – S. Salvador de Travanca*, Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 1939, p.13. A este propósito recuperemos para aqui uma pequena passagem de Agustina Bessa-Luís, em que a escritora amarantina alude ao fim da comenda de S. Salvador de Travanca: “Foi Matilde quem revelou a Belchior o possível parentesco com Frei Domingos Teixeira, eleito abade do mosteiro em 1578, quando este foi alforriado pelo cardeal D. Henrique da tutela do comendatário D. Fulgêncio” (cf. Bessa-Luís, Agustina, *O mosteiro*, Lisboa, Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, 1980, p.32).

## **1.4. Diocese de Tui (parte portuguesa)**

### **1.4.1. - Santa Maria de Refóios de Lima (c. Ponte de Lima)**

**D. Rodrigo Pires** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A indicação que lhe conhecemos é-nos dada por Frei Timóteo dos Mártires que o indica como prior desta canónica em 1300<sup>3561</sup>.

**Lourenço Miguéis** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. O cronista agostiniano, Frei Timóteo dos Mártires, indica-o como prior do mosteiro “pellos annos de 1329”<sup>3562</sup> informação que nos parece ter consistência, embora não tenhamos encontrado substrato documental que a possa validar. A sua existência é real e enquadrável nesta cronologia, conhecendo-se-lhe uma intervenção de grande monta, uma vez que participou activamente no processo respeitante às jurisdições no couto do mosteiro, conseguindo anular uma sentença régia muito negativa para Refoios, ao ponto de recuperar algumas das prerrogativas jurisdicionais que exerciam no couto, como comprova sentença de D. Afonso IV, datada de 31 de Agosto de 1341<sup>3563</sup>.

**Lourenço Martins** – Prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A 25 de Março de 1345, juntamente com o convento, empraça o casal de Espadanal<sup>3564</sup>.

**D. Pedro Pires** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Frei Timóteo dos Mártires indica-o como prior entre 1340 e 1348, ano que aponta para o seu falecimento<sup>3565</sup>. Tendo em consideração que em 1340 o prior era Lourenço Miguéis, e partindo do princípio que esta cronologia apresentada pelo cronista está correcta, D. Pedro Pires só poderia exercer as funções de prior claustral nessa data, alcançando posteriormente o priorado, sucedendo assim a Lourenço Martins, situação essa que permitiria enquadrar o seu óbito em 1348. Poderá também dar-se o caso de não ter sido feita a reconversão das datas para o calendário cristão e nessa circunstância o priorado de D. Pedro Pires recairia, tendo em consideração esses elementos apresentados por Frei Timóteo dos Mártires, entre 1302 e 1310, sendo nesse caso o sucessor de D. Rodrigo Pires. Como ainda não conseguimos desvendar esta questão ficam aqui as possibilidades que nos parecem ter alguma fundamentação.

**João Durães** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Frei Timóteo dos Mártires revela que este prior foi eleito em 1348, encontrando-se ainda no cargo em 1352<sup>3566</sup>. Pela sequência apresentada esta informação merece-nos toda a credibilidade mas não encontramos prova documental que a certifique.

**D. Fernando Afonso** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. É referenciado por Frei Timóteo dos Mártires na sua listagem de priores vitalícios de

---

<sup>3561</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

<sup>3562</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

<sup>3563</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. III (1340-1344)*, 1992, pp.150-154 (Doc. 323); *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, pp. 83-87 (Doc. 36).

<sup>3564</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.15, fls.232-232v; 234-234v; 236-236v; *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, pp. 87-88 (Doc. 37).

<sup>3565</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

<sup>3566</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

Refoios de Lima, identificando-o no cargo em 1361<sup>3567</sup>. Não encontramos a necessária comprovação documental.

**D. Gonçalo** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Na ordem estabelecida por Frei Timóteo dos Mártires aparece como sendo o sucessor de D. Fernando Afonso e o antecessor de D. Lourenço Martins, embora o cronista lhe não tenha indicado referência cronológica, revelando apenas que faleceu a 11 de Novembro, de ano incerto<sup>3568</sup>. Não encontramos a necessária comprovação documental.

**Lourenço Martins II** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios. Frei Timóteo dos Mártires indica-o como prior do mosteiro na Era de 1418, o correspondente ao ano de Cristo de 1380<sup>3569</sup>, mas não o conseguimos comprovar.

**Gil Vasques** – Provável prior de Refoios de Lima<sup>3570</sup>, mas cremos tratar-se antes de um abade do mosteiro de S. Miguel de Refoios de Basto, embora Frei Leão de São Tomás o não inclua no catálogo dos Abades de Refoios de Basto<sup>3571</sup>. De qualquer forma concorre para uma maior fundamentação desta hipótese o facto de surgir mencionado nas cartas de legitimação como “abade de Refoyos”<sup>3572</sup>. Um outro indício que parece dar alguma força a esta tese é o facto de Frei Timóteo dos Mártires o não referenciar, o que não sendo conclusivo, merece neste particular alguma atenção porque o cronista agostiniano conhecia muito bem a documentação do cartório de Refóios como ele próprio afirma<sup>3573</sup>, embora também se lhe detectem diversas falhas na elocução dos priores dessa casa agostiniana. A 19 de Agosto de 1392 o rei legitima-lhe três filhos: um de nome Diogo, filho de uma relação com Clara Geraldês, à altura mulher solteira<sup>3574</sup> e dois de Maria Esteves, também mulher solteira aquando do nascimento das crianças<sup>3575</sup>.

**D. Pedro Pel** – Provável prior de Santa Maria de Refóios. Frei Timóteo dos Mártires indica-o como prior do mosteiro por volta de 1400, acrescentando que se tratava de um cônego proveniente do mosteiro de Santa Maria de Landim<sup>3576</sup>, mas não lhe encontramos qualquer referência documental.

---

<sup>3567</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

<sup>3568</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

<sup>3569</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63. Apesar de diversas falhas na conversão das datas, o que induz em erro e provoca análises incorrectas, Frei Timóteo dos Mártires não “inventava documentos” por isso e neste caso específico a alusão que faz à Era de 1418 não nos deixa dúvidas quanto à existência deste prior. Na ausência dessa referência poderia colocar-se a possibilidade de se tratar de alguma confusão com o prior Lourenço Martins que surge documentado à frente do mosteiro no final da primeira metade do século XIV. Nesse caso poderíamos estar não na presença de um prior homónimo desse religioso mas sim perante o mesmo indivíduo, situação facilmente explicável pela não conversão da data para a Era de Cristo, o que a verificar-se daria justamente 1342, ou seja uma cronologia perfeitamente consentânea com o início do priorado desse Lourenço Martins.

<sup>3570</sup> Na obra *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.113 (Docs. 64-65), é identificado como tal.

<sup>3571</sup> Segundo o cronista beneditino, por essa altura, era abade de Refoios João Gonçalves (cf. Tomás, Frei Leão de São, *Benedictina Lusitana*, Tomo I, Introdução e notas críticas de José Mattoso, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1974, pp. 497).

<sup>3572</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.74vº; Chancelaria de D. João I, Livro II fl. fls.74vº, 90; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.113 (Docs. 64-65).

<sup>3573</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.61.

<sup>3574</sup> *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.113 (Doc. 64); Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.46.

<sup>3575</sup> *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.113 (Doc. 65).

<sup>3576</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.63.

**Gil Rodrigues** – Prior do mosteiro de “Refoyos de Riba de Lima da Ordem de Santo Agostinho”. Frei Timóteo dos Mártires também o indica ao enunciar os priores vitalícios do mosteiro limiano, embora em cronologia incorrecta<sup>3577</sup>. A 28 de Maio de 1406 o rei legitima-lhe dois filhos: Álvaro Gil e Pedro Rodrigues, ambos fruto da sua ligação com Domingas Eanes, mulher solteira à altura do nascimento das crianças<sup>3578</sup>. Tal ligação parece ainda manter-se por volta de 1412, uma vez que essa é tida como a data em que foi elaborada uma inquirição dos reguengos de Ponte de Lima e seu termo, e no decorrer da minuciosa descrição e identificação de pessoas e bens aparece-nos justamente “Domingas Johanes manceba do prioll de Reffoyos”<sup>3579</sup>. A 25 de Agosto de 1417 mantinha-se à frente do priorado tendo, nesse dia, em conjunto com o seu convento, emprazado um casal, localizado na freguesia do mosteiro, a Lourenço Durão, a sua mulher, Margarida Martins, e a uma terceira pessoa a nomear pelo que vivesse mais tempo<sup>3580</sup>. Em 1422 ainda continuava como prior de Refóios de Lima, numa altura em que já era octogenário e padecia de grande debilidade física, que o impossibilitava de gerir correctamente o mosteiro, segundo alegações de Rodrigo Durães, prior claustral de Refóios, que solicita ao papa, a 6 de Março desse ano o priorado do mosteiro<sup>3581</sup>. Dez dias depois, em nova missiva ao papa, Rodrigo Durães, dá conta do falecimento de D. Gil Rodrigues e da sua eleição para o priorado por parte da comunidade conventual, pedindo a confirmação pontifícia dessa eleição<sup>3582</sup>.

**Rodrigo Durães/Rui Durães** – Prior do mosteiro de Refóios de Lima. Sucede a Gil Rodrigues. Trata-se de um cónego do mosteiro de Refóios que sobe na hierarquia interna da instituição, sendo eleito para o priorado mor em Março de 1422 como facilmente se depreende das duas súplicas enviadas ao papa Martinho V, surgindo a 6 de Março identificado como prior crasteiro<sup>3583</sup> e a 16 já como prior mor, altura em que pede ao papa a sua confirmação no cargo<sup>3584</sup>. A 26 de Fevereiro de 1434 o rei, D. Duarte, legitima-lhe três filhos: Mem Rodrigues, Catarina Rodrigues e Beatriz

---

<sup>3577</sup> O cronista diz-nos, erroneamente, que Gil Rodrigues foi o último prior mor de Refoios de Lima, eleito canonicamente pela comunidade conventual, situando o seu priorado pelos anos de 1460 (cf. Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Tomo III, Edição da Biblioteca Municipal, 1960, p.64). O erro, ou melhor, o engano, porque o erro foi consequência de um descuido, advém do facto de o cronista não ter feito a necessária conversão da data, o que a acontecer, situá-lo-ia automaticamente em 1422, cronologia que, como teremos oportunidade de verificar, é consentânea com o seu último ano de priorado e de vida.

<sup>3578</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo I, 2006, p.230; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.134 (Doc. 87); Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, pp. 101 e 103.

<sup>3579</sup> Andrade, Amélia Aguiar, *Um espaço urbano medieval: Ponte de Lima*, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, p.230 (Doc. I). Este mesmo documento, e respectiva passagem, encontra-se também reproduzido em *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.144 (Doc. 89).

<sup>3580</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.14, fl.119; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp. 196-198 (Doc. 141). Em relação a este documento apenas uma chamada de atenção para dizer que nesta publicação a data que se encontra no sumário está incorrecta, uma vez que não foi feita a devida conversão da Era de César para a do Nascimento de Cristo, figurando por isso o ano de 1455 quando o documento se reporta ao de 1417.

<sup>3581</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2 (Súplicas do pontificado de Martinho V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Braga, Livraria Editorial Franciscana, 1982, p.457.

<sup>3582</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 461-462.

<sup>3583</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.457.

<sup>3584</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 461-462. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64, também o indica como prior do mosteiro encontrando-lhe referências para 1436, altura em que de facto ainda era prior.

Rodrigues, todos eles fruto da relação deste religioso com Mécia, mulher solteira aquando do nascimento das crianças<sup>3585</sup>. Frei Timóteo dos Mártires detecta-o no priorado em 1436<sup>3586</sup>, cronologia que as fontes confirmam, sendo possível alargar a cronologia do seu governo pelo menos até ao início da década de quarenta, uma vez que a 11 de Setembro de 1440 o prior D. Rui Durães, juntamente com o seu convento, empraça um casal, em Refoios, a João Afonso da Porta e a sua mulher, Branca Dias<sup>3587</sup>.

**D. Julião Fernandes** – Provável prior do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. É referenciado por Frei Timóteo dos Mártires como sendo prior mor de Refoios de Lima em 1446<sup>3588</sup>, cronologia perfeitamente aceitável à luz dos dados conhecidos, mas não detectámos qualquer documento que o confirme.

**D. Gomes Anes** – Prior do mosteiro de Refóios de Lima. Frei Timóteo dos Mártires indica-o como prior do mosteiro “pellos annos de 1450”<sup>3589</sup> o que é perfeitamente plausível. Contudo, em termos documentais apenas lhe encontramos referências para os anos de 1466 e 1467. A 3 de Junho de 1466 estabelece uma composição amigável com os moradores do couto do mosteiro a propósito de alguns direitos devidos ao mosteiro, sobretudo relacionados com dias de serviço e pastagens, acordo que é validado pelo juiz ordinário de Ponte de Lima, a 29 de Abril de 1467<sup>3590</sup>. Em Agosto de 1471 já tinha falecido como se depreende de uma carta de perdão de D. Afonso V a Isabel Gonçalves, acusada de roubar ouro, prata e outras coisas a Gonçalo Anes, prior que “forra do mosteiro de Refoios de Riba de Lima”<sup>3591</sup>. A sua morte deverá ter ocorrido em finais de 1467 ou inícios de 1468, isto a confirmar-se a cronologia apontada por Frei Timóteo dos Mártires para o início do priorado do seu sucessor<sup>3592</sup>.

**D. Gomes da Rocha** – Prior comendatário do mosteiro de Refóios de Lima e administrador perpétuo do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Segundo Frei Timóteo dos Mártires foi também prior comendatário do mosteiro de Vila Nova de Muia<sup>3593</sup>. Trata-se do primeiro prior comendatário do mosteiro, comenda que lhe terá sido dada por D. Afonso V em 1468<sup>3594</sup>. A 20 de Junho de 1476 empraça, no mosteiro de Refoios de Lima, o casal da Granja, situado no couto do mosteiro<sup>3595</sup>, o que por si só inviabiliza a data de 1472 apontada por Frei Timóteo dos Mártires para a sua morte<sup>3596</sup>. É muito provável que Frei Timóteo dos Mártires tenha interpretado a ausência do nome de Gomes da Rocha da documentação monástica de Refoios como uma consequência natural do seu falecimento, mas ao que tudo indica a inexistência de vestígios que o

---

<sup>3585</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo I (1433-1435), 1998, p.280 (Doc.509); *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.158 (Doc. 102).

<sup>3586</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3587</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv. 18, fls.87-88vº; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.168-169 (Doc. 112). Uma das testemunhas presentes neste acto é Vasco Rodrigues, genro do prior, embora não se diga com qual das filhas casou.

<sup>3588</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3589</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3590</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.13, fls.152-154; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.223-227 (Doc. 166).

<sup>3591</sup> *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp. 237-238 (Doc. 174).

<sup>3592</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3593</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3594</sup> - Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3595</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Livro 15, fls.347-347v; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.271-273 (Doc. 198).

<sup>3596</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

confirmem no priorado a partir de finais da década de setenta ou inícios de oitenta deve-se ao facto de este comendatário ter permutado com D. Rodrigo de Melo a comenda dos mosteiros do vale do Lima pela da abadia de Pombeiro, onde aparece referenciado a partir de 1482<sup>3597</sup>.

**D. Rodrigo de Melo/D. Rodrigo de Melo e Lima** – Prior comendatário do mosteiro de Refóios de Lima, São Martinho de Crasto e Vila Nova de Muía. Era filho de D. Leonel de Lima, 1º visconde de Vila Nova de Cerveira e de D. Filipa da Cunha. Foi abade comendatário do mosteiro de Pombeiro, comenda que trocou pela do mosteiro de Refóios de Lima<sup>3598</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires D. Rodrigo de Lima era abade de Lanheses e arcediogo de Vila Nova de Cerveira<sup>3599</sup>. A 3 de Junho de 1483 D. Rodrigo de Melo já era prior comendatário de Refóios de Lima, dia em que casou nesse mosteiro a sua filha, Joana de Melo, com João Gomes de Abreu, fidalgo da casa do duque de Viseu<sup>3600</sup>. Segundo o genealogista Felgueiras Gayo, a 27 de Junho de 1487 o rei legitimou-lhe D. Joana de Melo, filha bastarda, que casou com João Gomes de Abreu<sup>3601</sup>, o que nos parece manifesta confusão do Autor. Efectivamente em 1487 o rei legitima-lhe uma filha, mas aí identificada como Filipa de Melo, filha de Catarina Gonçalves<sup>3602</sup>. De resto D. João II legitimar-lhe-ia uma outra filha a 2 de Abril de 1489, de uma relação com Branca Dias, mulher solteira à altura do nascimento de Teresa da Silva, a legitimada em causa<sup>3603</sup>. Por esta altura a sua presença à frente deste mosteiro é-nos confirmada por documentos de 1489 e 1493<sup>3604</sup>, de resto D. Rodrigo de Melo seria comendatário até 1497, ano em que renunciou à comenda a favor do seu filho, D. Pedro de Melo<sup>3605</sup>.

**D. Pedro de Lima e Melo/D. Pedro de Melo** – Prior comendatário do mosteiro de Refóios de Lima, São Martinho de Crasto e Vila Nova de Muía. Era filho de D. Rodrigo, anterior prior comendatário do mosteiro<sup>3606</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires foi nomeado, em 1497, pelo rei D. Manuel, comendatário dos mosteiros de Crasto, Refóios

---

<sup>3597</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, 1942, p.39.

<sup>3598</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, p.123.

<sup>3599</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3600</sup> Carneiro, Bernardino Joaquim da Silva, *Documentos comprovantes de alguns pontos de doutrina dos elementos do direito ecclesiastico portuguez*, 3ª ed. revista e melhorada pelo Dr. José Pereira da Paiva Pitta, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896, pp. 10-11. Aí se diz: “estando presente o senhor D. Rodrigo de Mello, filho do senhor visconde, arcediogo de Cerveira e prior do dito mosteiro de Refojos, e disse que a Deos prazendo, elle tinha tratado de casar Joana de Mello, sua filha com João Gomes d’Abreu, fidalgo da casa do Senhor duque de Viseo...”.

<sup>3601</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 1, 1938, p.63.

<sup>3602</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 1, fl.223vº-224. Esta carta de legitimação encontra-se sumariada, transcrita e publicada in *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.130-131 (Doc. 82), no entanto a data aí apresentada está incorrecta. Esta legitimação é também referenciada por Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.141.

<sup>3603</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.53; Esta carta de legitimação também se encontra publicada nesse importante repositório de fontes intitulado *Valdevez Medieval- Documentos – II: 1300-1479 (Arquivos de Lisboa)*, coordenação de Amélia Aguiar Andrade e Luís Krus; transcrições de Filipa Silva e João Luís Fontes, Edição da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2001, pp.131-132 (Doc.83), mas à semelhança da anterior apresenta incorrecção na data aí apresentada. Legitimação também mencionada por Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.141.

<sup>3604</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl. 138vº; Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.262.

<sup>3605</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.

<sup>3606</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, pp.123-124; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.175.



e Vila Nova de Muía, mantendo-se no cargo até 1547, altura em que faleceu<sup>3607</sup>. A cronologia apresentada pelo cronista agostiniano parece querer ganhar mais força e plausibilidade quando afirma que D. Pedro “foy, 50 annos dissipador môr destes mosteiros”<sup>3608</sup>. D. Pedro de Melo deverá ter de facto falecido em finais da década de quarenta ou início de 50, é que por carta de 13 de Fevereiro de 1552, D. Afonso, comendador mor fala ao rei sobre “hos mosteiros que forão de dom Pedro de Mello que tem Domingos de Torres”, dando-lhe conta que este Domingos de Torres lhe deixava para o seu filho o de Refoios de Lima, o que D. Afonso recusou por não saber se essa era a vontade do rei, aconselhando também o monarca a dá-los ao cardeal S. Jorge<sup>3609</sup>. O “Corpo Diplomático Português” integra uma carta régia, datada de Agosto de 1558, dirigida ao cardeal Mignanelo dando-lhe conta de que os mosteiros de S. Martinho de Crasto, Muia e Refóios vagaram pelo falecimento de D. Pedro de Melo, solicitando-lhe que a troca de uma pensão justa aceitasse as pessoas que ele entendesse nomear para esses mosteiros de forma a evitarem-se demandas e litígios<sup>3610</sup>. Perante o acima exposto e pelo teor desta missiva parece-nos que a carta não deverá ser desse ano, fazendo mais sentido reportar-se a 1548 ou data aproximada. Além disso o rei parece ter seguido o conselho de D. Afonso porque convém notar que Monsenhor Jerónimo Capodiferro, com o título de cardeal S. Jorge, viria a ser comendatário do mosteiro de Refóios de Lima<sup>3611</sup>. Independentemente do necessário aprofundamento e clarificação desta questão, é incontornável que o priorado de D. Pedro de Melo foi de grande longevidade, o que permite também validar as informações dadas por Frei Nicolau de Santa Maria que vão, de resto, ao encontro daquilo que diz Frei Timóteo dos Mártires, ao revelar que D. Pedro de Melo emprazou, em 1546, a torre e paços de Refoios a Lopo Malheiro Barriga<sup>3612</sup>. O seu priorado ficou também marcado pela afronta que fez ao bispo de Ceuta e ao seu representante, o vigário João Rodrigues, a quem impediu de efectuar a visitação ao mosteiro, a 27 de Janeiro de 1512<sup>3613</sup>. Mais sorte teve Rui Fernandes, corregedor de Entre Douro e Minho, e Marçal Vasques, clérigo de Braga e notário público por autoridade apostólica, emissários régios, que a 9 de Maio de 1515, se deslocaram ao mosteiro para aplicarem a taxação que lhe fora imposta para as novas comendas de Cristo, encontrando-se aí o prior D. Pedro de Melo<sup>3614</sup>.

**Cardeal D. Henrique** – Prior comendatário do mosteiro de Refóios de Lima. Segundo Frei Timóteo dos Mártires foi nomeado comendatário de Refoios em 1547 por D. João III, mantendo-se em posse da comenda por cerca de três anos<sup>3615</sup>. Terá de facto sucedido a D. Pedro de Melo? Persiste a dúvida. O cardeal D. Henrique foi também comendatário dos mosteiros agostinhos de Santa Cruz de Coimbra, S. Salvador de Moreira da Maia, S. Martinho de Caramos, Santo André de Ancede e S. Jorge de Coimbra, detendo ainda em comenda os mosteiros de S. Cristóvão de Lafões, Paço de Sousa, S. Miguel de Bustelo,

<sup>3607</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp. 64,175. Felgueiras Gayo também diz que D. Pedro foi comendatário destes três mosteiros (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 17, 1939, p.124).

<sup>3608</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.64.

<sup>3609</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VII, 1884, p.116.

<sup>3610</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo VIII, 1884, p.60.

<sup>3611</sup> Castro, Padre José de, *Bragança e Miranda (Bispado)*, vol. I, Porto, 1946, p.133.

<sup>3612</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VIII, p.307.

<sup>3613</sup> Rodrigues, Teresa de Jesus, *O Entre Minho e Lima de 1381 a 1514: Antecedentes e evolução da Comarca Eclesiástica de Valença do Minho*, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, 2002, p.176.

<sup>3614</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”..., 2002, p.62.

<sup>3615</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, pp.64-65.

Santa Maria de Seíça, S. Miguel de Refóios de Basto, S. Salvador de Travanca, Pedroso e Alcobaça, bem como o priorado da Colegiada de S. Martinho de Cedofeita<sup>3616</sup>, embora nem todos em simultâneo.

**Domingos de Torres** – Prior comendatário dos mosteiros de Refóios de Lima, Crasto e Vila Nova de Muia. A 13 de Fevereiro de 1552 D. Afonso, comendador mor, enviou carta ao rei em que diz que os mosteiros que D. Pedro de Melo tinha em comenda, estavam em posse de Domingos de Torres<sup>3617</sup>. Nova carta de D. Afonso, datada de 11 de Abril de 1552, dá conta da contenda entre Domingos Torres e o cardeal de Mignanello, cunhado do cardeal São Jorge, a quem este largara a comenda vacante de Pedro de Melo, fazendo notar mais uma vez o comendatário-mor que Domingos de Torres lhe prometera ceder um dos mosteiros para o seu filho, dizendo inclusivamente que já havia uma sentença mas que entretanto tinha conseguido que o papa suspendesse a declaração dessa decisão, aguardando a chegada do correio com instruções régias sobre o assunto<sup>3618</sup>. Desconhecemos o desfecho do processo, ou melhor, não sabemos se foi feito algum acordo entre as partes ou se foi apenas aplicada sentença contra Domingos de Torres, o certo é que ele deixou o mosteiro, provavelmente ainda nesse mesmo ano.

**Monsenhor Jerónimo Capodiferro** - Prior comendatário do mosteiro de Refóios de Lima<sup>3619</sup>. Cardeal diácono representante da Santa Sé em Portugal entre 1536 e 1539<sup>3620</sup>, embora a sua vinda para Portugal não seja anterior a 17 de Fevereiro de 1537<sup>3621</sup>. A sua presença tornar-se-ia de tal forma incómoda, ao ponto de ser expulso por D. João III, atitude baseada nas divergências do monarca com o papa e com o próprio nuncio em relação à forma como deveria funcionar a inquisição portuguesa<sup>3622</sup>, bem como à incontrolável animosidade entre Capodiferro com o rei e os inquisidores-mores, mormente com o cardeal D. Henrique<sup>3623</sup>. A 20 de Agosto de 1558 o comendador mor, D. Afonso acusa a recepção de carta da rainha datada de 30 de Maio de 1558 para o cardeal S. Jorge sobre o mosteiro de Refóios<sup>3624</sup>. A 29 de Janeiro de 1559 o comendador mor, D. Afonso escreve à rainha D. Catarina a dar-lhe conhecimento de lhe ter entregue a carta que ela lhe enviara sobre o mosteiro de Refóios ao cardeal S. Jorge mas que este

---

<sup>3616</sup> Paiva, José Pedro, *Os bispos de Portugal e do Império: 1495-1577*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p.121; Soares, Franquelim Neiva, “O infante D. Henrique reformador da Sé de Braga: a visitação de 1537 e a confraria eucarística de 1540”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol.2, Organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, FLUP, 2006, p.119.

<sup>3617</sup> *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo VII, 1884, p.116.

<sup>3618</sup> *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp.547-548.

<sup>3619</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.138; Castro, Padre José de, *Bragança e Miranda (Bispado)*, vol. I, Porto, 1946, p.133.

<sup>3620</sup> Castro, Padre José de, *Portugal em Roma*, vol. II, Lisboa, União Gráfica, 1939, p.349.

<sup>3621</sup> Castro, Padre José de, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. I, Lisboa, União Gráfica, 1944, p.248.

<sup>3622</sup> Coutinho, B. Xavier, “D. João III e a Inquisição em Portugal”, in *Ensaio IV – Apontamentos de História Moderna e Contemporânea*, Porto, Livraria Fernando Machado, 1976, p.28. Em Outubro de 1539 é o próprio papa que lhe dá instruções para que regresse a Roma (cf. Castro, Padre José de, *Portugal no Concílio de Trento*, vol. I, Lisboa, União Gráfica, 1944, p.248).

<sup>3623</sup> Todo esse processo de intrigas e jogos político-diplomáticos são retratados por Herculano, Alexandre, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, Vol. I (Volume 18 de “As melhores obras de Alexandre Herculano”), Círculo de Leitores, 1987, pp.255-289.

<sup>3624</sup> *Corpo Diplomático Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, pp. 58-59.

não tinha vontade em largá-lo<sup>3625</sup>. O cardeal São Jorge Capodiferro faleceu a 2 de Dezembro de 1559 vagando assim o mosteiro de Refoios de Lima<sup>3626</sup>.

**D. Carlos Barromeu** - Prior comendatário do mosteiro de Refóios de Lima<sup>3627</sup>. Segundo Frei António da Assunção Meireles foi o antecessor de D. Julião de Alva na comenda de Refoios de Lima<sup>3628</sup>, a quem concedeu a comenda em troca de uma renda anual de 500 cruzados<sup>3629</sup>, situação que a documentação confirma. Já Frei Timóteo dos Mártires indica-o como comendatário de Refóios a partir de 1550<sup>3630</sup>, data que as fontes permitem corrigir, uma vez que, como vimos, o cardeal Capodiferro faleceu a 2 de Dezembro de 1559<sup>3631</sup>, sucedendo-lhe na comenda o cardeal Barromeu, como de resto se prova por carta de Lourenço Pires de Távora, embaixador em Roma, que a 14 de Fevereiro de 1560, dá conta ao rei que o papa tinha concedido o mosteiro de Refoios ao cardeal Barromeu<sup>3632</sup>. Desse mesmo mês há uma carta régia a solicitar ao embaixador que tente que o papa conceda ao rei o mosteiro de Refoios por uma pensão baixa ou mesmo sem pensão para que possa colocar nele D. Julião, bispo de Portalegre<sup>3633</sup>. O rei queixava-se da excessiva pensão que se tinha de pagar pelo mosteiro de Refóios, tratando-se de “mosteiro de tam pouca renda” que consumia todos os seus frutos não sobrando assim nada para o comendatário pelo que solicitava a Lourenço Pires de Távora que trabalhasse no sentido de a diminuir<sup>3634</sup>. A 15 de Março de 1560 o embaixador escreve a D. Catarina a dizer que Canóbio viria a Portugal com breves do papa para tomar posse dos mosteiros de Pombeiro e Refóios para o cardeal Borromeu<sup>3635</sup>. A 16 de Maio de 1560 Lourenço Pires de Távora dava conhecimento ao rei que D. Carlos Borromeu estava na disposição de abdicar de Pombeiro e Refóios a troco de uma pensão de três mil escudos, sendo 2500 referentes a Pombeiro e 500 a Refóios, com o papa a nomear comendatário de Pombeiro D. António, tio do rei D. Sebastião, ficando a cargo do monarca a nomeação do comendatário de Refóios<sup>3636</sup>. Mais uma vez as indicações da Corte portuguesa eram para que o embaixador conseguisse uma diminuição do valor da pensão pretendida até porque se tinha averiguado que o mosteiro de Refóios andava arrendado em 250 mil reis por ano, cifra que não dava sequer para pagar a letra referente à pensão que Lourenço Pires de Távora já tinha entregue ao cardeal Barromeu<sup>3637</sup>. A 13 de Outubro de 1560 é dada resposta por Lourenço Pires de Távora, relembrando ao rei as dificuldades que tinha tido na realização dos negócios de Pombeiro e Refoios, vincando que não havia possibilidade de baixar o montante das pensões até porque havia interessados que ofereceram ao cardeal Barromeu cinco mil cruzados pelos dois mosteiros, sendo que o cardeal Monte

---

<sup>3625</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 575-576.

<sup>3626</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.256.

<sup>3627</sup> Castro, Padre José de, *Bragança e Miranda (Bispado)*, vol. I, Porto, 1946, p.133.

<sup>3628</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Pombeiro*, publicadas e prefaciadas por António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.41.

<sup>3629</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VIII, p.311; Vale, Manuel Gonçalves, “Os arquivos do mosteiro de Refoios”, in *Subsídios para a história do convento de Refoios*, Ponte de Lima, Instituto Politécnico de Viana do Castelo-Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, 1988, p.103.

<sup>3630</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.65.

<sup>3631</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, pp.346-347.

<sup>3632</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.256.

<sup>3633</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.360.

<sup>3634</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.22.

<sup>3635</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.398.

<sup>3636</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.440.

<sup>3637</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.25.

Pulcano oferecia 800 cruzados pelo de Refoios quando ele o conseguiu apenas por 500, desvalorizando também o facto de o cardeal Barromeu ficar com direito de regresso nesses mosteiros<sup>3638</sup>. Avisava nessa mesma carta que as bulas referentes a estes mosteiros ainda não seguiam porque as procurações que lhe foram enviadas não estavam em conformidade<sup>3639</sup>. Por carta de 2 de Dezembro de 1560 o embaixador insistia que eram necessárias as procurações e as cauções bancárias para resolver a questão dos mosteiros de Pombeiro e Refóios, documentos dos quais enviava as respectivas minutas<sup>3640</sup>. Apesar da persistência e das diligências do representante português o certo é que a 26 de Janeiro de 1561 o processo ainda não estava resolvido, com Lourenço Pires de Távora a dar conta ao rei da pressão que o cardeal Barromeu tem feito para a resolução da questão dos mosteiros de Pombeiro e Refóios, faltando as procurações de D. António e do bispo de Miranda e as respectivas cauções para se concluir o processo<sup>3641</sup>. Finalmente, através de carta de 7 de Maio de 1561 Lourenço Pires de Távora dá conta à rainha D. Catarina que tinham já sido expedidas as bulas de Pombeiro e Refóios, respectivamente a favor de D. António e do bispo de Miranda<sup>3642</sup>. Assim, e apesar de detentor e beneficiário da comenda, é provável que D. Carlos Barromeu não tenha sequer tomado posse efectiva da comenda através dos seus representantes, de qualquer forma e durante cerca de ano e meio em que ocorreu todo este processo e o mosteiro não teve comendatário arrendatário, D. Carlos Barromeu surge como comendatário titular de Refóios de Lima.

**D. Julião de Alva** - Prior comendatário do mosteiro de Refóios de Lima. A comenda foi-lhe concedida por breve papal de 14 de Julho de 1560<sup>3643</sup>, no seguimento da solicitação do monarca, que como ficou dito acima, em Fevereiro de 1560, instruíu o seu embaixador no sentido de tentar obter do papa o mosteiro de Refoios por uma pensão baixa ou mesmo sem pensão para que aí pudesse colocar o bispo D. Julião<sup>3644</sup>, no entanto, e como vimos, com todas as atribuições do processo, a situação só se oficializou e efectivou no segundo trimestre de 1561 com a emissão da respectiva bula, remetida em Maio desse ano<sup>3645</sup>. D. Julião tinha sido bispo de Portalegre (1549-1560)<sup>3646</sup> e capelão mor de D. Sebastião<sup>3647</sup>, sendo investido, em 1560, no bispado de Miranda<sup>3648</sup>. Em 1564 abriu mão da comenda do mosteiro de Refóios, passando este para a Congregação de Santa Cruz<sup>3649</sup>, sendo assim D. Julião de Alva o último prior comendatário da instituição.

---

<sup>3638</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.66-68.

<sup>3639</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, pp.68-69.

<sup>3640</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.114.

<sup>3641</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.159.

<sup>3642</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.259.

<sup>3643</sup> Castro, Padre José de, *Bragança e Miranda (Bispado)*, vol. I, Porto, 1946, p.133. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.65 indica-o como prior comendatário a partir de 1554.

<sup>3644</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.360.

<sup>3645</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo IX, 1886, p.259.

<sup>3646</sup> Oliveira, Padre Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, actualizada pelo P. Artur Roque de Almeida, Lisboa, Publicações Europa-América, 1994, p.308.

<sup>3647</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.65

<sup>3648</sup> Castro, Padre José de, *Bragança e Miranda (Bispado)*, vol. I, Porto, 1946, pp.129-132.

<sup>3649</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VIII, p.311; Vale, Manuel Gonçalves, "Os arquivos do mosteiro de Refoios", in *Subsídios para a história do convento de Refoios*, Ponte de Lima, Instituto Politécnico de Viana do Castelo-Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, 1988, p.103.

#### **1.4.2. - São João de Longos Vales (c. Monção)**

**Lourenço Anes**<sup>3650</sup> – Prior do mosteiro de São João de Longos Vales. A 16 de Dezembro de 1312 o prior do mosteiro de São João de Longos Vales empraça o meio casal do Paço a João Peres e a sua mulher, Mor Domingues<sup>3651</sup>. Entre as testemunhas arroladas neste instrumento de empraçamento encontra-se Rodrigo Anes, sobrinho do prior<sup>3652</sup>. Este é o único registo que nos permite atestar a sua passagem por esta canónica regrante.

**Gil Esteves** – Prior do mosteiro de São João de Longos Vales. A 15 de Março de 1377 “Dom Gil Stevez priol do mosteiro de Sam Jhoanne de Longovares ensembra com o convento do dicto mosteiro”, a título de empraçamento, a Martim Gonçalves, à sua mulher, Domingas Anes, e a uma terceira pessoa, a nomear pelo postumeiro, o casal da Portela que o mosteiro tem em Paço, freguesia de Merufe<sup>3653</sup>. Esta é, de resto, a única referência documental que conhecemos a este prior, e se não dispomos de qualquer outro elemento indicador que nos permita estimar o início do seu priorado, pelo menos sabemos que a sua gestão nesta casa monástica não se deverá ter prolongado por muito mais tempo uma vez que nos primeiros anos da década de oitenta já há indicação de um novo prior na instituição<sup>3654</sup>.

**João Rodrigues** – Prior do mosteiro de São João de Longos Vales. É muito provavelmente o sucessor de Gil Esteves. A primeira referência que lhe conhecemos na condição de prior deste mosteiro minhoto data de 25 de Março de 1381<sup>3655</sup>, dia em que o tabelião de Monção, Diogo Gonçalves, em seu nome e no da sua mulher, Elvira Gonçalves, de quem era procurador, fez doação post-mortem ao mosteiro do meio casal da Portela, ficando-lhe entretanto a pagar, anualmente, vinte soldos. Em contrapartida, e em reconhecimento dessa doação, o prior João Rodrigues e o convento do mosteiro isentavam-nos do pagamento de 8 libras anuais referentes a rendas de prédios que traziam empraçados e perdoavam-lhes também dívidas antigas<sup>3656</sup>.

Do ano seguinte temos um outro instrumento que o confirma na titularidade do cargo, datado de 18 de Novembro de 1382, dia em que “Joham Rodrigues priol do mosteiro de Sam Hoanne com o convento desse logar sendo anbos juntos per som de canpaa tanjuda” empraçaram a João Esteves e a sua mulher, Maria Afonso, moradores no couto do mosteiro, e a uma terceira pessoa a nomear posteriormente, o casal da Torre<sup>3657</sup>. O seu priorado, e se não estivermos perante um caso de homonímia, foi de grande longevidade surgindo identificado como prior da instituição em instrumento de 30 de Março de 1412<sup>3658</sup> sendo que a última indicação que lhe conhecemos no cargo é reportável a Setembro de 1415, uma vez que no dia 18 desse mês foi legitimado Vasco

---

<sup>3650</sup> A leitura de “Anes” suscitou-nos algumas dúvidas, de qualquer modo a percepção que nos ficou ao ler o documento é de que a palavra em causa é “Eanes” no entanto e como não podemos asseverar grande grau de certeza, fica o registo da dúvida.

<sup>3651</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°3.

<sup>3652</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°3.

<sup>3653</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°6.

<sup>3654</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°31; Gav. 7B, M.1, N°7.

<sup>3655</sup> Esta data é a que consta de um traslado inserido num instrumento lavrado a 27 de Dezembro de 1402 (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°31).

<sup>3656</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°31.

<sup>3657</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°7.

<sup>3658</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10, M.1, N°32.

Rodrigues filho de “Joham Rodriguez prior de Sanhoane de Longavares” e de Maria Anes, mulher solteira à altura do seu nascimento<sup>3659</sup>.

**Fernão Rodrigues/Fernando Rodrigues** – Prior do mosteiro de São João de Longos Vales. A 21 de Março de 1438 “dom Fernao Roiz priol do moesteiro” de S. João de Longos Vales obtém sentença favorável numa demanda que o opunha ao tecelão Diogo Gomes por este ter vendido vinho para fora do couto do mosteiro e não ter pago o imposto a que estava obrigado, sendo que de cada pipa que se transaccionasse para fora do couto tinha de se dar ou pagar um almude de vinho<sup>3660</sup>.

**João Gomes de Abreu** – Prior comendatário do mosteiro de São João de Longos Vales. É muito provavelmente o primeiro comendatário do mosteiro. João Gomes de Abreu era filho de D. Diogo Gomes de Abreu (detentor de vários domínios, títulos e honras, nomeadamente senhor de Regalados, Valadares e do Couto de Abreu) e de D. Leonor Viegas<sup>3661</sup>. Sendo esta uma importante zona de implantação familiar é natural que as ligações ao mosteiro sejam bastante estreitas, de resto, um “Pero Gomez d’Abreu” que acreditámos ser o irmão de João Gomes de Abreu surge a testemunhar um emprazamento efectuado no mosteiro de Longos Vales em Outubro de 1453<sup>3662</sup>. A presença deste seu familiar na instituição, a ausência de indicação ao prior da instituição no documento, aliado ao facto de nas costas do pergaminho onde foi lavrado o emprazamento a que aludimos estar escrito um pequeno texto, cujo conteúdo não se consegue decifrar por a letra estar demasiado apagada, embora se consiga aí ler, sem grande dificuldade e sem margem de erro: “Joham Gomez d’Abreu”<sup>3663</sup>, leva-nos a admitir como bastante provável a hipótese de João Gomes já ser o comendatário da instituição, nessa data. De qualquer modo, e em termos concretos, apenas podemos afirmar que “Johannis Gometii de Avreu (...) comendatarii perpetui monasterii Sancti Johannis de Longovares ordinis Sancti Augustini tudensis diocesis” é identificado como tal em bula de Pio II (1458-1464), datada de 11 de Julho de 1461<sup>3664</sup>. De qualquer modo esta prova valida aquilo que disse Felgueiras Gaio, ou seja que “foi João Gomes antes de ser Bispo Comendador de S. João de Longos Valles”<sup>3665</sup>. De facto este comendatário seria eleito bispo de Viseu apenas em 1464. Em princípio, e tratando-se de uma comenda perpétua, tudo fará crer que D. João Gomes de Abreu se manteve como comendatário do mosteiro até 16 de Fevereiro de 1482, data do seu falecimento<sup>3666</sup>. Este bispo deixou vasta descendência, tendo vários filhos da abadessa de Celas, D. Beatriz de Eça<sup>3667</sup>.

**Rui Soares** – Provável comendatário do mosteiro de São João de Longos Vales. Temos a indicação a “Ruy Soares, que foi, em Roma, Secretario do Papa e foi Comendador de

<sup>3659</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.102.

<sup>3660</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 30, Doc. 447.

<sup>3661</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 1, 1938, pp. 47,55.

<sup>3662</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°33.

<sup>3663</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°33v°.

<sup>3664</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°34.

<sup>3665</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 1, 1938, p.55. Também Soveral, Manuel Abranches de, *Ascendências Viseenses: Ensaio genealógico sobre a nobreza de Viseu – Séculos XIV a XVII*, Vol. II, Porto, 2004, p.109, também refere João Gomes de Abreu como comendador de Longos Vales, embora o identifique nesse cargo como comendador da Ordem de Cristo, o que não é correcto.

<sup>3666</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, 1967, p.521.

<sup>3667</sup> Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, 3ª ed, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996, p.98.

São João de Longos Vales e teve mais 17 benefícios”<sup>3668</sup>. Apenas lhe conhecemos esta indicação do genealogista Manuel de Souza, de qualquer modo a ser comendatário do mosteiro deveria ser o sucessor de João Gomes de Abreu, o que não sendo impossível, é no entanto questionável, isto se tivermos em consideração que João Soares, o pai de Rui Soares, era “senhor do couto de Linhares, reinando D. Manuel”<sup>3669</sup>.

**D. Vasco Marinho** – Prior comendatário do mosteiro de São João de Longos Vales. Filho ilegítimo de Álvaro Vaz Bacelar com D. Joana Marinho<sup>3670</sup>. Foi para Roma onde surge como pagem de um cardeal que alcançaria o papado sob o nome de Leão X (1513-1521), ligação que se traduziria na obtenção de diversos cargos<sup>3671</sup> e benefícios eclesiásticos<sup>3672</sup>. De qualquer modo a comenda de Longos Vales é-lhe atribuída por bula de Júlio II (1503-1513), dada em Roma a 22 de Abril de 1505<sup>3673</sup>. Apesar disso a sua acção não surge muito documentada, de resto uma das primeiras referências que lhe conhecemos como “comendatario do moesteyro de Sam Joham de Longovares” data de 2 de Maio de 1508<sup>3674</sup>, altura em que surge também referenciado como arcediago de Vermoim, embora nesta data não esteja presente no mosteiro, sendo mesmo, e face às informações anteriores, presumível que se encontrasse ausente do reino, fazendo-se aí representar por Pedro Vaz, escudeiro do arcebispo de Braga e legítimo procurador do “honrado Senhor Vasco Marinho”<sup>3675</sup>. Em documentos de 19 de Agosto de 1513 e 6 de Maio de 1516 além de manter na intitulação estes cargos, junta o de protonotário apostólico<sup>3676</sup>. A 10 de Maio de 1515, Vasco Marinho, protonotário da Santa Sé, e o seu filho, Pedro Marinho, comendatário de Longos Vales recebem no mosteiro os emissários régios que aí foram aplicar a taxaço a que o mosteiro tinha sido sujeito para as comendas novas da Ordem de Cristo<sup>3677</sup>.

A 3 e 16 de Abril de 1520, altura em que era abade da capela de Santa Catarina, surge, na qualidade de comendatário de Longos Vales, em seu nome e no do seu filho “outrosy comendador do dito mosteiro” a efectuar empraçamentos<sup>3678</sup>. Nesse mesmo ano, mais concretamente a 2 de Outubro de 1520, foi efectuado um novo empraçamento no mosteiro mas o comendatário não esteve presente “por passar mal desposto e jazer

<sup>3668</sup> Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.364.

<sup>3669</sup> Silva, Manuel de Souza da, *Nobiliário das Gerações de Entre Douro e Minho*, vol. II, 2000, p.364.

<sup>3670</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 18, 1939, p.55.

<sup>3671</sup> Segundo António Carvalho da Costa, D. Vasco Marinho “servio ao Papa Leão Decimo; foy seu Secretario, & Confessor, & Protonotario deste Reyno, e nelle se recolheo com hum filho, & duas filhas, que lá tivera: trouxe muitos Benefícios, de que a mayor parte se fizerão Commendas (cf. Costa, António Carvalho da, *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Tomo I, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p. 212).

<sup>3672</sup> Entre eles o de Arcediago de Vermoim, Abade de Melgaço, comendador de S. João de Longos Vales, cónego nas sés de Braga e Santiago de Compostela (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 18, 1939, p.55).

<sup>3673</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 29, Doc. 429.

<sup>3674</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 45; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.170vº.

<sup>3675</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 45. Como se sabe esta era uma situação algo recorrente nas gestões dos comendatários, de qualquer modo, e neste caso específico surge-nos o prior claustral a assumir a gestão da instituição, de resto temos uma situação similar ocorrida em 1513, tendo o convento efectuado um empraçamento, no mosteiro, no dia 7 de Abril de 1513, procedendo o comendatário à respectiva autorização/validação apenas a 19 de Abril através de carta autografa (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 48).

<sup>3676</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.170.

<sup>3677</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>3678</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.170vº.

em cama na dita villa”<sup>3679</sup>. A 23 de Março de 1523 ainda é referenciado como comendatário de S. João de Longos Vales<sup>3680</sup>, o que significa que a data do seu falecimento tem de ser posterior a esta altura, situação que parece contradizer a data de 1521 que figura no seu túmulo, erigido na capela de S. Sebastião, que foi instituída por D. Vasco Marinho<sup>3681</sup>.

**Pedro Marinho** – Prior comendatário do mosteiro de São João de Longos Vales. Filho bastardo de D. Vasco Marinho, nascido no actual território italiano, na altura em que D. Vasco permanecia em Roma. Como vimos a propósito do priorado D. Vasco Marinho, desde cedo que Pedro Marinho é associado à comenda do mosteiro, sendo identificado como comendatário a 11 de Maio de 1515<sup>3682</sup>.

Em documentação posterior, mormente em instrumentos de 3 e 16 de Abril de 1520, continua associado à comenda do mosteiro, surgindo juntamente com D. Vasco Marinho, também comendatário e seu pai a efectuar emprazamentos<sup>3683</sup>. Esta situação da posse de uma comenda por dois detentores em simultâneo, mesmo com laços de parentesco tão forte, não sendo certamente caso único, é, pelo menos entre os mosteiros agostinhos pouco, usual. A 11 de Novembro de 1521 Pedro Marinho é referenciado como comendador do mosteiro de Longos Vales e das igrejas de S. Tiago de Pias, S. Salvador de Cambeses e S. Miguel de Sago<sup>3684</sup>. Instrumentos de 31 de Janeiro de 1525 e 29 de Junho desse mesmo ano revelam “Pero Marinho fidalgo da Casa del Rey nosso senhor e comendador do mosteiro de Sam Joam de Longovares” à frente da instituição<sup>3685</sup>. Deverá ter falecido em Dezembro de 1539 como se depreende da sucessão do seu filho na comenda de Longos Vales<sup>3686</sup>.

**Vasco Marinho II** – Prior comendatário do mosteiro de São João de Longos Vales. Trata-se do filho de Pedro Marinho e neto do comendatário homónimo. A sua ligação ao cargo é simultaneamente polémica e fugaz. Vasco Marinho foi empossado no cargo por pretensa renúncia de seu pai que estaria certamente a viver os últimos momentos terrenos como se infere do facto de a posse do mosteiro lhe ter sido dada em “vertude de huma renumciaçam que ho dito Pero Marynho fezera esta noyte pasada”<sup>3687</sup>. O instrumento de empossamento está datado de 21 de Dezembro de 1539, tendo sido chamado para a sua execução Roque Rodrigues, notário apostólico, que ao perguntar pela carta de renúncia foi-lhe dito que a não tinham porque havia sido feita por um notário de nome Solis que já se encontrava no Reino da Galiza<sup>3688</sup>. Tendo em consideração estes elementos, e através do simples confronto das fontes – não excluindo, desde já, a possibilidade de qualquer falha de registo, anotação, ou qualquer outro erro

<sup>3679</sup> A.U.C. - Universidade de Coimbra, Fazenda, Documentos Relativos ao Mosteiro de S. João de Longos Vales, Dep. IV, Secção 1ª E, Estante 23, Tab. 4, nº 4.

<sup>3680</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.140vº.

<sup>3681</sup> A leitura desta data também não tem sido consensual, e se a generalidade dos Autores aponta 1521 (veja-se por exemplo Alves, Lourenço, *Arquitectura religiosa do Alto Minho: Igrejas e capelas no Alto Minho do séc. XII ao séc. XVII*, Viana do Castelo, 1987, p.288), também há quem aponte o ano de 1531 (cf. *Guia de Portugal, Vol- IV – Entre Douro e Minho, Tomo II: Minho*, 3ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p.1089).

<sup>3682</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>3683</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.170vº.

<sup>3684</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.173.

<sup>3685</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.170vº.

<sup>3686</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 66, Doc. 61.

<sup>3687</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 66, Doc. 61.

<sup>3688</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 66, Doc. 61.



involuntário coevo às fontes, ou uma incorrecta interpretação nossa - a própria data avançada por Vasco Marinho para o falecimento do seu pai não poderá estar correcta, uma vez que o rei a 18 de Dezembro de 1539 já tinha conhecimento de que a comenda estava vaga<sup>3689</sup>, o que significa que a morte do comendatário Pedro Marinho deverá ter ocorrido ainda na primeira quinzena de Dezembro. Independentemente dos indícios que revelam um processo muito pouco transparente com a provável inexistência do instrumento de renúncia, o certo é que os cônegos o investiram no cargo através do cerimonial de obediência e entronização habitualmente prestado aos priores agostinhos<sup>3690</sup>. De qualquer modo o desenrolar imediato dos acontecimentos revela-nos que tal acto não teve a concordância nem da autoridade eclesiástica nem do rei, de resto o monarca apressa-se a enviar a D. Pedro de Mascarenhas, à altura representante junto da Santa Sé, uma missiva-pedido “sobre a vagante do mosteiro de Sam Joam de Longovales em favor de frey Duarte”<sup>3691</sup>. O consentimento pontifício não se faz esperar, com Paulo III a emitir bula, datada de 8 de Janeiro de 1540<sup>3692</sup>, concedendo o mosteiro de Longos Vales ao infante D. Duarte, uma vez que este se encontrava vago por falecimento do comendatário Pedro Marinho, freire da Ordem de Cristo<sup>3693</sup>.

**Infante D. Duarte** – Prior comendatário do mosteiro de São João de Longos Vales. O papa Paulo III (1534-1549) concedeu-lhe este priorado<sup>3694</sup>, por bula de 8 de Janeiro de 1540<sup>3695</sup>, numa altura em que já detinha as comendas de Caramos e Cárquere<sup>3696</sup>. Entre os diversos benefícios eclesiásticos alcançados pelo infante D. Duarte destaque ainda para as comendas do mosteiro regrante de Santa Cruz de Coimbra e do beneditino de S. Miguel de Refoios de Basto<sup>3697</sup> tendo sido também coadjutor dos mosteiros de Tibães, Carvoeiro e Salzedas<sup>3698</sup>. Com a sua nomeação para bispo de Braga o papa, por bula de

---

<sup>3689</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, p.263. É o próprio D. Pedro de Mascarenhas, embaixador junto da Santa Sé que, na carta que escreve ao monarca, revela ter recebido, a 8 de Janeiro de 1440, 3 cartas régias levadas por Gonçalo de Resende, entre as quais a referente à vacância de Longos Vales, datada de 18 de Dezembro.

<sup>3690</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 66, Doc. 61.

<sup>3691</sup> *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, p.263.

<sup>3692</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.14, M.3, N°56; *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, pp.440-443.

<sup>3693</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.14, M.3, N°56. Esta bula encontra-se publicada no *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, pp.440-443. No documento original a bula aparece datada do ano da Encarnação de 1539, mas convém recordar que a chancelaria pontifícia utilizava o ano da Encarnação, seguindo o cômputo de Florença, contagem que se iniciava a 25 de Março com um atraso de três meses em relação ao Ano do Nascimento de Cristo (cf. Costa, Avelino Jesus da, *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3ª ed., Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993, pp.23-24).

<sup>3694</sup> Costa, Avelino Jesus da, “A comarca eclesiástica de Valença do Minho”, in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Vol.I, Ponte de Lima, Associação Cultural Galaico-Minhota, 1983, pp.119; Caldas, João Afonso, *Monografia de S. João de Longos Vales – Monção*, Braga, 1975, pp.45.66.

<sup>3695</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.14, M.3, N°56; *Corpo Diplomático Português...*, Tomo IV, 1870, pp.440-443. Trata-se de uma bula datada dos 6 idos de Janeiro do ano da Encarnação de 1539.

<sup>3696</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.133; Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.II (Idade Média: paróquias e conventos), Lamego, 1979, p.545. D. Duarte tinha assumido as comendas destes dois mosteiros em 1538 mantendo-as até ao seu falecimento, em 1543.

<sup>3697</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.133; Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.178.

<sup>3698</sup> Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, 1968, p.599.

6 de Fevereiro de 1542, autorizou-o a deter a posse dos mosteiros de Cárquere e Longos Vales<sup>3699</sup>. Faleceu a 11 de Novembro de 1543<sup>3700</sup>.

**Afonso Esteves** – Prior do mosteiro de São João de Longos Vales. Trata-se de um cônego do mosteiro de São João de Longos Vales já referenciado nessa comunidade regrante, a 23 de Abril de 1535<sup>3701</sup>. Foi também prior claustral do mosteiro<sup>3702</sup> e aparece intitulado como prior desta canónica regrante, em instrumento de 8 de Fevereiro de 1548<sup>3703</sup>, tendo alcançado o cargo através de eleição, realizada em 1546<sup>3704</sup>. Esta situação acabaria por gerar um conflito com D. João III que pretendia dar o mosteiro em comenda, enviando, inclusivamente, como seu emissário, Bartolomeu Fernandes de Araújo, para, em seu nome, tomar posse da instituição, encontrando aí, no entanto a resistência do prior e da comunidade na entrega do mosteiro, conseguindo-se um princípio de acordo a 23 de Novembro de 1547<sup>3705</sup>, com o entendimento entre as partes a ser alcançado a 8 de Fevereiro de 1548, com a cedência por parte do prior<sup>3706</sup>.

**Infante D. Henrique** – Prior comendatário de Longos Vales. Trata-se do último comendatário da instituição tendo o mosteiro sido unido à Companhia de Jesus por Breve de Júlio III em 1551<sup>3707</sup>, por interferência do próprio D. Henrique. Apesar de não termos provas conclusivas da presença de D. Henrique à frente da comenda deste mosteiro, ela parece inegável conforme se deduz pelo pedido e indicações de D. Paulo Pereira, comendatário de Paço de Sousa, que a 4 de Maio de 1548 dava instruções a Gaspar de Faria, fidalgo da Casa Real e residente em Roma para, no caso do infante renunciar à comenda do mosteiro de Longos Vales, o fazer em seu nome, ou que pelo menos conseguisse que retirasse uma pensão para ele<sup>3708</sup>. Em face daquilo que vimos em relação ao priorado de Afonso Esteves é crível que, resolvida a situação, e estando o mosteiro ao dispor de D. João III, o monarca o tenha entregue ao seu irmão, de qualquer modo e em concreto não sabemos em que data D. Henrique assumiu o priorado, nem em que condições. Sabemos apenas que em Novembro de 1543, a intenção do monarca era “hunar e anexar ao dito colégio o mosteiro de Sam Joam de Longuovares, da diocesi de Bragua, da ordem de conegos regrantes de Santo Agostinho, o qual ora está vago per falecimento de dom Duarte, filho del Rey nosso senhor, e electo arcebispo de Bragua, que o tinha em comenda em sua vida”<sup>3709</sup>. Com o arrastamento do processo de união deste mosteiro ao Colégio dos Jesuítas de Coimbra, é muito provável que o monarca tenha acabado por entregar Longos Vales ao seu irmão até como forma preventiva, evitando assim que o papa aí colocasse outro comendatário e obrigasse o monarca a

---

<sup>3699</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo V, 1874, pp.27-29.

<sup>3700</sup> Leal, Augusto Soares de Azevedo Barbosa do Pinho, *Portugal antigo e moderno, dictionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, biographico e etymologico*, vol.IV, 1874, p.437.

<sup>3701</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 37, Doc. 994.

<sup>3702</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 79, Doc. 128.

<sup>3703</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 80, Doc. 29.

<sup>3704</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VI, 1884, p.59.

<sup>3705</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 79, Doc. 128.

<sup>3706</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 80, Doc. 29.

<sup>3707</sup> Cardoso, Jorge, *Agiologio Lusitano*, Tomo I, edição fasc-similada com organização, estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p.75.

<sup>3708</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, publicadas e prefaciadas por Alfredo Pimenta, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1942, p.53.

<sup>3709</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo V, 1874, p.246.

retroceder nas suas intenções, mas até ao momento ainda não conseguimos estabelecer, documentalmente, essa transição.

### **1.4.3. - S. Salvador de Paderne (c. Melgaço)**

**Pedro Martins** – Prior do mosteiro de São Salvador de Paderne. Deverá ter falecido em 1394, isto se tivermos em conta que a 10 de Setembro de 1394, o priorado se encontrava vago, surgindo o cônego de Santa Cruz de Coimbra, João Lourenço, a solicitar o priorado desse mosteiro<sup>3710</sup>.

**João Lourenço** – Provável prior do mosteiro de São Salvador de Paderne. Trata-se de um cônego regular do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, investido com as ordens de presbítero, que, a 10 de Setembro de 1394, suplica ao papa de Roma, Bonifácio IX, o priorado do mosteiro de Paderne<sup>3711</sup>.

**Fernando Afonso** – Prior do mosteiro de Paderne. A 18 de Janeiro de 1418 endereça súplica ao papa Martinho V<sup>3712</sup>.

**D. Vasco Rodrigues** – Prior do mosteiro de Paderne. D. Vasco Rodrigues surge referenciado em instrumentos de 1 e 10 de Março de 1469 como “prior do mosteiro de São Salvador de Paderne da Hordem de Santo Agostinho”, instrumentos respeitantes a confirmações régias de privilégios do mosteiro, justamente solicitados por este prior<sup>3713</sup>. Temos poucos elementos relativos ao seu governo, de qualquer modo e a avaliar pelas diligências e preocupações demonstradas em obter a confirmação dos privilégios da instituição tudo indica que deverá ter sido um prior bastante capacitado na gestão e defesa dos interesses do mosteiro.

**D. Vasco Rodrigues** – Prior comendatário do mosteiro de Paderne. Felgueiras Gaio identifica-o como primeiro comendatário de Paderne<sup>3714</sup>. É muito provável que estejamos perante o mesmo prior já identificado atrás, ou então perante um homónimo, mas esta é uma questão que a documentação ainda não nos permitiu clarificar, de qualquer modo perante a denominação de comendatário optámos por considerar esta segunda hipótese.

**D. Lopo Mariz / Diogo Lopes de Mariz** – Provável prior comendatário do mosteiro de Paderne. A única referência que lhe encontramos como comendatário de Paderne é-nos transmitida pelo genealogista Felgueiras Gaio, dando-lhe por ascendentes Catarina Mariz Pinheiro e Lopo de Mariz Lobo<sup>3715</sup>. A confirmar-se esta informação é muito provável que estejamos perante o mesmo Diogo Lopes que foi comendatário dos mosteiros de Caramos e de Pedroso, o que em termos cronológicos nos permite colocá-lo como titular da comenda em finais do séc. XV e inícios do XVI.

---

<sup>3710</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.388.

<sup>3711</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.388.

<sup>3712</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.52.

<sup>3713</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fls.15vº-16vº.

<sup>3714</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 18, 1939, p.191. No título de Araújo, Felgueiras Gaio identifica-o não como D.Vasco Rodrigues mas sim D. Diogo de Mogueimas (cf. Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 4, Braga, 1938, p.192).

<sup>3715</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 19, 1939, p.141.

**D. Estêvão Rodrigues/D. Estêvão Mogueimas Fajardo** – Prior comendatário do mosteiro de Paderne. Segundo os cronistas agostinianos Dom Estêvão Rodrigues era prior do mosteiro de Paderne em 1517<sup>3716</sup>, altura em que surgiram dúvidas sobre as jurisdições do couto do mosteiro, que foram esclarecidas e confirmadas pelo Doutor Francisco Cardoso, juiz dos feitos de D. Manuel, por carta datada de 11 de Agosto de 1517<sup>3717</sup>. Não sabemos qual a data em que lhe foi atribuída a comenda, de qualquer modo o seu priorado iniciou-se em data anterior a esta, sendo que a 11 de Maio de 1515, dia em que os emissários régios compareceram no mosteiro para receberem os rendimentos em que este tinha sido taxado para as novas comendas da Ordem de Cristo, Estêvão Rodrigues, protonotário da Santa Sé, já era prior de S. Salvador de Paderne<sup>3718</sup>.

Este D. Estêvão Rodrigues é certamente o mesmo identificado como D. Estêvão de Mogueimas Fajardo de quem Felgueiras Gaio diz ser filho do prior Vasco Rodrigues e de Guiomar Rodrigues de Araújo, indicando-o também como prior comendatário<sup>3719</sup>. De facto a informação do genealogista é correcta como revela o instrumento de emprazamento do casal de Quinteiros efectuado no mosteiro de Paderne a 26 de Agosto de 1525 surgindo aí “Dom Estevão de Mogeymes proto notayro da Santa See Appostolica e dom prior do mosteiro de Sam Salvador de Paderne syto neste condado de Valadares da Ordem de Samto Agostynho”<sup>3720</sup>. Segundo Felgueiras Gaio este comendatário teve três filhos de Francisca Dias, incluindo-se entre eles um com o mesmo nome do pai: Estêvão de Mogueimas<sup>3721</sup>.

**D. Agostinho Mogueimas** – Prior comendatário do mosteiro de Paderne. É o terceiro comendatário<sup>3722</sup>. Foi o sucessor de D. Estêvão. Da sua acção sabe-se que emprazou a Quinta de Pontiselas a Gregório Vaz de Mogueimas<sup>3723</sup>

**D. Pedro de Sousa** – Prior comendatário do mosteiro de Paderne. Frei Timóteo dos Mártires identifica-o como sendo o penúltimo prior comendatário do mosteiro<sup>3724</sup>. Por carta expedida de Roma, a 30 de Janeiro de 1559, o comendador mor, D. Afonso, dava conta ao rei que o cardeal Carrafa tinha dado o mosteiro de Paderne a Pedro de Sousa<sup>3725</sup>. Numa carta sem datação, mas presumivelmente de 1559, enviada a Lourenço Pires de Távora, embaixador em Roma, o rei escreve que o mosteiro de Paderne é de apresentação da Coroa e que por isso o marquês de Vila Real aí apresentou D. André de Noronha, bispo de Portalegre (1560-1581), e que Pedro de Sousa lhe movera contenda

<sup>3716</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.313; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.109.

<sup>3717</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.313.

<sup>3718</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>3719</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 4, Braga, 1938, p.193; Tomo 18, Braga, 1939, p.191).

<sup>3720</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.4.

<sup>3721</sup> Gayo, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo 18, 1939, p.191.

<sup>3722</sup> Também Costa, António Carvalho da, *Corografia portuguesa...*, Tomo I, Lisboa, Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706, p.258, referencia este facto dizendo: “Passou este Mosteiro a Commendadores, & nelle o forão successivamente dous, ou tres fidalgos do appellido de Mogueymes, & Fajardos, que sendo Gallegos, deixarão muita successão em Portugal...”.

<sup>3723</sup> Silva, Armando Barreiros Malheiro da, *O mosteiro de S. Salvador de Paderne em demanda com os senhores da Quinta de Pontiselas (século XVII): Subsídios para a Genealogia dos “Mogueimas y Fajardo”*, Separata do livro *I Colóquio Galaico Minhoto*, Câmara Municipal de Melgaço, 1983, p.7.

<sup>3724</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.110.

<sup>3725</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.97.

alegando que houve posse dele primeiro, e que agora este último trabalhava no sentido de o retirar da posse da Coroa, por isso pedia-lhe que encarregasse dessa questão o Doutor António Lopes, seu procurador<sup>3726</sup>. É também conhecida a resposta de António Lopes que por carta de 4 de Março de 1561, informa o monarca que conseguira reverter a situação, conseguindo que a Cúria desse sentença favorável ao bispo de Portalegre, da qual não era sequer possível apelar, ficando assim este mosteiro “do padroado da coroa liquidamente”, comprometendo-se ainda o embaixador a escrever ao bispo de Portalegre no sentido de este chegar a um entendimento com Pedro de Sousa para se evitar mais questões sobre este assunto<sup>3727</sup>. Desconhecemos o desenrolar do processo mas, aparentemente, as pretensões do monarca saíram goradas, é que uma carta de Lourenço Pires de Távora para o rei, datada de 1 de Dezembro de 1559, revela que era intenção do rei que o embaixador conseguisse uma permuta entre D. Pedro de Sousa e D. André de Noronha a propósito das comendas de Ganfei e de Paderne<sup>3728</sup>. Tal plano parece também não ter obtido o êxito desejado, é que o comendatário Pedro de Sousa é quem recebe a 17 de Dezembro de 1561 o emissário régio, Manuel de Almeida, que se apresenta em Paderne, com uma provisão régia, para tomar posse do mosteiro<sup>3729</sup>. Apesar da animosidade com que foi recebido as ordens do emissário foram obedecidas e foi-lhe entregue o mosteiro no dia seguinte<sup>3730</sup>.

**D. Diogo de Alarcão** – Prior comendatário do mosteiro de Paderne. Segundo os cronistas agostinianos trata-se do último prior comendatário do mosteiro de Paderne<sup>3731</sup>, tendo sucedido no cargo a D. Pedro de Sousa<sup>3732</sup>. Segundo Frei Timóteo dos Mártires o prior D. Diogo de Alarcão faleceu em 1593<sup>3733</sup>.

### **Priores cuja casa religiosa não foi possível identificar:**

**Domingos Martins** – Prior de ?. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Dominicus Martini priol de -----” a 25 de Fevereiro, sem referenciar o ano do óbito<sup>3734</sup>. Não conseguimos ler a parte respeitante à casa religiosa em causa, isto partindo do princípio que se trata de um mosteiro regrante.

**Fernão Gonçalves/Fernando Gonçalves** – Prior do mosteiro de ?. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Fernandus Gonsalvi prior monasterii Sancti -----” a 17 de Abril, sem identificar o respectivo ano<sup>3735</sup>. Não conseguimos ler a parte respeitante à identificação da canónica, embora nos pareça que está um i sobreposto ao sinal de abreviatura o que automaticamente e em termos de terminologia da palavra em latim reduziria as possibilidades para S. Vicente, S. Jorge, S. Pedro, Santo Estêvão ou S. Martinho. Como neste obituário os oragos de Roriz e Vilela são normalmente omitidos

<sup>3726</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, pp.254-255.

<sup>3727</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo XI, 1898, pp. 575-576.

<sup>3728</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VIII, 1884, p.254.

<sup>3729</sup> IAN/TT – Corpo Cronológico, Parte I, M.104, Doc.74.

<sup>3730</sup> IAN/TT – Corpo Cronológico, Parte I, M.104, Doc.74.

<sup>3731</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. IX, p.313; Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.110.

<sup>3732</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.110.

<sup>3733</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.110.

<sup>3734</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38vº.

<sup>3735</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.14.

ou aparecem adstritos à localidade, restam-nos três possibilidades. Do que se consegue ler também não parece S. Jorge e em relação a São Vicente como na listagem de priores fornecida por Frei Timóteo dos Mártires não encontramos nenhum Fernão Gonçalves<sup>3736</sup>, o que não invalida que se trate de um religioso desta instituição, resta-nos a hipótese que nos parece mais viável que é a de S. Martinho, e aí teremos Mancelos, Crasto e Caramos.

---

<sup>3736</sup> A listagem dos priores do mosteiro de S. Vicente (não contabilizando os comendatários) encontra-se em Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, pp.86-98.

# **Anexo 2**

## **Biografias de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho**

## 2.1. Diocese de Braga

### 2. 1.1. - Santa Maria de Landim (c. Vila Nova de Famalicão)

**Martim Anes/Martinho Anes** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus Johannis canonicus de Nandim” a 28 de Junho mas sem a respectiva menção ao ano do óbito<sup>3737</sup>. É muito possível que este religioso integrasse a comunidade regrante de Landim nos primeiros anos do séc. XIV, é que um dos registos que lhe sucede nesse obituário está datado de 1319. O mesmo obituário apresenta um outro assento respeitante a “Martinus Johannis canonicus de Nandim” mas cujo aniversário era celebrado a 7 de Maio também sem qualquer indicação ao ano em que ocorreu o falecimento<sup>3738</sup>. Estaremos perante o mesmo religioso ou os registos serão respeitantes a indivíduos diferentes? De facto esta última hipótese seria a que mais sentido faria no entanto neste obituário é possível detectar vários casos em que o mesmo religioso é referenciado em datas diferentes. Fica a dúvida.

**João Romeu** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Romeu canonicus de Nandim” a 28 de Junho mas como acontece habitualmente, sem a indicação do ano<sup>3739</sup>. À semelhança do que sucede com o cónego Martim Anes, é expectável que João Romeu fosse cónego de Landim no princípio do séc. XIV, de resto o seu assento é precedido pelo de Martim Anes e antecede o do óbito de um cónego de S. Vicente que se encontra datado de 1319. Face a estes elementos e partindo do princípio que nesses registos foi respeitada a ordem cronológica, parece-nos bastante provável que ambos fizessem parte da comunidade regrante landinense em parte das duas primeiras décadas de trezentos.

**João Peres** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora menciona o falecimento de “Johannes Petri canonicus de Nandim” a 4 de Julho mas sem qualquer referência ao ano<sup>3740</sup>. A possibilidade de estarmos perante um religioso enquadrável nas primeiras três décadas e meia do séc. XIV parece-nos bastante forte e baseia-se no facto de o seu registo anteceder o do óbito da rainha D. Isabel, mulher de D. Dinis e mãe de D. Afonso IV, facto que ocorreu a 4 de Julho de 1336<sup>3741</sup>.

**Lourenço Geraldês** - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 30 de Agosto de 1317 “Lourenço Giraldez frade de Nandim” encontrava-se em Santa Maria de Bem a Todos (actualmente Santa Maria de Viatodos, c. Barcelos), surgindo entre as testemunhas do testamento de Pedro Abade, abade dessa freguesia<sup>3742</sup>.

**Domingos Geraldês** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 30 de Agosto de 1317 figura entre as testemunhas do testamento do abade de Viatodos, sendo aí

---

<sup>3737</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.107.

<sup>3738</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.89.

<sup>3739</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.107.

<sup>3740</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.110.

<sup>3741</sup> Vasconcelos, António de, *Rainha Santa Isabel*, Vol. 30 da colecção Biografias da História de Portugal, coordenação de José Hermano Saraiva, Matosinhos, Quidnovi, 2004, p.26; Sousa, Manuel de, *Reis e Rainhas de Portugal*, 4ª ed., Mem Martins, Sporpress, 2001, p.50.

<sup>3742</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.75vº-76.



referenciado como “companhom” de Lourenço Geraldês, cónego de Landim<sup>3743</sup>. E se essa indicação, isoladamente, poderia suscitar algumas dúvidas quanto a uma correcta identificação deste religioso, um Obituário de S. Jorge de Coimbra parece dissipá-las, registando o falecimento de “Dominicus Geraldî canonicus de Nandim” a 9 de Fevereiro<sup>3744</sup>. É certo que o Obituário não referencia o ano em que ocorreu o falecimento, de qualquer forma, e partindo do princípio que os registos aí efectuados obedecem a uma sequência cronológica, podemos dizer que tal facto não poderá ser posterior a 1346, que é justamente a data do assento subsequente ao de Domingos Geraldês<sup>3745</sup>.

**Vicente Martins**<sup>3746</sup> - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Foi o procurador do mosteiro no processo de inquirição que D. Afonso IV aí ordenou no sentido de averiguar a quem pertenciam as jurisdições dos coutos de Landim e Palmeira, e da qual resultou sentença de 8 de Fevereiro de 1336 atribuindo apenas a jurisdição cível ao mosteiro<sup>3747</sup>.

**João Vicente** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 19 de Novembro de 1359 o cónego João Vicente encontrava-se em Braga, na companhia do seu prior e de um outro cónego de Landim, sendo referenciado entre as testemunhas de um contrato de emprazamento que o mosteiro de Roriz celebrou, nessa cidade, perante o vigário geral<sup>3748</sup>.

**Silvestre Martins** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Este religioso surge identificado como sendo cónego do mosteiro de Landim em instrumento de 19 de Novembro de 1359<sup>3749</sup>.

**D. Pedro Pel** – Provável cónego de Santa Maria de Landim. Trata-se de um possível cónego de Landim que, segundo Frei Timóteo dos Mártires, foi prior de Refoios de Lima, por volta de 1400, o que a confirmar-se, o coloca entre a comunidade landinense pelo menos em parte do último quartel do século XIV<sup>3750</sup>.

**Frei Bartolomeu Esteves** - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 7 de Maio de 1401 foi confirmado como pároco da igreja de Santo André de Sobradelo<sup>3751</sup>.

**Vicente Estêvão** - Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Apenas sabemos que foi reitor da igreja de Santa Maria de Ribeiros da terra de Montelongo, tendo falecido em 1405<sup>3752</sup>.

---

<sup>3743</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.75vº-76.

<sup>3744</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.36vº.

<sup>3745</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.36vº.

<sup>3746</sup> Poderá ser António Martins como aparece na sentença de 4 de Fevereiro de 1336 referente à jurisdição do Couto do mosteiro de Landim e transcrita em *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.12-15 (Doc.6), onde o procurador do mosteiro é “Anton Martiinz coonigo do dicto monsteiro”.

<sup>3747</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. II (1336-1340), 1992, pp.164-166 (Doc.72). Apesar de algumas variações os textos são muito idênticos.

<sup>3748</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº17.

<sup>3749</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Nº17.

<sup>3750</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1960, p.63.

<sup>3751</sup> A.D.B. - Livros de Mostras, Nº1, fl.166; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.740.

**Rodrigo Diogo** - Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. O arcebispo de Braga D. Martinho confirmou, a 2 de Março de 1405, no mosteiro de Landim, Rodrigo Diogo como reitor da igreja Santa Maria de Ribeiros<sup>3753</sup>.

**Fernando Domingues** - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 5 de Janeiro de 1427 já se encontrava no mosteiro como se deduz da súplica que Gonçalo Gonçalves, um clérigo da diocese de Braga, dirige ao papa, pedindo a reitoria da igreja de S. Pedro do Bairro, do arcebispado de Braga, em virtude de esta se encontrar vaga devido ao ingresso de Fernando Domingues, seu último reitor, no mosteiro de cónegos regrantes de Santa Maria de Landim<sup>3754</sup>. É muito provável que o requerente não tenha chegado a assumir a igreja de S. Pedro do Bairro, uma vez que a 2 de Maio de 1430 surge um outro clérigo, João Gonçalves, a solicitar o benefício dessa igreja, indicando como seu último reitor Fernando Domingues que tinha ingressado no mosteiro de Landim, e que incorrera em ilegalidade ao manter-se à frente da paróquia<sup>3755</sup>.

**João Gonçalves** – Provável cónego do mosteiro de Landim. Filho de monge professo. A 15 de Abril de 1430 recebe ordens de Evangelho em Braga<sup>3756</sup>.

**Vicente Martins** - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 31 de Julho de 1430 foi confirmado como pároco da igreja de Santo Estêvão de S. Fins<sup>3757</sup>.

**Gomes Fernandes** – Provável cónego do mosteiro de Landim. Tem dispensa eclesiástica que lhe permite receber, a 19 de Dezembro de 1444, ordens menores em Braga<sup>3758</sup>.

**Álvaro Afonso** – Provável cónego de Landim e futuro prior do mosteiro. A primeira referência que lhe conhecemos é de 12 de Março de 1446 dia em que recebe ordens de Epístola em Braga<sup>3759</sup>, surgindo aí já na condição de prior do mosteiro, de qualquer modo é muito provável que se trate de um cónego da comunidade que ascende ao priorado.

**Gonçalo Pires** - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim e futuro prior da Costa. A 16 de Abril de 1446 este “coo-nigo do mosteiro de Santa Maria de Nandim da Hordem de Santo Agostinho”, da diocese de Braga, recebe ordens de Missa em Braga<sup>3760</sup>. A 17

---

<sup>3752</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.4.

<sup>3753</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.4.

<sup>3754</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp.168-169; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.740.

<sup>3755</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.531; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.740.

<sup>3756</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 1, fl.9v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.17.

<sup>3757</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.27; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.738; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97.

<sup>3758</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 6, fl.2.; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.46.

<sup>3759</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.5v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.68.

<sup>3760</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.5v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.75.

de Setembro de 1450 vai ser confirmado como prior do mosteiro de Santa Marinha da Costa<sup>3761</sup>.

**Jorge Anes** - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 23 de Março de 1448 recebe ordens de Evangelho em Braga<sup>3762</sup>.

**Fernão Gonçalves** – Provável cónego do mosteiro de Landim. Filho de Gonçalo Vasques e de sua mulher Beatriz Eanes da freguesia do couto de Landim. A 24 de Abril de 1451 recebe ordens menores em Braga<sup>3763</sup>. Esta possibilidade assenta apenas na sua proveniência geográfica.

**João Álvares** - Provável cónego do mosteiro de Landim. Filho de Álvaro Gonçalves e de sua mulher Maria Gonçalves, moradores na freguesia do mosteiro de Landim. A 28 de Fevereiro de 1461 recebe ordens menores em Braga<sup>3764</sup>. A hipótese de se tratar de um religioso desta casa monástica resulta apenas do pressuposto geográfico.

**João Fernandes** - Cónego regente do mosteiro de Landim. A 28 de Fevereiro de 1461 recebe ordens de Epístola em Braga<sup>3765</sup> e a 21 de Março de 1461, com licença do seu prior, recebe ordens de Evangelho, novamente em Braga<sup>3766</sup>. A 4 de Abril de 1461 encontrava-se de novo na cidade bracarense onde lhe são conferidas ordens de Missa, sendo aí referenciado como abade de S. Miguel de Lama<sup>3767</sup>. Este mesmo João Fernandes, continua a ser identificado, em 1475, como cónego de Santo Agostinho e abade de S. Miguel de Lama, altura em que foi a Roma na condição de procurador dos cónegos regentes e conseguiu uma bula do papa Sisto IV (1471-1484) a condenar os abusos e violências contra as liberdades eclesiásticas<sup>3768</sup>.

**Fernão de Ferreira** – Provável cónego do mosteiro de Landim. Filho de Diogo de Ferreira e de sua mulher Inês Lourenço, moradores na freguesia do mosteiro de Landim. A 21 de Março de 1461 recebe ordens menores em Braga<sup>3769</sup>. Apesar de não dispormos de nenhum elemento comprovativo da sua ligação a esta canónica, a sua origem geográfica leva-nos a considerar tal possibilidade.

**Fernão Martins Taveira** – Provável cónego e prior do mosteiro de Landim. Filho de Martim Gonçalves Taveira, antigo prior de Santa Maria de Landim, recebeu ordens menores a 29 de Junho de 1461, em Chaves, após a necessária dispensa eclesiástica por

---

<sup>3761</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.159; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.

<sup>3762</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 17, fl.6v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.107.

<sup>3763</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.36; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.162.

<sup>3764</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 2, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.319.

<sup>3765</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 2, fl.4; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.320.

<sup>3766</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 3, fl.4v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.326.

<sup>3767</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.12; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.331.

<sup>3768</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.949 (nota 892).

<sup>3769</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 3, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.323.

ser filho ilegítimo. Morava, à altura na casa do duque de Bragança<sup>3770</sup>. A 7 de Dezembro de 1465 foi-lhe passada carta de legitimação, confirmando-se a sua filiação de Fernão Martins Taveira e Maria Anes, mulher solteira<sup>3771</sup>. Há a probabilidade de Fernão Martins Taveira ter sucedido, durante um curto período de tempo, ao seu pai no governo da canónica landinense<sup>3772</sup>.

**João Peres/João Pires** – Cónego do mosteiro de Landim e seu prior claustral. “Joham Periz tomou ho abyto e fez profissam no mosteiro de Nandym e hii foy prior crasteyro ate que morreo”<sup>3773</sup>. Esta informação é-nos dada através do articulado de uma sentença da Sé de Braga a favor do mosteiro de Roriz e contra Pedro de Pedrados, réu no processo, pronunciada a 22 de Junho de 1498<sup>3774</sup>. A questão tinha sido motivada por causa de meio casal que o réu, filho de Gonçalo de Pedrados reivindicava, reacendendo-se uma demanda já originada na geração anterior, uma vez que o referido Gonçalo de Pedrados, morador na aldeia de Pedrados, freguesia de São Tomé de Negrelos, andou em contenda com o mosteiro de Landim por causa desses bens<sup>3775</sup>. O meio casal em causa era de “Joham Periiz coonigo de Samto Agostinho que lhe veo de sua direita herança”, ficando à sua morte para o mosteiro de Landim, onde havia professado, alegando Gonçalo de Pedrados, tio desse cónego, que João Peres lhe tinha deixado o casal em herança o que motivou uma disputa com o prior landinense, à altura D. Álvaro Afonso, cujo desfecho acabou por ser favorável aos regrantes de Landim. Apesar de não termos elementos concretos que nos permitam fixar a cronologia do cónego João Pires, os elementos do processo e o facto de ter sido contemporânea do prior Álvaro Afonso, cuja presença no priorado do mosteiro é documentada entre 1446 e 1481, ajudam-nos a limitá-la com alguma segurança, enquadrando-se por isso a sua presença em Landim num período que certamente não transporá as décadas de cinquenta, sessenta e setenta. O facto de o seu tio apenas ser referenciado pelo apodo toponímico não auxilia à identificação dos seus progenitores e também sabemos apenas qual era a freguesia em que morava Gonçalo de Pedrados podendo ser natural de Landim, ou de uma outra localidade mais próxima do mosteiro. Nesta linha de pensamento detecta-se entre as matrículas de Ordens da diocese de Braga um João Peres, filho de Pedro André e de sua legítima mulher, Inês Álvares, da freguesia de Landim, que recebeu ordens menores, em Braga, a 21 de Fevereiro de 1467<sup>3776</sup>. Será o mesmo João Peres? É possível.

**Frei Fernando** - Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. A 27 de Setembro de 1481 era abade da igreja de Bente, igreja da apresentação do mosteiro de Landim<sup>3777</sup>. É muito provável que seja o Fernando Anes que surge referenciado como prior de Landim em Abril de 1495<sup>3778</sup>.

---

<sup>3770</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 5, fl.8v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.339.

<sup>3771</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1015; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.97.

<sup>3772</sup> A este propósito consulte-se a informação presente na entrada que lhe dedicamos na secção dos priores.

<sup>3773</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N.º224.

<sup>3774</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N.º224.

<sup>3775</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N.º224.

<sup>3776</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 13, fl.5.

<sup>3777</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.7.

<sup>3778</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

**Pedro Martins** - Cónego do mosteiro de Landim. A 4 de Abril de 1495, surge arrolado entre os membros da comunidade regrante de Landim, dia em que o mosteiro emprazou a quintã da Lama<sup>3779</sup>. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Petrus Martini canonicus de Nandim” a 10 de Fevereiro, mas sem qualquer indicação do ano<sup>3780</sup>. É provável que tal registo seja referente a este cónego. Também um obituário de S. Vicente de Fora refere o passamento de um “Petrus Martini canonicus de Nandim” a 20 de Julho mas sem referenciar o ano do óbito<sup>3781</sup>.

**Luís Afonso** - Cónego do mosteiro de Landim. Aparece citado como tal num documento de 4 de Abril de 1495<sup>3782</sup>.

**Afonso Anes** - Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Aparece referenciado no emprazamento que o mosteiro faz da quintã da Lama, a 4 de Abril de 1495, altura em que era também abade da igreja de Sequeiró<sup>3783</sup>, uma das igrejas anexas do mosteiro de Landim.

**Baltasar Correia** - Cónego do mosteiro de Landim. Já surge identificado entre os elementos desta comunidade regrante a 4 de Abril de 1495, dia em que, em conjunto com o seu prior, emprazam, a quintã da Lama<sup>3784</sup>. Em Agosto de 1514 os juizes do Porto inquiriram diversas pessoas a propósito da prisão de Maria Luís por parte das justiças do Duque de Bragança e entre os inquiridos encontra-se João Anes, lavrador e morador em Vila Alva, que ao perguntarem-lhe se tinha conhecimento de mais alguma prisão por parte das justiças do Duque disse-lhes que foi presa uma mulher que tinha sido “manceba de Baltazar Corea conigo do mosteiro de Landim”, captura que tinha ocorrido há sete ou oito meses<sup>3785</sup>. Este relato permite-nos, naturalmente, fixar a presença deste religioso no mosteiro de Landim por esta altura. De resto, a sua presença entre a comunidade landinense é comprovável ainda a 26 de Maio de 1515, dia em que os emissários régios aí foram aplicar a taxação a que o mosteiro tinha sido sujeito para as comendas novas da Ordem de Cristo, surgindo aí, entre os cónegos do mosteiro que presenciaram o acto, Baltasar Correia<sup>3786</sup>.

**António Martins** – Cónego de Santa Maria de Landim. Já integrava a comunidade monástica a 26 de Maio de 1515 sendo um dos cónegos que recepcionaram Rui Fernandes, corregedor de Entre Douro e Minho, e Marçal Vasques, clérigo de Braga e notário público por autoridade apostólica, ambos emissários régios para a aplicação da taxação para as novas comendas de Cristo<sup>3787</sup>. Volvida praticamente uma década, mais concretamente no dia 7 de Março de 1525, participou, juntamente com outros três cónegos do mosteiro, num emprazamento feito a António Gonçalves, a sua mulher,

---

<sup>3779</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

<sup>3780</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.37.

<sup>3781</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.116.

<sup>3782</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

<sup>3783</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

<sup>3784</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.8.

<sup>3785</sup> Duarte, Luís Miguel, *Justiça e criminalidade no Portugal medievo (1459-1481)*, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999, p.712.

<sup>3786</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>3787</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

Constança Barbosa e a um filho ou filha destes, de dois casais que o mosteiro tinha na aldeia de Pereira, freguesia de Esmeriz<sup>3788</sup>.

**João Ramalho** – Cónego de Santa Maria de Landim. Surge referenciado como monge de Landim a 26 de Maio de 1515, dia em que aí se deslocaram os emissários régios para aplicar a taxaçaõ para as comendas novas da Ordem de Cristo<sup>3789</sup>. Cerca de uma década depois a presença deste cónego entre a comunidade regrante é-nos atestada por instrumento de 7 de Março de 1525, participando na celebração de um contrato de emprazamento entre o mosteiro e António Gonçalves, respeitante a dois casais que Landim possuía na aldeia de Pereira, freguesia de Esmeriz<sup>3790</sup>. Cerca de 18 anos depois João Ramalho continua a fazer parte da comunidade regrante de Santa Maria de Landim, estando presente no emprazamento que o mosteiro faz, a 25 de Setembro de 1543, a Luís Álvares, a sua mulher, Brites Rodrigues, e a uma terceira pessoa, de umas casas no lugar de Penso, freguesia de S. Martinho de Ávidos<sup>3791</sup>. Esta é a última indicação documental que lhe conhecemos embora não saibamos quando faleceu, de qualquer modo fica a certeza de que este religioso foi, pelo menos durante três décadas, cónego regrante de Landim.

**Fernando Anes** – Cónego e prior crasteiro de Santa Maria de Landim. É referenciado pela primeira vez em dois emprazamento feitos no mosteiro no dia 11 de Fevereiro de 1529, um respeitante ao casal de Pereirinhas, na freguesia de S. Tiago de Areias, entregue a João Gil e a sua mulher, Marqueza Afonso, e a uma terceira pessoa<sup>3792</sup> e o outro também em três vidas referente a moinhos no Rio Pele, feito a Diogo Álvares e Maria Pires, sua mulher e a uma terceira pessoa<sup>3793</sup>. Nestes instrumentos já surge referenciado como prior claustral, indicação que se repete em documentos posteriores datados de 11 de Fevereiro de 1529 e 25 de Setembro de 1543<sup>3794</sup>. Frei Timóteo dos Mártires ao retratar o mosteiro de Santa Maria de Landim indica entre os seus priores comendatários um D. Fernando Anes, que segundo o cronista ocupou a comenda do mosteiro de Landim em 1556, altura do falecimento do cardeal D. Miguel da Silva<sup>3795</sup>, mas tudo indica tratar-se deste cónego regrante que, não como comendatário mas sim na qualidade de prior claustral, deverá ter assegurado a gestão do mosteiro durante as situações de vacância. Poderá também admitir-se a hipótese de estarmos perante o prior Fernando Anes que governou o mosteiro no final do séc. XV e que com a passagem de Landim para as mãos dos comendatários, nomeadamente com a entrada de Diogo de

---

<sup>3788</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.23; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.76.

<sup>3789</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>3790</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.23; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.76.

<sup>3791</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.26; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.79.

<sup>3792</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.20. Este documento está sumariado por Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.77.

<sup>3793</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.24. Este documento encontra-se sumariado e transcrito por Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp. 78, 149-150.

<sup>3794</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.26; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.79.

<sup>3795</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, , Tomo III, 1960, p.45.

Azevedo, tenha passado a exercer o cargo de prior claustral, mas dada a extensão do período temporal em causa tal possibilidade parece pouco crível.

**Francisco Álvares** – Cónego de Santa Maria de Landim. A 7 de Março de 1525 esteve presente no emprazamento que o mosteiro fez a António Gonçalves, a sua mulher, Constança Barbosa, e a um filho ou filha deles, de dois casais que o cenóbio tinha na aldeia de Pereira, freguesia de Esmeriz<sup>3796</sup>. Alude-se ao seu nome num emprazamento feito a 11 de Fevereiro de 1529, respeitante a uns moinhos que o mosteiro de Landim possuía no rio Pele, e que emprazou a Diogo Álvares, a sua mulher e a uma terceira pessoa, tendo este cónego sido encarregue, juntamente com Pedro de Basto, capelão de Santiago da Carreira, de fazer vistoria aos moinhos de forma a estabelecer o preço da renda que os foreiros deveriam pagar<sup>3797</sup>. A 25 de Setembro de 1543 participa no emprazamento que o mosteiro faz, em três vidas, a Luís Álvares, a sua mulher, Brites Rodrigues, e a uma terceira pessoa, de umas casas no lugar de Penso, freguesia de S. Martinho de Ávidos<sup>3798</sup>.

**João Fernandes** – Cónego de Santa Maria de Landim. A 7 de Março de 1525 esteve presente no emprazamento que o mosteiro fez a António Gonçalves, a sua mulher, Constança Barbosa, e a um filho ou filha deles, de dois casais situados na aldeia de Pereira, freguesia de Esmeriz<sup>3799</sup>. O seu nome consta da lista de cónegos que emprazaram, a 25 de Setembro de 1543, casas no lugar de Penso, na freguesia de S. Martinho de Ávidos<sup>3800</sup>. João Fernandes foi abade de Guardizela, igreja cuja apresentação competia ao mosteiro de Landim, tendo o “dilecti filii Johanius Ferdinandi” renunciado em data anterior a 6 de Março de 1555, dia em que o papa Paulo IV (1555-1559) confirmou no cargo Mateus Fernandes, estudante em Salamanca<sup>3801</sup>. João Fernandes surge novamente referenciado como cónego do mosteiro de Landim num emprazamento, de vários casais, feito a Pantalião Gonçalves a 29 de Junho de 1558<sup>3802</sup>. Manteve-se no mosteiro até à integração de Landim na Congregação de Santa Cruz de Coimbra, sendo, em 1568, um dos cónegos que recebia uma pensão de subsistência por se ter recusado a aceitar essa reforma<sup>3803</sup>.

**Manuel Pires** – Cónego de Santa Maria de Landim e seu prior claustral. É referenciado pela primeira vez a 25 de Setembro de 1543, dia em que o mosteiro emprazou a Luís Álvares, a sua mulher, Brites Rodrigues, e a uma terceira pessoa, casas no lugar de Penso, freguesia de S. Martinho de Ávidos<sup>3804</sup>. A 29 de Junho de 1558 já era prior

---

<sup>3796</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.23. Este documento encontra-se sumariado por Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.76.

<sup>3797</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.24; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, pp.149-150.

<sup>3798</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.26; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.79.

<sup>3799</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.23; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.76.

<sup>3800</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.26; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.79.

<sup>3801</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14-A, M.4, N°76.

<sup>3802</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.28.

<sup>3803</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172.

<sup>3804</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.26; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.79.

claustral de Santa Maria de Landim<sup>3805</sup>, funções que deverá ter ocupado até à integração do mosteiro na Congregação de Santa Cruz de Coimbra, em 1567, sendo um dos cónegos que não aceitou essa reforma, atribuindo-se-lhe então uma pensão anual em géneros e dinheiro para sua subsistência<sup>3806</sup>.

**Pedro de Banho (?)** – Cónego de Santa Maria de Landim. Esteve presente no emprazamento que o mosteiro fez, a 25 de Setembro de 1543, a Luís Álvares, a sua mulher, Brites Rodrigues, e a uma terceira pessoa, de casas no lugar de Penso, freguesia de S. Martinho de Ávidos<sup>3807</sup>.

**Pedro Álvares** – Cónego de Santa Maria de Landim. É um dos cinco cónegos que integra o convento de Santa Maria de Landim a 29 de Junho de 1558, dia em que é feito um emprazamento no mosteiro<sup>3808</sup>. Foi também um dos cinco religiosos de Landim que abandonou o mosteiro com a sua integração na Congregação de Santa Cruz de Coimbra, ficando a receber uma pensão anual<sup>3809</sup>.

**Cristóvão Gonçalves** – Cónego de Santa Maria de Landim. É um dos cónegos referenciados no emprazamento que o mosteiro faz, de vários casais, a Pantalhão Gonçalves, familiar do cardeal Farnésio, a 29 de Junho de 1558<sup>3810</sup>. Por visita de 27 de Agosto de 1568 sabemos que Cristóvão Gonçalves recebia, anualmente, oito mil reis em dinheiro, além de significativas quantias de trigo, vinho e galinhas para sua subsistência, pensão de que usufruía por não ter aceite a adesão do mosteiro à Congregação de Santa Cruz<sup>3811</sup>.

**Nicolau Ramalho (?)** – Cónego de Santa Maria de Landim. É identificado como cónego de Santa Maria de Landim num instrumento lavrado no mosteiro a 29 de Junho de 1558<sup>3812</sup>.

**Miguel Fernandes** – Cónego de Santa Maria de Landim. É um dos cinco religiosos de Landim que não aceitou a reforma monástica levada a cabo na instituição e que culminou com a integração do mosteiro na Congregação de Santa Cruz de Coimbra, em 1567, sendo-lhe então atribuída uma pensão anual de subsistência<sup>3813</sup>. Este cónego trazia emprazada uma vinha do mosteiro<sup>3814</sup>.

### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

---

<sup>3805</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.28.

<sup>3806</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172. Na transcrição do documento apresentada pelo Autor aparece “Miguel Peres? q. servia de prior castreiro”, por isso parece-nos muito provável que se trate de Manuel Pires, de qualquer modo e como não tivemos oportunidade de confrontar o original fica aqui apenas essa indicação.

<sup>3807</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.26; Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.79.

<sup>3808</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.28.

<sup>3809</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172.

<sup>3810</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.28.

<sup>3811</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172. Este religioso aparece aí referenciado como Cristóvão Fernandes mas deverá ser o mesmo indivíduo que detectamos no documento de 1558.

<sup>3812</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Landim, M.1, Doc.28.

<sup>3813</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.172.

<sup>3814</sup> Ferro, Adérito Gomes Ferreira Paulo, “Inquérito à vida dos mosteiros ...”, 1987, p.173.



**Domingos Peres/Domingos Pires** – Cónego do mosteiro de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Dominicus Petri presbiter canonicus de Nandim” a 4 de Janeiro mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>3815</sup>.

**Domingos Peres II/Domingos Pires** – Cónego do mosteiro de Landim. O seu nome aparece nos registos de um obituário de S. Vicente de Fora anotando-se aí o falecimento de “Dominicus Petri canonicus de Nandim” a 19 de Agosto mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>3816</sup>. Assumimos tratar-se de um indivíduo diferente do Domingos Peres já identificado uma vez que esse era apresentado como presbítero e cónego, enquanto este é apenas indicado como cónego. Tendo como fonte o obituário de S. Vicente aparece-nos uma outra indicação a um cónego de Landim também designado Domingos Peres, recaindo o seu aniversário a 22 de Agosto<sup>3817</sup>. Tendo em consideração a frequência com que este nome surge na Idade Média não será de excluir a possibilidade de também neste caso estarmos perante religiosos diferentes mas até ao aparecimento de provas que o certifiquem optámos por considerar tratar-se de uma duplicação do registo, mais a mais dada a proximidade das datas.

**D. Durando** – Cónego do mosteiro de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Durandus de Nandim” a 11 de Outubro mas sem indicação do ano do óbito<sup>3818</sup>.

**João Martins** - Cónego de Santa Maria de Landim. “Johanes Martinii canonicus de Nandim” surge referenciado num Obituário de S. Jorge de Coimbra, registando-se aí o seu falecimento a 12 de Fevereiro, mas sem indicação do ano em que ocorreu o óbito<sup>3819</sup>. Ao retratar os priores do mosteiro de Landim já equacionámos a possibilidade deste João Martins ser o mesmo que Frei Timóteo dos Mártires coloca como prior mor em 1445<sup>3820</sup>, mas por ora não temos elementos que nos permitam validar essa hipótese.

**Martim Soares/Martinho Soares** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus Suerii canonicus de Nandim” a 20 de Julho mas sem qualquer referência ao ano do do óbito<sup>3821</sup>.

**Martim/Martinho** – Cónego do mosteiro de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus canonicus de Nandim” a 8 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>3822</sup>. Conhecendo-se apenas o nome próprio acrescem exponencialmente as dificuldades quanto a uma correcta identificação, pelo que poderá tratar-se de um qualquer religioso detentor deste nome, que até possa estar já aqui identificado.

**Martim Mendes/Martinho Mendes** – Cónego do mosteiro de Landim. “Martinus Menendi presbiter canonicus de Nandim” surge referenciado num obituário de S.

---

<sup>3815</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.47.

<sup>3816</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.125.

<sup>3817</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.126.

<sup>3818</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.155.

<sup>3819</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.37.

<sup>3820</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.43.

<sup>3821</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.116.

<sup>3822</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.135.

Vicente de Fora registando-se aí o seu falecimento a 4 de Outubro mas sem referência ao ano do óbito<sup>3823</sup>.

**Martim Peres/Martim Pires** – Cónego de Landim e prior de Requião. Um obituário do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia regista o falecimento de D. Martim Peres, prior de Requião e cónego de Landim a 17 de Novembro, mas sem indicação do respectivo ano<sup>3824</sup>. Já um obituário de S. Vicente de Fora indica o falecimento de “Martinus Petri canonicus de Nandim” a 21 de Julho mas sem a respectiva menção ao ano do óbito<sup>3825</sup>. No registo deste obituário não é feita qualquer alusão ao priorado de Requião. Estaremos na presença do mesmo indivíduo, ou estaremos perante dois religiosos distintos. Será difícil perceber embora esta última possibilidade se nos configure como muito provável, mais a mais quando Martim Peres era um nome extremamente comum na Baixa Idade Média.

**Martim Vicente** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus Vicentii canonicus de Nandim” a 4 de Julho mas sem a respectiva menção ao ano do óbito<sup>3826</sup>. A confirmar-se a sua presença em Landim no século XIV ela não deverá ter ultrapassado as duas ou três primeiras décadas desse século.

**Domingos Martins** - Cónego de Santa Maria de Landim. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Dominicus Martini canonicus de Nandim” a 7 de Fevereiro, sem referenciar o ano do óbito<sup>3827</sup>.

**Domingos Gonçalves** - Cónego de Santa Maria de Landim. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Dominicus Gonçalvi canonicus de Nandim” a 21 de Julho mas sem a habitual indicação do ano<sup>3828</sup>. Neste mesmo obituário encontra-se um outro assento respeitante a “Dominicus Gonçalvi canonicus de Nandim” cujo aniversário recaía a 24 de Maio, mas também neste caso sem qualquer indicação do respectivo ano do passamento<sup>3829</sup>. A questão peca pela originalidade, mas impõe-se: seria o mesmo indivíduo ou serão registos referentes a cónegos diferentes?

**Gonçalo Fernandes** - Cónego de Santa Maria de Landim. Sabemos que foi religioso desta casa graças a um Obituário de S. Jorge de Coimbra que regista o falecimento de “Gonsalus Fernandi canonicus de Nandim” a 31 de Agosto, mas sem qualquer indicação do ano<sup>3830</sup>.

**João Esteves** - Cónego de Santa Maria de Landim. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Johanes Stephanii canonicus de Nandim” a 11 de Fevereiro, mas sem qualquer alusão ao ano<sup>3831</sup>.

---

<sup>3823</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.151.

<sup>3824</sup> BNL – Secção de Reservados, N° 215 (“Treslado do livro dos obitos do mosteiro de S. Salvador de Moreira”, s. p.).

<sup>3825</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.107.

<sup>3826</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.109.

<sup>3827</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.36v°.

<sup>3828</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.116.

<sup>3829</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.96.

<sup>3830</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.30v°.

<sup>3831</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.37.

### 2.1.2. - Santa Maria de Oliveira (c. Vila Nova de Famalicão)

**Vicente Domingues** – Cónego do mosteiro de Oliveira. É referenciado como tal em Dezembro de 1311<sup>3832</sup>.

**Martim Domingues/Martinho Domingues** – Cónego do mosteiro de Oliveira. Surge identificado como cónego regrante de Santa Maria de Oliveira a 13 de Dezembro de 1311<sup>3833</sup>. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Martinus Dominicus canonicus de Ulvarie” a 23 de Fevereiro, sem a habitual indicação do respectivo ano<sup>3834</sup>. É provável que tal assento seja referente a este religioso.

**Pedro Martins** – Cónego do mosteiro de Oliveira. É identificado entre a comunidade regrante de Santa Maria de Oliveira a 13 de Dezembro de 1311<sup>3835</sup>.

**Lourenço Esteves** – Cónego do mosteiro de Oliveira. Já era cónego de Santa Maria de Oliveira a 13 de Dezembro de 1311<sup>3836</sup>. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Laurencius Stephani canonicus de Ulvarie” a 26 de Fevereiro<sup>3837</sup>, sem mencionar o ano do falecimento.

**Estêvão Martins** – Cónego do mosteiro de Oliveira. Surge identificado como cónego de Santa Maria de Oliveira a 13 de Dezembro de 1311<sup>3838</sup>.

**Domingos Pires do Portal** – Cónego do mosteiro de Oliveira. É referenciado como tal em Dezembro de 1311<sup>3839</sup>.

**Pedro Peres** – Cónego do mosteiro de Oliveira. A 5 de Julho de 1315 “Petro Perez coonigo” de Santa Maria de Oliveira encontrava-se em Leiria, surgindo entre as testemunhas de um contrato de arrendamento aí lavrado pelo tabelião Aires Lourenço, pelo qual o mosteiro arrendava a João Peres todos os bens que possuía em Leiria e no seu termo<sup>3840</sup>.

**Miguel Domingues** – Provável cónego do mosteiro de Oliveira. A 24 de Julho de 1318 era abade de Vermoim sendo indicado pelos religiosos do convento de Santa Maria de Oliveira como testemunha na contenda que opunha o convento ao prior da comunidade, por causa das porções a que tinham direito<sup>3841</sup>. A participação de Miguel Domingues, bem como de Geraldo Domingues neste processo devia-se ao facto de ambos terem sido “chaveiros per gran tempo no moesteyro d’Ulveyra”<sup>3842</sup>. O facto e ter sido chaveiro do

---

<sup>3832</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57. Na altura em que consultámos, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, os pergaminhos medievais referentes ao mosteiro de Santa Maria de Oliveira, o documento referenciado pela Autora, onde consta esta informação, não se encontrava entre os restantes que compunham o maço de documentos deste mosteiro, por isso recorreremos à informação prestada por Maria Rosário da Costa Bastos.

<sup>3833</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57.

<sup>3834</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38vº.

<sup>3835</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57.

<sup>3836</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57.

<sup>3837</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.39.

<sup>3838</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57.

<sup>3839</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.57.

<sup>3840</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.7.

<sup>3841</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.9.

<sup>3842</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.9.

mosteiro e abade da igreja de Santa Maria de Vermoim, cuja apresentação cabia a Santa Maria de Oliveira, leva-nos a admitir a possibilidade de Miguel Domingues ser cónego da instituição.

**Domingos Martins** – Provável cónego do mosteiro de Oliveira. A 24 de Julho de 1318 Domingos Martins, abade de Castelões surge, juntamente com Fernão Anes, abade de Pedome, identificado como juiz numa contenda entre o convento e o prior de Santa Maria de Oliveira, celebrando-se nesse dia uma composição entre as partes<sup>3843</sup>. Segundo Frei Nicolau de Santa Maria, Domingos Martins faleceu em 1346 e foi enterrado no mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>3844</sup>. Tendo em consideração que a igreja de S. Tiago de Castelões era da apresentação do mosteiro de Oliveira e lhe estava anexa, é provável que fosse cónego da instituição. A confirmar-se as informações do cronista agostiniano, Domingos Martins era detentor de um interessante património, tendo, por volta de 1340, doado ao mosteiro a sua quinta de Vila Pouca e os campos de Real<sup>3845</sup>, situação que por si só nos parece que poderá afastar consideravelmente as hipóteses de estarmos perante um cónego do mosteiro, uma vez que tal doação vai contra as leis de desamortização, mormente a promulgada a 21 de Março de 1291, que impedia a sucessão dos mosteiros nos bens que pertenciam aos seus professos<sup>3846</sup>, embora também se saiba que muitas vezes tais disposições não eram cumpridas, com o próprio monarca a criar e autorizar excepções, havendo também a possibilidade desses bens terem sido adquiridos antes de 1291 o que lhe atribuía, automaticamente, um outro enquadramento jurídico.

**Lourenço Rodrigues** – Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. No mosteiro de Landim encontra-se uma tampa tumular cuja inscrição latina referencia Lourenço Rodrigues, abade de São Tiago (Sancti Iacobi) seguindo-se duas palavras que poderão ser interpretadas e desabreviadas como “Monasteri Ulvari”, tendo falecido a 28 de Janeiro de 1329<sup>3847</sup>. Perante tais elementos não será descabido admitir que tal epitáfio possa ser respeitante a um abade de S. Tiago de Castelões, igreja do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. O facto de a tampa tumular se encontrar neste mosteiro e não no de Oliveira, por si só, não significa muito, podendo o cónego ter sido sepultado neste mosteiro ou então a tampa ter sido para aí levada em qualquer altura, mais a mais tendo em conta a proximidade geográfica das instituições em causa<sup>3848</sup>. Uma outra hipótese também admissível é a de se tratar de um religioso de Santa Maria de Landim que exercia funções paroquiais na igreja de S. Tiago de Castelões. Infelizmente não conhecemos os titulares da igreja de Castelões para o princípio do séc. XIV, o que

---

<sup>3843</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.9.

<sup>3844</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica* ..., Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.318.

<sup>3845</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica* ..., Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.318; Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno*..., vol.6, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1875, p.254.

<sup>3846</sup> *Ordenações Afonsinas, Livro II*, 2ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998, Título XV, pp. 176-179).

<sup>3847</sup> Martins, António; Faria, Emília Nóvoa, *Mosteiro de Santa Maria de Landim: Raízes e Memória*, Landim, 2002, p.50. Também Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa*..., Vol 2: Tomo 2, 2000, pp.1529-1531, apresenta a transcrição epigráfica desta lápide bem como algumas hipóteses interpretativas e de identificação.

<sup>3848</sup> Tomemos como exemplo o caso de uma inscrição funerária, datada de 1274, referente ao prior Pedro Nunes, do mosteiro de S. Torcato que se encontrava no claustro do mosteiro de Santa Marinha da Costa (cf. “Memorias das noticias pertencentes a este mosteiro de Santa Marinha da Costa tiradas do seu Cartorio pello R.mo P. M. D.or Fr. Cristóvão da Crus...”, in *Revista de Guimarães*, Vol. 27, 1910, p.67; Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa*..., Vol 2: Tomo 1, 2000, pp.984-985).

validaria ou apartaria tal possibilidade, documentalmente apenas sabemos que a 24 de Julho de 1318 era seu abade Domingos Martins<sup>3849</sup>, o que, obviamente, não impede que entretanto Lourenço Rodrigues lhe pudesse aí ter sucedido. A obstar ou pelo menos a restringir seriamente essa possibilidade é a informação avançada por alguns Autores, e que necessita de validação, a darem conta que por volta de 1340 Domingos Martins, abade de Castelões, doou ao mosteiro a sua quinta de Vila Pouca e os campos de Real<sup>3850</sup>, situação que a verificar-se colocaria, à partida, Domingos Martins como abade dessa igreja ao longo da década de vinte e trinta, embora, e mesmo a confirmar-se esta cronologia, haja sempre a possibilidade desse abaciado ter sido intercalado, situação que não sendo inédita, surge num remotíssimo grau de probabilidades. Até à confirmação da informação avançada pelo cronista, cuja fonte utilizada desconhecemos e para a qual ainda não encontrámos qualquer prova documental, a possibilidade de Lourenço Rodrigues ter sucedido a Domingos Martins parece-nos que continua a ser um cenário perfeitamente admissível.

**Vicente Anes** – Cónego do mosteiro de Oliveira. Foi o representante do mosteiro no processo de inquirição ordenado por D. Afonso IV às jurisdições que o mosteiro tinha no seu couto, e pelo qual se comprovou, através de sentença de 27 de Fevereiro de 1336, que Santa Maria de Oliveira tinha o direito de exercer aí a jurisdição cível<sup>3851</sup>.

**Lourenço Viegas** – Cónego do mosteiro de Oliveira. A 2 de Agosto de 1348 tomou posse, em nome do mosteiro, de diversos bens na freguesia de S. Mateus de Soalhães, que nesse mesmo dia João Domingues de Vale Melhorado e sua esposa doaram a Santa Maria de Oliveira, bens esses que tinham sido comprados a Gonçalo Martins, e que andavam emprazadas ao clérigo Estêvão Anes<sup>3852</sup>.

**Vicente Anes** – Cónego do mosteiro de Oliveira. A 22 de Agosto de 1425 o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, encontrando-se no mosteiro de Santa Maria de Oliveira confirmou a igreja de S. Pedro de Pedome a “Vicente Eanes coonigo do dicto moesteiro”, entretanto vaga por renúncia do abade Rui Vasques<sup>3853</sup>. Surge novamente identificado como cónego de Santa Maria de Oliveira a 13 de Julho de 1441, dia em que foi efectuado um emprazamento em três vidas, a Álvaro Vicente, seu criado, e a duas pessoas a nomear posteriormente, referente à Quinta da Bouça e ao casal e devesa da aldeia da Ponte que lhe andavam unidos<sup>3854</sup>. No início da década de quarenta Vicente Anes continua a ser referenciado como abade de “Pudomem” tendo, juntamente com o cónego Gil Afonso, este na qualidade de procurador do mosteiro, efectuado um emprazamento ao sapateiro Álvaro Anes e a sua mulher, Margarida Gonçalves, de umas casas situadas em Guimarães, na Rua Nova de Muro, que pertenciam em partes iguais ao mosteiro de Oliveira e à igreja de Pedome<sup>3855</sup>.

---

<sup>3849</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.9. A pesquisa nos obituários medievais, pelo menos os que conhecemos e que consultamos, também não trouxe qualquer acréscimo para a solução deste problema.

<sup>3850</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.318; Leal, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno...*, vol.6, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1875, p.254.

<sup>3851</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.22-25 (Doc. 11).

<sup>3852</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.11-b.

<sup>3853</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.9.

<sup>3854</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.17.

<sup>3855</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.16.

**Gil Rodrigues** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira e prior de Mancelos. Foi nomeado para o priorado de S. Martinho de Mancelos por Vasco Rodrigues, chantre da Sé de Braga, após o falecimento do prior João Gonçalves, anterior titular do cargo, acabando por se envolver numa contenda pela disputa do lugar com o religioso Gonçalo Peres, entretanto eleito pela comunidade regrante de Mancelos, surgindo como testemunha primordial desse conflito uma súplica datada de 30 de Dezembro de 1426<sup>3856</sup>. gg

**Antoninho Gerales/António Gerales** – Cónego do mosteiro de Oliveira. A 2 de Abril de 1433 é referenciado como cónego de Santa Maria de Oliveira, dia em que subscreveu uma procuração em conjunto com Gonçalo Vasques, prior do mosteiro e o cónego Afonso Gonçalves, constituindo como seus procuradores o cónego Gil Afonso, o clérigo João de Sá e Luís Afonso, advogado e procurador na Audiência da Sé de Braga<sup>3857</sup>. Em Julho de 1441 ainda integrava a comunidade regrante de Santa Maria de Oliveira<sup>3858</sup>.

**Afonso Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Oliveira. Já se encontrava entre a comunidade religiosa de Santa Maria de Oliveira a 2 de Abril de 1433, dia em que, em conjunto com o prior do mosteiro e o cónego Antoninho Gerales, passou carta de procuração ao cónego Gil Afonso para que este pudesse, em nome da instituição efectuar o emprazamento do casal do Carvalho, na freguesia de Santa Maria de Oliveira<sup>3859</sup>.

**Gil Afonso** – Cónego do mosteiro de Oliveira e provável prior claustral. A 2 de Abril de 1433 é-lhe passada procuração para, em nome do mosteiro, efectuar dois emprazamentos: um a João de Sá, abade de S. Mateus<sup>3860</sup>, e outro a Vasco Martins, criado de João Lopes de Azevedo, morador em Vila do Conde<sup>3861</sup>. No dia seguinte Gil Afonso “coonigo reglante do moesteiro de Santa Maria d’Ulveira da hordem de Sancto Aguostinho” comparece na Sé de Braga perante Gil Afonso Leitão, arcediago do Couto, onde são concretizados e validados esses contratos<sup>3862</sup>. No início da década de quarenta Gil Afonso surge novamente no desempenho das suas funções de procurador da instituição<sup>3863</sup>. É um dos cónegos que participa na eleição de Vasco Afonso para prior do mosteiro, realizada a 31 de Julho de 1442, sendo que “Egidium Alfonssi canonicum dicti monasteri per se” e em nome dos restantes religiosos do mosteiro foi quem apresentou o nome do prior Vasco Afonso, à confirmação do arcebispo<sup>3864</sup>, tarefa normalmente desempenhada pelo prior claustral da instituição, pelo que é muito possível que ocupasse o cargo de prior crasteiro por esse tempo. A 21 de Agosto de 1453 acompanhou o prior D. Vasco Afonso e Afonso Pimenta a Braga, onde este último

---

<sup>3856</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 162-164; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.762-763.

<sup>3857</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14.

<sup>3858</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.17.

<sup>3859</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14.

<sup>3860</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14.

<sup>3861</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.15.

<sup>3862</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Docs.14,15.

<sup>3863</sup> Surge referenciado nessas funções em Julho de 1441 (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.17), sendo também o procurador do mosteiro num emprazamento feito, em conjunto com o abade de Pedome, ao sapateiro Álvaro Anes e a sua mulher, Margarida Gonçalves, de umas casas situadas em Guimarães na Rua Nova de Muro, que pertenciam em partes iguais ao mosteiro de Oliveira e à igreja de Pedome (cf. IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.16).

<sup>3864</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.18.

fez várias doações ao mosteiro de Santa Maria de Oliveira<sup>3865</sup>. O último registo que conhecemos em que o cónego Gil Afonso aparece como interveniente data de 17 de Maio de 1457, dia em que, em conjunto com Diogo Álvares, surge como procurador do mosteiro na Sé de Braga onde Fernando Afonso, licenciado em Leis e vigário geral do arcebispo de Braga dá sentença contra João de Oliveira e seu filho Gonçalo Anes por causa de rendas atrasadas que deviam ao mosteiro de Oliveira referentes a herdades em Joane e Mogege<sup>3866</sup>. É muito provável que nesta altura o seu filho, Diogo Gil, já fosse prior do mosteiro, uma vez que a 20 de Janeiro 1457 o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, dava instruções ao chantre da Sé bracarense para que confirmasse no priorado de Santa Maria de Oliveira o filho do cónego Gil Afonso quando o prior, ainda em funções, renunciasse<sup>3867</sup>. Não sabemos quando é que Gil Afonso ingressou na comunidade nem quando faleceu mas é estimável que pelo menos durante quatro décadas tenha sido cónego regente de Santa Maria de Oliveira.

**João de Sá** – Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira. A 3 de Abril de 1433 é identificado como abade de S. Mateus, dia em que o mosteiro de Santa Maria de Oliveira lhe emprazou o casal do Outeiro, localizado nessa freguesia<sup>3868</sup>. É certamente o mesmo “Joham de Saa clerigo criado do dicto priore” de Oliveira que é constituído, em conjunto com o cónego Gil Afonso e o advogado Luís Afonso, procurador do mosteiro a 2 de Abril de 1433<sup>3869</sup>. Não temos nenhum documento que o indique como religioso da comunidade mas dada esta forte ligação ao mosteiro parece-nos uma hipótese a considerar.

**Vasco Martins** – Cónego do mosteiro de Oliveira e antigo prior do mosteiro de Vilarinho. Vasco Martins era prior do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho obtendo, a 13 de Setembro de 1434, autorização do arcebispo de Braga para permutar com Vasco Martins de Pombeiro o priorado de Vilarinho pela igreja de Santa Lucrécia<sup>3870</sup>. A 5 de Novembro de 1434 já tinha resignado ao priorado de Vilarinho<sup>3871</sup>, dia em que foi confirmado na igreja de Santa Lucrécia, havendo a indicação de que foi integrado na comunidade regente de Santa Maria de Oliveira<sup>3872</sup>. Nesse mesmo dia foi também anexada ao mosteiro a igreja de S. Martinho de Cavalões mas apenas enquanto Vasco Martins fosse o abade de Santa Lucrécia<sup>3873</sup>.

**Vasco Afonso** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira e seu futuro prior. Sabemos apenas que era cónego do mosteiro porque ao ser confirmado como prior de Santa Maria de Oliveira, a 31 de Julho de 1442, é referenciado como sendo *canonicum*

---

<sup>3865</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.19.

<sup>3866</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.20.

<sup>3867</sup> ADB- Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.198; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.66.

<sup>3868</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.64.

<sup>3869</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.14.

<sup>3870</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.55 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>3871</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.259.

<sup>3872</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.56 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>3873</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.57; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771-772.

*professum dicti monasteri de Ulveira*<sup>3874</sup>. Não sabemos quando ingressou no mosteiro de qualquer modo e tendo em conta que o nome de Vasco Afonso não consta entre o dos três cónegos referenciados num empraçamento feito a 13 de Julho de 1441, onde parece estar identificada toda a comunidade<sup>3875</sup>, podemos equacionar a hipótese de a sua entrada neste mosteiro ter ocorrido entre esta data e a da sua confirmação no priorado, embora o facto de o seu nome não constar nessa lista não implica, obviamente, que o cónego não se encontrasse já entre a comunidade<sup>3876</sup>. Apesar de não o detectarmos em qualquer outro documento anterior ele era, seguramente, cónego regrante do mosteiro e provavelmente até com alguma antiguidade, porque a “experiência” e o reconhecimento dos companheiros eram, normalmente, pré-requisitos tidos em conta para se poder ser eleito prior<sup>3877</sup>.

**Diogo Pires** – Cónego do mosteiro de Oliveira. No dia 18 de Dezembro de 1445 recebeu, em Braga, ordens de Epístola, surgindo aí referenciado como cónego do mosteiro<sup>3878</sup>. Cerca de trinta anos depois, mais concretamente a 13 de Setembro de 1477 “Diego Pirez e Alvaro Rodriguiz coonigos” do mosteiro de Santa Maria de Oliveira comparecem, juntamente com Pedro Gonçalves, prior do mosteiro, perante o notário público de Guimarães onde celebram uma composição amigável sobre as rendas das igrejas de S. Paio de Figueiredo e Santa Maria de Vermoim das quais os cónegos tinham direito à terça parte, bem como de algumas rações a que tinham direito a receber do prior<sup>3879</sup>.

**Diogo Álvares** – Cónego do mosteiro de Oliveira. A 17 de Maio de 1457 Diogo Álvares já aparece identificado como cónego e procurador do mosteiro de Oliveira, acompanhando, nesse dia, o cónego Gil Afonso a Braga, onde foi dada sentença favorável ao mosteiro de Oliveira contra João de Oliveira e o seu filho, Gonçalo Anes, por causa do incumprimento de rendas respeitantes a herdades nas freguesias de Joane e de Santa Maria de Mogege<sup>3880</sup>.

---

<sup>3874</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Doc.18.

<sup>3875</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M. 1, Doc.17; No documento a que aludimos são referenciados os cónegos Gil Afonso, António Galdes e Vicente Anes, bem como o prior D. Rodrigo Esteves.

<sup>3876</sup> Poder-se-á dar o caso de Vasco Afonso ter a seu cargo alguma igreja paroquial, e por esse motivo se encontrar frequentemente ausente da instituição, da mesma forma que poderia estar no mosteiro mas simplesmente não aparecer a testemunhar os instrumentos aí celebrados, pelo menos aqueles que temos conhecimento. A este propósito importa também dizer que não é igualmente mencionado o cónego Vasco Martins, um antigo prior de Vilarinho que se juntou a Santa Maria de Oliveira em 1434, e embora neste caso seja de equacionar a possibilidade de este religioso já ter falecido por esta altura, servem estes exemplos, e independentemente das suposições que se possam tecer em seu redor, para demonstrar que é difícil contabilizar o número de cónegos existente em cada comunidade, simplesmente porque muitos deles são omitidos pela documentação.

<sup>3877</sup> Alguns desses requisitos são-nos revelados por Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, cap. XVI, p.229, que a propósito da eleição de D. Durando para prior de Santa Cruz de Coimbra diz o seguinte: “...se ajuntarão em Cabido, & elegerão em Prior mór a D. Durando Paez, que era prior da claustra do mesmo mosteiro de Santa Cruz, por ter todas as partes requisitas pera o tal cargo, porque além de ser bom Letrado, & Pregador, & de vida aprovada, era de condição muy affavel, & brando e muy amigo dos Cónegos...”

<sup>3878</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.2; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.65.

<sup>3879</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23.

<sup>3880</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.20.



**Álvaro Rodrigues** – Cónego do mosteiro de Oliveira. A 13 de Setembro de 1477 já era cónego do mosteiro de Santa Maria de Oliveira, dia em que foi celebrada uma composição amigável entre Pedro Gonçalves, prior do mosteiro, e os cónegos Diogo Pires e Álvaro Rodrigues que andavam em demanda por causa das rendas das igrejas de S. Paio de Figueiredo e Santa Maria de Vermoim, bem como de algumas rações a que tinham direito a receber do prior<sup>3881</sup>.

**Brás Pires** – Cónego do mosteiro de Oliveira. Em 1504 explorava dois bachelos do mosteiro<sup>3882</sup>.

**Bartolomeu Fernandes** – Cónego de Santa Maria de Oliveira. Já integrava a comunidade monástica a 26 de Maio de 1515 sendo um dos cónegos que receberam Rui Fernandes, corregedor de Entre Douro e Minho, e Marçal Vasques, clérigo de Braga e notário público por autoridade apostólica, ambos emissários régios para a aplicação da taxaço para as novas comendas de Cristo<sup>3883</sup>.

**João Anes** – Cónego de Santa Maria de Oliveira. Já surge referenciado como monge de Oliveira a 26 de Maio de 1515, dia em que aí se deslocaram os emissários régios para aplicar a taxaço a que o mosteiro tinha sido sujeito para as comendas novas da Ordem de Cristo<sup>3884</sup>.

**Pedro Martins** – Cónego de Santa Maria de Oliveira. Este religioso surge identificado como monge de Santa Maria de Oliveira a 26 de Maio de 1515<sup>3885</sup>.

**Afonso Rodrigues** – Cónego de Santa Maria de Oliveira. Segundo os cronistas agostinianos Afonso Rodrigues era o prior claustral em 1556, numa altura em que decorriam obras para a edificaço do novo claustro, sendo o responsável pela descoberta e abertura da sepultura do antigo prior do mosteiro D. Fernando Pires Coelho<sup>3886</sup>.

#### **Cónegos cuja cronologia não foi possível delimitar:**

**Mateus Peres** - Cónego de Santa Maria de Oliveira. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Mateus Petri canonicus de Ulvaria” a 1 de Maio, mas sem qualquer indicaço ao ano. A caligrafia utilizada na anotaço é enquadrável no período cronológico do nosso estudo, o que por si só, e na ausência de quaisquer outros dados, não nos permite delimitar correctamente a sua cronologia<sup>3887</sup>.

---

<sup>3881</sup> IAN/TT- Mosteiro de Santa Maria de Oliveira, M.1, Doc.23.

<sup>3882</sup> Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.95.

<sup>3883</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>3884</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>3885</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>3886</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. X, p.317 Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.144.

<sup>3887</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.16.

**Domingos Gonçalves** - Cónego de Santa Maria de Oliveira. Um obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Dominicus Guncalvi canonicus d’Ulvaria” a 7 de Fevereiro, sem a especificação do ano do óbito<sup>3888</sup>.

**Mendo Peres** - Cónego de Santa Maria de Oliveira. “Menendus Petri canonicus d’Ulvarie” surge referenciado num obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra, fixando-se aí o seu falecimento a 14 de Fevereiro, sem a habitual indicação do ano<sup>3889</sup>.

**Martim Pais/Martinho Pais** - Cónego de Santa Maria de Oliveira. O obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Martinus Pelagii canonicus de Ulvaria” a 20 de Fevereiro, sem a especificação do ano do óbito<sup>3890</sup>.

**João Fernandes** - Cónego de Santa Maria de Oliveira. O obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Johanes Fernandi canonicus de Ulvarie” às II kalendas de Março<sup>3891</sup>.

### **2.1.3. - Santa Maria de Vila Nova de Muia (c. Ponte da Barca)**

**João Durães** – Provável cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. Surge a testemunhar um emprazamento efectuado pelo mosteiro de S. Martinho de Crasto no dia 16 de Fevereiro de 1289, aparecendo aí identificado como “clerigo de Vila Nova”<sup>3892</sup>. Face às limitações desta informação e tratando-se do único registo que lhe conhecemos pouco podemos avançar. Além de não podermos afirmar que se trata, efectivamente, de um religioso de Santa Maria de Vila Nova de Muia, não sabemos também até quando se manteve entre a comunidade e isto partindo, naturalmente, do pressuposto que de facto o era.

**Estêvão Martins** - Cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. A 11 de Maio de 1397 é legitimado Lopo Esteves, filho de Estêvão Martins, “conego que foe do moesteyro de Villa Nova”, e de Marinha Anes, mulher solteira à altura do nascimento<sup>3893</sup>.

**Gonçalo Esteves** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia. Recebe em Coimbra, em 1419, com licença de D. Rodrigo Gonçalves, prior de Santa Maria de Vila Nova de Muia, a ordem de presbítero<sup>3894</sup>. A 16 de Janeiro de 1425 é um dos cónegos que integra a comunidade regrante de Muia<sup>3895</sup>. Foi-lhe legitimada uma filha,

---

<sup>3888</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.36vº. O mesmo obituário regista também o óbito de Domingos Gonçalves, cónego de Oliveira, a 13 de Fevereiro (cf. BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.37). É provável que estejamos perante o mesmo indivíduo, havendo uma duplicação do assento.

<sup>3889</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.37vº.

<sup>3890</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38.

<sup>3891</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.39. Em termos de conversão significa que o falecimento de João Fernandes ocorreu a 27 ou 28 de Fevereiro dependendo do número de dias desse mês no ano do seu óbito).

<sup>3892</sup> Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.72-73 (Doc. 19 do Apêndice).

<sup>3893</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I, Vol. II – Tomo 2*, 2005, p.234; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.64.

<sup>3894</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.210.

<sup>3895</sup> A. D. B. – Colecção Cronológica, cx. 22, s.n.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.742.

por carta de 29 de Maio de 1442, de nome Inês Vasques, fruto de uma relação deste religioso com Margarida Lopes<sup>3896</sup>.

**Gonçalo Anes** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia. Recebe em Coimbra, em 1419, com a respectiva autorização do seu superior hierárquico, ordens de presbítero<sup>3897</sup>. A 16 de Janeiro de 1425 é um dos cónegos que integra a comunidade regrante de Muia<sup>3898</sup>. A 25 de Janeiro de 1445 foi confirmado na igreja de S. João de Vila Chã<sup>3899</sup>, para a qual se encontra novo registo de confirmação a 20 de Novembro de 1458<sup>3900</sup>. É muito provável que seja o pai de Gonçalo Gonçalves, indivíduo que surge identificado como cónego deste mesmo mosteiro de Muia à entrada para a segunda metade do séc. XV.

**Vasco Lourenço** – Cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia e futuro prior da comunidade. Apenas sabemos que era religioso da comunidade pelo facto de aparecer identificado como tal em documentação relacionada com todo o processo que envolveu a sua ascensão ao priorado de Santa Maria de Vila Nova de Muia, e que se concretizaria em Dezembro de 1423<sup>3901</sup>.

**Afonso Pires** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Vila Nova de Muia. A 16 de Janeiro de 1425 é um dos cónegos que integra a comunidade regrante de Muia<sup>3902</sup>.

**Fernando Esteves** – Cónego do mosteiro de Muia. A 16 de Janeiro de 1425 era cónego regrante de Santa Maria de Vila Nova de Muia<sup>3903</sup>.

**Rui Gonçalves** - Cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. Era cónego regrante deste mosteiro e a 21 de Agosto de 1428 é confirmado na igreja de S. Romão de Nogueira<sup>3904</sup>.

**Fernão Gonçalves/Fernando Gonçalves** – Provável cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. Filho de Álvaro Gonçalves e de sua mulher, Teresa Anes, da freguesia do mosteiro de Vila Nova de Muia. A 2 de Abril de 1446 recebe ordens menores, em Braga<sup>3905</sup>. Não conseguimos confirmar a ligação deste cónego ao mosteiro, essa

---

<sup>3896</sup> IAN/TT – Legitimações, Livro 2, fl.126; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1014.

<sup>3897</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.210.

<sup>3898</sup> A. D. B. – Coleção Cronológica, cx. 22, s.n.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.742.

<sup>3899</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.128vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744.

<sup>3900</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.203; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744.

<sup>3901</sup> A. D. B. – Bulas, cx. 4, s.n.; A. D. B. – Bulas, cx. 3, Doc. 78; *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.562; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.741; Gomes, Saul António, “A chancelaria de um inclito infante português de quatrocentos: D. Fernando (+1443)” in *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, Coimbra, Nova série, Nº8-9, 2007, p.262.

<sup>3902</sup> A. D. B. – Coleção Cronológica, cx. 22, s.n.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.742.

<sup>3903</sup> A. D. B. – Coleção Cronológica, cx. 22, s.n.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.742.

<sup>3904</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.44vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp. 743-744.

<sup>3905</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.7v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.70.

eventual ligação parece-nos ter alguma viabilidade tendo em conta a sua origem geográfica.

**João Vasques** - Cónego regrante de Vila Nova de Muia e futuro prior de S. Miguel de Vilarinho. Com a anuência de D. Frei Gil Lourenço, seu prior, “Joham Vasquez coonigo do mosteiro de Villa Nova de Moinha” deixou o mosteiro de Muia para ocupar o priorado de S. Miguel de Vilarinho, tendo sido aí confirmado e instituído a 28 de Abril de 1450 pelo vigário geral da diocese de Braga<sup>3906</sup>. Este é, de resto, o único registo que nos permite associar este religioso ao mosteiro de Muia.

**Fernão Afonso/Fernando Afonso** - Cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia, da diocese de Braga. A 25 de Março de 1447 recebe ordens menores, em Braga<sup>3907</sup>. A 4 de Abril de 1450 recebe, nessa mesma cidade, ordens de Epístola<sup>3908</sup>. A 30 de Maio de 1450 são-lhe conferidas Ordens de Evangelho revelado-se aí que era filho de Afonso Esteves e de Margarida Gonçalves<sup>3909</sup>. A 19 de Setembro de 1450 é referenciado como cónego professo e recebe, em Braga, ordens de Missa<sup>3910</sup>.

**Gonçalo Gonçalves** - Cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. O seu percurso é em todo semelhante ao do cónego Fernando Afonso no que respeita à promoção de ordens sacras. Assim no dia 25 de Março de 1447 recebe ordens menores, em Braga<sup>3911</sup> e a 4 de Abril de 1450 obtém, nessa cidade minhota, ordens de Epístola<sup>3912</sup>. Encontra-se novamente em Braga a 30 de Maio de 1450 onde lhe são concedidas ordens de Evangelho revelado-se aí o nome dos seus progenitores, sendo filho do cónego Gonçalo Anes<sup>3913</sup>, muito provavelmente o mesmo religioso que já identificámos e que aparece documentado no mosteiro de Vila Nova de Muia entre 1419 e 1458<sup>3914</sup>. A 19 de Setembro de 1450 é referenciado como cónego professo e recebe ordens de Missa, em Braga<sup>3915</sup>.

**Rui Gonçalves** – Provável cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. Filho de Gonçalo Anes de Muia e de sua mulher, Margarida Martins, da freguesia do mosteiro de

---

<sup>3906</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, N°36; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal, (Séculos XVI a XVIII)*, Tomo I – Vol. II, Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos - Universidade de Coimbra, 1960, p.483; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.772. De notar que nesta obra do Doutor José Marques aparece identificado como João Gonçalves.

<sup>3907</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.1v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.86.

<sup>3908</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 21, fl.19; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.135.

<sup>3909</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.3v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.141.

<sup>3910</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.12; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.146.

<sup>3911</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.1v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.86.

<sup>3912</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 21, fl.19; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.135.

<sup>3913</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.3v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.141.

<sup>3914</sup> Sobre este cónego veja-se os dados acima expostos.

<sup>3915</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.12; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.146.

Vila Nova de Muia. A 25 de Março de 1447 recebe ordens menores, em Braga<sup>3916</sup>. Apenas o factor geográfico nos faz equacionar a possibilidade de se tratar de um elemento da comunidade regrante de Vila Nova de Muia.

**Fernando Afonso II** – Provável cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. Filho de Afonso Anes e de sua mulher, Elvira Esteves, moradores na freguesia de Santa Maria do mosteiro de Vila Nova de Muia, da diocese de Braga. A 19 de Setembro de 1450 recebe ordens menores, em Braga<sup>3917</sup>. A sua proveniência geográfica faz-nos admitir a possibilidade de se tratar de um cónego de Vila Nova de Muia, no entanto também não será de colocar de parte a hipótese de estarmos perante um engano no registo, o que seria compreensível tendo em conta que nesse mesmo dia um cónego de Vila Nova de Muia, de nome Fernando Afonso recebeu ordens de missa em Braga. Estaremos perante a mesma pessoa ou serão indivíduos homónimos mas distintos? Não sabemos.

**Gonçalo Martins** - Cónego regrante do mosteiro de Vila Nova de Muia. A 17 de Março de 1453 “Gonçallo Martinz coonigo reglante do moesteiro de Villa Nova de Moynha” recebe ordens de Evangelho em Braga<sup>3918</sup>.

**João Álvares** - Cónego regrante do mosteiro de Vila Nova de Muia. A 19 de Dezembro de 1461 “Joham Alvarez coonigo professo do moesteiro de Santa Maria de Villa Nova de Munha” recebe ordens menores em Braga<sup>3919</sup>. A 13 de Fevereiro de 1461 recebe ordens de Epístola na cidade bracarense<sup>3920</sup> e nessa mesma cidade, a 22 de Dezembro de 1464, ordens de missa<sup>3921</sup>.

**Afonso Álvares** - Cónego regrante do mosteiro de Vila Nova de Muia. Recebeu a 19 de Setembro de 1467, em Braga, ordens de missa<sup>3922</sup>.

**João de Coimbra** – Cónego do mosteiro de Vila Nova de Muia. A 8 de Maio de 1515 era prior claustral de Vila Nova de Muia, dia em que os delegados régios, Rui Fernandes, corregedor de Entre Douro e Minho, e Marçal Vasques, clérigo de Braga e notário público por autoridade apostólica, compareceram no mosteiro para receberem os rendimentos em que o mosteiro tinha sido taxado para as novas comendas de Cristo<sup>3923</sup>.

---

<sup>3916</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.1v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.86.

<sup>3917</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.9v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.144.

<sup>3918</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.39; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.201.

<sup>3919</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 6, fl. 20; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.352.

<sup>3920</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 8, fl. 8; Marques, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.356.

<sup>3921</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 21, fl. 34v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.424.

<sup>3922</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 15, fl. 13; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.814.

<sup>3923</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

#### **2.1.4. - Santa Marinha da Costa (c. Guimarães)**

**Lourenço Fernandes** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 17 de Agosto de 1290 “Lourenço Fernandez coonigo da Costa” surge, juntamente com o prior da sua comunidade, entre as testemunhas de uma composição amigável efectuada entre o prior de S. Torcato e os herdeiros de Martim Dias<sup>3924</sup>. Não sabemos até quando se manteve neste mosteiro, de qualquer modo é possível que ainda estivesse entre os religiosos desta canónica no século XIV.

**Vasco Martins** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Vascus Martini canonicus de Costa” a 12 de Junho mas sem qualquer indicação ao ano em que ocorreu o óbito<sup>3925</sup>. De qualquer modo parece-nos que deverá ter sido cónego do mosteiro no início do séc. XIV, isto se tivermos em conta que um dos registos que surge a seguir ao seu é o de Paio Peres, prior de S. Torcato, que ainda vivia em Dezembro de 1326<sup>3926</sup>.

**Estêvão Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. No dia 5 de Fevereiro de 1294 encontrava-se no mosteiro de S. Francisco de Guimarães onde testemunhou a elaboração de um traslado em pública forma solicitado por Froilhe Anes Redonda, monja de Arouca, a qual se fazia acompanhar de uma procuração passada pela abadessa Luca Rodrigues que lhe permitia participar activamente na partilha dos bens da sua mãe<sup>3927</sup>. É bastante provável que a sua presença entre a comunidade regrante no início da centúria de trezentos seja uma realidade mas não temos quaisquer dados que o confirmem.

**Paio Domingues** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Em Julho de 1297 e Janeiro de 1298 “Pelagius Dominici canonicus monasterii Sancte Marine Costensis” é mencionado como procurador do mosteiro de Santa Marinha e coadjutor do mosteiro de S. Pedro de Roriz<sup>3928</sup>.

**Gonçalo Domingues** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 17 de Agosto de 1299 “Gunçalho Dominguez frade da Costa” surge como testemunha num documento lavrado em Guimarães, respeitante a partilhas de bens que envolviam uma religiosa de Arouca<sup>3929</sup>.

**João Durães** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 15 de Janeiro de 1332 “Joham Duraez coonigo e procurador da Costa” conjuntamente com Martim Pires, abade de Barqueiros e procurador dos cónegos da Colegiada de Guimarães, autorizam as pessoas por si nomeadas a dividirem um eixido no Sabugal, pertença das duas instituições<sup>3930</sup>.

---

<sup>3924</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°48.

<sup>3925</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.102.

<sup>3926</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°133.

<sup>3927</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp.420-421 (doc.118).

<sup>3928</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.195.

<sup>3929</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, p.523 (doc.184).

<sup>3930</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°94.

**Martim de Castro/Martinho de Castro** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 29 de Maio de 1333 “Martino de Crasto Canonico Monasterii de Costa” encontrava-se em Braga, onde testemunha um instrumento de emprazamento<sup>3931</sup>.

**Estêvão Anes** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A primeira referência que encontramos a “Stevom Anes coonigo da Costa” data de 30 de Maio de 1333, dia em que surge como testemunha num instrumento lavrado no mosteiro de S. Salvador de Souto<sup>3932</sup>. O simples facto da sua presença nessa instituição leva-nos a colocar a hipótese de se tratar do mesmo indivíduo que já surge, em 1332, referenciado como homem do prior de Souto<sup>3933</sup>, embora tenhamos que reconhecer que tal possibilidade é pouco viável.

**João Peres/João Pires** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Em 1336 já é identificado como eclesiástico do mosteiro da Costa, num documento de quitação referente a uma dívida de 600 libras do mercador Pedro Afonso a Gonçalo Boião, antigo mercador de Guimarães de quem João Peres era testamenteiro e familiar<sup>3934</sup>. A ligação familiar devia-se ao facto de João Peres ser filho de Margarida Anes, esposa de Gonçalo Boião, sendo aí identificados o genro de Gonçalo Boião, João Lopes, casado com Catarina Gonçalves e ainda uma outra filha de nome Margarida Gonçalves, ao que tudo indica meias-irmãs de João Peres<sup>3935</sup>.

**Pedro Martins** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Um instrumento de 10 de Abril de 1351 revela-nos que Pedro Martins já era “coonigo da Costa” indicando também que era irmão de Constança Martins, de quem era testamenteiro, e de Vasco Ciussa<sup>3936</sup>, ao que tudo indica, cónego do mosteiro de Vilarinho. Na data atrás referida é estabelecido um compromisso entre os dois irmãos, abdicando Vasco Ciussa a favor de Pedro Martins, de toda a herdade de Negrelos e do casal de Pedroselo, no entanto Pedro Martins entrega o casal de Pedroselo a Vasco Ciussa com a condição deste reverter para si no caso de Vasco Ciussa falecer primeiro, mas se Vasco lhe sobrevivesse o casal ficaria para o mosteiro de Vilarinho<sup>3937</sup>. A 7 de Junho de 1353 Pedro Martins surge como testemunha de um emprazamento que o prior da comunidade, D. Pedro Geraldês, fez, na qualidade de procurador do infante D. Pedro, a Domingos Domingues de um casal na aldeia de Tieiro, propriedade pertencente à Comenda de Oriz<sup>3938</sup>.

**Pedro Domingues** – Provável cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Era abade da igreja de S. Lourenço de Calvos a 7 de Junho de 1353, igreja da apresentação do mosteiro da Costa, surgindo como testemunha de um emprazamento efectuado por D. Pedro Geraldês, prior da Costa, na qualidade de procurador do infante D. Pedro<sup>3939</sup>.

---

<sup>3931</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.57-58.

<sup>3932</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.112.

<sup>3933</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 107, 108.

<sup>3934</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 42-43.

<sup>3935</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 42-43.

<sup>3936</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.11, Doc.14.

<sup>3937</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.11, Doc.14.

<sup>3938</sup> Cunha, Maria Cristina Almeida, *A comenda de Oriz da Ordem de Avis*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Vol. XL, Braga, 1989, pp. 61-62.

<sup>3939</sup> Cunha, Maria Cristina Almeida, *A comenda de Oriz da Ordem de Avis*, Separata da Revista “Bracara Augusta”, Vol. XL, Braga, 1989, pp. 61-62.

**João Paulo** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa e futuro prior. Ascendeu ao priorado da canónica vimaranense através de eleição, sendo essa eleição confirmada, pelo rei D. Pedro, a 26 de Setembro de 1363<sup>3940</sup>.

**Bartolomeu Martins** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 21 de Dezembro de 1398 este cónego surge entre as testemunhas que integram o testamento de João Anes Enxate, feito em Guimarães<sup>3941</sup>. À sua presença não será alheio o facto de o testador deixar 50 libras para o mosteiro da Costa, contemplando também os outros mosteiros crúzios vimaranses, deixando 30 libras para S. Torcato e a mesma quantia para S. Salvador do Souto<sup>3942</sup>.

**João Martins** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Integrava a comunidade regrante da Costa em inícios do séc. XV, sendo referenciado, em 1407, como detentor de uma vinha, localizada perto do mosteiro, no sopé da encosta<sup>3943</sup>.

**João Vasques** – Provável cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 11 de Agosto de 1419 João Vasques era abade da igreja de S. Lourenço de Calvos<sup>3944</sup>. Tendo em conta que o mosteiro apresentava o pároco nesta igreja é crível que estejamos perante um religioso de Santa Marinha da Costa.

**Álvaro Gil** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Recebe em Coimbra, em 1419, ordens de presbítero tendo requerido a necessária dispensa de impedimento eclesiástico, uma vez que era filho de presbítero e de mãe solteira<sup>3945</sup>. A 6 de Junho de 1434 Frei Álvaro Gil foi confirmado como pároco de S. Lourenço de Calvos<sup>3946</sup>.

**Gil Rodrigues** – Cónego e prior claustral de Santa Marinha da Costa. A 5 de Agosto de 1432 foi confirmado como cura da capela do mosteiro de Santa Marinha da Costa, numa altura em que era o prior claustral desta comunidade regrante<sup>3947</sup>.

**Diogo Martins** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 9 de Abril de 1437 Frei Diogo Martins foi confirmado como pároco da igreja de Santa Eulália a Antiga<sup>3948</sup>.

**Bartolomeu Vasques** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 9 de Abril de 1437 Bartolomeu Vasques, cónego regrante de Santa Marinha da Costa, foi

---

<sup>3940</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, p.382 (Doc. 838).

<sup>3941</sup> Bellino, Albano, *Archeologia Christã: descrição histórica de todas as igrejas, capellas, oratórios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães*, Lisboa, Empreza da História de Portugal - Sociedade Editora, 1900, p.46.

<sup>3942</sup> Bellino, Albano, *Archeologia Christã: descrição histórica de todas as igrejas, capellas, oratórios, cruzeiros e outros monumentos de Braga e Guimarães*, Lisboa, Empreza da História de Portugal - Sociedade Editora, 1900, p.45.

<sup>3943</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, p.135.

<sup>3944</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, p.479 (doc.123).

<sup>3945</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.210.

<sup>3946</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.53; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.

<sup>3947</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.36; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.

<sup>3948</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.73vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.755.



confirmado como capelão da igreja de Santa Eulália de Barrosas<sup>3949</sup>. Só em 1442 é que recebe ordens de presbítero, em Coimbra<sup>3950</sup>. A 29 de Setembro de 1455 Bartolomeu Vasques foi confirmado como pároco de Santa Cristina de Caide com sua anexa de Santa Maria de Atães<sup>3951</sup>.

**Brás Vicente** – Provável cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Era filho de Vicente Afonso e de sua mulher, Aldonça Gil, moradores em Alenquer, do arcebispado de Lisboa, compatriota por cinco anos e mais em Santa Marinha da Costa, do arcebispado de Braga, recebe ordens de Evangelho, em Braga, a 20 de Setembro de 1454<sup>3952</sup>. Aparece referenciado como clérigo morador no mosteiro da Costa, da diocese de Braga, no dia 21 de Setembro de 1454, altura em que recebe ordens de Missa, em Braga<sup>3953</sup>.

**João Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. A 15 de Novembro de 1454 o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, confirmou João Gonçalves na igreja de S. Miguel de Cerzedo que entretanto tinha sido desanexada da igreja de S. Martinho de Candoso<sup>3954</sup>.

**Lopo Afonso** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Foi capelão da capela do mosteiro, cargo a que renunciou em 1463<sup>3955</sup>.

**Lourenço Álvares** – Provável cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Natural da freguesia de Santa Marinha da Costa. Era filho de presbítero e cónego de Santo Agostinho e de mãe solteira. Com dispensa eclesiástica, recebe ordens menores no dia 4 de Abril de 1461, em Braga<sup>3956</sup>. Nessa mesma cidade recebeu, a 21 de Setembro de 1465, ordens de Epístola referenciando-se novamente a necessária dispensa eclesiástica por ser filho de “canonico regulari et soluta”<sup>3957</sup>.

**Martim Afonso/Martinho Afonso** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Filho de Afonso Gonçalves e de sua mulher, Margarida Dias, moradores na freguesia de Santa Marinha da Costa, da diocese de Braga. Recebe ordens de Missa no dia 4 de Abril de 1461, em Braga<sup>3958</sup>. Apesar de o seu registo de ordens não dizer que era cónego de Santa Marinha estamos convictos de tal. É que além da proveniência geográfica há um outro forte indício de que estamos perante um religioso de Santa Marinha da Costa que é o facto de Martim Afonso ser irmão de Pedro Afonso que, como veremos, era,

---

<sup>3949</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.73vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>3950</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>3951</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.928 (nota 512).

<sup>3952</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.16; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.229.

<sup>3953</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.23; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.234.

<sup>3954</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.189; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>3955</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.231; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>3956</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.9v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.330.

<sup>3957</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 6, fl.21.

<sup>3958</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.12; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.332.

comprovadamente, cónego desse mosteiro vimaranense. É certamente o mesmo Martinho Afonso que a 2 de Outubro de 1463 é confirmado como capelão da capela do mosteiro<sup>3959</sup>.

**Pedro Afonso** - Cónego regrente do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Filho de Afonso Gonçalves e Margarida Dias, da freguesia de Santa Marinha da Costa. Recebeu a 21 de Setembro de 1465, em Braga, ordens de Epístola<sup>3960</sup>. Era irmão de Martim Afonso, que acreditamos também ser cónego regrente do mosteiro da Costa, de Guimarães. Três meses mais tarde recebeu, novamente em Braga, ordens de Evangelho<sup>3961</sup>. No dia 20 de Dezembro de 1466 foram-lhe conferidas, na Sé bracarense, as ordens de missa<sup>3962</sup>.

**Fernando Eanes/Fernando Anes** - Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Recebe em Coimbra, em 1476, ordens de Evangelho<sup>3963</sup>.

**D. João de Braga** - Cónego regrente do mosteiro de Santa Marinha da Costa e seu prior claustral. Foi prior claustral pelo menos entre 1525 e 1527, tendo D. João de Braga, aquando do falecimento do prior comendatário Frei João de Chaves, liderado o mosteiro durante o período em que decorreu o processo de extinção dos Cónegos Regrantes e a integração das instalações na Ordem dos Jerónimos, que se prolongou por cerca de dois anos, sendo um dos três últimos elementos da comunidade regrente desta instituição<sup>3964</sup>. De resto “João de Braga Prior crasteiro do dito mosteiro por si, e com suficiente Procuração dos outros Conegos do dito Moesteiro da Costa”<sup>3965</sup> participou activamente nas negociações tendentes à extinção do mosteiro. Segundo Francisco Camelo uma das contrapartidas conseguidas foi uma pensão de 12 mil reis para seu sustento ao abandonar o mosteiro, valor também atribuído ao cónego João Afonso, que também era sacerdote, enquanto Frei Ávares recebeu dez mil<sup>3966</sup>. Esteve presente no mosteiro de Santa Marinha no acto da entrega e tomada de posse do mosteiro pelos Jerónimos no dia 27 de Janeiro de 1528<sup>3967</sup>.

**João Afonso** - Cónego regrente do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Era um dos três cónegos que se encontravam no mosteiro de Santa Marinha a 23 de Novembro de

---

<sup>3959</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.231; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.756.

<sup>3960</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 6, fl. 21.

<sup>3961</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 7, fl. 27.

<sup>3962</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 11, fl. 13; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815.

<sup>3963</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>3964</sup> Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa: Extinção da Ordem de Santo Agostinho e sua substituição pela de S. Jeronymo”, in *Revista de Guimarães*, Vol. III - Nº 2 (Abril-Junho de 1886), pp.107-112; Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Piores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.158.

<sup>3965</sup> Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa: Extinção da Ordem de Santo Agostinho e sua substituição pela de S. Jeronymo”, in *Revista de Guimarães*, Vol. III - Nº 2 (Abril-Junho de 1886), p.107.

<sup>3966</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Piores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.158.

<sup>3967</sup> Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa: Extinção da Ordem de Santo Agostinho e sua substituição pela de S. Jeronymo”, in *Revista de Guimarães*, Vol. III - Nº 2 (Abril-Junho de 1886), pp.110-112.

1527, aquando da sentença de extinção desta canónica<sup>3968</sup>. A 27 de Janeiro de 1528 presenciou a entrega do cenóbio de Santa Marinha aos Jerónimos<sup>3969</sup>.

**Frei Álvaro Fernandes** - Cónego regente do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Era um dos três cónegos de Santa Marinha da Costa aquando da extinção do mosteiro a 23 de Novembro de 1527<sup>3970</sup>. Em resultado do acordo celebrado com o padre Frei Jorge, procurador dos Jerónimos no processo de transacção do mosteiro para a nova Ordem, Frei Álvaro recebeu uma tença inferior (10 mil reis) aos seus dois companheiros em virtude de não ser sacerdote<sup>3971</sup>. Assistiu, a 27 de Janeiro de 1528, à entrega do mosteiro vimaranense aos Jerónimos<sup>3972</sup>.

#### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Nicolau Geraldês** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Nicolaus Geraldí canonicus de Costa” a 5 de Julho mas sem referenciar o ano do óbito<sup>3973</sup>.

**Marcos Vicente** – Cónego de Santa Marinha da Costa. Um obituário de S. Jorge de Coimbra menciona o falecimento de “Marcus Vicenti canonicus de Costa” a 22 de Fevereiro mas sem qualquer referência ao ano do passamento<sup>3974</sup>.

**Pedro Anes de Vitis (?)** – Cónego do mosteiro de Santa Marinha da Costa. Em obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora regista-se o passamento de “Petrus Johannis de Vitis canonicus de Costa” a 22 de Junho, não se mencionando aí, no entanto, o ano em que ocorreu o óbito<sup>3975</sup>.

**Pedro Fortes** – Cónego do mosteiro da Costa. “Petrus Forces canonicus de Costa” surge referenciado num obituário de S. Vicente de Fora, registando-se aí o seu falecimento a 1 de Setembro mas sem qualquer alusão ao respectivo ano<sup>3976</sup>.

---

<sup>3968</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.158.

<sup>3969</sup> Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa: Extinção da Ordem de Santo Agostinho e sua substituição pela de S. Jeronymo”, in *Revista de Guimarães*, Vol. III - Nº 2 (Abril-Junho de 1886), pp.110-112.

<sup>3970</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.158.

<sup>3971</sup> Camello, Francisco Xavier Pereira, “Tratado Histórico, Catálogo dos Priores, do Real Mosteiro da Costa (Guimarães)”, redigido em 1748 e publicado in *Boletim de Trabalhos Históricos*- Publicação do Arquivo Municipal “Alfredo Pimenta”, Vol. XIX, Ns.1-4, 1957, p.158.

<sup>3972</sup> Castro, Domingos Leite de, “Convento da Costa: Extinção da Ordem de Santo Agostinho e sua substituição pela de S. Jeronymo”, in *Revista de Guimarães*, Vol. III - Nº 2 (Abril-Junho de 1886), pp.110-112.

<sup>3973</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.110.

<sup>3974</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38vº.

<sup>3975</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.104. Ainda suspeitamos que a palavra “Vitis” pudesse ser Vimaraniis, ou seja Pedro Anes de Guimarães, mas o confronto com o original revela que a palavra é mesmo “Vitis” embora pareça ter um sinal de abreviatura já pouco legível e é possível que corresponda a um apodo toponímico mas cuja associação não conseguimos estabelecer. No original este assento encontra-se na fl.33.

<sup>3976</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.131.

**Pedro Peres Verdeal** – Cónego do mosteiro da Costa. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Petrus Petri dictus Verdeal canonicus de Costa” a 13 de Outubro mas sem referência ao ano do óbito<sup>3977</sup>.

### **2.1.5. - São Martinho de Caramos (c. Felgueiras)**

**Martim Anes** – Cónego do mosteiro de Caramos. Segundo D. Nicolau de Santa Maria Martim Anes era cónego de Caramos e prior da igreja de Constantim, para a qual alcançou vários privilégios de D. Dinis<sup>3978</sup>. Se tivermos em conta que o padroado desta igreja foi doado ao mosteiro em 1297<sup>3979</sup> podemos então enquadrar a presença de Martim Anes no mosteiro em finais do séc. XIII e/ou no primeiro quartel do século XIV.

**Frei João Aparício** – Cónego do mosteiro de S. Martinho de Caramos e futuro prior-mor. A 28 de Maio de 1417 este cónego era pároco da igreja de Santa Maria de Borbela, anexa ao mosteiro de S. Martinho de Caramos<sup>3980</sup>. Mais de trinta anos volvidos este religioso conseguiria atingir o priorado do mosteiro, sendo que a 1 de Janeiro de 1451 já tinha sido eleito, dando o arcebispo de Braga instruções a Luís Afonso, mestre-escola, para confirmar João Aparício no priorado de Caramos<sup>3981</sup>.

**Gonçalo Lourenço** – Cónego do mosteiro de S. Martinho de Caramos. A 11 de Janeiro de 1428 o cónego Gonçalo Lourenço foi confirmado na igreja de Santa Leocádia de Macieira<sup>3982</sup>.

**Gonçalo Gonçalves** – Cónego do mosteiro de S. Martinho de Caramos e futuro prior de Vilela. A informação respeitante à sua ligação a este mosteiro é-nos dada através de uma súplica dirigida ao papa Martinho V, a 26 de Fevereiro de 1428, pela qual este cónego solicita o priorado do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela<sup>3983</sup>.

**Gonçalo Anes** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Caramos. Era natural da freguesia de São Martinho de Caramos, da diocese de Braga. Filho de cónego professo e de mãe solteira. Recebe ordens menores no dia 6 de Junho de 1444, em Braga<sup>3984</sup>.

**Pedro Afonso** – Provável cónego de São Martinho de Caramos e futuro prior do mosteiro. A 19 de Fevereiro de 1449 o priorado do mosteiro de Caramos encontrava-se vago e perante a inexistência de elementos suficientes para formar convento e eleger

---

<sup>3977</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.156.

<sup>3978</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.298.

<sup>3979</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol.2, 1959, p.263. Também Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, p.298, faz referência a esta igreja dizendo que ela foi doada ao mosteiro de Caramos por D. Afonso Henriques em 1154 e confirmada por D. Dinis em 1321.

<sup>3980</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.757.

<sup>3981</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.160vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, p.758.

<sup>3982</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.43vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, p.1036.

<sup>3983</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 284-285; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, p.758.

<sup>3984</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.15v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.40.

novo prior o arcebispo de Braga instruiu Nuno Camelo, vigário geral da diocese, para confirmar aí um dos religiosos da comunidade<sup>3985</sup>. Tendo em consideração que o mosteiro voltou a vagar em 1351 por óbito de D. Pedro Afonso, pressupomos que este prior tenha sido o cónego escolhido para o priorado<sup>3986</sup>.

**Álvaro Anes** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Caramos. Filho de João Martins e de Leonor Martins, sua mulher, da freguesia de São Martinho de Caramos, são-lhe conferidas ordens de Epístola no dia 30 de Maio de 1450, em Braga<sup>3987</sup>.

**Frei Gonçalo** – Cónego do mosteiro de Caramos. Com licença de seu maior “Frey Gonçallo coonigo do moesteiro de Caramoros” recebe ordens menores em Braga, no dia 26 de Maio de 1453<sup>3988</sup>.

**Rodrigo Anes** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Caramos. Filho de cónego e de mãe solteira, foi exonerado da irregularidade pelo bispo, que lhe concedeu ordens menores, em Tibães, no dia 17 de Março de 1454<sup>3989</sup>.

**João de Paris** – Cónego do mosteiro de Caramos. A 23 de Abril de 1461 João de Paris foi confirmado como pároco da igreja de S. Cristóvão de Candemil<sup>3990</sup>.

**Francisco Anes** – Cónego de São Martinho de Caramos e futuro prior de Freixo. Este “coonigo reglante da Hordem de Santo Agostinho do moesteiro de Caramoros” recebeu ordens de Missa no dia 19 de Dezembro de 1461, em Braga<sup>3991</sup>. A 11 de Maio de 1467 Francisco Anes foi confirmado como abade da igreja de S. Cristóvão de Lordelo e da sua anexa Santa Maria de Vilar Torno<sup>3992</sup>, cargo a que renunciaria em Dezembro de 1492, altura em que já surge identificado como prior do mosteiro de S. Salvador de Freixo<sup>3993</sup>.

**Gomes Rodrigues** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Caramos. Filho de Rodrigo Afonso e de Maria Martins, sua mulher, moradores na freguesia de São Martinho de Caramos, da diocese de Braga. Recebe ordens menores, em Braga, no dia 18 de Dezembro de 1462<sup>3994</sup>.

---

<sup>3985</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.147; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>3986</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.160v°; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.758.

<sup>3987</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.3; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.141.

<sup>3988</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 26, fl.1v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.207.

<sup>3989</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 28, fl.8; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.215.

<sup>3990</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.215v°; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, p.759.

<sup>3991</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 6, fl.23; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.354.

<sup>3992</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.[253v°]; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.759.

<sup>3993</sup> A.D.B. - Registo Geral 330, *Censual de D. Jorge da Costa*, fl.82; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.734.

<sup>3994</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 8, fl.24; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.373.

**Pedro Rodrigues** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Caramos. Segundo D. Nicolau de Santa Maria Pedro Rodrigues era, em 1503, vigário da igreja de Constantim<sup>3995</sup>, do padroado do mosteiro de Caramos, o que por inerência significa, à partida, que se trata de um cónego do mosteiro.

**Francisco Vasques** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Caramos. Encontrava-se entre a comunidade monástica de Caramos em 1528 aquando da visitação de Baltasar Álvares, ordenando-lhe o visitador que deixasse o mosteiro para residir na sua vigairaria, para não ocupar aí o lugar que outro cónego pudesse fazer com mais diligência para o mosteiro<sup>3996</sup>.

**Afonso Martins**<sup>3997</sup> – Cónego do mosteiro de São Martinho de Caramos. Era um dos quatro cónegos que integravam a comunidade de Caramos em 1528, numa altura em que já era velho, motivo pelo qual o visitador o dispensou de aprender a cantar<sup>3998</sup>.

### **2.1.6. - S. Martinho de Crasto (c. Ponte da Barca)**

**Domingos Esteves** – Cónego de S. Martinho de Crasto. Em 1282 surge como procurador do mosteiro na contenda que envolvia o concelho de Santarém, o arcediogo de Viseu, Lourenço Esteves de Fermoselhe, e o mosteiro de S. Martinho de Crasto a propósito da lezíria da Atalaia<sup>3999</sup>. Desconhecemos a data do seu falecimento, mas é de admitir que ainda tenha acompanhado a entrada da centúria de trezentos.

**Durão Peres**<sup>4000</sup> – Provável cónego de S. Martinho de Crasto. Surge referenciado na carta de sentença que D. Afonso IV deu, a 24 de Julho de 1335, respeitante às jurisdições do couto do mosteiro de S. Martinho de Crasto, sendo aí identificado como procurador do mosteiro<sup>4001</sup>. Apesar de nesse processo de inquirição aparecer somente

---

<sup>3995</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. VI, pp.298-299, faz referência a esta igreja dizendo que ela foi doada ao mosteiro de Caramos por D. Afonso Henriques em 1154 e confirmada por D. Dinis em 1321.

<sup>3996</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, in *Bracara Augusta*, Vol. XLI, Ns. 91/92 (104/105), Anos de 1988-89, pp.133.

<sup>3997</sup> Ao elaborar a transcrição o Autor deixa em nota que aparece apenas “A” pelo que poderá tratar-se de António ou Álvaro.

<sup>3998</sup> Soares, Franquelim Neiva, “Os mosteiros da Comarca de Entre Douro e Lima em 1528”, in *Bracara Augusta*, Vol. XLI, Ns. 91/92 (104/105), Anos de 1988-89, pp.133.

<sup>3999</sup> *O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 125-132; Marques; Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto: Subsídios para a sua história na Idade Média”, in *Subsídios para a História da Terra da Nóbrega e do Concelho de Ponte da Barca*, Vol. II, Ponte da Barca, Centro Cultural Frei Agostinho da Cruz e Diogo Bernardes, 1998, pp.64-70.

<sup>4000</sup> Poderá ser Durão Vaz (“Duram Vaz”), como surge na transcrição do documento que integra a Chancelaria de D. Afonso IV (cf. *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, p.55) mas como o original utilizado nessa edição parece apresentar algumas dificuldades de leitura, será porventura mais fiável seguirmos a pública forma do século XVII, transcrita por Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.74 (Doc. 20 do Apêndice), que apesar de algumas variações, não se desvia substancialmente do espírito do texto da *Chancelaria*, sendo que o nome do procurador que surge aí é “Durão Peres”.

<sup>4001</sup> Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.74-75 (Doc. 20 do Apêndice).

designado como cónego e apesar de não termos outros dados que possam comprovar a sua ligação religiosa também não podemos deixar de considerar tal possibilidade.

**João Afonso** – Cónego de S. Martinho de Crasto. Por carta de 31 de Julho de 1357 o embaixador Álvaro Sugério, solicita ao papa Inocêncio VI a dispensa de ilegitimidade do cónego João Afonso, em virtude de este ser filho de monge e mulher solteira, bem como a possibilidade de vir a receber benefícios eclesiásticos<sup>4002</sup>.

**Gonçalo Martins** – Cónego e prior claustral do mosteiro de São Martinho de Crasto. A 14 de Julho de 1419 surge como prior crasteiro do mosteiro de São Martinho de Crasto, figurando como um dos subscritores da procuração que a comunidade conventual de S. Martinho passou ao deão de Braga, Álvaro Martins, para que os representasse na eleição do futuro prior<sup>4003</sup>.

**Afonso Anes** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. Aparece referenciado como cónego da instituição a 14 de Julho de 1419, passando, juntamente com o restante convento, uma procuração a Álvaro Martins, deão da Sé de Braga, para que este, em seus nomes, assumisse a indigitação do futuro prior<sup>4004</sup>.

**Afonso Lourenço** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. Trata-se de um dos religiosos que a 14 de Julho de 1419 subscreve uma procuração a delegar plenos poderes em Álvaro Martins, deão de Braga, para que este eleja, em nome da comunidade regrante de Crasto, o futuro prior do mosteiro<sup>4005</sup>.

**Gil Lopes** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. Aparece referenciado a 14 de Julho de 1419, sendo um dos subscritores da procuração que a comunidade conventual de S. Martinho passou ao deão de Braga, Álvaro Martins, para que os representasse na eleição do futuro prior<sup>4006</sup>.

**Gonçalo Fernandes** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. Já integrava a comunidade conventual de Crasto a 14 de Julho 1419, sendo um dos cónegos que subscreve a procuração que permite ao deão de Braga, Álvaro Martins, apresentar o próximo prior-mor<sup>4007</sup>.

**Gonçalo Vasques** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. Aparece referenciado a 14 de Julho de 1419, sendo um dos subscritores da procuração que a

---

<sup>4002</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.319.

<sup>4003</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>4004</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>4005</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>4006</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>4007</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

comunidade conventual de S. Martinho passa ao deão de Braga, Álvaro Martins, para que este os represente na eleição do futuro prior<sup>4008</sup>.

**Lopo Afonso** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. A 14 de Julho de 1419, juntamente com a restante comunidade, constitui Álvaro Martins, deão bracarense, como seu legítimo procurador para apresentar o futuro prior de S. Martinho de Crasto<sup>4009</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Lopus Alfonsi canonicus presbiter de Sancto Martino de Crasto” a 8 de Julho mas sem a habitual indicação do ano<sup>4010</sup>.

**Lourenço Anes** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. Aparece referenciado a 14 de Julho de 1419, sendo um dos subscritores da procuração que a comunidade conventual de S. Martinho passou ao deão de Braga, Álvaro Martins, para que os representasse na eleição do futuro prior<sup>4011</sup>.

**Frei Gonçalo Nunes de Barros** – Cónego regente do mosteiro de São Martinho de Crasto<sup>4012</sup>. Após a saída do prior Lourenço Esteves para Vila Nova de Muia, foi eleito, em Outubro de 1435, prior do mosteiro de Crasto<sup>4013</sup>.

**Álvaro Anes** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. As únicas referências que lhe conhecemos são-nos dadas pelos registo de matrículas de Ordens, onde surge identificado apenas como abade da igreja de S. Romão de Nogueira ou S. Romão da Nóbrega, designação muito linear que não nos permite confirmar a sua ligação ao mosteiro de Crasto, mas somente aventar essa possibilidade assente apenas no facto de essa igreja ser do padroado do mosteiro. Assim, a 22 de Maio de 1445, Álvaro Anes recebe ordens de Epístola, em Braga<sup>4014</sup>. No ano seguinte, mais concretamente a 12 de Março e a 12 de Abril, são-lhe concedidas, respectivamente, ordens de Evangelho e Missa<sup>4015</sup>. Deverá ter-se mantido à frente desta paróquia até Abril de 1455, uma vez que no dia 10 desse mês é confirmado Gonçalo Domingues como pároco de S. Romão da Nóbrega<sup>4016</sup>.

---

<sup>4008</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>4009</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>4010</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.111.

<sup>4011</sup> A.D.B. - Colecção Cronológica, Caixa 21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.760; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, pp.77-80 (Doc. 23 do Apêndice).

<sup>4012</sup> O registo da sua confirmação para prior do mosteiro de S. Martinho de Crasto revela tratar-se de um “coonego reglante do dicto moesteiro” (cf. A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63v.; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.80 (Doc. 25 do Apêndice)).

<sup>4013</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.63v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.80 (Doc. 25 do Apêndice).

<sup>4014</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 9, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.62.

<sup>4015</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fls.6,9; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, pp.68,71.

<sup>4016</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.191; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725.



**Gonçalo Domingues** – Provável cónego do mosteiro de Crasto. Era cónego do mosteiro de Bravães, quando este foi extinto a 13 de Fevereiro de 1434<sup>4017</sup>. É muito provável que com a redução do mosteiro de Bravães a igreja secular este religioso tenha sido acolhido no vizinho mosteiro de Crasto. Concorre para este raciocínio o facto de Gonçalo Domingues ter sido confirmado, a 10 de Abril de 1455 como pároco de S. Romão da Nóbrega<sup>4018</sup>, igreja da apresentação deste mosteiro.

**Vasco Gomes** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto e seu futuro prior. Com o falecimento do prior Gonçalo Nunes de Barros foi eleito e confirmado, em 1453, como prior-mor de S. Martinho de Crasto<sup>4019</sup>.

**Gonçalo Anes** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. A 7 de Maio de 1515 era prior claustral de S. Martinho de Crasto, dia em que os delegados régios, Rui Fernandes, corregedor de Entre Douro e Minho, e Marçal Vasques, clérigo de Braga e notário público por autoridade apostólica, compareceram no mosteiro para receberem os rendimentos em que a instituição tinha sido taxada para as novas comendas de Cristo<sup>4020</sup>.

**Gomes Gonçalves** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Crasto. A 7 de Maio de 1515 integrava a comunidade monástica de Crasto, surgindo referenciado como cónego<sup>4021</sup>.

#### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Álvaro Esteves** – Cónego de S. Martinho de Crasto. Um obituário de S. Vicente de Fora refere o falecimento de “Alvarus Estephanus presbiter canonicus Sancti Martini de Crasto” a 27 de Abril, mas sem a respectiva indicação do ano<sup>4022</sup>.

**Álvaro Peres/Álvaro Pires** – Provável cónego e prior claustral do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Alvarus Petri prior clastalis canonicus Sancti Martini” a 26 de Abril, mas sem qualquer referência ao ano do óbito<sup>4023</sup>. Como o mosteiro a que pertencia este religioso é apenas referido pelo orago, significa que poderemos estar na presença de um cónego de Caramos, Crasto ou Mancelos, casas cujo patrono era S. Martinho, embora a possibilidade mais forte nos pareça o mosteiro de Crasto, pelo simples facto de neste Obituário não haver qualquer assento respeitante aos mosteiros de S. Martinho de Mancelos e Caramos, enquanto que para Crasto existem vários registos.

---

<sup>4017</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.49v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725.

<sup>4018</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.191; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725.

<sup>4019</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.180-180v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.761; Marques, Maria Alegria Fernandes, “Mosteiro de S. Martinho de Crasto...”, 1998, p.81 (Doc. 26 do Apêndice).

<sup>4020</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>4021</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>4022</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.84.

<sup>4023</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.84.

**Domingos Colaço** – Cónego do mosteiro de Crasto. “Dominicus Colaço canonicus Sancti Martini de Clasto” surge referenciado num obituário de S. Vicente de Fora, registando-se aí o seu falecimento a 29 de Agosto mas sem qualquer alusão ao ano do óbito<sup>4024</sup>.

**Fernão Gil/Fernando Gil** – Cónego do mosteiro de S. Martinho de Crasto. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o “obiit Fernandus Egydii canonicus Sancti Martini de Clasto” a 10 de Abril mas sem mencionar o ano do falecimento<sup>4025</sup>.

### **2.1.7. - São Martinho de Mancelos (c. Amarante)**

**João Martins** – Cónego do mosteiro de Mancelos. A 13 de Fevereiro de 1294 é referenciado como cónego de Mancelos, dia em que se encontrava no mosteiro de S. Simão da Junqueira onde testemunhou um empenhamento aí efectuado<sup>4026</sup>. É provável que ainda integrasse a comunidade monástica no início do séc. XIV.

**Pedro Martins** - Cónego de S. Martinho de Mancelos. A 27 de Abril de 1305 é-lhe passada uma procuração para que pudesse representar o mosteiro numa permuta de propriedades com o rei D. Dinis<sup>4027</sup>. Esse escambo acabou por se realizar a 31 de Agosto de 1305 mas o seu nome não é aí referenciado, sendo o mosteiro representado por um outro cónego, de nome Martim Pires, religioso que também é constituído como procurador no documento que estabelece os representantes do mosteiro com poderes para realizarem este negócio. Não sabemos se entretanto faleceu, se não chegou a viajar, ou se pura e simplesmente o seu nome foi omitido do registo da transacção.

**Martim Pires/Martim Peres/Martinho Pires/Martinho Peres** - Cónego de S. Martinho de Mancelos. A 31 de Agosto de 1305 encontrava-se em Lisboa, em representação do seu mosteiro, realizando um escambo com o rei D. Dinis, cedendo o mosteiro os herdamentos e o hospital que tinham em Vila Ruiva de Malcabrão, no bispado de Évora, em troca de dois casais que o rei possuía no couto de Vilela e da igreja de S. Nicolau de Cabeceiras de Basto<sup>4028</sup>. A procuração que o nomeava como legítimo representante da instituição neste negócio foi feita no mosteiro de Mancelos, no dia 27 de Abril de 1305<sup>4029</sup>.

**Miguel Martins** – Provável cónego de S. Martinho de Mancelos. Aparece como testemunha numa procuração que lavrada no mosteiro de Mancelos, a 27 de Abril de 1305, surgindo aí referenciado apenas como “Migueel Martiiz do moesteyro de Mancelos”<sup>4030</sup>. Apesar de ser inequívoca a sua ligação ao mosteiro não temos qualquer

<sup>4024</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.129.

<sup>4025</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.77.

<sup>4026</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.48vº-49; Lira, Sérgio, *O mosteiro de S. Simão da Junqueira*, Vol. II (Colecção Documental), Vila do Conde, Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002, p.325 (doc.308).

<sup>4027</sup> *O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 84-85.

<sup>4028</sup> *O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 83-87.

<sup>4029</sup> *O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 84-85.

<sup>4030</sup> *O Livro das Lezírias D’El Rei Dom Dinis*, transcrição, estudo introdutório e notas de Bernardo de Sá Nogueira, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2003, p.85.

outro elemento que nos possa comprovar que se trata, efectivamente, de um religioso desta canónica embora tal possibilidade nos pareça muito forte.

**Martim Martins/Martinho Martins** – Cónego do mosteiro de Mancelos. A 9 de Setembro de 1310, uma Quarta-feira, encontrava-se no mosteiro de Arouca onde testemunhou o acordo feito entre D. Maria Esteves, abadessa de Arouca com Vasco Gonçalves e sua esposa a propósito dos bens que ficaram ao mosteiro da parte da monja D. Sancha Gomes<sup>4031</sup>.

**Gonçalo Lourenço** – Cónego e prior claustral de Mancelos. Temos registo da sua acção em Agosto de 1361, logo após o falecimento do prior Afonso Lourenço, dando seguimento às diligências legais e necessárias para o preenchimento da cadeira prioral vagante, avisando o papa da indigitação do novo prior e formulando ao pontífice o pedido da sua confirmação<sup>4032</sup>.

**João Martins** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. Integrava a comunidade de Mancelos em Agosto de 1361<sup>4033</sup>.

**João Durães** – Cónego de Mancelos. “Johanne Durandi” fazia parte da comunidade conventual de Mancelos em Agosto de 1361<sup>4034</sup>.

**Domingos Anes** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. É um dos doze elementos que constituíam o convento de S. Martinho de Mancelos em Agosto de 1361<sup>4035</sup>.

**Gonçalo Peres** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. A 24 de Agosto de 1361 “Gunsalvo Petri” já fazia parte da comunidade regrante de Mancelos<sup>4036</sup>.

**Vasco Martins** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. Integrava a comunidade de Mancelos em Agosto de 1361<sup>4037</sup>.

**Afonso Anes** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. “Alphonso Johannis” é referenciado em documento de 24 de Agosto de 1361 como cónego regular de S. Martinho de Mancelos<sup>4038</sup>.

**João Afonso** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. Já se encontrava entre a comunidade regrante de Mancelos em Agosto de 1361<sup>4039</sup>.

**João Anes** – Cónego de S. Martinho de Mancelos e futuro prior. Era cónego regrante do mosteiro de Mancelos tendo ascendido, em Agosto de 1361, ao cargo de prior principal

---

<sup>4031</sup> Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca*, vol. II, 2003, p.230 (Doc. 135 do Apêndice Documental).

<sup>4032</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I (Súplicas dos pontificados de Clemente VI, Inocêncio VI e Urbano V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Roma-Porto, Livraria Editorial Franciscana, 1968, pp.399-401.

<sup>4033</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4034</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4035</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4036</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4037</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4038</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4039</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

da comunidade por indicação de Gomes Pais, cónego da Sé de Braga, a quem a comunidade conventual tinha incumbido de indicar o novo prior, sucedendo assim a Afonso Lourenço, último titular do cargo<sup>4040</sup>. Aí se diz que o religioso “Johannem Johannis” era “virum utique providum et discretum, in regula sui ordinis eruditum et dicti monasterii expresse professum”<sup>4041</sup>, ou seja reunia todas as condições para o cargo uma vez que além de cónego professo da instituição era um homem prudente, discreto, sábio e conhecedor da Regra de Santo Agostinho.

**Martim Gonçalves/Martinho Gonçalves** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. Encontra-se entre os doze elementos que constituíam a comunidade conventual de Mancelos em Agosto de 1361<sup>4042</sup>.

**Afonso Martins** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. Em documento de 24 de Agosto de 1361 “Alfonso Martini” já surge referenciado como cónego regrante de S. Martinho de Mancelos<sup>4043</sup>.

**Martim Martins II/Martinho Martins II** – Cónego de S. Martinho de Mancelos. Integrava a comunidade de Mancelos em Agosto de 1361<sup>4044</sup>. Apesar de nos parecer muito pouco provável poderá admitir-se a hipótese de se tratar do mesmo cónego já identificado em 1310, o que seria certamente um caso de excepcional longevidade.

**João Gonçalves** – Provável cónego de Mancelos e futuro prior do mosteiro. Não temos nenhuma prova documental que o coloque entre a comunidade regrante de Mancelos, mas é muito provável que antes de ascender ao priorado fosse um dos religiosos desta comunidade. Sendo esta situação extremamente habitual há ainda um outro indício que poderá entender-se nesse mesmo sentido. É que numa carta de legitimação de 12 de Novembro de 1415, em que lhe são legitimados dois filhos, “Joham Gonçallvez” além de ser identificado como prior do mosteiro surge também a indicação de que este prior era “frade profeso”<sup>4045</sup>. Mesmo não surgindo aí qualquer referência ao mosteiro onde professou é presumível que se trate de S. Martinho de Mancelos. De qualquer modo, e comprovadamente, só temos conhecimento da sua ligação a esta instituição na sua qualidade de prior, cargo que João Gonçalves já ocupava em 1398<sup>4046</sup>.

**Gonçalo Peres** – Cónego de Mancelos e futuro prior do mosteiro. Era cónego do mosteiro e com o falecimento do prior João Gonçalves foi eleito canonicamente, para o priorado, no entanto tal eleição não obteve o necessário reconhecimento eclesiástico porque entretanto foi nomeado um cónego de Santa Maria de Oliveira para o priorado, registando-se então uma contenda entre os dois cónegos, disputa de que já há notícia a 30 de Dezembro de 1426<sup>4047</sup>.

**Pedro Anes** – Provável cónego de Mancelos. Era filho de presbítero e natural da freguesia de S. Martinho de Mancelos, da diocese de Braga recebendo, após a

---

<sup>4040</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, pp.399-401.

<sup>4041</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.399.

<sup>4042</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4043</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4044</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.400.

<sup>4045</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, p.195.

<sup>4046</sup> *Synodicon Hispanum*, 1982, p.60.

<sup>4047</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 162-164; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.762-763.

necessária dispensa eclesiástica, ordens menores, no dia 15 de Abril de 1430, em Braga<sup>4048</sup>.

**João Afonso** – Cónego de S. Martinho de Mancelos e futuro prior de Oliveira. Sabemos apenas que era cónego do mosteiro de Mancelos através do seu registo de confirmação no priorado de Santa Maria de Oliveira, mosteiro onde foi confirmado por D. Fernando da Guerra, a 20 de Janeiro de 1435<sup>4049</sup>.

**João Anes** – Cónego regrante do mosteiro de Mancelos. A 7 de Março de 1444 encontrava-se em Braga onde recebe as ordens de Epístola<sup>4050</sup>. Com autorização do seu maior desloca-se novamente a Braga onde, a 28 de Março de 1444, obtém ordens de Evangelho<sup>4051</sup> e a 19 de Setembro de 1444 são-lhe conferidas, nessa mesma cidade, ordens de Missa<sup>4052</sup>.

**Frei Rodrigo** - Cónego do mosteiro de Mancelos da Ordem de Santo Agostinho. A 28 de Março de 1444 recebe ordens menores, em Braga<sup>4053</sup>. Trata-se muito provavelmente do mesmo religioso deste mosteiro que receberá ordens de Epístola em Abril de 1446 mas aí é referenciado como Rodrigo Garcia.

**Rodrigo Garcia** - Cónego do mosteiro de Mancelos da diocese de Braga. A 2 de Abril de 1446 recebe ordens de Epístola, em Braga<sup>4054</sup>. Há grandes probabilidades de estarmos na presença do religioso que recebe ordens menores em Braga a 28 de Março de 1444, no entanto aí aparece apenas identificado como Frei Rodrigo, pelo que, e até ao aparecimento de elementos que permitam esclarecer devidamente a sua identidade, assumimos que estamos perante dois indivíduos diferentes.

**Rui Fernandes** - Cónego do mosteiro de São Martinho de Mancelos da diocese de Braga. A 9 de Março de 1448 recebe ordens de Evangelho, em Braga<sup>4055</sup>. A 21 de Setembro de 1448 são-lhe concedidas, também em Braga, ordens de Missa<sup>4056</sup>.

**Gonçalo Afonso** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Mancelos. Filho de Afonso Anes e de sua mulher, Isabel Afonso, da freguesia de São Martinho, do mosteiro de Mancelos, da diocese de Braga. A 19 de Março de 1451 recebe ordens

---

<sup>4048</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 1, fl.1v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.14.

<sup>4049</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.58vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.744; Bastos, Maria Rosário da Costa, *Santa Maria de Oliveira - Um domínio monástico...*, 1996, p.65.

<sup>4050</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.3; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.31.

<sup>4051</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.9; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.35.

<sup>4052</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.23; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.43.

<sup>4053</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.7v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.34.

<sup>4054</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.8; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.70.

<sup>4055</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 17, fl.4; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.104.

<sup>4056</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 18, fl.2v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.815; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.110.

menores, em Braga<sup>4057</sup>, cidade onde cerca de seis anos depois, mais concretamente a 11 de Junho de 1457, obteve ordens de Epístola<sup>4058</sup>. No dia 21 de Março de 1461, surge novamente em Braga, onde lhe são atribuídas ordens de Evangelho<sup>4059</sup>, cidade onde também lhe seriam conferidas, a 4 de Abril de 1461, ordens de Missa<sup>4060</sup>.

**Vasco Martins** – Provável cónego do mosteiro de São Martinho de Mancelos. Filho de Martim Martins e de sua mulher, Margarida Vasques, da freguesia de Mancelos, da diocese de Braga. A 26 de Maio de 1453 recebe ordens menores, em Braga<sup>4061</sup> e a 27 de Março de 1456 alcança, também na cidade bracarense, as ordens de Epístola<sup>4062</sup>.

**João Fernandes** – Cónego regrante do mosteiro de Mancelos, da ordem de Santo Agostinho, da diocese de Braga. A 26 de Maio de 1453 recebe, com autorização do seu maior, ordens de Missa, em Braga<sup>4063</sup>.

**Gonçalo Vasques** – Cónego regrante do mosteiro de Mancelos e prior do mosteiro de Souto. Sabemos que era cónego deste mosteiro porque foi colocado e confirmado, a 17 de Abril de 1454, no priorado do mosteiro de S. Salvador de Souto pelo arcebispo de Braga, em virtude de este se encontrar vago por morte do seu último prior, Pedro Nogueira<sup>4064</sup>. É provável que tenha regressado a Mancelos tendo em conta que renunciou ao cargo logo no mês de Junho seguinte<sup>4065</sup>.

**Gonçalo Fernandes** – Cónego professo do mosteiro de Mancelos da Ordem de Santo Agostinho da diocese de Braga. Filho de Fernão Gomes e de sua mulher, Inês Martins, moradores em Resende<sup>4066</sup>. A 18 de Setembro de 1456 recebe ordens de Epístola, em Braga<sup>4067</sup>. Com a respectiva licença do seu prior é submetido e obtém ordens de Evangelho, em Braga, no dia 16 de Abril de 1457<sup>4068</sup>.

---

<sup>4057</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.19; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.153.

<sup>4058</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.60v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.298.

<sup>4059</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 3, fl.4; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.326.

<sup>4060</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.12; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.332.

<sup>4061</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 26, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.207.

<sup>4062</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.27-a; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.269.

<sup>4063</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 26, fl.4; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.210.

<sup>4064</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.183; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.730.

<sup>4065</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.184; Marques, José, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.730.

<sup>4066</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.36.

<sup>4067</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.36; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.278.

<sup>4068</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.56; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.294.

**Gonçalo Álvares** - Cónego do mosteiro de São Martinho de Mancelos. A 4 de Abril de 1461 recebe ordens menores, em Braga<sup>4069</sup>. No dia 30 de Maio de 1461 aparece referenciado como cónego professo do mosteiro de Mancelos e recebe, em Braga, ordens de Epístola<sup>4070</sup>. Muito provavelmente recebeu numa outra diocese as ordens de Evangelho, ou pelo menos não o detectamos entre as Matrículas de Braga. Temos notícia sim é da imposição das ordens de missa a este cónego, que ocorreu em Braga, no dia 21 de Dezembro de 1465<sup>4071</sup>.

**Francisco Anes** – Cónego do mosteiro de São Martinho de Mancelos. Por carta de 20 de Junho de 1488 foi-lhe legitimado um filho, de nome Gonçalo, fruto de uma relação com Maria Anes, mulher solteira<sup>4072</sup>.

**João Martins** – Cónego e prior claustral do mosteiro de Mancelos. A 2 de Junho de 1500 D. Manuel legitima a João Martins, prior claustral do mosteiro de Mancelos e clérigo de missa, um filho, de nome João Anes, resultante da sua ligação com Senhorinha Martins<sup>4073</sup>.

**Gonçalo Martins** – Cónego do mosteiro de Mancelos. A 18 de Dezembro de 1492 já era cónego regrante do mosteiro de Mancelos, dia em que foi confirmado na igreja de S. Cristóvão de Lordelo, vaga por renúncia de D. Francisco Anes, prior do mosteiro de S. Salvador de Freixo<sup>4074</sup>. Gonçalo Martins ainda se mantinha entre a comunidade regrante de Mancelos a 3 de Junho de 1515, altura em que se deslocaram ao mosteiro os emissários régios para aplicar a taxaçaõ referente às comendas novas da Ordem de Cristo<sup>4075</sup>.

**Gonçalo Fernandes II** – Cónego e prior claustral do mosteiro de Mancelos. A 3 de Junho de 1515 já surge identificado como prior claustral de Mancelos<sup>4076</sup>.

**Garcia Rodrigues** – Cónego do mosteiro de Mancelos. A 3 de Junho de 1515 Garcia Rodrigues é referenciado como cónego regrante de Mancelos<sup>4077</sup>.

**João Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Mancelos. João Gonçalves encontrava-se entre a comunidade regrante de Mancelos a 3 de Junho de 1515, dia em que se deslocaram ao mosteiro os emissários régios para aplicar a taxaçaõ referente às

---

<sup>4069</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.9; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.330.

<sup>4070</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 4, fl.16; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.336.

<sup>4071</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 7, fl. 28; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816.

<sup>4072</sup> Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1015.

<sup>4073</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 1, fl.71; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.1015; Teixeira, Carla Maria de Sousa Amorim, *Moralidade e costumes...*, 1996, p.43.

<sup>4074</sup> A.D.B. - Registo Geral 330, *Censual de D. Jorge da Costa*, fl.82.

<sup>4075</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>4076</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>4077</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

comendas novas da Ordem de Cristo, cabendo a este mosteiro o pagamento de 120 ducados de ouro<sup>4078</sup>.

**Dinis Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Mancelos. Dinis Gonçalves era um dos religiosos que a 3 de Junho de 1515 integrava o convento de S. Martinho de Mancelos<sup>4079</sup>.

### **2.1.8. - São Miguel de Vilarinho (c. Santo Tirso)**

**João Lourenço** – Cónego e procurador do mosteiro de Vilarinho. Filho de Lourenço Peres, já falecido em 1287<sup>4080</sup>. Era natural da região, muito provavelmente da freguesia de S. Fausto, onde, nesse ano de 1287, trazia os casais de Veando e de Lamatida<sup>4081</sup>. Por causa desta última propriedade viu-se envolvido numa contenda com Domingos Martins correiro, vizinho de Guimarães, conforme revela sentença de 21 de Março de 1296, dada por Fernão Anes, juiz de Guimarães<sup>4082</sup>. A partir de 1290 aparece como procurador do mosteiro, surgindo nesse ano, em Guimarães, a receber, em nome da instituição, uma casa na rua Sapateira<sup>4083</sup>. Em 1296 aparece novamente em representação da instituição, numa contenda com os herdeiros de João Martins, antigo clérigo de Vilarinho<sup>4084</sup>, que não estavam a cumprir as determinações testamentárias desse clérigo que mandava entregar ao mosteiro, anualmente, um maravedi pelo S. João Baptista<sup>4085</sup>. Em documento datado de 19 de Junho de 1300, surge de novo referenciado como procurador do mosteiro<sup>4086</sup>. É muito provavelmente o “Johannis Laurencii canonicus de Vilarinho” que é recordado num obituário de S. Jorge de Coimbra, celebrando-se aí o seu aniversário a 22 de Janeiro, não se registando, no entanto, qualquer indicação ao ano do seu falecimento<sup>4087</sup>.

**Mateus Martins** - Cónego do mosteiro de Vilarinho. Mateus Martins é identificado como cónego de S. Miguel de Vilarinho em instrumento datado a 23 de Outubro de 1287<sup>4088</sup>. É muito provável que ainda integre a comunidade monástica no início do séc. XIV. Apenas sabemos, através de um registo do Obituário de S. Jorge que “Mateus

---

<sup>4078</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>4079</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>4080</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.146.

<sup>4081</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.146.

<sup>4082</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.157.

<sup>4083</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.31; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.152.

<sup>4084</sup> Este clérigo de Vilarinho ainda era referenciado como capelão do mosteiro em Outubro de 1287 (cf. IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.147).

<sup>4085</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.35; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.158.

<sup>4086</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.40; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.163.

<sup>4087</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34vº.

<sup>4088</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.147.



Martini canonicus de Vilarinho” faleceu a 21 de Janeiro, não constando aí o ano do óbito<sup>4089</sup>.

**Lourenço Soares** - Cónego do mosteiro de Vilarinho e seu prior claustral. Em instrumento lavrado a 23 de Outubro de 1287, no mosteiro de Vilarinho, Lourenço Soares surge identificado como prior claustral<sup>4090</sup>. Desconhecemos até quando se manteve entre esta comunidade regrante, de qualquer modo deverá ser o religioso mencionado num Obituário de S. Jorge de Coimbra que regista o passamento de “Laurentius Soarii canonicus Vilarino” a 23 de Maio, não havendo aí, no entanto, qualquer referência ao ano do óbito<sup>4091</sup>.

**Martim Esteves** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. “Martim Stevaens frade de Villarinho” encontrava-se no mosteiro de Roriz a 27 de Março de 1295, onde testemunhou um emprazamento aí efectuado<sup>4092</sup>. É provável que se mantenha entre a comunidade de S. Miguel de Vilarinho no início do séc. XIV. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Martinus Stephanii canonicus de Villarino” a 25 de Julho, não sendo, no entanto, aí identificado o ano do óbito<sup>4093</sup>. É bastante provável que tal registo seja respeitante a este religioso.

**Domingos Domingues** – Cónego e procurador do mosteiro de Vilarinho. A 8 de Outubro de 1308 encontra-se em Guimarães em representação do seu mosteiro, comparecendo perante Pedro Salgado, tabelião de Guimarães para efectuar um escambo. O mosteiro cedeu a Martim Gomes e a sua mulher Margarida Esteves o campo de Bacelar e uma renda anual em géneros, recebendo em troca o campo de Sobre o Outeiro<sup>4094</sup>. Em 1310 voltamos a encontrá-lo no exercício das suas funções de procurador, numa contenda, envolvendo direitos de águas, que opôs S. Miguel de Vilarinho ao mosteiro de Santo Tirso<sup>4095</sup>. A 12 de Junho de 1328 ainda fazia parte da comunidade regrante de S. Miguel de Vilarinho, testemunhando nesse dia a doação que Domingas Martins de Negrelos fez ao cónego João Anes, religioso desse mesmo mosteiro de Vilarinho<sup>4096</sup>. A 4 de Janeiro de 1339 desloca-se à quinta da Ramada, juntamente com D. Martim Vila Nova, prior do mosteiro, e um outro cónego da comunidade, onde é alcançado um acordo com o escudeiro João Rodrigues Ferraz, que não pagava as rendas respeitantes às herdades que o mosteiro tinha nessa quinta<sup>4097</sup>. O escudeiro comprometeu-se a abrir mão dessas herdades e o facto é que a 28 de Novembro de 1341, Pedro Esteves, representante de Afonso Domingues, corregedor de Entre Douro e Minho, meteu em posse do prior de Vilarinho, D. Lourenço Esteves, e do convento desse mosteiro, representado por Domingos Domingues, seu cónego e

---

<sup>4089</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34vº.

<sup>4090</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.147.

<sup>4091</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.18vº.

<sup>4092</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19.

<sup>4093</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.25vº.

<sup>4094</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.6; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.170.

<sup>4095</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.7; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.172.

<sup>4096</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.32; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.187.

<sup>4097</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.42; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.197-199.

procurador, todas as herdades que o mosteiro detinha na Quinta da Ramada<sup>4098</sup>. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Dominicus Dominici canonicus Sancti Michaelis de Vilarino” a 13 de Junho mas sem referenciar o ano do óbito<sup>4099</sup>.

**João Anes** – Cónego do mosteiro de Vilarinho e seu prior claustral. O seu nome surge entre as testemunhas de um instrumento de venda, celebrado em Guimarães, a 11 de Agosto de 1318, pelo qual Maria Martins vendeu a Domingas Martins do Ribeiro o herdamento que tinha no Ribeiro, na freguesia de S. Mamede<sup>4100</sup>. No dia 15 de Janeiro de 1321 encontra-se novamente em Guimarães, onde figura como testemunha de uma outra venda de propriedades localizadas em Pomares, na freguesia de Santa Eulália de Barrosas<sup>4101</sup>. Este religioso recebe a 12 de Junho de 1328 os herdamentos que pertenciam a Domingas Martins de Negrelos, sua prima, localizados Entre Douro e Minho, estipulando-se aí as missas que o prior crasteiro lhe deveria mandar dizer, determinando inclusivamente que só o prior claustral gerisse essas propriedades<sup>4102</sup>. Esta indicação específica ao cargo é um forte indício de que João Anes já ocupava tal posição no seio da comunidade. De facto um documento datado de 20 de Novembro de 1328 confirma que João Anes era o *priol castreyro*. Trata-se de uma procuração que o convento passou ao prior do mosteiro, também chamado João Anes, dando-lhe poder de representatividade para, em seu nome e no do convento do mosteiro, intervir numa contenda que os opunha a Martim Peres e Gonçalo Peres, testamenteiros de Sancha Gil, que não estavam a cumprir as cláusulas testamentárias e das quais o mosteiro era beneficiário<sup>4103</sup>. A 6 de Abril de 1329 João Anes surge novamente como testemunha numa venda de propriedades entre alguns dos seus familiares directos. Desta feita é Martim Mateus, morador em Negrelos, e sua mulher Domingas Domingues, juntamente com João Gonçalves, morador em Arões, e sua esposa, Domingas Mateus, que vendem a Domingas Martins de Negrelos os bens que tinham em Pomares, freguesia de Santa Eulália de Barrosas<sup>4104</sup>.

**Lourenço Martins** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. A 9 de Julho de 1336 acha-se em Guimarães, nas casas de João Martins, abade de S. Pedro do Monte, local onde se encontrava também, doente, Martim Gonçalves Cinza, abade de S. Romão de Arões, comparecendo aí Francisco Geraldês, tabelião de Guimarães, que leu o testamento do abade de Arões, feito a 29 de Agosto de 1331 e agora confirmado<sup>4105</sup>.

**Fernão Vasques** – Provável cónego do mosteiro de Vilarinho. A 27 de Agosto de 1337 surge em Guimarães, onde é testemunha num documento em que o testamenteiro de

---

<sup>4098</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.1; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.200.

<sup>4099</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.21.

<sup>4100</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.22; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.184.

<sup>4101</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.26; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.185-186.

<sup>4102</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.32; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.187.

<sup>4103</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.33; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.188-190.

<sup>4104</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.191.

<sup>4105</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.38; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.195.

Martim Gonçalves Cinza, abade de S. Romão de Arões, concede a Constança Martins todos os bens que eram desse abade, até que seja cumprido o testamento<sup>4106</sup>. Apesar de aparecer apenas indicado como cónego sem qualquer indicação da casa monástica é muito provável que seja do mosteiro de Vilarinho, embora não seja descabido admitir tratar-se de um cónego da colegiada de Guimarães.

**Domingos Vicente** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. A 4 de Janeiro de 1339 acompanhou o prior do mosteiro à quinta da Ramada, na freguesia de S. Veríssimo de Riba de Vizela, onde foi solucionado o conflito que opunha o mosteiro de Vilarinho ao escudeiro João Rodrigues Ferraz, que não pagava as rendas respeitantes às herdades dessa quinta que pertenciam ao mosteiro<sup>4107</sup>. A 10 de Julho de 1342 encontra-se em Braga onde dá a conhecer a D. João Vicente, cónego de Braga e vigário geral do arcebispo D. Gonçalo Pereira, o teor de uma carta que Afonso Domingues, corregedor de Entre Douro e Minho, enviou ao mosteiro de S. Miguel de Vilarinho proibindo que se dessem quaisquer préstimos e direitos aos padroeiros e naturais do mosteiro<sup>4108</sup>.

**Lourenço Esteves** – Cónego do mosteiro de Vilarinho e futuro prior do mosteiro. Esteve presente, a 4 de Setembro de 1340, no capítulo provincial dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, realizado em Bragança, no mosteiro de S. Francisco<sup>4109</sup>. É muito provável que estivesse aí na condição de prior claustral, no entanto o documento apenas o indica como cónego. A 28 de Novembro de 1341 já aparece referenciado como prior do mosteiro de Vilarinho<sup>4110</sup>.

**Estêvão Gonçalves** – Provável cónego do mosteiro de Vilarinho. Natural do Alto Minho. Pela sua proveniência geográfica poderá admitir-se que tenha sido cónego do mosteiro de S. João de Longos Vales ou de Paderne, no entanto como o documento que o refere está integrado no cartório de Vilarinho parece-nos bastante verosímil a possibilidade de ter pertencido a esta comunidade regrente. De concreto apenas sabemos que a 17 de Setembro de 1350 recebeu por doação de Aparício Domingues, seu tio, todos os bens que este possuía em S. Pedro de Merufe, no concelho de Monção, *para proveimento e mantemento de sas ordees*<sup>4111</sup>.

**Vasco Ciussa** – Provável cónego do mosteiro de Vilarinho. A 10 de Abril de 1351 Vasco Ciussa abriu mão a favor de seu irmão Pedro Martins, cónego de Santa Marinha da Costa, de toda a herdade de Negrelos que tinha sido de sua irmã Constança Martins e de Martim Geraldês Ciussa, bem como do casal de Pedroselo<sup>4112</sup>. Entretanto Pedro Martins faz-lhe doação do casal de Pedroselo com a condição deste reverter novamente para si no caso de Vasco Ciussa falecer primeiro, e se Vasco Ciussa lhe sobrevivesse o

---

<sup>4106</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.39; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.196.

<sup>4107</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.3, Doc.42; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.197-199.

<sup>4108</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.3; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 203-204.

<sup>4109</sup> Martins, Armando Alberto, *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII-XV - História e Instituição*, Tomo II, 1996, Apêndice Documental (sem paginação).

<sup>4110</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.1; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.200.

<sup>4111</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.7; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.205-206.

<sup>4112</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.11, Doc.14.

casal ficaria, como revela o discurso directo utilizado no documento, “ao vosso convento do mosteyro de Vilarinho”<sup>4113</sup>, o que faz pressupor que estamos perante um elemento desta comunidade regrante.

**Martim Anes** – Cónego do mosteiro de Vilarinho e seu prior claustral. Por uma sentença de 10 de Janeiro de 1364 sabemos que foi, em conjunto com João Lourenço, cónego do mosteiro de Vilarinho, o representante do convento numa contenda que os religiosos sustentavam contra o seu prior por causa da adulteração das rações de que estavam a ser vítimas<sup>4114</sup>. A 7 de Setembro de 1366 aparece mencionado como *prior crasteiro*, dia em que, sob a sua supervisão, dois outros religiosos de Vilarinho definem os prazos para liquidação da dívida de 40 libras em que João Lourenço foi condenado a pagar a Afonso Domingues<sup>4115</sup>.

**Marcos Domingues** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. Apenas sabemos que foi religioso de Vilarinho graças a um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra que regista o falecimento de “Marcus Dominici canonicus Villarino” às 17 calendas de Setembro da “Era de mil trezentos e noventa e V annos”<sup>4116</sup>, ou seja a 16 de Agosto do ano de 1357.

**João Lourenço** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. Surge como um dos representantes do convento de Vilarinho na contenda em que os religiosos se envolveram com o prior do mosteiro, acusando-o de desrespeitar a quantidade e qualidade das rações a que tinham direito, acabando o arcebispo de Braga, por lhes dar razão, através de sentença de 10 de Janeiro de 1364<sup>4117</sup>. A 7 de Setembro de 1366 este cónego estabelece com Afonso Domingues, também cónego de Vilarinho, os prazos para o pagamento de 40 libras, a que uma sentença do arcebispo de Braga o condenara por causa de um cálice<sup>4118</sup>. Não sabemos em concreto o que aconteceu de qualquer modo a sentença foi bastante pesada. Só voltamos a ter notícias suas a 14 de Julho de 1388, dia em que entrega a Lopo Gil, recebedor do bispo de Braga, 30 libras por serviço do prior de Vilarinho, João Gonçalves, referente ao período que venceu na véspera de S. João Baptista desse ano<sup>4119</sup>.

**Afonso Domingues** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. A primeira vez que temos notícia da sua presença no mosteiro de Vilarinho é através de um documento de 7 de Setembro de 1366, elaborado sob o patrocínio do prior claustral, em que se definiram os prazos para o pagamento de 40 libras a que o monge João Lourenço estava obrigado, por sentença do arcebispo de Braga, para com Afonso Domingues<sup>4120</sup>.

---

<sup>4113</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.11, Doc.14.

<sup>4114</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.25; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 215-216.

<sup>4115</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.220.

<sup>4116</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.28.

<sup>4117</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.25; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 215-216.

<sup>4118</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.220.

<sup>4119</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.43; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.234.

<sup>4120</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.220.

**Gil Anes/Gil Eanes** – Cónego do mosteiro de Vilarinho e futuro prior claustral. A primeira vez em que é designado cónego de Vilarinho é a 28 de Julho de 1390, dia em que entregou a Lopo Gil, procurador e recebedor do arcebispo de Braga, 100 libras respeitantes aos vodos de cinco almudes de vinho que o mosteiro tinha vendido, referentes ao período anual que terminara pelo S. João Baptista<sup>4121</sup>. Este Gil Anes é certamente o mesmo indivíduo que já estava ligado ao mosteiro em 1376, e que entregou a 27 de Setembro desse ano, a João Fernandes, camareiro do arcebispo de Braga, 15 maravedis referentes a préstimos respeitantes aos anos de 1371, 1372 e 1373, sendo mencionado nesse documento como *homem de Joham Gonçalvez priol de Vilarinho*<sup>4122</sup>. A 4 de Julho de 1404 já surge identificado como “Gill Anes prioll crasteiro do mosteiro de Vilarinho”<sup>4123</sup>. A 8 de Junho de 1410 é constituído procurador-geral do mosteiro<sup>4124</sup>, aparecendo no desempenho dessas funções a 2 de Junho de 1411, comparecendo em Braga perante João Garcia, escolar em direito canónico e vigário geral do arcebispo de Braga, que proferiu sentença contra o escudeiro Afonso Rodrigues Peixoto e sua mulher, Maria Fernandes, acusados de se apoderarem das rendas, foros e sanjoaneiras dos casais da aldeia de Lagoas, situados nas freguesias de Santo Adrião e S. Miguel das Caldas e que pertenciam ao mosteiro de Vilarinho<sup>4125</sup>. A 5 de Janeiro de 1435, certamente na sua qualidade de prior crasteiro, embora o documento o refira apenas como *coonigo*, colocou em posse do mosteiro o seu novo prior, D. Vasco Martins, dando sequência à confirmação que o arcebispo de Braga fizera da sua eleição<sup>4126</sup>. A 23 de Janeiro de 1437 encontrámo-lo em Godim, na freguesia de S. João da Portela, na qualidade de procurador do mosteiro, acompanhando o seu prior, D. Vasco Martins de Pombeiro, que toma posse de casais que tinham sido adquiridos de forma pouco transparente por D. Vasco Afonso, um anterior prior do mosteiro de Vilarinho<sup>4127</sup>. Este é o último documento em que encontramos referências a Gil Eanes, de qualquer forma, e tratando-se efectivamente do mesmo religioso, estamos perante um interessante caso de longevidade.

**Álvaro Fernandes** – Cónego do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. A primeira referência que lhe conhecemos data de 8 de Junho de 1410 dia em que, conjuntamente com outros indivíduos, foi constituído procurador-geral do mosteiro<sup>4128</sup>.

**Vasco Martins** – Cónego regente do mosteiro de Vilarinho e futuro prior. A única informação que possuímos de que era religioso do mosteiro é através da notícia da renúncia do prior D. Vasco Afonso, que abdicou em favor de Vasco Martins, cónego

---

<sup>4121</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.49; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.235.

<sup>4122</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.29; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.225.

<sup>4123</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.153.

<sup>4124</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 248-249.

<sup>4125</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 248-252.

<sup>4126</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.34; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.261.

<sup>4127</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.36; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.262-264.

<sup>4128</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 248-249.

regrante nele residente, datada de 8 de Março de 1429<sup>4129</sup>. A 16 de Março de 1429 é confirmado no cargo de prior de Vilarinho<sup>4130</sup>.

**Vasco Martins(?) II/Vasco Afonso(?)/Vasco Gonçalves(?)** – Cónego regrante do mosteiro de Vilarinho. A 19 de Dezembro de 1432 este cónego aparece juntamente com o prior D. Vasco Martins a efectuar um emprazamento em três vidas, a saber, a Afonso Anes, à sua mulher e a um filho ou filha de entre ambos, respeitante aos três casais que o prior e o mosteiro tinham no lugar de Fontão, freguesia de Carvalhosa, do julgado de Aguiar de Sousa<sup>4131</sup>. A identificação deste religioso levanta-nos algumas dúvidas porque o sobrenome aparece abreviado e não está muito claro, pelo que apesar de termos lido “Martins” poderá ser um outro apelido, provavelmente Afonso. Poderá eventualmente tratar-se de Vasco Gonçalves, um religioso que mais ou menos por esta altura integrava a comunidade monástica de Vilarinho, embora nos pareça, tendo em consideração o carácter em causa, menos provável.

**Álvaro Esteves** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. A 6 de Janeiro de 1437 aparece a testemunhar um documento em que Vasco Afonso, antigo prior do mosteiro, renuncia a propriedades que comprou nas freguesias de S. João da Portela e na freguesia de Santiago de Lustosa, tendo esses casais sido adquiridos em nome do seu pai e com dinheiro do mosteiro na altura em que ele ainda era prior<sup>4132</sup>.

**Vasco Gonçalves** – Cónego regrante do mosteiro de Vilarinho e provável prior do mosteiro. A 24 de Setembro de 1441 foi-lhe passado, no mosteiro, um documento que o instituía como seu legítimo procurador para quaisquer necessidades dando-lhe plenos poderes de representatividade, inclusive para substabelecer novos procuradores<sup>4133</sup>. A 25 de Outubro desse ano já se encontrava na Sé de Braga, onde, na presença de Gil Afonso Leitão, chantre da Sé de Braga e vigário geral do arcebispo, em nome do mosteiro emprazou a João Vasques, a sua mulher, Maria Vicente, e a uma terceira pessoa a nomear, diversas propriedades que o mosteiro possuía na aldeia de Paradela<sup>4134</sup>. Trata-se, certamente, do mesmo indivíduo que vai atingir a cúpula hierárquica interna da instituição, aparecendo a governar o mosteiro no início de 1450<sup>4135</sup>.

**Vicente Pires** – Provável cónego do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Filho de Pedro Gonçalves e de sua mulher, Catarina Gil, da freguesia do mosteiro de Vilarinho. Recebe ordens menores no dia 12 de Março de 1446, em Braga<sup>4136</sup>.

---

<sup>4129</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.21; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>4130</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.46 vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.771.

<sup>4131</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, Nº35.

<sup>4132</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.36; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.262-263.

<sup>4133</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.38; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.265-266.

<sup>4134</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.5, Doc.38; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.265-268.

<sup>4135</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, Nº36; Dias, José Sebastião da Silva, *Correntes do sentimento religioso em Portugal, (Séculos XVI a XVIII)*, Tomo I – Vol. II, Coimbra, Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos - Universidade de Coimbra, 1960, p.483.

<sup>4136</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.5; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.67.

**João Gonçalves** – Provável cónego do mosteiro de São Miguel de Vilarinho. Filho de Gonçalo Esteves e de sua mulher, Senhorinha Anes, moradores na freguesia de Chamoim, da diocese de Braga. Recebe ordens de Evangelho no dia 27 de Março de 1456, em Braga<sup>4137</sup>.

**João Fernandes** - Cónego do mosteiro de Vilarinho. “Joham Fernandez coonigo reglante do mosteiro de Vilarinho da hordem de Santo Agostinho” recebe ordens de Epístola, em Braga, a 27 de Março de 1456<sup>4138</sup>. No mês de Maio desse mesmo ano, correndo o dia 22, este cónego encontra-se de novo em Braga onde recebe ordens de Evangelho<sup>4139</sup>. É possível que seja o mesmo cónego que cerca de quarenta anos depois ainda aparece integrado na comunidade, referenciado num emprazamento que o prior e o mosteiro de Vilarinho efectuam, em três vidas, celebrado em Guimarães, no dia 22 de Agosto de 1496, respeitante aos casais de Cupido e Barrifalcão situados na freguesia do mosteiro<sup>4140</sup>.

**Álvaro Afonso** – Provável cónego do mosteiro de Vilarinho. De concreto apenas sabemos que era capelão do mosteiro de Vilarinho. É assim referenciado a 24 de Setembro de 1489, dia em que o mosteiro emprazou o casal de Touvães em Santiago de Lustosa a Afonso Peres, a sua mulher Maria Anes, e a uma terceira pessoa a nomear<sup>4141</sup>.

**Jerónimo(?) Fernandes** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. A 29 de Novembro de 1495 “1<sup>mo</sup> Fernandez coonigo do dicto mosteyro de Vilarinho” testemunha o emprazamento que Rodrigo Álvares, prior de Roriz e administrador de Vilarinho faz, a Pedro Anes de Avioso, do casal da Quinta, sito na freguesia de S. Pedro de Avioso<sup>4142</sup>.

**Afonso Nunes** – Provável cónego do mosteiro de Vilarinho. Temos notícias dele através de um emprazamento do mosteiro de Vilarinho a Pedro Anes Pinhão, feito em Guimarães a 22 de Agosto de 1496, sendo aí indicado como clérigo de missa e capelão da igreja de Carvalhosa<sup>4143</sup>. Sendo esta igreja de apresentação do mosteiro de Vilarinho é muito natural que estejamos perante um cónego do mosteiro.

**Fernando Anes** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. Aparece, em seu nome e no do convento, juntamente com o prior João Fernandes, a emprazar no dia 30 de Maio de 1522 os casais do Telhado e da Ponte, situados na freguesia de Santo Adrião, termo de Guimarães<sup>4144</sup>, um emprazamento com a duração de três vidas<sup>4145</sup>. É possível que seja o

---

<sup>4137</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.28v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.270.

<sup>4138</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.27v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.274.

<sup>4139</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.33; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.274.

<sup>4140</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 290-291.

<sup>4141</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.16; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.287.

<sup>4142</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N.º218.

<sup>4143</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.20; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 290-291.

<sup>4144</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.8A; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 305-307.

<sup>4145</sup> Estas três vidas têm a particularidade de não corresponderem às habituais três vidas simples mas sim à vida de dois casais e à de uma terceira pessoa, sendo a primeira a de Maria Pires e seu marido,

mesmo religioso que surge identificado, a 15 de Maio de 1528, como cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz<sup>4146</sup>.

**Manuel Jorge** – Cónego do mosteiro de Vilarinho. Juntamente com o prior, D. Luís de Almeida, empraça no dia 8 de Dezembro de 1534 o casal de Penelas, na freguesia de S. Fausto de Riba de Vizela, a Gonçalo Pires, à sua mulher, Inês Pires, e a um filho ou filha de ambos<sup>4147</sup>. A sua presença entre a comunidade de Vilarinho vai sendo confirmada nos contratos de emprazamento que o mosteiro vai celebrando, aparecendo referenciado como cónego de Vilarinho a 8 de Outubro de 1540<sup>4148</sup> e a 6 de Fevereiro de 1545<sup>4149</sup>.

**Francisco Fernandes** - Cónego do mosteiro de Vilarinho e seu prior claustral. É mencionado como cónego do mosteiro num documento datado de 12 de Fevereiro de 1538, respeitante ao emprazamento de uma casa que o mosteiro de Vilarinho tinha na freguesia de Lustosa, e que foi emprazada ao alfaiate João Fernandes, a sua mulher Inês Pires e a um filho de ambos, tendo Francisco Fernandes, juntamente com Gonçalo Anes e dois homens bons ajuramentados, feito a avaliação e inventariação dos bens constituintes do prédio bem como as suas confrontações<sup>4150</sup>. Aparece novamente nas funções de vedor, em contrato datado de 8 de Outubro de 1540, desta feita juntamente com Pedro Mendes, clérigo de missa e capelão da igreja de S. Miguel de Silves, avaliando o casal da Quinta e um quarto do casal da Lágua, localizados na freguesia de S. Miguel de Vilarinho, propriedades essas que foram emprazadas, a Beatriz Anes, viúva de João Gonçalves, que faleceu na altura em que ainda decorria a vedoria, e a duas outras pessoas de linhagem directa a serem nomeadas<sup>4151</sup>. A 6 de Fevereiro de 1545 já é mencionado como prior claustral do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho<sup>4152</sup>.

**Gonçalo Anes** - Cónego do mosteiro de Vilarinho. A 6 de Fevereiro de 1545, dia em que o mosteiro de S. Miguel de Vilarinho emprazou, em três vidas a João Gonçalves, a sua mulher, Apolónia Fernandes e a um filho deles, o casal de Godim, situado na freguesia de São João de Codeços, Gonçalo Anes aparece identificado como cónego do mosteiro<sup>4153</sup>. Acreditámos que este religioso seja o mesmo Gonçalo Anes que a 12 de Fevereiro de 1538 era capelão da igreja de Santiago de Carvalhosa, surgindo em missão de vedoria a propriedades que o mosteiro de Vilarinho emprazou nesse dia<sup>4154</sup>.

---

Cristóvão Álvares, a segunda a do seu filho Cristóvão Álvares e da sua respectiva esposa, Catarina Pires, e a terceira referente a um filho ou filha destes últimos foreiros.

<sup>4146</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.11; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.311.

<sup>4147</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.18; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 312-315.

<sup>4148</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.25; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 319-326.

<sup>4149</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.29; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 327-334.

<sup>4150</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.22; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 316-318.

<sup>4151</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.25; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 319-326.

<sup>4152</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.29; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 327-334.

<sup>4153</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.29; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 327-334.

<sup>4154</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.22; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 316-318.



### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Afonso Rodrigues** - Cónego de Vilarinho. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Alfonsus Roderici canonicus de Vilarinho” a 22 de Julho, não sendo aí referenciado o ano<sup>4155</sup>. De qualquer modo e tendo em consideração que nesse Obituário os dois registos que precedem o seu são datáveis, um porque apresenta de facto a data de 1322 (Era 1360) e o outro porque é respeitante ao prior de Vilarinho, D. Martim Vila Nova<sup>4156</sup>, cujo falecimento é possível estabelecer pelos anos de 1339 ou de 1340<sup>4157</sup>, é-nos assim possível perspectivar que o seu falecimento não seja inferior a esta última data. De resto quer o assento referente ao prior Martim Vila Nova, quer o do cónego Afonso Rodrigues parecem, aparentemente, ter sido anotados pela mesma mão, o que, numa análise simplista, poderá indiciar que o óbito deste religioso ocorreu por esta altura, ou seja ainda dentro da primeira metade do séc. XIV.

**Domingos Esteves** - Cónego do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. Um obituário de S. Jorge de Coimbra apresenta um assento referente a “Dominicus Stephanii canonicus Villarino”, cuja comemoração do aniversário recaía a 23 de Agosto, não havendo qualquer referência ao ano do óbito<sup>4158</sup>.

**Domingos Martins** - Cónego do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. O obituário de S. Jorge de Coimbra regista o óbito de “Dominicus Martini canonicus de Vilarinho” a 24 de Janeiro, sem indicação ao ano<sup>4159</sup>.

**Estêvão Martins** - Cónego do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. “Stephanus Martinii canonicus Villarino” é referenciado no Obituário de S. Jorge de Coimbra, registando-se aí o seu passamento a 1 de Julho, sem indicação do ano<sup>4160</sup>.

**Fernando Domingues** - Cónego do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. “Fernandus Dominici canonicus de Vilarinho” surge referenciado num Obituário de S. Jorge de Coimbra como tendo falecido de 25 de Janeiro, sem qualquer referência ao ano<sup>4161</sup>.

**João Afonso** - Cónego do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. O obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Johanis Alfonsi canonicus Villarino” a 1 de Julho, sem adiantar qualquer ano<sup>4162</sup>.

**João Domingues** - Cónego do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. O obituário de S. Jorge de Coimbra regista o “Obiit Johanes Dominici canonicus Villarino” a 11 de Agosto, sem qualquer indicação ao ano em que tal facto ocorreu<sup>4163</sup>.

**Lourenço Domingues** - Cónego do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho. Um obituário de S. Jorge de Coimbra apresenta um assento referente a “Laurencius Dominici

---

<sup>4155</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.25.

<sup>4156</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.25.

<sup>4157</sup> Sobre este prior veja-se a respectiva entrada na secção dedicada aos Priores.

<sup>4158</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.29.

<sup>4159</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34vº.

<sup>4160</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.23vº.

<sup>4161</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

<sup>4162</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.23vº.

<sup>4163</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.27vº.

canonicus Villarino”, cujo óbito aparece anotado a 23 de Agosto, não havendo qualquer referência ao respectivo ano do falecimento<sup>4164</sup>.

**Lourenço Soeiro** - Cónego de S. Miguel de Vilarinho. – Num obituário de S. Jorge de Coimbra aparece um registo respeitante a “Laurencii Suierii canonicus de Vilarinho”, anotando-se aí o seu falecimento a 23 de Janeiro mas sem qualquer menção ao ano do passamento<sup>4165</sup>.

**Lourenço Soeiro Pais** - Cónego de Vilarinho. O obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Laurentio Sugerii Pelaiz cono de Vilarinho” a 18 de Maio, não sendo aí identificado o ano do óbito<sup>4166</sup>.

### **2.1.9. - S. Pedro de Roriz (c. Santo Tirso)**

**Domingos Durão/Domingos Durando** – Cónego do mosteiro de Roriz e seu prior claustral. A 27 de Março de 1295 “Domingos Duram prior crastreyro” do mosteiro de Roriz testemunha uma composição entre partes aí efectuada<sup>4167</sup>.

**Pedro Pais** – Cónego do mosteiro de Roriz. Surge referenciado como cónego e procurador do mosteiro a 27 de Março de 1295<sup>4168</sup>.

**Domingos Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 27 de Março de 1295, juntamente com outros cónegos do mosteiro, integra o rol de testemunhas de um instrumento lavrado em S. Pedro de Roriz<sup>4169</sup>. “Dominicus Goncalvi canonicus de Rooriz” é referenciado num Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra como tendo falecido a 27 de Janeiro, não sendo, no entanto, aí apresentado o ano do óbito<sup>4170</sup>, de qualquer forma supomos tratar-se do mesmo religioso. Também um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Dominicus Gonsalvi canonicus de Rooriz” mas aí é comemorado a 25 de Abril, embora este Necrológio nos forneça um elemento que de alguma forma ajuda a delimitar o seu período de vida, é que o registo imediatamente anterior ao seu aparece datado de 1297<sup>4171</sup>.

**Gonçalo Fernandes** – Cónego do mosteiro de Roriz. Encontra-se entre os cónegos e procuradores do mosteiro que testemunham um instrumento feito na canónica de Roriz, em Março de 1295<sup>4172</sup>. “Goncalvuus Fernandi canonicus de Roorici” é referenciado num Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra como tendo falecido a 3 de Fevereiro, não sendo aí apresentado o ano do óbito<sup>4173</sup>.

---

<sup>4164</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.29.

<sup>4165</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34vº.

<sup>4166</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.18.

<sup>4167</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19.

<sup>4168</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19.

<sup>4169</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19.

<sup>4170</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

<sup>4171</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.83.

<sup>4172</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19.

<sup>4173</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.36.

**Salvador Peres** – Cónego do mosteiro de Roriz. Já se encontrava entre a comunidade regrante de Roriz a 27 de Março de 1295<sup>4174</sup>. A 2 Julho de 1299, juntamente com outros dois religiosos da instituição, é referenciado como testemunha de um acto notarial efectuado nesse mosteiro<sup>4175</sup>.

**Marcos Peres** – Cónego do mosteiro de Roriz. É testemunha do compromisso que o cavaleiro Gonçalo Martins Porro assume, a 2 Julho de 1299, de restituir ao mosteiro de Vilarinho um meio casal de que se apoderara indevidamente<sup>4176</sup>. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o óbito de “Marchus Petri canonicus de Rooriz” a 28 de Janeiro, mas sem indicação do respectivo ano<sup>4177</sup>.

**Lourenço Gonçalves/Lourenço Gonçalves Bolo** – Cónego de Roriz. “Lourenço Gonçalviz” testemunhou, a 2 Julho de 1299, o compromisso que o cavaleiro Gonçalo Martins Porro assumiu para com o mosteiro de Vilarinho de lhe devolver meio casal de que se tinha apoderado<sup>4178</sup>. É possível que seja o “Laurencius Gunsalvi dicto Bolo canonicus de Rooriz” que aparece num obituário de S. Vicente de Fora, cujo falecimento foi registado a 8 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>4179</sup>.

**Estêvão Anes** – Provável cónego do mosteiro de Roriz. Aquando das inquirições dionisinas duas testemunhas dizem que *Esteve Anes frade do dicto moesteyro* foi juiz do couto de Roriz<sup>4180</sup>. Num obituário de S. Vicente de Fora há um registo, a 11 de Abril (III idus Aprilis), de um *Stephanus Johannis conversus de Roriz*<sup>4181</sup> pelo que, em princípio, e se partirmos apenas da terminologia usada, deveremos estar perante dois homónimos. Se de facto nos detivermos na nomenclatura é pouco crível tratar-se do mesmo indivíduo de qualquer modo também não podemos excluir tal possibilidade até porque não temos quaisquer outras informações que nos permitam balizar a sua passagem pelo mosteiro de Roriz, embora possámos situá-la nos finais do séc. XIII e inícios do XIV, do mesmo modo que não sabemos se Estêvão Anes chegou, efectivamente, a professar. É que o facto por si só de aparecer a designação de “frade” não pode ser olhada como sinónimo inequívoco de professo, e tem de ser devidamente enquadrada e não será certamente uma extrapolação abusiva admitir que para a generalidade das populações, por muito próximas que estivessem das instituições, aqueles que viviam nos mosteiros eram frades. De resto a própria documentação

<sup>4174</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7, Maço Único, nº 19.

<sup>4175</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.39; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.162.

<sup>4176</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.39; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.162.

<sup>4177</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

<sup>4178</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.39; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.162.

<sup>4179</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.135. A caligrafia deste registo é diferente da utilizada nos assentos dessa data e parece-nos, pelas suas características, posterior à primeira metade do séc. XIV, embora tais análises sejam sempre complexas e de fiabilidade relativa, mas independentemente disso, nada invalida a possibilidade de estarmos perante um religioso que deverá ter falecido no primeiro quartel da centúria de trezentos, até porque pode tratar-se de um assento tardio, ou um acrescento posterior motivado pela cópia de registos de um outro obituário.

<sup>4180</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, Vol. XLVII, Ns. 3-4 (Julho-Dezembro de 1937), p.246; Vol. XLVIII, Ns. 1-2 (Janeiro-Setembro de 1938), p.60.

<sup>4181</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora: A comemoração dos que passaram deste Mundo*, Lisboa, Academia Portuguesa da História (Coleção Documentos Medievais Portugueses – Série II), 2008, p.73.

acentua e faz uso dessa terminologia para designar os conversos, como se pode ilustrar através de um exemplo proveniente do próprio cartório de Roriz em que João Domingues aparece designado, em finais do séc. XIV e inícios do XV, como frade leigo<sup>4182</sup>.

**Martim Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Roriz e provável futuro prior. A primeira referência que conhecemos a este religioso data de 7 de Janeiro de 1328, dia em que Martim Peres e a sua mulher, Maria Peres, moradores em Bustelo, vendem a Afonso Martins criado de “Martim Gonçalvez frade do moesteyro de Rooriz” toda a herdade que tinham no lugar de Cartemil, freguesia do mosteiro de S. Pedro de Roriz<sup>4183</sup>. A 15 de Fevereiro de 1329 é novamente referenciado como um dos elementos constitutivos da comunidade monástica rorizense<sup>4184</sup>. Em meados da década seguinte temos nova notícia de “Martim Gonçalviz coonigo do dicto moesteyro” surgindo como representante da instituição no processo de inquirição das jurisdições que o rei D. Afonso IV ordenou, e da qual se provou, conforme sentença de 7 de Maio de 1336, dada em Santarém, que o mosteiro tinha o direito de exercer a jurisdição cível no seu couto<sup>4185</sup>. Apesar de a partir desta data não termos mais referências a este religioso é possível que se trate do mesmo Martim Gonçalves que alcançará o priorado de Roriz em 1359<sup>4186</sup>.

**João Lourenço** – Cónego do mosteiro de Roriz. Surge a testemunhar, a 15 de Fevereiro de 1329, um instrumento de venda referente ao quinhão que Maria Viegas e seus familiares possuíam na herdade de Cavagens, na aldeia de Ruivães, e que foi adquirido por Martim Afonso, criado de Afonso Peres, prior do mosteiro de Roriz<sup>4187</sup>.

**Estêvão Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Roriz e futuro prior. “Stevam Gonçalvez outrosy coonigo” do mosteiro de Roriz aparece entre as testemunhas de um contrato de compra e venda efectuado a 15 de Fevereiro de 1329<sup>4188</sup>. A 6 de Agosto de 1331 surge novamente identificado como cónego deste mosteiro regrante<sup>4189</sup>. É muito provável que este religioso venha a alcançar o priorado da instituição uma vez que surge um Estêvão Gonçalves como prior de Roriz na década de cinquenta<sup>4190</sup>.

**Afonso Peres** – Cónego do mosteiro de Roriz. “Affonso Perez” é identificado como “frade do moesteyro de Rooriz” em instrumento datado de 15 de Fevereiro de 1329<sup>4191</sup>.

---

<sup>4182</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>4183</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°9. Este documento permite-nos também aferir/confirmar da utilização indiferenciada dos termos “frade” e “cónego” como sinónimos, é que no mesmo pergaminho encontram-se a carta de venda e a carta de empossamento, ambas datadas do dia 7 de Janeiro de 1328, surgindo na primeira “Affonso Martinz criado de Martim Gonçalvez frade do moesteyro de Rooriz” e na segunda “Affonso Martinz criado de Martim Gonçalviz coonigo do moesteyro de Rooriz”

<sup>4184</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°10. Neste documento, e apesar de não ser muito legível por as palavras estarem algo apagadas, e por isso de leitura pouco esclarecedora, parece-nos que surge um apelido associado ao nome (poderá, eventualmente, tratar-se do nome de um outro religioso da instituição) e que nos parece “Moca Maa”, ou seja: Martim Gonçalves Moca Má.

<sup>4185</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°12; *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.69-72 (Doc. 32); Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVII, Ns. 1-2 (Janeiro-Junho de 1937), Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1937, pp. 95-99.

<sup>4186</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°17.

<sup>4187</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°10.

<sup>4188</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>4189</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>4190</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°14.

<sup>4191</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°10.

Nesse dia Martim Afonso, aí referenciado como seu criado, compra a Maria Rodrigues, filha de Rodrigo Durães e de Maria Peres da Guarda, moradores na freguesia de S. Mamede de Negrelos, e a Maria Viegas (esta agindo em nome próprio e no da sua irmã, Esteva Viegas, e do seu cunhado João Gonçalves, na qualidade de procuradora de ambos), e a Maria Anes, filha de Maria Viegas, um quinhão na herdade de Cavagens, situada na aldeia de Ruivães<sup>4192</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Alfonsus Petri canonico de Rooriz” a 15 de Maio mas sem a respectiva indicação do ano do óbito<sup>4193</sup>.

**Pedro Martins** – Cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz. O cónego “Pero Martinz” surge a testemunhar uma procuração que os moradores do couto de Roriz fizeram, a 6 de Agosto de 1331, para que Domingos Peres e Estêvão Pais os representassem na contenda contra o concelho de Refóios<sup>4194</sup>.

**Martim Anes** – Provável cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz. Martim Anes surge a testemunhar, a 6 de Agosto de 1331, uma procuração que os moradores e o juiz do couto de Roriz fizeram no mosteiro, para que Domingos Peres e Estêvão Pais os representassem na contenda contra o concelho de Refóios<sup>4195</sup>. Martim Anes surge aí identificado como “capelam de Sam Mamede”, paróquia da apresentação do mosteiro de Roriz, facto que, associado à sua presença na instituição, nos leva a considerar que devemos estar na presença de um dos elementos desta comunidade regrante<sup>4196</sup>.

**Pedro Lourenço** – Provável cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz. “Pero Lourenço abbade d’Aveoso” encontra-se entre as testemunhas da procuração que é feita no mosteiro de Roriz a 6 de Agosto de 1331, pela qual os moradores e o juiz do couto do mosteiro dão poderes a Domingos Peres e Estêvão Pais para que estes os representem na demanda que lhes foi movida pelo concelho de Refóios<sup>4197</sup>. Apesar de Pedro Lourenço não ser aí identificado como cónego, só a sua presença em Roriz, aliada ao facto da igreja de S. Pedro de Avioso ser do padroado do mosteiro parecem-nos fortes indícios de estarmos perante um religioso desta canónica.

**Durão Martins** - Cónego de Roriz. A 15 de Março de 1339 “Duram Martinz frade de Rooriz” figura entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Vila Nova, respeitante ao empossamento de Domingos Domingues, cónego e procurador do mosteiro de S. Simão da Junqueira, no casal que pertencera a Teresa Gomes, sobre o qual o mosteiro detinha benefícios<sup>4198</sup>. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Duram Martinz canonicus de Rooriz” a 31 de Janeiro, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4199</sup>.

**Marcos Peres II** – Provável cónego do mosteiro de Roriz. A 16 de Setembro de 1354 Marcos Peres era abade de São Pedro de Avioso, igreja da apresentação do mosteiro de Roriz, surgindo entre as testemunhas de um instrumento referente ao empossamento de um casal que o mosteiro tinha na aldeia de Romariz (c. de Santa Maria da Feira), sendo

---

<sup>4192</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°10.

<sup>4193</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.92.

<sup>4194</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>4195</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>4196</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>4197</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°11.

<sup>4198</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 101v°-102.

<sup>4199</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35v°.

presumível que a sua presença aí não seja acidental, fazendo todo o sentido que tenha acompanhado o prior do mosteiro e o cônego e procurador Vasco Martins<sup>4200</sup>.

**Vasco Martins** - Cônego do mosteiro de Roriz. A primeira indicação a Vasco Martins surge-nos através de um instrumento datado de 16 de Setembro de 1354, aparecendo aí mencionado como procurador do convento de Roriz, acompanhando o seu prior à aldeia de Romariz (c. de Santa Maria da Feira), onde empossam Domingos Domingues no casal que o mosteiro aí possuía<sup>4201</sup>. A 19 de Novembro de 1359 “Vaasco Martiinz coonigo do moesteiro de Rooriz do arcebispado de Braga procurador dos religiosos dom Martim Gonçalvez prior e convento do dicto moesteiro per hua procuraçom” compareceu perante D. Martim Domingues, mestre-escola e vigário geral da Arquidiocese de Braga que, por estar em conformidade como atestou João Pinheiro, abade de Guardizela e vedor neste caso, autorizou o empraçamento a Vasco Fernandes, morador na freguesia de Santiago de Lordelo, dos foros, direitos, direituras e geiras de casais que o mosteiro tinha nas freguesias de Guardizela, S. João de Calvos e S. João de Lordelo<sup>4202</sup>.

**João Peres/João Pires** - Cônego do mosteiro de Roriz e provável futuro prior. A 24 de Julho de 1358 “Joham Perez” é identificado como cônego de Roriz, surgindo entre as testemunhas que constam do traslado, que nesse dia se fez, no mosteiro de Roriz, por Antoninho Afonso, tabelião de Aguiar de Sousa e Refoios, da sentença de D. Afonso IV referente às jurisdições que o mosteiro podia usar no seu couto, trasladada nesse dia,<sup>4203</sup>. É possível que se trate do mesmo João Peres que surge como prior do mosteiro a 24 de Dezembro de 1394<sup>4204</sup>, mas dado o distanciamento cronológico e a ausência de referências a este religioso durante um longo período de tempo tais probabilidades parecem não ser muito consistentes.

**Estêvão(?) Fernandes(?)**<sup>4205</sup> - Cônego do mosteiro de Roriz. Surge referenciado como cônego de Roriz, aparecendo entre as testemunhas do traslado da sentença de D. Afonso IV, feita no mosteiro a 24 de Julho de 1358<sup>4206</sup>.

**Martim Domingues** - Cônego do mosteiro de Roriz. A 27 de Outubro de 1359 o prior e o convento do mosteiro de Roriz passam procuração a Martim Domingues e a Vasco Martins no sentido de estes efectuarem, em nome da instituição, um empraçamento a Vasco Fernandes, morador na freguesia de Santiago de Lordelo<sup>4207</sup>.

**João Peres Barrosas/João Pires Barrosas** - Cônego do mosteiro de Roriz e futuro prior. No dia 27 de Abril de 1371 o prior de Roriz, D. Martim Gonçalves, e o convento desse mosteiro, constituíram como seus legítimos procuradores “Vaasco Gil abbade de Santiago de Loordello e Joham Perez Barrosas nosso companhom coonigo do dicto moesteiro”<sup>4208</sup>. Volvidos dois dias Vasco Gil, abade de S. Tiago, fazendo uso dessa

---

<sup>4200</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Ns.14,16.

<sup>4201</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°14.

<sup>4202</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°17.

<sup>4203</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°16.

<sup>4204</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°25.

<sup>4205</sup> Apesar de nos parecer Estêvão Fernandes, a leitura do nome em causa deixa-nos muitas interrogações, pelo que poderá tratar-se de um outro indivíduo.

<sup>4206</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°16.

<sup>4207</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°17.

<sup>4208</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°21.

procuração encontra-se na Sé de Braga para efectuar um emprazamento em nome da instituição, mas o cónego João Peres não o deverá ter acompanhado uma vez que não é aí referenciado<sup>4209</sup>. Poderá dar-se o caso de este cónego ser o mesmo João Peres que já identificámos a 24 de Julho de 1358<sup>4210</sup>, embora nos pareça que estamos na presença de dois religiosos diferentes, apesar de homónimos e, previsivelmente, contemporâneos. O recurso ao apodo toponímico seria certamente uma forma de os diferenciar, de qualquer modo a dúvida tem toda a legitimidade e persistirá, mais a mais quando este próprio religioso aparecerá, enquanto prior mor, quase sempre designado por João Peres. Este cónego viria a ocupar a cadeira prioral de Roriz pelo menos entre 1394<sup>4211</sup> e 1413<sup>4212</sup>.

**Domingos Martins** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 19 de Fevereiro de 1399 Domingos Martins já surge identificado como cónego professo do mosteiro de Roriz, dia em que, juntamente com o prior D. João Peres e os cónegos Estêvão Martins, João Martins e Martim Anes, passam procuração a Martim Ferreira, cónego da Sé de Braga e a João Domingues, frade leigo do mosteiro de Roriz, para que estes os pudessem representar<sup>4213</sup>.

**João Domingues** – Provável cónego regrante do mosteiro de Roriz. A 23 de Fevereiro de 1399 compareceu perante D. Martinho (1398-1416) “Joham Dominguez fraire leigo do moesteiro de Rooriz da Hordem de Santo Agostinho”, na qualidade de procurador do prior e convento do mosteiro de Roriz, para emprazar a António Martins os casais, casas e vinha, que o mosteiro tinha em Canaveses<sup>4214</sup>. A procuração que concedia poderes de representatividade a “Joham Dominguez fraire leigo nosso companhom” foi feita no mosteiro de Roriz a 19 de Fevereiro de 1399. “Joham Dominguez frade leigo” surge novamente referenciado a 20 de Dezembro de 1399, desta feita a testemunhar um instrumento lavrado no cabido do mosteiro de Roriz, pelo qual Martim Vicente e a sua mulher renunciaram aos bens que traziam na Quinta de Samoça a favor de Martim Ferreira o Moço, com o prior do mosteiro a autorizar a transacção<sup>4215</sup>. Não sabemos se este João Domingues chegou a professar, de qualquer modo tal ainda não tinha sucedido a 1 de Janeiro de 1404, dia em que “Joham Dominguez frade leigo” surge a testemunhar a procuração feita no mosteiro de Roriz pela qual se instituía os cónegos João Martins e Estêvão Martins como seus legítimos procuradores<sup>4216</sup>.

**João Martins** - Cónego do mosteiro de Roriz. A 1 de Janeiro de 1395 o cónego João Martins empossa João Domingues no casal das Quintãs, situado em Virões, o qual pertencia à vestiaria, dando assim seguimento ao emprazamento feito a este foreiro a 24 de Dezembro de 1394<sup>4217</sup>. A 2 de Dezembro de 1396 “Joham Martinz coonigo de Rooriz e abbade de Virraaes” surge a testemunhar o testamento de Maria Domingues, moradora na freguesia do mosteiro de Roriz, que manda enterrar o seu corpo nesse mosteiro, deixando por seus testamenteiros, o seu marido, Lourenço Martins e também o cónego João Martins, abade de Virões, a quem deveria ser entregue um maravedi,

---

<sup>4209</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°21.

<sup>4210</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°16.

<sup>4211</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°25.

<sup>4212</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, Ns.185.

<sup>4213</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>4214</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>4215</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°28.

<sup>4216</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182. Este documento é também referenciado por João Pedro Ribeiro (cf. Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.197v°).

<sup>4217</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°25.

anualmente, enquanto este vivesse<sup>4218</sup>. João Martins é um dos cónegos deste cenóbio que, conjuntamente com o restante convento e o prior João Peres, reunidos em cabido, passam procuração a Martim Ferreira, cónego da Sé de Braga e João Domingues, frade leigo do mosteiro de Roriz, para que estes os possam representar<sup>4219</sup>. João Martins aparece novamente mencionado como cónego de Roriz em instrumento de 20 de Dezembro de 1399<sup>4220</sup>.

A 1 de Janeiro de 1404 João Afonso, tabelião do julgado de Refoios de Riba de Ave, lavrou no mosteiro de Roriz uma procuração pela qual o prior D. João Pires e o convento do mosteiro, estando reunidos em cabido, estabeleceram como seus procuradores “Joham Martinz e Stevam Martinz nossos companhoens e coonigos do dicto moesteiro”<sup>4221</sup>. “Joham Martinz” é um dos cónegos que, juntamente com o prior administrador, Álvaro Ferreira, empraza, a 10 de Janeiro de 1425, a Lopo Fernandes de Paços e a Catarina Lourenço sua mulher, e a uma terceira pessoa a nomear, o lugar de Paços, onde já morava o foreiro<sup>4222</sup>. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Johanes Martini canonicus de Rorici” a 1 de Fevereiro, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4223</sup>. Pela confirmação do cónego Gil Martins na capelania de Virões, feita a 11 de Dezembro de 1425 percebe-se que o cónego João Martins faleceu em finais desse ano, encontrando-se a capelania vaga “per morte de Joham Martinz que della foy prestumeiro capellam”<sup>4224</sup>. Perante estes factos ou o assento que consta no Obituário é referente a um outro cónego de Roriz também chamado João Martins, ou então o óbito deste religioso só foi registado no início do ano seguinte, situação que nos parece mais provável e perfeitamente admissível, isto se tivermos em conta as fases desse processo, por si só já relativamente moroso face à distância entre as duas casas monásticas. E se essa condicionante era, por si só, justificativa para uma pequena discrepância nas datas, não correspondendo o dia do óbito com o da chegada dessas informações, temos de ter em consideração que poderia haver demora na comunicação, e mesmo que esta fosse célere, há a própria questão da anotação, não sendo de descuidar a possibilidade de muitas vezes, estando já o mosteiro destinatário na posse dos elementos haver algum desleixo, esquecimento, ou descuido no registo da informação enviada.

**Estêvão Martins/Estêvão Martins Borrego** - Cónego do mosteiro de Roriz. A 19 de Fevereiro de 1399 “Stevam Martinz” juntamente com o prior João Peres e os cónegos João Martins, Martim Anes e Domingos Martins constituem como seus legítimos procuradores Martim Ferreira, cónego da Sé de Braga e João Domingues, frade leigo do mosteiro de Roriz<sup>4225</sup>. A 5 de Setembro de 1412 o “religioso Stevam Martinz coonigo regante do moesteiro de Rooriz da hordem de Sancto Agostinho” compareceu perante o arcebispo de Braga na condição de procurador do mosteiro para aí emprazar a António “Giaez” e a sua mulher, Margarida Anes e a uma terceira pessoa, o casal de S. Miguel, localizado na freguesia de Roriz e um campo situado junto do campo de Fernão Cabreira<sup>4226</sup>. Este instrumento de prazo conserva o traslado da procuração que permitia a Estêvão Martins actuar em representação da instituição, procuração essa feita no

<sup>4218</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, Ns.23,27.

<sup>4219</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>4220</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°28.

<sup>4221</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182.

<sup>4222</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°166.

<sup>4223</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35v°.

<sup>4224</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°167.

<sup>4225</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>4226</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182.



mosteiro de Roriz a 1 de Janeiro de 1404 e que instituía os cónegos João Martins e Estêvão Martins como seus procuradores<sup>4227</sup>. A 10 de Janeiro de 1425, dia em que estando no mosteiro “Joham Alvares Ferreira protonotario do papa e aministrador perpetuu do dicto moesteiro” juntamente com Martim Anes, prior claustral e os cónegos Estêvão Martins e João Martins, emprazaram a Lopo Fernandes de Paços e a Catarina Lourenço sua mulher, e a uma terceira pessoa a nomear, o lugar de Paços, onde já morava Lopo Fernandes<sup>4228</sup>. Temos novamente referência a “Stevom Martinz coonigo” a 23 de Maio de 1425, dia em que surge entre as testemunhas de um acto jurídico<sup>4229</sup>, o mesmo sucedendo em instrumentos de 4 de Fevereiro de 1426<sup>4230</sup> e Dezembro de 1426<sup>4231</sup>. A 18 de Julho de 1429 “Stevom Martynz” ainda se encontrava entre a comunidade monástica de Roriz, emprazando, juntamente com a restante comunidade conventual e Diogo Afonso, sobrinho e procurador do comendatário, a João de Figueiredo propriedades em Ruivães<sup>4232</sup>. A 30 de Abril de 1432 continua a ser identificado como religioso da instituição tendo, inclusivamente, “Stevam Martinz coonigo reglante do dicto moesteiro” sido dado por vedor no escambo que o mosteiro de Roriz fez com o abade da igreja de Lordelo, de Entre Ambas as Aves, cedendo o canal e o moinho no lugar de Lama de Souto, no rio Vizela, recebendo o campo de Porto de Lobos<sup>4233</sup>. Num instrumento datado de 24 de Janeiro de 1436 temos nova indicação a este cónego<sup>4234</sup>. A 8 de Outubro de 1437 “Estevom Martinz” encontrava-se ainda entre a comunidade rorizense, dia em que o mosteiro emprazou o bacelo do casal Cide<sup>4235</sup>. A 18 de Agosto de 1438 Estêvão Martins, juntamente com o prior João Álvares e com Martim Anes, prior claustral, emprazam a João Afonso de S. Mamede, à sua mulher e a um filho ou filha de ambos, o casal da Fonte, localizado na freguesia de S. Mamede, casal esse que se encontrava ermo<sup>4236</sup>. A 9 de Abril de 1442 Estêvão Martins surge arrolado entre as testemunhas de dois instrumentos de emprazamento efectuados no mosteiro<sup>4237</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Stephanus Martini dicto Burreco canonicus de Rooriz” a 4 de Abril mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>4238</sup>. Acreditámos tratar-se do mesmo indivíduo embora também não seja de excluir a possibilidade de estarmos perante dois religiosos homónimos, servindo justamente o apelido para os diferenciar.

**Gil Martins** - Cónego do mosteiro de Roriz. A 11 de Dezembro de 1425 é confirmado como capelão da igreja de S. Paio de Virões, confirmação que encerra a curiosidade de este cónego não reunir os requisitos culturais necessários e exigidos pela Diocese de Braga para tomar sob a sua alçada uma paróquia, o que fez com que o bispo o dispensasse de tais preceitos, uma vez que revelava “seer de honesta e laudavel conversaçom e de boa fama e asaz bem responder aos enclesiasticos juramentos como he theudo”<sup>4239</sup>. A 4 de Fevereiro de 1426, Gil Martins, juntamente com o cónego

<sup>4227</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182.

<sup>4228</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°166.

<sup>4229</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°165.

<sup>4230</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168.

<sup>4231</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°165.

<sup>4232</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°24.

<sup>4233</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°170.

<sup>4234</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°171.

<sup>4235</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°174.

<sup>4236</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°175.

<sup>4237</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, Ns.176,178.

<sup>4238</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.74.

<sup>4239</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°167; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.193vº-194.

Estêvão Martins e Diogo Afonso, sobrinho e procurador de D. Álvaro Ferreira, administrador do mosteiro de Roriz, empraça, em conjunto com o convento do mosteiro a latada da Longa a Martim Anes, prior claustral do mosteiro para que este a possua em tempo de sua vida<sup>4240</sup>. Em Dezembro de 1426 “Gill Martinz” continua a ser identificado como cónego de Roriz<sup>4241</sup>. A 30 de Maio de 1427 “Gil Martiinz conigo abbade de Viraaes” surge perante Afonso de Agrela juiz do couto de Roriz e perante Afonso Martins, tabelião do julgado de Refoios a solicitar o traslado do testamento de Maria Domingues<sup>4242</sup>. A testadora havia beneficiado o mosteiro de Roriz e João Martins, na sua qualidade de ovençal do convento do mosteiro, zelava pelo seu cumprimento<sup>4243</sup>.

**Martim Anes II** - Cónego do mosteiro de Roriz e seu prior claustral. A 19 de Fevereiro de 1399 Martim Anes já surge identificado como cónego professo de Roriz, dia em que o prior e o convento fazem procuração a Martim Ferreira, cónego da Sé de Braga e a João Domingues, frade leigo do mosteiro de Roriz, para que estes os possam representar<sup>4244</sup>. A 5 de Setembro de 1412 é feito, perante o arcebispo de Braga, D. Martinho, um empraçamento do mosteiro de Roriz tendo sido nomeado como vedor do negócio o “religioso Martim Anes coonigo do dicto moesteiro”<sup>4245</sup>. A 10 de Janeiro de 1425, “Martim Annes priol crasteiro” juntamente com o administrador João Álvaro Ferreira e os cónegos Estêvão Martins e João Martins, empraçaram a Lopo Fernandes de Paços e a Catarina Lourenço sua mulher, e a uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, o lugar de Paços, onde já morava Lopo Fernandes<sup>4246</sup>. “Martim Anes priol do dicto moesteiro” surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado a 23 de Maio de 1425<sup>4247</sup>. A 4 de Fevereiro de 1426 Diogo Afonso, sobrinho e procurador de D. Álvaro Ferreira, administrador do mosteiro de Roriz, empraça, em conjunto com o convento do mosteiro, a latada da Longa a “Martim Annes priol do dicto moesteiro” para que este a houvesse em tempo de sua vida<sup>4248</sup>. Em Dezembro de 1426 “Martim Annes priol crasteiro” é referenciado entre as testemunhas de um instrumento feito no cabido do mosteiro de Roriz em Dezembro de 1426<sup>4249</sup>.

A 18 de Julho de 1429 “Martym Anes” prior crasteiro, aparece, juntamente com o representante do comendatário e o convento do mosteiro a empraçar dois lugares em Ruivães, sendo que um era de João Afonso, frade leigo do mosteiro<sup>4250</sup>. A 30 de Abril de 1432 “Martim Annes prior clasteiro” ainda se encontrava entre a comunidade monástica de Roriz<sup>4251</sup>. Tendo em consideração as cláusulas constantes do contrato de empraçamento que foi feito a Martim Anes, a 4 de Fevereiro de 1426, referente à latada da Longa, seria dedutível que este tivesse falecido em finais de 1433 ou inícios de 1434 uma vez que a 10 de Fevereiro deste último ano, a latada que ele trazia com carácter vitalício, é novamente empraçada ao prior crasteiro do mosteiro de Roriz, e nos mesmos moldes do contrato anterior, só que nesta altura o prior claustral já era Martim

---

<sup>4240</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168.

<sup>4241</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°165.

<sup>4242</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°23

<sup>4243</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°23

<sup>4244</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°173.

<sup>4245</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°182.

<sup>4246</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°166.

<sup>4247</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°165.

<sup>4248</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168.

<sup>4249</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°165.

<sup>4250</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°24.

<sup>4251</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°170.

Gonçalves<sup>4252</sup>, mas o certo é que “Martim Annes prioll clasteiro” ainda surge a efectuar emprazamentos, juntamente com o prior do mosteiro e o restante convento, a 24 de Janeiro de 1436<sup>4253</sup> e a 8 de Outubro de 1437<sup>4254</sup>.

A 18 de Agosto de 1438 Estêvão Martins, juntamente com o prior João Álvares e com “Martim Anes prioll clasteiro”, emprazam a João Afonso de S. Mamede, à sua mulher e a um filho ou filha de ambos, o casal da Fonte, localizado na freguesia de S. Mamede, casal esse que se encontrava ermo<sup>4255</sup>. A 9 de Abril de 1442 Martim Anes surge arrolado entre as testemunhas de dois instrumentos de emprazamento lavrados no mosteiro<sup>4256</sup>.

**Martim Gonçalves II** - Cónego do mosteiro de Roriz e seu prior claustral. Deverá ter assumido as funções de prior claustral após o falecimento de Martim Anes, embora, e por um qualquer motivo que desconhecemos, a 10 de Fevereiro de 1434 já é referenciado no cargo, uma vez que nesse dia o prior João Álvares empraza a “Martim Gonçalvez prior clasteiro em sua vida” a latada da Longa<sup>4257</sup>. Naturalmente que neste caso, e partindo do pressuposto que a data presente no instrumento está correcta, deverá ter ocupado essas funções a título extraordinário e com carácter esporádico, até porque como vimos não há dúvidas de que Martim Anes foi o prior claustral na generalidade da década de trinta, e se de facto se registou um qualquer interregno, ele acabaria por retomar essas funções na segunda metade do decénio.

**João Peres II** - Cónego do mosteiro de Roriz. A 18 de Julho de 1429 “Joham Perez coonigo” do mosteiro de Roriz aparece arrolado entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento efectuado no mosteiro<sup>4258</sup>.

**João Afonso** – Provável cónego regrante do mosteiro de Roriz. Um instrumento de emprazamento datado de 18 de Julho de 1429 revela-nos que “Joham Afonso que ora he frade leigo do dicto moesteiro” tinha um lugar em Ruivães, onde antes morava, sendo esse lugar, junto com um outro, situado nessa mesma localidade, emprazados, pelo mosteiro, neste mesmo dia, a João de Figueiredo<sup>4259</sup>. João Afonso encontra-se entre as testemunhas que são enunciadas no contrato, surgindo aí mais uma vez a indicação de que era frade leigo<sup>4260</sup>. Não sabemos quando é que João Afonso chegou a professar, se é que de facto professou, mas um instrumento, datado de 8 de Outubro de 1437, indicia que nessa altura já era cónego regrante. É que nesse dia reuniram-se na crasta do mosteiro “Johane Alvarez prioll do dicto moesteiro e Martim Annes prioll crasteiro Estevom Martinz e Johane Affonso todos em cabydoo” para emprazar o bacelo do casal Cide<sup>4261</sup>.

---

<sup>4252</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168.

<sup>4253</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°171.

<sup>4254</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°174.

<sup>4255</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°175.

<sup>4256</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, Ns.176,178.

<sup>4257</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°168vº.

<sup>4258</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°24.

<sup>4259</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°24.

<sup>4260</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°24.

<sup>4261</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°174.

**João Gil** - Cónego do mosteiro de Roriz. Recebe ordens de Missa em Braga, a 6 de Junho de 1444<sup>4262</sup> sendo aí referenciado como abade de São Lourenço de Romão e “coonigo reglante do mosteiro de Roriz”.

**Fernão Peres/Fernão Pires** – Cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz. A 27 de Dezembro de 1450 “FERNAM PEREZ CONIGO DO DICTO MOESTEYRO” de Roriz surge a testemunhar um contrato de emprazamento, em três vidas (João Gonçalves, filho de Gonçalo de Covas, e à sua futura esposa e a um filho de ambos, ou pessoa a nomear pelo postumeiro na falta de descendentes), efectuado no mosteiro, referente aos casais de Fundo de Vila, e de Cima, ambos localizados em Virões<sup>4263</sup>.

**Pedro Álvares** – Cónego do mosteiro de Roriz. Filho de Álvaro Anes e de sua mulher, moradores na freguesia de Roriz. A 25 de Fevereiro de 1458 recebe ordens menores em Braga<sup>4264</sup>. A 25 de Novembro de 1464 “Pedr’Allvarez coonigo” surge entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro de Roriz<sup>4265</sup>.

**João Fernandes** – Cónego do mosteiro de Roriz e provável prior dos mosteiros de Roriz e Vilarinho. Recebe em Coimbra, em 1476, a ordem de presbítero<sup>4266</sup>. A 10 de Julho de 1481 já deveria ocupar o cargo de prior claustral uma vez que é “Joham Fernandiz conigo” quem, nesse dia, empossa e incorpora João Álvares, em representação do comendatário Rodrigo Álvares, nos mosteiros de Roriz e Vilarinho<sup>4267</sup>. A 12 de Novembro de 1482 surge entre as testemunhas de um emprazamento feito no mosteiro de Roriz<sup>4268</sup>, sendo novamente identificado como religioso em documento autógrafo datado de Julho de 1386 em que diz “Eu Joham Fernandez coonygo do moesteiro de Rooriz”<sup>4269</sup>. É muito provavelmente o mesmo religioso que foi prior dos mosteiros de Roriz e de Vilarinho, e que faleceu a 1 de Outubro de 1533, tendo sido sepultado no mosteiro de Roriz, e cujo epitáfio o refere como João Fernandes Farto<sup>4270</sup>.

**Pedro Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 12 de Novembro de 1482 “Pero Gonçallvez” já surge identificado como cónego do mosteiro de Roriz, dia em que aparece arrolado entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento feito no mosteiro<sup>4271</sup>.

**Luís Afonso** – Provável cónego regante do mosteiro de Roriz. “Luis Affonso coonego leygo” encontra-se entre as testemunhas de um contrato de emprazamento celebrado no mosteiro de Roriz, a 12 de Novembro de 1482, pelo qual o prior comendatário, Rodrigo Álvares, emprazou a Álvaro Gonçalves de Virões, à sua mulher, Catarina Gonçalves, e a um filho ou filha de entre ambos, o casal da Rola, situado na freguesia de S. Martinho

<sup>4262</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.19; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.41.

<sup>4263</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°183.

<sup>4264</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 1, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.313.

<sup>4265</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°198.

<sup>4266</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>4267</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°204.

<sup>4268</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°206.

<sup>4269</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°210v°.

<sup>4270</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVI, Ns. 3-4 (Julho-Dezembro de 1936), Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1936, p.194.

<sup>4271</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°206.

do Campo<sup>4272</sup>. Não sabemos se Luís Afonso chegou a professar, de qualquer modo em instrumento de 24 de Fevereiro de 1490 ainda é referenciado como “coonygo leygo”<sup>4273</sup>.

**Tomé Gonçalves** – Cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz e seu prior claustral. A 17 de Julho de 1486 “Tome Gonçallvez prior crasteyro do mosteiro de Roryz” publicou, assinou e entregou uma nota de sentença em Guimarães, à porta de casa da mulher de Pedro Lopes, indivíduo que estava ausente, há já vários dias, da vila e seu termo, segundo testemunho dos vizinhos<sup>4274</sup>. A 16 de Setembro de 1502 é novamente referenciado “Tome Gonçalviz prior crasteyro” surgindo, juntamente com o convento e o prior do mosteiro, a efectuar um emprazamento em três vidas<sup>4275</sup>.

**Pedro Anes** – Cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz. A 6 de Julho de 1489 “Pero Anes conigo do dicto mosteyro” surge a testemunhar o emprazamento que Rodrigo Álvares, prior de Roriz e administrador de Vilarinho, fez da quinta do Carreiro e de outras propriedades a João Gonçalves dos Velhos<sup>4276</sup>. É muito provavelmente o mesmo Pedro Anes que surge identificado como criado do prior de Roriz a 3 de Novembro de 1484<sup>4277</sup>. A 7 de Maio de 1498 ainda se mantinha entre a comunidade uma vez que há um emprazamento desse dia que é assinado por alguns religiosos do mosteiro e entre eles encontra-se “Petrus Johanes”<sup>4278</sup>.

**Álvaro Fernandes/Alberto(?) Fernandes**<sup>4279</sup> – Cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz. A 26 de Janeiro de 1489 “Albarro(?) Fernandez capellam do dicto moesteiro de Rooriz” surge a testemunhar um emprazamento em três vidas feito no mosteiro de Roriz<sup>4280</sup>. A 7 de Maio de 1498 há uma prova inequívoca da sua presença em Roriz, uma vez que nesse dia foi lavrado um instrumento de emprazamento no mosteiro e assinado por alguns religiosos da instituição, encontrando-se entre as assinaturas a de “Allvaro Fernandez conigo”<sup>4281</sup>. A 19 de Setembro de 1504 surge, juntamente com o cónego João Peres como responsável por fazer apregoar a carta de vedoria referente ao casal de Barbeito e a quebrada das Quintãs, bens pertencentes à mesa conventual, e situados na freguesia de Santa Maria de Negrelos, dentro do couto do mosteiro<sup>4282</sup>. Álvaro Fernandes ainda se mantinha entre a comunidade regrante de Roriz a 8 de Junho de 1515, sendo aí novamente referenciado como cónego<sup>4283</sup>.

**João Coelho** – Cónego de Roriz e seu prior claustral. “Joham Coelho prior clasteiro” acompanhou, juntamente, com outros cónegos regrantes de Roriz, a 26 de Fevereiro de

---

<sup>4272</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°206.

<sup>4273</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°215.

<sup>4274</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°210v°.

<sup>4275</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°200.

<sup>4276</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°213.

<sup>4277</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°207.

<sup>4278</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°223.

<sup>4279</sup> A leitura do seu nome no instrumento de 26 de Janeiro de 1489 levantou-nos dúvidas, parecendo-nos “Alberto” mas perante o aparecimento de referências posteriores a Álvaro Fernandes parece-nos que a questão fica aclarada, de qualquer modo não enjeitámos a possibilidade de estarmos perante dois religiosos diferentes e termos feito uma leitura incorrecta, suggestionados pelo aparecimento de “Alvaro Fernandes”.

<sup>4280</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°214.

<sup>4281</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°223.

<sup>4282</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>4283</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

1495, o prior Rodrigo Álvares à Sé de Braga para aí se validar o emprazamento que o mosteiro fez de um casal, que pertencia à mesa prioral, situado em S. Salvador de Bente<sup>4284</sup>. Este cónego é certamente o mesmo João Coelho identificado a 26 de Janeiro de 1489 como “capellam da igreja de Carvalhossa”<sup>4285</sup>. Apesar da igreja de Carvalhosa ser do padroado do mosteiro de Vilarinho, convém não esquecer que nesta altura esse mosteiro regrante encontrava-se anexado a Roriz e sob a tutela do prior Rodrigo Álvares, pelo que não seria de estranhar a presença de um cónego de Roriz nessa igreja. Também se poderá considerar a hipótese de João Coelho nessa altura ser cónego de Vilarinho e entretanto ter transitado para o mosteiro de Roriz, mas não detectámos o seu nome entre a documentação de Vilarinho. A 27 de Dezembro de 1495 “Joham Coelho prior crasteyro do dicto mosteyro” juntamente com o restante convento autorizam e validam o emprazamento do casal da Quinta, sito na freguesia de S. Pedro de Avioso, que o prior Rodrigo Álvares, fizera a Pedro Anes de Avioso<sup>4286</sup>.

A 7 de Maio de 1498 este cónego é identificado como prior claustral<sup>4287</sup>, surgindo novamente referenciado entre a comunidade regrante de Roriz a 7 de Fevereiro de 1502, dia em que o prior D. João Fernandes e o convento do mosteiro, emprazaram um pardieiro de casas na Rua do Souto, dentro da cidade do Porto<sup>4288</sup>. Neste documento surge apenas identificado como cónego sendo esta, aliás, a última indicação documental que lhe conhecemos.

**João Anes/João Eanes** – Cónego de Roriz. “Joham Anes” já surge identificado como cónego do mosteiro de Roriz a 26 de Fevereiro de 1495, dia em que acampanhou o prior Rodrigo Álvares à Sé de Braga para aí se validar o emprazamento que o mosteiro fez do casal de S. Salvador de Bente que era “in solido da mesa do prior”<sup>4289</sup>. A 27 de Dezembro de 1495 “Joham Eannes” aparece novamente referenciado como religioso da instituição, altura em que o convento, reunido em cabido, avalizou o emprazamento que Rodrigo Álvares, prior de Roriz e administrador de Vilarinho fez, a 29 de Novembro de 1495, a Pedro Anes de Avioso, do casal da Quinta, situado na freguesia de S. Pedro de Avioso<sup>4290</sup>.

**Afonso Fernandes** – Cónego de Roriz. A 26 de Fevereiro de 1495 “Afonso Fernandez” encontrava-se em Braga, na companhia de outros cónegos do mosteiro de Roriz e do seu prior que aí se deslocaram para validar um contrato de emprazamento<sup>4291</sup>.

**João Pais** – Cónego de Roriz. “Joham Paez” foi um dos cónegos regrantes de Roriz que a 26 de Fevereiro de 1495 acampanhou o prior Rodrigo Álvares à Sé de Braga para aí se validar o emprazamento que o mosteiro fez de um casal em S. Salvador de Bente, casal esse que pertencia à mesa prioral<sup>4292</sup>.

**Afonso Martins** – Cónego de Roriz. A 26 de Fevereiro de 1495 “Afonso Martinz coonigo do dicto moesteiro” foi dado como vedor por Sebastião Lopes, doutor em Decretos, tesoureiro e cónego de Braga, arcediogo de Lamego e provisor e vigário geral

---

<sup>4284</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°220.

<sup>4285</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°214.

<sup>4286</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°218.

<sup>4287</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°223.

<sup>4288</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199.

<sup>4289</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°220.

<sup>4290</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°218.

<sup>4291</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°220.

<sup>4292</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°220.

pelo arcebispo D. Jorge da Costa, para avaliar o casal que o mosteiro tinha em S. Salvador de Bente<sup>4293</sup>.

**Gonçalo Lourenço** – Cónego de Roriz. A 27 de Dezembro de 1495 era um dos religiosos que integrava a comunidade conventual, tendo nesse dia, juntamente com os restantes cónegos, concordado com os termos do contrato que o prior Rodrigo Álvares estabelecera com Pedro Anes de Avioso, a respeito do casal da Quinta, localizado na freguesia de S. Pedro de Avioso<sup>4294</sup>. A 27 de Março de 1504 “Gomçalo Lourenço” continuava a integrar a comunidade monástica de Roriz, dia em que o mosteiro emprazou a António do Couto, escudeiro do arcebispo de Braga, um casal na freguesia da Labruja<sup>4295</sup>. Poderá tratar-se de simples coincidência, mas o facto de este religioso aparecer a testemunhar dois instrumentos de emprazamento referentes a bens localizados na mesma região levam-nos a considerar a hipótese de este Gonçalo Lourenço ser o abade de S. Pedro de Avioso, formulação que ainda não foi possível esclarecer.

**Fernão Peres II/Fernão Pires/Fernando Pires/Fernando Peres** – Cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz. A 20 de Maio de 1505 aparece como vedor, indicado por carta de Pedro Gonçalves, bacharel em degredos e desembargador na “Corte de Braga”, a propósito do emprazamento que o mosteiro de Vilarinho fez da quebrada de Penelas com todas as suas herdades, localizada na freguesia de S. Fausto, ao escudeiro Fernão Correia, a sua mulher, Mécia Fernandes e a um seu filho ou filha<sup>4296</sup>. A 17 de Fevereiro de 1510 aparece novamente identificado como cónego de Roriz<sup>4297</sup>, o mesmo sucedendo a 12 de 1510, dia em que “Ferna Periz conigo do dyto mosteiro de Roriz” se encontrava na vila Guimarães, onde testemunha um instrumento<sup>4298</sup>. A 28 de Fevereiro de 1513 “Fernando Periz” empraza, juntamente com o restante convento e o prior João Fernandes, o casal de Leiras em três vidas, sendo a primeira a de Brás Martins de Leiras, nomeando este a segunda, e a segunda a terceira<sup>4299</sup>. A 11 de Dezembro de 1515 D. Manuel passa carta de perdão a Isabel Cardosa que foi manceba de Fernão Pires, cónego de Roriz, e com quem teve relações carnis, encontrando-se à data já afastada desse cónego<sup>4300</sup>.

Neste mesmo mosteiro de Roriz identificámos dois outros cónegos denominados Fernão Peres, não sendo de excluir que este seja o mesmo que surge identificado na década de cinquenta do séc. XVI.

**João Peres III/João Pires** – Cónego do mosteiro de Roriz e seu prior claustral. A 27 de Dezembro de 1495 “Joham Periz” é um dos cónegos que integra a comunidade monástica de Roriz<sup>4301</sup>. A 16 de Setembro de 1502 “Joham Periz” em conjunto com D. João Fernandes, prior do mosteiro, e o restante convento, empraza a Gonçalo Fernandes, aí presente no mosteiro, e a sua mulher, Margarida Vaz, não presente, e uma pessoa a nomear pelo derradeiro deles, o casal do Vale, situado na aldeia de Recezinhos,

---

<sup>4293</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°220.

<sup>4294</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°218.

<sup>4295</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>4296</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 294-296.

<sup>4297</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°218.

<sup>4298</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°220.

<sup>4299</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°222.

<sup>4300</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 38, fl.94v°.

<sup>4301</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12-A, M.7, N°218.

freguesia de São Mamede de Recezinhos, do julgado de Santa Cruz de Riba Tâmega, termo do Porto<sup>4302</sup>. A 9 de Junho 1503 é novamente identificado como cónego de Roriz, efectuando, nesse dia, juntamente com o prior e o restante convento o emprazamento de um casal que o mosteiro tinha na freguesia de S. Mamede de Vila Chã<sup>4303</sup>, referência que se repete a 19 de Setembro de 1504<sup>4304</sup>. Este religioso foi encarregado, juntamente, com o cónego Fernão Pires, de efectuar vedoria no emprazamento que o mosteiro de Vilarinho fez da quebrada de Penelas, no dia 20 de Maio de 1505<sup>4305</sup> aparecendo novamente como vedor, nomeado por João de Coimbra, doutor em degredos, provisor e vigário geral do Arcebispado de Braga, por D. Diogo de Sousa, a 11 de Dezembro de 1505, desta feita para avaliar um casal do mosteiro de Roriz<sup>4306</sup>. Continua a ser identificado como religioso de Roriz em instrumentos de 21 de Dezembro de 1505<sup>4307</sup>, e 9 de Setembro de 1508<sup>4308</sup>.

A 20 de Março de 1509, João Peres surge novamente indicado como vedor, tendo sido incumbido de avaliar o casal de Arcozelo, na freguesia de Cerzedelo que o mosteiro de Vilarinho emprazou nesse dia a João Anes e a sua mulher, Isabel Gonçalves e a um filho de ambos<sup>4309</sup>. A 17 de Fevereiro de 1510 aparece novamente identificado como cónego de Roriz, numa altura em que o mosteiro andava em contenda com lavradores da freguesia de Monte Córdova<sup>4310</sup>. A 28 de Fevereiro de 1513 “Joam Periz prior cresteiro” empraza, juntamente com o restante convento e o prior João Fernandes, o casal de Leiras em três vidas<sup>4311</sup>.

A 8 de Junho de 1515, dia em que se deslocaram ao mosteiro os emissários régios para aplicar a taxaçaõ referente às comendas novas da Ordem de Cristo, João Pires continua a ser identificado como prior claustral de Roriz<sup>4312</sup>. A 15 de Maio de 1528 aparece como vedor em novo emprazamento de casais do mosteiro de Vilarinho, desta feita os casais de Outeiro e de Amedo, localizados na aldeia de Paradela, da freguesia do mosteiro de Vilarinho<sup>4313</sup>.

**Mestre João** – Cónego do mosteiro de S. Pedro de Roriz A 16 de Setembro de 1502 “mestre Joham” é identificado como cónego de Roriz<sup>4314</sup>. A 9 de Junho de 1503, é efectuado, no cabido do mosteiro de S. Pedro de Roriz, um emprazamento a João Álvares, a sua mulher, Maria Gonçalves, e a um filho ou filha de entre ambos, e não havendo, a uma pessoa a nomear pelo postumeiro, respeitante ao casal de Cima de Vila onde já morava João Álvares, localizado na freguesia de S. Mamede de Vila Chã, do julgado da Maia, sendo mestre João um dos cónegos presentes na celebração do

---

<sup>4302</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°200.

<sup>4303</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°201.

<sup>4304</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>4305</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.24; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 294-296.

<sup>4306</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°208.

<sup>4307</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°207.

<sup>4308</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°211.

<sup>4309</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.30; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 297-300.

<sup>4310</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°218.

<sup>4311</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°222.

<sup>4312</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>4313</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.11; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 308-311.

<sup>4314</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°200.



contrato<sup>4315</sup>. A 27 de Março de 1504 mestre João aparece novamente referenciado como cónego regrante de Roriz<sup>4316</sup>, o mesmo sucedendo em Julho de 1506<sup>4317</sup>, 15 de Setembro de 1509<sup>4318</sup> e 17 de Fevereiro de 1510<sup>4319</sup>.

A 28 de Fevereiro 1513 mestre Joham ainda se mantinha entre a comunidade regrante de Roriz, sendo um dos cónegos presentes na celebração de um contrato de emprazamento do casal de Leiras a Brás Martins de Leiras<sup>4320</sup>.

**Fernando Anes/Fernando Eanes/Fernão Anes/Fernão Eanes** – Cónego do mosteiro de Roriz e seu prior claustral. A 16 de Setembro de 1502 “Fernand’Eannes” em conjunto com D. João Fernandes, prior do mosteiro, e o restante convento, reunidos em cabido, emprazam a Gonçalo Fernandes, à sua mulher, Margarida Vaz, e uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro, o casal do Vale, localizado na aldeia de Recezinhos<sup>4321</sup>. Este religioso é certamente o mesmo “Fernand’Yannes” que aparece identificado, como clérigo de missa, entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento lavrado no mosteiro a 7 de Fevereiro de 1502<sup>4322</sup>. Significa que deverá ter professado no tempo que medeia entre estas duas datas. A partir desta altura aparece bem documentado, sendo referenciado como cónego desta instituição monástica através de instrumentos de 9 de Junho 1503<sup>4323</sup>, 27 de Março de 1504<sup>4324</sup>, 21 de Dezembro de 1505<sup>4325</sup> e 9 de Setembro de 1508<sup>4326</sup>. A 27 de Janeiro de 1505 o prior João Fernandes encontrando-se em Roma, e tendo sido provido na igreja de S. Martinho do Campo, instituiu seus procuradores o cavaleiro João de Barros e “Fernandum Johannis canonicum regularem dicti monasterii”, para que estes tomassem, em seu nome, posse da igreja de S. Martinho do Campo<sup>4327</sup>. A 15 de Setembro de 1509 o prior e o convento do mosteiro de Roriz emprazam ao escudeiro Álvaro Nunes, criado do prior João Fernandes, o casal da Póvoa e o da aldeia de Bustelo, sendo que um dos religiosos presentes na celebração do contrato foi “Fernam Annes prior crasteiro do dicto moesteiro de Roriz<sup>4328</sup>”. Em instrumento de 17 de Fevereiro de 1510 “Fernand’Eannes” volta a ser mencionado como prior claustral da instituição, numa altura em que o mosteiro andava em contenda com lavradores da freguesia de Monte Córdova<sup>4329</sup>.

Este religioso mantinha-se entre a comunidade regrante de Roriz a 8 de Junho de 1515, dia em que aí se deslocaram os emissários régios para aplicar a taxaçaõ referente às comendas novas da Ordem de Cristo<sup>4330</sup>. Surge novamente identificado como cónego do mosteiro num instrumento de 15 de Maio de 1528, respeitante ao emprazamento que D. Luís de Almeida, na qualidade de prior de Vilarinho, fez a Fernão Gonçalves, à sua

---

<sup>4315</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°201.

<sup>4316</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>4317</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>4318</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°212.

<sup>4319</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°218.

<sup>4320</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°222.

<sup>4321</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°200.

<sup>4322</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199.

<sup>4323</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°201.

<sup>4324</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>4325</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°207. Neste instrumento aparece designado “Fernam Anes”.

<sup>4326</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°211.

<sup>4327</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°209.

<sup>4328</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°212.

<sup>4329</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°218.

<sup>4330</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

mulher e a um filho ou filha destes, dos casais de Outeiro e de Amedo, localizados na aldeia de Paradela, circunscrição da freguesia do mosteiro de Vilarinho<sup>4331</sup>. Não é de descartar a possibilidade de este Fernando Anes ser o mesmo religioso que é identificado a 30 de Maio de 1522 como cónego do mosteiro de Vilarinho<sup>4332</sup>. Tendo em conta que as duas casas monásticas eram geridas pelo mesmo prior parece-nos bastante admissível que a circulação de religiosos entre os dois mosteiros fosse uma realidade. Independentemente disso temos nova indicação ao cónego “Fernand’Eanes” a 15 de Maio de 1528, tendo sido dado como vedor em emprazamento de casais do mosteiro de Vilarinho<sup>4333</sup>, surgindo aí identificado como cónego de Roriz, o que prova que nesta ainda se encontrava entre essa comunidade regrante.

**Álvaro de Brito** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 9 de Junho 1503, no cabido do mosteiro de S. Pedro de Roriz, estando aí o senhor D. João Fernandes, prior do mosteiro e os cónegos João Peres, mestre João, Fernando Anes e “Allvaro de Brito”, emprazaram a João Álvares, a sua mulher, Maria Gonçalves, e a um filho ou filha de entre ambos, e não havendo, para uma pessoa a nomear pelo postumeiro, o casal de Cima de Vila onde já morava João Álvares, sito na freguesia de S. Mamede de Vila Chã, do julgado da Maia, termo da cidade do Porto<sup>4334</sup>. A 27 de Março de 1504 “Allvaro de Bryto” continuava a integrar a comunidade monástica de Roriz, dia em que o mosteiro emprazou a António do Couto, escudeiro do arcebispo de Braga, um casal na freguesia da Labruja<sup>4335</sup>.

**João Anes** – Cónego do mosteiro de Roriz. Aparece, juntamente, com o cónego João Pires, indicado como vedor no emprazamento que o mosteiro de Vilarinho fez, a 20 de Março de 1509, do casal de Arcozelo, na freguesia de Cerzedelo<sup>4336</sup>.

**Vasco Fernandes** – Provável cónego do mosteiro de Roriz. No dia 21 de Janeiro de 1513 aparece entre as testemunhas de um instrumento “Vasco Fernandiz creriguo criado do dicto prior” de Roriz<sup>4337</sup>. Aparece novamente a testemunhar um emprazamento feito no mosteiro de Roriz a 28 de Fevereiro de 1513, sendo aí identificado como “Vasco Fernandiz creryguo”<sup>4338</sup>. A 3 de Junho de 1513 surge entre as testemunhas de um emprazamento, em três vidas, que o prior D. João Fernandes faz, referente ao casal de Outeiro, na freguesia de S. Martinho de Penacova, sendo aí identificado como clérigo de ordens de Evangelho e criado do prior de Vilarinho<sup>4339</sup>.

**Gonçalo Anes** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 15 de Setembro de 1509 o prior, D. João Fernandes, e o convento do mosteiro de Roriz emprazam ao escudeiro Álvaro Nunes, criado do prior, os casais da Póvoa e da aldeia de Bustelo, encontrando-se, entre

---

<sup>4331</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.11; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 308-311.

<sup>4332</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.8A; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 305-307.

<sup>4333</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.11; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 308-311.

<sup>4334</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°201.

<sup>4335</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°205.

<sup>4336</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.6, Doc.30; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 297-300.

<sup>4337</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°221.

<sup>4338</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°223.

<sup>4339</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.7, Doc.3; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp. 301-302.

os elementos do convento que celebraram o contrato, o cónego “Gonçalo Annes”<sup>4340</sup>. Em instrumento de 17 de Fevereiro de 1510 surge-nos nova indicação ao cónego Gonçalo Anes, confirmando-se assim a sua presença entre os regrantes de Roriz<sup>4341</sup>. A 28 de Fevereiro de 1513 “Gonçalo Annes” empraça, juntamente com o restante convento e o prior João Fernandes, o casal de Leiras em três vidas, sendo a primeira a de Brás Martins de Leiras, nomeando este a segunda e a segunda a terceira<sup>4342</sup>.

**Graciano Anes**<sup>4343</sup> – Cónego do mosteiro de Roriz. Graciano Anes encontrava-se entre a comunidade regrante de Roriz a 8 de Junho de 1515, dia em que se deslocaram ao mosteiro os emissários régios para aplicar a taxaço referente às comendas novas da Ordem de Cristo<sup>4344</sup>.

**Gonçalo Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 18 de Julho de 1553 “Gomçallo Gomçalvez prior crestreiro”, juntamente com o restante convento e o prior Luís Fernandes, renovam por mais três vidas o emprazamento respeitante às casas que tinham na rua do Souto, na cidade do Porto, as quais trazia André Anes, clérigo de missa, morador na cidade do Porto, em terceira vida, renovando-lhe eles o contrato por mais três vidas, sendo a 1ª a dele, a 2ª para Catarina, sua criada e filha de Maria Anes, já falecida, e a 3ª vida para quem casasse com ela, e não casando que nomeasse uma outra pessoa<sup>4345</sup>.

**Fernão Peres III /Fernão Pires** – Cónego do mosteiro de Roriz. Em instrumento de 18 de Julho de 1553 “Fernam Periz” é referenciado como cónego de Roriz<sup>4346</sup>. Não é de excluir a hipótese de se tratar do mesmo religioso já identificado no início do séc. XVI.

**Pedro Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 18 de Julho de 1553 “Pero Gomçalviz”, juntamente com Luís Fernandes, prior do mosteiro e o restante convento, renovam o emprazamento respeitante às casas que tinham na rua do Souto, na cidade do Porto, as quais trazia André Anes, clérigo de missa e morador nessa cidade<sup>4347</sup>.

**António Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Roriz. A 18 de Julho de 1553 “Amtonyo Gomçalviz” era um dos religiosos que compunham a comunidade monástica de Roriz, dia em que, encontrando-se no claustro do mosteiro, o prior e o restante convento renovaram por mais três vidas o emprazamento referente às casas que tinham na rua do Souto, na cidade do Porto, as quais trazia André Anes, morador no Porto e clérigo de missa, já em terceira vida, renovando-lhe assim o contrato por mais três vidas, sendo a 1ª a dele, a 2ª a de Catarina, sua criada e filha de Maria Anes, já falecida, e moradora no Redemoinho e a 3ª vida a de quem casasse com ela, ou de outra pessoa, a nomear, caso ficasse solteira<sup>4348</sup>.

---

<sup>4340</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°212.

<sup>4341</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°218.

<sup>4342</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 18, M.13, N°222.

<sup>4343</sup> Não sendo de rejeitar a existência deste cónego é provável que se trate de Gonçalo Anes, o cónego que surge identificado por esta altura no mosteiro, mas como ainda não consultámos a fonte utilizada pela Autora não podemos retirar qualquer conclusão.

<sup>4344</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>4345</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199-A.

<sup>4346</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199-A.

<sup>4347</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199-A.

<sup>4348</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 17-B, M.12, N°199-A.

### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Estêvão Peres** – Cónego de São Pedro de Roriz. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o “obiit Stephanus Petri canonicus Rooriz” a 30 de Julho, mas sem especificar o ano do falecimento<sup>4349</sup>.

**Martim/Martinho** – Cónego do mosteiro de Roriz. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus presbiter canonicus de Rooriz” a 27 de Julho mas sem a respectiva indicação do ano do óbito<sup>4350</sup>. Desconhecemos em que altura viveu, de qualquer modo poderemos restringir a sua presença no mosteiro de Roriz a um período anterior ao último quartel do séc. XIV, isto se considerarmos que o registo que aparece a seguir ao seu está datado de 1370.

**Martim Peres/Martinho Peres/MartimPires/Martinho Pires** – Cónego de São Pedro de Roriz. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Martinus Petri canonicus de Roorici”, a 2 de Fevereiro, mas sem que seja referenciado o respectivo ano<sup>4351</sup>.

**Martim Peres II /Martinho Peres/MartimPires/Martinho Pires** – Cónego de São Pedro de Roriz. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra integra um assento referente a “Martinus Petri presbiter et canonicus de Rooriz”, recaindo aí a indicação do seu falecimento a 4 de Julho, mas também sem qualquer referência ao ano<sup>4352</sup>. Como vimos, este mesmo obituário apresenta um outro registo respeitante a Martim Peres, no entanto considerámos tratar-se de um outro religioso uma vez que este é identificado como cónego e presbítero e o outro apenas como cónego<sup>4353</sup>.

**Martim Peres Pela** – Cónego do mosteiro de Roriz. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus Petri dicto Pela canonicus de Rooriz” a 17 de Agosto mas sem a respectiva referência ao ano do óbito<sup>4354</sup>. Poderá tratar-se de algum dos indivíduos já atrás identificados como Martim Peres. É provável que este religioso tenha algum laço de parentesco com o também cónego de Roriz designado Paio Pais Pela.

**Pedro Geraldês** – Cónego de São Pedro de Roriz. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Petrus Geraldus canonicus de Rooriz” a 18 de Maio mas sem a respectiva menção ao ano do óbito<sup>4355</sup>. A única pista que nos permite estabelecer uma cronologia para este religioso é o facto de o registo que o antecede ser o de João Peres, prior do mosteiro de Arganil, ou seja do mosteiro regente de S. Pedro de Folques, isto partindo do pressuposto que a ordem seguida no registo dos assentos foi a cronológica.

**Paio Pais Pela** – Cónego do mosteiro de Roriz. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Pelagius Pelagii dicto Pela canonicus de Rooriz” a 18 de

---

<sup>4349</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.26.

<sup>4350</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.119.

<sup>4351</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.10vº.

<sup>4352</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.24.

<sup>4353</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.10vº.

<sup>4354</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.124.

<sup>4355</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.94.

Agosto mas sem a respectiva referência ao ano do óbito<sup>4356</sup>. É provável que tenha algum laço de parentesco com Martim Pais Pela, também cónego do mosteiro de Roriz.

### **2.1.10. - São Salvador de Banho (c. Barcelos)**

**Afonso Domingues** - Cónego do mosteiro de Banho. A 8 de Outubro de 1394 são-lhe legitimados três filhos (Fernando, Vasco e Gonçalo), fruto de uma relação que manteve com Joana Esteves, mulher solteira<sup>4357</sup>.

**Gonçalo Anes** – Provável cónego do mosteiro de Banho. Filho de João Fernandes e de sua mulher, Beatriz Eanes, da freguesia de Santa Eulália de Banho, da Terra de Sousa, da diocese de Braga. Recebe ordens menores, em Braga, no dia 8 de Abril de 1451<sup>4358</sup>.

#### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**João Peres/João Pires** – Cónego do mosteiro de Banho. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Petri canonicus de Balneo” a 29 de Junho mas sem a respectiva menção ao ano do óbito<sup>4359</sup>. Apesar de não termos nenhum referencial cronológico específico, há fortes probabilidades deste religioso ter integrado a comunidade regrante do Banho, nas primeiras décadas do séc. XIV, ou até em data posterior uma vez que um dos registos que antecede o seu está datado de 1245, seguindo-se entretanto uma série de outros assentos, pelo que é estimável que este religioso seja posterior ao século XIII.

**João** – Cónego do mosteiro de Banho. “Johanes canonicus de Balneo” é referenciado num Obituário de S. Jorge de Coimbra, anotando-se-lhe a data do óbito a 26 de Junho, mas sem indicação do ano<sup>4360</sup>. Não será de descurar também a possibilidade de este João ser o mesmo que aparece identificado como João Peres no obituário de S. Vicente e que já fizemos referência acima.

**João Fagundes** – Cónego do mosteiro de Banho. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Johanes Facundy canonicus de Balneo” a 2 de Agosto, mas sem indicação do ano<sup>4361</sup>.

**João Gonçalves** – Cónego do mosteiro de S. Salvador do Banho. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Gunsalvi presbiter canonicus de Balneo” a 8 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>4362</sup>.

**Soeiro** – Cónego do mosteiro de Banho. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Suerius canonicus de Balneo” a 12 de Junho, mas sem especificar o ano do falecimento<sup>4363</sup>.

---

<sup>4356</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.124.

<sup>4357</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo I, 2006, p.173; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, pp. 53, 56.

<sup>4358</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.29; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.158.

<sup>4359</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.107.

<sup>4360</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.23.

<sup>4361</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.26vº.

<sup>4362</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.135.

<sup>4363</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.21.

### **2.1.11. - São Salvador de Bravães (c. Ponte da Barca)**

**Gil Lourenço** - Cónego do mosteiro de Bravães. Participou de forma decisiva no processo de inquirição ordenada por D. Afonso IV às jurisdições do mosteiro de Bravães no seu couto. Depois de o prior e o convento se fazerem representar por Domingos Gomes e Durão Pires, aparentemente procuradores leigos, surge este cónego do mosteiro em acção, conseguindo que a instituição conservasse a jurisdição cível no couto como revela a sentença régia de 29 de Agosto de 1336<sup>4364</sup>.

**Gonçalo Domingues** – Cónego do mosteiro de Bravães. Era cónego do mosteiro quando este foi extinto a 13 de Fevereiro de 1434<sup>4365</sup>. A 10 de Abril de 1455 este religioso é confirmado como pároco de S. Romão da Nóbrega<sup>4366</sup>.

### **2.1.12. - São Salvador de Freixo (c. Amarante)**

**Paio Rodrigues** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Freixo. A 26 de Novembro de 1286 “Paaii Rodriguiz frade do moesteyro de Freyxeo” surge em Coimbra, no couto de S. Martinho do Bispo, testemunhando um instrumento de partilhas que envolve o mosteiro de Arouca<sup>4367</sup>. No ano seguinte, a 4 de Junho de 1287, o cónego Paio Rodrigues juntamente com João Martins, prior do mosteiro de Freixo, fazem, na qualidade de executores do testamento de Maria Martins de Ataíde, uma procuração ao clérigo Paulo Peres, para que este entregasse ao mosteiro de Arouca os bens que Maria Martins de Ataíde lhe deixara<sup>4368</sup>. A 12 Março de 1290 temos nova referência a “Paay Rodriguiz coonigo de Freixeo”<sup>4369</sup>, o mesmo sucedendo a 30 de Maio de 1302, dia em que Paio Rodrigues, juntamente com João Martins, surgem identificados, em documento do mosteiro de Arnóia, como religiosos da instituição agostinha<sup>4370</sup>. Em Novembro de 1304 Paio Rodrigues surge como representante do mosteiro de Freixo numa contenda contra o mosteiro de Arouca por causa de metade de um casal nas Quintãs, freguesia de Freixo, acabando o mosteiro e o seu procurador por perderem a causa e serem julgados à revelia por não comparecerem, na data agendada, perante os ouvidores do bispo do Porto<sup>4371</sup>.

**Lourenço Gonçalves** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Freixo. A 6 de Março de 1300 “Lourenço Gonçalviz coonigo de Freixeo” encontrava-se no mosteiro de Gondar, local onde foi acompanhar o seu prior, que aí se deslocou para confirmar uma doação que a abadessa D. Teresa Anes fizera ao mosteiro de Roriz, surgindo o nome de Lourenço Gonçalves entre as testemunhas elencadas no instrumento de confirmação<sup>4372</sup>.

<sup>4364</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.105-107 (Doc.49).

<sup>4365</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.49v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725.

<sup>4366</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.191; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.725.

<sup>4367</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, p.261 (doc.7).

<sup>4368</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp.307-309 (docs.84-85).

<sup>4369</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.118.

<sup>4370</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.121.

<sup>4371</sup> Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca*, vol. II, Coimbra, 2003, pp. 119-121 (Doc. N.º 77 do Apêndice Documental).

<sup>4372</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N.º8.

**João Martins** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Freixo. Apenas lhe conhecemos uma referência para o século XIV, surgindo identificado como cónego do mosteiro de Freixo num instrumento do cartório de Arnóia, datado de 30 de Maio de 1302<sup>4373</sup>.

**Bento Domingues** - Cónego do mosteiro de Freixo. Surge como procurador do mosteiro de Freixo no processo de inquirição ordenada por D. Afonso IV, o qual resultaria na perda de toda a jurisdição que o mosteiro exercia no seu couto, de acordo com a sentença régia de 16 de Janeiro de 1337<sup>4374</sup>. Não sabemos se este cónego entretanto faleceu ou se pura e simplesmente foi substituído como representante do mosteiro nesta questão uma vez que surge, já numa fase adiantada do processo, Gonçalo Pires como procurador do prior e convento de S. Salvador de Freixo<sup>4375</sup>.

**Frei Fernando** – Provável cónego do mosteiro de Freixo. Foi apresentado pelo mosteiro de Freixo para prior da igreja de Santa Cristina de Toutosa, sendo confirmado nesta paróquia pelo arcebispo D. Fernando da Guerra a 6 de Abril 1447<sup>4376</sup>.

**Rodrigo Álvares** – Provável cónego do mosteiro de Freixo. Era natural da freguesia do mosteiro de Freixo e filho de clérigo e mulher solteira, recebeu, após a necessária dispensa eclesiástica, ordens menores em Braga, a 4 de Março de 1452<sup>4377</sup>.

### 2.1.13. - São Salvador de Souto (c. Guimarães)

**Martim Pais/Martinho Pais** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto e seu prior claustral. A primeira indicação que temos a “Martino Pelagii canonico monasterii de Sauto” data de 11 de Setembro de 1293, dia em que se encontrava em Braga onde testemunhou a composição efectuada, sob a arbitragem da cúria bracarense, entre o prior do mosteiro de S. Torcato e alguns moradores da freguesia desse mosteiro por causa da água da represa do Carvalho e do seu rego<sup>4378</sup>. Este cónego surge novamente como testemunha no testamento do clérigo Domingos Godins, feito a 15 de Agosto de 1309<sup>4379</sup>. A 2 de Outubro de 1324 “Martim Paez” era “priol castreyro”<sup>4380</sup>. Este é, de resto, o único documento que o referencia como prior claustral de S. Salvador de Souto.

**Domingos Peres** – Cónego do mosteiro de Souto e futuro prior. Em finais de Dezembro de 1300 aparece identificado como “canonicus regularis monasterii de Sauto et procurator” do prior do mosteiro, D. Martim Anes, e do seu convento numa permuta de bens com o reitor da igreja de Vila Nova, também denominado Martim Anes, pela qual o mosteiro cedia os bens que tinha na freguesia de Santa Cristina de Longos em troca das propriedades que a igreja de Vila Nova possuía na freguesia de S. Salvador de

<sup>4373</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.121.

<sup>4374</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.149-151 (Doc.78)

<sup>4375</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, p.151.

<sup>4376</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.139; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.733.

<sup>4377</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 23, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.179.

<sup>4378</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°53; Faria, João Lopes de, “Arquivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.42.

<sup>4379</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.29.

<sup>4380</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.33.

Souto<sup>4381</sup>. A procuração que habilita Domingos Peres nas funções de representante do mosteiro data de 27 de Dezembro de 1300<sup>4382</sup>. A sua presença no mosteiro de Souto é documentada ainda na primeira metade da década de 90, surgindo mencionado em documento de 1294<sup>4383</sup>. Ascendeu ao priorado de Souto, aparecendo já referenciado como prior da comunidade a 13 de Dezembro de 1303<sup>4384</sup>.

... **Domingues** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto e provável prior. Apesar de não se conhecer o nome próprio, e dada a cronologia em que é referenciado, trata-se muito provavelmente de Martim Domingues, futuro prior de Souto ou de D. Domingos Domingues, seu sucessor no priorado. “---- Domingues caonigo de Souto”<sup>4385</sup> surge identificado como tal em documento de 21 de Maio de 1302<sup>4386</sup>.

**João Martins** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. A 27 de Dezembro de 1300 foi, juntamente com Domingos Peres, constituído procurador do mosteiro<sup>4387</sup>. É muito provavelmente o mesmo João Martins a quem o clérigo Domingos Godins deixa, em testamento, datado de 15 de Agosto de 1309, duas libras para botas<sup>4388</sup>, embora o documento o não identifique como cónego.

**Martim Peres** – Cónego do mosteiro de Souto. A primeira referência que lhe conhecemos data de 12 de Novembro de 1306, dia em que ele e o cónego Martim Martins foram ordenados “procuradores lidimos abastossos e geeraes” do mosteiro de Souto<sup>4389</sup>. Este religioso surge identificado em documento de 4 de Março de 1308, dia em que, juntamente com o cónego Martim Martins, foi constituído procurador da instituição<sup>4390</sup>. A 15 de Outubro de 1317, encontrámo-lo novamente a ser nomeado para funções de representação da sua comunidade, outra vez em conjunto com o cónego Martim Martins<sup>4391</sup>. Em 1326 ainda se encontrava no mosteiro de Souto, surgindo o seu nome num contrato de emprazamento datado de 26 de Março de 1326, indicando-se aí que, na qualidade de vedor nomeado pela Sé de Braga, ele tinha dado autorização à prossecução de um emprazamento que o mosteiro de S. Salvador de Souto pretendia fazer, declarando que tal negócio era favorável e proveitoso ao mosteiro<sup>4392</sup>. De resto, por um instrumento de escambo de 5 de Maio de 1325, pelo qual o mosteiro deu ao escudeiro Pedro Anes e sua mulher, Fruílhe Peres, o herdamento de Paços, em Regalados, freguesia de Santa Eulália de Sande, recebendo em troca o herdamento de Paço dos cavaleiros, em S. Francisco-o-Velho, já tinha sido incumbido pela Sé de Braga de aferir do proveito para o mosteiro de tal negócio<sup>4393</sup>.

---

<sup>4381</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.91.

<sup>4382</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 92-93.

<sup>4383</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.13. É provável que este Domingos Peres já seja o “Dominico Petri canonico de Sauto” que surge como testyemunha num instrumento datado de 22 de Fevereiro de 1274 (cf. Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.84)

<sup>4384</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 93-94.

<sup>4385</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.23.

<sup>4386</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.23.

<sup>4387</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 92-93.

<sup>4388</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.29.

<sup>4389</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 25-26.

<sup>4390</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.16.

<sup>4391</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.99.

<sup>4392</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.18-19.

<sup>4393</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.33-35.



**Martim Martins** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. É identificado como cónego do mosteiro em documento de 12 de Novembro de 1306, dia em que ele e o cónego Martim Peres são designados procuradores da instituição<sup>4394</sup>. De 4 de Março de 1308 data um outro instrumento de idêntico teor que lhe permite, a ele e ao cónego Martim Peres, exercerem as funções de procuradores do mosteiro<sup>4395</sup>, funções essas em que o vamos encontrar empenhado em 1308, numa contenda entre esta canónica regrante e o cavaleiro Martim Rodrigues e sua mulher, Sancha Gomes<sup>4396</sup>. Tais encargos obrigam-no a comparecer perante os representantes da Cúria bracarense para emprazar, em nome do mosteiro, a Pedro Peres de Donim e à sua esposa, o casal de S. Salvador de Donim, acto celebrado a 17 de Março de 1310. No testamento do clérigo Domingos Godins, feito a 15 de Agosto de 1309, é referenciado um Martim Martins, a quem deixa duas libras<sup>4397</sup>. É certo que não é aí identificado como cónego mas a ligação do clérigo testador ao mosteiro de Souto, a indicação sequencial de três indivíduos cujos nomes são cronologicamente compatíveis e identificáveis com religiosos desse mosteiro e o facto de todos serem contemplados com 2 libras levam-nos a presumir que estamos perante três religiosos de S. Salvador de Souto. Em 1317 este cónego ainda se encontrava entre a comunidade regrante de Souto como o comprova a procuração feita a 15 de Outubro desse ano, em que o prior e o convento do mosteiro o instituem como seu procurador<sup>4398</sup>, com a particularidade de tais funções serem extensíveis ao cónego Martim Peres<sup>4399</sup>.

**Domingos Mendes** – Cónego do mosteiro de Souto. A 15 de Agosto de 1309 já era frade do mosteiro de Souto sendo nomeado no testamento de seu tio, o clérigo Domingos Godins, como um dos seus testamenteiros, deixando-lhe duas libras<sup>4400</sup>. Tendo em conta que o testamento desse seu tio foi feito na freguesia de S. Salvador de Souto, é muito provável que também este cónego fosse proveniente dessa localidade. A 5 de Julho de 1310 é referenciado como “coonigo de Souto”, ao surgir entre as testemunhas que integram um contrato de venda respeitante às propriedades que João Domingues e Maria Fagundes, bem como Martim Martins e sua mulher, Domingas Fagundes, detinham nas freguesias de Santo Tirso de Prazins e São Salvador de Souto, e que venderam a Domingos Domingues<sup>4401</sup>. Testemunha também uma procuração feita em Braga, a 27 de Outubro de 1311<sup>4402</sup>. A 15 de Novembro de 1322 surge um Domingos Mendes identificado como “clérigo de Souto” a testemunhar uma doação<sup>4403</sup>. Mesmo sendo aí referenciado como clérigo é muito provável que estejamos perante o cónego que temos vindo a retratar.

**Estêvão Anes** – Cónego do mosteiro de Souto. A 17 de Março de 1310 encontrava-se em Braga, onde certamente acompanhou Martim Martins, cónego e procurador do mosteiro de Souto, testemunhando o contrato de emprazamento do casal que o mosteiro

---

<sup>4394</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 25-26.

<sup>4395</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 15-16.

<sup>4396</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 25-27.

<sup>4397</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.29.

<sup>4398</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.99.

<sup>4399</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.99.

<sup>4400</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 28-29.

<sup>4401</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 94-95.

<sup>4402</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, 1896, p.97.

<sup>4403</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, 1896, p.31.

tinha em S. Salvador de Donim, aparecendo aí identificado como “canonicus regularis dicti monasterii de Sauto”<sup>4404</sup>.

**Lourenço Miguéis** – Clérigo do mosteiro de S. Salvador de Souto. Em 1314 andava em contenda com o prior do mosteiro por causa das vestes e alimentos a que tinha direito, sendo-lhe dada sentença favorável pela cúria diocesana a 13 de Abril de 1314<sup>4405</sup>. A 19 de Outubro de 1317, dá o seu consentimento no emprazamento que o mosteiro fez do seu casal de Estrufe de Paços, a Pedro Anes de Estrufe e a sua mulher Maria Martins<sup>4406</sup>.

**Pedro Lágea** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. Surge, a 16 de Janeiro de 1326, como testemunha da quitação de 50 libras que D. Domingos Domingues, prior do mosteiro de Souto, fez a João Pais do Sabugal, respeitante a parte de uma dívida de 150 libras<sup>4407</sup>. Em Dezembro de 1340 surge a testemunhar documentos referentes à permuta de propriedades entre Estêvão Martins, abade do mosteiro de S. Martinho de Sande e Margarida Peres de Vides<sup>4408</sup>. Em 1355 ainda se encontrava entre a comunidade de S. Salvador de Souto, participando, a 21 de Novembro desse ano, na indigitação de Vasco Domingues para procurador do mosteiro<sup>4409</sup>. Surge novamente identificado como cónego do mosteiro a 1 de Dezembro de 1364<sup>4410</sup>.

**João Durães** – Cónego do mosteiro de Souto. A 2 de Novembro de 1326 encontrava-se no Porto onde testemunhou a carta de quitação que Fernão Martins da Teixeira, cavaleiro comendador do Alandroal, fez ao prior do mosteiro de Souto de Riba de Ave, respeitante a dez maravedis anuais da herdade de Vila Chã, isentando-o para sempre de tal pagamento a troco de cinco libras que aí lhe foram entregues<sup>4411</sup>. João Durães encontra-se entre as testemunhas que a 20 de Maio de 1332, são elencadas num instrumento de renúncia pelo qual Teresa Domingues de Pombal, da freguesia de S. Torcato, e outros seus familiares descendentes dos Fromarigues, cedem os direitos que detinham na igreja de S. Cláudio e nas ermidas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria a favor do prior e mosteiro de Souto<sup>4412</sup>.

**Domingos Martins** – Cónego do mosteiro de Souto. A 2 de Novembro de 1326 este frade do mosteiro de Souto surge a testemunhar uma carta de quitação que Fernão Martins da Teixeira, cavaleiro comendador do Alandroal, fez ao prior do mosteiro de Souto, referente ao pagamento de cinco libras, respeitantes a obrigações relacionadas com a herdade de Vila Chã<sup>4413</sup>.

**Martim Lourenço** – Provável cónego do mosteiro de Souto. Surge como testemunha num instrumento de renúncia, feito a 14 de Outubro de 1328, pelo qual o escudeiro Álvaro Dias do Rego, reconhecia que não era natural do mosteiro e renunciava a quaisquer direitos que aí tivesse, sendo aí identificado como clérigo do mosteiro de S.

---

<sup>4404</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.17.

<sup>4405</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 97-98.

<sup>4406</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 99-101.

<sup>4407</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde) *Documentos inéditos...*, 1896, p.101.

<sup>4408</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 49-51.

<sup>4409</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>4410</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.61.

<sup>4411</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 37-38.

<sup>4412</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.273.

<sup>4413</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 37-38.

Salvador de Souto<sup>4414</sup>. É muito provavelmente o mesmo clérigo que no dia 12 de Novembro de 1306, juntamente com os clérigos Domingos Godins e Estêvão Martins, testemunha uma procuração feita no mosteiro de Souto<sup>4415</sup>, surgindo novamente como testemunha em documento datado de 1 de Novembro de 1324<sup>4416</sup>.

**Gonçalo Peres** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. Surge como testemunha na renúncia que o escudeiro Álvaro Dias do Rego faz, a 14 de Outubro de 1328, de todos e quaisquer direitos que tivesse no mosteiro de Souto<sup>4417</sup>, aparecendo aí apenas mencionado como cónego, sem qualquer indicação da instituição a que pertencia. E se esse documento não nos permite vinculá-lo ao mosteiro de Souto, podendo mesmo admitir-se, e tendo em conta que o documento foi feito em “Guimaraens no concelho”<sup>4418</sup>, a possibilidade de se tratar de um cónego da Colegiada, um outro documento desse mês de Outubro parece querer corroborar tal hipótese ao identificá-lo como “caonigo de Guimaraens dito de Souto”<sup>4419</sup>. Trata-se de uma doação que Domingos Esteves, dito Grego, e sua mulher, Marinha Martins, moradores na freguesia de S. Miguel de Gonça, lhe fazem de vários quinhões de propriedades, incluindo o que têm na leira junto da quintã de Outeiro, pertença do cónego Gonçalo Peres<sup>4420</sup>. E se estes documentos suscitam algumas dúvidas quanto à sua vinculação ao mosteiro de S. Salvador de Souto, um outro, de 1355, parece desfazer tais incertezas. É que Gonçalo Peres é um dos frades do mosteiro de Souto presentes na assembleia que instituiu, a 21 de Novembro de 1355, Vasco Domingues como procurador do mosteiro<sup>4421</sup>.

**Domingos Abade** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. Aparece arrolado entre as testemunhas de um instrumento de renúncia e doação, datado de 30 de Maio de 1333, pelo qual Lourenço Esteves e sua mulher, Teresa Gil, fazendo-se representar por João Martins de Macieira e Domingos Botão, seus legítimos procuradores, renunciavam a todos os direitos de padroado que tivessem no mosteiro bem como todos os direitos que possuíam no casal de Ferreiros, da freguesia de Santa Eulália de Macieira, que era pertença ao mosteiro de Souto<sup>4422</sup>. Em 20 de Dezembro de 1340 surge a testemunhar um documento de escambo de propriedades entre Estêvão Martins, abade do mosteiro de S. Martinho de Sande e Margarida Peres de Vides<sup>4423</sup>.

**Estêvão Pais** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. A 10 de Maio de 1332 surge como testemunha da renúncia que Martim Anes, cónego de Guimarães, e outros descendentes dos Fromarigues, faz dos direitos que tinha na igreja de S. Cláudio e nas ermidas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria a favor do prior e mosteiro de Souto<sup>4424</sup>.

---

<sup>4414</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 102-103.

<sup>4415</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 25-26.

<sup>4416</sup> Guimarães, J. G. Oliveira (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.32.

<sup>4417</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 102-103.

<sup>4418</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.103.

<sup>4419</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.37.

<sup>4420</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 36-37.

<sup>4421</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>4422</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 109-112.

<sup>4423</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 50-51.

<sup>4424</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.274.

**Domingos Lourenço** – Cónego do mosteiro de Souto. É referenciado a 10 de Maio de 1332, presenciando a renúncia de Martim Anes, cónego de Guimarães, e de outros descendentes dos Fromarigues, residentes na zona de Guimarães, dos direitos que possuíam na igreja de S. Cláudio e nas ermidas anexas de São Martinho da Gândara e Santa Maria a favor do prior e mosteiro de Souto<sup>4425</sup>. Surge novamente mencionado como cónego do mosteiro de Souto a 20 de Julho de 1338, testemunhando o contrato referente à aquisição que Domingos Anes, sobrinho do prior, fez da herdade da Lobeira, na freguesia de S. Cosme da Lobeira, a Gonçalo de Prado, mercador de Guimarães, por três libras e meia<sup>4426</sup>. Em 20 de Dezembro de 1340 surge a testemunhar documentos referentes ao escambo de propriedades entre Estêvão Martins, abade do mosteiro de S. Martinho de Sande e Margarida Peres de Vides<sup>4427</sup>.

**Pedro Lourenço** – Cónego do mosteiro de Souto. Testemunha, em Guimarães, a 10 de Janeiro de 1336, a doação, com efeitos post-mortem, feita por Afonso Martins e sua mulher, Maria Domingues, do herdamento do lugar do Barral e de todos os herdamentos que tiverem na freguesia de S. Salvador de Souto, ao mosteiro de Souto, surgindo aí referenciado como “frade do dito mosteiro”<sup>4428</sup>.

**Pedro Lagarto** – Cónego do mosteiro de Souto. Testemunha, em Boiro, freguesia de Sanfins de Gomiães (S. Pedro Fins de Gominhães), a 17 de Junho de 1340, a doação que Maria Fernandes, moradora em Bafaul, freguesia de Santo Tirso de Prazins, fez ao prior e mosteiro de Souto do seu herdamento de Requeixo e Bafaul<sup>4429</sup>. É provável que se trate do mesmo indivíduo já identificado como Pedro Lágea.

**Geraldo Domingues** – Provável cónego do mosteiro de Souto. Filho de Domingos Martins de Soutelo e sobrinho do prior do mosteiro de Souto. A 29 de Maio de 1353 ocupava as funções de chaveiro do mosteiro, adquirindo nesse dia, por cem libras, em Guimarães, na rua da Sapateira, meias casas que eram de Domingos do Monte e da sua mulher, Teresa Gonçalves<sup>4430</sup>. Essas habitações partiam com casas do mosteiro de Mancelos e com meias casas de Estêvão Gerales, morador em Guimarães e de Constança Anes, sua mulher, pelo que a 18 de Junho de 1353 adquiriu a estes últimos proprietários essas meias casas, desembolsando 75 libras<sup>4431</sup>.

**André Domingues** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. É um dos elementos presentes na elaboração da procuração, feita a 21 de Novembro de 1355, que deu poderes de representatividade ao cónego Vasco Domingues<sup>4432</sup>. A 5 de Maio de 1356 encontra-se nas Cortinhas onde testemunha o codicilo que Pedro Gonçalves, abade da igreja de S. Martinho de Gondomar, fez ao seu testamento<sup>4433</sup>. A 6 de Julho de 1356 surge em Guimarães, acompanhando Lourenço Martins, prior de S. Torcato, que em

---

<sup>4425</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.274.

<sup>4426</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 44-45.

<sup>4427</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 50-51.

<sup>4428</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.118.

<sup>4429</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp. 47-48.

<sup>4430</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.8; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.207-208.

<sup>4431</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.4, Doc.8; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, pp.209-210.

<sup>4432</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>4433</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.59.

representação do prior do Souto, deu conhecimento a João Peres de uma carta régia que proibia a usurpação de bens e direitos do mosteiro, crime de que este último era acusado, comprometendo-se a entregar ao prior tudo aquilo de que se tinha apossado indevidamente<sup>4434</sup>.

**Afonso Esteves** – Provável cónego do mosteiro de Souto. A 21 de Novembro de 1355, testemunha, juntamente com os escolares Vicente Anes e João Peres, a procuração que o prior e os cónegos de S. Salvador de Souto fizeram ao seu cónego Vasco Domingues para que este os representasse, sendo aí identificado como chaveiro do mosteiro de S. Salvador de Souto<sup>4435</sup>.

**João Anes** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. A primeira vez que surge identificado como religioso de S. Salvador de Souto é a 21 de Novembro de 1355, sendo um dos quatro cónegos do mosteiro que, em conjunto com o seu prior, passam procuração ao cónego Vasco Domingues para que este os represente<sup>4436</sup>. A 14 de Abril de 1361 “Johanne Annes frade do Souto” encontrava-se no mosteiro de S. Simão da Junqueira, surgindo entre as testemunhas de um emprazamento aí efectuado<sup>4437</sup>. A 2 de Novembro 1362 estava presente no mosteiro de S. Torcato onde testemunhou a eleição do novo prior dessa comunidade regrante<sup>4438</sup>. É novamente identificado como cónego do mosteiro de Souto a 1 de Dezembro de 1364<sup>4439</sup>.

**Vasco Domingues** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. “Vaasco Domingues frade do mosteiro de Souto da Ordem de Sancto Agostinho do arcebispado de Braga e procurador dos religiosos priol e convento do dito mosteiro”. Assim nos é apresentado este religioso em documento, celebrado em Braga, a 16 de Dezembro de 1355 e referente ao emprazamento feito a Lourenço Esteves e a duas outras pessoas a nomear, do casal de Loureiro, sito na freguesia de S. Romão de Rendufe<sup>4440</sup>. Inserta neste mesmo documento encontra-se a procuração que o prior e o convento de Souto fizeram a 21 de Novembro de 1355, em que lhe dão poderes para efectuar emprazamentos em nome do mosteiro<sup>4441</sup>. Surge novamente identificado como cónego do mosteiro a 1 de Dezembro de 1364<sup>4442</sup>. Em Novembro de 1379 ainda se encontrava entre a comunidade de Souto, é que no dia 2 desse mês o seu nome consta no testamento do cavaleiro Álvaro Lourenço de Mariz, morador na freguesia de Santa Maria de Souto, que lhe devia nove libras<sup>4443</sup>. A 19 de Novembro de 1379 surge, em conjunto com os restantes cónegos do convento e o prior da comunidade, a emprazar ao abade de Santa Eufémia, Vasco Domingues, o campo de “Mozinhos”<sup>4444</sup>.

---

<sup>4434</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.142.

<sup>4435</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>4436</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>4437</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.126-126v°.

<sup>4438</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143.

<sup>4439</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.61.

<sup>4440</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138-140.

<sup>4441</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.138.

<sup>4442</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.61.

<sup>4443</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.286.

<sup>4444</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.65.

**Vicente Anes** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. Um instrumento datado de 1 de Dezembro de 1364 revela a sua presença entre a comunidade religiosa de S. Salvador de Souto<sup>4445</sup>.

**João Rodrigues** – Cónego do mosteiro de Souto. A 2 de Abril de 1375 acompanhou o seu prior, João Martins, ao souto e devesa dos cavaleiros, na freguesia de Santo Estêvão de Urgezes, propriedades que pertenciam a Fernão Anes, o qual deixara metade desses bens ao mosteiro de Souto e a outra metade aos seus herdeiros, procedendo-se nesse dia à respectiva divisão, surgindo arrolado “Joham Rodrigues caonigo do dito mosteiro de Souto”<sup>4446</sup> entre as testemunhas. Aparece novamente referenciado como frade do mosteiro de Souto a 2 de Novembro de 1379 no testamento do cavaleiro Álvaro Lourenço de Mariz, morador na freguesia de Santa Maria de Souto, que lhe devia 4 libras<sup>4447</sup>. Num emprazamento que o mosteiro fez, a 8 de Fevereiro de 1422, a Afonso Vicente, morador em Salamonde, de uma herdade e casas que detinha nessa freguesia, surge a referência ao cónego João Rodrigues, que fora instituído como procurador do mosteiro no mesmo dia em que foi passada procuração ao mercador de Braga, Vasco Afonso, representante da instituição neste contrato<sup>4448</sup>, não surgindo no entanto o ano dessa procuração, apenas o dia e mês: 4 de Março. De qualquer forma deveria ser relativamente recente, datando, muito provavelmente de 1320 ou 1321. No dia 26 de Maio de 1423 João Rodrigues, juntamente com o prior do seu mosteiro e o cónego Vasco Gonçalves, também religioso de Souto, encontrava-se no mosteiro de S. Torcato onde testemunha um contrato de emprazamento<sup>4449</sup>. Impor-se-á a inevitável questão: será este o mesmo João Rodrigues que já se encontra entre a comunidade monástica em 1375? Não sendo descabido admitir a hipótese de se tratar de um outro cónego mais a mais porque sendo o que já aparece referenciado em 1375 deveria andar perto dos 70 anos, idade que, naturalmente, e pelo menos em termos teóricos, não se coaduna com as funções de procurador, nem com grandes deslocções. De qualquer modo e não excluindo a possibilidade de se tratar de um homónimo parece-nos que estamos, efectivamente, perante o mesmo individuo, até porque temos um outro exemplo de longevidade perpetrado também por outro membro desta comunidade e, cronologicamente coetâneo: Vasco Gonçalves. O certo é que a partir desta última data não encontramos quaisquer outras referências posteriores a João Rodrigues, silêncio que poderá querer indiciar o seu falecimento. Por todos estes motivos e até ao aparecimento de novos dados, ressaltando sempre, evidentemente, as reservas já apresentadas, optámos por considerá-lo como sendo o mesmo religioso que surge no mosteiro no último quartel do séc. XIV.

**João Martins(?)** – Provável cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. Aparece referenciado a 19 de Novembro de 1379 surgindo aí entre os elementos da comunidade conventual de Souto, dia em que o prior e o convento emprazaram uma propriedade a Vasco Domingues, abade de Santa Eufémia, e a duas outras pessoas a nomear<sup>4450</sup>. O Abade de Tagilde, cuja transcrição documental temos vindo a utilizar, coloca dúvidas na

---

<sup>4445</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.61.

<sup>4446</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.64.

<sup>4447</sup> Costa, Padre Avelino de Jesus da, “Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto...”, 1993, p.286.

<sup>4448</sup> Guimarães, J. G. Oliveira (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.152.

<sup>4449</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°216.

<sup>4450</sup> Guimarães, J. G. Oliveira (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.65.

identificação do apelido deste cónego pelo que poderá, eventualmente, tratar-se do cónego João Rodrigues que já aparece documentado em 1375.

-----? **Peres** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. Trata-se de um dos cónegos que integrava a comunidade regrante de S. Salvador de Souto a 19 de Novembro de 1379, conforme revela o instrumento de empraçamento que o mosteiro efectuou nesse dia<sup>4451</sup>. Para esta altura não encontramos nenhum religioso com o sobrenome Peres, de qualquer modo não será de descartar a possibilidade de se tratar de Estêvão Peres, futuro prior de Souto.

**Vasco Gonçalves** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. A primeira referência que lhe conhecemos data de 19 de Novembro de 1379 surgindo aí entre os elementos constitutivos da comunidade de Souto, dia em que o prior e o convento empraçaram uma propriedade a Vasco Domingues, abade de Santa Eufémia, e a duas outras pessoas, a nomear posteriormente<sup>4452</sup>. A 25 de Abril de 1413 Vasco Gonçalves compareceu em Braga, perante o arcebispo D. Martinho, em representação do seu mosteiro para empraçar a Gervaz Geraldês, ao seu filho Domingos Gervaz e à sua futura esposa, o casal de Real, que o mosteiro tinha na freguesia de S. Romão de Sixto<sup>4453</sup>. Este contrato traz inserto o traslado da carta de procuração passada ao cónego Vasco Gonçalves para que este pudesse representar o mosteiro, acto jurídico lavrado no claustro de S. Salvador de Souto no dia 31 de Março de 1410<sup>4454</sup>. A última referência que conhecemos a este religioso remonta a 26 de Maio de 1423 dia em que, conjuntamente com o prior Afonso Lourenço, e o cónego João Rodrigues, se encontrava no vizinho mosteiro de S. Torcato<sup>4455</sup>.

**Álvaro Dias** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Souto. A 4 de Junho de 1432 encontra-se na Sé de Braga em representação do seu mosteiro onde, perante a supervisão de Gil Afonso Leitão, vigário geral do arcebispo D. Fernando, empraça a Afonso Anes dos Poços, morador na freguesia de S. Romão de Rendufe, o casal dos poços e o casal dos pardieiros, ambos pertencentes ao mosteiro de Souto e situados em Rendufe<sup>4456</sup>. A procuração que habilitava Álvaro Dias para representar o seu mosteiro encontra-se trasladada nesse documento e foi feita no mosteiro de Souto a 29 de Maio de 1432<sup>4457</sup>.

**Gonçalo Anes** – Cónego regrante do mosteiro de São Salvador do Souto, da Ordem de Santo Agostinho, da diocese de Braga. Recebe ordens de Evangelho no dia 21 de Setembro de 1443, em Braga<sup>4458</sup>, sendo-lhe também conferidas, nessa mesma cidade, a 11 de Abril de 1444, ordens de Missa<sup>4459</sup>.

---

<sup>4451</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.65.

<sup>4452</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.65.

<sup>4453</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.149-151.

<sup>4454</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.149-150.

<sup>4455</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°216.

<sup>4456</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.156-159; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.729.

<sup>4457</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.157.

<sup>4458</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 3, fl.6v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.23.

<sup>4459</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.14; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.38.

**Pedro Nogueira** – Provável cónego de São Salvador de Souto e futuro prior. Temos apenas notícia da sua indigitação e confirmação no priorado de S. Salvador de Souto, pelo arcebispo de Braga, a 12 de Março de 1450, ocupando a vaga deixada pela transferência de Luís Domingues<sup>4460</sup>, seu anterior titular. É muito provável que fosse um religioso desta comunidade.

**João Álvares** – Provável cónego regrante do mosteiro de São Salvador do Souto. Filho de Álvaro Anes e de sua mulher, Catarina, moradores na freguesia do mosteiro do Souto, do arcebispado de Braga. Recebe ordens menores no dia 24 de Fevereiro de 1453, em Braga<sup>4461</sup>. Este é certamente o mesmo João Álvares, da diocese de Braga e escolar em direito canónico que surge, a 10 de Maio de 1466, a solicitar benefícios eclesiásticos, revelando-se nessa mesma súplica que é filho de “Alvarum Johannis” e Catarina Gonçalves<sup>4462</sup>.

#### **2.1.14. - São Salvador de Valdreu (c. Vila Verde)**

**Lourenço Anes** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Valdreu. Foi o procurador do mosteiro na inquirição ordenada por D. Afonso IV e que redundou na sentença de 27 de Junho de 1336 pela qual foi confirmada a jurisdição cível do mosteiro no seu couto<sup>4463</sup>.

**Ascêncio Lourenço** – Provável cónego do mosteiro de São Salvador de Valdreu. Era natural da freguesia do mosteiro de S. Salvador de Valdreu e filho de religioso e de mãe solteira. Após dispensa, recebe, em Braga, ordens menores no dia 12 de Abril de 1449<sup>4464</sup>. Só quase uma década depois, mais concretamente a 16 de Abril de 1457, é que obteria as ordens de Epístola, também em Braga<sup>4465</sup>, cidade onde viria a receber ordens de Evangelho, a 11 de Junho de 1457<sup>4466</sup>. Ordenar-se-ia ainda neste mesmo ano de 1457, sendo-lhe concedidas, no dia 24 de Setembro, as respectivas ordens de Missa, também na cidade bracarense<sup>4467</sup>.

#### **2.1.15. - São Silvestre de Requião (c. Vila Nova de Famalicão)**

**Gil Anes / Gil Eanes** – Provável cónego do mosteiro de Requião. Em Janeiro de 1316 Gil Eanes era abade de Santa Marinha de Ferreiró, igreja da apresentação conjunta dos mosteiros de Requião e Junqueira, queixando-se ao rei dos abusos aí cometidos por

---

<sup>4460</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.153v.; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.729.

<sup>4461</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.30v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.196.

<sup>4462</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI (1456-1470), 1972, pp.375-376.

<sup>4463</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.88-89 (Doc.41).

<sup>4464</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 19, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.112.

<sup>4465</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.55; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.293.

<sup>4466</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.61; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.298.

<sup>4467</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.70v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.304.



cavaleiros, donas e escudeiros, queixa essa que recebeu resposta favorável de D. Dinis, ordenando, por carta de 19 de Janeiro de 1316, às suas justiças que actuassem em conformidade<sup>4468</sup>. Gil Eanes deverá ter falecido por esta altura ou pouco tempo depois, uma vez que o mosteiro de Requião apresentava, a 20 de Fevereiro de 1316, o cónego Julião Martins para reitor da igreja de Santa Marinha de Ferreiró, entretanto vaga, justamente, “per mortem Egidii Johannis”<sup>4469</sup>.

**Julião Martins** – Cónego do mosteiro de Requião. Sabemos que já integrava esta comunidade a 20 de Fevereiro de 1316, dia em que foi proposto para reitor da igreja de Santa Marinha de Ferreiró, em virtude do falecimento do seu anterior titular, o abade Gil Eanes<sup>4470</sup>. No entanto entre a data da apresentação e a da confirmação decorreu mais de um ano uma vez que “Julianum Martini canonicum dicti Monasterii de Requiam” só seria confirmado nessa igreja a 26 de Fevereiro de 1317<sup>4471</sup>.

**Afonso Martins** – Cónego do mosteiro de Requião. A 7 de Dezembro de 1336 “Alfonsi Martini” é referenciado como cónego regrante do mosteiro de Requião<sup>4472</sup>.

**Domingos Anes Rebelo** – Cónego do mosteiro de Requião. Em instrumento de 7 de Dezembro de 1336 “Dominici Johannis Rebello” surge identificado como cónego regrante do mosteiro de Requião<sup>4473</sup>.

**João Cansoso** – Cónego do mosteiro de Requião. A 7 de Dezembro de 1336 “Johannes Cansoso canonicus Regularis dicti Monasterii de Requiam” surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Braga, pelo qual o arcebispo absolvía de excomunhão o prior do mosteiro de Requião<sup>4474</sup>.

**Fernão Martins** – Cónego do mosteiro de Requião. É referenciado como testamenteiro do prior de Requião a 8 de Março de 1348<sup>4475</sup>.

**Domingos Miguéis** – Provável cónego do mosteiro de Requião. A 4 de Outubro de 1367 foi confirmado na igreja de Santa Marinha de Ferreiró o cónego Estêvão Domingues, religioso do mosteiro de S. Simão da Junqueira, entretanto vaga por falecimento de Domingos Miguéis<sup>4476</sup>. Tendo em consideração que esta igreja era da apresentação conjunta de Requião e da Junqueira é muito provável que este abade fosse cónego de Requião até porque não detectamos o seu nome entre a comunidade regrante da Junqueira.

---

<sup>4468</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.74vº.

<sup>4469</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 75-75vº.

<sup>4470</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 75-75vº.

<sup>4471</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 77-78.

<sup>4472</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.114-114vº.

<sup>4473</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.114-114vº.

<sup>4474</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.114-114vº.

<sup>4475</sup> Amaral, António Caetano do, *Para a História da Legislação e Costumes de Portugal, Memória V*, Edição preparada por M. Lopes de Almeida e César Pegado, Porto, Livraria Civilização, 1945, p.82.

<sup>4476</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.135-135vº.

### **2.1.16. - São Simão da Junqueira (c. Vila do Conde)**

**Domingos Gomes** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A 28 de Novembro de 1286 “Domingos Goomez Coonego deste Moesteiro” surge entre as testemunhas de um instrumento de doação pelo qual Domingos Anes Carpinteiro e a sua mulher, Domingas Simões, moradores no Porto, doam ao mosteiro de S. Simão da Junqueira todos os bens que possuíam em Vila do Conde<sup>4477</sup>. A 10 de Novembro de 1288 o prior D. Gonçalo Domingues e o convento constituem como seu legítimo procurador “Dominicum Gometii canonicum regularem nostri Monasterii” para que este possa escambar bens com o cavaleiro Lourenço Martins da Cunha, permuta que se concretizaria no dia 16 desse mês<sup>4478</sup>. Estamos certamente perante o mesmo indivíduo que alcançará o priorado de S. Simão da Junqueira ainda na última década do séc. XIII.

**Martim Anes** - Cónego de S. Simão da Junqueira. “Martinus Johannis frater Sancti Simeonis” surge entre as testemunhas de um instrumento de doação, datado de Maio de 1295, pelo qual Martim Mendes concede ao prior Gonçalo Domingues e ao mosteiro de S. Simão da Junqueira todos os seus bens<sup>4479</sup>. Martim Anes surge novamente identificado como frade entre as testemunhas de um instrumento feito a 11 de Janeiro de 1298<sup>4480</sup>.

**D. Martim Durães** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 3 de Janeiro de 1308 “Domni Martini Durandi” surge entre as testemunhas de um instrumento de renúncia de padroado que o cavaleiro João Esteves Botelho fez ao mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4481</sup>.

**Domingos Pires/Domingos Peres** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A 3 de Janeiro de 1308 “Dominico Petri Canonicus dicti Monasterii” surge entre as testemunhas do instrumento de renúncia de direito de padroado que o cavaleiro João Esteves Botelho fez a favor do mosteiro da Junqueira<sup>4482</sup>. Este é muito provavelmente o mesmo Domingos Peres que surge no segundo semestre de 1320 como abade da igreja de S. Cristóvão de Faria<sup>4483</sup>.

**Estêvão Domingues** - Cónego de S. Simão da Junqueira. Um instrumento datado de 21 de Maio de 1316 identifica “Stephano Dominici canonico Monasterii Sancti Simonis Ordinis Sancti Augustini”<sup>4484</sup>. A 3 de Novembro de 1316 “Stevam Dominges conigo do Moesteiro de Sam Simhom”, encontrando-se munido de uma procuração do prior e do convento da Junqueira, e na presença de Lourenço Peres, público tabelião de Rates, Vila do Conde e Póvoa de Varzim, emprazou a Martim Durães, à sua mulher Domingas Miguéis e a uma terceira pessoa a nomear por eles posteriormente, o lugar do Barreiro<sup>4485</sup>. “Stephanum Dominici Canonicum Regularem dicti Monasterii” é novamente referenciado em instrumento de 26 de Setembro de 1317, confirmando-se aí

---

<sup>4477</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 69-69vº

<sup>4478</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 77-78vº.

<sup>4479</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 68vº-69.

<sup>4480</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 69vº-70.

<sup>4481</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 36-37.

<sup>4482</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 36-37.

<sup>4483</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 86vº-87vº.

<sup>4484</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 120.

<sup>4485</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 44vº-45vº.

novamente que também exercia as funções de procurador da instituição<sup>4486</sup>. A 3 de Maio de 1318 “Steve Domingiz frade do mosteiro e procurador do priol” comparece em Vila do Conde, perante o tabelião Estêvão Anes, onde o cavaleiro Martim Botelho, filho de João Botelho, reconhecia que tinha filhado e penhorado em dois casais pertencentes ao mosteiro, localizados em Vila Chã, no julgado da Maia<sup>4487</sup>. A 9 de Maio de 1326 Estêvão Domingues, cónego regrante do mosteiro de S. Simão da Junqueira era também abade da igreja de Santo André de Parada<sup>4488</sup>. A 10 de Abril de 1332 continua a ser referenciado “Stephani Dominici Canonici Regularis et Rectoris Ecclesie de Parada”, com esse instrumento a revelar que este cónego se envolvera numa grave questão com Aparício Peres, prior do mosteiro da Junqueira, acabando D. Estêvão Pais, vigário geral pelo arcebispo D. Gonçalo, por absolver de excomunhão o prior do mosteiro<sup>4489</sup>. Estes mesmos intervenientes surgem novamente em contenda, como revela um instrumento datado de 19 de Dezembro de 1332, num processo que subiu à Sé de Braga e que tinha por móbil moinhos e pesqueiras de Águas Juntas, no Rio Ave<sup>4490</sup>. Estêvão Domingues, a 13 de Maio de 1338, continua entre a comunidade regrante de S. Simão da Junqueira, sendo nesta altura, abade da igreja de Ferreiro<sup>4491</sup>.

**Martim Pais** - Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 3 de Novembro de 1316 “Martim Paez capelão do dito Moesteiro de Sam Simhom”, surge entre as testemunhas de um emprazamento que o cónego Estêvão Domingues efectuou na qualidade de procurador da instituição<sup>4492</sup>. Apenas lhe conhecemos esta indicação como capelão do mosteiro.

**Aparício Peres** - Cónego de S. Simão da Junqueira. Surge, em Rates, em representação do mosteiro a 15 de Maio de 1322, comparecendo perante o juiz de Faria a quem mostra uma carta régia pela qual D. Dinis ordenava às suas justiças que defendessem o mosteiro e não permitissem que nenhuns poderosos fizessem mal à instituição ou aos seus bens<sup>4493</sup>. É certamente o mesmo “Aparício” que Frei Timóteo dos Mártires identifica como prior de S. Simão da Junqueira entre 1326 e 1330<sup>4494</sup>.

**Domingos Fernandes** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A 18 de Outubro de 1316 Domingos Fernandes, frade do mosteiro de S. Simão da Junqueira, surge entre as testemunhas de um instrumento de desistência, feito no mosteiro da Junqueira, pelo qual João Domingues de Gacim desistia da demanda que tinha com o mosteiro a propósito do casal do Penedo<sup>4495</sup>. Instrumentos de 4 de Junho de 1321 certificam Domingos Fernandes como cónego de S. Simão da Junqueira<sup>4496</sup>. “Domingos Fernandiz frade do Moesteiro de San Simom de Riba Deste” encontrava-se em Rates, a 10 de Março de 1324, apresentando-se perante Estêvão Peres, juiz de Faria, mostrando a carta de Mem

---

<sup>4486</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 73-73vº.

<sup>4487</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 81vº-82.

<sup>4488</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.94-95vº.

<sup>4489</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.104-104vº.

<sup>4490</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.108-110vº.

<sup>4491</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.125vº-126.

<sup>4492</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 44vº-45vº.

<sup>4493</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 87-87vº; Ferreira, Monsenhor José Augusto, *A igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos – Santo Agostinho e o mosteiro da Junqueira*, Póvoa de Varzim, Livraria Povoense-Editora, 1913, pp.92, 124.

<sup>4494</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, 1960, p.152.

<sup>4495</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 85-85vº.

<sup>4496</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 88-89vº.

Rodrigues Vasconcelos, meirinho de Entre Douro e Minho, lavrada dois dias antes, pela qual se regulavam os direitos dos padroeiros e naturais do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4497</sup>.

**Martim Geraldês** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A primeira referência concreta a Martim Geraldês como frade do mosteiro de S. Simão da Junqueira, é reportável a 18 de Outubro de 1316, surgindo identificado dessa forma entre as testemunhas de um instrumento aí lavrado nesse dia<sup>4498</sup>. A 4 de Junho de 1321 “Martim Giraldez coonigo Regrante do Moesteiro de Sam Simhom da Ordem de Santo Agostinho” surge perante a Corte de Braga como procurador do prior e do mosteiro por procuração feita em Vila do Conde, a 1 de Maio de 1321, por Estêvão Anes, tabelião de Vila do Conde, vendo aí validado o empraçamento que o mosteiro fez a Lucas Martins e a Pascoal Martins, seu irmão, do casal de Freande, no couto do mosteiro e do moinho de Pedramo, além de outras outras coisas que eles já traziam<sup>4499</sup>. “Martinus Geraldus Canonicus Regularis Monasterii Sancti Simeonis”, é apresentado em 1321 para a igreja de S. Martinho de Outeiro, sendo aí confirmado como vigário perpétuo a 29 de Outubro de 1323<sup>4500</sup>. A 9 de Fevereiro de 1327 o cónego Martim Geraldês, juntamente com o cónego Pedro Geraldês, é instituído procurador do mosteiro, com o prior e o convento a atribuírem-lhes amplos poderes de representatividade<sup>4501</sup>. Encontramos uma nova indicação a “Martim Giraldez frade de Sam Simhom” em instrumento de 8 de Março de 1328<sup>4502</sup>. É muito provável que seja o mesmo Martim Geraldês que surge em Rates, a 26 de Abril de 1327, na qualidade de procurador do mosteiro<sup>4503</sup> mas nesse instrumento nunca aparece identificado como cónego. A 4 de Junho de 1328 “Martim Giraldez coonigo do dito Moesteiro” aparece em Rates, integrando o rol de testemunhas de dois instrumentos de renúncia que Gil Esteves e sua irmã Teresa Esteves, aí representada pelo seu marido João Lourenço, filhos de Domingos Peres Fariseu e de Inês Peres, fizeram de todo o direito de padroado, comedoria, pousada e testamento que tinham no mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4504</sup>. Poucos dias depois, mais concretamente a 11 de Junho de 1328 detectámo-lo novamente fora do mosteiro, encontrando-se o cónego Martim Geraldês na igreja de Santa Marinha de Ferreiró, surgindo entre as testemunhas de um instrumento aí lavrado<sup>4505</sup>. A 1 de Setembro de 1332 “Martim Giraldez coonigo do dito Moesteiro” testemunha, no mosteiro de Rates, um instrumento referente a uma contenda que o mosteiro da Junqueira trazia com o cavaleiro Fernão da Veiga e seus familiares<sup>4506</sup>.

A 29 de Junho de 1333 Domingas Domingues filha que foi de Domingas Domingues Negra, doou a “Martim Giraldez coonigo de Sam Simhom” seu primo co-irmão, a metade dos herdamentos que comprou à sua tia Maria Domingues da Costa em Rio Mau, freguesia de S. Cristóvão<sup>4507</sup>. Estes elementos permitem-nos, além de conhecer algumas

<sup>4497</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.89-89vº.

<sup>4498</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 85-85vº.

<sup>4499</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl. 88-89vº.

<sup>4500</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.90vº-92.

<sup>4501</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.94-94vº.

<sup>4502</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl. 91-91vº.

<sup>4503</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 48vº-49vº.

<sup>4504</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 52vº-55vº). Teresa Esteves é aí representada pelo seu marido, João Lourenço, na qualidade de seu legítimo procurador.

<sup>4505</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.92-92vº.

<sup>4506</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.104vº-105vº.

<sup>4507</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.99vº-100.

ligações familiares deste religioso, estabelecer a sua proveniência geográfica uma vez que a doadora vivia em localidade do couto de S. Simão da Junqueira. No entanto, e em termos documentais há uma outra indicação a “Martim Giraldiz coonigo do Moesteiro de Sam Simhom” que recebeu, por doação, de Bartolomeu Martins e da sua mulher, Domingas Domingues, meio herdamento que estes tinham comprado em Rio Mau, freguesia de S. Cristóvão<sup>4508</sup>, mas sem uma referência cronológica. A 10 de Junho de 1336 o papa Bento XII (1334-1342) confirma o cónego Martim Geraldês, como vigário perpétuo da igreja de S. Martinho de Outeiro<sup>4509</sup>. A 20 de Abril de 1338 “Martim Giraldiz coonigo de Sam Simhom” surge entre as testemunhas de uma carta de venda respeitante a herdamentos transaccionados em Rio Mau, freguesia de S. Cristóvão<sup>4510</sup>. A 6 de Dezembro de 1341 “Martim Giraldiz Procurador do Convento do dito Moesteiro” acompanhou o prior D. Aparício Peres a Rates a propósito de uma demanda que o mosteiro mantinha com Pedro Esteves do Casal, filho do falecido Estêvão do Casal, e aí representado por Vasco Rodrigues, seu procurador, a propósito da bouça da Pedra de Couto de Pousadoiro, localizada em S. Martinho do Outeiro, acabando as partes por alcançar o entendimento 14 de Dezembro de 1341, com a participação do cónego e procurador Martim Geraldês<sup>4511</sup>.

**João Domingues** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A documentação não nos permite confirmar a sua vinculação ao mosteiro da Junqueira, de qualquer modo sabemos que foi abade da igreja de Santo André de Parada, cuja apresentação competia aos mosteiros regnantes de Requião e de S. Simão da Junqueira. Perante tais factos são grandes as possibilidades de estarmos na presença de um cónego de uma destas casas religiosas. Certo é apenas o facto de João Domingues ser o titular dessa igreja onde se mantinha a 21 de Maio de 1316<sup>4512</sup>.

**Pedro Geraldês** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A 9 de Fevereiro de 1327 o cónego Pedro Geraldês, juntamente com o cónego Martim Geraldês, é constituído procurador do mosteiro, com o prior e o convento a concederem-lhes poder de representatividade num amplo leque de acções<sup>4513</sup>. “Pero Giraldiz coonigo do dito Moesteiro” surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Rates a 13 de Maio de 1327, pelo qual Martim Anes Botelho renunciou a todos os direitos de padroado, pousada e comedoria que detinha no mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4514</sup>. A 5 de Agosto de 1327 o cónego Pedro Geraldês, na sua qualidade de procurador do convento e juntamente com o prior da comunidade escambam propriedades com o cavaleiro Mem Gonçalves Camelo e sua mulher Inês Rodrigues<sup>4515</sup>. A 11 de Junho de 1328 “Pero Giraldiz” surge identificado como cónego de S. Simão da Junqueira surgindo entre as testemunhas de um instrumento lavrado na igreja de Santa Marinha de Ferreiró, onde o capelão dessa igreja confessa e reconhece que Lourenço Peres, morador nessa freguesia, tinha mandado dar pela sua alma 4 soldos anuais da sua vinha da

---

<sup>4508</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.85. No traslado deste documento a ultima parte da data, correspondente ao ano, não aparece transcrita, surgindo apenas a indicação de que foi “Feita a carta em Sam Simhom dezasete dias de Mayo era de mil e trezentos e ----”.

<sup>4509</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.111vº-112.

<sup>4510</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 98vº-99vº.

<sup>4511</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 102-103.

<sup>4512</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.120. Aí surge referenciado como “Johanni Dominici Rectori Ecclesia de Parada”.

<sup>4513</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.94-94vº.

<sup>4514</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 49vº-50vº.

<sup>4515</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.93vº-96.

Praçaria da Regueira ao mosteiro de S. Simão da Junqueira, confissão da qual o prior da Junqueira, Aparício Peres, pediu um instrumento<sup>4516</sup>. A 8 de Agosto de 1328 este cónego surge novamente arrolado entre as testemunhas de um instrumento de doação feito no mosteiro de S. Simão da Junqueira, respeitante à doação que João Peres de Casal de Pedro e Luzia Fagundes, sua mulher, faziam ao mosteiro de todos os bens que tinham no seu couto<sup>4517</sup>. A de 5 de Abril de 1329 encontrava-se em Chantada, em casa de Rodrigo Anes, surgindo entre as testemunhas do testamento desse cavaleiro<sup>4518</sup>. A 3 de Fevereiro de 1338 o cónego Pedro Geraldês encontrava-se em Água Levada, freguesia de Santa Eulália de Fradelos, surgindo entre as testemunhas do acordo que D. Aparício Peres, prior do mosteiro de Requião, fez com os seus irmãos sobre a forma como deveriam ser guardados os bens móveis do seu falecido pai, Pedro Trochem até que fossem feitas as partilhas com a sua mãe Margarida Afonso<sup>4519</sup>. A 21 de Fevereiro de 1332 o cónego “Petro Giraldiz” surge entre as testemunhas de um instrumento de confissão e reconhecimento em que Pedro do Casal e a sua mulher, Teresa Fernandes confessavam que traziam diversas propriedades do mosteiro nas freguesias de Santa Maria de Bagunte e S. Martinho do Outeiro, entregando desde logo, e como forma de compensação, uma herdade sua ao prior D. Aparício Peres para que pudessem manter e usufruir dessas propriedades enquanto vivessem<sup>4520</sup>. A 8 de Julho de 1333 “Pero Giralcoonigo de Sam Simhom” encontrava-se na igreja de S. Cristóvão de Rates, surgindo entre as testemunhas de um instrumento de venda aí lavrado<sup>4521</sup>. A 20 de Abril de 1336 “Pero Giraldez coonigo do Moesteiro de Sam Simhom dantre Ave e Este Procurador dos Religiosos Varoens Martim Serzedelo Priol e do Convento do dito Moesteiro”, encontrava-se em Braga para efectuar um emprazamento, em representação do prior e convento do mosteiro<sup>4522</sup>.

**Nicolau Domingues** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 11 de Junho de 1328 “Nicolao Domingiz creligo de San Simhom” surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado na igreja de Santa Marinha de Ferreiro<sup>4523</sup>.

**Martim Pais** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 11 de Junho de 1328 “Martim Paez capelam de San Simhom” surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado na igreja de Santa Marinha de Ferreiro<sup>4524</sup>. A 12 de Abril de 1333 aparece novamente “Martim Pelaiz capellom do dito Moesteiro”, entre as testemunhas de um instrumento, pelo qual Martim Domingues, morador em Chantada e sua mulher, Domingas Domingues se comprometem a entregar anualmente, em censórias dos seus herdamentos do couto do mosteiro e de outros lugares, a Gonçalo Domingues, homem do prior D. Aparício Peres, um morabitino de vinte e sete soldos por dia de S. Martinho em reconhecimento e como pagamento dos 12 morabitinos velhos que este lhes

---

<sup>4516</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.92-92vº.

<sup>4517</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 55vº-56.

<sup>4518</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 59vº-60vº.

<sup>4519</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 98-98vº.

<sup>4520</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 86-87.

<sup>4521</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 86-87.

<sup>4522</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.112-113vº. A procuração que lhe permitia representar a instituição é datada do dia anterior, ou seja 19 de Abril de 1336, e foi feita no mosteiro da Junqueira (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.112vº-113).

<sup>4523</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.92-92vº.

<sup>4524</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.92-92vº.

entregar<sup>4525</sup>. No testamento de Rodrigo Anes, cavaleiro de Chantada há uma referência a “Martim Pelais capelom de Sam Simhom” a propósito de uma besta que o cavaleiro trazia e que pertencia ao capelão<sup>4526</sup>. Apenas lhe conhecemos estas indicações como capelão de S. Simão da Junqueira.

**Martim Anes** – Cónego de S. Simão da Junqueira. A 5 de Agosto de 1327 “Martim Annes coonigo do dicto Moesteiro” aparece entre as testemunhas de um instrumento referente ao escambo que o mosteiro da Junqueira fez com o cavaleiro Mem Gonçalves Camelo e sua mulher Inês Rodrigues<sup>4527</sup>. A 8 de Março de 1328 “Martim Anes frade” surge entre as testemunhas do instrumento de renúncia que Gonçalo Esteves, filho de Domingos Peres Fariseu e de Inês Peres, fez de todo o direito de padroado, comedoria, pousada e testamento que tinha no mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4528</sup>. A 8 de Agosto de 1328 aparece arrolado entre as testemunhas de um instrumento de doação feito no mosteiro de S. Simão da Junqueira, respeitante à doação que João Peres de Casal de Pedro e Luzia Fagundes, sua mulher, fizeram ao mosteiro de todos os bens que tinham no seu couto<sup>4529</sup>. Nesse mesmo dia 8 de Agosto de 1328, e na sequência dessa doação “Martim Annes coonigo de Sam Simhom dantre Ave e Este” tomou posse da quintã do Casal de Pedro que trazia João Peres de Casal de Pedro e sua mulher Luzia Fagundes, no entanto e por solicitação dos foreiros o cónego permitiu-lhes que detivessem a posse da propriedade até ao S. Miguel desse ano<sup>4530</sup>. Este cónego é muito provavelmente o mesmo “Martim Joam capelom” que surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado a 8 de Março de 1328, no couto do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4531</sup>. A 1 de Setembro de 1328 “Martim Annes frade do dito Moesteiro” surge em Rates, referenciado entre as testemunhas de dois instrumentos de renúncia pelos quais Mafalda Rodrigues e Aldonça Rodrigues, filhas de Rui Mendes e de Mor Viegas dos Campos abdicaram a favor do mosteiro de todos os direitos de padroado, pousada e comedoria que aí detinham<sup>4532</sup>. A 26 de Julho de 1330 “Martim Annes coonigo do dito Moesteiro” surge entre as testemunhas do instrumento de doação que Pedro Afonso e Marinha Anes, moradores em Casal Gontinho, couto de S. Simão da Junqueira, fizeram ao mosteiro de todos os bens que tinham nesse couto<sup>4533</sup>. A 23 de Setembro de 1330 “Martim Annes frade coonigo do dito Moesteiro” surge entre as testemunhas do instrumento de partilhas dos bens de Casal de Pedro que tinham sido de Domingos Peres, correndo litígio entre Maria Peres e os seus herdeiros contra o mosteiro<sup>4534</sup>. A 21 de Fevereiro de 1332 o cónego Martim Anes surge entre as testemunhas de um instrumento em que Pedro do Casal e a sua mulher, Teresa Fernandes reconhecem que traziam diversas propriedades do mosteiro situadas nas freguesias de Santa Maria de Bagunte e S. Martinho do Outeiro, chegando a acordo com o prior D. Aparício Peres no

---

<sup>4525</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.96-97.

<sup>4526</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 60.

<sup>4527</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl.93vº-96.

<sup>4528</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 51vº-52.

<sup>4529</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 55vº-56.

<sup>4530</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.92vº-93.

<sup>4531</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.91-91vº.

<sup>4532</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 56vº-59. Aldonça Rodrigues é aí representada pelo seu marido e procurador, o escudeiro Lourenço Anes (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 56vº-58).

<sup>4533</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 56vº-59. Aldonça Rodrigues é aí representada pelo seu marido e procurador, o escudeiro Lourenço Anes (cf. IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 62vº-63).

<sup>4534</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 64vº-66vº.

sentido de manterem essas propriedades em dias de suas vidas dando para tal uma herdade ao mosteiro da Junqueira<sup>4535</sup>.

**Martim Peres de Santiagãos** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 8 de Agosto de 1328 “Martim Peres de Santeghaaos” surge arrolado entre as testemunhas de um instrumento de doação feito no mosteiro de S. Simão da Junqueira, respeitante à doação que João Peres de Casal de Pedro e Luzia Fagundes, sua mulher, faziam ao mosteiro de todos os bens que tinham no seu couto<sup>4536</sup>. Como não aparece diferenciado dos restantes cónegos é de admitir tal possibilidade.

**Vasco Esteves de Tabosa** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 8 de Agosto de 1328 “Vaasco Steves de Tavoosa” surge arrolado entre as testemunhas de um instrumento de doação feito no mosteiro de S. Simão da Junqueira, respeitante à doação que João Peres de Casal de Pedro e Luzia Fagundes, sua mulher, fizeram ao mosteiro de todos os bens que tinham no seu couto<sup>4537</sup>. Como o seu nome surge entre uma sequência de cinco testemunhas com a indicação de cónegos no final não conseguimos destrinçar se são ou não todos cónegos da instituição.

**D. Domingos de Covas / D. Domingos Peres** – Cónego de S. Simão da Junqueira e antigo Prior. A 8 de Agosto de 1328 “Domingos de Covas coonigo do dito moesteiro” é referenciado entre as testemunhas de dois instrumentos, um lavrado na quintã de Casal de Pedro, no couto de S. Simão da Junqueira<sup>4538</sup> e o outro no próprio mosteiro<sup>4539</sup>. A sua presença entre os religiosos de S. Simão da Junqueira é atestada por documentos anteriores, nomeadamente uma carta régia de 6 de Abril de 1323, embora aí seja identificado como prior da instituição<sup>4540</sup>, pelo que tudo indica que deverá ter renunciado ao cargo. Como já tivemos oportunidade de adiantar na secção que dedicamos ao seu priorado parece-nos que este Domingos de Covas é o mesmo prior que já aparece identificado como Domingos Peres, a 27 de Outubro de 1321<sup>4541</sup>. De resto, esta suposição parece confirmar-se documentalmente, desde logo através de um instrumento de 5 de Abril de 1329, dia em que Domingos Peres se encontrava em Chantada, em casa de Rodrigo Anes, surgindo entre as testemunhas do testamento desse cavaleiro<sup>4542</sup>. “Domingos Peres coonigo do dito Moesteiro” surge novamente entre as testemunhas de um instrumento, desta feita lavrado no mosteiro da Junqueira a 12 de Fevereiro de 1330<sup>4543</sup>. O mesmo acontece num instrumento de compra, feito a 11 de Janeiro de 1333, à porta do mosteiro de S. Simão, surgindo entre as testemunhas “Domingos Perez coonigo do dito Moesteiro”<sup>4544</sup>.

---

<sup>4535</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 86-87.

<sup>4536</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 55vº-56.

<sup>4537</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 55vº-56.

<sup>4538</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.93.

<sup>4539</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 55vº-56.

<sup>4540</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.88.

<sup>4541</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.86-86vº.

<sup>4542</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, 1743, fl. 59vº-60vº.

<sup>4543</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 61-61vº.

<sup>4544</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.98vº-99. Trata-se de um instrumento referente à compra que Bartolomeu Peres, filho de Maria Domingues Taroa, e sua mulher, Maria Domingues, fizeram de todos os herdamentos que Domingos Peres, morador nos casais da Ponte de Além Caneiro do julgado da Maia, e sua mulher, Maria Domingues Taroa, tinham em Vilar de Anta, freguesia de Santa Maria de Bagunte.



**Pedro Domingues** – Cónego de S. Simão da Junqueira. “Pero Domingiz coonigo do dito Moesteiro” encontra-se entre as testemunhas de um instrumento lavrado a 17 de Abril de 1330 referente ao reconhecimento que André Anes fez perante Gonçalo Anes, juiz do couto de S. Simão da Junqueira, da existência de várias propriedades pertencentes ao mosteiro<sup>4545</sup>. Em instrumento feito no mosteiro da Junqueira a 8 de Março de 1328 respeitante à renúncia que Gonçalo Esteves, filho de Domingos Peres Fariseu e de Inês Peres, fez de todo o direito de padroado, comedoria, pousada e testamento que tinha no mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4546</sup>. A 16 de Março de 1333 “Pero Domingiz coonigo de Sam Simhom” encontra-se entre as testemunhas de um instrumento lavrado no mosteiro da Junqueira pelo qual João Vilar e sua mulher, Maria Martins, renunciaram ao empraçamento que traziam do mosteiro junto à igreja de Santa Maria de Bagunte<sup>4547</sup>.

A 12 de Abril de 1333 aparece novamente identificado como cónego do mosteiro, surgindo entre as testemunhas de um instrumento pelo qual Martim Domingues, morador em Chantada e sua mulher, Domingas Domingues se comprometem a entregar anualmente em censórias dos seus herdamentos do couto do mosteiro e de outros lugares, a Gonçalo Domingues, homem do prior Aparício Peres, um morabitino de vinte e sete soldos por dia de S. Martinho em reconhecimento e como pagamento dos 12 morabitinos velhos que este lhes entregara<sup>4548</sup>. Nesse mesmo dia 12 de Abril de 1333 aparece como testemunha num outro instrumento lavrado em Vilar do Sovereiro<sup>4549</sup>. A 27 de Junho de 1333 “Pero Domingiz frade do dito Moesteiro” acompanhou o prior D. Aparício a Bagunte, surgindo entre as testemunhas do instrumento de doação que Bartolomeu Peres e sua mulher, Maria Domingues, fizeram, ao mosteiro da Junqueira, de todos os herdamentos que tinham em Vilar de Anta, freguesia de Santa Maria de Bagunte<sup>4550</sup>. A 3 de Fevereiro de 1338 o cónego Pedro Domingues encontrava-se em Água Levada, freguesia de Santa Eulália de Fradelos, surgindo entre as testemunhas do acordo que D. Aparício Peres, prior do mosteiro de Requião, fez com os seus irmãos sobre a forma como deveriam ser guardados os bens móveis do seu falecido pai, Pedro Trochem até que fossem feitas as partilhas com a sua mãe Margarida Afonso<sup>4551</sup>. A 7 de Maio de 1339 “Pero Domingez coonigo de Sam Simhom” surge entre as testemunhas de um instrumento pelo qual D. Teresa Fernandes, viúva do cavaleiro Pedro do Casal e sua testamenteira, ordenava a Vasco Rodrigues, seu criado e morador no Penedo, que desse a 10 de Abril de cada ano, dia do sepultamento desse cavaleiro, um morabitino ao mosteiro de S. Simão da Junqueira, conforme vontade do finado<sup>4552</sup>. A última indicação que conhecemos a este cónego data de 3 de Julho de 1341, dia em que, com a autorização do prior do mosteiro, “Pero Dominges coonigo do Moesteiro de Sam Simhom dantre Ave e Este da Ordem de Sante Agostinho” afora a Estêvão Martins e à sua mulher toda a herdade que possuía em Santa Maria de Lousado, com a condição dos foreiros e seus herdeiros entregarem anualmente um maravedi ao prior e mosteiro por dia de S. João Baptista, devendo o prior e convento cantar quatro missas anuais pela alma do cónego, da sua mãe Maria Domingues e de seu irmão João Domingues, familiares de quem tinha herdado os bens agora aforados<sup>4553</sup>.

---

<sup>4545</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.94vº-95.

<sup>4546</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 51vº-52).

<sup>4547</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 92vº-93.

<sup>4548</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.96-97.

<sup>4549</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 93-93 vº.

<sup>4550</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.98-99vº.

<sup>4551</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 98-98vº.

<sup>4552</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.102vº-103.

<sup>4553</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.103-104.

**Domingos Domingues** - Cónego de S. Simão da Junqueira. O percurso deste religioso em S. Simão da Junqueira inicia-se na década de trinta do séc. XIV, de resto a primeira referência que lhe conhecemos data de 19 de Abril de 1336, dia em que surge entre as testemunhas de uma procuração lavrada no mosteiro, sendo aí identificado como “Domingos Dominguez Coonigo Novisso do dito Moesteiro”<sup>4554</sup>. Este cónego noviço. A 15 de Fevereiro de 1339 o cónego Domingos Domingues foi constituído procurador do mosteiro para que pudesse procurar, pedir e recolher tudo o que deviam ao mosteiro<sup>4555</sup>. E é justamente investido nessas funções que “Domingos Dominguez coonigo que se dizia do Moesteiro de Sam Simhom de Riba da Este” se desloca, a 15 de Março de 1339, a S. Tomé da terra de Aguiar de Sousa e de Refoios, às casas onde morou Teresa Gomes, solicitando ao seu filho e testamenteiro, Estêvão Ferreira, o pagamento dos dois morabitos anuais que a sua mãe deixara em testamento ao mosteiro da Junqueira referentes ao casal de Vila Nova<sup>4556</sup>. A 18 de Setembro de 1342 encontrava-se em Guimarães, entregando aí, e em nome do prior do mosteiro, a Vasco Domingues, almoxarife de Guimarães, 53 morabitos e nove soldos referente à colheita que o mosteiro tinha de dar ao rei pelas suas vindas Aquém-Douro em 1342<sup>4557</sup>. A 22 de Outubro de 1358, surge-nos nova referência ao cónego Domingos Domingues, surgindo, juntamente com o cónego Estêvão Anes e o prior da instituição a celebrar uma composição com Pedro Domingues e sua mulher, Maria Peres, com a anuência do filho destes, Martim Peres, sobre a quintã de “Cençom”<sup>4558</sup>.

A 10 de Agosto de 1360 “Domingos Dominguez coonigo de Sam Symhom da Junqueira” encontrava-se no mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia onde testemunhou dois emprazamentos aí efectuados<sup>4559</sup>. A 14 de Abril de 1361 “Domingos Dominguez Coonigo de Sam Simhom” surge entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro da Junqueira<sup>4560</sup>. No dia 11 de Outubro de 1363 o cónego Domingos Domingues encontrava-se no Porto, nas casas de Afonso Anes Aranha, onde entregou, a Vasco Gil, tesoureiro do rei, 36 libras de dinheiros portugueses referentes à terça parte da colheita que o mosteiro devia ao rei para o ano compreendido entre o S. João Baptista de 1362 e o de 1363<sup>4561</sup>.

**Domingos Martins** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 27 de Novembro de 1341 “Domingos Martinz coonigo” e Domingos Pais de Cunha surgem como juizes alvitros numa contenda que opunha Estêvão Domingues, abade de Santo André de Parada, a Martim Anes e sua mulher, Senhorinha Lourença, por causa das águas da enxurrada que o abade se queixava que eles encaminhavam para a seara da igreja de Parada<sup>4562</sup>. Apesar de não aparecer aí identificada a instituição a que pertencia este cónego parece-nos bastante plausível estarmos perante um religioso de S. Simão da Junqueira, contribuindo para este raciocínio duas premissas, por um lado o facto de o

<sup>4554</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.112vº-113.

<sup>4555</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 100vº-101.

<sup>4556</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 100vº-101vº. Nesse mesmo dia o cónego é empossado por Domingos Pais de S. Tomé nesse casal de Vila Nova, em que vivia Lourenço Peres (IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 101vº-102).

<sup>4557</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 104vº.

<sup>4558</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 121vº-122vº.

<sup>4559</sup> - IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 11, Doc.41; M. 12, Doc.1.

<sup>4560</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.126-126vº.

<sup>4561</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 118vº-119.

<sup>4562</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.117vº-118.

abade de Parada ser também cónego regrante de S. Simão e por outro, embora talvez menos relevante, o facto de o instrumento em causa ter sido feito em S. Simão da Junqueira.

**Lourenço Anes** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. Entre as testemunhas de um instrumento lavrado, a 27 de Novembro de 1341, em S. Simão da Junqueira, surge “Lourenço Anes clerigo de Sam Simhom”<sup>4563</sup>.

**Estêvão Anes** – Cónego de S. Simão da Junqueira e provável prior. A 29 de Novembro de 1355, o cónego Estêvão Anes é, juntamente com Martim Domingues, abade da igreja de Paradela, constituído procurador do mosteiro<sup>4564</sup>. Por força dessa procuração vamos encontrar “Steve Annes Coonigo Regrante do Moesteiro de Sam Simhom dantre Ave e Este da Ordem de Santo Agostinho do Arcebispado de Bragaa e Procurador dos Religiozos Apariço Perez Priol e do Convento do dito Moesteiro”, a 27 de Abril de 1356, na igreja Catedral de Braga, a cuidar de um emprazamento do mosteiro<sup>4565</sup>. A 22 de Outubro de 1358 o cónego “Stevam Annes” juntamente com o cónego Domingos Domingues, e o prior do mosteiro da Junqueira estabelecem uma composição com Pedro Domingues e sua mulher, Maria Peres, com a anuência do filho destes, Martim Peres, sobre a quintã de “Cençom”<sup>4566</sup>. A 26 de Abril de 1363 “Steve Annes frade do dito Moesteiro” encontrava-se no mosteiro de Rates, onde, em nome do prior, entregou a Estêvão Peres de Abreu, escudeiro do Infante D. Fernando e recebedor das suas colheitas Entre Douro e Minho, 13 morabitinos e a terça de dinheiros portugueses respeitante à colheita a que o Infante tinha a receber por ter vindo Aquém-Douro nesse ano de 1363<sup>4567</sup>. A 9 de Maio de 1367 “Steve Annes frade de Sam Simhom” surge entre as testemunhas de um instrumento de escambo lavrado no mosteiro da Junqueira<sup>4568</sup>. Trata-se certamente do futuro prior da comunidade.

**Estêvão Domingues** – Cónego de S. Simão da Junqueira e futuro prior. A 13 de Junho de 1368 já deveria integrar a comunidade uma vez que entre as testemunhas de um instrumento de escambo lavrado nesse dia, no mosteiro da Junqueira, surge um João Domingues mancebo de “Stevam Domingiz Frade”<sup>4569</sup>. A 6 de Março de 1375 o prior D. Estêvão Anes e o convento de S. Simão da Junqueira estabelecem por seus certos e avondosos procuradores “Stevam Domingez abbade de Ferreiroo e Martim Fernandez nosos companhoes” para que estes os representem nas mais diversas situações<sup>4570</sup>. Significa isto que por esta altura o cónego já tinha a seu cargo a paróquia de Santa Marinha de Ferreiro. É na qualidade de representante do mosteiro que Estêvão Domingues surge em Braga, nos paços do arcebispo, a 14 de Maio de 1376, onde Lourenço Pais, vigário geral do arcebispo de Braga, valida o escambo feito entre o mosteiro da Junqueira e o escudeiro Estêvão Ferreira<sup>4571</sup>. A 21 de Outubro de 1376 Estêvão Domingues, juntamente com o cónego Martim Fernandes, acompanha Estêvão Anes, prior do mosteiro, a Rates, que perante o tabelião Gonçalo Anes, e Afonso

---

<sup>4563</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.117vº-118.

<sup>4564</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125. Surge aí identificado como “Steve Annes nosso Companhom Coonigo do dito Moesteiro”.

<sup>4565</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125vº.

<sup>4566</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 121vº-122vº.

<sup>4567</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 120-120vº.

<sup>4568</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 125-125vº.

<sup>4569</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 120vº-121vº.

<sup>4570</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 126vº-127vº.

<sup>4571</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 125vº-128vº.

Martins juiz de Faria, solicita o traslado de uma carta, surgindo os cónegos referenciados entre as testemunhas desse instrumento<sup>4572</sup>. A 8 de Junho de 1382 “Stevam Dominguz coonigo do Moesteiro de Sam Simhom”, desloca-se a Rates, na qualidade de procurador do prior Estêvão Anes, onde pede ao juiz de Faria o traslado de uma sentença<sup>4573</sup>. Trata-se do futuro prior do mosteiro.

**Martim Fernandes** – Cónego de S. Simão da Junqueira. A 6 de Março de 1375 o cónego Martim Fernandes já integrava a comunidade monástica da Junqueira, dia em que o prior D. Estêvão Anes e o convento do mosteiro o constituem, juntamente com o cónego Estêvão Domingues, procurador da instituição<sup>4574</sup>. A 29 de Abril de 1375 “Martim Fernandez frade do dito Moesteiro” encontrava-se em Guimarães, onde deverá ter acompanhado o escudeiro Estêvão Ferreira, que em nome do prior da Junqueira, entregou a João Gil, almoxarife por el rei em Guimarães e Ponte de Lima, 44 maravedis velhos referentes a três meias colheitas que o prior devia ao rei D. Fernando respeitantes às três vezes que ele passou Aquém-Douro desde que era rei<sup>4575</sup>. A 21 de Outubro de 1376 Martim Fernandes surge novamente identificado como cónego do mosteiro de S. Simão, surgindo entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Rates<sup>4576</sup>. A 15 de Outubro de 1378 “Martim Fernandez procurador conigo do dito Moesteiro” é empossado no casal do Rodelo pelo escudeiro Estêvão Ferreira, em representação do escudeiro Nuno Gonçalves Camelo e de sua mulher, Inês Peres, moradores em Azóia, termo de Lisboa, que tinham escambado este casal com o prior e mosteiro da Junqueira<sup>4577</sup>. A 15 de Setembro de 1386 “Martim Fernandez conigo” encontra-se em Chantada onde acompanhou o prior D. Estêvão Domingues que aí foi tomar posse da quintã que o mosteiro permutou, nesse mesmo dia, com o mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde<sup>4578</sup>.

**Mateus Martins** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A 6 de Março de 1375 surge identificado como frade do mosteiro, constando o seu nome entre as testemunhas de uma procuração elaborada no cenóbio da Junqueira e pela qual o prior D. Estêvão Anes e o convento estabeleceram como seus procuradores os cónegos Estêvão Domingues e Martim Fernandes<sup>4579</sup>. A 22 de Maio de 1383 o prior D. Estêvão Domingues institui “Matheus Martinz coonigo do dito Moesteiro”, juntamente com Rui Ferreira, sobrinho do prior, como seus legítimos procuradores com poderes para tratar também de assuntos relativos ao mosteiro<sup>4580</sup>.

**Gonçalo Fernandes** – Cónego de S. Simão da Junqueira. A 23 de Julho de 1385 “Gonçalo Fernandez frade do dito Moesteiro”, em representação do prior Estêvão Domingues, entregou a Vasco Gonçalves, procurador e homem do escudeiro Pedro Lourenço de Távora, reposteiro mor do rei, a quem D. João, por carta dada em Guimarães, a 9 de Maio de 1385, concedeu todas as rendas das colheitas de Entre Douro e Minho desse ano, 36 libras de reais de Portugal referente à vinda de D. João aquém

---

<sup>4572</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.106.

<sup>4573</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.107vº-108.

<sup>4574</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 126vº-127vº.

<sup>4575</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 124.

<sup>4576</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.106.

<sup>4577</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 128vº-130vº.

<sup>4578</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 133vº-134.

<sup>4579</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 126vº-127vº.

<sup>4580</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 130vº-132.

Douro<sup>4581</sup>. A 26 de Fevereiro de 1399 Gonçalo Fernandes foi constituído procurador do mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>4582</sup>. É justamente em representação do mosteiro que a 26 de Março de 1400 se encontra em Braga, nos paços do arcebispo, onde é avalizado um escambo entre os mosteiros de Pombeiro e Junqueira<sup>4583</sup>.

**João Domingues** – Provável Cónego de S. Simão da Junqueira. A 15 de Setembro de 1386 “Joham Dominges frade” encontra-se entre as testemunhas de um instrumento de escambo efectuado no mosteiro de S. Simão, referente a uma troca de propriedades entre o mosteiro da Junqueira e o de Santa Clara de Vila do Conde<sup>4584</sup>.

**Gonçalo Esteves** – Cónego de S. Simão da Junqueira. A 12 de Setembro de 1396 “Gonçale Stevez conigo do Mosteiro” surge entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Rates, local onde acompanhou o prior do mosteiro, D. Estêvão Domingues, que compareceu perante Afonso Martins, juiz de Faria<sup>4585</sup>.

**Mateus Martins** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A 15 de Julho de 1417 foi-lhe legitimado um filho, de nome João Mateus, fruto da relação deste religioso com Maria Esteves, mulher solteira à altura do nascimento da criança<sup>4586</sup>. A 15 de Setembro de 1427 “Matheus Martinz e Afonso Annes Coonigos Regrantes do dito Moesteiro” fazem uma composição com o prior D. Gonçalo Fernandes do mosteiro tendo em vista o aumento das rendas da mesa conventual e das rações a distribuir aos cónegos em virtude das dificuldades que sentiam face à diminuição das rendas da mesa conventual<sup>4587</sup>.

**João Afonso** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. A 6 de Setembro de 1420 “Joham Afonso creligo de Sam Simom” surge entre as testemunhas de um instrumento feito em Barcelos, junto ao alpendre da igreja, respeitante a um privilégio de isenção de talha que os caseiros do mosteiro de São Simão da Junqueira tinham, e que não estava a ser cumprido levando o prior da instituição a comparecer perante o juiz de Barcelos para que fosse restabelecidos tais direitos<sup>4588</sup>. É muito provável que estejamos perante o mesmo indivíduo que aparece identificado como João de Tougues a 15 de Setembro de 1427, e que também surge aí mencionado como clérigo de S. Simão<sup>4589</sup>.

**Afonso Anes** - Cónego de S. Simão da Junqueira. A 15 de Setembro de 1427 Afonso Anes, juntamente com o cónego Mateus Martins, estabelece uma composição com o prior do mosteiro sobre o aumento das rendas da mesa conventual e das rações a distribuir aos cónegos, ficando acordado que estas últimas se distribuiriam pelo acordo estabelecido entre o convento e o prior D. Estêvão Anes<sup>4590</sup>. Na sequência do acordo estabelecido com o prior e nesse mesmo dia 15 de Setembro “Afonso Annes Coonigo

---

<sup>4581</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 132vº-134.

<sup>4582</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 137.

<sup>4583</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quarto, fl. 136vº-138.

<sup>4584</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 132-133.

<sup>4585</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.108.

<sup>4586</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo 3, 2006, pp.273-274. O documento refere-se-lhe nestes moldes: “Mateus Martinz conego de Sam Simom da hordem de Sancto Agostinho que he no arcebispado de Bragaa”, não aludindo à Junqueira, facto irrelevante tendo em conta os restantes dados de identificação e que não deixam margem para qualquer dúvida em relação à instituição em causa.

<sup>4587</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.114-116.

<sup>4588</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.122vº-123.

<sup>4589</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.114-116.

<sup>4590</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.114-116.

Regante do Mosteiro de São Simão da Junqueira da dita terra de Faria” desloca-se à aldeia de Moldes, freguesia de S. Miguel dos Arcos, onde em seu nome e no dos restantes cônegos do mosteiro, toma posse do casal do Ribeiro e de todas as suas herdades, casal onde morava Afonso Anes, lavrador e até aí caseiro do mosteiro, que por esse ritual de posse ficou obrigado a pagar as rendas e responder apenas perante os cônegos do mosteiro<sup>4591</sup>. Ainda a propósito desta composição conhecem-se desenvolvimentos, com o prior da instituição a não cumprir o que foi determinado o que gerou uma contenda entre as partes, sendo o cônego Afonso Anes parte interessada e activa no processo que subirá à Corte Episcopal de Braga, e culminando com sentença favorável ao convento dada a 19 de Fevereiro de 1429<sup>4592</sup>.

**João de Tougues** – Provável cônego de S. Simão da Junqueira. A 15 de Setembro de 1427 “Joham de Tougues crerigo do dito Mosteiro” surge entre as testemunhas de uma composição celebrada entre o prior e o convento de S. Simão da Junqueira a propósito do aumento das rendas da mesa conventual e das rações a distribuir aos cônegos<sup>4593</sup>. Entre as testemunhas deste instrumento encontra-se também Afonso de Tougues, irmão do clérigo<sup>4594</sup>.

Como já adiantado anteriormente é de equacionar que estejamos perante o mesmo clérigo que já surge referenciado a 6 de Setembro de 1420, embora aí identificado apenas como João Afonso<sup>4595</sup>.

**Frei Vasco Afonso** - Cônego do mosteiro de S. Simão da Junqueira. A primeira referência que conhecemos ao cônego “Vaasco Affonso” data de 19 de Fevereiro de 1429, dia em que é dada sentença por João Fernandes, bacharel em Degredos, cônego e vigário geral da diocese de Braga pelo arcebispo D. Fernando, na contenda que opunha este e os restantes cônegos do mosteiro ao prior Gonçalo Fernandes por este não cumprir o compromisso estabelecido com o convento a propósito das rendas e rações que os cônegos deveriam receber<sup>4596</sup>. A 9 de Setembro de 1451 o arcebispo D. Fernando da Guerra, encontrando-se em Tentúgal, transferiu este cônego de S. Simão da Junqueira para o mosteiro de S. Torcato de Guimarães<sup>4597</sup>.

**Vasco Martins** - Cônego de S. Simão da Junqueira. “Vaasco Martinz” é um dos cônegos que integra o convento de S. Simão da Junqueira no início de 1429 e que se opõe ao prior D. Gonçalo Fernandes por causa do incumprimento de um compromisso assumido entre o prior e o convento a propósito do aumento das rendas da mesa conventual e da atribuição das rações aos cônegos, contenda em que os cônegos vêm ser-lhes dada razão pela Cúria bracarense em sentença de 19 de Fevereiro de 1429<sup>4598</sup>.

**Vasco Anes** - Cônego de S. Simão da Junqueira (?). Filho de João Anes e de sua mulher, Margarida Gonçalves, da freguesia de S. Simão da Junqueira, da diocese de Braga. Recebe ordens menores no dia 21 de Dezembro de 1443, em Braga<sup>4599</sup>. Recebe

---

<sup>4591</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.116vº-117.

<sup>4592</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.117vº-119.

<sup>4593</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.114-116.

<sup>4594</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.116.

<sup>4595</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.122vº-123.

<sup>4596</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.117vº-119.

<sup>4597</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.165; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, pp.737, 799.

<sup>4598</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.117vº-119.

<sup>4599</sup> A.D.B. - Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.26.

ordens de Epístola, em Braga, no dia 23 de Dezembro de 1452<sup>4600</sup>. Recebe ordens de Evangelho, em Braga, no dia 24 de Fevereiro de 1453<sup>4601</sup>. Recebe ordens de Missa, em Braga, no dia 17 de Março de 1453<sup>4602</sup>.

**Estêvão Vasques** – Provável cónego de S. Simão da Junqueira. Filho de Vasco Anes e de sua mulher, Maria Afonso, da freguesia de S. Simão da Junqueira. Recebe ordens de Epístola no dia 21 de Dezembro de 1443, em Braga<sup>4603</sup>. Recebe ordens de Missa, em Braga, no dia 19 de Setembro de 1444<sup>4604</sup>.

**João Nogueira** - Cónego regrante do mosteiro de S. Simão da Junqueira da diocese de Braga. Recebe ordens de Epístola no dia 12 de Abril de 1449, em Braga<sup>4605</sup>. Recebe ordens de Evangelho, em Braga, no dia 20 de Dezembro de 1449<sup>4606</sup>.

**João Anes** - Provável cónego de S. Simão da Junqueira. Da freguesia de S. Simão da Junqueira, filho de presbítero. Recebe dispensa para obter ordens menores no dia 25 de Fevereiro de 1458, em Braga<sup>4607</sup>.

**Pedro Afonso** - Cónego regrante do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Este “coonigo reglante de do moesteiro de Sam Simom da Junqueira” era filho de Afonso Vicente e recebeu ordens menores, em Braga, no dia 18 de Dezembro de 1462<sup>4608</sup>.

**Pedro Vaz** - Cónego regrante do mosteiro de S. Simão da Junqueira, da diocese de Braga. Recebe ordens de Epístola no dia 18 de Dezembro de 1462, em Braga<sup>4609</sup>. A 26 de Março de 1463 apresentou-se em Braga para exame a ordens de Evangelho mas não passou<sup>4610</sup>. De qualquer modo a situação foi superada tendo em conta que este mesmo religioso compareceu novamente em Braga, no dia 4 de Junho de 1463, onde lhe foram atribuídas ordens de Missa<sup>4611</sup>. “Pero Vaaz conego do mosteiro de Sam Simam” foi um dos vedores que consideraram justo e benéfico para o mosteiro, o escambo feito entre o

---

<sup>4600</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.23v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.193.

<sup>4601</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.34; Fernandes, Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.198.

<sup>4602</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.39v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.201.

<sup>4603</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 4, fl. 3v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.27.

<sup>4604</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.23; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.43.

<sup>4605</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 19, fl. 1v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.112.

<sup>4606</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 21, fl.5; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.124.

<sup>4607</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 1, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.313.

<sup>4608</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 8, fl. 26v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.374.

<sup>4609</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 8, fl. 25v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.374.

<sup>4610</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 10, fl. 5; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.379.

<sup>4611</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 11, fl. 11v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.385.

mosteiro da Junqueira e Aldonça Rodrigues tinha em Vila do Conde, junto ao paço do concelho, e que foi validado por Diego Lourenço, bacharel em Degredos, cónego na Sé de Lamego e vigário geral na Sé de Braga pelo arcebispo D. Luís, a 11 de Dezembro de 1480<sup>4612</sup>.

**João Afonso** – Provável cónego do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Filho de Afonso Pires e de sua mulher, Maria Luís, moradores na freguesia de S. Simão de Vila do Conde, da diocese de Braga. Recebe ordens de Missa no dia 4 de Junho de 1463, em Braga<sup>4613</sup>.

**Afonso Rodrigues** - Cónego do mosteiro de S. Simão da Junqueira. No dia 28 de Março de 1467, um Sábado, recebeu em Braga, com a respectiva licença do seu prior, as ordens menores<sup>4614</sup>. A 2 de Abril de 1468 encontrava-se de novo em Braga, onde foi promovido às ordens de Epístola<sup>4615</sup>. Este *coonigo regrante da Ordem de Sant'Agostinho do mosteiro de Sam Simom da Junqueira* recebeu, na Sé de Braga, a 16 de Abril de 1468, ordens de Evangelho<sup>4616</sup>. A 11 de Junho desse mesmo ano são-lhe concedidas ordens de Missa<sup>4617</sup>.

**Afonso Pires** - Cónego do mosteiro de S. Simão da Junqueira. A 31 de Julho de 1486 “ho devoto Relligioso Afonso Pires Cooniguo do dito Moesteiro” deslocou-se a Vila do Conde, onde, na presença de Luís Gonçalves Farto vigário da diocese de Braga, e na qualidade de representante dos cónegos de S. Simão da Junqueira, escambou com o prior Rodrigo Álvares bens da mesa conventual por outros da abacial ou prioral<sup>4618</sup>. Através dessa permuta o prior cedeu ao convento um casal que possuía na aldeia de Moldes, freguesia de S. Miguel de Arcos, casal esse que pertencia à igreja de S. Cristóvão, recebendo em troca a parte que os cónegos possuíam num casal junto ao mosteiro, e ainda leiras da Agra da Ascensão e de Barcelaires<sup>4619</sup>.

**Pedro Gonçalves** - Cónego do mosteiro de S. Simão da Junqueira. A 25 de Maio de 1515 é identificado como cónego da Junqueira, dia em que os emissários régios aí foram aplicar a taxaço a que o mosteiro tinha sido sujeito para as comendas novas da Ordem de Cristo<sup>4620</sup>.

---

<sup>4612</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Terceiro, fl. 140-141.

<sup>4613</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 11, fl. 11; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.384.

<sup>4614</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 15, fl. 9vº; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816.

<sup>4615</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 17, fl. 7A; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816.

<sup>4616</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 18, fl. 15; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, p.816.

<sup>4617</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 19, fl. 23; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816.

<sup>4618</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.131-132vº.

<sup>4619</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Segundo, fl.131-132vº.

<sup>4620</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.



**Heitor Álvares** - Cónego do mosteiro de S. Simão da Junqueira. Era um dos cónegos que a 25 de Maio de 1515 integrava a comunidade monástica de S. Simão da Junqueira<sup>4621</sup>.

**Sebastião Vasques** - Cónego do mosteiro de S. Simão da Junqueira. A 25 de Maio de 1515 é identificado como cónego de S. Simão da Junqueira, dia em que os emissários régios aí foram aplicar a taxaço a que o mosteiro tinha sido sujeito para as comendas novas da Ordem de Cristo<sup>4622</sup>.

#### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Domingos Gomes II** - Cónego de S. Simão da Junqueira. Um obituário de S. Jorge de Coimbra menciona o “obiit Dominicus Gomeci canonicus Saancti Simonis” a 19 de Fevereiro mas sem qualquer referência ao ano do passamento<sup>4623</sup>. Para o mosteiro de S. Simão da Junqueira já tínhamos identificado um cónego designado Domingos Gomes já presente no convento em finais do século XIII e que viria a alcançar o priorado do mosteiro, por isso dificilmente se tratará do mesmo indivíduo, porque esse seria certamente identificado como prior. Parece-nos por isso estarmos na presença de um homónimo cuja cronologia não conseguimos balizar por falta de elementos objectivos.

#### **2.1.17 - São Torcato de Guimarães (c. Guimarães)**

**Domingos Domingues** – Cónego do mosteiro de São Torcato. Filho do alfaiate Domingos Anes<sup>4624</sup>. A 15 de Janeiro de 1292 este “frade do monesteyro de Sam Torcade” encontrava-se no mosteiro de Arouca, onde serviu de testemunha no testamento de Ouroana Pais<sup>4625</sup>. Não temos quaisquer outras notícias deste religioso, de qualquer forma é muito provável que ainda se mantivesse no mosteiro ao longo dos primeiros anos do séc. XIV. Concorre para este prognóstico o facto de o seu pai ainda ser vivo em 1301<sup>4626</sup>, o que, e partindo do princípio que nada de anormal lhe tenha acontecido, abre grandes perspectivas de Domingos Domingues continuar no mundo térreo e certamente entre a comunidade vimaranense.

**Paio Anes** – Cónego do mosteiro de S. Torcato e futuro prior da comunidade. A 11 de Setembro de 1293 Durando Anes, prior de S. Torcato e “Pelagium Johannis canonicum eiusdem monasteri”, encontravam-se em Braga, onde, com o patrocínio da cúria bracarense, estabeleceram uma composição amigável com alguns moradores da freguesia de S. Torcato com quem andavam em contenda por causa da água da represa

---

<sup>4621</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>4622</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.64.

<sup>4623</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38.

<sup>4624</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, p.380 (doc.84). Trata-se de um alfaiate de Arouca que aparece referenciado como testemunha num documento feito na vila de Arouca, datado de 3 de Fevereiro de 1292 (cf. Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, p.381 (doc.85).

<sup>4625</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp. 379-380 (doc.84).

<sup>4626</sup> De facto “Domingos Eanes alfaiate” surge como testemunha num contrato de venda celebrado em Arouca a 3 de Maio de 1301 (cf. Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca: Comunidade e Património (1300-1317)*, vol. II, pp.25-26 (Doc. 14 do Apêndice Documental).

do Carvalho e do seu rego<sup>4627</sup>. Paio Anes surge aí na qualidade de cónego e procurador do mosteiro. De resto, esta é a única referência documental que conhecemos a Paio Anes na qualidade de cónego, acabando este religioso por alcançar o priorado da instituição no início do século XIV.

**João Rodrigues** – Cónego do mosteiro de S. Torcato. A 16 de Fevereiro de 1349 André Pais, cónego de Braga e vigário geral do Cabido, por vacância da Sé de Braga, confirma João Rodrigues, cónego do mosteiro de S. Torcato como abade de S. Cosme da Lobeira<sup>4628</sup>. Não podemos afirmar que seja o mesmo João Rodrigues que se mantém à frente desta igreja em 1395<sup>4629</sup> mas tudo leva a crer que sim, de resto aparece identificado em 1386 como abade de S. Cosme da Lobeira<sup>4630</sup>. Não é de excluir a hipótese de se tratar de um homónimo mas seria de facto muita coincidência a sucessão na mesma igreja de dois indivíduos com o mesmo nome, e provenientes do mesmo mosteiro. É que a 11 de Julho de 1395 surge João Rodrigues, abade de S. Cosme da Lobeira, em representação do arcebispo de Braga, a empossar Martim Anes, cónego regente do mosteiro de São Torcato, como vigário da igreja de S. Romão de Rendufe<sup>4631</sup>. Se considerarmos que foram cumpridos todos os pressupostos canónicos no que concerne à ordenação e atribuição dos benefícios eclesiásticos, significa que em 1395 João Rodrigues teria no mínimo setenta anos<sup>4632</sup>, sem dúvida um caso de interessante longevidade.

**Estêvão Anes** – Cónego e prior crasteiro do mosteiro de São Torcato. Na sua qualidade de prior claustral dirigiu o acto eleitoral que conduziu à eleição de João Martins para prior mor de S. Torcato, a 2 de Novembro de 1362<sup>4633</sup>. A 2 de Agosto de 1395 ainda é

---

<sup>4627</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°53; Faria, João Lopes de, “Arquivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.43.

<sup>4628</sup> Faria, João Lopes de, “Arquivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, pp.31-32. Sobre o cónego Afonso Pais veja-se os dados biográficos compilados em *Os capitulares bracarense (1245-1374): notícias biográficas*, Lisboa, 2005, pp.234-235, onde de facto se confirma que exerceu as funções de vigário geral em 1349.

<sup>4629</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-a.

<sup>4630</sup> Ferreira, Maria da Conceição Falcão, *Guimarães “Duas Vilas, Um Só Povo”. Estudo De História Urbana (1250-1389)*, Braga, 2010, p.539.

<sup>4631</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-a. Uma sentença do arcebispo de Braga, datada de 24 de Abril de 1425 confirma que João Rodrigues era cónego do mosteiro de S. Torcato no século XIV, dizendo aí textualmente, a propósito da inquirição sobre a anexação da igreja de S. Cosme da Lobeira que essa igreja estivera anexa ao mosteiro sendo nessa altura prior do mosteiro Lourenço Martins e “Joham Rodriguiz entom coonigo delle” era quem trazia a igreja (cf. AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224). Naturalmente que estes dados apenas nos confirmam a existência deste cónego de S. Torcato e a sua ligação a S. Cosme da Lobeira, mas dada a aparente longevidade quer do cónego quer do prior não nos permitem cravar informação de modo a fazer uma delimitação cronológica mais concreta.

<sup>4632</sup> O concílio de Viena (1311-1312) estabelece os 18 anos para as ordens de sub-diaconado, 20 para o diaconado e 25 para ser ordenado presbítero (cf. *Dictionnaire Universel et complet des Conciles...*, Tome Second, Paris, 1847, p.1268) de resto com o Concílio de Trento a idade de 25 anos para a ordenação manter-se-á, com a atribuição de ordens de sub-diaconado e diaconado a subirem, respectivamente, para os 22 e 23 anos (cf. *O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento em Latim, e Portuguez...*, Tomo II, 2ª ed., Lisboa, 1786, pp.186-189). Apesar de esta ser a idade canónica, na diocese de Braga, pelo menos durante o arcebispado de D. Fernando da Guerra, a idade mínima para obter e exercer o sacerdócio eram os 24 anos (cf. Marques, José, Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.922). Deste modo, e admitindo uma conjugação de circunstâncias que tenham permitido a João Rodrigues assumir a igreja de S. Cosme com 24 ou 25 anos, em 1349, a sua idade nunca poderia ser inferior aos 70 anos em 1395.

<sup>4633</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143.

referenciado como cónego do mosteiro de S. Torcato, dia em que o prior passa carta de quitação ao cónego Martim Anes, respeitante a diversos pagamentos em géneros e dinheiro<sup>4634</sup>.

**Lourenço Gomes** – Cónego do mosteiro de São Torcato. Lourenço Gomes é identificado como frade do mosteiro de S. Torcato em instrumento de 2 de Fevereiro de 1349, surgindo entre as testemunhas que presenciaram a entrega, por parte de diversos particulares, dos direitos de padroado que detinham nas igrejas de S. Cosme da Lobeira e S. Romão de Rendufe<sup>4635</sup>. Este religioso ainda integrava a comunidade conventual em 1362, sendo um dos cónegos que no dia 2 de Novembro desse ano participou na eleição de João Martins para prior mor de S. Torcato<sup>4636</sup>.

**Martim Anes** – Cónego do mosteiro de S. Torcato. Deveria ser natural do Tojal, freguesia de Santa Lucrecia de Sixto, pelo menos a avaliar pelo testamento de Lourenço Anes, morador nesse lugar e irmão de um Martim Anes, a quem faz herdeiro e testamenteiro, e que supomos ser este religioso<sup>4637</sup>. A 2 de Novembro de 1362 participou na eleição de João Martins para prior mor do mosteiro<sup>4638</sup>. A 22 de Maio de 1395 o arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente (1374-1397), confirmou o “religiosum Martinum Joahannis canonicum regularum dicti monasteri” de S. Torcato como vigário perpétuo da igreja de S. Romão de Rendufe<sup>4639</sup>, realizando-se o cerimonial de entrega e posse desta igreja no dia 11 de Julho seguinte<sup>4640</sup>. Pouco tempo depois, mais concretamente a 2 de Agosto, o prior Lourenço Martins, passou-lhe uma carta de quitação, reconhecendo que este cónego não lhe devia mais nada, no entanto não é aí revelado, em concreto, o que foi saldado<sup>4641</sup>.

A 30 de Março de 1406 é-lhe legitimado Álvaro Martins, filho nascido de uma relação com Margarida Anes, à altura do nascimento da criança, mulher solteira<sup>4642</sup>.

**João Martins** – Cónego do mosteiro de S. Torcato e futuro prior. A 2 de Novembro de 1362 João Martins, cónego professo de S. Torcato foi eleito para prior mor do mosteiro<sup>4643</sup>.

**Bernardo Anes** – Cónego do mosteiro de S. Torcato. A primeira indicação que lhe conhecemos data de 19 de Abril de 1392, dia em que “Bernalde Anes coonigo do moesteiro de Sam Torcade como procurador que dizia que era do priol e convento” compareceu perante o tabelião João Anes, a propósito de uma contenda que opunha o

---

<sup>4634</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-b.

<sup>4635</sup> Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, pp.31-32.

<sup>4636</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143.

<sup>4637</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-c. O documento não identifica Martim Anes como cónego de S. Torcato mas tudo indica tratar-se desse mesmo religioso até porque o pergaminho onde se encontra esse texto integra outros dois relacionados com Martim Anes.

<sup>4638</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143.

<sup>4639</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°182.

<sup>4640</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-a.

<sup>4641</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-b.

<sup>4642</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. III – Tomo I, 2006, p.185; Viegas, Valentino, *Subsídios para o estudo das Legitimações Joaninas (1383-1412)*, Heuris, 1984, p.102.

<sup>4643</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.734. No documento ao fazer-se a elencagem dos religiosos surge aí João Rodrigues, o que deverá ter sido, como observa José Marques, uma falha do redactor do documento (cf. Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.925 (nota 591)).

mosteiro e João Anes, filho de João de Pomares, morador em S. Salvador de Silveiros, por causa de 40 libras respeitantes a direitos sobre os bens que o mosteiro detinha na freguesia de Sixto<sup>4644</sup>. A 2 de Agosto de 1395 é novamente referenciado entre a comunidade regrante de S. Torcato<sup>4645</sup>. A 7 de Novembro de 1411 este cónego, juntamente com Afonso Martins, também religioso S. Torcato, surge como procurador do mosteiro, apresentando-se no paço de concelho perante Afonso Anes do Castelo, juiz de Guimarães que deu sentença favorável ao mosteiro numa contenda envolvendo direitos de água<sup>4646</sup>. Um emprazamento do mosteiro de Souto, feito em Braga, a 25 de Abril de 1413 revela que “Bernalde Annes coonigo regrante do moesteiro de Santorquade e abbade de Sam Romaa de Randufe” foi encarregue pela Sé de Braga para ser o vedor nesse negócio, dando o seu assentimento ao contrato<sup>4647</sup>. No início da década de trinta este religioso continuava entre a comunidade de S. Torcato, sendo que a 8 de Fevereiro de 1432 “Bernalde Anes coonigo do dicto moesteiro” era capelão da igreja de S. Cosme da Lobeira<sup>4648</sup>.

**Afonso Martins** – Cónego e prior claustral do mosteiro de S. Torcato. “Affonso Martinz” é um dos quatro cónegos do mosteiro de S. Torcato identificados num instrumento de quitação datado de 2 de Agosto de 1395<sup>4649</sup>. A 16 de Julho de 1403 é proferida sentença favorável ao mosteiro de S. Torcato a propósito dos direitos que este detinha sobre a água do rio Selho para regar as suas terras, cujo caudal e correnteza eram perturbados pela construção de moinhos e represas a montante, acção essa interposta por Afonso Martins, prior claustral do mosteiro de S. Torcato, por na altura não haver prior mor<sup>4650</sup>. A 7 de Novembro de 1411 este cónego, juntamente com Bernardo Anes surge como procurador do mosteiro<sup>4651</sup>.

**João Anes** – Cónego do mosteiro de São Torcato e futuro prior. A primeira referência que confirma a sua ligação ao mosteiro vimaranense é de 21 de Maio de 1397, dia em que se encontrava em Guimarães, onde testemunhou a composição amigável feita entre o prior e o mosteiro de Souto e Afonso Domingues, sapateiro de Guimarães, a propósito de umas casas que ambos disputavam nessa vila<sup>4652</sup>. Este documento, no entanto, não nos permite identificar as funções que este religiosos ocupava na comunidade torcatense por essa altura, de qualquer modo é admissível que fosse o prior claustral, até porque no início da centúria de quatrocentos atingiria o priorado do mosteiro, sendo eleito pelos seus cónegos, datando de 17 de Novembro de 1403 o consentimento de D. João I a essa eleição, privilégio que lhe assistia na qualidade de detentor do padroado do mosteiro<sup>4653</sup>.

---

<sup>4644</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°250.

<sup>4645</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-b.

<sup>4646</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°199.

<sup>4647</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.151.

<sup>4648</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°251.

<sup>4649</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°183-b.

<sup>4650</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°264; Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.41.

<sup>4651</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°199; Faria, João Lopes de, “Archivo da Colegiada de Guimarães – Tombo dos Coutos”, in *Revista de Guimarães*, Vol.30, 1913, p.42. No sumário de João Lopes de Faria aparece “14 de Novembro da era de 1449”, ou seja 1411 do ano de Cristo, no entanto a leitura que fizemos do dia foi 7 e não 14, e como não tivemos ainda oportunidade de voltar a confrontar o original para esclarecer a dúvida, fica aqui a chamada de atenção, admitindo desde já a eventual falha.

<sup>4652</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.66-67.

<sup>4653</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. II – Tomo 3, 2005, p.296.

**Gil Esteves** – Provável cónego do mosteiro de S. Torcato. A 11 de Agosto de 1419 Gil Esteves era abade de S. Cosme da Lobeira<sup>4654</sup>, igreja para a qual tinha sido apresentado pelo prior e convento de S. Torcato, sendo certo que a 24 de Abril de 1425 “Gill Estevez que era della pestumeiro abbade e reitor” já tinha falecido<sup>4655</sup>.

**Álvaro Martins** – Cónego do mosteiro de S. Torcato e seu futuro prior. A 22 de Janeiro de 1424 o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, confirmou a “Alvaro Martinz coonigo reglante do moesteiro de San Torcade da hordem de Sancto Agostinho o dicto moesteiro”<sup>4656</sup>.

**João Anes Albernaz** – Provável cónego do mosteiro de S. Torcato. A 24 de Janeiro de 1425 o arcebispo D. Fernando confirmou “Johanne Annes Alvernaz clerigo d’ordeens meiores” como abade da igreja de S. Cosme da Lobeira por apresentação do prior e convento de S. Torcato<sup>4657</sup>. Não encontramos nenhum documento que confirme que se trata de facto de um cónego desta comunidade regrante mas o facto de ser apresentado pelo mosteiro e sendo a regra a apresentação de religiosos da comunidade é uma possibilidade a ter em conta. A obstar a essa hipótese há o facto de se dizer ao arcebispo que a igreja estava anexa ao mosteiro, pelo que foram mandadas tirar inquirições, apurando-se que assim era, só que entretanto como o clérigo João Anes já tinha sido confirmado a igreja só voltaria a adquirir o estatuto que possuía anteriormente quando vagasse, o que faz pressupor que não tenha sido apresentado pelo mosteiro<sup>4658</sup>.

**Vasco Afonso** – Cónego do mosteiro de S. Torcato e futuro prior de Freixo. A 26 de Abril de 1419 já aparece identificado como prior de S. Salvador de Freixo<sup>4659</sup> mas uma súplica datada de 29 de Janeiro de 1425 revela que Vasco Afonso tinha sido cónego do mosteiro de S. Torcato, altura em que obteve a comenda de S. Martinho de Rio de Moinhos por um período de dez anos, data que estava prestes a expirar, surgindo Vicente Peres, clérigo de Lisboa a solicitar o benefício<sup>4660</sup>. À luz dos documentos pode-se afirmar que Vasco Afonso abandonou a canónica torcatense numa data situada entre 1415 e 1419, uma vez que nesta última já era titular do priorado de Freixo<sup>4661</sup>.

**Diogo Pires** - Cónego do mosteiro de São Torcato. Recebe ordens de Evangelho no dia 8 de Abril de 1447, em Braga<sup>4662</sup>. No dia 3 de Junho de 1447 são-lhe conferidas ordens de Missa, novamente em Braga<sup>4663</sup>.

---

<sup>4654</sup> Costa, Avelino de Jesus da, *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, Vol. II, 1959, pp.478-479 (doc.123); Oliveira, A. Lopes de, *Fafe e o seu concelho*, Edição da Câmara Municipal de Fafe, pp.29-30.

<sup>4655</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224.

<sup>4656</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.1.

<sup>4657</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224.

<sup>4658</sup> AMAP – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, Pergaminhos, N°224.

<sup>4659</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2 (Súplicas do pontificado de Martinho V), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Braga, Livraria Editorial Franciscana, 1982, pp. 165-166.

<sup>4660</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.13.

<sup>4661</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 165-166.

<sup>4662</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 14, fl.2; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.90.

<sup>4663</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 15, fl.3v.º; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.95.

**Pedro Vaz** – Provável cónego do mosteiro de São Torcato. Filho de Lourenço Vaz e de sua mulher, Violante Vaz, moradores na freguesia de S. Torcato de Guimarães, da diocese de Braga. Recebe ordens menores no dia 12 de Junho de 1462, em Braga<sup>4664</sup>. Essa eventual ligação ao mosteiro baseia-se apenas no factor da proximidade geográfica, de qualquer modo são muito diminutas as possibilidades de este indivíduo pertencer a esta casa monástica uma vez que nesta altura já não haveria religiosos em S.Torcato.

**Cónegos cuja cronologia não foi possível precisar:**

**João Martins II** – Cónego do mosteiro de S. Torcato. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Martini canonici Torcaty” a 28 de Abril mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>4665</sup>. Dificilmente se tratará do cónego João Martins, professo do mosteiro de S. Torcato que foi eleito, a 2 de Novembro de 1362, prior mor do mosteiro<sup>4666</sup>, porque nesse caso seria certamente indicado como prior.

---

<sup>4664</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 8, fl.20v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas dos Ordinandos da Mitra de Braga (1430-1588)*, Tomo I, Ponte de Lima, Edições Carvalhos de Basto, 2002, p.369.

<sup>4665</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.69.

<sup>4666</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, p.143; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.734.

## **2.2. Diocese de Lamego**

### **2.2.1. - Santa Maria de Cárquere (c. Resende)**

**Domingos Martins(?)** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Dominicus Martini(?) canonicus de Carcary” a 5 de Junho de 1306<sup>4667</sup>.

**Pedro Durão** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere e seu prior claustral. “Pero Duron prior crostreyro do monesteyro de Carquery”<sup>4668</sup> surge, juntamente com o restante convento do mosteiro de Cárquere, a estabelecer como procurador da instituição, por instrumentos de 1 e 7 de Outubro de 1305, o prior D. Gonçalo Esteves como seu representante perante o bispo e os vigários de Lamego na questão que opunha o mosteiro a alguns naturais, padroeiros e fregueses da igreja de Santa Maria de Freigil por causa dos direitos de padroado dessa igreja<sup>4669</sup>.

**Pedro Anes** – Cónego regrante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Surge identificado como cónego do mosteiro de Cárquere entre as testemunhas de uma procuração lavrada nesse mosteiro a 1 de Outubro de 1305 e pela qual o prior claustral e o convento de Cárquere nomeavam seu procurador o prior mor da instituição para os representar na contenda que o mosteiro tinha com alguns fregueses e naturais da igreja de Santa Maria de Freigil por causa dos direitos de padroado<sup>4670</sup>.

**Martim Domingues** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. Aparece identificado como cónego do mosteiro de Cárquere a 1 de Outubro de 1305<sup>4671</sup>. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Martinus Dominici canonicus de Carcary” a 17 de Janeiro, mas sem especificação do ano do óbito<sup>4672</sup>.

**Bartolomeu Pais** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. “Bartolomeu Pays” aparece identificado como cónego do mosteiro de Cárquere entre as testemunhas de uma procuração lavrada nesse mosteiro a 7 de Outubro de 1305<sup>4673</sup>. Cerca de 17 anos depois ainda se mantinha na instituição uma vez que a 22 de Agosto de 1322 “Bartholomeus Pelagii canonicus monasterii de Carcari diocesis Lamacensis” encontrava-se em Coimbra, tendo servido de testemunha, no átrio da igreja de São Tiago, ao traslado de cláusulas do testamento de D. Pedro Martins, chantre da Sé de Coimbra, disposições essas respeitantes ao mosteiro de Celas<sup>4674</sup>.

---

<sup>4667</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.20.

<sup>4668</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1296-1349)*, Leiria, Edições Magno, 2003, p.494 (doc.32f).

<sup>4669</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, pp.489-490; 494-495 (docs. 32a;32f).

<sup>4670</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, p.490 (doc.32a).

<sup>4671</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, p.490 (doc.32a).

<sup>4672</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34.

<sup>4673</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, p.495 (doc.32f). Este Bartolomeu Pais é certamente o mesmo religioso de Cárquere que surge identificado como “Bartolomeu Peres” em instrumento datado de 1 de Outubro de 1305 (cf. Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, p.490 (doc.32a).

<sup>4674</sup> Morujão, Maria do Rosário Barbosa, *Um mosteiro cisterciense feminino: Santa Maria de Celas (século XIII a XV)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 2001, p.417 (doc.170).

**Pedro Domingues** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. “Pero Domingues coonigo de Carquery”<sup>4675</sup> aparece, a 29 de Setembro de 1305, a servir de emissário do bispo de Lamego, D. Afonso, dando conhecimento a vários indivíduos que eram naturais e padroeiros da igreja de Freigil para que estes, num prazo de 4 dias, respondessem sobre os direitos de padroado dessa igreja, uma vez que eram acusados pelo prior do mosteiro de Cárquere de embargarem e interferirem com os direitos de padroado que o mosteiro aí detinha<sup>4676</sup>. “Petro Dominici canonicus de Carcary” faleceu a 18 de Janeiro como revela um Obituário de S. Jorge de Coimbra, sem que conste aí o ano em que ocorreu o óbito<sup>4677</sup>.

**Domingos Peres** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere e provável prior claustral. Surge identificado como cónego do mosteiro de Cárquere entre as testemunhas de uma procuração lavrada nesse mosteiro a 7 de Outubro de 1305 e pela qual o prior claustral e o convento de Cárquere confirmavam como seu procurador o prior D. Gonçalo Esteves para que este os continuasse a representar na disputa em que o mosteiro se envolvia com alguns naturais e padroeiros da igreja de Santa Maria de Freigil por causa dos direitos de padroado<sup>4678</sup>. Não excluindo a possibilidade de estarmos perante um homónimo, é muito provável que este Domingos Peres tenha alcançado o cargo de prior claustral como confirma um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra que indica o falecimento de “Dominicus Petri prior craustrari Sancte Marie de Carcary” a 15 de Janeiro, mas sem indicação do ano<sup>4679</sup>.

**Afonso Anes** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. A 22 de Novembro de 1378 já era cónego regrante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere<sup>4680</sup>. A 15 de Maio de 1383 “Afonso Annes coonigo de Carcare” encontrava-se na cidade do Porto testemunhando um instrumento referente ao mosteiro de Grijó, aí representado pelo seu prior, D. Gonçalo, que vira bens penhorados por causa de uma suposta dívida de trezentas libras de dízima ao rei<sup>4681</sup>. No final do séc. XIV ainda se mantinha entre a comunidade trazendo “Affonso Eannes conego de Carquere” emprazado do mosteiro de Ancede o casal de Bafoeiras, em Aregos<sup>4682</sup>.

**Gonçalo Gonçalves** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. A 29 de Novembro de 1378 já é mencionado como cónego de “Sancte Marie Carcarensis ordinis sancti Augustini diocesis Lamecensis”<sup>4683</sup>.

**Gonçalo Peres** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. Identificado como cónego regrante de Cárquere em súplica dirigida ao papa Clemente VII, de 29 de Novembro de 1378<sup>4684</sup>. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Goncalvus

---

<sup>4675</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, pp.490-491 (docs.32b,32c).

<sup>4676</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, pp.490-492 (docs.32b-32d).

<sup>4677</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34.

<sup>4678</sup> Saraiva, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, 2003, p.495 (doc.32f).

<sup>4679</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.33vº.

<sup>4680</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II (Súplicas dos pontificados dos papas de Avinhão Clemente VII e Bento XIII e do papa de Roma Bonifácio IX), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Braga, Livraria Editorial Franciscana, 1970, p.56.

<sup>4681</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls.16vº-19.

<sup>4682</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fls. 17,26, 2003, pp.259, 283.

<sup>4683</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.76.

<sup>4684</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.74.



Petri” a 28 de Janeiro, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4685</sup>. Já um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Gonsalvus Petri canonicus monasterii de Carcari” mas a 25 de Setembro também sem menção ao ano do óbito<sup>4686</sup>.

**Vasco Peres** – Cónego regente do mosteiro de Cárquere. Já se encontrava nesta casa monástica a 29 de Novembro de 1378<sup>4687</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Valascus Petri canonicus monasterii de Carcarii” a 27 de Setembro mas sem indicação do ano do óbito<sup>4688</sup>.

**João Fernandes** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Com a devida licença do seu prior recebe ordens de Epístola a 8 de Abril de 1451, em Braga<sup>4689</sup>. No ano seguinte, mais concretamente a 23 de Setembro de 1452, são-lhe concedidas ordens de Evangelho, também em Braga, surgindo aí referenciado como cónego regente<sup>4690</sup>. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Joanes Fernandy canonicus de Sancta Maria de Quarquere” a 31 de Março, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4691</sup>. Não sabemos se este registo se refere a este religioso ou a um outro cónego de Cárquere, seu homónimo e contemporâneo, de qualquer modo como esse aparece a receber ordens menores numa data posterior, partimos do princípio que estamos perante indivíduos diferentes, mas tratando-se de contemporâneos e sem a existência de qualquer diferença de tratamento é impossível sabermos o que é respeitante a cada um deles.

**João Fernandes II** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Com licença de seu maior recebe ordens menores a 4 de Março de 1452, em Braga<sup>4692</sup>. “Joham Fernandez” surge, juntamente com o cónego Gonçalo Fernandes, entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro, a 28 de Agosto de 1463, referente ao lugar do Carvalho, sito em Freixieiro<sup>4693</sup>. A 6 de Fevereiro de 1473 aparece a testemunhar um outro contrato de emprazamento, lavrado no mosteiro de Cárquere, apondo-lhe, inclusivamente, a sua assinatura<sup>4694</sup>. No dia 15 de Março de 1476 encontra-se entre as testemunhas de um emprazamento efectuado pelo mosteiro, em três vidas, respeitante ao casal de Cima de Vila e ao casal do Casalinho, colocando aí mais uma vez a sua assinatura<sup>4695</sup>. A 8 de Abril de 1476 surge novamente identificado como cónego de Cárquere testemunhando um emprazamento que o mosteiro faz do lugar da Revoira, a João Gonçalves e a Branca Gonçalves, sua mulher, moradores em Revoira, concelho de Resende, e a um filho ou filha destes, ou pessoa a nomear<sup>4696</sup>. A 29 de Dezembro de 1479 “Joham Fernandez” testemunha um emprazamento, em três vidas, efectuado na

---

<sup>4685</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

<sup>4686</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.146.

<sup>4687</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.76.

<sup>4688</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.147.

<sup>4689</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.30v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.159.

<sup>4690</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.21; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.190.

<sup>4691</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.12.

<sup>4692</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 23, fl.1v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.179.

<sup>4693</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º59.

<sup>4694</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º64.

<sup>4695</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º66.

<sup>4696</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º65.

enfermaria do mosteiro, constando aí, inclusivamente, a sua assinatura<sup>4697</sup>. A 15 de Agosto de 1481, 10 de Agosto de 1482, 10 de Fevereiro de 1483, 10 de Junho de 1483, Janeiro de 1484, 16 de Outubro de 1484, 31 de Março de 1487 e 24 de Agosto de 1491 o cónego João Fernandes aparece novamente arrolado entre as testemunhas de instrumentos de empraçamento efectuados no mosteiro<sup>4698</sup>. Como vimos há um assento num Obituário de S. Jorge de Coimbra referente ao cónego João Fernandes, em que adianta o dia 31 de Março como o do seu óbito<sup>4699</sup>, mas tanto poderá ser deste religioso como do seu homónimo.

**Álvaro Afonso** – Prior claustral do mosteiro de Cárquere. Além de prior crasteiro do mosteiro de Cárquere era também abade da igreja de Alvarenga, do bispado de Lamego, sendo-lhe passada, a 16 de Março de 1453, em Évora, carta de legitimação de Maria Álvares, sua filha, casada com Lopo Folgado, trombeta do rei<sup>4700</sup>.

**Gonçalo Fernandes** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere e capelão do mosteiro. Com a respectiva autorização do seu prior recebe ordens menores a 17 de Março de 1454, em Tibães<sup>4701</sup>. Gonçalo Fernandes surge, juntamente com o cónego João Fernandes, a testemunhar um empraçamento efectuado no mosteiro, a 28 de Agosto de 1463<sup>4702</sup>. A 6 de Fevereiro de 1473 este cónego redige um contrato de empraçamento pelo qual o mosteiro empra a Álvaro Álvares, morador em Nespereira Alta, concelho de Lafões e à sua mulher, Leonor Gonçalves e a um filho destes, a nomear, os casais que o mosteiro tem na aldeia de Vila Franca, constando aí que “Gonçallo Fernandiz quonigo no dicto mosteiro que per mandado e outorgamento dos sobredytos este prazo escrevy he aquy meu sinal fiz que tal he”<sup>4703</sup>. O instrumento além de ser assinado por Gonçalo Fernandes, é-o também pela restante comunidade<sup>4704</sup>, o que permite ter uma ideia do nível cultural dos religiosos desta instituição e sobretudo deste cónego. Continua a ser referenciado como cónego de Cárquere ao longo de 1476 surgindo entre as testemunhas de instrumentos elaborados no mosteiro, nomeadamente a 15 de Março de 1476<sup>4705</sup> e 8 de Abril de 1476<sup>4706</sup>, colocando, inclusivamente, no primeiro a sua assinatura. A 29 de Dezembro de 1479 aparece novamente referenciado entre as testemunhas de um empraçamento, em três vidas, efectuado na enfermaria do mosteiro, a João Anes e a Branca Anes, moradores em Argemil, e a uma terceira pessoa a nomear, posteriormente, por eles, assinando esse mesmo contrato<sup>4707</sup>. A 15 de Agosto de 1481 é da lavra do punho de “Gonçallo Fernandez conigo e notayro do dicto moesteyro” um instrumento de empraçamento, em três vidas, referente à Póvoa do Eixido, da aldeia de Vilar, concelho de Alvarenga<sup>4708</sup>, o mesmo sucedendo com contratos feitos no mosteiro de Cárquere a 10 de Agosto de 1482, 10 de Fevereiro de 1483, 10 de Junho de 1483,

<sup>4697</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°68.

<sup>4698</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns.72, 73, 74, 75, 76, 77, 80.

<sup>4699</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.12.

<sup>4700</sup> IAN/TT- Legitimações, Livro 2, fl.32; Teixeira, Sónia Maria de Sousa Amorim, *A vida privada entre Douro e Tejo: estudo das legitimações: 1433-1521*, Porto, Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1996, p.232.

<sup>4701</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 28, fl.7v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.215.

<sup>4702</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°59.

<sup>4703</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°64.

<sup>4704</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°64.

<sup>4705</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°66.

<sup>4706</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°65.

<sup>4707</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°68.

<sup>4708</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°70.

Janeiro de 1484 e 16 de Outubro de 1484<sup>4709</sup>. A 31 de Março de 1487 continua a ser identificado como cónego do mosteiro, encontrando-se neste caso específico entre as testemunhas de um empraçamento aí efectuado<sup>4710</sup>. A presença deste cónego entre a comunidade é atestada ao longo da década de noventa, de forma mais intensa até 1497 através de instrumentos datados de 1 Junho de 1491<sup>4711</sup>, 5 de Janeiro de 1493<sup>4712</sup>, 6 de Março de 1494<sup>4713</sup>, 16 de Fevereiro de 1495<sup>4714</sup>, 31 de Julho de 1496<sup>4715</sup>, 21 de Novembro de 1496<sup>4716</sup>, 22 de Janeiro de 1497<sup>4717</sup>, 27 de Janeiro de 1497<sup>4718</sup> e 10 de Março de 1497<sup>4719</sup>. Nesta última data “Gonçallo Fernandez coneguo do dicto moesteiro” é referenciado entre as testemunhas do empraçamento que o prior e o convento de Cárquere fizeram da quinta de Vale Melhorado, situada no concelho de Ferreiros, a Gonçalo Anes, clérigo de missa, morador em Lavandeira, quinta que trazia o escudeiro João Coelho e a sua mulher Isabel Soares, que nesse dia renunciaram ao empraçamento<sup>4720</sup>. A partir desta altura as indicações a este Gonçalo Fernandes começam a ser mais esporádicas, mas é mencionado em instrumento de 6 de Agosto de 1498<sup>4721</sup>, aparecendo “Gonçallo Fernandez” novamente identificado como cónego do mosteiro a 18 de Setembro de 1499<sup>4722</sup> e 15 de Janeiro de 1500<sup>4723</sup>. A 12 de Novembro de 1501 aparece a atestar a validade de um empraçamento dizendo: “Gonçalo Fernandiz conigo e capelam do moesteiro de Carquere digo que verdade que eu asigney esta carta” pelo qual o prior D. Diogo Coelho, juntamente com o convento do mosteiro, empraçou a João Gonçalves e a sua mulher, Catarina Anes, moradores no celeiro da honra de Beba, o casal que o mosteiro tinha na aldeia de Vinhós, concelho de Resende<sup>4724</sup>. Por aqui ficámos a saber que era por esta altura o capelão do mosteiro. Surge novamente referenciado como religioso da instituição num outro instrumento lavrado no mosteiro de Cárquere a 25 de Novembro de 1501, aparecendo aí juntamente com os cónegos Pedro Coelho e Francisco Coelho indicados como testemunhas desse acto jurídico<sup>4725</sup>. A 19 de Maio de 1502 testemunha novo empraçamento<sup>4726</sup> e a 14 de Dezembro de 1503 surge juntamente com o prior D. Diogo Coelho e os cónegos do mosteiro a empraçar a Maria Nunes, mulher solteira e a duas pessoas a nomear, o casal de Cimo de Vila, no lugar de Paços, concelho de Resende, onde esta já vivia<sup>4727</sup>. Deverá ter falecido por esta altura, pelo menos não voltámos a detectar o seu nome entre os regrantes de Cárquere, de qualquer modo e isto partindo do princípio que o cónego aqui identificado é sempre o mesmo, trata-se de um caso de longevidade bastante interessante uma vez que pelo menos cerca de meio século foi cónego regrantre de Santa Maria de Cárquere.

<sup>4709</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns.72, 73, 74, 75, 76.

<sup>4710</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°. 77.

<sup>4711</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°81.

<sup>4712</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°82.

<sup>4713</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°83.

<sup>4714</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°84.

<sup>4715</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°85.

<sup>4716</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°86.

<sup>4717</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°88.

<sup>4718</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°89.

<sup>4719</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°90.

<sup>4720</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°58.

<sup>4721</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°90.

<sup>4722</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°100.

<sup>4723</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°. 95.

<sup>4724</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°. 98.

<sup>4725</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°.100.

<sup>4726</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°.104.

<sup>4727</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°.107.

**João Vasques** – Cónego de Cárquere, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado de Lamego. Era filho de Vasco Afonso e de sua mulher, Maria Anes, da freguesia de S. Miguel de Anreade, do bispado de Lamego<sup>4728</sup>. Com licença de seu maior recebe ordens de Epístola a 17 de Março de 1454, em Tibães<sup>4729</sup>. Recebe ordens de Evangelho a 12 de Abril de 1454, em Braga<sup>4730</sup>, cidade onde lhe são conferidas também ordens de Missa a 20 de Setembro de 1454<sup>4731</sup>. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Joanes Valasci canonicus de Sancta Maria de Quarquery” a 31 de Março, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4732</sup>. Já um obituário de S. Vicente de Fora acrescenta informação primordial a este respeito dando conta do “obit Johannes Balasti canonicus de Carquare et sepultus est in monesterio Sancti Vincemti Era IIII LRIII” às 18 calendas de Julho<sup>4733</sup>, ou seja, João Vasques faleceu a 14 de Junho de 1455, isto partindo do princípio que a “Era” referenciada no seu registo é de facto respeitante à Era de César, como tudo indica, e foi sepultado no mosteiro de S. Vicente de Fora.

**Pedro Afonso** – Cónego regrante do mosteiro de Cárquere. Este “coonigo reglante do moesteiro de Carquere da hordem de Sancto Agostinho do bispado de Lamego” com a respectiva licença do seu prelado recebe, em Braga, ordens de Evangelho a 13 de Março de 1456<sup>4734</sup>.

**Lourenço Peres** – Provável cónego regrante do mosteiro de Cárquere. A 22 de Novembro de 1469 “Lourenço Periz frade clerigo” surge entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro de Cárquere, pelo qual o prior e o convento emprazam a João de Sousa e sua mulher, Maria de Chaves e a futuro filho ou filha, a quebrada de Arrabalde de Paços, na freguesia do mosteiro<sup>4735</sup>.

**Gonçalo Martins** – Cónego regrante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. A 6 de Fevereiro de 1473 “Gonçallo Martinz” surge entre as testemunhas do emprazamento que o prior e o convento fizeram a Álvaro Álvares, morador em Nespereira Alta, concelho de Lafões, e à sua mulher, Leonor Gonçalves, dos casais que o mosteiro tinha na aldeia de Vila Franca, surgindo a sua assinatura, tal como a dos restantes elementos da comunidade a validar o documento<sup>4736</sup>. É de admitir que este Gonçalo Martins seja o clérigo de missa, que D. João Gomes de Abreu (1464-1482), bispo de Viseu confirma, a 3 de Fevereiro de 1469, como abade da igreja de Santa Maria de Moledo<sup>4737</sup>. No dia 15 de Março de 1476 é o redactor de um instrumento de emprazamento lavrado no mosteiro como expressamente aí se diz: “Gonçallo Martinz conego e notairo do mosteiro este prazo e outro tall esprevy e asynei de meu nome”, pelo qual foi

---

<sup>4728</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.17; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.230.

<sup>4729</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 28, fl.9v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.217.

<sup>4730</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 29, fl.4; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.221.

<sup>4731</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.17; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.230.

<sup>4732</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.12.

<sup>4733</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.102.

<sup>4734</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.25; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.266.

<sup>4735</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º62.

<sup>4736</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º64.

<sup>4737</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N.º61.

emprazado a João Vasques de Cima de Vila e a sua mulher Maria Gonçalves e a uma terceira pessoa a nomear, o casal de Cima de Vila e o casal do Casalinho<sup>4738</sup>. A 8 de Abril de 1476 surge novamente identificado como cónego de Cárquere testemunhando um emprazamento que o mosteiro faz a João Gonçalves e a Branca Gonçalves, sua mulher, e a um filho ou filha destes, ou pessoa a nomear<sup>4739</sup>. A 10 de Agosto de 1482 e 10 de Fevereiro de 1483 surge novamente mencionado como cónego de Cárquere aparecendo entre as testemunhas de contratos de emprazamento lavrados no mosteiro, nessas mesmas datas<sup>4740</sup>. Volta a testemunhar instrumentos de emprazamento feitos no mosteiro a 10 de Junho de 1483, Janeiro de 1484 e 16 de Outubro de 1484<sup>4741</sup>.

**João Anes** – Cónego regente do mosteiro de Cárquere. João Anes é um dos cónegos regentes que integrava a comunidade monástica de Cárquere a 6 de Fevereiro de 1473, dia em que o mosteiro emprazou os casais da aldeia de Vila Franca, situados no concelho de Lafões, tendo o respectivo instrumento sido lavrado pelo cónego Gonçalo Fernandes com o restante convento e prior a colocarem aí as suas assinaturas, de entre as quais consta a de João Anes<sup>4742</sup>. A 10 de Agosto de 1482 este religioso surge a testemunhar o emprazamento que o mosteiro fez a Maria Vicente e a dois filhos ou filhas desta, do casal do Mindal, no termo de Alvarenga, bem como a casa situada atrás do paço da vila<sup>4743</sup>. Meio ano depois João Anes aparece novamente referenciado como cónego do mosteiro, encontrando-se entre as testemunhas do contrato de emprazamento aí lavrado a 10 de Fevereiro de 1483<sup>4744</sup>. No dia 10 de Junho de 1483 surge, juntamente com o prior Rui Vasques da Fonseca e os cónegos João Fernandes, Gonçalo Martins, Lucas Cardoso e Gonçalo Fernandes, a emprazar a João Lourenço, criado do prior, o casal de Vila Garcia que o mosteiro tinha no couto de Resende, com todos estes elementos a validarem o contrato com as respectivas assinaturas<sup>4745</sup>. A última indicação que encontramos ao cónego “Joham Anes” entre os registos de Cárquere é de Janeiro de 1484, dia em que o mosteiro empraza a Martim Gonçalves, morador nos Carreiros, concelho de Alvarenga, e a sua mulher Isabel Álvares e a um filho ou pessoa a nomear pelo postumeiro, o casal do Paço e o casal dos Carreiros<sup>4746</sup>. Não sabemos se entretanto faleceu, se mudou de comunidade ou se simplesmente foi confirmado nalguma igreja paroquial, de concreto apenas sabemos que esta é a derradeira notícia que temos dele.

**Lucas Cardoso** – Cónego regente do mosteiro de Santa Maria de Cárquere e futuro prior. A 6 de Fevereiro de 1473 o cónego Lucas Cardoso surge entre as testemunhas do emprazamento que o mosteiro fez, em três vidas, dos casais tinha na aldeia de Vila Franca, surgindo a sua assinatura, tal como a dos restantes elementos da comunidade, a autenticar o documento embora, e aí assine “Luycas Cardoso abas”<sup>4747</sup> pelo que pressupomos que por esta altura tivesse a seu cargo alguma igreja da apresentação do mosteiro. A 15 de Agosto de 1481 ainda se encontrava entre a comunidade regente de Cárquere, surgindo entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento aí

---

<sup>4738</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°66.

<sup>4739</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°65.

<sup>4740</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns.72, 73.

<sup>4741</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 74, 75, 76.

<sup>4742</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°64.

<sup>4743</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°72.

<sup>4744</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°73.

<sup>4745</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°74.

<sup>4746</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°75. O documento é posterior ao dia 10 de Janeiro uma vez que se lê o “X” mas não se consegue ler os restantes elementos referentes ao dia do mês.

<sup>4747</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°64.

lavrado “Joham Fernandez e Lucas Cardoso quonigos do dicto mosteiro” com o cónego a assinar o respectivo contrato de emprazamento novamente sob a forma de “Luquass Cardoso abas”<sup>4748</sup>. Entre as testemunhas enunciadas nesse instrumento surge Estêvão Cardoso, escudeiro do senhor prior<sup>4749</sup>, que terá certamente algum grau de parentesco com o cónego Lucas Cardoso, de resto este indivíduo já surge entre as testemunhas de contratos celebrados no mosteiro em Março e Abril de 1476<sup>4750</sup>. A presença de Lucas Cardoso entre a comunidade mariana de Cárquere no início da década de oitenta é comprovada através de instrumentos de 10 de Agosto de 1482 e 10 de Fevereiro de 1483, surgindo o cónego entre as testemunhas aí presentes<sup>4751</sup>. Continua a ser referenciado como cónego de Cárquere em emprazamentos feitos no mosteiro a 10 de Junho de 1483, Janeiro de 1484 e 16 de Outubro de 1484<sup>4752</sup>. Este cónego alcançará o priorado do mosteiro ou nos últimos anos da década de oitenta ou já em 1490, de resto a confirmação documental da sua titularidade no cargo é-nos dada através de instrumento de 15 de Fevereiro de 1490<sup>4753</sup>, mas é possível que já seja o prior nos anos precedentes uma vez que para o biénio de 1488 e 1489 não conseguimos deslindar o nome do prior.

**Pedro Fernandes** – Cónego regrante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. No dia 29 de Dezembro de 1479 é o redactor de um instrumento de emprazamento, em três vidas, lavrado na enfermaria do mosteiro como revela esta passagem do documento: “E eu Pero Fernandez conego e notairo do dito mosteiro que este prazo e outro tall fyz”<sup>4754</sup>. Pedro Fernandes surge novamente identificado como cónego de Cárquere a 16 de Outubro de 1484, dia em que o mosteiro empraça a Gonçalo Dinis e a sua mulher, Isabel Afonso, moradores em Veiriz e a um filho ou filha, ou na ausência de descendentes, a uma pessoa a nomear pelo postumeiro, o casal de Nozelhães e o de Veiriz, sendo que a assinatura deste cónego é uma das que está aposta no final do contrato<sup>4755</sup>. A 1 de Junho de 1491 aparece arrolado entre as testemunhas de um instrumento lavrado no mosteiro<sup>4756</sup>. Segue-se um hiato temporal em que não temos qualquer referência documental a este religioso e que coincide com praticamente a primeira década da governação do prior D. Diogo Coelho, altura em que raramente aparecem identificados cónegos da instituição. Essa ausência temporal prolonga-se por mais de oito anos, surgindo, a 18 de Setembro de 1499, novamente a indicação a “Pero Fernandez” cónego do mosteiro de Cárquere, encontrando-se entre as testemunhas de um instrumento aí efectuado<sup>4757</sup>. Face a tão prolongado vazio documental poderá colocar-se a possibilidade de este Pedro Fernandes ser um outro religioso, homónimo daquele que temos vindo a retratar, mas acreditámos ser o mesmo indivíduo até porque

---

<sup>4748</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°70. Num instrumento de 10 de Fevereiro de 1483 aparece novamente a assinar «Luquass Cardoso abas» (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N° 73), situação que se repetirá em diplomas de 10 de Junho de 1483, e Janeiro de 1484 (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 74, 75).

<sup>4749</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°70.

<sup>4750</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, Ns° 65, 66.

<sup>4751</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns.72, 73.

<sup>4752</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, Ns. 74, 75, 76.

<sup>4753</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N° 81.

<sup>4754</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10B, M.3, N°68.

<sup>4755</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°76. Actualmente só se conseguem ler as assinaturas de Gonçalo Fernandes e Pedro Fernandes porque o pergaminho foi guilhotinado, mas à semelhança do que acontece com outros instrumentos também este diploma deveria ter as assinaturas dos restantes religiosos de Cárquere.

<sup>4756</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°81.

<sup>4757</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°100.

a sua presença na instituição não se parece alongar pelo século XVI, uma vez que a derradeira referência que conhecemos a “Pero Fernandez”, e que o identifica inequivocamente, data de 15 de Janeiro de 1500<sup>4758</sup>. É certamente o mesmo cónego do mosteiro de Cárquere designado “Petrus Fernandi” que aparece registado num obituário de S. Jorge de Coimbra cujo falecimento foi anotado no dia 25 de Fevereiro mas sem qualquer referência ao ano do passamento<sup>4759</sup>.

**Fernando Eanes/Fernando Anes/Fernão Eanes/Fernão Anes** – Cónego regante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. A 17 de Maio de 1492 Martim Gonçalves e a sua mulher, Constança Anes, entregaram a “Fernand’Eanes coneguo de Carquere” várias herdades que eram de herança comum mas das quais o cónego nunca usufruíra, tendo estado sempre a totalidade desses bens em posse deles, entregando-lhos agora “pera sy e pera quem lhe haprouver”<sup>4760</sup>.

**João Gomes** – Cónego regante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. O cónego “Joam Gomez” já surge identificado como religioso de Cárquere em instrumento de 1 Junho de 1491, surgindo, juntamente com os cónegos Gonçalo Fernandes e Pedro Fernandes a testemunhar um emprazamento efectuado no mosteiro<sup>4761</sup>.

**Rui Cardoso** – Cónego regante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro de Cárquere a 5 de Janeiro de 1493 encontra-se o cónego “Ruy Cardoso”<sup>4762</sup>. É novamente identificado como cónego de Cárquere a 6 de Março de 1494, surgindo o seu nome entre o das testemunhas de um instrumento de emprazamento feito neste cenóbio regante<sup>4763</sup>. Trata-se certamente de um familiar do prior Lucas Cardodo.

**Pedro Gonçalves** – Cónego regante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Surge identificado como cónego do mosteiro num emprazamento efectuado a 12 de Novembro de 1501, pelo qual o prior D. Diogo Coelho, juntamente com o convento do mosteiro, emprazou a João Gonçalves e a sua mulher, Catarina Anes, moradores no celeiro da honra de Beba, o casal que o mosteiro tinha na aldeia de Vinhós, concelho de Resende<sup>4764</sup>. A 24 de Outubro de 1502 o cónego Pedro Gonçalves é novamente citado entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento efectuado na casa do cabido do mosteiro de Cárquere<sup>4765</sup>. Surge juntamente com os cónegos Gonçalo Fernandes e Pedro Coelho a testemunhar um novo emprazamento lavrado na mesma instituição a 19 de Maio de 1502<sup>4766</sup>. A 14 de Dezembro de 1503 aparece, juntamente com o prior D. Diogo Coelho e os cónegos do mosteiro, a emprazar a Maria Nunes, mulher solteira e a duas pessoas a nomear, o casal de Cimo de Vila, no lugar de Paços, concelho de Resende, onde ela já vivia<sup>4767</sup>.

---

<sup>4758</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º 95.

<sup>4759</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38v.º.

<sup>4760</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.126.

<sup>4761</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º81.

<sup>4762</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º82.

<sup>4763</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N.º83.

<sup>4764</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º 98.

<sup>4765</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.102.

<sup>4766</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.104.

<sup>4767</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107.

**Francisco Coelho** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Cárquere, prior claustral e futuro prior mor. A 18 de Setembro de 1499 “Francisquo Coelho” já aparece identificado como cónego do mosteiro de Cárquere, encontrando-se entre as testemunhas de um instrumento aí efectuado<sup>4768</sup>. A 12 de Novembro de 1501 surge a testemunhar um contrato de empraçamento feito no mosteiro de Cárquere, referenciando-se aí novamente o seu estatuto de cónego<sup>4769</sup>, identificação que é reafirmada em documento datado de 25 de Novembro de 1501<sup>4770</sup>. É possível que estejamos na presença do Francisco Coelho que surge identificado como sobrinho do prior e testemunha instrumentos no mosteiro de Cárquere a 8 de Setembro de 1498<sup>4771</sup> e 1 de Março de 1499<sup>4772</sup>, o que significaria que deveria ter professado entre esta data e 18 de Setembro do mesmo ano. A 9 de Fevereiro de 1502 foi incumbido por Fernão Gonçalves, cónego da Sé de Lamego e ouvidor em lugar de Simão Gomes, bacharel e vigário geral da diocese pelo bispo D. Fernando Coutinho (1492-1502)<sup>4773</sup>, de ir com dois homens ajuramentados sob os Santos Evangelhos ao casal de Vinhós para fazer a avaliação das rendas desse casal<sup>4774</sup>. Na resposta “Francisco Coelho abade de Sam Cybraão” diz que concluíram que o casal “estava bem afforado e mays a proveyto da Ordem que do empraçador”<sup>4775</sup>. Por aqui ficamos a saber que Francisco Coelho era abade da igreja de S. Cipriano. A 24 de Outubro de 1502 o cónego Francisco Coelho é novamente referenciado entre as testemunhas de um instrumento de empraçamento lavrado na casa do cabido do mosteiro de Cárquere<sup>4776</sup>. A 14 de Dezembro de 1503 surge juntamente com o prior D. Diogo Coelho e os cónegos do mosteiro a empraçar a Maria Nunes, mulher solteira e a duas pessoas a nomear, um casal que o mosteiro tinha no lugar de Paços, concelho de Resende<sup>4777</sup>. A 5 de Janeiro de 1508 Francisco Coelho e o cónego João de Braga empossam João de Barbedo no casal das Vinhas e nas pesqueiras que o mosteiro lhe havia empraçado<sup>4778</sup>. Francisco Coelho viria a ocupar o cargo de prior claustral, posto em que já é detectado a 12 de Setembro de 1520, surgindo, em nome de Francisco Juzarte, prior comendatário, que lhe passou procuração para o efeito, a empraçar um casal a Aires Pinto, escudeiro de Fernão de Melo e de D. Maria de Castro, já falecida<sup>4779</sup>.

Pelo menos entre Novembro de 1530 e 17 de Julho de 1531 foi prior eleito do mosteiro de Cárquere, altura em que o priorado desta canónica se encontrava vago<sup>4780</sup>. Tendo em consideração que não voltámos a ter indicações a este cónego, pese a

<sup>4768</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°100.

<sup>4769</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N° 98.

<sup>4770</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°100.

<sup>4771</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°98.

<sup>4772</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 11, M.4, N°101,102.

<sup>4773</sup> O bispo D. Fernando Coutinho permutou, a 24 de Janeiro de 1502, o bispado de Lamego pelo de Silves com D. João Camelo da Silva (cf. Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I, p.238), no entanto é provável que por esta altura ainda não se tivesse consumado a troca, o que explicará a indicação ao bispo D. Fernando nessa data, ou então trata-se de um simples vício de norma.

<sup>4774</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°98. O texto do cónego da Sé a ordenar a vedoria bem como a resposta de D. Francisco Coelho encontram-se numa folha em papel apensa e cozida ao pergaminho que encerra o empraçamento do casal em causa.

<sup>4775</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°98.

<sup>4776</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°102.

<sup>4777</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°107.

<sup>4778</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N°110.

<sup>4779</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N°127.

<sup>4780</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, Ns.129, 130, 132.



escassez das fontes documentais para este período concreto, é possível que tenha falecido por esta altura.

**Pedro Coelho** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. A 12 de Novembro de 1501 Pedro Coelho é identificado como cónego desta instituição<sup>4781</sup>. Surge novamente referenciado como religioso de Cárquere num outro instrumento lavrado no mosteiro de Cárquere a 25 de Novembro de 1501, aparecendo aí juntamente com os cónegos Gonçalo Fernandes e Francisco Coelho indicados como testemunhas desse acto jurídico<sup>4782</sup>. A 24 de Outubro de 1502 o nome do cónego Pedro Coelho é novamente citado entre o dos confirmantes de um instrumento de emprazamento efectuado na casa do cabido do mosteiro de Cárquere<sup>4783</sup>, o mesmo sucedendo a 19 de Maio de 1502<sup>4784</sup>. A 14 de Dezembro de 1503 surge, juntamente com o prior D. Diogo Coelho e os cónegos do mosteiro, a emprazar a Maria Nunes, mulher solteira e a duas pessoas a nomear, o casal de Cimo de Vila, no lugar de Paços, concelho de Resende, onde ela já vivia<sup>4785</sup>.

**João de Braga** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. A 12 de Novembro de 1501 integrava a comunidade monástica de Cárquere, surgindo arrolado, juntamente com os restantes elementos do convento, entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento aí efectuado<sup>4786</sup>. A 24 de Outubro de 1502 é novamente identificado como cónego do mosteiro aparecendo novamente entre as testemunhas de um instrumento efectuado na instituição<sup>4787</sup>. A 14 de Dezembro de 1503 surge juntamente com o prior D. Diogo Coelho e os cónegos do mosteiro a emprazar a Maria Nunes, mulher solteira e a duas pessoas a nomear, o casal de Cimo de Vila<sup>4788</sup>. A 5 de Janeiro de 1508 “Francisco Coelho e Joam de Braga coneguos de Carquere” empossam João de Barbedo no casal das Vinhas e nas pesqueiras que o mosteiro lhe havia emprazado, a ele, à mulher e a um filho de entre ambos<sup>4789</sup>.

João de Braga ainda integrava a comunidade regrante de Santa Maria de Cárquere a 14 de Outubro de 1536, dia em que o prior D. Diogo Ortiz de Vilhegas e o convento do mosteiro de Cárquere autorizam Maria Nunes a escambar o casal de Cimo de Vila por um outro casal do mosteiro que trazia João Gonçalves<sup>4790</sup>.

**Rui Ferreira** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Apenas lhe conhecemos uma referência. Trata-se de um instrumento datado de 6 de Março de 1502, em que “Ruy Ferreira conego da dicta casa” surge entre as testemunhas de um emprazamento que D. Diogo Coelho, prior do mosteiro, devidamente autorizado pelo seu convento, faz a João Anes e a sua mulher, Inês Gomes, do meio casal junto à aldeia de Vilar de Corvos, no concelho de Alvarenga, tendo o contrato sido celebrado nas casas da igreja de Santa Cruz de Alvarenga<sup>4791</sup>. Não será de excluir a possibilidade deste cónego ocupar, por esta altura, a paróquia de Alvarenga, o que poderá ajudar a explicar

---

<sup>4781</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º. 98.

<sup>4782</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.100.

<sup>4783</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.102.

<sup>4784</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.104.

<sup>4785</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107.

<sup>4786</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º. 98.

<sup>4787</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.102.

<sup>4788</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107.

<sup>4789</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.110.

<sup>4790</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107b.

<sup>4791</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.101.

a ausência do seu nome entre o dos cónegos que vão sendo citados na documentação produzida no mosteiro.

**João Coelho** – Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. A 24 de Outubro de 1502 o mosteiro de Cárquere empraça a Pedro Afonso e à sua mulher, Maria Álvares, moradores no termo de Aveiro, o casal de Bedoído, lavrando-se o respectivo instrumento de empraçamento na casa do cabido do mosteiro de Cárquere, surgindo arrolados entre as testemunhas “Joam Coelho e Francisco Coelho e Pero Coelho e Pero Gonçalvez e Joham de Bragaa coneguos do dicto mosteiro”<sup>4792</sup>. Perante isto suscitamos duas dúvidas, se João Coelho era ou não cónego da instituição e quem era este João Coelho? A primeira dúvida só é originada pela posição que o seu nome ocupa nessa listagem, e se é certo que não há qualquer regra pré-definida ou rígida para a enunciação dos religiosos que constituem o respectivo convento, a documentação dos diversos mosteiros deixa perceber o seguimento de uma hierarquia, ainda que involuntária, onde a ancianidade e a relevância dos cargos assumem, normalmente, primazia, pelo que não deixa de ser estranho que um cónego que nunca é referenciado entre a comunidade seja o primeiro a ser citado. Quanto à sua identidade poderá colocar-se a hipótese de este João Coelho ser o irmão do prior D. Diogo Coelho e que surge amiudadamente referenciado na documentação do mosteiro mas nunca, até esta data, identificado como cónego. Terá entretanto professado? É possível mas parece-nos pouco provável. Acreditamos tratar-se antes de um seu familiar e homónimo, situação que nos parece fazer mais sentido, provavelmente filho ou sobrinho. Um documento datado de 30 de Janeiro de 1507 parece trazer elementos que ajudam a excluir ou pelo menos a diminuir essa possibilidade de se tratar do irmão do prior, é que entre as testemunhas de um instrumento, datado desse dia, surge identificado um “genro de Joam Coelho irmaao do dicto Senhor prior”<sup>4793</sup>. Caso tivesse de facto professado é provável que a referência a João Coelho fosse noutros moldes. Quanto à existência real deste cónego não temos nenhuma prova que no-la certifique, de qualquer modo num instrumento datado de 29 de Março de 1503 apresenta mais indícios nesse sentido, surgindo “Johannes Coelho” a assinar a procuração que o convento passou ao prior, dando-lhe poderes para, em seu nome, efectuar um empraçamento<sup>4794</sup>. É certo que também aí não aparece identificado inequivocamente como cónego mas considerando que se trata de uma procuração feita pelo convento, e aparecendo o seu nome entre os signatários da autorização, tudo indica que o integrasse.

**Pedro Anes** – Provável cónego regente do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Não temos qualquer prova que nos permita afirmar que se trata de um religioso da instituição mas a documentação permite-nos seguir parte do seu percurso eclesiástico. Assim, a 26 de Março de 1507 “Pedro Annes cleryguo d’Avangelho criado do dicto prior” surge entre as testemunhas de instrumentos de empraçamento feitos no mosteiro de Cárquere<sup>4795</sup>. No início de 1508 Pedro Anes já era sacerdote surgindo agora identificado como “clerego de missa criado do senhor prioll”<sup>4796</sup>. Esta ligação ao prior e o facto de se ter ordenado presbítero levam-nos a aventar a possibilidade de Pedro Anes ter ingressado no mosteiro.

---

<sup>4792</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.102.

<sup>4793</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.114.

<sup>4794</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.106.

<sup>4795</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, Ns.119, 120.

<sup>4796</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.122.

**Luís Vasques** – Cónego regrante do mosteiro de Santa Maria de Cárquere. Luís Vasques era bacharel em Decretos e em 1523 deu entrada com uma acusação na Cúria arquiépiscopal de Lisboa contra alguns inimigos que o difamaram<sup>4797</sup>.

**Filipe Coelho** – Cónego de Santa Maria de Cárquere e seu prior claustral. A 2 de Novembro de 1530 “Filype Coelho pryor crasteyro do mosteiro de Nosa Senhora de Carquere da Ordem de Santo Agostinho dos conygos regrantes do bispado de Lamego sytuado neste concelho de Resende” juntamente com Francisco Coelho, prior eleito, e com o restante convento, empraza a Estêvão Leitão e a sua mulher, Maria Soares, e a um filho de entre ambos, o casal da Babinha<sup>4798</sup>. Não sabemos quando este religioso entrou na instituição mas é mais um dos elementos do clã que dominou o mosteiro de Cárquere na última década do séc. XV e primeiras do XVI: os Coelhos. Trata-se certamente do “Filype Coelho” que aparece arrolado entre as testemunhas de um instrumento lavrado na casa do cabido do mosteiro, a 30 de Janeiro de 1507, e aí identificado como sobrinho do prior D. Diogo Coelho<sup>4799</sup>. A 12 de Setembro de 1509 Filipe Coelho encontra-se novamente no cenóbio regrante de Cárquere testemunhando aí um instrumento de emprazamento, aparecendo então referenciado como escudeiro e criado de D. João de Castro, à altura o prior comendatário da instituição<sup>4800</sup>. Documentalmente só voltámos a ter notícias dele através desse instrumento de 2 de Novembro de 1530, que já referenciamos, numa altura em que já era o prior claustral da comunidade<sup>4801</sup>. A 17 de Julho de 1531 Filipe Coelho é novamente identificado como prior claustral de Cárquere<sup>4802</sup>, mantendo-se ainda entre os regrantes desta canónica a 14 de Outubro de 1536 uma vez que “Felipe Coelho” é um dos religiosos que assina um instrumento aí efectuado pelo convento e pelo prior comendatário, D. Diogo Ortiz de Vilhegas, embora nessa altura já não fosse o prior crasteiro da comunidade monástica<sup>4803</sup>.

**Diogo Coelho** – Cónego de Cárquere. Em instrumento de emprazamento, lavrado no cabido do mosteiro de Santa Maria de Cárquere, a 17 de Julho de 1531, Diogo Coelho surge identificado como cónego desse mosteiro<sup>4804</sup>. Ao que tudo indica estamos perante outro membro da família que mais proeminência tinha por esta altura na canónica de Cárquere, é que convém não esquecer que nesta data Francisco Coelho era prior mor e Filipe Coelho prior claustral.

**Gil Coelho** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. A 17 de Julho de 1531 Gil Coelho já integrava a comunidade monástica de Cárquere surgindo identificado como cónego desse mosteiro em instrumento de emprazamento aí lavrado nesse dia<sup>4805</sup>. A 14 de Outubro de 1536 mantinha-se como cónego da instituição<sup>4806</sup>. Presumivelmente mais

---

<sup>4797</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.277.

<sup>4798</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.129.

<sup>4799</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.114.

<sup>4800</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.123.

<sup>4801</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.129. De resto desse mesmo dia há um outro emprazamento que o mosteiro faz do casal do Covelo a António Nogueira e à sua mulher, Aldonça, no qual também surge identificado como prior claustral (cf. A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.130).

<sup>4802</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.132.

<sup>4803</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107b.

<sup>4804</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.132.

<sup>4805</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.132.

<sup>4806</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107b.

um elemento da linhagem dominante no mosteiro de Santa Maria de Cárquere ao longo das quatro primeiras décadas do séc. XVI.

**Belchior de Sequeira** – Cónego de Santa Maria de Cárquere e seu prior claustral. A 17 de Julho de 1531 “Belchior Siqueyra” já integrava a comunidade regrante de Santa Maria de Cárquere sendo aí referenciado como cónego<sup>4807</sup>. A 14 de Outubro de 1536 “Melchior de Syqueira pryor” aparece novamente identificado entre os religiosos da instituição, ocupando inclusivamente o cargo de prior claustral conforme revela a sua assinatura autografa, que aqui transcrevemos, e que se encontra aposta num instrumento, lavrado nesse dia, pelo qual o prior comendatário, D. Diogo Ortiz de Vilhegas, e o convento autorizaram Maria Nunes a escambar o casal de Cimo de Vila por um outro casal do mosteiro que andava emprazado a João Gonçalves<sup>4808</sup>.

A 30 de Setembro de 1547 “Ballchyor de Sequeyra pryor crasteiro” é um dos cónegos que integrava o convento de Cárquere, dia que em conjunto com o prior D. Ambrósio Brandão Pereira, emprazaram o casal de cima de Resende ao carpinteiro João Gonçalves, à sua mulher, Catarina Anes, e a um filho ou filha de entre ambos<sup>4809</sup>.

**Diogo Velho** – Provável cónego de Santa Maria de Cárquere. A 13 de Novembro de 1536 Diogo Velho e Diogo de Braga são identificados como “clerygos de missa”, surgindo arrolados entre as testemunhas de instrumento de emprazamento efectuado no mosteiro de Cárquere<sup>4810</sup>. Tendo em consideração que, a 30 de Setembro de 1547, Diogo de Braga fazia parte da comunidade conventual de Cárquere,<sup>4811</sup> parece-nos perfeitamente admissível que Diogo Velho possa também ter professado, mas não temos qualquer prova documental que o confirme.

**Diogo de Braga** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. A 30 de Setembro de 1547 “Dioguo de Bragua” é um dos cónegos que integrava o convento de Cárquere, dia que em conjunto com o prior D. Ambrósio Brandão Pereira, emprazaram o casal de cima de Resende ao carpinteiro João Gonçalves, à sua mulher, Catarina Anes e a um filho ou filha de entre ambos<sup>4812</sup>. É com grande grau de certeza o mesmo Diogo de Braga que surge identificado como clérigo de missa entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento efectuado no mosteiro de Cárquere a 13 de Novembro de 1536<sup>4813</sup>. A confirmar-se a identidade deste religioso ele terá, obviamente, ingressado como professo no intervalo destas duas datas.

**Francisco(?) Marques** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. A 30 de Setembro de 1547 “Francisco(?) Marquez” é identificado como cónego da comunidade monástica de Cárquere, tendo nesse dia, o prior D. Ambrósio Brandão Pereira, conjuntamente com o convento, emprazado o casal de cima de Resende ao carpinteiro João Gonçalves, à sua mulher, Catarina Anes e a um filho ou filha de entre ambos<sup>4814</sup>.

**Brás/Brás de Noronha(?)** – Cónego regrante de Santa Maria de Cárquere. A 30 de Setembro de 1547 “Bras” é um dos cónegos que integrava o convento de Cárquere, dia

---

<sup>4807</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.132.

<sup>4808</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15, M.6, N.º.107b.

<sup>4809</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.136.

<sup>4810</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.134.

<sup>4811</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.136.

<sup>4812</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.136.

<sup>4813</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.134.

<sup>4814</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.136.

que, em conjunto com o prior D. Ambrósio Brandão Pereira, emprazaram o casal de cima de Resende em três vidas, nomeadamente a João Gonçalves, carpinteiro, a Catarina Anes, sua mulher, e a um filho ou filha destes<sup>4815</sup>. Neste instrumento surge apenas o nome próprio mas deverá tratar-se de Brás de Noronha, é que segundo a *Historia Insulana* “Braz de Noronha, que primeiro foi Frade Franciscano da Observancia, e depois por Bulla Apostolica foi Conego Regrante no Mosteiro de Cárquere em Portugal, e emfim se foi para o Brasil”<sup>4816</sup>. A confirmar-se a sua presença ou passagem por Santa Maria de Cárquere é muito provável que tenha de facto ocorrido nas duas últimas décadas da primeira metade do século XVI, ou seja pouco antes da passagem do mosteiro para os Jesuítas<sup>4817</sup>.

### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Afonso Gonçalves** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Alfonsus Gundisalvi canonicus de Carcare” a 15 de Maio mas sem a respectiva indicação do ano do óbito<sup>4818</sup>. Apesar de não haver aí nenhum indicador cronológico específico podemos colocar o falecimento deste religioso em data posterior a 15 de Fevereiro de 1329, uma vez que nesta data Afonso Peres, cónego de Roriz ainda era vivo<sup>4819</sup>, e é justamente o registo desse religioso o que precede o de Afonso Gonçalves no obituário de S. Vicente. Tal ilação parte do pressuposto que as anotações no obituário seguiram a espontânea ordenação temporal.

**Diogo Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Cárquere. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Didacus Gonsalvi canonicus de Carcari” a 22 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>4820</sup>.

**Domingos Gil ou Domingos Viegas** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Dominicus Egee canonicus Sancte Marie de Carcari”, a 18 de Março mas sem que seja referenciado o ano<sup>4821</sup>.

**Domingos Lourenço** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. “Dominicus Laurencii canonicus de Carcary” é referenciado num Obituário do mosteiro de S. Jorge de

---

<sup>4815</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.136.

<sup>4816</sup> Cordeiro, Padre António, *Historia Insulana, das ilhas a Portugal sujeitas no Oceno Occidental*, Vol. II, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866, p.16. Brás de Noronha era o quarto filho de Álvaro Martins da Câmara e de Brites de Noronha. Esta situação de transferência de Ordem não era muito comum de qualquer modo há alguns exemplos de indivíduos provenientes de Ordens Mendicantes que acedem aos regrantes como é o caso de D. Pedro da Póvoa, que era dominicano e foi cónego de S. Jorge de Coimbra (cf. Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.277), ou o próprio Frei João Verba, frade dominicano e confessor do infante D. Pedro que alcançou o priorado do mosteiro de S. Jorge de Coimbra em 1423 após súplica do infante D. Pedro, datada de 18 de Fevereiro desse ano (cf. *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.487 (doc.673)).

<sup>4817</sup> Tendo em consideração que o seu sobrinho, D. Antão Martins da Câmara, casou com D. Joana, dama de D. Isabel, esposa do infante D. Duarte, filho de D. Manuel I (cf. Cordeiro, Padre António, *Historia Insulana*, Vol. II, 1866, p.16) a sua cronologia não se poderá afastar muito deste período.

<sup>4818</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.92.

<sup>4819</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N.º10.

<sup>4820</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.144.

<sup>4821</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.10vº.

Coimbra como tendo falecido a 21 de Janeiro, não sendo aí apresentado o ano do óbito<sup>4822</sup>.

**Estêvão Martins** – Cónego regente do mosteiro de Cárquere. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Stefanus Martini canonicus de Sancta Maria de Carcary” a 28 de Janeiro, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4823</sup>.

**Gonçalo Domingues** - Cónego de Santa Maria de Cárquere. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra regista o óbito de “Goncalvus Dominici canonicus de Carcary” a 20 de Janeiro, mas sem indicação do respectivo ano<sup>4824</sup>.

**João Lourenço** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Johanes Laurencii canonicus Sancte Marie de Carcary” a 19 de Janeiro, mas sem especificar o ano do óbito<sup>4825</sup>.

**Mateus Anes** – Cónego de Santa Maria de Cárquere. Um Obituário do mosteiro de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Mateus Johanis canonicus de Sancta Maria de Carcary” a 26 de Janeiro, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4826</sup>.

---

<sup>4822</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34vº.

<sup>4823</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

<sup>4824</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34.

<sup>4825</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34.

<sup>4826</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35.

## **2.3. Diocese do Porto**

### **2.3.1. - Santa Maria de Vila Boa do Bispo (c. Marco de Canaveses)**

**Nicolau Martins** – Cónego de Vila Boa do Bispo e futuro prior do mosteiro. A 2 de Novembro de 1302 aparece “Nicholao Martini monacho seu canonico regulari Monasterii de ville bone”, entre as testemunhas de um instrumento efectuado no mosteiro de Tuias, encontrando-se aí na companhia do seu superior hierárquico<sup>4827</sup>. Este Nicolau Martins é o mesmo religioso que alcançará o priorado do mosteiro na segunda década do séc. XIV<sup>4828</sup>.

**Fernando** – Cónego de Vila Boa do Bispo. Surge entre os confirmantes de um emprazamento efectuado no mosteiro de Vila Boa, em Dezembro de 1306, pelo qual é emprazado a João Anes e a Vidal Anes e às suas futuras legítimas esposas um herdamento na vila de Meixide<sup>4829</sup>.

**Egas** – Cónego de Vila Boa do Bispo. Conhecemos-lhe apenas uma referência datada de Dezembro de 1306<sup>4830</sup>.

**Gonçalo** – Cónego de Vila Boa do Bispo. Apenas lhe conhecemos o nome próprio, surgindo “Gonçallo” a confirmar instrumentos efectuados no mosteiro em Dezembro de 1306<sup>4831</sup> e Setembro de 1312<sup>4832</sup>.

**Pedro** – Provável cónego de Vila Boa do Bispo. Surge a redigir dois emprazamentos efectuados no mosteiro em Dezembro de 1306<sup>4833</sup> e Setembro de 1312<sup>4834</sup>.

**Martim Gerales/Martinho Gerales** – Cónego de Vila Boa. A 12 de Agosto de 1308 encontra-se no mosteiro de Arouca onde aparece arrolado como testemunha num documento em que a monja Inês Fernandes de Cambra reconhece que fez partilhas com as suas irmãs<sup>4835</sup>. É certamente o Martinho que aparece a roborar documentos feitos no mosteiro em Dezembro de 1306<sup>4836</sup> e Setembro de 1312<sup>4837</sup>.

**Estêvão** – Cónego de Vila Boa do Bispo. Integra os confirmantes do emprazamento efectuado pelo mosteiro, em Setembro de 1312, de um casal situado no julgado de Arouca, a Pedro Peres e a sua mulher<sup>4838</sup>.

**João** – Cónego de Vila Boa do Bispo. A primeira e única referência que lhe conhecemos é de Setembro de 1312<sup>4839</sup>.

---

<sup>4827</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.175.

<sup>4828</sup> A biografia deste religioso encontra-se mais desenvolvida na respectiva entrada da secção dedicada aos priores das comunidades.

<sup>4829</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.14.

<sup>4830</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.14.

<sup>4831</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.14.

<sup>4832</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15.

<sup>4833</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.14.

<sup>4834</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15.

<sup>4835</sup> Almeida, Dina Carla Ferreira de Sousa de, *O mosteiro cisterciense de Arouca*, vol. II, 2003, p.170 (Doc. Nº 106 do Apêndice Documental).

<sup>4836</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.14.

<sup>4837</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15.

<sup>4838</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15.

**Afonso Esteves** – Cónego de Vila Boa do Bispo. A 14 de Abril de 1373 encontrava-se em Coimbra, testemunhando um emprazamento que o mosteiro de S. Jorge celebrou com Fernão Martins, nas casas de Martim Lourenço, deão da Sé<sup>4840</sup>.

**Pedro Afonso** – Cónego regente da Ordem de Santo Agostinho do mosteiro de Vila Boa do Bispo, do bispado do Porto. Com a respectiva licença do seu prelado, obtém a 21 de Dezembro de 1443, em Braga, ordens de Missa<sup>4841</sup>. Em 1467 ainda se encontrava entre a comunidade regente de Vila Boa do Bispo testemunhando aí um emprazamento<sup>4842</sup>.

**Nuno Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Com licença do seu maior, obtém a 4 de Março de 1447, em Braga, ordens de Epístola<sup>4843</sup> e nessa mesma cidade recebe, no dia 25 de Março de 1447, ordens de Evangelho<sup>4844</sup>. A 8 de Abril de 1447 encontra-se novamente em Braga onde lhe são conferidas ordens de Missa<sup>4845</sup>.

**Pedro Gonçalves** – Provável cónego do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Filho de Gonçalo Anes e de Branca Lourenço, sua mulher, moradores na freguesia de Vila Boa do Bispo da diocese do Porto. Com licença do seu prelado, obtém a 16 de Abril de 1457, em Braga, ordens de Missa<sup>4846</sup>.

**Gonçalo Álvares** – Cónego do mosteiro de Santo Agostinho de Vila Boa do Bispo. Com a devida autorização do seu superior desloca-se a Braga onde lhe são concedidas, a 26 de Maio de 1464, ordens menores<sup>4847</sup>. Viria a receber nessa mesma cidade, a 22 de Setembro de 1464, ordens de Epístola<sup>4848</sup> e no final desse mesmo ano de 1464 recebe, no dia 22 de Dezembro, novamente em Braga, ordens de Evangelho<sup>4849</sup>. Em 1467 mantinha-se entre a comunidade regente de Vila Boa testemunhando aí um emprazamento<sup>4850</sup>.

---

<sup>4839</sup> IAN/TT – Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, M. 1, Doc.15.

<sup>4840</sup> IAN/TT- São Jorge de Coimbra, M. 9, n.º 39.

<sup>4841</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 4, fl.6; Fernandes, Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.28.

<sup>4842</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, edição crítica por Mário Fiúza, Vol.2, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966, p.42; Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.112.

<sup>4843</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 12, fl.1v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.84.

<sup>4844</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.3; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.87.

<sup>4845</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 14, fl.2v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.91.

<sup>4846</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.57; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.294.

<sup>4847</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 19, fl.22; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.413.

<sup>4848</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 20, fl.27; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.418.

<sup>4849</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 21, fl.33; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.423.

<sup>4850</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, edição crítica por Mário Fiúza, Vol.2, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966, p.42; Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.112.



**João Anes** – Cónego regente do mosteiro de Santo Agostinho de Vila Boa do Bispo. No dia 26 de Maio de 1464 recebe, em Braga, ordens de Evangelho<sup>4851</sup> e a 22 de Setembro de 1464 são-lhe conferidas, nessa mesma cidade, ordens de Missa<sup>4852</sup>. Em 1467 há referência a um João Anes, cónego leigo<sup>4853</sup>, e apesar de não fazer muito sentido que se trate do mesmo religioso temos, mesmo assim, que considerar essa possibilidade.

**Rodrigo Anes** – Cónego do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Em 1467 é referenciado como cónego de Vila Boa testemunhando aí um emprazamento<sup>4854</sup>.

**Martim Lopes** – Provável cónego do mosteiro de Vila Boa do Bispo. Em 1467 é referenciado como capelão no mosteiro de Vila Boa<sup>4855</sup>.

**João** – Cónego do mosteiro de Vila Boa. Recebe em Coimbra, em 1476, as ordens menores<sup>4856</sup>.

### **2.3.2. - Santo André de Ancede (c. Baião)**

**Fernão Lourenço/Fernando Lourenço** – Prior claustral de Ancede. É nessa função que surge referenciado em Abril de 1364, altura em que o prior D. Vasco de Baião aí instituiu uma capela<sup>4857</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Fernandus Laurentii canonicus de Ansidi” a 13 de Maio, mas sem a respectiva indicação do ano, de qualquer modo essa data também não nos parece que corresponda ao óbito específico deste cónego, mas antes a uma comemoração colectiva pelo mosteiro, uma vez que no mesmo assento são mencionados diversos religiosos do cenóbio de Ancede<sup>4858</sup>, embora este mesmo mosteiro de S. Vicente de Fora reservasse o dia 17 de Junho para “comemoracio fratrum de Ansedi”<sup>4859</sup>.

**Afonso Fernandes** – Cónego do mosteiro de Ancede. Surge referenciado como “notarius” em Abril de 1364 sendo da sua lavra o documento que nos permite saber que nessa altura o prior D. Vasco de Baião aí instituiu uma capela<sup>4860</sup>. Afonso Fernandes era filho de Fernão Pires e de Diega Martins e irmão de Fernão Gonçalves, também cónego em Ancede, tudo indicando que eram provenientes da região, provavelmente naturais de

---

<sup>4851</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 19, fl.23v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.415.

<sup>4852</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 20, fl.29; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.419.

<sup>4853</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, edição crítica por Mário Fiúza, Vol.2, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966, p.42.

<sup>4854</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, edição crítica por Mário Fiúza, Vol.2, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966, p.42; Monteiro, Emília, *Vila Boa do Bispo: tradição e mudança*, Câmara Municipal de Marco de Canaveses, 1990, p.112.

<sup>4855</sup> Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidario das palavras...*, edição crítica por Mário Fiúza, Vol.2, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1966, p.42.

<sup>4856</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>4857</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, p.204 (Doc.3). Doravante referenciaremos este estudo da seguinte forma: Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede ...”

<sup>4858</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4859</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.103.

<sup>4860</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede ...”, p.204 (Doc.3).

Bafoeiras, local em que o mosteiro tinha meio casal em que à altura morava Gonçalo Domingues e que era do mosteiro “por razom de Affonso Fernandez e Fernam Gonçalvez nosos conigos filhos de Diega Martinz e de Fernam Piriz”<sup>4861</sup>. Estes cónegos tinham também propriedades em Anreade das quais o mosteiro há-de haver “dous quinhois o quinhom d’Affomso Fernandiz e o de Fernam Gonçallvez nosos conigos”<sup>4862</sup>. Esta informação conserva-se num tombo de Ancede, dos finais do séc. XIV, e pela utilização da forma verbal poderemos conjecturar que nessa altura os dois religiosos ainda vivessem. “Alfonso Fernandi” é também identificado num obituário de S. Vicente de Fora mas sem qualquer especificação da data do seu óbito, surgindo o seu nome integrado num rol de cónegos de Ancede, naquilo que deverá ser interpretado como uma celebração colectiva de sufrágios do mosteiro de S. Vicente pelo de Ancede e que recaía a 13 de Maio<sup>4863</sup>.

**Fernão Gonçalves/Fernando Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Ancede. As informações que dispomos sobre este religioso são recolhidas num tombo de Ancede, datável dos finais do séc. XIV, e que nos permite saber que Fernão Gonçalves, além de ser cónego de Ancede era filho de Fernão Pires e de Diega Martins e irmão de Afonso Fernandes, também cónego regrante no mosteiro de Ancede, detendo estes religiosos património em Bafoeiras e em Anreade<sup>4864</sup>. Apesar de não termos nenhuma indicação cronológica concreta a este religioso, a sua presença no mosteiro duriense é estimável, grosso modo, para as últimas quatro décadas do séc. XIV, uma vez que é contemporâneo do seu irmão e, aparentemente, ainda era vivo á altura da elaboração do tombo que referenciamos. Um obituário de S. Vicente de Fora regista a celebração do aniversário de “Fernandus Gundisalvi canonicus de Ansidi” a 13 de Maio, mas sem a respectiva indicação do ano, dia que também não deverá corresponder ao falecimento deste cónego mas sim a uma comemoração colectiva que era celebrada pelo mosteiro, uma vez que nesse registo são mencionados diversos religiosos de Ancede<sup>4865</sup>.

**Estêvão Gil** – Cónego do mosteiro de Ancede. Trata-se de um dos nove cónegos que em Abril de 1364 constituíam a comunidade conventual de Ancede<sup>4866</sup>.

**João Martins** – Cónego do mosteiro de Ancede. É um dos subscritores da carta pela qual, entre outras disposições de interesse para a comunidade, o abade do mosteiro aí instituiu uma capela, em Abril de 1364<sup>4867</sup>. O nome do cónego “Johanes Martini” é um dos que surgem referenciados numa listagem de religiosos de Ancede que integra um assento do obituário de S. Vicente de Fora numa celebração colectiva de sufrágios pelo mosteiro duriense que S. Vicente de Fora celebrava a 13 de Maio<sup>4868</sup>.

**Domingos Lourenço** – Cónego do mosteiro de Ancede. Integrava a comunidade regrante desta canónica duriense no início de Abril de 1364<sup>4869</sup>. A 26 de Agosto de 1374 Domingos Lourenço surge entre as testemunhas do instrumento de arrendamento que o prior Vasco Martins, juntamente com o convento de Ancede, fizeram a Domingos Pires

<sup>4861</sup> Tombo do mosteiro de Ancede, fl.25vº, 2003, p.282.

<sup>4862</sup> Tombo do mosteiro de Ancede, fl.25vº, 2003, p.282.

<sup>4863</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4864</sup> Tombo do mosteiro de Ancede, fl.25vº, 2003, p.282.

<sup>4865</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4866</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede ...”, p.204 (Doc.3).

<sup>4867</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede ...”, p.204 (Doc.3).

<sup>4868</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4869</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede ...”, p.204 (Doc.3).

e a sua mulher das casas que tinham na ribeira de Gaia<sup>4870</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora confirma-nos a existência de um cônego de Ancede chamado “Dominicus Laurencii”<sup>4871</sup>.

**Afonso Martins** – Cônego do mosteiro de Ancede e seu prior claustral. Surge referenciado em Abril de 1364 como cônego da instituição, sendo um dos subscritores de um documento aí elaborado<sup>4872</sup>. A 26 de Agosto de 1374 Afonso Martins ocupava o cargo de prior crasteiro de Ancede, tendo sido ele a redigir o contrato de arrendamento que nesse dia o prior Vasco Martins, juntamente com o convento de Ancede, fez a Domingos Pires e a sua mulher das casas que tinham em Vila Nova de Gaia<sup>4873</sup>. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “donus Alfonsus Martini canonicus de Ansidei” a 10 de Junho, mas sem qualquer indicação do ano<sup>4874</sup>. Também um obituário de S. Vicente de Fora refere o cônego de Ancede “Alfonsus Martini”, surgindo o seu nome integrado numa lista de religiosos de Ancede, recaindo a celebração desse sufrágio colectivo a 13 de Maio<sup>4875</sup>.

**Fernão Gomes/Fernando Gomes** – Cônego do mosteiro de Ancede e seu futuro prior. Surge entre a comunidade regrante de Ancede, encontrando-se o seu nome aposto na carta feita no mosteiro, em Abril de 1364, e pela qual o prior D. Vasco manda dizer diversas missas por intercessão de familiares, beneficia o convento e institui uma capela<sup>4876</sup>. A 26 de Agosto de 1374 Fernão Gomes encontra-se entre as testemunhas do instrumento de arrendamento que o prior Vasco Martins, juntamente com o convento de Ancede, fez a Domingos Pires e a sua mulher das casas que tinham na ribeira de Gaia<sup>4877</sup>. Este Fernando ou Fernão Gomes é certamente o mesmo que virá a ocupar o priorado da comunidade à entrada para a última década do séc. XIV, estando documentado no cargo em Agosto de 1387<sup>4878</sup>.

**João Anes** – Cônego do mosteiro de Ancede. É um dos nove cônegos que em Abril de 1364 integrava a comunidade conventual de Santo André de Ancede<sup>4879</sup>. A 26 de Agosto de 1374 “Joanne Annes” mantinha-se entre a comunidade regrante de Ancede, testemunhando o contrato de arrendamento que nesse dia o mosteiro fez das casas que tinha em Gaia<sup>4880</sup>. “Joham Eanes” também testemunhou a doação que Maria Rodrigues, mulher que foi de Gonçalo da Ramada, fez ao mosteiro de toda a sua herdade em Minhoso, com a condição do marido dar anualmente 20 soldos para missas e quando este falecesse, transitaria a posse efectiva da herdade para o mosteiro<sup>4881</sup>.

---

<sup>4870</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.67-68 (Doc.1).

<sup>4871</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.92.

<sup>4872</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansidei ...”, p.205 (Doc.3).

<sup>4873</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.67-68 (Doc.1).

<sup>4874</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.21.

<sup>4875</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4876</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansidei ...”, p.205 (Doc.3).

<sup>4877</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.67-68 (Doc.1).

<sup>4878</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257.

<sup>4879</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansidei ...”, p.205 (Doc.3).

<sup>4880</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.67-68 (Doc.1).

<sup>4881</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Tombo do mosteiro de Ancede”..., 2003, p.270.

**João Afonso** – Cónego do mosteiro de Ancede. Surge entre a comunidade regrante de Ancede em Abril de 1364<sup>4882</sup>. A 26 de Agosto de 1374 João Afonso é identificado entre as testemunhas do contrato de arrendamento que nesse dia o prior Vasco Martins e o convento de Ancede fizeram a Domingos Pires e a sua mulher, Clara Soares, das casas que tinham em Vila Nova de Gaia<sup>4883</sup>. “Joham Affonso” surge juntamente com o cónego João Anes a testemunhar a doação que Maria Rodrigues fez ao mosteiro de toda a sua herdade em Minhoso<sup>4884</sup>. Este cónego era proprietário de uma ramada na Castanheira que trazia emprazada João Gil por quatro libras<sup>4885</sup>. É possível que este cónego seja irmão de Martim Afonso, também cónego de Ancede, suportando-se tal hipótese no facto de possuírem bens em comum<sup>4886</sup>. O nome do cónego “Johanes Alfonsi” consta num rol de religiosos de Ancede que integram um registo do obituário de S. Vicente de Fora, o que deixa perceber que se celebrava aí, a 13 de Maio, uma comemoração colectiva pelo mosteiro de Ancede<sup>4887</sup>.

**Martim Pires/Martim Peres** – Cónego e prior claustral de Ancede. A 26 de Agosto de 1374 Martim Pires já integrava a comunidade monástica de Ancede, sendo um dos seis regrantes que testemunham o contrato de arrendamento que o mosteiro fez das casas de Vila Nova de Gaia<sup>4888</sup>. A 24 de Agosto de 1387 ocupava o cargo de prior crasteiro de Ancede. Nesse dia esteve presente em Alpendurada, na assembleia onde se determinou a celebração de sufrágios entre diversos cenóbios beneditinos e agostinhos das dioceses de Braga e do Porto, aparecendo, inclusivamente, como escrivão do documento<sup>4889</sup>. Foi também o Autor do tombo de Ancede, feito por volta de 1400 como aí se revela: “Fezeo Martin Pirez prior clasteiro e notairo per saude da sua alma e per mandado do prior dom Fernam Gomez”<sup>4890</sup>.

**Gomes Anes** – Cónego de Ancede. Apenas se sabe que foi cónego de Santo André de Ancede pelo seu voto de obediência em que declara: “Eu Gomes Eanes conigo do mosteiro d’Ansede prometo e juro a <Santos Evangelhos> que nonca seja contra ho prior del e convento e nem contra cousa que ser seja mas sempre em hora e defendemento deelle e por desto ser desto certos assinei aqui por minha mao”<sup>4891</sup>.

---

<sup>4882</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansede ...”, p.205 (Doc.3).

<sup>4883</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.67-68 (Doc.1).

<sup>4884</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.22, 2003, p.270.

<sup>4885</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.24, 2003, p.277.

<sup>4886</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fls.25-25vº, 2003, pp. 280, 282.

<sup>4887</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4888</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Por ser de sua lavra e cutelo”..., 1998, pp.67-68 (Doc.1).

<sup>4889</sup> BGUC – Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – N°703, fls. 246-250; Ribeiro, João Pedro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal*, Tomo II, Lisboa, 1811, pp. 255-257

<sup>4890</sup> Barros, Amândio Jorge Morais, “Tombo do mosteiro de Ancede [séc. XIV]”, in *Douro: Estudos & Documentos*, Ano 8, N°16, Porto, Edição do GEHVID (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), 2003, p.221.

<sup>4891</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº. Este documento encontra-se transcrito e publicado por Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ansede (c. Baião): Breves Notas para a História dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Habent Sua Fata Libelli - Colectânea de Estudos em Homenagem ao Académico de Número, Doutor Fernando Guedes no seu 75º Aniversário*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2004, pp. 194-200 (doc.1); *Idem* “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Vol. IV, organização do Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Departamento de História, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp. 345-348. Doravante referenciaremos apenas a transcrição que integra este último trabalho.

Apesar de este voto não estar datado, como nenhum dos aí inscritos, este ainda oferece um maior grau de dificuldade, em termos de identificação cronológica uma vez que nem sequer menciona o nome do prior, de qualquer modo, e como observa o Doutor Saul Gomes, os votos de profissão que se inserem nas costas deste pergaminho são, pela análise caligráfica, reportáveis ao final do séc. XIV e século XV<sup>4892</sup>. Parece-nos também, pela similitude gráfica com a letra de outros votos presentes nesse documento, que a sua profissão tenha ocorrido numa das duas últimas décadas do séc. XIV.

**Frei Gomes** – Cónego de Ancede. Temos conhecimento do seu voto de profissão, onde surge apenas o nome próprio, no entanto aí é revelado o nome do prior a quem promete obediência: D. Fernando<sup>4893</sup>, que acreditamos tratar-se de D. Fernando ou Fernão Gomes que ocupou o priorado de Ancede, pelo menos, no final da década de oitenta do séc. XIV, comprovado documentalmente em 1387<sup>4894</sup>, por isso parece-nos perfeitamente enquadrável nesse período cronológico.

**Frei João** – Cónego do mosteiro de Santo André de Ancede. No seu voto de profissão é omitido o patronímico tal como na própria assinatura autografa que acompanha esse voto, onde promete obedecer ao prior D. Fernando e aos seus sucessores<sup>4895</sup>. De acordo com aquilo que acima dissemos é admissível que tenha professado na última quinzena do séc. XIV ou no início do XV.

**Martim Afonso** – Cónego do mosteiro de Santo André de Ancede. No tombo de Ancede, elaborado no final do sec. XIV ou início do séc. XV diz-se que o mosteiro tem duas herdades em Donim que traz Domingos de Donim e que estão em posse do mosteiro por “parte do prior dom Fernam Gomez e da parte de Joham Affonso e Martim Afonso nosos conegos”<sup>4896</sup>. De resto parece-nos bastante provável que estes dois cónegos fossem irmãos, até porque são novamente mencionados como coproprietários de parte da quinta que foi de Lourenço Gomes e de Margarida Fernandes, ficando o mosteiro com os quinhões que eles aí detinham<sup>4897</sup>.

**Gonçalo Anes** – Cónego do mosteiro de Santo André de Ancede. Deverá ter professado no mosteiro de Ancede em finais do séc. XIV ou no início do XV, isto tendo em conta que no seu voto de obediência é referido o prior D. Fernando<sup>4898</sup>.

**Diogo Martins** – Provável cónego de Ancede. Foi pároco da igreja de Santa Maria de Gove, da qual saiu, por permuta, provavelmente em 1428, para assumir a igreja de S. Bartolomeu de Baião<sup>4899</sup>, ambas do padroado do mosteiro de Ancede. A 1 de Abril de 1437 mantinha-se à frente desta última igreja dia em que o rei legitimou dois filhos, de “Diego Martinz clerigo de misa abade de Sam Bertolameu de Bayam” ambos de uma

---

<sup>4892</sup> Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.340.

<sup>4893</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.347.

<sup>4894</sup> Sobre este religioso remetemos para a respectiva entrada.

<sup>4895</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.348.

<sup>4896</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.25, 2003, p.280.

<sup>4897</sup> *Tombo do mosteiro de Ancede*, fl.25vº, 2003, p.282.

<sup>4898</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.348.

<sup>4899</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

relação com Maria Anes, mulher solteira à altura do nascimento das crianças<sup>4900</sup>. A sua permanência como reitor de S. Bartolomeu parece ter sido longa, isto a acreditarmos na informação de que ele “ouve a posse della e a pesuio para perto de quarenta anos”<sup>4901</sup>, o que, a comprovar-se, significa que o seu falecimento deverá ter ocorrido em finais da década de sessenta.

**Vasco Fernandes** – Cónego do mosteiro de Ancede. A 25 de Março de 1447 recebe ordens de Epístola em Braga<sup>4902</sup>.

**Pedro Anes** – Cónego do mosteiro de Ancede. Professou no mosteiro de Santo André de Ancede, havendo registo desse acto pelo qual “Petrus Joanes” se comprometeu a obedecer à regra dos cónegos regrantes de Santo Agostinho e ao prior do seu mosteiro, D. João<sup>4903</sup>.

**Afonso Anes de Ancede** – Provável cónego do mosteiro de Ancede. Filho de João Anes de Sequeiros e Maria Martins, moradores na freguesia de Santo André de Ancede. A 19 de Setembro de 1450 recebe ordens de Epístola em Braga<sup>4904</sup>. A 19 de Dezembro de 1450 são-lhe conferidas ordens de Evangelho, também em Braga<sup>4905</sup>, cidade onde, de resto, também lhe seriam consagradas, a 19 de Março de 1451, ordens de Missa<sup>4906</sup>.

**Gonçalo Afonso** – Cónego do mosteiro de Ancede. Gonçalo Afonso fez o seu voto de profissão e obediência no mosteiro de Ancede perante o prior João<sup>4907</sup>. A 19 de Dezembro de 1450 recebe ordens menores em Braga<sup>4908</sup>. A 18 de Setembro de 1451 encontra-se novamente em Braga, onde recebe ordens de Epístola<sup>4909</sup>, acompanhando certamente o seu prior que nesse mesmo dia também aí recebe ordens sacras. O mesmo sucede a 18 de Dezembro de 1451, altura em que o prior de Ancede, D. João Fernandes é investido, na cidade bracarense, em ordens de Missa, enquanto Gonçalo Afonso recebe ordens de Evangelho, surgindo aí referenciado como “coonigo professo do mosteiro de Santo Andre de Ancede do bispado do Porto da Hordem de Santo

---

<sup>4900</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Duarte*, Vol. I – Tomo 2 (1435-1438), edição organizada por João José Alves Dias, Lisboa, Centro de Estudos Históricos - Universidade Nova de Lisboa, 1998, pp.120-121 (Doc.833).

<sup>4901</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

<sup>4902</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.86.

<sup>4903</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.348.

<sup>4904</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.10; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.145.

<sup>4905</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.17; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.150.

<sup>4906</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.20v.; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.157.

<sup>4907</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.348.

<sup>4908</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.15; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.147.

<sup>4909</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.44; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.170.

Agostinho”<sup>4910</sup>. Este cónego regrante foi, finalmente, investido nas ordens de Missa a 20 de Dezembro de 1455<sup>4911</sup>.

**João Vasques** – Cónego do mosteiro de Ancede. Filho de Vasco Gil e de Catarina Vasques<sup>4912</sup>. Trata-se certamente do mesmo “Jhoanes Valacy” de quem há o registo de ter professado no mosteiro perante o prior João<sup>4913</sup>. A documentação permite-nos acompanhar o seu percurso sacerdotal. Assim, a 18 de Dezembro de 1451 recebe ordens menores em Braga<sup>4914</sup>, cidade a que regressa a 24 de Fevereiro de 1453 para receber ordens de Epístola, aparecendo aí referenciado como “coonigo professo do moesteiro de Anssede da Hordem de Sancto Agostinho do bispado do Porto”<sup>4915</sup>. Só a 20 de Setembro de 1455 é que lhe são concedidas ordens de Evangelho, novamente em Braga<sup>4916</sup>, para a 20 de Dezembro, desse mesmo ano de 1455, receber ordens de Missa na cidade bracarense, na companhia de Gonçalo Afonso, outro cónego de Ancede<sup>4917</sup>.

**Fernando Afonso** – Cónego professo do mosteiro de Santo Agostinho de Ancede. Com a devida autorização do seu prior deslocou-se a Braga, onde recebeu, a 17 de Dezembro de 1463, ordens menores<sup>4918</sup>.

**Lopo Nunes** – Provável cónego de Ancede. Filho de Nuno Gonçalves e de Leonor Anes moradores na freguesia de Santo André de Ancede do bispado do Porto. Com a necessária licença do seu prelado recebeu ordens menores em Braga, a 20 de Junho de 1464<sup>4919</sup>.

**Gonçalo Anes** – Cónego do mosteiro de Santo André de Ancede. “Gonsallus Joanes” professou no mosteiro de Santo André de Ancede, sendo prior da instituição D. João, como revela o seu voto de obediência<sup>4920</sup>. A sua entrada nesta comunidade monástica deverá ter ocorrido na primeira metade da década de sessenta, uma vez que a 25 de Fevereiro de 1464 “Gonçallo Anes coonigo do moesteiro de Santo Andre de Anssede” recebe ordens menores em Braga<sup>4921</sup>.

---

<sup>4910</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.52; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.176.

<sup>4911</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.19; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.261.

<sup>4912</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.49v.; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.175. Neste registo atribui-se o mosteiro de Ancede ao bispado de Lamego.

<sup>4913</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.348.

<sup>4914</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.49v.; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.175.

<sup>4915</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.32; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.197.

<sup>4916</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.11; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.255.

<sup>4917</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.19; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, pp. 260-261.

<sup>4918</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 13, fl.17; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.391.

<sup>4919</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 18, fl.28; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.409.

<sup>4920</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de traditio monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.348.

<sup>4921</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 14, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.395.

**João Álvares** – Provável cónego de Ancede. Filho de Álvaro Fernandes e de sua mulher, Margarida Luís, moradores na freguesia de *Sant'Andre d'Ansede do bispado do Porto*, recebeu com licença do seu prelado, ordens menores, em Braga, em 1465<sup>4922</sup>. A 19 de Setembro de 1467 recebe, também em Braga, ordens de Epístola<sup>4923</sup>.

**Rui Pires** – Provável cónego de Ancede. Aparece referenciado numa sentença de 7 de Agosto de 1493, respeitante a um processo de disputa do padroado da igreja de S. Bartolomeu de Baião, entre o fidalgo João Fernandes de Sousa e o mosteiro de Ancede, tendo o prior e o convento apresentado para abade dessa igreja “Ruy Periz cleriguo d'ordens menores da dita diocese do Porto”<sup>4924</sup>.

**António Anes** – Cónego do mosteiro de Santo André de Ancede. A 6 de Agosto de 1527 “Antony'Annes conygo do mosteiro d'Amssede” encontrava-se no mosteiro de Cárquere, testemunhando aí um instrumento de emprazamento em três vidas<sup>4925</sup>. É certamente o mesmo António Anes que fez voto de profissão perante o prior João<sup>4926</sup>, muito provavelmente o prior João Fernandes que geriu os destinos de Ancede, grosso modo, a partir da viragem para a segunda metade do século XV e até cerca de 1490, cronologia perfeitamente compatível com a existência deste cónego.

**Gonçalo Monteiro** – Cónego regrante e prior crasteiro de Ancede. Era *priol crasteyro do moesteiro d'Ansede* a 12 de Junho de 1556, dia em que deu conhecimento ao rei que o mosteiro se encontrava vago por morte do comendatário D. Sancho, tendo inclusive já conseguido arrematar as rendas do mosteiro por 550 mil réis, faltando apenas o consentimento régio para a concretização do negócio<sup>4927</sup>. Frei Nicolau de Santa Maria referencia-o ainda neste cargo em 1557<sup>4928</sup>. Deverá ter falecido entre esta data e 1560 uma vez que o seu nome não consta na lista de religiosos que integravam a comunidade monástica a 11 de Agosto de 1560. Nessa altura o prior claustral já é Diogo Monteiro, muito provavelmente um seu familiar, embora também não se possa excluir a hipótese de estarmos perante o mesmo indivíduo, e ter havido uma qualquer confusão com o registo do seu nome no documento. De qualquer forma, e em termos metodológicos, admitimos estar perante duas pessoas diferentes.

**Pedro Anes** – Cónego regrante de Ancede. Frei Nicolau de Santa Maria indica-o como sendo um dos cinco elementos que constituía a comunidade conventual de Ancede em 1557<sup>4929</sup>. Surge identificado como cónego do mosteiro no documento de 11 de Agosto de 1560 em que o padre frei Estêvão Leitão, professo da Ordem dos Pregadores de São Domingos de Lisboa, toma, corporalmente, posse do mosteiro de Ancede que tinha sido anexado ao de S. Domingos<sup>4930</sup>.

---

<sup>4922</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 3, fl.11.

<sup>4923</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 14, fl.11.

<sup>4924</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.20.

<sup>4925</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 15-A, M.7, N.º.128.

<sup>4926</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.12vº; Gomes, Saul António, “Trado me ipsum...” – Registos medievais de tradição monástica entre os cónegos regrantes de Santo Agostinho em Portugal”, 2006, p.348.

<sup>4927</sup> IAN/TT- Corpo Cronológico, Parte I, M. 98, n.133.

<sup>4928</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327.

<sup>4929</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327.

<sup>4930</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.



**Bastião Afonso** – Cónego regrante de Ancede. É um dos cinco cónegos que constituíam a comunidade monástica do mosteiro de Ancede, em 1557<sup>4931</sup>. Este religioso é novamente referenciado como membro da comunidade a 11 de Agosto de 1560, dia em que o mosteiro duriense foi, efectivamente, entregue ao de São Domingos de Lisboa<sup>4932</sup>. Entre as funções que este cónego desempenhava na comunidade encontrava-se a de sacristão do mosteiro<sup>4933</sup>.

**Gaspar Fernandes** – Cónego regrante de Ancede. Frei Nicolau de Santa Maria indica-o como sendo um dos cinco elementos da comunidade conventual de Ancede em 1557, sendo inclusivamente o cura da freguesia do mosteiro<sup>4934</sup>.

**João Francisco** – Cónego regrante do mosteiro de Ancede. É um dos religiosos desta canónica agostinha referenciados em 1557<sup>4935</sup>, constando novamente o seu nome entre o dos cónegos de Ancede que figuram no documento de 11 de Agosto de 1560<sup>4936</sup>.

**Diogo Monteiro** – Cónego regrante e prior claustral de Ancede. O facto de o seu patronímico ser “Monteiro” e de surgir como prior claustral do mosteiro e numa data muito próxima àquela em que encontramos Gonçalo Monteiro no exercício dessas mesmas funções deixa-nos forçosamente intrigados e leva-nos a considerar a possibilidade de estarmos perante o mesmo religioso. De qualquer forma e, de momento, sem outro elemento que nos permita esclarecer a questão, resta-nos, além de admitir esse cenário no campo hipotético, dizer que Diogo Monteiro era o prior crasteiro quando o mosteiro foi anexado a S. Domingos de Lisboa, em 1560<sup>4937</sup>.

**António Domingues** – Cónego regrante de Ancede. O seu nome surge entre o dos cónegos que se encontravam em Ancede quando, no dia 11 de Agosto de 1560, frei Estêvão Leitão, em nome do mosteiro de São Domingos de Lisboa, tomou posse de Santo André de Ancede<sup>4938</sup>.

### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer com rigor:**

**Domingos Vicente** – Cónego de Santo André de Ancede. Um Obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Dominicus Viceenti canonicus de Ansidi” a 18 de Julho mas sem qualquer indicação do ano<sup>4939</sup>.

**Vicente Domingues** – Cónego de Santo André de Ancede. Um obituário de S. Vicente de Fora regista a celebração do aniversário de “Vincentius Dominici canonicus de Ansidi” a 13 de Maio, mas sem a respectiva indicação do ano, dia que de resto também não deverá corresponder ao falecimento deste cónego mas sim a uma comemoração colectiva que era celebrada pelo mosteiro lisboeta, uma vez que nesse registo são

---

<sup>4931</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327.

<sup>4932</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.

<sup>4933</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.

<sup>4934</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327.

<sup>4935</sup> Santa Maria, D. Nicolau de, *Chronica ...*, Primeira Parte, Livro VI, cap. XII, p.327.

<sup>4936</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.

<sup>4937</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.

<sup>4938</sup> IAN/TT- Mosteiro de Ancede, M.1, Doc.21.

<sup>4939</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.24vº.

mencionados diversos religiosos de Ancede<sup>4940</sup>. Apesar de não haver aí nenhum elemento cronológico identificativo, o nome deste religioso surge a encabeçar a listagem dos cónegos de Ancede, cuja generalidade dos nomes é possível, através da confrontação das fontes, enquadrar na segunda metade do séc. XIV e início do XV, por isso é estipulável que Vicente Domingues tenha sido regrante de Ancede no final da primeira metade do séc. XIV.

**Lourenço Gil** – Cónego de Santo André de Ancede. Um obituário de S. Vicente de Fora refere “Laurentius Egee canonicus de Ansidii” encontrando-se o seu registo a 13 de Maio, mas sem a respectiva indicação do ano de falecimento, de qualquer modo essa data também não nos parece que corresponda ao óbito específico deste cónego, mas antes a uma comemoração colectiva pelo mosteiro, uma vez que no mesmo assento são mencionados diversos religiosos de Ancede<sup>4941</sup>. A presença de Lourenço Gil entre a comunidade monástica de Ancede não deverá ser anterior às duas últimas décadas da primeira metade do séc. XIV, sendo até possível que tenha sido regrante da instituição apenas na segunda metade do séc. XIV, isto se tivermos em conta que o seu nome é precedido pelo do cónego Fernando Lourenço que ainda era monge de Ancede em Abril de 1364<sup>4942</sup>.

**Vasco Esteves** – Cónego de Santo André de Ancede. Um obituário de S. Vicente de Fora identifica “Velasus Stephani” como cónego regrante de Ancede<sup>4943</sup>, e apesar de não haver aí nenhum referencial temporal concreto, o seu nome surge entre o de diversos religiosos que é possível detectar na comunidade regrante de Ancede na segunda metade do séc. XIV, pelo que, e partindo do princípio que existe alguma disposição cronológica nesse assento, é crível que também Vasco Esteves tenha sido cónego do mosteiro dentro desse período.

**Vasco Afonso** – Cónego de Santo André de Ancede. Trata-se de um dos cónegos de Ancede referenciado num registo do obituário de S. Vicente de Fora, surgindo o nome de “Velasus Alfonsi” entremeadado com o de outros religiosos da instituição<sup>4944</sup>, cuja cronologia é possível estabelecer para a segunda metade de trezentos, por isso é admissível que este religioso também tenha sido cónego de Ancede nessa mesma altura.

**Vasco Esteves do Porto** – Cónego de Santo André de Ancede. “Velasus Stephani de Portu” surge identificado como cónego de Ancede num obituário de S. Vicente de Fora, onde aparece agrupado com cerca de uma dúzia de religiosos da instituição<sup>4945</sup>, cuja maioria é possível enquadrar na segunda metade do séc. XIV. Tal cronologia deverá ser extensível a este religioso, de resto o recurso ao apodo toponímico leva-nos a acreditar que seria contemporâneo do cónego Vasco Esteves, sendo esta a forma de diferenciação encontrada.

**Martim Lourenço** – Cónego de Santo André de Ancede. O nome de “Martinus Laurencii” surge numa extensa lista de religiosos do mosteiro de Ancede que integram um assento necrológico do mosteiro de S. Vicente de Fora e que é composta por:

---

<sup>4940</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4941</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4942</sup> Gomes, Saul António, “Acerca do Mosteiro de Santo André de Ancede ...”, 2004, p.204 (Doc.3).

<sup>4943</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4944</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.92.

<sup>4945</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

Vicente Domingues, Fernando Lourenço, Lourenço Gil, Fernão Gonçalves, Domingos Lourenço, João Martins, Vasco Esteves, Vasco Afonso, Afonso Fernandes, Afonso Martins, João Afonso, Vasco Esteves do Porto e Martim Loureço, todos cónegos de Ancede, referenciando-se aí ainda frei Domingos e frei Gonçalo, conversos do mosteiro de Ancede<sup>4946</sup>. Não conseguimos estabelecer uma cronologia concreta para a presença de Martim Lourenço nesta canónica regrante, de qualquer modo e tendo em consideração a cronologia relativa ou aproximada que estabelecemos para a generalidade dos outros religiosos que vimos mencionando, parece-nos que este cónego também se poderá enquadrar na segunda metade do séc. XIV.

### **2.3.3. - Santo Estêvão de Vilela (c. Paredes)**

**Pedro Peres** – Cónego do mosteiro de Vilela. A 20 de Julho de 1287 “Pero Peres coonigo de Vilela” encontrava-se na cidade do Porto onde testemunhou um instrumento respeitante a direitos de padroado do mosteiro de S. Salvador de Tuias<sup>4947</sup>. Não sabemos até quando se manteve entre a comunidade regrante de Vilela.

**Geraldo Vicente** – Cónego do mosteiro de Vilela. Aparece referenciado, juntamente com outros dois cónegos do seu mosteiro, como testemunha num testamento datado de 25 de Julho de 1289, em que o beneficiário era o mosteiro de Santo Estêvão de Vilela<sup>4948</sup>. A 15 de Julho de 1293 surge identificado como procurador do mosteiro<sup>4949</sup>.

**Geraldo Peres** – Cónego do mosteiro de Vilela. Figura, como testemunha, num testamento datado de 25 de Julho de 1289<sup>4950</sup>.

**Martim Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Vilela. Aparece, juntamente com outros dois religiosos do mosteiro de Vilela, como testemunha num testamento datado de 25 de Julho de 1289, em que o testador, de nome Afonso, deixa os seus bens ao mosteiro de Santo Estêvão de Vilela<sup>4951</sup>.

**Fernando Afonso** - Cónego de Vilela, do bispado do Porto. A 30 de Setembro de 1442 é investido no cargo de prior mor de S. Simão da Junqueira<sup>4952</sup>.

---

<sup>4946</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.91-92.

<sup>4947</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.173.

<sup>4948</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, pp. 12-13 (Doc.5); Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil: “A-presentação” e “Re-presentação”*, Leomil, Câmara Municipal de Moimenta da Beira e Casa do Povo de Leomil, 2004, pp. 335-336.

<sup>4949</sup> Vasconcellos, J. Leite de, *Opúsculos*, Vol. 1: *Filologia* (Parte I), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, p.303.

<sup>4950</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, pp. 12-13 (Doc.5); Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil: “A-presentação” e “Re-presentação”*, Leomil, Câmara Municipal de Moimenta da Beira e Casa do Povo de Leomil, 2004, pp. 335-336.

<sup>4951</sup> Santos, Maria José Azevedo; Veloso, Maria Teresa, *Pergaminhos do Instituto de Paleografia (Sécs. XII-XVIII)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, pp. 12-13 (Doc.5); Gouveia, Jaime Ricardo Teixeira, *Subsídios para a História de Leomil: “A-presentação” e “Re-presentação”*, Leomil, Câmara Municipal de Moimenta da Beira e Casa do Povo de Leomil, 2004, pp. 335-336.

<sup>4952</sup> A.D.B. - Registo Geral 329, *Livro das Confirmações do arcebispo D. Fernando da Guerra*, fl.112; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.797.

**Gonçalo Martins** - Cónego do mosteiro de Vilela. É identificado como religioso deste mosteiro do bispado do Porto entre os registos de ordinandos da diocese de Braga, tendo aí recebido, com a respectiva autorização do seu prior, ordens menores no dia 23 de Setembro de 1447<sup>4953</sup>. A 15 de Junho de 1454, novamente em Braga, são-lhe conferidas ordens de Missa<sup>4954</sup>.

**João Álvares** - Cónego do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela. Munido da necessária licença de seu maior recebe ordens de Evangelho no dia 17 de Fevereiro de 1448, em Braga<sup>4955</sup>, cidade onde viria também a receber ordens de Missa, a 9 de Março de 1448<sup>4956</sup>.

**Frei Afonso** - Cónego de Vilela, do bispado do Porto, de licença do prior do seu mosteiro, recebe ordens de Evangelho no dia 19 de Março de 1451, em Braga<sup>4957</sup>.

**Frei Gonçalo** - Cónego de Vilela, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado do Porto, recebe ordens de Epístola no dia 19 de Março de 1451, em Braga<sup>4958</sup>.

**Lopo Fernandes** - Cónego regente do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela. Filho de Fernando Álvares e de sua mulher, Catarina Anes, da freguesia de Santo Estêvão de Vilela, do bispado do Porto, recebe ordens menores, com licença do seu prior, no dia 8 de Abril de 1451, em Braga<sup>4959</sup>. A 27 de Março de 1456 obtém ordens de Epístola, também em Braga<sup>4960</sup>, cidade onde lhe são, igualmente, concedidas ordens de Evangelho, a 18 de Dezembro de 1456<sup>4961</sup>. No primeiro semestre de 1457, mais concretamente a 16 de Abril, recebe ordens de Missa, em Braga, aparecendo aí referenciado como “coonigo professo do moesteiro de Santo Estevam de Villella”<sup>4962</sup>. A 28 de Maio de 1466 o seu nome integra uma lista de três clérigos que Diogo Martins, prior de Vilela, propunha apresentar para a igreja de S. João de Nespereira que se encontrava vaga. No entanto nem ele, nem Gonçalo Afonso, nem Pedro Martins, os outros dois nomes pensados pelo prior chegaram a ocupar o lugar, uma vez que acabou

---

<sup>4953</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 16, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.97.

<sup>4954</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.10; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.227.

<sup>4955</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 17, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.100.

<sup>4956</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 17, fl.4v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.104.

<sup>4957</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.19; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.153. Este mesmo religioso é também identificado por Passos, Estela Ângela Leite de Barros Vilela, *A casa de Paço de Vides: História da Família – Os Vilela Passos*, 2005, p.98, embora não possa ser o Frei Afonso que surge aí indicado como monge beneditino do mosteiro de S. Miguel Refojos de Basto.

<sup>4958</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.19v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.153.

<sup>4959</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.29v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.159.

<sup>4960</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.27-a; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.269.

<sup>4961</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.41; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.282.

<sup>4962</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.57; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.295.

por ser aí colocado Frei Fernando, monge professo de Bustelo, indicado pelo copadroeiro abade de Bustelo<sup>4963</sup>.

**João Fernandes** – Provável cónego de Vilela. Filho de Fernão Martins e de sua mulher, Maria Álvares, da freguesia de Santo Estêvão de Vilela, do bispado do Porto, recebe ordens de Epístola, no dia 18 de Setembro de 1451, em Braga<sup>4964</sup>.

#### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Afonso Gonçalves** – Cónego de Vilela. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Alfonsus Gonsalvi canonicus Villele” a 11 de Maio, mas sem a respectiva indicação do ano, de qualquer modo essa data poderá corresponder a uma comemoração colectiva pelo mosteiro e não ao óbito específico deste religioso até porque nessa data são mencionados diversos cónegos de Vilela<sup>4965</sup>. Apesar de não existirem aí quaisquer indicações precisas quanto à data do falecimento, o facto de este registo ser antecedido pelo do prior de Santa Cruz, Vasco Martins, que faleceu na última década do séc. XIV e pelo do prior de Vilela, D. Martim Peres, que deverá ter falecido no início do segundo quartel do séc. XV, e partindo do princípio que os assentos foram feitos por ordem cronológica, permite-nos enquadrar a presença deste cónego no mosteiro, grosso modo, na primeira metade do séc.XV<sup>4966</sup>.

**Diogo Afonso** – Cónego do mosteiro de Vilela. Temos indicação deste religioso através de um obituário de S. Vicente de Fora que regista o falecimento de “Didacus Alfonsi canonicus Vilele” a 11 de Maio, mas sem a habitual indicação do ano<sup>4967</sup>. E se esta fonte nos permite saber que Diogo Afonso foi cónego de Vilela, já a data do seu óbito nos merece grandes reservas e dificilmente corresponderá a esse dia, uma vez que nessa data foram incorporados os nomes de diversos religiosos de Vilela, sendo por isso mais provável tratar-se de uma comemoração colectiva pelo mosteiro. De qualquer modo e apesar da inexistência de elementos cronológicos concretos referentes a este religioso nesse obituário, é possível estabelecer uma cronologia relativa, podendo apontar-se a primeira metade do séc.XV, como a data provável da sua passagem pelo mosteiro de Vilela, isto tendo em consideração que o seu registo surge na sequência do de D. Vasco Martins, prior de Santa Cruz, falecido em 1392<sup>4968</sup> e pelo do prior de Vilela, D. Martim Peres, que deverá ter falecido por volta de 1427<sup>4969</sup>.

**Diogo Esteves** – Cónego do mosteiro de Vilela. Um obituário de S. Vicente de Fora permite-nos associá-lo ao mosteiro de Vilela, registado-se aí o óbito de “Didacus Stephani canonicus Vilele” a 11 de Maio, mas sem qualquer alusão ao ano<sup>4970</sup>. A própria data em que se celebra aí o seu aniversário poderá não corresponder ao seu

<sup>4963</sup> Meireles, Frei António da Assunção, *Memórias do mosteiro de Bustelo*, com introdução, fixação do texto e índice por Fr. Geraldo J. A. Coelho Dias, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, 2007, p.95.

<sup>4964</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.45; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.171. Há, inevitavelmente, alguma falha neste registo ou num posterior referente a João Fernandes, uma vez que aparece a receber ordens menores, a 26 de Maio de 1453, em Braga, e trata-se efectivamente do mesmo indivíduo, uma vez que lhe são dados os mesmos progenitores (cf. A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 26, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.207).

<sup>4965</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.91.

<sup>4966</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.90-91.

<sup>4967</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.91.

<sup>4968</sup> Santa Maria, Frei Nicolau de, *Chronica ...*, Segunda Parte, Livro IX, 1668, p.245.

<sup>4969</sup> Sobre este prior veja-se a respectiva entrada que lhe é dedicada na secção dos priores.

<sup>4970</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.91.

falecimento, uma vez que no assento desse dia surgem diversos religiosos de Vilela, mormente os priores Martim Peres e Afonso Esteves e os cónegos Afonso Gonçalves, Diogo Afonso e Diogo Esteves<sup>4971</sup>, pelo que poderá ser interpretado como uma comemoração colectiva pelo mosteiro. Como vimos já em relação aos outros cónegos aqui referenciados, os elementos internos desse registo permitem-nos calcular com algum grau de fiabilidade a presença deste cónego no mosteiro de Vilela na primeira metade do séc. XV.

**Martim -----/Martinho -----** Cónego do mosteiro de Vilela. Um obituário de S. Jorge de Coimbra menciona o falecimento de “Martinus ----- canonicus de Avillela” a 26 de Fevereiro mas sem qualquer referência ao ano do passamento<sup>4972</sup>.

### **2.3.4. - S. Salvador de Grijó (c. Vila Nova de Gaia)**

**Francisco Domingues** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu prior claustral. A 24 de Outubro de 1290 já era “Prior claustrali Domno Francisco Dominico”, surgindo entre as testemunhas de um instrumento de doação feita ao mosteiro pelo clérigo Lourenço Anes de Paramos<sup>4973</sup>. Não sabemos se no início do século XIV ainda permanecia como religioso de Grijó, embora tal possibilidade se afigure pouco provável, isto se considerarmos que em 1301 o prior claustral do mosteiro já é Estêvão Simões<sup>4974</sup>.

**Martim da Costa** – Cónego do mosteiro de Grijó. Surge referenciado como cónego do mosteiro de Grijó a 14 de Janeiro de 1296, dia em que lavrou um instrumento pelo qual o prior do mosteiro de Grijó escambou com a abadessa de Arouca propriedades que detinha no concelho de Arouca por outras que o mosteiro cisterciense tinha no julgado da Feira<sup>4975</sup>. No dia 14 de Março de 1311 Martim da Costa encontrava-se na igreja de S. Salvador de Perosinho onde foi lavrado o instrumento de doação pelo qual Maria Domingues, moradora em Curveiros, doou ao mosteiro de Grijó todos os bens que tinha no couto do mosteiro<sup>4976</sup>. Em instrumento de 4 de Maio de 1312 Martim da Costa é identificado como “preposto do moesteiro de Grijó”<sup>4977</sup>. Em 1317 surge como procurador do mosteiro de Grijó numa composição feita com o prior do Hospital a propósito dos limites e divisões da quintã da Torre, numa altura em que Martim da Costa era também “priol de Pedrozinho e preposto de Igrijoo”<sup>4978</sup>.

**Pedro Peres** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu provável prior mor. Surge referenciado como cónego do mosteiro de Grijó a 12 de Março de 1296, dia em que surge como juiz alvidro na questão que opunha o mosteiro a vários cavaleiros que alegavam deter direitos na igreja de S. Tiago de Lobão, igreja pertencente ao padroado

<sup>4971</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.91.

<sup>4972</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38vº.

<sup>4973</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.43-43vº.

<sup>4974</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.87vº.

<sup>4975</sup> Rêpas, Luís Miguel, *Quando a nobreza traja de branco*, Leiria, Edições Magno, 2003, pp.463-464 (doc.146).

<sup>4976</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 5-5vº.

<sup>4977</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.69.

<sup>4978</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, Nº6, fl.140.

de S. Salvador de Grijó<sup>4979</sup>. Deveremos estar perante o mesmo indivíduo que durante a segunda década do séc. XIV surge à frente dos destinos do mosteiro de Grijó<sup>4980</sup>.

**Estêvão Simões** – Cónego e prior claustral do mosteiro de Grijó. Este cónego já se encontrava entre a comunidade regrante de Grijó a 29 de Outubro de 1293<sup>4981</sup> e aí se mantinha no final da década de noventa, constando o seu nome entre o das testemunhas de um instrumento datado de 14 de Junho de 1299, dia em que acompanhou o prior Domingos Vicente à aldeia de Paços de Brandão, para este aí receber, em seu nome e no do mosteiro de Grijó, a doação feita por Maria Pires, viúva de João Arrizado, referente a todos os herdamentos que esta possuía<sup>4982</sup>. A 25 de Agosto 1301 Estêvão Simões já surge identificado como “priol crasteiro” desta canónica regrante<sup>4983</sup>.

**Estêvão Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó. É identificado como cónego de Grijó em instrumento lavrado pelo tabelião da Feira, João Martins, a 14 de Junho de 1299, surgindo entre as testemunhas que integram o instrumento de doação pelo qual Maria Pires, viúva de João Arrizado, doou ao prior e mosteiro de Grijó todos os bens que possuía em Paços de Brandão<sup>4984</sup>. A 27 de Março de 1311 Estêvão Anes surge identificado como cónego e procurador do mosteiro de Grijó, encontrando-se em Lobão, em representação do mosteiro, onde recebe, em doação, de Paio Martins, escudeiro de Lobão e de sua mulher, Maria Martins, vários bens para o mosteiro emprazando-lhe em troca o casal da barregã enquanto vivos<sup>4985</sup>. É novamente identificado como cónego de Grijó em instrumento respeitante a uma doação ao mosteiro de Grijó, datado de 22 de Junho de 1311<sup>4986</sup>, surgindo também entre as testemunhas de uma composição que o mosteiro fez com Martim Vicente de Negrelos, a 4 de Maio de 1312<sup>4987</sup>. A 8 de Fevereiro de 1314 ainda surge identificado como cónego da instituição, dia em que comparece perante Afonso Martins, tabelião de el rei na Vila da Feira, na qualidade de procurador do mosteiro de Grijó, a solicitar o traslado de uma carta de D. Dinis, datada a 23 de Janeiro de 1314<sup>4988</sup>.

**João Pais** – Cónego e prior claustral do mosteiro de Grijó. Em 1305 é referenciado como prior crasteiro de Grijó e seu procurador<sup>4989</sup>. É possível que seja o mesmo “Joham Paaez” que aparece indicado, em carta régia de 6 de Outubro de 1322, como procurador do mosteiro na contenda que opôs Grijó ao rei D. Dinis por causa de metade de um herdamento na Ínsua, no julgado da Feira<sup>4990</sup>, contudo o facto de neste intermédio temporal surgir a indicação a pelo menos um outro prior claustral leva-nos a considerar que estamos perante dois indivíduos diferentes. E se é certo que o cargo de prior

<sup>4979</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, pp. 303-304, 637.

<sup>4980</sup> Consulte-se a respectiva entrada na secção referente aos priores.

<sup>4981</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.70.

<sup>4982</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, N°6, fls.149v°. Fac-simile deste documento encontra-se reproduzido em Rocha, Padre Joaquim Correia da, *Recordar 900 anos de Paços de Brandão* – I volume, Junta de Freguesia de Paços de Brandão, 1995, pp.292-294.

<sup>4983</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.87v°.

<sup>4984</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, N°6, fls.149v°.

<sup>4985</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.155-156.

<sup>4986</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 5v°-6.

<sup>4987</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

<sup>4988</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 45, fls. 24v°-25v°.

<sup>4989</sup> Franco, Isabel Maria M. Alves Pedrosa, *Antroponímia e sociabilidade através dos “pergaminhos” do Cabido da Sé do Porto (século XIV)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2006, p.598.

<sup>4990</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.16.

claustral não se reveste do mesmo carácter vitalício do priorado-mor também não deixa de ser verdade que essa é, tendencialmente, a situação verificada.

**João Domingues** – Cónego de S. Salvador de Grijó. A 14 de Março de 1311 surge identificado como frade do mosteiro de Grijó, testemunhando, juntamente com o cónego Martim da Costa, a doação que Maria Domingues, moradora em Curveiros, fez ao mosteiro de Grijó de todos os bens que tinha no couto do mosteiro<sup>4991</sup>. No final da década de vinte ainda se mantinha entre a comunidade monástica, uma vez que a 17 de Agosto de 1328 “Joam Domingues coonigo e proffeoço do moesteiro de Igrijoo”, na qualidade de procurador do prior e do convento, surge em Eirol, onde, na presença de Rui Mendes, juiz da Terra de Vouga, e Fernão Pires meirinho nessa mesma circunscrição, solicita a Silvestre Pires, tabelião por el-rei na terra de Vouga e de Figueiredo, o traslado de documentos referentes à questão com o bispo de Coimbra por causa da jurisdição na capela de Eirol, incluindo uma apelação feita para o rei<sup>4992</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Dominici presbiter canonicus Ecclesiole” a 26 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>4993</sup>.

**João Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu prior claustral. A 6 de Setembro de 1310 João Anes é identificado como cónego e procurador do mosteiro, surgindo em Ordonhe, em representação do seu instituto monástico onde recebe de Florença Anes a doação, post-mortem, das searas e casas que esta possuía em Mozelos e que tinham sido de Fernão Raimundo, em reconhecimento do casal pequeno de Ordonhe que trazia emprazado do mosteiro<sup>4994</sup>. João Anes já é referenciado a 27 de Março de 1311 como “priol crasteiro de Eigrijoo”, surgindo entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Lobão, pelo qual o cónego Estêvão Anes, na qualidade de procurador do mosteiro recebe de Paio Martins, escudeiro de Lobão e de sua mulher, Maria Martins, vários bens em doação para o mosteiro emprazando-lhe o casal da barregã enquanto vivos<sup>4995</sup>. A 8 de Junho de 1318 continua a ser identificado como “priol crasteiro” do mosteiro de S. Salvador de Grijó<sup>4996</sup>.

**João da Costa** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu prior claustral. A 22 de Junho de 1311 surge identificado como cónego de Grijó, testemunhando um instrumento de doação feito no mosteiro, pelo tabelião de Gaia, Nicolau Eanes, referente à doação que Adão Lourenço e sua mulher, Joana Domingues, fizeram ao mosteiro de todos os bens que possuíam em Curveiros e no couto de Grijó<sup>4997</sup>. A 4 de Maio de 1312 “Joam da Costa priol crasteiro” surge entre as testemunhas de um instrumento de composição celebrado entre o mosteiro de Grijó e Martim Vicente de Negrelos e alguns dos seus

---

<sup>4991</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 5-5vº.

<sup>4992</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.170-172.

<sup>4993</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.146.

<sup>4994</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 103-103vº.

<sup>4995</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.155-156.

<sup>4996</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, Nº6, fl.142.

<sup>4997</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 5vº-6. A data que consta do traslado do documento é bastante curiosa pela precisão apontada, dizendo que o instrumento foi lavrado uma Quarta-feira, véspera de S. João, nove dias por andar do mês de Junho. Perante estes dados e sem estarmos a confirmar a conjugação de tais elementos, a véspera terá de ser entendida como data aproximativa, até porque se fosse o dia 23 então seriam oito dias por andar, uma vez que a contagem era feita tendo em conta o dia de origem e o de destino (cf. Costa, Avelino Jesus da, *Normas gerais de transcrição...*, 3ª ed., pp.25-26).



familiares a propósito de herdamentos na aldeia de Figueira do Mato, freguesia de S. Mamede de Cerzedo<sup>4998</sup>.

**Martim Anes do Vale** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. A 22 de Junho de 1311 “Martim Annes do Valle Steve Eanes e Joam da Costa coonegos de Egrijoo surgem a testemunhar um instrumento de doação feito no mosteiro, respeitante à doação que Adão Lourenço e sua mulher, Joana Domingues, fizeram a S. Salvador de Grijó de todos os bens que possuíam em Curveiros e no couto do mosteiro de Grijó<sup>4999</sup>. É possível que este Martim Anes do Vale seja apenas um elemento da nobreza local.

**Pedro Domingues** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. A 22 de Junho de 1311 surge identificado como abade de Mozelos, integrando o rol de testemunhas que assistem, no mosteiro de Grijó, à doação feita ao mosteiro, dos bens que Adão Lourenço e sua mulher, Joana Domingues, detinham em Curveiros e no couto de Grijó<sup>5000</sup>. A 8 de Junho de 1318 continua a ser identificado como “abbade de Moozelos” surgindo entre as testemunhas de uma composição celebrada entre D. Estêvão Vasques, prior do Hospital e o prior e mosteiro de S. Salvador de Grijó<sup>5001</sup>. Tendo em consideração que a igreja de Mozelos era da apresentação do mosteiro de Grijó e que entre as testemunhas deste instrumento se encontram diversos religiosos do mosteiro é muito provável que Pedro Domingues também fosse cónego deste mosteiro.

**Francisco Geraldês** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 4 de Maio de 1312 o cónego Francisco Geraldês é um dos religiosos que surge entre as testemunhas de um instrumento de composição celebrado entre o mosteiro de Grijó e Martim Vicente de Negrelos e sua mulher, Gontinha Anes, e seus filhos e respectivos cônjuges, a propósito de herdamentos na aldeia de Figueira do Mato, freguesia de S. Mamede de Cerzedo<sup>5002</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Franciscus Geraldî presbiter canonicus Ecclesiole” a 16 de Outubro mas sem referência ao ano do óbito<sup>5003</sup>. Já num obituário de S. Jorge de Coimbra o falecimento de Francisco Geraldês, cónego de Grijó, aparece entre os assentos registados a 17 de Agosto, sem identificação do ano do óbito<sup>5004</sup>. É provável que exista algum grau de parentesco entre este cónego e João Geraldês.

**Vicente Domingues** – Cónego do mosteiro de Grijó. É identificado como cónego de Grijó em instrumento de 4 de Maio de 1312<sup>5005</sup>.

**João Martins** – Cónego regente do mosteiro de Grijó. João Martins é um dos cónegos de Grijó que a 4 de Maio de 1312 surge arrolado entre as testemunhas de um

---

<sup>4998</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

<sup>4999</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 5vº-6. A data que consta do traslado do documento é bastante curiosa pela precisão apontada, dizendo que o instrumento foi lavrado uma Quarta-feira, véspera de S. João, nove dias por andar do mês de Junho. Perante estes dados e sem estarmos a confirmar a conjugação de tais elementos, a véspera terá de ser entendida como data aproximativa, até porque se fosse o dia 23 então seriam oito dias por andar, uma vez que a contagem era feita tendo em conta o dia de origem e o de destino (cf. Costa, Avelino Jesus da, *Normas gerais de transcrição...*, 3ª ed., pp.25-26).

<sup>5000</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 5vº-6.

<sup>5001</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, Nº6, fl.142.

<sup>5002</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

<sup>5003</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.157.

<sup>5004</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.28vº.

<sup>5005</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

instrumento de composição celebrado entre o mosteiro de Grijó e Martim Vicente de Negrelos e seus familiares, a propósito de herdamentos na aldeia de Figueira do Mato, freguesia de S. Mamede de Cerzedo<sup>5006</sup>. A 14 de Novembro de 1328 “Johanes Martini canonicus monasterii Ecclesiole” surge como representante do mosteiro de Grijó numa contenda com o bispo de Coimbra, D. Raimundo Ebrard (1325-1333) acerca da ermida de Eirol, a qual estava na directa dependência da igreja de S. Miguel de Travassô, e por isso do isento de Grijó, defendendo, por sua vez, o bispo que esta era independente e não sujeita ao mosteiro<sup>5007</sup>.

**Vicente Esteves** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 4 de Maio de 1312 o cónego Vicente Esteves é um dos religiosos que surge entre as testemunhas de um instrumento de composição celebrado entre o mosteiro de Grijó e Martim Vicente de Negrelos e seus familiares, a propósito de herdamentos na aldeia de Figueira do Mato, freguesia de S. Mamede de Cerzedo<sup>5008</sup>.

**João Pascoal** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu futuro prior. A 8 de Junho de 1318 é identificado como cónego do mosteiro de Grijó, surgindo entre as testemunhas de uma composição celebrada entre o prior do Hospital e o mosteiro de Grijó, feita em Paços de Brandão por João Marcos, tabelião da Feira<sup>5009</sup>. A 7 de Abril de 1321 surge novamente referenciado como cónego e procurador de Grijó, sendo parte activa no acordo que é estabelecido entre o prior de Grijó e o Cabido da Sé do Porto respeitante a contendas sobre a divisão de maninhos e termos da igreja de Perosinho<sup>5010</sup>.

**Domingos Bartolomeu** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu futuro prior. A 17 de Agosto de 1328 “Domingos Bertholameu coonigo do moesteiro de Eigrijoo” encontrava-se em Almiara onde protestou contra a intenção de Rodrigo Mendes, juiz de Vouga, fazer inquirição sobre as igrejas de Eirol e Travassô, as quais o cónego defendia serem isentas de toda a jurisdição episcopal<sup>5011</sup>.

**João Pais (II)** – Cónego e prior claustral do mosteiro de Grijó e seu futuro prior mor. “Joham Paez” surge identificado, em instrumento de 6 de Outubro de 1322, como cónego e procurador do mosteiro, intervindo como seu representante na contenda que opôs Grijó ao rei D. Dinis por causa de metade de um herdamento na Ínsua, no julgado da Feira<sup>5012</sup>. Um instrumento datado de 5 de Abril de 1323 já referencia “Joam Pais priol crasteiro do dito mosteiro”<sup>5013</sup>. Como já adiantado anteriormente, há a possibilidade de estarmos na presença do mesmo cónego que em 1305 é referenciado como prior claustral de Grijó e seu procurador<sup>5014</sup>, no entanto o facto de entretanto surgir outro prior claustral na instituição leva-nos a considerar que estamos perante

---

<sup>5006</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

<sup>5007</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.170-172.

<sup>5008</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.68-69.

<sup>5009</sup> IAN/TT- Colecção Costa Basto, N°6, fl.142.

<sup>5010</sup> Franco, Isabel Maria M. Alves Pedrosa, *Antroponímia e sociabilidade através dos “pergaminhos” do Cabido da Sé do Porto (século XIV)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2006, pp.343, 599.

<sup>5011</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.125vº-126.

<sup>5012</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.16.

<sup>5013</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.61vº.

<sup>5014</sup> Franco, Isabel Maria M. Alves Pedrosa, *Antroponímia e sociabilidade através dos “pergaminhos” do Cabido da Sé do Porto (século XIV)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, 2006, p.598.

religiosos diferentes. Além disso a sua presença como prior conventual é inequívoca apenas para a década de trinta, surgindo identificado como “prior crasteyro deste mosteyro” a 14 de Julho de 1337<sup>5015</sup>, tendo sido, segundo Frei Timóteo dos Mártires, eleito prior mor em 1338<sup>5016</sup>. O seu governo à frente da instituição também seria bastante curto uma vez que a 9 de Julho de 1343 já tinha cessado funções, dia em que “Joam Paes seu priol crasteiro e seu procurador” se apresenta em Vila Nova de Gaia onde Afonso Anes, corregedor do Meirinhado da Beira dá sentença à contenda que opunha o mosteiro ao cavaleiro Gonçalo Anes de Guim e sua mulher, Maria Fernandes, por estes cobrarem os serviços e geiras de um casal e meio que tinham escambado com Grijó<sup>5017</sup>. Naturalmente que aqui se levanta a dúvida se de facto estamos perante o mesmo indivíduo, que terá resignado ao priorado, ou se este João Pais que surge entre a comunidade de Grijó na década de quarenta é um outro religioso homónimo do identificado no início do século e daquele que foi prior mor, e que, coincidentemente, também ocupou o cargo de prior claustral. Ainda não temos dados que o possam confirmar mas parece-nos mais crível estarmos perante o mesmo religioso que ocupou a cadeira prioral. Ainda enquadrável no campo das hipóteses, embora revestindo-se de um elevado grau de plausibilidade, até porque o enquadramento cronológico assim o indicia, este João Pais deverá ser o mesmo indivíduo que surge identificado como “Joham Peres priol crasteiro” em instrumento de 17 de Janeiro de 1330<sup>5018</sup>.

**Domingos Pires/Domingos Peres** – Cónego de S. Salvador de Grijó. A 17 de Agosto de 1328 “Domingos Pires coonigo do dito mosteiro de Igrijoo” encontrava-se no Barreiro de Eirol, surgindo entre as testemunhas de um instrumento aí lavrado, tendo, certamente, acompanhado nessa deslocação o cónego João Domingues que, na qualidade de procurador do mosteiro, aparece a tratar de assuntos respeitantes à instituição<sup>5019</sup>. Entre os cónegos de Grijó detectamos um Domingos Pires referenciado em instrumento de 29 de Outubro de 1293<sup>5020</sup> mas face à distância temporal entre os dois registos e à ausência de referenciais intermédios, dificilmente se tratará do mesmo religioso. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Dominicus Petri presbiter canonicus Ecclesiole” a 26 de Setembro mas sem referência ao ano do óbito<sup>5021</sup>.

**Francisco Martins** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 17 de Janeiro de 1330 é identificado como frade de Grijó, testemunhando um instrumento lavrado em Cerzedo, granja do mosteiro de Grijó<sup>5022</sup>.

**Frei João Anes / João Anes (II)** – Cónego do mosteiro de Grijó e futuro prior. Em instrumento de 17 de Janeiro de 1330 “Johani Annes”, já aparece identificado como frade de Grijó<sup>5023</sup>. É certamente o mesmo “Johannes Johannis canonicus monasterii de Egrijoo Portugalensis diocesis” que se encontra entre as testemunhas de um instrumento da Colegiada de S. Tiago de Coimbra, lavrado nessa cidade a 18 de Julho de 1322<sup>5024</sup>.

---

<sup>5015</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.211.

<sup>5016</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.150.

<sup>5017</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.61vº-62vº.

<sup>5018</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.51-52.

<sup>5019</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.170-172.

<sup>5020</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.70.

<sup>5021</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.146.

<sup>5022</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.51-52.

<sup>5023</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.51-52.

<sup>5024</sup> Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.264vº

Tal situação, a confirmar-se, permite-nos, naturalmente, recuar a presença deste religioso no mosteiro pelo menos para o início da década de vinte do século XIV. A dúvida na sua identificação prende-se com a existência de um homónimo que surge referenciado como prior claustral na segunda década da centúria, e que ainda ocupava o cargo em 1318. É admissível até que se trate do mesmo indivíduo embora tal situação nos pareça pouco provável, sobretudo porque na documentação posterior aparece apenas referenciado por cónego, o que por si só reforça a possibilidade de estarmos perante um outro João Anes, de resto esta foi a hipótese de trabalho que seguimos por considerarmos mais viável. De qualquer modo, e tratando-se de religiosos diferentes há grandes possibilidades de ainda terem coabitado na instituição. A 31 de Janeiro de 1333 “Johane Annes coonigo do mosteiro de Eigrijoo e reytor da Egreja de Pedrozinho e procurador do Relligiosso varam Dom Joam Paschoal priol e convento do dito Moesteiro” surge, na vila da Feira, devidamente mandatado por procuração feita no mosteiro de Grijó a 29 de Janeiro desse ano, onde efectua um emprazamento ao cavaleiro Pedro Esteves do Soveral, à sua mulher Guiomar Anes e a um filho destes, respeitante ao casal que o mosteiro tinha em Vila Chã, freguesia de S. Martinho de Argoncilhe<sup>5025</sup>. Nessa mesma altura recebeu também deste cavaleiro e da sua mulher, para remissão das suas almas, toda a herdade e maninhos que eles possuíam nas aldeias de Argoncilhe e Serzedelo, excepto o monte de Pinhão<sup>5026</sup>. Esteve em posse da igreja de S. Salvador de Perosinho da qual resignou de forma a poder trocá-la pelo priorado do mosteiro de Grijó, como indica a súplica de 2 de Março de 1344<sup>5027</sup>.

**Lourenço Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Surge como testemunha de um documento lavrado na Ínsua, no julgado da Feira, a 18 de Abril de 1335 e pelo qual Martim Quaresma em nome do rei e do almoxarife do Porto foi empossado em metade do lugar da Ínsua, onde se provara que o rei detinha metade da localidade e por isso o respectivo direito a metade de todos os rendimentos dos casais e herdades desse lugar<sup>5028</sup>.

A 9 de Julho de 1351 “Lourence Annes frade de Igrijoo” surge novamente em local afastado do mosteiro, encontrando-se na quinta de Ordonhe, onde, na presença de Francisco Anes, tabelião régio na vila da Feira e Cabanões, foi feita uma composição entre o escudeiro Lourenço Anes de Pinho e vários lavradores e moradores de Aldris, Ermilhe e Prime, por causa dos danos causados por eles e pelos seus gados na quintã de Ordonhe, surgindo o cónego arrolado entre as testemunhas desse instrumento<sup>5029</sup>. A 11 de Setembro de 1352 este cónego encontrava-se em Perosinho, surgindo o seu nome entre o das testemunhas de um instrumento aí lavrado<sup>5030</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Laurencius Johannis presbiter canonicus Ecclesiole” a 28 de Outubro mas sem a respectiva indicação do ano do óbito<sup>5031</sup>.

**Pedro de Sousa** – Cónego do mosteiro de Grijó. “Pero de Sousa coonigo de Igrijoo” surge, a 1 de Abril de 1332, juntamente com Gonçalo Martins, como procuradores do mosteiro numa demanda com o cavaleiro Gonçalo Anes de Guim por causa de abusos em várias localidades do mosteiro no julgado da Feira e que levou D. Afonso IV a

---

<sup>5025</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.53-55.

<sup>5026</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.53-55.

<sup>5027</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.31.

<sup>5028</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.15vº-16vº.

<sup>5029</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.71-73.

<sup>5030</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.100-101.

<sup>5031</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.162.

ordenar que se procedesse a vistoria e inquirições<sup>5032</sup>. Ainda no seguimento destas desavenças Pedro de Sousa vai acompanhar o prior do mosteiro a Vila Chã a 26 de Maio de 1332, onde é feita uma composição através do escambo de propriedades com o cavaleiro Gonçalo Anes de Guim e sua mulher, Maria Fernandes, pondo-se assim fim à contenda<sup>5033</sup>. Foi o procurador do mosteiro em 1339, durante o processo geral de averiguação de jurisdições levado a cabo por D. Afonso IVE que culminou com o reconhecimento do monarca, por carta de 3 de Junho de 1339, dos direitos e jurisdições do mosteiro sobre os seus coutos<sup>5034</sup>.

**Martim Vicente/Martinho Vicente** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 27 de Março de 1329 é identificado como cónego do mosteiro de Grijó<sup>5035</sup>. Este religioso deverá ter falecido em Março de 1350, uma vez que no dia 13 desse mês o cónego Afonso Esteves é apresentado para reitor da igreja de S. Salvador de Perosinho, entretanto vaga, devido ao falecimento de Martinho Vicente, seu último titular<sup>5036</sup>.

**Gonçalo Martins** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. Em instrumento de 17 de Janeiro de 1330 Gonçalo Martins, juntamente com João Peres, prior claustral de Grijó, surge como procurador do prior D. João Pascoal e do convento do mosteiro numa contenda com Martim Vicente, almoxarife da rainha, por causa de uma herdade<sup>5037</sup>.

A 1 de Abril de 1332 aparece novamente identificado como procurador do mosteiro, desta feita, juntamente com Pedro de Sousa, cónego de Grijó, representando a instituição numa demanda com o cavaleiro Gonçalo Anes de Guim<sup>5038</sup>. Um obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de Gonçalo Martins, cónego de Grijó, ocorrido a 6 de Setembro mas sem mencionar o ano do falecimento<sup>5039</sup>.

**Francisco Anes** – Cónego e prior claustral do mosteiro de Grijó. A 9 de Julho de 1351 “Francisque Annes frade de Igrijoo” surge, juntamente com diversos religiosos do mosteiro de Grijó, entre as testemunhas de um instrumento lavrado na quinta de Ordonhe referente a uma composição entre o escudeiro Lourenço Anes de Pinho e vários lavradores e moradores de Aldris, Ermilhe e Prime, por causa dos danos causados por eles e pelos seus gados na quintã de Ordonhe<sup>5040</sup>. A 2 de Fevereiro de 1366 Francisco Anes já era prior crasteiro do mosteiro<sup>5041</sup>.

**Afonso Esteves** – Cónego do mosteiro de Grijó e futuro prior. A 13 de Março de 1350 Afonso Esteves, cónego professo de Grijó, é apresentado para reitor da igreja de S.

---

<sup>5032</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.55vº-59.

<sup>5033</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.59-61vº.

<sup>5034</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.1vº, 5; *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV, Vol. II (1336-1340)*, 1992, pp.266-269 (Doc.166); *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, pp.26-28 (Doc. 62). Este documento encontra-se também referenciado e sumariado nos *Índices e sumários...do Arquivo Municipal do Porto*, 1916, p.115.

<sup>5035</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fl.119.

<sup>5036</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.3vº-4vº.

<sup>5037</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.51-52.

<sup>5038</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.55vº-59.

<sup>5039</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.31.

<sup>5040</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.71-73.

<sup>5041</sup> *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV) – Mosteiro de São Salvador de Grijó*, leitura e transcrição paleográfica de Jorge de Alarcão, revisão do texto, índices e notas de Luís Carlos Amaral, Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, Câmara de Vila Nova de Gaia, 1986, p.14; Amaral, Luís Carlos, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV*, Lisboa, Edição Cosmos, 1994, p.162 (nota 9).

Salvador de Perosinho que vagara por morte de Martinho Vicente, também cónego de Grijó e seu último titular<sup>5042</sup>. A 31 de Julho de 1351 *Alfonso Stephani* era confirmado no priorado da igreja de S. Salvador de Perosinho, em virtude desta se encontrar vaga devido ao falecimento do seu último titular<sup>5043</sup>. Este cónego vai conservar o priorado desta igreja até ao início de 1363, altura em que assume o priorado-mor do mosteiro de Grijó<sup>5044</sup>. Aparece novamente referenciado como cónego de Grijó entre as testemunhas de um instrumento lavrado em Perosinho, a 11 de Setembro de 1352<sup>5045</sup>. “Affonse Esteves coonigo e procurador do moesteiro d’Igrijoo” compareceu perante D. Afonso IV, que se encontrava na cidade do Porto, a 9 de Agosto de 1356, mostrando e solicitando o traslado de uma carta de D. Dinis, datada de 12 de Janeiro de 1318, que defendia o mosteiro dos abusos cometidos por fidalgos e poderosos contra os bens do mosteiro, ordenando-se aí, inclusivamente, às justiças régias que agissem, uma vez que eram acusadas de passividade<sup>5046</sup>.

**Domingos Martins** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. Trata-se do abade da igreja de S. Martinho de Mozelos, já identificado como seu titular a 7 de Julho de 1338<sup>5047</sup>. A 9 de Julho de 1351 Domingos Martins aparece referenciado como abade de Mozelos, surgindo entre as testemunhas de uma composição celebrada entre o escudeiro Lourenço Anes de Pinho e vários lavradores e moradores de Aldris, Ermilhe e Prime, por causa dos danos causados por eles e pelos seus gados na quintã de Ordonhe<sup>5048</sup>. Tendo em consideração que a igreja de Mozelos era da apresentação do mosteiro de Grijó é admissível que estejamos perante um religioso da comunidade regrante de Grijó<sup>5049</sup>.

**Gonçalo Pires/Gonçalo Ferreira/Gonçalo Pires Ferreira** – Cónego do mosteiro de Grijó e futuro prior mor. Filho de religioso e mulher solteira<sup>5050</sup>. A sua presença entre a comunidade de Grijó encontra-se documentada, com segurança, a partir da década de cinquenta, sendo identificado como cónego de Grijó em instrumentos de 15 de Fevereiro de 1356<sup>5051</sup> e 7 de Junho de 1356<sup>5052</sup>. É, muito provavelmente, o mesmo indivíduo que surge indicado como vestiário do mosteiro em Dezembro de 1354<sup>5053</sup>. Em 1357 Gonçalo Pires surge como procurador do mosteiro de Grijó, curiosamente em dois processos que envolvem a jurisdição cível do mosteiro. O primeiro é suscitado pelos

<sup>5042</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.3vº-4vº.

<sup>5043</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.232. Esta confirmação é reafirmada a 23 de Novembro de 1351 (cf. *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.238).

<sup>5044</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.429.

<sup>5045</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.100-101.

<sup>5046</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls. 55vº-56vº.

<sup>5047</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.104vº-105vº.

<sup>5048</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.71-73.

<sup>5049</sup> Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Dominicus Martini quondam prior claustralis Ecclesiole” a 15 de Agosto mas sem a respectiva indicação do ano do óbito (cf. Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.122), no entanto este cónego e prior claustral parece-nos, face à posição em que se encontra lançado no registo, que deverá ser anterior ao século XIV, situação que a confirmar-se, exclui qualquer possibilidade de estarmos perante o mesmo indivíduo.

<sup>5050</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.429.

<sup>5051</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.1, Doc.12; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>5052</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.1, Doc.13; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>5053</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “A vila de Ovar – Subsídios para a sua história até o século XVI” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.III, Nº10, 1937, p.128.

juizes de Gaia que acusam o prior e o convento de colocarem, indevidamente, almotacés e jurados no seu couto<sup>5054</sup>. O segundo envolve novamente a justiça régia, em que são contestados e, por sentença de 4 de Novembro de 1357, retirados os direitos jurisdicionais que o mosteiro detinha no couto da Abrunheira e Verride, termo de Montemor-o-Velho<sup>5055</sup>. Naturalmente que o facto de surgir aqui como procurador do mosteiro, mais a mais numa questão tão melindrosa, faz-nos supor que já deveria ter alguma experiência no cargo, o que implicaria uma idade condizente, e por isso expectável entre os 20 e os 30 anos<sup>5056</sup>. A 10 de Março de 1359 é novamente constituído procurador do mosteiro juntamente com o cónego Domingos Gonçalves e ainda três homens do mosteiro, a saber, Vasco Anes, João Anes e Vasco Vicente<sup>5057</sup>. Este cónego surge entre as testemunhas do testamento de D. Guiomar Eanes, moradora em Vila Chã e viúva de Martim de Soveral, feito a 29 de Maio de 1361<sup>5058</sup> sendo que nessa altura Gonçalo Ferreira já era “priol da sobredita igreja de Sam Martinho de Dargoncilhe” solicitando, a 30 de Maio de 1361, dois instrumentos ao tabelião de Gaia relacionados com uma doação que foi feita a essa igreja. Partindo do princípio que estamos perante o mesmo religioso que aparece como prior do mosteiro de Grijó em 1373<sup>5059</sup> e que ainda vive em 1412<sup>5060</sup> trata-se de um caso de grande longevidade. E se adoptámos esta possibilidade como hipótese de trabalho não podemos, obviamente, desconsiderar a possibilidade de estarmos perante duas pessoas diferentes. De qualquer modo e assumindo que se trata do mesmo indivíduo importa ainda dizer que “Gunsalvo Petri” foi reitor da igreja de S. Miguel de Argoncilhe, da qual resignou em 1363 para assumir o priorado da igreja de S. Salvador de Perosinho, entretanto vago pelo facto de o seu titular, o cónego Afonso Esteves, ter sido eleito para prior de Grijó, abdicando de Perosinho<sup>5061</sup>. E se este cónego foi o sucessor de Afonso Esteves nesta paróquia, essa linha sucessória também se repercutiria no mosteiro de Grijó, assumindo o seu priorado em 1367<sup>5062</sup>.

**Lourenço Martins** – Cónego do mosteiro de Grijó A 23 de Dezembro de 1357 Lourenço Martins, cónego do mosteiro de Grijó, foi confirmado pelo bispo do Porto como reitor da igreja de S. Martinho de Mozelos, após apresentação do prior e convento de Grijó<sup>5063</sup>. É muito provavelmente o mesmo “Laurentius Martini presbiter canonicus

---

<sup>5054</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.4vº; *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, pp. 25-28 (Doc. 62).

<sup>5055</sup> *Chancelarias Portuguesas – Chancelaria de D. Pedro I (1357-1367)*, 1984, pp. 67-69 (Doc. 177).

<sup>5056</sup> A idade mínima legal para poder ser constituído procurador era a de catorze anos (cf. *Livro das Leis e Posturas*, Prefácio de Nuno Espinosa Gomes da Silva, leitura paleográfica e transcrição de Maria Teresa Campos Rodrigues, Lisboa, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1971, p.217; *Ordenações Del-Rei Dom Duarte*, Edição preparada por Martim de Albuquerque e Eduardo Borges Nunes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, p.147; *Ordenações Afonsinas, Livro I*, 2ª ed. (Edição “fac-simile” da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra no ano de 1792), nota de apresentação de Mário Júlio Almeida Costa e nota textológica de Eduardo Borges Nunes, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998, p.90).

<sup>5057</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 6vº-7vº.

<sup>5058</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.74-75.

<sup>5059</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.1, Doc.19; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>5060</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.9; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>5061</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, p.429. Frei Timóteo dos Mártires também regista a passagem deste cónego pelo priorado da igreja de S. Salvador de Perosinho (cf. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Coimbra, Tomo II, Edição da Biblioteca Municipal, 1958, p.151).

<sup>5062</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>5063</sup> Silva, Maria João Oliveira e, *A Escrita na Catedral...*, 2010, p.361.

Ecclesiolo” que é lembrado num obituário de S. Jorge de Coimbra, celebrando-se aí o seu aniversário a 22 de Janeiro, não se registando aí qualquer indicação ao ano do seu falecimento<sup>5064</sup>.

**Lourenço de Loureiro** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. “Lourenço de Loureiro frade confesso” surge assim identificado entre as testemunhas de um instrumento respeitante a uma sentença favorável ao mosteiro de Grijó, dada a 1 de Setembro de 1360<sup>5065</sup>.

**Vasco Peres** – Cónego de Grijó. A 4 de Novembro de 1363 “Vaasco Peres coonego do dicto moesteiro”, na qualidade de representante do convento, encontrava-se na igreja de S. Martinho de Argoncilhe, na companhia do prior de Grijó, onde foi estabelecida uma composição amigável entre o mosteiro e o escudeiro Lourenço Martins do Avelal a propósito da forma como deveriam ser repartidas umas águas<sup>5066</sup>.

Curiosamente, a 5 de Abril de 1364 foi-lhe dado o priorado da igreja de S. Martinho de Argoncilhe, vago desde que Gonçalo Pires o deixou para assumir o priorado da igreja de S. Salvador de Perosinho em 1363<sup>5067</sup>.

**Domingos Gonçalves** - Cónego do mosteiro de Grijó. “Domingos Gonsalvis coonigo proffeço do moesteiro de Eigrijoo” protestou contra Pedro Esteves, clérigo do rei e prior de Almoester e João Pires, tabelião de Abiul, que se diziam inquiridores do rei e pretendiam efectuar inquirição nas terras que o mosteiro tinha no julgado do Vouga, protesto esse registado a 14 de Março de 1331<sup>5068</sup>. A 28 de Maio de 1358 Domingos Gonçalves é identificado como “vestiario” e procurador do mosteiro de Grijó, surgindo perante os juízes da vila da Feira em representação do mosteiro<sup>5069</sup>. A 10 de Março de 1359 é constituído procurador do mosteiro juntamente com o cónego Gonçalo Ferreira e Vasco Anes, João Anes e Vasco Vicente, todos homens do mosteiro<sup>5070</sup>, surgindo, a 1 de Setembro de 1360, na qualidade de procurador da instituição e no uso dos poderes concedidos por essa procuração, perante Francisco Martins, juiz do couto de Grijó, em representação do mosteiro numa demanda com Martim de Curveiros que acusava o prior, D. Domingos Bartolomeu, de lhe ter tirado gado por conta da renda de um casal que ele trazia em Curveiros, acabando o juiz por dar razão ao mosteiro, com o foreiro a ver o contrato cessar e a ser despejado do casal<sup>5071</sup>.

Em 1365 ainda era “coonigo do dicto moesteiro”<sup>5072</sup>. É provável que seja o Domingos Gonçalves identificado como prior da igreja de Argoncilhe, em 1364<sup>5073</sup>.

---

<sup>5064</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34vº.

<sup>5065</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.8.

<sup>5066</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.48-48vº.

<sup>5067</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. I, 1968, p.475.

<sup>5068</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls. 27-28.

<sup>5069</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.67vº-68.

<sup>5070</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 6vº-7vº.

<sup>5071</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 6-8.

<sup>5072</sup> *Livro das Campainhas (códice da segunda metade do século XIV) – Mosteiro de São Salvador de Grijó*, leitura e transcrição paleográfica de Jorge de Alarcão, revisão do texto, índices e notas de Luís Carlos Amaral, Gabinete de História e Arqueologia de V. N. de Gaia, Câmara de Vila Nova de Gaia, 1986, p.14; Amaral, Luís Carlos, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV*, Lisboa, Edição Cosmos, 1994, pp. 152-153.

<sup>5073</sup> Amaral, Luís Carlos, *São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994, p.54 (nota c).



**Lourenço Domingues** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu prior claustral. Em Março de 1350 “Laurentio Dominici prior claustrali” surge, juntamente com o prior mor, D. Domingos Bartolomeu, a apresentar o cónego Afonso Esteves para prior da igreja de S. Salvador de Perosinho<sup>5074</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Laurencius Dominyci canonicus Ecclesiole” a 28 de Maio mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5075</sup>.

**Gonçalo Domingues Sobrinho** – Frade converso do mosteiro de Grijó e provável cónego. A 13 de Março de 1350 “Gonsalvo Dominici dicto Soverinho fratre converso dicti monasterii” testemunhou a tomada de posse da igreja de S. Salvador de Perosinho por parte do cónego Afonso Esteves<sup>5076</sup>. Não sabemos se terá professado ou se apenas se manteve como converso.

**Gonçalo Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o “obiit domnus Gonsalvus Gonsalvi canonicus Ecclesiole” a 19 de Março mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5077</sup>. É provável que se trate do Gonçalo Gonçalves que em 1376 foi destituído pelo bispo do Porto da paróquia de Santa Marinha de Cortegaça e substituído por Vasco Gonçalves<sup>5078</sup>, mas não temos documento que confirme a ligação inequívoca deste abade ao mosteiro de Grijó.

**Vasco Anes/Vasco Anes do Loureiro** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 18 de Março de 1364 “Vaasqu’Eannes do Loureiro procurador do priol e convento do moesteiro d’Igrijoo” compareceu na casa do concelho de Gaia, e perante Pedro Anes, juiz dessa vila, mostrou uma carta de D. Pedro, datada de 15 de Julho de 1357, segundo a qual o rei ordenava às suas justiças que protegessem os interesses do mosteiro, incluindo duas azémolas que faziam o carroto de bens provenientes das terras longínquas de Além Douro e de Riba Vouga, animais que já alguns poderosos tinham desviado para transportar as suas cargas, solicitando aí o cónego o traslado desse instrumento<sup>5079</sup>. A 5 de Junho de 1364 deslocou-se à Lavandeira, onde, na qualidade de procurador do mosteiro, foi empossado numa vinha do mosteiro que Gonçalo Esteves trazia sonogada<sup>5080</sup>.

Em 26 de Maio de 1388 Vasco Anes “conego de Igregoo” encontrava-se em Lisboa, aparecendo como testemunha numa composição feita entre os mais altos representantes do Estudo Geral e Gil Esteves, prior da igreja de Sacavém, cujas rendas revertiam para a Universidade<sup>5081</sup>.

**Fernão Gonçalves/Fernando Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 27 de Junho de 1369 já aparece identificado como cónego e procurador do mosteiro<sup>5082</sup>. A 24 de Março de 1370 Fernão Gonçalves, na qualidade de cónego e procurador do mosteiro recebe de Clara Anes a renúncia à ração que ela tinha no mosteiro bem como aos

---

<sup>5074</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.3vº-4vº.

<sup>5075</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.97.

<sup>5076</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.3vº-4vº.

<sup>5077</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.65.

<sup>5078</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “Cortegaça e a “Ribeirinha” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.IX, Nº36, 1943, p.270.

<sup>5079</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls. 10-11.

<sup>5080</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 15-15vº.

<sup>5081</sup> *Livro Verde da Universidade de Coimbra*, apresentação de Manuel Augusto Rodrigues e transcrição de Maria Teresa Nobre Veloso, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1992, p.128 (doc.24).

<sup>5082</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 45, fls.115vº-116.

emprazamentos que trazia de S. Salvador de Grijó, tendo recebido de indemnização oitenta libras<sup>5083</sup>. Novas indicações a “Fernam Gonsalves coonigo d’Igrijo” datam de 15 de Maio de 1383<sup>5084</sup> e 10 de Dezembro de 1395, surgindo, neste último caso, novamente referenciado como cónego de Grijó e procurador do mosteiro, dia em que Vasco Martins, ouvidor do bispo do Porto dá sentença favorável ao mosteiro de Grijó e ao seu prior, D. Gonçalo, numa contenda com um carnicheiro de Matosinhos que ficara com um penhor do mosteiro alegando que Grijó tinha de pagar portagem do pescado que nesse mesmo mês de Dezembro tinha comprado em Matosinhos<sup>5085</sup>.

A 21 de Dezembro de 1400 é identificado como cónego, vestiário e procurador do mosteiro, empossando na igreja de S. Martinho de Travanca, o clérigo João Nicolas aí apresentado e confirmado pelo prior D. Gonçalo e pelo mosteiro, em virtude do falecimento de João Domingues, seu último reitor<sup>5086</sup>. A 4 de Setembro de 1403 ainda se mantinha entre a comunidade monástica de Grijó, encontrando-se nesse dia em Vila Chã, freguesia de S. Martinho de Argoncilhe, onde testemunhou o testamento do escudeiro Lourenço Martins do Avelal, aí residente, e pelo qual o mosteiro de Grijó foi beneficiado com a doação da quintã de Pousadela<sup>5087</sup>.

**Rui Gonçalves** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 12 de Novembro 1370 “Roy Gonçalves coonigo do moesteiro de Igrijoo” surge como procurador de Afonso Anes de Freitas a empossar o prior de Grijó, D. Gonçalo, na quinta de Silgueiros, sita na freguesia de Perosinho, no seguimento de um escambo efectuado entre Afonso Anes e o mosteiro de Grijó<sup>5088</sup>. No dia 30 de Maio de 1376 encontrava-se em Vila Nova de Gaia, juntamente com o cónego Gonçalo Esteves, testemunhado ambos a doação que Gil Esteves de Outiz fez ao mosteiro de Grijó de bens que tinha em Mozelos<sup>5089</sup>.

**Gonçalo Esteves** – Cónego do mosteiro de Grijó. “Gonçallo Steves” e Rui Gonçalves, cónegos de Grijó surgem, a 30 de Maio de 1376, em Vila Nova de Gaia, onde testemunham a doação que Gil Esteves de Outiz fez ao mosteiro de Grijó de bens que possuía em Mozelos<sup>5090</sup>. Gonçalo Esteves, prior de Figueiró e cónego do mosteiro de Grijó representou o mosteiro perante o bispo de Coimbra, queixando-se do grande mal que advinha aos privilégios do mosteiro a citação que o arcepreste do Vouga fizera a dois moradores da freguesia de S. Miguel de Travassô, reconhecendo o bispo, D. João Cabeça de Vaca (1378-1384), a 24 de Novembro de 1378, que assistia toda a razão ao mosteiro de Grijó em virtude dessa igreja ser da jurisdição e isento de Grijó<sup>5091</sup>.

**D. Martinho** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. Segundo Frei Timóteo dos Mártires este cónego dirigiu-se a Roma para tratar de negócios da Ordem e acabou por acompanhar o “anti-papa” Clemente VII para Avinhão, sendo nomeado para bispo de Lisboa em 1384, sendo-lhe dado assento cardinalício em 1389<sup>5092</sup>. Acabou por falecer em Avinhão a 9 de Setembro<sup>5093</sup>.

---

<sup>5083</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 9vº-11.

<sup>5084</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls. 16vº-19.

<sup>5085</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 46, fls. 43-44.

<sup>5086</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls. 67vº-68.

<sup>5087</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 43-44vº.

<sup>5088</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl. 92vº-93.

<sup>5089</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl. 104.

<sup>5090</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl. 104.

<sup>5091</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls. 124vº-125.

<sup>5092</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.147.

<sup>5093</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.147.

**Vasco Martins** – Cónego regrente do mosteiro de Grijó e seu prior claustral. Vasco Martins, prior claustral de Grijó, testemunha um instrumento feito em S. Jorge, julgado e termo da Feira, feito a 21 de Abril de 1390<sup>5094</sup>. A 9 de Janeiro de 1399 “Vasco Martins coonigo do dicto nosso moesteiro e comendador da nossa ermida de Santa Maria de Vaagos” empossou, em nome do prior e do mosteiro de Grijó, o cónego Gil Afonso como reitor da igreja de S. Miguel de Travassô<sup>5095</sup>. Curiosamente Vasco Martins deveria ser o anterior responsável por essa mesma igreja de Travassô, sendo identificado como seu prior a 2 de Março de 1394<sup>5096</sup>.

A 26 de Abril de 1400 Vasco Martins “prior clausteiro e coonigo do dito nosso moesteiro” foi encarregue de empossar o cónego João Rodrigues na igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>5097</sup>.

**Luís Esteves** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 22 de Junho de 1394 foi lavrado um instrumento na igreja de S. Jorge, terra de Santa Maria, por Gonçalo Anes, tabelião del rei na vila da Feira, pelo qual D. Gonçalo Ferreira, prior de Grijó, e Luís Esteves, cónego e procurador desse mesmo mosteiro, receberam de Domingas Afonso, em doação, meio casal em Bertal, freguesia de Lobão, com a condição de dizerem no mosteiro duas missas de aniversário pela sua alma<sup>5098</sup>.

**Gil Afonso** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 9 de Janeiro de 1399 o prior D. Gonçalo Ferreira instituiu como capelão, reitor, regedor e administrador da igreja de S. Miguel de Travassô o “honesto religioso Gil Affonço coonigo regrente e expressamente professo do dicto nosso moesteiro de Sam Salvador de Eigrejoo”<sup>5099</sup>.

**João Rodrigues** – Cónego regrente do mosteiro de Grijó. A 26 de Abril de 1400 “Joam Rodrigues coonigo regrente e expreçamente professo do dito nosso moesteiro” foi indicado e confirmado pelo prior de Grijó para capelão, reitor e administrador da igreja de S. Martinho de Argoncilhe<sup>5100</sup>.

**João Domingues** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. Apenas sabemos que foi abade da igreja de S. Martinho de Travanca, tendo já falecido a 21 de Dezembro de 1400, dia em que aí foi apresentado o novo titular<sup>5101</sup>. A eventual ligação ao mosteiro de Grijó advém, justamente, do facto de esta igreja ser da apresentação de Grijó.

**João Nicolas** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 21 de Dezembro de 1400 foi investido como abade da igreja de S. Martinho de Travanca<sup>5102</sup>. “Joam Niculas coonigo que foi do dicto mosteiro posuhio a dita igreja de Travanca como prior confirmado em ella per o modo sobredito por spaço de trinta annos”<sup>5103</sup>.

---

<sup>5094</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.165vº.

<sup>5095</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.127vº-128.

<sup>5096</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 45, fls.112vº-113vº.

<sup>5097</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.1vº.

<sup>5098</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.156-157vº.

<sup>5099</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.127vº-128.

<sup>5100</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.1vº.

<sup>5101</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.67vº-68.

<sup>5102</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.67vº-68.

<sup>5103</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.76-76vº.

**João Anes (III)** – Cónego regrante do mosteiro de Grijó. Foi prior claustral da comunidade de S. Salvador de Grijó tendo sido eleito prior mor após o falecimento de Gonçalo Peres Ferreira<sup>5104</sup>. De resto a legitimidade de tal eleição levantou-lhe algumas duvidas pelo que solicitou ao papa a confirmação dessa eleição, por petição de 14 de Junho de 1418<sup>5105</sup>.

**João Gomes** – Cónego do mosteiro de Grijó. A 4 de Setembro de 1403 encontrava-se, juntamente com o cónego Fernão Gonçalves, em Vila Chã, freguesia de S. Martinho de Argoncilhe, onde testemunhou o testamento do escudeiro Lourenço Martins do Avelal, e pelo qual o mosteiro de Grijó foi contemplado com a quintã de Pousadela, que tinha sido de Inês Afonso, mulher do testador<sup>5106</sup>.

**Vasco Peres** – Cónego regrante do mosteiro de Grijó. Em súplicas datadas de 4 e 7 de Abril de 1418 Vasco Peres, presbítero e cónego regular de Grijó, solicita ao papa, Martinho V, o priorado do mosteiro de Santa Maria de Baltar que se encontrava vago por morte de Rodrigues Álvares, seu último prior, e que entretanto tinha sido ocupado por João Rodrigues<sup>5107</sup>. Por súplica de 29 de Outubro de 1421, ficamos a saber que Vasco Peres já estava à frente do priorado de Baltar, sendo acusado pelo prior de Grijó, João Anes, de ter levantado dúvidas relacionadas com a sua eleição para o priorado de S. Salvador de Grijó, solicitando por isso uma provisão ao papa a confirmar-lhe a legitimidade do cargo<sup>5108</sup>.

**Gonçalo Martins (II)** – Cónego regrante do mosteiro de Grijó. Em Maio de 1405 já integrava a comunidade monástica de Grijó, uma vez que a carta de doação que o prior de Grijó, D. Gonçalo Ferreira, fez ao mosteiro nessa altura foi “scrita por maam de Gonçallo Martins coonego do dito moesteiro”<sup>5109</sup>. Surge, em 1425, em representação do prior e do convento do mosteiro de Grijó na contenda que os opunha a Gonçalo Rodrigues por causa de rendas<sup>5110</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Gonçalvus Martini presbiter canonicus Ecclesiole” a 12 de Outubro mas sem qualquer referência ao ano do óbito<sup>5111</sup>. Será este assento correspondente ao religioso em questão?

**Gonçalo Picão** – Cónego regrante de S. Salvador de Grijó. Assumiu as funções de prior claustral por volta de 1421, lugar anteriormente ocupado por João Anes, antes de ser eleito prior-mor<sup>5112</sup>. A 12 de Outubro de 1429 solicita ao papa a sua recondução no cargo de prior claustral<sup>5113</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o “obiit Gonçalvus Picam canonicus Ecclesiole” a 9 de Março mas sem qualquer menção ao ano em que ocorreu o falecimento<sup>5114</sup>.

<sup>5104</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.85; *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. III (1409-1430), Documentos coligidos e publicados por A. Moreira de Sá, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1969, p.148 (doc.708); Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.151.

<sup>5105</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2 1982, pp. 85-86.

<sup>5106</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 43-44vº.

<sup>5107</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp.64, 66-67.

<sup>5108</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 404-405.

<sup>5109</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.159vº-160.

<sup>5110</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.6, Doc.11; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.69.

<sup>5111</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.170.

<sup>5112</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.462.

<sup>5113</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, p.462.

<sup>5114</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.60.

**João Gonçalves** – Cónego regrante de Grijó. A 5 de Outubro de 1429 solicita a igreja de S. Salvador de Perosinho, da apresentação do mosteiro de Grijó, que se encontrava vaga por morte de Vasco Martins, seu último possessor<sup>5115</sup>. Este é certamente o mesmo cónego que esteve também à frente de uma outra igreja do padroado de Grijó: a de S. Martinho de Argoncilhe, sendo certo que já tinha falecido no início da década de oitenta surgindo como reitor dessa igreja o cónego, Gomes Anes, havendo referência a João Gonçalves como seu predecessor no cargo<sup>5116</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Gunsalvi presbiter canonicus Ecclesiole” a 18 de Outubro mas sem referência ao ano do óbito<sup>5117</sup>. Será este assento referente a este cónego? Não o podemos afirmar.

**Vasco Martins** – Provável cónego regrante de Grijó. Na qualidade de prior da igreja de S. Salvador de Perosinho, é quase certo que se trata de um cónego de Grijó, uma vez que a apresentação pertencia ao mosteiro. A única certeza que temos é que a 5 de Outubro de 1429 já tinha falecido, uma vez que nesse dia João Gonçalves surge a solicitar essa igreja por se encontrar vaga por morte de Vasco Martins<sup>5118</sup>.

**Afonso Gonçalves** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Grijó. Recebe em Coimbra, em 1431, a ordem de subdiácono<sup>5119</sup>.

**D. Álvaro de Abreu/D. Álvaro Lopes** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. Parece ter saído do mosteiro de Grijó para a Corte para educar os filhos do infante D. Pedro<sup>5120</sup>, o que levanta algumas dúvidas se tivermos em conta que pelo menos entre 1410 e 1417 Álvaro Gonçalves de Abreu foi cónego e deão da Sé de Évora<sup>5121</sup>. Entre 1419 e 1421 foi bispo de Lamego, sendo transferido a 26 de Junho de 1321 para o bispado de Silves, por permuta com D. Garcia de Meneses<sup>5122</sup>. Em Fevereiro de 1429 foi nomeado bispo de Évora<sup>5123</sup>. Em 1433 foi orador na cerimónia de investidura de D. Duarte e esteve presente, em 1437, na conquista de Tânger<sup>5124</sup>. Após a batalha de Alfarrobeira partiu com os filhos de D. Pedro para a Flandres e depois para Roma<sup>5125</sup>. Foi legado do papa Calixto III (1455-1458) e governador do arcebispado de Lisboa por delegação do seu arcebispo<sup>5126</sup> D. Jaime (1455-1459), o primogénito do infante D. Pedro. Em 1457 esteve no mosteiro de Grijó onde conseguiu que o bispo do Porto e a câmara chegassem a um

---

<sup>5115</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 454-455.

<sup>5116</sup> Costa, António Domingues de Sousa, Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.80.

<sup>5117</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.158-159.

<sup>5118</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. IV, 1970, pp. 454-455.

<sup>5119</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.211.

<sup>5120</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I (Idade Média: A Mitra e o Município), Lamego, 1977, p.193.

<sup>5121</sup> Vilar, Hermínia Vasconcelos, *As dimensões de um poder: A diocese de Évora na Idade Média*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, pp.144,317.

<sup>5122</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I (Idade Média: A Mitra e o Município), Lamego, 1977, p.194.

<sup>5123</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I (Idade Média: A Mitra e o Município), Lamego, 1977, p.195.

<sup>5124</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I (Idade Média: A Mitra e o Município), Lamego, 1977, p.195.

<sup>5125</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I (Idade Média: A Mitra e o Município), Lamego, 1977, p.195.

<sup>5126</sup> Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.147.

acordo para levantamento do interdito<sup>5127</sup>. Em 1467 foi novamente provido na diocese de Évora, bispado que ocuparia até 1473, ano do seu falecimento, registado nessa cidade, a 8 de Maio<sup>5128</sup>.

**João Martins** – Provável cónego regente do mosteiro de Grijó. A 7 de Março de 1444 “Joam Martinz abbade da igreja de Santiago de Silvalde do bispado do Porto” recebe, em Braga, ordens de Epístola<sup>5129</sup>. Ainda nesse mesmo mês de Março A 28 de Março são-lhe dadas ordens de Evangelho<sup>5130</sup> e a 11 de Abril de 1444 são-lhe concedidas as ordens de Missa<sup>5131</sup>.

**Lourenço Vasques** – Provável cónego regente do mosteiro de Grijó. Em Setembro de 1445 Lourenço Vasques é identificado como abade de S. Miguel de Milheirós recebendo, nesse mês, em Braga, ordens de Epístola<sup>5132</sup>. A 18 de Dezembro de 1445 foram-lhe concedidas ordens de Evangelho<sup>5133</sup> e a 12 de Março de 1446 ordens de Missa<sup>5134</sup>.

**Pedro Gil** - Cónego regente do mosteiro de Grijó, do bispado do Porto. Recebeu ordens menores, em Braga, no dia 2 de Abril de 1446<sup>5135</sup>. No ano seguinte recebe, a 4 de Março de 1447, ordens de Epístola, também em Braga<sup>5136</sup>, cidade de resto, onde lhe foram ministradas as ordens de Evangelho no dia 25 de Março de 1447<sup>5137</sup>. Pouco tempo depois, mais concretamente a 8 de Abril de 1447, encontrámo-lo novamente em Braga, onde lhe são ministradas ordens de Missa<sup>5138</sup>. Pediu ao papa, por súplica de 7 de Julho de 1467, para ser provido na ermida de Santa Maria de Vagos, argumentando que essa ermida deveria ser administrada por um cónego de Grijó, o que não acontecia uma vez que nos últimos oito anos se encontrava em posse de João Lourenço, reitor paroquial da igreja de Vouga e arcepreste de Aveiro<sup>5139</sup>. É de acreditar que os intentos deste cónego não foram satisfeitos, isto se tivermos em conta que no ano seguinte Pedro

---

<sup>5127</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I (Idade Média: A Mitra e o Município), Lamego, 1977, pp.195-196.

<sup>5128</sup> Costa, Manuel Gonçalves da, *História do Bispado e cidade de Lamego*, Vol.I (Idade Média: A Mitra e o Município), Lamego, 1977, p.196. Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo II, 1958, p.147, indica 8 de Maio de 1486 como data do seu falecimento.

<sup>5129</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.2vº; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.30.

<sup>5130</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.9; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.34.

<sup>5131</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 5, fl.14; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.38.

<sup>5132</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 10, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.63.

<sup>5133</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.3; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.66.

<sup>5134</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.7; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.69.

<sup>5135</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.7v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.70.

<sup>5136</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 12, fl.1v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.84.

<sup>5137</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.3; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.87.

<sup>5138</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 14, fl.2v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.91.

<sup>5139</sup> Costa, António Domingues de Sousa, Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

Gil solicita novo benefício, desta feita, e por súplica de 17 de Abril de 1468, o “dilectum filium Petrum Egidii canonicum monasterii de Igrijo dicti Ordinis Portugalensis diocesis” pede o priorado do mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, entretanto vago por falecimento do prior João Vasques<sup>5140</sup>. Não sabemos se Pedro Gil chegou a assumir o priorado desse mosteiro, mas se o fez terá sido uma passagem ligeira, e regressaria, posteriormente, a Grijó, onde é detectado a 9 de Dezembro de 1471<sup>5141</sup>, mantendo-se ainda a 16 de Novembro de 1486 entre a comunidade regrente gaiense<sup>5142</sup>.

**António Vasques** - Cónego do mosteiro de Grijó, do bispado do Porto. Com licença do seu maior, recebe ordens de Epístola no dia 2 de Abril de 1446, em Braga<sup>5143</sup>. Encontrava-se novamente em Braga a 4 de Março de 1447, dia em que obteve ordens de Evangelho<sup>5144</sup>, recebendo nesta mesma cidade, no dia 25 de Março de 1447, ordens de Missa<sup>5145</sup>.

**Vasco Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Aparece por diversas vezes em funções de representação do mosteiro ou do prior. Assim sucede a 2 de Fevereiro de 1450<sup>5146</sup> e a 17 do mesmo mês<sup>5147</sup>. A 28 de Julho de 1451 aparece novamente referenciado como procurador de D. João, prior de Roriz e de Grijó, encontrando-se em Lisboa onde recebe os traslados dos documentos respeitantes ao mosteiro de Roriz<sup>5148</sup>, solicitados a D. Afonso V, em 1449, e requeridos ao guarda-mor da torre do tombo, o cronista Fernão Lopes. Idêntico processo, mas desta vez respeitante a certidões e cartas do mosteiro de Grijó, levá-lo-ia novamente a Lisboa, onde, a 18 de Junho de 1452, “Vaasqu’Eannes coonigo e procurador do dicto mosteyro de Egrejoo requireo ao dicto Fernam Lopez que lhe desse o treslado em pubrica forma como tynha em costume e el visto seu requerimento lhe deu em trinta e sete folhas deste livro scriptas asynado per el e seelado com o seello dos nossos contos”<sup>5149</sup>.

A 12 de Janeiro de 1454 surge no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em representação do mosteiro de Grijó, onde é celebrado um contrato com um morador de Verride<sup>5150</sup>. No dia 24 de Fevereiro de 1459 “Vasquuo Annes coonigo de Higrijoo” encontrava-se no mosteiro de Roriz, onde testemunha um emprazamento aí efectuado

---

<sup>5140</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10-A, M.2, N°37; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>5141</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.5; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.78.

<sup>5142</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.9; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.81.

<sup>5143</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.8; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.71.

<sup>5144</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 12, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.84.

<sup>5145</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.3v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.87.

<sup>5146</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.18; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.72.

<sup>5147</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.2, Doc.19; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.72.

<sup>5148</sup> Madahil, António Gomes da Rocha, “Uma certidão de Fernão Lopes passada ao mosteiro de Roriz em 1451”, in *Revista de Guimarães*, Vol. XLVIII, N. 4 (Outubro-Dezembro de 1938), Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento, 1938, p.266.

<sup>5149</sup> IAN/TT- Livro Preto de Grijó, fl.37vº.

<sup>5150</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.55.

pelo prior D. João Álvares<sup>5151</sup>, a quem certamente foi acompanhar uma vez que era prior dos dois mosteiros. A 20 de Fevereiro de 1460 “Vaasco Annes conego reglante”, na qualidade de procurador do mosteiro aforou a Mendo Afonso, clérigo de missa e capelão da igreja de Sandim, do mosteiro de Vila Cova, o casal da igreja de Sandim, couto do mosteiro de Vila Cova<sup>5152</sup>.

A 16 de Janeiro de 1467 “Vasqu’Eanes clerigo de missa conigo do dito moeesteiro de Grijoo” é confirmado pelo bispo da Guarda, D. João (1459-1476), como prior da igreja de Santa Maria Madalena de Portalegre, entretanto vaga por falecimento de João de Lisboa, seu anterior titular e cónego professo do mosteiro de São Jorge de Coimbra, instituição, aliás, a quem cabia a apresentação desta igreja<sup>5153</sup>.

**João Gonçalves** – Provável cónego regrante do mosteiro de Grijó. A 17 de Março de 1453 João Gonçalves recebeu, em Braga, ordens de Epístola<sup>5154</sup>, sendo-lhe também aí conferidas, no dia 31 desse mês, ordens de Evangelho<sup>5155</sup>. A 26 de Maio de 1453 recebeu ordens de Missa<sup>5156</sup>.

**João Pires/João Peres** – Cónego regrante do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Petri presbiter canonicus Ecclesiole” a 14 de Março mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5157</sup>. É possível que o cónego em causa seja o João Pires que em Abril de 1454 era abade de Santa Marinha de Cortegaça, e a quem foram administradas nesse mesmo nesse mesmo mês, ano, em Braga, as ordens Ordens de Evangelho e de Missa, respectivamente nos dias 12 e 21<sup>5158</sup>. O único senão é que não temos comprovativo de que de facto este João Peres fosse cónego do mosteiro, baseia-se esta nossa associação no facto da igreja de Cortegaça ser da apresentação do mosteiro mas ainda não encontramos prova documental que o ateste.

**Pedro Nogueira** - Cónego regrante do mosteiro de Grijó, da Ordem de Santo Agostinho, da diocese do Porto. Com licença do seu prior, recebe ordens menores no dia 12 de Março de 1457, em Braga<sup>5159</sup>.

**João Carvalho** - Cónego regrante do mosteiro de Grijó, do bispado do Porto, da Ordem de Santo Agostinho. Com licença do seu prior, recebe ordens de Epístola no dia 12 de Março de 1457, em Braga<sup>5160</sup> e aí se deslocaria novamente no mês seguinte, sendo-lhe

---

<sup>5151</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 12, M.6, N°192.

<sup>5152</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.111. A 4 de Março de 1501 esse contrato seria anulado.

<sup>5153</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Jorge de Coimbra, M.13, Doc.12.

<sup>5154</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 24, fl.38; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.200.

<sup>5155</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 25, fl.4; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.204.

<sup>5156</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 26, fl.4; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.209.

<sup>5157</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.63.

<sup>5158</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 29, fl.4v°; Pasta I, Caderno 30, fl.5; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, pp.221, 225.

<sup>5159</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.44; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.284.

<sup>5160</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.45; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.285.



conferidas ordens de Evangelho no dia 2 de Abril de 1457<sup>5161</sup>. Ser-lhe-iam também ministradas ordens de Missa na arquidiocese bracarense, a 11 de Junho de 1457<sup>5162</sup>.

**Pedro Anes** - Cónego regente do mosteiro de Grijó, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado do Porto e seu prior claustral. Com licença do seu prior recebe ordens de Epístola no dia 12 de Março de 1457, em Braga<sup>5163</sup>. Nessa mesma cidade recebe ordens de Evangelho no dia 2 de Abril de 1457<sup>5164</sup> e é contemplado com ordens de Missa no dia 24 de Setembro de 1457, também em Braga<sup>5165</sup>. Em 1485 ocupava o cargo de prior claustral do mosteiro de Grijó<sup>5166</sup>, função onde continua a ser mencionado em 1486<sup>5167</sup> e 1487 a propósito de emprazamentos que efectua com o prior D. João Álvares e o restante convento<sup>5168</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Petrus Johannis presbiter canonicus de Ecclesiole” a 24 de Abril mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5169</sup>, pelo que é possível tratar-se deste religioso. Já um obituário de S. Jorge de Coimbra anota o falecimento de Pedro Anes, cónego de Grijó, a 12 de Abril, sem especificar o ano<sup>5170</sup>.

**Aires Gonçalves** - Cónego professo do mosteiro de Grijó, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado do Porto. Com licença do seu prior, recebe ordens de Epístola no dia 12 de Março de 1457, em Braga<sup>5171</sup>. A 24 de Setembro de 1457 foram-lhe conferidas, novamente em Braga, as ordens de Missa<sup>5172</sup>. Paroquiou as igrejas de S. Salvador de Perosinho e a de Castelo Viegas na primeira metade da década de 70, surgindo em Maio de 1474 uma súplica do cónego Pedro Vasques, também do mosteiro de Grijó em que acusava Aires Gonçalves de deter ilegalmente a igreja de S. Salvador de Perosinho, em virtude de a possuir em conjunto com a de Castelo Viegas sem a necessária autorização eclesiástica<sup>5173</sup>. Cerca de dez anos depois, mais concretamente a 22 de Outubro de 1485 este cónego surge novamente como reitor da igreja paroquial de S. Salvador de Perosinho, solicitando ao papa a concessão vitalícia dessa igreja, o que

---

<sup>5161</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.51; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.290.

<sup>5162</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.63; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.299.

<sup>5163</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.45; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.285.

<sup>5164</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.51; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.291.

<sup>5165</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.70; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.303.

<sup>5166</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.81.

<sup>5167</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.7; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.79; Costa, Francisco Barbosa da, S. Félix da Marinha: Notas monográficas, Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia-Junta de Freguesia de S. Félix da Marinha, 2000, pp.83-84.

<sup>5168</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.10; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.81.

<sup>5169</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.52.

<sup>5170</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.13vº.

<sup>5171</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.45v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.285.

<sup>5172</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.70; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.303.

<sup>5173</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74. A 9 de Dezembro de 1471 já era titular da igreja de Castelo Viegas (cf. Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.78).

acabou por suceder um ano depois<sup>5174</sup>, aparecendo ainda referenciado como prior da igreja de Perosinho a 24 de Setembro de 1491<sup>5175</sup>.

**João Rodrigues** - Cónego professo do mosteiro de Grijó, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado do Porto e prior de S. Jorge de Coimbra. Com a devida autorização do seu prior recebeu ordens de Epístola no dia 12 de Março de 1457, em Braga<sup>5176</sup>. Nessa mesma cidade foram-lhe concedidas as ordens de Evangelho, a 2 de Abril de 1457<sup>5177</sup>, e as de Missa no dia 24 de Setembro de 1457<sup>5178</sup>. Em Dezembro de 1465 encontrava-se em posse do priorado de S. Jorge de Coimbra, cargo também pretendido por João Lisboa, monge de S. Jorge de Coimbra e por frei Afonso de Lorvão, da Ordem de S. Domingos<sup>5179</sup>. João Rodrigues manteve-se no priorado da canónica conimbricense até ao início de 1475, altura em que renunciou<sup>5180</sup>.

**Pedro Vasques** - Cónego do mosteiro de Grijó. Este cónego do mosteiro de Grijó, da Ordem de Santo Agostinho, da diocese do Porto, recebeu, com a devida autorização do seu prior, em Braga, no dia 28 de Fevereiro de 1461, as ordens de Evangelho<sup>5181</sup>. No mês seguinte, mais concretamente a 21 de Março de 1461, foi empossado nas ordens de Missa, também em Braga<sup>5182</sup>. Devidamente habilitado a exercer o sacerdócio, vamos encontrá-lo a solicitar, por súplica de 2 de Dezembro de 1473 a igreja de S. Vicente da Beira, igreja do padroado do mosteiro de S. Jorge de Coimbra<sup>5183</sup>. No entanto não deverá ter sido provido nessa igreja uma vez que surge na posse da igreja paroquial de S. Salvador de Perosinho em Maio de 1474, igreja de apresentação do mosteiro de Grijó, sucedendo no cargo a um outro religioso dessa canónica, de nome Aires Gonçalves, a quem acusava de ter exercido ilegalmente a administração dessa igreja por mais de quatro anos em virtude de ter acumulado também a de Castelo Viegas, freguesia do bispado de Coimbra<sup>5184</sup>. Este cónego solicitou, também em Maio de 1474, a igreja de S. Martinho de Travanca, na qual foi provido, sucedendo aí a D. João Álvares, prior de Grijó<sup>5185</sup>, acumulando assim a sua administração com a de Perosinho.

**Fernão Anes** – Provável cónego do mosteiro de Grijó. A 17 de Dezembro de 1457 Fernão Anes surge identificado como abade de Santa Maria de Gulpilhares, recebendo

---

<sup>5174</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp.79-80.

<sup>5175</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.11; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.82.

<sup>5176</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.45v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.285.

<sup>5177</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.51; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.290.

<sup>5178</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.70; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.303.

<sup>5179</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.77.

<sup>5180</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp. 76,78.

<sup>5181</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 2, fl.5v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.321.

<sup>5182</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 3, fl.5; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.326.

<sup>5183</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.75.

<sup>5184</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>5185</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.75.

nesse dia, em Braga, ordens de Evangelho<sup>5186</sup>. A 25 de Fevereiro de 1458 recebeu, na cidade bracarense, Ordens de Missa<sup>5187</sup>.

**Pedro Martins** - Cónego professo do mosteiro de S. Salvador de Grijó, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado do Porto. Com licença do seu prelado, recebe ordens menores no dia 22 de Dezembro de 1464, em Braga<sup>5188</sup>.

**Fernão Lopes** - Cónego regente do mosteiro de Grijó. Recebe em Braga, a 30 de Março de 1465, ordens de missa<sup>5189</sup>.

**João Gil** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Grijó. Em Agosto de 1467 foi confirmado pelo papa como titular da igreja de Santa Maria de Tropeço, da diocese de Lamego, local onde o mosteiro de Grijó não exercia qualquer direito de apresentação<sup>5190</sup>. A 1 de Setembro de 1468 solicitava a renovação desse benefício eclesiástico, pedindo inclusivamente que lhe fosse outorgado a título vitalício<sup>5191</sup>.

**Fr. Tomé Afonso** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Grijó. Recebe em Coimbra, em 1476, as ordens de Evangelho<sup>5192</sup>.

**Pedro Afonso** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Grijó. A 13 de Maio de 1478 encontra-se no mosteiro de S. Jorge de Coimbra onde testemunha um aforamento aí efectuado<sup>5193</sup>.

**Gomes Anes** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Grijó. A 15 de Outubro de 1485 encontrava-se à frente da igreja de S. Miguel de Arcozelo, havendo no entanto algumas dúvidas referentes à validade da sua apresentação, o que levou o cónego a requerer ao papa essa confirmação<sup>5194</sup>. Essas dúvidas decorriam do facto de Gomes Anes já deter a igreja de S. Martinho de Argoncilhe, levando o religioso a solicitar, por súplica de 1 de Janeiro de 1486, a respectiva dispensa para acumular as duas igrejas<sup>5195</sup>, ambas da apresentação do mosteiro de Grijó. A 1 de Fevereiro de 1496 Gomes Anes, clérigo de missa, continuava como prior da igreja de S. Martinho de Argoncilhe, dia em que o rei D. Manuel deu carta de perdão a Maria Anes, moradora no couto de Grijó, por ter andado amancebada com Gomes Anes<sup>5196</sup>. Em 1517 Gomes Anes ainda era vivo, tendo

---

<sup>5186</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.75vº; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.308.

<sup>5187</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 1, fl.5; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.316.

<sup>5188</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 21, fl.30v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.421.

<sup>5189</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 4, fl.19.

<sup>5190</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>5191</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.74.

<sup>5192</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>5193</sup> Queirós, Abílio, “Catálogo dos Pergaminhos do Mosteiro de S. Jorge de Coimbra (1264-1578)”, in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Vols. XXIII e XXIV (2003-2004; 2005-2007), Coimbra, 2007, p.55.

<sup>5194</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.80.

<sup>5195</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.80.

<sup>5196</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Manuel I, Livro 32, fl.99vº.

renunciado à igreja paroquial de S. Martinho de Argoncilhe em favor do cónego Jorge Correia<sup>5197</sup>.

**Diogo Barreto** – Cónego do mosteiro de Grijó. Paroquiou a ermida de Vagos, cessando funções em 1499 por iniciativa do prior de Grijó, D. Fernando de Sequeira, que colocou à frente dessa ermida Gonçalo Gil, sacerdote da diocese de Coimbra<sup>5198</sup>. A 1 de Dezembro de 1506 o “honesto relligiozo e conego regrante Diogo Barreto” foi confirmado por Fernando de Sequeira, bispo de Safim e prior do mosteiro de Grijó, como prior e reitor da igreja de S. Salvador de Perosinho, em virtude da renúncia apresentada por Pedro Gomes, seu último reitor<sup>5199</sup>.

**Pedro Álvares** – Cónego do mosteiro de Grijó. Em Maio de 1503 o papa Alexandre VI (1492-1503) investiu “Petro Alvari canonico monasterii Sancti Salvatoris de Grijoo ordinis Sancti Augustini” como prior da igreja de S. Miguel de Travassô, da diocese de Coimbra<sup>5200</sup>. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “domnus Petrus Alvari canonicus Ecclesiole” a 23 de Maio mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5201</sup>. De qualquer modo é bastante possível que este registo não seja respeitante ao cónego aqui identificado.

**Fernando Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó e prior claustral. A 27 de Abril de 1504 é indicado como prior claustral de Grijó no emprazamento que o mosteiro faz de dois casais situados na aldeia de Nogueira de Regedreira<sup>5202</sup>. Em 11 de Fevereiro de 1511 o prior D. Fernando de Sequeira autorizou a permuta que Fernandi’Annes conigo regrante expressamente professo do dito nosso moesteiro” fez com o cónego Diogo Teixeira, renunciando às igrejas de S. Martinho de Anta e S. Mamede de Gândara para assumir a de S. Miguel de Travassô com a sua anexa de Santa Eulália de Eirol, até aí tuteladas por Diogo Teixeira<sup>5203</sup>. No seguimento desta permuta e da sua provisão pelo prior do mosteiro, veio a confirmação papal dessa provisão, a 3 de Outubro de 1511, por bula de Júlio II (1503-1513), que assim o instituía na igreja de S. Miguel de Travassô<sup>5204</sup>. A 6 de Junho de 1515 continua a ser identificado como cónego do mosteiro de Grijó<sup>5205</sup>. Em Junho de 1530 Fernando Anes já tinha resignado à igreja de Travassô, com o papa Clemente VII (1523-1534) a confirmar aí Domingos Rodrigues, clérigo da diocese de Coimbra, em virtude da vacância desta igreja face à resignação do cónego de Grijó<sup>5206</sup>. A 7 de Dezembro de 1531 “Fernande’Annes priol crasteiro do dito mosteiro” ainda se mantinha entre os regrantes desta canónica nortenha<sup>5207</sup>, de resto essa presença é documentada ainda para 1536, continuando a ser identificado como prior claustral<sup>5208</sup>.

<sup>5197</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.4vº; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.87.

<sup>5198</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, pp.39,83.

<sup>5199</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.4vº-5vº.

<sup>5200</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.128vº-129.

<sup>5201</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.96.

<sup>5202</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.3, Doc.19; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.83.

<sup>5203</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.129vº-130vº.

<sup>5204</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.130vº-132vº; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.86.

<sup>5205</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>5206</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.133-133vº.

<sup>5207</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.106.

<sup>5208</sup> “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Scientifico e litterario*, Vol. XIII, 1866, p.289.

**João Pinto** – Cónego do mosteiro de Grijó. Em Dezembro de 1506 “Joam Pinto conigo do dito mosteiro” empossou e investiu o cónego Diogo Barreto como reitor da igreja de S. Salvador de Perosinho<sup>5209</sup>. Em 1536 continua a integrar a comunidade conventual de Grijó<sup>5210</sup>.

**Jorge Correia** - Cónego regrante do mosteiro de Grijó. A 19 de Julho de 1508 é instituído como reitor da igreja paroquial de Mozelos<sup>5211</sup>, abandonando-a em 1517, em troca da reserva dos seus proventos, sendo substituído no serviço pastoral por Simão Sanches, também cónego de Grijó<sup>5212</sup>. A 21 de Maio de 1516 é identificado como “conego do mosteiro e abbade de Mozelos e feitor do dito mosteiro de Grijoo pello dito Senhor Dom Joham bispo de Çaffim Dom prior do dito mosteiro”<sup>5213</sup>. Jorge Correia deixou a igreja de Mozelos para assumir a reitoria da igreja de S. Martinho de Argoncilhe, entretanto vaga por resignação do cónego Gomes Anes, no entanto questões jurídicas fizeram com que a sua efectivação no cargo fosse adiada, datando a bula de Leão X (1513-1521), a autorizar a sua confirmação, de 2 de Setembro de 1517<sup>5214</sup> sendo que “Georgium Correa canonicum regullarem professum de numero canonicorum predicti Monasterii de Igrijoo” só viria a ser empossado em Argoncilhe a 11 de Janeiro de 1518 por Afonso de Melres, notário apostólico<sup>5215</sup>. Jorge Correia manter-se-ia à frente desta igreja até 1536 altura em que apresentou a resignação, sendo aí confirmado, a 2 de Junho de 1536, como seu sucessor Carlos Foubert, cónego da Sé de Lamego<sup>5216</sup>. A 7 de Dezembro de 1531 Jorge Correia é, além de cónego do mosteiro, identificado como feitor e procurador do prior D. João, bispo de Safim<sup>5217</sup>, que lhe passou procuração a 13 de Novembro de 1531 para que este pudesse, especificamente, efectuar um escambo com João Álvares Pereira, senhor de Fermedo<sup>5218</sup>. É provável que seja o mesmo Jorge Correia, identificado apenas como notário e cónego regular do Porto, que esteve presente na elaboração da composição amigável entre o mosteiro e Carlos Foubert, a 21 de Outubro de 1545, um acordo referente aos direitos de Grijó na igreja de Argoncilhe<sup>5219</sup>.

**Diogo Teixeira** - Cónego regrante do mosteiro de Grijó. Em 11 de Fevereiro de 1511 o prior D. Fernando de Sequeira avalizou a permuta entre Diogo Teixeira “conigo do dito mosteiro” e Fernando Anes, também cónego de Grijó, com o primeiro a renunciar às igrejas de S. Miguel de Travassô e à sua anexa de Santa Eulália de Eirol, para assumir as de S. Martinho de Anta e S. Mamede de Gândara, até aí geridas por Fernando Anes<sup>5220</sup>. A confirmação do seu provimento como reitor nestas igrejas é datada 18 de Fevereiro de 1512<sup>5221</sup>. Este “Didaco Teixeira canonico regulari monasterii Sancti Salvatoris de Greyjo” não aceitou as reformas levadas a cabo na instituição, pelo que foi

<sup>5209</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.5vº-6.

<sup>5210</sup> “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Cientifico e litterario*, Vol. XIII, 1866, p.289.

<sup>5211</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.84.

<sup>5212</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.87.

<sup>5213</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 101vº-102vº.

<sup>5214</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.2-4vº.

<sup>5215</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.4vº,7vº-8.

<sup>5216</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.8-10.

<sup>5217</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls.105vº-106.

<sup>5218</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.107vº.

<sup>5219</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fls.14-16vº.

<sup>5220</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.129vº-130vº.

<sup>5221</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Salvador de Grijó, M.4, Doc.3; Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.86.

solicitada ao papa a atribuição de uma pensão para este cónego, pedido que foi atendido pelo papa Pio IV (1559-1565) em Fevereiro de 1561<sup>5222</sup>. É que além da integração na Congregação de Santa Cruz, e no seguimento dessa mesma integração os próprios regrantes estabeleceram um novo estatuto jurídico no que respeitava ao serviço paroquial, estabelecendo que as igrejas anexas ao mosteiro passariam a ser servidas por clérigos seculares e não pelos cónegos do mosteiro, estatuto que seria validado e confirmado pelo papa Júlio III (1550-1555) através de bulas de 1552 e 1553<sup>5223</sup>.

**Gaspar Fernandes** – Cónego regrantante do mosteiro de Grijó e seu prior claustral. Em Dezembro de 1506 “Gaspar Fernandes conigo proffeco do dito mosteiro” registou o cerimonial de investidura do cónego Diogo Barreto como reitor da igreja de S. Salvador de Perosinho<sup>5224</sup>. Em instrumento datado de 21 de Maio de 1516 Gaspar Fernandes surge identificado como “conego do dito mosteiro de Grijó e escrivam em elle”, sendo da sua lavra o diploma em causa<sup>5225</sup>. A 11 de Janeiro de 1518 Gaspar Fernandes já é referenciado como “prior crasteiro do dito moesteiro” encontrando-se na igreja de S. Martinho de Argoncilhe onde assistiu ao empossamento do cónego Jorge Correia como seu reitor<sup>5226</sup>.

**Gonçalo Rodrigues** – Cónego do mosteiro de Grijó. Gonçalo Rodrigues surge entre a comunidade regrantante de Grijó a 6 de Junho de 1515, dia em que se deslocaram ao mosteiro os emissários régios para aplicar a taxaçoão referente às comendas novas da Ordem de Cristo, cabendo a este mosteiro o pagamento de 750 ducados de ouro<sup>5227</sup>. A 21 de Maio de 1516 “Gonçallo Rodrigues conego do mosteiro de Grijó” encontra-se na aldeia de Crasto onde dá cumprimento a uma sentença que regulamenta a distribuição da água do monte de S. Bartolomeu pelos caseiros das aldeias de Muar e Crasto, ordenando que se restabeleça e refaça o rego antigamente utilizado para servir os caseiros de Muar<sup>5228</sup>. A 7 de Dezembro de 1531 Gonçalo Rodrigues ainda integrava a comunidade conventual de Grijó<sup>5229</sup>.

**António Pinto** – Cónego do mosteiro de Grijó. António Pinto é referenciado como cónego regrantante de Grijó a 6 de Junho de 1515<sup>5230</sup>. Em 1536 continua a ser mencionado como cónego da instituição<sup>5231</sup>.

**Simão Sanches** – Cónego regrantante do mosteiro de Grijó Este religioso já se encontrava entre a comunidade regrantante de Grijó em 1517, altura em que assumiu a igreja de Mozelos por renúncia que o cónego Jorge Correia fez a seu favor<sup>5232</sup>.

---

<sup>5222</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.159-160vº.

<sup>5223</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.149vº-159.

<sup>5224</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.5vº-6.

<sup>5225</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 101vº-102vº.

<sup>5226</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 44, fl.8.

<sup>5227</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>5228</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 101vº-102vº.

<sup>5229</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.106.

<sup>5230</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

<sup>5231</sup> “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Scientifico e litterario*, Vol. XIII, 1866, p.289.

<sup>5232</sup> Costa, António Domingues de Sousa, *O mosteiro de S. Salvador da vila de Grijó*, 1993, p.87.

**Bastião Gonçalves** – Cónego regrante do mosteiro de Grijó. A 7 de Dezembro de 1531 Bastião Gonçalves já é mencionado como cónego regrante do mosteiro de S. Salvador de Grijó<sup>5233</sup>. No dia 27 de Abril de 1532 é lavrado um instrumento de compra e venda respeitante à aquisição de umas casas na aldeia de Ervilhaca, couto de Grijó, por “Bastiam Gonçalves conigo de Grijó” pelas quais desembolsou três mil e quinhentos reis<sup>5234</sup>.

**Sebastião Pires** – Cónego regrante do mosteiro de Grijó. A 7 de Dezembro de 1531 “Sebastiam Pires” integrava a comunidade regrante do mosteiro de S. Salvador de Grijó<sup>5235</sup>. Em 1536 continua a ser identificado como cónego da instituição<sup>5236</sup>.

**Manuel Rebelo** – Cónego regrante do mosteiro de Grijó. A 7 de Dezembro de 1531 Manuel Rebelo já é mencionado como cónego de S. Salvador de Grijó<sup>5237</sup>. Em 1536 ainda é referenciado como religioso da instituição<sup>5238</sup>.

**António de Almeida** – Cónego do mosteiro de Grijó. “Antonio d’Almeida” é um dos religiosos que a 7 de Dezembro de 1531 integrava a comunidade conventual de Grijó, dia em que o mosteiro escambou bens com João Álvares Pereira, fidalgo da Casa Real e senhor de Fermedo, filho de Rui Pereira<sup>5239</sup>. Em 1536 continua a ser mencionado como cónego da instituição<sup>5240</sup>.

**António Fernandes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Foi abade da igreja de S. Miguel de Travassô, tendo já falecido a 29 de Outubro de 1539, dia em que o rei ordenava às suas justiças das comarcas de Aveiro e do Porto para que fossem diligentes sempre que o prior de Grijó solicitasse quaisquer serviços relacionados com a provisão e confirmação dos clérigos nas igrejas anexas ao mosteiro de Grijó que entretanto vagassem, como acontecia nessa altura com a de S. Miguel de Travassô<sup>5241</sup>. “Antonio Fernandi clerico colimbriensis” foi confirmado como reitor de S. Miguel de Travassô em Junho de 1529, e tudo indica que nessa altura ainda não era cónego de Grijó, pelo menos surge apenas identificado como clérigo<sup>5242</sup>.

#### **Cónegos cuja cronologia não foi possível estabelecer:**

**Domingos Lourenço** – Cónego do mosteiro de Grijó. Sabemos que foi prior da igreja de Travanca e que a 17 de Abril de 1315 já tinha falecido, tendo deixado bens ao mosteiro, o que fez com que nesse dia o prior D. Pedro Pires e o convento estipulassem que “se dicese cada anno por sua alma huma capella de missas”<sup>5243</sup>.

**Júlio Peres/Júlio Pires** – Cónego do mosteiro de Grijó. Em termos cronológicos não podemos delimitar com a desejável exactidão a sua presença no mosteiro, mas deverá reportar-se ao início do séc. XIV, no entanto, e de concreto apenas sabemos, a partir de

<sup>5233</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.106.

<sup>5234</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fls. 32vº-33vº.

<sup>5235</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.106.

<sup>5236</sup> “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Científico e litterario*, Vol. XIII, 1866, p.289.

<sup>5237</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.106.

<sup>5238</sup> “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Científico e litterario*, Vol. XIII, 1866, p.289.

<sup>5239</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 43, fl.106.

<sup>5240</sup> “Uma chronica inedita”, in *O Instituto: Jornal Científico e litterario*, Vol. XIII, 1866, p.289.

<sup>5241</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.7vº-8.

<sup>5242</sup> IAN/TT- S. Salvador de Grijó, Livro 48, fls.135vº-139vº.

<sup>5243</sup> BGUC - Manuscrito 640, fl.207.

um obituário de Santa Cruz de Coimbra, que “domnus Julianus Petri canonicus Ecclesiole” faleceu a 4 de Agosto<sup>5244</sup>.

**Domingos Diogo** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Dominicus Didaci canonicus de Ecclesiole” a 8 de Julho mas sem referenciar o ano do óbito<sup>5245</sup>.

**Domingos Fernandes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra menciona o falecimento de Domingos Fernandes, anotando-se o seu assento no dia 27 de Maio, sem qualquer alusão ao ano<sup>5246</sup>.

**Fernão Carvalho/Fernando Carvalho** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de Fernão de Carvalho, cónego de Grijó, a 12 de Abril, sem identificar o respectivo ano<sup>5247</sup>.

**João Esteves** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Stephani presbiter canonicus Ecclesiole” a 6 de Abril mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5248</sup>. Deverá ser o mesmo João Esteves, cónego de Grijó, a quem um obituário de S. Jorge também regista o falecimento a 6 de Abril<sup>5249</sup>, um sincronismo assinalável pela raridade da coincidência dos registos dos diferentes obituários, embora no obituário de S. Jorge este cónego não seja identificado como presbítero.

**João Esteves II** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra menciona o falecimento de “Johannes Stephani presbiter canonicus Ecclesiole” a 20 de Janeiro, mas sem qualquer alusão ao ano em que ocorreu a morte<sup>5250</sup>.

**João Geraldês** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Geraldî presbiter canonicus Ecclesiole” a 16 de Outubro mas sem referência ao ano do óbito<sup>5251</sup>. É provável que exista algum grau de parentesco entre este cónego e Francisco Geraldês.

**Lopo Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge regista o falecimento de Lopo Anes, cónego de Grijó, a 12 de Abril, sem especificar o ano<sup>5252</sup>.

**Lourenço Anes (II)** - Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra apresenta um assento referente a “Laurenço Johannis canonicus Ecclesiole”, cujo óbito aparece anotado a 1 de Janeiro, não havendo aí qualquer referência ao respectivo ano do falecimento<sup>5253</sup>.

---

<sup>5244</sup> Gomes, Saul António, *Fragmentos codicológicos de um obituário primitivo do mosteiro de Santa Cruz*, Separata da Revista *Humanitas*, 56, 2004, p.395.

<sup>5245</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.111.

<sup>5246</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.19vº.

<sup>5247</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.13vº.

<sup>5248</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.75.

<sup>5249</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.12vº.

<sup>5250</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.34.

<sup>5251</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.157.

<sup>5252</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.13vº.

<sup>5253</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.32.



**Lourenço Anes (III)** - Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Laurencius Johannis canonicus Ecclesiole” a 30 de Janeiro<sup>5254</sup>. Não será de excluir a possibilidade de estarmos perante o mesmo indivíduo já referenciado acima.

**Marcos Esteves** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Marcius Stephani presbiter canonicus de Ecclesiole” a 21 de Abril mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5255</sup>.

**Martim Abade/Martinho Abade** – Cónego do mosteiro de S. Salvador de Grijó. Este cónego é identificado como cónego de Grijó num obituário de S. Jorge de Coimbra, cujo óbito é aí referenciado a 29 de Agosto, sem que conste aí qualquer alusão ao ano passamento<sup>5256</sup>. É provável que exista algum grau de parentesco entre este cónego e João Geraldês.

**Martim Anes/Martinho Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “donus Martinus Johannis canonicus Ecclesiole” a 30 de Maio mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5257</sup>.

**Martim Anes II/Martinho Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra menciona o falecimento de “Martinus Johannis presbiter canonicus Ecclesiole” a 13 de Janeiro mas sem qualquer referência ao ano do passamento<sup>5258</sup>. Na linha do método que vimos seguindo diferenciámos este Martim Anes do anterior com base na indicação de que este era presbítero.

**Martim Esteves/Martinho Esteves** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Domnus Martinus Stephani canonicus Ecclesiole” a 2 de Março, sem referenciar o ano do óbito<sup>5259</sup>. Já num obituário de S. Vicente de Fora o falecimento de “Martinus Stephani canonicus Ecclesiole” é anotado a 4 de Março, mas também sem qualquer indicação do ano do passamento<sup>5260</sup>. É provável que este Martim Esteves seja o mesmo que em Janeiro de 1300 foi confirmado como reitor da igreja de Santa Marinha de Cortegaça, onde se manteve, pelo menos, até 1315<sup>5261</sup>, mas essa é apenas uma possibilidade, é que por um lado não temos a certeza de que este reitor fosse cónego de Grijó e mesmo a sê-lo, não podemos, obviamente, asseverar que se trate do mesmo indivíduo.

**Martim Pais** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Martinus Pelagii canonicus Ecclesiole” a 15 de Outubro mas sem referência ao ano do óbito<sup>5262</sup>.

---

<sup>5254</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.35vº.

<sup>5255</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.51.

<sup>5256</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.30.

<sup>5257</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.98.

<sup>5258</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.33vº.

<sup>5259</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.39vº.

<sup>5260</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, pp.56-57.

<sup>5261</sup> Oliveira, Padre Miguel de, “Cortegaça e a “Ribeirinha” in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, Vol.IX, Nº36, 1943, p.270.

<sup>5262</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.157.

**Paio Anes** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Pelagius Johannis canonicus Ecclesiole” a 25 de Abril mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5263</sup>.

**Paio Anes II** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra indica o falecimento de “Plagius Johannis”, presbítero e cónego de Grijó, a 25 de Março sem mencionar o ano em que ocorreu a morte<sup>5264</sup>. Optámos por considerar este Paio Anes como sendo um outro religioso, porque aquele que já aparece anteriormente surge apenas referido como cónego enquanto neste caso estava também habilitado com ordens de missa.

**Pedro Peres II** – Cónego do mosteiro de Grijó e seu provável prior mor. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Petrus Petri presbiter canonicus Ecclesiole” a 1 de Outubro mas sem qualquer indicação ao ano do passamento<sup>5265</sup>. Tendo em consideração que o registo que vem imediatamente a seguir nesse Obituário está datado de 1338, e partindo do princípio que os assentos seguem a ordem cronológica, o que como se sabe nem sempre acontece, é possível balizar o termo máximo da sua vida por essa data. Não será de excluir a hipótese de se tratar do cónego designado Pedro Peres que já é detectável no mosteiro em 1296<sup>5266</sup>, mas ao considerá-lo como sendo o religioso que mais tarde atinge o priorado da instituição inviabilizámos essa possibilidade porque sendo o prior o assento não o referiria como cónego. De qualquer modo parece inegável terem coexistido dois indivíduos com o mesmo nome no mosteiro de Grijó, num período que se poderá restringir com bastante segurança à primeira metade de trezentos e que poderá, inclusivamente encurtar-se sem grande margem de erro para o primeiro quartel do séc. XIV.

**Pedro Martins** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Grijó. Um obituário de S. Jorge de Coimbra regista o falecimento de “Petrus Martini canonicus de Ecclesiole” a 24 de Fevereiro mas sem qualquer referência ao ano<sup>5267</sup>. Apesar de já termos identificado um cónego de Grijó com este mesmo nome parece-nos pouco provável que estejamos perante o mesmo religioso uma vez que esse é detectado em 1464<sup>5268</sup>, enquanto que este Pedro Martins face à posição em que surge no assento do Obituário não deverá ser posterior à primeira metade do séc. XIV, de resto um outro indicador cronológico para o balizarmos é o do próprio registo que o antecede uma vez que se encontra datado de 1282<sup>5269</sup>. Apesar desses indícios em contrário, não se pode excluir a hipótese de estarmos perante o cónego referenciado no séc. XV.

**Roberto ---- de Vale** – Cónego do mosteiro de Grijó. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Robertus ...us de Vale canonici Ecclesiole” a 24 de Maio mas sem qualquer indicação ao respectivo ano<sup>5270</sup>.

---

<sup>5263</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.68.

<sup>5264</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.11.

<sup>5265</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.149.

<sup>5266</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, pp. 303-304, 637.

<sup>5267</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38vº.

<sup>5268</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 21, fl.30v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.421.

<sup>5269</sup> BPMP – Santa Cruz de Coimbra, Ms.81, fl.38vº.

<sup>5270</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.96.

### **2.3.5. - São Salvador de Lordelo (c. Paredes)**

**Estêvão Fernandes** – Provável cónego do mosteiro de Lordelo. A 2 Julho de 1299 “Stevam Fernandez clerigo de Loordello” encontra-se entre as testemunhas de um instrumento efectuado no mosteiro de S. Pedro de Roriz<sup>5271</sup>.

**Pedro Gomes** – Cónego do mosteiro de Lordelo. Recebe em Coimbra, em 1476, as ordens de presbítero<sup>5272</sup>.

### **2.3.6. - S. Salvador de Moreira da Maia (c. Maia)**

**Gil Domingues** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge a 5 de Julho de 1298 a testemunhar a composição feita entre o bispo do Porto e o mosteiro de Moreira sobre as igrejas de S. Félix da Marinha e de Retorta<sup>5273</sup>. É provável que permaneça na instituição no início do séc. XIV mas não lhe conhecemos qualquer outra referência.

**Domingos Mendes** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. “Dominicus Menendi” testemunha a 5 de Julho de 1298 a composição feita entre o bispo do Porto e o mosteiro de Moreira sobre as igrejas de S. Félix da Marinha e de Retorta<sup>5274</sup>. É de admitir que este cónego regular se encontre entre a comunidade maiata no início de trezentos mas não dispomos de elementos que o confirmem.

**Martim Geraldês** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge referenciado como frade de Moreira a 17 de Maio de 1302<sup>5275</sup>. A 28 de Janeiro de 1304 é confirmado como reitor da igreja de São Mamede de Perafita por Martim Soares, cónego da Sé do Porto e vigário geral do bispo do Porto<sup>5276</sup>.

**Martim Domingues de Bougado (?)** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge referenciado como “frade de Moreyra” a 18 de Março de 1309<sup>5277</sup>. É muito provavelmente o mesmo “Martim Dominguez” que surge identificado a 6 de Maio de 1321 como pitanceiro da pitação de Santa Maria<sup>5278</sup> e a 8 de Janeiro de 1322, como chaveiro do mosteiro<sup>5279</sup>. A 21 de Maio de 1328 aparecem João Martins e “Martinus Dominici canonici dicti monasterii” em representação do prior crasteiro e do convento, envolvidos no processo da eleição de Martim de Bem para prior de Moreira<sup>5280</sup>.

**Domingos Domingues Gontão** – Provável cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A primeira indicação que lhe conhecemos data de 18 de Março de 1309, dia em que testemunha um instrumento celebrado no mosteiro de Moreira, sendo

---

<sup>5271</sup> IAN/TT- Mosteiro de S. Miguel de Vilarinho, M.2, Doc.39; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.162 (doc.34).

<sup>5272</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>5273</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.76.

<sup>5274</sup> *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, p.76.

<sup>5275</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.1.

<sup>5276</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.2.

<sup>5277</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.4.

<sup>5278</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.21.

<sup>5279</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.21.

<sup>5280</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.29.

aí identificado como “Domingos Dominguez dicto Gontom clerigo desse logar”<sup>5281</sup>. A 8 de Janeiro de 1322, Domingos Domingues de Gontão é referenciado como clérigo do prior<sup>5282</sup>. A 21 de Maio de 1345 o prior do mosteiro, D. Martim Geraldês, e o convento de Moreira constituem como seus procuradores especiais os cônegos Domingos Domingues Gontão e João Martins para que possam efectuar um escambo com o mosteiro de Leça do Balio<sup>5283</sup>.

**Pedro Santos** - Cônego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A 24 de Agosto de 1310 “Pero dos Sanctos coonigo” de Moreira aparece como testemunha num instrumento feito em Azurara<sup>5284</sup>. É certamente o mesmo Pedro dos Santos que surge, a 19 de Dezembro de 1319, como procurador do mosteiro de Moreira numa contenda contra Aparício Anes, mordomo de Azurara e Pindelo, que acusava o prior, os frades e os ovençais do mosteiro de comprarem peixe em Pindelo e Azurara e não pagarem a respectiva portagem do pescado e que foi julgada por Lourenço Anes, juiz da Maia<sup>5285</sup>. A 27 de Março de 1327 Pedro dos Santos aparece identificado como abade da igreja de Vila Nova, empossando Domingos Martins Carvalhido, frade de Moreira e provedor da pitação de Santa Maria, na herdade de Cabanelas que foi doada ao mosteiro pelo frade Silvestre Anes<sup>5286</sup>. A 27 de Outubro de 1330 testemunha um instrumento lavrado no mosteiro de Moreira da Maia sendo aí referido como abade de Vila Nova<sup>5287</sup>.

**Salvador Geraldês de Refonteira** - Frade do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge-nos pela primeira vez identificado como frade de Moreira a 28 de Junho de 1333 surgindo como testemunha do instrumento de renúncia que Afonso Martins de Fornelos e sua mulher, Teresa Gonçalves, fizeram a favor do mosteiro, dos direitos de padroado que detinham no mosteiro de Moreira<sup>5288</sup>. De qualquer forma há uma referência anterior na documentação do Cartório de Moreira a Salvador Geraldês de Refonteira, aparecendo citado entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro, embora sem qualquer outra especificação, a 15 de Outubro de 1327<sup>5289</sup>.

**Lourenço Fernandes** - Cônego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge referenciado como cônego de Moreira a 13 de Outubro de 1312<sup>5290</sup>.

**Martim Peres** - Cônego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia e prior claustral. Aparece identificado como cônego de Moreira a 13 de Outubro de 1312<sup>5291</sup>. A 22 de Janeiro de 1323 Martim Peres surge identificado como “priol crasteiro de Moreira” dia em que recebeu, em nome do mosteiro de Moreira, de Gonçalo Martins Espiunca de Freixieiro, em seu nome e no de Maria Anes, sua mulher, a arroteia de

---

<sup>5281</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.4.

<sup>5282</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.21.

<sup>5283</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.2.

<sup>5284</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.8.

<sup>5285</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.19.

<sup>5286</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.27.

<sup>5287</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.30.

<sup>5288</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.33.

<sup>5289</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.11.

<sup>5290</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.11.

<sup>5291</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.11.

Belmonte<sup>5292</sup>. A 14 de Dezembro de 1325 Martim Peres surge novamente referenciado como prior crasteiro de Moreira<sup>5293</sup>.

**Domingos Martins Carvalhido** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia e prior claustral. A primeira referencia que lhe conhecemos data de 8 de Janeiro de 1322, dia em que o prior Martim Peres doou ao convento de Moreira um casal que tinha em Vilarinho de Jusão, freguesia de S. Pedro de Avioso, surgindo Domingos Martins “dicto Carvalhido”, identificado como clérigo do prior<sup>5294</sup>. A 21 de Janeiro de 1327 “Domingos Martiinz ovençaal dos frades do dicto moesteyro” solicita a Martim Peres, prior do mosteiro, que lhes entregue os direitos que tinham, por testamento de Fernão Rodrigues Babilão, no casal de Arões, Vila Verde, onde morava Pedro Casado<sup>5295</sup>. A 27 de Março de 1327 Domingos Martins Carvalhido surge identificado como frade de Moreira e provedor da pitaça de Santa Maria, recebendo, nesse dia, para essa ovença a herdade de Cabanelas que foi doada ao mosteiro pelo frade Silvestre Anes<sup>5296</sup>. A 28 de Junho de 1333 testemunha a renúncia que Afonso Martins de Fornelos e sua mulher, Teresa Gonçalves, fizeram a favor do mosteiro, dos direitos de padroado que aí detinham<sup>5297</sup>. No dia 26 de Abril de 1351 Domingos Martins, cónego de Moreira, encontrava-se em Gaia, onde acompanhou Bento Pires, procurador do mosteiro surgindo entre as testemunhas de dois instrumentos aí lavrados, um à porta da igreja de Santa Marinha e outro à porta da casa do concelho, pelos quais os escudeiros Gonçalo Martins e Diogo Gil abdicavam de todos os direitos patronais que detinham no mosteiro de Moreira<sup>5298</sup>. A 8 de Agosto de 1351 Domingos Martins Carvalhido surge referenciado como prior crasteiro do mosteiro<sup>5299</sup>, sendo identificado nessas mesmas funções num emprazamento feito em Moreira da Maia a 12 de Novembro de 1351<sup>5300</sup>. No dia 27 de Dezembro de 1351 “Beento Perez e Domingos Martinz Carvalhido coonigos de Moreira” tomam posse, em nome do mosteiro, de meio casal em Parada, freguesia de São Martinho de Guilhabreu<sup>5301</sup>. A 8 de Agosto Domingos Martins Carvalhido, mais uma vez identificado como prior claustral do mosteiro, encontrava-se em Nogueira onde é lavrado um instrumento de renúncia do escudeiro Rui Peres do Avelar a todos os direitos que possuía no mosteiro de Moreira<sup>5302</sup>. No ano seguinte, a 22 de Julho, aparece em Parada, freguesia de S. Martinho de Guilhabreu onde é testemunha num instrumento similar ao anterior, pelo qual Teresa Peres cede a S. Salvador de Moreira da Maia todos os direitos que aí detinha<sup>5303</sup>. A 25 de Outubro de 1353 desloca-se a Gaia, onde é feita, na igreja de Santa Marinha, a carta de renúncia de Paio Bugalho aos direitos de natural e padroeiro do mosteiro de Moreira, aparecendo aí designado como “Domingos Martinz priol que se dizia do dicto moesteyro”<sup>5304</sup>, situação e intitulação que não são muito comuns quando se trata do prior claustral mas que aqui surge embora estejamos perante o prior crasteiro.

---

<sup>5292</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.22.

<sup>5293</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.25.

<sup>5294</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.21.

<sup>5295</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.16A-2.

<sup>5296</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.27.

<sup>5297</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.33.

<sup>5298</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Docs.15; 16-A.

<sup>5299</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.17.

<sup>5300</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.18.

<sup>5301</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.20.

<sup>5302</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.25.

<sup>5303</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.26.

<sup>5304</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.28.

**Silvestre Anes** – Frade converso do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A 27 de Março de 1327 “Silvestre Johanes frade confesso de Moreira” fez doação ao prior e frades do mosteiro da herdade de Cabanelas (fr. de S. Salvador de Lavra) e seu termo, pela sua alma e pela de Domingas Silvestre, que foi sua mulher, com a condição de manter o usufruto e as rendas enquanto fosse vivo<sup>5305</sup>.

**João Martins** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, prior claustral e futuro prior. A 21 de Maio de 1328 João Martins, juntamente com Martinho Domingues, ambos cónegos do mosteiro, e em representação do prior crasteiro e do convento, intercedem junto do prior Martim de Bem para que ele aceite a eleição para o priorado<sup>5306</sup>. É provável que este cónego seja o mesmo João Martins que surge mencionado a 14 de Dezembro de 1325, como raçoeiro do mosteiro<sup>5307</sup>. Em 1335, “Johan Martinz coonigo Reglante do dicto Monsteiro seu procurador”<sup>5308</sup>, aparece a representar o mosteiro no processo referente à inquirição de D. Afonso IV sobre as jurisdições no couto de Moreira e da qual resultou, por sentença de 13 de Novembro de 1335, a sua perda total<sup>5309</sup>. A 4 de Julho de 1337<sup>5310</sup> é novamente referenciado como procurador do mosteiro tal como em 21 de Maio de 1345<sup>5311</sup>, desta feita juntamente com Domingos Domingues Gontão. Em 25 de Janeiro de 1342 “Joham Martins coonigo de Moreira” testemunha a doação que o cavaleiro Estêvão Rodrigues de Chantada e a sua mulher, Sancha Anes, fizeram ao mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>5312</sup>. A 28 de Novembro de 1345 aparece-nos “Joham Martinz priol crasteiro do moesteiro de Moreira”, na qualidade de procurador do mosteiro a receber o casal de Igarei<sup>5313</sup>. A 11 de Setembro de 1347 João Martins já surge como prior mor de Moreira<sup>5314</sup>, corolário lógico do seu percurso ascendente a nível da comunidade monástica.

**Francisco Martins** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Francisco Martins surge identificado como cónego do mosteiro de Moreira e seu procurador a 3 de Novembro de 1340, dia em que se desloca a Freixieiro (fr. de S. Mamede de Perafita), para tomar posse de um casal que tinha sido doado ao mosteiro por Fernão Anes Bocado e que o seu testamenteiro, Fernão Martins Bocado, se recusava a entregar, chegando a contenda ao arcebispo de Braga, que pronunciou sentença favorável ao mosteiro<sup>5315</sup>. A 8 de Janeiro de 1345 surge novamente referenciado como frade da canónica regrante de Moreira da Maia<sup>5316</sup>.

**Afonso Martins** - Frade do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Um instrumento lavrado a 8 de Janeiro de 1345 identifica-o como frade do mosteiro de Moreira<sup>5317</sup>.

---

<sup>5305</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.27.

<sup>5306</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.29.

<sup>5307</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.25.

<sup>5308</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. III, Lisboa, INIC, 1992, p.98.

<sup>5309</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. III, Lisboa, INIC, 1992, p.98.

<sup>5310</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.38.

<sup>5311</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.2.

<sup>5312</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Primeiro, fl. 80-81vº.

<sup>5313</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.3.

<sup>5314</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.23. Também Mártires, Frei Timóteo dos, *Crónica de Santa Cruz*, Tomo III, p.25, regista a sua memória no ano de 1347.

<sup>5315</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.40.

<sup>5316</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.1.

<sup>5317</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.1.

**Martim de Arões** – Provável frade do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge a testemunhar um instrumento lavrado junto à porta do mosteiro de Moreira no dia 8 de Janeiro de 1345 sendo aí identificado como frade<sup>5318</sup> embora sem a referência à casa monástica, mas pelo local onde foi feito o documento e tendo em conta que surge entre as testemunhas logo a seguir ao prior do mosteiro de Moreira tudo indica tratar-se de um religioso dessa instituição.

**Martim Domingues** - Frade do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge referenciado como frade a 21 de Maio de 1345, surgindo entre as testemunhas que integram um instrumento de procuração feito pelo prior do mosteiro, D. Martim Geraldês, aos cônegos Domingos Domingues Gontão e João Martins para que possam efectuar um escambo com o mosteiro de Leça do Balio<sup>5319</sup>. Não é de excluir que se trate do cônego Martim Domingues que surge documentado entre a comunidade regante de Moreira da Maia na década de vinte.

**Domingos Anes** - Cônego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia e seu prior claustral e futuro prior-mor. Deveria ser cônego do mosteiro de Moreira, no entanto a primeira referência que lhe conhecemos entre a comunidade maiata identifica-o como prior claustral. Trata-se de um empraçamento feito, a 2 de Julho de 1348, por João Martins prior mor de Moreira, “Domingu’Eanes priol crasteiro” e o restante convento, a Lourenço Francisco e a sua mulher Margarida Domingues, moradores em Freixieiro, do casal do Mido (fr. de S. Mamede de Perafita)<sup>5320</sup>. Poderá ser o “Domingos Iohanes” que surge como procurador do mosteiro de Moreira por volta de 1335, na inquirição de D. Afonso IV sobre as jurisdições do mosteiro no seu couto<sup>5321</sup>, mas aí é apenas identificado como procurador. A 17 de Setembro de 1349 Domingos Anes já é mencionado como prior mor de S. Salvador de Moreira da Maia<sup>5322</sup>.

**Domingos Cibrães** - Cônego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia e futuro prior. A 12 de Junho de 1350 “Domingos Cibraes conigo de Moreira” testemunha um acordo feito entre o abade de Vila Nova e Martim Abril respeitante a cedência de águas<sup>5323</sup>. A 7 de Setembro de 1356 é confirmado como reitor de Vila Nova “Dominicum Cipriani canonicum dicti monasterii e expresse proffessi”<sup>5324</sup>. É muito provavelmente o mesmo indivíduo que surge no final da década de oitenta como prior de Moreira, no entanto o hiato documental de mais de trinta anos entre estas datas levamos forçosamente a admitir a possibilidade de estarmos perante um homónimo, o que neste caso e tendo em conta que não se trata de um sobrenome muito frequente, parece-nos pouco provável.

**Bento Pires** - Cônego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. No dia 26 de Abril de 1351 Bento Pires surge como procurador do mosteiro encontrando-se na vila de Gaia, onde são lavrados dois instrumento de renúncia, pelos quais os escudeiros Gonçalo Martins e Diogo Gil abdicavam de todos os direitos patronais que detinham no

---

<sup>5318</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.1.

<sup>5319</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.2.

<sup>5320</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.5.

<sup>5321</sup> *Chancelarias Portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. III, Lisboa, INIC, 1992, p.97.

<sup>5322</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.9.

<sup>5323</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.10.

<sup>5324</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 10, Doc.17.

mosteiro de Moreira<sup>5325</sup>. A 27 de Dezembro de 1351 surge identificado como cónego de Moreira, dia em que juntamente com o cónego Domingos Martins Carvalhido, tomam posse para o mosteiro de meio casal em Parada, freguesia de São Martinho de Guilhabreu<sup>5326</sup>. A 5 de Outubro de 1360 o prior passa-lhe uma carta de procuração para tratar de negócios do mosteiro, procuração extensível a mais quatro cónegos da comunidade<sup>5327</sup>.

**João Domingues** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A 25 de Outubro de 1353 surge-nos pela primeira vez a referência a “Joham Dominguez coonigo do dicto moesteiro” dia em que acompanhou o prior claustral, Domingos Martins Carvalhido, a Gaia, aparecendo aí a testemunhar a carta que Paio Bugalho fez a renunciar aos direitos de natural e padroeiro que tinha no mosteiro de Moreira<sup>5328</sup>. A 12 de Abril de 1354 João Domingues, surge identificado como cónego e procurador do mosteiro, estabelecendo nesta última qualidade um acordo com Domingos Peres de Avioso, juiz da Maia, com quem o mosteiro estava em contenda por causa de uma quarta de trigo que o prior e o convento deviam ter, anualmente, para pitação de Santa Maria, de uma herdade que tinha sido de Nicolau de Vilar de Souto<sup>5329</sup>. A 5 de Outubro de 1360 Domingos Anes, prior do mosteiro de Moreira constitui João Domingues e mais quatro cónegos do mosteiro como legítimos procuradores da instituição para poderem tratar de assuntos relacionados com os bens do mosteiro<sup>5330</sup>. “Joham Dominguez conigoo do dicto moesteiro” aparece justamente como procurador de Moreira no dia 9 de Maio de 1361, deslocando-se a Gaia, na companhia de Afonso Domingues e Leonardo Fernandes, dois homens seus, para receber de Vasco Peres de Ferreira o documento de renúncia a todos os direitos que este detinha no mosteiro maiato<sup>5331</sup>.

**João Domingues de Vilar** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A primeira referência que conhecemos a “Joham Villar coonigo do Moesteiro de Moreira” data de 29 de Novembro de 1355, dia em que este religioso surge entre as testemunhas de uma procuração feita no vizinho mosteiro de S. Simão da Junqueira<sup>5332</sup>. No dia 12 de Julho de 1359 “Joham de Vilar coonigo e procurador do prior e convento” do mosteiro de Moreira, recebe, em nome da instituição, a renúncia e doação do escudeiro Rui Martins de todos os direitos que este aí possuía<sup>5333</sup>. Este mesmo cónego aparece também referenciado como “Joham Dominguez dicto Vylar”<sup>5334</sup>, certamente uma forma eficaz de o diferenciar do seu homónimo João Domingues que parece ser mais antigo na comunidade. É sob essa designação que aparece, a 1 de Abril de 1361, novamente no exercício de procurador do mosteiro, comparecendo perante o juiz da Maia por causa de uma contenda que existia entre o mosteiro e Vicente Neto de Cabanelas, respeitante a trigo que este devia à pitação de Santa Maria<sup>5335</sup>. Instrumentos de 10 de Julho de 1372 e

---

<sup>5325</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Docs.15; 16-A.

<sup>5326</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.20.

<sup>5327</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.2.

<sup>5328</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.28.

<sup>5329</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.31-B.

<sup>5330</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.2.

<sup>5331</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.5.

<sup>5332</sup> IAN/TT - Tombo do Real Mosteiro de São Simão da Junqueira, Livro Quinto, fl.124-125.

<sup>5333</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.40.

<sup>5334</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.2.

<sup>5335</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.21.



30 de Novembro de 1373<sup>5336</sup> revelam-nos que João de Vilar continuava a fazer parte da comunidade regrante de Moreira da Maia<sup>5337</sup>. A 10 de Abril de 1378 surge entre as testemunhas do instrumento de reconhecimento e validação do testamento de Domingos Vilar de Avioso<sup>5338</sup>. A última referência que temos a “Joham Vilar coonigo de Moreira” dista temporalmente desta última uns escassos três dias, surgindo entre as testemunhas que integram o testamento de Estêvão Mateus de Refonteira, lavrado a 13 de Abril de 1378<sup>5339</sup>.

**Domingos Domingues** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Integrava a comunidade regrante de S. Salvador de Moreira a 5 de Outubro de 1360, dia em que, juntamente com outros cónegos, é constituído procurador da instituição<sup>5340</sup>.

**Vasco Anes** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A primeira indicação que lhe conhecemos data de 5 de Outubro de 1360, dia em que o prior de Moreira, D. Domingos Anes, o institui como procurador do mosteiro<sup>5341</sup>. A 13 de Novembro de 1368 encontra-se no Porto em representação do seu cenóbio, recebendo sentença favorável do juiz do Porto numa contenda que opunha os regrantes de Moreira a Gonçalo Martins, homem do escudeiro Vasco Gil, que se apoderara de bens do mosteiro em nome dos seus padroeiros<sup>5342</sup>. A 29 de Dezembro de 1382 o cónego Vasco Anes surge entre as testemunhas de um emprazamento feito em S. Salvador de Moreira da Maia<sup>5343</sup>. A 17 de Novembro de 1391 Vasco Anes, juntamente com os cónegos João Anes e Pedro Domingues escambam com o prior Domingos Cibrães o casal da Carvalhã, na aldeia da Póvoa, freguesia de Santa Marinha de Vilar de Porcos, pelo casal do Outeiro, em Gemunde<sup>5344</sup>. A 13 de Fevereiro de 1392 o prior de Moreira, Domingos Cibrães, juntamente com o convento, emprazaram ao cónego Vasco Anes a vinha do convento<sup>5345</sup>. A última referência que temos a Vasco Anes é de 2 de Julho de 1393, dia em que surge como testemunha num emprazamento efectuado no mosteiro de Moreira<sup>5346</sup>.

**João de Bouças** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. “Joham de Bouças coonigo regrante do dicto moesteiro” já se encontrava entre a comunidade maiata a 20 de Fevereiro de 1371, dia em que o prior da instituição, Domingos Anes, constitui seus procuradores João Lourenço do Feal e João Lourenço<sup>5347</sup>. A 30 de Novembro de 1373 este cónego surge a testemunhar um emprazamento efectuado no mosteiro<sup>5348</sup>. A 5 de Maio de 1380 o prior e o convento de Moreira exigem a João de Bouças, abade de Mindelo e cónego do mosteiro, o pagamento das rendas referentes à vinha do convento que lhe tinha sido emprazada, sob pena de não lhe revogarem o contrato<sup>5349</sup>.

---

<sup>5336</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.11.

<sup>5337</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.10.

<sup>5338</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.14.

<sup>5339</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.20.

<sup>5340</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.2.

<sup>5341</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.2.

<sup>5342</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.8.

<sup>5343</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.23.

<sup>5344</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.32.

<sup>5345</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.31.

<sup>5346</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.33.

<sup>5347</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.9.

<sup>5348</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.11.

<sup>5349</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 9-A, Maço 5, nº 232.

**Pedro Domingues** – Cónego do mosteiro de Moreira da Maia. Surge-nos pela primeira vez referenciado entre as testemunhas de uma procuração feita no mosteiro de Moreira da Maia a 20 de Fevereiro de 1371, e pela qual o prior, Domingos Anes, constituiu seus procuradores João Lourenço do Feal e João Lourenço<sup>5350</sup>. É provável que se trate do mesmo Pedro Domingues que aparece indicado como “mancebo do dicto moesteiro”, num instrumento lavrado no cenóbio maiato a 12 de Novembro de 1351<sup>5351</sup>.

A 10 de Julho de 1372 “Pero Dominguez” surge novamente identificado como cónego do mosteiro<sup>5352</sup>, o mesmo sucedendo em instrumentos de 30 de Novembro de 1373<sup>5353</sup>, 29 de Dezembro de 1382<sup>5354</sup>, 25 de Abril de 1391<sup>5355</sup>, 17 de Novembro de 1392<sup>5356</sup>, 2 de Julho de 1393<sup>5357</sup>, 24 de Janeiro de 1403<sup>5358</sup> e 21 de Março de 1403<sup>5359</sup>. A 25 de Fevereiro de 1408 o cónego Pedro Domingues ainda se mantinha entre a comunidade regrante de S. Salvador de Moreira da Maia<sup>5360</sup>, e mesmo sendo esta a última referência documental que lhe conhecemos é provável que tenha entrado na sua quinta década como religioso desta casa monástica.

**João Anes / João Delgado / João Anes Delgado** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. Nas últimas três décadas do século XIV aparece-nos entre a documentação de Moreira da Maia várias referências ao(s) cónego(s) João Anes e João Delgado. Assim a 20 de Fevereiro de 1371 João Anes já surge identificado como cónego do mosteiro de Moreira<sup>5361</sup>. A 10 de Julho de 1372 “Joann’Eannes” aparece novamente referenciado como cónego do mosteiro<sup>5362</sup>. A 26 de Junho de 1380 o prior de Moreira, Domingos Anes, e o convento, emprazam a pitaça de Santa Maria, tal como todos os poderes necessários para a demandar e obter, ao cónego João Anes, que lhes tinha de dar de renda e pensão, anualmente, 20 libras em dinheiros portugueses<sup>5363</sup>. João Anes vai usar estes poderes de forma reiterada e enérgica, empenhando-se tenazmente no seu cargo de pitanceiro de Moreira, quer a receber doações para a pitaça de Santa Maria<sup>5364</sup>, quer a pedir traslados de testamentos<sup>5365</sup> e doações<sup>5366</sup> e a solicitar a sua respectiva validação, ou envolvido em contendas com os incumpridores<sup>5367</sup>, mormente testamenteiros<sup>5368</sup>, chegando inclusivamente a querelar-se com o próprio mosteiro<sup>5369</sup>. Em instrumentos de 23 de Fevereiro de 1385<sup>5370</sup>, 5 de Setembro de

<sup>5350</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.9.

<sup>5351</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 11, Doc.18.

<sup>5352</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.10.

<sup>5353</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.11.

<sup>5354</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.23.

<sup>5355</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.30.

<sup>5356</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.32.

<sup>5357</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.33.

<sup>5358</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.3.

<sup>5359</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2.

<sup>5360</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2A.

<sup>5361</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.9.

<sup>5362</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.10.

<sup>5363</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.18.

<sup>5364</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.29.

<sup>5365</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.20.

<sup>5366</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.21.

<sup>5367</sup> Neste particular, destaque para os filhos de Vicente Neto (cf. IAN/TT- Convento de S. Salvador de Moreira da Maia, M. 12, Docs.24, 26).

<sup>5368</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Docs.23,27.

<sup>5369</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.28.

<sup>5370</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.24.

1388<sup>5371</sup>, 17 de Julho de 1390, João Anes aparece identificado como pitanceiro da pitaça de Santa Maria<sup>5372</sup> enquanto que em documentos de 27 de Março de 1382<sup>5373</sup>, 24 de Novembro de 1382<sup>5374</sup>, 8 de Abril de 1386<sup>5375</sup>, 25 de Abril de 1391<sup>5376</sup>, 20 de Fevereiro de 1392<sup>5377</sup> e 17 de Novembro de 1392<sup>5378</sup> João Anes é simplesmente identificado como cónego de Moreira.

Por sua vez aparecem-nos referências a 30 de Novembro de 1373 ao cónego João Delgado que surge a testemunhar um emprazamento efectuado no mosteiro<sup>5379</sup>. “Joham Delgado cooniigo” encontra-se novamente mencionado entre as testemunhas de um emprazamento lavrado no cenóbio maiato a 28 de Dezembro de 1379<sup>5380</sup>, surgindo identificado dessa mesma forma no legado que Afonso da Lagea faz ao mosteiro de Moreira a 12 de Julho de 1380<sup>5381</sup>. A 13 de Fevereiro de 1389 “Joham Delgado coonigo do moesteiro de Moreira” empraça a Salvador Gonçalves e a sua mulher Maria Afonso, moradores em Avioso, um casal em Cabanelas, freguesia de São Salvador de Lavra<sup>5382</sup>. A 2 de Julho de 1393 João Delgado é novamente referenciado como cónego de Moreira<sup>5383</sup>. Inicialmente tudo indiciava estarmos perante dois indivíduos diferentes, no entanto o facto de nunca os detectarmos em simultâneo na documentação levantou-nos algumas dúvidas, que parecem definitivamente solucionadas por um documento datado de 15 de Junho de 1389, dia em que Afonso Martins, deão e vigário geral do bispo do Porto dá sentença sobre uma contenda que opunha “Johann’ Eanes Delgado coonigo regrante do moesteiro de Sam Salvador de Moreira da Ordem de Sancto Agostinho terra da Maya do dicto bispado do Porto come pitanceiro da pitaça de Sancta Maria do dicto moesteiro” ao prior e convento de Moreira<sup>5384</sup>. Portanto João Anes e João Delgado são apenas um só: João Anes Delgado. A partir de 1393 não voltamos a encontrar qualquer referência a João Delgado, aparecendo apenas a indicação ao cónego João Anes que ainda se encontrava entre a comunidade monástica de Moreira da Maia a 24 de Janeiro de 1403<sup>5385</sup>, a 21 de Março de 1403<sup>5386</sup> e a 25 de Fevereiro de 1408, dia em que surge, em conjunto com o seu prior e o restante convento, a celebrar um contrato de emprazamento no mosteiro de Moreira com Afonso Gonçalves do Paço de Lagielas, respeitante ao casal do lugar do Paço, na freguesia de Aveleda<sup>5387</sup>.

**Martim Martins** – Provável frade converso de S. Salvador de Moreira da Maia. Surge identificado como frade leigo entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro de Moreira a 14 de Outubro de 1375<sup>5388</sup>.

---

<sup>5371</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.26.

<sup>5372</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.29.

<sup>5373</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.20.

<sup>5374</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.21.

<sup>5375</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.25.

<sup>5376</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.30.

<sup>5377</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.31.

<sup>5378</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.32.

<sup>5379</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.11.

<sup>5380</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.16.

<sup>5381</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.17.

<sup>5382</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.27.

<sup>5383</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.33.

<sup>5384</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.28.

<sup>5385</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.3.

<sup>5386</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2.

<sup>5387</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2A.

<sup>5388</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.12.

**Leonardo Martins** - Cónego do mosteiro de Moreira. Surge mencionado como cónego de Moreira a 29 de Dezembro de 1382, dia em que testemunha um emprazamento, em três vidas, feito no mosteiro e referente ao casal de Gontão<sup>5389</sup>. Apesar de escassamente documentado sabemos que “Leonardi Martini canonici regularis et professi monasterii Sancti Salvatoris de Moreira” foi abade de Santa Maria de Vila Nova<sup>5390</sup>, provavelmente ao longo da última década do século XIV. O seu falecimento ocorreu, muito provavelmente, no início do mês de Setembro de 1400, uma vez que a 15 de Setembro desse ano Gil Pires é confirmado como novo pároco dessa igreja, entretanto vaga pelo falecimento de Leonardo Martins<sup>5391</sup>.

**Gil Pires** - Cónego do mosteiro de Moreira. A primeira referência que lhe conhecemos remonta a 15 de Setembro de 1400, dia em que o bispo do Porto, D. Gil Alma (1398-1407), confirmou “Egidii Petri canonicum et expresse possessum dicti monasterii de Moreira” para abade da igreja de Santa Maria de Vila Nova<sup>5392</sup>. A 24 de Janeiro de 1403 ainda exercia funções paroquiais nesta igreja, surgindo “Gil Periz abade de Vila Nova” entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento efectuado nesse dia no mosteiro de Moreira<sup>5393</sup>.

**Estêvão Domingues** – Cónego de S. Salvador de Moreira. O cónego Estêvão Domingues já integrava a comunidade monástica de Moreira da Maia a 24 de Janeiro de 1403<sup>5394</sup>. Um instrumento de 21 de Março de 1403 volta a confirmar-nos a presença de “Stevam Dominguz” entre os regrantes da canónica maiata<sup>5395</sup>. A 25 de Fevereiro de 1408 é novamente referenciado como cónego do mosteiro de Moreira da Maia, dia em que foi aí efectuado um emprazamento a Afonso Gonçalves do Paço de Lagielas, à sua esposa e a um seu filho, a nomear posteriormente<sup>5396</sup>.

**Álvaro Martins** - Cónego do mosteiro de Moreira. A 25 de Fevereiro de 1408 já era cónego regrante de S. Salvador de Moreira da Maia<sup>5397</sup>. Surge novamente identificado como cónego de Moreira em documento de 18 de Outubro de 1434, referente a um emprazamento, lavrado no mosteiro, onde surge arrolado como testemunha<sup>5398</sup>.

**João Pais** – Cónego do mosteiro de Moreira da Maia. Recebe em Coimbra, em 1419, com a respectiva autorização de D. Fernando, prior de São Salvador de Moreira da Maia, a ordem de diácono<sup>5399</sup>.

**Afonso Gonçalves** - Cónego do mosteiro de Moreira. A 18 de Outubro de 1434 o cónego Afonso Gonçalves testemunhou um emprazamento feito no mosteiro de Moreira<sup>5400</sup>. Existe uma referência a um “Afonso frade leigo” que testemunhou um

---

<sup>5389</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.23.

<sup>5390</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.35.

<sup>5391</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.35.

<sup>5392</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 12, Doc.35.

<sup>5393</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.1.

<sup>5394</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M. 13, Doc.3.

<sup>5395</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2.

<sup>5396</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2A.

<sup>5397</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2A.

<sup>5398</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.8.

<sup>5399</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.210.

<sup>5400</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.8.

empresamento efectuado no mosteiro de Moreira, no dia 21 de Março de 1403<sup>5401</sup>. Será o mesmo indivíduo que entretanto terá professado?

**Pedro Rodrigues** - Cónego do mosteiro de Moreira. A 4 de Março de 1447 recebe ordens de Epístola, em Braga<sup>5402</sup>. No dia 25 de Março de 1447 encontra-se novamente na cidade bracarense, onde lhe são conferidas ordens de Evangelho<sup>5403</sup> e a 8 de Abril de 1447 são-lhe concedidas ordens de Missa, novamente em Braga<sup>5404</sup>. No dia 2 de Outubro de 1448 encontrava-se no mosteiro de Moreira onde surge entre as testemunhas de um empresamento efectuado no claustro do cenóbio maiato<sup>5405</sup>.

**Martim Anes** - Cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia. A 23 de Setembro de 1447 recebe ordens de Epístola em Braga<sup>5406</sup>. No dia 17 de Fevereiro de 1448 obtém ordens de Evangelho, novamente em Braga<sup>5407</sup>, cidade a que voltaria para receber ordens de Missa, ordens que lhe foram dadas no dia 9 de Março de 1448<sup>5408</sup>.

**Gonçalo Rodrigues** – Provável cónego do mosteiro de Moreira. Filho de Rodrigo Afonso e de sua mulher, Branca Esteves, moradores na freguesia do mosteiro de Moreira do bispado do Porto. Recebe, com licença do seu maior, ordens de Evangelho, em Braga, no dia 19 de Setembro de 1450<sup>5409</sup> e ordens de Missa, também em Braga, no dia 19 de Dezembro de 1450<sup>5410</sup>.

**Pedro Martins** – Cónego do mosteiro de Moreira da Maia. A 30 de Novembro de 1466 já surge identificado como cónego do mosteiro de S. Salvador de Moreira da Maia, dia em que foi efectuado um empresamento no mosteiro<sup>5411</sup>. Teve um filho de nome Gonçalo Pires, que testemunhou instrumentos efectuados no mosteiro de Moreira a 8 e a 10 de Agosto de 1495<sup>5412</sup>. Os diversos documentos do Cartório de Moreira que nos chegaram respeitantes às duas últimas décadas do século XV registam a sua presença entre a comunidade religiosa, aparecendo devidamente identificado como cónego de S. Salvador de Moreira da Maia em empresamentos de 4 de Março de 1480<sup>5413</sup>, 18 de Fevereiro de 1486<sup>5414</sup>, 19 de Março de 1489<sup>5415</sup>, 15 de Janeiro de 1490<sup>5416</sup>, 1 de Março

---

<sup>5401</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.2.

<sup>5402</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 12, fl.1v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.84.

<sup>5403</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 13, fl.3; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.87.

<sup>5404</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 14, fl.2v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.91.

<sup>5405</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.9.

<sup>5406</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 16, fl.1v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.97.

<sup>5407</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 17, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.100.

<sup>5408</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 17, fl.4v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.104.

<sup>5409</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.11; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.145.

<sup>5410</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 22, fl.18; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.150.

<sup>5411</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.20.

<sup>5412</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.25,28.

<sup>5413</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.15a; 16.

<sup>5414</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.18A.

<sup>5415</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.22.

de 1493<sup>5417</sup>, 8 de Agosto de 1495<sup>5418</sup> e 10 de Agosto de 1495<sup>5419</sup>. A 29 de Setembro de 1498 o bispo do Porto, D. Diogo de Sousa, confirmou Pedro Martins em abade e reitor da igreja de Santa Marinha de Vilar de Porcos, após renúncia de Diogo Álvares, abade de Veiriz, e na sequência da apresentação do seu nome por parte do prior do mosteiro<sup>5420</sup>. De qualquer modo a sua presença à frente desta igreja seria extremamente curta uma vez que a 5 de Março de 1499 o bispo do Porto confirmou como abade de Vilar de Porcos Diogo Álvares, clérigo de missa e abade de Veiriz, com autoridade papal para acumular os dois benefícios, reconduzindo-o assim novamente no cargo<sup>5421</sup>. Em dois emprazamentos efectuados no mosteiro de Moreira, datados de 3 de Outubro de 1502<sup>5422</sup> e 8 de Junho de 1503<sup>5423</sup> Pedro Martins ainda surge como cónego regente de S. Salvador de Moreira da Maia.

**João Afonso** – Cónego do mosteiro de S. Salvador Moreira da Maia. A única referência que lhe conhecemos é através de uma carta, datada de 17 de Abril de 1471, pela qual D. Afonso V perdoa a Margarida Anes, moradora na freguesia de Mindelo, termo da cidade do Porto, o pecado de ter vivido em mancebia com “Joham Afonso conigo de Moreira e ouvera delle filhos e filhas”<sup>5424</sup>.

**André Fernandes** – Cónego do mosteiro de S. Salvador Moreira da Maia. Recebe em Coimbra, em 1476, as ordens de Epístola e Evangelho<sup>5425</sup>. A 4 de Março de 1480 surge, juntamente com o prior e os cónegos Pedro Martins e Diogo Vasques, a efectuar dois emprazamentos no mosteiro de Moreira<sup>5426</sup>. A 18 de Fevereiro de 1486 aparece novamente na companhia dos mesmos religiosos a efectuar um novo emprazamento nos paços do mosteiro de Moreira<sup>5427</sup>. A sua presença entre a comunidade maiata está bem documentada até ao início da primeira década de quinhentos, sendo atestada por instrumentos de 19 de Março de 1489<sup>5428</sup>, 15 de Janeiro de 1490<sup>5429</sup>, 1 de Março de 1493<sup>5430</sup>, 8 de Agosto de 1495<sup>5431</sup>, 10 de Agosto de 1495<sup>5432</sup>, 3 de Outubro de 1502<sup>5433</sup> e 8 de Junho de 1503<sup>5434</sup>.

**Diogo Vasques** – Cónego do mosteiro de Moreira da Maia. Recebe em Coimbra, em 1476, as ordens de Epístola<sup>5435</sup>. A 4 de Março de 1480 o cónego “Dyego Vasquiz” é um dos religiosos que integra a comunidade conventual de Moreira da Maia, dia em que são

---

<sup>5416</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.23.

<sup>5417</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.24.

<sup>5418</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.25,26.

<sup>5419</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.27,28.

<sup>5420</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.30.

<sup>5421</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.31.

<sup>5422</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.34.

<sup>5423</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.35.

<sup>5424</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 16, fl.75.

<sup>5425</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

<sup>5426</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.15a; 16; Martins, Ana Maria, *Documentos Portugueses...*, 2001, p.280 (doc. 93).

<sup>5427</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.18A.

<sup>5428</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.22.

<sup>5429</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.23.

<sup>5430</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.24.

<sup>5431</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.25,26.

<sup>5432</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.27,28.

<sup>5433</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.34.

<sup>5434</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.35.

<sup>5435</sup> Gomes, Saul António, “Clérigos Regulares nas Ordenações Sacras da Sé de Coimbra”, 2005, p.212.

celebrados dois contratos de empraçamento no mosteiro<sup>5436</sup>. A 2 de Abril de 1481 o bispo do Porto, D. João de Azevedo, encontrando-se no mosteiro de S. João de Pendorada, confirmou “Diogo Vaasquez clerigo de missa e conigo” do mosteiro de Moreira como abade e reitor da igreja de S. Cosme de Gemunde<sup>5437</sup>. A 18 de Fevereiro de 1486 o seu nome continua a aparecer entre o dos religiosos de Moreira da Maia<sup>5438</sup>, referencia que se mantém em registos de 19 de Março de 1489<sup>5439</sup>, 15 de Janeiro de 1490<sup>5440</sup>, 1 de Março de 1493<sup>5441</sup>, 8 de Agosto de 1495<sup>5442</sup>, 10 de Agosto de 1495<sup>5443</sup>, 3 de Outubro de 1502<sup>5444</sup> e 8 de Junho de 1503<sup>5445</sup>.

**Leonel de Oliveira** – Cónego do mosteiro de S. Salvador Moreira da Maia e futuro prior da Costa. Temos apenas a indicação de que Leonel de Oliveira era cónego professo do mosteiro de Moreira da Maia através da sua confirmação no priorado de Santa Marinha da Costa, a 10 de Janeiro de 1491<sup>5446</sup>.

**Pedro Álvares** – Cónego do mosteiro de S. Salvador Moreira da Maia. Surge referenciado entre a comunidade regrante de Moreira da Maia a 3 de Outubro de 1502, dia em que foi efectuado um empraçamento de dois casais na aldeia de Arões a João Lopes, a sua mulher Maria Dinis, e a um seu filho<sup>5447</sup>. A 8 de Junho de 1503 o seu nome volta a integrar a listagem dos cónegos que constituíam a comunidade conventual, que em conjunto com o seu prior, empraçaram, em três vidas, o casal da Póvoa a Martim Lourenço, a sua mulher Inês Lourenço, que trazia este mesmo casal por morte do seu marido, João Anes, e ao qual renunciara, e ainda a um futuro filho dos novos foreiros<sup>5448</sup>.

**João Gonçalves** – Cónego do mosteiro de S. Salvador Moreira da Maia. João Gonçalves encontrava-se entre a comunidade regrante de Moreira da Maia a 8 de Junho de 1515, dia em que se deslocaram ao mosteiro os emissários régios para aplicar a taxação referente às comendas novas da Ordem de Cristo, cabendo a Moreira o pagamento de 215 ducados de ouro<sup>5449</sup>.

---

<sup>5436</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.15a; 16; *Documentos Portugueses...*, 2001, p.280 (doc. 93).

<sup>5437</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.17.

<sup>5438</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.18A.

<sup>5439</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.22.

<sup>5440</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.23.

<sup>5441</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.24.

<sup>5442</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.25,26.

<sup>5443</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Docs.27,28.

<sup>5444</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.34.

<sup>5445</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.35.

<sup>5446</sup> A.D.B.- Registo Geral nº 331, fl. 46; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.928 (nota 509).

<sup>5447</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.34.

<sup>5448</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.13, Doc.35.

<sup>5449</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.65.

## **2.4. Diocese de Tui (parte portuguesa)**

### **2.4.1. - Santa Maria de Refóios de Lima (c. Ponte de Lima)**

**Estêvão Lourenço** – Provável cónego regente do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Em 1292 era abade da igreja de Santa Eulália de Refóios, local que escolheu para última morada, mandando aí construir o seu túmulo<sup>5450</sup>. Desconhece-se a data do seu óbito. O facto de se tratar de uma igreja de apresentação do mosteiro limiano levamos a considerar a hipótese de estarmos perante um religioso da comunidade.

**Gonçalo Fernandes** – Cónego regente do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Por uma sentença de D. Afonso IV, datada de 25 de Janeiro de 1340, referente às jurisdições do mosteiro, sabemos que foi o procurador da instituição no processo de inquirição<sup>5451</sup>.

**Lourenço do Sobrado** – Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A 25 de Março de 1345 surge a testemunhar um emprazamento feito no claustro do mosteiro, sendo aí identificado como “chaveiro do dito mosteiro”<sup>5452</sup>.

**Gonçalo Esteves** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A 13 de Julho de 1381 exerce as funções de procurador do mosteiro, comparecendo perante o juiz do couto, na sequência de um processo que opunha o mosteiro ao tabelião Estêvão Domingues a propósito de verbas respeitantes a missas de aniversário<sup>5453</sup>.

**João Afonso (I)** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. É referenciado num emprazamento que o mosteiro de Refoios fez, a 25 de Agosto de 1417, a Lourenço Durão e a sua mulher, Margarida Martins, e a uma terceira pessoa a nomear pelo que vivesse mais tempo<sup>5454</sup>.

**Estêvão Lourenço da Arada** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A indicação da sua ligação religiosa ao convento de Refóios é-nos dada através de um emprazamento em três vidas, feito no mosteiro, a 25 de Agosto de 1417, tendo por destinatários Lourenço Durão, Margarida Martins, sua mulher, e uma terceira pessoa a nomear posteriormente<sup>5455</sup>.

**Rodrigo Esteves** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. É nessa condição que surge, juntamente com o prior da comunidade e mais quatro religiosos, a efectuar um emprazamento a 25 de Agosto de 1417, a Lourenço Durão, a Margarida Martins, sua mulher, e a uma terceira pessoa, que o sobrevivente nomeará posteriormente<sup>5456</sup>. Encontra-se novamente referenciado a 11 de Setembro de 1440,

---

<sup>5450</sup> Barroca, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa...*, Vol 2: Tomo 1, 2000, pp.1088-1089.

<sup>5451</sup> *Chancelarias portuguesas - D. Afonso IV*, Vol. III (1340-1344), 1992, pp.83-86 (Doc. 288); *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, pp. 80-83 (Doc. 35).

<sup>5452</sup> *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, p.88 (Doc. 37).

<sup>5453</sup> *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, pp. 100-101 (Doc. 49).

<sup>5454</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.14, fl.119; *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, p.197 (Doc. 141).

<sup>5455</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.14, fl.119; *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, p.197 (Doc. 141).

<sup>5456</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.14, fl.119; *Valdevez Medieval - Documentos - II: 1300-1479*, 2001, p.197 (Doc. 141).



também num acto de gestão patrimonial do mosteiro, dando a sua autorização ao prior D. Rui Durães, para que possa, em seu nome e no do convento, emprazar um casal, em Refoios, a João Afonso da Porta e a sua mulher, Branca Dias<sup>5457</sup>.

**Álvaro Anes** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A sua presença no mosteiro é-nos revelada pelo documento de 25 de Agosto de 1417, referente ao emprazamento em três vidas, feito no mosteiro, tendo por destinatários Lourenço Durão, Margarida Martins, sua mulher, e uma terceira pessoa a nomear posteriormente<sup>5458</sup>. A 1 de Fevereiro de 1444 D. Afonso V legitima-lhe um filho de nome Rodrigo Álvares, fruto da sua ligação a Inês Esteves, mulher solteira à altura do nascimento da criança, embora nesta altura pareça já ter falecido uma vez que o instrumento se lhe refere como “conigo que foy do moesteyro d’Arrefoyos”<sup>5459</sup>.

**Gonçalo Afonso** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Aparece referenciado pela primeira vez num emprazamento que o mosteiro de Refoios fez, a 25 de Agosto de 1417, a Lourenço Durão e a sua mulher, Margarida Martins, e a uma terceira pessoa a nomear pelo postumeiro<sup>5460</sup>. Após um hiato de cerca de vinte anos voltámos a ter notícias da sua presença no mosteiro limiano. Naturalmente que poderá tratar-se de um outro indivíduo até porque Gonçalo Afonso é um nome extremamente comum na Idade Média. De qualquer modo e tendo em consideração a ordem que ocupa nesse documento ao fazer-se a elencagem dos elementos do convento, sendo o último a ser mencionado, e isto partindo do princípio de que é plausível admitir-se uma hierarquia na ordenação desses elementos, poderá admitir-se que a sua inclusão na comunidade possa ter ocorrido em 1417 ou em data próxima desse ano. A indicação da sua presença no mosteiro por volta de 1436, está subjacente numa carta de D. Afonso V, datada de 30 de Julho de 1446, em que diz que “Gonçalo Affonso coonego de Refoyos de Lima podera aver dez annos” que comprou bens de raiz a um mercador de Ponte de Lima. Como os religiosos não podiam possuir bens de raiz, o rei confiscou-os para si e estava agora a dá-los a Afonso Malheiro, escudeiro da casa do Infante D. Pedro<sup>5461</sup>, com evidente prejuízo para Gonçalo Afonso.

Aparece novamente referenciado a 11 de Setembro de 1440, dia em que o mosteiro empraza um casal, em Refoios, a João Afonso da Porta e a sua mulher, Branca Dias, e a duas pessoas a indicar posteriormente<sup>5462</sup>.

**João Rodrigues** – Provável cónego de Refóios de Lima. Era escolar na diocese de Tui e filho de cónego regrante de Santo Agostinho e presbítero, solicitando ao papa, a 11 de Outubro de 1419, a igreja de Santa Eulália de Refóios<sup>5463</sup>, igreja da apresentação do mosteiro de Santa Maria de Refoios.

---

<sup>5457</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv. 18, fls.87-88vº; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.168 (Doc. 112).

<sup>5458</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.14, fl.119; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.197 (Doc. 141).

<sup>5459</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 24, fl.37.

<sup>5460</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.14, fl.119; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.197 (Doc. 141).

<sup>5461</sup> *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, pp.178-179 (Doc. 124).

<sup>5462</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv. 18, fls.87-88vº; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.168 (Doc. 112).

<sup>5463</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 290-291.

**Rodrigo Durães** – Cónego professo e futuro prior do mosteiro de Refóios de Lima. Por súplica que dirige ao papa, datada de 6 de Março de 1422, ficamos a saber que Rodrigo Durães era prior claustral de Santa Maria de Refóios de Lima, pedindo nesse dia o priorado desse mosteiro, argumentando com a idade e o estado em que se encontrava o prior Gil Rodrigues<sup>5464</sup>. O certo é que a 16 de Março Rodrigo Durães já tinha sido eleito prior, solicitando ao papa a necessária confirmação<sup>5465</sup>.

**Afonso Esteves** – Cónego regente do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A 27 de Julho de 1423 D. João I legitima-lhe Branca Gonçalves, filha que teve de Margarida Afonso, à altura mulher solteira<sup>5466</sup>. Nessa carta de legitimação é identificado como cónego de missa.

**Estêvão Lourenço** – Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A 17 de Julho de 1432 Estêvão Lourenço era abade de Santa Eulália de Refoios de Lima, dia em que lhe foi legitimada Leonor Esteves, fruto da relação que tivera com Maria Anes, mulher solteira ao tempo do nascimento da criança<sup>5467</sup>. É provável que este Estêvão Lourenço seja o mesmo cónego que surge referenciado em 1417 como Estêvão Lourenço da Arada, embora também se possa colocar a hipótese de estarmos perante dois homónimos servindo justamente o recurso ao apodo toponímico para os distinguir. Seguindo este raciocínio optámos por considerar tratar-se de dois indivíduos diferentes.

**João Afonso II** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A 11 de Setembro de 1440 surge entre os elementos da comunidade conventual que, em conjunto com o prior do mosteiro, emprazam um casal, em quatro vidas, a João Afonso da Porta e a sua mulher, Branca Dias, e a duas pessoas a nomear posteriormente, localizado em Refoios<sup>5468</sup>. Não sendo de descartar a possibilidade de se tratar do mesmo indivíduo referenciado no emprazamento de 25 de Agosto de 1417, parece-nos mais plausível antes de um homónimo. Esta ilação decorre apenas da posição que ocupam na enunciação dos elementos constitutivos do convento nos dois documentos, surgindo um João Afonso a encabeçar a listagem no de 1417 e aparecendo mencionado em último lugar no de 1440. De resto um documento de 1466 refere João Afonso “priol crastreiro”, indicação que parece reforçar esta nossa teoria de que estamos perante indivíduos diferentes. Parece-nos perfeitamente admissível que ele tenha chegado ao convento em finais da década de 30, ascendendo na hierarquia interna, ocupando por isso, com naturalidade, o cargo de prior claustral a 3 de Junho de 1466<sup>5469</sup>.

**Álvaro Anes** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Era filho de Álvaro Anes e de Beatriz Rodrigues, moradores na freguesia de Santa Maria de Refóios, diocese de Tui, apresentando-se, com a respectiva licença do seu prelado, em Braga, a 28 de Fevereiro de 1461, onde obteve ordens menores<sup>5470</sup>.

---

<sup>5464</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.457.

<sup>5465</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 461-462.

<sup>5466</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. IV – Tomo 1, 2006, p.260; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.148 (Doc. 93).

<sup>5467</sup> *Chancelarias Portuguesas – D. João I*, Vol. IV – Tomo 2, 2006, p.270.

<sup>5468</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv. 18, fls.87-88vº; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.168 (Doc. 112).

<sup>5469</sup> IAN/TT – Conventos de Viana do Castelo, Santa Maria de Refoios de Lima, Lv.13, fl.152; *Valdevez Medieval - Documentos – II: 1300-1479*, 2001, p.224 (Doc. 166).

<sup>5470</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 2, fl.1; Fernandes, Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.319.

**Pedro Fernandes** – Provável cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. Era filho de Fernando Sobrinho e de Beatriz Rodrigues, moradores na freguesia de Santa Maria de Refóios, da diocese de Braga, recebendo, na cidade bracarense, as ordens menores, a 18 de Dezembro de 1462<sup>5471</sup>.

**Gomes Aires** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de Refóios de Lima. A 9 de Maio de 1515 é identificado como cónego do mosteiro, dia em que os emissários régios aí compareceram para receberem os rendimentos em que este tinha sido taxado para as novas comendas da Ordem de Cristo<sup>5472</sup>.

#### **2.4.2. - São João de Longos Vales (c. Monção)**

**João Esteves** – Provável cónego regrante do mosteiro de São João de Longos Vales. Em instrumento de emprazamento lavrado no mosteiro de S. João de Longos Vales, a 15 de Março de 1377, surge a referência a “Joham Estevez clerigo”<sup>5473</sup>, pelo que nos parece legítimo colocar a possibilidade de se tratar de um religioso da instituição, no entanto não dispomos de quaisquer outros elementos que validem esta possibilidade.

**Domingos Martins** – Cónego regrante do mosteiro de São João de Longos Vales. A 1 de Abril de 1381 já era cónego do mosteiro<sup>5474</sup>, surgindo nesse dia, bem como a 9 de Abril desse mesmo ano a pedir um benefício sobre a colação do prior do mosteiro de S. Vicente de Fora<sup>5475</sup>. A 20 de Maio de 1381 surge novamente a solicitar benefícios eclesiásticos ao papa Clemente VII<sup>5476</sup>.

**João Martins** – Cónego regrante do mosteiro de São João de Longos Vales. A 20 de Maio de 1381 surge a solicitar, ao papa Clemente VII, benefício eclesiástico no bispado de Tui<sup>5477</sup>.

**João Mouro** – Provável cónego regrante do mosteiro de São João de Longos Vales. Entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro de S. João de Longos Vales, a 18 de Novembro de 1382, aparece a indicação a “Joham Mouro crerigo”<sup>5478</sup>.

**Domingos Lourenço** – Cónego regrante do mosteiro de São João de Longos Vales. A 27 de Dezembro de 1402 “Domingos Lourenço conigo procurador do dicto mosteiro” encontrava-se em Monção, em representação do seu mosteiro, solicitando autorização para que lhe lavrassem o traslado de um instrumento de doação de bens ao mosteiro, doação feita por Diogo Gonçalves, tabelião de Monção e sua mulher Elvira Rodrigues,

---

<sup>5471</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta II, Caderno 8, fl.24; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.373.

<sup>5472</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>5473</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°6.

<sup>5474</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.153.

<sup>5475</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II (Súplicas dos pontificados dos papas de Avinhão Clemente VII e Bento XIII e do papa de Roma Bonifácio IX), Documentos publicados com introdução e notas por António Domingues de Sousa Costa, Braga, Livraria Editorial Franciscana, 1970, p.154.

<sup>5476</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.155.

<sup>5477</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. II, 1970, p.155.

<sup>5478</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 7B, M.1, N°7. A palavra “crerigo” não é de leitura inequívoca uma vez que se encontra numa parte do documento que está esburacada e a palavra tem uma parte amputada mas os elementos que persistem indiciam à leitura/reconstituição dessa palavra.

autorização concedida pelo alcaide da vila de Monção, Gonçalo Martins, que autorizou o tabelião Estêvão Anes a efectuar o respectivo traslado<sup>5479</sup>.

**Pedro Anes** – Provável cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. Surge, a 30 de Março de 1412 entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento, lavrado no mosteiro de Longos Vales, identificado como clérigo. Não lhe conhecemos qualquer outra referência que possa validar a possibilidade de estarmos perante um religioso desta casa monástica<sup>5480</sup>.

**Rui Lourenço** – Provável cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. Surge, a 30 de Março de 1412 entre as testemunhas de um instrumento de emprazamento, lavrado no mosteiro de Longos Vales, sendo aí identificado como clérigo<sup>5481</sup>.

**João Esteves** – Provável cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. “Joham Estevez” aparece juntamente com Rui Lourenço e Pedro Anes, identificado como clérigo em instrumento de 30 de Março de 1412<sup>5482</sup>. O facto de este acto notarial ser lavrado no mosteiro e de surgirem estes três elementos colocados sequencialmente entre as testemunhas, aparecendo aí apenas designados como “clerigos” leva-nos a crer que estamos perante três religiosos da instituição, de qualquer modo é uma hipótese que carece da necessária confirmação.

**João Martins de Paradela** – Cónego regrante do mosteiro de São João de Longos. A 18 de Janeiro de 1418 “Johanni Martini de Pradella, canonico regulari monasterii Sancti Johannis de Longovares ordinis Sancti Augustini Tudensis diocesis” endereça súplica ao papa Martinho V<sup>5483</sup>.

**João Rodrigues** – Cónego professo do mosteiro de São João de Longos Vales, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado de Tui. Com licença de seu maior recebe ordens menores no dia 13 de Março de 1445, em Braga<sup>5484</sup>. Nessa mesma cidade recebe ordens de Epístola a 18 de Dezembro de 1445<sup>5485</sup>. Cerca de meia ano depois deslocar-se-ia novamente a Braga, recebendo aí, no dia 11 de Junho de 1446, ordens de Evangelho<sup>5486</sup>, sendo-lhe, finalmente, ministradas ordens de Missa a 8 de Abril de 1447, também em Braga<sup>5487</sup>. Em Outubro de 1453 “Joham Rodriguez coonigo do moesteiro de Sayoane de Longovares e capellam da capella de Santa Catallina” sita no próprio mosteiro, empra a João Mouro e à sua mulher, Inês Esteves, a herdade pertencente a essa mesma capela, conjuntamente com os bens que lhe andavam anexos<sup>5488</sup>.

---

<sup>5479</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°31.

<sup>5480</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10, M.1, N°32.

<sup>5481</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10, M.1, N°32.

<sup>5482</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 10, M.1, N°32.

<sup>5483</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.52.

<sup>5484</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 7, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.53.

<sup>5485</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.66.

<sup>5486</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.12-a; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.77.

<sup>5487</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 14, fl.2v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.91.

<sup>5488</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°33.

**Estêvão Anes** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales, da Ordem de Santo Agostinho. Com licença de seu maior recebe ordens de Epístola, no dia 16 de Abril de 1446, em Braga<sup>5489</sup>. Encontrava-se novamente nesta cidade a 11 de Junho de 1446, dia em que aí lhe são consignadas ordens de Evangelho<sup>5490</sup>, recebendo, também em Braga, cerca de um ano depois, as ordens de Missa, ordenando-se no dia 3 de Junho de 1447<sup>5491</sup>.

**Gil Lourenço** – Provável cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. Filho de Lourenço Anes e de Constança Pires, sua mulher, da freguesia de São João de Longos Vales, do bispado de Tui. Com licença de seu maior recebe ordens menores no dia 7 de Junho de 1449, em Braga<sup>5492</sup>. Encontrámo-lo novamente entre os registos de matrículas da arquidiocese de Braga em virtude de aí lhe terem sido conferidas ordens de Epístola, no dia 21 de Março de 1450<sup>5493</sup>.

**Gonçalo Lourenço** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. Apenas lhe conhecemos uma referência, e que apenas nos permite afirmar que foi religioso da instituição e que deverá ter falecido antes de Outubro de 1453 uma vez que nessa altura o identificam como “Gonçallo Lourenço que foy capellam da dicta capeella” de Santa Catarina<sup>5494</sup>.

**Vasco Mouro** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. Surge identificado como “coonigo” entre as testemunhas de um emprazamento efectuado no mosteiro de S. João de Longos Vales em Outubro de 1453, pelo qual o cónego João Rodrigues emprazou a herdade pertencente à capela de Santa Catarina e os bens que lhe estavam associados a João Mouro, à sua mulher, Inês Esteves, e a duas pessoas depois deles, por uma renda anual de 45 reis brancos a entregar na Páscoa<sup>5495</sup>. Apesar de não termos elementos que permitam afirmá-lo é muito provável, e isto apenas com base nos apelidos, que exista algum grau de parentesco entre este cónego e o foreiro a quem é feito o contrato.

**João Rodrigues** – Provável cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. Apenas sabemos que era natural da freguesia de São João de Longos Vales, do bispado de Tui e filho de presbítero e mãe solteira recebendo, com a respectiva licença do seu prelado, ordens menores, em Braga, no dia 24 de Setembro de 1457<sup>5496</sup>.

**Estêvão Anes de Moulães** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales e seu prior claustral. A única referência que conhecemos a este religioso data de 2 de Maio de 1508 dia em que “Esteb’Eannes de Moullaes prioll castreiro do dicto moesteiro”

---

<sup>5489</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.10; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.74.

<sup>5490</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.12-a; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.77.

<sup>5491</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 15, fl.3v.º; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.95.

<sup>5492</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 20, fl.1; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.115.

<sup>5493</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 21, fl.14; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.131.

<sup>5494</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°33.

<sup>5495</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav.10, M.1, N°33.

<sup>5496</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 33, fl.66; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.301.

juntamente com o restante convento, afora ao escudeiro Gonçalo Vaz de Angedas e a sua mulher, Aldonça Vaz, moradores na vila de Monção, e a dois filhos deles, o casal do Vinhal situado na aldeia da Portela, concelho e julgado de Valdevez<sup>5497</sup>.

**João Pinheiro** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. “Joham Pinheiro” é um dos cónegos que se encontra reunido em cabido a 16 de Abril de 1520 para emprazar a Rui Fernandes da Costa e a sua mulher, Catarina Pires, moradores no couto do mosteiro de S. João de Longos Vales, e a duas pessoas depois deles, uma leira que pertencia à Capela de Santa Catarina<sup>5498</sup>.

**Gonçalo Pais** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. A primeira referência que conhecemos a este religioso data de 16 de Abril de 1520 dia em que “Gonçalo Paez” juntamente com o comendatário do mosteiro, o prior claustral e o cónego João Pinheiro emprazam uma leira pertencente à Capela de Santa Catarina<sup>5499</sup>. Volvidos quinze anos este religioso ainda se mantinha no mosteiro participando, juntamente com o comendatário Pedro Marinho, o prior claustral Heitor Álvares, e os cónegos Vasco Pires e Afonso Esteves, na reunião realizada no cabido do mosteiro, a 23 de Abril de 1535, em que os foreiros João Fernandes da Pedra e a sua mulher, Catarina Pires renunciaram ao prazo do lugar da Bouça<sup>5500</sup>.

**Heitor Álvares** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales e seu prior claustral. A 16 de Abril de 1520 o comendatário D. Vasco Marinho “com outorgamento de Eitor Alvarez pryoll crasteiro do dicto mosteiro e de Joam Pinheiro e Gonçalo Paez conegos do dito mosteiro” é um dos cónegos que se encontra reunido em cabido para emprazar a Rui Fernandes da Costa e a sua mulher, Catarina Pires, moradores no couto do mosteiro de S. João de Longos Vales, e a duas pessoas depois deles, uma leira que pertencia à Capela de Santa Catarina<sup>5501</sup>. A 2 de Outubro de 1520 já surge identificado como prior claustral<sup>5502</sup>. Volvido cerca de um ano, mais concretamente a 11 de Novembro de 1521, “Eytor Alvarez prior crasteyro” do mosteiro de São João de Longos Vales é o único religioso da comunidade, dia em que, conjuntamente com Pedro Marinho, comendatário da instituição, efectuam um emprazamento<sup>5503</sup>. A 23 de Abril de 1535 ainda se mantinha nessas mesmas funções, surgindo entre os elementos da comunidade religiosa que nesse dia aceitaram a renúncia e trespasse do lugar da Bouça que andava emprazado a João Fernandes da Pedra e a sua mulher, Catarina Pires<sup>5504</sup>.

**João Pires** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. João Pires era um dos dois religiosos que compunham a comunidade conventual do mosteiro de Longos Vales a 2 de Outubro de 1520, dia em que emprazaram a Lançarote Falcão e à sua mulher, D.

---

<sup>5497</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 45.

<sup>5498</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 50.

<sup>5499</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 50.

<sup>5500</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 37, Doc. 994.

<sup>5501</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 50.

<sup>5502</sup> A.U.C. - Universidade de Coimbra, Fazenda, Documentos Relativos ao Mosteiro de S. João de Longos Vales, Dep. IV, Secção 1ª E, Estante 23, Tab. 4, nº 4.

<sup>5503</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 51; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.173.

<sup>5504</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 37, Doc. 994.

Joana Marinho, o casal de Jusã no lugar de Moulães, situado no couto do mosteiro<sup>5505</sup>. João Pires deverá ter falecido entre esta data e 11 de Novembro de 1521, uma vez que nessa altura já só havia um cónego em Longos Vales, justamente Heitor Álvares, o outro religioso que aparece referenciado nesse emprazamento<sup>5506</sup>.

**Afonso Esteves** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales, seu prior claustral e futuro prior-mor. A 23 de Abril de 1535 já surge entre a comunidade regrante minhota, sendo aí identificado como cónego<sup>5507</sup>. É muito provável que tenha ascendido ao cargo de prior claustral após o falecimento de Heitor Álvares, de qualquer modo é inequívoco que, pelo menos em parte da segunda metade da década de quarenta, exerceu essas funções surgindo, a 23 de Novembro de 1547, referenciado como “prior crasteiro” do mosteiro de S. João de Longos Vales<sup>5508</sup>. Numa carta enviada ao rei, a 8 de Fevereiro de 1548, intitula-se “prior do mosteiro de Sam Joham de Longovares”<sup>5509</sup>, situação que poderíamos considerar normal se tivémos em conta que a partir do momento em que os priores-mores são substituídos pelos comendatários o prior claustral ganha uma maior visibilidade dentro da comunidade, tornando-se no seu principal referencial, o problema é que Afonso Esteves foi eleito, ou fez-se eleger, pelos cónegos como prior mor da comunidade em 1546, surgindo assim um conflito com D. João III que reclamava a comenda desse mosteiro<sup>5510</sup>.

**Vasco Pires** – Cónego do mosteiro de São João de Longos Vales. Aparece-nos identificado como religioso do mosteiro num instrumento aí lavrado a 23 de Abril de 1535<sup>5511</sup>.

#### **2.4.3. - S. Salvador de Paderne (c. Melgaço)**

**Vasco Rodrigues** – Provável cónego regrante do mosteiro de Paderne. Era natural da freguesia de S. Salvador de Paderne, do bispado de Tui e recebeu, com a devida licença do seu maior, ordens de Epístola no dia 13 de Março de 1445, em Braga<sup>5512</sup>. Ser-lhe-iam conferidas ordens de Evangelho, a 12 de Março de 1446, também em Braga<sup>5513</sup>. A confirmar-se a sua ligação ao mosteiro é muito provável que se trate do mesmo Vasco Rodrigues que em 1469 surge identificado como prior da instituição<sup>5514</sup>.

**Lopo Fernandes** – Cónego do mosteiro de São Salvador de Paderne, da Ordem de Santo Agostinho, do bispado de Tui. Com licença do seu maior, recebe ordens de

---

<sup>5505</sup> A.U.C. - Universidade de Coimbra, Fazenda, Documentos Relativos ao Mosteiro de S. João de Longos Vales, Dep. IV, Secção 1ª E, Estante 23, Tab. 4, nº 4.

<sup>5506</sup> A.U.C. – Pergaminhos, Gav. 14, Maço 3, nº 51; Manuscritos da BGUC – Ms. 636, fl.173.

<sup>5507</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 37, Doc. 994.

<sup>5508</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 79, Doc. 128.

<sup>5509</sup> IAN/TT - Corpo Cronológico, Parte I, Maço 80, Doc. 29.

<sup>5510</sup> *Corpo Diplomatico Portuguez...*, Tomo VI, 1884, p.59.

<sup>5511</sup> A.D.B. - Fundo Monástico Conventual, Societas Jesu - Colégio das Artes e Universidade de Coimbra, Pasta 37, Doc. 994.

<sup>5512</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 7, fl.2; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.53.

<sup>5513</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 11, fl.6; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.68.

<sup>5514</sup> IAN/TT – Chancelaria de D. Afonso V, Livro 31, fls.15vº-16vº.

Epístola no dia 21 de Abril de 1454, em Braga<sup>5515</sup>, cidade onde lhe são concedidas ordens de Evangelho no dia 15 de Junho de 1454<sup>5516</sup>.

**Francisco** – Reitor e cónego regular do mosteiro de S. Salvador de Paderne, do bispado de Tui, da parte de Portugal. Com licença do seu maior, recebe ordens de Epístola no dia 15 de Junho de 1454, em Braga<sup>5517</sup>.

**Francisco Rodrigues** – Cónego do mosteiro de Paderne, do ministrado de Tui. Com licença do seu maior, recebe ordens de Evangelho no dia 20 de Setembro de 1454, em Braga<sup>5518</sup>. Obtém, novamente na cidade bracarense, ordens de Missa no dia 21 de Setembro de 1454<sup>5519</sup>. É muito possível que se trate do mesmo religioso que surge apenas identificado como Francisco em 1454.

**Antão Lourenço** – Provável cónego de Paderne. Natural da freguesia do mosteiro de Paderne, da administração de Tui e filho de pais solteiros, recebeu, a 11 de Junho de 1468, ordens menores<sup>5520</sup>.

**Martim Gonçalves/Martinho Gonçalves** – Cónego e prior claustral de S. Salvador de Paderne. A 11 de Maio de 1515 é identificado como cónego do mosteiro, dia em que os emissários régios compareceram no mosteiro para receberem os rendimentos em que este tinha sido taxado para as novas comendas da Ordem de Cristo<sup>5521</sup>.

A 26 de Agosto de 1525 Martinho Gonçalves surge referenciado como “prior crausteyro e conigo do dito moesteiro”, dia em que, em conjunto com o restante convento e o prior comendatário, emprazam o casal dos Quinteiros<sup>5522</sup>.

**João Afonso** – Cónego de S. Salvador de Paderne. A 11 de Maio de 1515 é identificado como cónego do mosteiro, dia em que aí se deslocaram os emissários régios para receberem os rendimentos em que este tinha sido taxado para as novas comendas da Ordem de Cristo<sup>5523</sup>.

**Henrique Pinto** – Cónego de S. Salvador de Paderne. Integrava a comunidade monástica de S. Salvador de Paderne a 26 de Agosto de 1525, dia em que o convento e o prior comendatário emprazaram a Rodrigo Esteves e a sua mulher, Maria Afonso, o casal de Quinteiros, na aldeia de Real, freguesia de S. Paio, no termo da vila de Melgaço<sup>5524</sup>.

---

<sup>5515</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.3; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.224.

<sup>5516</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.9; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.226.

<sup>5517</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.8; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.226.

<sup>5518</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.16; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.229.

<sup>5519</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 30, fl.23; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, p.234.

<sup>5520</sup> A.D.B.- Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 19, fl.19vº.

<sup>5521</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>5522</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.4.

<sup>5523</sup> Silva, Isabel Luísa Morgado de Sousa e, “As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho”, 2002, p.62.

<sup>5524</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.4.



**Fernando Álvares** – Cónego de S. Salvador de Paderne. Trata-se de um dos três religiosos que compunham a comunidade monástica desta canónica regrante a 26 de Agosto de 1525<sup>5525</sup>.

### **Cónegos Regrantes de Santo Agostinho cuja filiação não foi possível identificar:**

**Afonso Manuel; Afonso Vasques; André Domingues; Gonçalo Peres** são todos referenciados como frades entre as testemunhas de um documento feito em Amarante mas sem a indicação da respectiva ordem ou casa monástica. Tendo em conta que o documento é feito em Amarante, é provável que sejam do mosteiro de Freixo ou de Mancelos, embora os intervenientes no documento sejam do mosteiro da Costa e, provavelmente, de Vilarinho. Trata-se de um documento efectuado a 10 de Abril de 1351 pelo qual Vasco Ciussa abriu mão a favor de seu irmão Pedro Martins, cónego de Santa Marinha da Costa, de toda a herdade de Negrelos que tinha sido de sua irmã Constança Martins e de Martim Geraldês Ciussa, bem como do casal de Pedroselo<sup>5526</sup>. Entretanto Pedro Martins faz-lhe doação do casal de Pedroselo com a condição deste reverter novamente para si no caso de Vasco Ciussa falecer primeiro, e se Vasco Ciussa lhe sobrevivesse o casal ficaria para o mosteiro de Vilarinho<sup>5527</sup>.

**Vasco Martins** - Encontra-se como representante de sua mãe, Aldonça Martins, na partição das vinhas do cavaleiro, a 26 de Março de 1375 e 2 de Abril de 1365<sup>5528</sup>, mas não surge aí a identificação do mosteiro a que pertence, apenas é mencionado como “caonigo”. Poderá tratar-se de um cónego regrante ou então de um cónego de alguma colegiada ou cabido diocesano.

**João de Sousa** – Cónego regrante de Santo Agostinho. Era reitor da Igreja de S. Salvador de Real, na diocese de Braga, abandonando essa igreja com intenção de ingressar na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, lugar que foi solicitado ao papa, a 19 de Maio de 1418, por Fernando Afonso, clérigo de Viseu<sup>5529</sup>. A 13 de Setembro já tinha professado mas não surge a indicação do mosteiro. De resto esta informação é-nos dada por uma súplica de Lourenço Gonçalves, clérigo de Lisboa, que solicitava, nessa data, a igreja de Real em virtude do falecimento do clérigo viseense, Fernando Afonso<sup>5530</sup>.

**João Rodrigues** – Cónego regrante de Santo Agostinho. Era porcionário perpétuo na igreja de Ferreira, da diocese do Porto, tencionando entrar na Ordem de Santo Agostinho, solicita ao papa, a 16 de Janeiro de 1419 a dispensa do impedimento de legitimidade, de forma a conseguir obter as diversas dignidades num qualquer mosteiro agostinho<sup>5531</sup>.

---

<sup>5525</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Paderne, M.1, Doc.4.

<sup>5526</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.11, Doc.14.

<sup>5527</sup> IAN/TT – Mosteiro de S. Salvador de Moreira, M.11, Doc.14.

<sup>5528</sup> Guimarães, J. G. Oliveira, (Abade de Tagilde), *Documentos inéditos...*, 1896, pp.63-64.

<sup>5529</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.77.

<sup>5530</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 112-113.

<sup>5531</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, p.134.

**João Rodrigues** – Escolar na diocese de Tui. Era filho de cónego regrante de Santo Agostinho e presbítero. Solicita ao papa, a 11 de Outubro de 1419, a igreja de Santa Eulália de Refóios<sup>5532</sup>.

**Frei Afonso Lourenço** – Provável cónego de Santo Agostinho. Sacerdote secular da diocese de Tui, após ter passado pelos Dominicanos, Mercedários e Ordem da Santíssima Trindade, pede ao papa, a 6 de Fevereiro de 1424, a absolvição por qualquer irregularidade em que tivesse incorrido bem como a autorização para ingressar na Ordem de Santo Agostinho ou vestir o hábito de Santo Antão<sup>5533</sup>.

**João Nogueira** – Cónego do mosteiro de Santa Maria de ?. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Johannes Nugeira canonicus de Sancta Maria de...” a 2 de Março mas sem qualquer indicação ao ano do óbito<sup>5534</sup>. Entre os cónegos regrantes apenas detectamos um João Nogueira, de que há notícia em 1449, mas esse religioso é de S. Simão da Junqueira<sup>5535</sup>, o que invalida essa possibilidade. Através da leitura da reprodução que utilizámos, do Obituário, não nos foi possível fazer qualquer clarificação quanto ao mosteiro em causa.

**João Gonçalves de Castelo Mendo** – Cónego regrante de Santo Agostinho. A 6 de Julho de 1456 trazia a igreja de S. Vicente de Castelo Mendo, solicitando o rei de Navarra ao papa a união das igrejas de Santa Maria de Vilar e Santa Maria de Leomil à de Castelo Mendo. João Gonçalves é aí descrito como sacerdote, bacharel em Teologia e cónego regrante de Santo Agostinho<sup>5536</sup>, mas sem a identificação da casa a que pertencia.

**Gonçalo Gonçalves** - Cónego regrante de Santo Agostinho. Apesar de não aparecer a identificação da casa monástica a que pertencia, trata-se de um mosteiro da diocese do Porto, conforme revela o seu registo de matrícula na diocese bracarense. Recebeu ordens de Missa, em Braga, a 11 de Junho de 1468<sup>5537</sup>.

**Sebastião Esteves** – Cónego regrante de Santo Agostinho. Em 1524 renunciou a duas igrejas do arcebispado de Braga, as quais D. António de Azevedo Coutinho, comendatário do mosteiro de Mancelos pretendia unir a esse mosteiro<sup>5538</sup>. No ano seguinte solicitou a união de diversas igrejas ao mosteiro de Mancelos<sup>5539</sup>.

**Álvaro Peres/Álvaro Pires** – Cónego e prior claustral do mosteiro de S. Martinho. Um obituário de S. Vicente de Fora regista o falecimento de “Alvarus Petri prior clastalis

---

<sup>5532</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 290-291.

<sup>5533</sup> *Monumenta Portugaliae Vaticana*, Vol. III-2, 1982, pp. 565-566.

<sup>5534</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.58.

<sup>5535</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta I, Caderno 19, fl. 1v.º; Pasta I, Caderno 21, fl.5; Marques, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, 1988, p.816; Fernandes, M. Antonino, *Matrículas...*, Tomo I, 2002, pp.112, 124.

<sup>5536</sup> *Chartularium Universitatis Portugalensis*, Vol. VI (1456-1470), 1972, pp.36-37.

<sup>5537</sup> A.D.B. - Livros de Matrículas de Ordens, Pasta III, Caderno 19, fl.23.

<sup>5538</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, 2004, p.264.

<sup>5539</sup> Gomes, Saul António, “Os cónegos regrantes de Santo Agostinho em tempos de Reforma: 1500-1530”, i2004, p.264.

canonicus Sancti Martini” a 26 de Abril, mas sem a respectiva indicação do ano<sup>5540</sup>. Como o mosteiro a que pertencia é apenas referido pelo orago, significa que poderemos estar na presença de um religioso de Crasto, Caramos ou Mancelos, embora nos inclinemos para S. Marinho de Crasto, onde, de resto o colocámos, como provável religioso, uma vez que o Obituário em causa não apresenta qualquer assento respeitante aos outros dois mosteiros.

---

<sup>5540</sup> Santos, Maria José Azevedo, *Um obituário do mosteiro de S. Vicente de Fora...*, 2008, p.84.